

Leonora De Luca

**"A MENSAGEIRA": UMA REVISTA DE MULHERES ESCRITORAS  
NA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA**

**Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Departamento de Sociologia do  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
da Universidade Estadual de Campinas  
sob a orientação da Profª Drª Elide  
Rugai Bastos**

**Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em  
27/10/1999**

**BANCA**

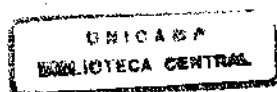
**Profª Drª Elide Rugai Bastos (Orientadora)**

**Profª Drª Maria Lygia Quartim de Moraes (membro)**

**Profª Drª Enid Yatsuda Frederico (membro)**

**Prof. Dr. Renato José Pinto Ortiz (suplente)**

**Outubro de 1999**



|                 |     |
|-----------------|-----|
| UNIDADE         | BC  |
| N.º CHAMADA:    |     |
| V. 1            | EX. |
| TELA Nº 39771   |     |
| PROJ 229/99     |     |
| C 0             | D 2 |
| PREÇO R\$ 11,00 |     |
| DATA 17-12-88   |     |
| N.º CPD         |     |

CM-00135990-6

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

**D 388 m** De Luca, Leonora  
A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na  
modernização brasileira / Leonora De Luca. - - Campinas, SP :  
[s. n.], 1999.

**Orientador: Elide Rugai Bastos.**  
**Dissertação (mestrado) -Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Ideologia e literatura. 2. Evolução social. 3. Mulheres –  
Brasil - História. I. Bastos, Elide Rugai. II. Universidade Estadual  
de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
III. Título.**

## **DADOS CURRICULARES**

**Leonora De Luca**

**NASCIMENTO** 18.7.1973 — Campinas, SP

**FILIAÇÃO** João Bosco Assis De Luca  
Iara Maria Silva De Luca

1992/1996 Curso de Graduação:

Licenciatura em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP

1997/1999 Curso de Pós-Graduação em Sociologia  
(Área de Teoria Sociológica e História do Pensamento):

Mestrado em Sociologia pelo IFCH-UNICAMP.

## **DEDICATÓRIA**

À memória de  
**PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA**  
(Pouso Alegre, MG, 1867-Campinas, SP, 1944),  
diretora e mantenedora da revista "A Mensageira"  
(São Paulo, SP, 1897-1900).



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a professora Elide Rugai Bastos, pela orientação democrática e inteligente — em que a generosa confiança depositada em seus orientandos induz sempre à produção dos melhores resultados possíveis; à professora Mariza Corrêa, igualmente, pela orientação da pesquisa de iniciação científica que serviu de ponto de partida para o projeto desta dissertação de mestrado.

Agradecendo genericamente os préstimos dos funcionários (bibliotecários e atendentes, em especial) das instituições designadas a seguir, quero frisar o quanto sua colaboração foi importante para esta pesquisa, que envolveu consulta a centenas de pastas, periódicos e obras de referência: no Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional e Gabinete Português de Leitura; em São Paulo, Arquivo do Estado, Centro Cultural São Paulo, Hemeroteca "Júlio de Mesquita" (do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo), Academia Paulista de Letras, Biblioteca Municipal "Mário de Andrade" (notadamente as funcionárias da Sala "Paulo Prado", da Seção de Obras Raras); em Campinas, Biblioteca Pública Municipal "Prof. Ernesto Manoel Zink" e Bibliotecas do Instituto de Letras da Puccamp e do Centro de Ciências, Letras e Artes; na Unicamp, especificamente, Bibliotecas Central, do Instituto de Artes, do IEL e do IFCH, além dos acervos do Arquivo "Edgard Leuenroth" (Centro de Pesquisa e Documentação Social do IFCH) e do Centro de Memória.

Não poderia deixar de lembrar aqui os nomes dos mestres dos cursos de graduação do IFCH e do IEL que maior influência tiveram em minha formação: Ana Maria de Niemeyer, Arlete Moysés Rodrigues, Bela Feldman-Bianco, Berta Waldman, Enid Yatsuda, Haqira Osakabe, Héctor Hernán Bruit, José Roberto do Amaral Lapa, Leila Mezan Algranti, Márcia Abreu, Maria Eugênia Boaventura, Maria Helena Guimarães de Castro, Octavio Ianni, Ricardo Antunes, Vavy Pacheco Borges.

Na pós-graduação, muito contribuíram para impulsionar meu aperfeiçoamento os professores Antônio Arnoni Prado, José Mário Ortiz Ramos, Rubem Murilo Leão Rego, Tereza Salles e Walquíria Gertrudes Domingues Leão Rego.

Entre os amigos e colegas que constituíram fonte de estímulo constante, destaco, em primeiro lugar, os companheiros do Centro de Estudos Brasileiros (CEB-Unicamp) Alexandro Dantas Trindade, André Pereira Botelho, Carlos Henrique Gileno, José Carlos Zuin, Pedro Meira Monteiro, Roberto Barbato Júnior e Simone Meucci.

Mas não poderia me esquecer ainda da confiança em mim depositada por pessoas como a doutora Mércia Brasilino de Carvalho Tresoldi, a velha amiga Gláucia Henrique de Lima, o jornalista Benedito Barbosa Pupo, as professoras Olga Rodrigues de Moraes von Simson e Wilma Peres Costa, os casais de amigos Maria Amália de Almeida Cunha e Marcelo Schincariol, Cláudia Römmelt e Marcelo Cabral Jahnel; como a amiga graduanda Regina Érika Figueiredo ou como os amigos do Mestrado em Sociologia André Simão, Andrea Versuti, Soraia da Rocha e Zuleika Bueno. Meu reconhecimento também ao grupo de amigos que me apoiaram por ocasião do Exame de Qualificação (Douglas, Fabíola, Gabriela, Kátia, Tânia e Vítor).

Tornaram-se para mim fonte de inspiração, por sua atuação fértil, dinâmica e esclarecida, alguns ilustres acadêmicos da Academia Campinense de Letras — dentre os quais destaco a professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci e os professores Odilon Nogueira de Matos e Duílio Battistoni Filho (este último, meu estimado mestre de História do Colégio de Aplicação Pio XII).

Agradecimentos especiais à minha mãe, Iara Maria Silva De Luca (médica docente do IB-Unicamp), que demonstrou-me na prática a possibilidade de uma mulher se tornar uma cientista completa — e ao meu pai, João Bosco Assis De Luca (membro da União Brasileira de Escritores), pela preciosa colaboração na elaboração dos anexos, pela formatação e pela revisão final dos textos. Não poderia deixar de declarar, aqui, minha eterna gratidão pela assistência pessoal permanente que recebi, por todos estes anos, de dona Joana Ferreira Iório.

À FAPESP, pelo imprescindível apoio proporcionado pela bolsa de nível MS-I (Processo Nº 97/04018-7), como também pelas sugestões contidas nos pareceres dos assessores científicos, integralmente aproveitadas na redação final desta dissertação.

## ÍNDICE

|     |   |     |
|-----|---|-----|
|     | RESUMO  | 11  |
|     | INTRODUÇÃO  | 13  |
| I   | — CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL:<br>O Final do Século XIX no Brasil e no Mundo   | 29  |
| II  | — A REVISTA "A MENSAGEIRA":<br>Suas Características; Procedimentos para a<br>Obtenção de um Perfil do Periódico   | 43  |
| III | — A DIRETORA DA REVISTA:<br>Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944) e<br>Seu Círculo de Colaboradoras   | 59  |
| IV  | — A MULHER NO PENSAMENTO OITOCENTISTA:  | 83  |
|     | IV. 1 A Mulher, a Família e as Transformações Sociais no Século XIX   | 84  |
|     | IV. 2 Romantismo Social, Stuart Mill e Spencer  | 95  |
|     | IV. 3 O Panorama Brasileiro   | 105 |
| V   | — AS CONQUISTAS FEMININAS AO LONGO DO SÉCULO XIX:<br>Educação e Acesso à Cultura; Leitura, Escrita e Imprensa Feminina;<br>O Feminismo Emergente        | 113 |
| VI  | — PENSAMENTO FEMINISTA E PENSAMENTO SOCIAL<br>EM "A MENSAGEIRA":<br>Projeto Feminista e Temática da Nacionalidade<br>Articulados no Programa da Revista | 153 |
|     | VI. 1 O Projeto Feminista de "A Mensageira"   | 155 |
|     | VI. 2 Caráter Nacional, Tradição e Progresso na Revista   | 159 |
|     | VI. 3 Os Marginalizados da Nação: Possibilidades Críticas<br>do Pensamento Social em "A Mensageira"   | 186 |
|     | VI. 4 A Contadora de Estórias contra o "Burlador de Versos":<br>Tradicionalismo, Cultura Popular e Conflito de Gênero<br>em "A Mensageira"              | 194 |

|     |  |     |
|-----|--|-----|
| VII | — "A MENSAGEIRA DA CIVILIZAÇÃO"<br>OU "O AMOR POR PRINCÍPIO,<br>AS LETRAS POR BASE E O PROGRESSO POR FIM": | 199 |
|     | VII. 1 O Positivismo na Revista:<br>Regeneração Social, a Missão Feminina e a Mulher Útil                  | 201 |
|     | VII. 2 A Postura Iluminista em "A Mensageira"  | 207 |
|     | VII. 3 Destruindo os Mítos da Fragilidade e Passividade Femininas  | 216 |
|     | VII. 4 Metamorfoses do Iluminismo em "A Mensageira"  | 223 |
|     | RECAPITULAÇÃO E CONCLUSÕES   | 237 |
|     | BIBLIOGRAFIA   | 249 |
|     | <br>ANEXOS DA DISSERTAÇÃO:   |     |
|     | ANEXO I:<br><i>Cronologia das 36 Edições da Revista (1897-1900)</i>  | 271 |
|     | ANEXO II:<br><i>Índice Geral de Matérias</i>   | 275 |
|     | ANEXO III:<br><i>Analítico do Conteúdo das 36 Edições da Revista</i>                                       | 297 |
|     | ANEXO IV:<br><i>Índice Onomástico</i>  | 373 |
|     | ANEXO V:<br><i>Dicionário Biobibliográfico de Colaboradores e Colaboradoras da Revista</i>                 | 481 |
|     | BIBLIOGRAFIA DOS ANEXOS  | 589 |

## RESUMO

### "A MENSAGEIRA": UMA REVISTA DE MULHERES ESCRITORAS NA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA

Leonora De Luca

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elide Rugai Bastos

Mestrado em Sociologia — IFCH-UNICAMP/1999

Tomando como ponto de partida um estudo prévio — trabalho de iniciação científica elaborado em 1994 e 1995 a respeito da biobibliografia de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) — a pesquisa relativa à presente dissertação de mestrado, desenvolvida entre 1997 e 1999, teve por objetivo proceder à caracterização de conteúdos político-ideológicos subjacentes nos escritos do grupo de mulheres reunidas em torno da revista *A Mensageira*, mantida na capital paulista por Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944), em 1897-1900. Embasada na elaboração de um analítico de todas as edições da revista, de um índice onomástico e de um dicionário biobibliográfico de colaboradores e colaboradoras da revista, a pesquisa possibilitou uma caracterização mais acurada da inserção sócio-cultural daquelas escritoras, evidenciando a existência de múltiplas orientações no que tange a seu posicionamento frente ao processo de acelerada modernização que se impunha às metrópoles brasileiras da virada do século, mais notadamente à cidade de São Paulo. Ainda assim, foi possível caracterizar, na maior parte dos textos estudados, a filiação dessas mulheres aos pressupostos teóricos do iluminismo e do socialismo utópico — e, apesar das evidências de seu atrelamento ao positivismo e à estética parnasiana dominante, caracterizar a superação do antifeminismo associado à ortodoxia comtiana por intermédio da adoção de proposições dos precursores da pedagogia renovada (Froebel e Pestalozzi) ou pela adesão à orientação libertária assumida no final do Oitocentos pelo evolucionismo de Spencer. Testemunhas otimistas do processo de consolidação da República civilista, as mulheres escritoras de *A Mensageira* defendem um projeto feminista sereno (baseado principalmente na universalização da instrução e no livre exercício das profissões, em todos os níveis), preocupando-se ainda com a construção de um panteão nacionalista e com a adoção de uma estética essencialmente neo-romântica, anti-elitista e espontânea, em harmonia com as raízes populares brasileiras.

(Apoio FAPESP, Processo Nº 97/04018-7)

## INTRODUÇÃO

*A nossa personalidade social é uma criação do pensamento alheio. Até o ato tão simples a que chamamos "ver uma pessoa conhecida" é em parte um ato intelectual. Enchemos a aparência física do ser que estamos vendo com todas as noções que temos a seu respeito; e, para o aspecto total que dele nos representamos, certamente contribuem essas noções com a maior parte.*

PROUST, *Em Busca do Tempo Perdido*, vol. I, cap. I.

Em sua famosa obra *La Recherche du Temps Perdu*, Marcel Proust (citado acima na tradução de Mário Quintana), aponta o elemento de fortuidade inerente à nossa memória: na visão do escritor, acontecimentos significativos do nosso passado podem estar perdidos nas zonas brumosas de nossa mente e a possibilidade de reavivá-los dependeria, sobretudo, de nossos sentidos entrarem em contato, no presente, com algum objeto, som ou aroma, capaz de despertar em nós a lembrança daquela sensação antiga — que, permanecendo irredutível aos recursos de nossa "memória inteligente", se torna acessível pela revivescência da situação original.

Essa difícil tarefa de invocar lembranças quase sempre refratárias seria, portanto, muito mais complexa na investigação intentada pelos estudiosos do passado (arqueólogos, historiadores, sociólogos, etc) que visam apreender os conteúdos da memória coletiva — cujos contornos, mais fluidos e indefinidos do que aqueles relativos à memória individual, guardam as lembranças de um sujeito *sui generis*, a sociedade (como a ela se referia Durkheim), da qual integramos a personalidade, sendo ao mesmo tempo, ultrapassados e modelados por ela.

Diante desta situação, o que fazer?

Devemos, como pesquisadores, esperar que o acaso venha trazer elementos concretos capazes de despertar em nós a lembrança de outras épocas que, mesmo distantes no tempo, possam apresentar pontos de contato com a realidade presente, instigando nossa curiosidade científica?

Talvez não seja preciso esperar o concurso do acaso para reportar-nos a formas passadas de sociabilidade. É sabido, entre os sociólogos, que as sociedades estão em constante mudança; que novas formas de convivência estão sempre a transformar as formas usuais de relacionamento entre os indivíduos de uma mesma cultura. Mas, tão importante quanto o estudo das transformações sociais, a análise da persistência de certas relações sociais nas culturas hodiernas oferece largo campo de indagações para aqueles que desejam compreender os processos que presidem a revitalização de certas formas de organização política, econômica e cultural — que, longe de se apresentarem como "reaparições místicas" de fantasmas perdidos no passado, podem constituir indícios palpáveis de um processo histórico de longa duração (na definição de Braudel).

Teríamos, neste caso, resquícios de um desenvolvimento histórico que, não tendo encontrado resolução, ou sendo constantemente reavivados por forças sociais que neles obtêm sustentação material ou moral, reaparecem nos dias atuais — às vezes camuflados, opacos, resistentes à nossa capacidade de análise — mas sempre interrogando as razões de sua permanência, de sua capacidade de atravessar as barreiras do tempo.

Esta perspectiva de análise, que enfatiza o estudo das persistências e dos processos históricos por ela responsáveis, é, sem dúvida, trabalhosa — uma vez que exige a realização de uma pesquisa histórica detida, capaz de inserir a realidade atual dentro de um sistema de significações mais amplo, que ultrapasse o esquema de tempo e espaço unidimensionais a que grande parte das representações contemporâneas têm condenado coisas e pessoas (modo de representação a que teóricos do processo de globalização e da pós-modernidade como Octavio Ianni e Renato Ortiz têm chamado de "presentificação").

Este problema, aliás, envolve não só uma questão epistemológica relativa à natureza do conhecimento a que queremos chegar, como também se insere, de forma talvez mais essencial, numa questão teleológica e, em certo sentido, política; pois é possível que os governos e as instituições atuais de fomento à pesquisa estejam sendo influenciados, na definição de sua política de atuação, por aquelas formas "presentificadas" de representação, do que resultaria (direta ou indiretamente) dificuldade de acesso a esses resquícios históricos concretos. Exemplificando: na medida em que ocorre a deterioração dos acervos ainda preservados por entidades nacionais (tanto públicas como privadas), é pouco provável que o pesquisador do século XXI ainda encontre intactas as fontes de pesquisa imprescindíveis ao entendimento exato de fenômenos que tiveram lugar num "longínquo" século XIX.

## Introdução

Afora isto, o próprio pesquisador (dada a rápida transformação da sensibilidade neste final de século XX), mesmo tendo disponíveis os elementos concretos do passado, terá, com certeza, dificuldade crescente em apreender os significados concernentes a este ou aquele texto — ou seja: a "comunicação", no plano fenomenológico, entre o pesquisador e o autor do passado (seu objeto de estudo), estará, nesse sentido, cada vez mais dificultada (ou mesmo impedida) por essa vertiginosa transformação das formas de sentir e pensar do mundo atual.

Qual o motivo destas divagações e o que teria isto a ver com o estudo de um periódico feminino do final do século XIX no Brasil, estudo que é a razão de ser da presente dissertação de mestrado?

Ocorre que, ao empreender a análise da condição da mulher através das páginas de uma revista do século passado, o pesquisador é assaltado por dúvidas como esta: qual a validade de meu estudo? que relações existem entre aquelas mulheres do passado e a situação da mulher na sociedade atual? o grupo de mulheres escritoras integrantes de *A Mensageira*, constituiria, de fato, objeto de estudo relevante para se compreender os desenvolvimentos da consciência feminista no Brasil, aí incluídas as configurações desta consciência na presente virada de século?

Ou ainda: deveríamos preferir o estudo destas mulheres em favor de um objeto mais nobre, concordando tacitamente com a opinião de alguns estudiosos do período que condenam *tout court* o seu "feminismo moderado" — avaliação simplista segundo a qual esta revista rescenderia às aspirações pequeno-burguesas de suas colaboradoras que, ao reivindicar naquelas páginas o aperfeiçoamento intelectual da mulher, o faziam sem questionar os alicerces de seus lares aconchegantes?

A maioria destas objeções só poderá ser satisfatoriamente respondida ao final dessa dissertação. Mas, seja como for, podemos adiantar aqui que o estudo da revista *A Mensageira* reveste-se de uma importância histórica inegável, dado que o período estrito de circulação da revista, 1897 a 1900, insere-se numa conjuntura mais ampla de transição da sociedade brasileira, recém-saída do padrão do escravismo e da monarquia para os estatutos do regime de trabalho livre e da política republicana. Transição nacional que refletia, embora em ponto menor, os processos contraditórios e as assincronias inerentes a uma nova fase de expansão do capitalismo internacional — momento de recrudescimento da corrida



neocolonialista, em que à lógica do industrialismo vinha juntar-se aquela inaugurada pelo capital financeiro.

Dentro dessa perspectiva, devemos nos balizar por uma preocupação que impacientava Max Weber: é necessário encarar o desenvolvimento histórico em todas as suas particularidades e, por mais óbvio que isto possa parecer, devemos nos questionar sempre por que as coisas ocorreram de uma determinada maneira e não de outra. Ou seja: em que medida fatores como o acaso, o desejo de ruptura — ou, inversamente, o desejo de continuidade e a rotina —, concorreram para conformar um momento histórico específico?

Aplicando a indagação weberiana ao nosso caso, poderíamos afirmar que a Abolição e a República abriam, pelo menos nominalmente (em termos de possibilidades realizáveis), novos caminhos para os setores marginalizados da sociedade brasileira, como era o caso dos escravos recém-libertos, das mulheres, dos pobres, dos imigrantes, etc; cabendo a nós, então, questionar em que medida estes caminhos foram explorados e, no caso contrário, verificar as razões de não terem sido experimentados.

Estas considerações iniciais referem-se, portanto, basicamente a dois tipos de perigos que, normalmente, acompanham estudos desta espécie.

Em primeiro lugar, podemos incorrer no erro de subestimar a contribuição realizada por autores do passado, principalmente quando nos dedicamos à pesquisa de autores marginalizados pela historiografia, como é o caso da maioria das escritoras de *A Mensageira*, das quais não dispomos de estudos anteriores que pudessem nos servir de parâmetro — as informações sobre a vida e a obra destas mulheres encontram-se dispersas, requerendo, por isso, um rigoroso trabalho de sistematização; neste caso, poder-se-ia resvalar em avaliações anacrônicas que, baseadas no arsenal de conhecimentos fornecidos pelo momento atual, considera o estilo daquelas autoras irremediavelmente arcaico e pedante, tachando de ingênuas e falaciosas as explicações que forneceram para os acontecimentos de sua época.

Num sentido contrário, corre-se o risco (na ânsia de justificarmos a importância e a plausibilidade de nosso estudo) de acabarmos enaltecendo-as, agigantando sua contribuição — disso resultando, ao invés de um estudo objetivo da revista em questão, aquilo que muitos chamam ironicamente de "hagiologia" ou de "hagiografia". Aqui, inversamente, trataremos de iluminar e de desvendar os laços concretos que se desenvolviam

## *Introdução*

entre estas mulheres, sua ligação com a parcela masculina da intelectualidade da época, seu relacionamento com os maridos (na maioria dos casos, também intelectuais que dividiam com as esposas, senão os mesmos espaços sociais, ao menos o exercício comum da profissão de jornalista, escritor, poeta, etc), averiguando em que medida estas atividades e encargos influenciavam seu pensamento e traduziam-se, metamorfoseados, em seus textos literários.

É bem verdade que, numa sociedade como aquela, onde as funções femininas estavam praticamente restritas aos afazeres domésticos, as escritoras por nós estudadas tiveram de realizar esforços hercúleos para serem reconhecidas, tendo de comprovar os seus méritos, mesmo quando favorecidas por uma cômoda posição social, por meio de um trabalho intelectual constante. No entanto, cuidaremos aqui de não vitimizá-las, o que se torna ainda mais difícil quando constatamos que a mulher brasileira em geral continuaria a ser vítima da opressão, nesta nova sociedade pretensamente livre, assim como o escravo recém-liberto da servidão.

Como contornar, então, todas estas dificuldades, sem perder de vista a objetividade da pesquisa?

Em primeiro lugar, entendemos que, para tanto, torna-se valioso o recurso a *métodos objetivos quantitativos*, referentes ao fichamento das matérias da revista, à elaboração de índices onomástico e de conteúdo, a estimativas de circulação e de custo do periódico, à avaliação da qualidade gráfica comparada com o aparato técnico disponível na época, etc; como também, a *métodos objetivos qualitativos*, relativos à pesquisa em fontes primárias (livros, jornais ou revistas da própria época capazes de fornecer dados sobre a repercussão de *A Mensageira* nos meios literários de então e, ainda, leitura de obras publicadas coetaneamente pelas mesmas escritoras) associados ao estudo de bibliografia histórica tanto sobre o período como referente aos diferentes aspectos biográficos das principais personalidades femininas estudadas.

Em segundo lugar, no que diz respeito à forma de análise do material, nosso método deverá ser:

*Compreensivo*, antes de mais nada, porque trata-se de valorar a contribuição literária e o teor das reivindicações feministas das escritoras de *A Mensageira* à luz do significado que estas reivindicações adquiriam para os atores sociais da época, isto é,

para aquelas mulheres que possuíam determinados anseios e objetivos e, agindo conforme as possibilidades da sociedade de então, intentaram concretizar estes objetivos. Suspeitamos que as generalizações que desprezam as figuras das feministas da virada do século pelo simples fato de serem menos combativas do que as feministas da geração precedente realizam um desvio interpretativo: ao analisarem o material histórico segundo a ótica daquilo que "gostariam que tivesse acontecido" e não de acordo com o que "realmente ocorreu", permitem que seus juízos de valor se superponham e distorçam o estudo do material histórico (conforme enunciado de Weber, no texto "A Objetividade do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política", in *Metodologia das Ciências Sociais*).

Além de contribuir para aclarar a contribuição histórica das escritoras de *A Mensageira* ao movimento feminista no Brasil, este princípio metodológico da "compreensão" reveste-se ainda de uma preocupação de caráter estético-literário. Neste âmbito, acreditamos que estas mulheres escritoras têm sido duplamente injustiçadas: em primeiro lugar, como acabamos de expor, pela historiografia do período e, num sentido mais amplo (uma vez que são atingidas não só estas escritoras como todo a geração coetânea de literatos do sexo masculino) pelos estudiosos da literatura que, entusiastas do movimento modernista de 1922, condenam ao ostracismo os escritores pertencente à nossa chamada "geração pré-modernista".

Acreditamos que nosso distanciamento temporal com relação ao movimento modernista, a que chegamos nesta atual virada de século, franqueia-nos uma avaliação mais isenta daquilo que poderia ser denominado "ditadura estética do modernismo". Explicamos: na ânsia de colocar-se como movimento de "vanguarda", os escritores do movimento modernista brasileiro fizeram *tabula rasa* do passado, colocando-se como precursores de um "nacionalismo estético" e, posteriormente, de uma corrente regionalista — que na verdade remonta a experiências já realizadas por alguns autores românticos (que encontraram na geração de escritores pré-modernistas número apreciável de continuadores).

Não desejamos, aqui, negar a primazia dos modernistas na inovação e na consolidação de uma estética autenticamente nacional, mas gostaríamos de lembrar que, ao menos no que se refere à escolha de alguns temas (sobretudo aqueles relativos à nacionalidade), não existe uma solução de continuidade intransponível entre pré-modernistas e modernistas; o estudo mais detido de alguns artigos presentes em *A Mensageira*, bem

## Introdução

como a análise do teor da obra literária de algumas destas escritoras revelarão elementos temáticos (às vezes formais) que podem ser apontados como prenunciadores da estética modernista.

Esta abordagem aproximativa poderia nos fornecer, inclusive, uma abertura para a discussão do significado dos diversos nacionalismos que, desde fins do século XVIII, com o Arcadismo, estiveram presentes entre as preocupações estético-ideológicas da intelectualidade brasileira — no caso específico das escritoras de *A Mensageira*, deveríamos questionar se existe um nacionalismo explicitado nos artigos da revista ou mesmo na obra individual de cada uma destas escritoras. Em caso afirmativo, caracterizado o teor desse nacionalismo, verificar se seu caráter encontra-se determinado ou de alguma forma articulado com uma dimensão de gênero ou com a questão feminista.

A reavaliação deste período de transição da cultura brasileira que ficou conhecido sob a denominação imprecisa de "pré-modernismo", já foi, aliás, iniciada por críticos literários como Lúcia Miguel-Pereira, Brito Broca e Alexandre Eulálio, e vem sendo continuada por outros teóricos da literatura e historiadores da arte como Antônio Arnoni Prado e Jorge Coli. Este último, ao discorrer, numa entrevista ao jornal campineiro *Correio Popular*, sobre a necessidade de evitar os juízos preconcebidos quando se trata de emitir um julgamento estético, enfatiza a importância do elemento compreensivo no estudo das artes plásticas no século XIX (raciocínio que poderíamos estender para o estudo da literatura do mesmo período), cujo estilo tem sido tão dura e superficialmente detratado, pejorativamente chamado "acadêmico". Ao fornecer um testemunho pessoal de como sua formação intelectual o impediu muitas vezes de "enxergar com os próprios olhos", sufocando suas predileções pessoais, Jorge Coli enfatiza o elemento de autenticidade que, no campo da análise estética, deve presidir os julgamentos emitidos pelo próprio pesquisador:

Veja só, eu era aluno de Gilda Mello e Souza, esposa do professor Antonio Cândido, o primeiro crítico a revelar claramente o que era o Modernismo brasileiro; ambos tinham sido íntimos de Mário de Andrade e, claro, tendiam a difundir a atmosfera vanguardista que emanava dele. No entanto, eu sempre havia sentido uma atração muito grande pelos quadros acadêmicos (...). Eu ia à Pinacoteca do Estado, mas ia com a concepção de que não podia gostar daquilo, já que era uma arte "feia", uma arte "ruim", uma arte do passado. Eu dizia a mim mesmo que eu ia lá para saber o que era a arte ruim e aprender a gostar da arte boa. Nessa época, comecei então a entrar em contato com obras que eu renegava, mas na realidade estava era cuspindo no meu prazer. Eu me lembro que fiz um trabalho de final de curso falando mal de Oscar Pereira da Silva, pintores desse tipo, e na realidade eu gostava muito daquilo. (*Correio Popular*, Campinas, entrevista a Eustáquio Gomes: "Um olhar sem preconceito sobre a arte dos tempos", edição de 5 de outubro de 1996, pp. 2-3 do Caderno C).

Levando em conta a dimensão compreensiva e focalizando nossas preocupações sobre as representações da nacionalidade produzidas pela literatura feminina do século XIX, aí incluídos os escritos femininos insertos em *A Mensageira*, podemos adiantar que o levantamento da bibliografia recente, dedicada ao estudo das mulheres, indica a concomitância do desenvolvimento do sentimento nativista — sobretudo no início do século XIX em associação com o movimento pela Independência do Brasil e a agitação literária característica do Romantismo — e o aparecimento das primeiras vozes da poesia e da prosa feminina brasileiras.

Dentro desta perspectiva, seria possível afirmar, inclusive, que as letras femininas apresentaram, desde cedo, uma faceta original, explorando um veio próprio e diverso do ufanismo retórico, altissonante e idealizado da maioria dos escritores românticos do sexo masculino. Temos um exemplo disto num artigo versando sobre a vida da escritora rio-grandense Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (nascida na primeira década do século XIX), no qual a pesquisadora gaúcha Hilda Agnes Hübner Flores sugere que, das páginas escritas pelas mulheres daquela época, transborda uma espécie de patriotismo singelo, mais próximo da realidade íntima da sociedade brasileira de então e mais ligada aos fatos do dia-a-dia. Em certa medida, a relação entre literatura feminina e descrição do "cotidiano nacional", encontra-se de fato presente, como intentaremos demonstrar oportunamente, nas páginas de *A Mensageira*.

*Nosso método é ainda hermenêutico-relacional*: primeiramente, porque nosso objeto principal de pesquisa são os textos literários deixados por estas escritoras do final do século XIX, tanto nas páginas de *A Mensageira* como nos poucos exemplares de suas obras que conseguiram chegar até nossos dias — produções que, como textos, devem ser submetidas a uma exegese capaz de nos revelar as relações entre seu sistema interno de significações e o conjunto contextual de representações e estruturas sociais a que estas significações remetem.

Note-se que, até mesmo em termos semânticos, tal estudo exige um esforço adicional para nos desembaraçarmos das conotações atuais que envolvem a expressão "revista feminina". Logo que mencionamos essa expressão, vêm-nos à mente certo estereótipo de publicação (dedicada a assuntos como moda, culinária, conselhos úteis de economia doméstica, correio sentimental, etc) que difere muito — como teremos oportunidade de demonstrar — da estruturação editorial e mesmo da proposta ideológica explicitada nas páginas de *A Mensageira*.

## Introdução

Hermenêutico também, num sentido lato, porque, como bem nos lembra a epígrafe por nós selecionada de Proust, a identidade social feminina, como a de qualquer indivíduo em sociedade, realiza-se através de um processo de interação social entre homens e mulheres (e entre estes e a sociedade mais ampla) em que suas faculdades interpretativas são constantemente chamadas a tomar parte.

Concordando com as teorias sociais, difundidas por antropólogos como Clifford Geertz, segundo as quais as diversas culturas das quais se compõe a sociedade humana global constituem-se através de redes sociais — interações entre seres humanos que, além de seus aspectos materiais imediatos, encontram-se impregnadas de significados, podendo por esta razão ser lidas como um vasto texto — acreditamos que a constituição das identidades de gênero constituem um exemplo específico que não foge a esta regra e que talvez esteja de forma mais inextricável na dependência destas interações sociais genericamente consideradas.

Este processo de interação interpretativa no qual homens e mulheres se confrontam como textos, buscando uns nos outros pautas de conduta a partir das quais se constroem ou desconstroem "projetos" de textos e identidades futuros, foi captado e definido com agudeza pelo filósofo espanhol contemporâneo, discípulo de Ortega y Gasset, Julián Mariás:

Se perguntamos o que é ser mulher, vemos que é uma *interpretação*. Toda realidade é interpretada, se me apresenta como uma interpretação, primariamente vital, secundariamente intelectual. Mas toda interpretação é em si mesma real, forma parte da realidade. E essa interpretação que chamamos "a mulher" é dupla, porque a mulher não se interpreta *só* mas em vista da interpretação do homem, que não é forçosamente uma teoria e sim, antes de tudo, de caráter prático. (...) Essa interpretação (...) é uma realidade histórica e mutante. A mulher interpreta-se a si mesma e é interpretada pelo homem em cada sociedade, em cada época, de uma maneira, ou de várias maneiras mais ou menos coerentes: dever-se-ia procurar, dentro dos vários momentos, o "sistema" dessas interpretações (Julián Mariás, *A Mulher no Século XX*, tradução de Diva Ribeiro de Toledo Piza, São Paulo, Editora Convívio, 1981, pp. 5-6).

Além disso, trata-se de estudar não apenas o significado das relações individuais entre homens e mulheres (suas variações através dos tempos), mas também e, principalmente, o conjunto de interpretações ou representações que numa dada época vigoram acerca do "feminino" e do "masculino". Desta forma, é preciso averiguar como estas mulheres interpretavam a si mesmas por contraposição a outros tipos de mulheres (sua diferenciação através da faixa etária, raça, classe, profissão, estado civil, etc); e, mais ainda, no caso do estudo das representações que a sociedade realiza em torno dos sexos, devemos

ressaltar a existência, no caso específico do século XIX (e talvez até os dias de hoje) de um código duplo de moralidade que impõe muitas vezes à mulher uma leitura esquizofrênica de sua própria personalidade.

A ambiguidade das representações femininas difundidas no século XIX, faziam com que, por exemplo, à valorização da mulher trabalhadora, honesta e decente por oposição à mulher "vagabunda", da rua, prostituída, viesse entremear-se uma mesma ideologia que encarava o ambiente das fábricas (local de trabalho de muitas destas mulheres), como um verdadeiro antro de degradação moral feminina em oposição ao ambiente doméstico protegido.

Da mesma forma, atribuía-se ao espaço público uma influência deletéria na formação do caráter da mulher, dificultando-se a divulgação dos trabalhos literários das mulheres que escreviam naquele período. O que determinava, por consequência, que a escrita feminina só fosse tolerada enquanto "prenda doméstica", figurando como um atrativo a mais, com o qual a mulher ampliava os dotes de sua beleza física com algumas pinceladas de verniz intelectual; tornando-se, no entanto, o ato de escrever, atitude digna de desconfiança (e não raro de reprovação social), quando efetuado por mulher que visasse publicação e larga divulgação de seus escritos — ainda mais quando se tratasse de textos de conteúdo programático que remetessem à insatisfação feminina e a seu desejo de emancipação.

A perspectiva relacional é, aliás, defendida por aquela que é talvez a maior autoridade atual no que diz respeito aos estudos sobre a mulher, a historiadora francesa Michelle Perrot: segundo esta autora, para além das virtualidades dos projetos femininos individuais (a mulher encarada como "sujeito histórico"), devemos tratar de estudar as relações e/ou determinações sociais que recaem sobre a parcela feminina da sociedade em determinado momento histórico.

*Nosso método é histórico*, pois é preciso compreender estas interpretações e representações em sua conexão com contexto histórico e social em que se inserem. No caso do estudo das escritoras de *A Mensageira*, é preciso localizá-las num momento bastante específico da história brasileira.

A segunda metade do século XIX caracterizou-se por um intenso processo de transformações sociais, principalmente no que se refere à região Sudeste do Brasil.

## *Introdução*

A multiplicação das estradas de ferro, acompanhando a expansão da lavoura cafeeira, bem como as muitas outras inovações tecnológicas introduzidas a partir de então, ao mesmo tempo que facilitaram a modernização econômica, propiciaram maior desenvolvimento cultural.

As linhas férreas passavam a ligar não apenas terras (otimizando o processo de escoamento de nossos principais produtos para os portos do Rio de Janeiro e de Santos), mas também ocasionavam maiores possibilidades de entrelaçamento cultural entre as cidades, ao realizar a ligação dos centros produtores aos consumidores de mercadorias.

A expansão dos setores médios da população brasileira iria contribuir para engrossar as fileiras de movimentos de cunho liberal-progressista (como o Abolicionismo e o Republicanismo), verificando-se a transição paulatina de nossa antiga estrutura social, baseada no binômio agricultura-escravidão, para uma ordem burguesa — transição que não exclui, no entanto, a persistência de elementos tradicionais, articulados com os novos.

Sintonizada com o que ocorria fora do país, inspirada nos ideais iluministas do século XVIII (ainda influentes no pensamento europeu), no socialismo utópico e no positivismo da primeira metade do século XIX, a intelectualidade brasileira se desenvolveu tanto como produto destas transformações sociais, como também, em muitos casos, atuou no sentido de efetuar o aprofundamento dessas transformações.

Nessa conjuntura, deve-se destacar a importância do desenvolvimento da imprensa, eleita como veículo preferencial para a divulgação destes novos ideais. O surgimento de um número cada vez maior de mulheres nas camadas de profissionais liberais, no comércio, nos setores de serviço ou ainda recrutadas como mão-de-obra para a indústria incipiente — e, no caso específico de nossa pesquisa, o aparecimento de uma literatura feminina — integrou este processo maior de modernização econômica e técnica (que se fez acompanhar de um progressismo de idéias) da sociedade brasileira.

Aquela virada de século, aliás, parece ter presenciado um verdadeiro "boom" de literatura feminina no Brasil: acompanhando transformações sociais mais globais e tendo como principais locais de manifestação as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo (além de alguns núcleos feministas situados no Nordeste e no Sul do país), a esfera cultural parece ter-se ampliado no sentido de incluir setores antes marginalizados



(como, por exemplo, este das mulheres literatas, que penetravam agora num campo tradicionalmente monopolizado por homens).

O conceito de modernização social (as modificações nos quadros institucionais, do pensamento e das idéias de determinada sociedade que este processo de modernização técnica e econômica implica) que utilizamos baseia-se principalmente nas considerações do clássico weberiano *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* e nas idéias explicitadas por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*.

Nesse sentido, aliás, desconfiamos ser *A Mensageira* um objeto precioso de estudo para captar as contradições (através do viés proporcionado pela questão feminista) entre este Brasil novo (que, com a Abolição e República, desejava emergir) e as características fortemente arraigadas em nossa cultura do Brasil antigo, que lutava, embora não de todo contrário à inserção da Nação no clima de progresso internacional, por conformar alguns aspectos desta nova ordem aos moldes das relações sociais tradicionais (características da literatura pré-modernista enfatizadas por Alfredo Bosi em "As Letras na Primeira República").<sup>1</sup>

Sendo assim, não nos parece fortuito que o local de publicação da revista seja a "moderna" cidade de São Paulo que, impulsionada pelos capitais advindos da lavoura cafeeira, adquiria ares de metrópole industrializada e urbanizada, tal qual as grandes capitais da Europa ou da América do Norte — sendo, portanto, identificada com este Brasil novo e moderno, carro-chefe de um processo de modernização que se esperava pudesse generalizar-se para o restante do país.

Neste caso, é interessante observar como o deslocamento de um feminismo ativo, característico da geração de mulheres feministas anteriores (que, na década de 1880, teve na cidade do Rio de Janeiro o principal foco de divulgação de seus ideais), para o feminismo moderado de *A Mensageira*, sofreu com certeza influência da situação política (pois ao entusiasmo abolicionista e à euforia pela promulgação da carta constitucional de 1891 seguiu-se o silenciamento das vozes femininas mais exaltadas), mas parece ter também se transferido, assim como a primazia do fator econômico baseado na lavoura cafeeira, das "cansadas" terras paulistas e fluminenses do Vale do Paraíba para os novos territórios do Oeste Paulista.

---

1. Cap. VIII — pp. 293-319 — do tomo III de *O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930)*, volume organizado por Bóris Fausto, 2ª ed., São Paulo, Difel, 1978.

## Introdução

Dentro desta perspectiva, evidenciaríamos as peculiaridades desta literatura feminina "paulistana", isto é, desvendariamos as características próprias desta produção literária que se manifesta num ambiente tido como tradicionalmente mais "literário" — e, neste virada de século, mais dominado pela lógica, pelo *ethos* econômico —, produção literária que diferia, portanto, daquela efetuada pelas escritoras cariocas do mesmo período (que realizavam seus escritos num meio social, a cidade do Rio de Janeiro, em que a esfera político-administrativa ainda era determinante).

Esta tipologia das cidades que pretendemos utilizar como instrumento analítico, segundo a qual a cidade de São Paulo é considerada "heterogénica", localizada fora do centro de poder político, exibindo maior liberdade e mais ampla iniciativa cultural — por oposição à cidade de tipo "ortogénico", marcada pela predominância da função político-administrativa, como era o caso da cidade do Rio de Janeiro, àquela época Capital Federal da República — nos foi sugerida pela leitura de escritos como os de Max Weber (*História Geral da Economia*), de Richard Morse (*De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*), de Roger Bastide (*Brasil, Terra de Contrastes*) e de José Murilo de Carvalho (*Sobre o Pré-Modernismo*).

Mas nestas linhas preliminares já podemos antecipar a possibilidade de problematizar o próprio conceito de *modernização*: como é possível que ao passar para um ambiente pretensamente mais "democrático" e "moderno", como era o caso da capital paulista naquela virada de século, o feminismo, ao invés de recrudescer, tenha adquirido uma faceta moderada? Quais os processos econômicos, políticos e sociais que permitiram que isto ocorresse? Esta moderação deve ser encarada apenas em seus aspectos negativos ou ela constituiu, apesar de tudo, um avanço das reivindicações feministas que, de outra forma, não teria sido possível?

De acordo com esta perspectiva histórica, resta-nos, ainda, fazer uma observação acerca da categoria de *tempo histórico* com a qual pretendemos trabalhar: no caso do movimento feminista, a importância da análise histórica dos acontecimentos sociais torna-se mais patente quando consideramos que esse movimento não seguiu uma trajetória linear — caracterizando-se, pelo contrário, por um desenvolvimento irregular (em que se alternam períodos de arrefecimento e rebote do empenho feminista). Desenvolvimento contraditório em que, por vezes, as próprias conquistas sofrem cooptação por parte das instituições sociais e governamentais — ou mesmo diluem-se num processo através do qual

a aquisição de melhorias legais e políticas ocorre desvinculada de uma transformação efetiva das relações cotidianas entre os gêneros.

*Nosso método é sociológico.* O tema de nossa pesquisa constituiu, portanto, a produção literária feminina da virada do século XIX para o século XX encarada como um fenômeno sociológico: ou seja, como parte integrante deste processo mais amplo de modernização da sociedade brasileira. E não poderia ser de outra forma, uma vez que se observou não só um nítido aumento do número de mulheres no campo literário, como também porque este maior afloramento quantitativo correspondeu à busca de uma melhoria qualitativa da condição social da mulher; tradicionalmente confinada nos espaços privados, ela agora buscava, dentro dos quadros desta sociedade mais moderna, tornar-se visível, ocupar os espaços públicos que anteriormente lhe eram vedados.

A perspectiva sociológica remete-nos ao problema da totalidade, isto é, à necessidade de efetuarmos uma análise global da realidade, capaz de contemplar tanto os elementos materiais como os aspectos ideacionais que nela estão envolvidos. Na tarefa de compreender um certo fenômeno social através de sua inserção numa realidade complexa (da qual este fenômeno constitui apenas uma parte), não devemos negligenciar nenhum tipo de informação: quando nos referimos, há pouco, a "métodos objetivos", não estamos excluindo a possibilidade de tratar de maneira objetiva assuntos que podem ser considerados por alguns como "subjetivos" (como, por exemplo, a mentalidade de uma época e as representações sociais correspondentes ao mesmo período).

Desta forma torna-se possível realizar uma aproximação entre uma perspectiva materialista e a da história das idéias, vislumbrando novas formas de abordagem da questão de gênero e da história do feminismo: a análise conjunta de situações biográficas específicas (aí incluído o estudo das condições materiais de existência, das formas de consciência social e do conteúdo ideológico da obra destas escritoras "paulistanas") e do contexto histórico, político, social e cultural no qual tais personalidades individuais se inserem, aproxima-se das abordagens teóricas empreendidas pela "história do pensamento".

Dentro desta perspectiva, o feminismo passa a ser encarado, para além de suas propostas políticas e de seu questionamento dos modos tradicionais de relacionamento entre homens e mulheres, como forma de percepção e elaboração da realidade, como *pensamento feminista* propriamente dito, integrado ao quadro geral do pensamento de uma época.

## Introdução

De fato, como teremos oportunidade de demonstrar ao longo desta dissertação, as escritoras que colaboram em *A Mensageira*, ao efetuarem seus discursos literários, acabavam fazendo da literatura um instrumento de reflexão sobre a condição feminina: neste sentido, a literatura produzida por estas mulheres adquire a qualidade de pensamento auto-reflexivo ou referido à comunidade feminina mais ampla.

Numa outra acepção, observamos ainda que, no desenvolvimento das reflexões feministas, as escritoras de *A Mensageira* contemplavam outras questões que afligiam a sociedade brasileira como um todo, o que nos autorizaria a caracterizar o "pensamento" articulado na revista não só como "pensamento feminista" mas também como "pensamento social".

Enquanto "pensamento social", o pensamento feminista das escritoras de *A Mensageira* deve ser estudado em suas aproximações e distanciamentos com relação às principais correntes de idéias filosóficas, políticas e estéticas em voga no período. Podemos adiantar que o "ecletismo" de idéias presentes na revista corresponde a uma fase de transição da sociedade brasileira que observou, além da desigualdade dos processos econômicos e sociais, uma pluralidade de idéias que se mesclavam no discurso da intelectualidade brasileira de então.

## I — CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL:

### O FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL E NO MUNDO

*At the opening of the twentieth century, all eyes are turning toward South America, as they turned toward her northern neighbour at the beginning of the century just closed; and there is every reason to believe that the phenomenal growth and progress which marked the history of the United States of America during the nineteenth century will be duplicated during the present one by her young republican sister and friend — the New Brasil.*

MARIE ROBINSON WRIGHT (1901), *The New Brazil: Its Resources and Attractions — Historical, Descriptive, and Industrial (Introduction)*.

Um historiador que pretendesse escrever a história dos últimos anos do século XIX tomando unicamente por base as primeiras páginas dos nossos maiores jornais diários constataria, em primeiro lugar, nossa condição de dependência externa, de país periférico: as feias e "pesadas" primeiras páginas (ainda destituídas de ilustrações, cujo uso só irá generalizar-se bem depois, no século XX) são ocupadas principalmente por noticiário relativo às potências europeias.

Assim, é possível reconstituir uma espécie de escala de importância então vigente verificando quais são as nações enfocadas com maior frequência por aquele noticiário: em primeiro lugar, a Grã-Bretanha — cuja rainha, Victoria (1819-1901), símbolo de toda uma época e protagonista do apogeu do poderio britânico, completava em 1897 seu 60º aniversário de ascensão ao trono —, a Alemanha (cuja militarização crescente parece ser alvo de preocupação geral), a França da Terceira República (que consolidava seu "império africano" em 1900) e a Áustria — cujo poderoso imperador, Francisco José I (1830-1916) é frequentemente lembrado, em fins de 1898, não só pelas comemorações de seu 50º aniversário de reinado, como pelo recente assassinato de sua esposa, a imperatriz Elisabeth (Sissi).<sup>2</sup>

---

2. Todas essas personalidades políticas (Victoria, Francisco José I e Elisabeth da Áustria) são mencionadas nominalmente — pelo menos uma vez, cada — na revista *A Mensageira*. Cf. índice onomástico, Anexo IV desta dissertação.

Espaço crescente vem sendo conquistado pelos EUA ao longo da década de 1890, em consonância com a expansão geográfica, política e financeira da mais rica nação das Américas — em contraste com o restrito noticiário dedicado à Itália recém-unificada, frustrada potência emergente que parece retrair-se no cenário internacional em função de uma conturbada política interna: peso maior parece assumir, por sua ascendência sobre os católicos do Brasil, o Vaticano, onde Leão XIII (1810-1903) — que fornecera, em 1891, as diretrizes de um "socialismo cristão" — completava, no início de 1898, 20 anos de um longo e controvertido papado. Interesse igualmente restrito parece caracterizar o noticiário procedente dos decadentes reinos de Portugal e da Espanha — este último humilhado pela transferência para os Estados Unidos (ao término da Guerra Hispano-Americana, em 1898), de quatro de suas mais importantes colônias: Cuba, Porto Rico, Guam e Filipinas.

Os telegramas referentes à Guerra Sino-Japonesa de 1894-1895 (cuja ocorrência contribuíra para a renovação do interesse ocidental pelo orientalismo — no plano artístico, inclusive) dão lugar, nos últimos anos do século XIX, ao noticiário relativo à política expansionista do império russo em direção ao Oriente, expansionismo que, obedecendo às tendências absolutistas do ainda jovem czar Nicolau II (1868-1918), desembocará futuramente na desastrosa Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905.

É igualmente sensível o crescimento do volume de notícias relativas aos nossos vizinhos sul-americanos<sup>3</sup> — notadamente Venezuela, Chile, Peru, Bolívia, Uruguai e Argentina.<sup>4</sup>

---

3. Embora o período aqui estudado (1897 a 1900) seja posterior à Primeira Conferência Internacional dos Estados Americanos (Washington, 1889), que criou a União Pan-Americana, ainda não se podem caracterizar, no final do século XIX, propostas pan-americanistas propriamente ditas: o que existe de concreto é apenas a conhecida "Doutrina Monroe" (formulada por esse presidente norte-americano em 1823) e o fato de ter a Venezuela, em 1895, solicitado a arbitragem dos EUA numa disputa de fronteiras com a Guiana Inglesa. É verdade que a vitória dos ianques na Guerra Hispano-Americana de 1898, tirando Cuba do domínio espanhol, confirmará a supremacia militar norte-americana; porém será só depois, sob os dois mandatos do presidente Theodore Roosevelt (período de 1901 a 1909) que a chamada política do "big stick" proporrá o franco intervencionismo nas demais nações do continente, em função dos interesses dos EUA.

4. O interesse pelos nossos vizinhos sul-americanos é perceptível em diversas matérias (mesmo aquelas de cunho estritamente literário) incluídas em *A Mensageira*; mas também se reflete na revista o clima de euforia com que foi recebido no Rio de Janeiro, em agosto de 1899, o general Julio Roca — presidente da República Argentina, cujo segundo mandato (1898-1904) punha fim a várias décadas de instabilidade político-econômica e de isolamento de seu país com relação às demais nações do continente. Nesse sentido, são perfeitamente superponíveis os comentários da correspondente de *A Mensageira* no n° 30 da revista (p. 120) e o noticiário publicado por diários cariocas como o *Jornal do Comércio*: na edição de 9 de agosto de 1899 deste último, as nove colunas correspondentes à primeira página do periódico são integralmente ocupadas pelo noticiário relativo à chegada do presidente Roca à cidade, no dia anterior.

No noticiário desses jornais é possível notar também a grande ênfase concedida às conquistas científicas e tecnológicas que teriam caracterizado o século XIX (notadamente em suas últimas décadas):<sup>5</sup> aos avanços no que se refere ao domínio da energia produzida a partir do vapor e da eletricidade, vem acrescentar-se a viabilização de um revolucionário motor de combustão interna (patenteado por Diesel em 1892), diretamente responsável pelo grande surto de individualização dos transportes que deixará marcas irreversíveis nos meios rurais e urbanos do século XX.

Datam igualmente do final do século XIX a identificação dos raios X por Roentgen e a descoberta da radioatividade (que valerá a Henri Becquerel e ao casal Pierre e Marie Curie o Prêmio Nobel de Física de 1903) — base, ao mesmo tempo, para a obtenção de uma sonhada fonte de energia inesgotável e para a construção de um artefato bélico que colocará a humanidade, em 1945, frente a uma antevisão do apocalipse. No campo da biologia e da medicina fazem-se avanços gigantescos: como consequência das descobertas de cientistas como Darwin, Pasteur, Lister, Koch e Grassi, já se permite, por exemplo, reduzir substancialmente os índices de mortalidade materna por infecção puerperal e infantil por infecções perinatais; aumentam muito as chances de sobrevivência daqueles que têm que se submeter a uma cirurgia; o domínio teórico dos ciclos de reprodução dos diferentes microorganismos possibilita a identificação dos agentes causadores de doenças como o tétano, a difteria, a cólera, a malária, a febre amarela — fornecendo a base para a obtenção de novas vacinas e fundamentando as medidas de saneamento que até então eram aplicadas de maneira empírica.

Para a contextualização específica de nossa pesquisa (envolvendo aspectos relacionados com a circulação de agentes artístico-literários, político-ideológicos e histórico-sociais) é preciso conceder grande ênfase a aspectos que dizem respeito à modernização no campo das comunicações e dos transportes.

O Império testemunhara, a partir de 1854, a expansão de uma vital rede de estradas de ferro que em 1883 atingia Ribeirão Preto e em 1887 chegava a Franca,<sup>6</sup> ambas

---

5. Ao caracterizar o desenvolvimento da ciência (em todas as suas ramificações) ao longo do século XIX, Colin A. Ronan enfatiza: "a ciência começou a apresentar um aspecto mais público, na medida em que suas consequências práticas se tornavam mais evidentes na vida diária" — cf. *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge*, trad. de Jorge Enéas Fortes, São Paulo, Círculo do Livro, 1991, vol. IV, p. 7.

6. Cf. Odilon Nogueira de Matos, *Café e Ferrovias: A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira*, 4ª ed., Campinas, Pontes Editores, 1990, p. 99.

localizadas no "front" da expansão cafeeira pelo chamado Oeste Paulista — malha ferroviária que, na virada do século, permitiria a integração de praticamente toda a faixa litorânea do país. O aperfeiçoamento do telégrafo elétrico (e sua viabilização em longos percursos pela instalação de fiação paralela às vias férreas) permitira sua disseminação mundial já em meados do século XIX (em 1896 Marconi coroará suas próprias pesquisas sobre a radiofonia patenteando o "telégrafo sem fio"); em 1874, por iniciativa de Mauá, inaugurara-se o primeiro cabo submarino que colocava o Brasil em comunicação direta com as potências do hemisfério norte, estabelecendo-se, cem anos antes do atual processo de "globalização", um processo igualmente revolucionário de sintonização do país com as chamadas "nações avançadas" do globo.<sup>7</sup>

O ano de 1897 em que *A Mensageira* tem sua publicação iniciada é considerado o ano da consolidação da república civilista<sup>8</sup> — fato que não pode deixar de ser correlacionado com o tom sereno, otimista e confiante que caracteriza, desde o começo, sua linha editorial.

---

7. Exemplos que ilustram bem a rapidez dessa modernização podem ser extraídos da biografia de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934): sua mudança para Campinas, em 1870, exigira que fizessem a viagem do Rio a Santos por mar e de Santos a São Paulo por ferrovia; de São Paulo a Jundiá o trajeto também se fazia por trem, mas as oito léguas da precária estrada de terra de Jundiá e Campinas demandara um outro dia de viagem em diligência. Em 1872 a via férrea chegava a Campinas, permitindo que fizessem compras na capital paulista retornando à casa no mesmo dia, de posse de novidades recém-lançadas no Rio ou recém-chegadas da Europa. Já em 1884 o pai da escritora, médico na cidade de Campinas, capacitava-se a receber chamados urgentes por telefone, atendendo-os com a utilização de um tífuri dirigido por ele próprio. Posteriormente, o marido da escritora se tornaria próspero agente de seguros, atividade que já podia ser exercida com base nos informes veiculados pelos cabos submarinos (vespertinos como o *Diário Popular* paulistano mantinham uma seção de telegramas de última hora, em que eram reproduzidas as cotações do dia nas principais praças européias e norte-americanas). No final do século, os transatlânticos a vapor que haviam substituído paulatinamente os veleiros permitiriam que os cariocas fizessem o percurso de ida e volta a Lisboa em um mês — enquanto a expedição de demarcação capitaneada por Luís Cruls, em 1892, necessitara de dois meses para percorrer a distância que separa o Rio de Janeiro do Planalto Central.

8. Estamos nos referindo basicamente a dois pontos que caracterizaram o último biênio da gestão de Prudente de Moraes: o final da Guerra de Canudos e o arquivamento da ameaça de um golpe militarista a partir do repúdio geral da nação à tentativa de assassinato do presidente, em novembro de 1897 — desfecho melancólico das ameaças explicitadas pelos jacobinistas desde meados de 1894 e marco do desmantelamento definitivo dos saudos da ditadura florianista. A questão de Canudos é tangenciada em *A Mensageira*, mesmo porque o massacre daqueles que ainda resistiam no arraial baiano já havia sido completado por ocasião do lançamento da revista — questão só mencionada eufemisticamente em nótulas e em crônicas dos seis primeiros números do periódico, de uma forma que não destoava das representações frequentemente disparatadas desse conflito na imprensa brasileira, como foi demonstrado por Walnice Nogueira Galvão nos capítulos introdutórios do livro *No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais — 4ª Expedição*, 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1977; já a complexa questão do jacobinismo é estudada por Suely Robles Reis de Queiroz em *Os Radicais da República (Jacobinismo: Ideologia e Ação — 1893-1897)*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1986 e por Wilma Peres Costa na monografia *Notas Preliminares sobre o Jacobinismo Brasileiro*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1985, nº 16 da série "Cadernos IFCH-Unicamp".



A segurança com que se posiciona de imediato a direção da revista estaria embasada, assim, na certeza de que o periódico circulará livremente, sem maiores riscos de cerceamento ideológico (isto é, sem os riscos de apreensão ou censura que haviam ameaçado a imprensa brasileira da primeira metade da década de 1890).

Mas é necessário lembrar, ainda, que a área de circulação por excelência de *A Mensageira* é delimitada pelo tripé Rio-São Paulo-Sul de Minas. No Rio "as coisas acontecem": a Capital Federal, centro decisório, é ao mesmo tempo a cidade portuária que funciona como nossa principal porta de entrada (e lá reside a redatora da "Carta do Rio", única coluna pessoal fixa que persistirá ao longo de todo o período de edição da revista, remetendo às leitoras do restante do Brasil impressões pessoais a respeito de temas variados que constituirão as "novidades" a serem comentadas ou debatidas pelo restante do país nas semanas seguintes). São Paulo é a cidade escolhida pela diretora de *A Mensageira*, Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944), para radicar-se definitivamente: por mais óbvia que pareça esta circunstância, é preciso salientar que a escritora mineira ainda é bem jovem (completou 30 anos em meados de 1897), mas já está estabelecida em São Paulo há cinco anos; ao falecer em Campinas, aos 77 anos de idade, terá transcorrido 2/3 de sua existência em território paulista. Do Sul de Minas provém o populoso clã (que engloba as famílias Almeida, Duarte, Brandão, Leite e Vilhena da Cunha) que fornece a Prisciliana o reforço proporcionado por diversas colaboradoras em potencial, grupo que se habilita a absorver parte não desprezível das assinaturas necessárias para manter a revista em funcionamento.<sup>9</sup>

---

9. Procedem do Vale do Sapucaí colaboradores como Amadeu de Queirós, Heráclito Viotti e Manuel Viotti; são naturais de outras regiões do Estado de Minas, ou nele residem, vários outros colaboradores: Áurea Pires (e seu pai Trajano Pires), Aurélio Neves, Bento Ernesto Júnior, Francisco Lins, José Joaquim Correia de Almeida, Maria Emília Lemos, Néelson de Sena e Samuel Porto. Do mencionado clã mineiro, chegam a ter trabalhos publicados na revista do casal de primos Prisciliana Duarte-Silvio de Almeida: Maria Clara da Cunha Santos (cujo nome de solteira era Maria Clara Vilhena da Cunha), Dolores Alcântara Vilhena de Araújo e Stella Lentz (tratando-se esta última, Stella Vilhena de Almeida Lentz, de uma irmã de Silvio). Mas existem menções a diversas outras personalidades que provavelmente poderiam se encarregar de fornecer textos aos primos "paulistanos": Clara Maria Vilhena da Cunha e Maria Vilhena (respectivamente irmã e cunhada de Maria Clara da Cunha Santos), Isaura Duarte de Oliveira, Maria Honória Duarte Feitosa e Americana Duarte (três irmãs de Prisciliana); numa situação de emergência, a diretora de *A Mensageira* poderia convocar as figuras conhecidas de outros parentes (tanto do sexo masculino como do sexo feminino), como seu tio materno Gabriel Osório de Almeida (1854-1926) ou seu cunhado (dela) Miguel Alves Feitosa, casado com uma irmã de Prisciliana, a já referida Maria Honória Duarte — ou ainda os experimentados jornalistas, seus primos, do clã Morais Sarmento, procedentes de Moji-Mirim mas longamente estabelecidos em Campinas (aí se incluindo uma prima ilustre, Josefina Sarmento Barbosa, professora particular renomada, considerada "a primeira jornalista de Campinas"). É significativo que a importância do estabelecimento de uma rede de sustentação por intermédio de vínculos de parentesco seja um dos assuntos salientados pela obra *Instituições Republicanas Mineiras* (Belo Horizonte, Editora Lemi-Faculdade de Direito da UFMG, 1978, pp. 77-83), na qual Silveira Neto recapitula considerações de Cid Rebelo Horta a respeito da configuração clânica das estruturas de poder vigentes na Minas Gerais do final do século XIX.

É preciso frisar, no entanto, que a antiga província mineira, vista como um todo, apresenta características próprias de desenvolvimento, diferentes daquelas que regem a evolução de seus vizinhos São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo — pois, à redução da mineração a níveis vegetativos, a partir do início do século XIX, sucede-se o estabelecimento de uma economia de base agropecuária diversificada (envolvendo não só as atividades pastoris como a manutenção de culturas de subsistência associadas à produção de tabaco, algodão, cana e café em níveis suficientes para sustentar uma atividade mercantil intensa), sem que se configure predomínio de atividade exportadora cafeeira, como se registrava no restante da região Sudeste da segunda metade do século XIX.<sup>10</sup>

Só nos últimos anos desse século é que ocorrerá a expansão dos cafezais pelas regiões meridionais do Estado (Zona da Mata e Sul de Minas), processo que facilitará a integração dessas regiões ao mar de café que as circunda; a mão-de-obra utilizada para essa expansão também se diferencia, no caso mineiro, da inesgotável mão-de-obra proporcionada pela imigração, empregada de modo maciço na cultura cafeeira paulista, fluminense e capixaba: em Minas, emprega-se predominantemente, até os últimos anos do Oitocentos, os braços excedentes proporcionados pela massa de ex-escravos (ou filhos de escravos, beneficiados pela Lei do Ventre Livre) uniformemente distribuída por todo o território mineiro.<sup>11</sup> Pois nessa particularidade reside, especificamente, um dos aspectos diferenciais que melhor caracterizam a população mineira do final do Império: a distribuição homogênea dessa população pelo território da província que constituirá, aliás, o mais populoso Estado da República nascente em 1889,<sup>12</sup> enquanto a província paulista aparece,

---

10. Os reflexos dessas características econômicas sobre a "cultura mineira" como um todo são analisados pelo historiador e sociólogo João Dornas Filho (1902-1962), na obra *Aspectos da Economia Colonial*, Rio de Janeiro, Editora Biblioteca do Exército, 1958. O assunto, já abordado por Oliveira Viana em 1920, como veremos adiante (no capítulo VI), é retomado pelo sociólogo alagoano Manuel Diégues Júnior (1912- ), no cap. 8 (pp. 235-271) de *Regiões Culturais do Brasil* (Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos-MEC, 1960).

11. Cf. Ana Lúcia Duarte Lanna no artigo "O Café e o Trabalho 'Livre' em Minas Gerais — 1870-1920", *Revista Brasileira de História* (São Paulo), editada pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História-Editora Marco Zero, vol. VI, nº 12, março-agosto de 1986, pp. 73-88.

12. Minas aparece no recenseamento de 1890 como o Estado mais populoso do Brasil, com seus três milhões de habitantes constituindo cerca de 1/5 dos aproximadamente 14 milhões e meio de brasileiros (cf. estatística do *Almanaque Brasileiro Garnier* para 1903, p. 78). Entre 1894 e 1897 estabelecem-se no território mineiro cerca de 50 mil imigrantes europeus (italianos, em sua maioria), cf. comentários de Ernâni Silva Bruno na *História do Brasil — Geral e Regional* (vol. IV: "Rio e Minas", p. 144), São Paulo, Editora Cultrix, 1967; esse autor mostra que assim como Ouro Preto surgira em função das necessidades da mineração, Belo Horizonte nasce das necessidades mais complexas geradas ao longo do século XIX.

nos mapas dessa mesma época, com toda a metade ocidental de seu território designada como "terra ignota", "terrenos desconhecidos" ou "terrenos pouco explorados".

Quanto ao eixo Rio-São Paulo, ao longo do qual se deslocam as duas principais redatoras de "A Mensageira", Prisciliana Duarte e sua prima Maria Clara, tem, em suas pontas, cidades que ostentam características muito bem diferenciadas. Nasceram ambas em meados do século XVI, em função da necessidade de se estabelecerem postos avançados de penetração pelo interior do Brasil a partir do porto de São Vicente (caso de São Paulo em 1554) ou da necessidade de manter a estratégica baía de Guanabara resguardada de ocupações aventureiras como a de Villegaignon (caso do Rio em 1565). Mas os objetivos essencialmente militares de sua fundação desdobram-se, nos três séculos e meio seguintes, em processos que conferem a uma e outra fisionomias bem distintas: o Rio sofre crescimento gradual, acomodando naturalmente uma população que atinge, por ocasião da Proclamação da República, 500 mil habitantes — população que vive, trabalha e se locomove dentro dos mesmos espaços situados entre o mar e a montanha, praticamente intocados desde a chegada da família real, no início do século;<sup>13</sup> a cidade de São Paulo, pelo contrário, se submete a transformações abruptas: saltando do crescimento vegetativo registrado entre 1836 e 1886 (cerca de 20 mil habitantes originais transformados em 50 mil, meio século depois) para os extraordinários 240 mil recenseados em 1900,<sup>14</sup> impõe-se uma reestruturação urbana que antecipa a remodelação que o Rio de Janeiro sofrerá na primeira década do século XX.

---

13. Cf. os capítulos "Posição Geográfica do Rio de Janeiro" (por Lysia Maria Cavalcanti Bernardes, pp. 19-28) e "As Administrações Municipais e o Desenvolvimento Urbano" (por José Oliveira Reis, pp. 125-161) do volume *Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade*, org. por Fernando Nascimento Silva (edição comemorativa do 4º centenário da cidade, Rio de Janeiro, Governo do Estado da Guanabara-Distribuidora Record, 1965). A remodelação da Capital Federal só ocorrerá no início do século XX, mais precisamente entre 1902 e 1906, período em que são somados os esforços modernizadores do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos; essa remodelação, no entanto, respeitará as linhas gerais dos contornos da baía de Guanabara e de seus arredores, favorecendo a preservação de uma "identidade histórica" praticamente ausente da cidade de São Paulo.

14. Cf. tabelas e mapas apresentados pela coletânea *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo* (São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980), especialmente pp. 129-136; notar que o brutal incremento da imigração nas décadas de 1880 e 1890 resulta, em 1900, numa cidade em que os estrangeiros compõem cerca de 50% da população. O estudo das transformações físicas sofridas pela capital paulista ao longo do Oitocentos é efetuado por Odilon Nogueira de Matos na monografia "A Cidade de São Paulo no Século XIX", pp. 39-75 do volume *A Evolução Urbana de São Paulo*, org. por Eurípedes Simões de Paula para a coleção da *Revista de História* (São Paulo, 1955). Ernâni Silva Bruno dedica boa parte de seu painel *História e Tradições da Cidade de São Paulo* (3ª ed., São Paulo, Editora Hucitec-Prefeitura do Município de São Paulo, 1984, 3 volumes) ao detalhamento desse mesmo período, cuja história social é sintetizada por Richard M. Morse no ensaio *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*, trad. de Maria Aparecida Madeira Kerbeg (São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954).

Na configuração da capital paulista percebe-se com facilidade a importância assumida pela construção de novas vias como a avenida Paulista e o viaduto do Chá (inauguradas respectivamente em 1891 e 1892).<sup>15</sup> enquanto a primeira abria caminho para a ocupação da zona sudoeste por espaçosos bairros residenciais recém-projetados, o viaduto do Chá permitia a integração definitiva entre o velho centro da cidade (cujo núcleo é delimitado pelo conhecido Triângulo formado pelas ruas Direita, São Bento e Quinze de Novembro) e a Cidade Nova, que já se estendia além-Anhangabaú, na direção noroeste, rumo aos novos bairros de Santa Ifigênia, Santa Cecília, Luz, Bom Retiro e Campos Elísios. Essa remodelação da cidade, feita paralelamente à substituição das precárias edificações de taipa por prédios de alvenaria, será completada, na primeira e na segunda década do século XX, com a canalização dos dois cursos d'água (Anhangabaú e Tamanduateí) que conferiam à São Paulo pré-republicana sua feição mais característica; associada ao ajardinamento da antiga várzea do Carmo e do velho vale do Anhangabaú, a inauguração do Teatro Municipal, em 1911 (coincidindo com a demolição da velha Sé), se faz numa urbe literalmente renovada, da qual os traços coloniais desapareceram por completo.

Se o Rio de Janeiro começa a se "afrancesar" (priorizando o embelezamento) já na virada do século, num processo que culminará com a construção da Avenida Central entre 1903 e 1906, coube a São Paulo antecipar-se na promoção de transformações ainda mais radicais (em que é priorizada a funcionalidade) que parecem justificar o emprego da expressão "ianqueificação" adotada por alguns cronistas de *A Mensageira* e a atribuição, à capital paulista, de características comparáveis às de uma "Chicago do Sul".<sup>16</sup>

---

15. O mapa de 1810 desenhado pelo capitão-engenheiro Rufino José Felizardo e Costa, conservado pelo Museu do Ipiranga (ver p. 155 de *O Museu Paulista da USP*, org. por Orlando Marques de Paiva, São Paulo, Banco Safra-Edições Melhoramentos, 1984) presta-se bem ao confronto com o mapa elaborado por Afonso Antônio de Freitas para o período 1800-1874 (encartado na 3ª edição de suas *Tradições e Reminiscências Paulistanas*, São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978). O fim de século aparece bem caracterizado nas plantas de Jules Martin (1890) e Gomes Cardim (1897), utilizadas por autores como Maria Cecília Naclério Homem, em *Higienópolis: Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano*, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1980, obra em que ambos os mapas aparecem em suas versões originais.

16. Situada às margens do lago Michigan, a cidade de Chicago (Illinois, EUA) sofreu crescimento acelerado na segunda metade do século XIX, tornando-se o mais importante porto fluvial do interior do país, escoando, absorvendo e transformando a produção agropecuária do Meio-Oeste; um incêndio destruiu a cidade em 1871, de modo que sua reconstrução, feita de maneira racional, à base de alvenaria (em substituição às antigas casas de madeira), associada à preservação de áreas verdes margeando o lago, tornaram-na padrão de urbe modernizada, apta a sediar novas indústrias e a absorver grandes contingentes de migrantes internos e de imigrantes estrangeiros; a cidade sediou, em 1893, a Exposição Universal Colombiana, comemorativa do quarto centenário do descobrimento da América — evento no qual o Brasil teve participação expressiva. Cf. verbete assinado por Lewis Harper Leech e Frederick Ferdinand Rex na *Encyclopaedia Britannica*, edição de 1956, Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc., 24 volumes: vol. V, pp. 447-456.

A caracterização de São Paulo como "cidade industrial" é, no entanto, muito prematura, pelo menos enquanto tratamos da cidade do final do século XIX: levantamentos datados exatamente de 1900 mostram que, à semelhança do Rio de Janeiro, a capital do nosso Estado ainda exibe uma industrialização incipiente, de reduzido peso relativo no cenário nacional,<sup>17</sup> essencialmente destinada ao consumo interno, essa produção industrial aparece de modo ainda bastante inexpressivo na pauta de exportação, na qual as remessas de fumo e cacau pela Bahia ou de borracha pelos estados amazônicos, por exemplo, assumem significado macro-econômico muito mais relevante.

Ou seja: a economia (tanto do Estado como da cidade) da São Paulo "fin de siècle" é mesmo movida a café, cuja produção atingira proporções inimagináveis; transformada em gigantesco entreposto do café escoado através do porto de Santos, a cidade de São Paulo se convertera em importante centro de comércio e de serviços, pólo de atração para novas levas de imigrantes e para investimentos ainda mais vultosos.<sup>18</sup>

Como é salientado por Richard Morse,<sup>19</sup> o Brasil Novo de que nos fala Marie Robinson Wright<sup>20</sup> irá requerer o preparo de uma elite dirigente bem mais aparelhada do que aquela formada pela velha Academia de Direito paulistana do largo de São Francisco

---

17. Utilizam-se de dados originais compilados por Antônio Francisco Bandeira Júnior os autores Luís Washington Vita ("A Industrialização em São Paulo", pp. 189-201 da coletânea *São Paulo: Espírito, Povo, Instituições*, org. por José Vicente Freitas Marcondes e Osmar Pimentel, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1968) e Heitor Ferreira Lima ("O Parque Industrial de São Paulo", pp. 113-131 de *São Paulo: Terra e Povo*, org. por Ernâni Sifva Bruno, Porto Alegre, Editora Globo, 1967), para demonstrar que, na virada de século paulistana, o único ramo industrial a absorver contingente significativo de mão-de-obra é o têxtil (50 mil colocações em 19 dos 165 estabelecimentos, número que aparecerá duplicado em 1907 e enormemente ampliado em 1920, quando será ultrapassada a cifra de 4 mil fábricas). Em "O Proletariado Industrial na Primeira República" (pp. 136-178 do vol. II de *O Brasil Republicano*, org. por Bóris Fausto, 2ª ed., São Paulo, Difusão Editorial, 1978), Paulo Sérgio Pinheiro esclarece que muitas dessas empresas correspondiam a indústrias caseiras ou artesanais (pequenas carpintarias, marcenarias, ferrarias, etc). Em *Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo* (São Paulo, Companhia Editora Nacional-Edusp, 1967), José Carlos Pereira limita o assunto (primórdios da industrialização paulistana) a cinco páginas (pp. 16-20) de seu livro.

18. A produção cafeeira estadual ultrapassa, em 1895, os 4 milhões de sacas de quatro arrobas; toda a produção agrícola paulista restante, somada (aí incluídos milho, feijão, arroz, fumo, algodão, açúcar, aguardente e álcool) não chega a igualar, em peso, esse montante. Cf. Jorge Martins Rodrigues, *São Paulo de Ontem e de Hoje*, São Paulo, Departamento de Cultura do Município de São Paulo, 1938, p. 93.

19. Obra citada, cap. III, item 1 ("A Época do Positivismo"), pp. 164-179.

20. Ver a epígrafe deste nosso cap. I. O célebre álbum de Marie Robinson Wright (*The New Brazil: Its Resources and Attractions — Historical, Descriptive, and Industrial*, Philadelphia, George Barrie & Son, 1901) é um in-fólio de 450 pp. magnificamente ilustrando, fornecendo aos estrangeiros a imagem ufanista de um país de recursos inesgotáveis, fadado a transformar-se numa das nações mais ricas e felizes do globo.

(entidade que no início de 1898 comemorava seu 70º ano de funcionamento): o cultivo da retórica bacharelesca e de uma jurisprudência exarada em português e latim dava lugar à elaboração de relatórios de máxima objetividade e à discussão de conjeturas científicas que remetiam a originais expressos em língua francesa, inglesa e alemã.

Se esteticamente essas novas tendências ainda se manifestam através da poesia parnasiana (aí se incluindo diferentes propostas para a formulação de uma poesia "científica" e objetiva) e da prosa realista ou naturalista,<sup>21</sup> no campo político-ideológico elas desembocavam, necessariamente, no liberalismo, no republicanismo e no positivismo.<sup>22</sup>

Assim, a introdução da doutrina comtiana no Brasil a partir de 1850, por alunos e docentes da Escola Militar do Rio de Janeiro, assinala o início do deslocamento da hegemonia no campo das idéias — algo que irá se traduzir por uma transferência gradual do poder, da área "humanística" dos bacharéis em direito (ainda atrelados a um antiquado ecletismo espiritualista) para a área "científica" dos médicos, engenheiros e oficiais militares (o que equivale a dizer, no âmbito especificamente paulistano, à ascensão do profissional médico ao plano da execução das iniciativas político-governamentais e culturais características da primeira década republicana).<sup>23</sup>

Na capital paulista dos anos 1890, a tendência positivista se faz representar por um grupo de militantes reunidos, em sua maior parte, em torno do médico e agrônomo

---

21. No vol. III de sua *A Literatura no Brasil* (2ª ed, Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1969), "Realismo-Naturalismo-Parnasianismo", pp. 1-16, Afrânio Coutinho destaca: "1870 marca no mundo uma revolução nas idéias e na vida, que levou os homens para o interesse e a devoção pelas coisas materiais (...): a elite apaixonou-se do darwinismo e da idéia da evolução, herança do romantismo e, de filosofia, o darwinismo tornou-se quase uma religião; o liberalismo cresceu e deu os seus frutos, nos planos político e econômico; o mundo e o pensamento mecanizaram-se, a religião tradicional recebeu um feroz assalto do livre-pensamento. Essa era do materialismo (1870-1900) foi uma continuação do iluminismo e do enciclopedismo do século XVIII e da Revolução, acreditou no 'progresso' indefinido e ascensional e no desenvolvimento constante da civilização mecânica e industrial. Acreditou no impulso humanitário, conciliando a educação da massa e o socialismo com o culto do poder político e da glória militar e nacional."

22. Para o período de publicação de *A Mensageira* (1897-1900) ainda é precoce falar-se — pelo menos em termos de capacidade efetiva de mobilização — nas tendências marxistas e anarquistas que marcarão as duas primeiras décadas da evolução política do Brasil novecentista; na virada do século ainda começa a se esboçar a atuação de líderes como o médico sergipano Silvério Fontes (1858-1928), um dos responsáveis pela redação final do Manifesto Socialista (São Paulo, 1902). Cf. Vamireh Chacon, *História das Idéias Socialistas no Brasil*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965, pp. 285-293.

23. Cf. João Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956, cap. III ("O Advento do Positivismo"), pp. 138-146.

fluminense Luís Pereira Barreto (1840-1923),<sup>24</sup> fundador não só do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894) como da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895);<sup>25</sup> se faz representar, igualmente, por um dos mais representativos teóricos do republicanismo do país: o campineiro Alberto Sales (1855-1904),<sup>26</sup> irmão de Manuel Ferraz de Campos Sales (1841-1913), eleito Presidente da República para o quadriênio 1898-1902.

Mas pode-se dizer que os horizontes intelectuais da São Paulo da virada do século ainda são bastante acanhados: se tomarmos por base a enumeração de instituições procedida por Alfredo Moreira Pinto em *A Cidade de S. Paulo em 1900*,<sup>27</sup> além da velha Faculdade de Direito os dois únicos estabelecimentos de ensino superior locais — as recém-instaladas Escola Politécnica e a Escola de Farmácia — ainda são entidades embrionárias; a Escola Normal já funciona em prédio apropriado (o recém-inaugurado edifício da praça da República), mas o Ginásio de São Paulo dos anos 1890 ainda continua funcionando precariamente num velho sobrado da travessa da Glória, na Liberdade; a rede particular de

---

24. Cf. verbete referente a Pereira Barreto no *Dicionário de História de São Paulo* de Antônio Barreto do Amaral (São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980, pp. 66-67). Notar ainda que a diretora da *Mensagem* está diretamente ligada a dois notórios membros dessa comunidade positivista paulistana: Sílvio de Almeida, laffittista, é marido de Prisciliana Duarte, enquanto Miguel Alves Feitosa, litreísta influente, é casado com uma irmã dela, Maria Honória Duarte (tanto Sílvio como Miguel foram incluídos por Ivan Lins no rol dos principais intelectuais "que agitaram em São Paulo, cada qual a seu modo, as idéias positivistas", cf. p. 147 de *História do Positivismo no Brasil*, 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967).

25. Significativamente, a categoria dos engenheiros, por essa época concentrados em torno da Politécnica do Rio de Janeiro, só constituirá um órgão de representação de classe em São Paulo no ano de 1916 (cf. o verbete "Instituto dos Engenheiros", pp. 249-250 do referido *Dicionário de História de São Paulo*).

26. Autor do *Catecismo Republicano* (1885), Alberto Sales divulga importantes textos teóricos antes de atuar como deputado federal nas representações parlamentares que se seguiram à Constituinte de 1890-1891; no biênio 1900-1901 ocupa a direção da Escola Normal de São Paulo, mas ao falecer já se encontrava isolado do fisiologismo político-partidário de que fora crítico rigoroso. João Ribeiro Júnior estuda sua biobibliografia em *Alberto Sales: Trajetória Intelectual e Pensamento Político*, São Paulo, Editora Convívio, 1983; em "Alberto Sales: Filósofo e Historiador", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXVIII, 1970, pp. 53-85, Roberto de Paula Leite fornece um perfil do qual destacamos a informação de que Comte, Stuart Mill, Littré e Spencer estão entre os pensadores que mais o influenciaram, sendo relevantes seus esforços para conciliar os pressupostos teóricos de Comte e de Spencer. Tanto Barreto como Sales fogem à classificação de "positivistas ortodoxos", na acepção de Cruz Costa e Ivan Lins.

27. As "Impressões de Viagem" *A Cidade de S. Paulo em 1900* foram editadas originalmente pela Imprensa Nacional em 1900 — utilizando-se, portanto, de dados colhidos nos últimos anos da década de 1890 (exatamente o período coberto pela revista *A Mensageira*). Por esse motivo, elas se tornam fonte de informação prioritária para a contextualização especificamente paulistana requerida pelos estudos institucionais e biográficos desta nossa pesquisa, distinguindo-se das demais obras de referência da época por somar as características objetivas de um almanaque às características subjetivas das obras memorialísticas, em que o autor tece interessantes comparações impressionísticas a respeito das entidades descritas, chegando a revelar, por exemplo, quem são os moradores mais notáveis dos principais logradouros paulistanos. Valemo-nos da reedição (2ª edição, 1979, fac-similada do original) do Governo do Estado de São Paulo.

escolas secundárias suplanta, com larga margem, o reduzido número de vagas garantido pelo Estado nesse mesmo nível.<sup>28</sup>

A presença cada vez mais sensível de estrangeiros de origem anglo-saxônica torna familiar a convivência do "novo paulistano" com associações, escolas e igrejas protestantes, mas tudo indica que o predomínio do catolicismo romano ainda seja quase absoluto. De qualquer modo, essa mesma heterogeneidade da população talvez sirva para explicar a proliferação de uma grande variedade de sociedades recreativas e a hipertrofia do setor de diversões públicas numa cidade em que a enumeração das associações culturais mal cobre uma página do livro de Alfredo Moreira Pinto.<sup>29</sup>

Se o movimento editorial do Rio de Janeiro ainda está, por essa época, ancorado na produção gráfica francesa e portuguesa (limitando-se as casas publicadoras como a Garnier e a Francisco Alves, na maioria dos casos, à comercialização de material produzido na Europa), pode-se dizer que a indústria livreira paulistana ainda não existe, restringindo-se a uma fabricação inconstante de folhetos ou de opúsculos pulverizada por pequenos estabelecimentos gráficos que aparecem e desaparecem com grande rapidez.<sup>30</sup>

---

28. Ao se referir a São Paulo como a uma autêntica "Atenas do Sul", no quarto número de *A Mensageira*, João Vieira de Almeida (titular da coluna "Crônica Onímoda") faz a ressalva de que ainda faltam à cidade uma Academia de Belas-Artes e um Conservatório de Música. Este último só será inaugurado (em sede provisória) em 1906 — e, em sede própria, na avenida São João, em outubro de 1909. Chega a surpreender os pesquisadores da área artística o fato de que a capital paulista só pôde contar com uma orquestra sinfônica própria em 1939; as vicissitudes relacionadas com esta e outras iniciativas (como a criação de corpos estáveis agregados ao Teatro Municipal de São Paulo, aí incluídos um Coral Lírico e um Corpo de Baile) são narradas pelo maestro Armando Belardi (1898-1989) em *Vocação e Arte: Memórias de uma Vida para a Música* (São Paulo, Casa Manon, 1986, pp. 69-77).

29. Cf. "Sociedades Científicas e Literárias", pp. 140-141 de *A Cidade de S. Paulo em 1900*. Ao historiar a primeira exibição paulistana de cinematógrafo, Máximo Barro fornece um corte transversal do setor, datado de meados de 1896 (cf. *A Primeira Sessão de Cinema em São Paulo*, São Paulo, Cinema em Close-Up, 1978). Apesar da grande quantidade de casas de espetáculos, a principal delas (o Teatro de São José, situado em frente à igreja de São Gonçalo) já vinha apresentando problemas estruturais que culminam com o incêndio que a destruiria em 1898; as numerosas companhias líricas e dramáticas que ali se revezavam passam a ocupar provisoriamente o preexistente Politeama ou o Teatro Santana (edificado em 1900), até a construção do Teatro Colombo (1908) e do segundo Teatro de São José (1909); essa multiplicação será praticamente encerrada pela inauguração do Municipal em 1911. Ver também Antônio Barreto do Amaral, *História dos Velhos Teatros de São Paulo*, São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979.

30. Cf. Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil: Sua História*, T. A. Queiroz Editora-Edusp, 1985, cap. XII ("O Crescimento da Atividade Editorial em São Paulo"), pp. 223-233. Enfatizando o papel pioneiro que será desempenhado por Monteiro Lobato já no início do século XX, esse autor refere-se com desalento à década de 1890 paulistana, nas pp. 231-232: "Se não houvesse outras razões, a própria rapidez da expansão da cidade nesse período deve ter sido hostil ao desenvolvimento cultural" — observação solidamente apoiada na evidência de que, na virada do século, a populosa cidade só tem oito livrarias.



É grande o número de periódicos (regra geral de baixa tiragem) publicados na cidade de São Paulo nos últimos anos do século XIX, sendo muitos deles publicados em língua estrangeira; os jornais diários em vernáculo limitam-se, no entanto, a sete: quatro matutinos (*Correio Paulistano*, *O Estado de São Paulo*, *O Comércio de São Paulo* e o *Diário Oficial*), dois vespertinos (*Diário Popular* e *A Platéia*) e uma folha distribuída no final do dia (*A Noite*).<sup>31</sup> Na área cultural, destacam-se, entre outros periódicos de circulação restrita, as novíssimas *Revista do Museu Paulista* e a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (ambas circulantes a partir de 1895).<sup>32</sup>

Cruzando-se os dados disponíveis em estudos de grande abrangência como aqueles efetuados por Antônio Barreto do Amaral<sup>33</sup> e por Heloisa de Faria Cruz,<sup>34</sup> é possível concluir que as revistas paulistanas mais bem-sucedidas do período 1897-1900 balizado pelo início e pelo término da publicação de *A Mensageira* são o quinzenário *A Boêmia* (1896-1900) e a "enciclopédia noticiosa, científica e literária" *O Arquivo Ilustrado* (1899-1904), de periodicidade semanal e depois mensal; ambas têm em comum os atributos de uma circulação mais ampla e de uma publicação sustentada (numa época em que boa parte dos lançamentos desaparecia logo após a publicação do primeiro número).

A afinidade maior com a nossa *A Mensageira* estaria, no entanto, numa faixa mais específica à qual pertenceram ainda, nos últimos anos do século XIX: a excelente *Revista Literária* de José Máximo Pinheiro Lima e do jovem Amadeu Amaral (semanário circulante em 1895),<sup>35</sup> a *Revista Azul* (publicação mensal circulante

---

31. Ver cap. VIII da mencionada *A Cidade de São Paulo em 1900*, pp. 137-139.

32. Cf. p. 137 do texto mencionado na nota anterior.

33. "Nossas Revistas de Cultura: Ensaio Histórico-Literário", monografia publicada pela *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), nº 174, referente a julho-setembro de 1968, pp. 125-175; o mesmo autor, Antônio Barreto do Amaral, faz importantes acréscimos àquela monografia em outro trabalho, "Reparos e Aditamentos à Obra 'A Imprensa Periódica de São Paulo'", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXXXI, referente ao ano de 1986, pp. 45-111.

34. Heloisa de Faria Cruz é a organizadora de *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana (1870-1930)*, São Paulo, Divisão de Arquivo do Estado, 1997.

35. Apesar de sua denominação restritiva, a *Revista Literária* extrapola o âmbito literário, servindo de veículo para a discussão de teorias estéticas e para a divulgação de um noticiário mais amplo a respeito da área artística (atingindo os campos musical e lírico-dramático, de artes plásticas, etc); ver o verbete dedicado a Amadeu Amaral em nosso Anexo V. Os seis números disponíveis no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo são suficientes para compor um perfil consistente desse periódico.

em 1896)<sup>36</sup> e *A Ceciliansa* (de circulação quinzenal, 1897-1899).<sup>37</sup>

É digno de nota o fato de que o corpo de colaboradores desses três periódicos apresenta diversos elementos em comum com relação àquele que dá sustentação a Prisciliana Duarte de Almeida em *A Mensageira* — motivo pelo qual os dados levantados por esta nossa pesquisa poderiam servir para instrumentar um interessante estudo interdisciplinar de confronto (com a participação de pesquisadores da área literária) que levasse em conta a complexidade do contexto cultural da São Paulo pré-modernista dos anos 1890; o estabelecimento mais preciso das identidades existentes entre essas quatro revistas, no âmbito literário, com certeza realçaria aquilo que *A Mensageira* tem de mais peculiar: o caráter "instrutivo", impregnado das intenções de catequese feminista que nem sempre se evidenciam à leitura superficial e subestimadora que costumamos associar ao nosso olhar ao mesmo tempo apressado e entendido de "cidadãos do século XXI".

---

36. Desta *Revista Azul*, Barreto do Amaral publica, na monografia citada, um descritivo (pp. 135-136) e o fac-símile da capa do primeiro número, correspondente a maio de 1896 (p. 175). Comparada com a *Revista Literária*, revela-se mesmo uma revista "de letras", no sentido mais estrito do termo; os cinco números da coleção conservada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (cobrindo o período de maio a setembro de 1896) corresponderiam à série completa deste mensário.

37. A respeito de *A Ceciliansa*, ver p. 85 do referido catálogo de Heloisa de Faria Cruz e as pp. 89-90 dos "Reparos e Aditamentos" de Barreto do Amaral, mencionados há pouco. A própria *A Mensageira* (na penúltima página do nº 28) se encarrega de divulgar esta revista que em 1899 era dirigida por um ainda adolescente Júlio Prestes (ver o verbete Albuquerque, Júlio Prestes de, no nosso Anexo V).

**II — A REVISTA "A MENSAGEIRA":  
SUAS CARACTERÍSTICAS;  
PROCEDIMENTOS PARA A OBTENÇÃO DE UM PERFIL DO PERIÓDICO**

*Não se vive de letras no Brasil, morre-se de letras, como se morre de febres ou de um insulto apoplético, ou de inanição, ou de qualquer outra desgraça que ataque irremediavelmente as preciosas fontes da vida. Morre-se; e todavia os incautos que desejam viver delas, das pérfidas letras, posto saibam que a triste verdade é aquela, deixam-se arrastar pelo poder fatal de uma fascinação invencível que os leva pelo caminho da glória e dos aplausos, ao inferno de padecimentos horríveis, ao cabo dos quais está a miséria e está a morte.*

CARLOS FERREIRA (1905): "Este ofício...", primeiro segmento da coletânea *Feituras e Feições*.

Incensado por seus contemporâneos como uma espécie de Castro Alves gaúcho, o poeta e dramaturgo Carlos Ferreira (1846-1913), por quem a poetisa Amália dos Passos Figueiroa (1845-1878) teria morrido de amores, abre aquela coletânea (na qual pretende salvar do esquecimento algumas de suas crônicas e críticas) com considerações ao mesmo tempo dramáticas e bem-humoradas, como esta que nos serviu de epígrafe.<sup>38</sup>

Tomando por base sua própria experiência, ele efetivamente só teria sobrevivido graças à sua incessante atividade jornalística e a expedientes como instalar um colégio em Pedreira (no interior do Estado de São Paulo) ou atuar como notário; a maior parte de sua produção teatral permaneceu inédita, embora tenha dado lucro a muitas companhias dramáticas; sua "literatura", propriamente dita, só lhe rendeu alguma glória efêmera e muitas humilhações e aborrecimentos.

Por essa época (1905) Ferreira já se preparava para discutir as bases da fundação da futura Academia Paulista de Letras (instalada em fins de 1909) com

---

38. *Feituras e Feições* foi editada pela Tipografia a Vapor Livro Azul, de Antônio Benedito de Castro Mendes, em Campinas, 1905 — na cidade onde Carlos Ferreira residira longamente e dirigira o jornal *Gazeta de Campinas* por mais de uma década, a partir de 1876.

Sílvio de Almeida e Prisciliana Duarte de Almeida. Mas é difícil imaginar que a gentil poetisa mineira de 1897 tenha ouvido do amigo gaúcho palavras de desânimo como aquelas, ao dispor-se a criar uma revista literária feminina que assumiria a denominação de *A Mensageira*.

A capital paulista dos últimos anos do século XIX carecia de publicações literárias e não possuía, àquela altura, nenhuma publicação que pudesse reivindicar o *status* de periódico feminino (ou feminista). Aquele momento exato, caracterizado pela consolidação da República civilista sob a vigilância de dois sucessivos mandatários paulistas (Prudente de Moraes e Campos Sales) e pelo surto de riqueza que prometia lançar a cidade de São Paulo a um plano até então reservado às cidades européias, parecia mais que apropriado para esse lançamento.

## II.1 — CARACTERÍSTICAS DA REVISTA

Situação rara com relação às coleções de periódicos paulistanos de cem anos atrás, dispomos ainda hoje de uma coleção completa da revista *A Mensageira*, graças à iniciativa de sua diretora (a referida Prisciliana Duarte de Almeida, 1867-1944), que fez em 1902 a doação dessa coleção à hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (entidade criada em 1894, à qual vinculava-se seu marido e primo Sílvio de Almeida). A reimpressão fac-similar (em grande tiragem) desse lote de exemplares pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, em 1987, tornou-a disponível para compra ou consulta em centenas de bibliotecas oficiais do nosso Estado.

Impressos em formato in-4° (em que eram publicados boa parte dos livros e das revistas literárias da época), de fácil manuseio, os 36 números de *A Mensageira* compõem dois volumes correspondentes aos dois anos de circulação da revista — os 24 primeiros fascículos (fase quinzenal do periódico, 15 de outubro de 1897 a 30 de setembro de 1898) formando o volume I; os 12 fascículos restantes (fase mensal, de fevereiro de 1899 a janeiro de 1900) formando o volume II. A interrupção de sua circulação por quatro meses — entre outubro de 1898 e janeiro de 1899 — corresponde ao período em que Prisciliana Duarte guardou luto pela morte do filhinho caçula (Bolívar, de um ano e meio de idade), falecido em outubro de 1898, conforme explicações publicadas no nº 25.

É importante frisar que inexistem estudos mais detidos a respeito do conteúdo da revista como um todo, seja sob o ponto de vista morfológico (literário ou bibliométrico) ou sob o ponto de vista analítico, sendo esse o maior desafio enfrentado pela mestranda no planejamento da presente dissertação. A referida reimpressão fac-similar de 1987 é precedida de poucas páginas de texto, nas quais a deputada federal Bete Mendes (à época Secretária da Cultura do governo estadual) se encarrega de fornecer uma breve apresentação, seguida de um sintético estudo (desdobrado por seis páginas), "*A Mensageira: Uma Contribuição Feminista*", assinado pela presidenta do Conselho Estadual da Condição Feminina, Zuleika Alambert.

Não se dispõem, igualmente, de dados precisos a respeito da tiragem da revista, sendo provável que ela estivesse situada entre os 500 e os 1000 exemplares (segundo Afonso Schmidt, era usual, na época, a tiragem mínima de 500 exemplares para periódicos do mesmo gênero),<sup>39</sup> a grande abrangência da área de circulação do periódico (inferida pelo registro de inúmeros jornais e revistas das mais diversas procedências geográficas, recebidos pela redação de *A Mensageira* no sistema de permuta) permite afirmar que a revista circulava, se não "de Norte a Sul do país", "do Nordeste ao Sul do país" — isto é, do Piauí ao Rio Grande do Sul; é igualmente provável que a viabilização de sua edição regular dependesse do fluxo de caixa proporcionado pelas assinaturas anuais (a 12 mil réis, conforme designado em todos os números da revista), mas exemplares avulsos (vendidos a um mil réis) também eram colocados à disposição dos interessados em São Paulo (na Casa Garraux e na Livraria Brazil, de Carlos Gerke, situada na rua de São Bento nº 80) e no Rio de Janeiro (na Casa de Músicas de Júlia Filippone, rua do Ouvidor nº 93). Contava-se ainda com representação no Rio (a cargo da colunista de *A Mensageira*, prima de Prisciliana Duarte, Maria Clara da Cunha Santos) e em Paris (na pessoa de Blanche Xavier de Carvalho, esposa de um conhecido jornalista socialista português, colaborador do *Diário Popular* paulistano e do carioca *O País*, que editava na capital francesa, nessa mesma época, a *Revue du Brésil*); há também menção à circulação da revista em Lisboa e de sua remessa ao Chile. E, de acordo com uma nota inserida no penúltimo número de *A Mensageira*, uma coleção completa do periódico foi exibida na gigantesca Exposição Universal de Paris/1900.

---

39. Cf. o cap. 89, "Jornaizinhos", pp. 143-144 de *São Paulo de Meus Amores*, coletânea de fragmentos autobiográficos de Afonso Schmidt (1890-1964); apesar de sua pouca idade, na época, esse escritor paulista já estava instalado na cidade de São Paulo nos primeiros anos do século XX, podendo ser considerado como testemunha pessoal do período. Segundo Schmidt, as gráficas paulistanas imprimiam 500 exemplares de obscuros periódicos improvisados por jovens autores por "modestos 40 mil réis".

O preço de 1\$000 (um mil réis) por exemplar avulso de *A Mensageira* não era barato (apesar da afirmativa nesse sentido feita Maria Clara na "Carta do Rio" do nº 16), equivalendo, a grosso modo, a aproximadamente R\$10,00 (dez reais) atuais — pois na época jornais como o diário paulistano *O Estado de São Paulo* eram comercializados a \$100 (cem réis), equivalentes a cerca de R\$1,00 de hoje.

À primeira vista, o periódico *não apresenta espaço publicitário*, como consta do catálogo de publicações paulistanas editado pelo Arquivo do Estado de São Paulo;<sup>40</sup> mas essa assertiva talvez só seja válida para publicidade veiculada no corpo da revista — pois localizamos (no nº 18) menção a uma "anúncio" de um determinado estabelecimento de ensino que talvez se refira à inserção de mensagens publicitárias na 4ª capa da revista, já que era comum, na época, a distribuição de revistas protegidas por sobrecapa de cartolina.

Menções a dificuldades financeiras para a manutenção do elegante padrão de impressão do periódico já surgem, aliás, no primeiro número, no texto em que Sílvio de Almeida parabeniza as redatoras de *A Mensageira* por sua tenacidade na luta contra um meio hostil, "entregue às mais estreitas cogitações da politicagem e do materialismo interesseiro". Reaparecerão numa nota do nº 25, em que Prisciliana Duarte justifica a ampliação da periodicidade da revista (que deixava de ser quinzenal para tornar-se mensal): "nós, que não contamos com auxiliares nem capital (...)". A suspensão "temporária" da publicação — conforme noticiado em seu último número — deve-se, certamente, às dificuldades relacionadas com sua manutenção; haja visto que, ao longo do segundo ano de circulação, não se conseguiu sustentar a promessa (anunciada no nº 25) de aumentar-se o número de páginas (originalmente fixado em 16).<sup>41</sup>

---

40. Ver p. 164 do livro mencionado na nota 34.

41. A elevação de 16 para 24 páginas por exemplar é sustentada nos quatro primeiros meses do Ano II (números 25, 26, 27 e 28): no nº 29, a paginação cai para 20, retornando às 16 páginas iniciais nos números 30 e 31; nova elevação para 20 no nº 32 também não se sustenta: os números 33, 34 e 35 são editados novamente com 16 páginas; a excepcional ampliação para 28 páginas no 36º e último número da revista é explicitamente justificada pela necessidade de desovarem-se os originais acumulados ao longo de seus últimos meses de circulação. Lembrando que essa instabilidade sugeria correlação com a notória instabilidade cambial do biênio 1898-1899 (algo que afetava diretamente os custos da importação de papel para impressão, visto que o papel produzido no Brasil por essa época destinava-se exclusivamente a uso mais grosseiro), consultamos o Anexo Estatístico da obra *O Encilhamento*, de Luiz Antonio Tannuri (São Paulo, co-edição Editora Hucitec-Funcamp, 1981, pp. 131-135). Fornecendo a evolução mês a mês das taxas de câmbio do período 1889-1900, as tabelas do referido anexo permitiram-nos confirmar a ocorrência de uma exata superposição (em relação inversa) entre preço do papel e número de páginas de *A Mensageira*. Engessadas por um valor constante (seja da assinatura, seja de um exemplar da revista, que permanece fixo o tempo todo), só restava às redatoras do periódico apelar para o recurso de "engrossar" ou "afinar" as edições de acordo com sua momentânea capacidade de compra da matéria-prima.

Na impossibilidade de remunerar entidades da qual recebem apoio (como a mencionada loja musical carioca da Viúva Filippone), a seção de notas, sob responsabilidade direta de Prisciliana Duarte, veiculava uma forma velada e sutil de publicidade — destacando, de tempos em tempos, as novidades em matéria de partituras musicais, contribuindo para a divulgação dos lançamentos mais recentes daquela casa impressora do Rio de Janeiro.

Não existe designação clara da tipografia responsável pela impressão da revista — mas os agradecimentos apresentados, no nº 36, ao mencionado Carlos Gerke (assim como a comparação que efetuamos com a paginação, com os tipos e com as vinhetas identicamente utilizados por esse mesmo impressor, em 1902, para a edição do ensaio de filologia *O Antigo Vernáculo*, de Sílvio de Almeida), permitem afirmar, com certeza, que a elogiada estampagem de *A Mensageira* era feita na "Typographia Brazil de Carlos Gerke", rua de São Bento nº 47).<sup>42</sup>

São dois os endereços fornecidos como sede da revista em seu período de circulação. O primeiro, correspondente ao primeiro ano de publicação (fins de 1897 até meados de setembro de 1898) foi: rua dos Estudantes nº 23, no bairro central da Liberdade (nas proximidades da capela da Santa Cruz dos Enforcados); o segundo, correspondente ao período restante (fins de setembro de 1898 até início de 1900): rua de Santa Ifigênia nº 57, no bairro central de Santa Ifigênia, a meio caminho entre o Vale do Anhangabaú e o novo bairro dos Campos Elísios. Note-se que esses endereços correspondem às residências provisórias do casal de primos Sílvio e Prisciliana: ambos ainda são muito jovens (completarão 33 anos em 1900) e carentes de recursos, lutando para conseguir afirmar-se profissionalmente nos meios escolares locais, de acirrada concorrência.

Por volta de 1901, a família se transferirá, ainda provisoriamente, para o casarão em que se instala inicialmente o "Instituto Sylvio de Almeida, Internato e Externato" — nos Campos Elísios, rua Conselheiro Nébias nº 65 (antiga

---

42. Carlos Gerke mantinha, portanto, uma tipografia (localizada à Rua de São Bento nº 47) associada a um ponto de venda, a Livraria Brazil, situando-se este nas proximidades de sua oficina gráfica (rua Moreira César nº 80, o que equivale a dizer: rua de São Bento nº 80, pois "Moreira César" é a denominação temporariamente assumida, em 1897, por aquela tradicional via paulistana). A firma sucessora, denominada "Typographia Brazil, Rothschild & Co.", será a empresa responsável pela edição da coletânea poética *Sombras*, de Prisciliana Duarte de Almeida, em 1906.

numeração)<sup>43</sup> e, pouco tempo depois, para local definitivo, nos mesmos Campos Elísios, para um palacete situado na esquina da alameda Ribeiro da Silva com a alameda Barão de Piracicaba.<sup>44</sup>

Se verificarmos quais são as atividades profissionais desempenhadas pelo bacharel Sílvio de Almeida nesse mesmo período, constataremos que a localização de sua moradia será, sempre, funcional. Em 1897, já lente concursado da cadeira de português do recém-criado Ginásio do Estado, mora com a família junto ao largo da Forca (atual largo da Liberdade), nas proximidades da travessa da Glória, onde se encontra provisoriamente instalada aquela prestigiosa escola estadual. Em fins de 1898, mudando-se para a rua de Santa Ifigênia, antecipa-se em poucos meses à mudança do Ginásio do Estado para o recém-construído prédio do Liceu de Artes e Ofícios (o grande edifício da avenida Tiradentes que abriga, hoje, a Pinacoteca do Estado). A instalação de seu próprio instituto de educação ali perto, nos Campos Elísios, atenderá assim à conveniência de poder o professor deslocar-se livremente entre um e outro de seus dois locais de trabalho.

De certa forma, a recapitulação desses endereços serve para caracterizar a ininterrupta ascensão desse casal de mineiros na sociedade paulistana da virada do século: se é verdade que nasceram e morreram pobres, e só gozaram de algum conforto graças ao trabalho incessante, fala por si mesma essa trajetória topográfica, que parte do centro velho da cidade (rua dos Estudantes, aquém-Anhangabaú) para o centro novo (rua de Santa Ifigênia, além-Anhangabaú), para terminar nos aristocráticos Campos Elísios — bairro em que, no início do nosso século, a nova "intelligentsia" local (afamados artistas e artesãos, professores da Escola Normal, da Faculdade de Farmácia, da Politécnica e do Ginásio do Estado, engenheiros da São Paulo Railway e representantes diplomáticos) vem misturar-se aos filhos dos barões do café ali instalados desde o final do Império.

---

43. Um anúncio a respeito desse instituto educacional é publicado no *Almanaque Brasileiro Garnier para o Ano de 1905* (Rio de Janeiro, 1904, p. 45) — descrevendo-se as instalações do mesmo como "espaçoso e elegante prédio, com grande recreio arborizado".

44. Alameda Ribeiro da Silva nº 28 (antiga numeração: corresponde, na numeração atual, ao nº 180); mesmo transformado em cortiço, o palacete ainda permanece praticamente intacto em 1999. Aureliano Leite (1886-1976), primo dos Almeidas, chegou a residir nele, informando em suas memórias (*Páginas de uma Longa Vida*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1966, p. 32) que o grande sobrado — mansão construída originalmente pelo Barão do Rio Pardo (Antônio José Correia) — era alugado a Sílvio de Almeida por seu novo proprietário, Conde de Serra Negra (Manuel Ernesto da Conceição).



O aspecto elegante da revista é dado, pelo menos em parte, pela criteriosa escolha de vinhetas (motivos geométricos abstratos, motivos florais, querubins, pássaros, borboletas, moscas, libélulas, etc) que separam os textos e seções distribuídos em duas colunas por página — vinhetas que, associadas à sobriedade e à leveza dos tipos utilizados, conferem à *Mensageira* aspecto típico de uma publicação desenvolvida sob a estética "art nouveau" — uma revista para ser lida ao som de Fauré...

Não se pode afirmar, no entanto, tratar-se de uma "revista ilustrada": ao longo de todos os 36 números, só aparecem 6 ilustrações propriamente ditas — correspondentes, invariavelmente, aos retratos de personalidades homenageadas por Prisciliana Duarte.<sup>45</sup> A numeração sequencial das páginas<sup>46</sup> e a cuidadosa manutenção do mesmo padrão gráfico ao longo de todas as edições de *A Mensageira* denotam ainda a intenção de se montar coleções de textos — e não de se fazer mais uma revista descartável, em que os temas se sucederiam de maneira efêmera e aleatória.

A primeira impressão, de que temos pela frente uma revista "séria" — de textos que convidam à reflexão, e não ao entretenimento — é confirmada quando, numa análise mais detida, verificamos que faltam nela as costumeiras piadas, adivinhas ou charadas de rodapé que frequentemente enfeitam as publicações da época; a nota humorística irá se restringir ao conteúdo das próprias crônicas publicadas — em especial nos escritos de Maria Clara da Cunha Santos e de Maria Emília Lemos. Faltam, igualmente, textos que abordem formalmente eventos sociais, esportivos ou relacionados com as diferentes modalidades de diversões públicas. A cobertura relativa a exposições de artes plásticas ou a concertos de música erudita deve-se quase exclusivamente à afinidade pessoal da colunista Maria Clara

---

45. A primeira dessas ilustrações — única incluída no próprio corpo da revista — aparece no nº 7: estampando o retrato do pintor paulista Almeida Júnior, homenageia-se o artista na ocasião em que era apresentado ao público paulistano (no início de 1898) o épico painel "Partida da Monção"; todas as ilustrações seguintes — gravuras que reproduzem retratos, em litografia ou em metal — aparecem na página de rosto dos exemplares, correspondendo a homenagens similares: no nº 23, Prisciliana enaltece sua maior auxiliar redatorial, Maria Clara da Cunha Santos; no nº 26, celebra-se a edição do primeiro livro da jovem poetisa Áurea Pires, fluminense radicada no interior de Minas, vista na época como a mais talentosa encarnação da novíssima geração; no nº 27, a homenageada é a estoica Madame Dreyfus, cuja tenacidade foi capaz de impor às autoridades judiciárias francesas a revisão do processo que condenara seu marido inocente à prisão perpétua; no nº 29 reconhece-se o talento ímpar da maior prosadora de sua geração, Júlia Lopes de Almeida; no nº 30, o homenageado é o dirigente do Hospital de Isolamento de São Paulo, dr. Cândido Espinheira.

46. Totalizam-se 384 páginas no Ano I (1897-1898) e 244 páginas no Ano II (1899-1900), gerando-se o montante de 628 páginas no cômputo global dos dois volumes.

por assuntos dessa natureza; não há espaço para a costumeira crítica lírico-dramática que recheia boa parte dos periódicos congêneres (como a *Revista Literária* que Amadeu Amaral manteve em São Paulo, em 1895), numa época em que espetáculos de ópera, teatro ou opereta ocupavam não uma única, mas várias casas exibidoras da capital paulista.

Também estão ausentes os assuntos que as grandes livrarias paulistas costumam classificar pragmaticamente, ainda hoje, como "coisas de mulher": sugestões para a manutenção do lar, conselhos sentimentais, receitas culinárias, trabalhos de agulha, moda, boas maneiras, noções elementares de puericultura. Questões relacionadas com a educação infantil só são discutidas no plano teórico, pedagógico, propriamente dito — não apresentando, geralmente, caráter prescritivo.<sup>47</sup>

A ênfase, portanto, recai sobre os editoriais, não-assinados (ou em textos assinados, mas de caráter manifestamente programático e editorialístico); sobre a crítica literária (voltada, preferencialmente, para lançamentos recentes de livros escritos por mulheres); sobre as crônicas (notadamente sobre a coluna "Carta do Rio", mantida pela correspondente carioca da revista, Maria Clara da Cunha Santos); sobre os contos de diversas autoras, em especial aqueles da própria Maria Clara e os de Júlia Lopes; sobre os poemas de, entre outras, Prisciliana Duarte, Áurea Pires, Francisca Júlia, Júlia Cortines e Adelina Lopes Vieira (a área poética é aquela que inclui maior número de colaboradores masculinos, mas quase sempre em flagrante inferioridade qualitativa com relação à produção dessas poetisas já consagradas); sobre a eclética "Seleção" de trechos literários das mais variadas procedências, que muitas vezes assumem conotação doutrinária, feminista; mas também sobre o noticiário ("Notas Pequenas", a cargo de Prisciliana Duarte), que complementa a catequese proposta pela coluna "Seleção" ao enfatizar, sistematicamente, as conquistas femininas nacionais e internacionais nas mais diversas áreas profissionais.

---

47. Destoam da sobriedade da revista, constituindo exceção à regra geral de não se fornecer os costumeiros "conselhos às leitoras" (que infestam publicações femininas tanto do século XIX como do século XX) as intervenções de Maria Clara da Cunha Santos nos números 10 e 21 e de Adelina Lopes Vieira no número 28; coincidentemente, nessas três ocasiões as duas articulistas atendem à solicitação de moças que, estando noivas, pedem orientação a respeito da conduta que deverão adotar depois de casadas — obtendo, em resposta, considerações constrangedoramente óbvias e conformistas. Geram, igualmente, constrangimento e estranheza as tolas recomendações disciplinares aplicáveis a crianças e adolescentes fornecidas pela educadora catarinense Delminda Silveira nos números 11, 14, 19 e 23.

Embora as matérias fornecidas por colaboradores externos cheguem a superar, em alguns números, a metade do volume de algumas edições da revista, não são fornecidas regras precisas de normatização dessas contribuições. Os critérios de seleção do material recebido pela diretora de *A Mensageira* são, portanto, pessoais e subjetivos. Algumas diretrizes são, no entanto, explicitadas. Os colaboradores não recebem remuneração: há, no nº 19, uma observação de "Perpétua do Vale" (pseudônimo utilizado por Prisciliana Duarte) nesse sentido, numa ocasião em que a diretora da revista lamenta não poder manter um quadro de críticos profissionais, como seria de se desejar; no final do nº 2 a mesma Prisciliana já ressaltara (embora surjam posteriormente várias exceções para essa regra) sua intenção de só publicar matérias inéditas.

Uma leitura das entrelinhas das "Notas Pequenas" irá mostrar-nos, porém, que Prisciliana Duarte deve ter mantido correspondência volumosa e incessante na busca de colaboração inédita de penas femininas. Foi desse modo, por exemplo, que na época do nº 14 tomou conhecimento de que a contribuição solicitada a Maria Jucá só poderia ser atendida em caráter póstumo, pois essa poetisa alagoana havia falecido em 1895.

Não existe uma seção regular de cartas, destinada a estimular o diálogo da redação com as leitoras da revista (ou das leitoras entre si); esse tipo de coluna, transformado em verdadeiro sustentáculo de muitas das revistas femininas do século XX, seria visto com desconfiança, provavelmente, pelas famílias das consulentes, na medida em que acabaria expondo as signatárias das cartas remetidas à curiosidade ou à reprovação pública. As poucas cartas reproduzidas correspondem, regra geral, a intervenções de escritoras de peso — como Júlia Lopes de Almeida, Ibrantina Cardona, Inês Sabino ou Guiomar Torresão — textos geralmente utilizados como pontos de apoio por Prisciliana Duarte para a expansão dos horizontes geográficos e ideológicos do próprio periódico.

O registro de menções à própria revista surge (sob a epígrafe "A Mensageira") em muitas das edições que compõem o Ano I — revestindo-se de interesse especial para a pesquisa da repercussão obtida na imprensa por esse novo periódico. Embora sejam invariavelmente elogiosos — visto refletem uma cuidadosa filtragem efetuada pela própria diretora de *A Mensageira* — contêm frequentemente informações objetivas que elucidam o universo relacional de muitas das escritoras do período e, conseqüentemente, de sua inserção no universo literário nacional da época.

Através desses registros relativos a jornais e revistas — como também naqueles efetuados na seção final de *A Mensageira*, "Notas Pequenas" — é possível ainda traçar um perfil consistente da abrangência geográfica da distribuição do periódico, como já havíamos comentado.

Quanto ao registro de livros e revistas de publicação recente, voltado preferencialmente para obras femininas, verificamos que as breves menções contidas nas "Notas Pequenas" transformam-se muitas vezes em extensas críticas em que essas obras são esmiuçadas e comentadas, dando ocasião à manifestação de considerações de caráter estético e ideológico reveladoras do direcionamento que norteava o pensamento de Prisciliana Duarte e de seu círculo mais íntimo de colaboradores.

Desmentindo a afirmativa (feita no nº 2) de que *A Mensageira* só publicaria matérias inéditas, verificamos que as exceções a essa regra são em geral plenamente justificáveis: é o caso da reprodução integral de dois extensos editoriais do diário carioca *O País* (ambos intitulados "Direitos da Mulher", estampados nos números 35 e 36) referentes à polêmica questão do exercício da advocacia pelas mulheres brasileiras — ilustrada pelo caso de profissionais diplomadas que, inicialmente impedidas, foram logo em seguida liberadas para o desempenho regular de suas funções — conhecido episódio no qual o gênero feminino obteve, já na virada do século, uma de suas maiores conquistas civis.

## II.2 — PROCEDIMENTOS PARA A OBTENÇÃO DE UM PERFIL DO PERIÓDICO

Dando cumprimento a nossa proposta inicial de pesquisa, foram elaborados fichamentos, página a página, dos 36 números da revista — trabalho em que procuramos sintetizar o conteúdo dos diferentes textos, com a preocupação de esclarecer, ao mesmo tempo (com o auxílio de diversas fontes de referência), o significado de menções herméticas ou obscuras a eventos históricos e personalidades hoje praticamente esquecidas.

Assim, pudemos compor, em contraposição a um índice sumário de datação e a um índice geral da revista (apresentados respectivamente em nossos Anexos I e II), um analítico, detalhado em 72 páginas, do conteúdo da mesma (Anexo III).

Num segundo momento, tendo destacado sistematicamente, nesse trabalho de fichamento, com o emprego de letras maiúsculas, todas as menções a esta ou aquela

personalidade, pudemos compor, finalmente, um Índice Onomástico em que são arrolados mais de mil indivíduos<sup>48</sup> — com a designação do lugar exato da revista (volume, fascículo e página) em que aqueles nomes se localizam. Foi possível, assim, correlacionar dados isolados, tomados de diferentes pontos da revista, de maneira a permitir-se o estabelecimento de um perfil congruente desta ou daquela personalidade citada.<sup>49</sup>

No exemplo abaixo, temos um fragmento extraído de uma das últimas páginas da primeira versão (sumária) desse índice onomástico:

WHITNEY, Anne — II(36):219.

WISZNIEWSKA, PRINCESA de — v. PRINCESA DE WISZNIEWSKA.

WOLFF, Olga — II(25):23.

WORMS, Écila (pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida) — v. ALMEIDA, Júlia Lopes de.

WRIGHT, Marie Robinson (Mistress Marie Robinson Wright) — II(31):148; II(33):182-183.

Na versão definitiva do Anexo IV, cada entrada foi convertida num verbete em que são condensadas as principais informações obtidas não só dos próprios textos

---

48. Tratando sempre de personalidades de efetiva existência histórica, procedemos à exclusão sistemática de personagens de ficção ou de personalidades míticas, simbólicas ou metafóricas.

49. As complexas questões que envolvem a necessidade de se estabelecer critérios consistentes de ordenação, indexação e atualização ortográfica, assim como a padronização do tratamento concedido a nomes, sobrenomes, títulos e pseudônimos, foram contornadas pela mestrandia com o emprego da mesma sistemática adotada por Alexandre Eulálio no *Índice do "Dicionário Bibliográfico Brasileiro de Sacramento Blake"*, publicado sequencialmente pelos números 5, 6, 7 e 8 da *Revista do Livro* (Rio de Janeiro, 1957), editada pelo INL/MEC. Desse modo, garantiu-se a obtenção de verbetes unívocos, eliminando-se o risco de obterem-se para uma mesma pessoa múltiplos verbetes — o que ocorreria, por exemplo, na designação simultânea da colunista da "Carta do Rio" como Maria Clara (forma às vezes usada pela escritora para assinar seus textos), Maria Clara Vilhena da Cunha (seu nome de solteira), Maria Clara da Cunha Santos (seu nome de casada) ou ainda como "Senhora José Américo dos Santos" (a menção a esse erro não é casual: existem entre nós várias obras de referência que cometeram esse mesmo engano). Inspiramo-nos também no extraordinário mapeamento procedido por Flávio Pereira para a *História dos Fundadores do Império do Brasil* de Octavio Tarquínio de Sousa (Livreria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1960, 10 volumes) — de maneira que o décimo e último volume desse painel histórico é inteiramente ocupado por detalhados índices que conferem organicidade a uma obra incontornavelmente repetitiva e fragmentária. Mas o livro que forneceu um modelo completo para o estudo a que nos propusemos é o gaúcho *O Partenon Literário e Sua Obra*, organizado por Lothar F. Hessel para o Instituto Estadual do Livro (Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul), em co-edição com as Edições Flama, Porto Alegre, 1976 — texto modelar em que a célebre instituição da Sociedade Partenon Literário (1868-1885) é estudada através de sua revista (que circulou entre 1868 e 1879), por meio da elaboração de estudos monográficos dos diferentes gêneros abordados pelo periódico, reunidos nessa coletânea que culmina com a composição de um precioso dicionário biobibliográfico de colaboradores da *Revista do Partenon Literário*.

contidos na revista, como também de várias outras fontes primárias ou secundárias de referência;<sup>50</sup> reservaram-se para um anexo à parte (Anexo V: Dicionário Biobibliográfico de Colaboradores da Revista) os verbetes, bem mais extensos, destinados a compor um perfil mais completo da vida e da obra de cada um desses escritores caracterizados como colaboradores. Assim, a mesma entrada referente a Anne Whitney apresentada na página anterior ganhou a seguinte redação, na versão definitiva do nosso Índice Onomástico:

WHITNEY, Anne — escultora neoclássica norte-americana, nascida em meados do século XIX: fazia parte do círculo de mulheres escultoras procedentes dos EUA estabelecidas em Roma, do qual ainda participavam suas compatriotas Louisa Lander, Emma Stebbins e Edmonia Lewis, a maioria delas originária do Estado de Massachusetts; a veterana do grupo (a mais cotada de todas) era Harriet Goodhue Hosmer (1830-1908), estabelecida na capital italiana desde 1852, contando entre suas amigas as célebres escritoras George Sand e George Eliot; mas, segundo o historiador Russell Lynes, a artista mais talentosa e original das mencionadas seria a escultora mestiça, do Estado de Nova Iorque, Edmonia Lewis (c. 1845- ?), filha de pai negro e mãe índia; esse círculo, dependente de encomendas feitas pelos políticos e empresários norte-americanos, gravitava, na verdade, em torno do poeta, advogado, crítico de arte e escultor ianque (de Salem, Massachusetts) William Wetmore Story (1819-1895), imortalizado por seu amigo Nathaniel Hawthorne como personagem do romance "O Fauno de Mármore" (Story despendeu a metade de sua vida trabalhando na Itália) — II(36):219.

A evidenciação, no onomástico que compõe nosso Anexo IV, desse milhar de nomes mencionados ao longo dos dois anos completos de circulação de *A Mensageira*, permitiu, portanto, que fossem delimitados com precisão aqueles que pertencem — ou não — ao seletivo grupo de 74 colaboradores propriamente ditos da revista,<sup>51</sup> conforme listagem fornecida na página seguinte (na qual os nomes são fornecidos, à esquerda, na ordem alfabética de sobrenomes e, à direita, na ordem alfabética de seus prenomes). Os estudos biobibliográficos elaborados pela mestranda a respeito de cada uma dessas 74 personalidades (apresentados no Anexo V) permitiram esboçar um painel mais preciso que levasse em consideração a importância relativa de cada uma delas no contexto específico da própria publicação estudada ou em termos histórico-sociais mais amplos.

---

50. Partindo do pressuposto de que Prisciliana Duarte de Almeida tinha a intenção de transformar sua revista em instrumento de "instrução" feminista, como também em fonte de "casos exemplares" de mulheres profissionalmente bem-sucedidas, assumimos o princípio de que nenhuma referência nominal é casual, em *A Mensageira*. No verbete exibido como amostra, nesta página, temos um exemplo claro de como a menção a um único nome (o da escultora norte-americana Anne Whitney) pode servir de chave de acesso para um universo muito pouco desvendado, o das artes plásticas femininas do século XIX.

51. Adotando sempre a definição de "colaborador" em seu senso mais estrito — isto é, de escritor ou escritora que vê publicado por um determinado periódico ou coletânea um texto que foi remetido e submetido a seleção num ato livre e espontâneo, de vontade própria, acabamos por excluir desse rol poetisas como Amélia de Oliveira (que já havia tomado, por volta de 1890, a decisão de não permitir a divulgação de seus poemas) ou Maria Jucá (que, falecendo em 1895, tem seus versos publicados postumamente pela revista). Evitamos, dessa maneira, incorrer num erro frequentemente observado em almanaques do início do século XX — que arrolam, entre seus "colaboradores", os nomes de Madame de Pompadour, de Beaumarchais, Camões, e assim por diante.

Onomástico Reduzido

(Índice abrangendo exclusivamente os nomes dos 74 colaboradores de *A Mensageira*)

|   |  |
|---|--|
| AARÃO, Manuel   | ou: Adélia Jucá Casado Lima                                  |
| ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de                                 | Adelina Amélia Lopes Vieira                                  |
| ALMEIDA, João Vieira de                                       | Alberto Sousa  |
| ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE                       | Amadeu Amaral  |
| ALMEIDA, Júlia Lopes de (pseudônimo: Écila Worms)             | Amadeu de Queirós  |
| ALMEIDA, Prisciliana Duarte de (pseudônimo: Perpétua do Vale) | Anália Franco  |
| ALMEIDA, Sílvio de (Sílvio Tibiriçá de Almeida)               | Antero Bloem   |
| AMÁLIA, Narcisa   | Antônio dos Reis Carvalho (pseudônimo: Oscar d'Alva)         |
| AMARAL, Amadeu  | Antônio Peres Júnior   |
| ANDRADE, Artur  | Artur Andrade  |
| ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho                            | Augusto Álvaro de Carvalho Aranha                            |
| ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de                          | Áurea Pires  |
| AZEVEDO, Josefina Álvares de                                  | Aurélio Neves  |
| B.  | Aura de Sousa  |
| BARROS, V. M. de  | B.   |
| BARROSO, Francisco  | B. da Cunha  |
| BLOEM, Antero   | Belammino Carneiro (pseudônimo: C. Brunetto)                 |
| CARDONA, Ibrantina  | Benedito Ribeiro   |
| CARNEIRO, Belammino (pseudônimo: C. Brunetto)                 | Bento Ernesto Júnior   |
| CARVALHO, Antônio dos Reis (pseudônimo: Oscar d'Alva)         | Cândida Fortes   |
| CARVALHO, João Cândido de                                     | Carlos Dias Fernandes  |
| CARVALHO, Xavier de   | Carlos Góis  |
| CLOTILDE, Francisca   | Cipião Jucá  |
| CORREIA, Raul   | Damascoeno Vieira  |
| CORTINES, Júlia   | Delminda Silveira  |
| CUNHA, B. da  | Dolores Alcântara Vilhena de Araújo                          |
| ERNESTO JÚNIOR, Bento   | Edwiges R. de Sá Pereira                                     |
| FERNANDES, Carlos Dias  | Eugénie Potonié-Pierre                                       |
| FERREIRA, Ridelina (pseudônimo de Camila Riedel)              | Eurico de Góis   |
| FORTES, Cândida   | Francisca Clotilde   |
| FRANCO, Anália  | Francisca Júlia da Silva                                     |
| FREITAS, Leopoldo de  | Francisco Barroso  |
| GÓIS, Carlos  | Francisco Lins   |
| GÓIS, Eurico de   | Georgina Teixeira  |
| GONÇALVES, Ricardo Mendes                                     | Helena de Viveiros   |
| IPOMÉIA (pseudônimo)  | Heráclito Viotti   |
| JUCÁ, Adélia (Adélia Jucá Casado Lima)                        | Ibrantina Cardona  |
| JUCÁ, Cipião  | Inês Sabino  |
| LEMOS, Maria Emília   | Ipoméia (pseudônimo)   |
| LENTZ, Stella   | João Cândido de Carvalho                                     |
| LINS, Francisco   | João Vieira de Almeida                                       |
| MARTINS JÚNIOR, José Isidoro                                  | Josefina Álvares de Azevedo                                  |
| MELO, Revocata Heloísa de                                     | José Isidoro Martins Júnior                                  |
| MONTEIRO, Julieta de Melo                                     | José Joaquim Correia de Almeida, Padre                       |
| M.P.C.D. (iniciais de nome)                                   | Júlia Cortines   |
| NEVES, Aurélio  | Júlia Lopes de Almeida (pseudônimo: Écila Worms)             |
| P., OLGA  | Julieta de Melo Monteiro                                     |
| PERCE-NEIGE (pseudônimo)                                      | Júlio César da Silva   |
| PEREIRA, Edwiges R. de Sá                                     | Júlio Prestes de Albuquerque                                 |
| PERES JÚNIOR, Antônio   | Leopoldo de Freitas  |
| PIRES, Áurea  | Luis Pizarini  |
| PIRES, Trajano  | Manuel Aarão   |
| PISTARINI, Luis   | Manuel Viotti (pseudônimo: Elmano do Val)                    |
| PORTO, Samuel   | Maria Clara da Cunha Santos                                  |
| POTONIÉ-PIERRE, Eugénie                                       | Maria Emília Lemos   |
| QUEIRÓS, Amadeu de  | Maria Remotte  |
| RENNOTTE, Maria   | M.P.C.D. (iniciais de nome)                                  |
| RIBEIRO, Benedito   | Narcisa Amália   |
| ROLIM, Zelina   | Nelson de Sena (pseudônimo: Pelayo Serrano)                  |
| SABINO, Inês  | Olga P.  |
| SANTOS, Maria Clara da Cunha                                  | Perce-Neige (pseudônimo)                                     |
| SENA, Nelson de (pseudônimo: Pelayo Serrano)                  | Prisciliana Duarte de Almeida (pseudônimo: Perpétua do Vale) |
| SILVA, Francisca Júlia da                                     | Raul Correia   |
| SILVA, Júlio César da   | Revocata Heloísa de Melo                                     |
| SILVEIRA, Delminda  | Ricardo Mendes Gonçalves                                     |
| SOARES JÚNIOR   | Ridelina Ferreira (pseudônimo de Camila Riedel)              |
| SOUSA, Alberto  | Samuel Porto   |
| SOUSA, Aura de  | Sílvio Tibiriçá de Almeida                                   |
| TEIXEIRA, Georgina  | Soares Júnior  |
| VIEIRA, Adelina Amélia Lopes                                  | Stella Lentz   |
| VIEIRA, Damasceno   | Trajano Pires  |
| VIOTTI, Heráclito   | V. M. de Barros  |
| VIOTTI, Manuel (pseudônimo: Elmano do Val)                    | Xavier de Carvalho   |
| VIVEIROS, Helena de   | Zelina Rolim   |

Podemos adiantar, no entanto, que esses 74 colaboradores formam dois círculos concêntricos no qual é possível distinguir um pequeno grupo nuclear (de colaboradores geográfica e ideologicamente mais próximos de Prisciliana Duarte), daquele mais amplo (e mais abrangente), de colaboradores eventuais e descompromissados, desvinculados das preocupações feministas que caracterizam o sólido anel constituído pelos amigos mais íntimos da diretora da revista.

Considerando o conjunto de 74 pessoas como um todo, verificaremos que pouco mais da metade (41 indivíduos) é composta por homens.

Esse virtual predomínio de nomes masculinos não implica, porém, preponderância de sua colaboração: em volume, cerca de 3/4 ou 4/5 das matérias publicadas procedem de penas femininas. Mesmo porque, daquele montante de colaboradores masculinos, só uma dúzia se caracteriza pela regularidade: Alberto Sousa, Artur Andrade, Augusto Álvaro de Carvalho Aranha, Belarmino Carneiro ("C. Brunetto"), Damasceno Vieira, Eurico de Góis, João Cândido de Carvalho, João Vieira de Almeida, Manuel Viotti ("Elmano do Val"), Nélson de Sena ("Pelayo Serrano"), Sílvio de Almeida e Xavier de Carvalho.

Alguns deles merecem, no entanto, destaque especial: isto vale para os dois primeiros, ambos paulistas e ainda muito jovens, Alberto Sousa (1870-1927) e Artur Andrade (1872-1902) — críticos talentosos, afinados esteticamente e ideologicamente com o caráter progressista imprimido à revista por sua diretora; para os mineiros Manuel Viotti (1871-1958) e Nélson de Sena (1876-1952), que chegam a funcionar, na prática, como "alter egos" de Prisciliana Duarte, fornecendo-lhe colaboração útil e volumosa; para Sílvio de Almeida (1867-1924) — que era, como vimos, primo e marido da diretora de *A Mensageira*: poeta, bacharel e filólogo, professor secundário de renome, distingue-se por estar ideologicamente embasado no positivismo comtiano mais ortodoxo; para o professor João Vieira de Almeida (c. 1840-1912) — cujo perfil reacionário e ultramontano o distancia de todos os demais colaboradores da revista (na qual parece ter sido mantido, ao longo de todo o primeiro semestre de circulação, graças à sua amizade pessoal com o colega Sílvio de Almeida); e para um escritor europeu situado na outra ponta do espectro político-ideológico, o socialista Xavier de Carvalho (1862-1919), jornalista português radicado em Paris — a quem Prisciliana Duarte concede espaço sintomaticamente amplo (além de designar sua esposa, Blanche Xavier de Carvalho, representante da revista na capital francesa).



Ao contrário do bloco masculino — integrado por indivíduos cuja mobilidade geralmente impede sua identificação com este ou aquele grupamento regional<sup>52</sup> — o bloco dessas mulheres escritoras oitocentistas apresenta ainda grau de fixidez suficientes para caracterizá-las como nordestinas, sulinas e assim por diante.<sup>53</sup>

Excluídas dessa classificação as quatro autoras de origem desconhecida (Helena de Viveiros, Ipoméia, Olga P. e M. P. C. D., tratando-se esta última, ao que tudo indica, de um outro heterônimo adotado por Prisciliana Duarte de Almeida), identificam-se como nordestinas cinco delas (Adélia Jucá, Auta de Sousa, Edwiges de Sá Pereira, Francisca Clotilde e Perce-Neige) ou, como sulinas, outras quatro: a catarinense Delminda Silveira e as gaúchas Cândida Fortes, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo (transferindo-se Ridelina Ferreira, nascida no Rio Grande do Sul, para o conjunto das fluminenses, em correspondência com o local em que a referida escritora se radicou).

As escritoras estrangeiras são representadas, na verdade, por uma única colaboradora: Eugénie Potonié-Pierre (residente em Paris); a médica belga Maria Renotte situa-se melhor entre as moradoras da capital paulista, cidade onde passou a maior parte de sua vida — em situação análoga à da lisboeta Adelina Amélia Lopes Vieira com relação ao Rio de Janeiro. Das outras duas portuguesas frequentemente apontadas como colaboradoras de *A Mensageira* (Maria Amália Vaz de Carvalho e Guiomar Torresão, que foram objeto de especial atenção de nossa parte em verbetes incluídos no Anexo IV), nenhuma delas preenche os requisitos definidos na nota 51: Maria Amália tem textos reproduzidos pela revista, mas não remeteu nenhuma matéria exclusiva; a "colaboração" da grande Guiomar Torresão limita-se ao envio de uma cartinha datada do início de 1898 (na qual se referia de fato à remessa posterior de colaboração formal, mas essa promessa foi truncada pelo falecimento da escritora em outubro do mesmo ano).

Do montante de 33 colaboradoras restam, portanto, 19 — que podem ser distribuídas de maneira quase equilibrada pelos dois subconjuntos que dão sustentação

---

52. Nesse bloco masculino, o paraibano Carlos Dias Fernandes parece ser aquele que ostenta de modo mais evidente (e exagerado) essa mobilidade.

53. Nesse sentido, de todas as mulheres escritoras brasileiras incluídas entre as colaboradoras de *A Mensageira*, aquelas que apresentam o padrão mais "masculino" (de mais acentuada mobilidade) com maior evidência são Anália Franco e Júlia Lopes de Almeida — circunstância que coincide, como veremos adiante, com a qualificação de ambas como as "mais realizadoras" do grupo feminino enfocado.

mais assídua e mais efetiva ao periódico: o primeiro abrangendo as 10 mineiras, paulistas e paulistanas, aí incluída a própria diretora de *A Mensageira*, Prisciliana Duarte de Almeida; o segundo compreendendo as 9 cariocas e fluminenses (de origem ou de adoção).

Do subconjunto de mineiras e paulistas, permanecem radicadas em Minas Gerais, no período de colaboração considerado, apenas quatro escritoras: a poetisa Áurea Pires (nascida no Estado do Rio de Janeiro mas estabelecida em Minas), as primas Stella Lentz e Dolores Alcântara Vilhena de Araújo (membros do clã Vilhena da Cunha-Almeida) e a espirituosa cronista Maria Emília Lemos. A mineira-paulista Prisciliana Duarte de Almeida faz ponte entre esse quarteto e o grupo das paulistas propriamente ditas, que conta com a presença de duas jovens interioranas de grande projeção nos meios literários regionais, Francisca Júlia e Zalina Rolim. Ibrantina Cardona, nascida fluminense e gaúcha por adoção, torna-se uma paulista, na prática, pois residirá por muito tempo na região de Campinas; o mesmo ocorrerá com a fluminense Anália Franco e a belga Marie Renotte com relação à cidade de São Paulo: mais da metade de suas vidas transcorrerá na capital paulista.

O subconjunto das fluminenses e cariocas (em lato senso) abrange as três mais notórias veteranas do bloco feminino: Adelina Amélia Lopes Vieira, Josefina Álvares de Azevedo e a baiana Inês Sabino (todas elas nascidas nos anos 1850); são genuínas cariocas, por nascimento, apenas Júlia Lopes de Almeida e Georgina Teixeira. Entre elas, a situação mais peculiar é a de Maria Clara da Cunha Santos, nascida no Rio Grande do Sul, criada em Minas Gerais e radicada no Rio de Janeiro. Nasceram no interior da província fluminense as poetisas Narcisa Amália e Júlia Cortines — enquanto nela vem se estabelecer, ainda bem jovem, a gaúcha Ridelina Ferreira.

A maneira como essas mulheres escritoras (as 19 últimas, principalmente) se relacionam entre si e se articulam em torno da redação de *A Mensageira* será objeto de discussão no próximo capítulo — isto é, no final do texto destinado à caracterização da personalidade de Prisciliana Duarte de Almeida, em contraposição ao movimentado pano de fundo que lhe serve de contorno.

**III — A DIRETORA DA REVISTA:  
PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA (1867-1944) E  
SEU CÍRCULO DE COLABORADORAS**

*Há muito tempo, Vida, prometeste  
trazer ao meu caminho uma doida alegria  
feita de espírito e de chama,  
uma alegria transbordante, assim como esse  
alvo clarão que se irradia  
da orla festiva das enseadas,  
e entre reflexos de ouro se derrama  
do cântaro das madrugadas.*

*Eu, que nasci para um destino manso  
de coisas suaves, silenciosas, imprecisas,  
e que fico tão bem neste obscuro remanso  
onde apenas se infiltra um perfume de brisas,  
imagino a tremer: que seria de mim  
se essa alegria  
esplêndida, algum dia,  
houvesse surpreendido a minha inexperiência!...*

HENRIQUETA LISBOA (1936): Poema "Humildade",  
da coletânea poética *Velário*

Ao ler os versos da prima Henriqueta Lisboa (1904-1985) que compõem a epígrafe acima,<sup>54</sup> a quase septuagenária Prisciliana Duarte de 1936 deve ter se identificado duplamente: em primeiro lugar, reconhecendo seu próprio estilo nos versos da mocinha de Lambari que começava a ser aclamada como revelação nacional; em segundo, ao perceber neles uma espécie de retrospectiva das luzes e das sombras que haviam caracterizado a existência desta outra mineira, agora viúva, solitária e inapelavelmente distante (no tempo e no espaço) daquela Minas Gerais onde crescera feliz, cercada de uma multidão de irmãos, primos, tios e tias.

Mas se era possível identificar, no passado, um momento mais sustentado dessa "doida alegria feita de espírito e de chama" de que falava a prima Henriqueta, esse momento coincidia, sem dúvida, com o primeiro ano de circulação de sua revista *A Mensageira* — isto é, o período compreendido entre seu lançamento (outubro de 1897) e seu truncamento pela morte "quase que repentina" do filho caçula, Bolívar (ocorrida em outubro de 1898).

---

54. Parte integrante da coletânea *Velário* (que abrange versos do período 1930-1935, datando de 1936 seu lançamento), o poema "Humildade" foi extraído da seleta *Lírica* de Henriqueta Lisboa, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1958, pp. 11-12.

### III.1 — BIOGRAFIA DE PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

A magnífica poliantéia editada em 1920 em memória de Dom João Néri — religioso campineiro que foi sucessivamente primeiro bispo de Vitória (1897 a 1901), primeiro bispo de Pouso Alegre (entre 1901 e 1908) e primeiro bispo de Campinas (1908 a 1920) — fornece-nos, entre dezenas de outras reproduções fotográficas de boa qualidade, três preciosos flagrantes da cidade sul-mineira de Pouso Alegre, transformada, na virada do século, em sede de um novo bispado:<sup>55</sup> ao lado de uma visão interna da matriz local (então promovida a catedral, com a instalação do bispado) e de uma sugestiva tomada da procissão que saudava, diante da catedral, a posse de Dom Néri em 1901, tem-se uma vista da cidade, tomada do alto da igreja do Rosário — na qual o casario modesto (composto por edificações baixas, prédios de feição colonial de um único pavimento, de fachadas vazadas por janelas amplas e numerosas), esparrama-se, rarefeito, por espaços largos, contornado pelo perfil amorceado típico daquela região de Minas.

Por essa época, Pouso Alegre contava cerca de 10 mil habitantes,<sup>56</sup> superando a população de todas as outras (numerosas) pequenas cidades que a cercavam no Vale do Sapucaí.<sup>57</sup>

Temos nas palavras do pouso-alegrense Amadeu de Queirós (1873-1955)

---

55. João Batista Correia Néri (1863-1920) nasceu e morreu em Campinas; a referida poliantéia, *D. João Nery (1º Bispo de Campinas): Saudosa Homenagem à Sua Santa Memória*, foi editada na capital paulista, pelas Oficinas Graphicas Cardozo Filho & C., 1920; as três fotografias mencionadas encontram-se nas pp. 320-321 desse livro. A criação do bispado de Pouso Alegre — antecipada, aliás, pela própria revista *A Mensageira*, numa nota publicada no início de 1898 em I(10):160 — foi confirmada oficialmente por decreto do papa Leão XIII datado de 4 de agosto de 1900, transformando essa cidade na capital religiosa do Vale do Sapucaí (em detrimento de outras fortes candidatas, como Campanha e Itajubá); a posse do primeiro bispo, Dom Néri, ocorreu um ano depois da criação do bispado, em 21 de julho de 1901.

56. Esta informação também é fornecida em texto publicado em 1899 por *A Mensageira*, II(25):12, na matéria ("Notas Brasileiras: Cidades Mais Populosas da União") em que Néilson de Sena fornece um perfil da distribuição das populações urbanas do país no final do século XIX. A cidade mais populosa do Estado de Minas Gerais era, então, Juiz de Fora, com 20 mil habitantes. A nova capital (Belo Horizonte), com 12 mil, já superava, no final do século, os 10 mil habitantes de Ouro Preto, de Uberaba, de Diamantina, de Barbacena e de Pouso Alegre. Notar que mesmo a população de algumas capitais de Estados do Brasil, como Vitória e Florianópolis, ainda não havia ultrapassado a faixa dos 10 ou 12 mil habitantes.

57. Como vimos na nota 12 da nossa contextualização, Minas é o Estado que concentra o maior número de cidadãos brasileiros (com seus 3 milhões de habitantes abrangendo cerca de 1/5 da população do país, que possuía, na virada do século, cerca de 14.500.000 pessoas. O que particulariza, no entanto, o território mineiro, é a homogeneidade da densidade populacional, com sua gente uniformemente distribuída por um território de aproximadamente 600 mil quilômetros quadrados.

— que lá passou metade de sua vida e que foi, aliás, colaborador de *A Mensageira* — uma saborosa descrição da Pouso Alegre de sua infância (isto é, da pequena cidade dos anos 1880 igualmente testemunhados por Prisciliana Duarte em pessoa):<sup>58</sup>

Vivíamos lá muito apartados, sozinhos, olhando o mundo de longe, através de notícias atrasadas. Com a nossa crédula naturalidade, falávamos das setenta e duas léguas a que ficava Ouro Preto, distância que jamais se percorria naqueles tempos, mas se media de povoado em povoado, simples direção no rumo do norte, por onde se poderia alcançar, ousando-o a capital da Província. Ficávamos também a outras tantas léguas da Corte, na direção do mar. Desse lado, as nossas comunicações eram feitas pelas velhas estradas da Mantiqueira que, dobrando a sua grande cordilheira, vertiam para o vale do Paraíba, vagamente chamado Serra-Abaixo.

(...) Florestas, campos, serranias, ermos sem limite nos cercavam por todos os lados. (...) Estávamos a trinta léguas da estação Boa Vista, o ponto mais próximo da Estrada de Ferro Pedro II... (...) Viajava-se tradicionalmente a pé, a cavalo ou de liteira carregada por mulas, quando se tratava de conduzir velhos, crianças e doentes. (...) Todos possuíam cavalos e, às vezes, mais de um, cuidadosamente tratados em estrebarias particulares, destinados a viagens e passeios.

(...) Seria melancólica a existência em tão remotos lugares, se não estivéssemos tranquilamente habituados a ela, e se não vivéssemos por lá desde todos os tempos, com os olhos pregados nos mesmos horizontes, e se aquela mansa paisagem não nos pacificasse a alma e os dias, tolhendo-nos a imaginação e as ambições.

(...) Estendia-se Pouso Alegre espalhada no dorso das três colinas que descem longamente do norte e morre nas ribas tortuosas do Mandu [afluente do Sapucaí].

(...) Atravessando um vale aberto, três ruas desabitadas comunicavam o Largo com o Rosário, e no fundo do vale corria um córrego anônimo, coletor de enxurradas e divisor de classes, mantendo separados os dois bairros rivais — o lido e limpo, o analfabeto e o pé-rapado. Os habitantes do Largo, miolo da sociedade, gente de sapatos, bailes, pianos, jogos de prendas e roupas de alfaiate, afastavam-se afetadamente do povinho do Rosário. O povinho era a casca anônima da população: pedreiros e costureiras, vadios e engomadeiras, lavadeiras e toda a sorte de gente que vive do trabalho vário e miúdo. Numerosa gatinha, pobre e desarrumada, infalível em festas de rua e circo de cavalinhos, que não mandava nem era mandada.

O certo é que a falada separação social, entre o Largo e o Rosário, não passava de bazófia de um lado e timidez de outro. Sabíamos todos que as matronas do Largo não passavam sem a prestante amizade das quitadeiras e doceiras, comadres e conhecidas do Rosário, a quem costumavam visitar, em dias bonitos, acompanhadas do rancho da filharada. E as conhecidas e comadres, em retribuição, passavam os seus domingos nas casas do Largo, quando não eram chamadas a auxiliar nos enxovais de noivas, festas de casamento, partos, batizados e doenças de crianças.

Nascida em 1867 em Pouso Alegre, criada na não muito distante Jacutinga, é nessa bucólica cidade pitorescamente delineada por Amadeu de Queirós que Prisciliana Duarte (pertencente a uma das famílias mais tradicionais da região) transcorre sua adolescência e sua juventude, até o casamento, aos 25 anos de idade, época que coincidirá com sua transferência definitiva para o Estado de São Paulo.

---

58. Os trechos transcritos a seguir foram extraídos das pp. 8-14 da autobiografia de Amadeu de Queirós, postumamente divulgada: *Dos 7 aos 77*, São Paulo, Editora Cupolo, 1956.

Tendo detalhado, no verbete de nosso dicionário biobibliográfico (Anexo V), as minúcias relativas ao contexto sócio-familiar da escritora, vamos nos limitar, aqui, a esboçar, em quatro lances:

- 1º) os acontecimentos anteriores a seu casamento (ocorrido em 1892);
- 2º) o período em que, já estabelecida na capital paulista, dá à luz os três filhos (1893-1897) e publica a revista *A Mensageira* (1897-1900);
- 3º) os preparativos para a instalação da Academia Paulista de Letras (efetivada em 1909);
- 4º) o período de maturidade, seguido da viuvez em 1924 e dos vinte anos de solidão que se estenderão até sua morte, em 1944.

Reduzindo-se sua escolaridade aos conhecimentos adquiridos no próprio lar, Prisciliana Duarte pode ser considerada uma típica autodidata do século XIX — qualificação ao mesmo tempo enaltecadora e depreciativa, na medida em que essa condição constituirá impedimento, por exemplo, para que possa lecionar nas escolas públicas paulistanas, por falta de habilitação legal, específica para o magistério.

De qualquer modo, a família, cujo patriarca, o liberal Aureliano Batista Pinto de Almeida,<sup>59</sup> assume abertamente o direcionamento político-ideológico dos descendentes,

---

59. O tenente-coronel (da Guarda Nacional) Aureliano Batista Pinto de Almeida (nascido por volta de 1810) é avô, ao mesmo tempo, de Sílvio de Almeida, de Jorge Americano, de Aureliano Leite e de Prisciliana Duarte — e tio-avô da maior colaboradora desta, Maria Clara. Lembrando que esse velho advogado provisionado (que se utiliza com familiaridade do jargão positivista e é figura de certa influência na região) provinha da mesma Pouso Alegre que servira, em 1830, de centro de irradiação de idéias liberais (chegando a contar com o semanário do padre José Bento, *O Pregoeiro Constitucional*), Aureliano Leite publica uma de suas cartas no artigo "Duas Cartas Notáveis e Inéditas", da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. LXVIII (referente ao ano de 1970), pp. 45-52. Nessa carta, datada de "Pouso Alegre, 20 de março de 1888", o Aureliano avô, felicitando o neto pelo êxito nos estudos (Sílvio de Almeida acabava de efetivar sua sonhada matrícula na Faculdade de Direito de São Paulo, de onde sairá advogado em 1892), aproveita a oportunidade para criticar a monarquia e fazer propaganda em prol da abolição e da República: "Conquanto não tenha eu nascido Paulista deles descendo pelos lados paterno e materno; por isso, pois, não posso de modo algum ser indiferente às repetidas provas que está dando essa feliz Província de amor ao progresso e a todas as idéias elevadas e nobres, que caracterizam-na (...). Provera a Deus que, como ela, todas as outras de que se compõe este grande Império Bragantino se convençam, uma vez por todas, que nada mais têm a esperar, senão o atraso intelectual e moral, em que somente podem firmar-se e consolidar-se as Monarquias para que perdem. Oxalá (...) tenham elas reconhecido quanto nos tem sido fatal a Monarquia, e a necessidade que há de substituí-la pela Democracia, isto é, pelo governo do povo pelo povo, único capaz de fazer, como nos Estados Unidos, a felicidade deste nosso País. (...) Julgo que não está longe o dia de nossa regeneração; no entanto é preciso antes preparar o espírito público convenientemente para que não tenhamos a mesma sorte de tantos outros patriotas (...). Felizmente na questão que atualmente se agita, da abolição do elemento servil, começa a mover-se o Sul de Minas (...). Com tais prenúncios e não obstante a minha idade e o meu estado de saúde, é possível que eu seja ainda testemunha de nossa regeneração (...)".

é suficientemente letrada para estimulá-la ao exercício da escrita e da leitura. Assim, a adolescência da mocinha de Pouso Alegre é marcada pela convivência com o primo (e futuro marido), Sílvio de Almeida — poeta e estudioso da literatura clássica que tem sua mesma idade e que deverá seguir para o Rio de Janeiro por volta de 1885, em busca de estudos preparatórios que lhe permitam matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo (meta atingida no início de 1888). Em Pouso Alegre reside também, pelo menos até 1890, a prima (um ano mais velha) Maria Clara Vilhena da Cunha — que assumirá, depois de casada com o engenheiro José Américo dos Santos, o nome de Maria Clara da Cunha Santos.<sup>60</sup>

Os anos de ausência de Sílvio são preenchidos pelas duas primas com a edição de um jornalzinho quinzenal manuscrito, *O Colibri*,<sup>61</sup> cuja publicação se estende de 1886 a 1890.<sup>62</sup> Nesse meio tempo, ambas também se tornam colaboradoras de *A Família*, periódico mantido pela feminista Josefina Álvares de Azevedo.<sup>63</sup>

Em 1890, edita-se no Rio de Janeiro um livro que abrange, num mesmo volume, a produção poética de Prisciliana Duarte (*Rumorejos*) e Maria Clara Vilhena da Cunha (*Pirilampos*), impressa pela Typ. e Lithographia de C. G. da Silva, com prefácio da

---

60. Entrevistado no início de 1942, Amadeu de Queirós, com sua costumeira franqueza, confiança, quando lhe perguntam como foi que começou a escrever: "Não lhe sei dizer por certo. Sei que contava uns dezessete anos e que deve ter sido por influência de meu pai e de meus tios, que eram jornalistas, ou por inveja a uma companhia de literatos que operava lá em Pouso Alegre e da qual faziam parte Sílvio de Almeida, Prisciliana Duarte, Maria Clara da Cunha e os meus irmãos Humberto e Joaquim" — cf. Silveira Peixoto, *Falam os Escritores*, vol. II, 2ª ed., São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1971, pp. 168-169.

61. É a própria Prisciliana quem, numa nota de rodapé inserida no primeiro número de *A Mensageira*, fornece detalhes a respeito de *O Colibri*; nessa ocasião, ela ressalta que seu jornalzinho dos anos 1880 já tinha por objetivo "o engrandecimento moral e intelectual da mulher"; por essa mesma época as duas moças de Pouso Alegre já teriam consciência, portanto, da "grandeza da causa" (sic) que defendiam — algo que se encontra presente, de fato, nos textos das duas jovens mineiras publicados na final da década de 1880 pelo periódico feminista de Josefina Álvares de Azevedo *A Família* (editado na capital paulista entre 1888 e 1889, seguindo-se sua publicação no Rio de Janeiro a partir de meados de 1889). Cf. Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, *Mulheres de Ontem?: Rio de Janeiro — Século XIX*, São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1989 (pp. 146 e seguintes): essa pesquisadora transcreve diversos trechos assinados por Prisciliana e Maria Clara publicados originalmente pelo semanário de Josefina Álvares. As duas moças tiveram atuação notória na campanha abolicionista do Vale do Sapucaí.

62. O período exato de publicação de *O Colibri* é dado por Chiquinha Neves Lobo, no segmento dedicado a Prisciliana de Almeida (pp. 271-280) incluído em sua coletânea biográfica *Poetas de Minha Terra (1ª Série)*, editada em São Paulo pela Sociedade Imprensa Brasileira Brusco & Cia., 1947. Esta autora (cujo texto não está isento de incorreções) fornece detalhes — a respeito do final da vida de Prisciliana, especialmente — que não constam de nenhuma outra fonte, parecendo ter convivido pessoalmente com a poetisa nos anos 1930-1940.

63. V. nota 61.

escritora veterana Adelina Amélia Lopes Vieira (irmã mais velha de Júlia Lopes de Almeida) — que, apesar de portuguesa de nascimento, já atingira, naquele final de século, o *status* de poetisa-símbolo nacional.

A primeira (e única) coletânea poética de Sílvio de Almeida, intitulada *Efêmeras*, sairá em São Paulo pouco tempo depois (em 1893). Mas a essa altura Sílvio já estará bacharelado, casado com Prisciliana desde 1892 e residindo definitivamente na cidade de São Paulo. Não exerce, no entanto, a profissão de advogado: continua trabalhando como professor secundário, como já vinha fazendo desde sua instalação na capital paulista — e progride rapidamente nessa carreira, conquistando em 1895, por concurso público, uma das ambicionadas cátedras de português do novo Ginásio de São Paulo.<sup>64</sup>

É preciso salientar — já que este é um dos pontos de apoio do nacionalismo "interiorano" veiculado pela revista *A Mensageira* — que não existe defasagem entre o cultivo familiar das tradições mineiras (evidenciado nos textos publicados pelo periódico) e o paulistismo já denunciado nos termos com que o avô Aureliano se dirigia a Sílvio Tibiriçá de Almeida na referida carta de felicitações datada de 1888.<sup>65</sup>

---

64. Cf. matéria do *Almanaque do Município de Passos* (anuário de 1898) reproduzida em *A Mensageira*, I(9):143-144. O Ginásio do Estado de São Paulo foi criado em 1894 por Cesário Mota, na reestruturação geral do ensino paulista procedida no primeiro mandato de Presidente do Estado de Bernardino de Campos (1892 a 1896) — cf. Casemiro dos Reis Filho, *A Educação e a Ilusão Liberal: Origens da Escola Pública Paulista*, Campinas, Editora Autores Associados, 1995; na p. 176 deste livro, Reis Filho não só confirma a localização de Sílvio de Almeida entre os docentes daquela escola oficial como fornece o valor dos vencimentos atribuídos a cada docente concursado: seis contos de réis (6:000\$000) anuais, ou quinhentos mil réis (500\$000) mensais, quantia considerável, para a época. Notar que essa reestruturação do sistema escolar atrelava-se aos esforços desenvolvidos pelo novo governo republicano para a implantação de uma sólida, austera e democrática rede pública que deixasse definitivamente de lado as práticas elitistas e clientelistas que haviam caracterizado o período imperial. Embora influentes, as tradicionais famílias Vilhena da Cunha, Leite e Almeida, são destituídas de posses mais substanciais, dependendo, para sua sobrevivência, da ocupação de cargos burocráticos ou de sua associação com elementos da nobreza latifundiária (caso dos primos campineiros de Prisciliana Duarte, os Duarte de Camargo, associados à descendência da Viscondessa de Campinas — cujo filho, o Marquês de Três Rios, era um dos homens mais ricos do país). Isso vale de maneira especial para Sílvio de Almeida, cujo pai (Aureliano Batista Pinto de Almeida Filho, nascido em 1838 e falecido por volta de 1870) morrera muito jovem, pouco tempo depois de bacharelar-se em direito, em 1863, pela mesma academia cursada pelo filho, Sílvio. As dificuldades de manutenção da mãe (que é uma Vilhena da Cunha) são agravadas pelo fato de Sílvio não ser filho único: é o primogênito, tendo duas irmãs mais novas (que assumirão, depois de casadas, os nomes de Helena Torrents e de Stella Lentz). Assim, torna-se verossímil o testemunho de Aureliano Leite — em *Retratos a Pena (1ª Série)*, São Paulo, 1929, pp. 47-54 e nas pp. 22-33 de seu referido livro de memórias, *Páginas de uma Longa Vida* — no sentido de caracterizar a vinda de Sílvio de Almeida para São Paulo, ainda adolescente, em condições de penúria, como um ato heróico — pois sua sobrevivência dependeria do artifício de manter-se residindo nos colégios particulares em que lecionava, em troca de sua própria estadia.

65. Ver nota 59.



Com suas raízes remontando aos primeiros colonizadores da capitania paulista, o clã que abrange todas aquelas famílias se considera (de maneira quase mítica) descendente direto de dois caciques guaianás quinhentistas que estariam entre os mais antigos moradores do planalto de Piratininga, Tibiriçá e Piquerobi.<sup>66</sup>

A mineiridade desse clã remete, assim, a uma versão expandida da capitania de São Paulo original, do território de onde tinham partido, ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, as expedições de exploração e ocupação dos territórios situados na região central do país. Orgulham-se, portanto, de ter entre seus ascendentes o famoso "rei de São Paulo" seiscentista Amador Bueno e seu bisneto Amador Bueno da Veiga, comandante das tropas paulistas encarregadas de combater os emboabas em Minas<sup>67</sup> — ou ainda de terem na família uma trineta de Amador Bueno da Veiga, a semilendária Bárbara Eliodora.

Desse modo, não é de estranhar que sejam veiculadas no seio dessas famílias as reivindicações separatistas da região sul-mineira (ou, mais especificamente, do Vale do Sapucaí), cuja autonomia — ou anexação, pura e simples, à província paulista — já vinha sendo objeto de reivindicações que remontavam ao século XVIII e que chegaram a ser discutidas em pleno século XX. Aureliano Leite, que é um teórico do assunto e que foi um dos maiores entusiastas da Revolução Constitucionalista de 1932, fala longamente a esse respeito no livro dedicado à história da região de Ouro Fino (sua cidade natal, situada a meio caminho entre Pouso Alegre e a fronteira de São Paulo, cujos limites são estabelecidos, naquele trecho, pelas terras da mineira Jacutinga).<sup>68</sup>

---

66. A entronização de Tibiriçá e Piquerobi como seus ancestrais torna essas famílias mineiras "irmãs de sangue" de boa parte das famílias tradicionais paulistanas — o que equivale a dizer que Sílvio e Prisciliana podem se considerar primos de boa parte da nobiliarquia imperial paulista, começando pela matriarca Viridiana Prado e passando pelo conselheiro Antônio Prado (que ocupará a prefeitura da capital do Estado entre 1899 e 1910), como também incluindo o Presidente da República da virada do século, Campos Sales; na conferência "Tibiriçá: Patriarca da Raça Bandeirante", publicada nas pp. 284-290 da *Revista do Instituto de Estudos Genealógicos* (São Paulo), ano I, nº 2, 1937, Antônio Pompeu de Camargo faz o arrolamento de dezenas de notabilidades paulistas que teriam por ascendentes o cacique guaianás, nele inscrevendo o nome de Sílvio de Almeida.

67. Boa parte da biografia de Amador Bueno da Veiga (*O Cabo-Maior dos Paulistas na Guerra com os Emboabas*, São Paulo, Oficinas Gráficas das Edições Saraiva, 1961) de autoria de Aureliano Leite é ocupada pela genealogia dos descendentes desse líder militar paulistano. É digno de nota que a única menção à Guerra dos Emboabas em *A Mensageira* (numa referência às "belas tradições" que associam o caráter altivo da mulher paulista à valentia ostentada pelas matriarcas paulistanas do início do século XVIII) venha justamente de Prisciliana Duarte de Almeida, numa das "notas pequenas" do primeiro número da revista.

68. Ver Aureliano Leite — *São Francisco de Paula de Ouro Fino nas Minas Gerais*, São Paulo, Gráfica Sauer, 1940 (especialmente cap. III, pp. 53-66).

É interessante observar que os dois mencionados livros de estréia de Sílvio e de Prisciliana (respectivamente *Rumorejos*, 1890 e *Efêmeras*, 1893) já exibem indícios de um conflito latente entre aquilo que se desdobraria em *A Mensageira* como uma ardorosa defesa da tradição poética brasileira, romântica, popular e interiorana, por parte de Prisciliana — e a vigilância desempenhada por Sílvio no sentido de garantir obediência a cânones "modernos" e "científicos", de orientação cosmopolita, elitista, positivista e parnasiana (na acepção neoclássica de Sully Prudhomme) — assunto que voltaremos a abordar no final desta dissertação, ao tratar de alguns temas que surgirão mesclados com a questão do nacionalismo explicitado pelas colaboradoras da revista. Restrita essa divergência ao plano estético, este parece ser o único ponto de discordância entre ambos: a introvertida minuciosidade de Sílvio parece casar-se perfeitamente com o senso prático e a atividade incessante da esposa, continuamente ocupada com os múltiplos afazeres relacionados não só com a manutenção do lar como com tudo aquilo que se referia ao exercício do magistério público pelo marido e à manutenção de sua escola particular.<sup>69</sup>

Não se pode afirmar que Prisciliana Duarte tivesse funções didáticas propriamente ditas no Instituto Sílvio de Almeida. Mas seguramente chegou a acumular as funções de articulação entre o colégio (que mantinha parte de seus jovens alunos em regime de internato), o corpo de professores e as famílias dos alunos — o que equivale a atribuir-lhe funções simultâneas de secretária, recepcionista, bibliotecária e orientadora pedagógica.

Sua própria família não se limita, aliás, ao marido e aos três filhos, nascidos entre 1893 e 1897 (Tales, Leandro e Bolívar).<sup>70</sup> A hospedagem de parentes como o primo Aureliano Leite em sua residência não parece ter sido fato ocasional, pois no

---

69. Coincidindo com a impressão a respeito de Sílvio de Almeida transmitida por Aureliano Leite nos dois livros mencionados na nota 64, encontramos nas memórias escolares de Antônio de Almeida Prado (*Escolas de Ontem e de Hoje: Reminiscências e Evocações*, São Paulo, Editora Anhambi, 1961, pp. 87-88) uma vívida descrição da personalidade do professor; nascido em 1889, aluno adolescente do Instituto Sílvio de Almeida em 1906, Almeida Prado escreve: "A soma dos predicados intelectuais e morais que envolviam a personalidade de Sílvio de Almeida, o seu desapego às coisas materiais, criavam-lhe à volta uma espécie de teia literária que o impedia de tomar contacto com os aspectos práticos da vida cotidiana. Viviam mais dentro (...) de seus estudos filológicos do que no mundo palpável e real. Não conheceu nunca o valor do dinheiro. (...) Se lhe sobravam títulos de habilitação (...), faltava-lhe por completo a capacidade de organização e de administração (...). Era um hóspede dentro do seu próprio colégio."

70. Os nomes das três crianças já denunciam a filiação do pai ao positivismo mais ortodoxo: Leandro é o ancestral gramático grego do século II d. C., enquanto os dois últimos, Tales (o filósofo contemporâneo de Safo) e Bolívar (o libertador oitocentista) são "santos" do calendário positivista — isto é, personalidades históricas dignas de veneração e de imitação (análogas aos santos da igreja católica) por sua atuação exemplar.

anúncio do Instituto Sívio de Almeida datado de 1905 aparecem dois jovens irmãos de Prisciliana em meio aos professores do estabelecimento.<sup>71</sup>

O ano de 1897, que se abre sobre os meses finais da última gestação de Prisciliana Duarte (o filhinho caçula, Bolívar, nasce em abril) já está testemunhando, como vimos, uma situação de maior conforto e de tranquilidade financeira suficiente para dar asas ao acalentado projeto de iniciar-se, ao final daquele mesmo ano, a edição de uma revista literária feminina (e feminista), *A Mensageira*.

Contando com o respaldo financeiro do marido e do clã mineiro que deve garantir-lhe um bom número de assinaturas — além do apoio proporcionado pela presença permanente, no Rio de Janeiro, da prima-correspondente Maria Clara da Cunha Santos, a revista é lançada com êxito mensurável pelas transcrições, no próprio periódico, de grande número de menções elogiosas na imprensa nacional.

Gradativamente, aderem a ela tanto escritoras já consagradas como promissoras principiantes. Assim, aparecerão nas páginas de *A Mensageira*, entre 1897 e 1900, a prosadora Júlia Lopes de Almeida e sua irmã poetisa Adelina Amélia Lopes Vieira, a polígrafa baiana Inês Sabino, as paulistas Zalina Rolim e Francisca Júlia da Silva, a carioca Georgina Teixeira, as fluminenses Narcisa Amália, Anália Franco, Ibrantina Cardona, Júlia Cortines e Áurea Pires, a catarinense Delminda Silveira, as irmãs gaúchas Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro e as nordestinas Francisca Clotilde, Edwiges de Sá Pereira e Auta de Sousa — nominata que, sem esgotar a relação de mulheres colaboradoras, já basta para representar o que há de mais importante na literatura feminina nacional daquele final de século. Apoio estrategicamente importante é proporcionado ainda por alguns colaboradores do sexo masculino, como os jornalistas paulistas Alberto Sousa e Artur Andrade ou os mineiros Manuel Viotti ("Elmano do Val") e Néelson de Sena ("Pelayo Serrano").

O primeiro ano de circulação da revista, comemorado no nº 24, fecha-se em clima de euforia, testemunhado pelo editorial assinado por Prisciliana

---

71. Cf. *Almanaque Brasileiro Garnier para o Ano de 1905* (Rio de Janeiro), p. 45: os dois referidos irmãos de Prisciliana (que é a terceira de nove irmãos) são Mário Roberto Duarte e Paulo Roberto Duarte, que também se bacharelaram em direito e exercem o magistério particular enquanto estudam; segundo Almeida Prado (obra citada, p. 81) o mais velho dos dois, Paulo, lecionava geometria.

— "A Primeira Avançada" —, em que se faz um balanço positivo entre aquilo que se propunha *A Mensageira* no editorial-programa do primeiro número e aquilo que se obtivera ao longo de seu ano I.

Se houve sacrifícios — e certamente houve muitos, em especial sacrifícios pessoais da parte da própria Prisciliana — a diretora da revista considera que ela e sua equipe foram "sobejamente compensadas".

Ocorre então o imprevisível: nesse mesmo mês de outubro de 1898, adoece subitamente e morre (de doença infecto-contagiosa, presume-se) o filho caçula de Sílvio e Prisciliana, Bolívar. Trunca-se por quatro meses a publicação da revista, que só é retomada em meados de fevereiro de 1899. Prisciliana não se sente em condições de continuar mantendo o periódico no ritmo acelerado de quinzenário, transformando-o em mensário, com a promessa — insustentável no longo prazo<sup>72</sup> — de compensar a alteração da periodicidade com um aumento do número de páginas.

Nas primeiras edições do ano II, ainda é perceptível o esmorecimento do empenho com que *A Mensageira* fora mantida ao longo do primeiro ano de circulação, apesar dos esforços visíveis de Maria Clara para impulsioná-la adiante. Para o assinante, o atraso do número 30 (referente ao mês de julho mas só lançado em agosto), teria sido interpretado como indício de novo truncamento da publicação — mas a explicação vem a seguir: Sílvio e Prisciliana tiraram férias e foram passar um mês e meio no Rio de Janeiro.<sup>73</sup>

---

72. Ver nota 41.

73. Cf. o comentário de Maria Clara da Cunha Santos na coluna "Carta do Rio" do nº 30 — II(30):120. A essa altura é preciso refletir a respeito do significado que a perda do filho pode ter assumido do ponto de vista psicossocial. Morre, com apenas 18 meses de idade, o filho de uma feminista que vinha se dedicando, há exatamente um ano, à edição de uma revista recheada de escritos de "mulheres machonas" (essa expressão foi usada por dois notórios críticos literários da virada do século, Sílvio Romero e João Ribeiro — e denunciada, sem a citação de nomes, por Lúcio de Mendonça, ao tratar da não inclusão de Júlia Lopes de Almeida entre os fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897). A tentação de se correlacionar capciosamente a ocupação da mãe com um hipotético "abandono" da criança parece ser grande demais, especialmente entre aqueles, como o influente Olavo Bilac, que se opõem à presença feminina na imprensa. Teria Prisciliana escapado dessa impiedosa acusação de filicídio por negligência? Provavelmente não: no mesmo elogioso discurso com que o primo Aureliano Leite toma posse, em 1944, da cadeira que havia sido dela, na Academia que ela própria ajudara a organizar, a acusação ainda se encontra residualmente formulada, de maneira pouco sutil, na frase: "Prisciliana, roubando à maternidade momentos despreocupados, edita e redige a revista 'A Mensageira', de orientação inteligentemente feminista. Consegue, à custa, sabe lá Deus de quantos sacrifícios, mantê-la (...)" — ver pp. 87-88 do referido discurso de posse de Aureliano Leite, *Revista da Academia Paulista de Letras*, nº 29, correspondente ao trimestre março-maio de 1945.

Em fins de setembro de 1899, um novo fato funcionará como estímulo importante para a recolocação do periódico nos trilhos originais de palanque para reivindicações feministas: já bacharelada em direito, mas impedida de ter seu registro profissional efetivado pelo Instituto dos Advogados Brasileiros, a jovem doutora Mirtes de Campos obtém autorização do juiz Viveiros de Castro para defender um réu que está sendo julgado na Capital Federal, verificando-se, nessa ocasião, a primeira atuação pública, no Brasil, de uma mulher advogada — data histórica para o feminismo brasileiro (visto que, na França, a mesma reivindicação feita por Jeanne Chauvin, pouco tempo antes, não tinha sido atendida).<sup>74</sup>

Mas a periodicidade mensal afrouxa e dificulta a participação de *A Mensageira* numa campanha propriamente dita pela universalização daquilo que constituía apenas um ato da vontade pessoal de Viveiros de Castro. Ao iniciar-se o ano de 1900, o assunto já está definitivamente solucionado pelo parecer do Supremo Tribunal Federal que reafirmava o preceito do livre exercício profissional por todo e qualquer cidadão ou cidadã brasileiros, garantido pela Declaração de Direitos da Constituição de 1891. As preocupações de Prisciliana, nesse momento, limitam-se a seu desejo de colocar em dia a pauta da revista, sem deixar nada para trás, algo que exigirá a publicação de uma última edição (nº 36) excepcionalmente volumosa, de 28 páginas. A comunicação, numa das nótulas finais, de que *A Mensageira* "suspende temporariamente sua publicação" é dada em tom de despedida definitiva.

O século XX inicia-se com a retomada (já em 1901) de atividades pelo casal Sílvio e Prisciliana: instalado em seu colégio-residência no bairro dos Campos Elísios<sup>75</sup> e lecionando no Ginásio do Estado que acaba de se transferir para o inacabado prédio da avenida Tiradentes projetado por Ramos de Azevedo (prédio que hoje abriga a Pinacoteca

---

74. A respeito da doutora Jeanne Chauvin, ver o verbete do nosso Anexo IV. O assunto foi objeto, na época, de um indignado texto assinado pela "Condessa Diana" (provável pseudônimo de uma escritora portuguesa, tratando-se possivelmente da própria diretora da revista), publicado no periódico lisboeta *A Crônica*, de Guiomar Torresão (ano I, nº 17, datado de 20 de agosto de 1896, p. 136). O *Almanaque Brasileiro Garnier para o Ano de 1903* (Rio de Janeiro), pp. 218-220, volta a abordar o assunto num artigo de Moreira de Azevedo, "Tribunal do Júri" — no qual a primazia brasileira na solução de situação similar àquela registrada na França de meados da década de 1890 é reafirmada com ufanismo.

75. Ver nota 43. No referido *Escolas de Ontem e de Hoje* (ver nota 69), Almeida Prado documenta iconograficamente as mudanças de local do colégio de Sílvio de Almeida, apresentando desenhos que retratam os prédios da alameda Ribeiro da Silva e da rua Conselheiro Nébias respectivamente nas pp. 79 e 87. O Instituto Sílvio de Almeida chegou a ter um periódico próprio, o mensário *A Aurora* (folha de quatro páginas editada entre 1903 e 1904), que reaparecerá em 1909 com título diferente (*A Alvorada*).

do Estado), o professor colabora na revista literária mensal paulistana *A Fênix*;<sup>76</sup> ambos, Sílvio e Prisciliana, aparecem num mensário editado em São Paulo sob orientação de Francisco Rangel Pestana e José Maria Lisboa a partir de maio de 1902, *Educação*.<sup>77</sup> Neste último, o nome da poetisa aparece em meio aos nomes de "colaboradoras doutrinárias" (expressão usada por Barreto do Amaral), isto é, pedagogas — notórias educadoras como Marie Rennotte, Zalina Rolim, Anália Franco e Brasília Marcondes Buarque, conhecida professora de Pindamonhangaba estabelecida (com colégio próprio) na capital paulista.

A acumulação de experiências na área pedagógica permitirão a ela, pouco tempo depois, a montagem de duas coletâneas escolares, *Páginas Infantis* e *Livro das Aves*, ambas editadas em São Paulo, respectivamente em 1908 e 1914.<sup>78</sup>

Em 1902 tinha saído pela mesma Typographia Brazil de Carlos Gerke que imprimira toda a série de 36 edições de *A Mensageira*, o livro de Sílvio de Almeida (obra de filologia) *O Antigo Vernáculo* — e, em 1906, pela casa sucessora desta (Typographia Brazil, Rothschild & Co.), o segundo livro de versos de Prisciliana, *Sombras* — obra na qual o tom elegíaco se torna a nota predominante da arte poética da escritora.<sup>79</sup>

O casal prospera: ao renome crescente de seus dirigentes, associa-se

---

76. Ou, na ortografia da época, *A Phenix*, circulante a partir de junho de 1901 — cf. o mencionado catálogo *São Paulo em Revista*, p. 203.

77. Cf. p. 139 de "Nossas Revistas de Cultura", monografia de Antônio Barreto do Amaral já mencionada na nota 33. Em *Literatura Infantil Brasileira* (São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d, p. 139) Leonardo Arroyo comenta a importância assumida por esse periódico na introdução de idéias de renovação pedagógica que caracterizariam o início do século XX.

78. Essas duas coletâneas (a primeira composta de historietas, a segunda correspondendo a uma antologia temática em prosa e verso) tiveram um êxito que não se limitou à época em que foram lançadas: *Páginas Infantis* sofre sucessivas reedições com acréscimos, atingindo a 5ª edição em 1939; João Köpke, seu prefaciador, já orientara Zalina Rolim em 1897 na montagem da conhecida coletânea poética *Livro das Crianças* (o petropolitano Köpke, nascido em 1853 e falecido em 1926, cujo verbete biográfico foi incluído no nosso Anexo IV, encontra-se à frente de quase todas as experiências pedagógicas mais avançadas que tiveram lugar no território paulista ao final do século XIX: professor particular de renome, teve entre seus alunos mais famosos do início do século XX o intelectual Alceu Amoroso de Lima — que lhe dedica uma de suas crônicas memorialísticas, "João Köpke: O Primeiro Mestre", pp. 9-10 da coletânea *Companheiros de Viagem*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971).

79. Na verdade esse caráter elegíaco precede a morte do filho (falecido em 1898), estando presente já em alguns poemas bem anteriores — tom de tristeza estimulado, talvez, pela morte precoce do irmão Joaquim Roberto Duarte Júnior (nascido circa 1865 e falecido por volta de 1890), seu companheiro de infância, homenageado por Prisciliana com o poema "Nênia", datado de maio de 1894 e publicado originalmente na própria *A Mensageira*, I(5):79, em fins de 1897, antes de integrar a coletânea *Sombras*.

o sucesso do Instituto, que recebe alunos procedentes de uma vasta área que se estende por todo o Estado de São Paulo e pela região sul-mineira,<sup>80</sup> permitindo que se transfira para sua sede "definitiva" (ocupada mais ou menos entre 1905 e 1920) o colégio e a residência dos Duarte de Almeida — agora magnificamente instalados no palacete construído no final do século XIX pelo barão do Rio Pardo, localizado na esquina da alameda Ribeiro da Silva com alameda Barão de Piracicaba. O sobrado, muito espaçoso, permite a instalação do colégio de moços na ala de entrada (na Ribeiro da Silva), reservando-se a ala lateral, independente (voltada para a Barão de Piracicaba), para uso da família, aí incluídos os agregados como Aureliano Leite e os irmãos de Prisciliana.<sup>81</sup>

Por essa mesma época, o professor Sílvio inicia uma série de crônicas semanais, "Divagações", estampadas por vários anos seguidos pelo jornal *O Estado de S. Paulo* — série à qual irá se superpor, por algum tempo, a publicação da coluna "Palestras Filológicas", no *Diário Popular* paulistano, além de matérias remetidas ao diário campineiro *Cidade de Campinas*. Revistas nacionais e estrangeiras reproduzem os escritos esparsos do filólogo; todo esse material é cuidadosamente colecionado em álbuns organizados pela esposa e secretária.<sup>82</sup>

Dá-se então um outro fulgurante "momento de glória", registrado em 1909:

---

80. Em seu já mencionado livro de memórias, *Páginas de uma Longa Vida*, p. 27, Aureliano Leite mostra como alguns colégios paulistanos (entre eles o Instituto Sílvio de Almeida), dirigidos por profissionais mineiros, acabavam acarretando a composição predominantemente mineira de seu corpo docente e o preenchimento de vagas de internato por alunos igualmente procedentes de Minas Gerais. A construção de ferrovias por todo o Vale do Sapucaí, no início do século XX, ao invés de integrar a região ao restante do território daquele Estado, acabara reforçando os vínculos da região sul-mineira com Campinas e com a cidade de São Paulo.

81. Inexistindo biografias propriamente ditas, seja de Sílvio de Almeida, seja de Prisciliana Duarte de Almeida, estamos nos baseando em dados fornecidos fragmentariamente por autores como Aureliano Leite (em suas memórias, obra citada, principalmente pp. 22-37, no perfil de Sílvio de Almeida incluído no já mencionado *Retratos a Pena*, como também no mencionado discurso de posse, pp. 80-112 do n° 29 da *Revista da Academia Paulista de Letras*), Almeida Prado (no citado livro autobiográfico *Escolas de Ontem e de Hoje*, pp. 75-88) e Oliveira Ribeiro Neto (organizador da *Antologia Poética de Prisciliana Duarte de Almeida*, São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976 — volume que inclui o estudo introdutivo, de caráter biobibliográfico, "A Poesia de Prisciliana Duarte de Almeida"). Ribeiro Neto, nascido em 1908, residia com seus pais no bairro dos Campos Elísios, na alameda Barão de Piracicaba, em frente ao Instituto Sílvio de Almeida, tornando-se testemunha ocular da vida dos Almeidas na segunda década do século XX; mais tarde se tornaria aluno de Sílvio no Ginásio do Estado e amigo da família (e, dada a aquisição do palacete pelo pai, morador da casa que tinha servido de residência e lugar de trabalho para os Almeidas).

82. Cf. Leonardo Arroyo, autor de introdução e notas, além da seleção do volume *Estudos de Sílvio de Almeida*, coletânea divulgada por ocasião do centenário de nascimento do escritor mineiro (São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967), p. 9.

um grupo de intelectuais radicados na capital paulista reúne-se em torno do médico fluminense Joaquim José de Carvalho (1850-1918) para constituir a Academia Paulista de Letras (estruturada à maneira da Academia Francesa e da Academia Brasileira de Letras — sem a exclusão de mulheres, no entanto). Os encontros de preparação e de organização prévia da instituição ocorrem justamente em dependências do Instituto Sílvio de Almeida, culminando com a sessão solene de instalação efetuada no auditório do recém-inaugurado prédio próprio do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, na avenida São João.<sup>83</sup>

Tomando parte ativa no processo de composição do quadro de 40 acadêmicos, Prisciliana garante para si própria (numa iniciativa que não pode ser dissociada de sua pregação feminista)<sup>84</sup> uma das vagas de membros fundadores — a cadeira número 8, para a qual escolhe como patrona a tia-trisavó dela própria e de Sílvio, a célebre Bárbara Eliodora da São João del-Rei setecentista. Cercada por vários daqueles seus velhos amigos dos tempos de *A Mensageira* (como Amadeu Amaral, José Vicente Sobrinho e

---

83. Ver o histórico da fundação da Academia Paulista de Letras na introdução (pp. 1-13) do livro de Raimundo de Menezes *História Pitoresca de Quarenta Cadeiras (Anedotário da Academia Paulista de Letras)*, São Paulo, co-edição Editora Hucitec-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. O mesmo histórico encontra-se resumido no referido *Dicionário Literário Brasileiro* de Raimundo de Menezes, em verbete (pp. 731-733) de autoria de Oliveira Ribeiro Neto.

84. À época de Prisciliana, a misoginia imperante determinava a ocorrência de graves injustiças, como aquela ocorrida por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897: prosadora de renome, Júlia Lopes de Almeida teve seu nome lembrado para figurar na relação de fundadores da instituição, mas foi preterida em função de seu sexo. A este respeito, Lúcio de Mendonça informa, no artigo "A Três Júlias", do *Almanaque Brasileiro Garnier Para o Ano de 1907* (Rio, 1906), pp. 246-249: "Na fundação da Academia de Letras, era idéia de alguns de nós, como Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, admitirmos a gente do outro sexo; mas a idéia caiu, vivamente combatida por outros, irredutíveis inimigos das 'machonas', segundo a brutal denominação de um nosso ilustre confrade (...). Com tal exclusão, ficamos inibidos de oferecer a espíritos tão finamente literários como os das três Júlias o cenário em que poderiam brilhar a toda luz." As outras duas Júlias, também elas colaboradoras de *A Mensageira*, correspondem às poetisas Francisca Júlia da Silva e Júlia Cortines. Mais recentemente, seria Josué Montello quem, em artigo intitulado "Júlia Lopes de Almeida: Uma Romancista Carioca" (*Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, 1985, ano I, nº 3, pp. 114-119), retomaria a questão, esclarecendo que a inclusão de Filinto de Almeida, marido de Júlia Lopes, entre os membros fundadores, dera-se principalmente como forma de recompensar, na promoção do marido, a exclusão da esposa. Outro exemplo notório de machismo ocorreria em 1930, quando Amélia Bevilacqua quis se candidatar à vaga deixada pelo falecimento de Alfredo Pujol; desta vez, o caso teve grande repercussão na imprensa — mas prevaleceu novamente o princípio da "exclusão de mulheres". É João Ribeiro quem, em artigo publicado no *Jornal do Brasil*, edição de 5 de novembro de 1930 (reproduzido no vol. IV das "Obras de João Ribeiro", editado no Rio de Janeiro pela Academia Brasileira de Letras, 1959, pp. 39-41) relata o episódio, revelando-nos inclusive o nome dos acadêmicos que votaram contra essa candidatura. Neste mesmo artigo, Ribeiro lembra que, na época da fundação da Academia, também se propusera, para a categoria de sócia-correspondente, o nome da eminente filóloga Carolina Michaëlis, igualmente recusado pela maioria dos titulares. A entrada de mulheres na Academia Brasileira de Letras só se registrará, aliás, em ocasião absurdamente tardia (em 1977), com a eleição de Raquel de Queirós; e, mesmo hoje (em 1999), apesar de presidida por uma mulher (a escritora Nélida Piñon), de suas quarenta cadeiras apenas três são ocupadas por mulheres (as citadas Nélida e Raquel, mais a paulista Lygia Fagundes Telles).



Hipólito da Silva) ou de homens de letras que haviam atuado como notórios apoiadores da produção literária feminina da virada do século (Alberto Faria, Cláudio de Sousa e Carlos Ferreira), Prisciliana funciona como uma espécie de madrinha da festa, que se encerra justamente com a declamação, por ela mesma, de um poema composto especialmente para aquela ocasião.<sup>85</sup>

A década seguinte, correspondente aos anos 1910, começa mal, com a morte de Maria Clara da Cunha Santos em 1911. Mas a capacidade de produção de Sílvio e Prisciliana atinge o auge: enquanto ela prepara a volumosa antologia (já mencionada) *O Livro das Aves*, lançada em 1914, Sílvio tem editadas em 1913 mais duas obras, publicadas em São Paulo (*A Sistematização Ortográfica*) e em Lisboa (*A Máscara de um Poeta: Bernardim Ribeiro*); ficarão para divulgação póstuma, em 1925, os *Estudos Camonianos*, assunto predileto de suas preleções.<sup>86</sup> Em 1914, o professor Sílvio participa do 1º Congresso de História Nacional, convocado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio, setembro de 1914), apresentando o trabalho intitulado

---

85. A bem da verdade, é preciso esclarecer que — ao contrário do que se costuma propalar — Prisciliana Duarte não foi a pioneira absoluta da ocupação de uma cadeira nas modernas academias oficiais do Brasil: essa primazia cabe a Eurídice Natal e Silva (de quem muito pouco se sabe), que em 1904 não só participou da fundação da Academia de Letras de Goiás como foi imediatamente eleita, por aclamação, para o comando da instituição — tornando-se a primeira mulher brasileira a presidir uma academia literária. Corroboram esse seu pioneirismo a matéria publicada pelo *Almanaque Brasileiro Garnier para o ano de 1906* (p. 415) e as observações de Gilberto Mendonça Teles na p. 84 de *A Poesia em Goiás* (Goiânia, Universidade de Goiás, 1964); nas pp. 512 e 513 desse volume, a escritora goiana aparece caracterizada como prosadora (contista).

86. Fascinado por Camões desde a adolescência, Sílvio de Almeida reunira nesses *Estudos Camonianos* três de seus textos analíticos, aos quais acrescentou-se a transcrição de três comovidos necrológios divulgados originalmente pela imprensa nacional, logo após o falecimento do professor. Dessas três matérias, a de maior valor é aquela ("Adeus, Mestre") redigida com simplicidade e espontaneidade por um ex-aluno, Edvard Carmillo (1889-1963). Confirmando no professor o altruísmo que seus contemporâneos conheceram bem (os Almeidas chegaram a reservar um terço das vagas de seu colégio para ensino gratuito de alunos carentes), Carmillo retrata Sílvio de Almeida como "um professor excepcional: ensinava sem livros, sorrindo" — e acrescenta: "Na sua cátedra, nunca ninguém lhe notou a menor afetação, a mínima presunção, o mais leve vestígio de vaidade ou arrogância. A mocidade aprendeu com ele em dois compêndios inigualáveis, sempre abertos: a sua sabedoria, que era enorme; a sua bondade, que era imensa. (...) Sílvio de Almeida era feliz, a criatura mais feliz deste mundo, que ele só via através dos róseos vitrais da sua alma simples e boa. Para ele todos os homens eram sinceros, e a vida, esmola do céu, sempre generosa." É provável que a semelhança física entre marido e mulher (primos, eram fisionomicamente muito parecidos) fosse acompanhada de padrão semelhante de personalidade: de Prisciliana, Chiquinha Neves Lobo (obra citada, pp. 272 e 277) fala a respeito de "seu devotado amor às crianças, o que sempre foi o seu traço característico" — dizendo ainda que: "Seu corpo envelheceu, mas o espírito conservou-se jovem, amigo da mocidade, sempre com novos ideais. Quase octogenária, ainda seu coração jovem, palpitava pelas causas boas, vibrando diante de assuntos que os bons corações se interessam. Prisciliana era dotada de qualidades excepcionais, com a rara finura de espírito, inteligência brilhante e grandeza de sentimentos. (...) Na sociedade também soube conquistar grande número de amizades." Esta descrição também está muito próxima daquela correspondente a Júlia Lopes de Almeida feita por João do Rio e Humberto de Campos.

"Cancioneiro dos Bandeirantes",<sup>87</sup> que se abre com uma extensa referência à esposa e à apreciação feita por ela em 1898 do monumental quadro de Almeida Júnior *Partida da Monção* (nesse texto, em que é publicamente revelado que o pseudônimo "Perpétua do Vale" ocultava a identidade de Prisciliana, existem alusões às tradições familiares cultivadas pelos Almeidas e à estoica altivez da mulher paulista). Vale a pena lembrar que Sílvio de Almeida, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1894, é um dos pioneiros nos estudos folclóricos da zona de influência de São Paulo.

A virada das décadas de 1910-1920 já se faz em ritmo desacelerado: Sílvio, precocemente envelhecido, meio cego e ensurdecido, adoecia progressivamente (padecendo, possivelmente, do mesmo diabetes que acometeria a mulher, pois ambos procediam de uma família em que os casamentos consanguíneos já eram norma, remontando a várias gerações).<sup>88</sup> Ainda assim, encontra forças para fundar e dirigir, a partir de janeiro de 1924, o mensário *Revista de Filologia Portuguesa*, editado em São Paulo pela mesma Nova Era, Empresa Editora de Paulino Vieira & Companhia que prepara o lançamento (adiado para 1925) daqueles acalentados *Estudos Camonianos*.

Com a inesperada morte de Sílvio em Santos, em 30 de março de 1924 (antes de completar 57 anos de idade), a solidão de Prisciliana é completa: os filhos, a esta altura, já são advogados formados, iniciando carreira de juizes de direito em cidades do interior de São Paulo e a Academia Paulista de Letras passa por um longo período

---

87. Esse "Cancioneiro dos Bandeirantes" está integralmente reproduzido no referido volume de *Estudos de Sílvio de Almeida* organizado por Leonardo Arroyo (pp. 19-50).

88. Aureliano Leite (p. 54 do referido volume de *Retratos a Pena, 1ª Série*) afirma, literalmente, que Sílvio de Almeida morreu de exaustão, fisicamente esgotado pelos múltiplos afazeres. Tanto Aureliano como Almeida Prado (obra citada, p. 88) coincidem na descrição de um final de vida melancólico em que, já empobrecido e depauperado, o professor ainda se vira involuntariamente envolvido num rumoroso caso de diplomas falsos emitidos por funcionários do Instituto Sílvio de Almeida. É preciso levar em conta, no entanto, que a decadência desse colégio de estudos pré-universitários também se vinculava ao paulatino decréscimo da importância da própria Faculdade de Direito de São Paulo: já no início do século XX disseminavam-se por todo o Brasil as faculdades livres de direito, desvinculadas do poder central; no âmbito regional mineiro, a criação da Faculdade Livre de Direito do Estado de Minas Gerais (instalada em 1892, em funcionamento desde 1893), associada à gradativa expansão da malha ferroviária por todo aquele Estado, já permitiria que os rapazes do sul de Minas da época da Primeira Guerra Mundial se deslocassem sem maiores dificuldades até a região centro-mineira ou até o Rio de Janeiro, algo efetivamente impossível de se colocar em prática nos tempos da juventude de Sílvio e Prisciliana — a esse respeito, consultem-se as pp. 233-249 ("Aspectos Políticos da Fundação da Faculdade de Direito") de *Instituições Republicanas Mineiras*, livro de Silveira Neto mencionado em nossa nota 9.

de hibernação.<sup>89</sup> Mas sua opção pela manutenção da autonomia e da independência pessoal é clara: permanece residindo na capital paulista, num hotel do largo do Paiçandu, onde mantém, inclusive, sua biblioteca particular.<sup>90</sup>

O quinto e último livro de Prisciliana — *Vetiver (Poesias de Vários Tempos)* — sai em 1939, impresso pela paulistana Tipografia Cupolo, reunindo num só volume poemas escritos ao longo de várias décadas. É seu testamento literário, divulgado aos 72 anos de idade.

Nos cinco anos de vida restantes, diabética, tem a doença por companhia. Provavelmente não canta mais (vizinho da poetisa nos anos 10, Oliveira Ribeiro Neto teve a oportunidade de ouvi-la cantar muitas vezes) — mas ainda gosta de conversar e de declamar, segundo relata Chiquinha Neves Lobo. E ainda viaja com frequência de São Paulo a Campinas (onde, entre outros parentes, tem o primo Rafael Duarte, prefeito da cidade em 1922, conhecido por sua atuação nos meios culturais campineiros) e de Campinas a Serra Negra ou Capivari.<sup>91</sup>

Os autógrafos de Prisciliana arquivados na Academia Paulista de Letras permitem reconstituir suas últimas viagens: em meados de 1943 ela escreve a Altino Arantes

---

89. Com a morte de seu idealizador Joaquim José de Carvalho em 1918 e de seu primeiro presidente, Brásio Machado, em 1919, a Academia Paulista de Letras praticamente deixa de funcionar: só será ressuscitada em 1929, por um extraordinário esforço de Amadeu Amaral, completado pela gestão de Alcântara Machado. Mas a revista trimestral que dará consistência e notoriedade à entidade só aparecerá em 1937, quando Prisciliana estiver comemorando 70 anos de idade; o distanciamento entre a acadêmica e a sua estimada Academia torna-se visível quando verificamos a vagueza dos dados publicados pelo esforçado René Thiollier sobre Prisciliana e Sílvio de Almeida, respectivamente nos números 8 e 17 daquela revista. A Academia Paulista só terá sua sede própria (o conhecido edifício do largo do Arouche) inaugurada em 1955, ocasião em que sua nômade biblioteca encontra finalmente localização definitiva.

90. Em seu referido *Anedotário da Academia Paulista de Letras* (no tópico "De Ambulância para Casa", p. 69), Raimundo de Menezes relata uma passagem curiosa, relativa a esse período: apanhada de surpresa pela falta de condução, depois de ter feito uma visita à casa de amigos, Prisciliana detém uma ambulância que passava, pedindo que a levassem até o largo do Paiçandu; alegam que isso não seria possível, pois só podiam transportar doentes acamados — mas Prisciliana não se dá por vencida, instalando-se na maca e mandando o motorista tocar adiante.

91. Cruzando-se as informações de Aureliano Leite (na genealogia fornecida no mencionado *O Cabo Maior dos Paulistas*, p. 128) com os dados da obra citada (p. 280) de Chiquinha Neves Lobo, conclui-se que São Paulo, Campinas, Serra Negra e Capivari são cidades em que residiram os dois filhos de Prisciliana (Leandro e Tales), nas sucessivas transferências impostas por suas respectivas carreiras de juiz de direito. Ambos foram casados duas vezes, mas o mais novo não teve filhos, enquanto o primogênito, Leandro Duarte de Almeida, deu a Prisciliana seu único neto, Sílvio Barros de Almeida — o querido "Sílvio de Almeida Neto" que foi um dos dedicatários da avó em *Vetiver* (e que, nascido por volta de 1920, talvez ainda viva).

(presidente da Academia) fornecendo como endereço de remessa "Rua Boaventura do Amaral, 1.081, Campinas",<sup>92</sup> enquanto a última carta, datada de 4 de fevereiro de 1944 e dirigida a René Thiollier, secretário perpétuo da entidade, vem em papel timbrado do Hospital de Caridade Santa Rosa de Lima (casa de saúde mantida pela Santa Casa de Misericórdia de Serra Negra).

A carta cronologicamente seguinte, de 20 de junho do mesmo ano, traz a assinatura dos dois filhos, Tales e Leandro — que agradecem as homenagens fúnebres (de que o amigo Oliveira Ribeiro Neto se encarregara pessoalmente) prestadas pela Academia em memória da mãe: Prisciliana Duarte de Almeida falecera em Campinas, no Hospital da Beneficência Portuguesa (inaugurado 65 anos antes pelo pai de Júlia Lopes de Almeida), na noite de 13 de junho de 1944. O corpo, trazido para São Paulo, fora sepultado no cemitério do Araçá, no jazigo de Sílvio de Almeida.

A comemoração do centenário de nascimento de Sílvio e Prisciliana em 1967 foi uma boa oportunidade para se proceder ao mapeamento do legado intelectual daquele jovem casal de mineiros-paulistas que haviam testemunhado, ao longo de suas vidas inteiramente dedicadas à promoção e ao aprimoramento das letras paulistanas, a acelerada transição da cidade de São Paulo em direção à gigantesca metrópole do século XX. Surgiram, assim, os referidos *Estudos de Sílvio de Almeida* organizados por Leonardo Arroyo (publicados naquele mesmo ano de 1967) e a mencionada *Antologia Poética de Prisciliana Duarte de Almeida* organizada por Oliveira Ribeiro Neto, lançada em 1976 — ambas elaboradas por iniciativa destes dois outros titulares da Academia Paulista de Letras e editadas pelo Governo do Estado de São Paulo.

Longe de esgotar o assunto (como Leonardo Arroyo e Oliveira Ribeiro Neto assinalam, aliás), esses dois pequenos volumes aguardam a companhia de livros mais alentados, que documentem não só as biografias dos Almeidas como permitam ao leitor do século XXI uma reconstituição mais acurada daquele legado traduzido num sem número de matérias jornalísticas, artigos de revistas e livros publicados pelo casal ao longo de um período que se estende do ano de fundação da República até 1939, num extenso arco que abrange meio século de produção.

---

92. Esse local, endereço hoje inexistente, é ocupado pela garagem de um prédio (construído por volta de 1960) situado na esquina das ruas Conceição e Boaventura do Amaral, em pleno centro da cidade de Campinas; fotografias antigas mostram que em 1939 o local era ocupado por um sobrado onde deve ter residido o filho mais velho de Prisciliana Duarte, Leandro Duarte de Almeida.

Nesse sentido, a mestranda — verificando pessoalmente as grandes dificuldades que se impõem ao leitor que tenta fazer uma leitura "desarmada" (isto é, sem o apoio de uma biblioteca inteira de obras de referência de difícil acesso) da revista *A Mensageira* —, considera prioritária a organização de uma edição crítica do periódico, que agregue às reproduções fac-similares de cada página, informações básicas que poderiam ser lançadas sob a forma de notas de rodapé. Tendo se ocupado de pesquisar a revista entre 1994 e 1999 (período em que se somaram os anos 1994-1995, dedicados a sua iniciação científica, aos anos 1997-1999 da pesquisa referente ao mestrado), espera ter contribuído, com a elaboração do material que compõe os volumosos anexos desta dissertação, para fornecer o instrumental básico para essa tarefa.

### III.2 — PRISCILIANA DUARTE E O CÍRCULO DE COLABORADORAS DA REVISTA

A ordenação efetuada pela mestranda dos dados referentes a Prisciliana Duarte e daqueles que dizem respeito a cada uma de suas colaboradoras (perfis dispostos individualmente nos verbetes do Anexo V) permite responder com maior precisão à pergunta que se impõe liminarmente ao pesquisador da revista *A Mensageira*: quem são, afinal, as "mensageiras", portadoras dessa branda mas persuasiva mensagem de mobilização feminina emitida por Prisciliana? Isto é: quem são as auxiliares que colaboraram efetivamente nessa tentativa de constituição de um corpo teórico e doutrinário, posicionado de maneira ideologicamente afinada com a diretora do periódico?

Retomando as considerações feitas no final da nossa contextualização geral (capítulo I), verificamos que o grupo original de 33 colaboradoras do sexo feminino poderia ser reduzido a 19 mulheres escritoras radicadas em Minas, Rio ou São Paulo — isto é, àquelas colaboradoras que se colocavam "ao alcance da mão" de Prisciliana. Observamos, no entanto, que o núcleo de "mensageiras" mais afinadas restringe-se a 13: temos, em Minas, a prosadora Maria Emília Lemos e a poetisa Áurea Pires; em São Paulo, Anália Franco, Marie Rennotte e Zalina Rolim; na cidade do Rio de Janeiro, cada qual numa área de atuação bem definida, residem a veterana jornalista editora de *A Família* (Josefina Álvares de Azevedo), as poetisas Narcisa Amália e Georgina Teixeira,

a polígrafa positivista Inês Sabino, a correspondente Maria Clara da Cunha Santos e as irmãs Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida, esta última situando-se como uma espécie de madrinha do grupo.<sup>93</sup> À margem desse núcleo carioca, em que a mútua convivência dessas mulheres se faz sem maiores dificuldades, encontrando-se quase todas elas em posição de indiscutível relevância no panorama nacional da virada do século, situa-se a gaúcha Rideline Ferreira, isolada numa fazenda do norte fluminense, escritora cujas preocupações altruístas fazem adivinhar uma socialista, ideologicamente mais sintonizada com a sensibilidade de Prisciliana Duarte de Almeida do que as poetisas "alienadas" como Áurea Pires e Georgina Teixeira.<sup>94</sup>

Não faria sentido acrescentar a esses 13 nomes o de M. P. C. D., uma das mais decididas colaboradoras da revista: tudo indica ser este um outro heterônimo de Prisciliana — que, adotando o pseudônimo de Perpétua do Vale para exercer mais à vontade sua função de crítica artístico-literária, apela para o artifício de utilizar suas próprias iniciais (do nome de batismo, que corresponderia a Maria Prisciliana [Vilhena] da Cunha Duarte),<sup>95</sup>

---

93. Convém lembrar que Júlia Lopes de Almeida e Prisciliana Duarte de Almeida não têm parentesco nenhum entre si, apesar do que se propala a esse respeito. O "Almeida" de Prisciliana provém, como vimos, do patriarca Aureliano de Almeida, avô que ela e o marido-primo têm em comum, sobrenome ostentado com orgulho pelos mineiros que se colocam como descendentes diretos dos Furquim de Almeida, situados entre os mais antigos povoadores de São Paulo. Júlia Lopes, cujo nome de solteira é Júlia Valentina da Silveira Lopes, só se tornou "de Almeida" (sobrenome muito comum em Portugal) pelo casamento com Filinto de Almeida — escritor de humildes origens portuguesas, emigrado por volta de 1870 para o Brasil, onde chegaria a exercer, inicialmente, até serviços braçais para sua sobrevivência. O que não se pode subestimar é a importância assumida pela convivência entre ambas (Júlia e Prisciliana) na capital paulista, na primeira metade da década de 1890, quando a recém-casada mocinha de 1892 (cujo primeiro livro tinha sido prefaciado por Adelina Lopes) vem se instalar na São Paulo onde já residia Júlia Lopes, pouco mais velha e mãe de um menino nascido em 1888, Afonso — residência provisória, assumida em função do trabalho de Filinto como redator-chefe do jornal *O Estado de São Paulo* e do mandato de deputado estadual por ele conquistado para a legislatura 1892-1894; em torno de Júlia e Filinto, notórios estimuladores da produção literária feminina do final do século XIX, circulam figuras da importância de Francisca Júlia, Zalina Rolim e Ibrantina Cardona — as mesmas futuras colaboradoras da revista *A Mensageira*. Como testemunho do vínculo maternal-filial estabelecido nessa convivência entre Júlia Lopes e Prisciliana Duarte restou o comovente poema "A um Retrato de Júlia Lopes de Almeida" (publicado em 1939, na p. 47 de *Vetiver*), em que Prisciliana fala da saudade que a assalta quando contempla a fotografia da companheira falecida em 1934.

94. No caso de Rideline Ferreira (como já se verificara no final do Império com a poetisa Narcisa Amália) é significativo que a escritora deixe de lado, por alguns momentos, a lira poética, para dedicar-se, na linguagem mais incisiva da prosa, a reflexões sobre o mundo que a cerca. Ao repudiar o gênero poético em sua própria produção, Júlia Lopes de Almeida teria evitado não só competir com a irmã mais velha num campo em que Adelina Lopes e Narcisa Amália eram colocadas como vultos máximos da geração tardo-romântica, mas também preferido aprofundar-se nas diferentes modalidades de prosa (contos, crônicas, ensaios, romances e peças de teatro) com a finalidade de assim torná-las instrumentos mais afiados para suas intervenções na sociedade.

95. Ver o verbete dedicado a M. P. C. D. em nosso Anexo V.

para encarnar a vigorosa feminista autora dos dois editoriais publicados em 1897 sob o título de "A Nossa Condição". Os múltiplos papéis desempenhados por Prisciliana evidenciaram-se, aliás, em dimensões crescentes, na medida em que aprofundávamos nossa pesquisa na tentativa de delimitar com maior clareza esse núcleo de "mensageiras" a ela associadas. Pois, a uma análise rigorosa, verifica-se que os contatos mais amiudados da diretora da revista limitavam-se provavelmente, em São Paulo, às pessoas de Zalina Rolim e Marie Rennotte, enquanto no Rio as companheiras a que teria acesso mais direto restringiam-se a Maria Clara, Georgina Teixeira e as irmãs Adelina e Júlia Lopes.

Essa constatação de que mesmo numa cidade que assume sem maior resistência os valores típicos de uma metrópole moderna, como a São Paulo da virada para o século XX, ainda vigoravam esquemas fundamentados quase exclusivamente na iniciativa individual, levaram-nos a repensar o processo de disseminação das idéias feministas no Brasil oitocentista, não propriamente como um *continuum*, mas sim como uma sucessão de quatro momentos distintos — caracterizáveis pela identificação de quatro mulheres que se colocaram como protagonistas de situações historicamente bem definidas.

No primeiro desses momentos, tínhamos a atuação relativamente solitária de Nisia Floresta, deflagradora de mobilizações que se estendem pela faixa litorânea, de Norte a Sul do país — que frutificam e arrefecem em iniciativas isoladas que têm lugar nesta ou naquela cidade, aparentemente sem projeção no futuro imediato.

Em segundo lugar, ressalta o papel basilar desempenhado pela professora Luciana de Abreu, na Porto Alegre dos anos 1870, em torno de sua pregação abertamente feminista dispondo-se, no campo literário, as figuras das irmãs Revocata dos Passos Figueiroa de Melo e Amália dos Passos Figueiroa, ilustres participantes da Sociedade Partenon Literário, de Porto Alegre, que deixarão a suas filhas ou sobrinhas Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro a missão de manter acesa a chama da presença feminina nas letras nacionais (no que serão coadjuvadas direta ou indiretamente por figuras gaúchas não menos importantes naquele final de século, como Andradina de Oliveira, Ana Aurora do Amaral Lisboa e Cândida Fortes).<sup>96</sup>

---

96. Com exceção de Luciana de Abreu, todas as escritoras referidas acima, mencionadas na revista *A Mensageira* (ou mesmo aparecendo na condição de colaboradoras do periódico, caso de Cândida Fortes, de Julieta de Melo e da Revocata Filha), estão representadas por verbetes incluídos em nosso Anexo IV.

No terceiro momento dessa sequência, coincidindo com os derradeiros momentos do Império e a efervescência típica do momento de convocação da primeira Constituinte Republicana (1891), vemos Josefina Álvares de Azevedo ocupar o primeiro plano da mobilização feminista nacional transferindo-se, com seu periódico *A Família* (editado entre 1888 e 1897), de São Paulo para o Rio de Janeiro — onde continuará contando com a colaboração de, entre outras, Marie Rennotte, Maria Clara da Cunha Santos e Prisciliana Duarte de Almeida.

A quarta e última grande figura feminina oitocentista capaz de provocar em torno de si e de sua revista a aglutinação de muitas das maiores mulheres escritoras nacionais de sua época, é justamente a nossa Prisciliana Duarte com sua *A Mensageira* — com a qual teria se encarregado, a partir do final do ano de 1897, da tarefa de levar adiante o ideário veiculado por Josefina Álvares de Azevedo em *A Família*, cuja publicação truncara-se naquele mesmo ano.

Na sequência teríamos, já adentrando o século XX, mas movida pela mesma disposição de alcançar a meta de ampliação dos espaços da mulher na sociedade via promoção das letras femininas, a presença da piauiense Amélia de Freitas Bevilacqua, cujo periódico *O Lírio* (editado em Recife entre 1902 e 1904) desempenha, no âmbito nordestino, papel análogo àquele que *A Mensageira* desempenhara no Sudeste do Brasil da virada do século; *O Lírio* congrega figuras da importância das cearenses Úrsula Garcia e Ana Nogueira Batista e das pernambucanas Francisca Isidora e Edwiges de Sá Pereira, sendo que esta última, colaboradora adolescente de *A Mensageira* em 1899, faz ponte entre a revista paulistana de Prisciliana Duarte de Almeida e o periódico recifense de Amélia Bevilacqua.

Escritoras como Júlia Lopes de Almeida e a própria Prisciliana Duarte prosseguirão, século XX adentro, sustentando suas próprias convicções, externando sua crença (seja pela pregação explícita, seja pelo exemplo proporcionado por suas próprias atuações) na emancipação feminina fundamentada em ideais que remetem, como veremos adiante, ao iluminismo, ao socialismo utópico, ao "romantismo social" e ao positivismo evolucionista de Spencer. Mas, de certa forma, elas se tornarão, com o tempo, pouco mais que testemunhos vivos de uma concepção eminentemente romântica e individualista de atuação da mulher oitocentista.



O feminismo do século XX, envolvendo a luta pela extensão do voto à mulher, o emprego de novos meios de comunicação e o apelo a formas mais incisivas de mobilização das massas, já se exercita num mundo conturbado por guerras mundiais, num Brasil que caminha rapidamente para a industrialização e para a constituição de concentrações urbanas antes impensáveis — e numa São Paulo que pouco tem a ver com a cidade encontrada por Prisciliana Duarte de Almeida em sua chegada de Minas Gerais, em 1892.

Esse novo feminismo contará, no Brasil, com gigantescas personalidades femininas — tão díspares quanto Maria Lacerda de Moura, Leolinda Daltro, Berta Lutz, Alice Rego Monteiro, Maria Eugênia Celso ou Carlota Pereira de Queirós. Mas quando vemos Júlia Lopes de Almeida e Berta Lutz, sentadas lado a lado, em 1922, naquele que pode ser considerado como o primeiro congresso feminista realizado no Brasil, sabemos que a continuidade entre uma e outra se faz mais no plano simbólico do que num processo de efetiva identidade entre as concepções teórico-práticas de uma e de outra a respeito do lugar da mulher na sociedade contemporânea. São intérpretes de mundos distintos, irmanadas apenas pela disposição de luta que foi característica de ambas.

#### IV — A MULHER NO PENSAMENTO OITOCENTISTA

*A tradição, por mais universal que seja, não fornece (...) base para nenhuma pressuposição e não deveria dar origem a preconceitos que favoreçam uma organização onde as mulheres se encontrem sob o domínio social e político dos homens. (...) O curso da história e as tendências evolutivas da sociedade humana não só não embasam nenhuma pressuposição em favor desse sistema de desigualdade de direitos, como apontam no sentido contrário; e, levando em conta que até hoje o curso do progresso humano e todas as correntes e tendências modernas exigem que se discuta o assunto, não nos resta senão concluir que esta relíquia do passado está em desacordo com o futuro e tem que desaparecer.*

STUART MILL (1869), *A Discriminação da Mulher*,  
Parte I (texto retomado na nota 106).

Caracterizado o contexto nacional e internacional correspondente ao período estudado, nele situado a revista analisada e em seguida delineada a trajetória pessoal de sua diretora e de seu grupo de colaboradores, teríamos como alternativa óbvia encetar, a partir deste quarto capítulo, a segunda metade da dissertação, isto é, o esmiuçamento de temas específicos compilados a partir da análise do conteúdo da revista. Este não nos pareceu, no entanto, o caminho mais adequado.

Admitindo que naquele triênio compreendido entre 1897 e 1900 nossas mulheres escritoras fazem a reconstituição, de certa forma, da história da mulher genericamente considerada ao longo de todo o Oitocentos, propusemo-nos a deter mais uma vez o fluxo de nossos dados originais para traçar, neste capítulo IV, um painel mais abrangente da maneira como a mulher era encarada pelos pensadores do século XIX — quadro imprescindível para a discussão de uma densa problemática que frequentemente envolve situações multifatoriais. No capítulo V, são historicamente contextualizadas as conquistas femininas estabelecidas ao longo do Oitocentos, processo cuja compreensão é igualmente indispensável para o desdobramento das discussões que ocuparão os capítulos finais da dissertação.

#### IV.1 — A MULHER, A FAMÍLIA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS NO SÉCULO XIX

O século XIX é apontado como a época de consolidação da burguesia na Europa. Após uma fase de contestação que culminou na Revolução Francesa, a burguesia europeia assumiria, a partir do início do Oitocentos, uma posição reacionária, com vistas a assegurar seu poder econômico, político e social. Ainda assim, as transformações acarretadas pela Revolução Industrial e o surgimento das classes médias, dotadas de novos valores culturais, alteraria significativamente a situação da mulher naquele continente.

A análise da maneira como a mulher se situava no pensamento oitocentista torna-se, assim, ótimo terreno para a exploração das contradições inerentes à mentalidade burguesa "moderna" — que, tendendo, de maneira geral, à secularização dos costumes e à valorização do indivíduo, assumiria, não raras vezes, feição conservadora no que diz respeito à família e ao lugar da mulher na sociedade.

Desse modo, torna-se possível detectar a ocorrência de dois movimentos distintos e antagônicos, de avanço e de retrocesso, ao longo do século XIX.

De modo genérico, o progresso material e as inovações técnicas vivenciadas pela sociedade europeia de então viriam proporcionar uma transformação positiva na condição da mulher: primeiramente, foi o mundo doméstico que se transformou pela introdução de melhorias como a iluminação a gás (ulteriormente substituída pela luz elétrica), a rede de água corrente ou o carvão-de-pedra — destas modificações emergindo um novo conceito de lar doméstico, entronizado no conceito do *comfort* inglês; na esfera da higiene e da saúde, a introdução da anestesia e o desenvolvimento das técnicas cirúrgicas, bem como a difusão da antissepsia, contribuiriam para uma grande redução em algumas das principais causas de morte entre a população feminina, aquelas relacionadas com o parto e o pós-parto; no âmbito dos transportes e das comunicações, os trens praticamente eliminam o perigo representado pelas antigas viagens em carro ou diligência (principalmente no caso de mulheres grávidas); os avanços da telefonia, a invenção da máquina de costura e da máquina de escrever contribuem, além disso, para oferecer novas oportunidades profissionais para a mulher.<sup>97</sup>

---

97. Cf. Julián Marías, em *A Mulher no Século XX* (obra já citada em nossa Introdução), cap. IV ("As Possibilidades Femininas na Sociedade do Século XIX"), pp. 46-54.

Agregando-se a este quadro, relativo às conquistas materiais, aquele referente à ampliação efetiva das oportunidades educacionais para a mulher — assunto sobre o qual nos deteremos adiante —, é possível concluir pela existência de uma efetiva tendência do século XIX em promover a emancipação feminina. A soma destes dois fenômenos (avanço da tecnologia e difusão das luzes do conhecimento) acabaria garantindo, ao menos teoricamente, o solapamento dos principais pilares em que se assentava a dominação masculina, a saber: o primado da força física e a suposta supremacia intelectual do homem sobre a mulher.

Mas na verdade este quadro róseo só se observa teoricamente. Pois, na prática, as transformações econômicas e sociais registradas atuarão em direção contrária, amenizando ou mesmo fazendo retroceder os avanços da emancipação feminina.

Pode-se apontar como responsáveis por essa situação o próprio desenvolvimento do comércio e da indústria associado à urbanização crescente — que, contribuindo para a especialização das atividades econômicas, acentuaria a divisão sócio-espacial entre as esferas pública e privada, divisão cuja resultante acaba por conter os efeitos libertadores das aquisições do progresso sobre a condição feminina. Desse modo, observa-se que, na maioria das vezes, foi o reforço dos modelos de comportamento feminino herdados do passado — e não o advento de novas formas de relacionamento entre os sexos — que presidiu os processos de identificação do espaço público com o mundo exterior turbulento, onde passavam a se realizar a política e os negócios (atividades eminentemente masculinas), por oposição ao idealizado lar doméstico aconchegante, local de reclusão feminina e refúgio da moralidade.<sup>98</sup>

Aliás, a supremacia da família sobre as outras instituições sociais esteve fortemente associada aos processos econômicos que caracterizaram a instauração do capitalismo industrial: longe de ter sido proscrita, a instituição familiar ainda continuaria a desempenhar, numa relação de simbiose com as novas formas de organização econômica, as funções de acumulação e de gestão de patrimônio — tendo exercido também

---

98. Para um detalhamento deste processo de espacialização das esferas sociais e de limitação dos papéis femininos, consultar o artigo de Catherine Hall, "Sweet Home" (traduzido por Denise Bottmann), pp. 52-87 do volume IV da *História da Vida Privada (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra)*, organizado por Michelle Perrot, São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

o papel de banco ou de agência de empregos (no caso da realização de empréstimos entre os membros da família ou na sustentação de empresas familiares). Em larga medida, as estratégias de casamento promovidas pelas famílias continuaram atuando no sentido de efetuar a modelagem, de acordo com seus próprios interesses, das condições de mobilidade social. Na França, por exemplo, é possível observar a ocorrência de uma certa endogamia técnica (matrimônios efetuados dentro das mesmas profissões), assim como a existência de verdadeiras redes de solidariedade e parentesco, regulando a mobilidade geográfica dos operários em busca de melhores condições de emprego. Esta fase familiar do capitalismo só seria ultrapassada com o advento das sociedades anônimas e das modalidades financeiras e especulativas de acumulação — que tomarão, assim, o lugar antes ocupado pela renda fundiária e pelos bens imóveis naquela economia de caráter familiar.<sup>99</sup>

A permanência da instituição do "dote", herdada do passado, entre os setores burgueses, constitui um exemplo desta mescla de elementos da antiga ordem econômica com novas formas de acumulação. Remontando à Antiguidade, o dote correspondia ao conjunto de bens que a mulher devia trazer para o casamento, entregando-os à administração do marido a fim de cobrir os encargos domésticos. É interessante observar que, embora no regime dotal a decisão sobre os bens coubesse ao homem, os direitos de propriedade pertenciam, inalienavelmente, à mulher. Tal situação parece ter criado certa ambiguidade na condição de dominação-subordinação entre maridos e esposas: abrindo margem para possíveis fissuras no poderio masculino, o estatuto jurídico de "única legítima proprietária" dos bens dotais resguardava para a mulher alguma ascendência sobre seu futuro cônjuge — ascendência que se manifestava, principalmente, no momento de barganha anterior à realização do matrimônio.<sup>100</sup>

---

99. Cf. Michelle Perrot em "As Funções da Família", pp. 104-119 do vol. IV da mencionada *História da Vida Privada*.

100. Referindo-se ao caso francês, o historiador romântico Jules Michelet ressalta as ligações entre o sistema patriarcal e a instituição do dote, mostrando de que maneira a transmissão da propriedade efetuada "de pai para filha", acabava por trazer um elemento de desequilíbrio para o casamento — isto é, para a "nova família", formada pela noiva e seu marido: "A francesa herda e o sabe, tem um dote e o sabe. Não é como em certos países vizinhos onde a moça, se tem um dote, este só consiste em dinheiro (fluido que corre para os negócios do marido). Aqui ela tem imóveis (...). Essa terra não levanta vôo, essa casa não desmorona; permanecem para dar-lhe voz ativa, manter-lhe uma personalidade (...). Uma coisa curiosa na França, (...) é que o casamento é muito fraco, e muito forte o espírito de família. (...) O marido vive com sossego, mas (...) logo é amortecido pela *senhora proprietária*, pelo pesado sufocamento do velho lar familiar." (grifos do autor). Cf. J. Michelet, *A Mulher*, trad. de Maria Ermantina Galvão G. Pereira, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1995, pp. 7-8. Tal situação, detectada na França de meados do século XIX, parece guardar semelhanças com a do Brasil da segunda metade do século XIX, onde as relações econômicas ligadas ao patriarcalismo começavam a mesclar-se elementos de uma ordem propriamente burguesa.

Neste contexto, o modelo da família nuclear burguesa, no interior da qual os papéis femininos deviam restringir-se às suas "funções naturais" de esposa e mãe, vem substituir as antigas formações familiares de base patriarcal, impregnando também os comportamentos e a visão de mundo da aristocracia e da classe trabalhadora.

A valorização da maternidade na mulher já vinha sendo impulsionada pela divulgação das idéias rousseauianas. O ideal da graciosidade, da obediência e do recato femininos foi explorado por Rousseau (1712-1778) em seu romance epistolar *Julie ou La Nouvelle Héloïse* (1761), mas encontrou sua sistematização no famoso *L'Émile* (1762), onde o filósofo de Genebra reúne suas idéias acerca do ser feminino e da qualidade da educação a ser ministrada para as mulheres.

Assim, já no Livro I de *L'Émile*, relativo à educação da criança desde o nascimento até os cinco anos de idade, Rousseau enfatiza o papel da mãe nas tarefas de nutrir e educar os filhos pequenos. Partindo da premissa de que a primeira educação deve se afastar o mínimo possível das condições estabelecidas pela natureza, avalia que a mãe é o mestre natural da infância — preconizando, por esse motivo, que a amamentação do bebê (prescindindo do recurso habitual às amas-de-leite) fosse efetuada pela própria mãe. Neste caso, seus conselhos, já próximos das formulações da ciência da puericultura, engendraram uma campanha que, em face do alto índice de mortalidade infantil registrado naquela época, visava o estabelecimento de mais rigorosos hábitos de higiene e cuidados com relação à infância.

Estas idéias sobre o "pendor natural" da mulher para os papéis de mãe e esposa receberiam tratamento específico no Livro V da mesma obra, dedicado à formação de Sofia (a companheira ideal de Emílio), em que Rousseau afirma:

1º) existe uma desigualdade natural entre os sexos;

2º) a mulher, fisicamente mais fraca do que o homem, deve a ele submeter-se, podendo contrabalançar este jugo com sua capacidade de manipular o sexo forte através de seus atrativos naturais (beleza, graça, modéstia, recato, etc);

3º) a função reprodutora torna o sexo feminino responsável pela "união da família", uma vez que é através da mulher que se estabelece o elo entre o homem e os filhos.

De todos estes princípios resulta que a mulher existe "para agradar ao homem", devendo viver apenas, após o casamento, em função do marido e dos filhos.

Mas, paradoxalmente, para que a mulher pudesse exercer a contento estas funções a que se estaria "naturalmente" destinada, Rousseau vê-se na contingência de conceder alguma liberdade ao indivíduo feminino: em primeiro lugar, para gerar uma prole robusta, tornava-se necessário que às meninas, assim como aos meninos, fosse permitido o exercício físico (deveriam ter liberdade de pular, brincar, correr), fazendo-se necessário evitar a imobilidade a que o uso de corpetes condenava as mulheres — algo que, na sua opinião, contribuía mais para deformar do que para embelezar as formas naturais femininas.

Num outro sentido, uma mãe ignorante seria prejudicial para os filhos, que sob sua influência assim teriam sua educação reduzida à transmissão de noções eivadas de preconceitos e superstições. Mas, embora ainda afirmasse a inaptidão feminina para os raciocínios abstratos, Rousseau equacionou essa dificuldade concedendo ao seu ideal de mulher as faculdades de um saber prático e instintivo, fundado na observação da natureza.

Na mesma linha de preocupações, o filósofo condenava o rigor da educação que vedava às mulheres o estudo do canto, da dança e de outras artes: todos estes ensinamentos poderiam servir para agradar o futuro esposo, trazendo para a severidade do casamento o contrapeso de prazeres mais amenos. Esta colocação derivava, aliás, de sua concepção pessoal sobre o casamento: num posicionamento relativamente inovador, Rousseau crê que o matrimônio deveria resultar da livre escolha entre os cônjuges.

O modelo da educação feminina e o ideal de mulher presentes em Rousseau, que estivemos descrevendo até o momento, encontra-se hipostasiado no trecho do *L'Émile* que transcrevemos a seguir:

Da boa constituição das mães depende em primeiro lugar a boa constituição das crianças; do cuidado das mulheres depende a primeira educação dos homens; das mulheres dependem também seus costumes, suas paixões, seus gostos, seus prazeres, sua própria felicidade. Assim, toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres da mulher em todos os tempos e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. 101

---

101. Jean-Jacques Rousseau, *Emílio ou Da Educação*, trad. de Roberto Leal Ferreira, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1995, Livro V, p. 502.

Em meados do século XIX, coincidindo com a divulgação de imagens angelicais da mulher e com o recrudescimento do culto à Virgem Maria, pensadores como Comte e Michelet completariam a idealização da mulher iniciada por Rousseau.

Depois de ter propugnado pela substituição das antigas formas de pensamento e de organização político-social, o filósofo francês Auguste Comte (1798-1857) — temendo as consequências do processo de dissolução social que, na sua opinião, tinha sido inaugurado pelo período revolucionário — lança as bases de sua religião positiva. Receando os efeitos provocados pela própria instauração do estado positivo, que ele mesmo augurara anteriormente, Comte buscava agora contrabalançar os avanços do progresso com o potencial construtivo da ordenação social.

Em seu projeto de "regeneração social", explanado no *Catecismo Positivista* (1851), Comte reserva para a mulher uma missão relevante: identificada como aquela metade do gênero humano na qual predomina o elemento afetivo, o sexo feminino passava a ter uma ação decisiva na correção dos possíveis exageros a que a racionalidade moderna poderia conduzir a humanidade. Agindo primordialmente sobre a família (marido e filhos), o efeito regenerador da influência feminina seria capaz de atingir também a comunidade nacional, reforçando, no limite, os laços de solidariedade de toda a comunidade humana.

No esquema da religião comtiana, a mulher aparecia, portanto, como "providência moral da nossa espécie" (é assim que Comte se refere à mulher, justificando o direcionamento de seu catecismo, que tem nela sua principal interlocutora):

Afora os motivos gerais que devem aqui dirigir para as mulheres minha principal solicitude, há muito que fui levado a pensar que delas depende sobretudo o advento decisivo da solução ocidental indicada pelo conjunto do passado.

(...) Apesar de prevenções empíricas, as mulheres acham-se muito dispostas para bem apreciar a única doutrina que pode hoje conciliar radicalmente a ordem com o progresso. Elas hão de reconhecer sobretudo que esta síntese final (...) faz prevalecer melhor o sentimento do que a síntese provisória, que a ele sacrificava a inteligência e a atividade. Nossa filosofia torna-se plenamente conforme ao espírito feminino, rematando a escala enciclopédica com a moral (...). Desenvolvendo, enfim, o sentimento cavalheiresco, (...) o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie. Cada digna mulher ministra habitualmente a esse culto a melhor representação do verdadeiro Grande Ser. Sistematizando a família, como base normal da sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela influência feminina, transformada, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal.<sup>102</sup>

---

102. Auguste Comte, *Catecismo Positivista*, trad. de Miguel Lemos, São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. 114.



Segundo a concepção comtiana, o sexo feminino, assim transformado na "essência moral" da espécie humana, deveria ser objeto de veneração por parte da sociedade e dos homens — o Grande Ser (a Humanidade) cultuado na religião positiva é personificado por uma mulher, as imagens da Humanidade feminilizada correspondendo ao retrato de Clotilde de Vaux, a amada de Comte. Essa idéia de que a mulher é um "altar sagrado", reunindo atributos que fazem dela mesma "uma religião", reaparece em Michelet, outro grande pensador do século XIX que, dirigindo-se preferencialmente "às mães de família", assim resume, nas páginas de sua obra *La Femme* (1859), as qualidades femininas de abnegação e a influência agregadora da mulher sobre a família e a sociedade:

Educar uma filha é educar a própria sociedade. A sociedade procede da família, cuja harmonia é a mulher. Educar uma filha é uma obra sublime e desinteressada. Pois tu só a crias, ó mãe, para que ela possa deixar-te e fazer-te sangrar o coração. Ela está destinada a outro. Viverá para os outros, não para ti e não para ela. É esse caráter relativo que a põe acima do homem e faz dela uma religião. Ela é a chama do amor e a chama do lar. É o berço do futuro, é a escola, outro berço. Em uma palavra: *Ela é o altar.*<sup>103</sup>

Embora pressupondo uma "divisão natural" entre atributos masculinos e femininos, esta perspectiva fornece uma via de "comunhão" entre os sexos — aspecto que, mesmo sem abalar as visões tradicionais da mulher, pode ter contribuído, em alguma medida, para a discussão acerca do caráter que as uniões conjugais entre homens e mulheres deveriam adquirir numa sociedade dita "civilizada". Neste caso, o reconhecimento tácito do século XIX como um século de progresso social trazia à tona — na forma de questão a ser equacionada tanto pelos pensadores (desde os liberais até os conservadores) como pela opinião pública geral da época — o problema real da permanência de uma situação de brutal exploração de um sexo sobre outro, algo concebível apenas em estágios sociais primitivos: um anacronismo, enfim, que nesta qualidade deveria ser superado.

Para autores como Michelet, afirmar o predomínio do elemento afetivo na mulher e do elemento racional no homem, não equivalia a sustentar que as faculdades da razão ou do sentimento estivessem ausentes num ou noutro sexo; e, se, na realidade, a maioria das mulheres ainda se encontrava afastada do "mundo das idéias" (praticamente monopolizado pelos homens), o próprio desenvolvimento da civilização estaria se encarregando de criar condições para uma divisão mais equilibrada do conhecimento — possibilitando, assim, o surgimento de novas formas de relacionamento amoroso, baseadas no companheirismo e na complementariedade.

---

103. Michelet, obra citada, cap. VI ("A Mulher é uma Religião") do Livro Primeiro ("Da Educação"), p. 84 (grifos do autor).

Este tipo de solução conciliadora, comumente encontrado no discurso dos pensadores liberais, que relegava ao curso do desenvolvimento social a solução do problema do acesso da mulher ao conhecimento, parece ter sido adotado até mesmo por muitas feministas do século XIX — que, na impossibilidade de um rompimento total com os modelos tradicionais segundo os quais a ignorância seria uma condição de preservação da pureza e da ingenuidade femininas, aceitaram esta forma de encaminhamento da questão.

Transformada em objeto de culto ou identificada como a zeladora natural da saúde física e da formação moral dos filhos, resguardava-se para a mulher alguma participação no processo de consolidação das sociedades nacionais européias. Desta forma, as teorias desenvolvidas pelos autores acima citados viram-se forçadas a reconhecer a influência da mulher no aprimoramento da vida política e social — levando-os a conceder algum tipo de vantagem ao sexo feminino, traduzida numa vaga "ascendência moral" sobre os homens e a sociedade em geral. Mas a realidade contradizia as idéias, minando pela base os principais argumentos levantados por aqueles mesmos autores: pois, se do ponto de vista teórico ou da perspectiva do bem-estar geral, a admissão da influência moral da mulher sobre o homem podia parecer um ganho — capaz de elevar o *status* da mulher, agora reconhecida como "ser útil" à sociedade —, a questão, quando abordada pelo viés dos interesses individuais femininos, exhibe outros contornos.

Segundo a divisão estrita dos papéis sexuais na família, o trabalho da mulher, quando ocorria (e isto se dava sobretudo entre as classes pobres da população) sofria depreciação decorrente de sua ocasionalidade. Realizando-se de modo espaçado, nos intervalos de tempo entre uma gestação e outra, igualmente sujeito às flutuações da demanda no mercado de empregos, o trabalho feminino padecia dos efeitos da não-profissionalização, sendo considerado um "trabalho secundário" — uma vez que sua remuneração se tornava, sob estas condições, inferior àquela percebida pelo marido, só podendo figurar como renda complementar no cômputo geral dos proventos familiares.

Assim, exploradas como mão-de-obra barata, as mulheres das camadas pobres da sociedade européia foram maciçamente recrutadas pela indústria em sua fase inicial de expansão. A evolução tecnológica, no entanto, aliada aos preconceitos sociais,

concorreria para o alijamento das mulheres de certas ocupações profissionais, em que seriam substituídas por trabalhadores homens.<sup>104</sup>

Este processo seria ampliado pela campanha de setores (masculinos, sobretudo) do movimento sindical da época, contrários ao trabalho feminino: invertendo o argumento, culpavam as mulheres por aceitar padrões inferiores de remuneração, contribuindo assim para a diminuição do nível geral de salários.

Isto serviria para demonstrar como o estudo do desenvolvimento do modo de produção capitalista, sob o ponto de vista do trabalho feminino, pode engendrar a crítica da ideologia falaciosa, oculta sob o corolário da mobilidade social na ordem burguesa. Numa sociedade competitiva, o sistema de produção de bens e serviços obedece a princípios de exclusão que regulam a formação de reservas de trabalho (para serem alocadas segundo baixos níveis de remuneração): nestas condições, a reativação, nas sociedades capitalistas, de atávicas categorias de estigmatização (baseadas no sexo, na cor, na raça, na idade, etc) apresenta um aspecto funcional para o bom desempenho do sistema econômico.<sup>105</sup>

Desta forma, assim como já havíamos detectado uma contradição intrínseca no caso da "instituição do dote", descobrimos aqui outro ponto de instabilidade do modo de produção capitalista capaz de funcionar como foco das reivindicações feministas: iniciando sua luta pela reivindicação da educação feminina, as feministas do século XIX

---

104. As propriedades excludentes do desenvolvimento tecnológico no que se refere ao trabalho feminino ficam bem caracterizadas no exemplo da indústria têxtil, pois o advento das máquinas de fiar e tecer foi responsável pela ruína da pequena produção artesanal doméstica. No caso inglês, o aparecimento da *spinning jenny* — máquina de Hargreaves (1767) que fiava oito fios de cada vez, depois substituída pelas de Arkwright e Crompton, que possibilitavam a fição de 100 ou 200, chegando até 1000 carretéis — possibilitou a substituição do trabalho antes realizado por quinhentas fiandeiras pelo de três operários. Estas e outras informações sobre a evolução do trabalho feminino ao longo dos séculos XVIII e XIX encontram-se nos cap. III e IV (respectivamente pp. 58-75 e 76-105) de *História e Sociologia da Mulher no Trabalho*, por Évelyne Sullerot, trad. do francês por Antônio Teles, Rio de Janeiro, Editora Expansão e Cultura, 1970.

105. Uma descrição dos processos que presidiram a transformação do trabalho feminino das sociedades pré-capitalistas para a sociedade capitalista encontra-se em "Trabalho Feminino", capítulo II (pp. 32-66) da Parte I ("Mulher e Capitalismo") do livro *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade* de Heleieth I. B. Saffioti, Petrópolis, Editora Vozes, 1976. No que se refere especificamente à utilização do fator "sexo" como fonte de inferiorização social, Saffioti assim se expressa: "O modo capitalista de produção não faz apenas explicitar a natureza dos fatores que promovem a divisão da sociedade em classes sociais. Lança mão da tradição para justificar a marginalização efetiva ou potencial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviços. Assim é que o sexo, fator de há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir, de modo positivo para a utilização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais. A elaboração social do fator natural *sexo*, enquanto determinação comum que é, assume, na nova sociedade, uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social" (p. 35, grifo da autora).

acabaram fazendo do trabalho da mulher, profissionalizado e protegido por leis que impedissem sua desvalorização econômica e social, uma de suas principais bandeiras.

Esta condição de marginalização feminina encontrava-se de fato, em larga medida, corroborada pelo direito.

Na França, o código civil napoleônico consagrara a autoridade marital e a incapacidade da mulher casada: esta última devia obediência total ao marido; não podendo dispor livremente dos bens herdados ou do salário que porventura recebesse, era impedida de viajar ou de estudar, a não ser mediante a autorização expressa dele. Grande parte da vida pessoal e social da mulher francesa continuava a depender de decisões e interesses alheios: não tinha direito à representação política, sendo-lhe igualmente dificultado o exercício de profissões, condição de inferioridade civil que encontrava símile na prática jurídica (mulheres não podiam ser aceitas como testemunhas nos tribunais e o adultério feminino era considerado delito grave, podendo ser punido, inclusive, com a pena de morte).

Para o caso inglês, a denúncia de Stuart Mill (1806-1873) acerca do estatuto totalmente desigual que presidia a legislação matrimonial de seu país, é testemunho eloquente da triste condição da mulher, mantida como "verdadeira escrava" do marido, a quem cabiam prerrogativas de caráter:<sup>106</sup>

patrimonial,

(...) A mulher é a verdadeira escrava do marido: no que diz respeito às obrigações legais, não menos do que aqueles que costumamos chamar de escravos. (...) Não pode adquirir bens senão através dele, e no momento que os adquire, mesmo que seja por herança, *ipso facto* passam a ser dele. Sob este aspecto, a situação da esposa segundo a lei comum inglesa é pior do que a dos escravos submetidos às leis de muitos países: segundo a lei romana, por exemplo, um escravo podia ter o seu próprio pecúlio (...).

sexual,

(...) Nos países cristãos, a mulher escrava tem alguns direitos reconhecidos, sendo considerada como legítima a obrigação moral de recusar intimidades a seu amo. À esposa, não: por mais brutal que seja o tirano a que está acorrentada (...), ele pode exigí-las e forçá-la à degradação mais extrema de um ser humano, que é a de servir de instrumento para uma função animal, contrária a sua vontade.

---

106. As citações que se seguem foram extraídas do ensaio de John Stuart Mill, "La discriminación de la mujer", incluída no livro *La Igualdad de Los Sexos*, reunião de textos feministas de autoria de Stuart Mill e de sua esposa Harriet Taylor, trad. do inglês para o espanhol por Jesus Villa, Madrid, Ediciones Guadarrama, 1973. Os trechos transcritos, em tradução livre da mestranda, encontram-se entre pp. 119 e 122 (o grifo do terceiro fragmento é do próprio autor).

ou relativas à prole:

(...) Mantendo-se a mulher sob esta que é a pior espécie de escravidão, qual é sua situação no que diz respeito aos filhos, que são objeto do interesse comum do casal? Perante a lei, os filhos são *dele*. Só ele tem direitos legais sobre eles. A mãe não pode, a não ser por delegação do marido, tomar nenhuma decisão no que se refere aos filhos — e, nem mesmo depois da morte dele, poderá desempenhar a função de tutora legal dos filhos, se o marido não lhe outorgou esse direito por testamento. (...) Se abandona o marido, não pode levar nada consigo, nem os filhos nem nada daquilo que lhe pertencia legamente.

Contra esta situação aberrante de exploração da mulher, insurgiram-se as vozes da primeira geração de feministas, surgidas no início do século XIX — mulheres que, para a legitimação de suas reivindicações, buscariam argumentos no pensamento de autores de variadas correntes de idéias do período. Reservamos aqui um item específico para a descrição das primeiras manifestações feministas na Europa e nos Estados Unidos.

O feminismo situava-se como uma das vertentes do socialismo utópico de autores como Saint-Simon (1760-1825) e Fourier (1772-1837): a igualdade entre os sexos aparecia em seus projetos de sociedades aperfeiçoadas, como pressuposto lógico para a instauração de um reino de justiça e liberdade, do qual deveria ser erradicado todo tipo de exploração — fosse da mulher pelo homem, do empregado pelo patrão ou do povo conquistado pelo conquistador.

Por esta razão, na sociedade futura ideada por Saint-Simon todos os tipos de ocupações e honrarias seriam franqueados às mulheres; em seu sistema religioso, o "novo cristianismo", muitos dos discípulos do saint-simonismo se sentiram inclinados a esperar pela vinda de um messias do sexo feminino, glorificado como a grande "Mère". Enfantin, discípulo de Saint-Simon, empreendeu propostas mais audaciosas, de reabilitação do amor carnal: inocentando a mulher de haver cometido o pecado original, sua doutrina escandalizava pelo acentuado erotismo e por sua aproximação com o mundo das cortesãs, provocando forte reação da imprensa burguesa (até mesmo dos jornais femininos) e entre os próprios adeptos do saint-simonismo.

Fazendo derivar a preocupação feminista de sua "teoria das paixões", Fourier acreditava que a emancipação feminina só poderia trazer benefícios para a sociedade; partindo da idéia de "utilidade social" (neste ponto, aproximando-se do liberalismo), vislumbrava as possibilidades de harmonização e enriquecimento econômico que a atuação direta das mulheres nas atividades econômicas, políticas e intelectuais, poderia trazer.

#### IV.2 — ROMANTISMO SOCIAL, STUART MILL E SPENCER

Mais do que caracterizar o feminismo de linhagem saint-simoniana ou fourierista, devemos atentar para o clima de efervescência cultural de que participaram estas correntes de pensamento: reunindo manifestações de procedência variada, da teoria social à literatura, da imprensa às produções populares, uma das principais contribuições do movimento de idéias conhecido como "romantismo social" talvez resida não na elaboração de uma acabada teoria feminista, mas sim no fato de ter colocado em foco a questão da emancipação feminina, possibilitando o surgimento de personalidades femininas de vulto (como George Sand e George Eliot) e fomentando o desenvolvimento de uma imprensa feminista, através da qual puderam se manifestar ativistas da consistência de uma Flora Tristan.<sup>107</sup> Outra constatação que, apesar de sua aparência de banalidade, não pode deixar de ser feita, refere-se à capacidade do "pensamento utópico" em fornecer, sobretudo naquele momento embrionário do feminismo, uma perspectiva para o questionamento dos padrões femininos passados e presentes: neste sentido, somente as projeções utópicas do que poderia ser a "mulher no futuro" — ou, para utilizar a linguagem filosófica, apenas a partir do vislumbramento das formas do *devir* feminino — seriam capazes de fazer emergir

---

107. Roger Picard, conhecido estudioso das manifestações do "romantismo social", descreve-o como um movimento de idéias que se iniciou na França por volta de 1815-1820, findando lá pelos anos de 1848-1852 — período que abrange, portanto, a Restauração decorrente do Congresso de Viena e as Revoluções de 1830 e 1848. Reunindo escritores e reformadores sociais que produziram uma literatura de cunho idealista mas, ao mesmo tempo, profundamente marcada pela preocupação social, o "romantismo social" contou entre seus principais representantes com: Saint-Simon, Fourier, Enfantin e Pierre Leroux, no campo do pensamento social; Guizot, Thierry, Barante e Michelet, nos estudos históricos; Lamartine, Alfred de Vigny e Victor Hugo, no terreno da poesia; este último, também reconhecido como romancista social, contraponto masculino da grande romancista social do período, George Sand. Roger Picard dedica um capítulo inteiro de seu livro sobre o romantismo social — *Le Romantisme Social*, New York, Brentano's Inc., 1944 — à análise da relação entre este movimento de idéias e o desenvolvimento do feminismo; embora reconheça manifestações anteriores do feminismo na França, esse autor é categórico em afirmar a primazia do romantismo social (principalmente em sua vertente saint-simoniana) na inauguração do movimento feminista: "Le féminisme ne pouvait que trouver un terrain favorable dans ces milieux intellectuels, où l'esprit religieux et philanthropique allait de pair avec la sensibilité, la passion, l'idéalisme; socialistes et romantiques vont rivaliser ici. Chez les romantiques, les traditions du moyen-âge chevaleresque, avec l'exaltation de la femme comme thème poétique, revivaient et ont pu contribuer à leur féminisme. Chez les 'sociaux', ce sont les souvenirs de la Révolution qui agissent; on n'a pas oublié Olympe de Gouges, qui avait proclamé les droits de la femme, en 1792, et que l'ardeur de son action conduisit à l'échafaud. Sa propagande avait cheminé après sa mort et, sous le Directoire encore, on avait pu voir se réveiller le féminisme révolutionnaire, à instigation non seulement de femmes du peuple, mais d'aristocrates comme la princesse de Salm. Mais c'est au saint-simonisme que revient le mérite d'avoir vraiment inauguré et développé le mouvement féministe. On peut-dire qu'il est consubstantiel à sa doctrine et à son action." No texto indicado, consultar mais especificamente pp. 381-402, Cap. VI da 3ª Parte ("Romantisme et Feminisme"), de cujas pp. 383-384 foi extraído o trecho citado.

uma crítica consistente dos constrangimentos a que estava submetida a mulher, tanto em termos individuais como sociais. É a utopia, neste caso, que confere caráter progressista à preocupação feminista: projetando o futuro no presente, transformando ambos em elementos de análise prospectiva do passado, a lente utópica, afastando-se da mera idealização quixotesca, podia constituir um ponto de partida, um mirante para a ação.

Outro autor (a quem já nos referimos) que externou idéias feministas foi o filósofo liberal e economista inglês John Stuart Mill. Suas principais contribuições ao pensamento feminista encontram-se, como vimos, no seu livro *The Subjection of Women*, composto por dois ensaios — um deles do próprio Mill e o outro de autoria de sua esposa Harriet Taylor Mill — que, embora completados no final dos anos 1850, só foram publicados em 1869, depois da morte de Harriet e na mesma época em que Stuart Mill se envolveu com a movimentação feminista em favor do sufrágio da mulher.

Além do direito do voto para as mulheres, as preocupações feministas deste autor incluíram a necessidade de reformulação da legislação matrimonial e o reconhecimento das capacidades civis femininas, como por exemplo, o direito da mulher ao exercício de profissões. Mas o maior aporte trazido pelas idéias de Stuart Mill à questão feminista talvez tenha sido a desmistificação da pretensa "inferioridade natural" da mulher.

Enfatizando a influência da educação distorcida e dos preconceitos sociais sobre o comportamento feminino, Mill aponta a "historicidade" da condição do gênero feminino — que, devido à pressão das circunstâncias, poderia até mesmo estar sendo, pelo contrário, tolhido em sua verdadeira natureza:

(...) De nada serve dizer que as atuais funções e posições dos dois sexos são determinadas por sua *natureza* (...). O que hoje se chama natureza da mulher é algo eminentemente artificial, resultado de uma repressão forçada em determinadas direções e de um estímulo antinatural em outras. Sem nenhum receio, podemos assegurar que nenhuma outra classe submetida teve seu caráter tão deformado por seu relacionamento com seus senhores: porque se, sob alguns aspectos, as raças escravizadas e conquistadas foram reprimidas ainda mais violentamente (...), no caso da mulher, algumas de suas qualidades naturais permaneceram cultivadas numa espécie de ibernação, para benefício e prazer de seus donos. (...) A maior das dificuldades que atualmente impedem o progresso do pensamento e a formação de opiniões bem fundadas sobre a vida e a conduta social é a inominável ignorância e o descuido da humanidade no que se refere às influências que dão forma ao caráter humano.<sup>108</sup>

---

108. Stuart Mill, obra citada, pp. 107-109.

Este autor acrescenta que o conhecimento daquilo que poderia ser chamado de "condição original da mulher" dependeria do aperfeiçoamento dos estudos de psicologia feminina, ainda muito pouco desenvolvidos na época. Além disso, a parcialidade das avaliações masculinas a respeito da mulher (principalmente naquela situação de rígida separação entre os universos de um sexo e de outro) exigia a perquirição de outros sujeitos: o estudo da psicologia feminina teria de envolver, inevitavelmente, as próprias mulheres, permitindo-se que se dessem a conhecer, que falassem de si mesmas pela ampliação de seus canais de expressão na sociedade — o que já vinha ocorrendo, de forma circunscrita, através da atividade literária de algumas mulheres:

(...) O conhecimento que os homens chegam a ter das mulheres (...) é completamente superficial e incompleto, e assim será sempre até que as mulheres digam tudo o que têm a dizer. (...) Até há bem pouco tempo não se admitia que as mulheres se destacassem no terreno literário, nem a sociedade lhes permitia falar ao público em geral. Atualmente, ainda são muito poucas as mulheres que ousam dizer coisas desagradáveis, que os homens, de quem depende seu êxito literário, não queiram ouvir. (...) Mas isto já não acontece tanto como acontecia até recentemente. As escritoras já estão se mostrando mais audaciosas e mais desejosas de expressar seus verdadeiros sentimentos.<sup>109</sup>

Aliás, devemos lembrar que a literatura européia do Oitocentos, de modo geral (e não somente aquela produzida por mulheres) retratou fielmente as transformações da condição feminina, acontecendo mesmo, em muitos casos, que a própria elaboração literária acabasse atuando no processo de renovação das representações sociais da mulher. Ao longo do século XIX, a literatura perde sua "aura", passando da condição de raridade consumida por uma elite para a de veículo que atingia número cada vez maior de leitores; seguindo as linhas mestras deste processo de universalização da literatura como produto, foi-se laicizando o conteúdo das representações literárias (aí incluídas aquelas referentes à mulher). Assim, é possível acompanhar o paulatino abandono da figura feminina idealizada dos primeiros românticos em favor de personagens femininos mais consistentes: ainda dentro do próprio romantismo, a preocupação com a denúncia social leva à inauguração da "pequena heroína", mais corriqueira, representada pela mulher trabalhadora;<sup>110</sup>

---

109. Stuart Mill, obra citada, pp. 113-114.

110. Tendo como precedente o romance de Madame de La Fayette *A Princesa de Clèves* (1662), a literatura francesa notabilizou-se pela construção de notáveis estudos psicológicos femininos por autores oitocentistas como Stendhal, Balzac, Merimée, Flaubert, Dumas Filho, Zola e Maupassant. Mas é na literatura inglesa dessa época que encontraremos a percepção mais aguda do drama da mulher submetida aos mais variados meios de opressão; não é por acaso que, corroborando a tese de Stuart Mill, os maiores romances britânicos do gênero se devem à pena feminina — de escritoras como Charlotte Brontë (*Jane Eyre*, 1847), Emily Brontë (*O Morro dos Ventos Uivantes*, 1847) e George Eliot (*O Moinho do Rio Floss*, 1860).



além disso, as correntes do realismo-naturalismo colocariam em primeiro plano a figura da mulher mergulhada em suas paixões, torturada pelo conflito entre a satisfação dos desejos e o dever socialmente imposto — ou tratariam ainda da degenerada, amante ou prostituta, cuja conduta é explicada com base na influência do ambiente social.

As idéias do filósofo evolucionista inglês Herbert Spencer (apesar de este autor não poder ser considerado propriamente um feminista)<sup>111</sup> terão papel decisivo na reformulação das teorias educacionais relativas à instrução feminina. Propugnando a extensão da cultura física às meninas, Spencer efetuou a denúncia das restrições sociais que resultavam no comprometimento da integridade corporal das moças, condenadas à imobilidade e ao enclausuramento em casa ou nos colégios — insistindo, antes de mais nada, na superação do contraste entre os princípios que regiam a educação feminina e a educação masculina: enquanto nos colégios para meninos era comum encontrarem-se condições para realização de jogos e exercícios ao ar livre, nas escolas para meninas as oportunidades para a livre expansão corporal escasseavam. Observando as diferenças entre a organização das escolas masculinas e femininas, Spencer faz denúncias como esta, que consta do seu conhecido livro *Education: Intellectual, Moral, and Physical* (1861):

(...) To the importance of bodily exercise most people are in some degree awake. Perhaps less needs saying on this requisite of physical education than on most others: at any rate, in so far as boys are concerned. (...) Unfortunately, the fact is quite otherwise with girls. (...) We have both a boy's school and girl's school within view, and the contrast between them is remarkable.<sup>112</sup>

---

111. Spencer não pode ser considerado propriamente um feminista, por mostrar-se, em outros pontos de sua obra, ainda bastante influenciado pelo positivismo comtiano, chegando a referendar o mito da "inferioridade biológica da mulher". Cf. Margareth Rago, *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991. Esta autora, no entanto, reconhece a ambiguidade da assimilação das teorias spencerianas no Brasil — aqui utilizadas tanto pela elite conservadora, com vistas à manutenção da condição inferior da mulher, quanto, no sentido contrário, pelos setores progressistas que defendiam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Segundo Rago, as próprias feministas brasileiras, entre elas as redatoras de *A Mensageira*, teriam recorrido com mais frequência a autores como Comte, Spencer e Darwin do que a pensadores notadamente feministas como Stuart Mill. Consultar especificamente, a esse respeito, o segmento "O Complicado Sexo dos Doutores"(cap. III da 2ª Parte), pp. 141-164 de seu livro. Voltaremos ao assunto no capítulo dedicado à caracterização das correntes de idéias que influenciaram o pensamento das redatoras de *A Mensageira*.

112. Herbert Spencer, *Education: Intellectual, Moral, and Physical*. Reimpressão fac-similar da edição inglesa de 1890. Osnabrück (Germany), Otto Zeller, 1966; volume XVI da coleção "The Works of Herbert Spencer". O trecho transcrito (reapresentado a seguir em tradução da mestranda) consta da p. 168, integrando o capítulo IV ("Physical Education, pp. 144-190): "A maioria das pessoas já está, em certa medida, conscientizada da importância dos exercícios físicos. Talvez reste menos a se dizer sobre este aspecto da educação física do que sobre os demais, pelo menos no que se refere aos meninos. (...) Infelizmente, o caso é quase completamente diverso no que concerne à educação das meninas. (...) Temos à nossa frente uma escola de meninos e uma escola de meninas; e o contraste entre ambas é marcante."

E prossegue:

In the one case, nearly the whole of a large garden is turned into an open, gravelled space, affording ample scope for games, and supplied with poles and horizontal bars for gymnastic exercises. Every day (...) the neighbourhood is awakened by a chorus of shouts and laughter as the boys rush out to play (...). How unlike is the picture offered by the "Establishment for Young Ladies"! (...) The garden, equally large with the other, affords no sign whatever of any provision for juvenile recreation; but is entirely laid out with prim grass-plot, gravel-walks, shrubs, and flowers (...). During five months we have not once had our attention drawn to the premises by a shout or a laugh. Occasionally girls may be observed sauntering along the paths with their lesson-books in their hands, or else walking arm-in-arm. Once, indeed, we saw one chase another round the garden; but, with this exception, nothing like vigorous exertion has been visible.<sup>113</sup>

Criticando o ascetismo da educação feminina, Spencer é levado a questionar a existência de diferenças naturais na constituição física de homens e mulheres que justifiquem esta diversidade de tratamento, que ele considera prejudicial ao desenvolvimento do organismo feminino. Não encontrando na natureza razões suficientes para tal procedimento, conclui serem as avaliações sociais (acerca daquilo que é próprio a um ou a outro) as responsáveis por este sistema de educação diferenciada; e, refletindo sobre a adequação destas avaliações, o autor passa a duvidar do "ideal feminino" baseado na excessiva delicadeza ou fragilidade da mulher — chegando ao ponto de afirmar (apesar de ainda se referir a "instintos femininos") que as meninas, assim como os meninos, são perfeitamente capazes de autogovernar-se, sem necessidade de intervenção dos mestres:

Why this astonishing difference? Is it that the constitution of a girl differs so entirely from that of a boy as not to need these active exercises? Is it that girl has none of the promptings to vociferous play by which boys are impelled? Or is it that, while in boys these promptings are to be regarded as stimuli to a bodily activity without which there cannot be adequate development, to their sisters, Nature has given them for no purpose whatever (...) ?<sup>114</sup>

---

113. Ou seja: "No primeiro caso, quase todo o amplo jardim comunica-se com uma área aberta e calçada, permitindo a realização de jogos e provida de mastros e de barras horizontais para exercícios de ginástica. Todos os dias (...) a vizinhança é despertada pelo coro de gritos e risadas dos garotos precipitando-se para brincar (...). Como é diferente o quadro oferecido pelo 'Estabelecimento para Meninas'! (...) O jardim, tão vasto quanto o outro, não oferece nenhum sinal de aparelhamento para a recreação juvenil, sendo inteiramente disposto em meticulosos canteiros de grama, caminhos de pedra, arbustos e flores (...). Durante cinco meses, nossa atenção não foi despertada uma vez sequer por aquele lugar, em função de gritos ou risadas. Ocasionalmente, meninas podem ser vistas passeando pelas aléias com seus livros de estudo nas mãos ou então caminhando de braços dados. Uma vez, na verdade, vimos uma menina correndo atrás de outra em torno do jardim, porém, agora esta exceção, nada parecido com um esforço vigoroso pôde ser observado." (tradução nossa para o texto das pp. 168-169 do livro citado).

114. P. 169 da mencionada obra de Spencer. Tradução: "Por que esta espantosa diferença? Acaso a constituição de uma menina difere tão completamente daquela de um menino, a ponto de dispensar atividade? Acaso esta menina não tem nada daquela disposição para a brincadeira barulhenta, para a qual os meninos são impelidos? Ou ocorre que, enquanto nos meninos estas predisposições são vistas como estímulos para a atividade corporal, sem a qual não podem se desenvolver adequadamente, no caso de suas irmãs, a Natureza assim dotou-as sem finalidade alguma (...) ?".

Concluindo:

Perhaps, however, we mistake the aim of those who train the gentler sex. We have a vague suspicion (...) that a certain delicacy, a strength not competent to more than a mile or two's walk, an appetite fastidious and easily satisfied, joined with that timidity which commonly accompanies feebleness, are held more lady-like. (...) "Then girls should be allowed to run wild — to become as rude as boys, and grow up into romps and hoydens!" exclaims some defender of the proprieties. This, we presume, is the ever-present dread of school-mistresses. It appears, on inquiry, that at "Establishments for Young Ladies" noisy play like that daily indulged in by boys, is a punishable offence, and we infer that it is forbidden, lest unlady-like habits should be formed. The fear is quite groundless, however. For if the sportive activity allowed to boys does not prevent them from growing up into gentlemen; why should a like sportive activity prevent girls from growing up into ladies? (...) How absurd is the supposition that the womanly instincts would not assert themselves but for the rigorous discipline of school-mistresses!<sup>115</sup>

Essencialmente libertária, a pedagogia de Spencer, ao colocar em primeiro plano a autonomia do indivíduo no processo de aprendizagem, viria a fornecer às mulheres, em sua busca de emancipação, argumentos irretorquíveis; de modo que, por mais paradoxal que pareça, sendo a principal reivindicação feminista do século XIX a conquista da educação formal para as mulheres, o autodidatismo surgirá como via alternativa para a afirmação feminina. Talvez justamente por terem adentrado tão tardiamente o mundo da escrita e da leitura, as mulheres — de modo geral mantidas na ignorância durante séculos — encontrariam neste tipo de pedagogia de filiação sensualista, antilivresca e inimiga do autoritarismo dos professores, um caminho para a legitimação das formas tradicionais do conhecimento feminino (mais ligados à elaboração oral de fatos e acontecimentos, à exploração imediata do ambiente natural e social cotidiano e às manifestações da cultura popular).

Desta forma, uma vez adquirida a emancipação do corpo feminino, liberto para a exploração concreta do mundo (processo que, segundo o próprio Spencer,

---

115. Pp. 169-171 do texto em foco. Tradução: "Talvez, entretanto, nos enganemos quanto ao objetivo daqueles que ensinam o sexo fraco. Temos a vaga suspeita (...) de que uma certa delicadeza, a força suficiente para não mais que uma milha ou duas de caminhada, um apetite melindroso e facilmente satisfeito, acrescidos daquela timidez que normalmente acompanha a fraqueza, correspondem ao que é mais próprio para uma menina. (...) 'Deve-se então permitir às meninas que corram selvagememente — que se tornem rudes como os garotos, que cresçam entre travessuras e turbulências!' — exclamam os defensores da etiqueta. Esse, suspeitamos, é o onipresente terror das professoras. Parece, na nossa investigação, que no 'Estabelecimento para Meninas' brincadeiras barulhentas como aquelas diariamente permitidas aos meninos constituem falta passível de punição, e supomos que elas sejam proibidas devido ao receio de que possam gerar hábitos não-femininos. Esse temor, entretanto, é praticamente infundado. Pois, se a atividade esportiva permitida aos meninos não os impede de se tornarem cavalheiros, por que deveriam as mesmas atividades impedir as meninas de se tornarem damas? (...) Como é absurda a suposição de que os instintos femininos não são capazes de se afirmar por si mesmos a não ser sob a rigorosa disciplina das mestras!"

constituiria uma primeira etapa em direção à reflexão abstrata), o próximo passo seria a conquista pelas mulheres da libertação do intelecto. Neste caso, autores como o ensaísta inglês Samuel Smiles (1812-1904), incentivador do autodidatismo e precursor de um tipo de "literatura de auto-ajuda" ou de autoconhecimento, poderiam ser identificados como parceiros da emancipação feminina: aproximando-se de Spencer na exaltação do individualismo, ganharam divulgação internacional obras como *Self-Help* (1859), *Character* (1871), *Thrift* (1875), *Duty* (1880) — que receberam, já naquela época, suas primeiras traduções para a língua portuguesa.<sup>116</sup>

Também não devemos deixar de mencionar outros autores que, embora só possam ser considerados feministas em sentido lato, merecem ser lembrados por trilharem o caminho da exploração de temas relacionados com a condição da mulher. É o caso, por exemplo, do escritor e professor francês Louis-Aimé Martin (1786-1847) que escreveu o célebre ensaio *De l'éducation des mères de familles* (1834): discípulo de Bernardin de Saint-Pierre, autor do célebre romance idílico *Paul et Virginie*, Aimé Martin foi fiel defensor, assim como seu mestre, das idéias rousseauianas. São também dignos de nota os trabalhos de Eugène Pelletan (1813-1884), romancista, historiador, ensaísta e político ligado à extrema esquerda francesa dos anos de instauração da Terceira República, que escreveu, entre outros, ensaios como *La Famille, la Mère* (1865) e *La Femme au XIX<sup>e</sup> Siècle* (1869). O filósofo e político republicano francês Jules Simon (1814-1896) também se dedicou ao assunto: tendo sido professor da Escola Normal de Paris, notabilizou-se pela redação de ensaios históricos e filosóficos de ampla divulgação, entre os quais se encontram *L'Ouvrière* (1863) e *La Femme au XX<sup>e</sup> Siècle* (1891).<sup>117</sup>

Defendendo de forma mais incisiva os direitos da mulher e da criança, atuação em que se tornou um dos principais propagandistas do século XIX, temos Ernest Legouvé (1807-1903), escritor francês mais conhecido por sua obra teatral — os principais papéis femininos de peças de sua autoria como *Adrienne Lecouvreur* e *Médée* sendo representados por atrizes de renome internacional (como Rachel, Sarah Bernhardt e Adelaide Ristori). Atentando para questões relativas à leitura e à educação feminina,

---

116. Além das traduções divulgadas em Portugal, cabe destacar aquelas realizadas no Brasil dos anos 1880 pela escritora Corina Coaracy (1859-1892) — *O Dever e Vida e Trabalho* —, cf. o verbete correspondente a essa escritora em nosso onomástico (Anexo IV).

117. Tratando-se, todos eles, de escritores mencionados em *A Mensageira*, tanto Aimé Martin como Bernardin de Saint-Pierre, Eugène Pelletan e Jules Simon são igualmente abordados em nosso Anexo IV.

Legouv e lançou em 1864 *La Femme en France au XIX<sup>e</sup> Si cle*, livro que recebeu reedi o amplificada em 1878, tornando-se bastante difundido no final do Oitocentos.

Mas, além da divulga o desta literatura de teor feminista ou simplesmente versando sobre a condi o feminina, outros fatores iriam contribuir para que, a partir da segunda metade do século XIX, a situa o da mulher começasse a dar sinais de melhoria. A partir de 1850, já   possível detectar o declínio dos modelos de "amor romântico" que seriam substituídos por novos padrões sexuais. Num primeiro momento, o aumento da prostitui o nas cidades e a dissemina o de doenças sexualmente transmissíveis corresponderam aos registros concretos que, associados   difusão das teorias hereditárias, seriam responsáveis pela emergência de uma "sexualidade eug nica": neste contexto, o sexo praticado com modera o e higiene dentro do casamento surgia como medida profilática, recomendada pelos médicos e implicitamente sancionada pela opinião pública e pelos governos como forma de produzir uma raça de indivíduos fortes.

Posteriormente, sobretudo a partir da década de 1880, o desenvolvimento da ciência médica (o triunfo das no es de contágio e de assepsia decorrentes das teorias pausteurianas) propiciaria a supera o dessas explica es hereditárias, abrindo espaço para uma nova prática médica, em que prescri es mais leigas ocupariam o lugar do antigo e complexo receituário. Os vários tabus que, mesmo entre os setores médicos, ainda norteavam a gestão do corpo dos indivíduos (principalmente do corpo da mulher), começavam a desaparecer. Exemplar, neste sentido,   o caso da histeria, doença inicialmente tratada como uma altera o corporal (diretamente ligada a distúrbios somáticos, uterinos): as novas especula es a respeito da etiologia da doença induziriam a uma reformula o das posturas tradicionais, acreditando-se agora estar-se lidando com uma "desordem da alma", mais próxima do campo psicanalítico (que será desenvolvido por Freud justamente na virada do século).<sup>118</sup>

---

118. Cf. Alain Corbin, "A Rela o Int ma ou Os Prazeres da Troca" e "Gritos e Cochichos", respectivamente capítulos II (pp. 503-561) e III (pp. 563-611) da 4<sup>a</sup> Parte da mencionada *História da Vida Privada*, vol. IV. Corbin v  este período de modifica es da ciência médica como uma fase de otimismo, numa espécie de "neo-iluminismo", em que o abandono da biologiza o levaria ao fortalecimento da crença no poder das reformas sociais — crença que se expande do terreno médico para outras áreas da vida social: "Os sábios fiéis   tradi o católica, os ideólogos republicanos levados pelo otimismo, velhos médicos inspirados por uma mescla de neo-hipocratismo e vitalismo, e sobretudo contagionistas pausteurianos, rebeldes ao darwinismo, consideram que a hereditariedade mórbida nada tem de inevitável. (...) Muitos estudiosos confiam nas reformas sanitárias ou sociais e nos benefícios do solidarismo para transformar o meio; alguns deles preconizam uma gera o consciente, inspirada na ciência. Tais visões alimentam a crítica do dote e do casamento por dinheiro; incentivam a educa o sexual e a exalta o do *self-control*; encorajam a ascensão deste novo casal, melhor informado, mais unido e mais equilibrado (...)" (p. 568 da obra citada).

Entretanto, teorias antifeministas continuavam a se desenvolver, com a diferença de que, agora, viam-se frente a uma situação mais complexa delineada naquele final de século: as mulheres haviam conseguido, em certa medida, libertar-se da ignorância e da reclusão doméstica e começavam a invadir o espaço público, quer emitindo suas opiniões através da imprensa e da literatura, quer atuando profissionalmente em vários setores da vida social. Não bastavam mais as elaborações até certo ponto ingênuas de um Rousseau ou de um Michelet: o antifeminismo tinha, agora, de revestir-se de conotações científicas, e, foi o cientista italiano Cesare Lombroso (1835-1909) quem se encarregou de dar um passo decisivo neste sentido.

Partindo dos estudos da fisiologia cerebral inaugurados por Franz Joseph Gall (1758-1828) no século XVIII, o principal ponto da teoria lombrosiana referia-se ao menor desenvolvimento do cérebro da mulher, por esta razão considerada inferior em inteligência com relação ao homem. Esta pretensa desigualdade natural (que Lombroso pretende demonstrar através de seus métodos de craniometria) teria sido, inclusive, acentuada pela própria evolução social de nossa espécie: concentrando-se nas funções procriativas, a regularidade e a monotonia das condições de vida da mulher, à diferença do homem (que se desloca continuamente na busca pelo alimento e é estimulado pela competição com seus concorrentes), teriam oferecido poucas oportunidades para o desenvolvimento das faculdades femininas de imaginação e raciocínio.

Além disso, no livro *La Donna Delinquente, la Prostituta e la Donna Normale* (1893), que Lombroso escreveu juntamente com seu genro Guglielmo Ferrero, tecem-se considerações negativas sobre a mulher em geral. Dotadas de um padrão muscular e encefálico menos desenvolvido que o do homem, as mulheres se caracterizariam pela "baixa sensibilidade", patente sob a forma de várias manifestações orgânicas e comportamentais: menos sensíveis em termos sexuais, a frigidez e a passividade seriam tomadas como regra entre as mulheres; menos sensíveis à dor, as mulheres também seriam menos tocadas pela dor e pelos sentimentos alheios. Passando, neste caso, diretamente das especulações fisiológicas para o terreno da moral, esses autores amplificavam as distorções de suas inferências, passando a considerar as mulheres como seres naturalmente cruéis, vingativos, invejosos, ciumentos e avaros.

É interessante notar que Lombroso localiza entre as mulheres consideradas "desviantes" (masculinizadas), que tendiam ao delito ou à aberração, algumas mulheres ilustres, de inteligência superior, como Madame de Staël, Madame Carlyle e George Sand.

Aliás, na mesma linha de argumentação, este autor identifica, além do fator inteligência, a instrução feminina (ou, mais precisamente, o conhecimento acumulado no processo da instrução, ao qual as mulheres não poderiam dar vazão pelas vias socialmente aceitas) como um elemento potencialmente danoso, capaz de induzir as mulheres ao crime:

Por uma bizarra contradição [a sociedade] não permite utilizá-las [as mulheres] nas profissões e na administração para ganhar a vida. Muitas mulheres bastante inteligentes encontram-se assim depois de longas fadigas e de grandes despesas reduzidas à miséria, tendo consciência de merecer melhor sorte, tendo perdido ou quase a esperança de encontrar um último recurso no casamento (pela habitual repugnância do homem vulgar pela mulher instruída) não lhe resta senão o suicídio, o delito, ou a prostituição; as mais pudicas se matam, as outras roubam ou se vendem.<sup>119</sup>

Observando essa tortuosa linha evolutiva do pensamento oitocentista (aqui abordada com base apenas em seus principais representantes) no que se refere à "questão feminina" — e comparando seus pontos de inflexão com os conteúdos evidenciados à leitura de *A Mensageira*, veremos que uma das conclusões passíveis de evidenciação diz respeito ao momento historicamente definido pelo período de circulação da revista (1897-1900); momento que corresponderia, na prática, a um complexo "turning point" em que, de certa forma, teorias feministas e antifeministas se mesclariam sincreticamente para embasar uma pragmática reivindicação de emancipação pela instrução e pela garantia de acesso ao mercado de trabalho em todos os seus escalões.

A retirada de cena de *A Mensageira* em 1900 coincidirá, no entanto, com a fase em que a reivindicação teórica, de circulação restrita, dará lugar a amplas mobilizações de massa, com base na reivindicação sufragista e em apelos respaldados pela dialética marxista ou pela radicalização do discurso anarquista. Estaremos adentrando, então, um universo presidido por aceleradas transformações político-econômico-sociais, em que as propostas feministas do Oitocentos, válidas até poucos momentos antes, parecerão irremediavelmente ineptas e anacrônicas.

---

119. Cesare Lombroso & Guglielmo Ferrero, *La femme criminelle et la prostituée* (tradução francesa do original italiano, 1896), apud Rachel Soihet, *Condição Feminina e Formas de Violência: Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1989, p. 103. Soihet faz uma descrição detalhada do conteúdo deste livro de Lombroso & Ferrero entre pp. 81 e 110, trecho inicial do capítulo II ("O Que Acham da Mulher", pp. 81-140).

### IV.3 — O PANORAMA BRASILEIRO

No surto de "idéias novas" que revolucionariam o panorama do pensamento brasileiro, sobretudo a partir de 1870, desbancando o antigo primado do ecletismo e do espiritualismo "à la Victor Cousin", destacaram-se os ideais positivistas. Em face de uma realidade filosófica contaminada pelos vícios da retórica e da escolástica, o advento da mentalidade científica e positiva atuou, sem dúvida, como força renovadora.

Esta renovação, porém, não era necessariamente sinônimo de progressismo: as formas de assimilação das idéias positivistas no Brasil diferiram de acordo com as propensões regionais ou individuais dos intelectuais brasileiros; no caso específico da questão feminina, podemos dizer que a elaboração teórica diferenciada determinou, analogamente, a adoção por este ou aquele intelectual, de um posicionamento favorável ou contrário à emancipação da mulher brasileira.

Para Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927), fundador do Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, ligado ao chamado "positivismo ortodoxo",<sup>120</sup> a questão feminina se colocava exatamente nos termos definidos por Comte no *Catecismo Positivista*. Suas idéias sobre o lugar da mulher na sociedade são, assim, uma transposição literal do pensamento do mestre: tornando a mulher objeto de culto, afirma-se a proeminência do senso moral e dos sentimentos altruístas no sexo feminino — considerado, neste ponto, superior ao sexo masculino, mais inclinado ao egoísmo na luta pela conservação da espécie.

Esta pretensa vantagem, entretanto, se torna elemento de subestimação da mulher, "naturalmente" predestinada ao confinamento no lar e ao cuidado dos filhos. Numa explicação de viés biologizante, Teixeira Mendes exalta o amor materno e identifica

---

120. Sobre as diversas correntes do positivismo no Brasil, consultar o texto de Angela Alonso "De Positivismo e de Positivistas: Interpretações do Positivismo Brasileiro", em *BIB (Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Anpocs, Rio de Janeiro)*, nº 42, 2º semestre de 1996, pp. 109-134. Essa autora aponta a década de 1870 como o momento da efetiva eclosão das idéias positivistas no Brasil, enfatizando a precedência cronológica da escola paulista que inaugurou, com Luís Pereira Barreto, a interpretação positivista dos problemas nacionais. Descreve também as dissensões entre o grupo paulista capitaneado por Pereira Barreto e os positivistas cariocas (sobretudo Miguel Lemos) ligados à Igreja do Apostolado — revelando as distorções da historiografia que adotou acriticamente a diferenciação entre positivismo "ortodoxo" e "heterodoxo" efetuada pelo próprio Miguel Lemos (que, por contraste à pretensa fidelidade do Apostolado ao comtismo, tachava depreciativamente de positivismo incompleto o pensamento de autores "heterodoxos").



na mulher o sustentáculo da família e da sociedade — opondo-se, por isso, ao divórcio ou a qualquer outra modificação social tendente a concretizar a igualdade entre os sexos. Apesar de advogar a educação integral para ambos os sexos, o reconhecimento de diferenças entre homens e mulheres invalidaria a aplicação efetiva do princípio; a verdadeira missão da mulher constituiria em saber imolar-se por amor à Família e à Humanidade:

(...) A Mulher atravessa uma situação em que a pintam como inferior ao homem. Sua vida é para a Família. Pois bem, o sacerdócio católico (...), no momento em que vai sagrar cada Família que se funda, lembra à Mulher que ela desce da sua dignidade, tornando-se esposa, deixando de ser virgem. (...) Pois a Mulher sujeita-se com humildade a tudo isto, e vai desempenhar no lar (...) a sua verdadeira obra de santificação na Terra, adaptando o homem, cada vez mais, a *viver para outrem*. (...) A mulher sabe que a moralidade humana supõe a submissão, que é a base do aperfeiçoamento, físico, intelectual, e moral. (...) Ela obedece espontaneamente, porque obedece por amor, não obedece por servilismo.<sup>121</sup>

Além disso, registraram-se no Brasil exemplos históricos em que notórios positivistas (mesmo aqueles não totalmente devotados ao Apostolado Positivista do Rio de Janeiro) adotaram postura abertamente misógina. Foi o caso de Benjamin Constant — que, nomeado Ministro da Instrução Pública ainda no Governo Provisório de Deodoro da Fonseca, revogou em 1890 as disposições favoráveis (instituídas pela Reforma Carlos Leôncio de Carvalho, de 1879) à admissão das mulheres no ensino superior. A medida gerou reação por parte da principal feminista da época, Josefina Álvares de Azevedo — que, através das páginas do jornal *A Família*, lança invectivas contra o positivismo de Benjamin Constant:

(...) O tal positivismo do Sr. Benjamin é o que faz da mulher um ente descerebrado, um animal sem desenvolvimento, um pobre camelo do deserto destinado a servir ao homem eternamente, bestialmente, sem estímulo de revolta, sem um sinal de enfado, resignado, sombrio e indiferente.<sup>122</sup>

Em 1904, o poeta e jornalista Antônio dos Reis Carvalho, positivista

---

121. Teixeira Mendes, "A Mulher: Sua Proeminência Social e Moral, Segundo os Ensinos da Verdadeira Ciência Positiva", apud *A Mulher no Brasil* (coletânea de textos coligidos e anotados por June E. Hahner, trad. de Eduardo F. Alves, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978), pp. 90-91.

122. Cf. "Decreto Iníquo e Absurdo", artigo publicado originalmente em *A Família* (Rio de Janeiro), em 30 outubro de 1890 — apud Constância Lima Duarte: "Josephina Álvares de Azevedo: Uma Ensaísta Polêmica", in *Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura*, volume org. por Susana Bornéo Funck, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994, pp. 413-420; esta autora esclarece ainda que esse artigo seria posteriormente incluído na coletânea de ensaios de Josefina Álvares editada em 1891, *A Mulher Moderna*.

ortodoxo,<sup>123</sup> volta à baila com colocações antifeministas, reunidas sob a forma de quatro artigos intitulados "A Questão Feminina", publicados nos números iniciais da revista carioca *Kosmos*. O detalhamento dos pontos principais de sua argumentação ajuda a esclarecer o teor das formulações positivistas sobre o lugar da mulher na sociedade.

1º) A solução de Comte para a questão feminina é a melhor elaboração do problema.

No primeiro artigo da série, Reis Carvalho faz considerações acerca do estado de anomia social resultante da redução das esferas da vida humana aos princípios do materialismo vulgar. Identificando a mulher como "guardiã da fé" no Ocidente, não trata ainda do problema feminino propriamente dito, porém já revela, na argumentação utilizada, o caráter dogmático da discussão que irá se seguir. É interessante salientar que o autor encaminha o problema como se tratasse de uma questão de "ciência pura" — algo que envolveria a assunção apriorística de certas leis e a filiação incontestada a determinada teoria (no caso, o pensamento de Auguste Comte):

(...) Procedemos nesta questão como outro qualquer procederia resolvendo um problema relativo a uma ciência inferior, por exemplo, a geometria (...). A solução do problema feminino tal como Augusto Comte a estabeleceu (...) é uma verdadeira solução científica, tão certa como a lei dos três quadrados (...). É profundamente convencido de tal verdade que iniciamos o nosso estudo, ligeiro embora, sobre a magna questão da Mulher, repetindo ainda uma vez o pensamento da escritora britânica: "Sobre tal questão não há senão Augusto Comte".<sup>124</sup>

2º) "A mulher inspira, o homem faz".

Na sequência, o autor discorre sobre a proeminência moral do sexo feminino. Identificando o Amor como o moto perpétuo das ações humanas, afirma que o domínio do elemento afetivo na mulher a torna superior ao homem. Ressalta as diferenças entre a inteligência feminina, analítica (interessada no estudo do mundo concreto e dos fenômenos morais) e a inteligência masculina, sintética (voltada para a descoberta de leis gerais), que se tornam assim complementares — cabendo à mulher infundir no espírito do homem

---

123. Na qualidade de colaborador da revista *A Mensageira* em sua juventude, Antônio dos Reis Carvalho (também conhecido pelo pseudônimo "Oscar d'Alva", 1874-1946), é detidamente estudado em nosso Anexo V.

124. "A Questão Feminina", Parte I, artigo datado do Rio de Janeiro, Bichat de 115 (dezembro de 1903), revista *Kosmos*, ano I, nº 1, janeiro de 1904 (páginas não numeradas). A escritora inglesa a que Reis Carvalho alude neste trecho é Sarah Austin.

o apego às coisas concretas, capaz de corrigir os excessos do raciocínio abstrato. Assim, Reis Carvalho concluirá que, apesar de as grandes obras da Humanidade não terem sido produzidas por mulheres, talvez muitas delas tenham sido por elas inspiradas:

(...) A mulher tem realmente tanta capacidade quanto o homem para as produções do espírito, apenas uma diversidade de destino determina a diferença de qualidade. Enquanto o homem, entregue à vida pública, desenvolve a ciência, a arte e a indústria, a mulher no lar o prepara para essa mesma vida. Ela não produz as grandes obras, mas forma os grandes homens; toda a sua glória está na dos homens que educa, dos homens que seu amor dirige, como mãe, esposa ou filha.<sup>125</sup>

3º) A mulher é a rainha do lar.

O terceiro artigo de Reis Carvalho é dedicado à condenação do divórcio e à exaltação da família monogâmica — que, na sua opinião, resistirá às transformações sociais e aos ataques da "metafísica revolucionária". Apontando a mulher como a "alma da família", define a "missão feminina" de devotamento ao lar em oposição às teorias de "pseudo-pensadores", defensores da emancipação intelectual, política e profissional da mulher:

(...) A mulher é a alma da família. (...) É ela que no laboratório da família prepara a Pátria e a Humanidade, formando homens: o esposo que ela aconselha e os filhos que educa. (...) E que mais nobre destino pode aspirar a mulher do que ser adorada pelo eleito do seu coração e pelos filhos do seu amor? (...) Ao formularmos essas perguntas parece-nos ouvir um sorriso desdenhoso de algum pseudo-pensador moderno e quem sabe também se de alguma doutora, (...) falando em nome de uma ciência que só conhecem superficial ou empiricamente e às mais das vezes não possuem, insistirem pela pretendida liberdade feminina, que, para eles, consiste no direito do voto, no exercício da advocacia, da medicina, do comércio, das indústrias quaisquer, de todas as profissões enfim que a sabedoria humana assinalou como destinadas ao sexo ativo.<sup>126</sup>

4º) A instrução feminina deve obedecer a fins exclusivamente domésticos.

Reconhecendo a necessidade da educação da mulher para o desempenho de missão de tamanha importância, o quarto artigo de Reis Carvalho refere-se ao conteúdo dos estudos femininos — que, embora devam abranger os conhecimentos de todas as Ciências, visam objetivos exclusivamente domésticos (relativos aos afazeres da casa e à educação moral e intelectual dos filhos):

---

125. "A Questão Feminina", Parte II, *Kosmos*, nº 2, fevereiro de 1904 (páginas não numeradas).

126. "A Questão Feminina", Parte III, *Kosmos*, nº 3, março de 1904 (páginas não numeradas); grifo nosso.

(...) Como é fácil de ver, portanto, a mulher, destinada por sua natureza cerebral e por sua destinação social a melhorar o homem, (...) tem de estudar todo o conjunto da ciências desde a Matemática até a Ética ou Moral, sem o que não pode exercer plenamente a mais nobre de todas as funções, a mais elevada das artes, a arte de educar. (...) Mas não é só a ciência, as artes são indispensáveis à cultura feminina: o estudo do desenho, da música, da pintura; de todas as formas de poesia, literária, fônica ou plástica; e o conhecimento das línguas modernas; pois até a adolescência dos filhos é ela que, como mãe, lhes ministra, ao lado da educação puramente moral, todo esse ensino, então só compatível com o grau de desenvolvimento das faculdades intelectuais da criança. (...) O preparo dos alimentos, os cuidados do vestuário, a costura, os bordados, os vários trabalhos manuais, etc, são de sua exclusiva competência ou se acham sob sua imediata direção, que tudo isso é destinado à casa, à família. <sup>127</sup>

Desse modo, ultrapassando os limites do positivismo ortodoxo, a crítica da condição de passividade da mulher brasileira caberá às correntes de idéias que, embora caudatárias do positivismo, tenderão ao cientificismo liberal, aproximando-se do pensamento de autores como Stuart Mill, Herbert Spencer e Ernst Haeckel. Neste sentido, podemos atribuir a alguns representantes da chamada "Escola do Recife" o mérito de ter praticamente inaugurado uma discussão mais consistente acerca da situação social e jurídica da mulher no Brasil — pioneirismo relativo, no entanto, uma vez que algumas pensadoras (talvez pudessemos chamá-las de "primeiras ensaístas" nacionais), como a precursora do feminismo no Brasil, Nísia Floresta, já haviam encetado, ainda que de forma isolada, suas próprias reflexões sobre a condição feminina.

O germanista Tobias Barreto, por exemplo, adepto do monismo haeckeliano, defendeu perante a Assembléia Provincial de Pernambuco, em sessão datada de 22 de março de 1879, a concessão de subvenção para que uma jovem pernambucana pudesse estudar medicina. Encetando um aguerrido debate com o deputado Malaquias, ferrenho opositor do projeto (como de qualquer outra proposta de emancipação da mulher), sua argumentação ultrapassa as proporções daquele caso individual para abordar a questão da emancipação feminina em geral. <sup>128</sup>

Aproximando-se das explicações de cunho culturalista, Tobias Barreto defende a aptidão feminina para os estudos científicos, refutando as teses defendidas por Malaquias acerca da pretensa inferioridade intelectual da mulher.

---

127. "A Questão Feminina", Parte IV, *Kosmos*, nº 4, abril de 1904 (páginas não numeradas).

128. Nesta qualidade, a discussão entre Barreto e o deputado Malaquias foi incluída, sob a forma de dois ensaios consecutivos ("Educação da Mulher" e "Ainda a Educação da Mulher"), no volume *Estudos de Sociologia* de Tobias Barreto (em meio a outros textos de natureza sociológica extraídos das obras completas desse autor) — Rio de Janeiro, INL-MEC, 1962.

Suas objeções desenvolvem-se em diversas frentes: começa por citar o exemplo histórico de mulheres que estudaram medicina, sugerindo, inclusive, haver algumas áreas da ciência médica (anatomia, cirurgia, obstetrícia, etc) para as quais a mulher seria mais apta do que o homem, ressaltando que é a própria realidade histórica dessas estudantes de medicina que corrobora a tese da referida aptidão feminina para tais estudos:

(...) Não se trata de uma questão teórica, de uma questão que se possa resolver com dados *apriorísticos* porém de uma que só no terreno experimental pode ser elucidada. Ora, no terreno experimental, esta questão está resolvida do modo mais favorável à mulher.<sup>129</sup>

Num segundo momento, Barreto propõe a substituição dessas teorias fisiológicas, já ultrapassadas pelas idéias da seleção natural de Darwin e da adaptação individual de Haeckel. Aponta, assim, a impossibilidade de se inferir através de parâmetros mensuráveis (no caso o peso do cérebro da mulher, normalmente inferior ao do homem) a qualidade da capacidade intelectual feminina — problema bem mais complexo, que exigiria o estudo da correlação entre desenvolvimento cerebral e condições ambientais. Disto decorreria que a permissão para a realização de estudos científicos pela mulher requer um levantamento mais amplo dos múltiplos fatores envolvidos na questão de sua emancipação:

(...) Essa mesma questão da emancipação da mulher não é uma coisa extravagante; é o nome dado a um dos mais sérios assuntos da época, em toda a sua complexidade. Ela oferece três pontos de vista distintos: o ponto de vista *político*, o *civil* e o *social*. Quanto ao primeiro, a emancipação política da mulher, confesso que ainda não a julgo precisa, eu não a quero por ora. (...) Pelo que toca, porém, ao ponto de vista *civil*, não há dúvida que se faz necessário emancipar a mulher do jugo de velhos prejuízos (...). Entre nós (...) ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher ainda vive sob o poder absoluto do homem. (...) Essas relações, digo eu, deveriam ser reguladas por um modo mais suave, mais adequado à civilização. (...) Mas vamos ao lado *social* da questão. Aí é que está compreendida a emancipação científica e literária da mulher, emancipação que consiste em abrir ao seu espírito os mesmos caminhos que se abrem ao espírito do homem; e a este lado é que se prende o nosso assunto.<sup>130</sup>

E, partindo destas colocações, Tobias Barreto toca o ponto nuclear da questão: a inferioridade intelectual feminina não é produto de nenhum atavismo, devendo ser imputada, pelo contrário, ao estado de ignorância em que as mulheres têm sido mantidas pela sociedade através dos tempos. Desta forma, ao determinismo biológico o autor contrapõe uma visão das possibilidades de emancipação intelectual da mulher pela

---

129. Tobias Barreto, "Educação da Mulher", p. 71 do citado volume de *Estudos de Sociologia*.

130. Idem, *ibidem*, pp. 74-76; grifos do autor.

educação — perspectiva otimista, mas realizável apenas na medida em que as portas das instituições educacionais (do nível básico até o superior) forem a ela franqueadas:

(...) Os argumentos que de ordinário se manejam contra a inteligência feminina, são do gênero daquele que empregou o velho Aristóteles, quando disse que havia escravos natos (...). É o que se dá (...) quanto ao modo de julgar a mulher: porque ela não tem tido, no correr dos tempos, uma educação suficiente e dessa mesma falta de educação tem resultado para o sexo um tal ou qual acanhamento, chegou-se também ao ponto de supor que ela não é suscetível de cultivar-se e ilustrar-se da mesma forma que o homem. Mas aí é que está o erro, e nós devemos reconhecê-lo. *A mulher tem as mesmas disposições naturais para os estudos superiores; o que há mister é cultura, trabalho e esforço; o que há mister é que se lhe franqueie o templo da ciência.*<sup>131</sup>

Assemelham-se às opiniões externadas por Tobias Barreto os raciocínios desenvolvidos por Tito Lívio de Castro (1864-1890), em *A Mulher e a Sociogenia*, livro escrito em 1877 mas só publicado postumamente em 1893. Médico carioca, adepto do haeckelianismo, das teorias spencerianas e das idéias de Stuart Mill, Castro também esteve ligado à Escola de Recife. Suas considerações sobre a questão feminina podem ser consideradas bastante avançadas para a época — de forma que, fazendo uso de uma linguagem irônica e contundente, desqualifica por completo as teorias biologizantes, que afirmavam a "inferioridade natural" do cérebro feminino com relação ao cérebro masculino:

Fora preciso que o ovário tivesse sobre o cérebro uma ação inibitória e o testículo uma ação dinâmogênica para que a mentalidade feminina fosse incapaz de evoluir. A grande diferença de mentalidade nos dois sexos tem sua razão de ser na educação (...).<sup>132</sup>

E, mais audaciosamente ainda, diagnosticando (da mesma maneira que Tobias Barreto faria dois anos depois) o atraso da inteligência feminina como produto da negligência e dos preconceitos sociais, reage contra os setores conservadores, chegando a questionar os princípios em que se assentava, àquela época, a instituição familiar:

Se a educação da mulher, se o seu progresso mental vem dissolver a família, *o primeiro cuidado de um povo que se civiliza deve ser extinguir a família — e educar a mulher*. Se a constituição da família baseia-se na ignorância e na escravidão ela é incompatível com a evolução. Ou família ou civilização. Sacrifique-se, sacrifique-se sem hesitação a instituição retrógrada, se a sua existência importa a imobilidade, se ela nos deve acorrentar ao passado.<sup>133</sup>

---

131. Tobias Barreto, "Educação da Mulher", na obra citada, pp. 80-81 (grifo nosso).

132. Tito Lívio de Castro, *A Mulher e a Sociogenia*, citado por Rachel Soihet no mencionado *Condição Feminina e Formas de Violência*, p. 132.

133. Tito Lívio de Castro, na obra citada, p. 134 (grifo nosso).

V — AS CONQUISTAS FEMININAS AO LONGO DO SÉCULO XIX:  
EDUCAÇÃO E ACESSO À CULTURA;  
LEITURA, ESCRITA E IMPRENSA FEMININA;  
O FEMINISMO EMERGENTE

*La grande riforma educatrice del sesso femminile è uno dei fatti più importanti del secolo XIX. Una coraggiosa ribellione contro il pregiudizio, insieme con l'esperienza e il buon senso, portarono a concludere, che la donna istruita e saggiamente educata, ha una grande, indiscutibile influenza sul progresso sociale, e che su le ginocchia della madre può davvero riposare l'avvenire d'un popolo. Pensatori e poeti hanno detto e cantato queste verità, che furono a poco a poco accolte dalla rettitudine e dalla giustizia.*

*Adesso tutti o quasi tutti, sono persuasi che lo spirito femminile è una forza creata da Dio, che non si può abbattere; un lume da lui stesso acceso, che nessuno ha diritto di spegnere. Ma è una forza, che non vuol essere deviata dal suo scopo, perchè in tal caso distruggerebbe invece di creare; è un lume che non soffre folate d'aria contrarie, che lo consumerebbero interamente, togliendogli la facoltà di illuminare.*

ANNA V. GENTILE (c. 1903), in *Il Secolo XIX*.<sup>134</sup>

V.1 — EDUCAÇÃO E ACESSO À CULTURA

Como tivemos a oportunidade de observar anteriormente, o acesso à instrução irá firmar-se ao longo do século XIX como um dos fatores mais importantes

---

134. Este texto, assinado por Anna Vertua Gentile (pedagoga italiana nascida em 1850, viúva do historiador Iginio Gentile), corresponde aos dois parágrafos com que se abre a enciclopédia italiana *Il Secolo XIX nella vita e nella cultura dei popoli* (Milano, Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, s/d, circa 1903) — obra editada no início do século XX, com o objetivo de proceder a um balanço dos avanços obtidos pela humanidade ao longo do Oitocentos. Mesmo procurando manter-se afinada com as tendências spencerianas, socialistas cristãs e anarco-socialistas vigentes na virada do século, a autora não abre mão do direito de expressar-se poeticamente nesse texto de abertura, cuja tradução seria a seguinte: "A grande reformulação educacional do sexo feminino é um dos fatos mais importantes do século XIX. Uma corajosa revolta contra o preconceito, juntamente com a experiência e com o bom senso, levaram a concluir que a mulher instruída e sabiamente educada tem uma grande e indiscutível influência sobre o progresso social, e que sobre os joelhos da mãe pode efetivamente repousar o futuro de uma nação. Pensadores e poetas disseram e cantaram essas verdades que foram sendo pouco a pouco admitidas por sua correção e justiça. Agora, todos ou quase todos estão convencidos de que o espírito feminino é uma força criada por Deus, que não pode ser dissipada; uma chama por ele acesa, que ninguém tem o direito de apagar. Uma força que não quer ser desviada de seu objetivo, pois nesse caso destruiria, ao invés de criar, é uma chama que não suporta lufadas de ar antagônicas, que a consumiriam inteiramente, roubando-lhe a capacidade de iluminar."

para a emancipação feminina — de modo que a aquisição da condição de "letrada" por um número cada vez maior de mulheres acabará representando um inegável reforço para os movimentos de renovação social, esmorecido apenas pela oposição de setores da sociedade que se opõem a essa renovação, aí incluídos setores religiosos (católicos, sobretudo).

Sendo assim, seguindo a tendência de universalização e laicização do ensino predominante no século XIX, o problema da instrução feminina assume os contornos de uma questão social — uma vez que, em termos jurídico-políticos, a maioria das constituições européias, na ausência de dispositivos que estabelecessem a discriminação por sexo, já garantia, ao menos nominalmente, ensino "para todos". Neste caso, a divulgação da pedagogia iluminista, estendida ao Oitocentos por dois discípulos de Rousseau, Pestalozzi e Froebel, à qual viriam somar-se as idéias do evolucionista Herbert Spencer (antecipando as primeiras manifestações da escola nova e do pragmatismo novecentista), todas elas representativas de um pensamento pedagógico tendente à valorização do indivíduo e de seu livre arbítrio, forneceriam mais uma via de legitimação das aspirações de libertação feminina.

No que se refere às possibilidades efetivas de instrução feminina, verifica-se o surgimento de estabelecimentos voltados especificamente para o ensino de mulheres.

Na França, sem negligenciar o papel desempenhado pelos conventos na instrução da mulher, podemos dizer que o problema do ensino feminino começa a ser oficialmente abordado entre os séculos XVII e XVIII: em 1685, Luís XIV promovera, por influência da Marquesa de Maintenon, a construção do educandário de Saint-Cyr para servir às filhas da nobreza. Mas os anos Seiscentos e Setecentos registraram ainda o aparecimento de uma literatura específica versando sobre educação feminina — entre seus autores situando-se a própria Madame de Maintenon (1635-1719),<sup>135</sup> François Fénelon (1651-1715) e Albertine Necker de Saussure (1766-1841).<sup>136</sup>

Já no início do século XIX, apesar de sua aversão às "mulheres pensantes",

---

135. Françoise d'Aubigné (Marquesa de Maintenon) escreveu textos de reflexão moral e volumosa correspondência. Ganhou título de nobreza por seu trabalho como governanta de filhos de nobres, exercendo grande influência na corte francesa nos anos que se seguiram ao seu casamento secreto com o rei Luís XIV, ocorrido em 1684. Com a morte do rei, em 1715, retirou-se definitivamente para o mencionado colégio feminino de Saint-Cyr. É citada na seção de excertos da revista *A Mensageira*, em II(27):68.

136. Madame Necker de Saussure publicou entre 1828 e 1838 os três tomos de sua obra "L'Éducation Progressive", na qual, mesmo influenciada por Rousseau, reserva para a mulher maior liberdade de pensamento e ação. Albertine era prima de Madame de Staël, chegando a escrever um estudo crítico sobre sua obra literária. É citada por Ramalho Ortigão na seção de excertos de *A Mensageira*, em II(34):197.



Napoleão providenciaria instrução para irmãs e filhas de seus funcionários e oficiais; mas, permanecendo restrito às camadas privilegiadas ou submetido aos desígnios da formação religiosa, o ensino feminino francês só receberia os primeiros influxos no sentido de sua universalização a partir de meados do século.

A iniciativa pioneira partiria, nessa época, de uma mulher, Pauline Guizot,<sup>137</sup> esposa do historiador e estadista (então ministro da instrução pública) François Guizot: com base na legislação instituída pelo marido em 1833 — regulamentação que se restringia à instrução masculina —, Madame Guizot fez campanha pela extensão daquele direito ao sexo feminino. No entanto, a implantação efetiva do ensino elementar gratuito e obrigatório para ambos os sexos só ocorreria na Terceira República, a partir de 1882.

A regulamentação do ensino secundário feminino, em larga medida resultante da luta feminista, também chegaria tardiamente, em 1880, com a aprovação da lei Camille Sée (criada pelo político do mesmo nome), que em 1881 regulamentaria a instituição da Escola Normal Superior de Sèvres. Medidas relativamente tardias que coincidiriam com outro avanço no terreno da instrução feminina francesa: a abertura do primeiro estabelecimento universitário para mulheres, o Collège de Sevigné, fundado nesse ano.<sup>138</sup>

Da mesma forma, na Inglaterra a educação da mulher foi negligenciada durante muito tempo: apesar dos internatos femininos existirem desde o século XVIII, as primeiras iniciativas mais sólidas para a criação de instituições de ensino femininas datam da primeira metade do século XIX. Inusitadamente, tais iniciativas começariam pelo topo da hierarquia educacional, com o surgimento da primeira universidade inglesa para mulheres,

---

137. Madame Guizot (Elisabeth-Charlotte-Pauline de Meulan, 1773-1827) escreveu textos didáticos, destinados à leitura infantil, contendo ensinamentos de moral evangélica; casou-se em 1812 com o erudito político François Guizot, quatorze anos mais novo do que ela. É citada em *A Mensageira*, em II (34):197, no mesmo excerto de Ramalho Ortigão mencionado na nota anterior. François Guizot também é lembrado em I(12):178, em matéria de autoria de Anália Franco — que, falando sobre a necessidade de se redescobrir o ideal religioso num mundo já tão descrente e anômico, cita em seu apoio uma frase do historiador.

138. O detalhamento destas informações sobre o sistema de ensino feminino francês, costumeiramente omitido dos compêndios de história da educação, foi extraído de diferentes verbetes da enciclopédia *Larousse du XX<sup>e</sup> Siècle*, publicada pela Librairie Larousse, Paris, entre 1928 e 1933 — obra reeditada (com atualização por suplementos, em 6 volumes) em 1951-1952; verbetes consultados, todos eles do vol. III: "École" (pp. 35-41), "Enseignement" (pp. 183-185), mais "Guizot, François" e "Guizot, Pauline" (p. 919); dada a complexidade do assunto, o material obtido foi cotejado com o texto do verbe "Women, Education of" da *Encyclopaedia Britannica* (vol. XXIII, pp. 702-704 da edição mencionada) e com as informações fornecidas por Évelyne Sullerot (obra citada, pp. 106-107) e Andrée Michel (*O Feminismo: Uma Abordagem Histórica*, trad. de Ângela Loureiro de Souza, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982, pp. 51-65).

a "Queen's College", fundada por Frederick Denison Maurice, em 1848, em Harley Street (Londres). Logo em seguida (em 1849), fundou-se uma outra universidade feminina, a "Bedford College"; mas a precariedade do ensino elementar e secundário para mulheres acabaria determinando a organização de associações em prol do incremento da educação básica feminina, como a "National Union for Improving the Education of Women of All Classes" (1871), seguida pela "Girls' Public Day School" (1872), daí resultando a abertura da primeira escola pública para o sexo feminino, em Chelsea (1872). Mas é preciso salientar ainda a iniciativa pioneira assumida por instituições particulares (como a "Bedales School", fundada em 1893, nas proximidades de Londres) que, influenciadas pelos ideais da "escola nova", inauguraram o sistema de co-educação.<sup>139</sup>

Antes de prosseguirmos com este esboço do quadro relativo à situação do ensino feminino no século XIX, talvez seja interessante esclarecer alguns pontos referentes ao caráter das conquistas educacionais mencionadas, o principal deles dizendo respeito justamente ao problema da co-educação, a que acabamos de nos referir.

A questão do ensino ministrado conjuntamente para homens e mulheres tangencia outras características do ensino feminino, permitindo a revelação de algumas formas de discriminação sexual vigentes na época; isto porque, na verdade, o que estava sendo delineado naquele momento resultava do seguinte impasse: se já era admitida a necessidade de um mínimo de instrução para as mulheres, deveria o conteúdo do ensino feminino ser o mesmo daquele ministrado aos homens? E ainda: a transformação da mentalidade pedagógica acerca do atendimento à instrução feminina acompanhar-se-ia da modificação dos estereótipos sociais, permitindo que a educação feminina se realizasse nos colégios preexistentes, geralmente frequentados só por homens?

Para o cidadão do século XIX, seria possível dizer que a questão se colocava da seguinte maneira: de modo geral, acreditava-se não haver nenhuma razão contrária ao compartilhamento dos estudos elementares pelas crianças do sexo masculino e feminino (as escolas mistas eram regra, nesse nível); o mesmo não ocorria, no entanto, com o ensino

---

139. Para obter estes dados a respeito do ensino feminino inglês recorreremos aos verbetes da mencionada edição da *Encyclopaedia Britannica*: "Education, History of" (subtítulo: "History of National Systems: England, 19th and 20th Centuries", pp. VII:970-978), "Elementary Education" ("Great Britain", pp. VIII:344-345), "Secondary Education" ("England and Wales", pp. XX:256-257), "Women, Education of" (pp. XXIII:702-704) — informes complementados pelo texto do livro de Kenneth Lindsay: *A Educação na Inglaterra*, trad. de Eduardo Cássio, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, s/d (circa 1940).

secundário: neste caso, a crença de que, a partir de uma certa idade, moças e rapazes começavam a amadurecer de forma diferenciada, desenvolvendo interesses diversos — somada ao temor do desenvolvimento precoce da mútua atração sexual — determinava a separação por escolas especializadas, exclusivamente masculinas ou femininas.

Mas este seria apenas um primeiro ponto da questão, uma vez que outros fatores (como a filiação religiosa e o caráter econômico das instituições escolares) também influenciariam a aceitação ou a rejeição do sistema co-educacional. De maneira genérica, seria possível dizer que as escolas protestantes mostravam-se favoráveis à co-educação, diferentemente daquelas ligadas à tradição católica ou à religião muçulmana. Da mesma forma, o ensino público, principalmente devido a razões financeiras, procurou seguir a co-educação (o que, de fato, só parece ter vingado no caso da instrução primária) — caracterizando-se o ensino privado, pelo contrário, pela especialização.

Tal especialização foi ainda mais acentuada no caso da educação secundária e universitária para as mulheres: a escassa oferta de escolas públicas destes níveis que praticassem a co-educação levou a iniciativa privada a preencher uma lacuna que, de outra forma, continuaria a condenar os estudos femininos à interrupção precoce; mas, embora viesse sanar uma falha importante do sistema educacional, esta mesma característica se tornaria responsável pela elitização do ensino feminino, aristocratização contra a qual lutaram diversas mulheres da época, como foi o caso das inglesas mencionadas há pouco, que concentraram suas reivindicações na exigência do ensino público feminino.

A concentração do ensino feminino em escolas particulares especializadas obedeceu também à diferenciação dos conteúdos. Esta característica obriga, inclusive, a redimensionar as conquistas educacionais femininas do período: a vigência de padrões femininos tradicionais contribuía para que a concessão de uma instrução sólida para as mulheres ainda não fosse sentida como uma necessidade social — o que, por sua vez, acabava mantendo o ensino feminino, mesmo aquele ministrado pelas instituições privadas especializadas, em níveis sempre inferiores aos do ensino masculino.

As deficiências do ensino feminino oitocentista foram descritas por Évellyne Sullerot — o quadro traçado por esta autora para a instrução feminina na segunda metade do século XIX, revela que, mesmo no caso das professoras universitárias (mulheres que haviam conseguido excepcionalmente galgar os mais altos postos da hierarquia do sistema educacional), as disparidades continuavam a vigorar:

(...) A batalha pelo ensino intensificava-se, e em toda parte abriam-se escolas secundárias para moças. As universidades foram, então, cobiçadas pela elite das que tinham prosseguido os estudos (...). Mas é interessante acentuar, contudo, que esses níveis de ensino para moças, quando foram criados, jamais se equiparam ao dos rapazes. (...) Em toda parte encontramos a mesma preocupação de fazer do ensino feminino um ensino ainda muito impregnado da concepção tradicional do que devia ser uma "mulher completa" e, do ponto de vista da instrução e da preparação para a vida ativa, um ensino que deixava a desejar. Quer se tratasse do *Vassar College*, no Massachusetts, (...) ou de uma Escola Normal francesa, esses estabelecimentos dispensavam um ensino considerado mais fácil e menos completo do que o dos estabelecimentos correspondentes, para rapazes. As consequências desta disparidade foram numerosas, e, sem dúvida, a isso se deva atribuir a desigualdade chocante de salários entre os professores masculinos e femininos, na Inglaterra, até há bem pouco tempo, assim como as dificuldades encontradas pelas moças no acesso às universidades e faculdades, uma vez que não tinham um diploma equivalente ao dos rapazes.<sup>140</sup>

A elitização do ensino feminino criou situações discrepantes, caracterizadas pela relativa precocidade da fundação de instituições de ensino superior para mulheres em países onde a educação elementar feminina permanecia desassistida. Tal discrepância (já referida no caso da Inglaterra) aparece também na Alemanha, país que, apesar de haver concedido a uma mulher o primeiro título de doutora de que se tem notícia,<sup>141</sup> continuava a dificultar, no final do século XIX, o acesso das jovens alemãs ao ensino secundário; o mesmo pode ser dito a respeito da Itália, cuja Universidade de Bolonha recebia matrículas femininas desde a Idade Média — mas onde, apesar disto, a co-educação nos níveis elementares só se tornou usual a partir do início do século XX. Cabe enfatizar, aliás, que a maioria dos países da Europa ofereceu forte resistência à incorporação da mulher aos quadros acadêmicos, tanto discentes como docentes: universidades como as de Oxford e Cambridge só admitiriam a frequência feminina no século XX, sendo a presença usual de mulheres cursando universidades européias fenômeno posterior à Primeira Guerra. De onde poderíamos concluir que a educação feminina (com exceção dos setores mais liberais),

---

140. E. Sullerot, obra citada, p.109.

141. Segundo o pesquisador Alberto Silva, a primeira mulher a receber um diploma oficial de doutora em medicina foi provavelmente a alemã Dorotéa Cristina Erxleben, que se formou pela Faculdade de Medicina de Halle em 1754. No século XIX, seu exemplo foi seguido pelas inglesas Elizabeth Blackwell (1821-1910), que concluiu o curso de medicina em 1849 junto ao "Genova College" de Nova Iorque, e Sofia Jex-Blake (1840-1912), formada pela Universidade de Berna em 1877. Devem ser lembradas ainda: Emily Backwell, irmã de Elizabeth, diplomada pelo "Rush Medical College" de Chicago; Maria Zakrevska, de ascendência polonesa, formada nos EUA; e Martina Castello y Bellasti, primeira médica espanhola, diplomada em Madrid, em 1882. A década de 1880 registrou também o aparecimento das pioneiras sul-americanas, entre as quais se destacaram várias brasileiras — cabendo a precedência nacional à fluminense Maria Augusta Generoso Estrela, formada em 1881 pelo "New York Medical College and Hospital for Women". Cf. Alberto Silva, *A Primeira Médica do Brasil*, Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1954. As informações desse pesquisador foram complementadas por consulta aos verbetes biográficos de Elizabeth Blackwell (p. III:688) e Sofia Jex-Blake (p. XIII:64) da mencionada *Encyclopaedia Britannica*.

longe de ser entusiasticamente estimulada pela sociedade, era, quando muito, tolerada — e, ainda assim, na medida em que não abalasse a divisão usual dos papéis sexuais: isto é, enquanto as mulheres fossem instruídas para o desempenho de funções que constituíam praticamente uma extensão dos papéis domésticos da mulher, como os de governanta, secretária, professora ou enfermeira.

A situação, porém, mudava de figura quando as mulheres desejavam seguir carreiras universitárias de prestígio, onde a aquisição de saber envolvia necessariamente a assunção de poderes (normalmente desfrutados apenas pelos homens): não é à toa, portanto, que uma das principais batalhas das mulheres do século XIX concentrou-se na tentativa de ingressar em faculdades como as de direito e medicina — luta acrescida do enfrentamento de novos obstáculos a vencer, no momento em que eram impedidas de exercer as profissões correspondentes, de advogadas e de médicas, em que haviam sido habilitadas.<sup>142</sup>

Neste caso, a restrição dos conteúdos do estudo feminino ou o direcionamento praticamente compulsório das mulheres para determinadas ocupações obedecia ao temor de que a instrução feminina desviasse a mulher de seus "caminhos naturais", tornando-a uma força de destruição social, ao invés da "chama criadora" metaforicamente descrita pela professora Anna Vertua Gentile na epígrafe deste capítulo.<sup>143</sup> Aliás, como frisamos no capítulo anterior, o efeito potencialmente desviante da instrução sobre o caráter feminino mereceu elaboração teórica no pensamento de autores que se apoiavam em dados pseudocientíficos — como Lombroso, que chegava a apontar sua capacidade indutora de criminalidade.

---

142. Alberto Silva reserva os dois primeiros capítulos (denominados "Ambiente Hostil" e "Ação e Reação") do livro citado na nota anterior à descrição dos obstáculos que se interpuseram às primeiras mulheres que desejaram adotar a medicina como profissão. Na Europa (onde eram comumente barradas antes mesmo de seu ingresso nas universidades), as raras instituições que as receberam tornaram-se palco das mais repugnantes manifestações de rejeição por parte de seus colegas: na Universidade de Edimburgo, por exemplo, as jovens estudantes de medicina foram vaiadas e até mesmo apedrejadas pelos seus companheiros de curso. Além disso, o machismo que ultrapassava os bancos universitários para manifestar-se com mais força no momento em que as diplomadas tentavam obter seu registro profissional tornou as advogadas o alvo predileto das campanhas misóginas. Na França do final do século ficou famoso o caso de Jeanne Chauvin — que, mesmo formada em direito, viu-se impossibilitada de advogar diante da recusa do Tribunal de Paris, em 1896, de permitir sua atuação profissional (retardada por mais de dez anos, até 1907!). Neste caso, o Brasil ganha precedência cronológica, graças à atuação do doutor Viveiros de Castro como presidente de um tribunal de júri realizado no Rio de Janeiro em fins de 1899, no qual foi dada permissão à advogada Mirtes de Campos para atuar na defesa de um réu. Voltaremos a abordar o assunto das primeiras médicas e advogadas brasileiras no capítulo dedicado a esmiuçar o conteúdo do programa feminista de *A Mensageira*.

143. Ver nota 134.

Mesmo no caso da profissionalização de professoras primárias e secundárias vigorava o preconceito. O principal problema enfrentado pelo ensino na Europa oitocentista, relacionado com a falta de professores qualificados, foi solucionado com a implantação de Escolas Normais — que, originárias da Alemanha do final do século XVIII, disseminaram-se pelos demais países europeus; mas, justamente por terem funcionado como centros inovadores, que garantiram uma via de formação profissional efetiva para as mulheres, essas escolas foram comumente taxadas de imorais, ateístas e "revolucionárias", sobretudo em países de rígida formação católica.

Mas, voltando ao tema da co-educação, é preciso salientar a importância de um outro fator, de ordem econômica, que parece ter influenciado na adoção do sistema educacional misto: nos países de industrialização avançada, a necessidade de aumentar a participação feminina na vida social contribuiria para que o Estado viesse a fomentar a instrução feminina em suas formas co-educacionais. Por esse motivo, países de economia estagnada (como a Espanha) mantinham o modelo usual, estanque: sistema público co-educacional e escola privada especializada; da mesma forma, Portugal só discordava desse esquema por apresentar a segregação dos sexos no ensino elementar (seguida de educação comum no nível secundário de instrução). Na América Latina, tanto a influência católica como a industrialização tardia constituíram-se nos principais fatores de resistência à co-educação.<sup>144</sup>

Nos EUA, a consolidação da independência, adquirida em fins do século XVIII, contribuiu para a relativa precocidade do debate acerca da constituição de um sistema nacional de ensino — que, mesmo reservando espaço para a livre iniciativa, garantisse a gratuidade da escola. Nesse quadro geral, o problema do ensino feminino nos EUA foi precocemente aventado, acelerando-se sua concretização: no âmbito do ensino primário e secundário, a co-educação, colocada em prática principalmente por instituições particulares, era comum desde o século XVIII, e a ampliação da oferta de vagas públicas para ambos os sexos reverteria em cifras favoráveis ao sexo feminino (por volta de 1900, o número de meninas nas escolas públicas secundárias superava o número de meninos).

---

144. Utilizamos o conceito de co-educação de forma genérica, sem a preocupação de distinguir aquelas instituições que, mesmo aceitando o ingresso das mulheres, mantinham-nas em classes separadas ou ministravam conhecimentos diversos para meninos e meninas. Os dados referentes à co-educação até aqui apresentados encontram-se no verbete específico da mencionada edição da *Encyclopaedia Britannica* ("Coeducation", vol. V, pp. 931-933), que vem acompanhado de diversas referências bibliográficas.

No terreno do ensino universitário, a situação era igualmente animadora: em 1837, fundava-se a primeira universidade feminina, Mount Holyoke, em Massachusetts; no mesmo ano, iniciava-se a co-educação no nível superior, no Oberlin College, em Ohio; e, ao longo do século XIX, criavam-se outros *women's colleges*, como Elmyra, 1853; Vassar, 1861; Wellesley e Smith (ambos em Massachusetts), 1871; Bryn Mawr, 1885; alguns desses "colleges" eram ramificações femininas de universidades renomadas, como Barnard (Universidade de Columbia), 1889; Pembroke (Brown), 1891 e Radcliffe (Harvard), 1894.<sup>145</sup>

No Brasil, a primeira tentativa de promoção do ensino feminino ocorreu em 1826, com a apresentação ao Congresso de um projeto de lei que buscava a definição das disposições constantes da Constituição de 1824. Aprovado em 1827, esse dispositivo legal parece não ter surtido o efeito desejado, a julgar pela denúncia efetuada em meados do século XIX pela professora e também precursora do feminismo brasileiro, Nísia Floresta:

(...) Pelo *Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte*, no ano de 1852, vê-se que a estatística dos alunos que frequentaram todas as aulas públicas monta a 55.500 número tão limitado para a nossa população, e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem! Basta refletir nesta desproporção para julgar-se do atraso em que se acha a instrução do sexo, tão mal aquinhado na partilha do ensino pago pelo governo. (...) Na província de Minas, onde a instrução se acha mais geralmente difundida, entre 209 escolas de primeiras letras, só 24 pertencem ao sexo feminino. (...) Na ilustrada Bahia, de 184 escolas primárias, 26 somente são de meninas. Menos egoísta para com o sexo a sua rival na glória, o heróico Pernambuco (...) lhe sobressai em equidade, pois que, de 82 escolas, 16 pertencem ao sexo feminino. A província do Rio de Janeiro, com 116 escolas, dá ao sexo 36. No município da Corte, a sede do governo imperial, onde devia-se mais facilitar a instrução do povo, acham-se apenas criadas 9 aulas de meninas! As demais províncias apresentam proporcionalmente a mesma escassez de recursos para o cultivo da inteligência da mulher, e algumas há cujo estado de instrução pública não chegou ainda ao conhecimento do governo geral.<sup>146</sup>

Como vemos, o governo brasileiro não demonstrava muito interesse pela educação da parcela feminina de nossa população. No entanto, os maiores inimigos da

---

145. Estas informações sobre o ensino feminino americano foram compiladas a partir dos já citados verbetes "Education, History of" ("United States", pp. VII:979-985); "Women, Education of" (pp. XXIII:702-704) da *Encyclopaedia Britannica* — complementadas pela descrição efetuada por Julián Marias (na obra citada, cap. V: "A Incorporação da Mulher à Cultura Universitária", pp. 55-66).

146. *Opúsculo Humanitário* (volume reunindo artigos sobre educação publicados na imprensa entre 1852 e 1853, editado no Rio de Janeiro, Tipografia de M. A. Silva Lima, 1853). Esta obra de Nísia Floresta recebeu edição atualizada, com introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares, São Paulo, Editora Cortez-INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), 1989; os trechos citados encontram-se nas pp. 81-83 dessa edição atualizada.

instrução feminina regular parecem ter sido os próprios pais de nossas patricias que, seguindo a tradição ibérica, pensavam zelar pela honra de suas filhas, às custas de mantê-las na ignorância e na reclusão do lar:

(...) Mesmo quando os colégios começaram a florescer, em fins do século XIX, muitos pais, partidários de certos princípios herdados da educação portuguesa, preferiam que as filhas aprendessem no próprio lar. Os hábitos de então não consentiam que as senhoras saíssem desacompanhadas dos maridos e as meninas sem os pais ou alguns parentes idosos ou damas de inteira confiança. Até as aulas de dança e de música eram comumente ministradas nas vivendas e sempre foram consideradas requisitos de boa educação para uma jovem. 147

Sendo assim, limitando-se o ensino a uma pequena elite de mulheres das classes abastadas, foram comuns os professores particulares que ministravam aulas no domicílio — aí se destacando as preceptoras estrangeiras (geralmente francesas, alemãs ou inglesas) que iniciavam as meninas em línguas ou na música, no canto, no piano, na dança, no artesanato. Mas os conhecimentos assim transmitidos reduziam-se, quase sempre, a uma instrução "ornamental" que, em detrimento de uma formação intelectual mais sólida, privilegiava preceitos de civilidade e cortesia, capazes de formar "boas esposas" e anfitriãs.

O conservadorismo católico dificultava ainda a prática da co-educação, determinando o aparecimento de instituições privadas especializadas no ensino feminino. Mas aquelas escolas que ousavam ir além do programa esperado para a educação de "boas moças" tornavam-se alvo de detração, condenando-se, muitas vezes, à interrupção de seu funcionamento.

A própria Nisia Floresta fundara em 1838, no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto,<sup>148</sup> especialmente voltado para o sexo feminino — no entanto, suas propostas

---

147. Leda Maria Pereira Rodrigues, *A Instrução Feminina em São Paulo (Subsídios para sua História até a Proclamação da República)*, São Paulo, Tipografia das Escolas Profissionais Salesianas, 1962, p. 168. Embora a autora se refira especificamente ao caso da educação da mulher em São Paulo, suas afirmações podem ser estendidas ao ensino feminino brasileiro em geral.

148. Segundo Peggy Sharpe-Valadares (obra citada na nota 146, pp. IX-XII), o Colégio Augusto funcionou na rua Direita, 163 e depois na rua D. Manuel, 20 (com entrada pela Travessa do Paço, 23); apesar das críticas ao teor avançado da educação aí ministrada, esse colégio funcionou por dezoito anos: com a ida de Nisia para a Europa em 1849, não se sabe quem assumiu sua direção, mas, ao que tudo indica, só foi fechado em 1856. Cf. Constância Lima Duarte, na introdução de *Cintilações de Uma Alma Brasileira* (ensaio de Nisia Floresta, trad. do original italiano por Michele A. Vartulli, Florianópolis, Editora Mulheres-Edunisc, 1997, pp. XXXII-XXXIII). Maria Lúcia de Barros Mott (*Submissão e Resistência: A Mulher na Luta Contra a Escravidão*, São Paulo, Editora Contexto, 1988, p. 59) reproduz a opinião de um jornal da época sobre os exames ali efetuados: "Trabalhos de língua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos".



pedagógicas avançadas, que previam um ensino humanístico (o programa do colégio incluía Latim, Caligrafia, História, Geografia, Religião, Matemática, Português, Francês, Italiano, Inglês, Música, Dança, Piano, Desenho e Costura), suscitaram muitas críticas por parte da conservadora sociedade carioca de então.

Porém, em parte como reflexo do desenvolvimento material do país e da difusão de idéias liberais no Brasil, a situação do ensino público e particular para as mulheres começa a dar sinais de melhoria a partir das décadas de 1860 e 1870.

Neste caso, devemos destacar a importância do desenvolvimento das cidades brasileiras na segunda metade do século XIX que, além de contribuir para a expansão dos estabelecimentos voltados para a instrução feminina, ampliaria o campo profissional para as mulheres: muitas delas passarão a assumir funções no magistério público e particular — ou ainda integrar os quadros do funcionalismo público ligado aos órgãos de administração e inspetoria educacional. Neste ponto, torna-se impossível dissociar a difusão do ensino feminino do processo de diversificação das estruturas sócio-econômicas do país: aqui, a questão da instrução feminina tangencia o problema da qualificação profissional de mulheres que se empregariam nas pequenas e grandes indústrias instaladas por essa época (como ocorreu, por exemplo, na contratação massiva de mão-de-obra feminina pela indústria têxtil paulista); e, mais para o final do século, com absorção de contingentes femininos pelas camadas de profissionais liberais urbanos, pelas atividades culturais e editoriais ou pelo setor de serviços (comércio, telegrafia, estenografia, datilografia, etc).<sup>149</sup>

A cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, já possuía alguns colégios particulares de meninas: o Colégio Santa Rita de Cássia, fundado em 1869, dispunha de curso preliminar de 4 anos e curso complementar de 5 anos; o Colégio Progresso, fundado em 1878, seguia o modelo americano, oferecendo instrução primária e secundária para as jovens cariocas, notabilizando-se como modelo a ser seguido (entre outras fontes,

---

149. Como vimos no capítulo II desta dissertação, a seção de "Notas Pequenas" de *A Mensageira* contém informações valiosas sobre os avanços profissionais da mulher brasileira nos últimos anos do século XIX. Através dela tomamos conhecimento da existência no Brasil de mulheres envolvidas em atividades artísticas, como as quatro participantes da exposição de pintura da Escola Nacional de Belas Artes de 1897 (entre as quais se encontrava uma colunista da revista, Maria Clara da Cunha Santos) — cf. I(1):16 — ou ainda a escultora paulista Nicolina Vaz de Assis que, em agosto de 1898, partia para o Rio em busca de aperfeiçoamento — cf. I(23):368; aparecem também mulheres envolvidas no ramo editorial, como a Viúva Filippone, frequentemente mencionada na revista (v. Anexo IV), ou exercendo função de farmacêutica, caso de Maria Luísa Torresão Sue Surville, que em 1898 dirigia uma farmácia anexa à Policlínica de Niterói, cf. I(19):303.

Rui Barbosa inspirou-se no ensino aí ministrado para definir as bases de sua proposta de reforma do ensino público datada de 1882).

Em 1880, instala-se a Escola Normal mista da Corte — que, influenciada pelos ideais positivistas de Benjamin Constant, instituiria estudos científicos para ambos os sexos. O ano de 1881 registrou duas conquistas importantes: aproveitando-se da abertura proporcionada pela reforma Leôncio de Carvalho de 1879 (que franqueava o ingresso feminino às instituições superiores), ocorrem as primeiras matrículas femininas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro;<sup>150</sup> neste mesmo ano de 1881, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro começa a ministrar aulas de desenho e de música para meninas.<sup>151</sup>

No Estado de São Paulo, algumas cidades do interior também já contavam com instituições escolares de renome, voltadas para a instrução feminina. Em Itu, por exemplo, a promoção da educação feminina fez-se com auxílio das religiosas da Irmandade de São José. Vindas da França, as irmãs de São José inauguraram em 1859 o Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio de Itu; propondo-se a fornecer uma "educação sólida", logo tiveram êxito: até 1889, 1.051 alunas haviam passado pela instituição — a maioria proveniente de tradicionais famílias paulistas (mas, o colégio também educou meninas pobres, instituindo em 1862 aulas gratuitas de primeiras letras para filhas de escravos — iniciativa seguida, em 1863, pelo início do recolhimento de meninas órfãs).

---

150. Entraram nesta instituição, em 1881, Ambrosina Magalhães e Augusta Castelões Fernandes, que não chegaram a concluir seus cursos. Alberto Silva confere a condição de primeira médica brasileira a Rita Lobato Velho Lopes (1866-1959): em 1884, três estudantes gaúchas matriculam-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a própria Rita e suas conterrâneas Ermelinda de Sá (1866-c.1942) e Antonieta César Dias Morpurgo (c. 1869-1920); transferindo-se em 1885 para a Faculdade de Medicina da Bahia, Rita Lobato formou-se em 1887, adiantando-se às colegas da instituição carioca, formadas respectivamente em 1888 e 1889. Mas, não devemos negligenciar o pioneirismo da fluminense Maria Augusta Generoso Estrela — que, apesar de não ter se formado por uma universidade brasileira, teve seu título outorgado ainda em 1881 pelo "New York Medical College and Hospital for Women". Cf. nota 141.

151. Este acontecimento suscitou a organização de uma *Poliântéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo Feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios* (Rio de Janeiro, 1881), reunindo textos encomiásticos da instrução feminina, redigidos em prosa ou em verso, por grandes nomes da literatura nacional (ao todo 127 homens de letras, entre os quais se achavam Augusto Emílio Zaluar, Afonso Celso, André Rebouças, Araripe Júnior, Artur Azevedo, Brasil Silvado, França Jr., Joaquim Nabuco, Joaquim Norberto, José Américo dos Santos, Luís Guimarães Jr., Machado de Assis, Melo Moraes Filho, Meneses Vieira, Miguel Lemos, Múcio Teixeira, Oliveira de Meneses, Raimundo Teixeira Mendes, Sílvio Romero, Visconti Coaracy, e mais quatro mulheres, Adelina Lopes Vieira, Ana Machado Nunes Pena, Guilhermina de Azambuja Neves e Laurentina Neto). Cf. Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, obra citada, pp.19-39.

Em Campinas funcionava, desde 1863, o Colégio Florence, dirigido por Carolina Krug Florence (esposa do desenhista, pintor e fotógrafo Hércules Florence). Nascida na Alemanha, ela tivera a oportunidade de aperfeiçoar seus estudos numa instituição suíça adepta dos princípios pedagógicos de Pestalozzi; buscando aplicar à sua escola aquilo que aprendera, a educadora acrescentou ao ensino das primeiras letras classes mais avançadas, de Doutrina Cristã, História Sagrada, Gramática Portuguesa, História, Geografia, História Natural, Aritmética, Geometria, Trabalhos de Agulha, Canto, Piano, Desenho, Alemão, Inglês, Francês. Entre os professores do Colégio Florence estiveram o escritor Júlio Ribeiro, o educador João Köpke e o líder republicano Rangel Pestana.<sup>152</sup>

Na década de 1880 apareceram ainda instituições como o Colégio Piracicabano, escola particular protestante fundada em 1881. Dirigido pela norte-americana Martha Watts (coadjuvada pela belga Marie Rennotte), teve sua instalação incentivada pelos irmãos republicanos Manuel de Moraes Barros e Prudente de Moraes; oferecendo instrução primária e secundária, aceitava meninas e meninos (estes últimos só em regime de externato). Nele, deve-se destacar a variedade do currículo oferecido: alemão, aritmética, geometria, caligrafia, história universal, história pátria e dos EUA, história sagrada, ciências naturais, anatomia, química, física, cosmografia, francês, inglês e trabalhos de agulha.

Na capital paulista, destaca-se o papel de instituições privadas como a Escola Americana — que, surgida em 1870 e ligada à missão presbiteriana no Brasil, foi um importante centro de instrução para meninos e meninas. Inicialmente dirigida por Miss Mary Chamberlain, oferecia curso primário, acrescido do curso de grau médio em 1887; desde 1884, a direção do colégio passara para o dr. Horácio Lane, que ampliou o curso secundário, de modo a incluir o treinamento de professores.

Em 1876, um dos mais conhecidos propagandistas republicanos, Francisco Rangel Pestana instalou, com auxílio de sua esposa (a campineira Damiana Pestana), o Colégio Pestana, especializado no ensino feminino (primário e secundário). Influenciado por ideais liberais e positivistas, Rangel Pestana compartilhava com os adeptos de Comte do ideal da mulher como "mãe" e "educadora natural da infância"; apesar disso, o caráter inovador do ensino ministrado por seu colégio era inquestionável: havia disciplinas de Retórica, Política, Geologia, Botânica, Zoologia, Filosofia, Literatura — além de uma cadeira reservada ao ensino do "Direito da Mulher na Sociedade Brasileira".

---

152. Sobre o Colégio Florence, consultar Arilda Inês Miranda Ribeiro, *A Educação Feminina Durante o Século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*, Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996.

Integraram o corpo docente do Colégio Pestana intelectuais renovadores como João Köpke, Caetano de Campos, Américo de Campos e Américo Brasiliense. Mas, devido a dificuldades financeiras, a direção do colégio foi transferida em 1879 para Anna Schaereder, que imprimiu-lhe rumos diversos, mais próximos do ensino feminino tradicional.<sup>153</sup>

No terreno da instrução pública, a instituição de maior influência no período foi, sem dúvida, a Escola Normal. Sua instituição na província paulista tinha sido regulamentada em 1846, com a criação de uma escola para a formação de professores do sexo masculino; no entanto, depois de só formar 40 mestres, esse estabelecimento se fecharia em 1867. Uma segunda escola do gênero foi criada em 1874 (instalada em 1875), prevendo uma seção masculina sediada pelo edifício da Faculdade de Direito e outra feminina no Seminário da Glória; mas a insuficiência de verbas determinaria novo fechamento, em 1878. Assim, a Escola Normal de São Paulo inaugurada em 1880 foi a terceira: instalada primeiramente na rua do Tesouro, depois na rua da Boa Morte, esta instituição daria origem à futura escola da Praça da República. Mas foi somente depois da Proclamação da República que, devido ao empenho pessoal de seu novo diretor (o médico Caetano de Campos), empreendeu-se uma verdadeira reestruturação do ensino e de suas bases organizacionais: influenciada pelos princípios do método intuitivo (difundido por discípulos de Pestalozzi), esta renovação contemplou a divisão do ensino por ciclos, acentuando o caráter integral e formador da educação. A preocupação com a formação prática dos normalistas de ambos os sexos nortearia ainda a criação da Escola Modelo anexa à Escola Normal — em sua manutenção destacando-se as educadoras Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e Miss Márcia Browne. Em 1894 inaugurava-se o imponente edifício da praça da República, construção em estilo neoclássico projetada por Ramos de Azevedo, com mais de quarenta salas (divididas entre o Curso Normal, a Escola Modelo, a administração, museus, gabinetes e biblioteca). E em 1896 começava a funcionar, nos fundos da praça, em edifício próprio, o Jardim da Infância, também projetado por Azevedo; mas, antes mesmo da inauguração deste último, já haviam sido nomeadas para os quadros do ensino pré-escolar três professoras, uma inspetora e uma auxiliar de inspetora (esta última correspondendo a uma futura colaboradora de *A Mensageira*, Zalina Rolim).<sup>154</sup>

---

153. Sobre o Colégio Pestana, ver Maria Lúcia S. Hilsdorf, "Os Anjos Vão ao Colégio: Rangel Pestana e a Educação Feminina", *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* (São Paulo), nº 53, 1995, pp. 47-56.

154. Estas informações sobre o ensino paulistano foram coligidas a partir do mencionado *Dicionário de História de São Paulo*, de Barreto do Amaral, da obra citada de Leda Maria Pereira Rodrigues e de Casemiro dos Reis Filho, *A Educação e a Ilusão Liberal: Origens da Escola Pública Paulista*, Campinas, Editora Autores Associados, 1995.

V.2 — LEITURA, ESCRITA E IMPRENSA FEMININA

*A Escritora — Segundo a opinião de A. Karr, é causadora de dois males. O primeiro é aumentar o número de livros; o segundo é diminuir o número das mulheres.*

Nota humorística publicada (p. 119) pelo  
NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS  
LUSO-BRASILEIRO PARA O ANO DE 1901.<sup>155</sup>

Se a instrução feminina (mesmo quando ministrada por uma preceptora particular ou pela mestra escolar) era encarada com desconfiança por seus "riscos potenciais", muito mais acirrado seria o policiamento ideológico das leituras femininas — que se realizavam, não raro, em caráter privado, íntimo e secreto. Assim, a fiscalização das leituras domésticas das jovens era recomendada até mesmo pelos médicos, que alertavam os pais para o perigo representado pelos romances, literatura considerada maléfica em razão de seu poder de excitar desejos e paixões. As mulheres casadas parecem ter desfrutado de maior liberdade, verificando-se, inclusive, a existência de uma produção literária destinada à revelação parcial dos mistérios do sexo às moças recém-casadas.<sup>156</sup> Mas tanto para as

---

155. O autor do gracejo, o escritor francês Alphonse Karr (1808-1890) notabilizou-se por tiradas satíricas reunidas por ele próprio numa coletânea publicada em 1877. Jean Rabaut fornece a frase original: "Une femme qui écrit a deux torts: elle augmente le nombre des livres et diminue le nombre des femmes." — cf. J. Rabaut, *Histoire des Féminismes Français*, Paris, Éditions Stock, 1978 (p. 156).

156. Apesar de manifestar certa repugnância pela "mulher letrada", o historiador francês Jules Michelet desejava transformar os maridos em iniciadores das esposas numa literatura mais ardente. Ao propor a substituição do pai (que só podia conduzir a filha por leituras amenas) pelo esposo, esse autor sugere, talvez inconscientemente, uma aproximação entre iniciação literária feminina e iniciação sexual. Dirigindo-se aos maridos, ele assim se expressa: "Que infinito de felicidade vais encontrar ao atravessar com ela o mundo das artes! Todas elas são maneiras de amar. (...) Quem quer que instrua uma mulher nesses graus superiores é seu padre e seu amante. (...) É por isso que a virgem só pode penetrar na arte até certo ponto. E é por isso que o pai é um preceptor incompleto. (...) Todos os livros por demais ardentes que o pai evitou, dos quais ousou quando muito apresentar algumas passagens, estão abertos a ti. (...) Todas as noites, (...) uma doce e nutritiva leitura, entremeada de palavras ternas, lhe revelará algo do amor universal (...)." — cf. J. Michelet, obra citada, pp. 221-224. Júlia Lopes de Almeida parece compartilhar destas idéias quando, ao responder ao inquérito literário formulado por João do Rio (entrevistas reunidas em 1908 no livro *O Momento Literário*), revela ter sido iniciada por seu pai, o doutor Silveira Lopes, na leitura dos clássicos portugueses (Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Júlio Diniz, Camilo Castelo Branco), enquanto teriam sido indicadas por seu marido, o poeta Filinto de Almeida, leituras mais "fortes", como aquelas correspondentes aos realistas-naturalistas franceses (Gustave Flaubert, Émile Zola, Guy de Maupassant).

casadas como para as solteiras, o consumo feminino de poesia parece ter sido estimulado, difundindo-se amplamente, animado pelos saraus em que se exercitava a recitação em voz alta e pela difusão da mania dos álbuns manuscritos, com "pensamentos", dedicatórias, textos poéticos e letras de canções.<sup>157</sup>

De um modo geral, no entanto, a literatura considerada ideal para o consumo feminino correspondia aos livros contendo histórias exemplares, de inspiração elevada e com algum fundo moral, capaz de estimular "bons sentimentos" e "condutas honradas". Tais livros podiam até comportar enredos de cunho social, contanto que, nesta qualidade, exaltassem a solidariedade entre os indivíduos, nunca sua desagregação — ressaltando, de preferência, a importância dos laços familiares na formação do indivíduo (que, assim embasado, poderia auxiliar na reforma da sociedade, corrigindo-a em seus defeitos, sem necessidade de revolução).<sup>158</sup>

Da mesma forma que a leitura, a prática da escrita pelas mulheres também não era bem vista:

No século XIX, muitas mulheres, guiadas pelo desejo de expansão e

---

157. Cf. Alain Corbin, "O Segredo do Indivíduo", na mencionada *História da Vida Privada*, vol. IV, pp. 419-501 (principalmente pp. 492 e seguintes).

158. Na mencionada enciclopédia italiana *Il Secolo XIX*, Anna Vertua Gentile (cf. pp. 25-26 do volume) identificava em *A Cabana do Pai Tomás* (1852), da norte-americana Harriet Beecher Stowe (1811-1896), todas as características daquela literatura elevada que se gostaria de ver alçada a livro de cabeceira das mulheres. Assim, sua definição da leitura ideal exprime o avesso das concepções difundidas sobre os perigos da leitura: "Un libro può essere la salvezza o la perdizione di una persona. Per questo furono fondate le biblioteche popolare, che raccolgono libri buoni, scritti da spiriti retti e fermi, da veri pensatori, i quali in modo facile e attraente innamorano della virtù, ispirano pazienza, rassegnazione, elevano la mente a la fede, nutrono in cuore l'amore dell'umanità, della patria, della famiglia. (...) Basta citarne uno (...), *Uncle's Tom Cabin* (...). È di una donna (...) che viveva nei tempi (...) della più dura oppressione sopra gli schiavi. (...) La scrittrice parlava al popolo del quale si guadagnò tosto l'attenzione e la sincera simpatia. Non parlava con linguaggio veemente e sdegnoso, non imprecava agli oppressori, non eccitava gli oppressi a rivolta; ma con sincero accento, ma con spirito di tranquilla verità, con fine osservazione di costumi e di caratteri (...)". Ou seja: "Um livro pode ser a salvação ou a perdição de uma pessoa. Foi por isso que fundaram as bibliotecas populares, que reúnem bons livros, escritos por espíritos retos e firmes, de verdadeiros pensadores que, de maneira fácil e atraente, cortejam a virtude, inspiram paciência e resignação e elevam o pensamento para a fé, nutrido no coração o amor à humanidade, à pátria, à família. (...) Basta citar um deles (...), *A Cabana do Pai Tomás* (...). É de uma mulher (...) que vivia nos tempos (...) da mais dura opressão sobre os escravos. (...) A escritora falava à gente da qual logo conquistou a atenção e a franca simpatia. Não falava com linguagem veemente e desdenhosa, não amaldiçoava os opressores, não excitava os oprimidos à revolta; mas, com maneiras sinceras e com espírito de tranquila veracidade, com fina observação de costumes e de caracteres (...)".

desafogo (necessidade provocada pela própria repressão a que estavam sujeitas), apelaram para seus diários íntimos, confiando-lhes aquilo que estavam impedidas de confessar em público. Essa prática confessional feria, porém, os códigos segundos os quais uma filha ou uma esposa jamais deveriam manter segredos de seus tutores masculinos, fossem eles pais ou maridos; desta forma, enquanto "prazer solitário", a utilização feminina de um diário secreto tornava-se condenável.

Mas, por outro lado, permanecendo confinados no âmbito doméstico (mesmo reprováveis por colocar em questão os códigos familiares usuais), esses escritos femininos não chegavam a macular publicamente a honra das mulheres. Trazê-los à publicidade, isto sim, poderia revestir-se, conforme o seu teor ou segundo a interpretação que deles se pudesse fazer, de conotação impudica e abominável.<sup>159</sup>

Desse modo, a mulher escritora (isto é, aquela que se dedicava ao exercício das letras, renumerado ou não) foi durante longo tempo vítima do preconceito social e alvo de detração por parte da crítica misógina. Neste caso específico, a íntima associação entre escrita e livre pensamento parece ter contribuído para que estas mulheres fossem identificadas como degeneradas, grafomaniacas ou usurpadoras das prerrogativas do sexo masculino.

No século XVII, Molière consagrara a condenação das mulheres intelectuais, ridicularizando-as em sua famosa comédia *Les Femmes Savantes* (1672). No século XVIII, sem adotar uma postura misógina tão articulada, Rousseau revelou sua perplexidade diante do desejo exprimido por uma mulher (uma sua correspondente que assinava Henriette), de "pensar por si mesma": em resposta, o pensador lançou mão da crítica usual que se fazia a toda mulher com ambições literárias, repreendendo a missivista por querer masculinizar-se, adentrando num terreno tido normalmente como "viril".<sup>160</sup> Pelo mesmo motivo, no século XIX, escritoras eminentes como George Sand e Marie d'Agoult tiveram vários de seus livros incluídos no index dos livros proibidos pelo Vaticano.

No Brasil, registraram-se algumas ocorrências similares.

---

159. Alain Corbin, "O Segredo do Indivíduo" (na obra citada), pp. 458-460.

160. Cf. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, pp. 111-113 do texto "Ousadia Feminina e Ordem Burguesa", pp. 93-128 do volume *Nísia Floresta, O Carapuceiro e Outros Ensaio de Tradução Cultural*, São Paulo, Editora Hucitec, 1996.

Em sua juventude, o poeta parnasiano Olavo Bilac (1865-1918) residiu em São Paulo, na mesma época em que noivava com a fluminense Amélia de Oliveira (1868-1945), irmã de Alberto de Oliveira — jovem escritora que, como os outros dois, também fazia versos. Tratava-se, no entanto, de uma mulher; e, nesta qualidade, foi repreendida por Bilac — que, em carta datada de 7 de fevereiro de 1888, censura a noiva por ter permitido a publicação de versos dela própria num periódico do Rio de Janeiro. Os argumentos de Bilac nesta missiva (só revelada depois da morte de todas as pessoas direta ou indiretamente envolvidas)<sup>161</sup> compõem, curiosamente, uma verdadeira cartilha do repertório machista vigente nos meios literários da época.

Num primeiro momento, o poeta assume atitude paternalista, desculpendo-a a partir da suposição de que a iniciativa da publicação não teria sido dela:

Minha Amélia

(...) Não me agradou ver um soneto teu no *Almanaque da Gazeta de Noticias* deste ano. (...) Previ logo que andava naquilo o dedo do Bernardo ou do Alberto. Tu, criteriosa como és, não o farias por tua própria vontade. (...) Devo confessar que fui eu o primeiro a insistir contigo para que publicasse versos. (...) Fiz mal. Arrependo-me. Hás de concordar comigo.<sup>162</sup>

Mas, prosseguindo na sua argumentação, Bilac toma a ofensiva e justifica abertamente a visão pela qual toda mulher escritora, ao dar publicidade a seus escritos, ficaria invariavelmente sujeita a comentários maledicentes:

Há uma frase de Ramalho Ortigão, que é uma das maiores verdades que tenho lido: — "O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida". (...) Reflete bem sobre isto: há em Portugal e Brasil cem ou mais mulheres que escrevem. Não há nenhuma delas de quem não se fale mal, com ou sem razão. Além disso, quem publica alguma coisa, fica sujeito a discussão, cai no domínio da crítica. E imagina que mágoa a minha, que desespero o meu, se algum dia um miserável qualquer ousasse discutir o teu nome! (...) Não quer isto dizer que não faças versos. Pelo contrário. Quero que os faças, muitos, para os teus irmãos, para as tuas amigas, e principalmente para mim, — mas nunca para o público, porque o público envenena e mancha tudo o que lhe cai sob os olhos.<sup>163</sup>

Episódio semelhante ocorreu por ocasião dos entendimentos que precederam a constituição da Academia Brasileira de Letras (instalada no Rio de Janeiro em 1897).

---

161. A íntegra da carta é reproduzida por Elmo Elton em *O Noivado de Bilac*, Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954 (pp. 48-54).

162. Nas pp. 48-50 do texto citado.

163. *Idem*, pp. 50-51.



Segundo depoimento de Lúcio de Mendonça, articulador máximo desses entendimentos, era intenção de alguns acadêmicos (liderados por ele próprio) incluir entre o corpo de fundadores da instituição a escritora Júlia Lopes de Almeida, na época já muito conhecida e admirada tanto pela crítica como pelo público leitor. Teve o desgosto, porém, de ver sua proposta liminarmente rejeitada por alguns confrades irredutíveis em sua recusa de admitir mulheres à Academia.<sup>164</sup>

Mas, no plano internacional, algumas mulheres desafiaram estes estereótipos impostos pela sociedade e pela crítica especializada. Nos setores dominantes, os séculos XVII e XVIII já haviam proporcionado condições para o desenvolvimento intelectual da mulher nas classes mais altas. Surgiram por essa época respeitáveis escritoras como Madame de Sevigné (1626-1696) e Madame de La Fayette (1634-1693).<sup>165</sup>

No século XVIII, incorporando ao rol dos dotes femininos então apreciados o gosto e o cultivo das chamadas "atividades do espírito", a mentalidade iluminista possibilitará a emergência de mulheres notáveis em variados campos artísticos, literários e científicos.

Algumas dessas mulheres merecem citação nominal:

Na França, destacam-se, entre as chamadas "salonnières", as escritoras Marquesa de Lambert (1647-1733), Madame Necker (1739-1794) e sua filha Germaine, a célebre Madame de Staël (1766-1817); na pintura, Elisabeth Vigée Le Brun (1755-1842), e no terreno científico, Madame Lavoisier (1758-1836), que foi, além de química e física, desenhista e gravadora — e a matemática Sophie Germain (1776-1831). Na Inglaterra,

---

164. O assunto já foi detalhado nesta dissertação, ao tratarmos de aspectos relativos à biografia de Prisciliana Duarte de Almeida, uma das pioneiras em matéria de reconhecimento acadêmico no Brasil (ver cap. III, nota 84). Note-se que só 80 anos depois de sua fundação — isto é, em 1977 —, é que a Academia Brasileira de Letras admitiu seu primeiro membro feminino, Raquel de Queirós.

165. Os principais pontos relativos à biobibliografia destas duas amigas, Sevigné e La Fayette, encontram-se nos verbetes do nosso onomástico (ver Anexo IV). Notar que a cultíssima Sevigné estabelece, principalmente na correspondência trocada com a filha, um verdadeiro padrão de língua culta seiscentista — sendo citada em *A Mensageira*, I(4):50 e II(34):197, como exemplo de mulher que soube conciliar o exercício da literatura com o desempenho de tarefas domésticas (já em I:60, Inês Sabino faz questão de situá-la entre as intelectuais "úteis" à humanidade, em contraposição àquelas que ela considera "políticas desequilibradas", como a revolucionária oitocentista Louise Michel). Madame de La Fayette, que como romancista estabelece o marco inaugural da moderna literatura de ficção francesa, recebe tratamento especial na revista, sendo colocada em situação de destaque na matéria estampada em I(15):235-237, assinada por "Perpétua do Vale".

a historiadora Catherine Macaulay (1733-1791), a escritora considerada precursora do feminismo inglês Mary Wollstonecraft (1759-1797) e a astrônoma Caroline Herschel (1750-1848). Na Itália, as eméritas professoras da Universidade de Bolonha: Laura Bassi (1711-1778), Anna Manzoli (1716-1774) e Maria Agnesi (1718-1799), catedráticas respectivamente das disciplinas de física, anatomia e matemática, cronologicamente sucedidas pela professora de grego Clotilde Tambroni (1768-1817).<sup>166</sup>

O século XIX registrará o aparecimento de outras eminentes escritoras como a alemã Bettina Brentano (1785-1859), as francesas George Sand (1804-1876) e Marie d'Agoult (1805-1876); na Inglaterra, Jane Austen (1775-1817), Harriet Martineau (1802-1876), as irmãs Brontë — Charlotte (1816-1855), Emily (1818-1848) e Anne (1820-1849) —, e George Eliot (1819-1880); nos Estados Unidos, Harriet Beecher Stowe (1811-1896). Da segunda metade do século em diante, talvez como consequência do processo de consolidação dos estados nacionais europeus, seria preciso buscar nas respectivas literaturas nacionais os nomes de mulheres que aí se destacaram, mas que não voltariam a ter a representatividade internacional das escritoras acima mencionadas — para citarmos alguns nomes, a escritora espanhola Emília Pardo Bazán (1851-1921) e, mais para a virada do século, a sueca Selma Lagerlöf (1858-1940) e a italiana Ada Negri (1870-1945).<sup>167</sup>

No terreno da criação musical, tradicionalmente vedado às mulheres, o século XIX testemunhou o aparecimento de extraordinárias compositoras como a alemã Clara Schumann (1819-1896) e a italiana Carlotta Ferrari (1837-1907), além das francesas Augusta Holmès (1847-1903) e Cécile Chaminade (1857-1944). No âmbito das artes

---

166. Além de Clotilde Tambroni, aparecem nas páginas de *A Mensageira*, citadas nominalmente pelo menos uma vez cada uma delas, as madames Lambert, Necker e Staël (cf. verbetes do onomástico, Anexo IV). A respeito da primeira, a Marquesa de Lambert, vale a pena lembrar que notabilizou-se como moralista, exprimindo idéias feministas e publicando obras que antecipam pontos de vista externados posteriormente por Vauvernagues; o excerto de sua autoria reproduzido na "Seleção" do nº 26 da revista (p. II:39) explicita uma preocupação relativa à influência da mulher na sociedade bastante próxima das formulações que reaparecerão mais tarde nos escritos de Rousseau, Comte e Michelet: "Como se as mulheres constituíssem uma espécie à parte, abandonam-nas a si mesmas, (...) sem se lembrarem que elas compõem a metade do mundo; (...) que a educação das crianças lhes está confiada desde o alvorecer da mocidade, época em que as impressões são mais vivas e mais profundas." Madame Necker manteve, na Paris pré-revolucionária, um salão literário em que se reunia a nata dos intelectuais da Ilustração francesa, em meio à qual cresceu sua filha, Madame de Staël, a mais influente intelectual do sexo feminino do início do século XIX.

167. Com exceção da Brentano, de Jane Austen e das duas Brontë mais novas (Emily e Anne), todas as outras escritoras oitocentistas enumeradas neste parágrafo são mencionadas pela revista *A Mensageira*; as três últimas, aliás, ainda vivas e atuantes naquele final de século.

plásticas, destacaram-se a pintora francesa Rosa Bonheur (1822-1899) e o grupo de escultoras norte-americanas, estabelecidas em Roma, Harriet Goodhue Hosmer (1830-1908), Edmonia Lewis (c. 1845- ? ), Anne Whitney, Louisa Lander e Emma Stebbins.<sup>168</sup>

Além disso, ao longo do século XIX, em que inúmeras mulheres se destacaram como intérpretes teatrais, foram surgindo atrizes extraordinárias, do porte das italianas Adelaide Ristori (1822-1906) e Eleonora Duse (1844-1924) e das francesas Sarah Bernhardt (1845-1923) e Gabrielle Réjane (1857-1920). No campo científico, destacar-se-ão, por essa mesma época, duas mulheres matemáticas — a inglesa Mary Somerville (1780-1872) e a russa Sonia Kovalevsky (1850-1891) —, uma astrônoma — a norte-americana Dorothea Klumpke —, a médica franco-americana Augusta Klumpke-Dejérine (1859-1927), a histologista italiana Giuseppina Catani e, ascendendo já na virada do século, a genial física franco-polonesa Marie Curie (1867-1934).<sup>169</sup>

Saliente-se também que na segunda metade do século XVIII já se observavam os primeiros avanços no sentido da democratização da cultura: segundo Marlyse Meyer, começavam a difundir-se nessa época, estimulando o desenvolvimento da indústria cultural livreira, as *circulating libraries* inglesas e os *cabinet de lecture* franceses. Ganhava vulto, desse modo, o contingente de mulheres leitoras ávidas pelo consumo de literatura, desejo que encontraria vazão num certo tipo de ficção providenciado por escritoras setecentistas pejorativamente denominadas "noveleiras", literatas inglesas que, tendo divulgado sua produção no período de transição entre os séculos XVIII e XIX, limitaram-se a uma ficção evasiva, de cunho sentimental — que, ainda assim,

---

168. Mencionadas em *A Mensageira*, Augusta Holmès, Rosa Bonheur e Anne Whitney figuram em nosso onomástico (Anexo IV); por intermédio dessas três personalidades, é possível vislumbrar as dificuldades de auto-afirmação enfrentadas por todas as demais mulheres (tanto no âmbito das artes musicais como no das artes plásticas) do século XIX.

169. Uma listagem exaustiva das mais eminentes mulheres surgidas ao longo dos séculos XVIII e XIX requereria pesquisa mais detida, que ultrapassaria os objetivos da presente dissertação de mestrado. Por esta razão, limitamo-nos, aqui, a seguir basicamente o arrolamento efetuado pela própria *A Mensageira*, acrescentando os nomes selecionados por Andrée Michel (nos capítulos IV, "A Condição das Mulheres nos Séculos XVII e XVIII" e V, "A Condição das Mulheres no Século XIX", da obra citada). Para a definição da época e do campo de atuação de cada uma, recorreremos ainda a diversas obras de referência; além das mencionadas *Encyclopaedia Britannica* e *Larrousse du XX<sup>e</sup> Siècle*, foram particularmente úteis duas obras especializadas no assunto: o *Ensayo de un Diccionario de Mujeres Célebres* de Frederico Carlos Sainz de Robles (Madrid, Aguilar Ediciones, 1959) e o *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis* de Américo Lopes de Oliveira & Mário Gonçalves Viana (Porto, Lello & Irmão Editores, 1967).

teria fomentado a prática social da leitura e da escrita feminina, sem a qual não teria sido possível o surgimento de escritoras do nível de Jane Austen e das irmãs Brontë.<sup>170</sup>

Data igualmente do século XVIII o desenvolvimento embrionário de uma imprensa voltada especificamente para o público feminino.

Segundo levantamento efetuado por Dulcília Buitoni,<sup>171</sup> o primeiro periódico feminino de que se tem notícia surgiu em 1693, na Inglaterra; chamava-se *Lady's Mercury* e já contava com uma seção de consultório sentimental (algo que se perpetuaria na imprensa feminina posterior). A essa publicação pioneira seguiram-se várias outras, como o longevo *Ladies' Diary* (1704-1840), o *Ladies' Magazine, and Museums of Belles Lettres or Entertaining Companion for Fair Sex* (1770-1837) e o aristocrático *The Queen*. Ao longo do século XIX, a maioria desses periódicos, que se apresentavam inicialmente como gazetas literárias, acabariam por sucumbir à tendência geral de transformação em "jornais de moda".

Nos demais países da Europa, será possível constatar a mesma tendência, embora o fenômeno se manifestasse mais tardiamente: na França, o primeiro periódico feminino foi o *Courrier de la Nouveauté*, lançado em 1758. O *Journal de Dames*, publicado a partir de 1759, originalmente como jornal literário, ampliaria sua gama de conteúdos para englobar, além do editorial, seções de poemas, moda e publicidade, crítica literária e crônica teatral, transformando-se no *Journal des Dames et des Modes* que perduraria até 1778. Neste último, já se observa a presença de artigos referentes ao problema da educação feminina — questão que será recolocada pouco depois, durante o período da Revolução Francesa, pelos jornais publicados por associações femininas, como *Les Annales de l'Education du Sexe* (1790), *Les Evénements du Jour* (1791) e *La Feuille du Soir*.

No século XIX, *L'Iris*, surgido por volta de 1830, inauguraria a apresentação de moldes de roupas. Os meados do Oitocentos francês ainda registrariam a eclosão de uma

---

170. Cf. Marlyse Meyer: "Mulheres Romancistas Inglesas do Século XVIII e Romance Brasileiro", in *Caminhos do Imaginário no Brasil*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993, pp. 47-72.

171. Cf. Dulcília Helena Schroeder Buitoni: *Mulher de Papel: A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira*, São Paulo, Edições Loyola, 1981 (p. 10). Da mesma autora, ver também *Imprensa Feminina*, 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1990 (especialmente o suplemento histórico das pp. 24-35).

imprensa feminista propriamente dita (este assunto será abordado adiante, no item destinado a historiar as primeiras manifestações feministas do continente europeu). No entanto, o reacionarismo que se instaurara na sociedade francesa principalmente depois do sufocamento das jornadas revolucionárias de 1830 e 1848, contribuiria para a ascensão de uma imprensa feminina de moldes mais tradicionais, voltada para a publicação de romances, crônicas mexeriqueiras, conselhos domésticos, lições de etiqueta, moda e trabalhos manuais, como encontramos em *Le Conseiller des Dames*, *La Mode Illustrée* e *Le Petit Echo de la Mode*. Esta última publicação, reauecida a partir de 1879 pela iniciativa empreendedora de uma família católica, alcançaria em 1893 a extraordinária tiragem de 210 mil exemplares.

Na Itália, as primeiras publicações dessa espécie aparecem no final do século XVIII — *Toilette* (1770), *Biblioteca Galante* (1775) e o *Giornale delle Donne* (1781) —, sendo seguidas, já no século XIX, por revistas católicas como *La Donna* e *La Famiglia Cattolica*, registrando-se também a publicação de alguns periódicos feministas, como *Circolo delle Donne Italiane* e *Un Comitato de Donne*. Na Alemanha, a pioneira da imprensa feminina foi a *Akademie der Grazien* (1774-1780), periódico que, dedicando-se à literatura, divulgou obras de Goethe e Lessing; no século XIX, Alemanha e Áustria se destacariam na produção de esmeradas edições voltadas exclusivamente para a moda. Como jornal feminista, as alemãs contaram ainda com o *Neuen Bahnen* (1866-1920), fundado por Augusta Schmidt e Louise Otto-Peters.

Grande parte destas publicações femininas poderia ser considerada produto de elite — uma vez que, por essa época, ainda era relativamente reduzido o número de mulheres que dispunham de tempo, dinheiro ou instrução para adquiri-las e lê-las. No entanto, também se poderia afirmar que, desde seus primórdios, a imprensa feminina da Europa observou certa tendência à popularização de suas publicações — que assumiriam, cada vez mais, o formato de "almanaque", reunindo assuntos variados, que podiam ir desde os tradicionais conselhos de economia doméstica e de medicina caseira até a designação dos códigos da linguagem das flores.

Apesar de retardatária, a imprensa feminina americana acrescentou ao modelo europeu, que oferecia entretenimento e esclarecimento à suas leitoras, o jornalismo de serviço. O próprio conceito de *magazine* surgiu e se desenvolveu nos EUA: as primeiras revistas do gênero foram o *American Magazine* e o mais conhecido *Ladies' Magazine*, fundado em 1828 por Sarah Josepha Hale, que mesclava em sua publicação páginas de moda e beleza com artigos doutrinários, de defesa do direito da mulher à educação.

Outros fatores relevantes, como a evolução tecnológica das editoras, o avanço da indústria cosmética, o incremento da venda avulsa e a disseminação dos moldes de costura em papel, dariam sua contribuição para o crescimento da imprensa feminina norte-americana — que, no final do século XIX, com publicações como o *Lady's Home Journal*, chegaria a registrar tiragens que ultrapassavam o meio milhão de exemplares.

Alguns autores consideram que a imprensa (não apenas a imprensa em geral, mas também aquela especificamente voltada para o sexo feminino) teria sido o lugar por excelência da fixação dos estereótipos sociais sobre a mulher:

É hoje mais ou menos inconfeste entre os estudiosos a idéia de que a imprensa desempenhou papel central na construção de gênero (conceituação do feminino e masculino como sendo social e culturalmente determinados), articulando e propagando desde o século XVIII a ideologia da mulher doméstica e poderosa na esfera privada, ao mesmo tempo que ratificava a visão do homem como ser público.<sup>172</sup>

Mas, esses mesmos autores reconhecem que, talvez justamente em virtude do seu papel formador, a imprensa também se apresentou como o "locus" mais propício para a revisão daqueles mesmos estereótipos. De forma que as reivindicações feministas foram se infiltrando e deturpando o discurso voltado para a estigmatização do sexo feminino;<sup>173</sup> não é à toa que formulações teóricas recentes, envolvendo o estudo da literatura e da imprensa femininas, se refiram a uma reapropriação pelas mulheres de um "discurso roubado":<sup>174</sup> tudo se passou como se a partir de um determinado momento (e isto parece ter ocorrido a partir do século XVIII) as mulheres começassem a sentir necessidade de contrapor-se, ainda que dialogando ou utilizando-se da mesma linguagem, àqueles autores e àquelas publicações de caráter conservador.

---

172. Cf. Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, "Ousadia Feminina e Ordem Burguesa", na obra citada, p. 97.

173. A própria Maria Lúcia Pallares-Burke dedica-se a analisar, no referido ensaio, de que maneira o tipo de jornalismo conhecido como *Spectator*, surgido na Inglaterra no começo do século XVIII, receberia versões femininas (escritas por mulheres ou por redatores que se faziam passar por mulheres) como *The Female Spectator*, na própria Inglaterra ou *La Spectatrice*, na França e *La Pensadora Gaditana*, na Espanha.

174. Expressão utilizada pelas autoras (Elizabeth Angélica Siqueira, Maria Nilda de Miranda Pessoa, Marluce Oliveira Raposo Dantas e Rachel Hollanda da Costa) do artigo "Em Busca de um Sentido para o Discurso Roubado", incluído na mencionada coletânea de Susana Bornéo Funck *Trocando Idéias sobre a Mulher e a Literatura* (pp. 391-403).

### V.3 — AS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS

#### O FEMINISMO FRANCÊS

Historicamente inaugurada por Olympe de Gouges (1748-1793) na época da Revolução Francesa, sufocada pelo restabelecimento do absolutismo no Império napoleônico e na Restauração de 1815, a luta feminista na França revigorou-se com as revoluções de 1830 e 1848: sob a inspiração do "romantismo social" de saint-simonianos e fourieristas, fundam-se jornais e associações destinados à defesa da igualdade econômica, familiar e civil para a mulher. E, já na década de 1830, surgem publicações como *La Femme Libre* (1832-1834) — inicialmente redigida por Marie-Reine Guindorf e Désirée Gray Véret, passando depois para a direção de Suzanne Voilquin; ou como o *Journal des Femmes* (1832-1838), de Fanny Richomme e *Le Conseiller des femmes* (1833-1834), publicado por Eugénie Niboyet.<sup>175</sup>

No final da década de 1840, a agitação revolucionária criou as condições necessárias para que estas primeiras feministas francesas, abandonando paulatinamente sua filiação original ao socialismo utópico de Saint-Simon e Fourier em favor de uma postura

---

175. Olympe de Gouges envolveu-se no clima revolucionário por ocasião da convocação dos Estados Gerais, destacando-se como defensora de ideais republicanos e feministas; redigiu em 1791 a *Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã*, considerada marco histórico das tentativas de formulação legal dos direitos femininos; mas, indignada com os excessos da Revolução, tentou assumir a defesa de Luís XVI em 1793, sendo acusada de traição e condenada à guilhotina. O valor epistemológico de sua *Declaração* é permanente, fornecendo suporte para as discussões teóricas atuais acerca do tema da cidadania feminina — cf. *O Dilema da Cidadania: Direitos e Deveres das Mulheres*, de Gabriella Bonacchi e Angela Groppi (org.), trad. de Álvaro Lorencini, São Paulo, Editora Unesp, 1995. Citada em *A Mensageira* por "Pelayo Serrano" e pelo deputado Costa Machado, Olympe de Gouges também está representada por verbete próprio em nosso onomástico (Anexo IV). Quanto ao feminismo veiculado pela maioria daquelas publicações dos anos 1830, caracterizou-se pela moderação de suas reivindicações, raramente indo além da luta pelos direitos civis femininos. Para detalhamento de seu conteúdo, consultar Jean Rabaut, na mencionada *Histoire des Féminismes Français*, cap. IV, pp. 89-117 e Roger Picard no citado *Romantisme Social*, p. 392. Este último autor revela as ligações da imprensa feminista com a literatura da época: "Les problèmes les plus fréquemment abordés dans les journaux féministes sont ceux-là même dont le théâtre et le roman romantiques faisaient souvent leurs sujets: le mariage, l'éducation des femmes, la liberté de leur activité. Le mariage y est fort critiqué, à cause de la subordination où il place la femme." — ou seja: "As questões mais frequentemente abordadas nos jornais feministas são aquelas frequentemente tematizadas pelo teatro e pelo romance românticos: o casamento, a educação da mulher, a liberdade de sua atuação. O casamento aí é duramente criticado, em razão da situação de subordinação em que a mulher nele é colocada."

socialista mais consistente, desenvolvessem uma "ação feminista-socialista independente", no dizer de Jean Rabaut.

Nesse contexto, Eugénie Niboyet, Désirée Gray e Jeanne Deroin empreendem a publicação do jornal feminista mais importante do período, *La Voix des Femmes*, surgido em 1845. Tendo como uma de suas principais bandeiras a defesa da instrução feminina, esse jornal incursionaria ainda pelo terreno da reivindicação política, batendo-se, no início de 1848, pelo direito de voto e de elegibilidade das mulheres — no que foram duramente derrotadas na Assembléia Nacional.<sup>176</sup>

Juntando-se a Pauline Roland (1805-1852), Jeanne Deroin ainda voltará à luta para criar uma Federação das Associações Operárias — inspirada no projeto original de Flora Tristan (1803-1844),<sup>177</sup> outra notável ativista do período que, ao vincular a emancipação da mulher à libertação da classe trabalhadora, contribuiria para realizar a aproximação entre feminismo e socialismo revolucionário. Mas o ativismo dessas mulheres seria duramente sufocado pelas forças contra-revolucionárias (ação que ocasionaria, inclusive, a prisão de algumas delas), levando ao esmorecimento temporário da luta feminista na França.

---

176. A desmoralização da reivindicação política pelas mulheres já havia sido empreendida, paradoxalmente, por uma das figuras mais cultuadas pelo feminismo francês do Oitocentos, a escritora George Sand. É bastante conhecido o episódio da recusa de Sand em assumir a situação forjada pelas redatoras do *La Voix de Femmes*, que a consideravam uma candidata natural para representar as mulheres na Assembléia Legislativa francesa. A dura resposta de George Sand (reproduzida por Jean Rabaut, obra citada, p. 131) à idéia de *La Voix de Femmes* de incluí-la na lista de candidatos às eleições de abril de 1848 revela mais um dos aspectos contraditórios do feminismo em geral: acreditando ser prematura a reivindicação pelo direito de voto, George Sand postula a urgência da conquista da igualdade civil. Assim formulado, seu feminismo desvinculava a libertação feminina pelos costumes e pela cultura do processo correlato de aquisição dos direitos políticos pela mulher. Notar que entre as redatoras de *La Voix des Femmes* encontrava-se a pedagoga Elisa Lemmonier (1805-1865), lembrada em *A Mensageira* — em I(15):239 — pelo fato de ter criado em Paris uma sociedade de apoio à profissionalização feminina.

177. Apesar de ter nascido em Paris, a ascendência peruana de Flora Tristan parece ter contribuído para torná-la, além de paladina do feminismo e da união operária, combativa defensora da libertação dos escravos na América Latina — tendo se posicionado ainda a favor da emancipação da Polônia e da Irlanda. Não chegou a conhecer o neto célebre, o pintor Paul Gauguin (1848-1903), filho de sua filha caçula. Deixou obras como *Pétition pour le rétablissement du divorce* (1837), *Pérégrinations d'une paria* (1837), *Pour l'abolition de la peine de mort* (1838), *Promenades dans Londres* (1842), *L'Union Ouvrière* (1843), *Le Tour de France* (1843-1844). Sua vida e obra têm sido recentemente resgatadas do esquecimento por autores como Jean Baelen (*Flora Tristan: Feminismo y Socialismo en el Siglo XIX*, Madrid, Taurus Ediciones, 1973), Fiamma Lussana ("Socialista e Feminista no Século XIX: Flora Tristan", trad. do italiano por Flávia Boni Licht, pp. 279-284 do nº 3 da revista *Oitenta* (Porto Alegre, L&PM Editores, 1980) e Stéphane Michaud (*Flora Tristan, 1803-1844*, Paris, Les Éditions Ouvrières, 1984).



Da mesma forma, empalidecia a idéia de que a emancipação feminina pudesse depender de uma transformação radical da sociedade, verificando-se a emergência de um feminismo mais moderado nas décadas de 1860, 1870 e 1880. Mesmo sem se mostrar revolucionária, a nova geração de feministas surgida à época da instauração da Comuna de Paris (1871) e da consolidação da Terceira República francesa (proclamada em 1870) filiou-se à propaganda republicana e ao anticlericalismo.

Por essa época, escritoras como Juliette Lamber Adam (1836-1936) e Marie Deraisme (1828-1894) polemizam com os grandes pensadores antifeministas do século, associando a crítica das velhas instituições (como a Igreja e a Monarquia) à discussão sobre a emancipação feminina;<sup>178</sup> ao belicoso publicismo destas mulheres veio juntar-se a iniciativa de Léon Richer — que, em 1869, fundou a Liga do Direito das Mulheres e a revista *Le Droit des Femmes*, responsável pela veiculação de uma campanha pelo restabelecimento do divórcio. Exceção digna de nota à moderação característica do período foi a atuação radical de Louise Michel (1830-1905), especialmente durante o episódio da Comuna.<sup>179</sup>

---

178. Andrée Michel situa a atuação de Marie Deraisme, Juliette Lamber e Jenny d'Héricourt no espectro da "querela das mulheres", episódio em que estas feministas se opuseram às idéias de autores como Alexandre Dumas Filho, Comte, Michelet, Girardin e Proudhon. Na mesma época, Paule Minck, André Léo, Olympe Audouard, Noémie Réclus e Madame Jules Simon criaram associações e jornais feministas. A análise das obras deixadas por estas mulheres pode ajudar a desvendar os conteúdos deste feminismo de natureza publicista, engajado no debate das questões sociais. É exemplar, neste sentido, a biografia da polígrafa Juliette Lamber Adam: filha de um médico adepto do fourierismo, manteve em Paris um salão frequentado pelos principais intelectuais republicanos de então, entre eles o célebre Léon Gambetta. Foi membro do Partido Liberal e amou longamente como jornalista junto à *Nouvelle Revue* (que ajudou a fundar em 1879). No Anexo IV designamos as menções correspondentes a seu nome em *A Mensageira*.

179. A francesa Louise Michel, cognominada "a Virgem Vermelha", professora do ensino elementar, participa já em 1870 da desesperada defesa de Paris contra os invasores prussianos, colaborando no ano seguinte para a implantação da Comuna de Paris, ao mesmo tempo que organiza o Comitê Central da União das Mulheres. Deportada em 1872, em função de seu radicalismo, retorna à França por ocasião da anistia geral, sujeitando-se a uma nova sucessão de processos — pois, transitando do socialismo para o anarquismo, tornara-se líder imbatível da "subversão da ordem", capaz de eletrizar multidões com sua retórica apaixonada, ao mesmo tempo em que elabora bem sucedidos dramas cívicos, contundentes ensaios políticos e elogiadas obras memorialísticas. As menções à Michel em *A Mensageira* refletem os aspectos ideológicos de que está impregnada: duramente condenada na coluna mantida pelo professor João Vieira de Almeida (que se refere a ela como mulher sanguinária e abominável), taxada de "política desequilibrada" por Inês Sabino, a Michel é declarada "a última Santa neste século de estreito egoísmo" por Xavier de Carvalho. Este socialista português (radicado em Paris, onde sua esposa Blanche representa oficialmente o periódico paulistano), conta, certamente, com o apoio da diretora da revista, Prisciliana Duarte — pois esta faz questão de transcrever, no nº 24, uma notícia muito simpática ao lançamento de um novo livro de memórias da "Vierge rouge" francesa. Ver, no verbete correspondente a Louise Michel, no nosso onomástico (Anexo IV), a localização das diversas menções a seu nome na revista.

Mais para o final do século, inaugura-se um novo período para o feminismo francês, que passa a adotar postura internacionalista: em 1881, Hubertine Auclert funda o jornal *La Citoyenne*, colocando novamente em pauta a questão dos direitos políticos femininos e unindo-se às feministas norte-americanas, em 1884, para a criação de um Conselho Internacional de Mulheres (iniciativa levada a cabo em 1888 com a primeira convenção fundadora do ICW, International Council of Women, realizada em Washigton); uma segunda reunião internacional do ICW (mencionada por Maria Amália Vaz de Carvalho em texto transcrito por *A Mensageira* em II:133-139) ocorreria em 1899, em Londres, contando com a participação de 5 mil mulheres que representavam 600 mil feministas (de 11 conselhos filiados). Primeiro modelo da Internacional de Mulheres, esta organização contribuiria para alargar o campo de preocupações do feminismo internacional — que assim se tornava uma espécie de organização humanista, na qual incluíam-se o pacifismo, a filantropia, a organização do trabalho e das profissões, as lutas sociais e políticas, etc.

Apesar de tudo, só bem mais tarde (em 1944) se admitirá, na França, o pleno exercício dos direitos políticos femininos. Merecem destaque, no entanto, algumas conquistas registradas ainda no Oitocentos: promulgado durante o período da Revolução Francesa, o divórcio (abolido em 1816) foi reinstituído em 1884; e, em 1897, as mulheres tornam-se legalmente habilitadas para prestar testemunho em processos.<sup>180</sup> Nesse mesmo ano, Marguerite Durand fundava o diário feminista *La Fronde*, inteiramente redigido, editado e tipografado por mulheres.<sup>181</sup>

---

180. Em *A Mensageira*, I(11):174-175, encontra-se reproduzida a notícia publicada pelo jornal paulistano *A Nação* a respeito da aprovação da lei francesa que autorizava o testemunho oficial por mulheres. A notícia detalha a prática que se seguiu à promulgação da referida lei: tendo lugar na própria capital parisiense, o primeiro ato legal desse gênero correspondeu ao registro do nascimento de uma criança, efetuado pela mãe, acompanhada de duas testemunhas do sexo feminino; caso semelhante deu-se no Havre, onde uma irmã de caridade serviu de testemunha para o casamento *in extremis* de um certo Monsieur Vigeon.

181. Segundo Dulcília Buitoni (pp. 32-33 da mencionada *Imprensa Feminina*) *La Fronde* contou, de início, com a excepcional tiragem de 200 mil exemplares. Exemplo de jornalismo profissional, englobou editorias variadas, trazendo para cada dia da semana uma folha suplementar (dedicada a assuntos como educação, descobertas científicas, espiritismo, esportes, correspondência, conselhos de economia doméstica). Esse jornal concentraria suas reivindicações na defesa da educação para a mulher, contando, além de Marguerite Durand, com um corpo de redatoras formado por Clémence Royer, Mademoiselle Sainte-Croix e as Madames Séverine, Hergomard, e Pognon. Embora tenha se caracterizado como empreendimento editorial bem mais modesto, a revista *A Mensageira* (para a qual estimamos uma tiragem de no máximo 1.000 exemplares) deu mostras do desejo de compartilhar do sucesso obtido pelo periódico parisiense: no nº 7 de *A Mensageira*, o aparecimento do jornal é saudado em dois pontos diferentes (pp. 1:99 e 102), chegando-se a mencionar ainda, na "nota pequena" da p. 112, uma possível colaboração de duas de suas redatoras (Marguerite Durand e Avril de Sainte-Croix) na revista brasileira; aparentemente não houve tempo para que essa expectativa se confirmasse, pois exatamente dois anos depois era encerrada a publicação de *A Mensageira* (*La Fronde* persistiria, como diário, até 1903).

Ainda na Europa continental, mereceria ser comentado o caso da Alemanha, onde o feminismo de mulheres como Louise Otto-Peters e Augusta Schmidt esteve relacionado (da mesma forma que o feminismo francês) com a agitação revolucionária de 1848, guardando ainda vínculos estreitos com o processo de unificação da nação alemã. Também neste país as propostas do socialismo revolucionário e do feminismo acabariam convergindo, com a adesão de Bebel (eminente líder socialista alemão) à causa da igualdade entre os sexos.

## O FEMINISMO ANGLO-AMERICANO

O feminismo inglês teve como ilustre precursora a escritora iluminista Mary Wollstonecraft (1759-1797),<sup>182</sup> cujo livro *A Vindication of the Rights of Woman* (1792) constituiu um libelo em favor da emancipação feminina. Seu pioneirismo encontraria continuadores no século XIX: no manifesto pelos direitos da mulher redigido por William Thompson e Anna Wheeler em 1825; nas mulheres que participaram do movimento cartista; nas mulheres das classes médias que, ao longo do século XIX, concentrariam as reivindicações do feminismo inglês sobre três pontos centrais — a luta pelo sufrágio feminino, pela habilitação legal das mulheres casadas (sobretudo no que diz respeito aos seus direitos patrimoniais) e pelo acesso feminino às profissões.

---

182. Mary Wollstonecraft Godwin era o nome de casada da polígrafa inglesa cuja existência tumultuada foi marcada pelos problemas emocionais e financeiros gerados por uma infância regida por um pai beerrão e dissipador. Essa difícil situação agravou-se ainda mais com a morte de sua mãe, em 1780 — seguida pelo segundo casamento do pai, ocasião em que Mary sai de casa. Acolhida pela família de sua amiga Fanny Blood, Mary associa-se a esta última (mais uma irmã de Mary, Eliza) para juntas criarem uma escola, que funcionou por dois anos. A morte de Fanny Blood, em meados de 1780, representa uma grande perda para Mary, que trabalharia ainda como governanta na casa de nobres na Irlanda, passando depois a dedicar-se exclusivamente à literatura. Escreve, assim, seu famoso *A Vindication of the Rights of Woman* (1792), em que torna a reivindicação da educação para as mulheres um dos principais pontos de apoio de seu feminismo. Desejando acompanhar de perto os acontecimentos da Revolução Francesa, transfere-se para Paris em 1792. No ano seguinte conhece o capitão norte-americano Gilbert Imlay, com quem vive maritalmente até 1795 — desta união nascendo, em 1794, uma menina que receberia o nome de Fanny, em homenagem à amiga falecida. Depois de separar-se de Imlay, Mary retorna à Inglaterra para instalar-se em Londres, onde conhece o filósofo William Godwin (1756-1836), com quem se casa em 1797. O casamento com Godwin, que nutria grande admiração pela esposa, correspondeu à época mais feliz de sua vida. Esta felicidade, porém, não duraria muito: ainda em 1797 Wollstonecraft morre, em decorrência de complicações do parto em que deu à luz a outra filha, Mary. Casando-se com Percy Bysshe Shelley, a jovem Mary assumirá o nome de Mary Shelley (1797-1851), celebrizado pela autoria do conhecido romance filosófico *Frankenstein* (1818). Cf. o verbete dedicado a Mary Wollstonecraft pela mencionada edição da *Encyclopaedia Britannica* (vol. X, pp. 464-465).

No primeiro caso, a causa do sufrágio feminino contou com o apoio de importantes parlamentares como Richard M. Pankhurst e Jacob Bright, que estiveram à frente da criação do primeiro comitê pelo voto feminino, o "Manchester National Society for Women's Sufragge"; integraram esta sociedade, fundada em 1865, feministas de renome como Ursula Bright, Lydia Becker (1827-1890), Josephine Butler (1828-1906),<sup>183</sup> Elizabeth Wolstoneholme Elmy (1834-1906) e Emmeline Pankhurst (1858-1928).

A presença de John Stuart Mill (conhecido defensor da causa feminista) no parlamento inglês fomentaria a agitação sufragista, que ganhou corpo no final da década de 1860, motivando a organização de outras sociedades e incentivando a coleta de assinaturas em prol do sufrágio feminino. Os principais parlamentares partidários da emancipação feminina encontravam-se no Partido Liberal, embora Gladstone, líder dos liberais, se mostrasse contrário a ela (opondo-se, paradoxalmente, ao líder conservador Disraeli, moderadamente favorável à causa feminista).

No entanto, quando Stuart Mill intentou incluir o voto feminino no Segundo Regulamento de Reforma Eleitoral (1867), teve sua emenda derrotada. Ainda assim, a luta de mulheres como Lydia Becker não esmoreceu: numa última tentativa, pleiteou a aprovação do voto feminino restrita às solteiras e às viúvas, excluindo desse direito as mulheres casadas. Essa sua atitude provocou dissensões no seio do movimento feminista inglês, precipitando a constituição de uma nova sociedade em 1889, a "Women's Franchise League", que daria origem à futura WSPU ("Women's Social and Political Union").

A partir do final do século, a luta sufragista recrudesceria com a reunião de várias associações pelo voto feminino na "National Union of Women's Suffrage Societies" (NUWSS), instituição presidida por Mrs. Henry Fawcett. Mas, sem dúvida, a principal continuadora do movimento sufragista inglês foi Emmeline Pankhurst, esposa do pioneiro

---

183. O caso de Josephine Elizabeth Butler merece destaque pela sua atuação como reformadora social e pela ousadia com que desafiou as autoridades inglesas na defesa dos direitos individuais das prostitutas. Juntamente com seu marido, o educador George Butler, Josephine foi responsável pela criação, em Liverpool, de diversos abrigos para prostitutas, tendo ainda realizado uma campanha pela supressão do controle médico compulsório a que estas últimas estavam submetidas a partir da aprovação dos "Contagious Diseases Acts"; contra estes atos governamentais redigiu, em 1869, um protesto, subscrito por mulheres como a escritora Harriet Martineau (1802-1876) e a renomada enfermeira Florence Nightingale (1820-1910) — ponto de partida para uma cruzada abolicionista de âmbito internacional, que se estenderia à luta pela erradicação do tráfico de escravas brancas e de crianças. Cf. os verbetes biográficos referentes a ela na mencionada edição da *Encyclopaedia Britannica* (p. IV:463) e no citado *Diccionario de Mujeres Celebres* de Sainz de Robles (p. 201).

Richard Pankhurst — que, com a morte deste último em 1898, levaria adiante o trabalho que ambos haviam iniciado trinta anos antes no comitê de Manchester. Em 1903, agora coadjuvada por sua filha Christabel Pankhurst, Emmeline funda a mencionada "Women's Social and Political Union" (WSPU). Ao longo das duas primeiras décadas do século XX, NUWSS e WSPU levam adiante a campanha sufragista na Inglaterra, caracterizando-se a primeira dessas organizações (cujas militantes ficariam conhecidas como "sufragistas") por sua feição mais moderada, enquanto a segunda se notabilizaria pela incitação das "suffragetes" ao cometimento de atos de desobediência civil.

O êxito do sufragismo inglês só viria, no entanto, com a promulgação da lei de 1918, que estendeu o direito de voto às mulheres maiores de 30 anos (idade reduzida para 21 anos em 1928) — isto é, com a conquista efetiva do direito de voto para as mulheres inglesas só se concretizando mais de meio século depois do início da movimentação pelo sufrágio feminino na Inglaterra.

Alguns dos ativistas da década de 1860 se envolveram também na campanha pelos direitos patrimoniais da mulher casada — de sua luta resultando a promulgação de dispositivos legais que permitiram à esposa maior liberdade de decisão sobre suas posses. Para corrigir a situação de excessiva tutela do marido sobre os bens e negócios da esposa, sucedem-se, a partir de 1870, vários "Married Women's Property Act" (sendo o texto legal de 1870 complementado em 1874, seguindo-se modificações desta legislação em 1882 e 1893). No que diz respeito ao divórcio, o "Matrimonial Causes Act" de 1857 já havia tratado da transferência da jurisdição eclesiástica para os tribunais laicos — mas o advento da igualdade dos cônjuges nessa matéria ainda dependeria da aprovação de legislação específica, datada de 1923 e 1950.

Nos EUA, o envolvimento das mulheres na causa abolicionista criou condições para o desenvolvimento de uma consciência feminista (situação igualmente verificada no caso brasileiro, como teremos a oportunidade de esclarecer mais adiante). A partir de um primeiro colóquio feminino anti-escravista realizado em Nova Iorque, em 1837, o combate à servidão negra dá lugar ao reconhecimento das semelhanças existentes entre a condição do escravo e a situação de submissão feminina.

Assim amadurecida, a questão feminista encontra expressão mais sólida no evento promovido por Lucretia Mott (1793-1880) e Elizabeth Cady Stanton (1815-1902) em Seneca Falls, em 1848. Desta convenção, dedicada à discussão da situação social da

mulher e dos direitos femininos, resultou um documento, a *Proclamação dos Direitos da Mulher*.<sup>184</sup> Integraram ainda as fileiras do movimento feminista norte-americano da segunda metade do século XIX mulheres como Fanny Wright e Ernestine Rose. Em 1869, Lucy Stone (1818-1893) e Susan Anthony (1820-1906) fundam a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres. Nesse mesmo ano o Estado do Wyoming concede o direito de voto às mulheres, exemplo seguido mais tarde pelos Estados do Colorado (1893) e Idaho e Utah (1896). Nas duas primeiras décadas do século XX, a reivindicação sufragista seria levada à frente por conhecidas líderes como Anna Howard Shaw (1847-1919) e Carrie Chapman Catt (1859-1947) — sem que se possa esquecer a contribuição prestada pelas mulheres *quakers*, com destaque para o ativismo de Alice Paul. Como resultado de seus esforços, verificava-se em 1920 a consolidação definitiva da conquista do direito de voto para todas as mulheres americanas.

Finalizando este balanço do feminismo internacional no século XIX, lembramos, aliás, que a única nação a aprovar o voto feminino ainda dentro do limite cronológico do Oitocentos foi a Nova Zelândia, onde isso ocorreu em 1893.<sup>185</sup>

184. Heleieth Saffioti (na obra citada, pp. 119-122) considera essa *Proclamação* um exemplo das limitações do feminismo norte-americano: "O individualismo que marca esta proclamação de direitos explica-se em função dos novos rumos impressos à economia americana. (...) A grande maioria das líderes feministas pertencia aos estratos sociais médios e pretendiam ampliar o campo da sua atuação, cavar espaço num mundo androcêntrico, inovar pela expansão da estrutura capitalista." Outros autores, porém, apontam-na como ponto de partida do movimento pelos direitos políticos da mulher; esta é a opinião de Ida Husted Harper e Jo Desha Lucas, autores do verbete "Women's Suffrage ("The United States") da *Encyclopaedia Britannica* (pp. XXIII:712-713 da edição mencionada) — como também de Maria Arias em *A Libertação da Mulher*, trad. portuguesa do original espanhol, Rio de Janeiro, Salvat Editora do Brasil, 1979, pp. 64-65.

185. Este acontecimento é enfaticamente assinalado por *A Mensageira*, em I(5):70-72, por intermédio da transcrição de uma matéria publicada originalmente pelo jornal *Gazeta de Petrópolis* ("O Sufrágio Feminino na Nova Zelândia"). O verbete "Women's Suffrage" da *Encyclopaedia Britannica* mencionado na nota anterior fornece um quadro cronológico das etapas sucessivas da conquista do voto feminino em todo o mundo — quadro no qual podemos constatar, por exemplo, que as mulheres brasileiras gozaram surpreendentemente desse direito antes mesmo que as mulheres francesas:

| ANO  | PAÍS   | ANO  | PAÍS                    | ANO  | PAÍS  |
|------|--|------|-------------------------|------|---|
| 1893 | Nova Zelândia  | 1921 | Suécia                  | 1942 | República Dominicana                                |
| 1901 | Austrália  | 1922 | Burma e Irlanda         | 1944 | França  |
| 1906 | Finlândia  | 1925 | Hungria                 | 1945 | Guatemala e Itália                                  |
| 1907 | Noruega  | 1929 | Equador                 | 1946 | Albânia, China, Japão, Panamá, Romênia e Iugoslávia |
| 1915 | Dinamarca e Islândia                                 | 1930 | África do Sul e Turquia | 1947 | Argentina, Bulgária e Venezuela                     |
| 1917 | União Soviética                                      | 1931 | Ceílão e Portugal       | 1948 | Costa Rica e Israel                                 |
| 1918 | Canadá, Alemanha, Grã-Bretanha, Luxemburgo e Polónia | 1932 | Brasil                  | 1952 | Bolívia, Grécia e Líbano                            |
| 1919 | Áustria, Tchecoslováquia, Holanda e Índia            | 1934 | Chile e Cuba            | 1953 | México, Síria e Tailândia                           |
| 1920 | Bélgica e Estados Unidos                             | 1957 | Filipinas               |      |   |

## O FEMINISMO NO BRASIL

Como enfatizamos em nossa introdução, estabelecer uma cronologia das manifestações feministas é tarefa extremamente difícil em face do movimento contraditório que caracteriza as diversas etapas do feminismo desde os seus primórdios até a atualidade. Na descrição das manifestações do feminismo internacional optamos pela simplificação, adotando o critério cronológico estrito. O mesmo não se justificaria na apresentação do panorama das primeiras manifestações feministas no Brasil: mais próximas de nós, estas últimas merecem tratamento mais acurado, que uma periodização baseada apenas numa cronologia não poderia atender: aqui, a combinação dos elementos da precedência histórica e da localização geográfica proporcionam maior enriquecimento das linhas de análise.

### A Precursora

Sendo assim, temos como precursora do feminismo no Brasil, Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), que iniciou sua atuação em 1831, publicando artigos sobre a condição feminina nas páginas de um jornal pernambucano — ativismo que resultou na publicação de seu primeiro livro, *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), pretensa tradução do célebre *A Vindication of the Rights of Woman*, da feminista inglesa Mary Wollstonecraft. Nascida no Rio Grande do Norte, Nísia casou-se precocemente, separando-se do marido e transferindo-se para Pernambuco. Órfã de pai em 1828, contrai nova união (desta vez não legalizada) com Manuel Augusto de Faria Rocha, mudando-se com ele para Porto Alegre, RS — cidade em que se publica, já em 1833, a segunda edição de seu *Direitos das Mulheres*, cuja repercussão talvez tenha contribuído para minimizar a tristeza advinda com a morte do marido em 1833 e as dificuldades enfrentadas na criação dos filhos pequenos, que Nísia procurou sustentar exercendo o magistério.<sup>186</sup>

---

186. Em 1837, Nísia transfere-se com os filhos, Lúvia e Augusto, para a cidade do Rio de Janeiro, onde funda (em 1838) o mencionado Colégio Augusto; em 1848, viaja para a Europa (em 1851 acompanhará em Paris as conferências proferidas por Comte). A partir de então, até 1871, sucedem-se diversas viagens pela Europa; após breve retorno ao Brasil, virá a falecer em Rouen, na França. Para maior detalhamento da biografia de Nísia Floresta, ver nosso Anexo IV. Segundo Maria Lúcia Pallares-Burke (na obra citada, "A Mary Wollstonecraft que o Brasil Conheceu, ou a Travessura Literária de Nísia Floresta", pp. 167-192), o texto que Nísia tentou impingir como tradução da obra de Mary Wollstonecraft é, na verdade, uma tradução literal de um livreto intitulado *Woman not Inferior to Man: or, a Short and Modest Vindication of Natural Right of the Fair-Sex to a Perfect Equality of Power, Dignity, and Esteem, with the Men* (London, John Hawkins, 1739), de autor desconhecido e assinado com pseudônimo de "Sophia, a Person of Quality"; o mais curioso é que este livreto constitui, ele próprio, um plágio — contendo partes substanciais extraídas (sem citação) da obra francesa *De L'Égalité des Sexes* (1673), de autoria de Poulain de La Barre.

## Duas Gerações de Gaúchas

Como já referido na caracterização do círculo de colaboradoras de *A Mensageira* (ver capítulo III), a atuação pioneira de Nísia Floresta permaneceu isolada, não se registrando (pelo menos de forma imediata) uma mais ampla divulgação de suas idéias. Porém, no ambiente cultural relativamente desenvolvido da capital rio-grandense, o livro de Nísia não teria sido completamente ignorado, encontrando na escritora gaúcha Ana Eurídice Eufrosina de Barandas (nascida na primeira década do século XIX) uma possível leitora e comentadora.<sup>187</sup>

Mas a proeminência cultural de Porto Alegre se consagraria de fato em meados do século XIX, culminando com a fundação nessa cidade da Sociedade do Partenon Literário (1868-1885), agremiação cultural que atuaria como foco de divulgação de idéias e práticas de cunho liberal-progressista: seus membros eram ardorosos defensores do republicanismo, do abolicionismo e da difusão da instrução em geral — razão pela qual também promoveram a educação feminina, realizando saraus literários dedicados à ilustração de senhoras.

Aos quadros acadêmicos do Partenon Literário pertenceu Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880), a mais eminente representante do feminismo gaúcho do Oitocentos: professora formada pela Escola Normal de Porto Alegre, Luciana de Abreu proferiu em 1873, por ocasião das comemorações do aniversário daquela Sociedade, um discurso público em defesa da mulher. Além dela, outras três mulheres integravam o Partenon Literário: as irmãs escritoras Revocata dos Passos Figueiroa de Melo (c. 1840-1882) e Amália dos Passos Figueiroa (1845-1878) — respectivamente mãe e tia das escritoras Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, além de Luísa Azambuja.

---

187. Alguns autores consideram a crônica *Diálogos*, escrita por Ana Eurídice poucos anos depois da publicação do *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, uma réplica ao livro de Nísia — hipótese corroborada pelo fato de as idéias feministas perpassarem os demais textos e poesias que, juntamente com *Diálogos*, formam o único livro publicado da escritora, *O Ramalhete ou Flores Escolhidas no Jardim da Imaginação* (1845). Cf. Hilda Agnes Hübner Flores, "Ana Eurídice Eufrosina de Barandas", *Travessia* (Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFSC, Florianópolis), nº 23, 2º semestre de 1991. Esta autora menciona ainda o nome da jornalista Maria Josefa Barreto Pereira Pinto (1775- ?) que, através de publicações como *Belona Irada Contra os Sectários de Momo e Idade de Ouro*, teria defendido a emancipação da mulher. Para Hilda Agnes, o aparecimento do feminismo num Estado como o Rio Grande do Sul, de cultura arraigadamente patriarcal, deve-se às condições históricas de sua autonomia: realizando suas trocas econômicas e culturais diretamente com a Europa, sem a intermediação da Corte, boa parte da população rio-grandense já estaria familiarizada, desde o século XVIII, com as idéias liberais (inclusive aquelas referentes à emancipação feminina).



Na década de 1880, a continuidade do feminismo iniciado por Luciana de Abreu se faria através da tribuna oferecida pelas páginas do periódico literário *Corimbo*, editado a partir de 1883 na cidade de Rio Grande pelas referidas irmãs Revocata Heloísa de Melo, a "Revocata Filha" (1860-1945), e Julieta de Melo Monteiro (1863-1928). Segundo Pedro Maia, *Corimbo* teria sido publicado até 1944, com periodicidade variável; embora tenha consultado uma coleção incompleta do periódico, este pesquisador identifica sucessivas modificações no feminismo por ele veiculado: até 1910, predomina a reivindicação educacional; de 1910 a 1917, verifica-se um silenciamento das reivindicações feministas; entre 1917 e 1924, suas redatoras atualizam-se com relação ao surto feminista mundial que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, passando a reivindicar independência econômica, direito ao livre exercício profissional e direito de voto para a mulher (nesta época, são frequentes as colaborações da anarquista Maria Lacerda de Moura).<sup>188</sup>

Deve-se enfatizar que a Escola Normal de Porto Alegre, criada em 1869, representou uma rara oportunidade de ampliação dos horizontes educacionais das mulheres rio-grandenses. Além de Luciana de Abreu, formaram-se por esta instituição mulheres como a jornalista, poetisa e teatróloga Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951), que contribuiria para a difusão da instrução feminina em sua cidade de origem, Rio Pardo, RS — onde fundou, em colaboração com a irmã, Zamira Lisboa, o Colégio Amaral Lisboa, criando ainda a "Sociedade Sempre Viva", constituída exclusivamente por mulheres.

Entre as egressas da Escola Normal temos também a escritora Andradina de Oliveira (1878-1935), de importante atuação regional no final do século XIX: em 1898, começa a editar em Bagé, RS, o jornal semanal *O Escrínio*, através do qual empreende a propaganda da educação feminina. Embora de feição moderada, o feminismo de Andradina de Oliveira caracterizou-se por sua persistência e tenacidade — uma vez que, mantido durante nove anos consecutivos em Bagé e em Santa Maria, *O Escrínio* reaparece em 1909 em Porto Alegre como revista semanal ilustrada, destacando-se então por manter uma seção

---

188. Na qualidade de colaboradoras de *A Mensageira*, Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro receberam atenção especial nos verbetes bibliográficos do nosso Anexo V. A primeira variação de periodicidade de *Corimbo* parece ter ocorrido em 1898, a cremos no que se anuncia no nº 11 de *A Mensageira* (em março de 1898), p. 1:175, em que a redação da revista agradece o recebimento de *Corimbo* e informa os leitores acerca dos aperfeiçoamentos da publicação gaúcha — que, "no seu XV ano passou a publicar-se de quinzena em quinzena". Cf. Pedro Maia Soares, "Feminismo no Rio Grande do Sul: Primeiros Apontamentos (1835-1945)" in *Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas* (vol. 1: Imprensa, Cinema, Literatura, História e Sexualidade), publicação da Fundação Carlos Chagas org. por Maria Cristina A. Bruschini e Fúlvia Rosemberg, São Paulo, Livraria Brasiliense Editora, 1980.

regular destinada à divulgação dos sucessos femininos no Brasil e no mundo.<sup>189</sup>

### O Ativismo Carioca

Na segunda metade do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro registraria, além do aparecimento de publicações voltadas para o público feminino (como o conhecido periódico *A Estação*),<sup>190</sup> o desenvolvimento de uma imprensa feminista propriamente dita.

Em janeiro de 1852, a jornalista argentina Joana Manso de Noronha<sup>191</sup> funda *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), considerado o primeiro periódico brasileiro totalmente dirigido e redigido por mulheres. Impresso no Rio de Janeiro pela Tipografia Parisiense (Nova Rua do Ouvidor nº 20), este jornal saía aos domingos e mantinha seções de moda, literatura, belas-artes, teatro e crítica. No primeiro número, a redatora solicitava a colaboração das leitoras, insistindo para que enviassem suas produções literárias, pois seriam publicadas sob anonimato... Embora dirigindo-se preferencialmente aos homens, a quem tentavam convencer da necessidade de emancipação das mulheres, os artigos publicados em *O Jornal das Senhoras* advogavam a instrução feminina e criticavam as relações conjugais vigentes na época. Após seis meses de publicação,

---

189. O rol dos principais nomes do feminismo rio-grandense do século XIX não estaria completo se deixássemos de mencionar a figura singular de "Délia", pseudônimo literário de Maria Benedita Câmara Bormann (1853-1895), autora de romances como *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893), nos quais aborda a problemática feminina. Escritora ousada e polêmica, Délia faleceu pouco tempo antes de iniciar-se a publicação de *A Mensageira*, encontrando-se duas menções a sua pessoa na revista, em I(3):40 e I(9):131.

190. Editado por Lombaerts, *A Estação* (1879-1904) era um jornal de modas quinzenal que trazia uma parte literária, incluindo literatura, noticiário, crônicas, variedades, teatro, passatempos, receitas de cozinha, conselhos de economia doméstica, etc. Machado de Assis esteve entre seus colaboradores mais assíduos, desempenhando importante papel no "abrasileiramento" de *A Estação* — que era, na verdade, uma versão nacional da publicação francesa *La Saison* (que circulou em versão brasileira entre 1872 e 1878). Os aspectos que envolvem a aclimação cultural do periódico francês ao Brasil foram discutidos por Marlyse Meyer em "Estações" (pp. 73-107 da obra citada). Segundo Dulcília Buitoni (*Mulher de Papel*, pp. 23-24), algumas colaboradoras de *A Mensageira* — como Inês Sabino, Júlia Lopes de Almeida e Prisciliana Duarte — também estiveram entre os colaboradores de *A Estação*.

191. Jornalista, professora e dramaturga, Joana Paula Manso de Noronha (c. 1820-1881) nasceu em Buenos Aires — mas, fugindo do governo despótico de Manuel Rosas, veio para o Brasil, tendo vivido em Pelotas e no Rio de Janeiro. Com a queda da ditadura de Rosas, retornou à Argentina em 1853, levando as duas filhas do casamento desfeito com o músico português Francisco de Sá Noronha (1823-1881). De volta à terra natal, retomou sua atividade jornalística, publicando um jornal voltado para a mulher intitulado *Álbum de Señoritas*. A biografia dessa jornalista argentina é detalhada em nosso Anexo IV.

Joana Paula deixou a direção do jornal, passando-a para Violante de Bivar e Velasco, que o manteve circulando até 1853.<sup>192</sup>

Em agosto de 1862 começa a ser editado no Rio de Janeiro o jornal *Belo Sexo*, auto-intitulado "periódico religioso de instrução e recreio, noticioso e crítico moderado". O *Belo Sexo* publicava-se aos domingos, procurando incentivar a filantropia feminina (os proventos da publicação destinavam-se à Imperial Sociedade Amante da Instrução, entidade de auxílio aos órfãos). Este jornal avança com relação ao seu precursor (*O Jornal das Senhoras*), por exigir que os artigos escritos por senhoras fossem assinados. Redigido por várias mulheres, sob a direção de Júlia de Albuquerque Sandy Aguiar (c. 1830- ? ), o *Belo Sexo* constitui um exemplo de manifestação das "redes de sororidade"<sup>193</sup> que caracterizavam a atividade jornalística feminina da época: as redatoras deste jornal reuniam-se para discussão da pauta dos artigos a serem publicados, formando grupos de apoio mútuo e reforçando um sentimento de identidade feminina que dificilmente se desenvolveria caso permanecessem isoladas umas das outras (como ainda era comum entre a maioria das brasileiras do século XIX, condenadas à reclusão doméstica e a contatos restritos aos maridos, filhos ou parentes próximos).

Em 1873, a mineira Francisca da Mota Dinis<sup>194</sup> inicia a publicação em Campanha, MG, do jornal *O Sexo Feminino*, transferido para o Rio de Janeiro em 1875.

---

192. Jornalista e dramaturga, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875) nasceu em Salvador (BA), transferindo-se com a família para a Corte. Seu pai, o conselheiro português Diogo Soares da Silva de Bivar (1785-1865), foi o primeiro presidente do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro. De instrução musical acurada e tradutora de autores teatrais como Dumas Filho e Goldoni, Violante também se ligou a esta instituição; tudo indica, aliás, ter sido através dela que Violante travou conhecimento com Gervásia Nunésia Pires dos Santos (c. 1820- ? ), para quem, por razões financeiras, transferirá a direção de *O Jornal das Senhoras* a partir de 1853 (o marido de Gervásia, Antônio José dos Santos Neves, também era membro do Conservatório Dramático). Considerando que Violante colaborou desde o início com Joana Paula na redação de *O Jornal das Senhoras* e lembrando ainda a extensão de sua atividade jornalística até a década de 1870, quando se empenha na direção de um outro periódico feminino (*O Domingo*, 1873-1875), Barros Vidal consagra-a como "a primeira jornalista brasileira", no livro *Precursoras Brasileiras*, Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1945 (pp. 113-142).

193. Sobre o conceito de rede de sororidade, consultar Elizabeth Siqueira et alii, "Em Busca de um Sentido para o Discurso Roubado" (na citada coletânea de Susana Bornéo Funck, pp. 393-396).

194. Francisca Senhorinha da Mota Dinis (c. 1840- ? ), natural de São José del-Rei, MG, dedicou-se ao magistério primário em sua terra natal, no Estado de São Paulo e no Rio de Janeiro. Na Corte, Francisca Senhorinha fundou o Colégio Santa Isabel, que dirigiu com o auxílio das filhas, as escritoras Albertina Dinis e Elisa Dinis Machado Coelho. Na década de 1880, Francisca Senhorinha esteve à frente de outros empreendimentos jornalísticos: a revista semanal *A Primavera* (1880) e o jornal-semanário *A Voz da Verdade* (1885). Professora e jornalista, Francisca Senhorinha também incursionou pelo terreno literário propriamente dito, escrevendo, em colaboração com a filha Albertina, o romance *A Judia Raquel* (1886).

Suspenso em 1876 em virtude de uma epidemia de febre amarela, este jornal seria revitalizado pela própria Francisca Senhorinha, treze anos depois (1889). Em sua nova fase, *O Sexo Feminino* torna-se quinzenal, tendo sua denominação modificada, com o advento da República, para *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Vinculando educação e trabalho, as propostas feministas de Francisca Dinis previam a instrução feminina como via de auto-realização e meio de aquisição da independência econômica da mulher: no terreno educacional, advogava a admissão das mulheres no ensino superior; no âmbito profissional, chegou a propor o monopólio feminino de profissões como o magistério primário. Além disso, propunha a transformação da condição legal da mulher brasileira, ainda bastante tolhida (sobretudo pela legislação conjugal) em seus direitos civis e naqueles relativos à sua propriedade.<sup>195</sup>

Mas, ao que tudo indica, o exemplo mais acabado de jornalismo feminista no século XIX brasileiro encontra-se no jornal literário *A Família*, fundado em 1888, em São Paulo, pela combativa Josefina Álvares de Azevedo. Transferido em 1889 para a cidade do Rio de Janeiro, *A Família* seria publicado até 1897,<sup>196</sup> estampando artigos de teor variado, que iam desde a louvação das qualidades maternas e a evidenciação da necessidade de instrução feminina, até a discussão de assuntos polêmicos como o divórcio e o direito de voto e elegibilidade para a mulher. Neste último caso, deve-se destacar o envolvimento do periódico na campanha sufragista por ocasião dos trabalhos da primeira Constituinte republicana, entre 1890 e 1891: esperançosas de que a nova carta constitucional contemplasse os direitos políticos femininos, as redatoras de *A Família* organizam a coleta de assinaturas (por todo o país) em prol do voto feminino — surgindo também nessa época o folhetim da comédia escrita por Josefina Álvares, *O Voto Feminino* (publicado em *A Família* de agosto a setembro de 1890). Entre as colaboradoras de *A Família* podem ser encontradas muitas das futuras colaboradoras de *A Mensageira*:

---

195. No final da década de 1870, surgiu ainda o *Eco das Damas*, jornal feminino publicado por Amélia Carolina da Silva Couto. Publicação iniciada em 1879, foi suspensa no ano seguinte, para retornar em 1885. Embora tenha inicialmente defendido um feminismo ameno, o *Eco das Damas* assumiria, mais tarde (em sua segunda fase), um tom incisivo, exigindo a igualdade de oportunidades educacionais para homens e mulheres; desse modo, o *Eco das Damas* transforma-se num incentivador da educação feminina superior, concedendo destaque para as primeiras estudantes brasileiras — que, como Maria Augusta Generoso Estrela e Rita Lobato, já tinham conseguido diplomar-se em medicina.

196. Curiosamente, a terceira fase de *A Família*, iniciada em meados de 1898 — noticiada com ênfase por Prisciliana Duarte no nº 15 de *A Mensageira* — é ignorada pelos demais pesquisadores da biobibliografia de Josefina Álvares de Azevedo (estamos esmiuçando o assunto no verbete referente à escritora em nosso Anexo V).

Anália Franco, Zalina Rolim, Narcisa Amália, Júlia Cortines, Revocata Heloísa de Melo, Inês Sabino, Marie Renotte, Júlia Lopes de Almeida, Maria Clara Vilhena da Cunha (Maria Clara da Cunha Santos, depois de casada) e Prisciliana Duarte de Almeida.

No entanto, apesar do empenho de parlamentares como o republicano radical Lopes Trovão, a proposta do sufrágio feminino (votada no início de 1891) foi liminarmente rejeitada, sob o reacionário argumento, dominante, de que o sexo feminino não teria sido talhado para os assuntos da vida pública — devendo-se restringir a atuação feminina ao ambiente do lar, para o qual a mulher estaria "naturalmente" destinada. Transformada assim em "anjo doméstico", a mulher brasileira sequer pôde ver resolvido, ainda nos limites do século XIX, o problema crucial da instrução feminina: reivindicação elementar para a maioria dos periódicos feministas do Novecentos, a situação da instrução da mulher no Brasil (apesar dos indiscutíveis avanços, mencionados no início deste capítulo) permanecia precária, registrando índices incompatíveis com o estágio avançado de civilização, a que pretensamente o processo de modernização das estruturas econômicas havia conduzido o país naquele final de século.<sup>197</sup>

---

197. O índice de analfabetismo para a população brasileira em geral, em 1890, era de 85%. Mesmo na cidade do Rio de Janeiro, onde a situação do ensino (tanto masculino como feminino) apresentava-se melhor do que na maioria das cidades de outras regiões do país, as cifras ainda eram pouco alentadoras. No caso específico da mulher carioca, a proporção de alfabetizadas entre a população feminina total da Capital Federal era de 43,8% em 1890. Cf. Maria Luísa Santos Ribeiro, *História da Educação Brasileira: A Organização Escolar*, 4ª ed., São Paulo, Editora Moraes, 1982, p. 78. Ver também os dados reunidos por June E. Hahner em *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas (1850-1937)*, trad. de Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa, São Paulo, Editora Brasiliense, 1981, p. 61.

**VI — PENSAMENTO FEMINISTA E PENSAMENTO SOCIAL  
EM "A MENSAGEIRA":  
PROJETO FEMINISTA E TEMÁTICA DA NACIONALIDADE  
ARTICULADOS NO PROGRAMA DA REVISTA**

*São considerados cidadãos brasileiros todos os estrangeiros que já residiam no Brasil no dia 15 de novembro de 1889, salvo declaração em contrário (...).*

Decreto de naturalização compulsória do  
Governo Provisório da República dos  
Estados Unidos do Brasil, sob a Presidência de  
MANUEL DEODORO DA FONSECA,  
datado de 14 de dezembro de 1889.

Como pudemos constatar através do estudo das biografias das escritoras de *A Mensageira*, a presença feminina destacou-se entre o contingente de elementos progressistas de nossa sociedade que estiveram envolvidos na propaganda abolicionista e republicana. Essa presença se fez notar, no caso do abolicionismo, no grande número de mulheres que realizavam festas e encontros beneficentes organizados com o intuito de recolher fundos para a compra e a alforria de escravos, antes da decretação da Lei Áurea — registrando-se também o concurso de mulheres escritoras que colocaram a pena a serviço da causa, fazendo de seus escritos verdadeiros libelos contra os horrores da escravidão. A própria história inicial do movimento feminista no Brasil tende, aliás, a confundir-se com os movimentos sociais citados acima, de modo que a defesa dos ideais republicanos se fez em meio às reivindicações veiculadas pelos periódicos feministas que circularam principalmente no Rio de Janeiro dos anos 1880.

Proclamada a República, essas primeiras feministas do Brasil, aproveitando-se dos debates em torno da elaboração da nova constituição, reivindicaram a inclusão, na carta magna, do direito feminino à elegibilidade e ao voto; mas enfrentaram a reação de setores majoritários que acabaram infligindo derrota avassaladora a esta que poderia ter sido a principal (talvez a única) conquista efetiva para as mulheres desse período de transição.

Derrotadas na Constituinte de 1890-1891, as principais vozes feministas brasileiras silenciariam ainda, com maior razão, durante o período de cerceamento ideológico representado pela ditadura do "marechal de ferro" Floriano Peixoto — que, assumindo o poder em oposição às inclinações totalitárias de Deodoro da Fonseca, acabara cumprindo seu mandato praticamente sob estado de sítio, num país assolado por tentativas

de autonomização regional (motivação básica de movimentos como a Revolução Federalista, instalada no Sul do país entre 1893 e 1895). No setor das finanças, a República também se inaugurara com medidas de fomento ao desenvolvimento econômico do país — procedimento predestinado ao fracasso, uma vez que, carecendo de bases estruturais sólidas, as principais empresas então formadas foram à bancarrota, num processo que, aliado à febre especulativa da Bolsa de Valores, ficou conhecido como Encilhamento.

Assim, foi somente no final da década de 1890 — quando os primeiros governos civis, de Prudente de Moraes (1894-1898) e Campos Sales (1898-1902), conseguem retomar a normalidade da situação política e econômica do país — que o movimento feminista retomou fôlego, de forma que a simples publicação de *A Mensageira*, entre 1897 e 1900, já pode ser considerada um marco importante do ressurgimento do feminismo brasileiro; não importa que alguns autores considerem "moderada" esta "segunda geração feminista", essencialmente paulista: firmemente embasadas no terreno literário, elas assumem configuração distinta daquela que caracterizou a "primeira geração feminista", carioca, engajada na luta política em torno da Constituinte de 91.

Cabe-nos, desta forma, perquirir em que medida o conteúdo do projeto feminista de *A Mensageira* esteve condicionado à esperança nutrida por suas colaboradoras de que os ideais republicanos pudessem vir a ser plenamente implementados (superando aquela fase inicial de inércia e descaminhos), dando lugar à emergência da verdadeira Nação brasileira; ou, no sentido contrário, até que ponto as colaboradoras da revista desenvolveram uma cruel consciência da exclusão a que a mulher, o negro liberto, o índio, estariam irremediavelmente condenados numa República de pesados contornos burocráticos, moldada numa democracia meramente nominal: vítimas, enfim, da nossa "revolução branca", estes setores marginalizados constituiriam "outras nações", cuja diversidade cultural impediria a própria formulação discursiva do conceito homogêneo de Nação.<sup>198</sup>

---

198. Esta perspectiva de análise que liga literatura e temática da nacionalidade nos foi sugerida por teóricos como Benedict Anderson e Stuart Hall, que relacionam a emergência da Nação com as transformações da Europa Ocidental nos séculos XVIII e XIX. Para Anderson, a idéia de Nação como uma "comunidade cultural e politicamente imaginada" propiciaria a identificação dos indivíduos, até então unidos pela religião ou pela condição de súditos monárquicos; priorizando o estudo das mentalidades, Anderson destaca a importância da literatura na formulação de imagens e de um discurso da nacionalidade. Estabelecendo uma relação mais precisa entre os processos econômicos e as transformações culturais, Hall acrescenta à visão de Anderson a denúncia da ligação entre a consolidação das nações ocidentais modernas e o desenvolvimento do capitalismo neo-imperialista. Além de fornecer uma tipologia dos elementos que conformam a identidade nacional (narrativa da nação, invenção de tradições, mito fundante, povo, atemporalidade, etc), Hall desvenda o caráter de dominação política e de violência simbólica envolvidos na homogeneização cultural forçada, cristalizada num "dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade".

## VI.1 — O PROJETO FEMINISTA DE "A MENSAGEIRA"

Esclarecendo-se já no número inaugural que o objetivo da publicação seria "estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias", torna-se patente a intenção original da revista em propiciar as condições necessárias para a formação de uma ilustrada comunidade feminina brasileira.

Apesar dessa ênfase no caráter de congregação feminina, a revista singularizou-se por ter contado com colaboração masculina regular — o que constituía novidade com relação aos periódicos feministas até então publicados no país, em sua maioria inteiramente redigidos por mulheres. Este fato autoriza-nos a identificar, nas principais articulistas da revista, o desígnio consciente de dialogar com a comunidade mais ampla, tornando-se nítido seu esforço no sentido de convencer e de inserir as reivindicações feministas entre as preocupações de toda a intelectualidade e sociedade nacionais, sem distinção de sexo.

A principal reivindicação do programa feminista de *A Mensageira* vai se direcionar, porém, para uma questão específica: a necessidade de aperfeiçoamento da instrução feminina no Brasil. Num primeiro momento (receando, talvez, o impacto de suas idéias inovadoras no seio de uma sociedade essencialmente conservadora como era a nossa), a argumentação apresentada limita-se a demonstrar que a instrução feminina deve ser aprimorada para o bem da própria Família e da Pátria como um todo.

Segundo esta perspectiva moderada e circunscrita às funções domésticas da mulher, a instrução feminina é encarada em seus efeitos multiplicadores: pressupondo que toda mãe deve educar seus filhos, tornando-se responsável pela transmissão de conteúdos e valores, a educação feminina passa a ser a fonte e, de certa forma, o filtro moral da própria educação masculina. Como já sugerimos, este modo de enfocar a questão do aperfeiçoamento intelectual da mulher aproxima-se da concepção positivista, bastante difundida no século XIX, acerca da necessidade de assimilação do sexo feminino aos quadros da sociedade moderna (voltaremos a este assunto no próximo capítulo).

Neste sentido, o progresso material e humano do país estaria diretamente relacionado ao aperfeiçoamento da instrução da mulher — que, exercendo sua influência sobre os filhos varões, estaria moldando o caráter e direcionando os interesses dos futuros "construtores da Nação". Subentende-se, neste ponto, a admissão do fato de que



somente a parcela masculina do país se inclui na qualidade de "cidadãos"; não gozando de direitos políticos (nem sequer, na maioria dos casos, de direitos civis), as mulheres ainda permaneceriam numa situação de subcidadania.

As palavras de Inês Sabino na matéria intitulada "Na Tebaida", da qual transcrevemos um trecho a seguir, retomam (já na 4ª edição da revista) o teor programático apresentado originalmente por Prisciliana Duarte, num texto onde podemos observar o *entrelaçamento da questão educacional, da questão feminina e da questão nacional*. Elogiando o recente aparecimento de *A Mensageira*, a colaboradora se refere ao significado da publicação de um periódico dessa natureza:

De novo em cena aparece a mulher brasileira no ideal do talento, com uma senda a seguir: — a elevação intelectual, combatendo os erros da sociedade, nessa suprema ventura de ser útil à família, à pátria e à humanidade, despojando do seu coração as fraquezas que porventura lhe possam advir no espinhoso encargo de educar a infância, a adolescência e a mocidade. (grifos nossos)<sup>199</sup>

Num segundo momento, porém, indicando a ocorrência de um processo de conscientização progressiva das escritoras de *A Mensageira*, essa reivindicação primordial irá se desdobrar, procurando atingir justamente a conotação de exclusão presente na dificuldade de acesso feminino aos direitos civis elementares: a instrução, anteriormente reivindicada como instrumento de regeneração, passa a ser exigida com vistas à capacitação da mulher para o exercício de um profissão fora do lar — tornando-se, portanto, meio de aquisição tanto da autonomia intelectual como da conquista da independência econômica.

Esta espécie de correção de rumo dos ideais feministas presentes em *A Mensageira*, aparecerá de maneira clara nas colocações da escritora portuguesa

---

199. Texto apresentado em *A Mensageira*, I(4):59-60. Discípula do sergipano Tobias Barreto (1839-1889), a baiana Inês Sabino é mais dogmática do que o mestre (ele mesmo um dissidente do positivismo comtiano); apresentando-se como a mais doutrinária de todas as colaboradoras da revista, utiliza aqui os termos "família", "pátria" e "humanidade" em sua acepção comtiana — conforme explicitado nas lições dialogadas do *Catecismo Positivista* de Auguste Comte (obra divulgada originalmente em 1852): a humanidade é mais do que o conjunto de indivíduos existentes no planeta — é "o conjunto dos seres humanos, passados, futuros e presentes" — e, ao mesmo tempo, bem menos do que uma simples somatória desses indivíduos ("esta palavra 'conjunto' indica-vos que não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum"), cf. "Segunda Conferência — Teoria da Humanidade", p. 135 da referida tradução de Miguel Lemos. A preparação da pessoa para ingressar no plano superior da Humanidade passa necessariamente por sua adequação moral às instituições da Família e da Pátria — conforme exposto na 9ª e na 10ª conferência (respectivamente "Conjunto do Regime" e "Regime Privado", pp. 237-250 e 251-261 da edição citada).

Maria Amália Vaz de Carvalho, no artigo "A Mulher do Futuro". Noticiando a realização do Congresso Internacional das Mulheres, recentemente ocorrido (no início de julho de 1899) em Londres, a autora assume estilo de *mea culpa* e procede a uma reavaliação de suas posições pessoais anteriores — acabando por evidenciar uma característica importante do movimento feminista em geral, a saber: a necessidade da reavaliação constante dos princípios e das bandeiras do próprio feminismo; a elaborada argumentação dessa autora induziria, assim, à admissão de um movimento ininterrupto, numa proposta que poderia ser chamada "renovação permanente" dos costumes e dos códigos formais relativos à posição feminina na sociedade:

(...) Minha opinião a respeito do destino da mulher nas sociedades futuras se tem modificado com o tempo e com a experiência. Já não a condeno porque ela, esquecida das graças, da fraqueza, da doçura frágil do seu sexo, batalha valentemente para alcançar uma profissão que a salvaguarde de todas as tentações da miséria (...). Já não a convido a cultivar o seu espírito com o fim único de ser agradável ao seu *senhor* e amo (...). Que *ela*, preparada por uma educação diversa da que tem tido, contrária à que tem tido, conquiste, pois, um lugar mais alto e mais independente pelo seu próprio esforço, pelo seu trabalho, pela consciência readquirida na sua dignidade moral. (grifos da própria autora)<sup>200</sup>

Admitindo a preocupação profissional, a instrução advogada pelas feministas de *A Mensageira* começará a distanciar-se dos tradicionais métodos de ensino feminino. Os pais daquela época satisfaziam-se, comumente, em fornecer às suas filhas, através de aulas particulares ou confiando-as a instituições de ensino para o sexo feminino, noções superficiais de linguagem, de desenho artístico e de trabalhos artesanais, complementadas pelo manejo de algum instrumento musical e a prática de uns poucos elementos de economia doméstica — prendas suficientes para garantir-lhes um "bom casamento".

A ênfase na necessidade de um ensino formador, integrado à vida e ao ofício dos indivíduos, parece estar ligada à biografia das escritoras da revista: a precariedade do ensino feminino brasileiro determinava que várias destas mulheres, tendo cursado regularmente apenas os primeiros anos do ensino elementar, ampliassem seus conhecimentos com auxílio de parentes ou amigos, mas sobretudo por si próprias. O autodidatismo constituiria, neste caso, a pedra de toque de suas carreiras literárias, o que muito as diferenciava da prática literária masculina, cuja conformação era quase invariavelmente dada pelo ensino ministrado pelos colégios oficiais e pelos liceus.

---

200. Texto apresentado em *A Mensageira*, II(31):133-139. O trecho selecionado encontra-se nas pp. 138-139.

Incluem-se, ainda que de forma menos evidente, no programa feminista de *A Mensageira*, a assunção da *filantropia* e da *benemerência* como meio de participação da mulher na sociedade. Demonstram, neste caso, compartilhar do conceito de "beneficência ativa" formulado por Rousseau, para quem a feição doadora e paternalista da caridade deve ser substituída pelo processo pedagógico que, envolvendo visceralmente ambas as partes, ensina algo tanto a quem doa quanto a quem recebe.<sup>201</sup>

É interessante observar como, quando aplicada ao problema da instrução feminina, a bandeira da filantropia ativa transforma-se na reivindicação de uma *educação prática e positiva* para a mulher que, assim capacitada, poderá ela mesma (sem recorrer ao auxílio alheio e transmitindo a outras pessoas as lições aprendidas) ampliar sua participação social:

A nossa caridade oficial dá pão e vestuário às crianças, mas que faz em favor das mulheres?

Dando-lhes uma educação que não está em harmonia com os seus meios futuros, condena-as à miséria, à desgraça, quantas vezes, à ociosidade e à ignomínia?

A educação deve fazer-se prática e positiva, deve tornar-se um preventivo eficaz contra os maus conselhos da pobreza ou da preguiça.

Os que pensarem nisto farão um bem à família e à sociedade.<sup>202</sup>

Embora este tipo de participação feminina na sociedade acabe restringindo o campo da luta feminina aos setores da vida civil, relegando a reivindicação política para um segundo plano, tais aspectos aproximam-nas tanto dos movimentos reformistas utópicos do início do século XIX como das posturas do socialismo ou do anarquismo da virada dos séculos XIX-XX.

O assunto voltará a ser abordado adiante: o detalhamento do conteúdo do feminismo e das idéias educacionais presentes na revista será objeto de um capítulo à parte.

---

201. O conceito de beneficência ativa é explanado por Rousseau no Livro IV do *Emílio* (segmento dedicado à educação moral e religiosa): "Emílio ama (...) a paz. A imagem da felicidade é-lhe agradável, e poder contribuir para produzi-la é mais um meio de compartilhá-la. Não supus que ao ver os infelizes ele só tivesse por eles aquela piedade estéril e cruel que se contenta com lamentar os males que pode curar. (...) Quanto mais penso nisso, mais me convenço de que, ao colocar assim a beneficência em ação e ao extrair de nossos bons ou maus sucessos certas reflexões sobre as suas causas, poucos conhecimentos úteis há que não possamos cultivar no espírito de um jovem, e que, com todo o verdadeiro saber que se pode adquirir nos colégios, ele adquirirá mais uma ciência ainda mais importante, que é a aplicação desse aprendizado às coisas da vida" (obra citada, pp. 333-335).

202. Excerto do livro *Mulheres e Crianças* de Maria Amália Vaz de Carvalho, reproduzido em *A Mensageira* na "Seleção" do nº 20, p. I(20):316.

Acrescentando a defesa do pacifismo aos quadros desse programa feminista, veremos que, longe de se caracterizar como mera figura de retórica, a adoção de uma postura antibelicista denotava, no caso brasileiro, não apenas um teórico repúdio à agressividade, mas principalmente o horror ao período de mobilização militar que havia caracterizado o início da nossa República.<sup>203</sup> Estendendo-se os limites dessa preocupação ao restante do mundo, tal pacifismo acabará assumindo feição internacionalista nas críticas implícitas ao rearmamento das potências européias e à corrida neocolonialista.<sup>204</sup>

## VI.2 — CARÁTER NACIONAL, TRADIÇÃO E PROGRESSO NA REVISTA

Na tentativa de viabilizar o encaminhamento da questão feminina no Brasil — visto a discussão sobre o papel social da mulher já se encontrar em estágio avançado nos países da Europa Ocidental e nos EUA —, o discurso literário de *A Mensageira* esmera-se em produzir uma *visão otimista do país*, encarando as possibilidades de superação do nosso "atraso" com base em considerações positivas acerca do caráter nacional brasileiro.

---

203. Ao longo dos governos militaristas de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto — isto é, entre 1889 e fins de 1894 — sucedem-se mobilizações em torno da dissolução do Congresso Nacional (novembro de 1891) e da substituição, nas capitais brasileiras, dos Presidentes de Estado que haviam apoiado o golpismo de Deodoro (fins de 1891); em seguida, a Presidência da República, transformada em ditadura sob o "Marechal de Ferro", testemunha a censura à imprensa, a condenação ao desterro de políticos e intelectuais dissidentes, o apelo ao populismo jacobinista, a ameaça de desintegração da União pela mobilização dos federalistas gaúchos (1893-1895) e a presença, dentro da própria Baía de Guanabara, de hostilidades associadas à eclosão da Revolta da Armada (1893-1894). A herança autoritária desses dois governos ainda irá se refletir ao longo do mandato do primeiro presidente civilista, Prudente de Moraes (1894-1898), na desastrosa Guerra de Canudos (1896-1897).

204. Simbolicamente, Prisciliana Duarte assume essa postura ao chamar a atenção de suas leitoras para a guerra da independência de Cuba (mobilizada contra o jugo espanhol desde 1895) ao incluir, no noticiário da revista, em fins de 1897 — em I(4):63-64 — comentários de exaltação ao espírito abnegado das mulheres integrantes da Sociedade das Filhas de Cuba, notoriamente engajadas naquele movimento revolucionário. A reforçadora menção ao nome de Evangelina Cisneros em I(9):130 servirá para evocar a figura da moça transformada, ao longo de 1897, em símbolo personificado da tenaz resistência de Cuba ao colonialismo hispânico. Filha de um revolucionário cubano, Evangelina fora aprisionada ao tentar fazer com que seu pai fugisse da prisão; assumindo a luta pela libertação da moça, o ainda jovem William Randolph Hearst (1863-1951, o "Cidadão Kane" de Orson Welles) consegue mobilizar a opinião das massas norte-americanas através de reportagens publicadas no *New York Journal*; e, esgotadas as tentativas de se obter por vias diplomáticas a libertação da Cisneros, Hearst leva a cabo um audacioso resgate da jovem — que desembarcará ileso no porto de Nova Iorque, em meio às manifestações de euforia da multidão convidada a recepcioná-la. Dava-se oficiosamente início, desse modo, à primeira grande intervenção norte-americana na América Latina, concretizada poucas semanas depois na deflagração da guerra entre Espanha e EUA (1898) e na subsequente ocupação da ilha cubana pelas forças ianques (1899-1902).

Neste sentido, uma das justificativas das redatoras da revista diz respeito ao *caráter recente de nossa formação nacional*: considerando que ainda estávamos relativamente próximos do período em que foram rompidas as amarras coloniais que nos prendiam a Portugal, enfatizam nossa feição de *nação jovem* — que, justamente por ostentar esta qualidade, valoriza sua própria *liberdade*, recém-conquistada, e, por essa mesma razão, se mostra, à diferença das sociedades conservadoras da Europa, *infensa à proliferação de preconceitos* (sejam eles de natureza racial, social ou ideológica).

Juntando-se a estas características um certo *orgulho selvagem*, manifesto na *indole insubmissa de nosso povo* (que na opinião de alguns articulistas da revista já constituiria uma *raça homogênea*), o Brasil não poderia deixar de solucionar, tal como haviam feito os países mais adiantados, esta outra questão social premente, a saber: a assimilação, dentro dos quadros legais e do panorama cultural da Nação, da parcela feminina de sua população.

A identificação dos países da América, entre eles o Brasil, como *terra das utopias*, onde os velhos preconceitos, ainda presentes nos países da Europa, não vicejam, aparece de forma exemplar num excerto de uma "Carta às Senhoras Baianas",<sup>205</sup> de autoria de Castro Alves, incluído na seção de "Seleção":

Quereis que vos diga a verdade? Vós tendes, minhas senhoras, o direito e o dever de protestar.  
Porque sois as belas filhas desta idade, que se ilustrou por George Sand e Emília Girardin, por Mme. de Stäel e Harriet Stowe. Ainda mais: *porque sois filhas desta magnífica terra da América — pátria das utopias — região criada para realização de todos os sonhos de liberdade —, de extinção de preconceitos, de toda conquista moral.* A terra que realizou a emancipação dos homens, há de realizar a emancipação da mulher.  
(grifos nossos)

Como corolário dessa dedução resultava não existir, teoricamente, sociedade mais receptiva aos avanços do feminismo do que a nossa. E, neste caso, se a

---

205. Atendendo a um pedido formal da Associação Abolicionista Sete de Setembro (de Salvador, Bahia), Castro Alves (1847-1871) redige um entusiástico texto em prosa, de exortação às suas conterrâneas à luta contra a escravidão. Publicada poucas semanas antes da morte do poeta — em meados de 1871 — no periódico *O Abolicionista*, esta "Carta às Senhoras Baianas" é integralmente reproduzida por Norlandio Meirelles de Almeida em sua *Cronologia de Castro Alves* (Guarulhos, Editora D. Pedro II, 1960, pp. 298-301). O excerto publicado em *A Mensageira* encontra-se na p. I(3):45.

questão feminina ainda não se desenvolvera suficientemente entre nós, isso se devia apenas à ignorância e ao preconceito de certos setores retrógrados de nossa sociedade. Essa situação exigiria, portanto, redobrado empenho por parte da mulher brasileira — que deveria estar disposta a lutar em causa própria atuando, seja por meio da palavra, seja pela ação direta, na reformulação dos costumes nacionais.

Apesar desta resistência social ao feminismo, a realização dessa tarefa feminina seria facilitada pela própria índole do nosso povo, ou, mais propriamente falando, pelo *caráter da mulher brasileira*: a brasileira, obedecendo às tendências naturais da nossa gente — um *povo pobre e trabalhador*, acostumado a trabalhar árdua e constantemente para obter a própria sobrevivência —, não se esquivaria à luta, nem consideraria humilhante efetuar algum *trabalho manual* (no caso das mulheres pobres, para ajudar o marido no sustento da casa e dos filhos) ou intelectual (algo que, no caso das próprias escritoras de *A Mensageira*, significava embrenhar-se nos ásperos combates da "nobilitante batalha" em prol da concretização dos ideais do feminismo no Brasil).

O trecho de uma crônica de Écila Worms<sup>206</sup> reproduzido na seção da revista chamada "Seleção", constitui um dos exemplos mais cabais da maneira como os argumentos da miscigenação de raças e da índole combativa e pragmática de nosso povo são utilizados para afirmar as possibilidades da emancipação feminina no Brasil:

*A mulher brasileira não nasceu só para o amor e para ser ídolo (...). Expansiva na felicidade, ela é, talvez mais do que nenhuma outra, resignada e corajosa na adversidade. (...) Se o seu temperamento é cálido e voluptuoso, o seu espírito é forte e ela vence-se. Se cai de uma posição ornamental e vistosa em outra mais humilde, não se esconde, como a européia que julga o trabalho uma vilania; ao contrário, a brasileira compreende mais depressa o alcance dessa palavra, e é de rosto descoberto que procura e pede serviço. (...) A mulher brasileira ama com mais intensidade, talvez; dedica-se toda, sem medo de estragar a sua beleza, às comoções da vida. (...) Estas energias não são filhas do acaso, vêm-nos da mistura de sangue com que fomos gerados, vêm-nos desta natureza portentosa e que por toda a parte nos ensina que a vida é uma grande fonte que não deve secar inutilmente. (grifos nossos)*<sup>207</sup>

Vemos surgir então, neste fragmento significativamente selecionado por

---

206. "Écila Worms" é o pseudônimo utilizado por Júlia Lopes de Almeida para assinar sua coluna semanal de crônicas publicadas pelo jornal carioca *O País* a partir de meados da década de 1890. Cf. verbete relativo a esta escritora no Anexo V.

207. Texto localizado em *A Mensageira*, I(6):92-93.

Prisciliana Duarte, outros elementos comumente elencados na *valorização das qualidades do nosso país* — como, por exemplo, a ênfase na *exuberância de nossas belezas naturais*. Esse tema reaparecerá em diversas outras matérias da revista — às vezes com função meramente retórica, como no caso da argumentação de Olímpio Galvão no artigo "Educação Literária", em que, ao comparar o Brasil aos países civilizados, esse autor constata a discrepância entre a grandiosidade da nossa natureza e a pequenez da mentalidade dos pais e do governo brasileiros (tradicional inimigo da educação da mulher e, por consequência, do desenvolvimento da literatura feminina nacional):

Em todos os países civilizados, devido a uma perfeita educação literária, as senhoras exercem uma notável preponderância na república das letras (...). E por que razão mil vezes mais aguerrido e poderoso, não poderia ser o exército de nossas escritoras e poetisas, ante a incomparável beleza de nosso céu e ante as riquezas desconhecidas de nosso país? De quem a culpa? Em primeiro lugar dos pais que, com honrosas e dignas exceções, não curam da educação das suas filhas (...); e em segundo lugar, dos governos que só cogitam de política (...), da politicagem que tisona consciências e corrompe os mais puros caracteres. (grifo nosso)<sup>208</sup>

Em outros momentos, este ufanismo retórico cede lugar a uma descrição mais detalhada da vegetação e da terra brasileiras. Nessas ocasiões, verificamos que os (ou as) cronistas da revista apuraram seus dotes de observação, empreendendo verdadeiras expedições de redescoberta da terra natal, à maneira dos naturalistas estrangeiros que por aqui aportavam desde os tempos coloniais — efetuando, ao mesmo tempo, a apreciação curiosa do exótico e a observação realista da natureza local.<sup>209</sup> Vale a pena lembrar que, para muitas das leitoras da revista confinadas em determinados pontos do território brasileiro, os coloridos relatos sobre a exuberância de paisagens como a do Rio permanecerá sendo sua única "vivência" da celebrada riqueza do ambiente natural do país.<sup>210</sup>

---

208. *A Mensageira*, I(12):180-183; o trecho selecionado encontra-se nas pp. 181-182. Num parágrafo de introdução a esse texto de Olímpio Galvão, Prisciliana Duarte lamenta não dispor de espaço para transcrever integralmente a "brilhante conferência" original, proferida no Instituto Literário Olindense em fins de 1897.

209. A tentativa de conciliar uma despreziosa crônica literária (destinada a relatar um passeio pelo campo) com um relato científico da vegetação nativa observada nessa viagem, acabará gerando situações de desequilíbrio, como ocorre na matéria "Por Montes e Vales", assinada por Inês Sabino, em I(20):309-313, na qual duas páginas inteiras são gastas com eruditos comentários de botânica.

210. É importante ter-se em mente que, nos últimos anos do século XIX começam a surgir as primeiras revistas (geralmente relacionadas com literatura, música e artes plásticas, irvariavelmente dispendiosas e de pequena tiragem) que trazem encartes reproduzindo ilustrações fotográficas. Mas essas novidades só serão incorporadas a um mercado editorial mais amplo em 1904, ano em que são lançadas as duas mais notórias revistas artísticas cariocas, *Kosmos* e *Renascença*. O marco da popularização da fotografia como meio de divulgação das nossas "belezas naturais e artificiais", representado pelas 11 sucessivas edições do *Almanaque Brasileiro Garnier*, surge também por essa época, em 1903.

Desse modo, podemos observar, nas páginas de *A Mensageira*, a classificação das paisagens naturais do país procedida segundo uma hierarquia em que a caracterização das diversidades geográficas (de relevo, clima ou vegetação) acaba resultando numa simbologia das regiões correspondentes aos estados ou às cidades da Federação — regiões que passam a ser identificadas de modo unívoco com relação aos aspectos naturais nela predominantes.

A Baía de Guanabara, por exemplo, eixo natural do Estado do Rio de Janeiro, aparece em *A Mensageira* como um dos nossos principais acidentes naturais, apreciada tanto em seus aspectos físicos, como na simbologia dela decorrente. Entre a orla atlântica (zona sul da cidade do Rio de Janeiro) e o interior da baía localiza-se o maciço da Tijuca — área então escassamente habitada, recoberta pela suntuosa floresta descrita por Maria Clara da Cunha Santos, em sua coluna "Carta do Rio":

Um passeio à Tijuca é um dos mais delicados prazeres que se pode proporcionar à alma! Lá fui um dia destes (...). *Árvores gigantes*, cipós entrelaçados, rumorejar da cascatinha em alvas pedras e despenhadeiros, *cantos maviosos de pássaros*, *perfume inebriante da saudável vegetação*, lindas flores de manacá desde o branco até o roxo escuro e por sobre todas estas belezas o *céu azul sereno* a perder-se no horizonte, onde se confundia com o verde-negro dos longíquos montes! (grifos nossos)<sup>211</sup>

A beleza da paisagem interna da baía serve de cenário para um notável conto de André Rebouças ("O Romance de uma Onça"), escolhido pelas redatoras da revista para homenagear seu autor, falecido no início de maio de 1898: concedendo destaque para a visão esplendorosa do contorno da Serra dos Órgãos e da Serra do Mar, divisado ao fundo da baía, descreve-se a sequência desse panorama, englobando-se as montanhas de Niterói e o pontal de Santa Cruz, tendo à sua frente o Pão de Açúcar; Rebouças compara este morro a uma sentinela, ali colocada pelas mãos de Deus para coroar sua majestosa obra em pedra, exposta ao longo de extenso segmento do litoral brasileiro.

Lançando mão de um artifício de imaginação, Rebouças faz a protagonista do conto (uma jovem onça) lembrar-se de suas andanças pelo aprazível território que circunda o rio Paraíba do Sul. E antropomorfiza ainda mais a onça, comentando que, à maneira dos primeiros desbravadores da Guanabara, o animal se enganava ao acreditar que essa baía correspondesse à foz do rio e não a um braço de mar:

---

211. *A Mensageira*, I(17):258.



Passava horas a procurar a decifração deste *enigma imenso*; afinal irritada (...), lançava um olhar de desprezo para as Serras de Itaguaí, da Cacaria e do Pirai, indo repousar os olhos no grande maciço da Bocaina. Recordava, então, sua viagem, de prazer ao Paraíba, sua ascensão ao píncaros do Itatiaia (...). (grifo nosso)<sup>212</sup>

Mas à louvação das belezas dispersas pelo nosso vasto litoral vem juntar-se a representação da feição aglutinadora das terras do interior do país. Elegendo o Estado de Minas Gerais como "centro do país" (do qual a Baía de Guanabara representaria a porta de entrada), o discurso literário das redatoras de *A Mensageira* transforma o sertão mineiro num local meio mítico, meio real: tanto em termos de relevo (propício ao encastelamento de suas povoações), como pelo caráter gerador de rios que integram diversas regiões do país, seu território teria proporcionado o máximo enriquecimento em termos humanos e culturais, testemunhando a formação de um verdadeiro cadinho de raças e classes sociais.

Para a região mineira tinham se dirigido, historicamente, os paulistas envolvidos no ciclo do bandeirantismo e na exploração do ouro — gente intrépida que, mesclando-se com a população indígena, teria produzido o tipo *sui generis* do "sertanejo", do "matuto" ou "caipira" (que, no dizer de autores posteriores como Oliveira Vianna ou mesmo de algumas das escritoras de *A Mensageira* corresponderia ao próprio "tipo brasileiro" no que este possui de mais original e característico).<sup>213</sup>

No início do conto intitulado "No Sertão" — reproduzido em I(23):355-360 — Maria Clara da Cunha Santos descreve uma viagem que ela própria fez pela região de Piumhi, no sudoeste de Minas Gerais, região onde se encontram as nascentes de dois dos mais importantes rios brasileiros, o Rio Grande e o Rio São Francisco. A carga simbólica que envolve o conceito de "sertão" (categoria ligada mais à elaboração mítica dos moradores locais do que propriamente a uma localização geográfica precisa)

---

212. Cf. texto da p. I(17):263. Observe-se que este conto de André Rebouças foi publicado originalmente na célebre revista *Novo Mundo*, editada em Nova Iorque por José Carlos Rodrigues entre 1870 e 1879, para circulação no Brasil nesse mesmo período. Note-se ainda que, inspirada talvez nesse texto de Rebouças, Narcisa Amália redigirá uma crônica, "A Paisagem" — reproduzida em II(31):146-148, descrevendo uma viagem sua ao alto da serra fluminense (região do atual Parque do Itatiaia); nesta crônica é retomada, de forma mais artística, a mesma ambientação "científica" do conto do positivista Rebouças.

213. Cf. Oliveira Vianna: *Populações Meridionais do Brasil (História — Organização — Psicologia)*, vol. I ("Populações Rurais do Centro-Sul: Paulistas — Fluminenses — Mineiros"), 4ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938 (vol. VIII da "Brasiliana", pp. 54-57). No mesmo ano de 1920 em que era lançada a 1ª edição dessa obra, Oliveira Vianna (1883-1951) publicava, no mensário paulistano *Revista do Brasil*, o ensaio "Minas do Lume e do Pão" (pp. 289-300 do nº 56, referente a agosto de 1920), em que o tema da "mineiridade" é desenvolvido de maneira mais detalhada.

é aqui acentuada pela observação da escritora que comenta ter recebido sempre a mesma resposta, quando perguntava, pelas cidades em que passava, onde ficava o sertão: "— O sertão é mais para lá...":

Depois de demorada e trabalhosa viagem, (...) chegamos à pitoresca cidade de Piumhi, no oeste de Minas. (...) É banhada pelo Rio Grande, o famoso rio que percorre grande zona mineira e vai recebendo o contingente de regatos e caudalosos afluentes até que triunfante, altivo e rico, desemboca no Rio da Prata. O rio S. Francisco passa a duas léguas da cidade e depois crescendo, crescendo sempre, interna-se pelo Estado da Bahia.

Há aí um contraste notável entre o Rio S. Francisco e o Rio Grande. Este, (...) é largo, amplo, as águas azuis são transparentes e correm leves e suaves. (...) O rio S. Francisco corre encachoeirado, em borboêdes, e a água é escura. Há trechos estreitíssimos nesse rio que é profundo e horrivelmente perigoso.

(...) Vê-se de Piumhi a serra da Canastra (...). Piumhi está situada sobre uma grande colina. A terra é avermelhada e em muitos pontos roxa.

Dentro da cidade há duas lagoas permanentes (...). São ricas de peixinhos e às vezes as águas são salgadas. Diversos pássaros voam sempre à roda da lagoas, sobressaindo pela quantidade, a pomba rola, o quero-quero e o anum.

(...) "Ninguém encontra o sertão" — é esta uma frase muito repetida por quem conhece o interior dos Estados. Realmente a gente viaja léguas e léguas (...) e quando imagina estar no centro do sertão, um dos habitantes do lugar nos diz, naturalmente, convictamente, que o sertão é lá para as bandas da Pratinha. O mesmo acontece quando se chega à Pratinha (...).<sup>214</sup>

A apologia do *caipira mineiro*, que reuniria em si elementos caros à caracterização do *tipo nacional* (como o *caráter pacífico*, a *simpatia*, a *tranquilidade*, a *paciência*, a *perseverança*, a *hospitalidade*, entre outras) aparece na mesma resenha crítica intitulada "Lendo e Comentando..." — I(22):348-350 — em que Nélson de Sena discorre acerca dos méritos literários do mais recente romance de Coelho Neto, *O Morto* (lançado em 1898). Este livro conta a estória de Josefino Soares, um exilado político que abandona a Capital Federal durante o estado de sítio decretado em 1893 (por ocasião da Revolta da Armada), indo asilar-se nas pacatas terras do interior mineiro.<sup>215</sup>

---

214. Os fragmentos aqui selecionados estão em I(23):355-356.

215. Ao tecer comentários sobre este livro de Coelho Neto, Wilson Martins (no vol. V, pp. 62-63, da *História da Inteligência Brasileira*, São Paulo, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, 1978), classifica-o como autêntico "romance de reconstituição social", chamando a atenção para a maneira fiel como o autor retratou o contraste entre a metrópole flagelada pelo autoritarismo florianista e o bucolismo interiorano de Minas (Estado que, governado por Afonso Pena, escapara do estado de sítio imposto pela ditadura): "Em *O Morto*, modelo perfeito de romance realista, Coelho Neto soube resistir, por uma vez, ao demônio do pitoresco que o subjugava e que desnaturou obras como *A Conquista* e *Fogo-Fátuo*". O relato do romancista tinha caráter de testemunho: na época em que irrompeu a Revolta da Armada, tembro de 1893, alguns jornais (cujos quadros incluíam intelectuais como Olavo Bilac e Luís Murat) que haviam publicado o manifesto do rebelde Custódio de Melo tiveram seus redatores detidos e encarcerados arbitrariamente. Nessa ocasião, asilaram-se em Minas tanto Bilac como seus confrades Magalhães de Azeredo, Carlos de Laet, Emílio Rouède e Álvares de Azevedo Sobrinho (cf. Raymundo Magalhães Júnior, *Olavo Bilac e Sua Época*, Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1974, pp. 156-157).

Segundo Néelson de Sena, Coelho Neto "põe na boca do personagem principal (...) longos e vários conceitos belos e honrosos, em referência a Minas, o asilo da Liberdade para os foragidos de 1893-94".<sup>216</sup> Para reforçar essa idéia, Sena transcreve trechos do livro em que Josefino Soares descreve a sensação de paz e liberdade que o invade ao chegar à terra mineira: a própria fisionomia dos lavradores locais, a transparência de suas atitudes e a simplicidade de seu comportamento, infundem segurança no recém-chegado, fazendo com que se sinta como se estivesse em casa. É o próprio protagonista quem fala:

*Essas terras eram castas, não havia por elas sulcos de carretas nem armas reluziam sinistramente entre as ervas floridas, à luz fagueira e dourada do sol. (...) A terra venerável de Minas, terra de abundância e de hospitalidade, fértil e amável como o doce e generoso país enanita (...), estendia desdobrando-se em horizontes com um verdor de esperança e de primavera.*

*Já as fisionomias eram outras — havia em todas a jocunda feição que a paz empresta, o receio não demudava o rosto abuçanado dos que mourejavam; o homem, de pé, no meio das terras, púrpureo, reluzente de suor, apoiado à enxada, sorria, feliz e tranquilo, com o chapéu na mão como para saudar os que passavam pelos caminhos de sua lande nativa. (grifos nossos)*<sup>217</sup>

Mas ainda mais emblemático é o caso da poetisa fluminense Áurea Pires, assídua colaboradora da revista que, apesar de não ser mineira de nascimento, tem seu nome associado a Minas, sendo identificada, pelos demais colegas (colabores da revista) como uma trovadora nativa, que canta em seus versos a beleza agreste das paisagens do sertão mineiro. Essa poesia teria o dom de condensar o panorama da natureza de todo o interior brasileiro, genericamente considerado. É assim que Artur Andrade, em resenha crítica sobre seu primeiro livro de versos, *Flocos de Neve* — II(26)-30 — louva as qualidades sertanejas

---

216. Cf. p. I(22):349.

217. Cf. texto do mesmo volume e fascículo da revista, p. 349. Natural de Serro, MG (daí utilizar o pseudônimo "Pelayo Serrano"), Néelson de Sena formou-se normalista em Diamantina e bacharel de direito na Escola Livre de Ouro Preto (em funcionamento desde 1893); além de exercer o magistério e a advocacia, foi jornalista prolífico e deputado (estadual e federal) por diversas vezes; entusiástico membro fundador da Academia Mineira de Letras (criada em Juiz de Fora em 1909 e transferida para Belo Horizonte em 1915), deixou enorme bagagem literária, cultivando em especial a história de Minas (cf. Cândido Martins de Oliveira Júnior — *História da Literatura Mineira*, 2ª ed., Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1963, pp. 275-276). Conclui-se, portanto, que com esse colaborador *A Mensageira* ganhou um apaixonado mas lúcido intelectual cultor das tradições mineiras — o mesmo estudioso que no informativo "Notas Brasileiras" — II(1):10-12 —, reconhecia o Estado de Minas como uma espécie de arquipélago formado por pequenos povoados uniformemente espalhados por seu extenso território: "Nossa terra mineira devia, pela preponderância do seu elevado algarismo de população na República (18 milhões de habitantes toda a União, Minas Gerais, só, 4 milhões), possuir cidades relativamente tanto ou mais povoadas que as dos Estados vizinhos da Bahia, São Paulo e Rio; mas é que os nossos quatro milhões de patrícios, lavradores em espantosa maioria, preferem e adotam a vida dos campos e roças e estão, juntamente com a propriedade territorial, muito e regularmente espalhados pela vasta superfície das nossas 20 mil léguas quadradas."

dessa poetisa, verdadeira paisagista que captaria em suas estrofes todos os matizes da luz tropical, descrevendo com maestria os sons e os aromas da flora e da fauna do Brasil — construindo, enfim, um formoso retrato do aspecto monumental de nossa paisagem natural:

Isolada no seio caricioso da natureza, a delicada poetisa mineira sabe surpreender-lhe os mais *arcãos segredos*,<sup>218</sup> apanhar-lhe a íntima cadência das vozes, a *nababesca riqueza* de suas roupagens (...). Por quase todas as páginas dos *Flocos de Neve* flutua o aroma acre e selvagem da natureza sertã. A luz que lhe emoldura a farta descritiva é a *luz crua e vibrante dos trópicos*; o colorido que lhe anima a perspectiva é *rico e vivaz* como o de uma *flora suntuosa* e ébria de seiva. (...) Nascida sob o fulvo sol abrasado dos trópicos (...), a juvenil cantora dos *Flocos de Neve* soube vazar a *grandeza de seu berço natal*, na vigorosa estética do verso, exibindo belamente as qualidades tão particulares ao sertanejo — o poder de observação, a índole vagamente contemplativa e a finíssima sensibilidade. (grifos nossos)<sup>219</sup>

A tematização do país presente na poética de Áurea Pires (presente também no "discreto panteísmo" identificado por Guilhermino César na poética da gaúcha Julieta de Melo Monteiro, outra colaboradora de *A Mensageira*) se torna, assim, um modelo a ser seguido pelas demais representantes da literatura feminina nacional, quer sejam poetisas ou prosadoras. Neste caso, é sintomático que a exortação ao desenvolvimento de uma literatura "genuinamente nacional" tenha partido de um outro mineiro colaborador da revista, Manuel Viotti — que, sob o pseudônimo "Elmano do Val", assina o texto "Literatas Suecas", em I(13):205-206, no qual incita as escritoras brasileiras a imitarem o "jacobinismo literário" a que vinha se rendendo a literatura sueca:

Esse apelo à independência nacional em matéria literária parece que não foi obrigado: atualmente os esforços dos escritores suecos tendem a desembaraçá-los de qualquer influência estrangeira. Belíssimo exemplo que a nossa literatura indígena devia pautar para a sua norma. Só compreendemos o *jacobinismo* em matéria literária: infelizmente, são raros os apóstolos desse credo, nas letras pátrias. (grifo do autor)<sup>220</sup>

---

218. Notar, neste comentário, a reiteração de uma feição enigmática (mágica, quase hipnótica) à nossa natureza, à semelhança do *enigma imenso* referido por Rebouças, ao descrever a estranheza manifestada por sua onça, que considerava a Baía de Guanabara como uma espécie de foz de um rio invisível (v. nota 212).

219. Excerto das pp. II(26):28-29.

220. O trecho aqui selecionado encontra-se em I(13):205. Devemos observar que a ênfase no caráter literário do jacobinismo defendido pelo autor se explica na medida em que tanto Manuel Viotti, como vários outros colaboradores da revista, demonstram condenar a postura jacobina em matéria política. E não poderia ser de outro modo, pois, como já aludimos no capítulo de contextualização geral (v. nota 8), os anos de publicação de *A Mensageira* correspondem à consolidação da república civilista no Brasil, período considerado como instaurador de uma nova era de tranquilidade, depois de superada a época da ditadura militar do "Marechal de Ferro", Floriano Peixoto. Neste sentido, o jacobinismo político, como acabamos de ver no comentário de Néelson de Sena ao romance de Coelho Neto, é lembrado naquilo que representou de prejudicial, inclusive para o desenvolvimento da literatura nacional.

Passando da exaltação das belezas naturais para a narração dos costumes locais, a descrição das tradições regionais dos vilarejos mineiros torna-se objetivo primordial de vários contos de Maria Clara da Cunha Santos publicados em *A Mensageira*. É o que ocorre em "Brilhantes Brutos" — estampado em I(1):6-9 —, em que Maria Clara narra a história da rústica roceirinha que vivia na cidade de São João Batista, no interior de Minas, vindo a tornar-se, com o casamento e após longo período de residência na Europa, uma sofisticada madame "polida e delicada". A autora aproveita-se do cenário fornecido por este conto para fixar algumas imagens dos costumes e do folclore locais — de maneira que a cena do casamento entre a "moça ignorante, grosseira e analfabeta" com o médico estrangeiro e refinado que a levaria para as "terras civilizadas do Velho Mundo" adquire, inclusive, importância documental, na medida em que fornece uma descrição vívida do modo como costumavam realizar-se os casamentos na roça:

Um grande banquete esperava a gente do casamento. A mesa colocada ao ar livre, debaixo de jabuticabeiras antigas e copadas, coberta com alva toalha apresentava aspecto agradável. Muitas palmas verdes enfeitavam a mesa e ao centro um enorme leitão assado com uma rosa vermelha na boca dava um tom carnavalesco à festa. (...) Cada um se servia à vontade e os pratos em tremenda confusão circulavam de mão e mão. Doces e leitões, frutas e perus, castelos de coco, linguiças e manjares finos, tudo isso em formidável contradança. (...) Depois do banquete seguiu-se o cateretê, dança muito semelhante ao batuque e que não prima absolutamente pela decência.<sup>221</sup>

Para a construção do *imaginário da nacionalidade brasileira* presente em *A Mensageira*, no entanto, não concorrerem apenas os aspectos ligados à nossa natureza e às nossas tradições: em contraposição à singeleza e originalidade deste "Brasil interior", resguardado no tempo e no espaço, os articulistas da revistas agregariam um discurso apologético do progresso. Apesar de atingir o país de modo desigual, as conquistas do progresso vinham se disseminando não só através das estradas de ferro (que, realizando a aproximação entre a cidade e o campo, contribuíam para a diluição dos rígidos limites entre o rural e o urbano), como também através do incremento do setor industrial e financeiro, do reaparelhamento técnico e burocrático do Estado, da aceleração dos melhoramentos urbanos e assim por diante.

O próprio Estado de Minas (que era, como vimos, a unidade mais populosa da Federação) podia orgulhar-se, antes mesmo da inauguração da nova e moderna Belo Horizonte, de possuir uma capital que, apesar da topografia atraente, se notabilizara

---

221. O fragmento aqui selecionado está em I(1):7.

justamente por ter sido construída "pelas mãos do homem": Ouro Preto, a antiga Vila Rica, centro da histórica "região do ouro" — local de formação de uma sociedade de caráter mais flexível, no seio da qual haviam brotado idéias inovadoras, em contraposição à sociedade autoritária e hierárquica que se desenvolvera no litoral, durante os nossos dois primeiros séculos de existência, com base no latifúndio monocultor. Cidade que, neste sentido, poderia ser considerada precursora de nossos modernos centros urbanos.

Mas, apesar de associada às nossas raízes libertárias e progressistas, Ouro Preto transformava-se, quando comparada à novíssima Belo Horizonte, numa cidade voltada para a tradição. Este paradoxo perpassa, aliás, toda a caracterização da identidade nacional empreendida nas páginas de *A Mensageira*: amálgama de tradição e de progresso, a imagem do país que emerge à leitura da revista exibe contornos contraditórios e ambíguos, o que demonstra mais uma vez o caráter parcial e subjetivo, o *aspecto de representação*, envolvido no processo de elaboração individual ou coletiva da identidade nacional.

Note-se a feição contraditória da cidade de Ouro Preto,<sup>222</sup> na descrição efetuada por Néelson de Sena em excertos "De um Livro de Viagens", em que se faz a apologia simultânea de suas belezas naturais e de sua "tradição progressista" (aqui, o progressismo está presente tanto nas majestosas edificações da própria cidade, como no seu caráter de *terra dos inconfidentes* — precursores da nossa independência — e *filha dos bandeirantes*, ou seja, é produto da sanha desbravadora dos nossos primeiros aventureiros que, incumbindo-se da tarefa de efetuar a expansão territorial em direção ao interior inexplorado, consolidaram a "civilização brasileira"):

Ei-la, afinal, essa Vila Rica gloriosa e triste, *filha dos bandeirantes* e bem amada dos poetas da Inconfidência! lá, ao nascente, vomita o fumo da névoa empenachada em rolos escuros, o cabeça negro do Itacolomi: és a baliza gigante destas cercanias, ó Itamonte de Cláudio, como o majestoso Itambé foi sempre o farol do sertanista, lá para as bandas do diamantino solo, que o Jequitinhonha poetiza com as águas encantadas e ricas... (...) Vejo bem teus bairros e sítios agrestes, tuas penedias e templos brancos, teus palácios coloniais e soturnas ruas de povoação antiga (...). Salve! gloriosa terra de Ouro Preto, *heroína da liberdade pátria...* (grifos nossos)<sup>223</sup>

---

222. Essa contradição aparece em textos publicados na revista por ocasião da inauguração de Belo Horizonte (1897): em I(6):91, na crônica "Traços Ligeiros", Sílvio de Almeida lamenta a substituição da veneranda Ouro Preto pela "sedutora promessa" de Belo Horizonte — mas reconhece que esse processo é inerente à própria efemeridade das "grandezas humanas"; em I(8):115, no soneto "Em Ouro Preto", Áurea Pires, apesar de muito jovem (completou 20 anos de idade em 1896), faz uma dramática condenação ao esquecimento da velha Vila Rica: "Se hoje a moderna geração despreza/Teu passado de glórias e de sóis;/Minh'alma ajoelha comovida e em pranto/Beija o teu seio generoso e santo,/Onde pulsaram corações de heróis!"

223. Cf. texto das pp. I(17):270-271.

Mas a cristalização da cidade de Ouro Preto, praticamente imobilizada em suas feições originais desde o começo do século XIX, contrasta com as transformações graduais mas incessantes sofridas pelo Rio desde 1808 (época da instalação da família real portuguesa) — transformações que incluem expansão de sua rede de estabelecimentos comerciais e financeiros, melhoria do serviço de esgotos, da iluminação e do calçamento, embelezamento das edificações públicas e particulares, otimização do sistema de transportes e comunicação; processo que culminaria, no início do século XX, com a radical higienização e remodelação urbana imposta pelo governo presidencial de Rodrigues Alves (1902-1906) — fase popularmente designada "bota-abaixo", em que enormes cortiços (juntamente com a própria matéria de sustentação dos principais morros localizados na zona central da cidade) foram arrasados para ceder lugar a vias espaçosas inspiradas nos "boulevards" parisienses.

É nesse sentido que Maria Clara da Cunha Santos, transformada em correspondente de *A Mensageira* na cidade do Rio de Janeiro, fornece-nos, em sua coluna "Carta do Rio", valiosos flagrantes das modificações associadas ao progresso na Capital Federal da primeira década republicana.<sup>224</sup>

---

224. Devemos frisar, no entanto, que o elogio do progresso constitui apenas uma das facetas assumidas por Maria Clara, que, nesta mesma coluna, mostrou-se também uma crítica bem-humorada dos excessos a que a fraseologia do progresso poderia levar. Isto confere, aliás, um caráter peculiar à prosa de Maria Clara, cujo movimento pendular — que louva os índices do progresso introduzidos no país para momentos depois ridicularizar (à luz das idiossincrasias locais) os próprios fundamentos da noção de progresso — se aproxima daquele sentimento detectado por Antônio Cândido na obra de Manuel Antônio de Almeida, exibindo também nossa escritora (guardadas as devidas proporções), aspectos de uma "dialética da malandragem". Este elemento "malandro" da prosa de Maria Clara pode ser constatado em excertos da "Carta do Rio", como aquele em que noticia o aparecimento de uma onça no bairro do Irajá: "Decididamente, a onça do Irajá ou é uma forasteira que procura novos sítios, certa de que ninguém é profeta em sua terra; (...) ou é uma *malvada que pretende abater nosso orgulho de povo civilizado. A civilização e as onças são incompatíveis*" — grifos nossos, texto das pp. I(6):83-84. Em outra ocasião, perplexa diante da condenação do escritor francês Émile Zola por seu envolvimento no caso Dreyfus, Maria Clara põe o mundo de ponta-cabeça ao questionar a pretensa civilidade da Europa por comparação à qualidade excepcional dos produtos nacionais: "Paris e S. Paulo foram os pontos donde emanaram todas as notícias de sensação durante a semana. (...) Nos obscuros tempos medievais, creio, não seriam mais bárbaros os homens do que os que ontem, em pleno Paris — o foco da civilização — condenaram ao degredo e ao exílio o genial escritor (...)! As uvas de S. Paulo, que belas! (...) Ao descer as escadas do salão nobre da Prefeitura, onde está a exposição de uvas, ouvi a seguinte exclamação de uma senhora que, deslumbrada com a riqueza da terra paulista, dizia: Que belas uvas! Parecem da Europa! *É verdade, pensei eu, as aparências iludem, as uvas parece que são da Europa, assim como a condenação de Zola parece um fato que se tenha dado no centro da África ou nos sertões de Goiás!*" — grifos nossos, texto das pp. I(11):163-164. O dualismo característico da "dialética da malandragem" (que alterna reconhecimento da ordem e legitimação da desordem) torna-se evidente quando Maria Clara realiza a desmistificação das considerações mezinhas que se deseja criar em torno dos filhos a partir da atribuição a eles de nomes conhecidos: "Pediram-me, há dias, para escolher um nome bonito para um recém-nascido. Antes que eu respondesse, uma senhora (...) lembrou o nome de Victor Hugo. (...) Horror! Pelo amor de Deus, mães de família, livrai vossos amados filhinhos de tamanho desfrute. Victor Hugo de Souza! Floriano Peixoto de Azevedo! Que vem a ser isso? Que coisa ridícula!" — I(24):377.

Uma de suas primeiras observações diz respeito ao aprimoramento dos serviços ligados à navegação marítima em nosso litoral: o Rio volta a ser escala confiável nas longas viagens internacionais daqueles que, procedendo da Europa, demandam o porto de Santos ou o Prata — em I(4):53-54 Maria Clara relata ter ido recepcionar, no porto, a londrina Mrs. Speers, esposa do superintendente da S. Paulo Railway; no número seguinte, em I(5):68, anuncia que o couraçado Riachuelo está sendo recuperado em oficinas situadas na própria Guanabara, com o mesmo profissionalismo oferecido pelos estaleiros da Europa.

Passando a contar com significativo número de estabelecimentos industriais de médio e pequeno porte, a instalação de novas empresas redundava frequentemente na expansão de melhorias para os bairros periféricos do Rio. É o que nos relata a cronista ao apontar as modificações sofridas pelo Engenho Velho com a instalação de uma fábrica de gelo (note-se que o proprietário da fábrica aparece como um empreendedor esclarecido):

Mais um *melhoramento* para o nosso formoso bairro: uma fábrica de gelo. Decididamente o Engenho Velho está na ponta. O Sr. Artur Aguiar, proprietário da fábrica de gelo, tem concorrido muito para o *aformoseamento* das ruas deste arrabalde, edificando muitos prédios bonitos e elegantes e agora de um modo muito poderoso, com a fundação da fábrica de gelo (...). A festa do dia da inauguração foi muito bonita e muito concorrida. Diversos brindes foram feitos ao Sr. Aguiar, à imprensa, *ao progresso* e à França, porque é preciso que se saiba que foi um engenheiro francês o autor da montagem das máquinas. (grifos nossos)<sup>225</sup>

Em termos sociais, a cidade, que já dispunha de importantes centros de assistência à saúde, possui agora prestigiosas instituições de atendimento especializado (voltadas, por exemplo, para os doentes mentais, para as crianças ou para os portadores de deficiências visuais e auditivas): são mencionados o Hospital de Alienados,<sup>226</sup> o Instituto dos Surdos-Mudos, o Instituto Benjamin Constant (dedicado à reabilitação de cegos)<sup>227</sup> e o Instituto de Proteção e Assistência à Infância.<sup>228</sup> Algumas colaboradoras da revista chegaram, inclusive, a fazer uso da literatura e do jornalismo para reivindicar a multiplicação destas instituições; foi o caso, por exemplo, de Júlia Lopes, que realizou, através da imprensa, uma campanha pela instalação de creches e jardins da infância na cidade do Rio.

---

225. Cf. texto da p. I(12):186.

226. O Hospital de Alienados e o Instituto de Surdos-Mudos são mencionados na mesma crônica do nº 5, respectivamente nas pp. I(5):68 e 69.

227. V. "Carta do Rio" do nº 22 — I(22):350-351.

228. Na mesma coluna, em II(27):59.



Além disso, devido à sua histórica posição de centro político e administrativo, a cidade do Rio de Janeiro servia de cenário para acalorados debates acerca das questões sociais e dos destinos políticos do país: é assim que a Capital Federal será palco de uma das primeiras batalhas jurídicas envolvendo a conquista do livre exercício profissional para as mulheres. Essa vitoriosa mobilização, que praticamente monopolizou as atenções das articulistas nos quatro últimos números da revista (nº 33 a nº 36), corresponde ao caso da jovem doutora Mirtes de Campos, bacharelada em 1898 pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, que enfrentou a prepotência dos juizes que impediam que mulheres exercessem a função de advogadas nos tribunais, desrespeitando as normas da Constituição de 1891 mas respaldando-se no machismo oficioso do Instituto dos Advogados, que vedava o acesso feminino a seu quadro de habilitação profissional.

Este caráter de cidade que, sob a aura de serenidade da república civilista, passa a respeitar e proteger os direitos básicos do cidadão, é reforçado, aliás, pela existência de espaços públicos adequados, onde pais e mães de família podem levar seus filhos para passear e brincar ao ar livre: daí a menção entusiasmada, por Maria Clara, a uma festa ao ar livre que estava sendo planejada para o Passeio Público, numa espécie de piquenique aberto à participação popular, com direito a baile infantil e corrida de bicicletas.<sup>229</sup> Embora de caráter mais privativo, a festa promovida pelo Clube de Engenharia por ocasião de seu 17º aniversário, em dezembro de 1897, é noticiada por Maria Clara (que lá esteve presente), como um acontecimento especialmente agradável, capaz de proporcionar aos convidados bons momentos de diversão no Corcovado, lugar para onde foram levados por bondes e trens especiais, para a realização de um almoço ao ar livre.<sup>230</sup>

---

229. "Carta do Rio" do nº 2 — I(2):18-20.

230. V. pp. I(6):84-85. A menção ao Clube de Engenharia explica-se pelo fato de o marido de Maria Clara, José Américo dos Santos (engenheiro formado pela Politécnica do Rio) figurar como sócio-fundador dessa associação criada em fins de 1880. Abolicionista ferrenho, José Américo integrou, pela mesma época, a Sociedade Central de Imigração — entidade da qual fizeram parte intelectuais notórios, como o jornalista alemão Karl von Koseritz, André Rebouças e o Visconde de Taunay. O caráter desta instituição (que propunha a introdução do imigrante estrangeiro e a divisão da terra em pequenas propriedades como solução para nosso problema agrário) e o lugar social ocupado por seus filiados nos ajudam a compreender melhor o quebra-cabeças ideológico em que está envolvido o casal José Américo-Maria Clara: "A Sociedade Central foi (...) dirigida por indivíduos da nova classe média-alta urbana, sobretudo intelectuais, profissionais independentes com treinamento científico e técnico, altos funcionários públicos e negociantes envolvidos no comércio externo. (...) Pela sua eloquência, auto-confiança e treinamento técnico, eles demonstraram ser uma nova força na vida brasileira: um grupo de classe média consciente de seus interesses e donos de uma crítica coerente e cabal da sociedade tradicional brasileira" — cf. Michael M. Hall, "Reformadores de Classe Média no Império Brasileiro: A Sociedade Central de Imigração", na *Revista de História* (São Paulo), janeiro-março de 1976, nº 105, pp. 147-171 (o trecho citado encontra-se na p. 153).

Na área cultural, o Rio de Janeiro, superado o período de mecenato que caracterizara os últimos anos do Império, já possuía várias instituições voltadas para a formação e a divulgação de artistas ligados aos diversos ramos da arte.

Nas artes plásticas, além de exposições particulares,<sup>231</sup> realizavam-se regularmente mostras oficiais de pintura, como a do Centro Artístico (datada de meados de 1898, com telas de pintores de nível internacional, como Berne-Bellecour) e as exposições anuais da Escola Nacional de Belas-Artes, em que, por essa época, alcançava destaque máximo a produção do pintor paulista José Ferraz de Almeida Júnior (1850-1899).<sup>232</sup>

No terreno musical, a cidade, que contava com um Instituto Nacional de Música em pleno funcionamento, testemunhava a realização de concorridos concertos sinfônicos em meio aos quais, integrando a programação que precedia as comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil (1900), realizou-se a pré-estréia da ópera *I Salduni*, especialmente composta e regida pelo primeiro diretor do Instituto, Leopoldo Miguez (1850-1902).<sup>233</sup>

---

231. Entre as exposições particulares exclusivamente dedicadas à pintura noticiadas por Maria Clara, destacam-se: a mostra de alunos do paisagista Antônio Parreiras (entre os quais se destacavam Sílvio Moreira, Alberto Silva, Álvaro Cautanheda e uma mulher da qual só é fornecido o primeiro nome, Hortênsia), em novembro de 1897; a exposição de telas de dois professores da Ladeira da Glória, Niccolò Facchinetti e Maria Forneiro, com seus discípulos (janeiro de 1898); em junho de 1898, apresentavam-se telas do talentoso irmão de Pedro Américo, Aurélio de Figueiredo, com destaque para os quadros que retratavam pitorescos ambientes mineiros — e, em agosto do mesmo ano, exibiam-se as paisagens e naturezas-mortas do mestre italiano Adolfo Malevolti, em seu ateliê da Lapa; já em 1899 realizam-se, ambas no mês de agosto, exposições das elogiadas telas do pintor brasileiro João Batista da Costa e das extraordinárias faianças do português Bordalo Pinheiro. Este último foi, aliás, objeto de reavaliação recente, muito oportuna, em evento promovido pela Pinacoteca do Estado de São Paulo (julho-agosto de 1996), ocasião em que a mestrandia teve a oportunidade de observar pessoalmente a provável influência exercida por motivos nacionais (da fauna e da flora do Brasil) sobre a requintada arte em cerâmica desse artista lusitano.

232. Realizadas normalmente no final de cada ano, as exposições gerais da Escola Nacional de Belas-Artes descritas por Maria Clara correspondem à realização da quinta e da sexta edição do evento (datadas, respectivamente, de 1898 e 1899, v. I:102 e II:155-156). No quinto salão apresentava-se ao público do Rio, pela primeira vez, a épica pintura de Almeida Júnior "Partida da Monção", exibida em São Paulo no início do mesmo ano de 1898 — tela que é conservada, hoje, em sala especial do Museu do Ipiranga.

233. Cf. II(33):173-174. É interessante observar que Maria Clara, mesmo reconhecendo a qualidade da música e a brasilidade tanto do compositor como de seu libretista (o prestigiado Coelho Neto), faz objeções ao escasso "nacionalismo" dessa ópera: cantada em italiano, composta sobre esquemas de desenvolvimento temático imitados dos dramas musicais wagnerianos, o entreccho trata de uma situação que tem por cenário a Gália antiga. Objeções dessa ordem teriam sido, de fato, levadas em conta pela comissão encarregada dos festejos de 1900, que excluiu *I Salduni* da programação oficial sob pretexto de faltarem recursos para sua encenação (a ópera só estreará dois anos depois desta "avant-première", em setembro de 1901). Cf. Guilherme de Melo — *A Música no Brasil*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947, pp. 298-299.

Havia também sociedades musicais, entre as quais Maria Clara destaca o Orfeão Carlos Gomes<sup>234</sup> e, confirmando a fama da "capital musical do país", registra-se a passagem pela cidade de personalidades musicais de projeção internacional, como a cantora lírica Clotilde Maragliano<sup>235</sup> e o compositor francês Camille Saint-Saëns.<sup>236</sup>

Mas, em oposição a esta propalada efervescência social e cultural da cidade, como efeito perverso do progresso acelerado da cidade, a especialização das redes de serviços (agora dispersas pelos bairros ao invés de concentrar-se apenas na região central da cidade) associada ao aprimoramento dos transportes urbanos, estaria contribuindo tanto para a diferenciação como para o enclausuramento dos cidadãos cariocas em seus bairros.

---

234. Cf. texto publicado em I(11):165. O Orfeão Carlos Gomes funcionava no morro de Santa Teresa, bairro em que residiam as irmãs Adelina Lopes Vieira (fundadora e diretora dessa organização coral) e Júlia Lopes. É pouco divulgado o fato de que todas as cinco filhas de Antônia Adelina do Amaral Pereira (formada em piano, canto e composição pelo Conservatório de Lisboa) tiveram formação musical: a primeira, Adelina Amélia, chegou a manter o mencionado Orfeão; a segunda, Maria José, era pianista com apresentações frequentes em Campinas; Adelaide Elisa era cantora lírica e declamadora; a nossa conhecida Júlia Valentina chegou a receber lições de aperfeiçoamento pianístico do professor Emilio Giorgetti (do Colégio Florence, de Campinas, também mestre da célebre cantora Maria Monteiro) e a exibir-se publicamente como pianista (além de ter conhecido pessoalmente Carlos Gomes e Alberto Nepomuceno, Júlia Lopes conseguiu que este último compusesse trechos musicados para duas peças teatrais escritas por ela, tendo ainda proferido em São Paulo, em novembro de 1917, uma conferência a respeito do Padre José Maurício Nunes Garcia, cujo sesquicentenário de nascimento era comemorado naquele ano); e mesmo a caçula, Alice Luísa, também devia cantar nos corais de que participavam todas as suas irmãs mais velhas (são frequentes as menções nominais a essas participações na imprensa campineira da época; ver ainda o capítulo dedicado à "Sociedade Carlos Gomes" por Leopoldo Amaral no mencionado *Campinas: Recordações*, pp. 109-121).

235. Além de poetisa e prosadora, Maria Clara da Cunha Santos também possuía dotes de pintora, cantora e violinista. Isso explica sua ênfase no noticiário referente à literatura, à música e à pintura — e a relativa escassez de menções ao movimento teatral da cidade (sendo a única exceção evidente a esta regra a referência à atuação da atriz brasileira Lucília Simões, em II:103). A cobertura de aspectos musicais pela revista, porém, é bastante satisfatória: no que se refere à música lírica da época, todas as três cantoras de ópera nascidas no Brasil mais em evidência são nominalmente citadas. São elas: a paulistana Clotilde Maragliano (1869-1952) — mencionada em I(9):131, I(18):281 e I(23):364; a gaúcha de Porto Alegre, Amália Iracema (c. 1860- ?) — em I(23):364; e a paulista de Campinas, Maria Monteiro (1870-1898), cujo necrológio ocupa lugar de destaque, nas pp. I(12):190-192. As duas paulistas haviam se aperfeiçoado em canto lírico no Conservatório de Milão, sob as vistas de Carlos Gomes, com quem Maria Monteiro era, inclusive, aparentada — diplomando-se, esta, em 1890, e a Maragliano em 1891, ambas com destacado aproveitamento. A contralto Maria Monteiro teve carreira meteórica nos palcos europeus ao longo da primeira metade da década de 1890, mas por volta de 1895 já não canta em público (graças, ao que se diz, aos ciúmes mórbidos do marido italiano), morrendo tuberculosa no início de 1898. Já a soprano lírico Clotilde Maragliano fez uma fulgurante carreira tanto dentro como fora do Brasil, ao longo dos anos 90; Puccini deve-lhe a reabilitação da ópera *Edgar* (mal recebida em sua estréia milanesa de 1889, muito aplaudida em sua reapresentação em Ferrara, em 1892); mas essa cantora paulistana abandonaria a carreira operística ao se casar, em 1902. A soprano dramático Amália Iracema, cujo nome real era Amália Haensel, de ascendência germânica (paterna), foi estudar canto em Frankfurt, dedicando-se ao repertório franco-germânico; retornou ao Brasil já consagrada — sendo aclamada em suas apresentações nacionais; mas no início do século XX, praticamente aposentada, faz apenas apresentações esporádicas em recitais.

236. Cf. II(29):103.

Podemos flagrar, inclusive, a própria cronista Maria Clara, moradora da região da Tijuca, defendendo acriticamente uma postura literalmente "bairrista" ao tecer comentários acerca das modificações sofridas pelo carnaval carioca (no ano de 1899, cada bairro passava a realizar seus próprios festejos, deixando apenas para a terça-feira a confraternização geral dos foliões):

O carnaval este ano teve uma nova orientação. Cada arrabalde fez a sua festa, conforme pôde e somente na terça-feira a cidade tomou os seus ares festivos e luxuosos para a passagem das três principais sociedades carnavalescas. *Assim é que deve ser. Cada bairro deve ter seus clubes e suas sociedades. Nós todos, inconscientemente, gostamos do nosso cantinho.* E é por isso que a sociedade do nosso bairro, a gente que conosco toma diariamente o mesmo bonde, que goza do mesmo panorama, que compra nas mesmas casas, que dança no mesmo salão, nos desperta maior simpatia (...). (grifos nossos)<sup>237</sup>

Cidade alegre e de gente tradicionalmente expansiva, a forte ligação simbólica do Rio de Janeiro com o carnaval já havia sido objeto das crônicas de Maria Clara referentes ao mês de fevereiro do ano anterior (1898). Aproveitando a ocasião para utilizar-se do estilo jocosos e palrador que muitas vezes domina em sua coluna, a cronista conta o "causo" (relatado por uma amiga) de um copeiro travesso, rapaz de 15 anos de idade, que, tendo saído da casa da patroa no sábado para ir buscar lenha na venda mais próxima, aderira à loucura geral e passara quatro dias comemorando o carnaval (vestido de diabinho), para retornar somente na quarta-feira de cinzas, justificando-se: — "Nada, patroa, também o vendeiro, o caixeiro, o moço do açougue e todos foram... não fui só eu... foram todos".<sup>238</sup>

Em termos concretos, Maria Clara já verificara em 1898 a tendência à segmentação das festas carnavalescas, apontando a supremacia dos carros e fantasias apresentados pelo "bairro popular" de São Cristóvão:

Desta vez as honras do carnaval couberam não a este ou àquele clube, não a esta ou àquela sociedade, mas exclusivamente ao popular e simpático bairro de S. Cristóvão. O antigo arrabalde, tão cheio de saudosas tradições, teve a palma da vitória este ano, e meteu em um chinelo o aristocrático Botafogo, o risonho Cosme Velho, o barulhento Catete e a incomparável Tijuca. O Clube de S. Cristóvão saiu em alegre passeata no domingo, ostentando riquíssimos carros de fantasias e de espirituosas críticas. (grifo da própria autora da crônica)<sup>239</sup>

---

237. Cf. II(26):41.

238. Em I(9):134.

239. "Crônica do Rio" do nº 10, edição de 28 de fevereiro de 1898 — I(10):145.

Na qualidade de capital do país, o Rio de Janeiro era também palco de recorrentes comemorações de caráter cívico: é assim que, em 11 de junho de 1898, por ocasião do 33º aniversário da vitória brasileira na batalha do Riachuelo (sangrento episódio da Guerra do Paraguai), aí ocorrerão manifestações patrióticas com a aplaudida apresentação de veteranos integrantes da marinha nacional — calorosamente saudados, sobretudo pelas senhoras que lotavam as sacadas à passagem do desfile e *jogavam flores aos vitoriosos marinheiros, ex-combatentes da mais gloriosa batalha naval da América do Sul.*<sup>240</sup>

Essas manifestações de *nacionalismo ufanista* parecem acentuar-se ainda mais no ano seguinte, nas festividades relativas aos aniversários das principais batalhas vencidas pelo Brasil na Guerra do Paraguai: em sua crônica do mês de junho de 1899, Maria Clara reporta-se aos festejos de 24 de maio, em que a vitória na batalha de Tuiuti foi lembrada com uma *festa imponente e popular* junto à estátua do *legendário General Osório.*<sup>241</sup> Para o presente mês de junho a cronista prognostica: *Preparam-se também bonitas festas para o próximo Onze de Junho. A talentosa escultora brasileira Nicolina Vaz de Assis trabalha assiduamente no busto do glorioso Almirante Saldanha da Gama, que deve ficar pronto para esse dia, de festa para a Marinha do Brasil.*<sup>242</sup>

---

240. "Crônica do Rio" de 30 de junho de 1898 — texto da p. I(18):280.

241. Cf. p. II(29):105. Esse monumento-túmulo do general Manuel Luís Osório (1808-1879) ocupa o lugar mais nobre do centro do Rio de Janeiro, situando-se em meio ao antigo Largo do Carmo, ao lado do velho Paço Imperial (atual Praça XV de Novembro); fundido em Paris (com bronze fornecido por canhões tomados do inimigo na Guerra do Paraguai) e inaugurado em 1894, é uma das obras mais conhecidas de Rodolfo Bernardelli (1852-1931) — o talentoso escultor que, alçado à direção da Escola Nacional de Belas-Artes em 1890, transformou-se numa espécie de representante oficial de sua arte e, por consequência, em símbolo máximo da escultura brasileira da virada do século. Cf. a descrição do monumento a Osório fornecida por Carlos Sarthou em *As Estátuas do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Leo Editores, 1958, pp. 10-11.

242. Sequência do texto da mesma p. II(29):105. Notar que a campineira Nicolina Vaz de Assis (1874-1941) é considerada a primeira mulher escultora do Brasil. A própria *A Mensageira* já noticiara — em I(23):368 — os progressos desta jovem artista discípula de Rodolfo Bernardelli: em meados de 1898 Campos Sales (então Presidente do Estado de São Paulo) concedera-lhe uma bolsa, permitindo sua transferência para o Rio de Janeiro, onde cursará a Escola Nacional de Belas-Artes; entre 1904 e 1907 irá aperfeiçoar-se em Paris — obtendo, ao retornar ao Brasil, medalha de ouro na Exposição Nacional de 1908. Teria realizado, ao longo de sua carreira, mais de 500 esculturas (boa parte delas de encomenda oficial, conservadas sobretudo no Rio de Janeiro e na capital paulista). Consulte-se, a respeito, matéria jornalística de Carlos Ferreira divulgada pela imprensa paulistana em 1896 ("Bustos: D. Nicolina Vaz de Assis — Carta ao Dr. Garcia Redondo", pp. 257-260 da coletânea *Feituras e Feições*, Campinas, Typ. a vapor de A. B. de Castro Mendes, 1905); ver ainda o capítulo "A Primeira Escultora" do mencionado *Precursoras Brasileiras* de Olmio Barros Vidal (pp. 201-205) e o verbete biográfico incluído por Alaôr Malta Guimarães em *Campinas: Dados Históricos e Estatísticos*, Campinas, Livraria Brasil, 1953, p. 47.

Da mesma forma, em julho de 1898, a inauguração da igreja da Candelária (cuja construção havia sido iniciada há mais de um século), assumiu proporções de uma grande festa nacional — cujo caráter solene foi acentuado pela execução, no dia dessa inauguração, de música original do Padre José Maurício; reforçando-se o caráter popular da santa padroeira do templo, é lembrada a história que deu origem ao projeto de edificação da igreja:

Contam que uns náufragos, prestes a sucumbir, invocaram a proteção de Nossa Senhora da Candelária e prometeram construir uma capela à virgem se Ela os valesse nessa dolorosa situação. E a promessa foi cumprida. A imagem de Nossa Senhora é ainda a mesma.<sup>243</sup>

Em agosto de 1898, o retorno de Campos Sales (que regressa ao país depois de um período de importantes contatos internacionais), é saudado pela população do Rio como um acontecimento digno das maiores honrarias. Entusiasmada, Maria Clara registra o evento enfatizando o caráter civil do mandato conquistado pelo paulista, e a legitimidade do poder exercido tanto por Campos Sales como por Prudente de Moraes (elogiado por seu empenho na pacificação do país); fica implícita a comparação favorável destes dois estadistas com relação às tristes figuras de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, protagonistas das turbulências que caracterizaram nossos primeiros cinco anos de República.<sup>244</sup>

Este entusiasmo patriótico associado à instalação dos primeiros mandatários civis parece confirmar a crença na capacidade de ainda se recuperarem os ideais republicanos deturpados pelos caricaturais exageros do jacobinismo florianista do começo da década de 1890; daí a constituição de um nova "Sociedade Comemorativa das Datas Nacionais", cujos trabalhos inaugurais foram elogiados por Maria Clara em razão dos resultados obtidos nos festejos referentes a 7 de setembro de 1898.<sup>245</sup>

Mas se a cidade do Rio de Janeiro, apesar dos signos da modernidade que começavam a transfigurar significativamente os contornos de seu cenário urbano,

---

243. V. texto da p. I(19):302. A história desse milagroso salvamento é narrada em seis grandes painéis que forram a nave central da igreja de Nossa Senhora da Candelária. Todo o conjunto dessa que é considerada a obra máxima do pintor João Zeferino da Costa (1840-1915), professor da Escola Nacional de Belas-Artes, é reproduzido em seis páginas sequenciais (não numeradas) da revista mensal carioca *Kosmos* (número referente a abril de 1905, ano II, nº 4).

244. Cf. I(22):350.

245. Cf. I(23):364.

ainda possuía caracteres conservadores — determinados, em última instância por um certo ranço de oficialismo associado à rigidez e ao peso da estrutura burocrática avantajada, típica de uma capital político-administrativa —, o mesmo não acontecia com a moderna cidade de São Paulo, por esta época começando a assumir o papel de "capital econômica" do país, lugar onde a novidade podia se expandir sem se enredar nas malhas do tradicionalismo.

Dessa forma, não é de admirar que a capital paulista emergja das páginas de *A Mensageira* como o ponto ótimo da modernização do país. De fato, com o aporte da massa de imigrantes, São Paulo sofrera um rápido aumento populacional (passando dos 30.000 habitantes da década de 1870 para mais de 200.000 por volta de 1900) e, embora ainda não apresentasse o mesmo índice de industrialização da Capital Federal, caracterizava-se por uma circulação monetária mais fluida e real, motivadora de investimentos mais rápidos e mais ágeis no melhoramento da cidade.<sup>246</sup>

É a própria "cronista do Rio", Maria Clara, quem visita o Estado de São Paulo em abril de 1898, transmitindo-nos uma descrição detalhada de suas impressões de viagem pelas cidades de São Paulo e Santos, testemunhando seu deslumbramento com as principais melhorias efetuadas na capital paulista.

Primeiramente, numa apreciação panorâmica da cidade, é a variedade de estilos de suas construções e a riqueza da decoração dos jardins públicos que chamam sua atenção:

---

246. Como já tivemos oportunidade de salientar no capítulo I, de contextualização geral, o crescimento acelerado da capital paulista naquele final de século daria margem à comparação entre o desenvolvimento desta cidade e aquele verificado por cidades americanas como Chicago e Nova Iorque; daí poderemos observar o uso da expressão "ianquificação" por alguns colaboradores da revista para referir-se aos processos de rápida modificação urbana então em curso na cidade de São Paulo. É assim, por exemplo, que vemos João Vieira de Almeida lamentar, na sua "Crônica Onímoda" — I(4):54-55 —, o fato de "a velha aldeia de Tibiriçá, ora convertida em opulenta capital civilizada" não poder aspirar ainda à honra de ser a capital artística do Brasil; mas reconhece que "S. Paulo, uma vez *yankeeficado*, voltou-se todo, (...) para a instrução da mocidade!" (o grifo é do próprio Vieira de Almeida). O mesmo processo de "ianquificação" é lembrado no caso da nova capital mineira, a moderna Belo Horizonte à qual Sílvio de Almeida se refere — em I(6):91-92 — contrapondo-a à tradicional Ouro Preto: "Olhemos (...) para a triste Vila Rica, e façamos o seu confronto com a nova capital de Minas. Aquela representa o passado; esta simboliza o futuro. (...) A primeira, desprezada pela monarquia e pela república; a segunda, opulentada pela 'nobre elegância do gosto italiano combinado com o arrojo dos *yankees*'." Note-se que tanto João Vieira como Sílvio de Almeida demonstram uma certa ambiguidade, hesitando ambos no reconhecimento da "ianquificação" como algo necessariamente benéfico; atitude mais firmemente repulsiva à modernização acelerada (em certo sentido, desordenada) da capital paulista encontra-se em Júlia Lopes de Almeida que, na crônica intitulada "Uma Santa", descreve a cidade como "capital barulhenta e profana, (...) onde o vício se alastra espalhado pela asa veloz da civilização" (cf. texto em I:113).

Belíssimos edifícios possui São Paulo. Por toda a parte se vêem construções modernas e elegantes. Os estilos variados dos prédios e a quantidade e riqueza dos jardins dão um aspecto encantador à cidade. Há especialmente, um quarteirão de palacetes nos Campos Elísios que deslumbra a vista e encanta a alma!<sup>247</sup>

E, passando para a apreciação da beleza das vias recentemente abertas (caso da Avenida Paulista), com seus palacetes de estilo eclético, residências urbanas de famílias enriquecidas com o "ouro verde" da lavoura cafeeira ou com o lucro advindo dos primeiros empreendimentos industriais locais bem sucedidos —, detém-se em considerações sobre a "harmonia de tons" que dominava a arquitetura dos edifícios particulares:

Visitei a Avenida Paulista (...). Admira principalmente a arte apurada dos belos prédios e a harmonia dos tons que se notam em toda a alameda. A caixa d'água situada no alto do morro, é cheia de poesia e sente-se prazer em respirar o perfume das flores ao som das águas que se desdobram cristalinas no grande chafariz central.<sup>248</sup>

Depois, como exemplo da cuidadosa limpeza e do aprimorado ajardinamento dos parques públicos, a cronista descreve um passeio à Serra da Cantareira, lugar que reúne, na sua opinião, os atrativos da natureza e da civilização (isto é, onde a intervenção do homem não agride mas aperfeiçoa, acrescentando conforto e harmonia aos desenhos traçados pela vegetação e pelo relevo natural).

Mesmo estando voltada para o futuro, a modernidade não apagaria da capital paulista o desejo de guardar a memória dos acontecimentos patrióticos do país, que estariam religiosamente preservados no complexo formado pelo parque e pelo Museu do Ipiranga:

O Ipiranga é um dos passeios obrigados a todos os excursionistas de São Paulo. (...) Visitei o monumento como quem visita um templo: cheia de respeito e religião. (...) De tudo o que lá vi do que mais gostei foi da seção de mineralogia. As pedras esquisitas e preciosas absorveram (...) a minha atenção. A cadeira e a cama do Regente Feijó, a penúltima camisa que vestiu o General Carneiro, a cadeirinha da Marquesa de Santos e muitas outras curiosidades formam uma seção interessante do museu.<sup>249</sup>

Além disso, na descrição da visita ao Juqueri, para apreciação das obras de construção das edificações que abrigarão o conhecido hospital de doentes mentais, Maria Clara apresenta ao leitor o responsável direto por boa parte da remodelação

---

247. V. texto da p. I(15):225.

248. Pp. I(15):225-226.

249. Na mesma crônica, pp. I(15):226-227.



arquitetônica da São Paulo desta época, o arquiteto e engenheiro Ramos de Azevedo.<sup>250</sup>

S. Paulo deve muito ao ilustre engenheiro Dr. Ramos de Azevedo, considerado o construtor do São Paulo moderno. (...) A esse engenheiro devemos nós a obsequiosidade de nos haver mostrado alguns edifícios e proporcionado o excelente passeio que fizemos a Juqueri, para ver o monumental Hospício dos Alienados que, sob sua administração, está sendo construído. É um edifício esplêndido, moderno, feito sob esclarecida e lúcida direção.<sup>251</sup>

Maria Clara finaliza suas impressões de viagem parabenizando a poetisa Zalina Rolim (radicada na capital paulista, também ela colaboradora da revista), pelos serviços que tem prestado ao aprimoramento da educação infantil em sua atuação como professora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo.

A ampliação da oferta de ensino (pré-primário, primário, secundário e superior), principalmente aquele dedicado ao sexo feminino, corresponde, aliás, a um dos principais progressos efetivamente registrados pela capital paulista neste período. Através da leitura da seção da revista intitulada "Notas Pequenas" — coluna regular, sem indicação de autoria mas em que se reconhece o estilo polido mas decidido da diretora de *A Mensageira*, Prisciliana Duarte de Almeida —, podemos acompanhar alguns eventos associados a esse fenômeno: vemos aí divulgados o trabalho de reconhecidos institutos de educação (como é o caso do Externato Paulistano, que conta com professores ligados ao Ginásio do Estado),<sup>252</sup> como também a festiva inauguração (datada de fevereiro de 1899) da Escola Livre de Farmácia, estabelecimento de grande importância científica e estratégica que contemplará especialmente, segundo seus criadores, dois nobres fins: diplomar mulheres farmacêuticas e "fazer com que seus alunos se dediquem ao estudo da nossa rica flora".<sup>253</sup>

---

250. O paulista Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928) estudou na Bélgica, retornando ao Brasil, já formado, em 1879. Estabelece-se, de início, na cidade de Campinas — onde, entre outros projetos, colaborou no término da construção da Matriz Nova local (atual Catedral Metropolitana de Campinas). Instalando-se na capital do Estado em 1886, passa a dirigir um escritório em que são planejadas as mais importantes intervenções paulistanas dos 40 anos seguintes, aí incluídas edificações como o prédio da Secretaria Estadual da Fazenda (no Pátio do Colégio), a nova Escola Normal da Praça da República, a Secretaria Estadual da Justiça, o Palácio do Governo do Estado, a Escola Politécnica, a Pinacoteca do Estado, o Teatro Municipal, o Palácio das Indústrias e a sede dos Correios e Telégrafos. Cf. verbete biográfico do referido *Dicionário de História de São Paulo* de Antônio Barreto do Amaral (p. 57). Todas essas construções são detalhadamente historiadas e ilustradas por Carlos A. C. Lemos em *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*, São Paulo, Editora Pini, 1993.

251. Cf. p. I(15):227.

252. Cf. p. I(18):286.

253. V. noticiário das pp. II(26):46-48.

A Escola de Farmácia, dirigida pelo Dr. Bráulio Gomes (1854-1904), vinculava-se diretamente, por sinal, a uma outra instituição paulistana, a Maternidade de São Paulo, à qual também pertencia aquele conhecido médico ginecologista. A maternidade era dirigida, por essa época, pela médica belga Marie Rennotte, que se notabilizara pelo atendimento a setores carentes da população, aí incluídas as mulheres operárias.<sup>254</sup>

No entanto, em contradição com o notório progresso das instituições de ensino, a capital paulista ainda não dispunha, tal como a cidade do Rio de Janeiro, de um quadro de instituições culturais adequadas ao seu nível de desenvolvimento econômico. Apesar de ter sua vocação cultural reconhecida através do apelido de "Atenas do Sul" — pois a própria evolução urbana de São Paulo estivera associada à instalação da Academia de Direito, pela qual haviam passado conhecidas figuras da literatura romântica nacional (como Álvares de Azevedo e Fagundes Varela) e que, nesta segunda metade do século, ainda contava com a presença de precursores da estética parnasiano-simbolista (como Teófilo Dias e Venceslau de Queirós) —, a cidade parecia não estar, em termos concretos, suficientemente servida de núcleos de formação ou de consolidação cultural.

É o professor João Vieira de Almeida quem, na "Crônica Onímoda" do nº 4 de *A Mensageira*, reclama das deficiências desse setor da vida paulistana. Chamando o acervo do Museu do Ipiranga de "pandemonium", o ferino mestre conservador — que, como salientamos no capítulo referente à caracterização da revista (cap. II), parece ter se mantido como colaborador da revista à revelia de Prisciliana Duarte, graças aos laços de amizade que o ligavam ao marido da diretora da revista —, fornece-nos uma visão mais realista (ou menos otimista) da situação das artes em São Paulo:

São Paulo ainda não perdeu o cetro das letras (...): ninguém lhe contesta o direito ao título de — Atenas do Sul. Capital artística do Brasil, de certo não é (...). Começa por não possuir uma Academia de Belas-Artes, nem um Conservatório de Música. Onde estão as suas coleções artísticas?...

A não ser aquele *pandemonium* do Ipiranga, onde se acumulam (...) a seta do selvagem brasileiro e o... ornitorrinco da Oceania, que outros pergaminhos podemos exhibir, em ordem a provar o nosso direito a tal denominação?!...

E ressalta:

A não serem Almeida Júnior e Pedro Alexandrino, que outros artistas poderíamos nós apontar?!.... (grifo do autor)<sup>255</sup>

---

254. Cf. texto de uma das "Notas Pequenas" do primeiro número da revista, p. I(1):15-16.

255. Excertos da "Crônica Onímoda" das pp. I(4):54-56.

Ocorre que, sendo o desenvolvimento material e seu correspondente em termos culturais de natureza relativamente recente, a capital paulista aparece como uma "cidade do futuro" — daí a ênfase nas conquistas educacionais, responsáveis pela formação de novas gerações —, metrópole em transição, onde o progresso apresenta-se mais como uma promessa do que como um fato consumado; ele já é efetivamente visível em alguns setores da sociedade, mas em grande parte ainda pode ser caracterizado como um processo em andamento, como um "devir".

Esse aspecto torna-se responsável pela fragilização da própria fraseologia do progresso — explicando a busca de apoio para sua força simbólica em elementos extraídos da tradição histórica. Por esse motivo, se é possível falar de um *mito fundante* da identidade nacional, tal como forjado pelo discurso literário de *A Mensageira*, acabaremos chegando ao *mito do bandeirantismo paulista*: por analogia ao próprio modelo de modernização do país (caracterizado por um desenvolvimento econômico frágil e desigual, abandonado aos esforços e aos caprichos da iniciativa particular), a capital paulista é simbolicamente elevada à categoria de núcleo propagador da civilização brasileira, lugar de onde historicamente partiram os bandeirantes, primeiros desbravadores do território nacional — verdadeiros empreendedores que, tal como os incentivadores econômicos daquela virada de século, irradiavam desde São Paulo até o interior do país o progresso material e a cultura civilizada.

Essa valorização da aventura bandeirante está implicitamente presente em vários artigos da revista, tendo sido brilhantemente fixada pelo ituano Almeida Júnior na gigantesca tela intitulada "Partida da Monção". Esse quadro monumental (pintura a óleo apresentada ao público por seu autor no início de 1898, hoje pertencente ao acervo do Museu do Ipiranga) foi exaustivamente comentado por Perpétua do Vale — pseudônimo assumido por Prisciliana Duarte de Almeida, principalmente quando exerce funções de crítica estética —,<sup>256</sup> que nele ressalta os aspectos humanos, do que resulta sua qualificação como uma singela representação da pátria e da família brasileira:

---

256. Ao longo da publicação da revista permanece cuidadosamente oculta a identidade dessa vigorosa crítica artístico-literária, "Perpétua do Vale", que chega a ser mencionada como figura real, independente da personalidade da diretora de *A Mensageira*. A revelação de que "Perpétua" e Prisciliana são a mesma pessoa surge em 1914, em trabalho apresentado ao I Congresso de História Nacional ("Cancioneiro dos Bandeirantes") pelo marido da escritora, Sílvio de Almeida. Nesse texto (reproduzido e comentado por Leonardo Arroyo nos referidos *Estudos de Sílvio de Almeida*, pp. 19-50), o professor mineiro toma como ponto de partida justamente essa matéria redigida em 1898 por sua esposa para comentar o quadro de Almeida Júnior — chegando a desenvolver, curiosamente, a tese de que a epopéia bandeirantista-monçoeira recapitulou, historicamente, o ciclo dos descobrimento dos antigos navegantes portugueses, nossos ancestrais remotos.

Diante desse quadro, evoca-se (...) um desses dias solenes da partida dos *Bandeirantes*. A tela é harmoniosa e fresca, cheia da luz e da neblina da manhã, através da qual divisamos a vegetação ao longe, cindindo o horizonte com os braços de algumas árvores, e o declive dos barrancos à margem oposta do Tietê. As figuras principais do quadro estão delineadas com rara felicidade e inspiração! Assim, a figura serena do Padre que abençoa a caravana, o ar majestoso e austero do Capitão-mor, a atitude comovente de mulheres que oram e de crianças que choram, tudo isso nos desperta, simultaneamente, o sentimento vivo da Pátria e da Família (...). São cheias de imponência as figuras dos intrépidos exploradores instalados nas canoas e batelões para a partida ao seio das florestas virgens (...). Nota-se na tela a idéia de previsão para a inóspita excursão: feixes de canas carregados cuidadosamente, uma cabaça levada às costas por um caipira (...), cães para a caça, tudo isso nos lembra que os audaciosos exploradores ao partirem de Porto Geral tinham diante dos olhos a perspectiva das horas ingratas e difíceis. (grifo da autora da crítica).

E, passando da avaliação detalhada da obra para considerações de caráter mais amplo acerca do artista e do meio social brasileiro, Perpétua do Vale conclui:

A terra que produziu Carlos Gomes, José de Alencar e Gonçalves Dias, não podia deixar de ter um Almeida Júnior, que eternizasse na tela o tipo dos caipiras brasileiros e as tradições de nossa pátria.<sup>257</sup>

Podemos verificar, então, com base nestas palavras de Perpétua do Vale, a eleição, por parte das escritoras de *A Mensageira*, de algumas personalidades brasileiras já falecidas que deveriam ter sua memória cultuada em virtude de terem concorrido com seus talentos para o engrandecimento da pátria brasileira. Artífices da identidade nacional, estas personalidades são alçadas a um verdadeiro *panteão nacional*, cuidadosamente construído pelos colaboradores e colaboradoras da revista — numa verdadeira síntese do Brasil do século XIX, da qual só podemos tomar conhecimento, em sua totalidade, através de uma leitura de todas as páginas da revista.

É assim que, correspondendo à caracterização do país como "território da liberdade", povoado por uma "raça de indivíduos insubmissos", constatamos a elevação ao panteão nacional elaborado por *A Mensageira* de um grupo de mulheres semilendárias que historicamente se destacaram por seus feitos heróicos em defesa da causa nacional: sucedem-se menções à quase mítica índia Paraguaçu e às guerreiras Clara Camarão (a nativa que, em meados do século XVII, colaborou com as forças portuguesas pela expulsão dos holandeses do litoral pernambucano) e Maria Quitéria de Jesus (1792-1853),

---

257. Trechos selecionados da matéria especial em homenagem a Almeida Júnior, pp. I(7):107-109.

heroína dos conflitos de afirmação da Independência Nacional no Estado da Bahia; à missionária Damiana da Cunha (c.1780-1831), a neta de caiapós responsável pela pacificação e evangelização de membros dessa tribo indígena; e à revolucionária gaúcha Gabriela de Matos, ativa patrocinadora da Revolução Federalista.

Completando o quadro dos elementos progressistas que teriam lutado pela liberdade da nação brasileira, cultuam-se as figuras masculinas do chefe da revolta de 1720 em Vila Rica, Filipe dos Santos (falecido em 1720) e dos inconfidentes Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), Inácio José de Alvarenga Peixoto (c.1744-1792), Tomás Antônio Gonzaga (1744-c.1810) e Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes (1746-1792), seguidos da personalidade excepcional, pela inusitada somatória de dotes de inteligência, de caráter e de sensibilidade artística, do nosso Patriarca da Independência, o paulista de Santos, José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838).

Em consonância com a índole publicista manifesta no gosto pelos debates na imprensa e pelas discussões políticas, e lembrando, de certa forma, a própria participação feminina na campanha abolicionista, temos ainda: ligados a um abolicionismo moderado e de cunho oficial, a exaltação dos "redentores nacionais" Marquês de São Vicente (1803-1878), Visconde do Rio Branco (1819-1880), Joaquim Serra (1838-1888), André Rebouças (1838-1898), José Ferreira de Menezes (1845-1881), Princesa Isabel (1846-1921), José do Patrocínio (1853-1905) e a cantora lírica Luísa Regadas, que participou de diversas apresentações beneficentes destinadas à arrecadação de fundos para a emancipação de escravos. Faz-se o elogio também da corrente de abolicionistas radicais que, participando diretamente dessa luta, incitavam os escravos à fuga, como Luís Gama (1830-1882) e Antônio Bento de Sousa e Castro (1843-1898).

Em termos políticos e militares, são lembrados os nomes do Regente Feijó (1784-1843) e de heróis da Guerra do Paraguai — como o General Osório (1808-1879), o General Carneiro (1846-1894) e o Almirante Saldanha da Gama (1846-1895), este último morto em combate numa batalha da Revolução Federalista, depois de ter aderido à Revolta da Armada.

Citados como criadores de uma estética literária nacional, aparecem os nomes de grandes poetas românticos como o "altivo e imaginoso" Gonçalves Dias (1823-1864) — cujos versos "têm o tom do acre cheiro ativo da mata viridante e farta do Brasil" —, os intimistas Álvares de Azevedo (1831-1852) e Casimiro de Abreu (1839-1860),

este último valorizado pela ressonância popular de seus versos, além de Fagundes Varela (1841-1875) e do condoreiro Castro Alves (1847-1871). Vários poetas da geração parnasiano-simbolista, coetâneos da publicação da revista, são bastante citados e admirados pela escritoras de *A Mensageira*; apenas um deles, Luís Guimarães Júnior (1845-1898), considerado "o poeta da família", pode, no entanto, em virtude de ter falecido naquela época, ser considerado objeto de veneração — tornando-se apto, portanto, para ascender ao altar dos mais pranteados vultos nacionais.

No terreno da prosa são exaltados José de Alencar (1829-1877) e o Visconde de Taunay (1843-1899). Este último, também falecido no decurso da publicação da revista, receberá justa homenagem por parte das escritoras da revista, que ressaltam, em seu necrológico, a importância do seu célebre romance *Inocência* (1872), "livro genuinamente brasileiro, onde a vida sertaneja é pintada com tão verdadeiras tintas". (grifo nosso)<sup>258</sup>

A única menção ao ficcionista mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884)<sup>259</sup> — incluído na "Seleção" da p. I(5):80 — não reflete a importância da presença deste precursor do regionalismo mineiro em *A Mensageira*; presença perceptível naquilo que a produção de Maria Clara da Cunha Santos tem de melhor — como, por exemplo, no mencionado conto "No Sertão" e no extraordinário conto-crônica "O Juca da Generosa", estampado em I(14):215-218. Neste sentido, não se pode deixar de salientar o possível *efeito multiplicador* desse regionalismo propagado por Maria Clara: também estão presentes na revista dois nomes que se destacarão na literatura regional do início do século XX, o mineiro de Pouso Alegre, Amadeu de Queirós (1873-1955) e o paulista de Capivari, Amadeu Amaral (1875-1929),<sup>260</sup> colaboradores ocasionais de *A Mensageira*, não podem

---

258. V. pp. II(25):22-23.

259. Bernardo Guimarães integra, biograficamente, toda as províncias da região central e Sudeste do Brasil: mineiro de Ouro Preto, criado em Uberaba, cursa a Faculdade de Direito em São Paulo e vai se estabelecer como juiz na província de Goiás; depois de militar, por algum tempo, na imprensa do Rio de Janeiro, retorna a Ouro Preto, onde permanecerá até o final de sua vida. Embora seu nome esteja hoje associado ao "best seller" *A Escrava Isaura*, romance divulgado no Rio em 1875, datam de 1872 — o mesmo ano assinalado pela *Inocência* de Taunay — suas duas obras de maior importância no contexto do regionalismo mineiro: o romance *O Garimpeiro* e a coletânea de novelas *Histórias da Província de Minas Gerais*.

260. A escassa significância dos textos destes colaboradores publicados na revista explica-se pelo fato de ainda serem ambos muito jovens: de Amadeu de Queirós surge uma crônica (poema em prosa) intitulada "Saudade Antiga" — pp. I(18):283-284 —, enquanto Amadeu Amaral só comparece com um elegiaco soneto neoclássico, "Onde?..." — p. I(5):72. Em II(32):152-154, Amaral será impietosamente desancado pelo severo crítico (parnasiano e positivista ortodoxo) Sílvio de Almeida, por ocasião do lançamento de sua primeira coletânea poética (*Urzes*, editada em São Paulo), lançada com significativo êxito em 1899.

ter ignorado a publicação daqueles textos de Maria Clara: conseqüentemente, devem ter se sentido estimulados a abraçar a temática regionalista em seus próprios escritos.

Ainda no âmbito literário, reserva-se um espaço especial, no panteão nacional de *A Mensageira*, para as mulheres precursoras da literatura feminina no Brasil: no ramo da poesia, são lembradas poetisas nordestinas como a piauiense Luísa Amélia de Queirós Brandão (1838-1898), a alagoana Maria Jucá (1867-1895) e a sergipana Natália Mariot Gomes, seguidas das poetisas mineiras Bárbara Eliodora (1749-1819) e Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868), lembrando-se ainda as irmãs gaúchas Amália dos Passos Figueiroa (1845-1878) e Revocata dos Passos Figueiroa de Melo (c. 1840-1882) — além da poetisa carioca setecentista designada como "a inditosa poetisa cega", Ângela do Amaral Rangel. Das prosadoras, aparecem no panteão a ensaísta e pedagoga potiguar — considerada a primeira feminista do Brasil — Nísia Floresta (1810-1885) e a romancista gaúcha, notável pelos aspectos mais controvertidos de sua obra, Maria Benedita Câmara Bormann, a "Délia" (1853-1895).

Nas artes plásticas, ressalta-se a importância da pintura de Almeida Júnior (1850-1899), artista ituano que fixou em suas telas a essência do nosso ambiente rural e do tipo social do caipira brasileiro.

No quadro da criação e da interpretação musical, reina soberana a figura única do maestro Carlos Gomes (1836-1896) — cujas duas primeiras obras de vulto, *A Noite do Castelo* e *Joana de Flandres*, elaboradas sobre libretos em vernáculo, constituem exemplos bem sucedidos de "ópera nacional" — compositor cuja imagem gloriosa vem superpor-se ao melancólico perfil de sua prima campineira, a cantora lírica Maria Monteiro, falecida em 1898.

### VI.3 — OS MARGINALIZADOS DA NAÇÃO: POSSIBILIDADES CRÍTICAS DO PENSAMENTO SOCIAL EM "A MENSAGEIRA"

Além dos elementos já mencionados, restariam alguns aspectos da temática da nacionalidade em *A Mensageira* a ser lembrados — aspectos aparentemente marginais,

mas que nos autorizam, inclusive, a redimensionar o teor ufanista do nacionalismo formulado pelos colaboradores da revista. Talvez justamente em razão desta condição subliminar, tais elementos possivelmente revelam questões que as colaboradoras da revista gostariam de ter explorado com maior detalhe, não ousando fazê-lo em face do conservadorismo de nossa sociedade ou da própria fragilidade daquele investimento editorial e de suas reivindicações feministas, cuja repercussão se restringiria aos diminutos setores letrados e mais abonados de nossa população.

Em primeiro lugar, teríamos a *questão do negro*. Apesar de pressupor a existência (já naquela época), de um discutível caráter homogêneo para nossa raça, o discurso literário de *A Mensageira* não foi insensível às dificuldades de integração do negro na sociedade brasileira pós-abolição, chegando a efetuar denúncias da exploração que continuava a pesar sobre a população brasileira de cor — formada por uma massa de africanos ou de mestiços livres (ex-escravos) e pela novas gerações de seus descendentes, que, mantidos no analfabetismo, permaneceriam marginalizados, desafiando, nestas condições, a efetivação do ideário liberal-democrático entre nós.

A caracterização do desamparo e da opressão do negro liberto surge, por exemplo, nas crônicas de Maria Clara: numa delas a autora aponta, por exemplo, a situação absurdamente irônica de uma ama-de-leite negra, cujo trabalho fora mais valorizado, em termos monetários, nos tempos da escravidão — sendo seu salário como liberta (pago pela prestação dos mesmos serviços) menor do que o valor recebido por seu senhor quando a alugava para terceiros. Afirmando ter sido a própria ex-cativa quem lhe contou o caso, Maria Clara reproduz-lhe as palavras:

Eu era cativa mas meu senhor me alugou para ama-de-leite (...) por 120\$000 por mês — o meu patrão [para quem o senhor a alugava] chegou ao pé de mim e me disse que daquele dia [13 de maio de 1888] em diante eu era livre mas que continuasse a amamentar seu filho. Meu ordenado seria daí por diante de 40\$000 por mês porque o dinheiro era para mim mesma e seria loucura pagar-me o mesmo que pagava a meu senhor, que era um homem rico.<sup>261</sup>

O drama humano da escravidão, ignominiosa instituição cujos efeitos psicossociais (como já alertara Joaquim Nabuco em seu célebre planfeto) perdurariam mesmo depois de abolido o regime servil, é focalizado em seus desdobramentos morais e psicológicos: num outro conto de Maria Clara, "Um Caso Verdadeiro", narra-se a triste

---

261. Cf. pp. I(11):164-165.



história do escravo de quem, por força daquele arbitrário e desumano comércio, haviam tirado uma filha pequena; mesmo após o advento da Abolição e apesar dos anúncios de busca recíproca, o reencontro de pai e filha só ocorreria, causalmente, depois de vinte e dois anos de separação.<sup>262</sup> A preocupação com o destino do negro liberto aparece também no conto de Ridelina Ferreira "Tio Jó",<sup>263</sup> versando sobre a vida desgraçada desse ex-escravo (Jó), que continua a fazer pequenos serviços para seu antigo senhor; mas, por ser velho e "não prestar para mais nada", não tem seu trabalho reconhecido, bebe muito e se torna ainda mais imprestável aos olhos do patrão e dos outros empregados, que o consideram louco.

Além da denúncia social, a tarefa de fixar literariamente o "tipo do negro brasileiro" coube a Júlia Lopes de Almeida, que o faz num conto magistral, em que se patenteia o perfeito manejo da técnica naturalista: em "Perfil de Preta: Gilda", a autora ressalta a integração do negro ao ambiente natural dos trópicos por contraste com seu desajustamento social. Uma análise da estrutura dessa narrativa pode nos revelar os artificios de que se valeu a escritora para transformar sua personagem num protótipo do negro brasileiro, mantendo, ao mesmo tempo, a riqueza da observação psicológica da protagonista — cujas atitudes, em última instância, foram condicionadas pelo padrão escravista que, apesar ultrapassado, ainda dimensiona o comportamento dela e de sua patroa.

Gilda, negra empregada em serviços domésticos, foi incumbida pela sua patroa, dona Ricarda Maria, de levar uma cesta de "beijus" para uma irmã de sua senhora que morava num povoado próximo. Escolhendo um atalho ladeado de rica vegetação, em meio à qual corria um riachozinho, Gilda acaba retardando a caminhada, na fruição de tudo que a natureza ali lhe oferecia: ao observar um grande peixe no rio, por exemplo, não resiste a parar para pescá-lo com as próprias mãos; a descrição detalhada do ritual de matança, do prazer físico desfrutado por Gilda ao contemplar a agonia do bicho, da sensação de força e de poder que lhe advém quando finalmente consegue cravar-lhe o golpe fatal, constituem uma das passagens mais impressionantes do conto, prenunciando a tragédia que a própria negra desencadeará no final da história:

---

262. Cf. texto das pp. I(22):337-340. A dura realidade da separação dos membros da família escrava que, mesmo após a Abolição, dificilmente tornariam a reencontrar-se, já havia sido lembrada numa crônica de Maria Emília — em I(15):230. Para esta última autora, essa situação constituiria uma das marcas indelévels que a servidão, mesmo já eliminada, trazia para o presente da Nação: "(...) Ainda hoje quantas mulheres desventuradas procuram debalde seus filhos? De muitas sabemos que fixaram pela última vez o olhar nos frutos de suas entranhas, ao vê-los saírem *vendidos* para longes terras! A nós, já se nos afigura ser mentira essa triste realidade, que pesa como um castigo sobre nosso passado!" (grifo da cronista).

263. Pp. II(27):51-58.

Gilda pousou a cesta no chão, entalou a saia entre as *pernas roliças*, e, pé ante pé, muito devagarinho, entrou no rio, agachou-se e, zás! agarrou com as mãos ambas o peixe gordo, que se debateu sobressaltado (...). Gilda, sentindo-o escorregar dentre os *dedos musculosos*, atirou-o longe, (...) deliciada com aquela agonia longa, nervosa, saboreando-a no prazer selvagem do mais forte. O triunfo da sua *força animal* embriagava-a como os cheiros violentos às organizações delicadas. (...) Pouco a pouco, o cansaço ia-o amolecendo, um fio de sangue corria-lhe do ventre, e o corpo ficava por intervalos todo estendido, batendo só com o rabo, convulsivamente, no chão áspero. Depois nem um tremor mais; quedou-se imóvel. Gilda então cuidou-o morto e acocorou-se para o ver de perto, quando, num arranco supremo, o peixe saltou por sobre a cabeça (...). Gilda cortou uma taquara, lascou-a com força e, aproximando-se, varou o peixe de guelra a guelra. Ele estrebuchou languidamente, e a negra sorriu, empunhando o bambu, como uma lança de guerra sobre o corpo vencido de um inimigo. (grifos nossos)<sup>264</sup>

Nesta passagem, a descrição naturalística é levada ao extremo, adquirindo tintas expressionistas que a aproximam de uma espécie de "realismo fantástico": a figura da negra é agigantada ("pernas roliças", "dedos musculosos", "força animal"), atingindo uma feição escultória que lembra o tratamento dado posteriormente por Portinari às figuras de telas como "Mestiço" (1934), "O Lavrador de Café" (1934) e "Café" (1935) — artificios que conferem ao personagem uma dimensão telúrica, ligada à terra e à paisagem, servindo para reforçar o caráter de "brasilidade" de Gilda, sua identidade com a natureza do Brasil.

Morto o peixe, Gilda lembra-se do serviço que devia fazer e segue caminho; mas outras diversões a distraem: demora-se principalmente escutando moda de viola na casa de João Romão, crioulo por quem era apaixonada e com quem dividia, junto com outras duas mulheres (Paula e Noberta), o serviço no engenho de dona Ricarda. Quando chega à casa da irmã de sua patroa, já é noite — e, como dona Luísa não estivesse lá, Gilda deixa a encomenda, tratando de voltar depressa para casa. Embora não temesse "ralhação" da patroa (que certamente reclamaria de sua demora), morria de medo das "almas":<sup>265</sup>

---

264. Conto publicado no último número da revista, II(36):224-229. O trecho selecionado é das pp. 225-226.

265. Na passagem do conto selecionada a seguir (cf. *A Mensageira*, p. II:227), a morosidade de Gilda — que, ao invés de ir logo cumprir sua tarefa, detivera-se no caminho para pescar, ouvir música e proscar — surge em toda sua significação: a indolência da negra aparece, aqui, como uma forma de exercício da liberdade; afinal, o tempo da escravidão já havia passado ("já não havia escravos") e à negra tornava-se necessário, para afirmar sua condição de "livre", dedicar uma parcela de sua existência ao ócio. Fernando Henrique Cardoso explica o fenômeno e demonstra como a opção do negro pela ociosidade, agora na sociedade livre, está diretamente ligada à desvalorização do trabalho realizada pela antiga sociedade escravista: "A recusa do negro ao trabalho assume (...) um significado bem mais profundo do que o da simples ociosidade. O processo alienador da sociedade escravocrata havia contaminado de tal forma a consciência e o sentido das ações humanas que o trabalho aparecia como a qualidade anti-humana por excelência, sendo necessário, por isso, que o homem negro se afirmasse primeiro como ocioso, para sentir-se livre e poder começar todo o caminho da lenta e penosa reconstrução de si na sociedade de classes que começava a formar-se" — cf. Cardoso, *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul*, 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977, p. 248.

Arrependia-se agora de não ter vindo direitinha dar o seu recado, logo pela manhã. Não eram as fúrias de D. Ricarda Maria, tão impertinente, o que ela mais temia, mas as *almas* que andassem soltas gemendo pelo mato. Lá sua senhora? que se ninasse! já não havia escravos. Agora as almas... S. Nicolau que a acompanhasse!

O medo de atravessar a estrada no escuro era tanto que Gilda pensou em valer-se da ajuda de João Romão, que morava ali perto e poderia dar-lhe pousada por aquela noite. Mas, ao aproximar-se da casa de João Romão, Gilda viu uma cena que lhe causou mais espanto do que um encontro com as "almas": na beira do rio, em meio a um grupo de pessoas que pescavam, lá estava João Romão abraçado a Norberta. Enraivecida pelo ciúmes, Gilda, sem ser vista, roga uma praga sobre os dois: — "Que jundiá que vocês apanhem tenha veneno, diabos!"<sup>266</sup>

A ocasião para a vingança virá no dia seguinte, quando Gilda volta a trabalhar no engenho, na fabricação de farinha de mandioca. Duramente repreendida por dona Ricarda Maria (pelo atraso da véspera) e humilhada pela admoestação da patroa na frente dos outros empregados (entre eles Norberta e João Romão), Gilda baixa a cabeça e guarda sua raiva. Mas, vendo que Norberta não tirava os olhos de João Romão, Gilda assesta seu golpe: chama bruscamente a atenção de João Romão — que, concentrado, manipulava a máquina de triturar mandioca; essa "distração" irá custar a mão direita do rapaz, triturada pela máquina.

Gilda, no entanto, não foi punida — pois, sentindo-se ao mesmo tempo vingada e assustada com seu próprio ato, jurava que só chamara João Romão para adverti-lo dos perigos da máquina. Os demais acreditam em sua inocência — com exceção de Norberta, que a tudo assistira, impotente: esta xingava e excomungava Gilda... O parágrafo final do conto mescla tragédia e um certo tipo de ironia popular (que encontra no mote chistoso uma forma amena de pregar moral, sem, no entanto, levar essa pregação muito a sério):

Foi por isso que nunca mais o João Romão seduziu as crioulas dedilhando nas cordas da viola aquelas modinhas faceiras e tentadoras. Mas a Norberta, apesar de o ver maneta e de o saber preguiçoso, fez-se sua companheira definitiva. Essa *cospe três vezes*, sempre que a Gilda passa pela porta cantando escarninhamente, e não deixa que outra vá dormir a sesta no pomarinho de tangerinas, dessas miúdas e que eles comem com casca e tudo. (grifo nosso)<sup>267</sup>

---

266. Júlia Lopes, no citado "Perfil de Preta", p. 227.

267. Idem, *ibidem*, p. 229.

Além disso, observa-se, nesse último trecho, que a autora caracteriza a personalidade da negra e da mulata pelas suas crenças sincréticas e pela original forma de canalização de seus impulsos de rebeldia — que faz uso de subterfúgios (como este, de "cuspir três vezes"), ao invés de partir primariamente para um confronto direto. Através desta espécie de sublimação, forma de desviar a raiva para um comportamento que poderia ser considerado inofensivo, podemos entrever mais uma das maneiras de repressão do comportamento do negro e do mulato numa sociedade "pretensamente livre".

O trágico final deste conto, aliás, não estaria de todo explicado, caso não nos referíssemos à sua causação social: apesar de ter sido o ciúme a mola propulsora do ato desvairado de Gilda, sua vingança também decorria do tratamento diferenciado dispensado pela sua patroa a ela e à Norberta. Gilda percebia e reconhecia com agudeza a razão da preferência que tanto João Romão como dona Ricarda Maria externavam por Norberta: "Norberta passava por ser a crioula mais bonita e de mais asseio; vestia-se de engomados e de chitas claras" — signos que, aproximando-a do fenótipo dos brancos, tornavam-na, num processo de "branqueamento social", mais estimada por estes.<sup>268</sup>

Mas, a questão do negro não permanecerá como mero objeto de especulação acerca das mazelas sociais do país. Num atitude de aproximação com relação ao negro, algumas das colaboradoras de *A Mensageira* chegam a identificar a condição subalterna da mulher na sociedade brasileira com aquela que fora vivenciada pelo escravo — e, em certo sentido, continuava sendo vivida por negros, mulatos e pardos libertos naquela ordem social essencialmente excludente que a Abolição e a República pouco haviam logrado alterar. Desta forma, vemos aparecer na revista um discurso que identifica a condição de servidão feminina com o cativo dos negros — é o que constatamos, por exemplo, numa crônica de Maria Emília:

---

268. Um dos mais importantes efeitos psicossociais da escravidão, o processo de "branqueamento social" encontra-se determinado pela auto-avaliação negativa de negros e mulatos. Regulando-se, como anteriormente fazia o escravo, pela expectativa que os brancos alimentam a seu respeito, negros e mulatos acabam por interiorizar uma imagem negativa de si mesmos que irá afetar sua própria conduta social: na tentativa de dinamizar a própria condição subalterna, num movimento que visa a distinção e a aquisição de algum "status" social, negros e mulatos assumem signos e códigos capazes de fazê-los "passar por brancos". Para um detalhamento deste conceito, consultar Octavio Ianni, *As Metamorfoses do Escravo: Apogeu e Crise da Escravatura no Brasil Meridional*, São Paulo, Editora Difusão Européia do Livro, 1962.

Desde os mais tenros dias de minha infância, revoltei-me contra a escravidão dos negros e contra o cativo da mulher! Nunca pude reconhecer o privilégio do *branco* nem o privilégio do *homem*! Nós todos, que pensamos e sentimos, que sofremos e que amamos, que trabalhamos e lutamos pelo desenvolvimento da humanidade, cada qual à medida de suas forças, temos direito a essa divina graça — a liberdade! Ela é essencial a toda *alma*, como o ar a todo *ser*. (grifos da cronista).<sup>269</sup>

Além disso, podemos observar a preocupação de algumas escritoras de *A Mensageira* com as condições de trabalho dos imigrantes recém-chegados ao país para o trabalho na lavoura. É o que ocorre no conto-crônica de Ridelina Ferreira "Um Episódio na Roça: Os Imigrantes" — em II (25):17-20 — no qual a autora descreve a chegada de uma leva de imigrantes italianos a uma fazenda do interior fluminense. Revelando-se de início ansiosa pela expectativa da espera dos imigrantes (que certamente trariam um espetáculo novo para a vida monótona da fazenda), o sentimento experimentado por Ridelina ao avistar aquela massa de gente, que chegava cansada e maltrapilha, transforma-se em compaixão, em preocupação com o destino daquele povo vindo de tão longe, desconhecedor de nossa língua e completamente desprotegido em nossa terra:

As carroças acabavam de entrar no terreiro e começou a descer essa misera gente sobraçando trouxas, vasilhas, sapatos, cobertas, e não poucas vezes de envolta com esses objetos uma criança qual outra trouxa também.

Alguns traziam os filhos doentes, vítimas já da diferença de clima e de alimentação; e esses pobres anjos, inconscientes da necessidade que obrigava seus pais a se expatriarem, eram justamente os que mais padeciam com isso.

Vinham todos extenuados, com os rostos tostados pelo sol; eram velhos, crianças, moços fortes e robustos que já tinham dado causa a que alguém murmurasse junto a mim: "estão mesmo bons para a enxada"!

(...) Pobres, pobres! E minha alma se confrangia ante tanta miséria.

O reboiço continuava. Era um murmúrio de vozes, de frases para nós incompreensíveis, por entre as quais apenas entendíamos as invocações: — "Madona mia!" "Dio Santo!" por onde conjecturávamos que esses infelizes invocavam a providência divina, nos transe afliativos por que passavam.

E, mais adiante, a piedade cede lugar à consciência da exploração e das duras condições de existência a que ficariam submetidos os imigrantes:

---

269. "Com Ares de Crônica", em I(15):230. A mesma associação entre o cativo da mulher e a escravidão do negro reaparece numa outra crônica da mesma Maria Emília, estampada em I(20):307-309: lembrando o feminismo de um dos nossos maiores abolicionistas, André Rebouças, a cronista estabelece claramente a ligação entre a luta pela superação da condição subalterna da mulher e do negro: "Os lutadores convictos têm (...) compensação a tudo que sofrem; para que o seu coração irradie de júbilo e mais acentue a sua fé, basta às vezes uma única frase de um homem superior, como aquela de André Rebouças, no seu livro 'Orfelinato Gonçalves de Araújo', ao terminar a transcrição de um trecho de Sophie Raffalovich: 'Todas essas reflexões levam a um problema novo para as raças neolatinas: — Abolição da escravidão da Mulher'." (grifo da cronista)

Finda a descida e tendo eles tomado o alimento que se lhes destinara, (...) aboletaram-se nos aposentos improvisados, os quais tinham em espaço o que lhes faltava em número, e ficaram assim todos numa promiscuidade impossível de evitar.

À tarde, (...) reuniram-se novamente no terreiro e começou então a distribuição das enxadas. (...) Não ficavam isentos na distribuição, nem velhos já bem curvados para o solo, nem guapas raparigas (...), nem rapazinhos que mereciam viver aconchegados ao seio materno.<sup>270</sup>

A simples menção na revista destes aspectos, ainda que de forma esparsa e inconstante, é fundamental para o questionamento das possibilidades de afirmação de uma identidade nacional homogênea. Ao chamar a atenção para as diversidades internas do país, tais aspectos apontam as contradições do pensamento feminista da revista: neste sentido, a preocupação com os setores marginalizados da sociedade brasileira parece ter tido efeito retroativo sobre a questão feminista, redundando na discussão sobre as condições de assimilação da mulher naquela sociedade em vias de transição.

O aprofundamento destas dúvidas sugeriria, inclusive, a superação do próprio discurso nacionalista. A percepção da anulação das diversidades regionais (que, como já dissemos, foram valorizadas pelas escritoras, numa perspectiva de consolidação de identidades ou tradições) promovida pelo discurso homogeneizador da nação, provocaria a mobilização de alguns daqueles colaboradores da revista — que, então, reagiriam produzindo uma literatura de cunho francamente regionalista.

No caso da escrita feminina, esta aproximação das realidades regionais ultrapassaria os limites da escolha de conteúdos, acabando por impregnar o próprio estilo de algumas das escritoras que passam a defender, por oposição ao artificialismo e ao preciosismo (característicos de grande parte da literatura masculina produzida no período), a legitimidade dos cânones literários mais próximos da linguagem falada, algo aparentada com o que poderíamos chamar de "dialeto caipira".

---

270. Os dois trechos selecionados acima encontram-se em II:19-20. A temática da imigração também está implicitamente presente num conto de Júlia Lopes de Almeida, "Marinha", estampado em I(24):370-372. Nessa "Marinha", a escritora descreve os sentimentos de Tommaso, um imigrante napolitano que, tendo deixado sua pátria na juventude, divide-se entre as saudades da Itália que ainda o acompanham (mesmo agora em sua velhice) e as raízes criadas no Brasil, a mais importante delas representada por seu neto Guilherme, já nascido em nosso país: "Afinal, onde se cria raízes é que se deve ficar... e que são os filhos? Raízes que nos prendem à terra. O Brasil é a grande pátria de meus netos, será aqui a minha cova..."

VI.4 — A CONTADORA DE ESTÓRIAS CONTRA O "BURILADOR DE VERSOS":  
TRADICIONALISMO, CULTURA POPULAR E CONFLITO DE GÊNERO  
EM "A MENSAGEIRA"

Sendo assim, se é possível falar de um projeto estético alternativo em *A Mensageira*, temos de ir buscá-lo nos artigos de crítica literária de "Perpétua do Vale" — heterônimo sob o qual permanece oculta, ao longo de todo o período de circulação da revista, uma "outra face" de Prisciliana Duarte de Almeida.

Como a própria escolha do pseudônimo já indica — a perpétua é uma flor originária da Ásia, que aclimatou-se perfeitamente ao nosso solo, nele chegando a crescer espontaneamente, tornando-se popularmente conhecida como símbolo da saudade e da tristeza em razão da perenidade de sua pétalas, que "não murcham"; o designativo "do Vale" alude às origens da própria poetisa (proveniente do sul-mineiro Vale do Sapucaí) —, esta identidade assumida por Prisciliana será responsável pela definição das diretrizes daquilo que esta poetisa gostaria de ver transformado em paradigma da literatura feminina nacional: a exigência de maior *constância* na produção literária das escritoras brasileiras<sup>271</sup> e a necessidade de *enraizamento* cultural de seu conteúdo estético.<sup>272</sup>

---

271. O nome "Perpétua do Vale" aparece na revista 15 vezes, conforme consta do índice onomástico que organizamos; descontando uma delas (simples menção em I:256), mais duas em que "Perpétua" surge como dedicatória (em I:295 e II:131), são 12 os textos assinados dessa forma por Prisciliana Duarte: 3 poemas e 9 matérias em prosa. O primeiro desses nove textos — localizado em I(5):72-76 — já faz, de maneira objetiva, a cobrança de maior assiduidade na produção literária feminina nacional; trata-se da resenha referente a um livro de Ibrantina Cardona, em que Perpétua do Vale finaliza exortando: "O nosso mais vivo desejo é que seja ele o livro de estréia e não o único livro de Ibrantina Cardona. É este um dos lados tristes da literatura feminina em nosso país; quase todas as escritoras se limitam a um único trabalho: Narcisca Amália parou nas suas *Nebulosas*; Adelina Lopes Vieira não nos deu os livros que poderia ter dado (...). Fazem exceção a essa regra geral, Júlia Lopes de Almeida (...); Zalina Rolim (...); Júlia Cortines (...)."

272. A exigência de maior enraizamento cultural perpassa tanto os textos assinados por Prisciliana como aqueles de "Perpétua do Vale", assumindo configuração mais clara na resenha publicada em I(19):295-298, onde a poetisa revela o desejo (já efetivamente realizado no caso de uma de suas composições) de ver sua produção integrada ao cancionário popular: "Confesso que uma das vezes que me senti mais intimamente satisfeita em minha vida foi ao saber que numa aldeia de Minas puseram em música algumas quadrinhas de minha lavra e que essa modinha era cantada ao som do violão por uma formosa morena, de voz inculca e rude, como a minha lira!". A sugestão deste enraizamento surge também na resenha do santista Alberto Sousa — em I:277-280 — que, criticando um livro do estreante José Vicente Sobrinho, aconselha a troca do falso orientalismo por uma observação mais acurada da realidade nacional: "Com tal espontaneidade e brilho de linguagem era para desejar que José Vicente fosse menos parnasiano, menos exclusivista da forma (...). Se em vez de se desterrar, como os fundadores da escola parnasiana francesa, para os confins do Oriente maravilhoso, (...) o artista aplicasse o talento viril na observação cuidadosa dos tipos e da civilização de nossa terra, com certeza que o seu formoso livro de estréia teria sido uma obra mais completa e valiosa (...). O "casamento" do texto de Perpétua do Vale com a resenha de Alberto Sousa não parece casual, refletindo inclusive uma espécie de "aliança antiparnasiana" que atinge, em última instância, o guardião do parnasianismo à francesa Sílvio de Almeida, marido de Prisciliana.

Procurando, então, modos de expressão mais próximos da realidade local, algumas colaboradoras de *A Mensageira* desenvolvem uma literatura eivada de oralidade: algo verificável (no campo da poesia) nas formas e nos gêneros poéticos, na metrificacão e na linguagem adotados: utilização de substantivos e adjetivos no diminutivo, recurso aos poemas desdobrados em quadras, abandono dos decassílabos e alexandrinos (característicos do parnasianismo) em favor do verso em redondilhas, etc. Estes elementos estariam presentes na produção da própria Prisciliana e na poesia de gaúchas como Cândida Fortes, Julieta de Melo Monteiro e Ridelina Ferreira, como também, talvez de maneira ainda mais evidente, na produção poética de nordestinas como Francisca Clotilde, Adélia Jucá, Auta de Sousa e Edwiges de Sá Pereira.

No terreno da prosa, a adoção de um estilo mais simples e isento de preciosismos, pode ser constatada de modo mais imediato nos contos e crônicas de Maria Clara da Cunha Santos e Maria Emília Lemos: nestes textos observamos as características associadas com maior frequência a essa postura — entre elas, o ritmo mais fluente, não raro combinado com o gosto pelo chiste e pelo epigrama despretencioso.

Tais características resultam na proposição, como modelo para a literatura feminina, da figura da "contadora de estórias", que nos fala de mansinho, "ao pé", num clima de intimidade e cumplicidade que colide com a postura racional e objetiva típica do escritor-bacharel — o "burilador de versos", no dizer de Perpétua do Vale<sup>273</sup> —, tomado pela obsessão da perfeição formal, que o faz tornear seus versos na busca incessante da métrica ou das rimas exatas e das sonoridades mais raras e extravagantes (ou, no caso da prosa, leva-o a sacrificar a expressão em favor de um realismo estrito, destituído de finalidade, e de uma retórica impregnada de preciosismos).

Neste sentido, os traços de um regionalismo paulista ou mineiro, a que já aludimos em item anterior deste capítulo, deveriam ser reinterpretados como manifestações de uma postura tradicionalista — que, para utilizar a diferenciação mannheimiana, não implica conservadorismo — de maneira ainda mais evidente quando (como procuramos demonstrar para o caso de *A Mensageira*) este recurso às tradições, ao fornecer subsídios

---

273. Ao resenhar aquela primeira coletânea poética de Ibrantina Cardona (*Plectros*, 1897), "Perpétua do Vale" enfatiza a superioridade dos versos menos pretensiosos dessa escritora: "Para nós a última parte do livro é que revela a poetisa. Ali encontram-se estrofes originais, feitas com ardor e grande espontaneidade. Ao lê-las convencemo-nos de que estamos diante de uma alma que sente, que vive e que espontaneamente canta. Esta espontaneidade é que distingue o poeta de raça do burilador de versos" — grifos nossos, texto da p. I(5):74.



para a consolidação da identidade destas mulheres escritoras, subordina-se à "causa progressista" do feminismo.

Assim, a questão de gênero, ela mesma passa a interferir no quadro, como elemento de desequilíbrio, desnudando a estrutura de poder cultural — que, como alerta Stuart Hall, encontra-se dissimulada na expressão unívoca da "cultura nacional". Cabe lembrar, aliás, que esta manifesta ojeriza ao "bacharelismo" assumida pelas colaboradoras de *A Mensageira* não teria apenas conotações literárias, envolvendo também a discussão dos direitos femininos: como já apontamos anteriormente, foi justamente o machismo imperante entre os bacharéis em direito que deu origem ao caso Mirtes de Campos — luta finalmente ganha com o reconhecimento, em fins de 1899, do direito constitucional das mulheres não só advogarem como exercerem livremente toda e qualquer profissão; desse modo, Mirtes de Campos tornou-se, na verdade, protagonista de um anseio coletivo das mulheres brasileiras que desejavam ver seus estudos (acadêmicos ou não) compensados e transformados em exercício profissional oficialmente reconhecido.

Numa outra direção, o questionamento da "identidade nacional homogênea" fez-se pela adoção de uma visão distanciada e crítica com relação ao próprio país: devemos lembrar, neste caso específico, que a radicalização do feminismo de *A Mensageira* passaria pela adoção de uma postura internacionalista — o que implicaria, naquele exato momento da virada dos séculos XIX-XX, sua adesão incondicional ao socialismo ou ao anarquismo. E, se tal radicalização não ocorre, isso talvez se deva às próprias limitações da sociedade nacional, ainda imatura para aceitar convenientemente as propostas de emancipação da mulher já colocadas em prática em outros países.

Apesar de seu "feminismo moderado", à brasileira, *A Mensageira* chega, no entanto, a estampar artigos em que a radicalização das reivindicações encontra-se latente, como é o caso, por exemplo, da matéria "Le Feminisme au Brésil", remetida pelo jornalista português Xavier de Carvalho, radicado em Paris.

Reproduzida excepcionalmente no original francês, numa revista que prima pelo amor ao vernáculo, sua própria publicação no idioma original parece denotar, significativamente, receios da diretora da revista com relação a uma possível repercussão negativa destas colocações revolucionárias. Xavier de Carvalho aproveita a oportunidade para atacar, ao mesmo tempo, a feição reformista-burguesa que estaria sendo assumida

pelo feminismo brasileiro, assim como a educação católica tradicionalista, responsável por distorções da mentalidade da mulher brasileira em geral:

"A Mensageira" a peut-être le tort d'être plutôt une revue littéraire qu'une revue de combat et de ne pas se laisser entraîner dans une voie résolument révolutionnaire. Au Brésil, où l'éducation catholique (comme au Portugal e en Espagne) a empoisonné l'esprit de la femme, il faut faire par tous les moyens une très vive et très grande agitation, pour arriver à des résultats pratiques.

(...) Nous avons l'espoir que le mouvement, encore timide, de la "Mensageira" de Saint-Paul, aura fait donner un grand pas à l'idée féministe au Brésil.<sup>274</sup>

---

274. Texto das pp. II(30):128-129 — que, traduzido com alguma liberdade, significaria: "A Mensageira talvez padeça do erro de ser antes uma revista literária do que uma revista de combate, não se deixando elevar rumo a um caminho decididamente revolucionário. No Brasil, onde a educação católica (como em Portugal e na Espanha) envenenou o espírito feminino, é necessário fazer, por todos os meios disponíveis, uma grande e vívida agitação para que se chegue a resultados práticos. (...) Temos a esperança de que a mobilização, ainda tímida, de A Mensageira de São Paulo, tenha feito o ideal feminista brasileiro avançar um grande passo".

VII — "A MENSAGEIRA DA CIVILIZAÇÃO"<sup>275</sup>  
OU  
"O AMOR POR PRINCÍPIO, AS LETRAS POR BASE E  
O PROGRESSO POR FIM"

*O presente livro não é um trabalho de floricultura. O Panthéon feminino, se por um lado faz lembrar os jardins pênisis do tempo de Semiramis, por outro lado reflete o espírito do século, para o qual, no dizer de Tobias Barreto, "a própria poesia já não é o que foi outrora, uma coisa frívola, pueril, porém um ato de sensatez, uma profissão de fé filosófica, um trabalho sério e refletido como uma conta corrente."*

INÊS SABINO (1899), Prefácio de  
*Mulheres Ilustres do Brasil*.<sup>276</sup>

A epígrafe acima, transcrita de um texto de Inês Sabino rigorosamente contemporâneo da publicação de *A Mensageira* — traduz, como a própria autora já assinalava, o "espírito da época", auxiliando no balizamento do contexto histórico-social a partir do qual devemos encetar a compreensão da literatura feminina presente na revista.

Como já indicamos em outros pontos desta dissertação, devemos ter em mente, antes de mais nada, que a literatura feminina produzida neste período encontra-se dentro de um movimento mais amplo de laicização das instituições sociais e da cultura no Brasil — secularização de costumes e idéias que esteve em larga medida associada aos primórdios da instauração de uma ordem burguesa em nosso país e à difusão entre nós de idéias liberais, positivistas e evolucionistas.

---

275. Esta expressão foi cunhada por Ibrantina Cardona na carta dirigida a Prisciliana Duarte de Almeida publicada em *A Mensageira*, I(3):38-41. O último período dessa carta (p. 41), do qual retiramos a expressão "a mensageira da civilização", dizia: "Oxalá que *A Mensageira* da civilização, na espinhosa senda por que vai atravessar, conseguindo erguer a mulher ao nível da luz, no plaustro azul da Arte, possa desfraldar o lábaro da vitória, para compensação do vosso imaculado ideal, minha Senhora!"

276. Publicado originalmente em 1899 por H. Garnier Livreiro-Editor (Rio de Janeiro), este livro, além de prefaciado pela própria autora (o trecho selecionado se encontra na página VII), foi precedido por uma "Carta à Leitora" do pernambucano Artur Orlando, da Escola de Recife; compõe-se de uma série de perfis biográficos de mulheres brasileiras que se destacaram, desde os tempos coloniais, nos mais diversos campos de atuação. A obra recebeu em 1996 oportuna reedição fac-similar pela Editora das Mulheres, de Florianópolis.

Seguindo as expressões usadas por Inês Sabino, depreende-se que seu livro, parte integrante da produção literária feminina nacional, não se compraz em ser mero ornamento: sua obra, assim como aquelas realizadas por suas companheiras de escrita, não quer ser apenas "um trabalho de floricultura"; baseando suas colocações no pensamento de Tobias Barreto, a escritora baiana afirma ainda que esta literatura contém algo de filosófico — convertendo-se, mesmo nesta qualidade teórica, em "ato".

Associação de ato e pensamento, tal literatura seria um "trabalho sério", produto da reflexão e da prática, capaz de reproduzir, no terreno literário, situação similar àquela caracterizada pela racionalidade e pela transparência que presidem a lógica dos negócios, tornando essa literatura comparável a "uma conta corrente".

Desse modo, oscilando entre apresentar-se como uma publicação voltada para o objetivo de "estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias",<sup>277</sup> ou, cedendo espaço à colaboração masculina, abandonar a ênfase no caráter de congregação feminina — atitude que revelaria o esforço consciente de ampliar as bases de legitimação de seu discurso — constatamos que o aparecimento da problemática feminina e feminista em *A Mensageira* não se realiza de maneira isolada, mesclando-se a reflexões mais abrangentes acerca do estágio de desenvolvimento da sociedade e do pensamento nacionais.<sup>278</sup>

Juntando-se a este aspecto (inerente à relação dos intelectuais com o meio nacional) a perspectiva de um debate internacional mais amplo, podemos constatar que o próprio modo de encaminhamento e explanação destas reflexões esteve condicionado pelo diálogo estabelecido entre a intelectualidade brasileira e as principais correntes de pensamento de então. Como já mencionado em capítulos anteriores, o positivismo comtiano constituiu, àquela época, uma das correntes de pensamento de maior penetração, de modo que os colaboradores de *A Mensageira* não estiveram insensíveis à contaminação das idéias positivistas (às quais agregaram, no entanto, elementos de outras correntes de pensamento).

---

277. Palavras de Prisciliana Duarte de Almeida no editorial "Duas Palavras", matéria com que se abre o número inaugural da revista, I(1):1.

278. A constância com que aparecem, intercaladas nas reflexões acerca do lugar social da mulher, avaliações das idiossincrasias nacionais ou relativas às possibilidades de superação do atraso do país, autorizaram-nos a separar um capítulo específico para a temática da nacionalidade, tal como aparece no discurso literário de *A Mensageira* (cap. VI).

Neste sentido, o pensamento de *A Mensageira*, encarado em suas implicações filosóficas, ultrapassa os limites do positivismo comtiano, para ir encontrar nas idéias e no projeto do Iluminismo — herdados do século XVIII (e dos quais deriva o próprio positivismo oitocentista) — um campo mais apropriado para a explanação da problemática feminina e feminista.

A caracterização desta passagem (retrocesso?), das mediações lógico-práticas que permitiram aos colaboradores da revista transitar da perspectiva mais restrita do positivismo comtiano para os quadros mais amplos da filosofia iluminista, constitui o principal objetivo do presente capítulo. Entretanto, também é possível observar que a perspectiva racionalista e científica — uma vez depurada dos exageros do positivismo ortodoxo, mais próxima da postura crítica e dialética do iluminismo — encaminha as reivindicações de emancipação feminina na revista: por isso, a exploração das metamorfoses sofridas pelo iluminismo com vistas à sua adequação à causa feminista e o recurso ao evolucionismo spenceriano ocuparão boa parte das considerações finais deste capítulo.

## VII.1 — O POSITIVISMO NA REVISTA:

### REGENERAÇÃO SOCIAL, A MISSÃO FEMININA E A MULHER ÚTIL

O positivismo apresenta-se de forma articulada em *A Mensageira* na utilização recorrente, nas teses desenvolvidas por seus colaboradores, do conceito de "regeneração social". Partindo da premissa de que a solução para o estado de anomia social (a que o progresso da ciência e da sociedade estariam nos conduzindo) passava pela realização de uma reforma moral, a cartilha positivista reservava para a mulher uma posição proeminente neste processo de regeneração da sociedade.<sup>279</sup>

---

279. A escolha preferencial de mulheres e proletários como propagadores da "religião da humanidade" é justificada por Comte no Prefácio ao *Catecismo Positivista*: "Por mais sólidos que sejam os fundamentos (...) da disciplina intelectual que a filosofia positiva institui, esse regime severo é demasiado antipático aos espíritos atuais para que ele possa prevalecer jamais sem o apoio irresistível das mulheres e dos proletários. A necessidade de tal regime não pode ser somente apreciada senão nesta dupla massa social, que, alheia a toda pretensão doutoral, é a única que pode impor a seus chefes sistemáticos as condições enciclopédicas exigidas pelo ofício social deles" (pp. 107-108 da mencionada tradução de Miguel Lemos). Explanada desta forma, a missão regeneradora ainda exhibe uma certa neutralidade (sugerindo, inclusive, parceria entre mulheres e proletários), mas seu caráter conservador se revela mais adiante, quando a mulher é apontada como frenadora da revolução proletária: "Sob a santa reação da revolução feminina, a revolução proletária purificar-se-á espontaneamente das disposições subversivas que até aqui a têm neutralizado. O sexo afetivo, tendendo a fazer justamente prevalecer por toda parte a influência moral, reprova essencialmente as brutalidades coletivas, e ainda suporta menos o jugo do número que o da riqueza." (obra citada, p. 115).

Enquanto mãe e educadora, responsável pelo inculcamento da "idéia moral" nas crianças (futuras construtoras da Pátria e da Humanidade), a mulher passava a ter uma "missão" bem definida no processo de regeneração social — tarefa para a qual tornava-se necessário o aperfeiçoamento da instrução feminina; de modo que, introduzida por esta via, a reivindicação da necessidade da educação feminina vai se constituindo na principal bandeira levantada pelo periódico.

Segundo esta perspectiva moderada e circunscrita às funções domésticas da mulher, a instrução feminina era encarada em seus efeitos multiplicadores: pressupondo que toda mãe deve educar seus filhos, tornando-se assim responsável pela transmissão de conteúdos e valores, a educação feminina passava a ser a fonte (e, de certa forma, o filtro moral) da própria educação masculina.

No texto "Cartão de Parabéns", publicado no primeiro número da revista, Sílvio de Almeida congratula-se com os objetivos da revista — tentando, no entanto, direcioná-los para uma via aceitável perante os preconceitos burgueses. Pois, ao colocar em primeiro plano os interesses da Família e da Humanidade, exige uma certa atitude de abnegação por parte das mulheres:

Esta revista representa um feliz tentâmen, digno, por certo de todo o acoroçoamento. Em suas páginas delicadas e encantadoras vem palpitar a *alma inesfável* da mulher brasileira (...). Esta revista aparece aos olhos, talvez espantados da velha educação burguesa, como um brado eloquente em favor da emancipação intelectual do *eterno e doce feminino* (...). Por enquanto, temos apreciado apenas a mulher como um ente sensível; agora, é preciso que a vejamos como uma criatura intelectual (...). Só assim é que ficarão as mulheres inteiramente associadas à obra da nossa *regeneração social, política e religiosa*: serão nossa irmãs principalmente pelo cérebro, ou por sua ativa e consciente cooperação nos destinos ideais da *Humanidade*. Não lhes falta competência para tão *santa cruzada*. (...) Aberta aos talentos feminis, não tem esta revista por alvo uma ridícula ostentação literária: ela visa sobretudo o *elevado fito da justa dignificação da mulher, o elemento central da família e da sociedade*. (grifos nossos)<sup>280</sup>

Embora enfatize a necessidade de aperfeiçoamento das habilidades racionais femininas, Sílvio de Almeida recorre a uma adjetivação que sacraliza a mulher, contradizendo seu argumento e reafirmando as diferenças sexuais — que, em última instância, justificariam a atribuição de funções sociais diversas para homens e mulheres no processo de reconstrução social: enquanto ao homem se permite interferir de forma direta e dinâmica (deve ele atuar projetando e dirigindo a renovação social), relega-se a mulher a uma atuação indireta sobre a sociedade, através de seus predicados afetivos e morais.

---

280. Cf. texto de I(1):10-11.

Colocada nestes termos, permanecendo dentro dos quadros do positivismo ortodoxo, a questão feminina não se configura como "questão feminista", circunscrevendo-se ao problema da "integração social"<sup>281</sup> da mulher — integração que não parte do indivíduo feminino, da avaliação de suas necessidades, direitos ou anseios: subordina-se, pelo contrário, aos interesses do todo social mais vasto (do qual a família constitui, para a mulher, o ponto nuclear de contato).<sup>282</sup>

Dada a complexificação da sociedade ocidental, entende-se não ser mais possível manter a mulher naquela sua antiga condição de inatividade; de onde nasce um discurso que preconiza a *mulher útil*,<sup>283</sup> chamada a participar da complexa rede social e material de que está formada a sociedade moderna.

Desta forma, a denúncia da situação de passividade e ignorância a que vinha sendo condenada a mulher em nossa sociedade efetua-se, em certos artigos da revista, sob a contaminação da linguagem mecanicista. Este modo de encaminhar a questão feminina, elevada agora à categoria de questão "de ciência", embora possa ter servido para aumentar a credibilidade da questão perante os leitores da revista, acaba diminuindo a contundência do discurso de *A Mensageira* — esvaziado pelo distanciamento e pretensão de neutralidade exigidos pela postura científica — no que se refere à causa feminista propriamente dita.

---

281. Essa idéia de integração social ressurgue num texto de Néelson de Sena ("Pelayo Serrano"), em I(7):104. Afirmando o desejo de também alcançar a parcela masculina esclarecida da população brasileira, o articulista assim se expressa: "(...) eu vou certo aqui àqueles que, desapaixonados e sem tenções de finos galanteios às damas, desejam ver abatido o preconceito, o sectarismo masculino, que até hoje tem vindo, no correr dos tempos e das raças, prejudicando a evolução mental da mulher, a sua *plena integração ético-sociológica* no atormentado cosmos da vida contemporânea." (grifo nosso)

282. Aliás, este é um problema mais geral da doutrina comtiana, que assume uma visão determinista do ser humano, onde a questão da liberdade individual subordina-se ao processo supra-individual da evolução da sociedade. Segundo Ricardo Veléz Rodrigues, para Comte "a questão da liberdade, quando considerada em si mesma, sem referência ao contexto da marcha da civilização, é um problema metafísico. Só tem sentido *falar* da ação do homem em relação ao processo supra-individual. (...) Fora do projeto totalizante da religião comtiana, perde sentido a vida humana. A felicidade é questão de inserção incondicional do indivíduo no todo social, 'num destino comum'." ("A Vertente Religiosa do Positivismo Francês", em *A Ditadura Republicana Segundo o Apostolado Positivista*, unidade V do "Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro", Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982, pp.25-26, grifo do autor).

283. Esta expressão é usada no texto de Inês Sabino "Na Tebaida", pp. I(4):58-60, no qual podemos constatar o imbricamento da problemática feminina, da questão educacional e da temática da nacionalidade. Elogiando o recente aparecimento de *A Mensageira*, a correspondente se refere ao significado da publicação de um periódico dessa natureza: "De novo em cena aparece a mulher brasileira no ideal do talento, com uma senda a seguir: — a *elevação intelectual, combatendo os erros da sociedade, nessa suprema ventura de ser útil à família, à pátria e à humanidade*, despojando do seu coração as fraquezas que porventura lhe possam advir no espinhoso encargo de educar a infância, a adolescência e a mocidade." (grifos nossos)

É o que ocorre, por exemplo, no artigo intitulado "A Mulher é uma Força Ativa na Sociedade", em que a médica Marie Rennotte faz uma defesa da educação feminina, dirigindo-se sobretudo ao interlocutor masculino e apoiando suas reflexões em premissas tomadas de empréstimo ao campo das ciências experimentais (da física, no caso):

(...) O homem ainda, devido a razões que não se explicam, descuida de uma força que ele tem sob a sua mão — esta força é a mulher. (...) Podemos dizer que a mulher é o agente que impele a uma geração os movimentos ou tendências para o bem ou para o mal (...). Queremos que esta ação que ela opera sobre as jovens criaturas seja proveitosa, útil à humanidade? Devemos trabalhar para que o espírito da mulher seja esclarecido (...). Justo é pois, chamar força motriz (...) a mulher instruída, aquela que atua no sentido do movimento ou adiantamento (...). Da cultura do espírito da mulher resultará que, entre as suas idéias e as do marido *haverá afinidade* e desta combinação (...) surgirá a força; força resultante de dois agentes ou componentes que não neutralizarão seus esforços, mas sim acelerarão o movimento, *a marcha do progresso*. (grifos nossos)<sup>284</sup>

Vemos desde logo que esta perspectiva pressupõe um *consenso de idéias*<sup>285</sup>, uma comunidade desigual entre homens e mulheres, estas devendo aceitar ser dirigidas por aqueles, visando o bem estar da sociedade em geral — o que sugere estar a educação feminina aí propugnada muito mais vinculada aos interesses gerais (ou, melhor dizendo, da maioria masculina que decide o conteúdo destes interesses) do que aos interesses femininos propriamente ditos, razão porque esta perspectiva de reivindicação acaba se desvirtuando, limitando o campo de desenvolvimento de propostas feministas mais radicais.

Outro exemplo de como o viés positivista interfere, até mesmo em termos lógicos, obstaculizando a reflexão feminista presente na revista, pode ser constatado

---

284. Cf. texto reproduzido em I(9):141-142. Este potencial transformador da instrução feminina, capaz de catalisar uma energia social inerte (representada pela mulher "em estado de ignorância") na direção de seu melhor aproveitamento, já havia sido mencionado por Ibrantina Cardona em I(3):41: "Instruída com solidez, ela [a mulher] não será um peso para o seu companheiro, um fardo para a sociedade; mas, sim, um braço forte que lutará com dignidade e altivez para a felicidade da família e para o orgulho desta grande Pátria"(grifo nosso). O tema reaparece num trecho selecionado dos discursos do deputado federal Costa Machado, em I(12):188; neste caso, aliás, devemos notar as coincidências semânticas entre a linguagem utilizada por Costa Machado e aquela do texto de Marie Rennotte: "A humanidade vindoura pode rir-se de nossa inépcia e dizer: — Como é que os homens desprezaram essa grande força, que é a metade do gênero humano, a mulher? Ela, tão cheia de vigor, entusiasmos e devotamentos?"

285. Embora enfatizando a necessidade de educar-se a mulher tanto quanto o homem (o que pressupõe igualdade de direitos), a mesma idéia de que a educação de ambos deve ser análoga, num sentido que denota mais "conformação" do pensamento feminino do que libertação da mulher pelo conhecimento, já havia sido externada num dos textos da "Seleção", em I(3):45, num excerto do livro *Arte de Educar os Filhos* de Américo Werneck: "Quando o marido e a mulher foram criados nos mesmos princípios de sensatez e trabalho, quando existe entre eles combinação de esforços e analogia de sentimentos, quando foram desde o berço submetidos à mesma disciplina mental, não restará dúvida sobre a felicidade que os há de unir."



na crença, externada por algumas de suas colaboradoras, acerca da existência de certas leis que estariam conduzindo inexoravelmente a sociedade para um estágio mais avançado e igualitário, onde a participação equânime de homens e mulheres no todo social estaria assegurada — raciocínio que, levado às últimas consequências, tornaria o próprio ativismo feminista desnecessário e inócuo. Observemos, neste sentido, a argumentação inicial de Anália Franco neste texto doutrinário incluído em II(25):6-9:

*As leis universais da evolução ampliando e desenvolvendo, cada vez mais na consciência humana, a iluminação do direito e o sentimento da justiça, vão fundando pouco a pouco os alicerces de uma nova fase de fraternidade e de igualdade universais. Nunca as qualidades altruístas e beneficentes da natureza humana foram postas em tanto relevo como no presente século. (...) Com relação à mulher nos países mais cultos, a sua posição social tem melhorado consideravelmente (...). (grifos nossos)<sup>286</sup>*

Ora, se nos "países cultos" as coisas estariam andando bem para as mulheres, como iam as coisas no Brasil? Não tão bem, conforme podemos inferir do próprio texto. Poderíamos então objetar à articulista: que "leis universais" são estas que atingem desigualmente os diferentes países do globo, ou, com menor exigência, aqueles que conformam a chamada "civilização ocidental"?

É a própria Anália Franco quem, dando sequência ao texto acima citado, irá responder a estes questionamentos — numa exposição de argumentos de linhagem positivista aqui combinados com o verniz de teorias do racismo científico mal assimilado; e a realidade nacional, por ela mesma aproximada à das nações orientais (em razão de seu atraso), aparece como problema a ser solucionado, primeiramente, na teoria:

*Os mais benéficos resultados da cruzada em favor dos direitos da mulher, só serão conquistados nos estádios mais adiantados da humanidade. Neste ponto as nações acham-se retardadas, umas mais do que outras, devido talvez aos fenômenos do seu clima, e ao temperamento e origem da sua raça. Nas atuais condições da nossa sociedade em que parece predominar em nós a mórbida estagnação da alma oriental, bem sabemos quanto é ainda difícil e delicadíssima esta questão (...). Todavia o que é mais triste e desconsolador para nós, é que a maior parte das pessoas do nosso sexo, longe de contestarem a postergação dos seus direitos (...), aceitam passivamente numa espécie de entorpecimento de anestesiadas, essa tutela historicamente indispensável a que estão sujeitas, de modo a tornar-se a sua liberdade apenas uma fórmula e não um fato. (grifos nossos)<sup>287</sup>*

Mas, como vemos, o texto de Anália Franco começa a se desvencilhar das assertivas apriorísticas do positivismo e do racismo científico para analisar de maneira mais

---

286. O trecho selecionado encontra-se nas pp. II:6-7.

287. P. II:7 do mesmo texto.

realista as duras condições históricas que limitavam a ação da mulher brasileira: de forma que, corrigindo suas colocações anteriores, a autora desenvolve seu argumento em outra direção, avaliando que o atraso do desenvolvimento feminino entre nós talvez se devesse mais a condições históricas precisas do que a qualquer determinação de origem climática ou racial. Assim, a estagnação da alma feminina nacional, naturalizada no parágrafo transcrito acima, passa a ser encarada como produto de um processo histórico de marginalização a que foi condenada pela parcela masculina do país.

Anália Franco empreende, então, uma explicação mais acurada acerca da realidade psicossocial de grande parte das mulheres brasileiras — que, neste caso, não seriam "preguiçosas" por índole ou escolha, mas estariam sendo, pelo contrário, condenadas à passividade em virtude das limitações sociais impostas ao sexo:

*Desprovidas de experiência, estioladas por uma educação deplorável e fútil (...), é evidente que preferam a sujeição, o servilismo e a doce placidez da obediência automática à preocupação constante, e o trabalho assíduo de fortalecerem-se para as provas da liberdade, e para os combates da vida. (...) Entretanto, o que é mais grave, e o que mais dificulta a elevação do seu nível moral e intelectual é o desprezo que se tem generalizado entre os homens para com a mulher. (grifos nossos)<sup>288</sup>*

Desse modo, o texto de Anália Franco torna-se exemplar, oscilando, assim como parece ocorrer com todo o pensamento externado pelos colaboradores da revista, entre as explicações de cunho biologizante e as avaliações que levam em conta os aspectos históricos e sociológicos da questão feminina.

Assim, a questão feminina vai deslocando seu eixo de implicações, transformando-se pouco a pouco em questão feminista e passando a exigir uma tomada de posição por parte das articulistas da revista. A introdução do dado histórico e a percepção do cerceamento social da mulher brasileira, contribuem, portanto, para um questionamento do conceito absolutizado de progresso inerente à visão positivista; esta nova concepção, mais dinâmica, da questão feminina, aproxima a maioria das colaboradoras da postura iluminista, transformando a reivindicação da educação feminina em pré-requisito para a superação de uma etapa histórica onde a emancipação da mulher, encarada em termos

---

288. Idem, *ibidem*, II: 7-8.

individuais e sociais, ainda não havia sido contemplada.<sup>289</sup>

## VII. 2 — A POSTURA ILUMINISTA EM "A MENSAGEIRA":

### VII. 2.1 A METÁFORA DAS LUZES

Sendo assim, sem exibir uma filiação nítida aos pensadores do Iluminismo (com exceção de Rousseau), os colaboradores de *A Mensageira* aproximam-se da vertente iluminista no que esta postura filosófica contém de questionamento às formas conservadoras de explicação do mundo e aos modos cristalizados de organização da sociedade.<sup>290</sup> Isso explicaria a contaminação da linguagem e da representação literária utilizadas em *A Mensageira* pela metáfora das luzes. A simbologia da iluminação aparece, por exemplo, num trecho de autoria do cronista português Visconde de Benalcanfor:

A mulher doce, carinhosa, mas instruída, de talento, com a *dúpla chama imaterial do amor e da inteligência a flamejar-lhe no coração e no cérebro*, essa tornará o recinto da família prestigioso como um templo, invencível como as mais roqueiras cidadelas. (grifos nossos)<sup>291</sup>

---

289. Embora seja opinião corrente afirmar a primazia do Romantismo na inauguração da abordagem histórica, alguns autores são categóricos no reconhecimento do caráter precursor da filosofia iluminista na exploração dos fenômenos históricos: "O mundo da cultura histórica, ao qual se recorre tanto, do lado do Romantismo, contra a filosofia iluminista, (...) só foi descoberto graças à eficácia desses princípios, graças às idéias e aos ideais do século XVIII. (...) É ainda o século XVIII que, nesse domínio, formulou o problema propriamente filosófico, questionando as condições de possibilidade da história (...). Trata-se (...) de um primeiro esboço, mas ele esforça-se por estabelecer essas condições a fim de apreender o 'sentido' do devir histórico, para adquirir uma idéia clara e distinta do que seja esse sentido, para fixar as relações entre 'idéia' e 'realidade', entre 'lei' e 'fato'." (Ernst Cassirer, "A Conquista do Mundo Histórico", cap. V, pp. 267-310 de *A Filosofia do Iluminismo*, trad. de Álvaro Cabral, Campinas, Editora da Unicamp, 1997).

290. Disto se depreende que o conceito de iluminismo com o qual estamos trabalhando, embora não despreze as condições de seu aparecimento histórico, privilegia sua caracterização como "movimento de idéias", como atitude intelectual que teve amplo impacto sobre a mentalidade ocidental. Perspectiva adotada, aliás, por Cassirer, que esclarece: "O movimento que nos propomos descrever, longe de estar concentrado e fechado sobre si mesmo, encontra-se (...) ligado por múltiplos vínculos tanto ao futuro quanto ao passado. Ele constitui apenas um ato, uma fase singular do imenso movimento de idéias graças ao qual o moderno pensamento filosófico adquiriu a certeza, a segurança de si mesmo (...)." (Prefácio da obra citada, p. 8). Por isso preferimos abandonar as denominações que se referem a um "iluminismo tardio" para caracterizar o descompasso e o atraso com que as modernas correntes de pensamento penetraram no Brasil: embora com certo grau de verdade, esta maneira de encarar o problema não nos parece produtiva na medida em que nos deixa especulando sobre o "horizonte perdido" daquilo que os intelectuais nacionais gostariam de ter realizado (e não daquilo que, efetivamente, a realidade nacional possibilitava realizar). No que diz respeito ao século XIX brasileiro, os ideais liberais encontravam-se, de fato, deslocados num país cuja sociedade, mesmo após a Abolição e a República, carregava a marcas de um passado escravista e oligárquico; mas é preciso lembrar que este quadro de "idéias fora do lugar" (para utilizar as palavras de Roberto Schwarz) exibiu um aspecto funcional no íntimo desta mesma sociedade, sem se caracterizar como atavismo num país onde pensamento filosófico e literatura seriam incapazes de frutificar (ou demorariam para fazê-lo).

291. Ver a seção de "Seleção" da p. I(5):80.

Identificado como o verdadeiro "século das luzes", o Oitocentos seria exatamente a época em que se estaria tratando de dissipar as "trevas" da ignorância de toda a sociedade — processo de generalização do conhecimento que, a fim de se completar, exigia a emancipação intelectual da mulher. No artigo "A Nossa Condição", a colaboradora M. P. C. D. constata a persistência das desigualdades entre homens e mulheres, mas mostra-se esperançosa com relação aos progressos da causa feminina — passando a elencar os pensadores que estariam contribuindo para o "esclarecimento" da mulher e da sociedade:

O século dezanove traz consigo um *facho luminoso*, que dissipa as trevas do egoísmo! As belas páginas de Legouvé, Pelletan, Aimé Martin, Jacolliot e tantos outros, aí estão, dispersas aos quatro ventos, como o prenúncio de reivindicações futuras! (grifos nossos)<sup>292</sup>

Embora ainda associada à idéia de "missão", a tarefa de expansão das luzes do conhecimento vai, paulatinamente, passando do domínio masculino — no caso do positivismo ortodoxo, o homem é guia e mestre da educação feminina — para os domínios femininos. A mulher torna-se, então, além de receptora, uma legítima transmissora do "fogo sagrado" do conhecimento. É o que podemos constatar nestas palavras do poeta Luís Guimarães Júnior:

Guiar a mulher, educai-a, abri-lhe os largos tesouros da instrução, explicai-lhe os infinitos mistérios da inteligência, e ela povoará a terra de heróis; entregai-lhe uma luz e ela iluminará um século. (grifos nossos)<sup>293</sup>

Num tratamento mais especificamente literário, a metáfora das luzes aparece subentendida, por exemplo, na oposição entre "claro e escuro" que podemos encontrar num trecho traduzido da escritora italiana Ida Baccini, intitulado "Dois Livros" — no qual esta autora se refere com carinho ao livro escuro (uma coletânea de reconfortantes textos sagrados) que pertencera à sua mãe, confrontando-o com o livro branco correspondente à cartilha utilizada por seu filho na busca de conhecimentos; o primeiro, repositório da sabedoria dos antigos, representa o passado, enquanto o segundo é identificado com

---

292. Cf. texto da p. I(6):81.

293. Cf. a "Seleção" da p. I(20):316. Embora os exemplos citados da metáfora das luzes tenham conotação progressista, é possível constatar seu emprego como forma de dissimular um discurso masculino preocupado em deter os avanços do pensamento feminino; é o que denota a apreciação (reproduzida em I:32) feita pelo jornal paulistano *O Imparcial*, acerca do n° 1 de *A Mensageira*: "número interessante e prometedora, bem escrito, variado e aquecido por ideais elevados. Ainda bem; para que se arranque a mulher brasileira da preocupação do luxo (...); e para que ela volte e se concentre no lar, de que é o centro luminoso e o foco mais distinto (...)." (grifo nosso)

o futuro, com a esperança de um mundo melhor:

Há quatro anos sobre minha mesinha (...) estava um velho livro de capa escura (...). Era o livro de orações de que, desde mocinha, se servia minha mãe. Aquele livro a tinha acompanhado aos pés do altar, entre as alegrias da maternidade, entre as dores da vida; aquele livro foi o seu conforto, o seu auxílio, o seu guia fiel (...). Quando aquela alva cabeça desapareceu para sempre, o velho livro ficou. (...) E a vista daquele livro me salvou em pensar ou escrever coisa que não fosse alta e honesta.

Hoje um vivo menino alegre com suas graças infantis a casa solitária; hoje um elegante livrinho branco, pousa sobre a minha mesinha ao lado do velho livro de capa escura. Aquele livrinho branco é o silabário. Aquele livrinho branco é a esperança.<sup>294</sup>

Associando a postura iluminista à desenvoltura característica do "jeitinho brasileiro", reencontramos a "metáfora do preto & branco" num conto de Cândida Fortes intitulado "As Borboletas, apresentado em I(19):299-301. Ali vemos dois jovens noivos, Berta e Volmar, que aguardam a permissão da avó da moça para a realização do casamento; mas no momento do pedido uma borboleta preta pousa no recinto, levando a avó de Berta (que interpretara o fato como sinal de mau agouro) a recusar seu consentimento. Desgostosa por estar causando assim a infelicidade da neta, a velha faz suas orações, à espera de um outro sinal que venha desmentir aquele primeiro presságio. Não terá que esperar muito, pois ali mesmo, junto ao altar onde costuma rezar, logo aparecem duas borboletas brancas. Esta última aparição autoriza a avó a reconsiderar a situação e a concordar com o casamento da neta, que ocorre no final da história — em cujo epílogo revela-se o artil utilizado pelo jovem casal para burlar as superstições da velha senhora:

Berta (...) acaba de chegar do templo pelo braço do esposo. Ambos, radiantes de ventura, se dirigem ao aposento da avó de Berta, que a espera com o abraço convencional e simbólico. (...) Volmar detém-se, fita com amor a esposa e murmura-lhe sorrindo:

— Graças ao meu milagre de borboletas...

— Oh! cala-te! — fez a jovem com gesto adorável, pondo-lhe sobre os lábios a mãozinha espalmada — se a vovó soubesse!!...<sup>295</sup>

## VII.2.2 A MULHER COMO "AGENTE CIVILIZADOR"

Num outro sentido, ultrapassando sua utilização como artifício de retórica ou de representação literária — sem, no entanto, evidenciar ainda todas as possibilidades críticas do discurso feminista de *A Mensageira* —, a assunção de um ideário iluminista recoloca os termos do pensamento da revista, vinculando a reivindicação da educação feminina a uma crença otimista nas virtudes do progresso social.

---

294. Publicado em tradução de Adolfo Malevolti, esse texto localiza-se em II(26):44-45.

295. O trecho selecionado encontra-se em I:300-301.

Neste caso, embora compartilhe com as correntes do positivismo uma concepção teleológica da história, apenas a noção iluminista de progresso, ao vincular os aspectos da emancipação individual aos da transformação social, não absolutiza o conceito, fornecendo os caminhos (embora estes não sejam imediatos nem unívocos) para uma perspectiva libertadora e crítica, essencial ao desenvolvimento do pensamento feminista na revista.

Uma forma de elaboração desta teleologia intrínseca a uma certa vertente otimista do pensamento iluminista aparece na demonstração de uma equação lógico-social de acordo com a qual o nível de desenvolvimento de uma sociedade (seu grau de civilização) estaria diretamente relacionado com a posição e o tratamento de que desfruta a mulher nesta mesma sociedade.<sup>296</sup> Citando em seu apoio a palavra abalizada de um dos mais conhecidos moralistas brasileiros, o Marquês de Maricá (1773-1848), M.P.C.D. procura demonstrar, ilustrando o tipo de raciocínio que vimos descrevendo, como a mulher não descuidará de seus deveres de "mãe" e de "esposa" ao se instruir:

Para os espíritos frívolos, a mulher instruída não pode ser boa esposa, porque julgam que o estudo lhe rouba o tempo destinado aos arranjos domésticos e à criação dos filhos. (...) A mulher instruída será melhor mãe que a ignorante, *prova-nos a experiência e atesta-nos a razão*. (...) Citaremos aqui um pensamento do Marquês de Maricá, comprovando a nossa asserção: "*Pode-se avaliar a civilização de um povo, pela atenção, decência, consideração com que as mulheres são educadas, tratadas e protegidas*". (grifos nossos)<sup>297</sup>

Deriva desta visão teleológica, segundo a qual as sociedades estariam marchando rumo a estágios cada vez mais avançados de progresso, a noção de que a elevação intelectual da mulher brasileira constituiria a condição necessária para a integração do país ao bloco das nações avançadas.

---

296. Esta mesma associação entre progresso da civilização e avanço na condição feminina pode ser constatada no pensamento de Stuart Mill: "(...) A experiência nos ensina que cada passo à frente no progredir da civilização foi acompanhado tão invariavelmente por algum avanço na posição social da mulher, que os historiadores e filósofos adotaram o sistema de que a valoração de sua situação é a prova mais segura e a medida mais exata do grau de cultura de um povo ou de uma época" (tradução nossa para o texto da p. 107 da mencionada edição espanhola de "A Discriminação da Mulher").

297. "A Nossa Condição", I(4):49-51: o trecho selecionado está em I:49-50. Na "Seleção" do mesmo número da revista, em I:57, esta idéia é reforçada, reaparecendo num trecho de autoria de José Américo dos Santos, sob a forma de um discurso que naturaliza as funções educadoras da mulher: "O grau de educação da mulher pode ser considerado a justo título como a pedra de toque da civilização de um povo. *À mulher confiou a natureza a sublime missão* de acompanhar desde os primeiros momentos de vitalidade, o desenvolvimento dos indivíduos, cuja reunião constitui a sociedade humana." (grifos nossos)

Lendo o artigo "Ainda um Assunto Feminino", de Néelson de Sena ("Pelayo Serrano"), poderemos apreciar como esta preocupação chega a exibir contornos que a incluem na ordem da história do pensamento nacional, onde a defesa da emancipação feminina assume a forma de um *aggionamento* das correntes de idéias locais às correntes mais "modernas" do pensamento de então. Elogiando o pionerismo de pensadores nacionais como Tobias Barreto (que já vinham lutando pela emancipação feminina no Brasil), o articulista assim se refere à questão:

Trata-se de soerguer a mulher, no Brasil, à altura das correntes modernas do pensamento humano, de conferir-lhe a ambicionada palma da *beleza do espírito*. Para isso faz-se mister saber com que elementos conta o mundo feminino, em nosso país, para abalançar-se, arrojadamente, à pugna de seus direitos sociais. (grifo do autor)<sup>298</sup>

Note-se que já não se trata, neste caso, da mesma concepção estática de "progresso" externada por Anália Franco no trecho comentado no início deste capítulo: aquela noção, próxima dos quadros do positivismo, pressupunha a existência de leis, estabelecidas de antemão, que regulam, independentemente dos indivíduos, a evolução da sociedade; o conceito de progresso a que se refere "Pelayo Serrano", exibe, pelo contrário, uma feição dinâmica que chama os indivíduos a interferirem, atuando com cálculo e arrojo, no sentido ou mesmo na qualidade deste progresso.

É interessante observar, ainda, como o reconhecimento das especificidades do país, tema que desenvolvemos no capítulo anterior, aparece neste texto como um imperativo lógico ("saber com que elementos conta o mundo feminino em nosso país") para a realização de quaisquer reflexões acerca do caráter das mudanças a serem reivindicadas na condição da mulher brasileira.

Assim, vemos entrar em cena um outro componente das funções sociais femininas, tais como se apresentam na elaboração discursiva da revista: à representação da "mulher útil", vem juntar-se agora o conceito da *mulher como agente civilizador*, naturalmente dotado (por sua ascendência moral sobre as futuras gerações) para a tarefa de reconstrução social que o progresso demanda. Desse modo, iluminismo e positivismo se aproximam, a não ser pelo reconhecimento da condição ativa da mulher — que, na versão positivista, ficava praticamente relegada à passividade.

---

298. Esta matéria de "Pelayo Serrano", sequência de "Intelectualidade Feminina Brasileira" (publicada no nº 7) encontra-se em I(9):129-132; o trecho aqui selecionado é da p. I:130.

A associação entre processo civilizador e atuação social feminina poderá ser conferida, por exemplo, no artigo "A Mulher", onde Francisco Barroso ressalta a importância da instrução feminina, tida como coroamento de um processo de aperfeiçoamento social — que, tendo se iniciado pela generalização das melhorias materiais, deve prosseguir na direção do aprimoramento moral e intelectual de todos os indivíduos. Reconhecendo a relação estreita entre a universalização do processo educacional e o progresso do bem-estar geral, o jornalista chega a associar a questão do ensino feminino à salvação da nossa recém-fundada República:

O homem há, com seu proficuo trabalho, diminuído as distâncias, já com o telégrafo, já com o telefone, enchendo de muita luz o mundo, cujo brilho ainda é empanado pela falta de instrução na maioria dos povos. (...) *O maior objetivo*, para onde devem ser voltadas as vistas, o qual muito concorrerá para a reforma dos costumes e levantamento moral, é, não cansaremos de repetir, para a *educação e emancipação do sexo feminino*. Nos outros países (...), já se sente o afã em promover-se (...) o profuso derramamento da instrutiva e fecunda semente por todas as camadas sociais. Aqui, é do que menos se cuida. *O grito de ordem é: salvemos a república*. (...) Caberia, portanto, a semeadura também ao sexo feminino e, na colheita a mulher estaria apta para compreender melhor o importante papel, que lhe toca na sociedade e, estando na razão direta do seu adiantamento, a teria como fortíssimo elemento do progresso. Assim preparada, a mulher, atingindo o fim para que lhe destinou a própria natureza, engrandecer-se-ia a geração que lhe saísse do materno seio. (grifos nossos)<sup>299</sup>

Embora esta perspectiva teleológica seja criticável, ela fornece para a reflexão feminista de *A Mensageira* uma visão da *totalidade social*, isto é, ela permite o desvendamento dos elos entre a questão feminina e o todo social mais vasto — de que aquela constitui, aliás, parte essencial, dado o aspecto de "instituição total"<sup>300</sup> que as relações de gênero assumem na configuração da estrutura e do caráter da sociedade. Num excerto selecionado de Louis-Aimé Martin (1786-1847), vemos exposto o princípio dialético que preside às relações homem/mulher (aí implicados tanto as relações estritamente sexuais e os laços econômicos que unem os sexos, como também todo o complexo psicossocial que lhes é adstrito):

---

299. Texto das pp. I(14):220-223; o trecho selecionado está em I:221-222.

300. Estamos fazendo uso deste conceito por analogia ao caráter de *instituição total* que Caio Prado Jr. atribui à escravidão na formação da sociedade brasileira. Neste caso, talvez seja possível afirmar que a condição de submissão feminina no interior da família patriarcal brasileira (organização familiar que acompanhou, em termos históricos, a constituição de nossa sociedade agrária de base latifundiária e escravista) apresentava-se como um outro pólo da relação de dominação-submissão que presidia o binômio senhor-escravo — fazendo sentido, por isso, a identificação que algumas colaboradoras da revista realizam entre a escravidão do negro e a servidão feminina (já nos detivemos sobre este assunto no capítulo anterior).



Quaisquer que sejam os costumes e as leis de um país, as mulheres são que decidem de uns e de outras. (...) Ou sejam nossos ídolos, ou nossas companheiras, meretrizes, escravas, ou bestas de carga, a reação é completa; *fazem de nós o que nós fazemos delas.* (...) É uma *lei de reciprocidade* de eterna justiça, *que o homem não possa humilhar a mulher sem cair na degradação, nem exaltá-la sem se tornar melhor.* (grifos nossos)<sup>301</sup>

Esta relação unívoca entre emancipação feminina e progresso social reaparece num excerto do ensaio *Profissão de Fé* (1895) do português Archer de Lima — que, apoiando-se em autores como Lycinque, Juliette Lamber Adam, Harriet Beecher Stowe e Clérel de Tocqueville, advoga a necessidade de valorização do sexo feminino:

Lycinque, que julgou o sexo feminino como um ser inferior, teve de curvar-se ante a realidade dos fatos, e reconhecer a mulher como digna de partilhar com o homem de todas as glórias e de todos os trabalhos. E quem negará hoje tal direito à mulher? Quem poderá contestar a sua inteligência, as suas aptidões? O papel que a mulher representa na terra, é sublime. A doçura, o amor, a paciência persistentes, *tornam a mulher um poderoso auxiliar na conquista do progresso humano, e na sua própria emancipação.*<sup>302</sup>

E, dando continuidade ao seu texto, o articulista elege os EUA como exemplo de sociedade que confere à mulher seu devido valor, aproveitando a comparação para criticar a situação portuguesa:

O sexo feminino na América é muito considerado. No seu belo livro *Os Estados Unidos*, diz M. de Tocqueville, quanto ali são respeitadas e amadas as mulheres. Em Portugal sucede o contrário. A indiferença e o desprezo ultrajantes que hoje se sente pela mulher, dão bem idéia da pouca consideração em que é tida. A questão dos direitos, as homenagens afetadas e sarcásticas de alguns, aliadas ao pouco escrúpulo de outros na crítica acerca da mulher, dão a nota vibrante do egoísmo dessa parte da humanidade, que se diz sexo forte. (grifos nossos)<sup>303</sup>

Podemos constatar aqui o embricamento da questão feminina e a reflexão acerca da tradição americanista, de um lado, e a crítica ao legado ibérico, de outro: a grosso modo, o discurso de *A Mensageira* tende a identificar as instituições americanas como favoráveis à emancipação da mulher. Como já expusemos no capítulo anterior, as imagens do Brasil daí decorrentes procuram aproximá-lo, enquanto "nação jovem e emergente",

---

301. Texto reproduzido na "Seleção" de I(15):238. Outro exemplo desta "lei de reciprocidade", que determina associação estreita entre atuação feminina e progresso social, encontra-se na p. II(26):39, correspondendo a um trecho selecionado de Samuel Smiles, onde este autor externa idéias bastante próximas do pensamento de Aimé Martin: "Pode asseverar-se que a felicidade ou a miséria, as luzes ou a ignorância, a civilização ou a barbaria do mundo, dependem muito do modo por que a mulher exerce o seu poder no reino da família. (...) Diz Emerson (...) que 'as boas mulheres influem poderosamente na civilização'."

302. Ver pp. I(23)365-367.

303. Idem, texto da p. I:367.

ao nosso "irmão do Norte" — transformando, ao mesmo tempo, nossas raízes culturais ibéricas (conservadoras no que se refere à questão da mulher) num problema a ser resolvido — ou, no mínimo, contrabalançado pela adoção de formas de sociabilidade mais "progressistas".

Embora dispersos no discurso de vários colaboradores de *A Mensageira*, os elementos da argumentação em favor da educação feminina por nós elencados até o momento — a saber, *compatibilidade da instrução da mulher com suas funções no interior da família e da sociedade, necessidade de superação da situação de inatividade e ignorância femininas, necessidade de atualização da realidade e do pensamento nacionais ao estágio do progresso geral* — encontravam-se perfeitamente articulados numa das vozes femininas mais extraordinárias da virada do século, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934).

Desenvolvendo seus dotes de escritora ao longo das décadas de 1880 e 1890, a veterana Júlia Lopes do momento em que se publica *A Mensageira* já havia transformado sua pena em verdadeiro instrumento de reflexão acerca da condição feminina. Não parece casual, portanto, sua escolha pela diretora da revista, Prisciliana Duarte, para figurar, com o texto "Entre Amigas", logo após o mencionado editorial de abertura de Prisciliana ("Duas Palavras"): figurando ambas as matérias no número inaugural da revista, acabam funcionando, irmanadas, como o abre-alas de toda a publicação. Observemos a clareza e a concisão de Júlia nesse "Entre Amigas" — que, a começar pelo título, busca a cumplicidade da leitora, cativando sua confiança pelo recurso ao estilo confidencial:

A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais do que até aqui tem feito. Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros, *atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de ação prejudicial à mulher na família*, que é a bem da própria família, principalmente dela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita. Os povos mais fortes, mais práticos, mais ativos, e mais felizes são aqueles onde a mulher não figura como mero objeto de ornamento (...). Uma mãe instruída, disciplinada, bem conhecedora de seus deveres, marcará, funda, indestrutivelmente, no espírito do seu filho, o sentimento da ordem, do estudo, do trabalho, de que tanto carecemos. *Parece-me que são esses os elementos de progresso e de paz para as nações.* (grifos nossos)<sup>304</sup>

Vemos, então, como uma certa "ideologia do trabalho" começa a se esboçar, refletindo na revista as movimentações históricas daquele momento de transição da sociedade brasileira, marcado pela substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre.

---

304. Cf. texto reproduzido em I(1):3-5; o trecho selecionado encontra-se em I:3.

No entanto, como veremos adiante, a valorização do trabalho no discurso das colaboradoras da revista, apesar de sua dimensão de "ideologia" a serviço das elites dominantes do país, possui uma outra consequência — possivelmente conflitante com esta função de dominação — relativa à construção da identidade feminina e da possibilidade de libertação da mulher brasileira pela qualificação profissional.

Mas, permanecendo ainda estreitamente ligadas ao "progresso material" do país, as reivindicações educacionais de *A Mensageira* exprimem um conceito limitado de "educação": um meio, dentro de uma ordem social flexibilizada, de ascensão e aquisição de prestígio na escala social. Resulta daí a presença, na revista, de qualificações que identificam a educação como *o mais valioso dos capitais*,<sup>305</sup> patrimônio conversível (em condições propícias), em melhorias materiais individuais ou coletivas; é o que denota, por exemplo, o seguinte trecho, de autoria do engenheiro José Américo dos Santos, marido de Maria Clara:

A instrução é *grande riqueza*, que dispensa cofre para guardá-la; acompanha seu possuidor por toda a parte, sem receio de ser roubada ou esbanjada. Ela aparelha o cidadão para bem servir à pátria, e a mãe de família para bem cumprir sua missão. Inúmeras vezes é a defensora do fraco contra o forte, do pobre contra o rico. (grifos nossos)<sup>306</sup>

As manifestações do iluminismo em *A Mensageira* que exploramos até o momento exibem, portanto, um caráter conciliatório que aproximam esta perspectiva das formulações do liberalismo clássico.<sup>307</sup> Esta sua feição mais modesta exprime-se, nos termos específicos de uma teoria feminista, na assunção de um "feminismo humanista", já louvavelmente preocupado com a aquisição de uma situação de igualdade entre homens

---

305. Expressão utilizada por Maria Clara da Cunha Santos na "Carta do Rio" do nº 5, p. I:69.

306. Texto reproduzido na "Seleção", p. I(9):140.

307. Entendemos por liberalismo clássico a tradição inglesa que abarca os velhos "whigs", passando pela economia política dos séculos XVIII e XIX, chegando até a política econômica da era vitoriana. Friedrich August Hayek distingue esta corrente do liberalismo daquela desenvolvida pela tradição racionalista francesa, assinalando as diferenças entre ambas: "O primeiro [o liberalismo clássico, como o chamamos, embora Hayek não use a denominação] se baseia numa interpretação evolucionária de todos os fenômenos da cultura e da mente e numa visão introspectiva dos limites dos poderes do raciocínio humano. O segundo se baseia no que chamei de racionalismo 'construtivista', uma concepção que leva ao tratamento de todos os fenômenos culturais como produto de designio deliberado, e na convicção de que é tanto possível quanto desejável reconstruir todas as instituições existentes (...). A primeira é também um credo essencialmente modesto, que confia na abstração como único meio disponível para expandir os poderes limitados da razão, enquanto a segunda se recusa a reconhecer quaisquer limites desse tipo e acredita que somente a razão pode provar a desejabilidade de arrajos específicos concretos." (F. A. Hayek, "Liberalismo: Os Princípios de uma Ordem Social Liberal", em *Ideologias políticas*, volume org. por Anthony de Crespigny e Jeremy Cronin, trad. de Sérgio Duarte, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981, pp.47-63).

e mulheres — mas que ainda não chega a enveredar pela crítica do próprio conceito de igualdade, historicamente formulado de acordo com interesses e critérios masculinos.<sup>308</sup>

### VII.3 DESTRUINDO OS MITOS DA FRAGILIDADE E PASSIVIDADE FEMININAS:

#### VII.3.1 A MULHER FORTE E CORAJOSA

Embora o tom conciliatório e otimista predomine, podemos apontar no discurso literário de *A Mensageira* a existência de fraturas que redimensionam seu teor conformista, revelando assim a dimensão do conflito de gênero latente na revista.

Uma das formas de manifestação da insatisfação feminina na revista corresponde ao esforço de algumas colaboradoras em desmistificar as avaliações sociais equivocadas que desejam coibir o desenvolvimento intelectual feminino pela alusão a uma pretensa "natureza feminina", caracterizada pela fragilidade, passividade ou frivolidade — tentando persuadir os leitores do contrário, as "mensageiras" procuram substituir estas imagens socialmente aceitas pelas representações da mulher forte e corajosa, instruída segundo princípios racionais, ativa e útil dentro da família e da sociedade.

Já em sua primeira colaboração, "Falso Encanto", a cronista Maria Emília, usando de fina ironia, realiza este esforço de desvendamento capaz de apontar as "falsas ideologias" correntes acerca do lugar social da mulher, elaborando, para tanto, representações mais adequadas daquilo que deverá ser a "nova mulher" do futuro:

Sempre que se fala em modificar a educação da mulher ou ampliar os seus meios de ação, aparece alguém que faça a *apologia da mulher como rainha que deve ser... pela fraqueza!* Que o encanto da mulher está justamente na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade! Pensem assim ou não, entretanto, queiram ou não queiram, a *mulher instruída, forte, capaz de velar à cabeceira de um filho enfermo, auxiliando as perscrutações da ciência; ou de repelir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem, que sabe participar de todos seus pensamentos e ajudá-lo em todas as resoluções difíceis. (grifos nossos)*<sup>309</sup>

---

308. Cf. Ute Gerhard, "Sobre a Liberdade, Igualdade e Dignidade das Mulheres: O Direito 'Diferente' de Olympe de Gouges" pp. 51-75 de *O Dilema da Cidadania: Direitos e Deveres das Mulheres*, volume org. por Gabriela Bonacchi e Angela Groppi, já referido anteriormente.

309. Ver texto reproduzido em I(2):17-18. O trecho aqui selecionado está em I:17.

Reiterando, então, o potencial transformador da educação, sua capacidade de fortalecer a auto-estima feminina (e de ampliar seu campo de atuação), as colaboradoras de *A Mensageira* encontram forte aliado no escocês Samuel Smiles (1812-1904), conhecido incentivador do autodidatismo. A mesma linha de preocupações externadas por Maria Emília reaparece num excerto de Smiles, incluído na "Seleção" do nº 27, em que este autor aponta a necessidade de aplicação da "educação da coragem" também para o sexo feminino:

Ordinariamente a educação da coragem não se inclui na instrução que se dá ao sexo feminino, e entretanto ela é mais necessária que a música, o francês ou a geografia. (...) Queremos *mulheres corajosas*, a fim de que tenham mais confiança em si e sejam mais *úteis e felizes*. (...) A fraqueza, quer seja física ou moral, equivale a uma deformidade, e apenas excita compaixão. A coragem é bela e digna, ao passo que o medo, sob qualquer forma que se apresente, é feio e repulsivo.

No entanto, no trecho sequencial do mesmo excerto, o autor prossegue afirmando que coragem e sensibilidade não seriam incompatíveis, sendo a "boa educação feminina" aquela que conseguisse realizar a harmonização de ambos elementos:

Entretanto, a maior amabilidade e ternura são compatíveis com a coragem. (...) Ben Johnson apresenta a imagem de uma nobre mulher nas seguintes linhas: "*Polida e amável, despida do menor orgulho ou vaidade, em seu peito devem abrigar-se as virtudes mais puras, e deve ter a alma varonil e esclarecida, para bem dirigir a sua casa e os destinos de sua família.*"<sup>310</sup>

Da mesma forma, o trecho de Américo Werneck (1855-1927) escolhido para a "Seleção" do nº 32 — extraído da mesma obra *Arte de Educar os Filhos* que havia fornecido elementos para a "Seleção" do nº 3<sup>311</sup> — contempla a imagem desta *mulher bifronte*, em que as qualidades emotivas se combinam com os atributos da coragem e da força; estas últimas qualidades são encaradas, inclusive, como um instrumento de que a mulher deve lançar mão para combater os constrangimentos sociais que pesam sobre ela:

O ideal do caráter feminino é o *sentimento e a força*. As duas qualidades não se excluem, antes completam-se; a perfeição da forma consiste no *equilíbrio da robustez com a elegância*. O destino da mulher não se apresenta menos negro que o do homem. Sujeita às mesmas contrariedades, às mesmas decepções, aos mesmos golpes, ela tem ainda contra si para agravar o horror de sua situação, a estreiteza do horizonte social, como a encerrá-la num sepulcro de misérias. (grifos nossos)<sup>312</sup>

---

310. Ver texto das pp. II(27):66-68.

311. Ver nota 285.

312. Cf. p. II(32):155.

A ambiguidade destas representações testemunha bem a situação do pensamento feminista em *A Mensageira* que, feito de avanços e recuos, sem a base social que poderia propiciar o rompimento definitivo com as representações femininas conservadoras, busca apoio na palavra legitimada de vozes masculinas locais ou européias (geralmente autores ingleses ou franceses) — formulações que, realizadas desde uma posição exterior tanto no que se refere à condição de gênero como às especificidades da questão feminina no Brasil, tornam-se praticamente inócuas, impossibilitadas de corresponder aos anseios efetivos de emancipação da mulher brasileira.

Sendo assim, as colaboradoras de *A Mensageira* acabam por efetuar representações da mulher que ou resvalam novamente para a mitologia ou permanecem como projeções utópicas, relativas ao que ela poderia ser, caso a melhoria da situação sócio-educacional da parcela feminina da população brasileira o permitisse: a "mulher brasileira" de amanhã.

### VII.3.2 MULHER GUERREIRA E A AVENTURA FEMININA EM "A MENSAGEIRA"

Levadas às últimas consequências, estas representações da mulher valorosa e combativa redundam na elaboração de uma mitologia da "mulher guerreira" que assume, não raro, no discurso literário da revista, a forma da "mulher patriótica" — que, pegando em armas ou batalhando através da palavra e da pena, contribuiria para o engrandecimento da família e da pátria brasileiras.<sup>313</sup>

Já em seu editorial-programa "Duas Palavras", Prisciliana Duarte enfatizava um dos objetivos iniciais do periódico: fornecer apoio aos talentos femininos nacionais que despertavam para as letras. Neste caso, embora a revista *A Mensageira* ainda tivesse de se utilizar do "remansoso lar" para fazer chegar à mulher brasileira algum "pensamento novo", a poetisa sugeria que talvez a principal contribuição feminina para a reconstrução nacional não estivesse exclusivamente relacionada com suas funções domésticas, podendo estar mais propriamente ligada aos aportes que o desenvolvimento autônomo da inteligência feminina

---

313. A utilização do qualificativo "mulher guerreira" nos foi sugerida por um trabalho de Walnice Nogueira Galvão: partindo da caracterização da figura mítica da "donzela-guerreira" — virgem que se masculiniza para guerrear em nome de sua terra natal, de alguma divindade ou de algum ideal —, esta autora coleta na literatura, nos mitos greco-romanos e nas religiões, variações sobre esse mesmo tema, reunindo-as num estudo de gênero intitulado *A Donzela Guerreira*, São Paulo, Editora Senac-São Paulo, 1998.

seria capaz de trazer para o engrandecimento das letras e da intelectualidade nacionais:

Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestem o *concurso de suas luzes* e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o *vôo altivo*, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta; e que finalmente, todas as *filhas desta grande terra* nos dispensem o seu auxílio e um pouco de boa vontade e benevolência. (grifos nossos)<sup>314</sup>

Assim, mesmo servindo à causa maior da Nação, o desenvolvimento intelectual da mulher encontra-se valorizado intrinsecamente na condição de consolidador da própria identidade feminina — pouco sujeito, portanto, a limitações prévias (idéia patente na expressão "vôo altivo"). Com a vantagem de que, sem se atrelar a contribuição da mulher escritora às suas funções maternas, poder-se advogar sua participação direta no progresso do país, isto é, uma atuação social não mediada pelos papéis por ela desempenhados no interior da família — como ocorria no caso dos escritores do sexo masculino, que dispensavam certificados de "bons maridos" ou de "bons pais" para serem reconhecidos.

Alçada, desta forma, a uma situação de excepcionalidade, a "mulher escritora" seria identificada pelas redatoras da revista como um modelo a ser seguido por suas compatriotas em seus anseios de emancipação. Neste sentido, as próprias escritoras de *A Mensageira* seriam as batalhadoras colocadas na linha de frente do combate aos preconceitos, garantindo a abertura de novos caminhos que o aperfeiçoamento intelectual vislumbrava para a mulher brasileira; nesta qualidade, Prisciliana Duarte e Josefina Álvares de Azevedo, redatora do jornal feminista carioca *A Família*, são identificadas como *ingentes batalhadoras do progresso mental feminino no Brasil*,<sup>315</sup> sendo ainda as colaboradoras da revista paulistana qualificadas *Amazonas do pensamento*.<sup>316</sup>

---

314. Cf. texto de I(1):1-2; o trecho aqui selecionado é de I:2. Este artigo, enfatizando (logo no início da revista) o desejo de libertação e de auto-suficiência da mulher — características que, sem terem sido abandonadas, receberiam, como tivemos oportunidade de demonstrar na primeira parte deste capítulo, uma elaboração discursiva mais moderada em artigos publicados em números posteriores — dá bem a medida da nossa dificuldade de manter, para a presente dissertação, o critério cronológico como forma de explanação dos elementos componentes do discurso de *A Mensageira*: quase sempre contraditória, algumas vezes beirando a incongruência, a argumentação das colaboradoras da revista admitiria melhor, para os fins de esmiuçamento e análise, a aplicação do critério temático que temos mantido até o momento.

315. Ver o artigo "Intelectualidade Feminina Brasileira" de "Pelayo Serrano", em I(7):103-106; a expressão aqui destacada encontra-se em I:105.

316. Cf. Alberto Faria no artigo transcrito em I(10):155-158 (qualificativo localizado na p. 156).

No artigo intitulado "Ainda um Assunto Feminino", Nelson de Sena ("Pelayo Serrano") elenca os nomes de literatas brasileiras (algumas delas já falecidas naquela época) e de mulheres "letradas" — que já se encontravam formadas ou que ainda se achavam cursando faculdades (como as de farmácia e de medicina), em diferentes instituições do ensino superior do país — citando seu exemplo com a finalidade de incentivar outras brasileiras a iniciar ou a continuar seus estudos, de forma a se avolumarem os quadros da intelectualidade feminina brasileira inaugurados por aquelas "pioneiras":

(...) Várias (...) damas e senhoritas inteligentes têm o meu e outros Estados brasileiros, todas elas capazes de, com estudo, método, perseverança e inquebrantáveis mostras de virtude, virem muito em breve a formar uma *falange de batalhadoras sinceras, poderosas e ousadas*, tanto nos domínios agrestes da Ciência, como nas regiões ideais da Arte.

Formem grêmios e associações, fundem jornais e revistas, *levem de vencida os tírocinios acadêmicos*, procurem as mais ilustres e felizes, com a sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, aqui, no Brasil (...). (grifos nossos)<sup>317</sup>

Assumindo-se, portanto, como centro de convergência da intelectualidade feminina da época, a revista parece justificar a existência de uma "elite intelectual feminina" que se colocasse na vanguarda do processo de difusão das "luzes" para o restante das mulheres brasileiras; a escolha do título *A Mensageira* sugere a idéia de uma publicação que se antecipa, anunciando e contribuindo para precipitar os novos tempos que estariam se inaugurando para a mulher na sociedade brasileira em vias de transição.

---

317. Cf. artigo estampado em I(9):129-132; o trecho destacado é da p. I:132. A associação desta representação de um poder feminino "demiúrgico" (capaz de criar novas bases de inserção social para a mulher brasileira) à idéia da mulher chamada a resguardar valores humanos essenciais (associados à perenidade de laços familiares, costumes e crenças) que vinham sendo destruídos pela crescente racionalização da vida moderna, acabaria se tornando uma fonte de angústia e contradições no discurso literário e na própria vivência pessoal das escritoras de *A Mensageira*: como questionar as formas usuais da divisão sexual de papéis sem abdicar da condição de "ser mulher", segundo os padrões ditados pela tradição — que, na qualidade de modelos socialmente valorizados, constituíam fonte de legitimação da identidade feminina? Tais representações tradicionais remetem aos mitos greco-romanos de Penélope e das parcas (eternas fiandeiras do destino humano) ou das vestais (guardiãs do fogo sagrado que mantêm aceso o sentimento do lar e da família). Aliás, o próprio "Pelayo Serrano", provavelmente já preparando terreno para a elaboração de sua "mulher guerreira", contrapunha-se — em I(8):104 — a esta visão conservadora dos papéis femininos, questionando a validade, dadas as transformações da sociedade, das imagens femininas elaboradas pela mitologia clássica: "Sem dúvida que é belo aquele austero epitáfio, que a moral dos romanos outorgava, como honra póstuma, às virtuosas patricias que morriam — 'Ela guardou a casa e fiou a lã'; mais belo e elevado que isto seria por certo que mantivéssemos a mulher como a rainha severa do lar, plasmando na educação do bem e da honra o caráter futuro de nossos filhos, mas deixássemos do mesmo modo largo campo à atividade moral, material e espiritual da mulher moderna, consentindo na sua plena emancipação de cidadã, desde que seus talentos, méritos, e trabalho a elevassem até esse famoso plano da superioridade masculina."



No entanto, assim como observamos a superação do raciocínio que tinha como alvo primordial o interlocutor masculino, o discurso de *A Mensageira*, uma vez direcionado para os interesses femininos, começaria a generalizar suas preocupações — sobretudo no que se refere às reivindicações educacionais presentes na revista. Adotando um tom mais incisivo, a argumentação começa a adquirir feições de pensamento feminista propriamente dito, registrando-se o paulatino abandono das explicações mecanicistas e da postura elitista em favor da reflexão acerca da problemática social envolvendo a questão da mulher e da reivindicação de direitos femininos.

Sob esta nova perspectiva, o título da revista comportaria uma outra significação: neste caso, a "mensageira" não seria exatamente uma precursora, nos termos que evidenciamos acima, devendo ser mais adequadamente identificada àquela que *transmite* uma "mensagem"; esta necessidade de transmissão se deveria à não-efetivação, principalmente no que tange à questão da cidadania e dos direitos femininos, dos ideais revolucionários de "igualdade, liberdade e fraternidade".

A recuperação dos ideais inaugurados pela Revolução Francesa encontra seu lugar na crônica de Maria Emília. No número da segunda quinzena de julho de 1898, a articulista comemora o 14 de julho de 1789: a participação feminina na formação das idéias e na agitação revolucionárias é lembrada através de nomes como os de Madame Necker, Madame Roland, Charlotte Corday, Lucile Desmoulins (apesar da cronista também lamentar a sorte cruel das aristocratas Maria Antonieta e Princesa de Lamballe); a escritora deplora, no entanto, que a audácia daquelas mulheres não tivesse sido suficiente para desbastar, de uma vez por todas, a *bastilha dos preconceitos* — que ainda em pleno século XIX pesaria sobre a mulher. Diante de tal situação, a cronista inflama-se, defendendo a legitimidade, mais uma vez renovada, da luta feminista:

E pensar que ainda depois dela [da Revolução Francesa] há quem sustente com intransigência ferrenha a bastilha dos preconceitos; há quem interponha, entre a dignidade da mulher e as suas prerrogativas, barreiras crivadas de espinhos; há quem negue a seus semelhantes o direito da opinião e a opinião do direito! Essas muralhas negras, porém, não entibiam os defensores da Justiça, como a guilhotina não amedrontava os heróis da Gironda. Abençoado desprendimento dos que sabem sentir a força de uma convicção! Bendita verdade, que não te deixas obumbrar pelos sofismas dos que te querem oprimir!<sup>318</sup>

---

318. Cf. "Com Ares de Crônica", em I(20):307-309; o trecho selecionado encontra-se em I:308.

Reavaliado desta maneira, o aparente elitismo das colaboradoras de *A Mensageira* ganha outra dimensão: na verdade, o que estas imagens da mulher corajosa e forte apontam é um acentuado desejo, não de masculinizar-se ou de se destacar do comum das mulheres, como poderia parecer à primeira vista, mas sim de colocar-se acima do "sexo" e acima da "sociedade" — aproximando-se o jornalismo efetuado na revista paulistana da proposta de observação imparcial consagrada no século XVIII pelo periódico inglês *The Spectator*.<sup>319</sup> Neste caso, apesar do paradoxo, talvez seja a assunção dessa imparcialidade (aí incluída a negação da própria condição feminina) o caminho capaz de conferir legitimidade à questão feminista, depurando-a de conotações segregacionistas.

Mas, tal imparcialidade seria praticável? Nas matérias da revista analisadas até o presente momento, tivemos a oportunidade de observar como a adoção de uma postura imparcial se fez com base num equilíbrio bastante instável, condensado na imagem de uma mulher bifronte — onde os elementos afetivos deviam se combinar com os aspectos racionais, onde as características de docilidade, amabilidade e passividade se mesclam com aspectos de ação e virilidade.

O sacrifício de uma identidade especificamente feminina em favor deste propalado hermafroditismo podia ser sustentado na medida em que, na hierarquia de importância estabelecida pelas colaboradoras da revista, a causa da construção nacional permanecesse acima, abarcando de forma inclusiva a causa feminista; como apontamos no capítulo anterior, esta situação parece ter, de fato, predominado — não constituindo, entretanto, a única via de encaminhamento das reivindicações feministas presentes na revista. Exploreemos, portanto, estas outras vias que, sem abandonar a defesa da igualdade direitos entre homens e mulheres, primam pelo reconhecimento da diversidade — do direito primordial da mulher de se constituir como "diferente" e "independente" do homem.

---

319. Para um detalhamento sobre o gênero jornalístico chamado de "spectator" consultar Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (especialmente o cap. II, "Ousadia Feminina e Ordem Burguesa", pp. 73-128 do mencionado *Nisia Floresta, O Carapuceiro e Outros Ensaios de Tradução Cultural*). Nesse ensaio, a autora dedica-se à exploração das possibilidades de contestação presentes em versões femininas do periódico original inglês, redigidas por mulheres ou por homens que assumiam identidade feminina — são analisadas diferentes publicações: a francesa *La Spectatrice* (1728-1729), a inglesa *The Female Spectator* (1744-1746) e a espanhola *La Pensadora Gaditana* (1763-1764). Neste sentido, essa atividade jornalística teria sido, inclusive, responsável pela ampliação da participação feminina no mundo das letras: "Este tipo de jornalismo, consagrado desde muito cedo por homens de letras de língua francesa, holandesa e alemã, oferecia inegáveis possibilidades que as mulheres autoras poderiam igualmente querer experimentar. Na verdade, o jornalismo era nessa época, um campo que tinha especiais atrativos para as mulheres com ambições literárias, pois, de certo modo, era um atalho relativamente mais transitável para se penetrar num domínio fundamentalmente masculino." (obra citada, p. 101).

## VII.4 METAMORFOSES DO ILUMINISMO EM "A MENSAGEIRA":

### VII.4.1 O EGOÍSMO MASCULINO

A elaboração de um contradiscurso, difícil de ser captado por se encontrar quase sempre mesclado às considerações de uma postura moderada, passava pela radicalização das denúncias acerca da condição deplorável da educação da mulher brasileira.

Tais ambiguidades estão presentes, por exemplo, no artigo "A Nossa Condição", de M.P.C.D., cujos parágrafos iniciais apresentam uma linguagem contundente em contraste com o caráter paliativo de suas considerações sequenciais (transcritas, em parte, em item anterior deste capítulo):

*É demais: a tolerância tem atingido o seu último grau!  
Precisamos de uma completa reforma na educação moral da mulher. Ela precisa saber que tendo inteligência e nobres aspirações não deve oprimir e limitar seu pensamento. Não basta que lhe arda no cérebro o fogo da inspiração e a compreensão do belo, é necessário que patenteie, em linguagem clara e precisa, esses sentimentos e essas inspirações. É mister que a sua maneira de pensar seja francamente apresentada, e que a crença tradicional e sem fundamento algum que julga que a mulher se afastando da limitada esfera intelectual que lhe circunscreve o egoísmo da metade da humanidade não seja boa esposa e boa mãe, seja lançada no olvido. (grifos nossos)<sup>320</sup>*

Mas, antes que o discurso de *A Mensageira* resvale novamente para o terreno da exaltação das virtudes maternas, é possível detectar novos elementos que ameaçam desintegrar, no sentido das reivindicações feministas, este mesmo discurso.

Sem abandonar os quadros de uma argumentação cientificamente embasada, podemos constatar como a utilização da linguagem médico-naturalista pelo colaboradores da revista também seria capaz de adquirir contundência e poder de crítica inusitados. Envereda-se, neste caso, pelo questionamento dos hábitos vigentes, denunciando as restrições sociais capazes de debilitar (através da tirania da moda), o organismo feminino e de atrofiar, ao impingir regras de conduta, o intelecto da mulher.

A passagem de uma linguagem de conciliação para o tom acusatório pode ser observada neste trecho do artigo "A Emancipação Feminil", de V. M. de Barros — acusação dirigida ao egoísmo masculino que choca pelo inesperado de ser efetuada por um homem, reconhecedor do nefasto desejo de mando, comum entre seus congêneres:

---

320. Ver texto das pp. I(4):49-51; o trecho aqui selecionado encontra-se em I:49.

O egoísmo em ação, a vontade de dominar, o desejo de impor em tudo e por tudo, manifesta-se no homem por mil modos diferentes. Das coisas mais simples às mais complicadas, dos assuntos mais insignificantes às mais intrincadas questões, a mulher é sempre coagida bárbara e injustamente. (...) *A injustiça começa no berço: para o menino, mestres, colégios, ginástica; para a menina, a ignorância, o atrofiamiento da energia, a imobilidade forçada pela vida sedentária.* Depois, chegados à puberdade, ele, o rapaz, escolhe esta ou aquela carreira a seguir, prefere este ou aquele meio de vida; a rapariga, ela, nada tem a resolver: *o círculo de ferro, a cadeia fatal aí está...* (grifos nossos)<sup>321</sup>

Seguindo a mesma linha de preocupações, Olímpio Galvão (1874-1915) advoga a necessidade de aperfeiçoamento da educação da mulher brasileira — combatendo, em favor de sua tese, as teorias difundidas na época sobre a inferioridade natural da inteligência feminina. Apesar de estabelecer limites para a educação feminina (que não deveria contemplar "estudos profundíssimos"), Galvão fornece informações de valor histórico sobre a situação do ensino feminino no Brasil daquela época — testemunhando ainda, pela referência a Lombroso, o interesse da intelectualidade brasileira em geral e da própria revista em posicionar-se frente ao debate internacional mais recente acerca da condição social da mulher:

Sou dos que pensam que a mulher não deve tão somente limitar-se a aprender a arte de ser boa mãe de família, não querendo dizer contudo, que se entregue a estudos profundíssimos, assaz penosos para tão gentis e frágeis organismos.

Mas, quem de vós ousará negar que infelizmente *é superficialíssima a educação da mulher brasileira?*

Raríssimo ouvireis dizer em se falando de uma *brasileira instruída*: fala corretamente o português e não lhes são desconhecidos os mistérios da linguística e os fatos principais da história pátria.

Entretanto com a maravilhosa intuição que possui a mulher, está seu espírito predisposto a receber todas as luzes que difundem sobre nós os diversos ramos dos conhecimentos humanos, *apesar do que disse o sábio professor Lombroso* em suas últimas investigações científicas, negando à mulher o gênio e até mesmo de alguma forma o talento.<sup>322</sup>

---

321. Ver o texto publicado nas pp. I(10):149-150; o trecho selecionado é da p. I:150. É interessante apontar a semelhança entre a argumentação de V. M. de Barros e a forma da denúncia realizada por Stuart Mill com relação ao casamento — que, segundo o pensador inglês, baseado numa legislação matrimonial extremamente desfavorável à esposa, acabava se tornando uma verdadeira escola de tirania e egoísmo: "Se considerarmos o grande número de homens que em qualquer país civilizado são pouco mais que animais, e que isto em nada os impede de conseguir uma vítima através da lei do matrimônio, adquire características surpreendentes a amplitude e a profundidade da mistéria humana associada ao abuso dessa instituição. (...) Se a família em sua forma ideal deveria ser (...) uma escola de compreensão, de ternura e de entrega amorosa, é muito mais frequente que seja, pelo que diz respeito à sua cabeça, uma escola de autoritarismo, de imposição e de egoísmo sem limites (...)" (tradução nossa para o texto das pp. 126-128 da mencionada edição espanhola de "A Discriminação da Mulher").

322. Cf. o artigo "Educação Literária", transcrito em I(12):180-183. Essa matéria corresponde a uma conferência originalmente pronunciada (em 1897) no Instituto Literário Olindense; os grifos são nossos.

E, discorrendo sobre o conteúdo da "instrução falha" que se concedia ao sexo feminino no Brasil, Olímpio Galvão critica o código de modas e futilidades sociais — que, somando-se aos preconceitos já arraigados, teria acompanhado a introdução do progresso e da civilização no país. O "círculo de ferro" (a que aludia metaforicamente V. M. de Barros) reaparece aqui sob a forma concreta do *espartilho*, cujo uso já merecia a reprovação categórica da classe médica; desse modo, este "tiranete" da moda feminina torna-se uma manifestação palpável daquela espécie de escravização, onde ditadura corporal e limitação intelectual concorriam para tolher, nas acepções física e moral, a liberdade feminina:

Ah, mas isso é que é a civilização, isso é que é a etiqueta da alta sociedade! Trajar bem, arruinar a saúde e perturbar a digestão com o uso imoderado do espartilho, fazer sobrepujar aos do espírito os dotes naturais de que são tão prodigamente servidas as nossas gentilíssimas patricias e aí está concretizada a suma educação que, para as suas encantadoras filhas, sonham alguns pais brasileiros. (grifos nossos)<sup>323</sup>

A idéia subjacente aos textos destes dois colaboradores da revista acerca da necessidade de uma educação que contemple o livre desenvolvimento do corpo e do espírito — Olímpio Galvão chega a falar numa *educação sã de corpo e sã de espírito* — remete aos ideais greco-romanos de aprimoramento conjunto das virtudes físicas e morais, mas filiam-se também à pedagogia de contornos naturalistas inaugurada por Rousseau no século XVIII e retomada ao longo do século XIX por Pestalozzi, Froebel e Spencer.<sup>324</sup>

---

323. Sequência do texto indicado na nota anterior, p. I(12):183.

324. A filiação spenceriana torna-se patente no caso da prosadora Júlia Lopes de Almeida, que corrobora suas próprias idéias educacionais recorrendo ao filósofo evolucionista: "O povo já começa a ver que a condição principal para o bom êxito da vida, 'é ser-se um bom animal.' Diz isto Spencer, no seu utilíssimo livro — *Educação*. Dar força ao corpo, eis aí (...) o primeiro cuidado que devemos ter para com os nossos filhos. Deixá-los correr, saltar, fazer ginástica, rir, encher os pulmões de ar livre, *perder inteligentemente o tempo*. O que nos compete, acima de tudo, é olhar pela sua boa higiene e, sem que eles dêem por tal, com todo o jeito, irmos guiando tenazmente a sua educação através dos folguedos infantis". (grifos da autora). Este excerto da "Seleção" de I:(10)159 foi extraído da obra *Livro das Noivas*, lançado originalmente por Júlia Lopes em 1896. Mas a filiação da brasileira ao pensador inglês parece não se restringir a questões pedagógicas: a transposição das implicações biológicas (no caso da questão feminina, a restrição corporal imposta à mulher através da roupa ou de sua limitação ao ambiente doméstico) para o terreno social, um dos princípios da "sociologia mecânica" de Spencer, parece implícita na avaliação que a escritora coloca na boca de um personagem masculino de seu romance *A Falência* (1901); observemos, a seguir, o poder alusivo de sua linguagem e sua habilidosa abordagem, partindo da aparente insignificância exterior das roupas, de um tema moralmente tão denso: "— Suponhamos (...) que a nossa honestidade [masculina] é um casaco preto e que a das senhoras é um vestido branco. Tudo é roupa, têm ambos o mesmo destino, mas que aspectos e que responsabilidades diferentes! Assim, o nosso casaco ora o vestimos de um lado, ora de outro, disfarçando as nodozinhos. O pano é grosso, com uma escovadela voa para longe toda a poeira da imundície; e ficamos decentes. A honestidade das senhoras é um vestido de cetim branco, sem forro. Um pouco de suor, se faz calor, macula-o; o simples roçar por uma parede, à procura de uma sombra amável, macula-o; uma picadela de alfinete, que só teve a intenção de segurar uma violeta cheirosa, toma naquela vasta candidez proporções desagradáveis... Realmente, deve ser bem difícil saber defender um vestido de cetim branco que nunca se tire do corpo." (pp.147-148 da 2ª ed., Rio de Janeiro, Oficinas de Obras d'A Tribuna, 1901).

Como vemos, ao contrário do que afirmam as avaliações simplistas para as quais a filiação rousseuniana constituiria índice inequívoco de reacionarismo burguês, a pedagogia naturalista proposta pelas colaboradoras da revista deve ser analisada em sua dimensão questionadora — tornando-se óbvio, no entanto, que estas últimas realizam uma seleção secundária do pensamento de Rousseau, buscando nos autores de filiação rousseuniana só aquelas formulações que lhes pareciam mais favoráveis à liberação feminina. No caso da recorrência a Spencer, as consequências são igualmente importantes, uma vez que é a adoção do seu evolucionismo (totalizante, no que diz respeito às relações existentes entre o biológico e o social) que permite a emergência da crítica social na revista.

Desta forma, através dessa via, denunciadora do caráter opressivo dos costumes sociais (que agiriam primeiramente através da moda, sobre o organismo feminino, para depois "colonizar-lhe" o intelecto), o discurso de *A Mensageira* envereda por uma crítica da sociedade e do progresso social.<sup>325</sup> Vemos, então, a própria qualidade do progresso, que na argumentação discursiva amena era entendido como um valor em si mesmo, ser questionada e redimensionada de acordo com uma perspectiva de gênero, curiosamente defendida, nos casos citados há pouco, por duas vozes masculinas da revista.

No entanto, ambos esses colaboradores masculinos fazem eco — e talvez justamente por serem homens, participantes ativos do processo de transformação social pelos quais o país estava passando, possam realizá-lo de modo mais direto e contundente — à crítica ao progresso efetuada por diversas colaboradoras da revista.

Esta nova forma de elaboração da reivindicação feminista na revista estabelece outros parâmetros para a educação feminina, possibilitando a emergência de

---

325. Devemos frisar, neste caso, que a reivindicação da liberdade corporal constituía etapa necessária para a formulação de reivindicações sociais mais efetivas — como seria o caso da luta feminina pelo direito ao trabalho. Como já apontamos (e teremos oportunidade de detalhar mais adiante), a reivindicação profissional esteve nos horizontes do feminismo externado através das páginas de *A Mensageira*; de forma que a luta pelo "direito de ir e vir", ou ainda pela habilitação do corpo para o trabalho, deveria se constituir num dos pressupostos da profissionalização feminina advogada na revista. Esta associação direta entre mobilidade corporal e trabalho (enquanto forma de inserção social dos indivíduos) foi teórica e praticamente explorada por Ecléa Bosi em suas pesquisas sobre a psicologia social da velhice: "O trabalho manual, mecânico, intelectual, ocupou boa parte da vida dos nossos entrevistados. Ele tem, para cada um deles, uma dupla significação: 1) Envolve uma série de movimentos do corpo penetrando fundamente na vida psicológica (...). 2) Simultaneamente com seu caráter corpóreo, subjetivo, o trabalho significa a inserção obrigatória do sujeito no sistema de relações econômicas e sociais. Ele é um *emprego*, não só como fonte salarial, mas também como lugar na hierarquia de uma sociedade feita de classes e grupos de *status*." (p. 390 de *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, 2ª ed., São Paulo, T. A. Queiroz Editor-Editora da Universidade de São Paulo, 1987; o grifo é da própria autora).

um discurso crítico dos valores e das instituições da moderna civilização ocidental tal como ela começava a se instaurar entre nós. No entanto, o alvo das críticas não é "o progresso em si mesmo", mas sim a dimensão racionalizante e autoritária, a que podemos nos referir, forçando o raciocínio (embora esta idéia não seja formulada de modo explícito no discurso feminista da revista), como sendo inerente a uma versão "masculina" do progresso — que, para ser corrigida em seus desvios e exageros, exigiria a compensação de uma visão feminina sobre o mesmo assunto.

#### VII.4.2 MULHERES, UNI-VOS: VAMOS AGIR POR UM IDEAL!

O artigo "Uma Saudação", de Anália Franco, fornece-nos um campo profícuo para a exploração desta temática. A fim de conter a anomia que acompanhava a realização das conquistas materiais do progresso, a articulista propugna uma educação de caráter moralizante — isto é, que possibilitasse o estabelecimento de novos costumes pela influência regeneradora do "ideal religioso", único instrumento capaz de combater o "materialismo esterilizador" que começava a instaurar-se em nosso país:

A mulher brasileira (...), acostumada a não amar a leitura por julgá-la um elemento de perversidade, em razão da má educação que nos deram, parece não sentir a necessidade de uma distração superior.

A vaidade e o desejo ardente de brilhar pelas graças exteriores, constituem a estreita ambição e o pensamento de muitas, que acreditam ser esta civilização a última conquista do progresso humano. (...) Quando consideramos os efeitos funestos que vai produzindo a falta do desenvolvimento moral e religioso das nossas faculdades, sentimos que devemos empregar (...) todos os esforços (...) para combater essa indiferença religiosa, esse desequilíbrio moral que parece ir rompendo a harmonia das sociedades (...). Nunca será demais estimular os bríos e o patriotismo das brasileiras, já pela palavra, já pelo exemplo, para que marchem na vanguarda do progresso à conquista das grandes qualidades que assinalam e esmaltam a parte mais nobre da história e que dá à nossa espécie a consciência de sua grandeza. Ao concluir, direi como um ilustre escritor contemporâneo: "Não há vida feliz, individual ou coletiva, sem ideal: é nesse éter das almas (...) que se formam e movem o amor, a fé, a abnegação, o entusiasmo pelo bem, a dedicação tenaz, a lealdade completa, todos os grandes sentimentos que constituem a nobreza de nossa espécie, e nunca foi possível apertar e conter nas fórmulas estreitas do egoísmo animal... (...)"<sup>326</sup>

Embora a defesa de uma "volta à religião" constitua uma exceção na revista, certa postura evangelizadora e idealista permeia o pensamento da maior parte das colaboradoras de *A Mensageira* — que adotam para si próprias a prescrição de "educar e agir conforme um ideal" (fosse ele um ideal patriótico, estético, feminista ou pedagógico). Neste sentido, a leitura é identificada como "meio de formação" da

---

326. Ver texto das pp. I(12):177-179; o trecho selecionado encontra-se em I:178-179.

mulher, instrumento tanto para a aquisição como para a difusão do ideal a que a articulista se refere; a própria *A Mensageira* integraria este objetivo de formação moral e intelectual da "nova mulher brasileira" — que poderia, então, participar ativamente das transformações pelas quais passava a sociedade brasileira.

Como podemos observar, trata-se mais propriamente de um processo *generativo* — de formação de uma nova geração de mulheres brasileiras, devidamente instruídas e imbuídas de ideais elevados — do que de um projeto *regenerador*, nos moldes propostos por Comte. Esta pedagogia de contornos idealistas, aliás, aproximaria o pensamento externado na revista das propostas de instituição de uma "religião civil", nos termos rousseauianos, ou ainda das concepções coletivistas do "romantismo social".<sup>327</sup> Enquanto projeto coletivo, o feminismo de *A Mensageira* sanaria um dos principais obstáculos à emancipação feminina no Brasil: o relativo isolamento em que viviam as mulheres brasileiras — em sua maioria trancafiadas no lar, sem possibilidade de estabelecer contato umas com as outras (quanto mais de desenvolver ou externar uma "consciência feminista"). Neste sentido, a rede de relações que a própria revista estabeleceu entre suas colaboradoras (possivelmente entre estas e suas leitoras, ou ainda entre as leitoras entre si) teria atuado no sentido de favorecer o desenvolvimento de uma identidade feminina e de uma consciência feminista embrionária — realização que se esperava ver generalizada para as mulheres de todas as camadas sociais e todas as regiões do Brasil.

Em outro sentido, o caráter moralizador da pedagogia presente na revista, embora implicasse uma aceitação parcial da suposta "superioridade moral" da mulher, encaminharia a crítica à vigência de um duplo código de moralidade, responsável pelas desigualdades sociais entre os sexos. Buscando desvendar os falsos pressupostos desta duplicidade de códigos morais, as redatoras da revista recorrem a Samuel Smiles:

Ainda que as qualidades do homem pertençam mais à cabeça, e as da mulher ao coração, é indispensável que o coração de ambos seja cultivado conjuntamente com a cabeça (...). A condição pura da mulher deve ser acompanhada pela equivalente do homem, porquanto a mesma lei moral é aplicável a ambos. Seria abalar os alicerces da virtude sustentar a doutrina que o homem, pela diferença de sexo, tem a liberdade de menosprezar a moralidade, de fazer impunemente aquilo que a mulher não pode praticar sem desonrar-se para sempre. Portanto, para sustentar a condição pura e virtuosa da sociedade, é de mister que o homem e a mulher sejam igualmente puros e virtuosos, e evitem todos os atos suscetíveis de ofender o coração, o caráter e a consciência (...).<sup>328</sup>

---

327. Ver nota 107 do capítulo dedicado ao esmiuçamento da questão "A Mulher no Pensamento Oitocentista" (cap. IV).

328. Cf. a "Seleção" de I(12):187-188.



Esta perspectiva, que contempla elementos de psicologia e de sociologia, longe de estar em contradição com a perspectiva naturalista, mostra-se complementar com relação a ela: embora diversas, *a ordem natural e a ordem social devem encontrar um ponto de equilíbrio*, capaz de garantir a felicidade de um "ser humano integral". Homens e mulheres, enquanto indivíduos integrais, não podem ser fragmentados em suas funções biológicas e em seus papéis sociais, que devem amoldar-se uns aos outros — as noções de *caráter e consciência* parecendo fazer, neste caso, as vezes de mediadoras entre as inclinações naturais e os deveres sociais, procurando-se não violentar a natureza nem, pelo contrário, submeter-se cegamente a seus desígnios.

### VII.4.3 A REIVINDICAÇÃO DE DIREITOS

Desta forma, abre-se caminho para a elaboração de um discurso referente à igualdade de direitos: identificada como "indivíduo integral", a mulher passa a ser reconhecida em todas as suas faculdades, biológicas e sociais — e até mesmo em termos ontológicos, na qualidade de "ser feminino" abstrato e genérico. É o que depreendemos das considerações efetuadas por Xavier de Carvalho no seu artigo "O Feminismo" — em que devemos notar como a categoria sexual de gênero, "mulher", apresenta para o articulista uma legitimidade específica, talvez mais essencial do que os papéis sociais de "mãe" e "esposa":

(...) Após tantos e tantos séculos de escravidão, a Eterna Menor revolta-se! E revolta-se, não por sentimentalismo, mas com firme convicção dos seus direitos sagrados *de Mãe, de Esposa e de Mulher*, parte integrante do Indivíduo e da Humanidade. *Revolta-se pelas exigências do seu Cérebro, do seu Coração e do seu Sexo*. Revolta-se por que no meio de um século de ciência e de justiça social, com plena consciência da injustiça que lhe é feita, não pode mais suportar a bastilha de horrores em que a lançaram as religiões e as leis, esses inimigos de todas as tentativas de emancipação humana. (grifos nossos)<sup>329</sup>

Uma vez identificados os inimigos da emancipação feminina, Xavier de Carvalho prossegue, conclamando a mulher brasileira a juntar-se ao movimento internacional de revisão dos códigos morais e legais em favor de uma maior participação da mulher na sociedade — cabendo lembrar que a postura internacionalista adotada por este correspondente de *A Mensageira* talvez se deva ao fato dele residir em Paris:

---

329. Ver texto das pp. I(7):97-100; o trecho selecionado encontra-se em I:98.

(...) Seria para desejar que também aí no Brasil, a mulher saísse do entorpecimento em que se encontra ainda e se lançasse como as suas irmãs da França, da Inglaterra, da Alemanha, da Escandinávia, dos Estados Unidos da América do Norte em pleno movimento emancipador, reclamando nos códigos a revisão dos artigos que ferem profundamente os direitos da mulher, frequentando escolas superiores etc.<sup>330</sup>

E, novamente a leitura volta a ter uma função primordial no desenvolvimento de uma consciência feminista, com Xavier de Carvalho sugerindo um rol de obras que pudessem esclarecer as mulheres brasileiras a respeito das doutrinas feministas existentes:

(...) Aquelas que ainda não conheçam o fundo das doutrinas feministas devem consultar *Humanisme Intégral* de Léopold Lacour (...), as obras diversas de Júlio Bois (...), todos os trabalhos do ilustre juriconsulto belga Louis Frank, os trabalhos de Stuart Mill sobre a mulher, os trabalhos de Léon Richer, de Alfred Fouillée, de Mademoiselle Chauvin, de Bebel, de Grosserie, de Paul Lacombe, de Jacques Loubet, de Ernest Naville, de Paul Gide, do dr. Thulié, do dr. Martin etc.<sup>331</sup>

O formato editorial de *A Mensageira* comportava, aliás, a separação de um espaço para trechos selecionados da obra de vários autores, que uma vez colecionados poderiam cumprir esta função de formar uma "biblioteca feminista": como já foi indicado, a seção da revista intitulada "Seleção" parece ter desempenhado essa função — devendo a sugestão de Xavier de Carvalho ser adaptada à realidade das leitoras nacionais, pois a leitura de obras inteiras tornava-se pouco exequível, tendo em vista não só as dificuldades de aquisição daqueles mesmos livros no restrito mercado editorial brasileiro de então, bem como o alto índice de analfabetismo feminino registrado na época.<sup>332</sup>

#### VII.4.4 O DIREITO À DIFERENÇA

Entretanto, na qualidade de veículo propagador das idéias do setor feminino marginalizado da sociedade brasileira, o feminismo de *A Mensageira* agrega, à reivindicação

---

330. Ver texto das pp. I(7):97-100; o trecho selecionado encontra-se em I:99-100. Outra formulação acerca da igualdade de direitos femininos e masculinos aparece num texto de Garcia Redondo, magistral pelo uso inteligente de jogo de palavras que ironiza a dupla condição masculina de superioridade (em termos de poder real) e inferioridade (em termos de poder legítimo), incluído na "Seleção" de II(33):181: "A mulher está conquistando dignamente o seu lugar no mundo social, e justo é que nós outros, os *déspotas hipócritas*, que até hoje, *não pela força do direito, mas pelo direito da força*, a temos conservado escravizada e submissa ao nosso *domínio egoísta e fraudulento*, façamos justiça abrindo alas para que ela passe triunfante e vá ocupar o seu posto a nosso lado, não como um ser inferior, que não é, mas como um ser perfeitamente igual, que é e que sempre foi". (grifos nossos).

331. No mesmo texto de Xavier de Carvalho, p. 100.

332. Ver nota 197.

do direito à igualdade formal, um certo elogio da diversidade — tema que se articula, às vezes de modo apenas latente, como uma reivindicação complementar, relativa ao *direito à diferença*.

No capítulo anterior, referente às representações da nacionalidade presentes na revista, tivemos a oportunidade de averiguar como a peculiaridade dos interesses femininos se manifestava em termos sócio-culturais (na exaltação telúrica de nossa paisagem natural, na descrição de nossas tradições regionais, na simpatia pelas manifestações populares como o carnaval e as festas religiosas) e políticos — qualidade através da qual acabou engendrando a identificação destas mulheres com outros setores marginalizados da nação, como era o caso, para aquele período histórico, da massa de negros libertos e imigrantes estrangeiros sem colocação social.

No que diz respeito à manifestação literária propriamente dita, as diferenças de gênero adquiriram ainda a feição de divergências estéticas entre os próprios colaboradores da revista — que, no limite, espelhavam em ponto menor o embate talvez bem mais amplo entre a literatura masculina da época (de contornos acadêmicos, assépticos ou esterilizantes) e a literatura feminina que procurava, pela exploração de conteúdos alternativos e formas de expressão próprias, legitimar-se.

Outras vezes, porém, procurando apoio em autores franceses consagrados como Victor Hugo e Ernest Legouvé, as articulistas de *A Mensageira* conferem uma dignidade programática a este elogio da diferença. Esta problemática soma mais elementos para a reflexão acerca das ambiguidades já apontadas no pensamento feminista da revista: pois o direito à diferença podia dar margem tanto a um discurso contemporizador, como, no sentido contrário, constituir ponto de partida para a radicalização da ação feminista.

A perspectiva contemporizadora, capaz de tornar aceitável, frente ao maior número de interlocutores possível, o feminismo externado pela revista, pode ser encontrada num trecho da "Carta com Ares de Crônica" de Maria Emilia. Procurando disfarçar a alacridade e a ironia de seu discurso, tal como se encontrava no seu já mencionado artigo "Falso Encanto", a articulista reformula suas considerações buscando convencer os leitores da "moderação" de suas colocações — procedimento que, embora amenize o conteúdo da diferença, justifica-se como forma de ampliar as bases sociais da causa feminista:

Victor Hugo (...) proclamava, entre delirantes aplausos da multidão, o "direito da mulher como igual ao do homem"; direito esse que temos deixado profligar e que, mesmo quando queremos defender, desvirtuamos algumas vezes pelo exagero das teses. Nada, portanto, de exaltação.

Queremos a igualdade da mulher tal como é descrita pelo imortal e bom Legouvé, *igualdade na diferença*, igualdade que pode existir sem prejuízo de nenhuma das duas metades do gênero humano, igualdade que eleva a mulher e prova em favor do homem. (grifos da autora)<sup>333</sup>

Apontando em outra direção, a busca do direito à diferença trataria de impelir para a frente o movimento feminista, constituindo um horizonte futuro, uma etapa ulterior a ser alcançada pelo feminismo brasileiro que, dada a sua imaturidade, sequer lograra a conquista primordial do princípio da igualdade formal. Recordando o *passado tenebroso* da condição feminina servil no mundo e depositando suas esperanças num "futuro melhor" para a causa feminista no Brasil, M.P.C.D. assim conclui seu artigo "A Nossa Condição":

A esse passado tenebroso, a esse egoísmo revoltante, o esquecimento completo; ao presente, que promete a *igualdade na diferença*, ânimo e perseverança; e a esse risonho futuro que trará a emancipação moral da mulher, uma chuva de palmas e uma saiva de ovações! (grifos da autora) <sup>334</sup>

Seja como for, a discussão sobre os direitos femininos, incluindo a revisão do próprio conceito de direito (levantada pelo tema da igualdade/diferença) — questão praticamente ausente da elaboração discursiva mais amena que estivemos explorando nas duas primeiras partes deste capítulo — permitiu às colaboradoras de *A Mensageira* dar mais um passo em direção de reivindicações mais concretas, como é o caso da defesa de uma *educação profissionalizante* e do *direito ao exercício de uma profissão para a mulher*, itens de que nos ocuparemos a seguir.

#### VII.4.5 O DIREITO AO TRABALHO

Introduzida na revista pela palavra abalizada da prosadora Júlia Lopes de Almeida, a questão da educação feminina para o trabalho era avaliada de acordo com sua capacidade de contribuir para o progresso material do país. Já tratamos deste assunto em capítulo anterior, demonstrando que defesa de uma "ética do trabalho" mescla-se na argumentação da prosadora com o diagnóstico das idiossincrasias nacionais:

---

333. Ver o texto das pp. I(3):43-44; o trecho aqui selecionado encontra-se em I:43.

334. Ver o texto da p. I(6):81. M. P. C. D. é, provavelmente, a própria Prisciliana Duarte (ver o verbete dedicado a "M. P. C. D." em nosso Anexo V).

Esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturais. Ensinará que, sendo o nosso, um *povo pobre*, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família, sem detrimento do trabalho do homem. (grifo nosso)<sup>335</sup>

No entanto, a própria Júlia Lopes e outras colaboradoras da revista caminhariam do discurso louvatório do trabalho para a glorificação da família e da pátria brasileiras na direção do reconhecimento do valor intrínseco do trabalho feminino, entendido como forma de aquisição da independência econômica para a mulher.

Curiosamente, parte da pena de um homem residente fora do país, o mencionado jornalista português Xavier de Carvalho, o primeiro brado mais forte contra o egoísmo masculino — característica dos homens em geral que, numa atitude reativa e conservadora, ainda se esforçavam por frear a emancipação feminina no Brasil e no mundo. Segundo o jornalista, o principal motivo desta reação masculina residiria justamente no medo da concorrência da mulher no âmbito profissional:

A mulher é ainda hoje considerada, quase por toda a parte, como um ser física e socialmente incompleto. Além dos que por aberração cerebral a detestam, há a ferocidade dos Códigos, há a hipocrisia dos Costumes, há umas certas convenções anacrônicas a que filósofos impotentes chamam a *moral*, há o grande abismo dos preconceitos confessionais de todas as religiões e seitas e há sobretudo a oposição estúpida e, digamos interessada, do *homem* que receia a concorrência da *mulher* nas artes, na ciência, no comércio e na indústria. É o homem que nos parlamentos fabrica os códigos injustos e as leis opressivas; é o homem que se opõe na questão econômica à reivindicação tão sensata das mulheres nos centros industriais: *a trabalho igual, salário igual*; é o homem que impede a entrada da mulher nas academias e foro, como se viu há pouco em Paris, na questão com Mademoiselle Chauvin; é o homem que lhe cria todos os embaraços e obstáculos nas carreiras chamadas liberais (...). (grifos do autor)<sup>336</sup>

Embora esta maneira de formular o problema possa parecer inadequada para o estágio em que se encontrava o feminismo no Brasil — estampada nos primeiros números da revista esta matéria de Xavier de Carvalho permaneceria relativamente isolada, encontrando pouca repercussão na primeira fase de publicação da revista — esta reivindicação fornecerá o ponto de apoio para a radicalização do pensamento feminista de *A Mensageira*, evidenciada nas matérias mais contundentes publicadas nos últimos números da revista, ao tratar do mencionado caso Mirtes de Campos.

---

335. Ver o texto de "Entre Amigas", pp. I(1):3-5; o trecho selecionado encontra-se em I:4-5.

336. Ver "O Feminismo", pp. I(7):97-100; o trecho selecionado está em I:97-98.

#### VII.4.6. FAMÍLIA E PÁTRIA NÃO SÃO TUDO NA VIDA DE UMA MULHER

Um primeiro reflexo das afirmações de Xavier de Carvalho pode ser sentido na coluna de Maria Emília na edição nº 8. A reprodução de sua argumentação nos parece interessante por ser um dos primeiros textos da revista a abordar o tema do exercício da literatura — embora a cronista ainda considere o ato de escrever praticado pela mulher como uma espécie de lazer — associado à idéia de uma "profissão". Além disso, ao ironizar a opinião desabonadora dos jornalistas sobre o trabalho literário feminino, a cronista depõe acerca da "guerra" que parte da imprensa da época realizava contra a mulher escritora:

*Que a literata jamais será boa dona de casa (precavenham-se as escritoras solteiras contra essa guerra de certos jornalistas); que, a terem as mulheres profissões liberais, ficará o lar abandonado, perecerá a família, e coisas análogas...*

Ora, a refutação dessa doutrina é tão fácil que até nos próprios domínios da vida do homem encontramos argumentos contra ela. Porque poderá o homem ser literato sem abandonar seus deveres de empregado público, como Machado de Assis e Artur Azevedo; sem esquecer os seus livros de jurisprudência, como Lúcio de Mendonça; sem deixar a sua cadeira de professor, como Sílvio de Almeida, Artur Lobo e Carlos de Lact; sem faltar ao seu serviço de comércio, como João Luso; e a mulher terá *forçosamente* de abandonar a casa porque nas horas que lhe ficam de seus lazes escreve um soneto ou faz uma tira de prosa? (grifos da autora)<sup>337</sup>

Desenvolvendo o raciocínio, Maria Emília prossegue advogando para a mulher uma educação que lhe garanta o exercício de uma profissão remunerada fora do lar. Aproximando-se da crítica de costumes, reivindica a independência econômica pelos benefícios que trará ao sexo feminino no que diz respeito à sua auto-suficiência e ao matrimônio. Capaz de garantir a própria subsistência, a mulher não se obrigará a casar por dinheiro, esquivando-se ainda do opróbrio de "viver de favores" (caso permaneça solteira ou se encontre em condições adversas em razão da viuvez ou da invalidez do marido):

Todavia, é em nome do lar, é em nome da grandeza do amor, (...) que todo homem sensato deve premunir suas filhas com uma educação sólida e uma profissão que garanta sua subsistência independentemente do casamento. A mulher preparada assim para a vida, confiando em si mesma, (...) só se casará por afeição, não terá de ceder diante das circunstâncias, como no sistema social até hoje estabelecido, em que a mulher, ame ou não ame, encontre ou não o seu ideal, tenha ou não o coração preso à imagem de um noivo morto, há de, irremediavelmente, ou casar-se, violentando os seus mais santos sentimentos, ou então resignar-se à triste condição de viver de favores (...). Demais, a mulher feliz, a mulher casada por amor, não está sujeita a enviudar, a ter de sustentar com o seu trabalho os filhos estremecidos? Não está sujeita a ver o esposo impossibilitado de trabalhar em consequência de um incômodo qualquer?(grifos da autora) <sup>338</sup>

337. Ver "Com Ares de Crônica", pp. I(8):123-124; o trecho aqui selecionado encontra-se em I:123.

338. No mesmo texto das pp. I(8):123-124.

Podemos dizer, então, que a postura exterior e internacionalista de Xavier de Carvalho, além de oferecer balizas para a atualização do movimento feminista nacional às conquistas do feminismo internacional, representou para as colaboradoras de *A Mensageira* a abertura de uma via de distanciamento com relação à Nação brasileira, tal como esta se achava homogênea e autoritariamente representada no discurso de nossas elites intelectuais e políticas (predominantemente masculinas) da época.

Neste sentido, a divulgação do caso de Mirtes de Campos — jovem bacharelada em direito que teve de lutar contra o machismo imperante na Instituto dos Advogados Brasileiros pelo direito de exercer a advocacia —, ao tocar no ponto nevrálgico da questão profissional, serviu de catalisador do conflito de gênero latente nas diversas esferas da vida econômica, política e social da Nação; e assim as idealizações da Nação (a crença numa comunhão sócio-cultural entre homens e mulheres brasileiros) que identificamos na revista vão sendo abandonadas em favor de uma postura desmistificadora, voltada para o reforço da autoconfiança e da independência da mulher.

Referindo-se ao exemplo de perseverança de Mirtes de Campos, infatigável na sua luta pelo direito legítimo de exercer a profissão para a qual se preparou durante longos anos, a cronista Maria Emília exorta outras mulheres a procederem da mesma maneira:

Permita Deus que este exemplo estimule outras moças a procurarem na vida pelo seu próprio esforço o lugar que até hoje ferozmente lhes tem sido negado, pelo egoísmo do sexo forte. Isto não quer dizer que procurem a Faculdade Livre as que ainda não obtiveram matrícula na Escola Normal. O que convém é que a mulher se habitue a confiar menos no amparo do homem e a contar principalmente consigo.<sup>339</sup>

Estabelecendo assim um vínculo estreito entre instrução e trabalho, o feminismo de *A Mensageira* se aproxima das formulações do socialismo revolucionário,<sup>340</sup> antecipando ainda, pela presença da discussão crítica sobre o problema dos direitos

---

339. Último parágrafo da coluna "Com Ares de Crônica" do nº 33, pp. II:169-172.

340. Presente já no *Manifesto Comunista* de 1848, as idéias externadas por Marx com relação à união instrução-trabalho seriam detalhadas em suas *Instruções aos Delegados ao I Congresso da Internacional dos Trabalhadores* (reunião realizada em Genebra, 1866). Advogando uma instrução profissionalizante e integral, Marx utiliza os seguintes termos para definir o problema: "A união entre trabalho produtivo remunerado, instrução intelectual, exercício físico e treinamento politécnico elevará a classe operária acima das classes superiores e médias". Cf. Mario Alighiero Manacorda, *História da Educação: Da Antiguidade aos Nossos Dias*, trad. de Gaetano Lo Monaco, São Paulo, Cortez Editora-Editores Associados, 1989, pp. 295-299.

femininos, algumas colocações da moderna teoria feminista do direito.<sup>341</sup>

Chegando a este ponto, nossas afirmações sobre o pensamento de *A Mensageira* assumem uma certa circularidade — pois retornamos aqui às considerações iniciais do presente capítulo acerca da superação do positivismo pelo discurso feminista presente na revista. Considerada como elemento dinâmico, capaz de engendrar a transformação da condição feminina, a instrução advogada em *A Mensageira* e a própria literatura produzida por suas colaboradoras (as "letras", para usarmos uma expressão generalizante) viriam assim substituir o elemento da "ordem", que é o pilar básico do pensamento positivista ortodoxo.

Revela-se portanto o significado do artifício de que lançamos mão para dar título ao capítulo, onde a substituição de um só dos elementos do lema positivista ("O Amor por Princípio, a Ordem por Base e o Progresso por Fim") consegue minar justamente a "base" do processo, privando a idéia original de suas conotações totalitárias. Vimos, neste caso, como somente o caráter transformador atribuído à instrução e à literatura no projeto iluminista garantiriam a passagem para uma formulação que — embora limitada de início por uma concepção demasiadamente preocupada com os aspectos civilizatórios envolvidos no processo de generalização da cultura e do conhecimento — engendraria a superação de si própria, permitindo, dialeticamente, a emergência plena da reivindicação feminista na revista.

---

341. Ute Gerhard define esta corrente teórica do feminismo: "(...) a teoria feminista do direito ou da moral, alimentada pelo movimento das mulheres, insiste muito mais conscientemente sobre a diferença, a diferença dos sexos, como a estrutura social que marca todos os campos da vida: a política, a participação coletiva, a cultura, a linguagem, a identidade e a ciência. Para a formação de uma subjetividade feminina autônoma, para a conquista de um espaço próprio para outra prática política que não signifique necessariamente separatismo, trata-se, nesta perspectiva, de pensar as mulheres não só como submissas, oprimidas, mas de reconhecer valores e orientações femininas que devem ser devidamente considerados." (obra citada, p. 58).



## RECAPITULAÇÃO E CONCLUSÕES

Inspirada numa pesquisa prévia, em que havia sido estudado o papel desempenhado pela prosadora Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) em meio às precursoras do feminismo no Brasil, o presente estudo enfocou o grupo de mulheres escritoras (entre elas a própria Júlia Lopes, colocada como uma espécie de madrinha do empreendimento) reunidas em torno da publicação, em São Paulo, de uma "revista literária dedicada à mulher brasileira", *A Mensageira*, circulante entre 1897 e 1900 com periodicidade quinzenal, de início e mensal, a partir de 1899.

Partindo-se da hipótese de que época e local de circulação desse periódico coincidiam com as características orto e heterogenéticas identificáveis respectivamente nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, obteve-se a confirmação de que a revista (que surgia num momento crucial de transição da sociedade brasileira, em que a superação do escravismo e do monarquismo pela Abolição e pela Proclamação da República criava a expectativa de mudanças também nos terrenos social, econômico e cultural) buscava uma superação das limitações impostas à mulher pela identificação com o dinamismo da capital paulista e, conseqüentemente, pelo distanciamento do estado burocrático representado pela Capital Federal. Contribuía para esse posicionamento o arrefecimento das expectativas feministas geradas pelo não atendimento de reivindicações básicas como a extensão do direito de voto à mulher pelos constituintes republicanos — expectativas que teriam determinado, inclusive, a transferência de lugar do jornal *A Família*, editado inicialmente por Josefina Álvares de Azevedo na cidade de São Paulo e transferido para o Rio de Janeiro no primeiro semestre de 1889.

Assim, *A Mensageira* teria surgido no vácuo deixado pelo esmorecimento e pela suspensão da publicação de *A Família* — ressaltando-se que os estudos biobibliográficos procedidos mostraram que a maior parte das futuras colaboradoras de revista paulistana (ou pelo menos as mais importantes delas) haviam figurado como colaboradoras de *A Família*, aí se incluindo as poetisas fluminenses Narcisa Amália e Júlia Cortines, a jornalista gaúcha Revocata Heloísa de Melo, a carioca Júlia Lopes de Almeida, a baiana Inês Sabino, as pedagogas Anália Franco, Zalina Rolim e Marie Rennotte (esta última depois diplomada em medicina) e as duas primas procedentes do sul de Minas, Prisciliana Duarte e Maria Clara Vilhena da Cunha (Maria Clara da Cunha Santos, depois de casada).

Dada a necessidade de abrir espaço para a divulgação da produção (em prosa e verso) das integrantes desse grupo, a revista proposta por Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944) em fins de 1897 assume características híbridas, de periódico de letras (à maneira da *Revista Literária* editada na cidade de São Paulo por Amadeu Amaral e José Máximo Pinheiro de Lima, em 1895) e de veículo para ponderadas reivindicações femininas — características que conferem, como resultante, o caráter "moderadamente feminista" geralmente atribuído à *Mensageira*.

Inexistindo estudos biográficos propriamente ditos a respeito do casal de mantenedores da revista, Prisciliana Duarte e Sílvio de Almeida (1867-1924), procedeu-se à compilação de dados esparsos que permitem compor uma imagem razoavelmente consistente da jovem poetisa que se instala na capital paulista em 1892 (ano em que se bacharelava seu primo e marido, advogado formado pela Faculdade de Direito de São Paulo): procedentes de uma tradicional família sul-mineira — em que o patriarca Aureliano Batista Pinto de Almeida (avô de ambos, nascido por volta de 1810) funcionava como mentor imbuído de idéias liberais e republicanas —, mas destituídos de posses materiais, Sílvio e Prisciliana conseguem ascender, nos 20 ou 30 anos seguintes (até a época da Primeira Guerra Mundial, aproximadamente) à posição de conforto e respeitabilidade proporcionada por seus próprios esforços na manutenção de um colégio particular (no qual residia a família) e pela revelação de seus próprios talentos — literários, no caso de Prisciliana ou pedagógicos, no caso de Sílvio.

Esse quadro pessoal otimista superpunha-se ao *boom* de desenvolvimento registrado pela cidade de São Paulo ao longo da década de 1890, na qual algumas iniciativas dos primeiros governos estaduais republicanos (ampliação da rede escolar pública somada à construção de prédios vistosos como o do Museu do Ipiranga, da Politécnica, da Escola Normal e do Jardim da Infância anexo a essa escola) criavam expectativas de

tornar-se a cidade o pólo cultural-educacional de toda a região centro-sul do país. A própria situação do professor Sílvio de Almeida, que conquistara por mérito, em concurso público realizado em 1895, a cadeira de português do novo Ginásio do Estado de São Paulo, sugeria a instalação de um sistema justo que, em contraste com as práticas clientelistas que haviam caracterizado o Segundo Reinado, premiaria os indivíduos de acordo com suas capacidades.

Pode-se observar, assim, que em torno de Prisciliana Duarte reúne-se, além de uma plêiade de escritoras talentosas, um grupo de jovens homens de letras empenhados em colaborar com a diretora de *A Mensageira* em sua catequese cívica e estética (na qual o sentimento nativista desempenha papel relevante) — entre estes últimos destacando-se os mineiros Néelson de Sena ("Pelayo Serrano") e Manuel Viotti ("Elmano do Val") e os jornalistas paulistas Artur Andrade e Alberto Sousa, mas incluindo-se ainda figuras que desempenharão posteriormente, no início do século XX, papel relevante na história da cidade de São Paulo: Amadeu Amaral, o neoparnasiano mentor de uma estética mais essencial do que aquela pregada pelos parnasianos ortodoxos, centrada em valores interioranos paulistas; o ativista político Ricardo Mendes Gonçalves, inspirado poeta anarquista cujo ideário estético situa-se nas proximidades daquele pregado por Amadeu Amaral e Monteiro Lobato; o pouso-alegrense (conterrâneo de Sílvio e Prisciliana) precursor do regionalismo mineiro Amadeu de Queirós; e o malogrado representante das oligarquias paulistas Júlio Prestes de Albuquerque (eleito Presidente da República em 1930), filho do então Presidente do Estado de São Paulo, Fernando Prestes de Albuquerque (que sucedeu Campos Sales cumprindo mandato que se estendeu de 1898 a 1900).

Estaria equivocada, portanto, aquela adjetivação pejorativa empregada por alguns estudiosos do período que atribuíram à revista *A Mensageira* como um todo (ou mesmo à obra individual de cada uma de suas colaboradoras), um caráter de literatura evasiva, "feita para o sorriso da sociedade" — não sendo raro encontrarem-se referências que pretendem taxá-las como privilegiadas "mulheres da elite", "filhas de barões", e assim por diante. Como vimos, a própria trajetória biográfica e intelectual do casal Prisciliana e Sílvio de Almeida desautoriza esse tipo de avaliação: mesmo solidamente embasados no apoio do clã sul-mineiro do qual se originavam, não se pode dizer que tenham vivido sem dificuldades financeiras — e mesmo a ascensão social verificada dependeu do esforço e do empenho pessoal de ambos em atividades jornalísticas, literárias e pedagógicas. Infere-se que seu "bom desempenho" nestas áreas tenha se vinculado efetivamente a um consumo satisfatório desses serviços

(editoriais e educacionais) por uma elite endinheirada; mas, longe de favorecê-los de fato, o estabelecimento dessa dependência com relação às opiniões e aos interesses dessa mesma elite provavelmente atuou no sentido de limitar o espectro das idéias defendidas pelo casal — seria esta talvez a razão, no caso específico de Prisciliana, de não se proceder a uma radicalização das reivindicações feministas apresentadas em *A Mensageira*.

Na falta de informações extratextuais, o próprio formato da revista já seria suficiente para se fazer inferências a respeito do envolvimento do periódico com os problemas da transição brasileira, assim como sua preocupação no que diz respeito à condição social da mulher.

Longe de se apresentar simplesmente como uma revista de amenidades ou de entretenimento, *A Mensageira* possui características de uma publicação cultural, voltada para o objetivo precípua de instrumentar a leitora brasileira para o desempenho de suas funções cívicas e sociais (chegando mesmo a esboçar reflexões acerca da questão da cidadania feminina). Nesse sentido, constata-se que, embora os textos de teor programático possam ser encontrados dispersos por toda a publicação, a seção denominada "Seleção" (composta por excertos de obras de renomados autores nacionais ou estrangeiros) acaba se tornando o lugar preferencial de uma articulação explícita de artigos que abordam a problemática feminina e feminista.

A complexidade desse quadro torna impraticável a classificação do fenômeno *A Mensageira* estritamente a partir da nomenclatura utilizada por Mannheim para diferenciar pensamento progressista e pensamento conservador. Neste caso, a especificidade da situação brasileira exigiria, ela mesma, a correção da teoria mannheimiana através dos aportes teóricos de estudiosos como Roberto Schwarz e Paulo Arantes, entre outros: aliás, é o próprio Mannheim quem induz a esta adaptação ao demonstrar que o processo histórico de diferenciação nítida entre progressismo e conservadorismo (enquanto estilos de pensamento articulados) só ocorre quando se verifica a realização plena da "sociedade de classes" — o que, como sabemos, não era o caso do Brasil naquele momento histórico, no qual as primeiras manifestações da ordem burguesa se realizavam no interior de uma sociedade ainda fortemente marcada pelos elementos agrário, oligárquico e patriarcal.

Mas, antes de partir para a análise das peculiaridades locais, seria preciso caracterizar as ambiguidades das correntes de pensamento progressistas e

conservadoras internacionais no que diz respeito ao problema da mulher. Poder-se-ia desvendar, assim, a falácia do corolário "progressista" na Europa, uma vez que o desenvolvimento do próprio capitalismo deu margem ao aparecimento de uma argumentação pendular — ao mesmo tempo reconhecedora da necessidade da participação social feminina e detentora da possibilidade de estabelecer limites para essa participação — que, para o bem da própria sociedade, deveria permanecer restrita à esfera do lar e à educação da infância.

Desta forma, mesmo as evidências (facilmente constatáveis em *A Mensageira*) de uma filiação doutrinária ao positivismo comtiano, já representaria, frente ao quadro de analfabetismo generalizado da população brasileira por essa época (situação ainda mais grave no caso específico das mulheres), um avanço importante: mesmo as colocações da mais ortodoxa das colaboradoras da revista, Inês Sabino, que assumiriam forte conotação conservadora, se externadas no ambiente da Europa Ocidental da virada do século — apareceriam, no quadro de apatia nacional, como propostas francamente progressistas, pelo menos no que se referia à educação feminina. E, embora se tenha procurado demonstrar, no último capítulo desta dissertação, que a linguagem positivista constituiu obstáculo ao desenvolvimento do discurso feminista na revista, é inegável que somente a partir dela tenha sido possível a introdução de reivindicações favoráveis à educação feminina.

Neste sentido, o caso *A Mensageira* adquire um caráter exemplar com relação ao processo constatado pelo historiadores de idéias no Brasil: herdeiros imediatos do "modernismo" de idéias herdadas de intelectuais renovadores da chamada "geração de 1870", colaboradores e colaboradoras de *A Mensageira* ilustram bem de que maneira liberalismo, positivismo e evolucionismo aqui se mesclaram para fornecer um caminho crítico e inovador do conservadorismo que perpassava não só o ambiente filosófico brasileiro, mas se encontrava fortemente enraizado na própria estrutura de nossa sociedade. Não é à toa que este "bando de idéias novas", no dizer de Sílvio Romero, foi assumido principalmente pelos setores de uma classe média em formação, constituída de profissionais liberais ou indivíduos ligados às áreas mais dinâmicas de nossa economia (comércio, indústria e serviços, em especial) — setores que apenas excepcionalmente revelavam independência econômica com relação às elites agrárias do país — mas que, mesmo assim, tinham ido buscar, naquelas correntes de pensamento, uma via de distanciamento ou de superação dos valores encarnados por essa velha elite.

Entretanto, a constatação de que o encaminhamento da reivindicação feminista na revista tornava necessária a recorrência ao projeto iluminista acabou revelando um outro artifício, talvez mais difícil de ser generalizado para o restante da intelectualidade progressista do período. Aqui, a especificidade da questão feminina indicou uma apropriação dialética do iluminismo capaz de direcionar a proposta liberal para sua vertente mais política: no caso de *A Mensageira*, a proposta iluminista seria ao mesmo tempo adotada como tradição filosófica e utilizada como ponte para a adoção do evolucionismo spenceriano (muito em voga pela época de publicação da revista, 1897-1900). E, mais importante ainda: o iluminismo abriria, ali, espaço capaz de abrigar elaborações embrionárias do socialismo (que, no Brasil, só seria mais abertamente veiculado nas duas primeiras décadas do século XX).

Aliás, a descoberta de que a utilização de Spencer constituiu o "turning point" que direcionou o pensamento de *A Mensageira* para o campo da reivindicação feminista propriamente dita, conduz à reavaliação da francofilia aparentemente dominante na revista: na verdade, apesar da citação recorrente a autores franceses — na seção "Seleção", por exemplo, encontram-se excertos de Madame de La Fayette, Madame de Lambert, Madame de Maintenon, Madame Necker, Marie d'Agoult, Clémence Royer, Louis-Aimé Martin, Victor Hugo; em outros textos da revista são mencionados Madame de Sevigné, Bernardin de Saint-Pierre, Madame de Staël, Ernest Legouvé, Jules Simon, etc — a argumentação das colaboradoras de *A Mensageira* aproxima-se mais dos pensadores ingleses; desse modo, além da filiação explícita a Spencer, procuramos demonstrar como a crítica ao egoísmo masculino presente na revista assemelha-se ao pensamento feminista de Stuart Mill.

Por isso, é provável que o recurso a citações francesas se deva mais à orientação predominantemente francófila dos meios intelectuais brasileiros de então, pois não se pode afirmar que as colaboradoras de *A Mensageira* chegaram a ler de fato esses autores (a utilização indireta de Rousseau denuncia, aliás, o caráter difuso das leituras realizadas por essas mulheres). De forma diversa, a influência dos pensadores ingleses, que parece ter sido organicamente incorporada ao pensamento da revista, talvez possa ser explicada tanto pela leitura efetiva destes mesmos autores (que eram divulgados, inclusive, pela imprensa cotidiana nacional dessa época) como pode estar relacionada ao momento histórico vivido tanto pela capital como pelo interior paulista: a modernização dessa região, grandemente impulsionada pela injeção de capital inglês, determinava que realidade e pensamento convergissem para a difusão dos ideais do liberalismo inglês.

Por outro lado, a francofilia de *A Mensageira* poderia ser invocada em razão das coincidências entre as propostas feministas da revista e as manifestações do feminismo francês oitocentista, patenteando-se em ambos os casos a filiação às correntes do socialismo utópico e o encaminhamento (ainda que de forma embrionária) do feminismo em direção do socialismo revolucionário. Cabe reafirmar, neste último caso, a importância assumida pelos referidos artigos do jornalista português Xavier de Carvalho que, estabelecido em Paris, mantinha as colaboradoras da revista paulistana informadas acerca dos movimentos feministas europeus mais recentes; mais do que isto, este articulista incentivava as brasileiras à imitação das feministas européias que, naquele exato momento, tinham em Paris a sede não apenas de um feminismo especificamente francês, mas de um movimento de mulheres que desejava cada vez mais internacionalizar-se.

Porém, mesmo na qualidade de nação cosmopolita, a França da virada do século apresentava uma conjuntura imatura, ainda pouco favorável à admissão dos direitos políticos femininos. Situação não muito diferente, aliás, da realidade brasileira dessa mesma época.

Sendo assim, é possível afirmar que tanto na França como no Brasil a "máxima reivindicação feminista" dentro do quadro do Oitocentos limitou-se ao âmbito dos direitos civis, concentrando-se na exigência do direito ao trabalho e na preocupação com a profissionalização feminina. Em *A Mensageira*, esta constatação torna-se patente com a radicalização do discurso feminista da revista por ocasião do episódio envolvendo a concessão do direito de advogar à jovem doutora fluminense Mirtes de Campos. Neste item, por sinal, as nações francesa e brasileira não fogem a um padrão mais geral: como tivemos a oportunidade de evidenciar no capítulo V, a conquista dos direitos políticos para as mulheres é fenômeno relativamente tardio no Ocidente — sendo que, até 1915, apenas nações como a Nova Zelândia, Austrália, Finlândia, Noruega, Dinamarca e Islândia (países de localização periférica com relação ao eixo dominante da Europa Ocidental e da Grã-Bretanha) tinham adotado medidas legais oficializando a participação política feminina.

Qualquer afirmação mais categórica acerca da filiação francófila do feminismo de *A Mensageira* seria, no entanto, leviana: como já foi apontado no caso da recorrência aos autores franceses, é bem provável que o maior intercâmbio cultural entre França e Brasil acabasse forçando a assunção de influências que não correspondiam totalmente a uma escolha deliberada das colaboradoras da revista, resultando mais propriamente de uma preferência imposta pelas informações disponíveis na imprensa e no

mercado editorial sobre o feminismo internacional — isto é, notícias e/ou obras relativas à emancipação feminina que, provavelmente, só chegavam ao público depois de terem sido filtradas pelas editorias masculinas dominantes.

Abordando a questão sob outro ângulo, é inegável a influência do iluminismo inglês no desenvolvimento do feminismo brasileiro — ao menos no que se refere ao caso da precursora Nísia Floresta (1810-1885), cuja obra *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens* (1832), apresentada como uma tradução da célebre obra *A Vindication of the Rights of Woman* de Mary Wollstonecraft, contribuiu para a divulgação do nome dessa feminista inglesa no Brasil. Vimos que, no caso de Jean-Jacques Rousseau, não existe uma menção sequer, explícita, na revista, ao nome do grande pensador iluminista: ele aparece implícito em referências cifradas como aquela da doutora Marie Rennotte ao romancista Bernardin de Saint-Pierre (o célebre autor de *Paulo e Virgínia*, o mais popular propagandista das teorias rousseauianas da virada dos séculos XVIII-XIX). Analogamente, registramos a absoluta ausência de menções a Wollstonecraft — e, mesmo no caso de Nísia Floresta, verificamos que as referências nominais reduzem-se a uma única entrada de nosso índice onomástico.

Com relação a situações paradoxais como estas, caberia interrogar, portanto: a "presença" meramente simbólica dessas feministas em *A Mensageira* corresponderia a um desconhecimento da atuação de ambas — ou, pelo contrário, sinalizaria para uma filiação tão óbvia que dispensava a necessidade de explicitação?

A questão é delicada, pois apesar de sabermos que vários livros importantes de Nísia foram publicados em meados do século na cidade do Rio de Janeiro, ainda faltam informações precisas sobre o número e a tiragem dessas edições. Mesmo reconhecendo que essa dificuldade é generalizável para quase toda a produção intelectual feminina do Oitocentos, no Brasil, é de se lamentar, em especial, a falta de dados sobre a assimilação da produção de Nísia Floresta entre o público leitor feminino. Até há bem pouco tempo a referência à obra de Wollstonecraft detectada no romance de Joaquim Manuel de Macedo *A Moreninha* (1844) parecia atestar que a inglesa tornara-se conhecida das leitoras brasileiras através da tradução de Nísia. Mas, como foi salientado no capítulo V, pesquisas recentes demonstraram que a obra de Nísia era, na verdade, uma falsa tradução de Wollstonecraft — episódio que revela o artifício utilizado pela escritora potiguar: ao lançar mão do nome da famosa feminista européia, Nísia procurava garantir maior credibilidade às propostas feministas veiculadas por sua "tradução".



São estas pistas falsas, aliás, que impedem o delineamento mais preciso de quais foram efetivamente as leituras feministas realizadas pelas colaboradoras de *A Mensageira*. Como o próprio caso de Nísia Floresta indica, é possível que as "mensageiras" lideradas por Prisciliana Duarte de Almeida tenham explicitado referências a livros ou personalidades tidos como praticamente obrigatórios entre as feministas da época, sem, na realidade, jamais terem tido acesso a eles — principalmente em razão do isolamento cultural a que estavam condenadas enquanto mulheres integrantes de uma nação culturalmente dependente.

Da mesma forma (e talvez esta seja a principal lacuna de nossa pesquisa), é difícil traçar um perfil da leitora de *A Mensageira*: além das conjecturas acerca da situação sócio-econômica de seu público leitor, ainda ficaria por conhecer quais teriam sido os níveis de leitura procedidos; isto é, estabelecer qual teria sido o alcance, quantitativo e qualitativo, do programa feminista de *A Mensageira*.

Assim, na presente dissertação, privilegamos a realização de uma leitura aprofundada (e, na medida possível, crítica) do conteúdo da revista — leitura que pôde ser posta em prática a partir do reconhecimento de quem foram seus colaboradores e em que circunstâncias escreveram. Nossa pesquisa constitui, por esse motivo, um ponto de partida para pesquisas futuras, capazes de ampliar o espectro deste "estudo de caso" que, mesmo nesta modesta qualidade de análise de uma situação circunscrita, já foi suficiente para revelar um panorama multifacetado, no qual interseccionam-se questões como feminismo, pensamento social, ideologia, escrita e leitura feminina.

Seja como for, espelhando-se na experiência intelectual francesa ou inglesa, os colaboradores e colaboradoras de *A Mensageira* buscaram entender e encaminhar soluções para o problema da transição brasileira. Dessa forma, o discurso feminista irá incorporar-se àquele discurso ufanista naquilo que dizia respeito à necessidade de reconstrução nacional: é a postura otimista com relação ao futuro do país que determinará a moderação do próprio feminismo presente na revista. Acreditando, às vezes de modo quixotesco, na emergência de uma Nação rósea, aquelas redatoras detectam a incompatibilidade entre a permanência da situação de inferioridade da mulher e a generosidade de nossas belezas naturais em harmonia com a índole tolerante do povo brasileiro.

Num outro sentido, optando pelo elogio das aquisições que o progresso e a civilização trariam para o país, as colaboradoras de *A Mensageira* procuram naturalizar esse mesmo "progresso" demonstrando de que maneira o processo de modernização então em curso em centros urbanos como o Rio de Janeiro e São Paulo já havia sido inaugurado no passado nacional (para tanto, evocam-se tanto a epopéia bandeirante como a "tradição progressista" da mineira Ouro Preto).

Mas a temática da nacionalidade também serviu para encaminhar sua própria negação: a percepção da exclusão a que estariam condenados mulheres, ex-escravos e imigrantes no quadro de reacomodação econômica, política e social da sociedade brasileira pós-republicana levou algumas articulistas da revista a optarem pela denúncia social — realizada através de seus próprios textos literários (como ocorre nos contos e crônicas de Maria Clara da Cunha Santos, nas crônicas de Maria Emília Lemos e nos contos de Júlia Lopes de Almeida e Ridelina Ferreira) ou ainda pela defesa de uma literatura feminina alternativa, antiparnasiana, "genuinamente nacional", enraizada nas tradições regionais e na cultura popular brasileira (neste último caso, a mentora por excelência dessa estética nativista é a própria diretora da revista, Prisciliana Duarte de Almeida, travestida na independente crítica de arte "Perpétua do Vale"). Desse modo, é preciso salientar que as situações de apego à tradição ainda identificáveis em algumas matérias corresponderiam a uma postura meramente reativa, tradicionalista — que, para utilizar a diferenciação de Mannheim, não assumem o caráter de contra-reação articulada característica do conservadorismo.

Além disso, é a própria insistência das colaboradoras da revista na necessidade de instrução para a mulher (que era, como vimos, "velha" reivindicação dos primeiros jornais feministas brasileiros) que vem derrubar o argumento da pretensa modernização da sociedade brasileira — e, conseqüentemente, evidenciar a fragilidade do corolário ufanista que, sobretudo após a Proclamação da República, desejava ver o país elevado à condição de uma Nação homogênea. Como referido no parágrafo anterior, a própria valorização do dado regional no discurso de *A Mensageira* — em muitos momentos lembrada em suas possibilidades de articulação harmônica com o nacional política e economicamente centralizado — também podia adquirir, ao combinar-se com a percepção do processo de marginalização da mulher, uma faceta desagregadora, que apontava para a emergência de "outras nações", mais espontâneas e "genuínas", no interior da Nação retórica e autoritariamente fabricada.

Desse modo, mesmo sem se dar conta disso, ao assumirem a reivindicação feminista, as colaboradoras da revista acabam realizando a crítica daquele processo de "modernização conservadora" — vivenciado em ponto menor pelo nosso país na segunda metade do século XIX, mas já esboçado na Europa desde o século XVIII, com o afloramento da mentalidade iluminista e o advento da Revolução Industrial — situação em que os processos mais gerais de laicização dos costumes e de universalização do ensino se viam emperrados pela revitalização dos estereótipos femininos herdados do passado.

Mesmo o acentuado otimismo presente em *A Mensageira* deve ser matizado à luz do momento histórico da transição brasileira, valendo para elas o mesmo que Roberto Schwarz (1997) detectou na prosa anticonvencional de "Helena Morley" (Alice Dayrell Caldeira Brant), a menina escritora de Diamantina:

Quisemos mostrar (...) que *Minha vida de menina* integra (...) uma linha substantiva da literatura brasileira. A nota especial se prende a certa facilidade no acerto estético, algo à maneira do *Sargento de milícias*, que pouco rema contra a corrente, e nem por isto é trivial, nem cheira a justificação ideológica. Por contraste, sugerimos que as visões simpáticas do país, mesmo em autores de grande calibre, dependeram da exclusão de aspectos evidentes da realidade. Na prosa da menina isto não ocorre, não por artifício artístico superior, e sim porque o momento histórico se havia encarregado da filtragem: a Abolição acabava de suspender o trabalho escravo, e a involução relativa da economia regional barrava o progresso burguês desimpedido, abrindo a brecha para um progresso de outra sorte, da ordem da acomodação interna, de cuja humanidade a beleza do livro fala e dá prova. Por um momento a regulação recíproca de paternalismo e propriedade privada pareceu capaz de superar a fratura na formação social brasileira. Há um testemunho nesta harmonia precária, pronta a se desmanchar ao primeiro arranco do progresso econômico, quando a incongruência social costumeira reclamará os seus direitos.

Não seria despropositado supor, aliás, que pouco depois de completar seu diário (cujos apontamentos datam do período de 1893 a 1895), a "Helena Morley" adolescente dos anos 1897-1900 tenha integrado as fileiras daquelas obscuras mas entusiásticas mineirinhas leitoras de *A Mensageira*...

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Júlia Lopes de: *A Falência*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Oficinas de Obras d'A Tribuna, 1901.

ALMEIDA, Júlia Lopes de: *Ânsia Eterna*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1903.

ALMEIDA, Júlia Lopes de: *A Família Medeiros*. Reedição ("nova edição refundida"), Rio de Janeiro, Empresa Nacional de Publicidade Editora, 1919. Vol. I da "Bibliotheca Brazilia".

ALMEIDA, Norlandio Meirelles de: *Cronologia de Castro Alves*. Guarulhos, Editora D. Pedro II, 1960.

ALMEIDA, Prisciliana Duarte de: *Sombras*. São Paulo, Typographia Brazil (Rothschild & Co.), 1906.

ALMEIDA, Prisciliana Duarte de: *Vetiver*. São Paulo, Typographia Cupolo, 1939.

ALMEIDA, Sílvio de: *O Antigo Vernáculo (Ensaio Elucidativo)*. São Paulo, Typographia Brazil de Carlos Gerke, 1902.

ALMEIDA, Sílvio de: *Estudos Camonianos*. São Paulo, Empresa Editora Nova Era de Paulino Vieira & Cia., 1925.

ALONSO, Angela: "De Positivismo e de Positivistas: Interpretações do Positivismo Brasileiro". *BIB (Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, publicação semestral da Anpocs, São Paulo)*, nº 42, 2º semestre de 1996, pp. 109-134.

AMARAL, Antônio Barreto do: "Nossas Revistas de Cultura: Ensaio Histórico-Literário". *Revista do Arquivo Municipal (São Paulo)*, vol. CLXXIV, julho-setembro de 1968, pp. 125-175.

AMARAL, Antônio Barreto do: *História dos Velhos Teatros de São Paulo*, São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979. Vol. XV da Coleção Paulística.

- AMARAL, Antônio Barreto do: *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980. Vol. XIX da Coleção Paulística.
- AMARAL, Antônio Barreto do: "Reparos e Aditamentos à Obra 'A Imprensa Periódica de São Paulo' ". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (São Paulo), vol. LXXXI, 1986, pp. 45-111.
- AMARAL, Leopoldo: *Campinas: Recordações*. São Paulo, Secção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1927.
- ANDERSON, Benedict: *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- ARANTES, Paulo Eduardo: *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira: Dialética e Dualidade Segundo Antônio Cândido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- ARIAS, Maria: *A Libertação da Mulher*. Sem indicação do tradutor do original espanhol. Rio de Janeiro, Salvat Editores do Brasil, 1979.
- ARROYO, Leonardo (org.): *Estudos de Sílvio de Almeida*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967. Vol. XLVIII da coleção Ensaio.
- ARROYO, Leonardo: *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d.
- BAELEN, Jean: *Flora Tristan: Feminismo y Socialismo en el Siglo XIX*. Madrid, Taurus Ediciones, 1973.
- BANCO SAFRA: *O Museu Paulista da USP* (org. por Orlando Marques de Paiva). São Paulo, Banco Safra-Edições Melhoramentos, 1984.
- BARRETO, Tobias: *Estudos de Sociologia*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1962. Vol. XXXI da Biblioteca Popular Brasileira.
- BARRO, Máximo: *A Primeira Sessão de Cinema em São Paulo*. São Paulo, Cinema em Close-Up, 1978.

*Bibliografia*

BASTIDE, Roger: *Brasil, Terra de Contrastes*. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 7ª ed., São Paulo, Difusão Editorial, 1976. Vol. II da coleção Corpo e Alma do Brasil.

BATTISTONI FILHO, Duílio: *Campinas: Uma Visão Histórica*. Campinas, Pontes Editores, 1996.

BELARDI, Armando Belardi: *Vocação e Arte: Memórias de uma Vida para a Música*. São Paulo, Casa Manon, 1986.

BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti: "Posição Geográfica do Rio de Janeiro" in *Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade* (org. por Fernando Nascimento Silva). Rio de Janeiro, Governo do Estado da Guanabara-Distribuidora Record, 1965, pp. 19-28.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti: *Mulheres de Ontem?: Rio de Janeiro — Século XIX*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1989. Vol. IX da coleção Coroa Vermelha (Estudos Brasileiros).

BONACCHI, Gabriella & GROPPI, Angela (org.): *O Dilema da Cidadania: Direitos e Deveres das Mulheres*. Trad. do italiano por Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 1995.

BORNHEIM, Gerd A.: *Aspectos Filosóficos do Romantismo*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1959. Vol. VIII da coleção Cadernos do Rio Grande, Secção I, Estudos e Conferências nº 4.

BOSI, Alfredo: "As Letras na Primeira República" in *O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930)* (org. por Bóris Fausto). 2ª ed., São Paulo, Difusão Editorial, 1978, cap. VIII, pp. 293-319. Vol. IX (tomo III) da História Geral da Civilização Brasileira.

BOSI, Alfredo: *Dialética da Colonização*. 3ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Ecléa: *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 2ª ed., São Paulo, T. A. Queiroz Editor-Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1987. Coleção Biblioteca de Letras e Ciências Humanas, Série 1ª (Estudos Brasileiros), vol. I.

- BRAUDEL, Fernand: *História e Ciências Sociais*. Trad. do francês por Carlos Braga e Inácia Canelas. Lisboa, Editorial Presença, 1972. Vol. XIX da Biblioteca de Ciências Humanas.
- BROCA, Brito: *A Vida Literária no Brasil — 1900*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960. Vol. CVIII da coleção Documentos Brasileiros.
- BROCA, Brito: *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo* (coletânea de textos compilada por Alexandre Eulálio, organizada por Luiz Dantas). Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1991. Vol. integrante da Coleção Repertórios.
- BRUNO, Ernâni Silva: *História do Brasil — Geral e Regional*. São Paulo, Editora Cultrix, 1967. 7 volumes. Vol. IV: "Rio e Minas".
- BRUNO, Ernâni Silva: *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. São Paulo, 3ª ed., Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Prefeitura do Município de São Paulo, 1984. 3 volumes.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder: *Mulher de Papel: A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo, Edições Loyola, 1981. Vol. XXVI da série Comunicação.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder: *Imprensa Feminina*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1990. Vol. XLI da série Princípios.
- CAMARGO, Antônio Pompeu de: "Tibiriçá: Patriarca da Raça Bandeirante". *Revista do Instituto de Estudos Genealógicos* (São Paulo), ano I, nº 2, 1937, pp. 284-290.
- CÂNDIDO, Antônio: "Dialética da Malandragem" in *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1993, pp.19-54.
- CARDOSO, Fernando Henrique: *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional: O Negro na Sociedade Escravocrata do Rio Grande do Sul*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977.

## *Bibliografia*

CARVALHO, Antônio dos Reis: "A Questão Feminina". *Kosmos* (Rio de Janeiro), ano I, nº 1-2-3-4 (janeiro, fevereiro, março e abril de 1904), páginas não numeradas.

CARVALHO, José Murilo de, et alii: *Sobre o Pré-Modernismo*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CARVALHO, José Murilo de: *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

CASSIRER, Ernst: *A Filosofia do Iluminismo*. Trad. do alemão por Álvaro Cabral. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1997. Vol. integrante da Coleção Repertórios.

CÉSAR, Guilhermino: *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1956. Vol. X da Coleção Província.

CHACON, Vamireh: *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965. Vol. XXXVII da série Retratos do Brasil.

COMTE, Auguste: *Catecismo Positivista*. Trad. do francês por Miguel Lemos. São Paulo, Abril Cultural, 1983. Vol. XXXIII da coleção Os Pensadores.

CONDESSA DIANA: "A Propósito da Emancipação Feminina". *A Chronica* (Lisboa), ano I, nº 17, 20 de agosto de 1896, p. 136.

CORBIN, Alain: "Bastidores", Parte IV do vol. IV da *História da Vida Privada (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra)*, org. por Michelle Perrot. Segmentos: "O Segredo do Indivíduo" (pp. 419-501), "A Relação Íntima ou Os Prazeres da Troca" (pp. 503-561) e "Gritos e Cochichos" (pp. 563-611). Trad. do francês por Bernardo Joffily. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

CORREIO POPULAR: Entrevista de Jorge Coli a Eustáquio Gomes. *Correio Popular* (Campinas), edição de 5 de outubro de 1996, pp. 2-3 do Caderno C.

COSTA, João Cruz: *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956. Vol. LXXXVI da coleção Documentos Brasileiros.



- COSTA, Wilma Peres: *Notas Preliminares sobre o Jacobinismo Brasileiro*. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1985. Nº 16 da série Cadernos IFCH-Unicamp.
- COUTINHO, Afrânio: *A Literatura no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1968-1971. 6 volumes.
- CRUZ, Heloísa de Faria: *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana (1870-1930)*. São Paulo, Divisão de Arquivo do Estado, 1997.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel: *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos-Ministério da Educação e Cultura, 1960. Vol. II da série VI das Publicações do Centro Brasileiro de Pesquisas Pedagógicas.
- DORNAS FILHO, João: *Aspectos da Economia Colonial*. Rio de Janeiro, Editora Biblioteca do Exército, 1958. Vol. CCXLVI da coleção Biblioteca do Exército.
- DUARTE, Constância Lima: "Josephina Álvares de Azevedo: Uma Ensaísta Polêmica", in *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura* (org. por Susana Bornéo Funck). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1994, pp. 413-420.
- ELTON, Elton: *O Noivado de Bilac*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1954.
- ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA INC.: *Encyclopaedia Britannica*. Reed. não numerada de 1956, Chicago. 24 volumes.
- EULÁLIO, Alexandre: *Índice do "Diccionario Bibliographico Brasileiro de Sacramento Blake"* in *Revista do Livro* (Rio de Janeiro), números 5, 6, 7 e 8 (1957).
- EULÁLIO, Alexandre: *Escritos* (coletânea compilada por Berta Waldman e Luiz Dantas). São Paulo, Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)-Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 1992.
- FERREIRA, Carlos: *Feituras e Feições*. Campinas, Tip. a Vapor Livro Azul de Antônio Benedito de Castro Mendes, 1905.

## Bibliografia

FLORES, Hilda Agnes Hübner: "Ana Eurídice Eufrosina de Barandas", artigo integrante da coletânea "Mulheres — Século XIX" (reunião de monografias sobre escritoras brasileiras do Oitocentos, org. por Zahidé Lupinacci Muzart). *Travessia* (Revista do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFSC) n° 23, Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2º semestre de 1991.

FLORESTA, Nísia: *Cintilações de uma Alma Brasileira*. Reedição atualizada, bilingue, com apresentação e estudo introdutivo de Constância Lima Duarte. Trad. do italiano por Michele A. Vartulli. Florianópolis, Editora Mulheres-Editora da Universidade de Santa Cruz do Sul, RS (Edunisc), 1997.

FLORESTA, Nísia: *Opúsculo Humanitário*. Reedição do original de 1853, com introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo, Editora Cortez-Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 1989. Vol. I da série 3 ("Mulher Tempo") da coleção Biblioteca da Educação.

FREITAS, Afonso Antônio de: *Tradições e Reminiscências Paulistas*. 3ª ed., São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1978. Vol. IX da Coleção Paulística.

GALVÃO, Walnice Nogueira: *No Calor da Hora: A Guerra de Camudos nos Jornais — 4ª Expedição*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1977. Vol. I da coleção Ensaios.

GALVÃO, Walnice Nogueira: *A Donzela Guerreira: Um Estudo de Gênero*. São Paulo, Editora Senac-São Paulo, 1998.

GEERTZ, Clifford: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan, 1989.

GENTILE, Anna Vertua: "Vita Intima", in *Il Secolo XIX nell vita e nella cultura dei popoli*. Milano, Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, s/d (circa 1903), pp. 1-80.

GERHARD, Ute: "Sobre a Liberdade, Igualdade e Dignidade das Mulheres: O Direito 'Diferente' de Olympe de Gouges" in *O Dilema da Cidadania: Direitos e Deveres das Mulheres* (org. por Gabriela Bonacchi e Angela Groppi). Trad. do italiano por Álvaro Lorencini. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), 1995.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO: *Reconstituição da Memória Estatística da Grande São Paulo*. São Paulo, 1980.

GUIMARÃES, Alair Malta: *Campinas: Dados Históricos e Estatísticos*. Campinas, Livraria Brasil, 1953.

HAHNER, June E.: *A Mulher no Brasil* (coletânea de textos coligidos e anotados por J. E. Hahner). Trad. do inglês por Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978. Vol. CXII da série Retratos do Brasil.

HAHNER, June E.: *A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas (1850-1937)*. Trad. do inglês por Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

HALL, Catherine: "Sweet Home". 3º segmento da Parte I do Vol. IV da *História da Vida Privada (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra)*, org. por Michelle Perrot, pp. 53-87. Trad. do francês por Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

HALL, Michael M.: "Reformadores de Classe Média no Império Brasileiro: A Sociedade Central de Imigração". *Revista de História* (São Paulo), janeiro-março de 1976, nº 105, pp. 147-171.

HALL, Stuart: *A Questão da Identidade Cultural* (org. por Antônio Augusto Arantes). Trad. do inglês por Andréa Borghi Moreira Jacinto e Simone Miziara Frangella. 2ª ed., Campinas, Setor de Publicações do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), 1998. Nº 18 da série Textos Didáticos.

HALLEWELL, Laurence: *O Livro no Brasil: Sua História*. Trad. do inglês por Maria da Penha Villa-Lobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T. A. Queiroz Editora-Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1985. Vol. VI da coleção Coroa Vermelha (Estudos Brasileiros).

HAYEK, Friedrich August: "Liberalismo: Os Princípios de uma Ordem Social Liberal" in *Ideologias Políticas* (org. por Anthony de Crespigny e Jeremy Cronin). Trad. do inglês por Sérgio Duarte. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1981, pp. 43-63.

*Bibliografia*

HESSEL, Lothar F.: *O Partenon Literário e Sua Obra*. Porto Alegre, Edições Flama-Instituto Estadual do Livro (Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul), 1976.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo: "Os Anjos vão ao Colégio: Rangel Pestana e a Educação Feminina". *Revista da Biblioteca Mário de Andrade* (São Paulo), vol. LIII, janeiro-dezembro de 1995, pp. 47-56.

HOLANDA, Sérgio Buarque de: *Raízes do Brasil*. 20ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1988. Vol. I da coleção Documentos Brasileiros.

HOMEM, Maria Cecília Naclério: *Higienópolis: Grandeza e Decadência de um Bairro Paulistano*. São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1980. Vol. XVII da série História dos Bairros de São Paulo.

IANNI, Octavio: *As Metamorfoses do Escravo: Apogeu e Crise da Escravatura no Brasil Meridional*. São Paulo, Editora Difusão Européia do Livro, 1962.

IANNI, Octavio: *Uma Cidade Antiga*. São Paulo, Museu Paulista (Universidade de São Paulo)-Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1988.

LANNA, Ana Lúcia Duarte: "O Café e o Trabalho 'Livre' em Minas Gerais — 1870-1920". *Revista Brasileira de História* (São Paulo), editada pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História-Editora Marco Zero, vol. VI, nº 12, março-agosto de 1986, pp. 73-88.

LAPA, José Roberto do Amaral: *A Cidade: Os Cantos e os Antros (Campinas, 1850-1900)*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1996.

LEITE, Aureliano: *Retratos a Pena (1ª Série)*. São Paulo, edição do autor, s. n. t., 1929.

LEITE, Aureliano: *São Francisco de Paula de Ouro Fino nas Minas Gerais*. São Paulo, Gráfica Sauer, 1940.

LEITE, Aureliano: Discurso de Posse ("Recepção Acadêmica: Posse do Sr. Aureliano Leite — Discurso do Recipiendário"). *Revista da Academia Paulista de Letras* (São Paulo), nº 29, março-maio de 1945, pp. 80-112.

- LEITE, Aureliano: *O Cabo-Maior dos Paulistas na Guerra com os Emboabas*. São Paulo, Oficinas Gráficas das Edições Saraiva, 1961.
- LEITE, Aureliano: *Páginas de uma Longa Vida*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1966.
- LEITE, Aureliano: "Duas Cartas Notáveis e Inéditas". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (São Paulo), vol. LXVIII, 1970, pp. 45-52.
- LEITE, Roberto de Paula: "Alberto Sales: Filósofo e Historiador". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (São Paulo), vol. LXVIII, 1970, pp. 53-85.
- LEMOS, Carlos A. C.: *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*. São Paulo, Editora Pini, 1993.
- LIBRAIRIE LAROUSSE: *Larousse du XXe. Siècle*. Paris, Larousse, direção de Paul Augé, 1928-1933. Reedição atualizada por suplementos, em 6 volumes: 1951-1952.
- LIMA, Heitor Ferreira: "O Parque Industrial de São Paulo" in *São Paulo: Terra e Povo*, (org. por Ernâni Silva Bruno). Porto Alegre, Editora Globo, 1967, pp. 113-131.
- LIMA, Alceu Amoroso de: *Companheiros de Viagem*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971.
- LINDSAY, Kenneth: *A Educação na Inglaterra*. Trad. do inglês por Eduardo Cássio. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, s/d (circa 1940).
- LINS, Ivan: *História do Positivismo no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967. Vol. CCCXXII da coleção Brasiliana.
- LISBOA, Henriqueta: *Lírica*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1958.
- LOBO, Chiquinha Neves: *Poetas de Minha Terra (1ª Série)*. São Paulo, Sociedade Imprensa Brasileira Brusco & Cia., 1947.
- LUNÉ, Antônio José Batista de & FONSECA, Paulo Delfino: *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo, Typografia Americana, 1873. Edição fac-similar: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1985.

## *Bibliografia*

LUSSANA, Fiamma: "Socialista e Feminista no Século XIX: Flora Tristan". Trad. do italiano por Flávia Boni Licht. *Oitenta* (Porto Alegre), L&PM Editores, nº 3, outono de 1980, pp. 279-284.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo: *Olavo Bilac e Sua Época*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1974.

MANACORDA, Mario Alighiero: *História da Educação: Da Antiguidade aos Nossos Dias*. Trad. do italiano por Gaetano Lo Monaco, São Paulo, Cortez Editora-Editora Autores Associados, 1989.

MANNHEIM, Karl: "O Pensamento Conservador", in *Introdução Crítica à Sociologia Rural* (org. de José de Souza Martins). Trad. do inglês por Sylvia Lyra. 2ª ed., São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec), 1986.

MARIANO, Júlio: *História da Imprensa em Campinas*. Campinas, Indústrias Gráficas Massaioli, 1972.

MARÍAS, Julián: *A Mulher no Século XX*. Trad. do espanhol por Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo, Editora Convívio, 1981.

MARTINS, Wilson: *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1977-1979. 7 volumes.

MATOS, Odilon Nogueira de: "A Cidade de São Paulo no Século XIX", in *A Evolução Urbana de São Paulo* (org. por Eurípedes Simões de Paula). São Paulo, Coleção da Revista de História, 1955, pp. 39-75.

MATOS, Odilon Nogueira de: *Café e Ferrovias: A Evolução Ferroviária de São Paulo e o Desenvolvimento da Cultura Cafeeira*. 4ª ed., Campinas, Pontes Editores, 1990.

MELO, Guilherme de: *A Música no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947.

MENDES, José de Castro: *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas, Gráfica Palmeiras, 1963.

- MENEZES, Raimundo de: *História Pitoresca de Quarenta Cadeiras (Anedotário da Academia Paulista de Letras)*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- MENEZES, Raimundo de: *Dicionário Literário Brasileiro*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos (LTC), 1978.
- MEYER, Marlyse: *Caminhos do Imaginário no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1993.
- MICHAUD, Stéphane: *Flora Tristan, 1803-1844*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1984.
- MICHEL, Andrée: *O Feminismo: Uma Abordagem Histórica*. Trad. do francês por Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- MICHELET, Jules: *A Mulher*. Trad. do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1995.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia: *Prosa de Ficção: De 1870 a 1920*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1957. Vol. XII da História da Literatura Brasileira, dirigida por Álvaro Lins.
- MILL, John Stuart: *La Igualdad de Los Sexos*. Trad. do inglês por Jesus Villa. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1973.
- MONTELLO, Josué: "Júlia Lopes de Almeida: Uma Romancista Carioca". *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro), ano I, nº 3, 1985, pp. 114-119.
- MORLEY, Helena (pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant): *Minha Vida de Menina: Cadernos de uma Menina Provinciana nos Fins do Século XIX*. 10ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1969. Vol. III da coleção Sagarana.
- MORSE, Richard M.: *De Comunidade a Metrópole: Biografia de São Paulo*. Trad. do inglês por Maria Aparecida Madeira Kerbeg. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

## *Bibliografia*

MOTT, Maria Lúcia de Barros: *Submissão e Resistência: A Mulher na Luta Contra a Escravidão*. São Paulo, Editora Contexto, 1988. Vol. integrante da coleção Repensando a História.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP): *Portinari: Retrospectiva*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1997.

OFFICINAS GRAPHICAS CARDOZO FILHO & C.: *D. João Nery (1º Bispo de Campinas): Saudosa Homenagem à sua Santa Memória* (poliantéia). São Paulo, 1920.

OLIVEIRA, Américo Lopes & VIANA, Mário Gonçalves: *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1967.

OLIVEIRA JÚNIOR, Cândido Martins de: *História da Literatura Mineira*. 2ª ed., Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1963.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia: *Nísia Floresta, O Carapuceiro e Outros Ensaio de Tradução Cultural*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec), 1996.

PEIXOTO, José Benedito Silveira: *Falam os Escritores*. Vol. II: 2ª ed., São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1971.

PEREIRA, José Carlos: *Estrutura e Expansão da Indústria em São Paulo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional-Editora da Universidade de São Paulo (USP), 1967.

PERROT, Michelle: *Une histoire des femmes est-elle possible?* Paris, Rivage, 1984.

PERROT, Michelle: "As Funções da Família". 2º segmento da Parte II do vol. IV da *História da Vida Privada (Da Revolução Francesa à Primeira Guerra)*, org. por M. Perrot, pp. 105-119. Trad. do francês por Denise Bottmann. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

PICARD, Roger: *Le Romantisme Social*. New York, Brentano's Inc., 1944.



- PINHEIRO, Paulo Sérgio: "O Proletariado Industrial na Primeira República" in *O Brasil Republicano: Sociedade e Instituições (1889-1930)* (org. por Bóris Fausto). 2ª ed., São Paulo, Difusão Editorial, 1978, cap. IV, pp. 135-178. Vol. IX (tomo III) da História Geral da Civilização Brasileira.
- PINTO, Alfredo Moreira: *A Cidade de S. Paulo em 1900*. 2ª edição, fac-similada da original (acrescida de prefácio e notas de Byron Gaspar). São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979. Vol. XIV da Coleção Paulística.
- PRADO, Antônio de Almeida: *Escolas de Ontem e de Hoje: Reminiscências e Evocações*. São Paulo, Editora Anhambi, 1961.
- PROUST, Marcel: *Em Busca do Tempo Perdido*. Trad. do francês por Mário Quintana. 6ª ed., Porto Alegre-Rio de Janeiro, 1981. 7 volumes. Vol. I: "No Caminho de Swann".
- QUEIRÓS, Amadeu: *Dos 7 aos 77*. São Paulo, Editora Cupolo, 1956.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de: "Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil". *Tempo Social* (São Paulo, Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo), vol. I, nº 1, 1º semestre de 1989, pp. 29-46.
- QUEIROZ, Suely Robles Reis de: *Os Radicais da República (Jacobinismo: Ideologia e Ação — 1893-1897)*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- RABAUT, Jean: *Histoire des Féminismes Français*. Paris, Éditions Stock, 1978.
- RAGO, Margareth: *Os Prazeres da Noite: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1991.
- REIS, José Oliveira: "As Administrações Municipais e o Desenvolvimento Urbano" in *Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade* (org. por Fernando Nascimento Silva). Rio de Janeiro, Governo do Estado da Guanabara-Distribuidora Record, 1965, pp. 125-161.

*Bibliografia*

REIS FILHO, Casemiro dos Reis: *A Educação e a Ilusão Liberal: Origens da Escola Pública Paulista*. Campinas, Editora Autores Associados, 1995.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda: *A Educação Feminina Durante o Século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996.

RIBEIRO, João: *Obras de João Ribeiro*. Vol. IV: Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1959.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos: *História da Educação Brasileira: A Organização Escolar*. 4ª ed., São Paulo, Editora Moraes, 1982.

RIBEIRO JÚNIOR, João: *Alberto Salles: Trajetória Intelectual e Pensamento Político*. São Paulo, Editora Convívio, 1983. Vol. V da série Ensaios (Biblioteca do Pensamento Brasileiro).

RIBEIRO NETO, Oliveira (org.): *Antologia Poética de Prisciliana Duarte de Almeida*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976. Vol. XI da Coleção Poesia.

RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel: "Considerações Sobre o Pensamento Pan-Americanista de César Bierrenbach". *Revista da Academia Paulista de História* (São Paulo), nº 2, novembro-dezembro de 1982, pp. 143-165.

RICCI, Maria Lúcia de Souza Rangel: "Fontes Campineiras para o Pan-Americanismo". *Notícia Bibliográfica e Histórica* (órgão do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Campinas), nº 117, janeiro-março de 1985, pp. 89-101.

ROBLES, Frederico Carlos Sainz de: *Ensayo de un Diccionario de Mujeres Célebres*. Madrid, Aguilar Ediciones, 1959.

RODRIGUES, Jorge Martins: *São Paulo de Ontem e de Hoje*. São Paulo, Departamento de Cultura do Município de São Paulo, 1938.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira (Madre Maria Ângela): *A Instrução Feminina em São Paulo (Subsídios para sua História até a Proclamação da República)*. São Paulo, Tipografia das Escolas Profissionais Salesianas, 1962.

- RODRIGUES, Olao: *História da Imprensa de Santos*. Santos, Gráfica A Tribuna de Santos, 1979.
- RODRIGUES, Olao: *Cartilha da História de Santos*. 2ª ed., Santos, Oficina de A Tribuna de Santos, 1980.
- RODRIGUES, RicardoVélez: *A Ditadura Republicana Segundo o Apostolado Positivista*. Unidade V do Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.
- RONAN, Colin A.: *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge*. Trad. do inglês por Jorge Enéas Fortes. São Paulo, Círculo do Livro, São Paulo, 1991. 4 volumes.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques: *Emílio ou Da Educação*. Trad. do francês por Roberto Leal Ferreira. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1995.
- SABINO, Inês: *Contos e Lapidações*. Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, 1891.
- SABINO, Inês: *Mulheres Ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1899. Reedição fac-similar: Editora das Mulheres, Florianópolis, 1996.
- SAFFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani: *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis, Editora Vozes, 1976.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro: *Campinas: Evolução Histórica*. Campinas, Academia Campinense de Letras, 1969.
- SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro & NOVAES, José Nogueira: *A Febre Amarela em Campinas: 1889-1900*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996.
- SARTHOU, Carlos: *As Estátuas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Leo Editores, 1958.
- SCHMIDT, Afonso: *São Paulo de Meus Amores*. São Paulo, Editora Brasiliense, s/d (circa 1965). Vol. X da coleção "Obras de Afonso Schmidt".

*Bibliografia*

SCHWARZ, Roberto: *Ao Vencedor as Batatas*. 4ª edição. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1992.

SCHWARZ, Roberto: *O Pai de Família e Outros Estudos*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1992.

SCHWARZ, Roberto: *Dois Meninas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Alberto: *A Primeira Médica do Brasil*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1954.

SILVEIRA NETO: *Instituições Republicanas Mineiras*. Belo Horizonte, Editora Lemi-Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 1978.

SIQUEIRA, Elizabeth Angelica, et alii: "Em Busca de um Sentido para o Discurso Roubado" in *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura* (org. por Susana Bornéo Funck). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1994, pp. 391-403.

SOARES, Pedro Maia: "Feminismo no Rio Grande do Sul: Primeiros Apontamentos (1835-1945)" in *Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas*. Vol. I: Imprensa, Cinema, Literatura, História e Sexualidade (org. por Maria Cristina A. Bruschini e Fúlvia Rosemberg). São Paulo, Fundação Carlos Chagas-Livraria Brasiliense Editora, 1980.

SOIHET, Rachel: *Condição Feminina e Formas de Violência: Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1989.

SOUSA, Octavio Tarquínio de: *História dos Fundadores do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960. 10 volumes.

SPENCER, Herbert: *Education: Intellectual, Moral, and Physical*. Reedição fac-similar da versão definitiva, de 1890: Osnabrück (Germany), Otto Zeller, 1966. Vol. XVI da coleção "The Works of Herbert Spencer".

SULLEROT, Évelyne: *História e Sociologia da Mulher no Trabalho*. Tradução do francês por Antônio Teles. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1970.

- TANNURI, Luiz Antônio: *O Encilhamento*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Fundação de Desenvolvimento da Universidade Estadual de Campinas (Funcamp), 1981.
- TELES, Gilberto Mendonça: *A Poesia em Goiás*. Goiânia, Universidade de Goiás, 1964.
- VIANNA, Oliveira: "Minas do Lume e do Pão". *Revista do Brasil* (São Paulo), nº 56, agosto de 1920, pp. 289-300.
- VIANNA, Oliveira: *Populações Meridionais do Brasil (História — Organização — Psicologia)*. Vol. I: "Populações Rurais do Centro-Sul: Paulistas — Fluminenses — Mineiros". 4ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938. Vol. VIII da coleção Brasileira.
- VIDAL, Olmio Barros: *Precursoras Brasileiras*. Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1945.
- VITA, Luís Washington: "A Industrialização em São Paulo" in *São Paulo: Espírito, Povo, Instituições* (org. de José Vicente Freitas Marcondes e Osmar Pimentel). São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1968, pp. 189-201.
- WEBER, Max: "A 'Objetividade' do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política" (texto original de 1904) e "Sobre Algumas Categorias da Sociologia Compreensiva" (texto original de 1913), respectivamente pp. 107-154 da Parte I e pp. 313-348 da Parte II, in *Metodologia das Ciências Sociais*. Trad. do inglês por Augustin Wernet. São Paulo-Campinas, Cortez Editora-Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1992. 2 volumes.
- WEBER, Max: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Trad. do alemão por M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 7ª ed., São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1992.
- WEBER, Max: "Origem do Capitalismo Moderno", Cap. IV da *História Geral da Economia*, pp. 123-180 do volume *Ensaio de Sociologia e Outros Escritos de Max Weber* (org. de Maurício Tragtenberg). Trad. do alemão por Calógeras A. Pajuaba. São Paulo, Abril Cultural, 1974. Vol XXXVII da coleção Os Pensadores.

*Bibliografia*

WRIGHT, Marie Robinson: *The New Brazil: Resources and Attractions — Historical, Descriptive, and Industrial*. Philadelphia, George Barrie & Son, 1901.

*A Mensageira* (São Paulo, 1897-1900)

*Kosmos* (Rio de Janeiro, 1904-1909)

COLEÇÕES  
DE  
PERIÓDICOS:

*Diário Popular* (São Paulo, 1884-ainda circulante em 1999)

*Jornal do Comércio* (Rio de Janeiro, 1827-ainda circulante em 1999)

*Almanach Litterario de São Paulo* (São Paulo, 1876-1885)

*Almanaque Brasileiro Garnier* (Rio de Janeiro, 1903-1914)

**Leonora De Luca**

**"A MENSAGEIRA": UMA REVISTA DE MULHERES ESCRITORAS  
NA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA**

**Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Departamento de Sociologia do  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais  
da Universidade Estadual de Campinas  
sob a orientação da Profª Drª Elide  
Rugai Bastos**

**Volume II:  
ANEXOS  
DA  
DISSERTAÇÃO**

**ANEXOS DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**"A MENSAGEIRA": UMA REVISTA DE MULHERES ESCRITORAS  
NA MODERNIZAÇÃO BRASILEIRA**

**(ÍNDICES DA REVISTA "A MENSAGEIRA")\***

**ANEXO I:**

**Cronologia das 36 Edições da Revista (1897-1900)**

*p. 271*

**ANEXO II:**

**Índice Geral de Matérias**

*pp. 275-293*

**ANEXO III:**

**Analítico do Conteúdo das 36 Edições da Revista**

*pp. 297-369*

**ANEXO IV:**

**Índice Onomástico**

*pp. 373-477*

**ANEXO V:**

**Dicionário Biobibliográfico**

**de**

**Colaboradores e Colaboradoras da Revista**

*pp. 481-588*

**BIBLIOGRAFIA DOS ANEXOS**

*pp. 589-601*

---

\* O significado destes Anexos (cuja leitura sequencial permitirá a reconstituição, passo a passo, do trabalho de indexação efetuado pela mestranda), assim como a metodologia empregada em sua elaboração, são expostos no final do Capítulo II (ver Volume I).



**ANEXO I**

**Cronologia das 36 Edições da Revista (1897-1900)**

**ANEXO I**  
**Cronologia das 36 Edições da Revista**

*A Mensageira*

(São Paulo, 15 de outubro de 1897 — 15 de janeiro de 1900)

Revista literária dedicada à mulher brasileira  
Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA

| <b>1ª Fase</b> | <b>(fase quinzenal — ANO I)</b> | <b>2ª Fase</b> | <b>(fase mensal — ANO II)</b> |
|----------------|---------------------------------|----------------|-------------------------------|
| Nº 1           | 15 de outubro de 1897           | Nº 25          | 15 de fevereiro de 1899       |
| Nº 2           | 30 de outubro de 1897           | Nº 26          | 15 de março de 1899           |
| Nº 3           | 15 de novembro de 1897          | Nº 27          | 15 de abril de 1899           |
| Nº 4           | 30 de novembro de 1897          | Nº 28          | 15 de maio de 1899            |
| Nº 5           | 15 de dezembro de 1897          | Nº 29          | 15 de junho de 1899           |
| Nº 6           | 30 de dezembro de 1897          | Nº 30          | 15 de agosto de 1899          |
| Nº 7           | 15 de janeiro de 1898           | Nº 31          | 31 de agosto de 1899          |
| Nº 8           | 30 de janeiro de 1898           | Nº 32          | 15 de setembro de 1899        |
| Nº 9           | 15 de fevereiro de 1898         | Nº 33          | 15 de outubro de 1899         |
| Nº 10          | 28 de fevereiro de 1898         | Nº 34          | 15 de novembro de 1899        |
| Nº 11          | 15 de março de 1898             | Nº 35          | 15 de dezembro de 1899        |
| Nº 12          | 31 de março de 1898             | Nº 36          | 15 de janeiro de 1900         |
| Nº 13          | 15 de abril de 1898             |                |                               |
| Nº 14          | 30 de abril de 1898             |                |                               |
| Nº 15          | 15 de maio de 1898              |                |                               |
| Nº 16          | 30 de maio de 1898              |                |                               |
| Nº 17          | 15 de junho de 1898             |                |                               |
| Nº 18          | 30 de junho de 1898             |                |                               |
| Nº 19          | 15 de julho de 1898             |                |                               |
| Nº 20          | 31 de julho de 1898             |                |                               |
| Nº 21          | 15 de agosto de 1898            |                |                               |
| Nº 22          | 30 de agosto de 1898            |                |                               |
| Nº 23          | 15 de setembro de 1898          |                |                               |
| Nº 24          | 30 de setembro de 1898          |                |                               |

**ANEXO II**

**Índice Geral de Matérias**

| Nº 1 (Ano I) — 15 de outubro de 1897 (pp. 1-16)  | Nº 2 (Ano I) — 30 de outubro de 1897 (pp. 17-32)  |
|--|---|
| <p>"Duas Palavras"<br/>(editorial de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 1</p>   | <p>"Falso Encanto"<br/>(ensaio de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 17</p>   |
| <p>"Entre Amigas"<br/>(crônica de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 3</p>   | <p>"A Jornada"<br/>(poema de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br/>p. 18</p>   |
| <p>"Do Livro da Saudade"<br/>(poema de ZALINA ROLIM)<br/>p. 5</p>  | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 18</p>   |
| <p>"Uma Carta"<br/>(carta de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 5</p>   | <p>"O Mergulhador"<br/>(poema de FRANCISCA JÚLIA DA SILVA)<br/>p. 21</p>  |
| <p>"Brilhantes Brutos"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 6</p>   | <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 21</p>   |
| <p>"Recuerdos"<br/>(poema de HIPÓLITO DA SILVA)<br/>p. 9</p>   | <p>"Soneto"<br/>(poema de AMÉLIA DE OLIVEIRA)<br/>p. 23</p>   |
| <p>"Cartão de Parabéns"<br/>(texto de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 10</p>   | <p>"Traços Ligeiros"<br/>(texto de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 23</p>   |
| <p>"O Deserto"<br/>(poema de JÚLIA CORTINES)<br/>p. 11</p>   | <p>"Ideal"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 25</p>   |
| <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 12</p>  | <p>"Trindade"<br/>(conto de DOLORES ALCÂNTARA VILHENA DE ARAÚJO)<br/>p. 25</p>  |
| <p>"Contraste"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 13</p>  | <p>"Blasfemo"<br/>(poema de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 28</p>  |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de GRACIA H. C. MATTOS, MME. DE LA FAYETTE, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, CATARINA TIMANDRO e JOAQUIM NORBERTO)<br/>p. 14</p> | <p>"Kief"<br/>(poema de JÚLIO CÉSAR DA SILVA)<br/>p. 29</p>   |
| <p>"D. Alzira"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 15</p>  | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de TOBIAS BARRETO e MARIE D'AGOULT)<br/>p. 29</p>  |
| <p>"Meu Filhinho"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 15</p>   | <p>"À Heloisa"<br/>(poema de STELLA LENTZ)<br/>p. 30</p>  |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Maternidade de S. Paulo", "Canudos", "Belas-Artes" e "Dicionário em Projeto")<br/>p. 15</p>      | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Amélia de Oliveira", "Palestras Femininas", "A Viúva Simões" e "Aos Colegas de Imprensa")<br/>p. 30</p> |
|  | <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 31</p>  |

| Nº 3 (Ano I) — 15 de novembro de 1897 (pp. 33-48)  | Nº 4 (Ano I) — 30 de novembro de 1897 (pp. 49-64)   |
|--|---|
| <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 33</p>  | <p>"A Nossa Condição"<br/>(ensaio de M. P. C. D.)<br/>p. 49</p>   |
| <p>"Gonçalves Dias"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 35</p>   | <p>"Velha Saudade"<br/>(poema de GEORGINA TEIXEIRA)<br/>p. 51</p>   |
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 36</p>  | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 51</p>   |
| <p>"Horas de Sono"<br/>(poema de GEORGINA TEIXEIRA)<br/>p. 38</p>  | <p>"Noite"<br/>(poema de AMÉLIA DE OLIVEIRA)<br/>p. 54</p>  |
| <p>"Carta a Prisciliana Duarte de Almeida"<br/>(carta de IBRANTINA CARDONA)<br/>p. 38</p>  | <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 54</p>   |
| <p>"De Longe"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 42</p>   | <p>"Súplica"<br/>(poema de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 56</p>   |
| <p>"Carta com Ares de Crônica"<br/>(carta de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 43</p>   | <p>"O Trabalho do Verso"<br/>(poema de MANUEL VIOTTI)<br/>p. 57</p>   |
| <p>"Lenda"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 44</p>  | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS, do AUTOR ANÔNIMO das "Mil e Uma Noites" e de WALTER SCOTT)<br/>p. 57</p>             |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de CASTRO ALVES e AMÉRICO WERNECK)<br/>p. 45</p>  | <p>"O Ramo da Esperança"<br/>(poema de SAMUEL PORTO)<br/>p. 58</p>  |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Escritoras Nacionais", "Gonçalves Dias", "Anália Franco", "A Estação", "Plectros", "A Viúva Simões" e "Aos Nossos Assinantes")<br/>p. 45</p> | <p>"Na Tebaida"<br/>(carta de INÊS SABINO)<br/>p. 58</p>  |
| <p></p>  | <p>"As Cartas"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 61</p>   |
| <p></p>  | <p>"Dão Licença?"<br/>(transcrição de uma carta de GEORGINA SANTIAGO)<br/>p. 61</p>   |
| <p></p>  | <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 62</p>  |
| <p></p>  | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Órfãos Baianos", "Sociedade das Filhas de Cuba", "Recebemos e Agradecemos")<br/>p. 63</p> |

Anexo II

| Nº 5 (Ano I) --- 15 de dezembro de 1897 (pp. 65-80)  | Nº 6 (Ano I) --- 30 de dezembro de 1897 (pp. 81-96)  |
|--|--|
| <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 65</p>  | <p>"A Nossa Condição"<br/>(ensaio de M. P. C. D.)<br/>p. 81</p>  |
| <p>"Dezoito de Novembro"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 67</p>  | <p>"É Minha Mãe"<br/>(poema de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br/>p. 82</p>  |
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 67</p>  | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 82</p>  |
| <p>"Patuit Dea..."<br/>(poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 70</p>  | <p>"Filha, Esposa, Mãe"<br/>(poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 85</p>   |
| <p>"O Sufrágio Feminino em a Nova Zelândia"<br/>(transcrição de texto de AUTOR ANÔNIMO da<br/>"Gazeta de Petrópolis")<br/>p. 70</p>  | <p>"Viúva Simões"<br/>(resenha relativa ao romance de Júlia Lopes de Almeida,<br/>por LEOPOLDO DE FREITAS)<br/>p. 85</p>   |
| <p>"Onde?..."<br/>(poema de AMADEU AMARAL)<br/>p. 72</p>   | <p>"Primavera"<br/>(poema de GEORGINA TEEHEIRA)<br/>p. 87</p>  |
| <p>"Impressões de Leitura:<br/>Plectros', Versos de Ibrantina Cardona, 1897"<br/>(resenha de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 72</p>   | <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 88</p>  |
| <p>"No Chalé"<br/>(poema de IBRANTINA CARDONA)<br/>p. 76</p>   | <p>"Agradecimento"<br/>(poema do padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA)<br/>p. 90</p>  |
| <p>"Literatas Polacas"<br/>(notas literárias de ELMANO DO VAL)<br/>p. 78</p>   | <p>"Valquírias"<br/>(poema em prosa de SAMUEL PORTO)<br/>p. 90</p>   |
| <p>"Nênia"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 79</p>  | <p>"Soneto"<br/>(poema de AMÉLIA DE OLIVEIRA)<br/>p. 90</p>  |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de BERNARDO GUIMARÃES,<br/>MADAME NECKER e do VISCONDE DE BENALCANFOR)<br/>p. 80</p>  | <p>"Traços Ligeiros"<br/>(texto de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 91</p>  |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Carmen Sylva",<br/>"Viajantes ao Pólo", "Recebemos e Agradecemos" e<br/>"Júlia Filippone")<br/>p. 80</p> | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de ÉCILA WORMS)<br/>p. 92</p>  |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a<br/>"A Mensageira em Paris", "Nova Capital de Minas" e<br/>"Delminda Silveira")<br/>p. 80</p>             | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a<br/>"A Mensageira em Paris", "Nova Capital de Minas" e<br/>"Delminda Silveira")<br/>p. 93</p> |
| <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 95</p>   | <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 95</p>   |

| Nº 7 (Ano I) — 15 de janeiro de 1898 (pp. 97-112)  | Nº 8 (Ano I) — 30 de janeiro de 1898 (pp. 113-128)   |
|--|--|
| <p>"O Feminismo"<br/>(texto de XAVIER DE CARVALHO)<br/>p. 97</p> <p>"Sonho"<br/>(poema de JÚLIA CORTINES)</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 101</p> <p>"Anfitriote"<br/>(poema de ALBERTO DE OLIVEIRA)<br/>p. 103</p> <p>"Intelectualidade Feminina Brasileira"<br/>(texto de PELAYO SERRANO)<br/>p. 103</p> <p>"Almeida Júnior"<br/>(texto de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 107</p> <p>"Contraste"<br/>(poema de FRANCISCO LINS)<br/>p. 109</p> <p>"Cair da Noite"<br/>(poema de SATURNINO DE OLIVEIRA)<br/>p. 109</p> <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 110</p> <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de VICTOR HUGO)<br/>p. 111</p> <p>"A Entrada do Ano"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 112</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Colaboradoras",<br/>"Francisco Lins", "A Mensageira em Paris"<br/>e "Crônica Onimoda")<br/>p. 112</p> | <p>"Uma Santa"<br/>(crônica de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 113</p> <p>"Em Ouro Preto"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 115</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 115</p> <p>"O Meu Ideal"<br/>(poema de DELMÍNDIA SILVEIRA)<br/>p. 118</p> <p>"Pela Mulher"<br/>(transcrição de texto de ELOY ALFARO)<br/>p. 118</p> <p>"Madrigal"<br/>(poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 120</p> <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 120</p> <p>"Sóror Teresa"<br/>(poema de MANUEL VIOTTI)<br/>p. 123</p> <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 123</p> <p>"Pobre!"<br/>(poema de FRANCISCO LINS)<br/>p. 125</p> <p>"Horas Vagas"<br/>(conto de DOLORES ALCÂNTARA VILHENA DE ARAÚJO)<br/>p. 125</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Jornal Feminino",<br/>"Sonetos e Sonetinhos e Produções da Caducidade" e "Livros")<br/>p. 127</p> |

Anexo II

| Nº 9 (Ano I) — 15 de fevereiro de 1898 (pp. 129-144)  | Nº 10 (Ano I) — 28 de fevereiro de 1898 (pp. 145-160)  |
|---|--|
| <p>"Ainda um Assunto Feminino"<br/>(texto de PELAYO SERRANO)<br/>p. 129</p>   | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 145</p>   |
| <p>"Soneto (sem título)"<br/>(poema de ZALINA ROLIM)<br/>p. 132</p>   | <p>"Celeste..."<br/>(poema de AURÉLIO NEVES)<br/>p. 149</p>  |
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 132</p>  | <p>"A Emancipação Feminil"<br/>(texto de V. M. DE BARROS)<br/>p. 149</p>   |
| <p>"À Luz da Lua"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 135</p>   | <p>"Vem!..."<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 150</p>   |
| <p>"Crônica Onímoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 135</p>  | <p>"Literatas Inglesas"<br/>(notas literárias de ELMANO DO VAL)<br/>p. 150</p>   |
| <p>"Aves e Corações"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 137</p>  | <p>"Os Olhos"<br/>(poema de LEOPOLDO MOTA)<br/>p. 152</p>  |
| <p>"Impressões de Leitura:<br/>'Livro das Crianças' de Zalina Rolim"<br/>(resenha de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 137</p>   | <p>"Crônica Onímoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 152</p>   |
| <p>"Ventura"<br/>(poema de GEORGINA TELXEIRA)<br/>p. 139</p>  | <p>"Poesia"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 154</p>  |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS)<br/>p. 140</p>  | <p>"A Mensageira"<br/>(transcrição de texto de ALBERTO FARIA)<br/>p. 155</p>   |
| <p>"Por Terras e Mares" (I)<br/>(poemeto de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 140</p>   | <p>"Por Terras e Mares" (II)<br/>(poemeto de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 158</p>   |
| <p>"A Mulher é uma Força Ativa na Sociedade"<br/>(texto de MARIE RENNOTTE)<br/>p. 141</p>   | <p>"Seleção" (coluna de citações, com texto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 159</p>  |
| <p>"Notas Pequenas" (seção de noticiário, com notícias relativas a "Eugénia Bonnefois", "Almanaque do Município de Passos", "Poetisas Mineiras", "Poetas Mineiros", "Músicas" e "Recebemos e Agradecemos")<br/>p. 143</p> | <p>"Notas Pequenas" (seção de noticiário, com notícias relativas a "Margarida Bottard", "Júlia Cortines", "Discursos Proferidos na Câmara dos Deputados pelo Dr. Costa Machado", "Bispado Sul-Mineiro" e "Recebemos e Agradecemos")<br/>p. 159</p> |



| Nº 11 (Ano I) — 15 de março de 1898 (pp. 161-176)   | Nº 12 (Ano I) — 31 de março de 1898 (pp. 177-192)   |
|---|---|
| <p>"Observações Sobre a Educação em Geral" (I) (a)<br/>(texto de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 161</p> <p>"Voz de Sereia"<br/>(poema de ALBERTO SOUSA)<br/>p. 163</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 163</p> <p>"Ele ou Ela?"<br/>(poema do padre JOSÉ JOAQUIM CORREIA DE ALMEIDA)<br/>p. 165</p> <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 167</p> <p>"Meio-Dia"<br/>(fragmento do poema "Indiana", de ÁUREA PIRES)<br/>p. 169</p> <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 170</p> <p>"Por Terras e Mares" (III)<br/>(poemeto de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 172</p> <p>"Os Filhos"<br/>(texto de CLARICE)<br/>p. 172</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Acadêmica",<br/>"Testemunho Feminino" e "Recebemos e Agradecemos")<br/>p. 174</p> <p>"Feliz Encontro"<br/>(poema de PRISCILLANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 176</p> | <p>"Uma Saudação"<br/>(texto de ANÁLIA FRANCO)<br/>p. 177</p> <p>"Por Terras e Mares" (IV)<br/>(poemeto de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 179</p> <p>"Educação Literária"<br/>(transcrição de conferência de OLÍMPIO GALVÃO)<br/>p. 180</p> <p>"Ao Romper da Lua"<br/>(poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 183</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 183</p> <p>"Santa"<br/>(poema de BENTO ERNESTO JÚNIOR)<br/>p. 187</p> <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de SANTO AGOSTINHO,<br/>SAMUEL SMILES e do deputado COSTA MACHADO)<br/>p. 187</p> <p>"Triolé"<br/>(poema de OLGA P.)<br/>p. 188</p> <p>"Êxul"<br/>(poema de HERÁCLITO VIOTTI)<br/>p. 189</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícia relativa a "Guiomar Torresão")<br/>p. 189</p> <p>"Funérea"<br/>(poema de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 190</p> <p>"Maria Monteiro"<br/>(necrológio sem assinatura, parcialmente transcrito do<br/>"Jornal do Comércio")<br/>p. 190</p> <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 192</p> |

Anexo II

| Nº 13 (Ano I) — 15 de abril de 1898 (pp. 193-208)   | Nº 14 (Ano I) — 30 de abril de 1898 (pp. 209-224)   |
|---|---|
| <p>"Mártir de Amor"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 193</p> <p>"Amarguras"<br/>(poema de GEORGINA TEIXEIRA)<br/>p. 196</p> <p>"Primícias"<br/>(resenha de ARTUR ANDRADE, sobre o livro<br/>"Primícias", do poeta Carvalho Aranha)<br/>p. 197</p> <p>"Primavera no Campo: Quadro"<br/>(poema em prosa de EURICO DE GÓIS)<br/>p. 199</p> <p>"De Tarde"<br/>(fragmento do poema "Indiana", de ÁUREA PIRES)<br/>p. 201</p> <p>"Crônica Onimoda"<br/>(coluna de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA)<br/>p. 203</p> <p>"A Giacomo Leopardi"<br/>(poema de JÚLIA CORTINES)<br/>p. 204</p> <p>"Literatas Succas"<br/>(notas literárias de ELMANO DO VAL)<br/>p. 205</p> <p>"Immutabile Semper!"<br/>(poema de OLGA P.)<br/>p. 206</p> <p>"Poesia"<br/>(poema de PRISCILLANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 207</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Carta do Rio",<br/>"Recebemos e Agradecemos" e "Nomeação Honrosa")<br/>p. 207</p> <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 207</p> | <p>"Observações sobre a educação em geral" (I) (b)<br/>(texto de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 209</p> <p>"Só"<br/>(poema de MANUEL VIOTTI)<br/>p. 212</p> <p>"Anfritrite"<br/>(poema de FRANCISCA JÚLIA DA SILVA)<br/>p. 212</p> <p>"No meu Atelier"<br/>(conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 213</p> <p>"O Juca da Generosa"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 215</p> <p>"Lágrima Tardia"<br/>(texto de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 218</p> <p>"Hiemal"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 220</p> <p>"A Mulher"<br/>(ensaio de FRANCISCO BARROSO)<br/>p. 220</p> <p>"Cariota Corday"<br/>(poema de MARIA JUCÁ)<br/>p. 223</p> <p>"Morta!!!"<br/>(poema de ADÉLIA JUCÁ)<br/>p. 224</p> <p>"Notas pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Doutora Ana Amália<br/>de Carvalho Soares" e "Carta do Rio")<br/>p. 224</p> |

| Nº 15 (Ano I) — 15 de maio de 1898 (pp. 225-240)  | Nº 16 (Ano I) — 30 de maio de 1898 (pp. 241-256)  |
|---|---|
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 225</p>  | <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 241</p>   |
| <p>"Anoitece..."<br/>(poema de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br/>p. 229</p>  | <p>"Os Poentes"<br/>(resenha de SÍLVIO DE ALMEIDA<br/>sobre o livro de versos de Eugénio Leonel)<br/>p. 242</p>   |
| <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 229</p>   | <p>"Fora da Barra"<br/>(poema de LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR)<br/>p. 244</p>  |
| <p>"In Sylvis"<br/>(poema de CARVALHO ARANHA)<br/>p. 231</p>  | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 244</p>  |
| <p>"Flores sem Fruto"<br/>(conto de INÊS SABINO)<br/>p. 231</p>   | <p>"Na Praia"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 246</p>   |
| <p>"À Paulicéia"<br/>(poema de SOARES JÚNIOR)<br/>p. 234</p>  | <p>"Vasco da Gama"<br/>(texto de INÊS SABINO)<br/>p. 248</p>  |
| <p>"Mme. de La Fayette"<br/>(texto de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 235</p>  | <p>"Seleção" (coluna de citações, com texto de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO)<br/>p. 251</p>   |
| <p>"Por Terras e Mares" (V)<br/>(poemeta de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 237</p>   | <p>"Ao Meu Coração"<br/>(poema de SOARES JÚNIOR)<br/>p. 252</p>   |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de AIMÉ MARTIN)<br/>p. 238</p>  | <p>"Felice Cavalotti" (necrológio do poeta italiano escrito por REVOCATA HELOÍSA DE MELO)<br/>p. 252</p>  |
| <p>"Pesadelo"<br/>(fragmento do poema "Indiana", de ÁUREA PIRES)<br/>p. 238</p>   | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Luís Guimarães", "A Mensageira no Chile", "Farmacêutica" e "Rua do Ouvidor")<br/>p. 254</p> |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Elisa Lemonnier", "Livros", "O Álbum das Meninas" e "Recebemos e Agradecemos")<br/>p. 239</p> | <p>"A Voz do Louco"<br/>(poema de PRISCILLANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 255</p>   |
| <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 240</p>   | <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 256</p>   |

Anexo II

| Nº 17 (Ano I) — 15 de junho de 1898 (pp. 257-272)   | Nº 18 (Ano I) — 30 de junho de 1898 (pp. 273-288)  |
|---|--|
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 257</p>                          | <p>"O Último Discurso"<br/>(conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 273</p>  |
| <p>"Por Terras e Mares" (VI)<br/>(poemeto de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 259</p>                      | <p>"Contos e Fantasias"<br/>(resenha crítica de ALBERTO DE SOUSA<br/>sobre o livro de José Vicente Sobrinho)<br/>p. 277</p>  |
| <p>"Borboletas"<br/>(conto infantil de ZALINA ROLEM)<br/>p. 260</p>                                   | <p>"Velando"<br/>(poema de GEORGINA TEIXEIRA)<br/>p. 280</p>   |
| <p>"Caminho do Sertão"<br/>(poema de AUTA DE SOUSA)<br/>p. 262</p>                                    | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 280</p>   |
| <p>"O Romance de uma Onça"<br/>(conto de ANDRÉ REBOUÇAS)<br/>p. 262</p>                               | <p>"Natal"<br/>(poema de AUTA DE SOUSA)<br/>p. 282</p>   |
| <p>"A Luís Guimarães"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 269</p>                                       | <p>"Saudade Antiga"<br/>(crônica de AMADEU DE QUEIRÓS)<br/>p. 283</p>  |
| <p>"Na Selva"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 270</p>                             | <p>"Seleção" (coluna de citações, com texto de MARIA AMÁLIA<br/>VAZ DE CARVALHO)<br/>p. 285</p>  |
| <p>"De um Livro de Viagens"<br/>(relato de viagem de NÉLSON DE SENA)<br/>p. 270</p>                   | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Borboletas",<br/>"Belas-Artes", "Nova Colaboradora" e "Extremato Paulistano")<br/>p. 286</p> |
| <p>"Mãe"<br/>(poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 271</p>  | <p>"A Mulher no Celeste Império"<br/>(transcrição de texto publicado pela "Gazeta de Petrópolis")<br/>p. 287</p>   |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícia relativa a "Rua do Ouvidor")<br/>p. 271</p> |  |

| Nº 19 (Ano I) — 15 de julho de 1898 (pp. 289-304)  | Nº 20 (Ano I) — 31 de julho de 1898 (pp. 305-320)   |
|--|---|
| <p>"Observações sobre a Educação em Geral" (II) (a)<br/>(texto de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 289</p>  | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 305</p>  |
| <p>"Castelo Derrocado"<br/>(poema de A. TOLENTINO DE ALMEIDA)<br/>p. 291</p>   | <p>"Com Ares de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 307</p>   |
| <p>"Golpe Certoiro"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 292</p>  | <p>"Por Montes e Vales"<br/>(relato de viagem de INÊS SABINO)<br/>p. 309</p>  |
| <p>"Dúvidas"<br/>(poema de CIPLÃO JUCÁ)<br/>p. 295</p>   | <p>"Parênteses"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 313</p>   |
| <p>"Impressões de Leitura:<br/>'Fantasias', Cândida Fortes, 1897"<br/>(resenha de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 295</p>                                   | <p>"Páginas Americanas"<br/>(fragmento de relato de viagem de PELAYO SERRANO)<br/>p. 314</p>                                |
| <p>"Dona Lavínia"<br/>(poema de ELMANO DO VAL)<br/>p. 298</p>  | <p>"Cromo"<br/>(poema de ADÉLIA JUCÁ CASADO LIMA)<br/>p. 315</p>  |
| <p>"As Borboletas"<br/>(conto de CÂNDIDA FORTES)<br/>p. 299</p>  | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR e MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO)<br/>p. 316</p>    |
| <p>"Náufraga"<br/>(poema de CARVALHO ARANHA)<br/>p. 301</p>  | <p>"Notas do Interior"<br/>(relato de viagem de DOLORES ALCÂNTARA VILHENA DE ARAÚJO)<br/>p. 316</p>                         |
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 301</p>   | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Recebemos e Agradecemos" e "Versos")<br/>p. 320</p> |
| <p>"Angústia"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 303</p>  | <p>"A Mensageira"<br/>(menção à revista na imprensa)<br/>p. 320</p>   |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Farmacêutica", "A Nação", "Artur Lobo" e "Revista Americana")<br/>p. 303</p> |   |

Anexo II

| Nº 21 (Ano I) — 15 de agosto de 1898 (pp. 321-336)  | Nº 22 (Ano I) — 30 de agosto de 1898 (pp. 337-352)   |
|---|--|
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 321</p>  | <p>"Um Caso Verdadeiro"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 337</p>  |
| <p>"Do Livro da Saudade"<br/>(poema de ZALINA ROLIM)<br/>p. 324</p>   | <p>"Bendita Causa"<br/>(poema de CARLOS DIAS FERNANDES)<br/>p. 340</p>   |
| <p>"Adeus!"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 324</p>   | <p>"'Preludiando', Contos de D. Andradina de Oliveira"<br/>(resenha crítica de DAMASCENO VIEIRA)<br/>p. 340</p>  |
| <p>"Divagações"<br/>(crônica de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br/>p. 324</p>   | <p>"Quando Partiste"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 345</p>   |
| <p>"No Álbum da Srta. Joana Reis"<br/>(poema de CARLOS GÓIS)<br/>p. 325</p>   | <p>"A Ceguinha"<br/>(texto de FRANCISCA CLOTILDE)<br/>p. 346</p>   |
| <p>"'Versos' de Francisco Lins"<br/>(resenha crítica de ELMANO DO VAL)<br/>p. 326</p>   | <p>"Cativo"<br/>(poema de ANTERO BLOEM)<br/>p. 346</p>   |
| <p>"O Órfão"<br/>(poema de FRANCISCO LINS)<br/>p. 328</p>   | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO)<br/>p. 347</p>  |
| <p>"O Armador"<br/>(conto de ANDRADINA DE OLIVEIRA)<br/>p. 328</p>  | <p>"Crepuscular"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 348</p>   |
| <p>"Sonhos..."<br/>(crônica de PELAYO SERRANO)<br/>p. 333</p>   | <p>"Lendo e Comentando..."<br/>(resenha crítica de NELSON DE SENA, relativa ao romance "O Morto", de Coelho Neto)<br/>p. 348</p>                               |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO)<br/>p. 335</p>                                       | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 350</p>   |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Estalagnites", "Músicas" e "Damas de Caridade")<br/>p.335</p> | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Elizabeth Lynn Linton", "Matemática", "O País" e "Carlos D. Fernandes")<br/>p. 352</p> |
| <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 336</p>   |  |

| Nº 23 (Ano I) — 15 de setembro de 1898 (pp. 353-368)  | Nº 24 (Ano I) — 30 de setembro de 1898 (pp. 369-384)  |
|---|---|
| <p>Fotografia de capa retratando Maria Clara da Cunha Santos<br/>p. 353</p> <p>"Maria Clara da Cunha Santos"<br/>(editorial de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 354</p> <p>"No Sertão"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 355</p> <p>"Tela Sombria"<br/>(poema de JULIETA DE MELO MONTEIRO)<br/>p. 361</p> <p>"Observações sobre a Educação em Geral" (II) (b)<br/>(texto de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 361</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 364</p> <p>"Do 'Estelário' "<br/>(poema de MANUEL VIOTTI)<br/>p. 364</p> <p>"Excerto da 'Profissão de Fé' "<br/>(texto de ARCHER DE LIMA)<br/>p. 365</p> <p>"As Belas Artes"<br/>(poema de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 367</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Belas-Artes",<br/>"Rainha Almirante" e "Julieta de Melo Monteiro")<br/>p. 368</p> | <p>"A Primeira Avançada"<br/>(editorial de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 369</p> <p>"Voluptas Patiendi"<br/>(poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 370</p> <p>"Marinha"<br/>(conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 370</p> <p>"Recordando..."<br/>(poema de JULIETA DE MELO MONTEIRO)<br/>p. 372</p> <p>"A Influência do Lar"<br/>(texto de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 373</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 375</p> <p>"Uma Recordação"<br/>(conto-crônica de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 377</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Commune",<br/>"Heroínas", "Amor de Mãe", "Índice" e "Novo Endereço")<br/>p. 378</p> <p>Índice do Volume I<br/>(Ano I: números 1 a 24)<br/>p. 380</p> |

Anexo II

| Nº 25 (Ano II) — 15 de fevereiro de 1899 (pp. 1-24)   | Nº 26 (Ano II) — 15 de março de 1899 (pp. 25-48)   |
|---|--|
| <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 1</p> <p>"A Lancha Negra"<br/>(poema de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br/>p. 3</p> <p>"Safo"<br/>(notas literárias de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 3</p> <p>"De Manhã"<br/>(fragmento do poema "Indiana", de ÁUREA PIRES)<br/>p. 4</p> <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de ANÁLIA FRANCO)<br/>p. 6</p> <p>"A Mensageira"<br/>(poema de CÂNDIDA FORTES)<br/>p. 10</p> <p>"Notas Brasileiras"<br/>(texto de NÉLSON DE SENA)<br/>p. 10</p> <p>"Valsando"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 12</p> <p>"De Luto"<br/>(texto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 13</p> <p>"Beatriz"<br/>(poema de GUIOMAR TORRESÃO)<br/>p. 13</p> <p>"Ensaio Crítico"<br/>(resenha crítica de B. DA CUNHA)<br/>p. 13</p> <p>"A Bordo"<br/>(poema de GEORGINA TELXEIRA)<br/>p. 17</p> <p>"Um Episódio da Roça"<br/>(crônica de RIDELINA FERREIRA)<br/>p. 17</p> <p>"Carta Aberta" (poema de HERÁCLITO VIOTTI)<br/>p. 21</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "A Mensageira", "Guiomar Torresão", "Visconde de Taunay", "D. Viridiana Prado" e "Amor Maternal")<br/>p. 21</p> | <p>Gravura de capa retratando Áurea Pires<br/>p. 25</p> <p>"Flocos de Neve", Áurea Pires"<br/>(resenha crítica de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 26</p> <p>"Parábola Oriental" (poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 30</p> <p>"Abnegação!"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 31</p> <p>"Impossível" (poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 37</p> <p>"Anna Hierta Retzius" (texto de GUIOMAR TORRESÃO)<br/>p. 37</p> <p>"Descrença" (poema de OSCAR D'ALVA)<br/>p. 38</p> <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de CLÉMENCE ROYER, JOANA RIVAL, CARMEN SYLVA, MADAME DE LAMBERT e SAMUEL SMILES)<br/>p. 38</p> <p>"Sobre um Túmulo"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 40</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 40</p> <p>"O Primeiro Sorriso" (poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 42</p> <p>"Literatos Húngaros" (notas literárias de ELMANO DO VAL)<br/>p. 42</p> <p>"Dois Oásis" (poema de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA e MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 44</p> <p>"Dois Livros" (texto de IDA BACCINI)<br/>p. 44</p> <p>"Depois da Batalha" (poema de JÚLIA CORTINES)<br/>p. 45</p> <p>"Desolada" (poema de EDWIGES DE SÁ PEREIRA)<br/>p. 46</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Edwiges de Sá Pereira" e "Escola de Farmácia")<br/>p. 46</p> <p>"A Mensageira" (coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 48</p> |



| Nº 27 (Ano II) — 15 de abril de 1899 (pp. 49-72)  | Nº 28 (Ano II) — 15 de maio de 1899 (pp. 73-96)  |
|---|--|
| Gravura de capa retratando Madame Dreyfus<br>p. 49  | "Guiomar Torresão"<br>(necrológio por JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br>p. 73   |
| "Madame Dreyfus" (editorial não assinado)<br>p. 50  | "Uma Relíquia" (poema de LUÍS PISTARINI)<br>p. 76  |
| "Recordação Fatal" (poema de NARCISA AMÁLIA)<br>p. 50   | "Canção" (poema de ARTUR ANDRADE)<br>p. 76   |
| "O Tio Jô" (conto de RIDELINA FERREIRA)<br>p. 51  | "Mentira Piedosa!"<br>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 77  |
| "Carta do Rio"<br>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 58  | "A Morte de Cristo" (poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br>p. 80  |
| "Riso Pungente"<br>(poema de AUREA PIRES)<br>p. 60  | "A Alma e a Morte" (notas de ELMANO DO VAL)<br>p. 80   |
| "Excelsa Glória"<br>(poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br>p. 61   | "Sempre o Amor!" (poema de OSCAR D'ALVA)<br>p. 81  |
| "La Tombe et la Rose"<br>(texto de CLEMENTE BARAHONA VEGA,<br>traduzido por Nelson de Sena)<br>p. 62  | "A Noiva" (texto de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br>p. 81  |
| "Sobre Ruínas"<br>(poema de CARVALHO ARANHA)<br>p. 64   | "Flores d'Alma" (poema de MARIA JUCÁ)<br>p. 84   |
| "A Moda"<br>(crônica de ÉCILA WORMS)<br>p. 65   | "Seleção" (textos de CÉLIA e CESÁRIO MOTA)<br>p. 84  |
| "Último Desejo"<br>(poema de HELENA DE VIVEIROS)<br>p. 66   | "O Concílio das Mágoas"<br>(poema de PERPÉTUA DO VALE)<br>p. 86  |
| "Seleção" (coluna de citações, com textos de SAMUEL SMILES,<br>MADAME DE MAINTENON e MADAME RATTAZZI)<br>p. 66  | "Carta do Rio"<br>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 86   |
| "Constante"<br>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br>p. 68  | "Vésper" (poema de DELMINDA SILVEIRA)<br>p. 88   |
| "Isa"<br>(poemetos em prosa de EURICO DE GÓIS)<br>p. 68   | "Com Ares de Crônica" (crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br>p. 88   |
| "Notas Pequenas"<br>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Anna Caron",<br>"La Mujer", "O Arquivo Ilustrado", "Pésames" e "Recebemos e<br>Agradecemos")<br>p. 69 | "A Invenção da Renda" (texto de AUTOR ANÔNIMO)<br>p. 89  |
| "A Mensageira" (coletânea de menções à revista na imprensa)<br>p. 71  | "Sombras"<br>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br>p. 91   |
|   | "Notas Pequenas"<br>(seção de noticiário, com notícias relativas a "A Viúva de<br>Michelet", "Manuelita Rosas" e "Recebemos e Agradecemos")<br>p. 91 |
|   | "A Mensageira" (coletânea de menções à revista na imprensa)<br>p. 96   |

Anexo II

| Nº 29 (Ano II) — 15 de junho de 1899 (pp. 97-116)   | Nº 30 (Ano II) — 15 de agosto de 1899 (pp. 117-132)   |
|---|---|
| Gravura de capa retratando Júlia Lopes de Almeida<br>p. 97  | Gravura de capa retratando o dr. Cândido Espinheira<br>p. 117   |
| "Júlia Lopes de Almeida"<br>(ensaio biográfico por GUIOMAR TORRESÃO)<br>p. 98   | "Dr. Cândido Espinheira"<br>(editorial não assinado)<br>p. 118  |
| "Duas Épocas" (poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br>p. 102  | "Soneto"<br>(poema de CÂNDIDO DE CARVALHO)<br>p. 119  |
| "Ruélia Formosa" (poema de ZALINA ROLIM)<br>p. 102  | "Carta do Rio"<br>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 119   |
| "Ludibria Ventis" (poema de BELARMINO CARNEIRO)<br>p. 102   | "A Virgem de Murilo"<br>(fragmento de um drama de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA)<br>p. 122  |
| "Carta do Rio"<br>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 103   | "A Escolha de um Modelo"<br>(transcrição de texto publicado no "Jornal do Comércio")<br>p. 124  |
| "Domingo de Ramos" (poema de ÁUREA PIRES)<br>p. 105   | "Junto ao Berço de Dalila"<br>(poema de BELARMINO CARNEIRO)<br>p. 127   |
| "Junto de um Túmulo de Criança"<br>(crônica de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br>p. 106  | "Seleção"<br>(coluna de citações, com texto de FRANCISQUE SARCEY)<br>p. 128   |
| "Esperança" (poema de GEORGINA TELXEIRA)<br>p. 108  | "Le Féminisme au Brésil"<br>(texto de XAVIER DE CARVALHO)<br>p. 128   |
| "A Baronesa de Hirsch"<br>(necrológico de AUTOR ANÔNIMO)<br>p. 108  | "Escala do Viver"<br>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br>p. 130   |
| "Noivado" (poema de PERCE-NEIGE)<br>p. 109  | "Volta aos Pagos"<br>(poema de CÂNDIDA FORTES)<br>p. 131  |
| "Bodas de Prata"<br>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br>p. 110  | "Notas Pequenas"<br>(seção de noticiário, com notícias relativas a "A Cecília", "Destinos", "Sabino Batista" e "A Estação")<br>p. 131 |
| "Vida" (poema de PERES JÚNIOR)<br>p. 113  | "A Mensageira"<br>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br>p. 132  |
| "Volta ao Passado" (poema de MANUEL AARÃO)<br>p. 113  |   |
| "Seleção"<br>(coluna de citações, com texto de AUTOR ANÔNIMO do "Ateneu das Senhoras")<br>p. 114  |   |
| "Escuta!" (poema de RIDELINA FERREIRA)<br>p. 114  |   |
| "Notas Pequenas"<br>(notícias relativas a "Guiomar Torresão", "Ele", "Emília Pardo Bazán", "Joana d'Arc", "A Rua do Ouvidor", "Perce-Neige" e "Livros")<br>p. 115 |   |
| "A Mensageira" (menção à revista na imprensa)<br>p. 116   |   |

| Nº 31 (Ano II) — 31 de agosto de 1899 (pp. 132-148)  | Nº 32 (Ano II) — 15 de setembro de 1899 (pp. 149-168)  |
|--|--|
| <p>"A Mulher do Futuro"<br/>(ensaio de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO,<br/>transcrito do "Jornal do Comércio")<br/>p. 133</p>            | <p>"Apólogo"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 149</p>   |
| <p>"Martírio Incrível"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 139</p>   | <p>"De Sonho em Sonho"<br/>(poema de MARIA JUCÁ)<br/>p. 152</p>  |
| <p>"Brasil-Paraguai"<br/>(resenha crítica de SÍLVIO DE ALMEIDA<br/>relativa ao livro de Alberto Sousa)<br/>p. 140</p>                  | <p>"Urzes"<br/>(resenha crítica de SÍLVIO DE ALMEIDA<br/>relativa à coletânea poética de Amadeu Amaral)<br/>p. 152</p>   |
| <p>"Miniatura"<br/>(poema de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 142</p>   | <p>"Nênia"<br/>(poema de RIDELINA FERREIRA)<br/>p. 154</p>   |
| <p>"Saudade Incurável"<br/>(conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 143</p>   | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de AMÉRICO WERNECK)<br/>p. 155</p>   |
| <p>"Mágoa Infinita"<br/>(poema de RAUL CORREIA)<br/>p. 145</p>   | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 155</p>   |
| <p>"A Esmola"<br/>(poema em prosa de IPOMÉIA)<br/>p. 145</p>   | <p>"Ao Crepúsculo"<br/>(poema em prosa de FRANCISCA CLOTILDE)<br/>p. 158</p>   |
| <p>"A Subir... A Subir..."<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 146</p>   | <p>"Um Canto"<br/>(poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 159</p>  |
| <p>"A Paisagem"<br/>(crônica de NARCISA AMÁLIA)<br/>p. 146</p>   | <p>"Impressões de Leitura:<br/>'Flor de Neve', de Eurico de Góis"<br/>(resenha de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 160</p>   |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Visita Ilustre" e<br/>"Visconde de Cavalcanti")<br/>p. 148</p> | <p>"A Poetisa do Vizela"<br/>(necrológio de Ana Amália Moreira de Sá,<br/>por ALBERTO PIMENTEL)<br/>p. 161</p>   |
|  | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "W. Dickens",<br/>"Sala de Leitura para Senhoras", "Administração de Mulheres",<br/>"Excursionista Americana", "Movimento Feminista na Alemanha"<br/>e "A Estação")<br/>p. 167</p> <p>"Diversidade"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 168</p> |

Anexo II

| Nº 33 (Ano II) — 15 de outubro de 1899 (pp. 169-184)   | Nº 34 (Ano II) — 15 de novembro de 1899 (pp. 185-200)  |
|--|--|
| <p>"Com Arés de Crônica"<br/>(crônica de MARIA EMÍLIA LEMOS)<br/>p. 169</p> <p>"Soneto"<br/>(poema de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 173</p> <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 173</p> <p>"A Poetisa do Vizela"<br/>(notas literárias de GEORGINA TELXEIRA)<br/>p. 175</p> <p>"O Feminismo"<br/>(crônica de ANACLETO PACÍFICO,<br/>transcrita do jornal "Cidade de Campinas")<br/>p. 178</p> <p>"Cantiga"<br/>(poema de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 179</p> <p>"As Primeiras Sandálias"<br/>(poema em prosa de IPOMÉLIA)<br/>p. 179</p> <p>"Sonho?"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 180</p> <p>"Seleção" (coluna de citações, com textos de SAMUEL SMILES,<br/>IBSEN e GARCIA REDONDO)<br/>p. 180</p> <p>"De Amicis e seu Filho"<br/>(nota literária da redação da revista)<br/>p. 181</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Mistress Robinson<br/>Wright e Miss Hartman", "Ada Negri", "Mme. Dreyfus",<br/>"Rideline Ferreira", "A Mulher no Tribunal" e "O País")<br/>p. 182</p> | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 185</p> <p>"Ouvindo um Pássaro"<br/>(poema de NARCISA AMÁLIA)<br/>p. 188</p> <p>"Julieta de Melo Monteiro"<br/>(resenha crítica de DAMASCENO VIEIRA,<br/>relativa ao livro "Alma e Coração", dessa escritora)<br/>p. 189</p> <p>"Da Nascente à Foz"<br/>(poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 193</p> <p>"Carta Aberta"<br/>(carta de RIDELINA FERREIRA)<br/>p. 195</p> <p>"Eleita"<br/>(poema de BENEDITO RIBEIRO)<br/>p. 196</p> <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de RAMALHO ORTIGÃO)<br/>p. 197</p> <p>"Incêndio"<br/>(poema de JÚLIO PRESTES)<br/>p. 198</p> <p>"No Calvário"<br/>(crônica de RICARDO MENDES GONÇALVES)<br/>p. 198</p> <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Jornal do Comércio",<br/>"A Educadora" e "Almeida Júnior")<br/>p. 199</p> <p>"A Mensageira"<br/>(menção à revista na imprensa)<br/>p. 200</p> |

| Nº 35 (Ano II) — 15 de dezembro de 1899 (pp. 201-216)  | Nº 36 (Ano II) — 15 de janeiro de 1900 (pp. 217-244)   |
|--|--|
| <p>"Direitos da Mulher"<br/>(transcrição de editorial do jornal "O País")<br/>p. 201</p>   | <p>"Direitos da Mulher"<br/>(nova transcrição de editorial do jornal "O País")<br/>p. 217</p>  |
| <p>"Almeida Júnior"<br/>(poema de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 205</p>   | <p>"Página Íntima" (poema de ARTUR ANDRADE)<br/>p. 223</p>   |
| <p>"Passarinhos"<br/>(poema de ZALINA ROLIM)<br/>p. 205</p>  | <p>"Hoje" (poema de SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 224</p>  |
| <p>"A Solidariedade Feminina"<br/>(ensaio de EUGÉNIE POTONÉ-PIERRE,<br/>traduzido por Josefina Álvares de Azevedo)<br/>p. 206</p>  | <p>"Perfil de Preta: Gilda"<br/>(conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 224</p>   |
| <p>"Storia Breve"<br/>(poema de ADA NEGRI)<br/>p. 208</p>  | <p>"J'ai dit à ma plume..." (poema de BELARMINO CARNEIRO)<br/>p. 229</p>   |
| <p>"Tradução de uma Ode de Safo"<br/>(versões de JACQUES DELILLE e SÍLVIO DE ALMEIDA)<br/>p. 209</p>   | <p>"Rosa de Neve" (poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 230</p>  |
| <p>"A Legenda da Rosa Branca"<br/>(texto de CLEMENTE BARAHONA VEGA,<br/>traduzido por Pelayo Serrano)<br/>p. 210</p>   | <p>"Carta do Rio"<br/>(coluna de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS)<br/>p. 230</p>   |
| <p>"Almeida Júnior"<br/>(poema de TRAJANO PIRES)<br/>p. 212</p>  | <p>"Soneto" (poema de DELMINDA SILVEIRA)<br/>p. 232</p>  |
| <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com texto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA)<br/>p. 213</p>  | <p>"Tabela para o Traçado de Curvas de Nível"<br/>(resenha de B., relativa a livro de José Américo dos Santos)<br/>p. 232</p>  |
| <p>"Primeira Esperança"<br/>(poema de ÁUREA PIRES)<br/>p. 213</p>  | <p>"Barcarola" (poema de RIDELINA FERREIRA)<br/>p. 235</p>   |
| <p>"À Minha Mulher"<br/>(poema de MARTINS JÚNIOR)<br/>p. 214</p>   | <p>"Pátria"<br/>(resenha de SÍLVIO DE ALMEIDA,<br/>relativa a livro de João Vieira de Almeida)<br/>p. 235</p>  |
| <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "Direitos da Mulher",<br/>"Advogada", "Instituto Feitosa", "Almeida Júnior",<br/>"A Literatura Feminista na Exposição de 1900",<br/>"Concerto Histórico" e "Carta do Rio")<br/>p. 214</p> | <p>"Margarida" (poema de BENEDITO RIBEIRO)<br/>p. 236</p>  |
| <p>"A Mensageira"<br/>(coletânea de menções à revista na imprensa)<br/>p. 216</p>  | <p>"Contemplação"<br/>(poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA)<br/>p. 237</p>  |
|  | <p>"Exposição Almeida Júnior"<br/>(relato de PERPÉTUA DO VALE)<br/>p. 238</p>  |
|  | <p>"Seleção"<br/>(coluna de citações, com textos de GUIOMAR TORRESÃO e<br/>GARCIA REDONDO)<br/>p. 239</p>  |
|  | <p>"Notas Pequenas"<br/>(seção de noticiário, com notícias relativas a "A Mensageira",<br/>"Eva Canel", "Luísa Amélia", "Referência Honrosa",<br/>"Dr. José Américo dos Santos" e "Bandolim")<br/>p. 239</p> |
|  | <p>Índice do Volume II<br/>(Ano II: números 25 a 36)<br/>p. 242</p>  |

**Índice de Ilustrações**

**Volume I — N° 7 — p. 107**  
(15 de janeiro de 1898):

Retrato (gravura) do pintor ALMEIDA JÚNIOR

**Volume I — N° 23 — p. 353**  
(15 de setembro de 1898):

Retrato (fotografia) da cronista  
MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS

**Volume II — N° 26 — p. 25**  
(15 de março de 1899):

Retrato (gravura) da poetisa  
ÁUREA PIRES

**Volume II — N° 27 — p. 49**  
(15 de abril de 1899):

Retrato (gravura) da heróica  
MADAME DREYFUS

**Volume II — N° 29 — p. 97**  
(15 de junho de 1899):

Retrato (gravura) da prosadora  
JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

**Volume II — N° 30 — p. 117**  
(15 de agosto de 1899):

Retrato (gravura) do médico  
DR. CÂNDIDO ESPINHEIRA

**ANEXO III**

**Analítico do Conteúdo das 36 Edições da Revista**

## **ANEXO III**



| São Paulo, 15 de outubro de 1897 — Ano I, Nº 1  |  |  |   |
|---|--|--|---|
| A MENSAGEIRA  |  |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |  |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº Avulso: 1\$000.  |  |  |   |
| Página 1  | Página 2   | Página 3   | Página 4  |
| <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.</p> <p><b>DUAS PALAVRAS</b></p> <p>Editorial de abertura, assinado pela diretora da revista, PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA. Expõe-se o objetivo da publicação que se inicia: levar periodicamente às brasileiras textos das literatas que começam a surgir por todo o território nacional (sem a exclusão de colaboradores do sexo masculino), de maneira que se possa estabelecer entre autoras e leitoras <i>uma simpatia espiritual, pela comunhão das mesmas idéias</i>, transformando-se a revista num centro de convergência da intelectualidade feminina do Brasil. Citando-se o caso da médica pioneira ERMELINDA DE SÁ (elogiada por ARTUR AZEVEDO na revista <i>O Álbum</i>), comenta-se que o desenvolvimento intelectual da mulher brasileira já extrapola, aliás, o campo literário.</p> | <p>Conclusão do texto<br/><b>DUAS PALAVRAS</b></p> <p>Além da Dra. ERMELINDA DE SÁ, são nominalmente citadas:<br/>JÚLIA LOPES,<br/>ADELINA LOPES VIEIRA e<br/>NARCISA AMÁLIA;<br/>FRANCISCA JÚLIA,<br/>ZALINA ROLIM,<br/>JÚLIA CORTINES,<br/>PRISCILIANA DUARTE,<br/>JOSEFINA A. DE AZEVEDO,<br/>GEORGINA TEIXEIRA,<br/>MARIA CLARA DA CUNHA,<br/>ÁUREA PIRES,<br/>ELVIRA GAMA,<br/>MARIA EMÍLIA "ROCHA",<br/>ANA NOGUEIRA BAIISTA,<br/>MARIA JUCÁ,<br/>AMÉLIA DE OLIVEIRA,<br/>MARIA DE AZEVEDO,<br/>ANÁLIA FRANCO,<br/>dignas representantes do espírito feminino da terra de PARAGUAÇU e de DAMIANA DA CUNHA.</p>                                     | <p><b>ENTRE AMIGAS</b></p> <p>Texto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, eminente prosadora, discorrendo sobre um assunto que ela mesma classifica <i>melindroso</i>: a questão da condição da mulher no Brasil. Começa elogiando a iniciativa de publicar-se uma revista como <i>A Mensageira</i>. E afirma ser a mulher brasileira capaz de conquistar maiores sucessos do que os já obtidos até aquele momento, enfatizando a necessidade de superação, <i>de se fazer mais, do que até aqui tem feito</i>. Atentando para a necessidade de se conceder instrução mais efetiva à mulher, procura mostrar que é para o bem da própria família e da sociedade que devem ser realizados esforços no sentido de favorecer o desenvolvimento intelectual feminino.</p> | <p>Continuação do texto<br/><b>ENTRE AMIGAS</b></p> <p>Apesar de tender a supervalorizar o papel da mulher como mãe, a escritora não deixa de reconhecer as especificidades do meio social brasileiro; num país essencialmente carente, como o nosso, caberia às mulheres desdobrarem-se para exercer também uma profissão fora do lar: <i>Os povos mais fortes, mais práticos, mais ativos, e mais felizes são aqueles onde a mulher não figura como mero objeto de ornamento; em que são guiadas para as vicissitudes da vida com uma profissão que ampare num dia de luta, e uma boa dose de noções e conhecimentos sólidos que lhes aperfeiçoem as qualidades morais</i>.</p> |
| <p><b>Página 5</b></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>ENTRE AMIGAS</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>(DO "LIVRO DA SAUDADE")</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de ZALINA ROLIM, sem dedicatória, sem data, de temática elegíaca (a poetisa lembra-se, com saudades, das palavras com que seu pai costumava consolá-la).</p> <p>seguido do texto<br/><b>UMA CARTA</b></p> <p>Missiva de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, sem data, dirigida à prima e amiga Prisciliana, diretora da revista. Nela, a signatária agradece (e aceita) o convite para tornar-se colaboradora da <i>Mensageira</i>. A partir do número 2 passará a manter a coluna fixa "Carta do Rio" — isto é, crônicas remetidas da cidade do Rio de Janeiro, onde reside. (segue)</p>   | <p><b>Página 6</b></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>UMA CARTA</b></p> <p>Maria Clara lembra a Prisciliana que já haviam escrito, juntas, um jornalzinho manuscrito (<i>O Colibri</i>) distribuído na cidade mineira de Pouso Alegre. Uma nota da diretora da revista esclarece que <i>O Colibri</i> era quinzenal, gratuito, e tinha tiragem "limitadíssima"; uma coleção completa do mesmo foi conservada para servir de testemunho dos esforços desenvolvidos por ambas.</p> <p>seguida do texto<br/><b>BRILHANTES BRUTOS</b></p> <p>Conto (falsa crônica de reminiscências) assinada por MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicada a ISBELA DA CUNHA.</p> | <p><b>Página 7</b></p> <p>Continuação do conto<br/><b>BRILHANTES BRUTOS</b></p> <p>Travestindo a narrativa de maneira que assuma características de relato confidencial de um caso verídico, a autora repassa à leitora uma história que teriam lhe contado a respeito de um médico francês ("Dr. Charles Rochefort") radicado no interior de MG. Naquele lugar, o médico acabara se envolvendo com uma rústica moça da região, filha de um fazendeiro arruinado.</p>  | <p><b>Página 8</b></p> <p>Continuação do conto<br/><b>BRILHANTES BRUTOS</b></p> <p>Logo após o casamento a mulher foi confinada numa casinha onde o marido cuidava de alfabetizá-la e educá-la. Ao final de alguns meses, já não se reconhecia a rude roceira na senhora que partia para a França com o marido. (segue)</p>   |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. 1:2, a colaboradora MARIA EMÍLIA tem seu nome acrescentado, por equívoco, do sobrenome "ROCHA"; na p. 1:43 ela própria esclarecerá chamar-se MARIA EMÍLIA LEMOS. Na p. 1:16, são nominalmente mencionadas, além de MARIA CLARA, três outras expositoras ("senhoras fluminenses"), duas delas de difícil identificação: ALINA TEIXEIRA, BEATRIZ F. C. DE MIRANDA e MARY M. SALÃO (trata-se, esta última, da futura "Sra. Epitácio Pessoa").

| Página 9   | Página 10  | Página 11  | Página 12   |
|--|--|--|---|
| <p><b>Conclusão do conto<br/>BRILHANTES BRUTOS</b></p> <p>"Mme. Rochefort" só retorna ao Brasil vinte anos depois, já viúva, para rever sua terra — a terra das barras de ouro e dos brilhantes brutos (ela própria ilustrando o conceito de que de uma boa pedra se pode obter, pela lapidação, um valioso diamante).</p> <p>seguida do poema<br/><b>RECUERDOS</b></p> <p>Soneto em decassílabos de HIPÓLITO DA SILVA (JOSÉ HIPÓLITO DA SILVA DUTRA, 1858-1909), sem dedicatória, datado de "Campinas - 1880" (o poeta dirige-se à amada, na primeira pessoa, para dizer que deseja vê-la dissipar a tristeza que traz no íntimo, para que juntos possam, num beijo, reviver as ilusões de outrora).</p>  | <p><b>CARTÃO DE PARABÊNS</b></p> <p>Artigo assinado pelo advogado, educador e filólogo SÍLVIO DE ALMEIDA (primo da diretora da revista, com ela casado desde 1892), que vem elogiar a iniciativa da publicação deste periódico, parabenizando as mulheres por assumirem o exercício do jornalismo e da literatura. Assim passariam todos a comungar não apenas o lar doméstico, a vida do corpo, mas também a vida superior do espírito. Assinala-se ainda que, se para os padrões da educação burguesa, a emancipação intelectual da mulher possa parecer um disparate, ela é imperativa — pois, para que ocorra o progresso comum da espécie, é preciso conjugar os esforços de homens e mulheres. Somente o reconhecimento das potencialidades femininas levará à união do princípio da fraternidade republicana com o belo conceito da irmandade católica. (segue)</p> | <p><b>Conclusão do artigo<br/>CARTÃO DE PARABÊNS</b></p> <p>O professor termina seu texto enfatizando os obstáculos que as mulheres de <i>A Mensageira</i> tiveram de vencer, lutando contra os mesquinhos interesses políticos e econômicos existentes em nosso meio social. Só assim teriam conseguido estabelecer essa revista que visaria, acima de tudo, a dignificação da mulher, o elemento central da família e da sociedade.</p> <p>seguida do poema<br/><b>O DESERTO</b></p> <p>Soneto em alexandrinos de JÚLIA CORTINES (1863-1948), dedicado a PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem data, tipicamente parnasiano (meticulosa descrição, de transbordante sensorialidade, de uma paisagem tórrida e desértica).</p>   | <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Lembrando que nos encontramos numa época de comemorações (o aniversário das viagens de COLOMBO e de VASCO DA GAMA), JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA, disserta, em linguagem cheia de preciosismos e metáforas eruditas, sobre o sempre renovado espírito aventureiro do ser humano. Depois de incursões pelos mais diversos continentes, o homem deseja agora explorar as regiões polares: <i>A hora atual é — a hora polar!</i> Logo virá, portanto, o tempo em que estas regiões, antes inóspitas, serão alcançadas pela civilização ocidental: <i>Dentro em pouco, já ninguém mais ouvirá falar em focas, em ursos brancos (...). Os pólos se converterão mesmo em cabarets, onde o licor correrá a jorros (...). Haverá companhias (...)</i> para que a boemia da atualidade se dê o luxo de uma villegiatura em tais paragens!... (segue)</p>                            |
| <p><b>Página 13</b></p> <p><b>Conclusão da seção<br/>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Notar que o texto de VIEIRA DE ALMEIDA, datado de "S. Paulo — 15 outubro — 1897", ainda inclui, além de uma menção (irônica) às especulações do célebre geógrafo anarquista ELISÉE RECLUS (1830-1905), referências a HOMERO, PLATÃO, CAMÕES e aos exploradores BARTOLOMEU DIAS, JOHN FRANKLIN, S. A. ANDRÉE e F. NANSEN.</p> <p>seguida do poema<br/><b>CONTRASTE</b></p> <p>Soneto em decassílabos de ÁUREA PIRES (1876-1953), sem dedicatória, sem data, elaborado com apurada técnica parnasiana (apesar da temática subjetiva, delinea-se com precisão virtuosística o contraste existente entre o amor sofrido do eu-lírico feminino e a inconstância do amado — que talvez se encontre, diversamente, feliz nos braços de outra mulher).</p> | <p><b>Página 14</b></p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Seleção de citações atribuídas a:</p> <p>GRACIA H. C. MATTOS (três sentenças de aberta condenação ao machismo); MME. DE LA FAYETTE (em sentido inverso, <i>A verdadeira felicidade da mulher consiste em amar seu marido e ser amada por ele</i>); JÚLIA LOPES DE ALMEIDA (trecho extraído do recém-lançado <i>Livro das Noivas</i>); CATARINA TIMANDRO (<i>A modestia não inibe o entusiasmo</i>); JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA SILVA (1820-1891), o famoso crítico do Império (que faz uma importante observação a respeito das muitas escritoras brasileiras mantidas no anonimato e no mediotismo pelos preconceitos contra a mulher intelectual — entre elas BÁRBARA ELIODORA, esposa de ALVARENGA PEIXOTO e a mineira MARIA DAS CONTENDAS).</p>  | <p><b>Página 15</b></p> <p><b>Poema D. ALZIRA</b></p> <p>Versos de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória, datados de 08/09/1897, seis quadras de heptassílabos, em estilo popular, em que se conta a razão dos sofrimentos de Alzira: amara um homem que se suicidara, só lhe restando a alternativa de enclausurar-se num convento.</p> <p>seguido do poema<br/><b>MEU FILHINHO</b></p> <p>Da mesma autora, declaradamente dedicado a seu primeiro filho, LEANDRO, datado de 18/07/1893; soneto em decassílabos, em que Prisciliana menciona a felicidade com que observa o desenvolvimento do filhinho recém-nascido (a morte de uma outra criança, em fins de 1898, será motivo para a interrupção temporária de <i>A Mensageira</i>).</p> <p>seguidos das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> | <p><b>Página 16</b></p> <p><b>Conclusão da seção<br/>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Registram-se cinco notícias: <b>Maternidade de S. Paulo</b> (instituição mantida exclusivamente à custa de senhoras, dirigida pela médica MARIA RENNOTTE), em que se atende a mulher operária e desprotegida da sorte e para a qual solicita-se auxílio. <b>Canudos</b> (congratulações à ESPOSA DO GENERAL ARTUR OSCAR, que comandou o recente extermínio dos adeptos do Conselheiro). <b>Belas-Artes</b>: participação de quatro mulheres na exposição anual de pintura da Escola Nacional de Belas-Artes (entre elas a columnista da <i>Mensageira</i> MARIA CLARA). <b>Dicionário em Projeto</b> (a VISCONDESSA DE CAVALCANTI estaria organizando, em Paris, um <i>Dicionário Biográfico Brasileiro</i>). <b>Chama-se a atenção</b> ainda para a publicação, no nº 2, de um poema de FRANCISCA JÚLIA DA SILVA.</p> |

| São Paulo, 30 de outubro de 1897 — Ano I, Nº 2   |  |   |   |
|--|--|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |   |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |   |   |
| <p><u>Página 17</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>FALSO ENCANTO</b></p> <p>Num dos textos mais contundentes publicados pela revista, a mineira MARIA EMÍLIA declara não admitir que as mulheres sejam apreciadas pelo dom da fraqueza, que o encanto feminino esteja situado na sua ignorância, na sua timidez, na sua infantilidade. (...) <i>A mulher instruída, forte, capaz de velar à cabeceira de um filho enfermo (...); ou de repelir com energia as chalaças de qualquer imbecil, será a mulher do futuro, será a verdadeira companheira do homem.</i> Maria Emilia é, no entanto, otimista, por ver que a nova geração faz progressos no que se refere à educação feminina, deixando para trás as gerações das avós analfabetas e das mães semi-analfabetas.<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 18</u><br/>Conclusão do texto<br/><b>FALSO ENCANTO</b></p> <p>O artigo termina salientando que às mães caberiam, aliás, os elogios pela nova situação: os pais, tão zelosos pelo futuro dos filhos homens, <i>não ambicionavam, salvo honrosas exceções, sendo que as filhas fossem honestas.</i></p> <p>seguida do poema<br/><b>A JORNADA</b></p> <p>Soneto em decassílabos de ADELINA LOPES VIEIRA, sem dedicatória, datado de outubro de 1897, tipicamente romântico, em que infância, adolescência e mocidade são exaltadas, em detrimento da tenebrosa velhice.</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>Crônica quinzenal, sem data, de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</p>   | <p><u>Página 19</u><br/>Continuação da crônica<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Maria Clara conta, inicialmente, ter encontrado junto à praia <i>uma trança postiça de cabelo grisalho</i>, procurando imaginar a quem poderia pertencer o adereço. Conclui, no entanto, que todas as tranças postiças deveriam ter o mesmo fim, <i>lançadas às chamas de uma fogueira enorme.</i></p> <p>Em seguida, a articulista afirma que a verdadeira arte é aquela que associa a beleza à natureza (isto é, à realidade, à veracidade) — comentando ainda que o lançamento de <i>A Mensageira</i> foi muito bem recebido no Rio de Janeiro.<br/>(segue)</p>      | <p><u>Página 20</u><br/>Conclusão da crônica<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Falando sobre crianças, Maria Clara elogia a iniciativa de realizar-se, no Passeio Público, uma festa destinada a atrair famílias inteiras, em local onde os pequenos terão espaço à vontade para brincar.</p> <p>Lembra, a propósito de crianças, uma passagem cômica em que uma menininha de quatro anos procurou demonstrar sua valentia postando-se ao lado de um velho muito feio, que visitava sua casa.</p> <p>Mencionando a predileção de ZALINA ROLIM por margaridas, Maria Clara salienta a beleza dos jardins cariocas nesta primavera, prometendo tratar, em suas crônicas, de coisas alegres — <i>mesmo porque com tristezas (...) não se pagam dívidas.</i></p>   |
| <p><u>Página 21</u><br/>Poema <b>O MERGULHADOR</b></p> <p>Versos de FRANCISCA JÚLIA DA SILVA (1871-1920), baseados numa "idéia de MURGER", sem dedicatória, sem data, quatro quadras de elaborados alexandrinos, em que o poeta é comparado ao mergulhador que vai buscar no fundo do mar a pérola mais perfeita.</p> <p>seguido da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Texto assinado pelo reacionário articulista (professor secundário radicado em São Paulo) JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA, datada de "S. Paulo, outubro de 1897".</p>  | <p><u>Página 22</u><br/>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Ainda em estilo pedante e empolado, que contrasta com o estilo adotado pela revista, o professor e filólogo Vieira de Almeida faz questão de ostentar sua fé católica, estendendo-se em considerações sobre MARIA e sobre o desvirtuamento sofrido pelos preceitos de SÃO DOMINGOS (cujos seguidores, os dominicanos, notabilizaram-se por sua feroz atuação junto aos tribunais da Inquisição: é o caso de TORQUEMADA, por exemplo). Segundo o articulista, os dominicanos, <i>continuadores da obra ingente de NÓBREGA e de ANCHIETA</i>, dedicam-se hoje a tarefas mais nobres — como esta de ultrapassar as fronteiras da civilização (por ele situadas em Uberaba, MG) para irem catequizar os "selvagens" nativos do Mato Grosso.</p> | <p><u>Página 23</u><br/>Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>seguida do<br/><b>SONETO</b></p> <p>Poema de AMÉLIA DE OLIVEIRA (1868-1945) — a célebre "noiva de Bilac", irmã de Alberto de Oliveira —, sem dedicatória, sem data; soneto em versos decassilábicos; a temática, no entanto, não é neoclássica, mas tipicamente romântica (considerações sobre os sons que ecoam pelo espaço numa noite escura), apesar de seu rigor formal, muito próximo daquele cultivado pelos parnasianos.</p> <p>seguido de<br/><b>TRAÇOS LIGEIOS</b></p> <p>Novo artigo assinado pelo marido da diretora da revista, o professor SÍLVIO DE ALMEIDA.</p> | <p><u>Página 24</u><br/>Conclusão do artigo<br/><b>TRAÇOS LIGEIOS</b></p> <p>Neste artigo, o professor Sílvio rejeita a sugestão apresentada por ARTUR AZEVEDO — no sentido de que <i>A Mensageira</i> só publicasse a colaboração de mulheres. Acredita que se essa característica fosse assumida pela revista, já não seria original, nem simpática.</p> <p>Lembra que as páginas do jornal carioca que acolhe Azevedo (<i>O País</i>) vem abrigando notáveis colaboradores de ambos os sexos. E acha mesmo que <i>A Mensageira</i> deveria enriquecer suas páginas com matérias de homens de expressão como o próprio ARTUR AZEVEDO — ou como FILINTO DE ALMEIDA, OLAVO BILAC e RAIMUNDO CORREIA.</p> <p>Espera, assim, que a revista tenha melhor sorte do que aquela da infeliz rosa do célebre poema de FRANÇOIS DE MALHERBE (1555-1628).</p> |

| OBSERVAÇÕES:   |  |  |  |
|--|--|--|--|
| <p><u>Página 25</u></p> <p>Poema IDEAL</p> <p>Versos de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória, datados de "13 de novembro de 1890", quatro quadras irregulares, de temática desbragadamente romântica (poderia ser resumido nos versos: <i>Quisera ser o riso, o alento, a aurora, / A luz do teu viver</i>).</p> <p>A data remete aos tempos em que a autora ainda vivia na Pousa Alegre (MG) natal, noivando com o primo; presume-se, portanto, que seja ele (Silvio) o dedicatário implícito do poema.</p> <p>seguido do conto TRINDADE</p> <p>Texto de autoria de DOLORES ALCÂNTARA DE ARAÚJO, datado de "Caxambu, 18 de setembro de 97". Conto fantasioso e pueril.</p>  | <p><u>Página 26</u></p> <p>Continuação do conto TRINDADE</p> <p>Tratando-se sua autora de pessoa pouco conhecida, moradora da mesma região (Sul de Minas) de onde provinha a diretora da revista, seria lícito imaginar ser ela pessoa do conhecimento prévio de Prisciliana.</p> <p>Numa de suas futuras colaborações (v. p. 1:320) surgirá, no entanto, um esclarecimento importante: seu nome completo é DOLORES ALCÂNTARA VILHENA DE ARAÚJO; o "Vilhena" acrescentado explicita o parentesco tanto com relação a Prisciliana Duarte como com relação a sua prima Maria Clara, os dois sustentáculos de <i>A Mensageira</i>.</p> <p>O título "Trindade" refere-se à existência de três mulheres bem diferentes, de uma mesma cidade mineira, que têm em comum a afeição pelo belo Moacir. (segue)</p>                     | <p><u>Página 27</u></p> <p>Continuação do conto TRINDADE</p> <p>Vanda, "branca e loura", é rica, ativa e caprichosa — quer casar-se com ele para assim obter um salvo-conduto que a retire daquele lugar (que ela detesta).</p> <p>Nair, forte e tranquila, mora numa cabana, à beira de um regato — aguardando que Moacir, seu antigo namorado, se decida a cumprir as promessas de casamento que lhe fizera. Ela não é destituída de recursos, mas sonha viver com o rapaz ali mesmo, na cidade natal.</p> <p>Antes que Moacir se decida por uma ou por outra, no entanto, surge o terceiro elemento daquela "trindade" feminina: a espiritual Vera, a pálida e lacrimosa poetisa que se apaixona fatalmente pelo rapaz, assim que o vê, consumindo-se até a morte nesse amor desesperançado.</p>                    | <p><u>Página 28</u></p> <p>Conclusão do conto TRINDADE</p> <p>seguido do poema BLASFEMO</p> <p>Soneto de versos decassilábicos de ARTUR ANDRADE, sem dedicatória, sem data, de temática amorosa, dotado de forte capacidade descritiva, em que o eu lírico declara soberba indiferença pelos elementos da natureza: <i>Tenho um mundo melhor nos teus abraços. / Um sol mais belo nos teus negros olhos.</i></p> <p>O itapireense Artur Andrade (1872-1902) chegou a exercer o magistério particular na capital e no interior paulista, paralelamente às suas atividades jornalísticas.</p> <p>Falecendo com 30 anos de idade, teve toda sua poesia reunida, postumamente, num único volume, <i>Livro de um Morto</i> (1903).</p>                                  |
| <p><u>Página 29</u></p> <p>Poema KIEF</p> <p>Soneto composto em versos alexandrinos pelo irmão mais novo de Francisca Júlia, JÚLIO CÉSAR DA SILVA (1872-1936), sem dedicatória, sem data, de temática sensual — que antecipa, na descrição das sugestões de luz e de cor proporcionadas pela observação dos olhos da amada, a futura filiação desse parnasiano ao movimento simbolista.</p> <p>seguido da SELEÇÃO</p> <p>Seleto de citações compreendendo uma irônica observação de TOBIAS BARRETO (que considera inaceitável que o defeito da ignorância, na mulher, possa se revestir de encantador interesse, tornando-se um <i>atrativo lírico</i>) e uma outra observação reforçadora, no mesmo sentido, atribuída a MME.D'AGOULT, ícone do Romantismo francês.</p> | <p><u>Página 30</u></p> <p>Poema À HELOÍSA</p> <p>Poema de STELLA LENTZ, composto de seis tercetos (versos decassilábicos), datado de "21 outubro 1897", precedido de uma nota explicativa (com uma citação do francês VAUVERNAGUES, moralista do século XVIII), no qual a autora explicita sua dedicatória à filhinha HELOÍSA; patenteia-se, no entanto, o contraste entre as intenções alardeadas e o conteúdo do poema (em que a mãe prefere cair morta antes de ver sua filha querida trocando o lar de origem pelas <i>terrauras de um esposo amado</i>).</p> <p>seguido das NOTAS PEQUENAS</p> <p>Registram-se quatro itens: <i>Amélia de Oliveira</i> (de quem se obteve, por vias indiretas, os originais de três sonetos, um dos quais foi publicado na página 23 deste segundo número de <i>A Mensageira</i>).</p> | <p><u>Página 31</u></p> <p>Conclusão da seção NOTAS PEQUENAS</p> <p><i>Palestras Femininas</i> (ADELINA LOPES VIEIRA teria prometido retomar, em <i>A Mensageira</i>, a série de crônicas — publicadas com o título de "Palestras Femininas" — por ela divulgadas na primeira fase da revista carioca <i>A Semana</i>, 1885-1888).</p> <p>A <i>Viúva Simões</i> (promete-se a publicação, que só será concretizada no n° 6 da revista, de uma detalhada apreciação do recém-lançado <i>A Viúva Simões</i>, segundo romance de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, pelo escritor LEOPOLDO DE FREITAS).</p> <p>Aos <i>Colegas de Imprensa</i> (pede-se, àqueles que transcreverem trabalhos publicados em <i>A Mensageira</i>, que tenham a <i>fineza de declararem a sua procedência</i>).</p> <p>seguida da seção A MENSAGEIRA</p> | <p><u>Página 32</u></p> <p>Conclusão da seção A MENSAGEIRA</p> <p>São reproduzidas aqui as lisonjeiras matérias com que foi acolhido, por periódicos de São Paulo (<i>O Imparcial</i>) e do Rio de Janeiro (<i>O País</i>, coluna "Palestra", assinada por ARTUR DE AZEVEDO), o lançamento do primeiro número da revista.</p> <p>Nominalmente citadas, destacam-se nesses dois textos a própria PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, ZALINA ROLIM, JÚLIA CORTINES, ÁUREA PIRES e JÚLIA LOPES DE ALMEIDA.</p> <p>Esta última é considerada por Azevedo a <i>primeira das nossas prosadoras passadas e presentes</i>. O mesmo autor, crítico criteriosíssimo, dá a Júlia Cortines a primazia entre as poetisas apresentadas pela revista.</p> |

| São Paulo, 15 de novembro de 1897 — Ano I, Nº 3   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |   |  |
| <p><u>Página 33</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Sempre a cargo do reacionário professor JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA, a crônica desta quinzena (datada de "S. Paulo, 15 novembro 1897") é usada para a enumeração dos infortúnios associados à instauração da República no Brasil: o exílio dos opositores de Floriano para Cucuí; a revolução federalista no Rio Grande do Sul; a Revolta da Armada na Guanabara; a Guerra de Canudos; e, agora, o frustrado atentado contra Prudente de Moraes, primeiro presidente civil da nação.</p> <p>Aproveitando a deixa, passa a lamentar a expulsão de Pedro II, comparando-o a um Rei Lear de SHAKESPEARE, com o agravante de não ter uma Cordélia para consolá-lo;</p> | <p><u>Página 34</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>passa ainda a declarar que a já falecida Teresa Cristina era <i>o modelo mais completo de todas as virtudes domésticas</i>, responsabilizando as brasileiras por terem permitido que a imperatriz fosse igualmente condenada ao exílio.</p> <p>Tortuosamente, conclui que seu ideal feminino concretiza-se na figura de CORNÉLIA, a romana mãe dos Gracos, que consagrou sua existência à criação dos dois filhos.</p> <p>Reitera, assim, não admitir que as mulheres tenham atuação política — muito menos que assumam atitudes revolucionárias: <i>Nem a mulher que vota, nem a mulher que mata!... Nem LUÍSA MICHEL, nem CARLOTA CORDAY...</i></p>          | <p><u>Página 35</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>seguida de<br/><b>GONÇALVES DIAS</b></p> <p>Poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de 10 de novembro de 1897, composto por duas estrofes (de oito versos alexandrinos, cada uma delas) em que é lembrada a figura do poeta GONÇALVES DIAS (1823-1864) — para quem está sendo projetada a confecção de uma estátua de bronze, conforme notícia publicada neste mesmo número da revista (pp. 45-48).</p> <p>A poetisa exalta a memória do <i>Poeta imaginoso e ativo que embelezou a pátria e primitiva história</i>, declarando que <i>seus versos têm o tom do acre cheiro ativo da mata viridante e farta do Brasil</i>.</p>  | <p><u>Página 36</u></p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, datada de "7 de novembro", que começa lamentando a morte do marechal CARLOS MACHADO DE BITTENCOURT (1840-1897); Ministro da Guerra, herói da Guerra do Paraguai e comandante do ataque final a Canudos, Bittencourt é assassinado em 5 de novembro de 1897, durante o atentado que visava a pessoa do Presidente da República.</p> <p>Em seguida, a cronista tece comentários a respeito do "mais importante acontecimento artístico da quinzena": a exposição, no Rio de Janeiro, de trabalhos de quatro pintores paisagistas, alunos de ANTÔNIO PARREIRAS (1866-1937) — entre os quais se encontra apenas uma mulher, identificada apenas pelo prenome, HORTÊNSIA. (segue)</p> |
| <p><u>Página 37</u></p> <p>Continuação da crônica<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Os outros três expositores são SILVIO MOREIRA, ALBERTO SILVA e ÁLVARO CAUTANHEDA; este último, autor de 25 das 60 telas expostas, é elogiado pela articulista por adotar estilo pessoal, bem diverso daquele de seu mestre.</p> <p>O terceiro e último assunto abordado por Maria Clara diz respeito a uma festa de aniversário em que ela esteve presente: nessa festa, um grupo de rapazes apresentou-se com seus integrantes comicamente travestidos de bebês. A esse propósito, é lembrado o cômico italiano LEOPOLDO FREGOLI (1867-1936), famoso pela rapidez de suas transformações e pela hilaridade de suas caracterizações.</p>   | <p><u>Página 38</u></p> <p>Conclusão da crônica<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>HORAS DE SONHO</b></p> <p>Soneto em decassílabos de GEORGINA TEIXEIRA, sem dedicatória, sem data, em que a poetisa descreve os efeitos balsâmicos produzidos pela música (que ela própria executa ao piano) sobre as feridas que ela tem no coração.</p> <p>seguido de uma<br/><b>CARTA A PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA</b></p> <p>Assinada pela poetisa fluminense (criada no Rio Grande do Sul) IBRANTINA CARDONA (1868-1956), então radicada no interior paulista, esta carta, datada de "Campinas, 3-11-97", é de grande valor para o estabelecimento da situação feminina na literatura brasileira do final do século XIX.</p> | <p><u>Página 39</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA A PRISCILIANA</b></p> <p>Começando por citar MONTESQUIEU e por repetir uma frase de MADAME DE STAËL (<i>a vós pertence um lugar entre aquelas que bem mostram ser a mulher apta para todos os arrojos do engenho humano</i>), Ibrantina concorda com as colocações de JÚLIA LOPES no artigo publicado no primeiro nº da revista, concluindo que o surgimento incessante de mulheres escritoras apontaria na direção de <i>uma época de progresso na literatura feminina</i>.</p> <p>Salientando que tanto no Norte como no Sul do país surgem escritoras de merecimento, destaca que o Rio Grande do Sul já forneceu ao Brasil uma de suas maiores escritoras, a falecida MARIA BENEDITA CÂMARA DE BORMANN (1853-1895), contista e romancista mais conhecida pelo pseudônimo de "DÉLIA".</p> | <p><u>Página 40</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA A PRISCILIANA</b></p> <p>Na atualidade, o maior nome das letras gaúchas seria o de REVOCATA HELOÍSA DE MELO (1860-1945) — elogiada no Brasil por JÚLIO RIBEIRO (1845-1890) e em Portugal por GUIOMAR TORRESÃO (1844-1898). No Sul do país, Revocata seria o astro maior, tendo como satélites uma pléiade de escritoras, entre as quais se incluiriam sua irmã JULIETA DE MELO MONTEIRO, ANDRADINA DE OLIVEIRA, LUÍSA CAVALCANTI GUIMARÃES, CÂNDIDA FORTES, TERCÍLIA NUNES LOBO, ANA AURORA DO AMARAL, CARLOTA DO AMARAL LISBOA, CÂNDIDA ABREU, JÚLIA CAVALCANTI, CAROLINA KOSERITZ, ZAMIRA LISBOA, MARIA DE MENESES, PAULA FERREIRA e GELDIPA GUIMARÃES.</p>   |

**OBSERVAÇÕES:** A extensa carta de Ibrantina Cardona publicada nas pp. 1:38-41 inclui, além das muitas referências nominais anotadas nas sinopses deste fichamento, menções a NAPOLEÃO BONAPARTE, a um crítico literário gaúcho (MÚCIO TEXEIRA), a três jornalistas cariocas (JOSÉ DO PATROCÍNIO, JOSÉ FERREIRA DE ARAÚJO e QUINTINO BOCAIUVA) e a dois militares rebeldes vinculados às forças federalistas ("JUCA TIGRE" e FRANCISCO DA SILVA TAVARES).

| Página 41  | Página 42  | Página 43   | Página 44   |
|--|--|---|---|
| <p>Conclusão da<br/><b>CARTA A PRISCILIANA</b></p> <p>Além daquelas escritoras propriamente ditas, Ibrantina destaca ainda as figuras de duas "Doutoras" (médicas, subentenda-se), ANTONIETA DIAS MURPURGO e RITA LOBATO LOPES, por seus "brilhantes cursos acadêmicos". E faz questão de lembrar o nome de uma fazendeira gaúcha, a valente GABRIELA DE MATOS, que em 1893 apoiara a Revolução Federalista, colocando à disposição dos rebeldes tanto seus empregados como sua fortuna pessoal.</p> <p>Demonstrando intimidade com relação a Prisciliana e a Júlia Lopes de Almeida, Ibrantina termina sua extensa carta interpretando o nome de <i>A Mensageira</i> como o de uma portadora de luzes civilizatórias direcionadas para a instrução do gênero feminino.</p>  | <p>Poesia de ÁUREA PIRES, em versos alexandrinos, dedicado a INÊS SABINO, sem data, de temática dramaticamente romântica e exaltada (à maneira de Castro Alves), em que o eu lírico da poetisa, exilado em lugar desértico, lamenta, amargurada e desesperadamente, a ausência do ser amado.</p>   | <p><b>CARTA COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Dirigida à diretora da revista por MARIA EMÍLIA; datada de "Minas, novembro 97". Dando a entender ter sido convidada a colaborar com <i>A Mensageira</i> antes mesmo da divulgação do primeiro nº da revista, esta escritora de Minas Gerais relata sua satisfação em ver publicado um periódico que tanto se preocupa com o aperfeiçoamento moral da mulher. Lembra, a esse respeito, que VICTOR HUGO (1802-1885) já defendia o direito da mulher como igual ao do homem — e que ERNEST LEGOUVÉ (1807-1903) propunha o estabelecimento de uma igualdade na diferença, ao tratar da questão da harmonia entre os gêneros masculino e feminino. Esclarece ainda que seu nome completo é MARIA EMÍLIA LEMOS. (segue)</p>   | <p>Conclusão da<br/><b>CARTA COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>"MARIA EMÍLIA DA ROCHA", forma errônea divulgada pelo nº 1 (p. 2) é, na verdade, pseudônimo literário de um poeta carioca do sexo masculino. A Lemos só escreve em prosa. São nominalmente citadas (e elogiadas), no final da carta, as colaboradoras JÚLIA LOPES e MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</p> <p>seguida da fábula<br/><b>LENDA</b></p> <p>Texto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, "no álbum de MARIA LUÍSA COELHO", no qual um anjo ouve (sem poder atendê-los) os pedidos de três moças diferentes, que desejariam mudar a natureza das coisas, abolindo o inverno, a velhice e a ingratidão.</p>  |
| <p><b>Página 45</b></p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Reprodução de dois fragmentos — o primeiro deles de CASTRO ALVES, no qual são lembradas mulheres ilustradas como GEORGE SAND, a SRA. ÉMILE DE GIRARDIN, MME. DE STAËL e a norte-americana HARRIET B. STOWE; o poeta reconhece nas mulheres o direito e o dever de protestar, principalmente quando se tratam de americanas (desta magnífica terra fadada a concretizar todos os sonhos da liberdade, a extinção de preconceitos, a conquista moral).</p> <p>No segundo fragmento, extraído da <i>Arte de Educar os Filhos</i>, AMÉRICO WERNECK (1855-1927) declara que as uniões conjugais mais felizes são aquelas em que marido e mulher foram criados a partir dos mesmos princípios, submetidos à mesma disciplina mental.</p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> | <p><b>Página 46</b></p> <p>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Escritoras nacionais:</b> fizeram reparos ao arolamento de escritoras do nº 1 de <i>A Mensageira</i>, dada a existência de muitas outras no Norte, como EDWIGES DE SÁ PEREIRA, FRANCISCA CLOTILDE, JÚLIA DE AZEVEDO e ZENÓBIA DO CARMO; Prisciliana acrescenta a esses (e àqueles mencionados por IBRANTINA CARDONA) os nomes de ERNESTINA VARELA e INÊS SABINO, esperando que tanto as do Norte como as do Sul venham se unir às do Centro, para que com toda a pujança e brilhantismo seja a nossa revista um atestado vivo da capacidade intelectual das brasileiras.</p> <p><b>Gonçalves Dias:</b> apoiando a iniciativa de OLAVO BILAC e RODOLFO BERNARDELLI, a redação conclama as leitoras a viabilizar, com donativos, a projetada estátua em homenagem ao poeta morto. (segue)</p> | <p><b>Página 47</b></p> <p>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Reproduz-se, na íntegra, a carta dirigida, nesse sentido, "As Senhoras Paulistas" por um grupo de distintos homens de letras não identificados (a carta é subscrita por nove pseudônimos jocosos).</p> <p><b>Anália Franco:</b> solicitando à escritora JOSEFINA A. DE AZEVEDO notícias da educadora ANÁLIA FRANCO, Prisciliana recebeu a triste notícia de que esta última recolheu-se à vida privada por ter ficado cega (boato sem fundamento, ver p. 1:177).</p> <p><b>A Estação:</b> registra-se a circulação dos números 19 e 20 desse periódico de modas, que traz colaborações literárias de diversos escritores brasileiros (entre eles, MACHADO DE ASSIS e ARTUR AZEVEDO); publicado inicialmente, a partir de 1872, com o nome francês de <i>La Saison</i>, aquele periódico carioca assumiu a denominação de <i>A Estação</i> a partir de 1879.</p> | <p><b>Página 48</b></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Plectros:</b> anuncia-se estar no prelo este que será o primeiro livro de versos de IBRANTINA CARDONA (cuja carta a Prisciliana foi publicada com destaque nas pp. 38-41 deste nº 3 de <i>A Mensageira</i>); o volume trará o retrato da autora e prefácio do jornalista e poeta gaúcho CARLOS FERREIRA.</p> <p><b>A Viúva Simões:</b> ainda não foi possível providenciar-se a publicação da resenha correspondente a este recém-lançado romance de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA (essa matéria só sairá no nº 6 da revista).</p> <p><b>Aos Nossos Assinantes:</b> solicita-se que a importância correspondente às assinaturas da revista seja remetida até o final de novembro.</p> |

| São Paulo, 30 de novembro de 1897 — Ano I, Nº 4   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |   |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |   |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |   |   |
| <p><u>Página 49</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>A NOSSA CONDIÇÃO</b></p> <p>Texto sem data, assinado por autora cuja identidade é ocultada pelas iniciais "M.P.C.D.".</p> <p>A articulista, indignada com o estado de abandono da educação feminina no Brasil, argumenta no sentido de mostrar que não tem procedência o raciocínio segundo o qual a mulher instruída não pode ser boa esposa.</p> <p>Cita, a esse propósito, uma das máximas do MARQUÊS DE MARICÁ (1773-1848). Os homens instruídos que descuidam da educação de suas filhas devem ser responsabilizados pelo efeito multiplicador associado à ignorância das esposas e mães.</p>   | <p><u>Página 50</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>A NOSSA CONDIÇÃO</b></p> <p>A ilustração feminina não impedirá que a mulher cuide de seu lar: a própria MARQUESA DE SEVIGNÉ (1626-1696), famosa pelo esmero com que redigia suas cartas, não deixava de escrever receitas de doces... De onde se pode concluir que <i>quanto mais ilustrada e inteligente for uma mulher, tanto mais zelosa e cumpridora de seus deveres será.</i></p> <p>E que é um verdadeiro crime negar instrução a uma filha, principalmente quando as capitais dos estados brasileiros já contam com bons estabelecimentos de instrução feminina. A disseminação dessas escolas pelo interior do país contribuirá certamente para a dissipação da ignorância e para a revelação da inteligência feminina.</p> | <p><u>Página 51</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>A NOSSA CONDIÇÃO</b></p> <p>seguido do poema</p> <p><b>VELHA SAUDADE</b></p> <p>Soneto de versos decassilábicos de GEORGINA TEIXEIRA, dedicado a PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem data, de temática tipicamente romântica, cujo conteúdo poderia se resumir na frase: <i>Paira em minh'alma velha saudade (...) que do passado aos dias me transporta.</i></p> <p>seguido do início da</p> <p><b>CARTA DO RIO,</b></p> <p>crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS; sem data.</p>   | <p><u>Página 52</u></p> <p>Continuação da crônica</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A articulista começa comentando o fracasso da previsão de uma chuva de meteoros formulada pelo célebre astrônomo CAMILLE FLAMMARION (1842-1925). Partindo do comentário de que <i>os sábios erram, os filósofos mentem...</i>, passa a sustentar a afirmativa de que <i>a melhor filosofia consiste em saber viver.</i></p> <p>A esse propósito, conta a história de um agricultor mineiro que, pai de quatro filhas de temperamentos e aptidões diferentes, tomou-as igualmente felizes ao respeitar o gosto explicitado por cada uma delas.</p> <p>A 1ª e a 3ª daquelas moças estudaram, tomando-se versadas em música e literatura, enquanto a 2ª e a 4ª preferiram ser encaminhadas para bons casamentos. (segue)</p> |
| <p><u>Página 53</u></p> <p>Continuação da crônica</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Assim, Maria Clara declara seu apoio ao velho pai que, respeitando as inclinações individuais, permitiu que as filhas tivessem suas vocações respeitadas. Ela própria prefere uma mulher que saiba preparar bem biscoitos do que uma que faça maus versos.</p> <p>Recentemente teve a oportunidade de recepcionar sua amiga inglesa MRS. SPEERS (esposa do superintendente da São Paulo Railway), recém-chegada da Europa, a caminho da capital paulista, onde reside há 20 anos. Ambas, acompanhadas de outro inglês que vinha ao Brasil pela primeira vez, não se cansaram de admirar a paisagem carioca — tanto a da Baía da Guanabara como a dos espaços urbanos da cidade.</p> | <p><u>Página 54</u></p> <p>Conclusão da crônica</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>NOITE</b></p> <p>Soneto de AMÉLIA DE OLIVEIRA, sem dedicatória, sem data; vale para esta poesia a observação que fizemos ao comentar o primeiro da série de três sonetos publicados pela revista (ver pp. 1:23, 50 e 90); apesar do rigor formal, a temática é desbragadamente romântica, sentimental (descrevem-se neste "Noite" os gemidos que se ouvem ao anoitecer, soluços provindos dos muitos corações perdidos que vagueiam pelo mundo...). Este 2º soneto é, porém, o melhor da triade.</p> <p>seguido do início da</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p>   | <p><u>Página 55</u></p> <p>Continuação da</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Datando sua crônica quinzenal de "S. Paulo, 30 de novembro de 1897", JOÃO VIEIRA lembra que as escolas locais já estão encerrando o ano letivo. Reivindica para a capital paulista (a <i>velha aldeia de TIBIRIÇÁ</i>), aliás, o "ostro das letras", cognominando-a "Atenas do Sul".</p> <p>São Paulo estaria longe, no entanto, de poder reivindicar a condição de capital artística do Brasil: faltam-lhe escolas de Belas-Artes e um Conservatório de Música que honre a memória de CARLOS GOMES. O único museu da cidade (Ipiranga) é um <i>pandemonium</i> em que se misturam os objetos mais disparatados; pintores como ALMEIDA JR. e PEDRO ALEXANDRINO aparecem isolados, não justificando maior otimismo no âmbito das artes plásticas paulistas.</p> | <p><u>Página 56</u></p> <p>Conclusão da</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>A grandeza do burgo <i>yankeeficado</i> — da cidade ora convertida em opulenta capital civilizada, residiria, portanto, na tradição de seus poetas e oradores (como FAGUNDES VARELA e CASTRO ALVES, JOSÉ BONIFÁCIO e OLIVEIRA BELO).</p> <p>Investindo na construção de escolas, São Paulo estaria se especializando na nobre tarefa de instruir a mocidade: <i>abandona os arraiais de Marte, para sacrificar no templo de Minerva.</i></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>SÚPLICA</b></p> <p>Mais uma poesia de ARTUR ANDRADE, sem dedicatória, sem data, sete quadras de versos heptassilábicos (redondilha maior), de temática romântica: o poeta declara sua paixão, na primeira pessoa, à pessoa amada.</p>                 |



**OBSERVAÇÕES:** Na p. 1:52 o compositor franco-polonês FRÉDÉRIC-FRANÇOIS CHOPIN (1810-1849) é citado na crônica de Maria Clara, com a conotação de músico refinado, no contexto de uma frase do sábio mineiro que dizia às filhas: *A utilidade das criaturas é a mesma, quer interprete CHOPIN (...), quer cultive a terra, como eu.* A menção a Tibiriçá (c. 1500-1562) por Vieira de Almeida em 1:54 não é casual: o cacique paulista é um dos ancestrais quase míticos de Maria Clara, Prisciliana e Silvio de Almeida. Na nota das pp. 1:63-64 citam-se, além de Mme. Gonzalo de Quesada, os nomes de dez outras "Filhas de Cuba".

| Página 57   | Página 58  | Página 59   | Página 60  |
|---|--|---|--|
| <p>Poema<br/><b>O TRABALHO DO VERSO</b></p> <p>Soneto (em decassílabos) de MANUEL VIOTTI, sem dedicatória, datado de "15-11-97", poema desse jovem autor mineiro, bacharel em Direito pela Academia de São Paulo em 1895, que se esforça em tecer considerações (vazias e grandiloquentes) a respeito da própria arte de fazer versos.</p> <p>seguido do início da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>No fragmento mais extenso, reproduzido na página 57, JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS enaltece o papel de educadora que corresponderia à "sublime missão" da mulher, concluindo pela grande importância da disseminação de estabelecimentos de ensino femininos. Sobre o autor, v. p. 1:140 e p. 1:355.</p>   | <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>As três outras citações (duas delas extraídas das "MIL E UMA NOITES", a terceira atribuída a WALTER SCOTT) carecem de maior significado ideológico.</p> <p>seguida do poema<br/><b>O RAMO DA ESPERANÇA,</b></p> <p>por SAMUEL PORTO, estilisticamente enquadrável na transição entre parnasianismo e simbolismo, inspirado num conto de RAUL POMPÉIA, composto por nove quadras de decassílabos, em que é descrita a situação em que um grupo de naufragos, já desanimados da possibilidade de salvação, vê numa ramagem trazida pelas ondas o prenúncio da salvação.</p> <p>seguido do texto<br/><b>NA TEBAIDA</b></p>  | <p>Continuação do texto<br/><b>NA TEBAIDA</b></p> <p>Carta de INÊS SABINO (datada de "Rio de Janeiro, 1897"), dirigida a PRISCILIANA DUARTE, com epigrafe atribuída a "L.G.". Depois de mencionar alguns de seus autores prediletos (o ficcionista LUISLE-ADAM, os historiadores RENAN, CANTU e OLIVEIRA MARTINS, e os filósofos positivistas ROBERTY e SPENCER), Inês tece comparações entre <i>A Mensageira</i> e três outros periódicos em curso de publicação: os cariocas <i>A Família</i> e <i>A Estação</i>, o gaúcho <i>Corimbo</i> (todos eles "jornais de senhoras") e a revista <i>A União Acadêmica</i> (publicada no Rio entre 1897 e 1898), da qual ela própria é colaboradora. Enaltece o papel desempenhado pelas precursoras MARQUESA DE SEVIGNÉ, CONDESSA DE LA FAYETTE, MME. DE STAËL e GEORGE SAND.</p> | <p>Conclusão do texto<br/><b>NA TEBAIDA</b></p> <p>Mas rejeita a atuação de "políticas desequilibradas" como LOUISE MICHEL. PRISCILIANA DUARTE é parabenizada por ter assumido a missão de <i>acolher nas suas colunas a seiva mental das senhoras brasileiras, enxergando no futuro o quanto pode o talento da mulher (...)</i>. Colaboradora, já há oito anos, de todos os jornais de senhoras, enfatiza o papel desempenhado por suas compatriotas escritoras, distinguindo aquelas de caráter másculo e enérgico (NÍSIA FLORESTA, REVOCATA DE MELO, CORINA COARACY, JOSEFINA DE AZEVEDO) das <i>amenas e circunspectas</i> (JULIETA MONTEIRO e as irmãs JÚLIA e ADELINA LOPES) ou despretenciosas (como a cronista MARIA CLARA DA CUNHA).</p>  |
| <p>Página 61</p> <p>Poema <b>AS CARTAS</b></p> <p>Dez versos de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória, datados de "18 de março de 1892", de métrica variada e distribuição simétrica, em que as cartas são comparadas a <i>pétalas da saudade, conduzindo o olor do pensamento</i>.</p> <p>seguido do texto<br/><b>DÃO LICENÇA?</b></p> <p>Reprodução de carta da leitora GEORGINA SANTIAGO, datada de outubro de 1897, dirigida originalmente a um periódico da cidade de Franca. Afirmando que <i>o momento parece ser de reconstrução social</i> (ai se incluindo a consecução da "elevação da mulher"), Georgina aplaude, em nome de suas conterrâneas de Franca, o aparecimento de <i>A Mensageira</i> — periódico que se notabilizaria por congregar literatas do RJ, de SP e de MG.</p> | <p>Página 62</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>DÃO LICENÇA?</b></p> <p>A própria missivista encarregase de destacar alguns nomes entre aqueles correspondentes às colaboradoras da revista: PRISCILIANA DUARTE, JÚLIA LOPES, ZALINA ROLIM, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, JÚLIA CORTINES, ÁUREA PIRES e FRANCISCA JÚLIA DA SILVA.</p> <p>seguida do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Prosseguindo na transcrição de artigos da grande imprensa que se referem ao lançamento de <i>A Mensageira</i>, transcreve-se a íntegra de uma elogiosa matéria (não assinada, mas atribuível a ALBERTO FARIA) publicada originalmente no jornal <i>Cidade de Campinas</i>. Analisando o conteúdo do segundo nº da revista, o articulista parabeniza a direção de PRISCILIANA DUARTE.</p> | <p>Página 63</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>São destacados o "judicioso escrito" de MARIA EMÍLIA, o "mimoso soneto" de ADELINA LOPES (a quem ele atribui, erradamente, a condição de "campineira") e a "delicada fantasia" de MARIA CLARA em sua "Carta do Rio". São louvados, ainda: o "lavor artístico" da poesia de FRANCISCA JÚLIA, inspirada em MURGER; "a alma cristã e o espírito religioso" do cronista JOÃO VIEIRA; a "forma graciosa" com que SÍLVIO DE ALMEIDA responde a ARTUR AZEVEDO; os trabalhos da poetisa AMÉLIA DE OLIVEIRA e da contista estreada DOLORES ALCÂNTARA. São igualmente elogiados três outros poemas publicados naquele nº da revista, assinados por PRISCILIANA DUARTE, ARTUR ANDRADE e JÚLIO CÉSAR DA SILVA.</p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p>   | <p>Página 64</p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Órfãos Baianos:</b> AMÉLIA TORRES DA SILVA (<i>distinta baiana residente em São Paulo</i>) está se encarregando de coletar donativos que deverão ser destinados ao amparo dos órfãos das facções civil e militar envolvidas na Guerra de Canudos.</p> <p><b>Sociedade das Filhas de Cuba:</b> transcreve-se uma notícia que enaltece o trabalho da "Sociedade das Filhas de Cuba" (dirigida por MME. GONZALO DE QUESADA), que congrega grande número de mulheres em torno do ideal da independência cubana.</p> <p><b>Recebemos e Agradecemos:</b> são enumerados os nomes e os lugares de origem de 26 periódicos recebidos em intercâmbio pela revista <i>A Mensageira</i> (note-se que desse total, 24 procedem dos estados de SP, RJ e MG: os dois restantes são gaúchos, respectivamente da capital, Porto Alegre, e da cidade de Arroio Grande).</p> |



| São Paulo, 15 de dezembro de 1897 — Ano I, Nº 5   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |  |  |
| <p><u>Página 65</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Datada de "São Paulo — 15 dezembro — 1897", a crônica quinzenal de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA dedica seus primeiros parágrafos às crianças (já de férias), exortando-as a poupar os livros e os sapatos que tão caro custaram a seus papais.</p> <p>Na mesma linha de despropositada ranzizice, o articulista condena as gulodices de Natal e a <i>sede insaciável de divertimentos</i> que constituiria o principal fator de motivação da mocidade pervertida.</p> <p>(segue)</p>  | <p><u>Página 66</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>A preocupação com os jovens é justificada a seguir: a pátria tem que confiar neles e no futuro — pois a situação atual, de estado de sítio, envolve mais uma vez o país na angústia da incerteza.</p> <p>Não parece correto ao escritor, portanto, que os jovens se entreguem a despreocupados divertimentos de final de ano: <i>Quando a nossa mãe padece, não é justo, não é decente que nos entreguemos ao prazer.</i></p>  | <p><u>Página 67</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>DEZOITO DE NOVEMBRO</b></p> <p>Soneto de ÁUREA PIRES, dedicado a MARIA CLARA DA CUNHA, datado de "18-11-1897", em versos decassilábicos, de temática limitada e circunstancial (a poetisa faz sua homenagem pessoal à colega cronista de <i>A Mensageira</i>, mencionando uma data que corresponde à do dia do aniversário de Maria Clara).</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS; sem data.</p> <p>O primeiro assunto tratado diz respeito àquele que ela qualifica, com razão, <i>um dos maiores mártires do século XIX</i>:</p>   | <p><u>Página 68</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>o capitão francês ALFRED DREYFUS (1859-1935), vítima de anti-semitismo num tortuoso processo militar que o condenara à prisão perpétua em 1894.</p> <p>Surgindo, pela época da publicação desse número de <i>A Mensageira</i> evidências gritantes de sua inocência, Maria Clara aproveita para lembrar a heróica atitude da SRA. DREYFUS, que se recusara a abandonar o nome de casada, direito que a lei lhe facultava. (Na prática, a reação pública culminaria em 1898 com a publicação do manifesto pessoal de Zola, "Eu Acuso!"; Dreyfus é libertado em 1899, mas sua reabilitação só ocorrerá vários anos depois, em 1906).</p> <p>(segue)</p>   |
| <p><u>Página 69</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>O caso de uma mulher encarcerada no Hospital Nacional de Alienados sem apresentar doença que justificasse a medida e a recuperação do encouraçado "Riachuelo" procedida em estaleiros da própria Baía da Guanabara são as duas novidades comentadas a seguir. Digno de nota seria também o fato de o Instituto dos Surdos-Mudos do Rio ter conseguido construir voz em dois de seus alunos — como também a dificuldade encontrada por quatro amigas, que passeavam juntas, para conseguir lugar num bonde da Vila Isabel.</p> <p>Registra-se, a seguir, o lançamento do livro de contos infantis de INÊS SABINO, <i>Noites Brasileiras</i>, elogiado por A.A., crítico de <i>O País</i>.</p> <p>E lembra-se o fato de aproximar-se o Natal, motivo para que a cronista apresente seus votos de Boas Festas às assinantes da revista.</p> | <p><u>Página 70</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>PATUIT DEA...</b></p> <p>Soneto de decassílabos de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de "Dezembro, 97", em que o professor Almeida, dirigindo-se obviamente à esposa (diretora da revista), enaltece-lhe as qualidades; a temática do soneto estaria centrada nos versos: <i>Teu coração é lago de ternura (...): Junto de ti, até de mim esqueço...</i></p> <p>seguido do texto<br/><b>O SUFRÁGIO FEMININO NA NOVA ZELÂNDIA</b></p> <p>Longo artigo transcrito da <i>Gazeta de Petrópolis</i>, por seu caráter de <i>valioso documento em favor da mulher</i> — capaz de atestar, eloquentemente, <i>o bom senso e sobrançeria do sexo fraco.</i> (segue)</p> | <p><u>Página 71</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>O SUFRÁGIO FEMININO NA NOVA ZELÂNDIA</b></p> <p>Implantado pela primeira vez no mundo o voto feminino em 1893, na Nova Zelândia, os resultados obtidos nos três primeiros anos de exercício eleitoral mostraram resultados lisonjeiros: avançou-se na legislação restringindo-se a venda (até então indiscriminada) de bebidas alcoólicas; obteve-se significativa adesão das mulheres, demonstrada por seu maciço comparecimento às eleições; a presença de representantes do sexo feminino nas assembleias colaborou, por si só, para a amenização da antes costumeira agressividade masculina — como assinalado pelo parlamentar HUGH LUSK; o investimento do voto feminino em homens de reputação irrepreensível mudou o perfil da composição da câmara de representantes, na medida em que alijou do poder muitos dos notoriamente desonestos veteranos.</p> | <p><u>Página 72</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>O SUFRÁGIO FEMININO NA NOVA ZELÂNDIA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>ONDE?...</b></p> <p>Soneto de decassílabos de AMADEU AMARAL (1875-1929), sem dedicatória, datado de "S. Paulo, agosto, 97"; ainda muito jovem, Amaral já se ocupa de atividades jornalísticas — mas seu primeiro livro de poesias só será lançado em 1899.</p> <p>Polígrafo classificado posteriormente como "pré-modernista", estimado como crítico e como aglutinador dos confrades literatos (será um dos fundadores da Academia Paulista de Letras), tem seus primeiros poemas compostos dentro do padrão de transição entre o romantismo e o neoclassicismo (neste, por ex., ele indaga por onde anda sua alma irmã).</p> <p>seguido do texto<br/><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. 1:69, ao elogiar a atuação do Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro, a cronista Maria Clara refere-se nominalmente a dois profissionais da instituição — seu diretor, DR. JOÃO PAULO DE CARVALHO (1854-1905) e um de seus professores, CÂNDIDO JUCÁ. Na p. 1:71, o escritor norte-americano EDGAR ALLAN POE (1809-1849), ele próprio vítima do álcool, é mencionado por sua condenação ao vício do alcoolismo. Na p. 1:80 cita-se, além da compositora Mariana Barroso da Silveira, ALEXANDRE WEISSMANN, autor de duas valsas — *Maria Lourdes e Baby* — igualmente editadas pela casa da viúva Filippone.

| Página 73   | Página 74   | Página 75  | Página 76  |
|---|---|--|--|
| <p>Continuação do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Extensa resenha assinada por PERPÉTUA DO VALE, destinada a apresentar uma análise pormenorizada do recém-lançado primeiro livro de versos de IBRANTINA CARDONA: <i>Plectros</i>, impresso em São Paulo pelo Estabelecimento Graphico V. Steidel &amp; C., 1897. O volume, com capa desenhada por ANTÔNIO PARREIRAS e prefácio redigido por CARLOS FERREIRA inclui considerações (feitas por este último) a respeito do estado de abandono em que o governo republicano está mantendo as atividades artísticas do país e a respeito da dificuldade em se tecer críticas a um livro escrito por uma <i>graciosa autora</i>.</p> <p>(segue)</p>   | <p>Continuação do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>A articulista lamenta este tipo de colocação falsamente lisonjeira: entende que tanto os livros de <i>senhoras</i> como os de <i>cavalheiros</i> devam ser julgados com imparcialidade. Se não fosse assim, <i>que glória restaria a poetisas como ZALINA ROLIM e JÚLIA CORTINES, para não falar em mais três ou quatro que ocupam lugar saliente na literatura pátria (...)?</i> O favorecimento da crítica com relação ao escritos femininos só se justificaria se se atentasse para as escassas oportunidades de instrução concedidas às mulheres...</p> <p>(segue)</p>   | <p>Continuação do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Mas, não conhecendo pessoalmente a poetisa "gaúcha", Perpétua terá que julgá-la pelos versos apaixonados (nem sempre perfeitos) enfeitados em <i>Plectros</i> — onde se poderia identificar, inclusive, influências de FRANCISCA JÚLIA. Como exemplos da qualidade dos versos incluídos no volume recém-lançado, são integralmente reproduzidos os sonetos "Íntimo" e "Ti-Chin-Fu" — este último dedicado a OLAVO BILAC. A resenha termina com um interessante depoimento de época: esperando que <i>Plectros</i> não permaneça como único livro de Ibrantina, Perpétua do Vale comenta ser esse <i>um dos lados tristes da literatura feminina em nosso país: quase todas as escritoras se limitam a um único trabalho</i>.</p> <p>(segue)</p> | <p>Conclusão do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Isso teria ocorrido até mesmo com poetisas notáveis como NARCISA AMÁLIA e ADELINA LOPES VIEIRA. Fariam honrosa exceção a essa regra as escritoras JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, ZALINA ROLIM e JÚLIA CORTINES.</p> <p>seguida do poema</p> <p><b>NO CHALÉ</b></p>   |
| <p>Página 77</p> <p>Continuação do poema</p> <p><b>NO CHALÉ</b></p> <p>Extenso poema (172 versos de métrica variada e feição eclético) extraído do volume <i>Plectros</i>, de IBRANTINA CARDONA — complementando a longa resenha apresentada nas páginas 72-76 do mesmo número da revista. Nele, a poetisa exhibe dois traços típicos de sua arte: o gosto pela descrição embebida em densa sensorialidade e a tendência à grandiloquência. Num chalé isolado, magnificamente adomado tanto em seu exterior como em seu interior, vive solitária a jovem filha de um visconde, cujo noivo (um poeta) faleceu recentemente; ao cair da tarde, às vezes se vê a moça dirigir-se ao piano, para lamentar-se entoando "estranha melodia"; ao ouvi-la, o canário engaiolado se cala, contaminado pela sugestão de saudade que se evola daquele canto triste.</p> | <p>Página 78</p> <p>Conclusão do poema</p> <p><b>NO CHALÉ</b></p> <p>seguida do texto</p> <p><b>LITERATAS POLACAS</b></p> <p>Notas informativas assinadas por ELMANO DO VAL. Morto TURGUÊNIEV (1818-1883) e encerrada a produção ficcional de TOLSTOI (1828-1910), a literatura eslava encontra representantes notáveis na Polónia, onde se destacam escritoras como a romancista nacionalista e feminista ELIZA ORZESZKOWA (1842-1910) e a romancista e teatróloga naturalista GABRYELA ZAPOLSKA (1860-1921), cujas obras seriam capazes de irritar os nervos de BRUNETIÈRE, o adversário rancoroso de ZOLA — como também a teatróloga SOPHIE MELLER (1842- ?), a poetisa MARIA KONOPNICKA (1842-1910) e as romancistas VALERIA MARÉNÉ, MME. HAJOTA (1862-1927) e MARIA RODZIEWICZ 1863-1944).</p> | <p>Página 79</p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>LITERATAS POLACAS</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>NÊNIA</b></p> <p>Poema de PRISCILLANA DUARTE DE ALMEIDA, datado de "Maio de 1894", sem dedicatória explícita, mas dedicado à memória do falecido irmão da poetisa (JOAQUIM ROBERTO DUARTE JR.), <i>companheiro da infância e dos brinquedos</i>; quatro tercetos de versos decassilábicos.</p>  | <p>Página 80</p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Três pequenos fragmentos atribuídos a BERNARDO GUILMARÆS, à setecentista MME. NECKER (mãe de MME. DE STAËL) e ao lusitano VISCONDE DE BENALCANFOR (1830-89).</p> <p>seguida das</p> <p><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Carmen Sylvia: a rainha romena, conhecida por esse pseudônimo literário, acaba de receber um título universitário.</p> <p>Viajantes ao Pólo: a expedição belga à Antártida conta com vultosos recursos doados por MME. OSTERRICHT, <i>senhora muito ilustrada</i>.</p> <p>Recebemos e Agradecemos: designação de quatro outros periódicos recebidos.</p> <p>Júlia Filippone: à frente de uma conhecida casa editora carioca, a VIÚVA FILIPPONE acaba de lançar novas peças de música, entre elas uma valsa da compositora MARIANA BARROSO DA SILVEIRA.</p> |

| São Paulo, 30 de dezembro de 1897 — Ano I, Nº 6  |  |  |  |
|--|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |  |  |
| <p><u>Página 81</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>A NOSSA CONDIÇÃO</b></p> <p>Ocupando pela segunda e última vez o espaço destinado ao editorial, "M.P.C.D." lamenta a desigualdade de direitos entre homens e mulheres. Mas revela otimismo ao comparar a posição feminina no século XIX com aquela registrada no passado: nas civilizações egípcia, persa e assíria, a mulher era considerada inferior ao homem e explorada por este. Citando os escritores AIMÉ MARTIN (1786-1847), ERNEST LE-GOUVÉ (1807-1903), EUGÈNE PELLETAN (1813-1884) e LOUIS JACOLLIOT (1837-1890) como precursores das reivindicações feministas, afirma que o século XIX, ao portar o <i>facho luminoso que dissipa as trevas do egoísmo</i>, cria condições para a emancipação da mulher.</p> | <p><u>Página 82</u></p> <p>Diálogo em versos<br/><b>É MINHA MÃE</b></p> <p>Poesia dialogada de ADELINA LOPES VIEIRA, em que "Ele" (Raul) e "Ela" (Palmira) esclarecem um malentendido: a imagem em miniatura reverenciada pelo moço é apenas um retrato de sua falecida mãe. Escancaradamente romântica, esta poesia remete a outro poeta romântico: ALFRED DE MUSSET é citado como autor lido pela moça, Palmira.</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS. Os seis temas diferentes abordados pela cronista neste número começam pela notícia da morte de ALPHONSE DAUDET (1840-1897), falecido em Paris, em 17 de dezembro. (segue)</p>  | <p><u>Página 83</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Maria Clara lembra-se que uma de suas mais antigas leituras, de criança, foi justamente um conto de Daudet, <i>O Dedal de Prata</i>. Nele, a protagonista de origem humilde enriquece prostituindo-se — mas, encontrando um dia um dedal de prata em meio a seus guardados, descobre que aquela era, na verdade, sua jóia mais preciosa: correspondia a um antigo presente de sua pobre e honesta mãezinha. A articulista lembra ainda que MME. DAUDET (Julie Allard Daudet, que geralmente escrevia sob o pseudônimo de "Karl Steen", 1844-1940) também é literata — autora, entre outros volumes, do livro <i>Femmes d'artistes</i>, e que um filho de Daudet (LÉON DAUDET, 1867-1942) havia se casado com uma neta de Victor Hugo (JEANNE HUGO). (segue)</p> | <p><u>Página 84</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Em seguida, é abordada jocosamente a notícia do aparecimento de uma onça no bairro carioca do Irajá (próximo do Engenho Velho, onde ela reside) — fato que poderia ser considerado desabonador para a cidade: talvez se trate de <i>uma malvada que pretende abater o nosso orgulho de povo civilizado</i>. Comenta ainda que as cigarras lembram, ruidosamente, que o verão já começou; que no Rio registraram-se quatro incêndios num só dia da semana anterior (<i>Isto é que é progresso!</i>); e que uma certa mãe quer transformar a filha adolescente, a qualquer preço, em poetisa. A crônica termina com comentários a respeito da festa realizada em 24 de dezembro, no Corcovado, pelo Clube de Engenharia, em comemoração ao 17º aniversário de existência da agremiação. (segue)</p> |
| <p><u>Página 85</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Nessa festa, Maria Clara discursou na dupla qualificação de "mulher brasileira" e de "esposa de engenheiro" — pois seu marido foi um dos sócios fundadores do clube, instalado em fins de 1880.</p> <p>seguida do poema<br/><b>FILHA, ESPOSA, MÃE</b></p> <p>Poema de DELMINDA SILVEIRA, sem dedicatória, datado de "Dezembro de 1897"; 18 versos dispostos de forma dialogada, de temática romântica, enaltecendo a mulher em seus sucessivos papéis de filha, de esposa e de mãe.</p> <p>seguido de<br/><b>VIÚVA SIMÕES</b></p>   | <p><u>Página 86</u></p> <p>Continuação de<br/><b>VIÚVA SIMÕES</b></p> <p>Resenha assinada por "L.F." (LEOPOLDO DE FREITAS), em que se dá notícia do recente lançamento (em Lisboa e no Rio) do segundo romance de JÚLIA LOPES, <i>A Viúva Simões</i> (editado em Portugal por Antônio Maria Pereira, 1897). É destacada a filiação da escritora ao realismo psicológico, em contraste com a conformação basicamente romântica de seu romance anterior, <i>A Família Medeiros</i>. <i>A Viúva Simões</i> seria um <i>gracioso e fino romance realista, mas sem ser pungente, nem cheio de crueldade e de violências como as grandes criações dos mestres desta escola literária (...)</i>. Na prática, o articulista limita-se a transcrever as abalizadas opiniões da crítica lusitana GUIOMAR TORRESÃO — que coloca o romance de Júlia Lopes no nível da <i>Página de Amor</i> de ZOLA. (segue)</p> | <p><u>Página 87</u></p> <p>Conclusão de<br/><b>VIÚVA SIMÕES</b></p> <p>É lembrado ainda o escritor francês JULES DE GONCOURT (1830-1870) — cujas características de estilo justificariam o conceito, notável por sua atualidade, de que <i>os livros, hoje, interessam-nos principalmente por nos revelarem o mecanismo interno de quem os escreveu</i>.</p> <p>seguida do poema<br/><b>PRIMAVERA</b></p> <p>Poema de GEORGINA TEIXEIRA, sem dedicatória, sem data; oito quadras de versos heptassilábicos em que é descrito o prazer de conferir as mudanças registradas na natureza com a chegada da primavera; poema notável pela pobreza das imagens e das rimas — como também pela cacofonia de alguns versos de metrificacão forçada.</p>  | <p><u>Página 88</u></p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Nesta crônica datada de "S. Paulo, dezembro 1897", JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA faz um balanço dos acontecimentos registrados no ano que se finda. Afirmando que no antigo Egito os faraós eram submetidos, logo após sua morte, a um julgamento popular que decidiria o destino a ser dado ao cadáver real, o cronista imagina uma cena em que o ano de 1897 é levado à barra do tribunal para ouvir as queixas que a humanidade poderia fazer a seu respeito. (segue)</p>   |

**OBSERVAÇÕES:** Apesar da argumentação linear adotada por Silvío de Almeida em sua crônica das pp. 1:91-92, desfilam pelo texto citações nominais relativas a SHAKESPEARE (cujo Rei Lear poderia ser comparado à imprevidente República brasileira); ao revoltoso FILIPE DOS SANTOS (1691-1720) e a seu algoz, o CONDE DE ASSUMAR (Pedro Miguel de Almeida e Portugal, 1688-1733); a TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (1744-1810) e ao líder inconfidente (nomeado tanto pela alcunha de TIRADENTES como pelo nome completo) JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER (1746-1792).

| Página 89  | Página 90  | Página 91   | Página 92  |
|--|--|---|--|
| <p><b>Conclusão da CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Enumeradas as acusações correspondentes às inúmeras desgraças ocorridas em 1897, conclui-se que naquele ano a humanidade havia sido atormentada por seus três maiores flagelos: a peste, a fome e a guerra.</p> <p>Dai sua condenação: 1897 deverá ser arremessado aos abismos insondáveis do Passado, de maneira que lá se conserve, por todo o sempre, para felicidade dos povos e tranquilidade do gênero humano.</p>   | <p><b>AGRADECIMENTO</b></p> <p>Soneto do Padre CORREIA DE ALMEIDA (1820-1905), datado de "Barbacena, 9 de dezembro de 1897", no qual o padre mineiro agradece o recebimento da revista, remetendo o leitor a um trecho de um de seus livros, <i>Produções da Caducidade</i> (de 1896).</p> <p>seguido do poema em prosa <b>VALQUIRIAS</b></p> <p>Com o subtítulo de "Balada", sem dedicatória e sem data, este texto de SAMUEL PORTO, típico da produção simbolista coetânea, tece considerações abstratas a respeito das míticas valquírias, terminando por dirigir a elas uma enigmática interrogação.</p> <p>seguido do <b>SONETO</b></p> <p>Terceiro e último soneto de AMÉLIA DE OLIVEIRA publicado na revista. Note-se que este poema aparece em sua "Póstuma" com o título-dedicatória <i>A Minha Irmã</i>.</p> | <p><b>Início da crônica TRAÇOS LIGEIOS</b></p> <p>Mineiro de nascimento, o professor SILVIO DE ALMEIDA, marido da redatora de <i>A Mensageira</i>, enumera os contrastes existentes entre a antiga capital de Minas Gerais (Ouro Preto) e a recém-inaugurada Belo Horizonte. Reconhecendo na nova capital uma sedutora promessa, de opulenta arquitetura caracterizada pela nobre elegância do gosto italiano combinado com o arrojo dos yankees, o cronista relembra o significado histórico de Ouro Preto — concluindo, retoricamente, pela efemeridade das grandezas humanas.</p>  | <p><b>Conclusão da crônica TRAÇOS LIGEIOS</b></p> <p>seguida da <b>SELEÇÃO</b></p> <p>A "seleção" deste número é integralmente dedicada à transcrição de uma crônica de "ÉCILA WORMS", pseudônimo com que JÚLIA LOPES DE ALMEIDA assinava seus textos publicados semanalmente no periódico carioca <i>O País</i>. Defendendo as brasileiras da acusação de ociosidade, a cronista mostra que estas — ao contrário das europeias — não se envergonham de assumir trabalho remunerado, quando têm necessidade disso. Também não abrem mão da tarefa de amamentar seus filhos, virtude que nos países da "civilização" se vai tornando escassa. Toda essa energia da mulher brasileira proviria da mistura de sangues com que fomos gerados e da natureza portentosa do Brasil.</p> |
| <p><b>Página 93</b></p> <p><b>Conclusão da SELEÇÃO</b></p> <p>seguida das <b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>A Mensageira em Paris:</b> a VISCONDESSA DE CAVALCANTI, que elabora em Paris um <i>Dicionário Biográfico Brasileiro</i> (já mencionado no noticiário do n° 1 de <i>A Mensageira</i>) enviou carta repleta de elogios à redação da revista. Também de Paris chega uma manifestação muito favorável de XAVIER DE CARVALHO — escritor português, por essa época radicado na França, autor do artigo "O Feminismo", que abrirá o n° 7 (pp. 97-100). Carvalho relata que a escritora feminista franco-polonesa MARYA CHELIGA ficou encantada ao tomar conhecimento da existência de companheiras de luta — comandadas por PRISCILLANA DUARTE — na capital paulista. (segue)</p> | <p><b>Página 94</b></p> <p><b>Continuação das NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Ele opina, a propósito, no sentido de que <i>A Mensageira</i> contenha <i>menos literatura e mais artigos sólidos</i>. E dá um exemplo disso: as mulheres do Brasil deveriam imitar as norte-americanas encampando a meritória luta das europeias pela paz universal.</p> <p><b>Nova Capital de Minas:</b> Em 12 de dezembro inaugurou-se a cidade de Belo Horizonte, construída em apenas dois anos, contando já população superior a quinze mil habitantes. Durante as festividades, foi ofertado um ramalhete de flores à SRA. BIAS FORTES, esposa do DR. BIAS FORTES, Presidente do Estado de Minas.</p>   | <p><b>Página 95</b></p> <p><b>Conclusão das NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Delminda Silveira:</b> Anuncia-se que a revista passa a contar com a colaboração dessa catarinense, que há anos milita na imprensa de seu estado natal (colaborações em prosa e verso de DELMINDA SILVEIRA aparecem, de fato, a partir deste número da revista: ver p. 85).</p> <p>seguida de <b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Transcrevem-se sob esta epígrafe, nas pp. 95 e 96, comentários (invariavelmente elogiosos) de meia dúzia de periódicos da região Sudeste do Brasil — 3 jornais fluminenses (<i>Gazeta da Tarde</i> e <i>O País</i>, do Rio; além da <i>Gazeta de Petrópolis</i>), 1 mineiro (<i>Gazeta de Uberaba</i>) e 2 paulistas (<i>Correio Paulistano</i> e <i>A Nação</i>). São nominalmente (e repetidamente) citados os nomes das colaboradoras:</p> | <p><b>Página 96</b></p> <p><b>Conclusão de A MENSAGEIRA</b></p> <p>PRISCILLANA DUARTE, MARIA CLARA, ADELINA VIEIRA, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, FRANCISCA JÚLIA, AUREA PIRES, ZALINA ROLIM, JÚLIA CORTINES, GEORGINA TEIXEIRA, IBRANTINA CARDONA e AMÉLIA DE OLIVEIRA.</p> <p>Mencionam-se ainda três dos colaboradores do sexo masculino: SILVIO DE ALMEIDA, ELMANO DO VAL e VIEIRA DE ALMEIDA.</p> <p>Observe-se que é notada a ausência (por <i>O País</i>) de NARCISA AMÁLIA — e que a <i>Gazeta de Uberaba</i> menciona equivocadamente o nome de JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO como "companheira de redação" de Priscilliana; Josefina só aparecerá no n° 35 (pp. II:206-208), como tradutora de um texto francês.</p>   |

| São Paulo, 15 de janeiro de 1898 — Ano I, N° 7  |  |   |   |
|---|--|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes N° 23)   |  |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. N° avulso: 1\$000.  |  |   |   |
| <p><u>Página 97</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>O FEMINISMO</b></p> <p>Conhecido ativista político de filiação socialista, o escritor português XAVIER DE CARVALHO (1862-1919, segundo Henrique Perdigão) — que no número anterior da revista chamara a atenção de Prisciliana para a necessidade de ampliar a "solidez" das matérias divulgadas por <i>A Mensageira</i> — assina este ensaio de quatro páginas que deverá se revestir de especial interesse para nós, em função do grande volume de informações veiculadas.</p> <p>Tendo, na p. 1-93, classificado <i>A Mensageira</i> como "revista feminista", declara ver nesta publicação o triunfo da literatura feminina do Brasil. Espera que sua divulgação seja capaz de despertar energias adormecidas para o glorioso combate da paz e do amor.</p> | <p><u>Página 98</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>O FEMINISMO</b></p> <p>Cansada de ser considerada como um ser física e socialmente incompleto, e de ser marginalizada por leis e códigos opressivos a ela impostos pelos homens, a mulher rebelou-se e já reivindica seu espaço (é citado, a propósito, um caso recente de discriminação, envolvendo a advogada JEANNE CHAUVIN). Por sua índole dócil e horror à mentira, a mulher seria avessa à atuação política — mas naturalmente devotada ao pacifismo; a própria LOUISE MICHEL jamais teria sido favorável ao voto feminino. Em Paris, onde o articulista está radicado, já se concentra grande número de periódicos femininos: a folha diária <i>La Fronde</i>, o <i>Journal de Femmes</i> e as revistas <i>Revue Feministe</i>, <i>Revue des Femmes Russes</i>, <i>Revue des Femmes Chrétiennes</i>, <i>La Femme</i>, etc.</p>                                    | <p><u>Página 99</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>O FEMINISMO</b></p> <p>Ele próprio conhece bem o assunto, pois chegou a manter, no Porto, a revista quinzenal de propaganda feminista <i>A Mulher</i> — que tivera como colaboradoras, entre outras, MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO (1847-1921), OLÍVIA TELES DE MENESES e CLORINDA DE MACEDO; e publicara em <i>O Século</i> um ensaio sobre o feminismo adotado oficialmente por MANUEL EMÍDIO GARCIA, professor de direito da Universidade de Coimbra. Na capital francesa (que já possui mais de 20 associações femininas), salienta-se a atuação da polonesa MARYA CHELIGA, criadora do teatro feminista. Mas a seu lado distinguem-se ativistas como EUGÉNIE POTONÉ-PIERRE, MARIE MARTIN, MARIE BONNEVIALE e a PRINCESA DE WISZNEWSKA.</p> | <p><u>Página 100</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>O FEMINISMO</b></p> <p>Em função de suas iniciativas, creches, dispensários e instituições de caridade ganharam a colaboração desinteressada de mães de família. Destacando a contribuição doutrinária recente do escritor XAVIER DE RICARD (1843-1911), no romance <i>Les Conditions de Claire</i>, o articulista recomenda às brasileiras a leitura de autores como LÉOPOLD LACOUR (1854-1939), JULES BOIS (1871-1941), LOUIS FRANK, STUART MILL (1806-1873), LÉON RICHER, ALFRED FOUILLÉE (1838-1912), a já citada Mlle. CHAUVIN, AUGUST BEBEL (1840-1913), GROSSERIE, PAUL LACOMBE (1848-1921), JACQUES LOURBET, ERNEST NAVILLE (1816-1909), PAUL GIDE (1832-1880), DR. THULIÉ e DR. MARTIN.</p>  |
| <p><u>Página 101</u></p> <p>Poema <b>O SONHO</b></p> <p>Soneto de JÚLIA CORTINES, sem dedicatória, sem data, de perfeitos versos alexandrinos, tecnicamente irrepreensíveis, de temática abstrata (que poderia ser sintetizada no verso: <i>É mais formoso e puro o país da quimera</i>).</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Ao abordar seis temas diferentes nesta sua crônica quinzenal, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS começa por elogiar a iniciativa do engenheiro CORDEIRO DA GRAÇA, que ao retornar dos EUA trouxe para o Rio de Janeiro uma professora norte-americana (Miss ELISABETH AMBLER), que deverá permanecer na Capital Federal por um ano, a ensinar gratuitamente taquigrafia e dactilografia às moças interessadas nesse aprendizado técnico — capaz de garantir uma profissão decente e rendosa.</p>                | <p><u>Página 102</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A seguir, fornecem-se mais detalhes a respeito do recém-lançado diário feminista parisiense <i>La Fronde</i> (já mencionado por Xavier de Carvalho no texto da p. 99), dirigido por Mme. DURAND. A morte recente de BRAHMS (1833-1897), comentada pelos periódicos cariocas <i>Gazeta de Notícias</i> e <i>Eco Musical</i>, só é mencionada para salientar a misoginia que caracterizou o compositor no final de sua vida: para a cronista aplica-se a ele o comentário do poeta FRANCISCO OTAVIANO (1825-1889) — <i>só passou pela vida e não viveu</i>. Aborda-se ainda a realização, no Rio, de duas exposições de pintura, "a arte de RAFAEL" — a da Escola Nacional de Belas-Artes e uma outra, da escola particular do Prof. FACCHINETTI e da pintora MARIA FORNEIRO (que será objeto de análise mais detida no número seguinte da revista).</p> | <p><u>Página 103</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Em 29 de dezembro de 1897 a cronista assistiu à encenação particular, por amadores, de duas pequenas peças de COELHO NETO (1864-1934), <i>Os Raios X</i> e <i>Cotó</i> (esta segunda inédita), numa das quais o próprio autor fez o papel de jagunço nordestino.</p> <p>seguida do poema<br/><b>ANFITRITE</b>, modelar soneto do poeta líder do parnasianismo brasileiro, ALBERTO DE OLIVEIRA (1857-1937), sem data, dedicado ao poeta mineiro FRANCISCO LINS (1866-1933).</p> <p>seguido do início do texto<br/><b>INTELLECTUALIDADE FEMININA BRASILEIRA</b></p> <p>Primeiro artigo assinado por "PELAYO SERRANO" (pseudônimo do mineiro NELSON DE SENA, 1876-1952).</p>   | <p><u>Página 104</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>INTELLECTUALIDADE FEMININA BRASILEIRA</b></p> <p>Esta matéria entusiástica inicia apontando o grande número de escritoras que começam a despontar por todo o Brasil — indício da próxima e integral emancipação das brasileiras. Lembrando que é na poesia, principalmente, que elas mais se distinguem, menciona em primeiro lugar a mineira de Ouro Preto BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIS BRANDÃO (1779-1868); mas MG possuiria ainda uma notável sonetista em Diamantina, MARIANA HIGINA DE FIGUEIREDO. Do Maranhão, procede LUISA AMÉLIA DE QUEIROS. Poetisas de relevo existiriam também no RS (REVOCATA e JULIETA DE MELO), no RJ (ÁUREA PIRES) e em SP (ZALINA ROLIM, FRANCISCA JÚLIA, JÚLIA CORTINES, NARCISA AMÁLIA e IBRANTINA CARDONA). (segue)</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Não foi possível obter dados a respeito da maior parte das personalidades femininas mencionadas por Xavier de Carvalho no artigo das pp. I:97-100; quanto aos autores do sexo masculino cuja leitura é recomendada por Carvalho, abarca-se uma grande variedade de profissionais (filósofos, juristas, jornalistas, críticos, historiadores, políticos e cientistas) — mas é possível identificar, entre eles, vários escritores notoriamente identificados com o movimento feminista (LACOUR, BOIS, MILL, BEBEL, GIDE). Na nota "Francisco Lins", da p. I:112, são nominalmente mencionados os irmãos ALBERTO e SATURNINO DE OLIVEIRA.

| Página 105   | Página 106  | Página 107   | Página 108   |
|--|---|--|--|
| <p>Continuação do texto<br/><b>INTELLECTUALIDADE FEMININA BRASILEIRA</b></p> <p>No campo da prosa, pode-se enumerar os nomes da contista estreamte FLÁVIA DO AMARAL (que seria parenta da poetisa cega ÂNGELA DO AMARAL, retratada por JOAQUIM NORBERTO em seu livro <i>Brasileiras Célebres</i>) e das romancistas JÚLIA LOPES e MARIA DO CARMO MELO REGO. As poetisas ADELINA LOPES VIEIRA e INÊS SABINO também têm feito incursões por essa área, fazendo publicar contos bem sucedidos; MARIA VILHENA, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS e MARIA ANTONIETA GAMA (esta última, mineira, autora de dois livros de contos) notabilizaram-se, igualmente, como prosadoras.</p> <p>(segue)</p>  | <p>Conclusão do texto<br/><b>INTELLECTUALIDADE FEMININA BRASILEIRA</b></p> <p>Outras duas <i>ingentes batalhadoras do progresso mental feminino no Brasil</i>, se encarregariam de promover a aglutinação das companheiras em torno de revistas portadoras do ideal da <i>regeneração intelectual</i> das brasileiras: PRISCILIANA DUARTE (da paulistana <i>A Mensageira</i>) e JOSEFINA A. DE AZEVEDO (da carioca <i>A Família</i>). O artigo ainda faz a citação nominal de cinco nordestinas recém-formadas pela Faculdade de Direito do Recife e de sete médicas ou farmacêuticas de diversos estados do Brasil; quatro outras preparam-se para formar-se ou ingressar em instituições de ensino superior. A heróica "advogada de Luis XVI", OLYMPE DE GOUGES, é mencionada em função de sua ardorosa defesa dos direitos intelectuais da mulher.</p>                 | <p>Início do texto<br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>Artigo laudatório assinado por PERPÉTUA DO VALE. Note-se que a página 107 é quase totalmente ocupada pelo retrato (gravura em metal assinada por A. KRUGER &amp; Cia.) do pintor paulista JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JÚNIOR (1850-1899). Esta é, aliás, a primeira vez em que se estampa, na revista, uma ilustração mais extensa: até então, as ilustrações limitavam-se a pequenas vinhetas.</p>   | <p>Continuação do texto<br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>Comemorando a exposição do mais recente quadro completado por Almeida Júnior (<i>Partida da Monção</i>, de temática histórica), a revista homenageia o pintor, enfatizando seu caráter genuinamente brasileiro (<i>a terra que produziu CARLOS GOMES, JOSÉ DE ALENCAR e GONÇALVES DIAS, não podia deixar de ter um ALMEIDA JÚNIOR</i>). Com apenas 47 anos de idade, o artista ituano já lecionava na Escola Nacional de Belas-Artes, tendo recebido condecorações de diversos países pela qualidade de sua obra pictórica. Referindo-se ao tema da tela (que retrata a partida de bandeirantes paulistas para o Mato Grosso), a articulista enfatiza a imponência dos <i>intrépidos exploradores</i> que partiam rumo ao desconhecido, desafiando a própria sorte.</p> |
| <p>Página 109</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>seguido do poema<br/><b>CONTRASTE</b></p> <p>Soneto de FRANCISCO LINS (1866-1933), sem data, dedicado a ALBERTO DE OLIVEIRA, que retribuiu com o soneto publicado no mesmo n° da revista (I:103); em toscos decassílabos, o poeta descreve os contrastes existentes entre os fenômenos da natureza e os seus próprios estados de alma.</p> <p>seguido do poema<br/><b>CAIR DA NOITE</b></p> <p>Soneto de decassílabos (simples mas elegantes) de SATURNINO DE OLIVEIRA (outro dos dez irmãos de Alberto de Oliveira), sem data, dedicado a FRANCISCO LINS; ao anoitecer, o poeta, entristecido, lembra-se da ausência da pessoa amada. Ver, na p. I:125, o soneto inverso (de F. Lins, dedicado a Saturnino de Oliveira).</p> | <p>Página 110</p> <p>Conclusão do poema<br/><b>CAIR DA NOITE</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Utilizando como epígrafe a frase de XAVIER DE CARVALHO já reproduzida na p. I:94 (na qual conclamam-se as brasileiras a colaborar na luta pela paz), a cronista mineira MARIA EMÍLIA faz questão de declarar-se (neste texto datado de "Minas, janeiro 1898") frontalmente contrária à carreira militar. No Brasil trava-se no momento, a seu ver, a pior das guerras, aquela que se trava na surdina: a guerra dos assassinatos políticos — aberração contra a qual é preciso lutar, antes que se enraíze entre nós. A partir desta sua terceira colaboração, a cronista Maria Emília pretende fechar sempre sua coluna com a reprodução de poemas significativos, com os quais pretende amenizar a aridez de seus próprios escritos.</p> | <p>Página 111</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Começa, então, pela transcrição de uma poesia (20 versos "de arte maior", de 11 sílabas de tempo marcado, dispostos em 5 quadras):<br/>A TURCA,<br/>de autoria de PRISCILIANA DUARTE, que declara ter composto este belo poema como "Impressão dos Simples" — isto é, sob a influência do célebre livro de versos do lusitano Guerra Junqueiro (1850-1923), <i>Os Simples</i>, publicado em 1892.</p> <p>seguida do início da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>No único parágrafo correspondente à "Seleção" deste n°, apresenta-se um extrato de texto em prosa contendo sentenciosas considerações de VICTOR HUGO (1802-1885); o poeta francês enaltece, retoricamente, o papel da mulher como sustentáculo do homem.</p> | <p>Página 112</p> <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>A ENTRADA DO ANO</b></p> <p>Singelo poema de PRISCILIANA DUARTE, sem dedicatória, sem data, com versos de sabor popular, de acentuação tetrassilábica, em que é saudado o início de um novo ano.</p> <p>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Colaboradoras:</b> colaborarão com a revista quatro daquelas escritoras francesas citadas na p. I:99 (além de uma quinta, MILE DE SAINTE-CROIX). <b>Francisco Lins:</b> esse poeta de MG, que neste n° teve reproduzido um soneto seu (p. I:109), prepara um novo livro. <b>Mensageira em Paris:</b> a revista é representada em Paris por MME. BLANCHE XAVIER DE CARVALHO. <b>Crônica Onimoda:</b> justifica-se o não aparecimento dessa coluna no n° corrente.</p>                 |

| São Paulo, 30 de janeiro de 1898 — Ano I, Nº 8   |  |  |  |
|--|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |  |  |
| <p><u>Página 113</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>UMA SANTA</b></p> <p>Crônica em que JÚLIA LOPES tece considerações acerca do caso de uma jovem de 28 anos que há pouco morrera na capital paulista, depois de ter padecido de lepra por quinze anos. Por sua resignação MARIA BRÁULIA mereceria a alcunha de "santa" — pois, como JÓ, suportara o sofrimento de modo admirável, chegando a agradecer a Deus por sua enfermidade, dizendo que, sendo pobre e bonita, teria se perdido facilmente, não fora a moléstia. Assim, a conduta exemplar desta jovem constituía, segundo a cronista, raridade numa cidade como São Paulo, capital barulhenta e profana, recheada de grandes e de pequenos pecados, onde o vício se alastra espalhado pela asa veloz da civilização. (segue)</p>                      | <p><u>Página 114</u></p> <p>Continuação da crônica<br/><b>UMA SANTA</b></p> <p>Júlia Lopes descreve o enterro da "Santa Maria Bráulia" (cortejo feito por irmãs de caridade e meninas do asilo), imaginando, num toque poético, que os membros desta comitiva fúnebre exclamassem ao vê-la passar em seu caixão, reproduzindo os versos de GONÇALVES CRESPO (1846-1883): — <i>Como ela vai bonita!</i></p> <p>Também beiraria a santidade a dedicada enfermeira que, sem ser parente da doente, ministrou-lhe anos a fio todos os cuidados necessários: <i>Lavar um corpo asqueroso, mudar-lhe os lençóis e a roupa, chegar-lhe a comida à boca, (...) sem ser a sua mãe, nem ser a sua filha, é que acho, de uma caridade ilimitada, espantosa e perfeita.</i></p>        | <p><u>Página 115</u></p> <p>Conclusão da crônica<br/><b>UMA SANTA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>EM OURO PRETO</b></p> <p>Soneto de ÁUREA PIRES, sem dedicatória, datado de 1896, em decassílabos heróicos, enaltecendo a cidade de Ouro Preto, por seu passado libertário: <i>cidade legendária e ilesa</i> que, apesar de desprezada pela moderna geração, guarda uma tradição de glórias — diante da qual a poetisa se prostra e tece louvores.</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA; sem data. A articulista principia com a narração da estória verídica de TEODORA, jovem fluminense que enlouqueceu (vítima de uma desilusão amorosa), permanecendo em estado catatônico por 20 meses.</p>  | <p><u>Página 116</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Caso muito noticiado pela imprensa, a loucura de Teodora transformou-se numa curiosidade médica: atualmente a moça vive no Hospício Nacional de Alienados, onde, já desperta, mostra sinais de recuperação. A cronista declara ter visitado a doente, desejando vê-la completamente restabelecida: <i>O mundo dá tantas voltas (...) que eu não me admirarei se um dia encontrar Teodora completamente curada, resignada, consolada e casada... com outro.</i></p> <p>A seguir, a cronista noticia mais detalhadamente a exposição de pintura de NICCOLO FACCHINETTI (1824-1900), paisagista italiano radicado no Brasil desde 1849, que, associado à professora MARIA FORNEIRO, apresenta suas próprias obras e as de seus discípulos na escola da Ladeira da Glória. (segue)</p> |
| <p><u>Página 117</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Maria Clara elogia a qualidade dos quadros e parabeniza Facchinetti pelo progresso de sua técnica paisagística; esclarece ainda que Maria Forneiro é irmã de DOMÍCIO DA GAMA (1862-1925), jornalista carioca que se destacou pelos serviços diplomáticos prestados ao Brasil. No segmento seguinte, Maria Clara adverte as mães de família para o perigo que representa uma ave como o avestruz: narra o caso de LAURA, criança carioca atacada por um avestruz quando brincava de frente de sua casa; o animal fugira dos braços de um carregador que passava pela rua, investindo contra a menina e arrancando-lhe um dos olhos. Finalmente, comenta-se a atitude de um cocheiro parisiense que, mesmo tendo ganhado na loteria, não quis abandonar sua profissão. (segue)</p> | <p><u>Página 118</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A cronista acredita tratar-se de um sábio, este cocheiro, pois justificara seus atos declarando-se contrário à <i>vadição</i> e reconhecendo-se inapto para qualquer outro tipo de trabalho: <i>Decididamente é um grande filósofo esse cocheiro! tem a rara virtude de conhecer a sua ignorância!</i></p> <p>seguida do poema<br/><b>O MEU IDEAL</b></p> <p>Mau soneto de DELMINDA SILVEIRA, sem dedicatória, datado de "Florianópolis, janeiro — 1898", em versos decassilábicos, de temática romântica (a poetisa exalta as virtudes do amado, admirando-se de quanto os gostos e os sentimentos dele identificam-se com os seus).</p> <p>seguido do início do texto<br/><b>PELA MULHER</b></p> | <p><u>Página 119</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>PELA MULHER</b></p> <p>Reprodução do discurso que o presidente do Equador, ELOY ALFARO, dirigiu ao congresso de seu país, acerca da condição da mulher equatoriana — condição a seu ver lastimável, por encontrar-se a mulher em seu país restrita à esfera doméstica, sem meios para o desenvolvimento intelectual ou para o exercício de funções públicas. Assim, incita os deputados daquela <i>assembléia ilustrada</i> a aprovar reformas que redundem na melhoria da situação feminina: que às mulheres seja franqueado o acesso às universidades, aos institutos de ensino e aos empregos públicos; pois, na sua opinião, é egoísmo afirmar que tais reformas roubam à mulher <i>sua poesia e tranquilidade</i> — acredita, pelo contrário, que a mulher <i>instruída, (...) que trabalha, (...) é um grande auxiliar para a família.</i> (segue)</p> | <p><u>Página 120</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>PELA MULHER</b></p> <p>Declara, ainda, ter contribuído pessoalmente para tais reformas abrindo para as mulheres empregos na administração dos correios e criando uma classe de telegrafia para moças.</p> <p>seguido do poema<br/><b>MADRIGAL</b></p> <p>Poema de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de 1898, sobre "Tema de Sully" (refere-se certamente ao poeta francês SULLY PRUDHOMME), composto de três quadras de decassílabos, neoclássico mas de temática romântica (o poeta lamenta a sucessão dos dias, na ausência da amada: embora os astros brilhem a cada novo dia, ele já não vê a luz dos olhos dela, guardando de seu resplendor somente a lembrança).</p> <p>seguido do início a<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p>   |



**OBSERVAÇÕES:** Mineiro de Campanha (Sul de MG), MANUEL VIOTTI (1871-1958) bacharelou-se pela Academia de Direito de São Paulo em 1895; no final do século é funcionário da Secretaria Estadual de Segurança Pública, na época em que ascende ao cargo de Secretário dessa pasta o dedicatário do poema aqui estampado na p. 123, o mineiro de Pouso Alegre, JOSÉ XAVIER DE TOLEDO (1846-1918), bacharelado pela Academia em 1866 — Presidente do Tribunal de Justiça de SP de 1900 a 1918, casado em 1900 com a educadora e poetisa paulista ZALINA ROLIM XAVIER DE TOLEDO (1869-1961), destacada colaboradora de *A Mensageira*.

|   |  |  |  |
|---|--|--|--|
| <p align="center"><u>Página 121</u></p> <p align="center">Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Datada de "São Paulo, 15 — Janeiro — 1898", a crônica quinzenal de JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA começa com considerações acerca do ano que se inicia. Em primeiro lugar, o cronista expressa sua satisfação por não ter tido maiores consequências, no Rio (graças à intervenção do diplomata romano Conde PIETRO ANTONELLI), o malentendido entre o capitão do navio italiano "Umbria" e as autoridades brasileiras. Informa-nos, ainda, que a campanha presidencial faz-se com morosidade e apatia: um dos candidatos à sucessão de PRUDENTE DE MORAIS, o qual não é nomeado pelo cronista (mas que se trata, com certeza, do governador paulista Campos Sales), considerando-se já eleito, sequer se preocupa em fazer propaganda ou expor seu programa de governo.</p> | <p align="center"><u>Página 122</u></p> <p align="center">Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Tal situação contrasta com o que ocorre nos EUA, <i>terra de onde se transplantou para aqui o nosso muito citado e muito sofisticado Estatuto fundamental</i>, (...) pais onde <i>uma campanha presidencial (...) é um negócio muito sério e muito afanoso</i>. Já em São Paulo, a anarquia reinaria nos bairros do Brás, onde foram demitidos inspetores de quarteirão que estavam, eles mesmos, cometendo furtos contra os moradores, e na Vila Mariana, bairro tradicionalmente pacífico que, ultimamente, se transformara em palco de <i>assassinatos e barbúrias</i>, achando-se agora em estado de <i>sítio e reduzido a uma verdadeira praça de armas!</i> Além de tudo isso, o cronista ainda reclama do calor, do câmbio e das epidemias que assolam o país.</p> | <p align="center"><u>Página 123</u></p> <p align="center">Poema <b>SÓROR TERESA</b></p> <p>Soneto de MANUEL VIOTTI (1871-1958), bacharelado em 1895 pela Academia de S. Paulo, dedicado "Ao Dr. XAVIER DE TOLEDO", datado de "São Paulo, 1898". Em defeituosos decassílabos, é retratada uma freira que fenece na clausura.</p> <p align="center">seguido do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Crônica em que MARIA EMÍLIA protesta contra a difusão de idéias errôneas acerca da emancipação feminina e reproduz algumas propriedades veiculadas pela imprensa: <i>Que a literata jamais será boa dona de casa e que, se as mulheres se tomarem profissionais liberais, ficará o lar abandonado</i>. Responde argumentando: grandes homens de letras abraçaram diferentes profissões sem prejuízo de suas atividades literárias. (segue)</p>                                  | <p align="center"><u>Página 124</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>E exemplifica citando MACHADO DE ASSIS, ARTUR AZEVEDO, LÚCIO DE MENDONÇA, SÍLVIO DE ALMEIDA, ARTUR LOBO, CARLOS DE LAET e JOÃO LUSO. Então, terá a mulher que tomar-se desleixada <i>porque nas horas que lhe ficam de seus lazeres escreve um soneto ou faz uma tira de prosa?</i> Pelo contrário: <i>é em nome do lar (...) que todo homem sensato deve premunir suas filhas com uma educação sólida e uma profissão que garanta sua subsistência independentemente do casamento</i>. A coluna termina reproduzindo um poema de MARIA CLARA.</p> <p align="center"><b>ESTRELA E FLOR,</b><br/>sem data ou dedicatória, em que flor e estrela dialogam lamentando seus destinos: uma por ser peius, a outra por refulgir eternamente.</p>                      |
| <p align="center"><u>Página 125</u></p> <p align="center">Poema <b>POBRE!</b></p> <p>Soneto de FRANCISCO LINS, dedicado a SATURNINO DE OLIVEIRA, sem data, em versos decassilábicos de acentuação muito irregular; o poeta declara seu amor a uma moça honesta e destituída de recursos: fosse rica, ela perderia para ele todo o encanto. Com esta poesia fecha-se o quarteto de sonetos gerados pelas dedicatórias de Francisco Lins aos dois irmãos Oliveira (ver pp. 1:103, 1:109 e 1:109-110, além do esclarecimento incluído pela redação da revista na p. 1:112).</p> <p align="center">seguido do texto<br/><b>HORAS VAGAS</b></p> <p>Conto da mineira DOLORES ALCÂNTARA DE ARAÚJO, dedicado a PRISCILLIANA DUARTE DE ALMEIDA, datado de "Caxambu, 7 de dezembro 97".</p>   | <p align="center"><u>Página 126</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>HORAS VAGAS</b></p> <p>Esta é sua segunda colaboração na revista (ver o conto "Trindade", nas pp. 1:25-28). Dessa prosadora de escassos méritos, ainda aparecerá, no primeiro volume da revista, a crônica "Notas do Interior" (pp. 316-320). Neste conto ("Horas Vagas"), o cenário é representado, mais uma vez, por uma pequena cidade do interior de MG. A obscura história de uma aristocrática família arruinada que viera estabelecer-se em Caxambu encerra-se com o enterro do chefe dessa família — cena assistida por uma moça que, vitimada por uma desilusão amorosa, gostaria de estar no lugar do morto. (segue)</p>   | <p align="center"><u>Página 127</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>HORAS VAGAS</b></p> <p>É interessante notar a maneira preconceituosa como a autora se refere aos lugarejos do interior de Minas (<i>são em geral detestáveis as aldeias mineiras</i>), só poupando dessa qualificação cidades como Caxambu, lugar <i>de continuo visitado pela fina flor da civilização</i> — isto é, por pessoas procedentes de cidades grandes, que só se utilizam de Caxambu como balneário.</p> <p align="center">seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Jornal Feminino:</b> Notícia-se o lançamento recente, em Paris, de uma folha feminista diária, <i>La Fronde</i>, dirigida, administrada, escrita e impressa por mulheres — jornal cuja existência já havia sido revelada por Xavier de Carvalho nas primeiras páginas do nº anterior da <i>Mensageira</i>.</p> | <p align="center"><u>Página 128</u></p> <p align="center">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Pretendendo tomar-se veículo das reivindicações femininas, <i>La Fronde</i> é dirigida por MARGUERITE DURAND (cujo nome aparece aqui de maneira irreconhecível, como "MME. DERVOUD"). <b>Sonetos e Sonetinhos e Produções da Caducidade:</b> CORREIA DE ALMEIDA (v. p. 1:90) enviou à revista esses dois livros de sua autoria; do primeiro, é reproduzido um soneto, do qual tanto a versificação como os conceitos emitidos são discutíveis. <b>Livros:</b> Além dos livros mencionados acima, a redação recebeu obras de ZALINA ROLIM (<i>Livro das Crianças</i>), JOSÉ VICENTE SOBRINHO (<i>Contos e Fantasias</i>), CARVALHO ARANHA (<i>Primícias</i>) e MARIA GUILHERMINA DE ANDRADE (uma <i>História do Brasil</i> e os <i>Livros de Leitura</i> I, II e III).</p> |



| São Paulo, 15 de fevereiro de 1898 — Ano I, Nº 9  |   |  |   |
|---|---|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |   |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |  |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |  |   |
| <p><u>Página 129</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p>Início da crônica<br/><b>AINDA UM ASSUNTO FEMININO</b></p> <p>Segundo artigo do entusiasmado feminista mineiro NELSON DE SENA, igualmente assinado com o pseudônimo "PELAYO SERRANO", datado de "Ouro Preto — 1898". Voltando às considerações expostas por ele mesmo no artigo "Intelectualidade Feminina Brasileira" (1:103-106), o escritor cita TOBIAS BARRETO (1839-1889), que já detectara profunda incongruência naqueles que levavam brindes à beleza feminina nas festas para retomarem, logo em seguida, a opinião de que a mulher é uma deficiente, incapaz de reger-se. Os tais brindes sempre vêm acompanhados de retóricas menções:</p> | <p><u>Página 130</u></p> <p>Continuação da crônica<br/><b>AINDA UM ASSUNTO FEMININO</b></p> <p>a mulheres guerreiras (como JOANA D'ARC, MARIA QUI-TÉRIA DE JESUS, CLARA CAMARÃO ou MATILDE DE AGRAMONTE); a mulheres santas (como PRIS-CA, TERESA DO MENINO JESUS ou JOANA DE GUS-MÃO); a mulheres talentosas (como SAFO, CLOTILDE TAMBRONI, MME. DE STAËL e HARRIET BEE-CHER STOWE); a mulheres formosas (como MARIA IFIGÊNIA DE ALVARENGA, EVANGELINA CISNEROS, MARIA DE BORGONHA, CLEÓPATRA ou a mítica HELENA DE TRÓIA). Mesmo um literato como o português ALBERTO PIMEN-TEL (1849-1925) descreve, no prefácio de um romance seu, as qualidades físicas das brasileiras, sem se importar com a <i>beleza do espírito</i> delas.</p>  | <p><u>Página 131</u></p> <p>Continuação da crônica<br/><b>AINDA UM ASSUNTO FEMININO</b></p> <p>Mas não nos faltam mulheres de valor intelectual: àquelas citadas no artigo anterior, acrescentem-se os nomes da falecida poetisa do Sergipe NATÁLIA MARIOT GOMES; das médicas formadas ou formandas ANA MACHADO, MARIA PRAGUER, LAURA BAIENSE, GRAFISA DE ARAÚJO RAMOS; da estudante de farmácia sergipana MARIA VE-LOSO; da jovem soprano paulista CLOTILDE MARA-GLIANO, que iniciou carreira brilhante na Europa; da poetisa e prosadora ELVIRA GAMA ("Sinhá Miquelina"); da polígrafa baiana INÊS SA-BINO e da romancista gaúcha MARIA BENEDITA CÂMARA DE BORMANN ("Délia"). São retificadas ainda informações publicadas anteriormente sobre PRISCILIANA DUARTE e MARIA CLARA.</p> | <p><u>Página 132</u></p> <p>Conclusão da crônica<br/><b>AINDA UM ASSUNTO FEMININO</b></p> <p>Em Ouro Preto, o cronista conta ainda com o exemplo da SRA. SIZÍNIO PONTES, aprovada nos preparatórios de medicina. E, reconhecendo a existência de muitas outras mulheres de valor dispersas pelo Brasil, termina con-clamando-as a congregarem-se em torno de um ideal comum.</p> <p>seguida do<br/><b>POEMA SEM TÍTULO</b></p> <p>Soneto de ZALINA ROLIM, sem data e sem dedicatória, em decassílabos irregulares, de temática romântica (a poetisa descreve os sobressaltos de seu coração, incapaz de viver sem amor). O poema traz como epígrafe versos de VICTOR HUGO, citados em francês.</p> <p>seguido do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p>  |
| <p><u>Página 133</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA — limitada, nesta edição, à abordagem de apenas quatro assuntos.</p> <p>A cronista começa fornecendo um exemplo concreto de situação em que as mulheres são perfeitamente capazes de guardar segredo: um grupo de 22 funcionárias da Imprensa Nacional encarregou-se da publicação de um sigiloso relatório oficial (relativo à tentativa de assassinato do Presidente da República em novembro de 1897) sem que ocorresse qualquer vazamento. Fossem homens, <i>extremados em política e com idéias diversas poderiam esquecer o seu dever e trair a sua pátria.</i> (segue)</p>   | <p><u>Página 134</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A seguir, Maria Clara elogia o recém-lançado volume de poesias de ZALINA ROLIM, <i>Livro das Crianças</i> (obra que teve seu plano pedagógico traçado pelo professor JOÃO KÖPKE) — livro que será objeto de detalhada resenha neste mesmo número de <i>A Mensageira</i>.</p> <p>E comenta o boato de que a RAINHA VICTORIA em pessoa se encarrega de revisar os textos publicados pela <i>Court Circular</i>, que divulga diariamente os acontecimentos da corte inglesa.</p> <p>A aproximação do Carnaval é motivo para a cronista relatar um caso que encerra jocosamente a "Carta do Rio" desta edição: Maria Clara soube que um jovem empregado doméstico, encarregado pela patroa de ir comprar um feixe de lenha no sábado que precede o carnaval, só retornou na quarta-feira de Cinzas.</p> | <p><u>Página 135</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>À LUZ DA LUA</b></p> <p>Soneto de ÁUREA PIRES, sem dedicatória e sem data. Em versos alexandrinos (de construção comparativamente muito inferior àquela dos vigorosos alexandrinos de Francisca Júlia ou de Júlia Cortines), a poetisa fala da nostalgia que a assalta diante de uma paisagem noturna banhada pelo luar.</p> <p>seguido do início da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Ao mesmo tempo saudando e condenando o Carnaval que se aproxima, J. VIEIRA DE ALMEIDA aproveita a crônica desta edição (datada de "São Paulo, 15 fevereiro 1898") para tecer, em português rebuscadíssimo, algumas considerações de cunho político-ideológico.</p>                              | <p><u>Página 136</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Assim, os festejos carnavalescos seriam uma boa oportunidade para rir-se de personagens como o inglês apurinado (personificação da libra, cujo câmbio valorizado teima em humilhar a moeda brasileira) ou do oficial militar que retoma vitorioso de Canudos (já com pretensão de interferir nas candidaturas à Presidência da República). Em meio à massa de foliões, <i>insinuar-se-iam tratantes de espécies várias ou intrigantes de esferas diferentes.</i> Os salões de bailes, verdadeiros laboratórios do mal, assim como o desfile carnavalesco, <i>audaciosa evocação do paganismo, nada mais seriam que manifestações do culto desavergonhado da carne</i> — no qual se contrapõem Momo a JESUS, a caverna ao templo, Baal a Deus, Zé Pereira a FRANCISCO DE ASSIS.</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. I:144 reaparece o nome da compositora de música popular Mariana Barroso da Silveira, já mencionada em I:80; é curioso que nenhum dos dicionários biográfico-musicais usuais (nem mesmo o *Mulheres Compositoras* de Nilcéia Barancelli) forneçam dados a seu respeito. Os outros lançamentos da casa Filippone noticiados em fevereiro de 1898 são atribuídos aos compositores J. M. AZEVEDO LEMOS, ALEXANDRE WEISSMANN, TEÓFILO JOSÉ MARTINS, M. QUINTÃO e "J.C.D."

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p align="center"><u>Página 137</u></p> <p align="center">Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>AVES E CORAÇÕES</b></p> <p>Soneto de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória e sem data, em versos decassilábicos, de temática romântica; estabelece-se uma alegoria na descrição de uma pomba solitária que observa um homem e uma mulher juntos e felizes; frequentemente é o inverso que se vê, pessoas solitárias que invejam o amor constante de um casal de pombos.</p> <p align="center">seguido da resenha<br/><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Neste texto, PERPÉTUA DO VALE analisa (de maneira muito elogiosa) o recém-lançado <i>Livro das Crianças</i>, segunda obra divulgada pela educadora e poetisa paulista ZALINA ROLIM. (segue)</p>                 | <p align="center"><u>Página 138</u></p> <p align="center">Continuação da resenha<br/><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Seguindo-se à coletânea de versos <i>O Coração</i> (1893), este <i>Livro das Crianças</i> é elogiado, em primeiro lugar, pela esmerada apresentação gráfica (trata-se de obra elaborada em São Paulo, mas impressa em Boston). A articulista reproduz a íntegra de dois dos poemas incluídos no livro: "Pouco a Pouco" e "Onde Está a Pátria?". No primeiro, evidencia-se, de fato, o virtuosismo da poetisa, que estrutura o poema a partir de oito estrofes (sextilhas) em que se alternam tetrasilabos e heptasilabos de métrica bem marcada (e, conseqüentemente, de fácil recitação e memorização). (segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 139</u></p> <p align="center">Conclusão da resenha<br/><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Já em "Onde Está a Pátria?" — em que duas crianças dialogam, terminando por classificar São Paulo como a <i>terra abençoada onde nasceu nossa Mãe</i>, toma-se evidente a orientação positivista e eurocêntrica da autora: a Europa é templo, onde a ciência impera — enquanto Ásia e África são lugares exóticos, de interesse meramente arqueológico, assim como a Austrália só interessa pela exuberância de sua natureza.</p> <p align="center">seguida do início do poema<br/><b>VENTURA</b></p> <p>Poesia de GEORGINA TEIXEIRA, disposta em 8 quadras de decassilabos, sem dedicatória e sem data, na qual a autora reflete a respeito da efemeridade dos sentimentos felizes.</p>  | <p align="center"><u>Página 140</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>VENTURA</b></p> <p align="center">seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Texto extraído de obra não designada do engenheiro JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS, que já participou da "Seleção" do nº 4 (p. I:57). Aqui, ele reitera a importância da instrução como base da construção da cidadania dos indivíduos, homens ou mulheres. Note-se que a identidade deste escritor será esclarecida no nº 23 (p. I:355); trata-se do marido de Maria Clara da Cunha Santos, engenheiro civil especializado em obras ferroviárias, autor de diversas monografias técnicas (confronte o verbete biobibliográfico que lhe é concedido pela <i>Encyclopedia e Dicionário Internacional Jackson</i>).</p> <p align="center">seguida do início do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(I)</p>                         |
| <p align="center"><u>Página 141</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(I)</p> <p>Primeiro de uma longa série de poemas do jovem jornalista e poeta santista JOÃO CÂNDIDO DE CARVALHO (nascido em 1868), publicados entre números 9 e 17. Todos os seis episódios (nenhum deles datado) são dedicados ao poeta mineiro MANUEL VIOTTL. Em dez quadras de versos octossilábicos, de sabor popular (e algo lusitanizado), o poeta prepara-se para uma longa e aventureira viagem simbólica.</p> <p align="center">seguido do início de<br/><b>A MULHER É UMA FORÇA ATIVA NA SOCIEDADE</b></p> <p>Texto da Dra. MARIE RENNOTTE — médica belga, formada nos EUA (com tese defendida no Rio de Janeiro em 1895), que manteve com sucesso, em São Paulo, seu consultório particular. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 142</u></p> <p align="center">Conclusão de<br/><b>A MULHER É UMA FORÇA ATIVA NA SOCIEDADE</b></p> <p>Tendo dirigido um colégio no interior de São Paulo, a médica demonstrara, já no tema de sua tese (<i>Influência da Educação da Mulher Sobre a Medicina Social</i>), interesse por questões relacionadas com a educação feminina. Neste artigo (baseado, talvez, em sua tese de doutoramento), encimado por uma epígrafe de BERNARDIN DE SAINT-PIERRE (1737-1814), considera inexplicável o não aproveitamento do potencial feminino: mantida sem instrução, a mulher se torna incapaz de dar direcionamento adequado aos filhos. Embora este texto inclua a citação de versos sentimentais de ERNEST LEGOUVÉ (1807-1903), é interessante observar que a argumentação da autora está centrada num esquema de equilíbrio de forças físicas e na lei da ação-reação.</p> | <p align="center"><u>Página 143</u></p> <p align="center">Início das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Eugênia Bonnefois: esta educadora, aqui citada erradamente (trata-se da francesa EUGENIE BONNEFOIS, 1829-1913) acaba de ser premiada pela Academia Francesa em função de seus esforços para fornecer instrução aos filhos de artistas ambulantes. <b>Almanaque do Município de Passos:</b> registra-se o lançamento do anuário referente a 1898 dessa cidade do sudoeste de MG, que teria recebido a colaboração dos mais festejados escritores mineiros da atualidade — aí incluídos alguns notórios colaboradores da <i>Mensagem</i>; entre os biografados pelo almanaque, citam-se o BARÃO DE PASSOS (Jerônimo Pereira de Melo e Sousa, 1814-1897), ERNESTO CORREIA, ANTÔNIO CELESTINO, MANUEL VIOTTI (1871-1958) e NELSON DE SENA (1876-1952). (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 144</u></p> <p align="center">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Fornecem-se ainda dados sobre MARIA CLARA, PRISCILIANA e SÍLVIO DE ALMEIDA, transcrevendo-se, a respeito do casal Almeida, elogios do poeta VALENTIM MAGALHÃES (1859-1903); o programa de <i>A Mensageira</i> é interpretado em termos da mensagem por ela transmitida às brasileiras, <i>algum pensamento novo — sonho de poeta ou observação acurada</i>. <b>Músicas:</b> São novamente arrolados os lançamentos da casa dirigida por JÚLIA FILIPPONE — entre eles, uma peça de autoria de MARIANA BARROSO DA SILVEIRA. <b>Recebemos e Agradecemos:</b> Amplia-se o círculo de publicações recebidas pela revista, mencionando-se títulos procedentes de SP, MG, BA, SE, PE e RS — destacando-se um artigo de autoria da compositora baiana MARIA ELISA MUNIZ DE ARAGÃO.</p> |

| São Paulo, 28 de fevereiro de 1898 — Ano I, Nº 10   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |  |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |  |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |  |   |
| <p><u>Página 145</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal (sem data) de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</p> <p>A cronista começa parabenizando o bairro carioca de São Cristóvão pelo luxo das fantasias e pelas <i>espirituosas críticas</i> com que os integrantes de seu clube desfilaram no domingo de carnaval; aproveita para estender seu otimismo à questão da situação financeira do país, comprometida pela frequente oscilação do câmbio: <i>Há ainda muito dinheiro nesta terra, ao contrário as ruas não estariam atapetadas de "confetti" e serpentinas.</i></p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 146</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>É noticiado, em seguida, o aparecimento próximo de um novo livro de INÊS SABINO, <i>Lutas do Coração</i> (primeiro romance da escritora, já consagrada como poetisa e contista) — livro que, impresso na Europa, trará prefácio do crítico português (da Academia de Ciências de Lisboa) ALBERTO PIMENTEL; a articulista informa ainda que aquela autora acaba de ser agraciada com o título de sócia correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano (nomeação sem precedentes no caso da intelectualidade feminina nacional), como reconhecimento da relevância de sua contribuição à história pátria com o livro <i>Noites Brasileiras.</i></p> <p>(segue)</p>                                 | <p><u>Página 147</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A seguir, Maria Clara relata ter recebido uma carta de determinada leitora (CARMEN DE OLIVEIRA) que, estando noiva, pede-lhe conselhos. Ressalvando não ser nenhuma <i>mulher velha</i>, mas possuindo alguma experiência, a cronista pede às leitoras que perdoem sua indiscrição — pois não só irá reproduzir a carta recebida, como vai respondê-la, fornecendo conselhos que poderão ser aproveitados também pelas demais leitoras.</p> <p>Dirigindo-se a Maria Clara como <i>sua constante leitora e amiga afetuosas</i>, a moça inicia sua missiva dizendo acreditar-se amada pelo noivo, rapaz valoroso e leal. Teme, no entanto (refletindo temores externado por seus pais) que o futuro lhes reserve dissabores.</p> <p>(segue)</p>                            | <p><u>Página 148</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Sendo ela própria uma <i>criança inexperiente de 20 anos</i>, não irá desiludir-se?</p> <p>Reservando para Carmen o tratamento de <i>Minha gentil amiga</i>, Maria Clara responde confirmando considerar-se uma mulher feliz — o que não bastaria para capacitá-la na prescrição de regras sobre felicidade conjugal. Aconselha, porém, que a leitora, tendo o amor como alicerce de seu casamento, procure agradar o marido, evitando sempre discussões (principalmente sobre religião e política); menciona, inclusive, o exemplo de um casal que vivia brigando em função da Revolta da Armada — posicionando-se a favor de FLORIANO PEIXOTO ou de seu opositor, o contra-almirante CUSTÓDIO DE MELO.</p> <p>(segue)</p> |
| <p><u>Página 149</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>O segredo da felicidade conjugal consistiria em fazer do lar um lugar aprazível — de modo que não se sinta o marido tentado a <i>procurar distrações nos clubes ou em casa dos vizinhos...</i></p> <p>seguida do poema<br/><b>CELESTE...</b></p> <p>Mau soneto do poeta simbolista mineiro AURÉLIO NEVES (1870-1927), sem dedicatória, datado de "Fevereiro de 1898". Em versos decassilábicos de métrica defeituosa, o jovem poeta, bacharelado em 1895 pela Academia de Direito de São Paulo, descreve os atributos de sua celestial inspiradora.</p> <p>seguido do início do texto<br/><b>A EMANCIPAÇÃO FEMINIL</b></p> <p>Breve artigo em que o Sr. "V. M. DE BARROS" afirma ser toda mulher uma feminista em potencial, instintivamente desejosa de liberdade. (segue)</p> | <p><u>Página 150</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A EMANCIPAÇÃO FEMINIL</b></p> <p>Lamenta ser raro encontrar-se um marido disposto a tratar devidamente a esposa — corrigindo-lhe os defeitos <i>com delicadeza e brandura, tendo em vista unicamente aperfeiçoá-la e dirigí-la.</i> A desigualdade dos sexos teria raízes numa educação erradamente diferenciada: para eles, <i>mestres, colégios, ginástica;</i> para elas, <i>a ignorância, o atrofiamento da energia, a imobilidade forçada.</i></p> <p>seguida do poema<br/><b>VEM!...</b></p> <p>Soneto em decassilabos de AUREA PIRES, sem dedicatória, datado de "11-2-1898", em que a poetisa ouve uma voz clamar inutilmente pela presença da pessoa amada.</p> <p>seguido do início do texto<br/><b>LITERATAS INGLESAS</b></p> | <p><u>Página 151</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>LITERATAS INGLESAS</b></p> <p>ELMANO DO VAL ocupa-se agora da produção literária inglesa e norte-americana — que nada ficaria a dever, em termos de quantidade, à literatura francesa. Mesmo qualitativamente, a literatura de língua inglesa tem sido pródiga em talentos femininos, dentre os quais se destacam prosadoras como MARGARET OLIPHANT (1828-1897), de fecundidade comparável à da romancista francesa "HENRY GRÉVILLE" (pseudônimo masculino de ALICE FLEURY DURAND, 1842-1902); MARY ELIZABETH BRADDON (1837-1915), "OUIDA" (pseudônimo de LOUISE DE LA RAMÉE, 1840-1908), RHODA BROUGHTON (1840-1920), LUCY WALFORD (1845-1915), FLORA ANNIE WEBSTER STEEL (1847-1929), FRANCES BURNETT (1840-1924), ADELINE SERGEANT (1851-1904), CAROLINE PRAED (1851-1935); (segue)</p> | <p><u>Página 152</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>LITERATAS INGLESAS</b></p> <p>e ainda: MRS. HUMPHRY WARD (<i>née</i> MARY-AUGUSTA ARNOLD, 1851-1920), autora de romances de temática social; MARGARET HUNGERFORD (1853-1897), DOROTHEA GERARD (1855- ? ), JANE BARLOW (1857-1917); MRS. STANNARD (autora de romances psicológicos com o nome de "JOHN STRANGE") e "FLORENCE WARDEN" (pseudônimo da inglesa FLORENCE ALICE PRICE).</p> <p>seguida do poema<br/><b>OS OLHOS</b></p> <p>Poesia medíocre de LEOPOLDO MOTA, sem dedicatória, datada de "S. Paulo, 25 de janeiro de 1898"; o subtítulo "SULLY PRUDHOMME" demonstra tratar-se de tradução de um original desse poeta francês, <i>Les Yeux.</i></p> <p>seguido do início da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p>                              |

**OBSERVAÇÕES:** Da mesma maneira que já ocorrera em seu artigo publicado no número 5 da revista ("Literatas Polacas", pp. 1:78-79), ELMANO DO VAL enumera aqui, no artigo "Literatas Inglesas" (pp. 1:150-152), uma grande quantidade de nomes de escritoras; desse extenso rol, foi impossível obter informações mais detalhadas a respeito das Sras. ou Srtas. ESLER, HARDY, JONGE, KINKSON, M. BRYANT, C. COLERIDGE e F. MABEL ROBINSON.

| Página 153   | Página 154   | Página 155  | Página 156  |
|--|--|---|---|
| <p>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Numa de suas crônicas menos inspiradas, datada de "S. Paulo, 23 fevereiro 1898" e carregada de citações latinas, VIEIRA DE ALMEIDA desenvolve o mote: <i>A folha cede o lugar à penitência, lembrando que ao Carnaval sucede-se a Quaresma.</i> Lamenta o abandono de um velho costume: <i>Outrora, a Procissão de Cinzas, com os seus andores tremendos, representando a cólera divina a fulminar os rebeldes, era o corretivo natural das desordens do Entrudo!</i>... Mas considera adequada a substituição daquele cortejo por cerimônias mais intimistas, celebradas no interior das igrejas. E alerta: <i>Satã, o Tentador, não dá tréguas à humanidade, permanecendo à espreita, por novas oportunidades de ação.</i> (segue)</p>   | <p>Conclusão da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Tentações de riquezas, de poder ou de prazeres — na voz melíflua de um político enganador, de um falso amigo ou de um sedutor — exigem que os fiéis permaneçam prevenidos, de maneira que os golpes traiçoeiros do Tentador possam ser aparados e repelidos.</p> <p>seguida do poema<br/><b>POESIA (sic)</b></p> <p>Poema de PRISCILINA DUARTE, sem dedicatória e sem data, de decassílabos entremeados por versos hexassilábicos, distribuídos por seis quadras. De temática obviamente romântica, este poema (apesar de sua pobreza formal) apresenta certo interesse, por incluir-se entre aqueles em que a poetisa aproxima-se da temática consagrada pelos versos populares, tentando "contar uma história".</p>  | <p>Conclusão do poema<br/><b>POESIA (sic)</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Transcrição de uma extensa matéria de ALBERTO FARIA publicada no diário <i>Cidade de Campinas</i>. Sob a epígrafe "Letras: Periódico Feminino", o jornalista, respeitado crítico e polemista, procura (num texto prolixo e rebuscado) fornecer um perfil das letras femininas brasileiras para, em seguida, analisar o conteúdo do primeiro número da <i>Mensageira</i>. Criticando a incongruência de autores — como ALEXANDRE DUMAS Fº — que reconhecem a força do gênero feminino sem admitir a necessidade de aperfeiçoamento da inteligência das mulheres, Faria observa que em países como a França e a Espanha se fazem importantes progressos nesse campo. (segue)</p>   | <p>Continuação do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Mesmo entre nós, já surgem grandes escritoras como a poetisa JÚLIA CORTINES ou a romancista JÚLIA LOPES. Por motivos ignorados, "BRASILIANA" (ÂNGELA DA CUNHA), antiga colaboradora do <i>Diário de Campinas</i>, deixou de produzir romances; mas a <i>falange das novas</i> é grande, incluindo, além das citadas, ADELINA VIEIRA, FRANCISCA JÚLIA, ZALINA ROLIM, PRISCILIANA DUARTE, GEORGINA TEIXEIRA, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, ÁUREA PIRES, ELVIRA GAMA, MARIA EMÍLIA, ANA NOGUEIRA BATTISTA, MARIA JUCÁ, AMÉLIA DE OLIVEIRA, MARIA DE AZEVEDO, ANÁLIA FRANCO e JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO. (segue)</p>  |
| <p>Página 157</p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>O número de mulheres brasileiras que divulgam suas contribuições através da nossa imprensa ascenderia já a 40. Daí a importância da iniciativa de Prisciliana Duarte, que <i>acaba de publicar um periódico, a fim de reunir colegas em harmonioso concerto de vozes, para juntas transmitirem aos santuários das brasileiras — sonhos de artista, ou frutos de acurado estudo.</i> A <i>Mensageira</i> seria, portanto, uma alegre anunciadora da primavera, <i>andorinha espiritual levando nas folhas (...) as flores olorosas de muitos talentos primaveris.</i> Em seu primeiro número destacaram-se JÚLIA LOPES (comparada, aqui, a JÚLIO DINIS); as poetisas JÚLIA CORTINES, PRISCILIANA DUARTE, ZALINA ROLIM e ÁUREA PIRES; e a prosa de MARIA CLARA, SILVIO DE ALMEIDA e J. VIEIRA DE ALMEIDA. (segue)</p> | <p>Página 158</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Destacando a correção da linguagem utilizada pela revista (<i>coisa rara em publicações nacionais</i>, em que as incorreções causariam febre no <i>inovidável</i> GASPAR BARREIROS), Faria ainda defende seu amigo campineiro HIPÓLITO DA SILVA das críticas extemadas por ARTUR AZEVEDO — lembrando que o soneto <i>Recuerdos</i> (v. p. 1:9), é obra juvenil, datada de 1880.</p> <p>seguida do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES (II)</b></p> <p>Dando sequência à sua viagem imaginária por mares distantes, JOÃO CÂNDIDO DE CARVALHO, em espaço idêntico ao do primeiro segmento (10 quadras de octossílabos), declara já sentir saudades da amada que ficou em terra — saudades reforçadas pelo canto de uma sereia que adverte: são vãos os sonhos de glória e de aventura, é em direção ao amor que o navegante deve se voltar.</p> | <p>Página 159</p> <p>Conclusão do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES (II)</b></p> <p>seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>O único fragmento incluído nesta edição da revista foi extraído do <i>Livro das Noivas</i> (1896), de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. Nele, a escritora (citando SPENCER) enfatiza a necessidade de se permitir às crianças livre expressão física.</p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Margarida Bottard: aos 75 anos de idade, a mais antiga enfermeira dos hospitais de Paris, acaba de ser condecorada pelo governo francês, passando a integrar a Legião de Honra. Júlia Cortines: incluída entre as poetisas paulistas em matéria do n° 7 (p. 1:105), a fluminense JÚLIA CORTINES escreve esclarecendo o engano, declarando ser <i>conterrânea</i> de NARCISA AMÁLIA e não de FRANCISCA JÚLIA ou ZALINA ROLIM.</p> | <p>Página 160</p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Discursos proferidos na Câmara dos Deputados pelo Dr. Costa Machado:</b> o deputado federal COSTA MACHADO, homem de <i>adiantadas idéias</i>, remeteu à revista um exemplar de seus discursos no Congresso Nacional (período 1891-1895). <b>Bispoado Sul-Mineiro:</b> concorrendo com outras cidades sul-mineiras, Pouso Alegre foi a escolhida para sediar o novo bispoado de MG; a redação elogia a escolha lembrando que <i>entre as suas glórias</i>, Pouso Alegre foi palco do primeiro projeto de constituição imperial — divulgado pelo jornal <i>Pregoeiro Constitucional</i>, dirigido pelo senador JOSÉ BENTO. <b>Recebemos e Agradecemos:</b> além de jornais dos estados de São Paulo e de Alagoas, <i>A Mensageira</i> recebeu um informativo da classe tipográfica carioca e a 5ª edição do <i>Almanaque Popular Brasileiro</i>, de Pelotas (RS), organizado por ALBERTO F. RODRIGUES.</p> |

| São Paulo, 15 de março de 1898 — Ano I, Nº 11  |   |  |   |
|--|---|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |   |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |  |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |   |
| <p><u>Página 161</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (a)</b></p> <p>Artigo que inaugura uma série de 4 textos da catarinense DELMINDA SILVEIRA, publicados sazonariamente pela revista: os dois primeiros (nº 11 e nº 14) dedicados à "Infância"; os dois últimos (nº 19 e nº 23) dedicados à "Mocidade".</p> <p>A articulista, mais conhecida como poetisa, começa declarando escrever expressamente para <i>A Mensageira</i>, que ela classifica como um campo aberto — capaz de acolher não só poemas, como também frutos de sérias cogitações.</p>  | <p><u>Página 162</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (a)</b></p> <p>Em meio a considerações sentimentais a respeito das crianças angelicais passíveis de transformarem-se em detestáveis capetinhas, são explicitados os pressupostos religiosos e ideológicos da autora: <i>O espírito da criança traz em si o germe do bem e do mal; cumpre ao guia, ao educador de sua infância desenvolver-lhe as virtudes, prevenindo-o contra os vícios. Quem desempenhará esse papel? A mãe — mentor natural conferido por Deus.</i></p> | <p><u>Página 163</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (a)</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>VOZ DE SEREIA</b></p> <p>Soneto do poeta e jornalista santista ALBERTO SOUSA (1870-1927), dedicado a um outro colaborador de <i>A Mensageira</i>, seu conterrâneo CÂNDIDO DE CARVALHO. Em versos decassilábicos, Sousa descreve o efeito produzido por um canto feminino ouvido no mar, numa noite de luar.</p> <p>seguido do início da</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal (sem data) de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, abordando superficialmente cinco temas de caráter bem diversificado.</p>   | <p><u>Página 164</u></p> <p>Continuação da</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Manifestando estranheza pela condenação do escritor ÉMILE ZOLA por sua vigorosa acusação ao estado francês (ver o caso DREYFUS, já tratado pela revista no nº 5), a cronista passa a elogiar a excelência das uvas produzidas em São Paulo e a ironizar as curas miraculosas que estavam sendo promovidas pelo engenheiro EDUARDO SILVA.</p> <p>A seguir, é relatado o caso de uma ex-escrava para a qual a Lei Áurea da PRINCESA ISABEL pouco valeu: antes alugada (por seu artigo senhor) por 120\$000 mensais, ela agora recebe do patrão o ínfimo ordenado de 40\$000.</p> <p>(segue)</p>  |
| <p><u>Página 165</u></p> <p>Conclusão da</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A coluna termina saudando a reeleição da poetisa (também educadora e musicista) ADELINA LOPES VIEIRA para o cargo de presidente do "Orfeão Carlos Gomes" (sediado no morro de Santa Teresa, lugar de residência da escritora), do qual ela própria havia sido fundadora; a existência dessa efêmera instituição musical carioca é confirmada por Vincenzo Cemicchiaro em sua <i>Storia della Musica nel Brasile</i> (p. 549).</p> <p>Maria Clara cobra da amiga Adelina o fornecimento das prometidas "Palestras Femininas" para publicação na <i>Mensageira</i> (v. p. I:31) — algo que efetivamente jamais se confirmará.</p> <p>seguida do início do poema</p> <p><b>ELE OU ELA?</b></p> | <p><u>Página 166</u></p> <p>Continuação do poema</p> <p><b>ELE OU ELA?</b></p> <p>Extenso poema do Padre CORREIA DE ALMEIDA (28 quadras de versos de sete sílabas), sem dedicatória, datado de "Barbacena, 24 de fevereiro de 1898".</p> <p>O padre-poeta propõe-se, jocosamente, colocar as redatoras de <i>A Mensageira</i> frente a uma questão paradoxal: enquanto no reino animal o macho é invariavelmente mais bonito do que a fêmea, na espécie humana não há como confirmar essa regra. E conclui: <i>O sexo que é mais devoto é sem dúvida o mais belo.</i></p>       | <p><u>Página 167</u></p> <p>Conclusão do poema</p> <p><b>ELE OU ELA?</b></p> <p>seguida do início da</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Em texto datado de "São Paulo, 10 março — 1898", VIEIRA DE ALMEIDA manifesta suas preocupações com relação ao futuro próximo, nesse inquietante final de século: a eleição do novo Presidente da República (a presidência passará a ser ocupada pelo atual Presidente do Estado de São Paulo, ainda não empossado no Catete) não modificou as perspectivas mais pessimistas: a moeda nacional, por exemplo, continua tendo seu câmbio desvalorizado. <i>Reina a inquietude e o pânico em quase todas as classes da sociedade, porque ninguém mais pode contar com o dia de amanhã!</i></p> <p>O cenário do restante da América Latina não é, tampouco, animador: reinam assassinato e ditadura.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 168</u></p> <p>Continuação da</p> <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Guerras como a da libertação de Cuba do jugo espanhol prolongam-se sem solução, tendendo a generalizar-se. Não bastassem as manifestações colonialistas da Europa, chegam-nos daquele continente perturbações que envolvem questões religiosas, políticas e raciais.</p> <p>O retrógrado articulista vê com inquietação o caso DREYFUS desembocar numa espécie de "semítismo" (sic), temendo que as manifestações de apoio a ZOLA (em São Paulo, inclusive) assumam caráter internacionalista esquerdizante. Sem reconhecer méritos na produção literária desse grande escritor francês, Vieira de Almeida não admite que se invoquem preconceitos religiosos no caso Dreyfus. Apocalíptico, brada: <i>Onde encontraremos salvação? No bojo insondável do futuro, alguma coisa fermenta. Que será?...</i></p> |

**OBSERVAÇÕES:** À primeira vista, a menção (por Maria Emília, na p. 1:170) a CLOTILDE deveria se referir à inspiradora de Comte, Clotilde de Vaux (1815-1846). A frase estoica citada pela articulista remete, no entanto, à piedosa PRINCESA CLOTILDE (Marie-Thérèse-Louise, Clotilde de Sabóia, 1843-1911), conhecida por sua espiritualidade.

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p align="center"><u>Página 169</u></p> <p align="center"><b>Conclusão da<br/>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p align="center">seguida do início do poema<br/><b>MEIO DIA</b></p> <p>Trazendo o subtítulo de "Fragmento de um Poema", esta poesia de ÁUREA PIRES (10 quadras de versos octossilábicos), sem dedicatória e sem data, começa por delinear os contornos de uma paisagem bucólica e serena — para criar suspense, em seguida, a respeito de alguém que vem vindo: quem será aquela bela figura de amazona loira e elegante, em cujo olhar fulgura um estranho brilho de vingança?</p>  | <p align="center"><u>Página 170</u></p> <p align="center"><b>Conclusão do poema<br/>MEIO DIA</b></p> <p align="center">seguida do início do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Esta coluna de MARIA EMÍLIA reaparece depois de ter deixado de circular com os números 9 e 10 da revista. Datada de "Minas, fevereiro de 1898", a crônica desta edição limita-se a comentar um único assunto, referente às sombrias reflexões que ocorreram à mente da articulista depois de presenciar a cerimônia religiosa da Quarta-Feira de Cinzas, numa igreja católica. O reconhecimento da efemeridade da vida humana, o pensamento de que a qualquer momento podemos partir do mundo, deixando os entes amados em abandono, é para Maria Emília um dos maiores suplicios (sic).</p> <p align="right">(segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 171</u></p> <p align="center"><b>Conclusão do texto<br/>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Lembrando-se, no entanto, de uma frase estoica de CLOTILDE, a escritora procura afastar aqueles pensamentos sombrios, passando a apresentar o poema que selecionou para apreciação de suas leitoras:</p> <p align="center"><b>INCONSOLÁVEIS,</b><br/>poesia de FRANCISCA JÚLIA DA SILVA, composta por 5 quadras de versos alexandrinos — na qual a poetisa procura consolar as almas sonhadoras, condenadas a sonhar com um Ideal inexistente.</p> <p>Note-se que este belo poema já havia sido publicado no livro de estreia da poetisa, <i>Mármore</i> (S. Paulo, Horácio Belfort Sabino Editor, 1895), pp. 61-62.</p>  | <p align="center"><u>Página 172</u></p> <p align="center"><b>Poema<br/>POR TERRAS E MARES<br/>(III)</b></p> <p>Poesia de CÂNDIDO DE CARVALHO, dedicada (como de hábito) a MANUEL VIOTTI; sem data.</p> <p>Este terceiro fragmento da série difere dos anteriores por ser mais curto — exibindo apenas 6, em vez das 10 costumeiras quadras de octossílabos.</p> <p>A viagem imaginária encetada pelo poeta prolonga-se mares afora; em noites de lua, a fantasmagórica sombra da desventura vem visitá-lo no navio.</p> <p align="center">seguido do início do texto<br/><b>OS FILHOS</b></p> <p>Texto traduzido de original não identificado. A revista não esclarece se "CLARICE" (que o assina) é a autora ou a tradutora do artigo. (segue)</p> |
| <p align="center"><u>Página 173</u></p> <p align="center"><b>Continuação do texto<br/>OS FILHOS</b></p> <p>De qualquer modo, trata-se de ensaio redundante, às vezes contraditório, acerca da maneira como as crianças devem ser adestradas — com ênfase em aspectos "disciplinares" propriamente ditos. É significativo o apelo à "modernidade" feito pela autora, lembrando às mães que <i>estamos em uma época prosaica que afugentou essas vaporosas filhas do sonho</i> [refere-se às fadas-madrinhas], <i>e não podemos mais contar com os seus socorros sobrenaturais; felizmente passamos sem eles.</i></p> <p>De fato, perpassam pelo texto conceitos de ordem reflexológica ligados à corrente organicista que atingirá seu apogeu nas formulações de Ivan Pavlov (1849-1936, futuro Prêmio Nobel de Fisiologia de 1904) — tendência que, no final de século, tornara-se modismo em países como EUA e Inglaterra. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 174</u></p> <p align="center"><b>Conclusão do texto<br/>OS FILHOS</b></p> <p>É sensível, porém, a defasagem existente entre as recomendações científicas aqui exaradas e as sensatas considerações expostas por Júlia Lopes na "Seleção" do nº 10 (p. 1:159), cujo teor antecipa as propostas libertárias de Maria Montessori (1870-1952).</p> <p align="center">seguida do início das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Acadêmica:</b> Registra-se a efetivação da matrícula, em 09/03/1898, da primeira acadêmica de Direito do sexo feminino de toda a história paulista; trata-se da admissão, após brilhantes provas vestibulares, de MARIA AUGUSTA SARAIVA.</p> <p><b>Testemunho feminino:</b> Transcrevendo uma extensa nota publicada pelo jornal paulitano <i>A Nação</i>, a redação da revista chama a atenção para um importante avanço no campo legal. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 175</u></p> <p align="center"><b>Conclusão das<br/>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Na França, as mulheres já estão fazendo uso do direito de apresentar testemunho oficial — por exemplo, no registro do nascimento de seus próprios filhos.</p> <p>Uma curiosidade: no Havre, uma freira (Sóror SAINT-ÉTIENNE) que testemunhava o casamento de um certo Monsieur VIGEON, acabou revelando sua condição de viúva (MME. BLANCHOT, sic), pois fora casada com um oficial da marinha francesa morto na guerra franco-prussiana.</p> <p><b>Recebemos e Agradecemos:</b> Entre os diversos títulos mencionados, destaca-se uma revista literária feminina (<i>A Palavra</i>) publicada em Penedo, AL — e o periódico gaúcho <i>Corimbo</i> (das irmãs REVOCATA HELOÍSA DE MELO e JULIETA DE MELO MONTEIRO), que, já em seu 15º ano, deixa de ser semanal para se tomar quinzenal.</p> | <p align="center"><u>Página 176</u></p> <p align="center"><b>Poema<br/>FELIZ ENCONTRO</b></p> <p>Poesia de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, dedicada à prima e colaboradora MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, sem data.</p> <p>Em 32 versos alexandrinos dispostos de maneira assimétrica, a poetisa narra a história de um pobre cego que se apaixona por uma moça que vivia triste e lamentosa, em decorrência das feias cicatrizes nela deixadas por um surto de varíola.</p>   |

| São Paulo, 31 de março de 1898 — Ano I, Nº 12  |  |  |  |
|--|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |  |  |
| <p><u>Página 177</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p>Início do texto<br/><b>UMA SAUDAÇÃO</b></p> <p>Carta de ANÁLIA FRANCO (1853-1919), implicitamente dirigida à diretora de <i>A Mensageira</i>, datada de "S. Paulo, 17 de março de 1898".<br/>A conhecida educadora, já por essa época empenhada numa luta incessante em prol das crianças carentes, começa esclarecendo não ter fundamento o boato de que ficara cega, divulgado pelo nº 3 da revista (ver p. 148). Embora tenha sofrido diminuição em sua visão, continua empenhada no trabalho que já a ocupa há algum tempo. (segue)</p>  | <p><u>Página 178</u><br/>Continuação do texto<br/><b>UMA SAUDAÇÃO</b></p> <p>Saudando a redação da <i>Mensageira</i> — cujas colaboradoras emergiriam da corrente do <i>indiferentismo que nos gela</i>, Anália Franco considera grandiosa a tarefa a que se propõe a revista: <i>pugnar pelos direitos e deveres da mulher brasileira, pois o progresso reclama a educação universal e pede costumes novos</i>. Lembrando as advertências do historiador francês FRANÇOIS GUIZOT (1787-1874) e o exemplo da reforma promovida por PHILIPPE DE MARNIX e GUILHERME DE ORANGE na Holanda quinhentista, a escritora (de filiação espírita) enfatiza o papel que a educação religiosa deverá desempenhar na reorganização da humanidade e no combate ao <i>materialismo esterilizador</i> dominante.</p> | <p><u>Página 179</u><br/>Conclusão do texto<br/><b>UMA SAUDAÇÃO</b><br/>seguida do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(IV)</p> <p>Poesia de CÂNDIDO DE CARVALHO (trazendo sempre a dedicatória ao poeta MANUEL VIOTTI); sem data; dez quadras de octossílabos.<br/>Neste quarto fragmento da série de seis, o navegante encontra-se em terra firme, depois de ter naufragado — mas maldiz o árido país que o acolheu, povoado apenas por miragens enganadoras.<br/>A epígrafe (dois versos de BYRON, citados em inglês) esclarece a fonte de inspiração de Cândido de Carvalho: o célebre poema <i>O Corsário</i> (1814), em que o infeliz protagonista encarna, da maneira mais extremada possível, a trágica condição da insatisfação humana.</p> | <p><u>Página 180</u><br/>Conclusão do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(V)<br/>seguida do início do texto<br/><b>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</b></p> <p>Transcrição do principal trecho de um discurso pronunciado em Pernambuco (em dezembro de 1897) pelo crítico literário OLÍMPIO GALVÃO.<br/>Destacando o segmento em que o autor se refere à necessidade da educação feminina, a revista enfatiza as opiniões progressistas de Galvão: contrariando o parecer de CESARE LOMBROSO (<i>negando à mulher o gênio e até mesmo de alguma forma o talento</i>), considera o espírito feminino <i>predispósito a receber todas as luzes que difundem sobre nós os diversos ramos dos conhecimentos humanos</i>. (segue)</p>   |
| <p><u>Página 181</u><br/>Continuação do texto<br/><b>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</b></p> <p>O aprimoramento feminino permitiria não só o acréscimo das <i>graças do espírito e caráter</i> à beleza física das mulheres (como assegurado pelo filósofo liberal francês PAUL JANET, 1823-1899); permitiria também seu fortalecimento moral (como já fora assinalado pelo médico austríaco BARÃO DE FEUCHTERSLEBEN, 1806-1849, em sua célebre obra <i>Higiene da Alma</i>, de 1839). Não faltam, na Europa, exemplos de mulheres que lideram suas compatriotas — como a veterana GUIOMAR TORRESÃO (1844-1898), em Portugal, e a jovem ADA NEGRI (1870-1945), na Itália.<br/>Embora o Brasil esteja longe da <i>alta política</i> que caracterizaria países avançados como a Inglaterra e os EUA, e o meio ainda seja desfavorável ao florescimento das vocações femininas, já contamos com escritoras de elevada distinção.</p> | <p><u>Página 182</u><br/>Continuação do texto<br/><b>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</b></p> <p>Avultam, entre elas, PRISCILIANA DUARTE, por seu papel aglutinador — e, no Sul do País, a <i>papisa das letras gaúchas</i> REVOCATA DE MELO, cercada por JULIETA DE MELO MONTEIRO, CAROLINA VON KOSE-RITZ, PAULA FERREIRA, ANDRADINA DE OLIVEIRA, TERCÍLIA NUNES e outras; no Sudeste do Brasil, distinguem-se FRANCISCA JÚLIA DA SILVA (comparada por JOÃO RIBEIRO aos parnasianos franceses LECONTE DE LISLE e JOSÉ-MARIA DE HEREDIA), secundada pelas poetisas JÚLIA CORTINES, ZALINA ROLIM, ÁUREA PIRES, GEORGINA TEIXEIRA e pelas prosadoras MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, IBRANTINA CARDONA e MARIA EMÍLIA LEMOS.</p>  | <p><u>Página 183</u><br/>Conclusão do texto<br/><b>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</b><br/>seguida do poema<br/><b>AO ROMPER DA LUA</b></p> <p>Poesia de DELMINDA SILVEIRA, sem dedicatória, sem data.<br/>Em quatro sextilhas de versos decassilábicos, o eu lírico dessa autora expande-se em considerações a respeito da lua nascente, cuja luz poderá apontar-lhe o <i>plácido retiro onde minha ventura se escondeu!</i></p> <p>seguida do início da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p>   | <p><u>Página 184</u><br/>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal (sem data) de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.<br/>Dois terços do espaço reservado para sua coluna são utilizados para que se relate um "caso exemplar", edificante, em que Maria Clara explicita suas teorias burguesas a respeito da transitoriedade dos bens materiais e da construção da felicidade conjugal.<br/>Uma amiga carioca, residente em Botafogo, veio cortar-lhe, penalizada, o caso de Laura — a esposa de um banqueiro arruinado que tivera que entregar todos os seus bens no pagamento de dívidas; para sobreviver, ele terá que aceitar um modesto emprego burocrático, incompatível com a manutenção das festas e das recepções a que Laura estava habituada. O constrangimento de Laura é tão grande que ela se sente compelida a sair do Rio de Janeiro. (segue)</p> |



**OBSERVAÇÕES:** Na p. 1:181 menciona-se, ao lado da célebre poetisa ADA NEGRI, certa romancista italiana, MARIA DE GARDO. Não foi possível confirmar a existência de escritora com esse nome — mesmo apelando-se para a consulta a obras especializadas como o *Dizionario Biografico Universale* do Prof. Gottardo Garollo (Milano, Edit. Ulrico Hoepli, 1907, 2.118 pp), que lista cerca de 80.000 personalidades. Suspeitamos, por esse motivo, tratar-se de mais um erro de transcrição de manuscritos por parte do linotipista de *A Mensageira*: a escritora referida seria a célebre MATILDE SERAO (1856-1927).

| Página 185   | Página 186  | Página 187   | Página 188  |
|--|---|--|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Continuação da<br/>CARTA DO RIO</b></p> <p>A articulista não vê nisso tudo motivo para lamentações: saudável e capacitada para o trabalho, aquela família poderá perfeitamente sobreviver ao empobrecimento e reconquistar a felicidade: <i>Acho que o luxo é o maior fator da desgraça. Na mulher principalmente (...).</i></p> <p>A própria Maria Clara narra à amiga, a seguir, a história de uma moça rica de Niterói que se casara com um advogado pobre. Durante algum tempo, alegando ser portadora de um rico dote, ela dissipava seu próprio patrimônio em frivolidades — até o momento em que o marido lhe apresenta o registro de todas as suas despesas, mostrando ter se esgotado o valor do dote. A partir daí, obrigados a viver de acordo com suas posses efetivas, o casal vive feliz... (segue)</p>                                    | <p style="text-align: center;"><b>Continuação da<br/>CARTA DO RIO</b></p> <p>O terço final da coluna ainda traz dois comentários da articulista: ela saúda a iniciativa do sr. ARTUR AGUIAR, que montou no Engenho Velho uma fábrica de gelo, importante <i>melhoramento</i>, garantia de <i>progresso</i> para aquele bairro carioca; a inauguração da empresa, à qual Maria Clara esteve presente, contou com a participação da esposa do empresário, dona MARIA DA GLÓRIA AGUIAR.</p> <p>O último assunto abordado diz respeito a um curioso casamento realizado numa igreja católica do Canadá, em que os oito filhos e filhas do sr. MARIN se tomaram cônjuges dos oito filhos e filhas de um vizinho, sr. RÉAUME; Maria Clara enfatiza, jocosamente, o caráter prático desse <i>casamento por atacado</i>.</p>  | <p style="text-align: center;"><b>Conclusão da<br/>CARTA DO RIO</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/>SANTA</p> <p>Soneto de BENTO ERNESTO JÚNIOR, de "Minas Gerais", dedicado a LINDOLFO XAVIER, sem data. Em decassílabos de técnica deficiente e gosto duvidoso, descrevem-se as qualidades de uma bela "santa" profana.</p> <p style="text-align: center;">seguido do início da<br/>SELEÇÃO</p> <p>Numa substancial seqüência de três fragmentos, alinham-se considerações de SANTO AGOSTINHO (354-430 d. C.) enfatizando o papel da mulher como <i>companheira e igual do homem</i> e reflexões do escocês SAMUEL SMILES (1812-1904), precursor da chamada literatura de "auto-ajuda", extraídas da obra <i>Character</i> (de 1871) — (segue)</p>   | <p style="text-align: center;"><b>Conclusão da<br/>SELEÇÃO</b></p> <p>— em que salienta-se o papel complementar do "coração" feminino e da "cabeça" masculina, além de chamar-se a atenção para o desvirtuamento da educação dos rapazes (voltada para o individualismo) e das moças (em que é cultivada a dependência); no fragmento final, o DR. COSTA MACHADO lembra a figura da literata francesa OLYMPE DE GOUGES (1748-1793), que antes de ser conduzida à guilhotina protestou, em nome do gênero feminino: <i>Se nós temos o direito de subir ao cadafalso, devemos ter também o direito de subir à tribuna.</i></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/>TRIOLÉ</p> <p>Poesia assinada por "OLGA P.", sem dedicatória, datada de "2 — 98", notável por seu requinte técnico.</p>  |
| <p style="text-align: center;"><b>Página 189</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Poema<br/>ÊXUL</b></p> <p>Soneto em versos decassílabos de HERÁCLITO VIOTTI, extraído da obra <i>Vai de Goivos</i>, dedicado "A uma indiferente" e datado de "Minas, 1898".</p> <p>Desengamado em sua ligação a uma mulher que não o ama, o poeta parte, para exilar-se em lugar distante.</p> <p style="text-align: center;">seguido do início das<br/>NOTAS PEQUENAS</p> <p>Restringe-se a um único tópico as "Notas Pequenas" desta edição. A redação da revista recebeu uma carta da polígrafa portuguesa GUIOMAR TORRESÃO — datada de "Lisboa, 11 de fevereiro de 1898" — em que aquela conhecida escritora cumprimenta <i>A Mensageira</i> por seu papel de porta-estandarte do movimento feminista no Brasil, de portadora de um ideal progressista, <i>aspiração para uma nova era</i>.</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 190</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Conclusão das<br/>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/>FUNÉREA</p> <p>Poema de PERPÉTUA DO VALE, composto por três quadras de versos de nove sílabas (de tempo atenuado). Embora não esteja datado, o poema foi elaborado há poucos dias, visto estar explicitada sua dedicatória ao poeta catariense JOÃO DA CRUZ E SOUSA (nascido em 1861 e falecido em 19 de março de 1898). Trata-se, a rigor, de uma nênia, poema elegiaco fúnebre.</p> <p style="text-align: center;">seguido do texto<br/>MARIA MONTEIRO</p> <p>Transcrição do necrológio da contralto campineira MARIA MONTEIRO (1870-1898), que, ainda muito jovem, morreu de tuberculose, em 15 de fevereiro de 1898, depois de uma fulgurante carreira como cantora lírica. (segue)</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 191</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Continuação do texto<br/>MARIA MONTEIRO</b></p> <p>Enquanto a redação de <i>A Mensageira</i> enfatiza os aspectos mais gloriosos da trajetória artística da moça, o texto reproduzido a seguir (publicado originalmente no <i>Jornal do Comércio</i>, do Rio de Janeiro) salienta aspectos mais dramáticos de sua biografia: assim como seu parente CARLOS GOMES (1836-1896), Maria Monteiro teria sofrido privações ao perder a proteção de PEDRO II, por ocasião da Proclamação da República (1889). Superara, no entanto, todas as dificuldades, impondo-se por suas próprias capacidades de interpretação — até tornar-se vítima dos ciúmes do italiano com quem se casara, que acabou exigindo seu afastamento da cena lírica. Nessas condições, já doente e isolada do convívio de seus colegas e de seus compatriotas, extingue-se em Gênova, melancolicamente só, sem retornar à sua terra natal.</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 192</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Conclusão do texto<br/>MARIA MONTEIRO</b></p> <p style="text-align: center;">seguida de<br/>A MENSAGEIRA</p> <p>Transcrevem-se nesta seção excertos de três periódicos procedentes de diferentes pontos do território nacional. <i>A Farpa</i>, de Porto Alegre, aponta como exemplo para as gaúchas as redatoras de <i>A Mensageira</i>, cujas produções são firmadas por senhoras que <i>compreendem que a sua missão não deve limitar-se somente às preocupações domésticas, e, sim, também, procurar o desenvolvimento intelectual.</i></p> <p>Tanto o carioca <i>Jornal do Comércio</i> como a <i>Cidade de São João</i> (cuja procedência exata não foi possível determinar) fazem, igualmente, considerações elogiosas à <i>Mensageira</i>, ressaltando o papel desempenhado por PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.</p> |



| São Paulo, 15 de abril de 1898 — Ano I, Nº 13   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |   |  |
| <p><u>Página 193</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>MÁRTIR DE AMOR</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado à poetisa ÁUREA PIRES, sem data.</p> <p>Observe-se (cf. "Notas Pequenas", p. I:207) que esse texto substitui, neste número da revista, a costumeira coluna de crônicas de Maria Clara, "Carta do Rio".</p> <p>A história narrada tem como protagonista o infeliz Lúcio — jovem advogado que, resistindo aos conselhos do amigo Marciano, insiste em casar-se com Corina.</p>   | <p><u>Página 194</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>MÁRTIR DE AMOR</b></p> <p>As reservas de Marciano quanto a essa moça diziam respeito à sua índole doentia: avó e mãe teriam lhe transmitido a predisposição a condutas reprováveis... Incapaz de resistir, Lúcio se casa — logo descobrindo que Corina herdara, além dos vícios maternos, o alcoolismo do pai.</p> <p>Envergonhado, o rapaz transfere-se para uma cidade do interior de Minas, onde passa a ocupar o cargo de Juiz de Direito.</p>  | <p><u>Página 195</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>MÁRTIR DE AMOR</b></p> <p>O final da história não poderia ser mais espetacular: burlando a vigilância do marido para que não obtenha bebidas alcoólicas, Corina embreda-se e segue em direção ao lugar onde Lúcio preside um importante julgamento. Ao vê-la invadindo a sala embriagada e seminua, o juiz não resiste: <i>tomba instantaneamente morto aos pés daquela mulher fatal!</i>...</p> <p>É interessante observar como a autora tenta conciliar, neste conto, a concepção romântica das situações delimitadas com uma leitura naturalista das motivações internas da principal personagem feminina (Corina).</p>  | <p><u>Página 196</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>MÁRTIR DE AMOR</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>AMARGURAS</b></p> <p>Soneto em decassílabos, de GEORGINA TEXEIRA, sem dedicatória e sem data. Amargas considerações a respeito da efemeridade dos sentimentos felizes. O subtítulo "traduzido" indica tratar-se de um poema alheio — mas não há indicação do autor ou do idioma dos versos originais.</p>  |
| <p><u>Página 197</u></p> <p><b>PRIMÍCIAS</b></p> <p>Severa resenha crítica da coletânea poética <i>Primícias</i>, versos de autoria do poeta sergipano AUGUSTO ÁLVARO DE CARVALHO ARANHA (1876-1928), acadêmico da Faculdade de Direito de São Paulo, da qual só sairá formado no ano de 1901.</p> <p>Note-se que essa obra, lançada originalmente em São Paulo, em 1896 — quando seu autor tinha apenas 20 anos de idade — já tivera seu recebimento registrado pela redação da <i>Mensagem</i> no nº 2 (v. p. I:128).</p> <p>O autor da resenha, o professor de Itapira ARTUR ANDRADE (v. p. I:28), revela, no final do texto — datado de "S. Paulo, 6-4-98" —, ter sido especialmente designado pela diretora da <i>Mensagem</i> para a tarefa de criticar esse livro.</p> | <p><u>Página 198</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>PRIMÍCIAS</b></p> <p>Salientando o ecletismo do poeta estudante, não filiado a nenhuma corrente estética, o crítico acusa-o de limitar-se à imitação, de percorrer o <i>circulo vicioso da emulação</i>.</p> <p>Nessas <i>Primícias</i>, embora não faltem momentos felizes, não haveria afirmação de individualidade literária — fato agravado pela falta de cuidado no manejo da língua — daí resultando uma <i>estréia infeliz</i>, que poderia ter sido evitada se o poeta tivesse resistido à pressa em dar publicidade às suas produções.</p> | <p><u>Página 199</u></p> <p><b>PRIMAVERA NO CAMPO</b></p> <p>Trazendo o subtítulo de "Quadro", esta <i>Primavera no Campo</i>, datada de "S. Paulo — 1898", corresponde a um poema em prosa do polígrafo baiano EURICO DE GÓIS (1878-1938), extraído da obra <i>Lentejoulas</i> (sic).</p> <p>É preciso observar que, assim como seu colega da Academia de São Paulo, Carvalho Aranha (v. p. I:197), Góes ainda é estudante, graduando-se em Direito só no ano de 1902; o dedicatário do texto divulgado é, no entanto, um veterano: trata-se do conhecido crítico literário cearense ARARIPE JÚNIOR (1848-1911), um dos membros fundadores da recém-constituída Academia Brasileira de Letras (1897).</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 200</u></p> <p>Continuação do poema em prosa<br/><b>PRIMAVERA NO CAMPO</b></p> <p>É difícil encontrar méritos consistentes nessa produção do acadêmico baiano.</p> <p>Nela temos, na verdade, não um único quadro, mas uma sequência de três quadros bucólicos que descrevem sequencialmente o alvorecer, o meio-dia e o anoitecer.</p> <p>Em meio a uma torrente verborrágica de adjetivos preciosistas, empregados numa minuciosa descrição da natureza, os únicos momentos que chamam a atenção do leitor são aqueles correspondentes à passagem de um carro de boi (conduzido por um exótico carreiro) e, ao anoitecer, a ruidosa aparição de uma tropa de mulas que se encaminha à vila.</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Nesta que foi sua última "Crônica Onímoda", publicada em I(13):203-204, o professor João Vieira de Almeida faz alusões a diversas figuras bíblicas — tanto do Antigo (DAVI) como do Novo Testamento (JESUS CRISTO, JUDAS ISCARIOTES, BARRABÁS, NICODEMOS E JOSÉ DE ARIMATÉIA). Nas "Notas Pequenas" da p. I (13):207 mencionam-se peças dos compositores AURÉLIO CAVALCANTI, AMÉRICO DA COSTA e ALEXANDRE WEISSMANN.

| Página 201  | Página 202  | Página 203   | Página 204   |
|---|---|--|--|
| <p>Conclusão do poema em prosa<br/><b>PRIMAVERA NO CAMPO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>DE TARDE</b></p> <p>Extenso poema de feição irregular, de ÁUREA PIRES; sem dedicatória e sem data. A indicação "fragmento de um poema" dá a entender que se trata de um excerto de obra mais extensa. Embora a expressão seja frequentemente utilizada por poetas do século XIX sem essa significação literal, verificaremos, depois, que esta poetisa fez publicar na <i>Mensagem</i> — em I:169-170, 201-202 e 238-239 e em II:4-6 — trechos de um poema dramático, <i>Indiana</i>, que será editado na íntegra, em livro, em 1902.</p> <p>(segue)</p>  | <p>Conclusão do poema<br/><b>DE TARDE</b></p> <p>Começando com duas estrofes assimétricas de versos alexandrinos, o poema compreende um trecho dialogado (égloga) em 12 quadras de versos em redondilha menor. Sob inspiração obviamente arcádica, é descrita a cena do encontro entre dois jovens amantes, Indiana e Juvenal. O casal troca juras de amor, antes de despedir-se (momento fixado em dois novos alexandrinos correspondentes à última fala de Juvenal).</p>  | <p><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>Retorna a crônica quinzenal de J. VIEIRA DE ALMEIDA, depois de ter falhado no nº 12 (como já ocorrera anteriormente, no nº 7). Esta vem datada de "S. Paulo, 27 de março de 1898", dedicando-se inteiramente a um único assunto: escrevendo no final da Quaresma, o professor Vieira de Almeida faz uma curiosa analogia entre a agonia de CRISTO e a ruína da economia brasileira — que, depois de ter sido unanimemente louvada com hosanas (no começo da República), caiu em desgraça e começa a trilhar o caminho do Calvário. <i>Haverá também para ela o prazo de três dias, passados os quais ressuscitará? (...) Depois das trevas do Sepulcro, virão os esplendores do Paraíso prometido (...)?!...</i></p>  | <p>Continuação da<br/><b>CRÔNICA ONÍMODA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>A GIACOMO LEOPARDI</b></p> <p>Belíssimo poema de JÚLIA CORTINES, sem data, dedicado a um dos maiores poetas da Itália, GIACOMO LEOPARDI (1798-1837) — cujo centenário de nascimento está sendo comemorado em 1898. Desenvolvido em seis tercetos e uma quadra de versos decassilábicos, este poema revela a consciência da proximidade entre o elegíaco estoicismo da própria Cortines e o agnosticismo pessimista de Leopardi. Nos dois últimos versos, a identidade entre ambos é magistralmente explicitada: (...) <i>esse teu coração, que a dor enlaça, é o coração que pulsa-me no seio.</i></p> |
| <p><b>Página 205</b></p> <p><b>LITERATAS SUECAS</b></p> <p>Depois de ter passado em revista as letras femininas da Polónia (nº 5) e dos países de língua inglesa (nº 10), ELMANO DO VAL dedica estas novas "notas" à enumeração das principais escritoras contemporâneas da Suécia. Superada a fase naturalista à ZOLA — em que AUGUST STRINDBERG (1849-1912) encarregou-se de renovar a literatura de seu país — surgiu, por volta de 1890, a reação antinaturalista capitaneada por VERNER VON HEIDENSTAM (1859-1940, Prêmio Nobel de Literatura de 1916) e OSKAR LEVERTIN (1862-1906). Foi reforçada, assim, a independência das letras suecas com relação à literatura do restante da Europa (fato digno de imitação, segundo o articulista, que lamenta serem poucos os brasileiros nacionalistas em matéria literária). As letras suecas tiveram duas grandes precursoras, já falecidas:</p> <p>(segue)</p> | <p><b>Página 206</b></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>LITERATAS SUECAS</b></p> <p>a Duquesa de Cajanello, ANNE CHARLOTTE EDGREN-LEFFLER (1849-1892) e VICTORIA BENEDICTSSON (1850-1888). Na atualidade (anos 1890), avultam as personalidades de SELMA LAGERLÖF (1858-1940, Nobel de Literatura de 1909) e ELLEN KEY (1849-1926), conhecida por sua atuação em prol das mulheres e das crianças. Mas podem ser citadas ainda as romancistas ANNA MARIA LOVISA WAHLENBERG (1858- ?), MATHILDE MALLING (1864- ?) e MATHILDE ROOS, além das feministas MME. ALFHILD AGRELL (1849- ?) e MME. GER-NANDT CLAINÉ.</p> <p>seguida do poema<br/><b>IMMUTABLE SEMPER!</b></p> <p>Poema (estrofe única, de dez versos decassilábicos) da mesma "OLGA P." que assina o "Triolé" do número anterior.</p> | <p><b>Página 207</b></p> <p>Poema <b>POESIA</b></p> <p>Versos de nove e de quatro sílabas, sem dedicatória, sem data, de PRISCILLANA DUARTE — que medita a respeito do caráter ilusório da felicidade.</p> <p>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Carta do Rio:</b> a coluna de MARIA CLARA deixou de circular com o presente número por encontrar-se a articulista, em companhia do marido (o engenheiro JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS), em visita à cidade de São Paulo.</p> <p><b>Recebemos e Agradecemos:</b> novas músicas editadas pela casa de JÚLIA FILIPPONE.</p> <p><b>Nomeação Honrosa:</b> as feministas francesas festejam a nomeação de uma mulher (MADELEINE LEMAIRE, 1845-1928) para o magistério de desenho botânico no Museu de História Natural.</p> <p>seguidas de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> | <p><b>Página 208</b></p> <p>Conclusão de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Transcrevendo textos de elogiosa acolhida à revista, divulgados por três periódicos diferentes (o paulistano <i>A Nação</i> e os mineiros <i>Gazeta de Leopoldina</i> e <i>Minas Gerais</i>, de Ouro Preto), esta seção inclui menções nominais a PRISCILLANA DUARTE DE ALMEIDA, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, MARIA EMÍLIA LEMOS, ÁUREA PIRES, DELMINDA SILVEIRA e DOLORES ALCÂNTARA DE ARAÚJO; a SÍLVIO DE ALMEIDA, AURÉLIO NEVES, CÂNDIDO DE CARVALHO, MANUEL VIOTTI, ELOY ALFARO e FRANCISCO LINS.</p>  |

| São Paulo, 30 de abril de 1898 — Ano I, Nº 14  |  |  |  |
|--|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |  |  |
| <p><u>Página 209</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (b)</b></p> <p>Artigo de DELMINDA SILVEIRA, em que a poetisa e educadora catariense retoma suas considerações — iniciadas no nº 11 (pp. 1:161-163) — a respeito da infância. Mais uma vez, é preciso assinalar que as idéias dessa autora são desenvolvidas retoricamente, sem maior preocupação em aprofundar-se no assunto abordado ou em sistematizar conceitos que são expostos de maneira frouxa e superficial. (segue)</p>   | <p><u>Página 210</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (b)</b></p> <p>Na contramão das preocupações de suas coetâneas Júlia Lopes (que luta pela multiplicação das creches e pela democratização do ensino) e Zalina Rolim (que assume papel importante junto ao primeiro jardim da infância instituído em São Paulo), Delminda propõe que as crianças de sete anos sejam alfabetizadas em casa, pelas mães: <i>Ah, por Deus! mães carinhosas, não mandeis vossos pequenos amores tão cedo ao colégio!</i> Caberia às mães, portanto, conscientizar as crianças de seus deveres e ensinar-lhes boas maneiras — apelando sempre para preceitos de cunho religioso, mas sem descambar para práticas de fanatismo. (segue)</p>                          | <p><u>Página 211</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (b)</b></p> <p>Seria necessário encontrar o ponto de equilíbrio entre a livre manifestação da vivacidade infantil e sua contenção (<i>sabei reprimi-los, a tempo, pela obediência; sustai-os com um só olhar</i>). Mencionando ainda — sem questioná-las — as limitações impostas aos jovens estudantes por sua situação econômica, a autora considera natural, igualmente, que as moças destituídas de recursos tenham seu aprendizado limitado aos afazeres domésticos, enfatizando a necessidade de manterem-se elas sempre dóceis e obedientes...</p>   | <p><u>Página 212</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (I) (b)</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>SÓ</b></p> <p>Soneto em decassílabos de MANUEL VIOTTI, dedicado a BENTO BARRETO, com epígrafe do poeta fluminense LUIS MURAT (1861-1929); o autor lamenta a desilusão amorosa que o condenou à solidão.</p> <p>seguido do poema</p> <p><b>ANFITRITE</b></p> <p>Modelar soneto em alexandrinos de FRANCISCA JÚLIA, sem dedicatória e sem data. É muito proveitosa a comparação entre este poema e o soneto homônimo de Alberto de Oliveira publicado em I(7):103 — predomina naquele a visualidade, enquanto aqui, em Francisca Júlia, percebe-se uma sensorialidade bem mais ampla.</p>   |
| <p><u>Página 213</u></p> <p><b>NO MEU ATELIER</b></p> <p>Conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. Trazendo o subtítulo de "Páginas de uma Carteira", o texto simula ser resultante da compilação de páginas soltas do diário de um escultor, compondo-se de quatro fragmentos díspares; a narração é feita na primeira pessoa. No primeiro fragmento, o mais longo de todos, o artista conta ter recebido a visita de uma velha, acompanhada de uma moça tímida que vinha se oferecer como modelo para a Vênus planejada pelo escultor. Apesar de suas formas perfeitas, a jovem não lhe serve: não tem a maturidade requerida para uma deusa do amor. Mas, convido das privações sofridas pelas duas mulheres, desempregadas, contrata a velha (avó da moça) como modelo para uma estátua de mendiga encomendada por uma instituição de caridade. (segue)</p> | <p><u>Página 214</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>NO MEU ATELIER</b></p> <p>Ambas, porém, desaparecem. Intrigado, o escultor vai procurá-las, cientificando-se de que a neta não permitira que a velha aceitasse a proposta: ficara terrivelmente enciumada da avó... Na segunda "página", o artista coloca no papel seu desabafo contra uma determinada baronesa que encomendou um retrato dela própria, "ao gosto dele" — mas o contradiz sistematicamente em todas as suas sugestões. O terceiro fragmento corresponde a uma reflexão: ao contemplar uma estatueta de bronze arruinada, figurando um mendigo cego, o escultor reconhece nele uma obra-prima anônima — concluindo que o artista traz em si a condição da efemeridade, enquanto a obra de arte é permanente. (segue)</p> | <p><u>Página 215</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>NO MEU ATELIER</b></p> <p>No quarto e último trecho, o artista reconhece que nos momentos difíceis é a contemplação de suas próprias obras (e não das obras alheias) que o consola.</p> <p>seguida do início do conto</p> <p><b>O JUCA DA GENEROSA</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a ADOLFO MALEVOLT; sem data. Pela segunda vez um conto toma o lugar da costureira "Carta do Rio", pelo mesmo motivo exposto na nota da p.1:207 — Maria Clara e o marido, residentes no Rio, passam uma temporada de férias na capital paulista. O texto substitutivo, "O Juca da Generosa", talvez pudesse ser melhor classificado como crônica, pois é evidente que a escritora está se referindo a uma figura real, de Pouso Alegre, cujas características são vivamente delineadas.</p> | <p><u>Página 216</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>O JUCA DA GENEROSA</b></p> <p>"Juca da Generosa" — isto é, o Juca filho de dona Generosa — morava naquela cidade mineira, torrão natal dos primos da autora, Prisciliana Duarte e Sílvio de Almeida. Era um rapaz vigoroso e simpático, que na década de 1860 participara, como voluntário, da Guerra do Paraguai. Apesar de analfabeto, era bastante inteligente; apreciava muito as execuções musicais e gostava de improvisar versos em situações mais exaltadas. Pobre, trabalhava honestamente como diarista, em funções braçais. Mas de vez em quando se embriagava e se tomava importuno, chegando a ser detido, para curar a bebedeira na prisão. Por esse motivo, prezava muito a liberdade, tendo certa ocasião gastado o equivalente a uma semana de trabalho para libertar passarinhos que um moleque capturara com um alcapão. (segue)</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. 223, a frase de Michelet que serve de epígrafe para o poema de Maria Jucá refere-se nominalmente ao assassino de Júlio César (BRUTO) e à assassina de MARAT, CHARLOTTE CORDAY — inspiradora tanto do bem-sucedido golpe do libertário KARL SAND (1795-1820) como do frustrado ato de LOUIS ALIBAUD (1810-1836), o jovem francês julgado, condenado e executado poucos dias depois de ter tentado matar o rei Luís Felipe.

| Página 217  | Página 218  | Página 219   | Página 220  |
|---|---|--|---|
| <p>Continuação do conto<br/><b>O JUCA DA GENEROSA</b></p> <p>E morre bobamente, ao lançar-se, bêbedo, às águas de um rio em fase de enchente — o Mandu, afluente do Sapucaí, formoso rio que banha Pouso Alegre.</p> <p>Além de tratar-se de um texto que evidencia as capacidades descritivas e o humor de Maria Clara, este conto-crônica reveste-se para nós de especial interesse por revelar-nos prováveis flagrantes da vida de sua autora. Desfilam pelo texto não só a folclórica figura do Juca, como também tipos interiores característicos (como o menino passarinho e o maestro da banda do lugar). As angustiadas visitas da mãe do Juca ao juiz de direito local, nas ocasiões em que o rapaz "aprontava" e ia para a cadeia, devem se basear nas experiências pessoais de Maria Clara (em I:272 teremos a confirmação de que ela era, de fato, filha de um juiz). (segue)</p> | <p>Conclusão do conto<br/><b>O JUCA DA GENEROSA</b></p> <p>Interessam, igualmente, os valores monetários mencionados no texto: quando dá ao menino 4\$000 em pagamento pelos passarinhos, Juca está investindo valor próximo ao de uma semana de trabalho como diarista — isto é: ganha aproximadamente 1\$000 por dia, como braçal, o que deve equivaler, hoje, a R\$10,00 diários. Comparativamente, sabendo-se que um exemplar do jornal <i>O Estado de São Paulo</i> era vendido naquela época por \$100 (cem réis) — e que esse mesmo exemplar é vendido hoje por aproximadamente R\$1,00, constatamos que um número da <i>Mensagem</i>, com preço de capa de 1\$000, custaria hoje o equivalente a R\$10,00.</p> <p>seguida do texto<br/><b>LÁGRIMA TARDIA</b></p>  | <p>Continuação do texto<br/><b>LÁGRIMA TARDIA</b></p> <p>Ensaio literário de PERPÉTUA DO VALE, destinado a relembrar a poetisa alagoana MARIA JUCÁ, falecida em 1895. A articulista confessa só ter tomado conhecimento da morte da poetisa agora (v. dedicatória do poema de Adélia Jucá reproduzido em I:224). Não pode, no entanto, deixar de registrá-lo, pois: <i>A Mensageira, na faina de congregar as escritoras nacionais, tem tido grandes alegrias e surpresas, conhecendo literatas que em longínquos estados do Brasil arvoraram a sua tenda do trabalho, mas também tem encontrado revelações dolorosas e motivo de luto para as letras femininas.</i></p> <p>Reproduzindo um revelador poema da poetisa (A LÁGRIMA E O SORRISO), Perpétua esclarece que, procurando obter novas produções da escritora, entrara em contato com a irmã dela. (segue)</p> | <p>Conclusão do texto<br/><b>LÁGRIMA TARDIA</b></p> <p>Obtivera, assim, o soneto "Carlota Corday", de 1889 (reproduzido nas pp. I:223-224) acompanhado da informação de que Maria Jucá, mesmo falecendo ainda muito jovem (deixando um casal de filhinhos), chegara a reunir volumosa produção em prosa e verso, aí incluídas traduções e poesia em língua francesa.</p> <p>seguida do poema<br/><b>HIEMAL</b></p> <p>Soneto em versos alexandrinos de AUREA PIRES, dedicado a ARTUR ANDRADE, sem data.</p> <p>O poema descreve o passar de um dia invernal no campo — dia ao cabo do qual uma lavadeira, em sua casinha, descansa cantando velhas cantigas, aconchegada ao fogo.</p> <p>seguido do ensaio<br/><b>A MULHER</b></p>                      |
| <p>Página 221</p> <p>Continuação do ensaio<br/><b>A MULHER</b></p> <p>Ensaio de FRANCISCO BARROSO — que seria o mesmo jornalista paraibano (1856-1929, segundo Galante de Sousa), membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, mencionado por Wilson Martins em função de uma peça, <i>Marina</i>, lançada em 1920.</p> <p>Barroso enfatiza, em seu artigo, a necessidade de lutar-se pela emancipação da mulher (conferindo-se a ela as mesmas prerrogativas que ao homem são concedidas), como condição prévia tanto para a grandeza da pátria como para a felicidade do gênero humano.</p> <p>Reconhece, no entanto, que têm sido infrutíferas as tentativas nesse sentido — embora lembrando que o êxito dessa luta é questão de tempo e de persistência (os vencidos, de hoje, serão os vencedores de amanhã). (segue)</p>   | <p>Página 222</p> <p>Continuação do ensaio<br/><b>A MULHER</b></p> <p>A educação precisaria ser estendida aos membros de todas as camadas sociais, mas muito especialmente às mulheres, de maneira a torná-las aptas à compreensão de seu papel no progresso social.</p> <p>É justamente num momento de incertezas como o atual (crise político-econômica que precede a posse de Campos Sales) que se faz necessário <i>iluminar os espíritos</i>, em busca de soluções para o país ameaçado.</p> <p>Citando NAPOLEÃO (que teria subestimado a importância da invenção da máquina a vapor por FULTON, mas reconhecido a importância do papel da mulher na sociedade), Barroso reitera que o futuro das nações depende da educação feminina.</p> <p>GALILEU é citado como exemplo de homem à frente de seu tempo — obrigado a desmentir-se numa questão que hoje é ponto pacífico.</p> | <p>Página 223</p> <p>Conclusão do ensaio<br/><b>A MULHER</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>CARLOTA CORDAY</b></p> <p>Soneto da poetisa alagoana MARIA JUCÁ (falecida em 1895), lembrada por Perpétua do Vale na matéria publicada neste mesmo número (p. I:218-220); dedicado "À digna amiga E. SUZANA S. COSTA", datado do "Engenho Jequiá — 28-9-89", o poema é encabeçado por uma longa citação, em francês (relativa à girondina CHARLOTTE CORDAY, 1768-1793) do pensador e historiador romântico gaulês JULES MICHELET (1798-1874), extraída da obra <i>Les Femmes de la Révolution</i>.</p> <p>A poesia de Maria Jucá, tipicamente romântica, tece considerações a respeito das colocações assumidas pela face da revolucionária francesa no momento de sua execução.</p>   | <p>Página 224</p> <p>Conclusão do poema<br/><b>CARLOTA CORDAY</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>MORTA!!!</b></p> <p>Soneto em decassílabos de ADELLA JUCÁ, nênia dedicada à irmã (a poetisa MARIA JUCÁ), datado de "Maceió, 31-5-96"; os versos franceses que lhe servem de epígrafe são, provavelmente, de autoria da própria Adélia.</p> <p>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Doutora Ana Amália de Carvalho Soares: transcrição de notícia relativa ao falecimento recente dessa brilhante cientista baiana, catedrática de física e química. <i>Carta do Rio:</i> Mais uma vez, deixa de circular a crônica de MARIA CLARA, por ter ela permanecido em São Paulo (em companhia do marido, JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS), até 25/04/1898.</p> |

| São Paulo, 15 de maio de 1898 — Ano I, Nº 15   |   |  |  |
|--|---|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |   |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |  |
| <p><u>Página 225</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica de MARIA CLARA DA CUNHA — que deixou de circular nos dois números anteriores da revista pelo motivo justificado em I(13):207 e I(14):224: a articulista, residente na Capital Federal, veio passar férias em São Paulo, acompanhada do marido, o engenheiro JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS.</p> <p>A crônica desta edição, ocupando-se da descrição dos passeios que fizeram por São Paulo e arredores naqueles 24 dias de hospedagem em território paulista, representa, portanto, uma rara oportunidade de conferir o que é que mais chama a atenção na São Paulo <i>fin-de-siècle</i> vista sob o "olhar de viajante" de Maria Clara. (segue)</p>  | <p><u>Página 226</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Sendo — além de escritora — artista plástica (ver, em I:16, referência a sua participação, em 1897, numa exposição oficial de pinturas), não é de admirar que Maria Clara se atenha principalmente a aspectos arquitetônicos e paisagísticos da "nova São Paulo" que passa por essa época por importante remodelação.</p> <p>Qualificando-a <i>formosa capital de S. Paulo</i>, a cronista começa afirmando que a cidade possui <i>belíssimos edifícios</i>: por toda a parte se vêem <i>construções modernas e elegantes</i>; o <i>aspecto encantador</i>, geral, se deve tanto aos <i>estilos variados dos prédios</i> como à <i>quantidade e riqueza dos jardins</i>. Exemplo disso é o novo bairro dos Campos Elísios, que possui um <i>quarteirão de palacetes (...)</i> que <i>desumbra a vista e encanta a alma!</i></p>                           | <p><u>Página 227</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Na região da recém-inaugurada Avenida Paulista (1891), <i>admira principalmente a arte apurada dos belos prédios e a harmonia dos tons que se notam em toda a alameda</i>.</p> <p>No Museu do Ipiranga (aberto ao público em 1895), emocionada com o significado patriótico do lugar, Maria Clara observa, além da arquitetura de TOMÁS BEZZI, a plasticidade da coleção de pedras da seção de mineralogia e os objetos de uso pessoal de DIOGO ANTÔNIO FELJÓ, da MARQUESA DE SANTOS e do GENERAL CARNEIRO.</p> <p>No centro da cidade, ouviram música executada por bandas no Jardim do Palácio (Pátio do Colégio) e admiraram as edificações planejadas pelo engenheiro RAMOS DE AZEVEDO, o construtor do São Paulo moderno.</p>                       | <p><u>Página 228</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Ficou-se devendo a Azevedo, aliás, o favor de ter levado Maria Clara (acompanhada de PRISCILIANA DUARTE) a uma visita ao complexo monumental do Hospício de Alienados do Juqueri (localizado em Franco da Rocha), em vagão ferroviário especial.</p> <p>Em São Paulo, a articulista não foi visitar EDUARDO SILVA (o engenheiro "milagreiro" cujas atividades de curandeiro já haviam sido referidas na "Carta do Rio" do nº 11), mas em compensação encantou-se com um passeio à Serra da Cantareira, com o trabalho de ZALINA ROLIM no Jardim da Infância (anexo à Escola Normal) e com a descoberta de uma fruta exótica, que ela ainda não conhecia (o caqui).</p> <p>A crônica desta quinzena termina com a descrição de "Um Dia em Santos". (segue)</p>  |
| <p><u>Página 229</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A convite do SR. SPEERS, superintendente da "S. Paulo Railway", fizeram ainda uma viagem de trem pela Serra do Cubatão e desceram até o porto de Santos, onde residem LAIA DA CUNHA e AFONSO VIEIRA DA CUNHA, primos de Maria Clara. Em Santos, além de fazer <i>piadosa romaria</i> ao túmulo de JOSÉ BONIFÁCIO (o patriota <i>que reuniu em si a triplice auréola da ciência, da poesia e da política</i>), foram de bonde até a praia. É digno de nota o fato de o marido de Maria Clara colher instantâneos desse passeio com sua <i>pocket-Kodak</i>, inovação tecnológica recentíssima.</p> <p>seguida do poema<br/><b>ANOITECE...</b></p> <p>Célebre soneto de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA, "no álbum de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS", sem data.</p> <p>seguida do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> | <p><u>Página 230</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Crônica de MARIA EMÍLIA, datada de 13 de maio de 1898. Comemorando os dez anos de abolição da escravatura (e lembrando o papel então desempenhado pela PRINCESA ISABEL), lamenta existirem ainda casos de mães, ex-escravas, que até agora não conseguiram localizar seus filhos, vendidos para pessoas residentes em lugares distantes. Ela própria jamais se conformou com injustiças desse tipo: desde criança rebelou-se tanto contra a <i>escravidão dos negros</i> como contra o <i>cativeiro da mulher</i> (<i>Nunca pude reconhecer o privilégio do branco nem o privilégio do homem!</i>); sempre considerou a liberdade um direito essencial. E transcreve, a propósito, a íntegra de um soneto clássico, de franco sabor iluminista, de autoria do Patriarca da Independência, JOSÉ BONIFÁCIO, intitulado <b>A Liberdade</b>.</p> | <p><u>Página 231</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>IN SYLVIS</b></p> <p>Soneto de CARVALHO ARANHA (do livro inédito <i>Cine-rário</i>), sem dedicatória e sem data. O poeta descreve as belezas da floresta onde ele pretende abrigar-se, em companhia da amada.</p> <p>seguido do conto<br/><b>FLORES SEM FRUTO</b></p> <p>Conto de INÊS SABINO, dedicado à amiga ISABEL MIRANDA; sem data.</p> <p>Jerônimo, um jovem português, de 22 anos de idade, vem substituir o pai em sua função de jardineiro de um <i>respeitável capitalista brasileiro</i>, o comendador Maia.</p> <p>E não demora a apaixonar-se pela filha única do comendador, Alice — a bela e arrogante moça que, além de não notar sua presença, humilha-o com observações impertinentes. (segue)</p> | <p><u>Página 232</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>FLORES SEM FRUTO</b></p> <p>Ao saber que Alice pretende casar-se com um certo doutor que a visita com frequência, Jerônimo planeja vingança. Mas, não pretendendo se matar nem ferir fisicamente a moça, quer apenas fazê-la sofrer infligindo ferimentos ao noivo.</p> <p>A ocasião para Jerônimo vingar-se surge na véspera do dia do casamento de Alice: na escuridão da noite, vai ao jardim do comendador levando consigo dois ferozes cães de guarda da mansão, ataçando-os contra o doutor, que acabara de se despedir da moça.</p> <p>À terrível visão do assalto das duas feras contra o rapaz, Alice desmaia, enquanto o comendador, desesperado, se vê obrigado a sacrificar os dois animais, a tiros, por não conseguir contê-los. Pois Jerônimo — a única pessoa a quem os cães obedeceriam —, desapareceu misteriosamente, não atendendo aos chamados do patrão... (segue)</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. I:230, comemorando os dez anos da Lei Áurea, Maria Emilia inclui uma citação da professora MARIA DE ANDRADE, autora da *História do Brasil* de onde se transcreve um trecho mencionando a substituição do BARÃO DE COTEGIPE pelo ministro JOÃO ALFREDO, em março de 1888. São citados ainda os abolicionistas MARQUÊS DE SÃO VICENTE, VISCONDE DO RIO BRANCO, LUÍS GAMA, JOAQUIM SERRA, LUÍSA REGADAS, CASTRO ALVES e FERREIRA DE MENESES.

| Página 233  | Página 234   | Página 235   | Página 236   |
|---|--|--|--|
| <p>Continuação do conto<br/><b>FLORES SEM FRUTO</b></p> <p>É curioso observar como um conto de aparente feição naturalista, à Guy de Maupassant ou à Giovanni Verga, possa matizar-se de colorido romântico na concepção convencional da personagem Alice (<i>deliciosa loura dona de olhos azuis soberanamente belos</i> e de uma <i>atitude fidalga que lembra uma dessas castelãs dos tempos medievos</i>). É evidente o desejo de Inês Sabino demonstrar "modernidade" mesclando detalhes cruentos a uma historiazinha tipicamente romântica, de amor não correspondido. Compare-se este incongruente "Flores sem Fruto" com o conto de Júlia Lopes de Almeida "Perfil de Preta: Gilda" (p. II:224-229), de temática semelhante, mas rigorosamente talhado nos moldes naturalistas.</p> | <p>Conclusão do conto<br/><b>FLORES SEM FRUTO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>À PAULICÉIA</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de SOARES JÚNIOR, sem dedicatória, datado de "Batatais, 23-IV-98". O poeta declara vir à cidade de São Paulo, de vez em quando, buscar alento <i>nesse elevado, edificante meio/cheio de vida, alegre e futuroso</i>. Ao ter que retornar ao interior do Estado, sua alma se inquietava: viaja a contragosto, chorando de saudades da Paulicéia...</p>   | <p><b>MME. DE LA FAYETTE</b></p> <p>Artigo de PERPÉTUA DO VALE — em que, tomando-se por base textos originais de PAUL JACQUINET (1815-1903) e LOUIS GRÉGOIRE (1819-1897), recapitula-se a carreira literária de MADAME DE LA FAYETTE (1634-1693), a condessa francesa de quem muito pouco se sabe. Filha do nobre MARC DE LA VERGNE, tendo por mestres os eruditos GILLES MÉNAGE (1613-1692), RENÉ RAPIN (1621-1687) e DANIEL HUET (1630-1721), casou-se com o CONDE DE LA FAYETTE e teve dois filhos, mas enviuvou muito cedo. Transformando sua residência numa verdadeira academia literária, conviveu com personalidades como o PRÍNCIPE DE CONDÉ (1621-1686), LA ROCHEFOUCAULD (1613-1680) e MME. DE SEVIGNÉ (1626-1696). (segue)</p>   | <p>Continuação do texto<br/><b>MME. DE LA FAYETTE</b></p> <p>Com três romances a Condessa consolidou reputação de ficcionista, conferindo realismo às personagens que, nos livros de HONORÉ DURFÉ (1568-1625), MME. DE SCUDERY (1607-1701) e LA CALPRENÈDE (1614-1663), limitavam-se ao campo da pura fantasia (já tendo, por isso, sido condenados por NICOLAS BOILEAU, 1636-1711). Pelos mesmos dotes estilísticos, sua narrativa da morte da Condessa de Orléans, HENRIQUETA DA INGLATERRA (1644-1670) é considerada tão comovente como a de BOSSUET (1627-1704). Recatada ao ponto de esconder a autoria do romance <i>Zayde</i> sob o nome do poeta REGNAULT SEGRAIS (1624-1701), o pouco que se sabe de sua pessoa encontra-se nas cartas dirigidas por Sevigné a sua filha, MME. DE GRIGNAN (1646-1705).</p>                        |
| <p>Página 237</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>MME. DE LA FAYETTE</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(V)</p> <p>Poema de CÂNDIDO DE CARVALHO, dedicada a MANUEL VIOTTI; sem data; penúltimo fragmento da série "Por Terras e Mares". Como o herói byroniano de <i>O Corsário</i>, o navegante é castigado, ao desembarcar em sua própria terra, em certa noite brumosa, com a notícia de que perdeu a amada por ele abandonada em troca dos sonhos de ambição e de aventura. Uma misteriosa figura de velho apresentava-o com uma lira dourada — instrumento que o poeta-navegante deverá utilizar para chorar suas mágoas e reencontrar o caminho da felicidade perdida.</p>  | <p>Página 238</p> <p>Conclusão do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(V)</p> <p>seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>O único texto selecionado incluído nesta edição corresponde a um parágrafo de considerações feministas de LOUIS-AIMÉ MARTIN (1786-1847), extraído da obra <i>De l'éducation des mères de famille</i> (de 1834).</p> <p>seguida do início do poema<br/><b>PESADELO</b></p> <p>Poema de ÁUREA PIRES, com o subtítulo "Fragmento de um poema"; sem dedicatória ou data. Em cinco sextilhas (dez tercetos) de versos bem confeccionados de seis e de dez sílabas, descreve o temor que sente à aproximação da sombra de um homem que a abandonou, mas que agora a procura arrependido e lamurioso, quando ela nada mais sente por ele (nem mesmo compaixão).</p> | <p>Página 239</p> <p>Conclusão do poema<br/><b>PESADELO</b></p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Elisa Lemonnier: é lembrado o nome de ELISA LEMONNIER (1805-1865) — que, inspirada por idéias saint-simonianas, organizou uma sociedade de profissionalização feminina, depois transformada por MME. DESFAURE num sistema de escolas de onde saem atualmente 3.000 mulheres capacitadas para o trabalho. Livros: Foram recebidos três livros escritos por mulheres — o romance de INÊS SABINO <i>Lutas do Coração</i>, a coletânea de CÂNDIDA FORTES <i>Fantasia</i> e o livro de contos de ANDRADINA DE OLIVEIRA <i>Preludando</i>; os dois últimos serão resenhados no n° 19 e no n° 22, respectivamente. O <i>Album das Meninas</i>: ANÁLIA FRANCO acaba de lançar essa revista literária e educativa, com objetivos declaradamente religiosos. (segue)</p> | <p>Página 240</p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Invocando JESUS CRISTO, a educadora enfatiza a necessidade de se combater a descrença e o materialismo. <b>Recebemos e Agradecemos:</b> Destacam-se nesta edição o semanário gaúcho (de Bagé) dirigido por ANDRADINA DE OLIVEIRA, <i>O Escrívio</i> — e a revista carioca de JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO, <i>A Família</i> (que inicia nova fase, trazendo na primeira página desse número o retrato da escritora GEORGE SAND). seguida de</p> <p><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Reprodução de extratos de periódicos do Rio de Janeiro, de Petrópolis e de São Paulo, com menções nominiais a PRISCILIANA DUARTE, a JÚLIA LOPES, a FRANCISCA JÚLIA e ao padre CORREIA DE ALMEIDA — além de uma menção subentendida a JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA, o cronista da "Onimoda".</p> |

| São Paulo, 30 de maio de 1898 — Ano I, Nº 16   |   |   |  |
|--|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |   |  |
| <p><u>Página 241</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Texto de MARIA EMÍLIA — que homenageia dois ilustres brasileiros falecidos no exterior, cujas mortes haviam sido registradas em maio de 1898. O primeiro, ANDRÉ REBOUÇAS (1838-1898), é lembrado por seu empenho pela abolição da escravidão e pela luta em prol da educação feminina. É reproduzida uma frase sua: <i>Formai CORNÉLIAS, mães de Gracos; formai BEECHER STOWES (...); e tereis assegurado o mais grandioso futuro à democracia brasileira.</i> Do segundo homenageado, LUÍS GUIMARÃES JR., objeto de comentários anotados adiante, em I:254, é reproduzido na p. I:242 o mais famoso de seus sonetos, <i>VISITA À CASA PATERNA.</i></p>                         | <p><u>Página 242</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>seguida da resenha<br/><b>OS POENTES</b></p> <p>Texto de crítica literária de SÍLVIO DE ALMEIDA, que analisa o conteúdo da coletânea de versos <i>Poentes</i>, do poeta paulista EUGÊNIO LEONEL. Logo de início, o professor Almeida declara-se adversário político do conservador bacharel, político e jornalista de Itapetininga. Faz questão, no entanto, de defendê-lo contra tendenciosa crítica de ANASTÁCIO PAZ, recentemente estampada pelo <i>Correio Paulistano</i>. O fato de Leonel não se incluir no auspicioso <i>batalhão dos "novos"</i> não o incrimina: <i>antes ser antigo (...)</i> como o pobre e lamuriento CASIMIRO DE ABREU do que toalmente "moderno"... São igualmente elogiados os ideais <i>da família e da religião</i> sustentados pelo autor. (segue)</p> | <p><u>Página 243</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>OS POENTES</b></p> <p>E são destacados os vigorosos versos dedicados ao líder conservador PINHEIRO MACHADO (1851-1915) e ao malgrado compositor mineiro JOSÉ LINO DE ALMEIDA FLEMING (falecido em 1888, com cerca de 40 anos, no navio em que retornava da Itália). A resenha inclui ainda menções nominais (elogiosas) aos poetas LUÍS MURAT e RAEMUNDO CORREIA — como também uma referência à tipologia adotada pelo psicólogo francês ALFRED BINET (1857-1911). No final, Sílvio de Almeida faz uma rara revelação pessoal, declarando-se <i>um tipo essencialmente visual</i> — algo que ganha importância quando tomamos conhecimento de que o professor só enxergava com um dos olhos, em decorrência de um acidente sofrido na infância.</p> | <p><u>Página 244</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>OS POENTES</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>FORA DA BARRA</b></p> <p>Soneto do poeta parnasiano carioca LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR (1845-1898), falecido há poucos dias em Lisboa (ver seu necrológico no noticiário deste mesmo nº 16, p. I:254). Em versos decassilábicos, o poeta canta a melancolia que o assalta ao deixar, de navio, a Baía da Guanabara; de partida para lugares distantes, considera a brisa vespertina como carícias do Brasil que ainda o acompanham: <i>Vós sois da pátria os derradeiros beijos!</i></p> <p>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS; sem data. (segue)</p> |
| <p><u>Página 245</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>São quatro os assuntos abordados pela articulista nesta edição da <i>Mensagem</i>. O primeiro, recapitulado no último parágrafo do texto, diz respeito ao mês de maio: Maria Clara lembra que essa época de clima ameno é também o mês de MARIA, em que se comemora (por iniciativa do abolicionista JOSÉ DO PATROCÍNIO, 1854-1905) o aniversário da libertação decretada pela PRINCESA ISABEL em 13 de maio de 1888. O nome de Patrocínio traz à mente um outro assunto: a lembrança saudosa do recém-falecido ANDRÉ REBOUÇAS (cf. crônica publicada neste mesmo número da revista, pp. 241-242) — que teve por companheiro de luta em favor da abolição um colega engenheiro, o marido de Maria Clara (JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS).</p> | <p><u>Página 246</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>No terceiro segmento, a cronista lamenta que a agreste região da Tijuca, invadida por postes de eletricidade, esteja ameaçada de uma outra invasão — por bondes, estabelecimentos comerciais, clubes, etc. Os pássaros certamente abandonarão o lugar e as flores emurchecerão, para dar lugar à <i>maldita civilização</i> (ou seja: ao consumismo). Finalizando sua seção, Maria Clara recomenda que os assinantes de <i>A Mensageira</i> evitem emprestar seus exemplares para não ter suas coleções desfalcadas: os interessados que se encaminhem à loja de JÚLIA FILIPPONE, onde se vendem exemplares avulsos da revista.</p> <p>seguida do início do poema<br/><b>NA PRAIA</b></p>   | <p><u>Página 247</u></p> <p>Conclusão do poema<br/><b>NA PRAIA</b></p> <p>Extenso poema (54 versos alexandrinos distribuídos por estrofes assimétricas) de ÁUREA PIRES, dedicado a sua irmã OLÍVIA PIRES e datado da "Ilha das Cobras", 1897". Numa noite enluarada, a poetisa vai à praia sozinha, para relatar livremente ao oceano o doloroso sentimento de solidão que a assalta, na falta da mãe e na ausência da irmã. Existe neste poema uma embaraçosa desproporção entre a retórica apocalíptica de Áurea Pires e a problemática mínima por ela abordada — o que acaba nos remetendo às pomposas composições barrocas do século XVII e não à produção do romantismo oitocentista.</p>  | <p><u>Página 248</u></p> <p><b>VASCO DA GAMA</b></p> <p>Excerto de INÊS SABINO, originalmente destinado a publicação na <i>Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano</i>, datado de 20 de maio de 1898. Redigido em comemoração dos 400 anos da chegada de VASCO DA GAMA à Índia (1498-1898), o texto enfatiza o caráter internacional das festividades planejadas pelos portugueses: todos os povos <i>que falam o mavioso idioma de CAMÕES, regozijam-se, festejando a Vasco da Gama.</i> (segue)</p>  |



| OBSERVAÇÕES:   |   |  |  |
|--|---|--|--|
| <p align="center"><u>Página 249</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>VASCO DA GAMA</b></p> <p>Recapitulando os dados históricos de que tem conhecimento, Inês Sabino lembra que o italiano MARCO POLO já havia visitado a Índia, mas lá chegara por via terrestre. O sonho português da conquista do Oceano Índico, já presente nas idéias de D. JOÃO II e do INFANTE D. HENRIQUE, acabará por se concretizar no final do século XV, pelas providências tomadas pelo rei D. MANUEL, animado pelos avanços obtidos por BARTOLOMEU DIAS (que ultrapassou o Cabo da Boa Esperança). O realizador da façanha, Vasco da Gama, deixa a foz do Tejo, em 8 de julho de 1497, na nau capitânia de uma frota de quatro caravelas. (segue)</p>   | <p align="center"><u>Página 250</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>VASCO DA GAMA</b></p> <p>Conta com a colaboração de pilotos experientes (PERO DE ALENQUER, JOÃO COIMBRA, NICOLAU COELHO, PAULO DA GAMA e PEDRO ESCOBAR), além dos escrivães DIOGO DIAS, JOÃO DE SÁ e ÁLVARO BRAGA. Chegam ao porto extremo de sua viagem ao fundear em Calicute (Índia) em 21 de abril de 1498, depois de participar de mil peripécias e de superar numerosos perigos. Só depois de transcorridos dois anos completos é que o herói lusitano está de volta a Portugal. Seus restos mortais estão sendo trasladados (em 1897) para o Panteão de Belém, para repousar ao lado daquele que cantou sua saga imortal (Camões).</p>   | <p align="center"><u>Página 251</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>VASCO DA GAMA</b></p> <p align="center">seguida do início da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Mais uma vez a seção destaca um único excerto, um trecho do livro <i>Mulheres e Crianças</i> (1880), da portuguesa MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO (1847-1921). Trata-se da escritora (polígrafa) mais importante do Portugal da virada do século — posição ocupada até 1898 por sua compatriota Guiomar Torresão, que falecerá ainda nesse ano. Feminista moderada, com ampla difusão de seus escritos no Brasil, Maria Amália (viúva do poeta brasileiro Gonçalves Crespo, 1846-1883) aborda, no trecho selecionado, uma questão básica: se a missão da mulher perante a sociedade é mais pesada do que a do homem, faz-se necessário que ela receba uma educação sólida, que dê sustentação para as lutas que enfrentará ao longo de sua vida.</p>            | <p align="center"><u>Página 252</u></p> <p align="center">Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>AO MEU CORAÇÃO</b></p> <p>Poesia de SOARES JÚNIOR, o paulista de Batatais de quem a <i>Mensagem</i> já publicara um outro poema, em I(15):234. Este soneto, dedicado ao poeta MANUEL VIOTTI e datado de "19-5-98", refere-se à interrogação que o autor faz a seu próprio coração: depois de tantas lutas inglórias, ele ainda é capaz de amar?</p> <p align="center">seguido do início do texto<br/><b>FELICE CAVALLOTTI</b></p> <p>Necrológio do poeta italiano FELICE CAVALLOTTI (1842-1898), escrito pela poetisa gaúcha REVOCATA HELOÍSA DE MELO; sem data, mas de redação muito recente, visto que Cavallotti faleceu há poucas semanas (6 de março de 1898). (segue)</p>  |
| <p align="center"><u>Página 253</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>FELICE CAVALLOTTI</b></p> <p>Líder da extrema esquerda, o poeta morreu em duelo com o deputado conservador FER- RUCCIO MÁCOLA (1861-1910), por ele desafiado. Seu desaparecimento funcionou como estopim para distúrbios de rua num país assolado por graves problemas sociais e um profundo descontentamento com a inepta monarquia instalada na Itália recém-unificada. O que surpreende é o fato de Revocata fazer a apologia de um autor maldito, excomungado pela igreja católica por sua combativa postura feminista e anticlerical — como também o fato de Prisciliana reproduzir o texto de sua colaboradora gaúcha. É evidente o apoio de ambas à iniciativa de ALEXANDRE D'ATRI (comunicada por XAVIER DE CARVALHO) em abrir uma subscrição com o objetivo de construir um monumento a Cavallotti.</p> | <p align="center"><u>Página 254</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>FELICE CAVALLOTTI</b></p> <p align="center">seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Luis Guimarães: Como vimos nas pp. 1:242 e 244, a reprodução de sonetos de GUIMARÃES JR. nesta edição da revista homenageia o poeta carioca falecido em Lisboa, aos 53 anos, poucos dias atrás (20 de maio de 1898). Aqui, na seção de noticiário, salienta-se seu papel de <i>fundador da escola parnasiana</i> e de "maior poeta brasileiro" segundo poetisas como MARIA CLARA DA CUNHA, JULIETA DE MELO MONTEIRO e ÁUREA PIRES. São ainda nominalmente mencionados, nesta nota, ARTUR AZEVEDO e RAIMUNDO CORREIA (este considerado herdeiro do trono deixado vago por Guimarães Jr.). Entre suas produções inéditas, conta-se um poema por ele dedicado a um filho morto (GABRIEL GUIMARÃES).</p> | <p align="center"><u>Página 255</u></p> <p align="center">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>A <i>Mensagem</i>, no Chile: NÉLSON DE SENA recebeu carta do chileno CLEMENTE BARAHONA VEGA elogian- do <i>A Mensageira</i> e relatando ter traduzido o texto "Intelectualidade Feminina Brasileira" (I:103-106), remetendo-o para a <i>única revista literária feminina do Chile, La Mujer de Curicó</i> — cuja diretora, LEONOR URZÚA CRUZAT, contactará as redatoras de <i>A Mensageira</i> e de <i>A Família</i>. <b>Farmacêutica:</b> A alagoana JULIETA DE MIRANDA RODRIGUES formou-se farmacêutica no Rio de Janeiro. <b>Rua do Ouvidor:</b> Um novo periódico carioca, <i>Rua do Ouvidor</i>, publicará retratos de personalidades brasileiras — começando pelo do médico e educador HILÁRIO GOUVEIA (nº 1) e do jornalista e político sergipano MARTINHO GARCEZ (nº 2). seguida do poema<br/><b>A VOZ DO LOUCO</b></p> | <p align="center"><u>Página 256</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>A VOZ DO LOUCO</b></p> <p>Extenso poema de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de 1890. Em sete quadras de versos decassilábicos, a diretora da revista desenvolve mais uma vez um tema elegiaco, gênero pelo qual demonstra predileção. seguida de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Reprodução de textos elogiosos em que são nominalmente apontadas (e elogiadas), além de PRISCILIANA DUARTE, as colaboradoras PERPÉTUA DO VALE, MARIA CLARA, DELMINDA SILVEIRA, JÚLIA LOPES, FRANCISCA JÚLIA, ÁUREA PIRES e ADELLA JUCÁ (também responsável pela remessa de um soneto da irmã falecida, MARIA JUCÁ). MME. DE LA FAYETTE é mencionada em função do texto a seu respeito, compilado por PERPÉTUA DO VALE. Dos colaboradores do sexo masculino, só é citado CÂNDIDO DE CARVALHO.</p> |



| São Paulo, 15 de junho de 1898 — Ano I, Nº 17  |  |   |  |
|--|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |   |  |
| <p><u>Página 257</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Lembrando que as últimas semanas foram marcadas não só pelas comemorações do quarto centenário da viagem de VASCO DA GAMA (v. pp. I:248-251), como pelas mortes do estadista inglês WILLIAM EWART GLADSTONE (1809-1898) e do poeta carioca LUIS GUIMARÃES JÚNIOR (v. pp. I:242, 244 e 254), a cronista MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS dedicará a maior parte de seu texto, nesta edição, a considerações sobre Guimarães Jr.<br/>Constatando que esse poeta é pouco considerado pela crítica literária do final do século XX, torna-se interessante verificar o elevado conceito explicitado cem anos atrás pela articulista.<br/>(segue)</p>   | <p><u>Página 258</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Apoiada na abalizada opinião favorável de CAMILO CASTELO BRANCO (1825-1890), não se limita a elogiar Guimarães Jr.: aponta as qualidades que o teriam tornado o <i>mais popular dos poetas modernos</i> — a maviosidade, a valorização do conteúdo (e não da forma), a simplicidade e o intimismo; características que teriam sido esquecidas pelos <i>moderníssimos poetas finiseculares</i>.<br/>A crônica quinzenal de Maria Clara termina com a descrição entusiástica de um passeio à floresta da Tijuca e com a narração de um "caso" cômico: num determinado lugarejo do interior do Brasil estabeleceu-se, determinada época, a moda de enterrar os defuntos calçados com galochas.</p>  | <p><u>Página 259</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>POR TERRAS E MARES</b><br/>(VI)</p> <p>Último segmento da série de poesias de CÂNDIDO DE CARVALHO (sempre dedicadas a MANUEL VIOTTI) iniciadas no nº 9; "Por Terras e Mares V" saiu no nº 15.<br/>Este fecho foge ao padrão dos segmentos anteriores tanto no aspecto formal (sete quadras de versos de metro diferente, de nove sílabas) como em conteúdo (o poeta, outrora errante, transformou-se em trovador constante, empenhado em reconquistar uma certa "formosa dama" de um determinado castelo).<br/>Funciona, portanto, como uma espécie de epílogo da série.</p>                                    | <p><u>Página 260</u></p> <p><b>BORBOLETAS</b></p> <p>Conto infantil de ZALINA ROLIM, transcrito de uma coleção de <i>Contos do Jardim da Infância</i>.<br/>Nesta peça de prosa, Zalina Rolim demonstra, melhor do que nos versos destinados às crianças pequenas, sua afinidade com o universo infantil.<br/>(segue)</p>   |
| <p><u>Página 261</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>BORBOLETAS</b></p> <p>Utilizando linguagem simples, coloquial, a autora dialoga com seus leitores-ouvintes (é evidente que a narrativa se destina a crianças com cerca de cinco anos de idade), contando a história de um ovinho depositado por uma borboleta numa planta do jardim de sua casa: ele se transforma numa feia lagarta que devora as folhas da roseira, para converter-se num casulo cinzento e sem atrativos e depois renascer sob a forma de uma bela e multicolorida borboleta.<br/>É interessante observar a atualidade dos recursos psicopedagógicos empregados por Zalina Rolim em seu texto: ela não só utiliza a forma despretençiosa do diálogo com seus ouvintes, como recorre à dramatização das situações (sustentando o interesse da criança pelo decorrer da ação) e à antropomorfização dos animais e dos vegetais envolvidos na situação descrita.</p> | <p><u>Página 262</u></p> <p>Conclusão do conto<br/><b>BORBOLETAS</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>CAMINHO DO SERTÃO</b><br/>Soneto da poetisa do RN, AUTA DE SOUSA (1876-1901). O nº seguinte da revista publicará um outro soneto seu (v. p. I:282), destacando no noticiário (p. I:286) a presença da nova colaboradora. "Caminho do Sertão" exemplifica bem sua utilização de uma temática essencial, despretençiosamente romântica, apoiada em formas clássicas, sem preciosismos — características que a tornaram uma das mais populares poetisas da época.</p> <p>seguido do conto<br/><b>O ROMANCE DE UMA ONÇA</b></p> <p>Extenso conto do recém-falecido engenheiro baiano ANDRÉ REBOUÇAS (pran-teado em textos publicados no número anterior de <i>A Mensageira</i>, cf. pp. I:241-242 e 245), transcrito da revista <i>Novo Mundo</i>.</p> | <p><u>Página 263</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE UMA ONÇA</b></p> <p>A respeito dessa publicação, é preciso lembrar tratar-se de "Periódico Ilustrado do Progresso, de Política, Literatura, Arte e Indústria", de inspiração positivista, primorosamente impresso em Nova Iorque e distribuído no Brasil entre 1870 e 1879. Era editado por José Carlos Rodrigues, que teve em André Rebouças um de seus principais colaboradores.<br/>Denominando Douradinha uma jovem e bela onça fêmea, Rebouças começa seu "romance" descrevendo os hábitos daquela <i>rainha das onças da Serra do Tinguá</i> (localizada em território fluminense, a noroeste da Baía da Guanabara).<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 264</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE UMA ONÇA</b></p> <p>Elegendo como ponto de descanso uma elevação situada a quinhentos metros de altitude, entre o vale da cascata da Limeira e o vale do rio São Pedro, Douradinha costuma observar com atenção o magnífico panorama que se descortina a seu redor.<br/>Daquelas alturas, avista desde os característicos picos da Serra dos Órgãos, até a entrada da Guanabara, passando pelas montanhas que circundam Niterói; mais à direita, vê a majestosa seqüência do Pão de Açúcar, do Corcovado e das serras da Tijuca e do Mateus, das montanhas de Maxambomba e das serras do Madureira e do Marapicú.<br/>(segue)</p> |

| OBSERVAÇÕES:   |   |  |  |
|--|---|--|--|
| <p><u>Página 265</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE<br/>UMA ONÇA</b></p> <p>Incorrendo no mesmo erro que levava os portugueses a considerar a vasta baía como a foz de um grande rio, a onça acredita tratar-se a Guanabara de um corrente que continua além do Pão de Açúcar, fundindo-se com aquele outro rio enorme, o infinito espelho azul do oceano.</p> <p>E, observando a paisagem, recapitula passagens de sua curta vida: excursões à serra de Santana; uma rápida viagem ao rio Paraíba e uma animada escalada ao pico do Itatiaia, a caminho do qual se regalara sacrificando tenros novilhos. (segue)</p>              | <p><u>Página 266</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE<br/>UMA ONÇA</b></p> <p>Seria feliz a Douradinha? Para responder a essa questão, Rebouças faz uma digressão, concluindo pela negativa: é impossível dissociar a felicidade da bondade. Não podem ter sido felizes as sanguinárias FREDEGONA (ou FREDEGUNDA, rainha dos francos no século VI, assassina dos próprios netos); BRUNEHAUT (ou BRUNEQUILDA, filha de um rei visigodo do mesmo século VI, feroz inimiga de Fredegunda); CATARINA DE MÉDICI (a rainha da França, mentora do massacre de São Bartolomeu); MARIA TUDOR (a célebre "Bloody Mary", 1516-1558, filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão); ou a meia-irmã desta última, a RAINHA VIRGEM da Inglaterra (Elizabeth I, 1533-1603, famosa pela decapitação dos amantes que caíam em desgraça). (segue)</p> | <p><u>Página 267</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE<br/>UMA ONÇA</b></p> <p>Todas essas rainhas seriam comparáveis à feroz Medéia do drama de ERNEST LEGOUVÉ (1807-1903), que reconhece na inocência o primeiro elemento da felicidade. Mas seria injusto compará-las à rainha das onças: esta teria sido capaz até de um ato de piedade, ao abandonar a uma ovelha-mãe desesperada, um cordeiro que já estava entre seus dentes. Douradinha tinha motivos de sobra para temer os disparos dos caçadores: um tio alvejado ficara aleijado; e seu pai morrera atingido por tiros de bacamarte quando rondava um acampamento de tropeiros. Depois de citar CHARLES DARWIN (o NEWTON do mundo organizado), os ensinamentos escotéricos de PITÁGORAS e OCTAVE FEUILLET, Rebouças encaminha o leitor para o triste fim da oncinha. (segue)</p> | <p><u>Página 268</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ROMANCE DE<br/>UMA ONÇA</b></p> <p>Certa noite enluarada, Douradinha deixa seu elevado refúgio para surpreender um casal de antas que namorava nas águas do rio São Pedro. Atracada a um dos animais, a onça percorre as acidentadas encostas de um monte, por onde foge galopando a apavorada presa.</p> <p>Por fim, desiste e salta para uma árvore — para ver-se de repente cercada por uma centena de famintos porcos-queixadas, que esperam impacientes pela descida do felino. Tentando fugir, Douradinha escorrega do alto, sendo trucidada pelos bichos que, completada a terrível ceia, seguem para o rio, graves, serenos, ensanguentados, hediondos, como inquisidores depois de um auto-de-fé — deixando atrás de si os restos quase irreconhecíveis da rainha das florestas do Tinguá.</p>                |
| <p><u>Página 269</u></p> <p>Conclusão do conto<br/><b>O ROMANCE DE<br/>UMA ONÇA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>A LUÍS GUIMARÃES</b></p> <p>Nênia (em forma de soneto de versos decassilábicos) de ÁUREA PIRES, em memória do recém-falecido poeta LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR (ver, a seu respeito, as matérias publicadas no número anterior da revista e, neste n° 17, as considerações de Maria Clara nas pp. 1:257-258; datada de "5-6-1898".</p> <p>Observe-se que em nota da p. 1:254 a diretora de <i>A Mensageira</i> já situara Áurea Pires entre as maiores admiradoras do poeta (ao lado de Maria Clara e de Julieta de Melo Monteiro).</p> | <p><u>Página 270</u></p> <p>Poema<br/><b>NA SELVA</b></p> <p>Poesia de PRISCILIANA DUARTE, dedicada a GEORGINA TEIXEIRA, sem data. Em quatro quadras de decassílabos, a autora declara refugiar-se na floresta para lá poder cantar, suspirar e chorar.</p> <p>seguido do texto<br/><b>DE UM LIVRO<br/>DE VIAGENS</b></p> <p>Excertos (o segmento reproduzido corresponderia ao 20°) de um relato de viagens do mineiro NELSON DE SENA. Ao chegar a Ouro Preto (a Vila Rica dos libertários inconfidentes), podendo ver o pico do Itacoíomi (o "Itamonte" de CLÁUDIO MANUEL DA COSTA), o autor descreve os marcos naturais que apontam os rumos para o viajante — entre eles o ribeiro do Fimil, atingido por MIGUEL GARCIA em fins do século XVII. (segue)</p>   | <p><u>Página 271</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>DE UM LIVRO<br/>DE VIAGENS</b></p> <p>E lembra que na capelinha próxima da atual igreja de Santa Ifigênia, o padre paulista JOÃO DE FARIA FIALHO vinha rezar missa para os desbravadores da região.</p> <p>seguida do poema<br/><b>MÃE</b></p> <p>Poema elegíaco desenvolvido em sete quadras de decassílabos sáficos, de DELMINDA SILVEIRA, em homenagem à memória de minha querida e boa mãe; sem data, mas com menção de lugar (<i>Capital de Santa Catarina</i>).</p> <p>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Rua do Ouvidor: este periódico (hebdomadário), cujo lançamento já havia sido registrado pela <i>Mensageira</i> no n° anterior (v. p. 1:255), constitui o único assunto abordado pelo noticiário desta edição. (segue)</p>  | <p><u>Página 272</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Pois já estão circulando, os números 3, 4 e 5 da revista — trazendo os retratos de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, do jornalista JOSÉ CARLOS RODRIGUES (ex-editor de <i>Novo Mundo</i>, de onde se extraiu o conto de Rebouças reproduzido em I: 262-269) e do pianista ARTUR NAPOLEÃO. Considerando a prima como sua principal colaboradora, Prisciliana faz questão de transcrever o texto publicado pelo periódico carioca — que contém, de fato, dados preciosos para os interessados na biobibliografia de Maria Clara: filha de um juiz de direito estabelecido em MG, casada com JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS, já tem publicado um livro de versos prefaciado por ADELINA LOPES VIEIRA e colaborações estampadas em diversos periódicos. Além de poetisa e prosadora, pinta, canta e toca violino.</p> |

| São Paulo, 30 de junho de 1898 — Ano I, Nº 18   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |   |  |
| <p><u>Página 273</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>O ÚLTIMO DISCURSO</b></p> <p>Conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA; sem dedicatória; sem data, mas de elaboração recente, pois se refere ao tricentenário da morte de ANCHIETA (1534-1597), comemorado em junho de 1897.</p> <p>Esta parece ser a primeira versão dessa obra (que evidencia o poder de caracterização associado à destreza da autora no âmbito do realismo psicológico); uma versão definitiva, ligeiramente retocada, foi incluída na melhor das coletâneas de contos de Júlia Lopes, <i>Ansia Eterna</i>, lançada no Rio (em edição Garnier) em 1903.</p> <p>Nessa versão, o conto aparecerá com dedicatória a Coelho Neto.</p>         | <p><u>Página 274</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ÚLTIMO DISCURSO</b></p> <p>A história narrada é simples e linear, desenvolvendo-se no decurso de poucos dias. Muito idoso e praticamente moribundo, o doutor Paula Guedes, conhecido escritor e entusiasmado orador, membro de uma das mais tradicionais agremiações culturais do país, encontra-se acamado, inerte, já tendo recebido (de véspera) a extrema-unção.</p> <p>Chega-lhe, no entanto, um convite da instituição a que pertence (o "Instituto", sic), homenageando-o com o encargo de discursar na solene comemoração do tricentenário de Anchieta.</p> <p>O velhinho, pouco a pouco, retoma forças e sente reavivar-se a memória. Vê desfilar, à sua frente, o cortejo extraordinário de grandes vultos da história; reconstitui a figura do jovem Anchieta, recém-chegado ao Brasil. (segue)</p> | <p><u>Página 275</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ÚLTIMO DISCURSO</b></p> <p>Rejuvenescido pela excitação, consulta outros textos, enquanto redige um novo, o magistral discurso que deverá funcionar como fecho de ouro para sua brilhante carreira de acadêmico.</p> <p>Aprestem-se todos os detalhes da indumentária que deverá vestir no dia da grande cerimônia. Só falta ensaiar aquele derradeiro discurso.</p> <p>É então que, devidamente paramentado, o Dr. Paula Guedes determina que preparem o salão de sua casa e que os parentes façam as vezes de platéia, ouvindo-o discursar. (segue)</p>   | <p><u>Página 276</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>O ÚLTIMO DISCURSO</b></p> <p>Mas não consegue sustentar nem a voz nem o corpo debilitado — e o discurso se transforma numa arenga ininteligível que só produz lágrimas e constrangimento em seus ouvintes. Antes de completadas as vinte e seis laudas, o orador cai morto.</p> <p>Estirado na cama, recebe de uma das filhas a mais significativa das homenagens: ela dobra cuidadosamente as folhas do discurso e coloca-os no bolso da casaca com que o pai será enterrado — <i>como se ele, em vez de ter de ir para o cemitério, tivesse de ir para o Instituto!</i></p>  |
| <p><u>Página 277</u></p> <p>Conclusão do conto<br/><b>O ÚLTIMO DISCURSO</b></p> <p>seguida da resenha<br/><b>CONTOS E FANTASIAS</b></p> <p>Resenha crítica relativa à coltânea de prosa e poesia (livro de estreia do autor) de JOSÉ VICENTE SOBRINHO, elaborada pelo crítico e poeta ALBERTO SOUSA (1870-1927).</p> <p>Observar que no nº 8 (p. 1:128) já se acusara o recebimento, pela redação da revista, de um exemplar dessa obra; quanto ao jovem crítico que assina a resenha, já havia colaborado na <i>Mensagem</i> com um despojado soneto publicado em I(11):163. O articulista começa lembrando uma reflexão de DESCARTES quanto ao caráter ilusório da autocrítica — defeito que seria extensivo aos amigos dos escritores. (segue)</p> | <p><u>Página 278</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>CONTOS E FANTASIAS</b></p> <p>Mas argumenta no sentido de mostrar que, mesmo sendo íntimo amigo do poeta José Vicente Sobrinho, sente-se à vontade para elogiar o volume recém-lançado, que enfeixa suas primeiras produções.</p> <p>O que mais interessa, aqui, no entanto, é explicitar as questões estético-ideológicas presentes no discurso de Alberto Sousa. Depois de qualificar o autor criticado <i>poeta emérito, e poeta parnasiano de tempera inflexível</i>, Sousa revela uma preocupação típica do nacionalismo pré-modernista da virada do século: gostaria que José Vicente fosse "menos parnasiano", isto é:</p>  | <p><u>Página 279</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>CONTOS E FANTASIAS</b></p> <p><i>Se em vez de se desterrar, como os fundadores da escola parnasiana francesa, para os confins do Oriente maravilhoso, à cata de assuntos bizarros e de originalidades extravagantes, descrevendo, através de imperfeitas narrativas alheias, mundos e costumes que nunca viu, o artista aplicasse o talento viril na observação cuidadosa dos tipos e da civilização da nossa terra, com certeza que o seu formoso livro de estreia teria sido uma obra mais completa e valiosa sob todos os pontos de vista.</i></p> <p>Conclui, assim, que no volume examinado têm mais valor os contos de inspiração naturalista — e não os poemas decadentistas de José Vicente Sobrinho.</p> | <p><u>Página 280</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>CONTOS E FANTASIAS</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>VELANDO</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de GEORGINA TELXEIRA; sem dedicatória e sem data. Numa noite escura e ventosa, a poetisa permanece desperta, velando à janela de seu quarto, imersa na audição dos sons da natureza.</p> <p>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>São muitos os assuntos abordados nesta crônica por MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS. Ela começa lembrando a passagem do 33º (e não 32º, como saiu impresso) aniversário da batalha do Riachuelo, no dia 11 de junho último — efeméride ruidosamente festejada no Rio de Janeiro. Comenta, em seguida, o afogamento acidental de duas amigas adolescentes, em Copacabana. (segue)</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na menção a um "anúncio" do Externato Paulistano, na nota da p. I(18):286, surge, pela primeira vez, um indício de que *A Mensageira* talvez fosse distribuída dentro de capas de cartolina, como ocorria com suas coetâneas paulistanas *Revista Literária* e *Revista Azul*, que circularam respectivamente em 1895 e 1896; do mesmo modo será distribuída, já no começo do século XX (1904-1909) a luxuosa revista carioca *Kosmos*. Supomos assim que, seguindo os moldes usuais, a 1ª capa da *Mensageira* contivesse uma reprodução do sumário da revista — enquanto a 4ª capa seria reservada para a publicação de anúncios pagos.

| Página 281  | Página 282   | Página 283   | Página 284  |
|---|--|--|---|
| <p style="text-align: center;"><b>Continuação da<br/>CARTA DO RIO</b></p> <p>E ressalta o retorno ao Brasil de dois ilustres brasileiros: ANDRÉ REBOUÇAS (v. pp. I:241-242 e 245), cujos restos mortais haviam sido reclamados pelos amigos; e a soprano paulistana CLOTILDE MARRAGLIANO (Maria Clara nada comenta nesse sentido, mas sabe-se que Clotilde foi brilhante colega, no Conservatório de Milão do final dos anos 1880, da contralto campineira Maria Monteiro, pranteada em necrológio publicado no nº 12). A crônica prossegue com alusões à exposição do pintor AURÉLIO DE FIGUEIREDO — <i>também literato</i> — cujas paisagens incluem uma vista da região de Lambari (sul de MG); e termina com a cômica notícia de que nas estepes russas os criadores de gado estão colocando óculos escuros em suas vacas, para evitar a "cegueira da neve".</p>  | <p style="text-align: center;"><b>Conclusão da<br/>CARTA DO RIO</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/>NATAL</p> <p>Belo soneto de AUTA DE SOUSA, sem dedicatória e sem data. A beleza simples e despojada dos versos da mais célebre poetisa do Rio Grande do Norte (já homenageada pela revista com a inclusão de um outro soneto em I:262) evidencia-se aqui já à primeira leitura.</p>  | <p style="text-align: center;"><b>SAUDADE ANTIGA</b></p> <p>Crônica de caráter epistolar, redigida à maneira de poema em prosa, pelo prosador mineiro AMADEU DE QUEIRÓS (1873-1955); dedicado à destinatária dessa carta de confidências, designada apenas pelo apelido de "ABELHINHA"; sem data. Não é improvável que este escritor, nascido em Pouso Alegre, MG, também seja parente de Prisciliana Duarte: ele é filho do sr. Joaquim Augusto Moreira de Queirós e de dona Prisciliana Leopoldina de Queirós. O texto de sua autoria é encimado por um fragmento de prosa que lhe serve de epígrafe — mas não é revelado o nome do autor do trecho citado. (segue)</p>  | <p style="text-align: center;"><b>Conclusão do texto<br/>SAUDADE ANTIGA</b></p> <p>Contemplando um crepúsculo outonal, o cronista escreve a uma antiga companheira de infância (sua irmã, provavelmente), relembrando o tempo da nossa alegria, da ampla serenidade da nossa inconsciência... Essas reminiscências estão entrançadas na impressão causada em ambos pelas histórias que lhes eram narradas: as duas crianças iam dormir lembrando os personagens (ora melancólicos, ora fantásticos ou feéricos) cujas peripécias lhes haviam sido relatadas. Agora, já maduros, é a vez deles próprios transmitirem aqueles contos infantis a seus filhinhos.</p>   |
| <p style="text-align: center;"><b>Página 285</b></p> <p style="text-align: center;"><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Como no nº 16, o único texto aqui selecionado pertence à feminista portuguesa MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — desta vez uma matéria transcrita do <i>Jornal do Comércio</i>, do Rio de Janeiro. É digna de nota a longevidade dessa autora na imprensa brasileira, comparável à da nossa Júlia Lopes: já tem um ensaio sobre educação feminina publicado na <i>Gazeta de Campinas</i> de 18 e 19 de março de 1885 (matéria transcrita do jornal <i>O País</i>) e ainda assina outra matéria sobre o mesmo tema no <i>Jornal do Comércio</i> de 14 de agosto de 1901. No texto reproduzido, ela argumenta à sua maneira característica (pendularmente), apontando prós e contras nas doutrinas feministas. De qualquer forma, reafirma seu apoio à profissionalização das mulheres — e ainda aproveita para denunciar a maneira desumana como são tratadas as trabalhadoras grávidas.</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 286</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Conclusão da<br/>SELEÇÃO</b></p> <p style="text-align: center;">seguida de<br/>NOTAS PEQUENAS</p> <p><b>Borboletas:</b> é retificado um pequeno erro tipográfico cometido no número anterior, em I(17):261, no conto de ZALINA ROLIM.</p> <p><b>Belas-Artes:</b> são brasileiras duas das concorrentes da exposição anual de pintura do Salão de Paris (a CONDESSA DO ALTO MEARIM e sua irmã, a VISCONDESSA DE SISTELO).</p> <p><b>Nova Colaboradora:</b> a poetisa AUTA DE SOUSA (que teve sonetos publicados em I(17):262 e I(18):282) foi apresentada à revista por GEORGINA TELXEIRA.</p> <p><b>Externato Paulistano:</b> esse estabelecimento de ensino é dirigido por hábeis e ilustrados professores do Ginásio de S. Paulo, liceu estatal — aí se incluindo, talvez, João Vieira e Sílvio de Almeida.</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 287</b></p> <p style="text-align: center;"><b>A MULHER NO<br/>CELESTE IMPÉRIO</b></p> <p>Matéria jornalística (artigo informativo de cunho exótico e sensacionalista) transcrita da <i>Gazeta de Petrópolis</i>, sem designação de autoria e sem data. O texto parte da constatação de que, na China, a posição da mulher (...) é um baldão [uma ofensa] para o belo sexo. Naquele país um pai se considera desgraçado quando tem descendência do sexo feminino, chegando-se à prática generalizada do infanticídio ou da venda das meninas como escravas. Quando pequeninas, elas são mal nutridas ou mesmo condenadas à inanção — o que bastaria para se considerar a chinesa, se comparada com a mulher de outros países, como a mais infeliz que existe sobre a terra. Ao se casar, o marido tem sobre ela poder absoluto — podendo vendê-la ou alugá-la, se assim desejar. (segue)</p> | <p style="text-align: center;"><b>Página 288</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Conclusão do texto<br/>A MULHER NO<br/>CELESTE IMPÉRIO</b></p> <p>O concubinato é usual: antes de ascender ao trono, a própria atual IMPERATRIZ VIÚVA (Tseu-Hi, 1834-1908) foi mantida pela sogra na condição de concubina do príncipe herdeiro. Observe-se que a inserção desta matéria não é aleatória, como poderia parecer: o interesse da imprensa ocidental pelo Oriente aumenta por ocasião da Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), recrudescendo por ocasião da Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) — e disto a revista <i>Kosmos</i> (1904-1909) será testemunha, já em seus primeiros números. Nos ambientes mais cultos, a influência oriental é visível, por exemplo, no interesse de Van Gogh por estampas japonesas, já nos anos 1880; por essa época, Pierre Loti obtém grande sucesso com seu romance <i>Madame Chrysanthème</i> (de 1887).</p> |

| São Paulo, 15 de julho de 1898 — Ano I, Nº 19   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |   |  |
| <p><u>Página 289</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (II) (a)</b></p> <p>Nos dois últimos segmentos deste ensaio iniciado no nº 11, a educadora catarinense DELMINDA SILVEIRA aborda o tema da "Mocidade" (expressão equivalente a "adolescência"); o 4º e último texto da série será publicado no nº 23.</p> <p>Aqui, a principal preocupação da autora é fazer advertências relativas às mudanças observadas (em superfície) nas meninas que atingem os quinze anos de idade.</p> <p>Opõe-se, por exemplo, à proibição à frequência das mocinhas aos bailes:</p> <p style="text-align: right;">(segue)</p>   | <p><u>Página 290</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (II) (a)</b></p> <p>se aos rapazes alcoolizados ou enlouquecidos é vedado o acesso aos salões, não há pelo que temer; uma adolescente bem educada saberá sempre evitar situações que envolvam maior perigo.</p> <p>Muito mais condenáveis são as mães que, ao fazer as filhas descerem as barras das saias até o chão (daí considerar-se o uso do último vestígio curto como <i>derradeiro vestígio da idade mais feliz</i>), são tomadas por uma <i>idéia fixa</i>: transformar as meninas em mulheres casadoras, cobrindo-as de ornamentos frívolos. Por isso mesmo, torna-se imprescindível dar instrução às moças — só assim terão elas <i>luz suficiente para poder bem discernir</i>.</p> | <p><u>Página 291</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>OBSERVAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO EM GERAL (II) (a)</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>CASTELO DERROCADO</b></p> <p>Poesia de A. TOLENTINO DE ALMEIDA, sem dedicatória e sem data, extraído da coletânea <i>Carmina</i>.</p> <p>O poema, estruturado em seis quadras de versos de nove sílabas, de acentuação tetrasilábica (de tempo atenuado), obedece a temática sentimental e saudosista: desiludido e desamado, o poeta tem o "castelo" de seus ideais destruído e sua existência condenada à desesperança.</p>   | <p><u>Página 292</u></p> <p><b>GOLPE CERTEIRO</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a LÍDIA DA CUNHA; sem data.</p> <p>Relatando sua história como se se tratasse de um "caso" real (postura habitual nessa autora), Maria Clara conta ter conhecido um rapaz chamado Vítor Silva, quando ele ainda era estudante de direito da Academia de São Paulo, numa festa natalina realizada na residência da rica família do moço (um palacete da Praia do Russel, na Glória). Nessa ocasião, o acadêmico chamara-lhe a atenção por ostentar as mais evidentes qualidades de educação e de caráter.</p> <p>Meses depois, encontrando-se em visita a um médico, velho amigo, Maria Clara presencia um chamado urgente: o doutor é convocado para entrevistar o mesmo Vítor Silva numa delegacia de polícia. (segue)</p>  |
| <p><u>Página 293</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>GOLPE CERTEIRO</b></p> <p>O rapaz havia sido deitado em companhia de uma quadilha de ladrões, existindo testemunhos inequívocos de sua participação nos roubos cometidos pelo bando.</p> <p>Chorando muito, Vítor confessa-se culpado; e, arrependido, promete emendar-se, desde que sua família não saiba do ocorrido.</p> <p>O moço volta para São Paulo e forma-se advogado.</p> <p>Tempos depois, já casado e pai de uma criança, Vítor encontra aquele médico conhecido numa festa que se realizava em Santa Teresa.</p> <p>A simples visão da pessoa que testemunhara aquela vergonhosa passagem de sua mocidade — sublinhada por uma frase banal de reconhecimento, por parte do médico — é suficiente para levá-lo ao suicídio, dois dias depois, sem que ninguém (exceto o clínico) pudesse adivinhar o significado de seu gesto.</p> <p style="text-align: right;">(segue)</p> | <p><u>Página 294</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>GOLPE CERTEIRO</b></p> <p>Neste conto de Maria Clara ressalta, em primeiro lugar, sua espantosa atualidade com relação aos nossos dias — já que nestes nossos últimos anos do século XX a imprensa estampa volume crescente de histórias que envolvem moços e moças de famílias abastadas inexplicavelmente envolvidos com a mais vulgar criminalidade; em segundo lugar, a contista faz seu relato preservando, até o fim, o mistério da intimidade de seu principal personagem, à maneira de algumas das criações de Machado de Assis e de muitas das intrigantes personalidades ficcionais geradas por Clarice Lispector.</p>  | <p><u>Página 295</u></p> <p>Poema <b>DÚVIDAS</b></p> <p>Poema de CIPIÃO JUCÁ (1835-1905), poeta e jornalista de Alagoas, pai daquelas duas poetas alagoanas (Maria e Adélia Jucá) que tiveram produções suas publicadas pela <i>Mensagem</i>, nas pp. I(14):219, 223 e 224. Estas oito quadras de decassílabos datadas de "Maceió — 1898" são dedicadas a PERPÉTUA DO VALE, em "sinal de veneração" (lembrar que é ela a signatária do ensaio que homenageou a finada Maria Jucá em I:218-220). Nesse poema, que traz por epígrafe versos lamuriosos de GONÇALVES DIAS, são expostas suas dúvidas a respeito do significado da vida e da inexorabilidade da morte.</p> <p>seguido do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Resenha de PERPÉTUA DO VALE, relativa à coletânea <i>Fantasia</i>, da gaúcha CÂNDIDA FORTES (1862-1922), editada em 1897. (segue)</p> | <p><u>Página 296</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Declarando não ter a pretensão de exercer a crítica literária, o articulista considera-se no direito de <i>manifestar as suas impressões com singeleza e despreocupação</i>.</p> <p>Lembrando que todas as pessoas são capazes de exteriorizar julgamentos, observa que sua mais íntima satisfação foi saber que num lugarejo do interior de Minas canta-se uma modinha feita sobre versos de sua própria autoria. Mesmo desconhecendo a autora do poema, aquelas pessoas simples teriam proferido, cantando-o, o mais favorável dos juízos.</p> <p>Por outro lado, não seria lícito deixar de elogiar as produções artísticas dignas de encômios; para isso os jomais deveriam manter em seus quadros bons críticos, devidamente remunerados — mas infelizmente <i>A Mensageira</i> não está em condições de fazê-lo. (segue)</p> |

| OBSERVAÇÕES:  |   |  |  |
|---|---|--|--|
| <p align="center"><u>Página 297</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>IMPRESSÕES DE<br/>LEITURA</b></p> <p>Assim, é ela própria quem vai se encarregar de comentar este livro de prosa e poesia de Cândida Fortes — livro cujo recebimento já havia sido assinalado em I(15):239. Os versos da rio-grandense (dos quais transcreve-se a íntegra do poema <i>À Surdina</i> — oito quadras de alexandrinos —, além de uma poesia constituída por sete quadras de versos em redondilha maior) seriam elogiáveis por seu despojamento e por sua simplicidade: são versos feitos com completo abandono, sem nenhuma preocupação de forma, sem nenhum requinte do moderno poeta, e que são na sua quase totalidade de uma harmonia deliciosa. Também no que se refere aos contos do volume, a autora se manteria nos limites das tradições do romantismo. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 298</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>IMPRESSÕES DE<br/>LEITURA</b></p> <p>Perpétua do Vale considera elogiáveis essas características, na medida em que sua pureza estaria <i>mais em harmonia com a organização feminina</i> (ao contrário das descrições cruas, desbragadas e pouco edificantes do naturalismo).</p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>DONA LAVÍNIA</b></p> <p>Soneto em decassílabos de ELMANO DO VAL, sem dedicatória, datado de "S. Paulo — 8-7-98"; tem como epigrafe um verso (citado em francês) de VICTOR HUGO; o pintor espanhol ESTÉBAN MURILLO é citado no contexto do próprio poema. A figura suave e delicada de Dona Lavínia é descrita com arroubos típicos do romantismo mais açucarado; imagens como <i>epiderme de heráldico velino</i> não parecem muito felizes.</p>                            | <p align="center"><u>Página 299</u></p> <p align="center"><b>AS BORBOLETAS</b></p> <p>Conto de CÂNDIDA FORTES, extraído do volume <i>Fantasia</i> (resenhado neste mesmo número da revista por Perpétua do Vale). Selecionando, na coletânea de prosa e poesia da escritora gaúcha, uma peça capaz de ilustrar o conceito de "sadio romantismo" das acepções explicitadas por Perpétua do Vale, a diretora da revista escolheu como amostra uma simpática e despretensiosa historieta.</p> <p>Numa quente tarde de primavera, a jovem Berta — tendo concluído a confecção de seu enxoval — aguarda os resultados do pedido de casamento que seu namorado, Volmar, apresentou à avó que a criou, a senhora Mendes.</p> <p align="right">(segue)</p>   | <p align="center"><u>Página 300</u></p> <p align="center">Continuação do conto<br/><b>AS BORBOLETAS</b></p> <p>Mas, mesmo tendo boas referências do rapaz, a avó se recusa a discutir o assunto — pois, no momento em que lia o pedido que lhe era apresentado formalmente, por carta, uma grande borboleta escura (uma "bruxa") pousara sobre o papel. Interpretando aquele incidente como indicio de desgraça, mas atormentada pelo sofrimento infligido à neta, a velha passa a rezar com maior frequência (em seu oratório particular), para que Deus que a illumine; até que um dia vê entrar pela janela duas borboletas brancas, que pairam sobre as flores do altar — sinal evidente de que os céus se compadeceram da dor de Berta. O noivado é autorizado. No final, um rápido diálogo entre os dois noivos, no dia do casamento, esclarece o fenômeno: o "milagre das borboletas" só ocorreu graças à inteligente intervenção do rapaz.</p> |
| <p align="center"><u>Página 301</u></p> <p align="center">Conclusão do conto<br/><b>AS BORBOLETAS</b></p> <p align="center">seguido do poema<br/><b>NAUFRAGA</b></p> <p>Soneto de CARVALHO ARANHA (extraído do livro <i>Cineário</i>), dedicado a MÁRIO PAHIM; sem data. Revelando muito pouca perícia no manejo da métrica (a acentuação escolhida, de verso sáfico, é inconstante, dando um efeito singularmente desagradável ao poema), o autor fala de uma obscura nave que naufragou levando consigo a alma do poeta.</p> <p align="center">seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS — que começa comentando a nova moda, que eliminou o uso de chapéus pelas frequentadoras dos teatros do Rio (para desespero das chapeleiras e alegria das cabeleireiras). (segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 302</u></p> <p align="center">Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Contesta, em seguida, aqueles que censuraram a transcrição de um conto de Rebouças (publicado no n° 17). Citando um notório precedente: a republicação por <i>A Semana</i> de um conto de SÍLVIO DINARTE (pseudônimo do VISCONDE DE TAUNAY), considera essa prática perfeitamente justificável.</p> <p>Nessa primeira quinzena de julho, as novidades cariocas dizem respeito a uma exposição artística; à instalação de creches e jardins de infância na cidade e à inauguração da igreja da Candelária (para a qual reconstituiu-se uma missa do Pe. JOSÉ MAURÍCIO).</p> <p>A coluna termina com uma nota cômica: determinada moça rompeu o noivado, às vésperas do casamento, ao descobrir que o noivo estava comendo, furtivamente, os doces destinados à recepção nupcial.</p> | <p align="center"><u>Página 303</u></p> <p align="center">Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p align="center">seguido do poema<br/><b>ANGÚSTIA</b></p> <p>Poema de PRISCILIANA DUARTE, dedicado a AMÉLIA CARDOSO AMERICANO, datado de "S. Paulo, 17 de fevereiro de 1897". Quatro quadras de versos decassilábicos (cada verso correspondendo a dois pentassílabos) de temática elegíaca: a poetisa procura consolar sua tia Amélia da perda de uma filha — e manifesta um pressentimento: <i>O meu coração (...) por meus filhos sinto estremecer de susto!</i></p> <p align="center">seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Farmacêutica:</b> a farmácia de uma clínica de Niterói é dirigida por uma mulher, MARIA LUÍSA TORRESÃO SUE SURVILLE, formada farmacêutica em 1887.</p> | <p align="center"><u>Página 304</u></p> <p align="center">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>A Nação:</b> surgiu, no Rio de Janeiro, esse novo periódico, de propriedade do DR. AUGUSTO DE ALMEIDA &amp; Cia. Notar que em 1897 já circulava em São Paulo um jornal homônimo, <i>A Nação</i>.</p> <p><b>Artur Lobo:</b> o elogiado poeta mineiro ARTUR LOBO (1869-1901), autor de <i>Evangelhos</i> e <i>Quermesses</i>, foi absolvido, pelo júri da cidade de Uberaba, de determinada acusação (não explicitada).</p> <p><b>Revista Americana:</b> este mensário corresponde a uma publicação carioca anterior à célebre homônima lançada no Rio em 1910; o número analisado retrata COELHO NETO e conta com a colaboração de autores ilustres (S. ROMERO, O. BILAC, LAURO SODRÉ, REIS CARVALHO, OLIVEIRA DE MENESES, E. GOELDI, G. PARANHOS, L. BARREIROS, J. OTTICICA, A. BAHIA e H. MATOS).</p>                                     |

| São Paulo, 31 de julho de 1898 — Ano I, Nº 20  |   |  |   |
|--|---|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |   |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |  |   |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |   |
| <p><u>Página 305</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA C. SANTOS.</p> <p>Retomando dois dos assuntos antecipados na crônica da quinzena anterior, a articulista manifesta sua admiração pela qualidade das obras expostas no Centro Artístico do Rio de Janeiro, prometendo voltar ao assunto posteriormente (irá fazê-lo no nº 21); quanto à possibilidade da instalação de creches e jardins da infância na Capital Federal (segundo Casemiro dos Reis Filho, o jardim da infância anexo à Escola Normal paulistana já havia sido inaugurado em 1896), apontam-se os méritos da idealizadora do projeto: JÚLIA LOPES, que veiculou insistentemente reivindicações nesse sentido através da imprensa carioca. (segue)</p>  | <p><u>Página 306</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Os benefícios desse investimento seriam evidentes, justificando os esforços desenvolvidos para sua consecução.</p> <p>A coluna termina com o relato de um "caso" exemplar, que ilustraria a necessidade de prudência na vida conjugal: no "sertão de Minas" um casal vivia imerso em felicidade até o dia em que resolveram digladiar-se em torno de uma questão destituída de importância (ao ouvir o piar de um pássaro, um afirmava tratar-se do canto de um jacu, o outro do canto de uma jacutinga). Discutem, agridem-se, separam-se e, depois de muito sofrimento, reconciliam-se — retomando, pouco depois, a discussão sobre o mesmo tema. Depois que <i>quebraram ambos toda a louça da casa no bombardeio que improvisaram de repente, separaram-se — desta vez em caráter definitivo.</i></p> | <p><u>Página 307</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do início do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Situando esta crônica no contexto das comemorações do 109º aniversário da queda da Bastilha, MARIA EMÍLIA estende-se em considerações a respeito da Revolução Francesa, encarada por ela como marco dos novos tempos.</p> <p>Nesse sentido, os acontecimentos de 1789 teriam propiciado o reconhecimento, pela humanidade, da força do contingente feminino personificada na heróica figura de MME. ROLAND, "a alma da Revolução", segundo LAMARTINE.</p> <p>Arrolam-se, a seguir, os nomes de outras mulheres francesas vitimadas (a maior parte delas) pelos excessos do reinado do terror estabelecido a partir de 1792: (segue)</p> | <p><u>Página 308</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>CHARLOTTE CORDAY, MME. NECKER, LUCILE DESMOULINS (a exemplar esposa do infeliz revolucionário CAMILLE DESMOULINS), MARIA ANTONIETA e sua fiel amiga, a PRINCESA DE LAMBALLE.</p> <p>Apesar de Maria Emilia considerar que ainda permanece de pé a <i>bastilha dos preconceitos</i> contra a mulher, não faltariam, no século XIX, homens superiores, como ANDRÉ REBOUCAS — que ao citar SOPHIE RAFFALOVICH conclamou seus leitores para a tarefa de colaborar na <i>abolição da escravidão da mulher.</i></p> <p>A seção termina com a transcrição de um soneto (inspirado pelo amor filial) de SÍLVIO DE ALMEIDA, muito elogiado por GUIOMAR TORRESÃO:<br/><b>POR QUE SOU TRISTE?</b></p> |
| <p><u>Página 309</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>POR MONTES E VALES</b></p> <p>Relato de viagem de INÊS SABINO, dedicado a AUREA PIRES, datado da "Capital — 6 - Março - 1898" (subentenda-se: "Capital Federal").</p> <p>Confirmando sua vocação de polígrafa, a autora remete à <i>Mensagem</i> um texto de características bem diferentes daquelas de suas colaborações anteriores.</p> <p>Neste relato de uma breve incursão por terras fluminenses, assume, curiosamente, "olhar de estrangeira", fornecendo notas descritivas que remetem o leitor culto aos textos dos viajantes que visitaram o Brasil na primeira metade do século XIX.</p> <p>E começa observando que a seus próprios olhos aquilo que pareceria <i>velho e sem encantos</i> se transforma em <i>novidade</i> prazerosa. (segue)</p> | <p><u>Página 310</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>POR MONTES E VALES</b></p> <p>Inês Sabino admira principalmente as características da vegetação que recobre o solo fértil daquelas terras — assinalando, de início, a rica produtividade do solo carinhosamente cultivado pelos imigrantes europeus (no final do texto, irá elaborar juízos de valor a respeito do sucesso da mão-de-obra livre, situando-o em contraste com a falta de empenho e a "ingratidão" dos brasileiros para com a generosidade da nossa natureza).</p> <p>Mas a maior parte do artigo é dedicada à caracterização da flora nativa — exposta, aliás, de maneira excessivamente detalhista, com a menção a botânicos dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. (segue)</p>  | <p><u>Página 311</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>POR MONTES E VALES</b></p> <p>São nominalmente mencionados RAVISIUS e ANDREA CESALPINO (século XVI); MORISON, RAY, HERMANN e TOURNEFORT (século XVII); BERNARD DE JESSIEU ("Jessieu Tio") e LAURENT DE JESSIEU ("Jessieu Sobrinho"), DUHAMEL, RICHARD e LINNÉ (século XVIII); mais CANDOLLE, KUNTH, PELLETIER, CAVENTOU, DUCHARTRE, MARTIUS e o brasileiro JOAQUIM MONTEIRO CAMINHOÁ (1836-1896), do século XIX.</p> <p>A autora refere-se a JESUS CRISTO em função do relato evangélico de sua triunfal entrada em Jerusalém, saudada com o agitar de palmas pela multidão. (segue)</p>   | <p><u>Página 312</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>POR MONTES E VALES</b></p> <p>Apesar da escritora lembrar-se, por um momento, estar se dirigindo a mulheres pouco versadas em científicimos (<i>juízo que o estudo da botânica deveria ser um encanto para o meu sexo, não só como passatempo, como também por necessidade até mesmo pecuniária</i>), predomina o tom de inadequação do texto com relação à revista em que se inclui.</p> <p>Cabe salientar, ainda, o caráter europeizante (ou, mais especificamente, lusitanizante) da linguagem assumida por Inês Sabino nos três últimos parágrafos de seu relato.</p>   |



**OBSERVAÇÕES:** Na p. 314, "Pelayo Serrano" engana-se ao considerar peruano o poeta, diplomata e educador ANDRÉS BELLO (1781-1865), escritor nascido na Venezuela e radicado no Chile. Na p. 319, Dolores Alcântara refere-se elogiosamente a um notável pregador de Juiz de Fora, padre JÚLIO MARIA — fazendo ainda uma menção irônica ao sacerdote alemão SEBASTIAN KNEIPP (1821-1897), defensor de um famoso tratamento de hidroterapia; não dispoñdo de calçamento em suas ruas, os moradores de Juiz de Fora se submetiriam a um involuntário tratamento do "sistema Kneipp", andando descalços nas vias enlameadas.

|   |   |  |   |
|---|---|--|---|
| <p align="center"><u>Página 313</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>POR MONTES E VALES</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>PARÊNTESSES</b></p> <p>Soneto neoclássico, em decassílabos, de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA; sem dedicatória e sem data. Assumindo nesta poesia maior rigor formal (aproximando-se, portanto, dos cânones do pamasianismo), a autora mantém-se, tematicamente, na esfera do romantismo; em tom sombrio, seu eu-lírico, maltratado pela ausência do amado por um determinado lapso de tempo (daí os "parênteses" do título do poema) teme que essa dolorosa experiência venha a se repetir no futuro.</p>  | <p align="center"><u>Página 314</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>PARÊNTESSES</b></p> <p align="center">seguida do texto<br/><b>PÁGINAS AMERICANAS</b></p> <p>Fragmento de relato de uma viagem imaginária de NÉLSON DE SENA ("PELAYO SERRANO"), extraído, talvez, do mesmo livro de onde teriam saído os excertos publicados em I(17):270-271; o título refere-se às "viagens de sonho" do autor por países da América. Se havia a intenção de descrever as belezas da cidade de Lima, capital do Peru, o texto acaba por evidenciar defeitos típicos da produção retórica, prolixa e pedante dos cronistas da virada do século: de um lado há menções (aparentemente pertinentes) ao poeta ANDRÉS BELLO e ao presidente NICOLÁS DE PIÉROLA, aos imperadores incas HUÁSCAR e ATAHUALPA, aos diplomatas VARNHAGEN e VIANA DE LIMA; (segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 315</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>PÁGINAS AMERICANAS</b></p> <p>mas, por outro lado, surgem menções despropositadas aos poetas BYRON, ESPRONCEDA e CAMPOAMOR, VIRGÍLIO VÁRZEA e OLAVO BILAC, como também ao romancista PIERRE LOTI — ao estender-se em considerações a respeito da beleza das espanholas e das peruanas, que irão desembocar numa estéril discussão a respeito da formosura das brasileiras do Rio e de Santa Catarina (daí a menção a ANITA GARIBALDI, a companheira de GARIBALDI).</p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>CROMO</b></p> <p>Sentimental soneto de versos decassilábicos de ADÉLIA JUCÁ CASADO LIMA, a escritora alagoana irmã de Maria Jucá: de Adélia, a revista já apresentara um outro soneto, em I(14):224.</p>  | <p align="center"><u>Página 316</u></p> <p align="center"><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Os dois autores incluídos nesta edição correspondem ao poeta e diplomata brasileiro LUÍS GUTMARÃES JÚNIOR, falecido em maio deste ano de 1898 e a ensaísta portuguesa MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO. Enquanto o brasileiro enfatiza a necessidade de transformar a educação em instrumento de libertação da mulher, a lusitana aborda, no fragmento apresentado — extraído do mesmo <i>Mulheres e Crianças</i> que forneceu a "Seleção" de I(16):251-252 —, uma questão de cunho mais prático: a aquisição de conhecimentos concretos pelas mulheres deve se tomar preventivo eficaz contra os maus conselhos da pobreza ou da preguiça.</p> <p align="center">seguida do texto<br/><b>NOTAS DO INTERIOR</b></p>   |
| <p align="center"><u>Página 317</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>NOTAS DO INTERIOR</b></p> <p>Relato de viagem, datado de 12 de maio de 1898, da prosadora mineira DOLORES ALCÂNTARA VILHENA DE ARAÚJO (aqui, a autora fornece seu nome completo, explicitando o parentesco com Maria Clara, Prisciliana e Sívio de Almeida). Encerrando com este texto sua colaboração na revista, Dolores não deixa saldo muito favorável, qualitativa e quantitativamente falando: publicou o conto "Trindade" em I(2):25-28; outro conto, ambientado em Caxambu, "Horas Vagas", em I(8):125-127; e, agora, este relato de sua passagem pela cidade de Juiz de Fora (MG). Recorrendo a CHATEAUBRIAND como ponto de partida para suas considerações a respeito da efemeridade do prazer, a articulista declara sua dor por ter deixado Caxambu para trás, ao deslocar-se para sua "nova residência" (isto é, estadia) juiz-forana. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 318</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>NOTAS DO INTERIOR</b></p> <p>A Juiz de Fora, que seria o <i>cantinho mais sedutor</i> do Brasil, contando já 90 mil habitantes, chegou por via férrea, observando logo de início a elegância dos túmulos do cemitério local, o traçado geométrico, amplo e moderno das ruas já iluminadas por lâmpadas elétricas, a riqueza dos jardins e edificações (tanto públicas como privadas, civis ou religiosas). Na produção de uma jovem ali radicada (sensível poetisa, desenhista e musicista, apresentada com JOSÉ DE ALENCAR), encontrou uma prova concreta da cultura das moças do lugar — o que reforça sua crença de que a <i>educação da mulher brasileira marcha desassombrada para a próxima conquista intelectual</i>; os elogios explicitados pela autora à presença de uma Escola Normal na cidade inscrevem-se nesse mesmo contexto doutrinário. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 319</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>NOTAS DO INTERIOR</b></p> <p>Tecendo alguns reparos aos costumes locais, a visitante observa que os bailes são a diversão mais comum na cidade (ela própria teve a oportunidade de ir a um deles e dançar com um velho titular do Império) — mas escasseiam os recitais de canto, piano e recitação ou os jogos de salão. Também não concorda com os <i>barbaros exercicios cinegéticos</i> (referindo-se ao esporte da caça com cães praticado pela gente do lugar), de que resulta o inútil e condenável extermínio de aves inofensivas. Notar que o esporte cinegético era igualmente praticado pela elite econômica da região de Campinas: boa parte do romance <i>Em 1875</i> (São Paulo, Sociedade Imprensa Paulista, 1928), do campineiro Antônio Pompeu de Camargo (1885-1943), é dedicada à descrição da caça com cães numa fazenda de sua família.</p> | <p align="center"><u>Página 320</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>NOTAS DO INTERIOR</b></p> <p align="center">seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Recebemos e Agradecemos:</b> a redação acusa o recebimento de seis jornais e revistas procedentes do RJ, do RN, de SP e de MG; de Juiz de Fora, chega o diário local, <i>Correio de Minas</i>, que circulou (em sua primeira fase) entre 1894 e 1899 — enquanto do RJ vem a recém-lançada <i>Revista Moderna</i>, de EUGÊNIO DE BARROS e S. DE CASTRO. Versos: é esse o título do livro de FRANCISCO LINS do qual MANUEL VIOTTI ("ELMÃO DO VAL") fará uma apreciação no n° 21 da revista. A Mensageira: transcrevem-se os elogios publicados no paulistano <i>Diário Popular</i> à "chic" revista literária de PRISCILIANA DUARTE, com destaque para o conto <i>Borboletas</i>, de ZALINA ROLIM — v. pp. I(17):260-262.</p> |



| São Paulo, 15 de agosto de 1898 — Ano I, Nº 21  |   |   |  |
|---|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)   |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |   |  |
| <p><u>Página 321</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA C. SANTOS.<br/>Maria Clara começa os quatro assuntos tratados nesta edição retomando considerações de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO sobre o caráter ambíguo do reconhecimento público: teve a oportunidade de verificar pessoalmente, na recente exposição do Centro Artístico (do Rio de Janeiro) a maneira como um mau crítico de arte mudava sua opinião a respeito de um determinado quadro exposto; aquela bela pintura, inicialmente desencadada pelo crítico, tomou-se alvo dos maiores elogios, depois de ter ele percebido tratar-se de obra de um autor consagrado (ETIENNE-PROSPER BERNE-BELLECOUR, 1838-1910).<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 322</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A revoltante situação testemunhada pela articulista (também ela versada em artes plásticas) lhe trouxe à mente a máxima do Padre ANTÔNIO VIEIRA: <i>Não basta que as coisas que se dizem sejam grandes, se quem as diz não é grande.</i><br/>Elogiando em seguida a edição do livro de estréia da poetisa ÁUREA PIRES, a coletânea poética <i>Flocos de Neve</i> (que será objeto de análise no nº 26 da revista — o mesmo número que traz na capa o retrato dessa juveníssima escritora), Maria Clara compara-a a LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR, recentemente falecido: a poesia de Áurea Pires conservaria os mesmos atributos que tomaram Guimarães Júnior tão estimado e popularizado no Brasil (naturalidade, fluência, simplicidade, sentimentalidade, musicalidade).<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 323</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Revelando receber com frequência cartas de leitores que lhe pedem conselhos, a articulista responde ao pedido de orientação de uma noiva: depois de casados, marido e mulher devem abrir cartas dirigidas aos cônjuges? Guiada pelo bom senso, Maria Clara examina a questão, concluindo por um taxativo "não".<br/>E, encerrando com a costumeira nota cômica, a articulista recapitula a constrangedora posição em que se colocou um conhecido pintor brasileiro, ao receber a absurda encomenda de um retrato: o pai de um menino falecido aos sete anos de idade fornece ao artista a fotografia da criança morta exigindo que o quadro o mostre como o adolecente de treze que ele seria, se ainda fosse vivo...</p>                             | <p><u>Página 324</u></p> <p>Poema (DO "LIVRO DA SAUDADE")</p> <p>Soneto de ZALINA ROLIM; o título remete a seu novo volume de versos, que será editado anos em 1903, segundo Correia de Melo. Na verdade, o poema (que não traz dedicatória nem data) refere-se a seu próprio pai (falecido em 1896) — nele descrevendo a autora a esperança de que ainda possa revê-lo, no céu, depois de superada a efêmera condição terrena.</p> <p>seguido do poema<br/><b>ADEUS!</b><br/>Belo soneto de versos decassilábicos (tendendo à acentuação sáfica) em que ÁUREA PIRES lamenta ter que se despedir da amiga e dedicatária SELKA DARDEAU ao retornar para o interior de Minas; a poesia está datada de "Rio, 11-12-1897".</p> <p>seguido do início do texto<br/><b>DIVAGAÇÕES</b></p> |
| <p><u>Página 325</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>DIVAGAÇÕES</b></p> <p>Empolada crônica em que o poeta santista CÂNDIDO DE CARVALHO, em sua habitual obsessão pelo mar, relembra determinado período da mocidade em que procurou revigorar-se isolando-se numa casinha à beira-mar. Foi ali, contemplando a natureza e lendo poetas consagrados como LONGFELLOW (1807-1882), que se manifestou sua vocação poética, dando origem a seus primeiros versos.</p> <p>seguida do poema<br/><b>NO ÁLBUM DA SRTA. JOANA REIS</b></p> <p>Soneto em alexandrinos, de CARLOS GOIS, dedicado a JOANA REIS; sem data. Modelo acabado do vazio preciosismo parnasiano (do qual se torna involuntária caricatura), nas antípodas do "Adeus!" de Áurea Pires, publicado na página ao lado (I:324).</p>            | <p><u>Página 326</u></p> <p>Início da resenha<br/><b>"VERSOS" DE FRANCISCO LINS</b></p> <p>Resenha de ELMANO DO VAL, datada de "S. Paulo, 27-7-98", relativa ao recém-lançado volume de <i>Versos</i> do poeta mineiro FRANCISCO LINS (1866-1933).<br/>O articulista começa agradecendo a honra de apresentar sua colaboração, a convite da diretora de <i>A Mensageira</i>; Prisciliana antecipara, de fato, numa das "Notas Pequenas" do número anterior da revista (p. I:320), a notícia de que "nosso talentoso e distintíssimo colaborador Dr. Manuel Viotti" se encarregaria de criticar o livro recebido — acabando por revelar, assim, que o poeta MANUEL VIOTTI assume o pseudônimo de "Elmano do Val" quando exerce funções de crítico literário.<br/>(segue)</p>   | <p><u>Página 327</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>"VERSOS" DE FRANCISCO LINS</b></p> <p>Os reparos ao livro de Francisco Lins (impresso em Juiz de Fora) já se aplicam à sua precária apresentação gráfica, que <i>não recomenda absolutamente as artes gráficas de Minas</i> — Estado em que, de acordo com XAVIER DA VEIGA, a imprensa remonta aos tempos do Padre VIEGAS DE MENESES.<br/>Apesar de apresentar alguns poemas dignos de nota (o soneto "Perfil", por exemplo, é integralmente reproduzido) a coletânea de Lins seria igualmente pobre e estereotipada, decepcionante e pouco original. O conhecido poeta parnasiano português ANTÔNIO FELJO (1862-1917) é mencionado como modelo utilizado (consciente ou inconscientemente) pelo brasileiro no soneto "Morta", parte integrante de <i>Versos</i>.</p> | <p><u>Página 328</u></p> <p>Poema<br/><b>O ÓRFÃO</b></p> <p>Soneto de FRANCISCO LINS, extraído da coletânea <i>Versos</i> (resenhada por Elmano do Val neste mesmo número da revista), sem dedicatória e sem data.<br/>Trata-se de um dos poemas elogiados pelo crítico nas considerações explicitadas na p. I:326; talvez um dos poemas menos ruins daquela coletânea, é elaborado em decassílabos, sobre ternática muito sentimental, descrevendo a desorientação de um menino cuja mãe falecera na véspera.</p> <p>seguido do início do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p>  |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. 1:324 constatamos que, ao deixar de lado a grandiloquência condoreira de seus poemas mais extensos e mais pretensiosos, a Áurea Pires do soneto "Adeus!" alcança, paradoxalmente, condição de primeira grandeza, proporcionada por versos simples, sonoros mas despojados; a beleza dos dois últimos versos da segunda quadra ou dos dois últimos do segundo terceto remetem-nos à espontaneidade da poesia popular portuguesa recolhida por Teófilo Braga (1843-1924) e à doce sentimentalidade dos versos da galega Rosalia de Castro (1837-1885). Na p. 326, o soneto de Francisco Lins inclui menção nominal ao poeta francês LAMARTINE.

| Página 329   | Página 330   | Página 331  | Página 332  |
|--|--|---|---|
| <p>Continuação do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p> <p>Reprodução integral do conto extraído do volume <i>Preludiando</i>, coletânea de contos de autoria da gaúcha ANDRADINA DE OLIVEIRA (1859-1935); "O Armador" é dedicado às duas conhecidas escritoras irmãs radicadas, por essa época, na cidade do Rio de Janeiro, JÚLIA LOPES DE ALMEIDA e ADELINA LOPES VIEIRA.</p> <p>O recebimento do volume já havia sido registrado por Prisciliana numa nota publicada no n° 15 de <i>A Mensageira</i> (p. 1:239); no mesmo número da revista (p. 1:240), acusara-se o recebimento de diversas edições da revista literária feminina <i>O Escrivão</i>, editada por Andradina na cidade de Bagé.</p> <p>(segue)</p> | <p>Continuação do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p> <p>A história narrada com maestria por Andradina de Oliveira é simples e linear, desenvolvendo-se no decorrer de poucos dias.</p> <p>Um avarento armador (proprietário de uma casa funerária), procurado por um rico freguês (o sr. Junqueira), não esconde seu prazer ao tomar conhecimento da morte de sua única filha.</p> <p>O inconsolável pai, ao observar a frieza do armador, pergunta-lhe se ele tem filhos (sim, ele também só tem uma garotinha que "goza a melhor saúde"). Junqueira comenta: sua própria filha, hoje falecida, também "gozava a melhor saúde".</p> <p>(segue)</p>  | <p>Continuação do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p> <p>No dia seguinte, ao voltar satisfeito para casa (depois de embolsar um conto de réis com aquele rico enterro) o agente fúnebre encontra sua própria filha febril e delirante: vitimada por uma meningite fatal, ela não resiste à doença, morrendo depois de pedir repetidamente ao pai que lhe fizesse um caixãozinho tão bonito quanto aquele em que fora sepultada a filha do Junqueira.</p> <p>Ele, amargurado, concorda; mas promete também que aquele será o último caixão confeccionado por sua firma. Três dias depois, a loja do armador era vendida.</p> <p>(segue)</p>   | <p>Continuação do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p> <p>Observe-se que a dedicatória de Andradina a Júlia Lopes e Adelina Vieira (que assumem conjuntamente a autoria do livro <i>Contos Infantis</i>, de 1886) não parece casual: o conto imita o estilo inicial (empregado na produção de contos, principalmente) de Júlia Lopes — que se notabilizou justamente pelo emprego de uma mescla sutil de realismo psicológico associado a uma concepção eminentemente romântica da narrativa.</p> <p>No caso de Andradina, porém, a "coincidência" das mortes pressupõe a existência de uma divindade que premia ou castiga os homens de acordo com seu inexorável senso de justiça — algo que remete ao mundo do notável romancista inglês Charles Dickens (1812-1870), universalmente conhecido e especialmente estimado no Brasil.</p> |
| <p>Página 333</p> <p>Conclusão do conto<br/><b>O ARMADOR</b></p> <p>seguida do início do texto<br/><b>SONHOS...</b></p> <p>Crônica de PELAYO SERRANO (pseudônimo do escritor mineiro NÉLSON DE SENA), datada de "Julho — 1898", que aqui se dedica a reflexões sobre a natureza dos sonhos.</p> <p>Embora as tendências racionalistas vigentes exijam a rejeição de explicações sobrenaturais ou cabalísticas para um fenômeno de base puramente fisiológica, o cronista considera a possibilidade de existir de fato algo mais, no misterioso mundo onírico.</p> <p>(segue)</p>   | <p>Página 334</p> <p>Conclusão do texto<br/><b>SONHOS...</b></p> <p>Como se poderia explicar — indaga —, de outro modo, a forte persistência de impressões registradas justamente no decorrer dos sonhos? Nesse outro universo, vivenciamos situações de tal intensidade que, por contraste, fazem empalidecer o assim chamado mundo real.</p> <p>Nélson de Sena, futuro fundador da Academia Mineira de Letras (instalada em Juiz de Fora em dezembro de 1909) mostra-nos, aqui, sua capacidade de estender-se em considerações circulares, puramente retóricas, ao ponto de ocupar mais de uma página com artificiosas elaborações que poderiam ser resumidas num único parágrafo.</p> | <p>Página 335</p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Mais uma vez, o trecho selecionado (que enfatiza a importância da alimentação no desenvolvimento das crianças) é da lusitana MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO; a fonte (jornalística, provavelmente) não é indicada.</p> <p>Pode-se observar, aqui, o característico raciocínio pendular da autora — que prescreve uma educação infantil livre de autoritarismos mas fica embevecida com a "forte disciplina" da educação à inglesa, <i>supremo milagre do espírito sobre a matéria</i>.</p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Estalagmites:</b> numa só penada, a redação da revista acusa o recebimento e comenta a lírica de estréia de HERMETO LIMA, publicada no Rio de Janeiro — à qual sobram técnica e inteligência, mas falta "alma" (isto é, espontaneidade e sentimento).</p> <p>(segue)</p> | <p>Página 336</p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Notar que o estranho título de <i>Estalagmites</i> se deve, provavelmente, ao conhecimento da existência prévia de um livro de versos de Júlio César da Silva intitulado <i>Estalactites</i>.</p> <p>Músicas: JÚLIA FILIPPONE está lançando novas peças de música ligeira assinadas por ERNESTO BULHÕES e FRANCISCO BASTOS.</p> <p>seguida de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Transcrevem-se comentários de quatro jornais (de São Paulo, do Rio e de Salvador) em que são nominalmente citados PRISCILIANA DUARTE, SÍLVIO DE ALMEIDA, MARIA CLARA, ZALINA ROLIM e ÁUREA PIRES. São elogiadas as inclusões do conto de ANDRÉ REBOUÇAS no n° 17 — e, no n° 16, do necrológico de FELICE CAVALLOTTI redigido por REVOCATA DE MELO.</p>                             |

| São Paulo, 30 de agosto de 1898 — Ano I, Nº 22   |   |   |  |
|--|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |   |  |
| <p><u>Página 337</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>UM CASO VERDADEIRO</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a OFÉLIA DA CUNHA; sem data. Sublinhando com esse título sua intenção de fazer passar o relato por "caso real", Maria Clara tece uma história triste com final feliz, recomensador de todos os sofrimentos dos envolvidos.</p> <p>Já viúvo e de meia idade, o escravo Félix vê desesperado sua filha Maria (de 18 anos) ser entregue pelo senhor em pagamento de uma dívida. Impossibilitados de reagir, pai e filha sofrem com a separação — não chegando a consolar-se com a abolição da escravatura, decretada anos depois; pois não conseguem se localizar, despendendo recursos inutilmente em pesquisas e em anúncios publicados nos jornais. (segue)</p>                 | <p><u>Página 338</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>UM CASO VERDADEIRO</b></p> <p>Já sexagenário, Félix tem que se tornar estivador, para sobreviver; assim, acaba se tornando amigo de um jovem companheiro de trabalho, que convida-o para ir a sua casa num dia de descanso.</p> <p>Lá, ao servir café ao visitante, a esposa do moço o reconhece: ela é Maria, a filha amada que passara 22 anos sem ver o pai. A partir daí, emocionados e maravilhados com o incrível desfecho de sua história triste, passam todos a viver juntos — pai, filha, genro e netas (pois Maria também gerara suas próprias filhas).</p> <p>(segue)</p>  | <p><u>Página 339</u></p> <p>Continuação do conto<br/><b>UM CASO VERDADEIRO</b></p> <p>Neste conto, notável pelo senso dramático e pelo caráter coloquial da narrativa — características próprias de quem "conta um caso" —, chama a atenção o fato de Maria Clara utilizar-se, sempre, de eufemismos que evitem o uso dos vocábulos "escravidão" ou "escravatura"; na p. 337, por exemplo, refere-se ao "bárbaro cativo" — enquanto na página seguinte, a data da Lei Aurea, de abolição da escravatura, se transforma em "grande dia 13 de maio de 1888".</p>  | <p><u>Página 340</u></p> <p>Conclusão do conto<br/><b>UM CASO VERDADEIRO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>BENDITA CAUSA</b></p> <p>Soneto do entusiasmado poeta simbolista paraibano, CARLOS DIAS FERNANDES (1874-1942), por essa época radicado em São Paulo. Na p. 1:352, a redação da revista chama a atenção para essa colaboração do "ilustre poeta", já qualificado como "simbolista".</p> <p>Esse soneto de versos decassilábicos — em que o poeta declara resistir às adversidades graças aos sons da cítara encantada que lhe vêm das mais elevadas esferas — é, no entanto, amostra de poesia de escassas qualidades.</p> <p>seguido da resenha<br/><b>"PRELUDIANDO"</b></p>   |
| <p><u>Página 341</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>"PRELUDIANDO"</b></p> <p>Resenha relativa ao livro de contos <i>Preludiando</i> (que marca, em 1897, a estreia de sua autora, a gaúcha ANDRADINA DE OLIVEIRA); um dos contos desse volume, "O Armador", foi integralmente reproduzido no número anterior de <i>A Mensageira</i>, p. I(21):328-333.</p> <p>Esta lisonjeira avaliação crítica é assinada por um dos mais respeitadores críticos gaúchos da época, DAMASCENO VIEIRA (1850-1910), então radicado na Bahia.</p> <p>Damasco Vieira começa lamentando, entre os acontecimentos mais infelizes do ano (1897), a Guerra de Canudos e o assassinato do Ministro do Exército, no atentado ao Presidente da República (cf. referências registradas nessa ocasião, em meados de novembro de 1897, pelo nº 3 da revista, pp. 34 e 36); (segue)</p> | <p><u>Página 342</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>"PRELUDIANDO"</b></p> <p>nas palavras do crítico: "como se novo ÁTILA quisesse apagar do solo o mínimo vestígio de civilização", grassou, entre os brasileiros, pior do que o fanatismo religioso de Antônio Conselheiro, o fanatismo político.</p> <p>Mas do Rio Grande do Sul chegaram-lhe às mãos, naquele mesmo ano de 1897, três excelentes lançamentos literários — todos eles firmados por mulheres gaúchas: os contos de <i>Preludiando</i>, de ANDRADINA DE OLIVEIRA, aqui enfocados; o volume de prosa e poesia intitulado <i>Fantasias</i>, de CÂNDIDA FORTES (já resenhado por Perpétua do Vale no nº 19 da <i>Mensageira</i> (pp. I:293-298) e <i>Aima e Coração</i> (coletânea de prosa poética de JULIETA DE MELO MONTEIRO que o próprio Damasceno Vieira se encarregará de resenhar no nº 34, pp. II:191-192).</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 343</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>"PRELUDIANDO"</b></p> <p>Elogiando o alheamento político dessas escritoras, o articulista ressalta que o livro de Andradina, impresso numa tipografia (Trocadero) da cidade do Rio Grande (RS), é sua obra de estreia — mas que a autora já merecera considerações elogiosas por parte de REVOCATA HELOÍSA DE MELO, no periódico <i>Corimbo</i>. Em 1890, a jovem Andradina recém-formada pela Escola Normal de Porto Alegre viera defender publicamente a reputação das mulheres (acusadas de volubilidade por alguém) numa série de artigos publicados pelo <i>Jornal do Comércio</i> (da capital gaúcha). Conquistara, assim, a notoriedade — que agora deveria ser ampliada com a divulgação deste volume de contos ao qual apusera o modesto título de <i>Preludiando</i> (em analogia com algumas notas ao piano).</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 344</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>"PRELUDIANDO"</b></p> <p>A escritora inovava também na apresentação de seu livro: dispensando o costumeiro prefácio por figurões de prestígio, dedicara todos os seus contos a mulheres de letras do Brasil (daí resultando uma nominata de 27 escritoras cuja enumeração representa uma verdadeira tomada panorâmica da literatura feminina do país naquele final do século XIX).</p> <p>Vieira acha, porém, que Andradina não precisava antepor todos aqueles nomes a seus contos — pois soubera aliar, em sua produção, a perfeição da fatura a uma imaginação rica e original. Apontando certa coincidência na inspiração de determinado conto com a história de um personagem de ÉMILE ZOLA, ressalta que na gaúcha predomina o caráter sentimental — mas que tanto COELHO NETO como CATULLE MENDÈS não hesitariam em assinar o último conto do volume. (segue)</p> |

| OBSERVAÇÕES: A nominata completa das dedicatórias de Andradina de Oliveira fornecida por Damasceno Vieira na p. 343 arrola 27 escritoras brasileiras que serão incluídas — todas elas, sem exceção —, em nosso índice onomástico. Na p. 340, o mesmo Damasceno Vieira compara a JESUS CRISTO a pátria flagelada pelas sucessivas tragédias testemunhadas pelo ano de 1897; nessa resenha de Vieira estão implicitamente mencionados o presidente PRUDENTE DE MORAES e os assassinados MAL. BITTENCOURT e GENTIL DE CASTRO. Na p. 348, MARIA (mãe de Jesus) é nominalmente citada por Prisciliana Duarte, no poema "Crepuscular".   |  |  |   |
|--|--|--|---|
| <p><b>Página 345</b></p> <p>Conclusão da resenha "PRELUDIANDO"</p> <p>Fazendo uma elegante alusão ao título do livro, Damasceno Vieira espera que Andradina de Oliveira, bem sucedida nestes "prelúdios", não se satisfaça só com eles, empenhando todas as suas forças na produção de grandes e consagradoras "sinfonias"...</p> <p>seguida do poema<br/><b>QUANDO PARTISTE</b></p> <p>Soneto de versos decassilábicos de ÁUREA PIRES, dedicado "a meu irmão GUILHERME PIRES", datado de 1891 (ocasião em que a poetisa tinha apenas 15 anos de idade): a partida do irmão deixou-a chorosa, triste e inconformada.</p>   | <p><b>Página 346</b></p> <p>Canto<br/><b>A CEGUINHA</b></p> <p>Este primeiro texto de colaboração da cearense FRANCISCA CLOTILDE (1862-1932) decepiona, na medida em que aborda, de maneira pueril e sentimentalóide, uma história que se pretende real.</p> <p>Uma cega mendicante, de belos olhos azuis, relata sua desgraça à escritora: ela vivia feliz, à beira-mar, embevecida no romance com o jovem pescador Taciano. Mas, "seduzido pela ambição", ele parte, deixando-a só e desesperada. Ela chorou tanto que perdeu as vistas, transformando-se na infeliz ceguinha de hoje.</p> <p>seguido do poema<br/><b>CATIVO</b></p> <p>Poesia romântica do campineiro ANTERO BLOEM (1878-1919): quatro quadras de versos decassilábicos; sem dedicatória; datado de "S. Paulo, 1898".</p> | <p><b>Página 347</b></p> <p>Conclusão do poema<br/><b>CATIVO</b></p> <p>seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Mais uma vez (essa autora aqui comparece pela quinta vez) cabe a MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO o texto "exemplar" escolhido para esta edição da <i>Mensageira</i>.</p> <p>Abordando a questão da educação de maneira mais incisiva, a escritora portuguesa contrapõe a educação medieval (em que as mães só atendiam, segundo ela, "à alma de seu filho") às necessidades da educação moderna. Nesta, os caminhos já estariam traçados: <i>pacificada a guerra que se havia travado entre a alma e o corpo</i>, resta zelar para que o desenvolvimento físico sirva de base para um sadio desenvolvimento espiritual.</p> <p>Os "casos médicos" utilizados como exemplos são absolutamente destituídos de base científica.</p> | <p><b>Página 348</b></p> <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>CREPUSCULAR</b></p> <p>Poesia composta por cinco quadras de versos de nove sílabas (cada verso composto, por sua vez, por dois perfetos tetrassílabos). Este poema de PRISCILIANA DUARTE (sem dedicatória, datado de "S. Paulo, 7 de março de 1897") é, seguramente, o melhor de toda a sua produção poética estampada pela revista. Nessa descrição de um entardecer atinge-se um grau de despojamento muito próximo dos doces sonetos de Auta de Sousa. A musicalidade dos versos, por sua vez, lembra Gonçalves Dias (por quem Prisciliana já externara profunda admiração no poema incluído em I(3):35 e na nota publicada em I(3):45-46.</p> <p>seguido do texto <b>LENDO E COMENTANDO...</b></p>   |
| <p><b>Página 349</b></p> <p>Continuação do texto<br/><b>LENDO E COMENTANDO...</b></p> <p>Resenha de NÉLSON DE SENA, datada de "Minas — Agosto 98", relativa ao recém-lançado romance de COELHO NETO, <i>O Morto</i> (1898), que se segue ao consagrador <i>Inverno em Flor</i> (1897).</p> <p>Aqui, tanto a resenha como o livro a que ela se refere se revestem de especial interesse, por conterem, ambos, alusões aos tormentosos anos iniciais da república militarista, há pouco superados pela instauração da república civilista (personificada pelo ituano Prudente de Moraes, que dentro de poucas semanas já estará sendo substituído pelo campineiro Campos Sales).</p> <p>O "morto" que dá título ao livro é justamente um dos frustrados rebeldes da Revolta da Armada — que, considerado afogado, foge para o "Asilo da Liberdade" garantido pela fronteira do Estado de MG. (segue)</p> | <p><b>Página 350</b></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>LENDO E COMENTANDO...</b></p> <p>Superada a necessidade de ocultar-se, o ex-fugitivo retorna pesaroso à Capital Federal, depois de entoar hinos de louvor àquela terra hospitaleira.</p> <p>seguida da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</p> <p>São novamente quatro os temas desenvolvidos pela articulista — os dois primeiros mais formais; os dois últimos de caráter mais pessoal.</p> <p>Maria Clara saúde, em primeiro lugar, o retorno ao Brasil do presidente eleito (CAMPOS SALES), lembrando-se de cumprimentar também aquele que deverá, dentro de dois meses e meio, transmitir a Presidência da República. (segue)</p>  | <p><b>Página 351</b></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>PRUDENTE DE MORAIS, <i>que tanto tem se esforçado pela pacificação e progresso desta terra</i>.</p> <p>Ocupa-se, em seguida, em elogiar a atuação do DR. BRASIL SILVADO na direção do Instituto Benjamin Constant — onde os cegos têm recebido educação exemplar.</p> <p>Mas o assunto de sua predileção vem a seguir: a exposição, numa casa da rua dos Arcos (Lapa) do professor italiano (de Florença) ADOLFO MALEVOLTI — mestre de pintura, em especial de paisagens e de naturezas mortas, da própria Maria Clara.</p> <p>A coluna termina com o caso humorístico habitualmente relatado como fecho: os jornais do Rio divulgaram um caso de rapto consentido em que tanto o raptor como a raptada tinham 70 anos de idade...</p>                           | <p><b>Página 352</b></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Elizabeth Lynn Linton:</b> Essa escritora inglesa, filha do pastor JAMES LYNN, orientada pelo literato WALTER SAVAGE LANDOR, conhecida como romancista e jornalista, acaba de falecer em Londres (o texto transcrito não menciona a aversão dessa escritora com relação às reivindicações feministas).</p> <p><b>Matemática:</b> Graduou-se nessa área científica, em Coimbra, a sra. DOMITILA MIRANDA CARVALHO.</p> <p><b>O País:</b> Este periódico carioca tem chegado pontualmente à redação da <i>Mensageira</i> (que agradece a remessa).</p> <p><b>Carlos D. Fernandes:</b> Chama-se a atenção dos leitores para a estória deste colaborador na revista (em I:340 transcreve-se seu soneto "Bendita Causa").</p> |

| São Paulo, 15 de setembro de 1898 — Ano I, Nº 23   |  |  |  |
|--|--|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua dos Estudantes Nº 23)  |  |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |  |  |
| <p><u>Página 353</u></p> <p>Ilustração de capa:</p> <p>Clichê fotográfico reproduzindo uma fotografia da homenagem desta edição,</p> <p><b>MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</b></p>  | <p><u>Página 354</u></p> <p>Sumário</p> <p>seguido do editorial</p> <p><b>MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS</b></p> <p>Às vésperas de completar-se o primeiro aniversário de circulação da revista, PERPÉTUA DO VALE homenageia aquela que tem sido, de fato, o braço direito da diretora da revista. O talento da homenageada lhe permitiria, se quisesse, ser uma grande cultora da forma, da frase castigada, das estrofes trirrodadas e cantantes... Mas ela prefere, em seus escritos, dar vazão ao humor e ao otimismo contagiante que a caracterizam — e que a tomam tão estimada de seus leitores.</p> <p>(segue)</p>                                | <p><u>Página 355</u></p> <p>Conclusão do editorial</p> <p><b>MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS</b></p> <p>Cabe à <i>Mensagem</i>, portanto, manifestar de público seu apreço pela escritora, com aplausos extensivos a seu marido, DR. JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS, <i>um dos mais brilhantes ornamentos da engenharia brasileira.</i></p> <p>seguida do início do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, sem data, dedicado a ADELAIDE LOPES GONÇALVES (c. 1857-1914), irmã de Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida, que se notabilizou, na Campinas imperial, por seus dotes de declamadora e de cantora lírica (foi solista na inauguração da Matriz Nova, em 1883).</p> <p>(segue)</p>  | <p><u>Página 356</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Escolhendo como cenário, para este outro "caso" que pretende relatar, a pitoresca cidade de <i>Piumhi</i>, no oeste de Minas Gerais, Maria Clara — à maneira de Inês Sabino — dedica as duas primeiras páginas de seu conto à descrição pormenorizada do ambiente físico daquele lugar previamente escolhido como cenário adequado para sua dramática história.</p> <p>A região de Piumhi situa-se na área que serve de nascedouro tanto ao sereno Rio Grande como ao São Francisco — que neste trecho corre aos borbotões por gargantas estreitas e profundas.</p> <p>Ao norte da cidadezinha (onde se chegava, na época, depois de 12 dias de montaria) situa-se a imponente serra da Canastra, em cujas bases espalha-se o árido e solitário sertão da Zagaia.</p> <p>(segue)</p> |
| <p><u>Página 357</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Mas Piumhi surge como um oásis nessa região inóspita, graças a suas lagoas permanentes, ricas fontes de vida para os peixes e pássaros que delas tiram seu sustento.</p> <p>Tempos atrás, dois amigos (de 24 e de 40 anos de idade) procedentes do Rio de Janeiro, haviam chegado àquela região. Colegas de trabalho (eram ambos empregados do comércio), procedendo de Araxá, os dois <i>moços da Corte</i> não tinham pressa de retornar ao litoral — ali se instalando, em companhia de um serviçal, num lugar de pouso denominado Água Limpa.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 358</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Conhecedor do local (dois anos antes tivera a oportunidade de ali acompanhar as comemorações da festa de São Sebastião), Torres, o mais velho, gabava-se de ter travado amizade com <i>umas moças muito bonitas, dadas e alegres</i> — dispendo-se a reencontrá-las. Vestindo-se com apuro, exige que Gonçalves, o rapaz mais novo, o acompanhe, à noite (em meio à completa escuridão) à casa daquelas moças, situada em lugar retirado. Mas confessa que o pai delas é <i>caboclo de maus bofes</i> — e que tudo terá que ser feito furtivamente.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 359</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Torres deixa Gonçalves à espera (prometendo chamá-lo mais tarde para as devidas apresentações), desaparecendo por uma porta depois de recebido por uma mulher iluminada por uma candieira.</p> <p>O tempo passa — e Gonçalves, esperando inutilmente, já se decidia a ir embora, quando vê sair pela mesma porta um sinistro cortejo que, tendo à frente o rústico dono do lugar (iluminado pela mesma candieira), compõe-se de dois outros homens que carregam o corpo de Torres, há pouco trucidado.</p> <p>Do alto de uma frondosa laranjeira, imobilizado pelo terror, Gonçalves assiste ao macabro desfile e ao enterro do amigo — que é sepultado ali mesmo, naquele quintal.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 360</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>NO SERTÃO</b></p> <p>Ameaçado de ser denunciado pelos cães que acompanham a tétrica cerimônia, o rapaz espera que todos se recolham, para poder fugir.</p> <p>Mal raiava o dia seguinte, Gonçalves e o serviçal deixavam o lugar às pressas, temendo que a vingança do roceiro os alcançasse.</p> <p>O criado, que poderia tê-los prevenido, ignorava que Torres ainda insistisse em desafiar o perigo — pois aquelas cruéis <i>strigaitas</i> já eram conhecidas como causadoras de diversas mortes.</p> <p>Aos conhecidos do Rio de Janeiro, não tiveram outra alternativa senão mentir, dizendo que Torres morrera em heróica resistência a um bando de ladrões que tentara assaltá-los.</p>   |

**OBSERVAÇÕES:** No texto das pp. 1:365-367, Archer de Lima apela para a menção a diversos autores — começando por um certo LYCINQUE, do qual foi impossível obter referências objetivas (trata-se, provavelmente, de erro de transcrição de manuscrito: grafado dessa forma, "Lycinque", não corresponderia a autor nenhum). Os demais escritores citados — a atívisima francesa JULIETTE LAMBER ADAM (1836-1936), a romancista norte-americana HARRIET BEECHER STOWE (1811-1896) e o cientista político CLÉREL DE TOCQUEVILLE (1805-1859) são personalidades bastante notórias.

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p align="center"><u>Página 361</u></p> <p align="center"><b>Poema<br/>TELA SOMBRIA</b></p> <p>Bem acabado soneto de decassílabos sáficos de JULIETA DE MELO MONTEIRO, "do Rio Grande do Sul", sem dedicatória e sem data. A "tela sombria" corresponde à descrição ("cromo") de uma paisagem desértica e sombria.</p> <p align="center">seguido do início do texto<br/><b>OBSERVAÇÕES SOBRE<br/>A EDUCAÇÃO EM GERAL<br/>(II) (b)</b></p> <p>Os quatro segmentos que compõem este ensaio "pedagógico" de DELMINDA SILVEIRA terminam aqui. E encerram-se, previsivelmente, com considerações óbvias, redundantes e retrógradas (mesmo para a época) a respeito do casamento. (segue)</p>   | <p align="center"><u>Página 362</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>OBSERVAÇÃO SOBRE<br/>A EDUCAÇÃO EM GERAL<br/>(II) (b)</b></p> <p>Delminda começa advertindo a moça ingênua — <i>risonha e doudejante</i> — quanto ao caráter ilusório do cerimonial das bodas.</p> <p><i>A noiva deve antes mostrar-se grave, à altura das expectativas que o jovem marido guarda quanto ao futuro.</i></p> <p>E preciso que assuma, em seu lar, a austeridade e a auto-suficiência da esposa-modelo preconizada por JESUS CRISTO.</p> <p>Mas a jovem senhora deverá cuidar ainda para que sua aparência delicada seja mantida mesmo depois das gestações; a correção e a sensatez deverão continuar imperando, de maneira que ela não se converta numa querelante e descuidada megera, incapaz de administrar um lar. (segue)</p> | <p align="center"><u>Página 363</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>OBSERVAÇÃO SOBRE<br/>A EDUCAÇÃO EM GERAL<br/>(II) (b)</b></p> <p>Caso exemplar seria aquele de uma mulher que, teimando com o marido em usar determinado traje, foi duramente castigada, sendo mantida muito tempo sem frequentar os salões de baile — só voltando a fazê-lo no dia em que debutou sua filha de quinze anos...</p> <p>Situações desse tipo poderiam ser evitadas, na opinião de Delminda Silveira, com o devido adestramento feminino — pois <i>a mulher bem educada, tudo previne, tudo pode, tudo alcança sem constrangimento.</i></p>   | <p align="center"><u>Página 364</u></p> <p align="center"><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.</p> <p>Excepcionalmente, Maria Clara tem seu espaço reduzido a menos de uma página, limitando-se a breves menções ao brilho dos festejos do 7 de Setembro no Rio de Janeiro; à festiva posse de SILVIANO BRANDÃO na Presidência do Estado de Minas; ao fato de suceder-se à apresentação da soprano paulista CLOTILDE MARAGLIANO, na Capital Federal, uma outra cantora lírica nacional, a talentosa gaúcha AMÁLIA IRACEMA; e, finalmente, à inauguração da 5ª Exposição Nacional de Pintura — dominada pela presença de uma fascinante tela do pintor ituano ALMEIDA JR., "Partida da Monção".</p> <p align="center">seguida do início do poema<br/><b>DO "ESTELÁRIO"</b></p>   |
| <p align="center"><u>Página 365</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>DO "ESTELÁRIO"</b></p> <p>Poesia de MANUEL VIOTTI, destinada à personalidade feminina subentendida na dedicatória "À que me entende"; datada de "1-8-98". O poema, desdobrado em 38 versos decassilábicos pareados, faria parte do <i>Estelário</i> de Viotti.</p> <p>Nele é descrito o encontro de duas pessoas mutuamente enamoradas — situação tecida em torno de uma expressão (que toma o lugar do segundo e do último verso) apresentada, provavelmente, como mote para o desenvolvimento do poema: <i>Ver, tendo visto, quem mais ver deseja.</i></p> <p align="center">seguida do texto<br/><b>EXCERTO DA<br/>"PROFISSÃO DE FÉ"</b></p> | <p align="center"><u>Página 366</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>EXCERTO DA<br/>"PROFISSÃO DE FÉ"</b></p> <p>Neste trecho datado de "Lisboa, 1895", extraído do livro <i>Profissão de Fé</i> (do ensaísta português ARCHER DE LIMA), desenvolvem-se considerações retóricas e generalizantes a respeito da condição feminina.</p> <p>Apoiando-se em autores dispares (LYCINQUE, JULIETTE ADAM, HARRIET BEECHER STOWE, CLÉREL DE TOCQUEVILLE), citando o heróico exemplo de JOANA D'ARC e enfatizando o respeito e a consideração dos norte-americanos pelas mulheres, Archer de Lima denuncia a maneira degradante como o sexo feminino é tratado em Portugal.</p>  | <p align="center"><u>Página 367</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>EXCERTO DA<br/>"PROFISSÃO DE FÉ"</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>AS BELAS ARTES</b></p> <p>Poema de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS (extraído da coletânea de 1890 <i>Pirilampas</i>), dedicado a VALENTIM MAGALHÃES.</p> <p>Sem maiores preocupações formais, a autora desenvolve seu poema à maneira de trovas (quadras de versos em redondilha maior) — descrevendo sucessivamente as quatro artes de sua predileção: Pintura, Música, Escultura, Poesia.</p> <p>Esta última se encarregaria de dar alma às outras três; morta a Poesia, fatalmente desapareceriam suas três artes-irmãs.</p> | <p align="center"><u>Página 368</u></p> <p align="center">Conclusão do poema<br/><b>AS BELAS ARTES</b></p> <p align="center">seguida de<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Belas-Artes:</b> A talentosa escultora de Campinas, NICOLINA VAZ DE ASSIS (1874-1941), discípula de RODOLFO BERNARDELLI, está de mudança para o Rio de Janeiro, onde se aperfeiçoará frequentando a Escola Nacional de Belas-Artes, graças a uma bolsa concedida pelo governo paulista (personificado por CAMPOS SALES).</p> <p><b>Rainha Almirante:</b> A RAINHA DA GRÉCIA (Olga Constantinova, 1851-1926, filha do Grão-Duque Constantín) seria a única mulher do mundo a ostentar o título de almirante (da marinha russa).</p> <p><b>Julieta de Melo Monteiro:</b> A redação da revista chama a atenção para o belo soneto remetido pela laureada poetisa riograndense JULIETA DE M. MONTEIRO (cf. p. 1:361).</p> |

| São Paulo, 30 de setembro de 1898 — Ano I, Nº 24  |  |   |  |
|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |  |
| Publica-se nos dias 15 e 30 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |   |  |
| <p><u>Página 369</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.</p> <p><b>Editorial</b><br/><b>A PRIMEIRA AVANÇADA</b></p> <p> Ao fazer o balanço do primeiro ano de circulação da revista, PRISCILIANA DUARTE confessa que, em matéria de <i>progresso mental</i>, suas compatriotas excederam sua expectativa, fornecendo-lhe motivos de sobra para regozijo — principalmente no campo literário. Paralelamente, iniciativas como a de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA (que luta pela implantação de creches e de jardins da infância no Rio de Janeiro) deixaram-na animada quanto ao futuro: <i>tudo nos leva a crer que o Brasil será em breve tempo um dos mais adiantados países do Novo Mundo em relação ao desenvolvimento intelectual e moral de suas filhas.</i></p> | <p><u>Página 370</u></p> <p><b>Conclusão do editorial</b><br/><b>A PRIMEIRA AVANÇADA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>VOLUPTAS PATIENDI</b></p> <p>Artifícioso soneto neoclássico de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de "18-9-98". O título latino ("O Prazer de Sofrer") antecipa a máxima explicitada: "O coração que sofre acaba se acostumando com o sofrimento e amando a própria dor". A falta de espontaneidade do autor torna-se, aqui, ainda mais evidente do que o habitual. É igualmente nítido seu esforço em versejar com correção; os resultados são discutíveis. Para o leitor, fica cada vez mais evidente o fato de que marido e mulher (Sílvio e Prisciliana) caminham em sentido oposto, pelo menos com relação à estética a que se submetem.</p> <p>seguido do conto<br/><b>MARINHA</b></p> | <p><u>Página 371</u></p> <p><b>Continuação do conto</b><br/><b>MARINHA</b></p> <p>Breve conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. É obra menor, não tendo sido selecionada pela autora para figurar em sua excelente coletânea <i>Ânsia Eterna</i>, publicada em 1903. Numa praia, o avô pesca enquanto o neto colhe ostras. O velho Tomazzo (ostentando no peito as tradicionais medalhinhas de MARIA e de SANTA LUZIA), observa o horizonte, lembrando-se da Itália natal, tão distante destas praias do Brasil. E mergulha em recordações: veio parar aqui graças aos olhos tentadores da mulher de um amigo, pela qual teria sido capaz de cometer um crime. Mas Tomazzo resistiu, e agora aqui está, casado com outra, com uma mulher de valor que lhe deu uma filha — que, por sua vez, lhe deu três netos brasileiros.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 372</u></p> <p><b>Conclusão do conto</b><br/><b>MARINHA</b></p> <p>Resignado, o velho conclui que <i>onde se cria raízes é que se deve ficar... e que são os filhos? Raízes que nos prendem à terra. O Brasil é a grande pátria de meus netos, será aqui a minha cova...</i></p> <p>seguida do início do poema<br/><b>RECORDANDO...</b></p> <p>Poesia de JULIETA DE MELO MONTEIRO, do "Rio Grande do Sul"; sem dedicatória e sem data. Em 38 impecáveis versos alexandrinos, a poetisa desenvolve o tema da rememoração de tempos felizes, inexoravelmente sepultados num passado distante — hoje evocados em situação contrastante, triste e adversa.</p>  |
| <p><u>Página 373</u></p> <p><b>Conclusão do poema</b><br/><b>RECORDANDO...</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>A INFLUÊNCIA DO LAR</b></p> <p>Artigo de MARIA EMÍLIA — que retorna com um novo texto opinativo, no qual lembra que, na vida de de um casal, é a solidariedade, o apoio mútuo, que dá consistência ao laço conjugal, propiciando um lar digno de ser considerado um <i>templo da paz e do amor</i>. Não há porque um marido se gabar de tomar decisões sem a participação da esposa: sua <i>solidão moral</i> é deprimente, não devendo constituir motivo para orgulho. (segue)</p>   | <p><u>Página 374</u></p> <p><b>Continuação do texto</b><br/><b>A INFLUÊNCIA DO LAR</b></p> <p>Transcrevendo trecho de um artigo de JULES SIMON (1814-1896), Maria Emilia salienta a beleza que emanava dos lares tradicionais — onde não se privilegiava a ostentação e a frivolidade atuais; onde a mulher administrava integralmente sua casa; onde, depois de uma refeição não se observava o absurdo costume de separarem-se homens e mulheres em grupos diferentes: todos participavam de uma conversação amena, solidária e instrutiva.</p>  | <p><u>Página 375</u></p> <p><b>Conclusão do texto</b><br/><b>A INFLUÊNCIA DO LAR</b></p> <p>seguida da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica quinzenal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS. Começando pela lembrança de que <i>A Mensageira</i> está completando seu primeiro ano de existência, é enfatizado o papel desempenhado pela diretora da revista, em sua regular manutenção. Se a revista contribuiu, por um lado, para entreter e encorajar a leitora, também contribuiu, por outro lado, para lançar <i>escritoras de talento</i> novatas ou para reafirmar os méritos daquelas já conhecidas. Registra-se, em seguida, o lançamento do primeiro livro de versos de CARLOS GÓIS, <i>Crótales</i> — enfatizando-se a pouca idade de seu talentoso autor, adolescente de 17 anos. (segue)</p>                                    | <p><u>Página 376</u></p> <p><b>Continuação da</b><br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Embora o soneto reproduzido em I(21):325 não o recomende como poeta, deve-se destacar, no caso, a fertilidade desse autor: da reedição de seus <i>Pontos de Instrução Moral e Cívica</i> datada de 1931, consta um rol de 31 obras suas, nos mais variados gêneros; levando-se em conta a presença de 17 livros didáticos nessa lista, podemos considerá-lo como um dos mais bem sucedidos escritores divulgados pela <i>Mensageira</i>. Maria Clara encerra sua "Carta do Rio" desta edição ridicularizando os pais que procuram homenagear figuras de relevo (como VICTOR HUGO ou FLORIANO PEIXOTO) utilizando seus nomes para batizar os filhos. Dá dois exemplos disso: Victor Hugo de Sousa e Floriano Peixoto de Azevedo...</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Duas das "Notas Pequenas" deste nº 24 de *A Mensageira* permitem-nos fazer inferências pessoais a respeito de sua discretíssima diretora, Prisciliana Duarte. Em primeiro lugar, em "Commune", ela contorna a necessidade de se posicionar contra ou a favor de Louise Michel limitando-se a transcrever uma notícia de outro jornal; mas a simples inclusão dessa nota na revista já é suficiente para evidenciar sua simpatia pela revolucionária anarquista. Em segundo lugar, a nota "Novo Endereço" omite o fato de Prisciliana estar, na verdade, mudando de residência (conforme informação fornecida por seu primo Aureliano Leite).

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
| <p><u>Página 377</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>UMA RECORDAÇÃO</b></p> <p>Conto-crônica de DELMINDA SILVEIRA. A escritora vai à casa de uma jovem viúva que há uma semana perdera um filhinho de dois anos de idade. Sem saber o que dizer para a moça, apanha de cima de um consolo um pequeno coração de veludo vermelho bordado no centro com fios dourados, formando a palavra "Amor" em relevo. Julgando tratar-se de bordado em fios de ouro, elogia a delicadeza do trabalho — comentário que redobra o pranto da triste mãezinha. A explicação deixa atônita a visitante: quando o loiro menino ainda vivia, confeccionara o enfeite com os cabelos da criança, imaginando que aquele <i>soi querido</i> estaria sempre a seu lado, aquecendo-lhe o coração.</p> | <p><u>Página 378</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>UMA RECORDAÇÃO</b></p> <p>seguida de<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Commune:</b> Transcreve-se notícia publicada no jornal paulistano <i>A Nação</i> — referente ao lançamento do livro <i>La Commune</i> (1898), de LOUISE MICHEL. Trata-se de um volume de reminiscências da polêmica francesa cognominada "a Virgem Vermelha", que em 1871 (ano de implantação da Comuna) combateu nas barricadas de Paris, chegando a ser presa, condenada e exilada.<br/><b>Heroínas:</b> Numa cidade da Suécia (Nässjö), o eficiente corpo de bombeiros local é constituído por 150 mulheres — <i>prova bastante evidente de que a mulher (...) pode ser corajosa e forte</i>, mesmo quando desempenha tarefas aparentemente privativas do homem.</p> | <p><u>Página 379</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Amor de Mãe:</b> A mãe de um inglês (WILLIAM NAMOUR) condenado à morte encarregou-se de entregar à RAINHA VITÓRIA o abaixo-assinado em que milhares de pessoas pediam a suspensão da pena. Mas, ao receber a confirmação do indulto, não conseguiu dar a notícia ao filho, pois caiu fulminada — morta de alegria.<br/><b>Índice:</b> A apresentação do índice referente ao Ano I da revista atende à necessidade de facilitar o manuseio dos 24 exemplares correspondentes.<br/><b>Novo Endereço:</b> A redação da revista (até então sediada na Liberdade — Rua dos Estudantes, 23 —, nas proximidades da Capela da Santa Cruz dos Enforcados) está de mudança para a Rua de Santa Ifigênia nº 57 (no Centro Novo).</p> | <p><u>Página 380</u></p> <p><b>ÍNDICE DO VOLUME I</b></p> <p>(início)</p>   |
| <p><u>Página 381</u></p> <p><b>ÍNDICE DO VOLUME I</b></p> <p>(continuação)</p>   | <p><u>Página 382</u></p> <p><b>ÍNDICE DO VOLUME I</b></p> <p>(continuação)</p>   | <p><u>Página 383</u></p> <p><b>ÍNDICE DO VOLUME I</b></p> <p>(continuação)</p>  | <p><u>Página 384</u></p> <p><b>ÍNDICE DO VOLUME I</b></p> <p>(conclusão)</p> <p>seguida do anúncio relativo aos<br/><b>REPRESENTANTES DE "A MENSAGEIRA"</b></p> <p>No Brasil, vendem-se números avulsos e assinaturas em São Paulo (na Casa Garraux ou na Livraria Brasil de CARLOS GERKE) e no Rio de Janeiro (casa de músicas de JÚLIA FILIPPONE).</p> <p>A revista é representada, no Rio de Janeiro, por MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS (Rua Conde de Bonfim, 12A) — e, em Paris, pela senhora BLANCHE XAVIER DE CARVALHO (16, Boulevard de Clichy).</p> |



| São Paulo, 15 de fevereiro de 1899 — Ano II, Nº 25  |  |   |  |
|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |  |   |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |  |   |  |
| <p><u>Página 1</u></p> <p>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica (a partir de agora publicada, como a própria revista, só uma vez por mês) de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS. Saudando a entrada da revista em seu Ano II, a cronista explica o motivo pelo qual interrompeu-se sua circulação por 4 meses (de 30/09/1898 a 15/02/1899): em outubro Prisciliana sofreu a perda, quase que repentina, de seu último filhinho, o adorável BOLÍVAR — morto com 18 meses, como a própria Maria Clara esclarecerá adiante, na p. 13.</p> | <p><u>Página 2</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Associando o inverno à velhice e à morte, a cronista saúda o verão, em que o vigor da natureza transborda. E, depois de referir-se elogiosamente aos brilhantes concertos de WAGNER realizados no salão do Instituto Nacional de Música (dirigido por LEOPOLDO MIGUEZ), Maria Clara termina lembrando que está correndo a loteria cujo grande prêmio seria mais do que suficiente para realizar o mais geral dos sonhos dos brasileiros: ir à Europa, ver Paris...</p> | <p><u>Página 3</u></p> <p>Poema<br/><b>A LANCHIA NEGRA</b></p> <p>Soneto em versos alexandrinos de ADELINA A. L. VIEIRA, sem dedicatória e sem data. Como no caso de "Anoitece" — p. 1(15):229 —, este poema parece ter sido veiculado pela primeira vez na <i>Mensagem</i>. A temática é a mesma: lamentando a efemeridade da juventude, a poetisa vê aproximar-se da praia uma lancha negra, na qual embarca a doce e branca imagem de outra mulher, desaparecendo para sempre...</p> <p>seguido das notas SAFO</p>   | <p><u>Página 4</u></p> <p>Continuação das notas<br/><b>SAFO</b></p> <p>Texto de SÍLVIO DE ALMEIDA, que enaltece a arte "ainda não igualada" da semi-legendária poetisa do século VII a. C., SAFO — que teria se tornado a figura central de um grupo de artistas. Mas muito pouco restou de sua poesia original (que incluía versos "sáficos", escritos dentro de um novo esquema rítmico): pois, em função de lendas que circularam a seu respeito, o fanatismo cristão nos privou das obras completas de Safo.</p> <p>seguida do poema<br/><b>DE MANHÃ</b></p>   |
| <p><u>Página 5</u></p> <p>Continuação do poema<br/><b>DE MANHÃ</b></p> <p>Fragmento do poema bucólico <i>Indiana</i>, de AUREA PIRES; sem dedicatória e sem data. No extenso trecho (em versos alexandrinos) aqui designado como "De Manhã", são apresentados os personagens principais da trama dramática do poema: Indiana, a estrela que mais brilha sob este céu mineiro iluminado e puro e seu noivo apaixonado, Juvenal.</p>  | <p><u>Página 6</u></p> <p>Conclusão do poema<br/><b>DE MANHÃ</b></p> <p>seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Texto doutrinário de ANÁLIA FRANCO — no qual esta escritora expõe suas principais idéias sobre o problema da educação da mulher e de sua relação com o desenvolvimento moral das sociedades. Afirma, inicialmente, estar a humanidade a caminho, graças às leis universais da evolução, de um estágio de confraternização universal em que as desigualdades sociais terão desaparecido.</p>                                     | <p><u>Página 7</u></p> <p>Continuação da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>No tocante à posição social feminina, vários países cultos já realizaram progressos — mas resta muito a ser feito. Em termos sociais, existiriam nações retardadas (sic) — devido talvez aos fenômenos do seu clima, e ao temperamento e origem da sua raça: é o caso do Brasil, onde parece predominar a mórbida estagnação da alma oriental e onde as próprias mulheres, abandonando-se a uma espécie de entorpecimento, submetem-se passivamente à tutela (...) a que estão sujeitas.</p>   | <p><u>Página 8</u></p> <p>Continuação da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Tal situação, porém, não derivaria de uma inclinação natural da mulher para a sujeição, devendo-se apenas a fatores históricos e sociais: Desprovidas de experiência, estioladas por uma educação deplorável e fútil, (...) é evidente que preferiram a sujeição, o servilismo e a doce placidez da obediência automática à preocupação constante, e o trabalho assíduo de fortalecerem-se para as provas da liberdade e para os combates da vida.</p> <p>(segue)</p>   |
| <p><u>Página 9</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Tais fatores, associados à indiferença masculina com relação às mulheres em geral, impediriam o estabelecimento de uma cultura moral sólida entre nós. A reversão desse quadro de decadência só seria possível por meio da elevação moral e intelectual da mulher: dela resultaria a elevação moral da família brasileira que assim, devidamente baseada numa educação racional, mais prudente e mais equilibrada, viria a se tornar o pilar de nossa sociedade.</p>   | <p><u>Página 10</u></p> <p>Poema<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de CÂNDIDA FORTES, dedicado à própria revista <i>A Mensageira</i>, datado de "Cachoeira (R. G. Sul), outubro, 98".</p> <p>seguido do texto<br/><b>NOTAS BRASILEIRAS</b></p> <p>Texto informativo em que NELSON DE SENA ("Pelayo Serrano") faz um arrolamento — conforme indicação dada pelo próprio subtítulo — das "cidades mais populosas da União".</p>   | <p><u>Página 11</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>NOTAS BRASILEIRAS</b></p> <p>Essas cidades são enumeradas metodicamente, do N ao S do Brasil, terminando-se no Estado de MG, centro das atenções do articulista. No N e no NE, com raras exceções, só as capitais superam a marca dos 10 mil habitantes; as capitais do Centro-Oeste situam-se ainda nessa faixa, à qual também pertence Vitória, capital do ES. Em contraste, tanto RJ como SP possuem cidades que atingem os 30 mil, comandadas pela capital paulista e pelo DF (respectivamente com 230 mil e 800 mil a um milhão de habitantes).</p> | <p><u>Página 12</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>NOTAS BRASILEIRAS</b></p> <p>No Sul, a capital mais populosa é Porto Alegre (RS), com 70 mil; Curitiba só conta 20 mil e Florianópolis 12 mil habitantes. O estado mais populoso é, de fato, MG (que abriga 4 dos 18 milhões de brasileiros — mas sua nova capital (Belo Horizonte), ainda não superou a marca dos 12 mil moradores.</p> <p>seguida do poema<br/><b>VALSANDO</b></p> <p>Quatro quadras de decassílabos de PRISCILIANA DUARTE, dedicadas "ao Bolívar" — seu filhinho caçula, falecido em outubro de 1898 — datadas de 24 de julho de 1898.</p> |

|   |   |   |  |
|---|---|---|--|
| <p><b>OBSERVAÇÕES:</b> No texto "Safó" (pp. II:3-4), de Sílvio de Almeida, surgem citações nominais associadas àquela que teria sido a "poetisa mais notável" de toda a História: ela é comparada a DANTE e a HOMERO; traduziram-lhe os versos CATULO, BOILEAU e DELILLE; HORÁCIO abre sua segunda ode com versos sáficos. As lendas a seu respeito envolvem PÍTACOS e um amante chamado FAON. Artistas do século XIX homenagearam-na: Safó é a única mulher da Antiguidade que figura no calendário de AUGUSTO COMTE; a seu respeito DAUDET teria escrito um romance, GOUNOD composto uma ópera e PRADIER cinzelado uma escultura.</p> |   |   |  |
| <p><b>Página 13</b><br/><b>DE LUTO</b><br/>Crônica de MARIA CLARA, dedicada a PRISCILIANA DUARTE e datada de "outubro, 98" (época do falecimento do menino BOLÍVAR), em que é lamentado o desaparecimento daquele que partiu levando o coração terníssimo de sua mãe e todas as suas alegrias presentes e futuras.<br/>seguida do poema<br/><b>BEATRIZ</b><br/>Quatro quadras de decassílabos de GUIOMAR TORRESÃO (sem dedicatória e sem data), dirigidos à lendária inspiradora dos versos de Dante.<br/>seguido do<br/><b>ENSAIO CRÍTICO</b></p>  | <p><b>Página 14</b><br/>Continuação do<br/><b>ENSAIO CRÍTICO</b><br/>Resenha crítica de B. DA CUNHA, datada de "Recife, 1898", destinada a analisar o conteúdo do primeiro livro de versos de IBRANTINA CARDONA — <i>Plectros</i>, editado em São Paulo-Capital, em 1897.<br/>Tendo sido já exaustivamente estudada na resenha de Perpétua do Vale — em I(5):73-76 —, esta coletânea poética torna-se o único livro, ao longo dos mais de dois anos de circulação da revista —, a merecer mais de uma resenha crítica.</p>  | <p><b>Página 15</b><br/>Continuação do<br/><b>ENSAIO CRÍTICO</b><br/>Datando o surgimento da arte poética de tempos imemoriais, Cunha afirma que, ao aperfeiçoar-se, a poesia sofreu gradual substituição de seu conteúdo afetivo-emocional por um conteúdo mais intelectualizado (<i>a razão dominou o coração</i>). Nesse processo teriam se salientado poetas como DANTE, CAMÕES, TASSO e MILTON.<br/>A produção brasileira, no entanto, teria entrado em decadência, sendo raro o aparecimento de livros talentosos como este de Ibrantina.</p>   | <p><b>Página 16</b><br/>Conclusão do<br/><b>ENSAIO CRÍTICO</b><br/>Invocando conceitos teóricos de HUGH BLAIR (1718-1800), o articulista admite que os "versos melódicos" de <i>Plectros</i> ainda acusam "pobreza de Gosto" — mas acredita que o amadurecimento da poetisa se encarregará de aperfeiçoá-los. Assim, concorda com o prefaciador CARLOS FERREIRA, apontando os poemas de natureza lírica como os melhores de todo o livro. Essa argumentação é corroborada através de fragmentos e da reprodução integral do soneto "Violetas".</p>   |
| <p><b>Página 17</b><br/><b>Poema A BORDO</b><br/>Soneto em versos decassílabos (de métrica defeituosa) de GEORGINA TEIXEIRA; sem dedicatória; datado de "1898". Nele a poetisa descreve as impressões terroríficas que a assaltam quando se vê a bordo de um barco, mesmo quando o mar está calmo.<br/>seguido da crônica<br/><b>UM EPISÓDIO DA ROÇA</b><br/>Trazendo o subtítulo "Os Imigrantes", esta crônica de RIDELINA FERREIRA (pseudônimo da gaúcha — estabelecida no estado do RJ — CAMILA RIEDEL, nascida em 1867) constitui sua primeira colaboração na revista.</p>  | <p><b>Página 18</b><br/>Continuação da crônica<br/><b>UM EPISÓDIO DA ROÇA</b><br/>Novas produções desta escritora reaparecerão em II(27):51-58 e II(29):114, II(32):154, II(34):195-196 e II(36):235; uma nota publicada em II(33):183-184 irá referir-se à sua premiação num concurso literário mineiro.<br/>"Um Episódio da Roça" corresponde a uma vívida descrição (datada da "Fazenda de S. João da Barra, 21 de agosto de 1898") da chegada de duzentos imigrantes italianos à fazenda do Estado do RJ em que Ridelina está hospedada — podendo observar pessoalmente a instalação daquelas famílias.</p> | <p><b>Página 19</b><br/>Continuação da crônica<br/><b>UM EPISÓDIO DA ROÇA</b><br/>Trazidas pelo fazendeiro (que fora buscá-las na hospedaria do local em que haviam desembarcado), chegavam elas a pé, trazendo seus pertences em carroças (que também transportavam os velhos e as crianças), em condições dramaticamente precárias:<br/><i>As carroças acabavam de entrar no terreiro e começou a descer essa misera gente sobraçando trouxas, vasilhas, sapatos, cobertas (...). Alguns traziam os filhos doentes, vítimas já da diferença de clima e de alimentação (...). Vinham todos extenuados (...).</i></p> | <p><b>Página 20</b><br/>Conclusão da crônica<br/><b>UM EPISÓDIO DA ROÇA</b><br/>Depois de alimentados, acomodaram-se todos em espaços improvisados e promiscuos — sendo depois arrebanhados no terreiro para a distribuição das enxadas, de que só eram dispensadas as mães e as crianças pequenas. À noite, ao ouvir o canto plangente dos recém-chegados, a autora se condeí de seu destino, pedindo à pátria brasileira que lhes seja pródiga:<br/><i>Dá, ó pátria minha querida, o mais que puderes a esses miseros que confiados na uberdade do teu solo vêm em busca do pão de que carecem (...).</i></p>                |
| <p><b>Página 21</b><br/><b>Poema CARTA ABERTA</b><br/>Soneto em decassílabos de HERÁCLITO VIOTTI, dedicado "À que venero" ("em Minas, 1898"). Dirigindo-se à amada, o poeta mostra-lhe a falta que ela lhe faz — terminando por pedir-lhe que retorne.<br/>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>A <i>Mensageira</i>: Observando que a revista não dispõe nem de auxiliares nem capital, e que mesmo periódicos de renome só são publicados mensalmente, explica-se que <i>A Mensageira</i> irá tornar-se, dora-vante, uma publicação mensal — tendo, em compensação, seu número de páginas aumentado.</p>                          | <p><b>Página 22</b><br/>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Guiomar Torresão: é noticiado o falecimento de GUIOMAR TORRESÃO, ocorrido em fins de 1898, enlutando a pátria de GAMA e de CAMÕES; sobressaindo-se em vários gêneros literários e deixando diversos livros publicados, essa escritora também colaborara com periódicos brasileiros. Além de redigir jornais de moda como o lisboeta <i>Diário Ilustrado</i> (em que usava o pseudônimo GABRIEL CLAUDIO), mantivera um <i>Almanaque das Senhoras</i>, que acolhera produções de várias brasileiras.</p>                                    | <p><b>Página 23</b><br/>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Visconde de Taunay: é igualmente noticiada a morte (ocorrida em 25 de janeiro de 1899) de TAUNAY, autor de um romance genuinamente brasileiro (<i>Inocência</i>) — que acaba, aliás, de ser traduzido para a língua polonesa, por OLGA WOLFF. Apresentando suas condolências à família de Taunay, a redatora da revista lembra que o escritor deixou inéditas suas memórias (efetivamente só publicadas em 1948), enfatizando o ardoroso abolicionismo do escritor e os notórios laços de amizade que o uniam à família imperial.</p>           | <p><b>Página 24</b><br/>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>D. Viridiana Prado: elogio às altruísticas iniciativas de VIRIDIANA PRADO — distinguindo-se, entre elas, o aparelhamento da maternidade dirigida por MARIA RENNOTTE.<br/><b>Amor Maternal</b>: transcrevendo matéria do lisboeta <i>Jornal do Comércio</i>, o <i>Minas Gerais</i> reproduzira um texto em que é exaltada a tenacidade de duas mães — uma francesa, que colaborara ativamente para que seu filho cego pudesse cursar a universidade; outra portuguesa, que se alfabetizara para poder ler (e responder) as cartas que recebia do filho.</p> |

| São Paulo, 15 de março de 1899 — Ano II, Nº 26  |   |   |  |
|---|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |   |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |   |  |
| <p><u>Página 25</u></p> <p>Gravura retratando a homenageada desta edição,</p> <p><b>ÁUREA PIRES</b></p> <p>(gravura em metal assinada por PASTOR)</p>   | <p><u>Página 26</u></p> <p>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>FLOCOS DE NEVE</b></p> <p>Resenha crítica de ARTUR ANDRADE, dedicada ao livro de estréia da poetisa fluminense (radicada em MG) ÁUREA PIRES. Num longo prólogo que ocupa duas páginas do texto, o crítico disserta sobre a situação da literatura naquele final de século. Com a crescente mercantilização das sociedades, as atividades do espírito (mesmo do tenaz espírito latino) teriam esmorecido e a literatura entrado em decadência.</p>                        | <p><u>Página 27</u></p> <p>Continuação da resenha <b>FLOCOS DE NEVE</b></p> <p>Sinais desse comprometimento moral teriam surgido mesmo em países como a França, que assiste a um triste renascimento do preconceito de raças. No Brasil, onde a latinidade também está presente (embora <i>num meio continental inferior</i>) sentem-se de forma ainda mais aguda os reflexos da decadência geral: a ela vem juntar-se o abalo causado pela transição política: <i>não (...) houve república mais inimiga das letras do que a República Brasileira.</i></p> | <p><u>Página 28</u></p> <p>Continuação da resenha <b>FLOCOS DE NEVE</b></p> <p>Pois, apesar de instalada a liberdade política, freou-se a corrente que vinha conferindo caráter próprio às nossas letras. Nessas circunstâncias, publicar um livro de versos no Brasil já pode ser considerado, por si só, um ato corajoso — e bem sucedido, no caso de Áurea Pires. <i>Flocos de Neve</i> constitui <i>belíssima promessa: se não denota o trabalho metucioso de uma perfeita obra de arte, revela ainda assim um perfeito trabalho feminino.</i> (segue)</p> |
| <p><u>Página 29</u></p> <p>Continuação da resenha <b>FLOCOS DE NEVE</b></p> <p>O que lhe falta de rigor estético seria compensado pela sensibilidade e pelas qualidades descritivas. Pois o crítico identifica seus melhores versos nas passagens dedicadas à pintura das paisagens mineiras, que espelhariam a grandeza da terra natal, fornecendo um quadro fiel dos trópicos e do meio sertanejo. Apesar de <i>imperdoáveis desleixos de forma</i>, Áurea Pires garantiu-se lugar de destaque junto às consagradas ZALINA ROLIM, FRANCISCA JÚLIA e PRISCILIANA DUARTE.</p> | <p><u>Página 30</u></p> <p>Conclusão da resenha <b>FLOCOS DE NEVE</b></p> <p>seguida do poema <b>PARÁBOLA ORIENTAL</b></p> <p>Versos de SILVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória e sem data. Dez quadras de versos decassilábicos notáveis pelo rigor formal — mas que denotariam, por outro lado, os principais defeitos de construção deste poeta: ao descrever uma determinada situação que resumiria num quadro vivo a condição humana, Sílvio de Almeida revela seus habituais preciosismo, falta de clareza e ausência de espontaneidade.</p> | <p><u>Página 31</u></p> <p>Conclusão do poema <b>PARÁBOLA ORIENTAL</b></p> <p>seguida do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado "À Doutora Ermelinda de Sá"; sem data.</p> <p>Numa narrativa de teor marcadamente sentimental, Maria Clara relata a história de Lúcia, moça de 18 anos, <i>formosa e meiga, talentosa e boa</i>, filha única de um casal de burgueses ricos. Apesar da carinhosa convivência entre pais e filha, Lúcia está prestes a deixar sua casa, pois deverá casar-se muito em breve.</p>      | <p><u>Página 32</u></p> <p>Continuação do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>O noivo (Eduardo), por sua vez, cursando o último ano da Faculdade de Medicina, também é possuidor dos melhores dotes de espírito e de caráter. A sombra da infelicidade, porém, rondava Lúcia: certa noite, vindo Eduardo buscá-la para irem juntos a uma festa, a moça cai doente de súbito, não tardando a receber o terrível diagnóstico de varíola hemorrágica. Tanto Eduardo como os pais de Lúcia desvelam-se passando dias e noites a seu lado, até vê-la curada. (segue)</p> |
| <p><u>Página 33</u></p> <p>Continuação do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>Mas, já na convalescença, era possível adivinhar as terríveis sequelas deixadas pela doença em Lúcia — especialmente em seu rosto outrora tão belo, irremediavelmente deformado pelas bexigas. Assim, ao contemplar-se ao espelho pela primeira vez, depois de restabelecida, a moça chama o noivo para dispensá-lo do antigo compromisso: amava-o tanto que não queria impor-lhe sua involuntária feiúra. (segue)</p>   | <p><u>Página 34</u></p> <p>Continuação do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>Não podendo aceitar aquela abnegada proposta de liberá-lo do compromisso anteriormente assumido, Eduardo declara amá-la pela beleza de sua alma, muito mais do que pela antiga beleza física, que ela perdera. Marca-se, então, o dia do casamento — estranhando-se apenas a indiferença e a aparente frieza com que Lúcia se prepara para as cerimônias do matrimônio. (segue)</p>  | <p><u>Página 35</u></p> <p>Continuação do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>Ninguém adivinhara, porém, que a infeliz decidira matar-se, num ato extremo de altruísmo para com aquele rapaz que tanto a amava. Três dias antes da data marcada para o casamento, Lúcia é encontrada morta, aparentemente por morte natural; só Eduardo compreendeu-lhe o gesto de sublime abnegação. (segue)</p>  | <p><u>Página 36</u></p> <p>Conclusão do conto <b>ABNEGAÇÃO!</b></p> <p>Neste conto, Maria Clara evita estabelecer a usual dicotomia entre os atributos espirituais e físicos da mulher. Assim, Lúcia, possuidora de uma <i>alma, pura demais para estar cativa a um corpo, martirizado e deformado não brutalmente</i> — torna-se incapaz de optar por uma vida mais produtiva, que lhe permitisse confrontar-se com a cruel realidade, preferindo a morte.</p>  |

**OBSERVAÇÕES:** No texto de Guiomar Torresão transcrito em II(26):37-38 são nominalmente mencionados os pais (LARS HIERTA e VILHELMINA FROEDING) e o marido (PROF. RETZIUS) da biografada Anna Hierta Retzius; menciona-se ainda a PRINCESA REAL DA SUÉCIA, protetora de uma das instituições fundadas por Anna. Na nota relativa à instalação da Escola Livre de Farmácia de São Paulo, além da nominata de todo o corpo docente da escola (21 professores), também são dados os nomes de um benfeitor e de três outros oradores que discursaram na cerimônia.

|   |   |   |   |
|---|---|---|---|
| <p><u>Página 37</u></p> <p>Poema <b>IMPOSSÍVEL</b><br/>Soneto em decassílabos sáficos de ÁUREA PIRES, extraído da recém-lançada coletânea poética <i>Flocos de Neve</i>. O poema selecionado serve para demonstrar as capacidades descritivas da autora, já apontadas por Artur Andrade neste mesmo número da revista, pp. 26-30.<br/>seguido do texto<br/><b>ANNA HIERTA RETZIUS</b><br/>Nota biográfica de autoria de GUIOMAR TORRESÃO, escritora portuguesa cujo falecimento registrou-se recentemente nas pp. II(25):21-22. Obedecendo a uma máxima altruística de SPINOZA, (segue)</p>             | <p><u>Página 38</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>ANNA HIERTA RETZIUS</b><br/>ANNA HIERTA, pertencente à elite da sociedade sueca, vem se preocupando em organizar instituições escolares e profissionais para os desfavorecidos, culminando com a instalação de uma Sociedade dos Direitos da Mulher.<br/>seguida do<br/>Poema <b>DESCRENÇA</b><br/>Soneto em decassílabos de OSCAR D'ALVA (pseudônimo de REIS CARVALHO), sem dedicatória, datado do "Maranhão, 21-3-97".<br/>seguido da<br/><b>SELEÇÃO</b></p>                     | <p><u>Página 39</u></p> <p>Continuação da <b>SELEÇÃO</b><br/>Neste número é apresentada uma heterogênea série de cinco textos: enquanto o primeiro e o terceiro (citações atribuídas respectivamente a CLÉ-MENCE ROYER e MME. DE LAMBERT) refletem preocupações com a educação feminina, o segundo e o quarto (de JOANA RIVAL e de CARMEN SYLVA) têm caráter mais retórico e conservador; no último segmento, SAMUEL SMILES, apoiando-se em EMERSON, enfatiza a importância do preparo da mulher para o papel de educadora dos filhos.</p>  | <p><u>Página 40</u></p> <p>Poema<br/><b>SOBRE UM TÚMULO</b><br/>Um dos mais extensos poemas de PRISCILIANA DUARTE (desenvolvido em 11 pungentes tercetos), esta poesia, datada de janeiro de 1899, não traz dedicatória explícita, mas é redigida em forma de invocação dirigida ao filhinho BOLÍVAR, falecido em outubro de 1898.<br/><br/>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>Crônica mensal de MARIA CLARA, que começa reverenciando a memória de TAU-NAY, recentemente falecido.</p>   |
| <p><u>Página 41</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>A cronista elogia-lhe o romance <i>Inocência</i> (1872), pela sua cor nacional, pelo seu estilo singelo, de puro brasileiro. E lembra que o carnaval carioca deste ano obedeceu a uma nova orientação, com maior valorização dos festejos programados separadamente para cada bairro. É igualmente elogiado o recém-lançado <i>O Lar Doméstico</i>, de VERA CLESER — e ironizada a previsão de que o mundo acabaria em novembro de 1899 (à qual a cronista contrapõe as sensatas explicações do astrônomo do Rio LUÍS CRULS).</p> | <p><u>Página 42</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>seguida do poema<br/><b>O PRIMEIRO SORRISO</b><br/>Versos em redondilha maior de DELMINDA SILVEIRA, sem dedicatória e sem data, descrevendo o momento em que uma mãe detecta no filhinho o primeiro sorriso.<br/>seguido do texto<br/><b>LITERATOS HÚNGAROS</b><br/>Notas informativas de ELMANO DO VAL — que, mesmo reconhecendo a precedência de um notável texto de M. J. KONT, quer divulgar os dados que constam de um novo livro de EMÍLIO REICH. (segue)</p> | <p><u>Página 43</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>LITERATOS HÚNGAROS</b><br/>As origens da literatura húngara remontariam aos relatos épicos a respeito dos chefes hunos ÁTILA e BLEDA. Mas pode-se subdividi-la em quatro períodos: o 1º estendendo-se do final do século IX à Reforma; o 2º (em que avultam as traduções bíblicas de GÁSPAR KÁROLI e as baladas do seiscentista MIKLÓS ZRINYI) da Reforma até o início do Setecentos; o 3º compreendendo a estagnação literária registrada no início do século XVIII; e o 4º, de florescimento, tendo início no século XVIII e estendendo-se até a atualidade.</p> | <p><u>Página 44</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>LITERATOS HÚNGAROS</b><br/>Deste último (4º e último período de evolução), Elmano do Val cita nominalmente 14 dos mais salientes cultores dos principais gêneros literários.<br/><br/>seguido do poema<br/><b>DOIS OASIS</b><br/>Soneto datado de 1891, dedicado a PRISCILIANA DUARTE, assinado conjuntamente pelas poetisas ADELINA LOPES VIEIRA e MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.<br/><br/>seguido do excerto<br/><b>DOIS LIVROS</b></p>  |
| <p><u>Página 45</u></p> <p>Conclusão do excerto<br/><b>DOIS LIVROS</b><br/>Trecho de prosa da italiana IDA BACCINI (vertido para o português pelo professor ADOLFO MALEVOLT), em que a autora coloca lado a lado o surrado livro de orações que pertenceu à sua mãe e a elegante cartilha com a qual seu filho está sendo alfabetizado.<br/>seguida do poema<br/><b>DEPOIS DA BATALHA</b><br/>Soneto em versos alexandrinos de JÚLIA CORTINES, sem dedicatória e sem data, no qual é descrita a inquietação de um guerreiro sobrevivente, em cujos ouvidos persistem os lúgubres sons da batalha.</p>   | <p><u>Página 46</u></p> <p>Poema <b>DESOLADA</b><br/>Poesia de EDWIGES R. DE SÁ PEREIRA: sete tercetos seguidos de uma quadra final, em que a poetisa descreve a desolação de uma jovem que reza perante uma imagem da Virgem Maria.<br/><br/>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Edwiges de Sá Pereira: esta jovem poetisa pernambucana, quase uma criança, ainda — que teve o poema "Desolada" publicado nesta mesma p. da revista —, está sendo revelada por BELARMINO CARNEIRO (do jornal <i>O País</i>).</p>                 | <p><u>Página 47</u></p> <p>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Edwiges tem um irmão bacharel (VIRGÍLIO DE SÁ PEREIRA), também poeta e jornalista, radicado no Rio. Escola de Farmácia: Esta "nota" corresponde, na realidade, ao registro da cerimônia de instalação da Escola Livre de Farmácia de São Paulo, ocorrida em 13 de fevereiro de 1899, num sobrado da Ladeira de Santa Ifigênia — cerimônia presidida pelo Presidente do Estado, Cel. FERNANDO PRESTES (1855-1937), à qual compareceram as pessoas mais gradas da sociedade paulistana. (segue)</p>  | <p><u>Página 48</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Nessa oportunidade ouviu-se, entre outros, o discurso pronunciado pelo médico BRÁULIO GOMES (1854-1904), diretor da nova instituição, que enfatizou a necessidade de formarem-se mulheres para o exercício de profissões liberais como essa, de farmacêutica.<br/><b>A MENSAGEIRA</b><br/>Transcrição de referências à revista no carioca <i>Jornal do Comércio</i> e no paulistano <i>Comércio de S. Paulo</i>; em ambos os excertos, PRISCILIANA DUARTE é nominalmente mencionada.</p> |

| São Paulo, 15 de abril de 1899 — Ano II, Nº 27   |  |   |   |
|--|--|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |  |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |   |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |   |   |
| <p><u>Página 49</u></p> <p>Gravura retratando a homenageada desta edição,</p> <p><b>MADAME DREYFUS</b></p> <p>Conforme noticiado e comentado em números anteriores da revista, em 1894 o oficial do exército francês (de origem israelita) ALFRED DREYFUS fora condenado à prisão perpétua por traição, num julgamento racista e tendencioso, passando a cumprir pena na Ilha do Diabo, nas costas da América do Sul.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 50</u></p> <p>Com sumário.</p> <p>Editorial:</p> <p><b>MADAME DREYFUS</b></p> <p>Graças ao empenho da família (em especial de MME. DREYFUS, que recusou-se a retomar seu nome de solteira, conforme a lei lhe facultava), o processo será revisto em 1899, disto resultando seu retorno à França e sua reabilitação, em 1906.</p> <p>seguido do poema</p> <p><b>RECORDAÇÃO FATAL</b></p> <p>Soneto de NARCISA AMÁLIA, sem dedicatória e sem data. Em decassílabos de versificação rigorosa, a poetisa compara a triste recordação que a atormenta à asa partida arrastada pela ema.</p> | <p><u>Página 51</u></p> <p><b>O TIO JÓ</b></p> <p>Conto de RIDELINA FERREIRA, dedicado a MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, datado da "Fazenda S. João da Barra, 20 de março de 1899".</p> <p>Apesar da relativa pobreza formal dos escritos desta autora, é preciso destacar sua fidelidade a uma temática real e atual, perceptível tanto na crônica "Um Episódio da Roça" — publicado em II(25):17-20 — quanto neste conto (ou conto-crônica) "Tio Jô".</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 52</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>Naquela sua primeira colaboração para a revista, a escritora demonstrava preocupação com o estado em que chegava e era acomodado um grupo de imigrantes italianos instalados numa fazenda fluminense. Aqui, em "Tio Jô", Ridelina reproduz comovida o relato que lhe teria sido feito por um ex-escravo, já nonagenário, para o qual já não é possível esperar pelo final feliz reservado por Maria Clara ao ex-escravo do conto "Um Caso Verdadeiro" — de I(22):337-340. (segue)</p>          |
| <p><u>Página 53</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>Tendo observado a difícil convivência daquele velho negro com os demais empregados da fazenda onde está hospedada, a escritora já teria feito, logo de início, uma intervenção no sentido de evitar que ele fosse maltratado pelos vizinhos — que o tinham em conta de feitiçeiro maluco ou de indesejável resmungão.</p> <p>(segue)</p>                          | <p><u>Página 54</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>Certa tarde, disposta a ouvir de bom grado as histórias que todo velho sempre tem para contar qualquer que fosse a sua condição ou instrução, Ridelina ouve-o narrar sua triste história de vida. Vivia ele na senzala, em companhia da filhinha recém-nascida e da esposa (Balbina, liberada dos trabalhos mais pesados para servir como engomadeira na sede da fazenda) — quando tem conhecimento da intenção de mandarem-na para o Rio de Janeiro:</p> <p>(segue)</p>  | <p><u>Página 55</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>lá ela deveria se instalar na casa de um irmão do seu senhor, com a finalidade de tomar-se ama de leite de um bebê da família.</p> <p>São múteis as súplicas do Tio Jô: Balbina, resignada, parte deixando o companheiro encarregado de cuidar da filha, manifestando a intenção de retornar dentro de um ano — alforriada e de posse, talvez, de recursos que lhe permitam alforriar o marido.</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 56</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>Enlouquecido de dor, o Tio Jô acaba passando uma temporada num manicômio. Ao receber alta, retorna a dura vida anterior, na lavoura. E nunca mais terá notícias de Balbina — chegando a temer, intimamente, que ela própria, fascinada pela vida movimentada e colorida da Corte, tenha optado por não retornar mais à fazenda.</p> <p>Hoje, libertados todos pela Lei Áurea, ela talvez já esteja morta; a criança abandonada por ela está envelhecida e é mãe de filhos adultos. (segue)</p> |
| <p><u>Página 57</u></p> <p>Continuação do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>Ele próprio, o Tio Jô, traumatizado por aquela dura separação, ainda sofre, vez ou outra, crises em que revive a partida da esposa — dramáticas crises que lhe valeram a reputação de demente e de feitiçeiro...</p>  | <p><u>Página 58</u></p> <p>Conclusão do conto <b>O TIO JÓ</b></p> <p>seguida da</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA. Tendo sido festejado, no mês anterior (março), o "mês de SÃO JOSÉ", a articulista lembra as tradições associadas ao nome do <i>casto esposo da VIRGEM MARIA</i>, recusando-se a levar em conta o fato de que sua existência não foi historicamente comprovada. Se acreditamos na existência de personalidades como PLUTARCO, HOMERO, SÓCRATES, NERO...</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 59</u></p> <p>Continuação da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Parabeniza-se, em seguida, a iniciativa do médico MONCORVO FILHO — que acaba de instalar, no Rio, um Instituto de Proteção e Assistência à Infância. E, depois de registrar o lançamento do 15º livro de poesias do Pa. CORREIA DE ALMEIDA (<i>Puerilidades de um Macróbio</i>), Maria Clara comenta a beleza do quadro que se encontra exposto na igreja do Bom Jesus do Calvário (uma reprodução do afresco "Santa Ceia", de LEONARDO DA VINCI, em que JESUS e seus apóstolos são magnificamente representados).</p> | <p><u>Página 60</u></p> <p>Conclusão da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema</p> <p><b>RISO PUNGENTE</b></p> <p>Soneto em versos decassílabos de ÁUREA PIRES, sem dedicatória, datado de "28-3-1899".</p> <p>A poetisa se queixa das risadas do amado, cujo som provoca-lhe mágoa, pranto e estremecimentos.</p>   |

|  |  |   |  |
|--|--|---|--|
| <p><b>OBSERVAÇÕES:</b> Na p. II(27):50, Madame Dreyfus — apontada como modelo de solidariedade — é comparada a "aquela nobre GERTRUDES VON DER WART", personagem que não foi possível identificar. No texto de Smiles reproduzido na "Seleção" — p. II(27):67 —, é indicada a fonte da exortação de Scheffer à filha: trata-se de uma biografia escrita pela inglesa MADAME GROTE (Harriet Lewin). A nota relativa a "Anna Caron" — p. II(27):69 — enfatiza o fato dessa professora divulgar, na França, "a língua em que escreve um LATINO COELHO, um GUERRA JUNQUEIRO, uma MARIA AMÁLIA, um BILAC, um RAIMUNDO CORREIA".</p> |  |   |  |
| <p><u>Página 61</u></p>  | <p><u>Página 62</u></p>  | <p><u>Página 63</u></p>   | <p><u>Página 64</u></p>  |
| <p style="text-align: center;"><b>Poema</b><br/><b>EXCELSA GLÓRIA</b></p> <p>Versos decassilábicos distribuídos em seis quintetos, de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória, datados de "1899".</p> <p>Neles descreve-se a satisfação de um velho poeta que, desencantado e desiludido, ouve alguém recitar, comovido, as trovas que ele próprio compusera outrora.</p>   | <p style="text-align: center;"><b>LA TOMBE ET LA ROSE</b></p> <p>Artigo de crítica literária de autoria do chileno CLEMENTE BARAHONA VEGA, publicado originalmente no almanaque de 1899 da revista <i>La Mujer</i> (Curicó), dirigida pela dra. LEONOR URZÚA CRUZAT e vertido para o português por NÉLSON DE SENA, tradução datada da "Cidade de Minas (Brasil)" — fevereiro 99".</p> <p>O artigo de BARAHONA VEGA destina-se a comparar as traduções existentes para o célebre poema de VICTOR HUGO, "La Tombe et la Rose".</p>   | <p style="text-align: center;">Continuação de<br/><b>LA TOMBE ET LA ROSE</b></p> <p>Nele são nominalmente citados CERVANTES e GOETHE, os poetas e críticos literários JOÃO PERES DE GUSMÃO, JOÃO NICÁCIO GALLEGO, J. MANUEL MARROQUÍN, RAFAEL POMBO, JOSÉ MARÍA DE HEREDIA, PLÁCIDO DE MATANZAS, PÉREZ BONALDES, RIVADO e FEJERA, além dos tradutores espanhóis ou hispano-americanos RAMÓN DE SATORRES, GERTRUDIS GÓMEZ DE AVELLANEDA, J. GUTIÉRREZ COLL e R. CARRASQUILLA.</p>  | <p style="text-align: center;">Conclusão de<br/><b>LA TOMBE ET LA ROSE</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/><b>SOBRE RUÍNAS</b></p> <p>Versos de CARVALHO ARANHA (extraídos da coletânea <i>Cinerário</i>), sem dedicatória e sem data — subdivididos em três partes, cada uma delas composta por um soneto. Cantando sua poesia sobre as ruínas de seu próprio coração, descrente e desiludido, o poeta estende-se em amargas reflexões que o levam a aspirar à anulação, ao <i>Nada...</i></p>                                |
| <p><u>Página 65</u></p>  | <p><u>Página 66</u></p>  | <p><u>Página 67</u></p>   | <p><u>Página 68</u></p>  |
| <p style="text-align: center;">Conclusão do poema<br/><b>SOBRE RUÍNAS</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do artigo<br/><b>A MODA</b></p> <p>Crônica de ÉCILA WORMS (pseudônimo de JÚLIA LOPES), transcrita do jornal carioca <i>O País</i>, sem data. Tendo como epígrafe o anúncio de uma conferência que seria proferida por V. AVELLAR no Congresso Comercial, a articulista enfatiza a <i>utilidade da escrituração mercantil, sobretudo para a mulher</i>, pregada pelo conferencista. A admissão nos escritórios de moças qualificadas lhe parece muito bem-vinda:</p>                                       | <p style="text-align: center;">Conclusão do artigo<br/><b>A MODA</b></p> <p>para Júlia Lopes, <i>ensinar as mulheres de uma cidade como a nossa, de população grande e pobre, a trabalhar e a ganhar honradamente a vida é praticar uma ação boníssima e de nobre intuito.</i></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/><b>ÚLTIMO DESEJO</b></p> <p>Poema (quatro quadras em que se alternam decassilabos e versos hexassilábicos) de HELENA DE VIVEIROS, sem dedicatória, datado de "2-6-98".</p> <p style="text-align: center;">seguido da <b>SELEÇÃO</b></p> | <p style="text-align: center;">Continuação da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Ao lado de duas breves máximas atribuídas a MADAME DE MAINTENON e a MADAME RATAZZI, aparece um novo excerto, bastante extenso, do ensaísta SAMUEL SMILES: discordando de RICHARD STEELE (que achava desejável a aparência de fraqueza e timidez nas mulheres), Smiles lhe contrapõe citações de BEN JONSON e de ARY SCHEFFER (que escreve à filha exortando-a a ser corajosa e digna mesmo diante das maiores adversidades).</p>  | <p style="text-align: center;">Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p style="text-align: center;">seguida do poema<br/><b>CONSTANTE</b></p> <p>Poema (nove quadras em que se alternam decassilabos e versos hexassilábicos) de PRISCILIANA DUARTE, sem dedicatória (implicitamente dirigido ao marido, SÍLVIO DE ALMEIDA), sem data. Nele a poetisa declara a constância de seu amor, que só deverá cessar com a chegada da morte.</p> <p style="text-align: center;">seguido dos<br/>"poematos em prosa"<br/><b>ISA</b></p>                           |
| <p><u>Página 69</u></p>  | <p><u>Página 70</u></p>  | <p><u>Página 71</u></p>   | <p><u>Página 72</u></p>  |
| <p style="text-align: center;">Conclusão dos<br/>"poematos em prosa"<br/><b>ISA</b></p> <p>"Poematos em prosa" de EURICO DE GÓIS, sem dedicatória explícita, datados de "1899". Ostentando excessiva carga de sentimentalidade, teriam seu gosto colocado em dúvida, se comparados com a produção coetânea de autores como Raul Pompéia e Coelho Neto.</p> <p style="text-align: center;">seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Anna Caron: esta professora francesa mantém, em Paris, um curso de português que promoveu uma festa de distribuição de prêmios a seus alunos.</p>                                       | <p style="text-align: center;">Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Nessa festa (que contou com a presença do PRESIDENTE DA FRANÇA), o aluno EUGÊNIO BERNE foi premiado com um livro do português OLIVEIRA MARTINS, oferecimento da RAINHA DONA AMÉLIA. <i>La Mujer</i>: esta revista publicada em Curicó (Chile) é dirigida por LEONOR URZÚA CRUZAT (v. p. 62 deste mesmo nº de <i>A Mensageira</i>), trazendo em sua última edição o retrato da presidente da academia feminina que a edita, MERCEDES MARÍA DEL SOLAR.</p>                                       | <p style="text-align: center;">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>O Arquivo Ilustrado:</b> registra-se o aparecimento desta nova revista paulistana (editada por OSCAR MONTEIRO), que conta com a colaboração do dr. MANUEL VIOTTL.</p> <p><b>Pêsames:</b> são apresentados pêsames a ZALINA ROLIM e irmãs, pela morte de sua mãe, MARIA CÂNDIDA ROLIM.</p> <p><b>Recebemos e Agradecemos:</b> Acusa-se o recebimento do <i>Almanaque Popular Brasileiro</i> e do <i>Almanaque de Juiz de Fora</i>, além das revistas <i>A Meridional</i> e <i>Santos Ilustrado</i>.</p> <p style="text-align: center;">seguida de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> | <p style="text-align: center;">Conclusão de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Transcrição de referências à revista publicadas em <i>O Estímulo</i> (de Santos), <i>Gazeta de Petrópolis</i>, <i>Correio de Minas</i> (de Juiz de Fora) e <i>Cidade de Campinas</i> — com menções nominais a PRISCILIANA DUARTE, MARIA CLARA, ADELINA LOPES, ÁUREA PIRES, CÂNDIDA FORTES, G. TORRESÃO, GEORGINA TEIXEIRA, J. CORTINES, EDUVIGES PEREIRA, SÍLVIO DE ALMEIDA, HERÁCLITO e MANUEL VIOTTL, NÉLSON DE SENA, OSCAR D'ALVA, ARTUR ANDRADE e ADOLFO MALEVOLTI.</p> |

| São Paulo, 15 de maio de 1899 — Ano II, Nº 28  |   |   |   |
|--|---|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |   |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |   |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |   |   |
| <p><u>Página 73</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>GUIOMAR TORRESÃO</b><br/>Necrológio de autoria de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. Tendo sido mencionada por diversas vezes no vol. I da revista — e tendo remetido à <i>Mensagem</i>, no início de 1898, uma carta em que se solidarizava com as iniciativas de Prisciliana —, a polígrafa portuguesa GUIOMAR TORRESÃO (1844-1898) falece no dia 22 de outubro daquele mesmo ano — v. nota publicada no nº 25, pp. II:21-22.<br/>(segue)</p>           | <p><u>Página 74</u><br/>Continuação do necrológio GUIOMAR TORRESÃO</p> <p>Apontada unanimemente como a mais importante mulher de letras de Portugal da segunda metade do século XIX (posição em que terá Maria Amália Vaz de Carvalho como sucessora, já na virada do século), a Torresão notabilizou-se pelo trabalho intenso e sistemático de promotora das letras femininas, tanto em Portugal como no Brasil.<br/>(segue)</p>   | <p><u>Página 75</u><br/>Continuação do necrológio GUIOMAR TORRESÃO</p> <p>A autora do necrológio, Júlia Lopes, conheceu-a pessoalmente, em Lisboa, local de residência da lusitana. Em seu texto, a brasileira chama a atenção para a indiferença com que foi sepultada a escritora — fazendo questão, ainda, de relembrar as dificuldades enfrentadas por Guiomar Torresão para impor-se como profissional de letras em Portugal.</p>  | <p><u>Página 76</u><br/>Conclusão do necrológio GUIOMAR TORRESÃO</p> <p>seguida do poema<br/><b>UMA RELÍQUIA</b><br/>Soneto em decassílabos de LUÍS PISTARINI, extraído da coletânea <i>De Luto</i>; dedicado a COELHO NETO; sem data.</p> <p>seguido do poema<br/><b>CANÇÃO</b><br/>Quatro quadras em redondilha maior (quase trovas) de ARTUR ANDRADE, sem dedicatória e sem data. Em versos de sabor popular, o poeta tece despretensiosos versos efetivamente prontos para ser musicados.</p>   |
| <p><u>Página 77</u><br/><b>MENTIRA PIEDOSA!</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS; sem data; dedicado a CLARA MARIA VILHENA DA CUNHA (que reaparecerá como dedicatária do poema "Palavras de u : Anciã", no volume <i>Sombras</i>, de Prisciliana Duarte). Abandonando o realismo de seus contos mais recentes, Maria Clara regride, aqui, a uma situação de absoluta inverossimilhança. Ao falecer, o engenheiro Jaime de Azevedo deixou grávida a esposa Alice, de 18 anos de idade (com quem se casara há menos de um ano).</p> | <p><u>Página 78</u><br/>Continuação do conto MENTIRA PIEDOSA!</p> <p>De tanto chorar (sic!), a jovem viúva perde a visão, não tendo, portanto, chegado a observar as feições da menininha que nasceu. Mas, com poucas semanas de vida, a garotinha sofre morte súbita, falecendo nos braços da avó. Temendo que o impacto daquela nova perda acabe matando a infeliz Alice, a avó da criança sai desesperada para a rua — descobrindo que seu vizinho perdera a esposa, deixando órfã de mãe uma outra menininha recém-nascida.</p> | <p><u>Página 79</u><br/>Conclusão do conto MENTIRA PIEDOSA!</p> <p>De comum acordo, trocam a criança morta por aquela cuja mãe acabara de falecer; Alice, cega, não dá pela troca, criando a menina como filha legítima. Anos depois, já habituada com a felicidade de ver a falsa neta ler para a mãe e ouvindo-a tocar, ao piano, uma sonata de BEETHOVEN, a velha tem a impressão de que tudo foi um sonho e que a moça que ali está à sua frente é sua verdadeira neta.</p> | <p><u>Página 80</u><br/>Poema<br/><b>A MORTE DE CRISTO</b><br/>Tradução, por SÍLVIO DE ALMEIDA, de um soneto de MOLIÈRE; uma nota aposta ao texto do poema esclarece tratar-se de versão premiada em concurso da prestigiosa revista carioca <i>A Semana</i>.<br/>seguido das notas<br/><b>A ALMA E A MORTE</b><br/>Notas de ELMANO DO VAL (pseudônimo de MANUEL VIOTTI), relatando o aparecimento de uma nova poetisa francesa ("moderna SAFO"), MARGUERITE COMERT, que acaba de lançar a coletânea poética <i>L'Âme et la Mort</i>, elogiada por PRUDHOMME.</p> |
| <p><u>Página 81</u><br/>Poema<br/><b>SEMPRE O AMOR!</b></p> <p>Soneto em decassílabos de OSCAR D'ALVA (pseudônimo de REIS CARVALHO), sem dedicatória, datado do "Rio, agosto de 1898". Trazendo como epigrafe um verso da nona égloga de VIRGÍLIO, o poema coloca o autor frente à opção: tendo de um lado o poder, a riqueza e a glória — e, de outro lado, um amor sincero, deverá optar, sem titubeio, pelo segundo.<br/><br/>seguido do artigo<br/><b>A NOIVA</b></p>  | <p><u>Página 82</u><br/>Continuação do artigo A NOIVA</p> <p>Texto de ADELINA AMÉLIA LOPES VIEIRA. Respondendo à carta que lhe foi dirigida por uma jovem noiva (Cecília) residente na capital paulista, Adelina procura fazê-la refletir a respeito da efemeridade do enlevo em que vive com seu noivo: é preciso continuar cultivando aquele afeto depois do casamento, sem descuidos. Além de zelar por sua própria aparência, a moça deve cuidar pela preservação dos dotes do espírito.<br/>(segue)</p>                        | <p><u>Página 83</u><br/>Continuação do artigo A NOIVA</p> <p>Se o noivo hoje a aplaude entusiasmado, ao vê-la tocar CHOPIN ou BEETHOVEN no piano — e se ele gosta de acompanhá-la à harpa quando a ouve cantar, não há porque deixar de fazê-lo depois do casamento. Na manutenção do futuro lar, igualmente, é preciso que ela encontre o equilíbrio entre a força e a brandura, entre a energia e a fraqueza.</p>   | <p><u>Página 84</u><br/>Conclusão do artigo A NOIVA</p> <p>seguida do poema<br/><b>FLORES D'ALMA</b><br/>Poema de MARIA JUCÁ (dedicado ao pai, CIPLÃO JUCÁ, 1835-1905), datado de "Maceió, 30 de setembro de 1886". Dando como epigrafe dois versos elegíacos de TOMÁS RIBEIRO, a poetisa alagoana declara cultivar em sua alma, como a coroa de espinhos de JESUS: a rosa da Crença, a flor da Gratidão e o lírio da Saudade.<br/>seguido da<br/><b>SELEÇÃO</b></p>  |



**OBSERVAÇÕES:** O necrológio redigido por Júlia Lopes — pp. II(28):73-76 — contém menções a vários escritores franceses cujo perfil foi esboçado num dos "livros de impressões" de Guiomar Torresão: DUMAS FILHO, VICTOR HUGO, MADAME ADAM, MADAME DE RUTE (que corresponde à mesma MADAME RATTAZZI citada no n° 27), GEORGES DE PEREYBRUNE, CAMILLE DELAVILLE e JEANNE THILDA (pseudônimo de MATILDE STEVENS); FIALHO DE ALMEIDA é mencionado como um dos poucos defensores da Torresão. Em II(28):93, JOANA DE NORONHA corresponde a uma amiga brasileira (sic) de Manuelita Rosas.

|   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| <p><u>Página 85</u></p> <p><b>Continuação da SELEÇÃO</b><br/>O primeiro dos textos escolhidos para esta seção, de autoria de CÉLIA, foi extraído da revista chilena <i>La Mujer</i> — v. p. II(27):70 —, sendo reproduzido no idioma original. Nos tempos de GALILEU ou mesmo até meados do século XIX (época em que viveu o "apóstolo da liberdade" chileno FRANCISCO BILBAO), seria uma heresia proclamar a emancipação da mulher. Mas hoje ela caminha em direção à total libertação, depois de ter sido mantida por muitos séculos "na inanição e na ignorância".<br/>(segue)</p>                               | <p><u>Página 86</u></p> <p><b>Conclusão da SELEÇÃO</b><br/>O 2° e último texto corresponde a um excerto do discurso lido por CESÁRIO MOTA na instalação do Ginásio do Estado (por ele criado em 1892), no qual é enfatizada a necessidade de prepararem-se as mulheres para um desempenho profissional digno: <i>Dar educação profissional à mulher é (...) uma das mais urgentes necessidades do presente.</i><br/>seguida do poema<br/><b>CONCÍLIO DAS MÁGOAS</b><br/>Soneto de PERPÉTUA DO VALE, sem dedicatória e sem data.<br/>seguido da CARTA DO RIO</p>  | <p><u>Página 87</u></p> <p><b>Continuação da CARTA DO RIO</b><br/>Crônica mensal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS — dedicada principalmente ao relato de sua viagem ao Sul de Minas (em companhia do marido engenheiro), para a inauguração do balneário construído pela Empresa Lambari e Cambuquira: confortavelmente instalados num trem especial, fizeram uma viagem muito agradável, que culminou com a inauguração das fontes batizadas com os nomes de duas pessoas vinculadas ao empreendimento;<br/>(segue)</p>                                | <p><u>Página 88</u></p> <p><b>Conclusão da CARTA DO RIO</b><br/>fontes denominadas "DR. FERNANDES PINHEIRO" (diretor da empresa) e "DONA REGINA WERNECK" (esposa de AMÉRICO WERNECK, então Secretário da Agricultura do Estado de Minas).<br/>seguida do poema<br/><b>VÉSPER</b><br/>Versos de invocação a Vênus, a "estrela vespertina", de DELMINDA SILVEIRA, "da Capital de Sta. Catarina", sem dedicatória e sem data.<br/>seguido de<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p>   |
| <p><u>Página 89</u></p> <p><b>Continuação de COM ARES DE CRÔNICA</b><br/>Crônica de MARIA EMÍLIA — que retoma suas importantes intervenções na revista, limitando-se aqui, no entanto, a prestar homenagens ao poeta e teatrólogo carioca FIGUEIREDO COIMBRA (1866-1899), recentemente falecido. Desse autor é reproduzido, integralmente, o soneto<br/><b>REDEÇÃO NOVA</b>, dedicado ao DR. ANTÔNIO BENTO, o saudoso abolicionista desaparecido em 1898.<br/>seguida do texto<br/><b>A INVENÇÃO DA RENDA</b></p>   | <p><u>Página 90</u></p> <p><b>Continuação do texto A INVENÇÃO DA RENDA</b><br/>Artigo de AUTOR ANÔNIMO (designado por um ponto de interrogação), provavelmente transcrito de algum recorte cuja origem tenha sido esquecida. Nele se comenta o fato de disputar-se (como já ocorrera no caso da determinação do berço natal de HOMERO) a honra de ser a cidade de onde se originou a renda. CAROLINA POPP registra versão que aponta para a cidade de Bruges, cantada pelo poeta GEORGES RODENBACH (versão que envolve um par amoroso e um voto feito pela moça à VIRGEM MARIA).</p>                         | <p><u>Página 91</u></p> <p><b>Conclusão do texto A INVENÇÃO DA RENDA</b><br/>seguida do poema<br/><b>SOMBRAS</b><br/>Versos de PRISCILIANA DUARTE (três sextilhas de decassílabos), sem dedicatória e sem data — mas provavelmente compostos em época recente, posterior à morte do filhinho caçula. Antecipa-se, aqui, o tom pessimista e elegiaco que passará a predominar na poesia da autora ("Sombras" é justamente o poema que dará título a seu 2° livro, editado em 1906).<br/>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p>                      | <p><u>Página 92</u></p> <p><b>Continuação das NOTAS PEQUENAS</b><br/><b>A Viúva de Michelet: faleceu,</b> no início de abril, ADELE MIALARET MICHELET (1826-1899), viúva do historiador francês JULES MICHELET (1798-1874), com quem se casara em 1849. Colaboradora e inspiradora do marido, ela também deixou escritos próprios. Viúva há 25 anos, permanecera na casa do escritor, zelando por suas relíquias — material que provavelmente será incorporado ao acervo do Museu Carnavalet, onde já se encontra o retrato de Michelet pintado por COUTURE.</p> |
| <p><u>Página 93</u></p> <p><b>Continuação das NOTAS PEQUENAS</b><br/>Manuelita Rosas: recapitula-se aqui a biografia de MANUELA ROSAS (1817-1898), filha de J. M. ROSAS (1793-1877), falecida em Londres. Transformada em secretária do pai, participara da implantação de sua ditadura na Argentina. Nessa situação, como moderna HERODÍADES, teria apresentado numa bandeja as orelhas do CEL. BORBA — lenda desmentida por URQUIZA (que depôs o ditador com o auxílio, inclusive, de PEDRO II). Refugiando-se com o pai na Inglaterra, pudera finalmente casar-se (com M. TERRERO) e viver sua própria vida.</p> | <p><u>Página 94</u></p> <p><b>Continuação das NOTAS PEQUENAS</b><br/><b>Recebemos e Agradecemos:</b> Enumeração dos periódicos recebidos em permuta. Além de 28 jornais — entre eles o gaúcho <i>Corimbo</i> (das irmãs JULIETA E REVOCATA DE MELO) e o paulistano <i>Album das Meninas</i> (de ANÁLIA FRANCO), acusa-se o recebimento de 7 revistas nacionais: — As paulistanas <i>A Cecília</i> (dirigida por JÚLIO PRESTES), que tem publicado retratos de CUNHA MENDES, VALE E SILVA e ORTIZ MONTEIRO e <i>Arquivo Ilustrado</i> (cujo n° 2 traz o retrato de ZOLA e versos de CÂNDIDO DE CARVALHO).</p> | <p><u>Página 95</u></p> <p><b>Conclusão das NOTAS PEQUENAS</b><br/>— O recém-lançado mensário campineiro REVISTA CONTEMPORÂNEA.<br/>— O semanário fluminense <i>O Domingo</i>, de L. PISTARINI.<br/>— Os semanários cariocas <i>A Crônica</i> (com escritos de, entre outros, ALFREDO SANTUROS e PINTO LIMA), <i>A Máscara</i>, de SÁ E BENEVIDES (cuja última edição exibe um retrato do DR. MONCORVO F° e poemas de ELVIRA GAMA e ALICE MODERNO) e <i>A Rua do Ouvidor</i> (cuja edição mais recente é ilustrada com o retrato de MAX FLEIUSS).</p> | <p><u>Página 96</u></p> <p><b>A MENSAGEIRA</b><br/>Referências da imprensa nacional à revista (extraídas de quatro periódicos diferentes — entre eles o semanário fluminense, de Resende, <i>O Domingo</i>, citado na página anterior) com menções nominais a PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA, ÁUREA PIRES, JÚLIA CORTINES, NARCISA AMÁLIA, HELENA DE VIVEIROS, ÉCILA WORMS e MADAME DREYFUS.</p>  |



| São Paulo, 15 de junho de 1899 — Ano II, Nº 29  |   |  |   |   |
|---|---|--|---|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |   |  |   |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |  |   |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |   |   |
| <p><u>Página 97</u></p> <p>Gravura retratando a homenageada desta edição,</p> <p><b>JÚLIA LOPES DE ALMEIDA</b></p> <p>(gravura em metal de L. DE SOUZA, elaborada a partir de clichê fotográfico)</p>   | <p><u>Página 98</u></p> <p>Com sumário. Sem editorial.</p> <p><b>JÚLIA LOPES DE ALMEIDA</b></p> <p>Ensaio biográfico de GUIOMAR TORRESÃO (recentemente falecida) — em que, invertendo-se a homenagem do nº anterior, são feitos entusiásticos elogios a JÚLIA LOPES DE ALMEIDA; a notória importância daquela escritora portuguesa no contexto europeu amplifica o significado desta autêntica apologia da brasileira. Em texto não isento de incorreções, Guiomar lembra que Júlia é filha de dois ilustres lisboetas, o VISCONDE (Valentim José da Silveira Lopes) e a VISCONDESSA DE SÃO VALENTIM (Antônia A. do Amaral Pereira).</p>                | <p><u>Página 99</u></p> <p>Continuação do texto <b>JÚLIA LOPES DE ALMEIDA</b></p> <p>Emigrando para o Brasil, esse casal de portugueses teria acabado por fornecer à América do Sul sua principal escritora, nascida no Rio de Janeiro em 1862. Aqui a menina teve seu extraordinário potencial cultivado pelo pai médico e escritor distinto e pela mãe pianista, virtuose vivamente festejada; foi da mãe que recebeu, aos 6 anos de idade, os primeiros ensinamentos, com base no método de alfabetização idealizado por A. F. DE CASTILHO. Tendo transcorrido sua infância no Rio, em Nova Friburgo e em Campinas, é nesta última que estreará ainda adolescente, publicando sua primeira crônica.</p> | <p><u>Página 100</u></p> <p>Continuação do texto <b>JÚLIA LOPES DE ALMEIDA</b></p> <p>Acompanhando o pai em suas viagens à Europa, Júlia já esteve em Portugal diversas vezes; numa delas, recém-casada com o poeta e jornalista FILINTO DE ALMEIDA, visitou Guiomar Torresão em Lisboa. A capital portuguesa testemunhou também a publicação de seus dois primeiros livros, <i>Contos Infantis</i> (1886) e <i>Traços e Iluminações</i> (1887) — os <i>Contos</i> em parceria com sua irmã ADELINA A. LOPES VIEIRA, poetisa elogiada por TOMÁS RIBEIRO. Também em Portugal foi redigido o primeiro romance divulgado por Júlia Lopes, <i>A Família Medeiros</i>;</p> | <p><u>Página 101</u></p> <p>Conclusão do texto <b>JÚLIA LOPES DE ALMEIDA</b></p> <p>nesse romance, a denúncia dos horrores da escravidão no Brasil colocam-na em situação comparável à de H. BEECHER STOWE (a americana autora de <i>A Cabana do Pai Tomás</i>). Reconhecida tanto pelo público (que esgota sucessivas edições de seus livros e prestigia sua produção jornalística) como pela crítica (ai incluídos os elogios feitos a ela por VALENTIM MAGALHÃES), a brasileira teve seu romance mais recente (<i>A Viúva Simões</i>, 1897) editado pelo português ANTÔNIO MARIA PEREIRA. E teve premiado, há pouco tempo, um conto (<i>Os Porcos</i>) que o próprio ZOLA não desdenharia...</p> |
| <p><u>Página 102</u></p> <p>Poema</p> <p><b>DUAS ÉPOCAS</b></p> <p>Soneto de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória, datado de "8-VI-99", em que é enfocado o contraste entre a jovem donzela que o poeta observava há tempos — e a mesma pessoa, vista tempos depois: uma mulher amargurada pela morte do filho.</p> <p>seguido do poema <b>RUELIA FORMOSA</b></p> <p>Soneto de ZALINA ROLIM, sem dedicatória, sem data, em que são cantadas as propriedades de uma flor capaz de ensinar a amar.</p> <p>seguido do poema <b>LUDIBRIA VENTIS</b></p> <p>Versos "ao sabor do vento" de BELARMINO CARNEIRO (8 quadras de versos decassilábicos), dedicados a BRANDINA FAJARDO, sem data.</p> | <p><u>Página 103</u></p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA. Comentando, desta vez, muitos assuntos diferentes, a articulista inicia anunciando duas importantes visitas de artistas ao Rio: a do compositor e organista francês CAMILLE SAINT-SAËNS (1835-1921) e a da atriz LUCILLA SIMÕES (1879-1962), cuja atuação faz lembrar SARAH BERNHARDT. Várias mortes atingiram, aliás, os meios artísticos internacionais: na última semana registraram-se os falecimentos do escritor espanhol EMILIO CASTELAR (1832-1899), do crítico francês FRANCISQUE SARCEY (1827-1899) e da pintora francesa ROSA BONHEUR (1822-1899).</p> | <p><u>Página 104</u></p> <p>Continuação da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Em 28 de maio (domingo seguinte àquele em que se celebra o Pentecostes) a festa da Trindade foi comemorada no Hospital dos Lázaros, aberto naquele dia à visitação pública. O prédio foi percorrido por uma procissão em que se transportaram imagens da VIRGEM MARIA e de SÃO LÁZARO, dela participando o próprio PRESIDENTE DA REPÚBLICA (Campos Sales) e o padre-senador ALBERTO GONÇALVES, que funcionou como pregador da cerimônia. Maria Clara comoveu-se ao passar pela enfermaria infantil (que tem como patrono SÃO JOÃO EVANGELISTA) e pela enfermaria de mulheres.</p>  | <p><u>Página 105</u></p> <p>Conclusão da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Já está alcançando o 4º milheiro as reedições do livro de INÊS SABINO <i>Noites Brasileiras</i> — cujo lançamento, em 1897, foi registrado em I(5):69-70. Os festejos comemorativos da vitória do Brasil na Batalha de Tuiuti (24 de maio de 1866), diante da estátua do GENERAL OSÓRIO foram muito animados; aguarda-se agora a celebração da Batalha do Riachuelo (11 de junho de 1865), quando deverá ser inaugurado o busto do Almirante SALDANHA DA GAMA, esculpido pela campineira NICOLINA VAZ DE ASSIS.</p> <p>seguida do poema <b>DOMINGO DE RAMOS</b></p>                               | <p><u>Página 106</u></p> <p>Conclusão do poema <b>DOMINGO DE RAMOS</b></p> <p>Versos de ÁUREA PIRES, dedicados ao Padre CORREIA DE ALMEIDA, datados de "S. João del-Rei, 31-3-1899". Em extensas estrofes de decassilabos, a poetisa descreve uma daquelas majestosas procissões da Semana Santa mineiras.</p> <p>seguido da crônica <b>JUNTO DE UM TÚMULO DE CRIANÇA</b></p> <p>Crônica sentimental de JÚLIA LOPES, dedicada a PRISCILIANA DUARTE, transcrita do jornal carioca <i>O País</i>. Assumindo a forma de poema em prosa, o texto expõe as considerações de uma mãe revoltada e de uma velha resignada frente à perda de uma mesma criança.</p>  |

**OBSERVAÇÕES:** O banquete em homenagem a Emilia Pardo Bazán — v. nota das pp. II(29):115-116 — foi relatado à *Mensagem* por XAVIER DE CARVALHO, que destaca a presença, entre outros, dos poetas JEAN RICHEPIN, ALEXANDRE PARODI e MARC LEGRAND; da romancista LOUISE GAGNEUR; do pintor JEAN-FRANÇOIS RAFFAELLI; do músico português FRANCISCO LACERDA e dos jornalistas ALESSANDRO D'ATRI e XAVIER DE RICARD. A anfitriã, PRINCESA DE RATTAZZI (MADAME DE RUTE), costuma receber em seu salão as notabilidades brasileiras de passagem por Paris.

|  |  |   |  |  |
|--|--|---|--|--|
| <p><u>Página 107</u></p> <p><b>Conclusão da crônica JUNTO DE UM TÚMULO DE CRIANÇA</b></p> <p>Enquanto, no primeiro caso (da jovem mãe amargurada), predomina o desconsolo, no segundo (da velha resignada) predominam as considerações filosóficas em que transparece a própria dor da velhice.</p>  | <p><u>Página 108</u></p> <p><b>Poema ESPERANÇA</b></p> <p>Retórico soneto de GEORGINA TEIXEIRA, dedicado "à minha gentil amiga JACINTINHA BANDEIRA", sem data.</p> <p>seguido do texto <b>A BARONESA DE HIRSCH</b></p> <p>Necrológio de AUTOR ANÔNIMO, extraído de outro periódico.</p> <p>Vitua do Barão Maurice de Hirsch de Gereuth (1831-1896) e filha do senador belga Bischoffsheim, Claire Bischoffsheim, BARONESA DE HIRSCH, faleceu recentemente, depois de uma vida consagrada à manutenção de importantes instituições filantrópicas.</p>   | <p><u>Página 109</u></p> <p><b>Conclusão do texto A BARONESA DE HIRSCH</b></p> <p>Atuando em toda a Europa, estabeleceu também em Nova Iorque uma casa para alojar mulheres e moças imigradas. Em reconhecimento de seu excepcional altruísmo, o IMPERADOR DA ÁUSTRIA (Francisco José I) fez questão de atribuir-lhe uma das primeiras comendas da Ordem de Elisabeth, criada em homenagem à IMPERATRIZ ELISABETH ("Sissi"), assassinada em 1898 por um anarquista.</p> <p>seguida do poema <b>NOIVADO</b></p> <p>Versos (10 tercetos) de PERCE-NEIGE (cf. nota da página 116, a seguir), sem dedicatória e sem data.</p>   | <p><u>Página 110</u></p> <p><b>BODAS DE PRATA</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a MARIA HONÓRIA DUARTE FEITOSA (irmã de Prisciliana Duarte); sem data.</p> <p>Adotando o artifício de narrar uma história tragicômica desfiada ao longo de uma conversa de dois compadres, Maria Clara começa caracterizando o casal de protagonistas: o médico dr. Bráulio e sua abonada esposa. Viviam ambos aparentemente felizes, há vários anos, quando o médico começou a suspeitar do comportamento da mulher.</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 111</u></p> <p><b>Continuação do conto BODAS DE PRATA</b></p> <p>Fingindo fazer uma longa viagem, Bráulio retornou à casa naquela mesma noite — a tempo de flagrar a esposa em companhia de um homem que, ao vê-lo chegar, escondeu-se numa alcova (da qual era impossível sair, senão pela porta que dava para o consultório do médico).</p> <p>Diante das negativas da mulher — que insistia em afirmar que estava sozinha — o médico, friamente, manda chamar um carpinteiro e lacrar a alcova; em seguida instala-se no local por uma semana, não o deixando nem para fazer as refeições.</p> <p>(segue)</p>  |
| <p><u>Página 112</u></p> <p><b>Continuação do conto BODAS DE PRATA</b></p> <p>Até que da alcova começa a exalar-se um cheiro nauseabundo. Encarregando dois fiéis amigos de desfazer-se do cadáver do malogrado amante, o dr. Bráulio leva a esposa para um passeio, do qual retornam como se nada tivesse acontecido. Depois disso, viveram novamente felizes — e agora deverão festejar, alegremente, suas Bodas de Prata...</p> | <p><u>Página 113</u></p> <p><b>Conclusão do conto BODAS DE PRATA</b></p> <p>seguida do poema <b>VIDA</b></p> <p>Soneto em decassílabos de PERES JÚNIOR, dedicado à poetisa GEORGINA TEIXEIRA; sem data. Ao perceber, em torno de si, as mais risonhas manifestações de vida, o poeta expressa o desejo de compreender as <i>falas misteriosas</i> das flores e das borboletas.</p> <p>seguido do poema <b>VOLTA AO PASSADO</b></p> <p>Amoroso soneto em versos alexandrinos de MANUEL ARÃO, sem dedicatória e sem data. Traz como epígrafe uma citação do romance <i>Eurico, o Presbítero</i>, de ALEXANDRE HERCULANO.</p> | <p><u>Página 114</u></p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Inclui-se aqui um único texto, de AUTOR ANÔNIMO, extraído de um <i>Ateneu das Senhoras</i> — que deve se tratar de um almanaque ou de uma coletânea de textos direcionados para a leitura feminina. O autor ou autora manifesta sua incomformidade com a maneira como a mulher é exaltada por seus atributos físicos e, paradoxalmente, desprezada em suas capacidades intelectuais. Para corrigir essa distorção, é preciso conceder-lhe instrução, <i>alimento ao espírito</i>.</p> <p>seguida do poema <b>ESCUTA!</b></p> <p>Soneto em decassílabos de RIDELINA FERREIRA, dedicado a EMA W. N. PARANAGUÁ, datado da "Capital, 30-12-98".</p> | <p><u>Página 115</u></p> <p><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Guiomar Torresão: Respondendo, talvez, à denúncia de Júlia Lopes — na p. II(28):73 — quanto à indiferença com que GUIOMAR TORRESÃO foi sepultada em Lisboa, noticia-se que a transladação do corpo da sepultura provisória para o jazigo da família realizou-se <i>com grande solenidade</i>.</p> <p>Ele: A romancista portuguesa CLÁUDIA DE CAMPOS acaba de lançar uma nova obra (<i>Ele</i>), filiada à escola subjetivista de CHARLOTTE BRONTË (célebre autora de <i>Jane Eyre</i>) e ao psicologismo de PAUL BOURGET.</p> <p>Emília Pardo Bazán: Essa famosa escritora espanhola foi alvo de homenagens em Paris — aí incluído um banquete.</p> | <p><u>Página 116</u></p> <p><b>Conclusão das NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Joana d'Arc: Registraram-se, em Paris, grandes homenagens a JOANA D'ARC, no dia (30 de maio) do aniversário de sua morte.</p> <p>A Rua de Ovidor: Completando dois anos em 13 de maio de 1899, esta revista estampa em sua edição comemorativa o retrato da PRINCESA ISABEL.</p> <p>Perce-Neige: O poema incluído na presente edição da <i>Mensagem</i>, p. 109, pertence a uma poetisa cearense, de acordo com BELARMINO CARNEIRO.</p> <p>Livros: Registra-se o recebimento de dois novos livros, de CARLOS COELHO e de EURICO DE GÓIS.</p> <p>A MENSAGEIRA</p> <p>Destacam-se as poesias de ÁUREA PIRES e do casal ALMEIDA.</p> |

| São Paulo, 15 de agosto de 1899 — Ano II, Nº 30  |   |   |  |
|--|---|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |   |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |   |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |   |  |
| <p><u>Página 117</u></p> <p>Gravura retratando o homenageado desta edição,</p> <p><b>DR. CÂNDIDO ESPINHEIRA,</b></p> <p>Diretor do Hospital de Isolamento (de S. Paulo)</p>  | <p><u>Página 118</u></p> <p>Com sumário.</p> <p>Editorial:<br/><b>DR. CÂNDIDO ESPINHEIRA</b></p> <p>Em editorial redigido no estilo da diretora da revista, PRISCILIANA DUARTE, traça-se o perfil biográfico do homenageado desta edição, o médico CÂNDIDO ESPINHEIRA. Baiano de Salvador, o doutor Cândido iniciou seu curso médico na cidade natal, completando-o no Rio de Janeiro, em 1880. Dois anos depois partiu para a Europa, especializando-se em ginecologia. Considerado autoridade no tratamento da temível difteria, assumiu, na capital paulista, a direção do serviço sanitário — acabando por ser conduzido, em 1895, à direção do Hospital de Isolamento da cidade (por indicação do finado Dr. CESÁRIO MOTA).</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 119</u></p> <p>Conclusão do editorial<br/><b>DR. CÂNDIDO ESPINHEIRA</b></p> <p>Abnegado e competente, o Dr. Espinheira zela exemplarmente pela manutenção dessa instituição, chegando a introduzir ali a louvável inovação de permitir (em pavilhões anexos) a permanência de parentes dos doentes internados.</p> <p>seguida do poema<br/><b>SONETO</b></p> <p>Versos de CÂNDIDO DE CARVALHO, sem dedicatória e sem data: a Crença vem iluminar a desiludida existência do poeta, enchendo-lhe a alma de esplendores.</p> <p>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA. O início do segundo semestre de 1899 está sendo marcado, na Capital Federal, por uma extraordinária sequência de eventos:</p> | <p><u>Página 120</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>ao mesmo tempo que chegam à cidade companhias líricas e dramáticas e recebe-se a visita do governador da Bahia (LUÍS VIANA), realizam-se exposições de pintura (do brasileiro JOÃO BATISTA DA COSTA) e das cerâmicas do português RAFAEL BORDALO PINHEIRO. A visita do presidente da Argentina (GAL. ROCA) em agosto assumiu características de apoteose, chegando a parar a cidade por toda a semana de permanência do homenageado. No plano pessoal, Maria Clara destaca as visitas ao Rio de Janeiro da poetisa paulista FRANCISCA JÚLIA e dos primos PRISCILIANA e SÍLVIO DE ALMEIDA (cuja estadia no Rio por mês e meio explica a não circulação da <i>Mensagem</i> em julho, compensada pela publicação de dois números no mês de agosto de 1899).</p> |
| <p><u>Página 121</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>A cronista destaca, ainda, o fato de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO ter, de certa forma, se retratado de suas posturas conservadoras no que dizia respeito à profissionalização feminina: em artigo publicado recentemente pelo carioca <i>Jornal do Comércio</i> — que será integralmente reproduzido no próximo número da revista, pp. 133-139 — a escritora portuguesa já admite que a instrução feminina possa significar mais do que "embelezamento" para a vida dos maridos... O artigo termina com considerações a respeito da excepcional beleza da festa veneziana (noturna) realizada na baía do Botafogo.</p> | <p><u>Página 122</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida da cena teatral em versos<br/><b>A VIRGEM DE MURILLO</b></p> <p>Fragmento de um drama de ADELINA LOPES VIEIRA (cena 4ª do ato II), peça teatral em versos que teria permanecido inédita. Embora o gênero pareça anacrônico, ainda fazia muito sucesso no Rio de Janeiro do final do século XIX — onde os dramas em verso do espanhol José Echegaray (1833-1916) eram encenados tanto no idioma original espanhol como em traduções portuguesas (Filinto de Almeida, camêdo da poetisa Adelina, foi um desses tradutores).</p> <p>(segue)</p>  | <p><u>Página 123</u></p> <p>Continuação da cena teatral em versos<br/><b>A VIRGEM DE MURILLO</b></p> <p>A cena em questão corresponde a um melodramático diálogo registrado entre o jovem Rodolfo (membro da alta burguesia) e a cega Elvira, que não consegue convencer-se da sinceridade do amor que o rapaz lhe declara ardorosa e impacientemente. A "Virgem de Murillo" (Nossa Senhora da Conceição), que dá título ao drama, corresponde a uma das mais célebres madonas do barroco espanhol, pintada por ESTEBAN MURILLO (1617-1682). O texto inclui invocações (por Elvira) a JESUS e MARIA.</p>  | <p><u>Página 124</u></p> <p>conclusão da cena teatral em versos<br/><b>A VIRGEM DE MURILLO</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>A ESCOLHA DE UM MODELO</b></p> <p>Artigo transcrito do <i>Jornal do Comércio</i> (do Rio de Janeiro). Numa enquête realizada por uma revista francesa, solicitou-se a certo número de <i>celebridades femininas</i> que indicassem nomes de personagens históricos que poderiam ser adotados como modelos para seus próprios filhos. CLÉMENTE ROYER mostra não ser possível apontar aleatoriamente, como modelos, LEÔNIDAS, DESCARTES ou SPINOZA — concluindo que a escolha proposta é impossível. Forneceram essencialmente a mesma resposta a escritora e compositora ASTHÉ DE VALSAYRE, a poetisa JANE CATULLE-MENDÈS, a romancista e ensaísta JULIETTE ADAM (MME. ADAM) e MME. DE GRANDFORT.</p>     |

**OBSERVAÇÕES:** No artigo de Xavier de Carvalho transcrito nas pp. II(30):128-129, declarando que *A Mensageira* já demonstrou a existência, no Brasil, de um núcleo de mulheres "verdadeiramente superiores", o jornalista apresenta nominalmente elogios à própria PRISCILIANA DUARTE e a JÚLIA LOPES DE ALMEIDA (autora do necrológio de GUTOMAR TORRESÃO — "a GEORGE SAND portuguesa" — publicado no n° 28).

|   |  |  |   |
|---|--|--|---|
| <p align="center"><u>Página 125</u></p> <p align="center"><b>Continuação do texto<br/>A ESCOLHA DE<br/>UM MODELO</b></p> <p>Outras entrevistadas optaram por apontar suas escolhas com base em argumentação laudatória desta ou daquela figura histórica. Assim, ZANNE MARION escolhe SÃO LUÍS (REI LUÍS IX DA FRANÇA), elogiado por VOLTAIRE; MME. PAUL YUNKA e ISABELLE BOGELOT apontam o CONDESTÁVEL DE HUNTRUSSENCY e SÃO VICENTE DE PAULO como modelos de sua predileção.<br/>(segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 126</u></p> <p align="center"><b>Continuação do texto<br/>A ESCOLHA DE<br/>UM MODELO</b></p> <p>Já a romancista HENRY GRÉVILLE vê em MONTAIGNE o mais puro exemplo de francês sábio, equilibrado e culto, <i>um homem completo</i>; a poetisa romena HELENE VACARESCO também recorre a modelos intelectuais, apontando MARCO AURÉLIO e LAMARTINE para definir-se, finalmente, por PASCAL.<br/>A romancista GEORGES DE PEYREBRUNE considera preferível que os filhos sejam pessoas felizes e obscuras: que mãe desejaria ver martirizado o filho, designando-lhe o exemplo de JESUS CRISTO?</p>   | <p align="center"><u>Página 127</u></p> <p align="center"><b>Conclusão do texto<br/>A ESCOLHA DE<br/>UM MODELO</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>JUNTO AO BERÇO<br/>DE DALILA</b></p> <p>Versos em redondilha maior (distribuídos em sete sextilhas) de BELARMINO CARNEIRO, dedicados "à minha sogra" e datados de "novembro, 1874". Embevecido com a visão da filha adormecida, o poeta faz uma descrição exaltada de suas qualidades.</p>  | <p align="center"><u>Página 128</u></p> <p align="center"><b>Conclusão do poema<br/>JUNTO AO BERÇO<br/>DE DALILA</b></p> <p align="center">seguida da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Em poucas linhas, o crítico francês FRANCISQUE SARCEY ridiculariza o costume de obrigarem-se as meninas a estudar piano.<br/><br/>seguida do texto<br/><b>LE FÉMINISME<br/>AU BRÉSIL</b></p> <p>Artigo do socialista XAVIER DE CARVALHO, redator da <i>Revue du Brésil</i> (de Paris), transcrito dessa revista e aqui representado no original francês.<br/>(segue)</p>  |
| <p align="center"><u>Página 129</u></p> <p align="center"><b>conclusão do texto<br/>LE FÉMINISME<br/>AU BRÉSIL</b></p> <p>Em texto incisivo (talvez por esse motivo mantido em língua francesa), XAVIER DE CARVALHO faz elogios a PRISCILIANA DUARTE, apontando-a como a aglutinadora de pessoas <i>qui désirent comme elle la transformation économique du milieu social qui laisse bien a désirer au Brésil (...)</i> — mas que hesitam em assumir postura mais combativa ou revolucionária.<br/>Citando EMMA PIECZYNSKA e LOUISE RÉVILLE (que vêm no feminismo não um fim, mas um meio de se atingir a equanimidade social), o autor termina declarando: <i>Tous nos vœux sont pour le triomphe de la cause féministe au Brésil, et pour l'émancipation philosophique, économique et morale de la femme brésilienne.</i></p> | <p align="center"><u>Página 130</u></p> <p align="center"><b>Poema<br/>ESCALA DO VIVER</b></p> <p>Num extenso poema sem dedicatória, datado de 23 de fevereiro de 1897 — cujo título, "Escala do Viver", é equivalente a "As Estações da Vida", PRISCILIANA DUARTE presta-se a uma curiosa experimentação formal: as estrofes (sempre quartetos) compõem-se de versos cuja extensão cresce à medida que cresce o indivíduo cuja vida é retratada; começando com trissílabos e terminando com alexandrinos, a poetisa expõe sua visão pessimista da existência humana — mas ainda admite que, ao construir seu ninho na árvore que faz sombra à sepultura, uma ave é capaz de fazer tudo recomeçar.<br/>Entre as florzinhas agrestes que enfeitam o túmulo, encontramos a perpétua — de onde Prisciliana tirou seu pseudônimo "Perpétua do Vale".</p> | <p align="center"><u>Página 131</u></p> <p align="center"><b>Poema<br/>VOLTA AOS PAGOS</b></p> <p>Soneto de CÂNDIDA FORTES, extraído da coletânea <i>Aluvinas</i>, dedicado a PERPÉTUA DO VALE e datado de "Cachoeira (R. G. do Sul), junho, 99".<br/><br/>seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>A Cecília:</b> o n° 24 (do 4° ano dessa revista) traz os retratos do casal SILVIO e PRISCILIANA DE ALMEIDA. <b>Destinos:</b> foi para o prelo este livro de contos de ADELINA LOPES VIEIRA (efetivamente lançado no Rio em 1900). <b>Sabino Batista:</b> faleceu o poeta cearense, deixando viúva a poetisa ANA NOGUEIRA BATISTA.<br/><b>A Estação:</b> destaca-se, nesse periódico carioca, o artigo de ALBERTO PIMENTEL dedicado a ANA AMÁLIA MOREIRA DE SÁ, a "Poetisa do Vizela" (que será transcrito no n° 32 da <i>Mensageira</i>).</p> | <p align="center"><u>Página 132</u></p> <p align="center"><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Dois periódicos que publicaram elogios à <i>Mensageira</i> (o diário <i>Correio Paulistano</i> e a <i>Revista Contemporânea</i>, de Campinas), destacam o poema de LUÍS PISTARINI apresentado em II(28):76 e o fornecimento dos retratos de ÁUREA PIRES e de MADAME DREYFUS nos números 26 e 27; no primeiro caso, PRISCILIANA DUARTE teria prestado suas homenagens à artista que simboliza a nova mulher brasileira — enquanto no segundo, teria emprestado "apoio moral" a um modelo de esposa, leal e solidária.</p> |

| São Paulo, 31 de agosto de 1899 — Ano II, Nº 31   |   |  |   |
|---|---|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |   |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |  |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |   |
| <p><u>Página 133</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>Ensaio de MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO, datado de "julho, 1899", publicado originalmente pelo diário carioca <i>Jornal do Comércio</i>, conforme comentários de Maria Clara na "Carta do Rio" do número anterior — p. II(30):120.</p> <p>Notar que naqueles comentários prévios Maria Clara antecipara sua objeção à antiga postura — conservadora e elitista — de Maria Amália, parabenizando-a por concordar, finalmente, com a necessidade de profissionalização irrestrita da mulher.</p> <p>(segue)</p>                                       | <p><u>Página 134</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>A escritora portuguesa começa lembrando que em julho de 1899 está se encerrando, em Londres, o Congresso Internacional das Mulheres presidido pela CONDESSA DE ABERDEEN, do qual participaram personalidades como LADY ROTSCCHILD e a DUQUESA DE SUTHERLAND.</p> <p>Ou seja: <i>já não é uma assembléia de declassées a reclamar coisas irrealizáveis ou ridículas e a reclamar pomposas e vãs teorias.</i></p> <p>Declara, no entanto, profunda aversão à questão da emancipação política da mulher: <i>Eu confesso que tenho pela chamada emancipação política da mulher uma repugnância invencível.</i></p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 135</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>Ainda assim, as conjunturas da "civilização moderna" e a incongruência entre a atualidade e as velhas idéias que nortearam a educação feminina, exigem sua conversão pessoal ao feminismo: <i>antes adversária inconciliável dos direitos políticos da mulher, tenho de converter-me a essa inovação (...).</i></p> <p>O ideal de ver a mulher reinando exclusivamente no ambiente doméstico — pregado por LEGOUVÉ, MICHELET e LOUIS-AIMÉ MARTIN —, estaria superado. Só os mais privilegiados podem ter, hoje, uma mãe de família inteiramente dedicada ao lar; as exigências econômicas expulsaram a mulher para as fábricas e as crianças para as creches; consequentemente, a família tende a desagregar-se.</p> | <p><u>Página 136</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>Essa degenerescência seria fruto do "regime liberal" (sic) imperante. Mas espera-se que surjam propostas de reorganização da sociedade, das quais faça parte a efetiva emancipação da mulher.</p> <p>Já aparecem, na França, na Inglaterra e nos Estados Unidos, as primeiras regulamentações oficiais permitindo o exercício de profissões e de funções antes vedada a todas as mulheres:</p> <p><i>É que a questão felizmente deslocou-se. É uma questão econômica e não é já meramente uma questão política.</i></p> <p>(segue)</p>  |
| <p><u>Página 137</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>Assim se explica a adesão das mulheres de elite às propostas do mencionado congresso londrino, guiadas pelo espírito humanitário-caritativo (que seria um atributo tipicamente feminino) e por uma natural índole inovadora (presente, já no século XVII, na adesão da aristocracia às teorias econômicas de QUESNAY e TURGOT).</p> <p>Talvez essas mesmas senhoras da alta sociedade não percebam, segundo Maria Amália, que a atual questão do feminismo excede o âmbito da caridade voluntária (isto é, da ação individual), assumindo nítida conotação socialista.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 138</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>Já não prevalecem as fórmulas do "eterno feminino" presentes nos escritos de DANTE, SHAKESPEARE, MILTON, GOETHE, BYRON e LAMARTINE: a mulher moderna, preparada por um sistema adequado de instrução, deverá conquistar lugar mais elevado e independente <i>pele seu próprio esforço, pelo seu trabalho, pela consciência readquirida da sua dignidade moral (...).</i></p>  | <p><u>Página 139</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A MULHER DO FUTURO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>MARTÍRIO INCRÍVEL</b></p> <p>Soneto de ÁUREA PIRES, sem dedicatória, datado de "4-7-1899".</p> <p>Nele a poetisa expressa a mágoa de ver apagar-se, no olhar daquele que a amara outrora, a centelha do amor.</p>  | <p><u>Página 140</u></p> <p><b>BRASIL-PARAGUAI</b></p> <p>Resenha crítica de SÍLVIO DE ALMEIDA relativa ao livro <i>Brasil-Paraguai</i>, de ALBERTO SOUSA.</p> <p>Este santista nascido em 1870 já havia aparecido com duas colaborações no primeiro volume da <i>Mensagem</i> — um soneto (p. 163) e uma brilhante crítica da coletânea de José Vicente Sobrinho (pp. 277-280). Correia de Melo concede-lhe um verbete excepcionalmente extenso em seu <i>Dicionário de Autores Paulistas</i>, mencionando o livro aqui analisado por Sílvio de Almeida como <i>Brasil-Paraguai: Apreciação Histórica e Filosófica da Campanha contra o Paraguai, com prefácio de Vicente de Carvalho, S. Paulo, 1898, 184 p.</i></p> <p>O verbete enfatiza a vinculação de Alberto Sousa a seu conterrâneo Vicente de Carvalho e ao círculo a que pertencia, entre outros, Amadeu Amaral.</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Na resenha em que Sílvio de Almeida desanxa as declarações antipositivistas de Alberto Sousa — pp. II(31): 140-142, o articulista faz um arrolamento de notabilidades astronômicas (DELAUNAY, KIRCHHOFF, FAYE, SECCHI, JANSSEN) para fundamentar os argumentos que enumera contra especulações baseadas na espectroscopia. É interessante constatar, hoje, o anacronismo desse posicionamento anti-espectroscópico de COMTE (defendido por Almeida); boa parte do conhecimento acerca do espaço cósmico acumulado ao longo do século XX está assentado justamente em análises espectroscópicas.

| Página 141  | Página 142   | Página 143  | Página 144  |
|---|--|---|---|
| <p><b>Continuação da resenha BRASIL-PARAGUAI</b></p> <p>Ao criticar o livro de Sousa, Sílvio de Almeida lembra que o volume enfeixa uma série de artigos previamente publicados na imprensa santista — elogiando-lhe o estilo e comparando-o ao do grande mestre português LATINO COELHO (1825-1891). Reproduzindo um trecho da obra (na qual Alberto Sousa reverencia nos paraguaios o heróico povo da nação fundada por FRANCIA), o crítico exime-se, no entanto, de fazer comentários sobre o livro como um todo — passando a fazer reparos quanto a impropriedades gramaticais e aos ataques por ele dirigidos à doutrina positivista (tanto à orientação de COMTE como à adotada por seus principais representantes no Brasil). (segue)</p>  | <p><b>Conclusão da resenha BRASIL-PARAGUAI</b></p> <p>Assim, Almeida acaba se apegando à questão do anti-cientificismo do escritor (que afirmara já existir, na Antiguidade, os mesmos conhecimentos de que tanto se orgulha o século XIX) — para defender AUGUSTO COMTE no que diz respeito à impropriedade com que estaria sendo aplicada a espectroscopia às especulações da ciência astronômica.</p> <p>seguida do poema<br/><b>MINIATURA</b></p> <p>Versos de ARTUR ANDRADE: 17 quadras de heptassílabos (redondilha maior), construídos à maneira de singelas trovas — mas não isentos de demonstrações de erudição; sem dedicatória e sem data. (segue)</p>   | <p><b>Conclusão do poema MINIATURA</b></p> <p>Compadecida da ausência de colorido na vida do poeta, Vênus colocou diante dele a bela Rosa, modelo de perfeição plástica, de graça e de delicadeza.</p> <p>seguida do conto<br/><b>SAUDADE INCURÁVEL</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a INÊS SABINO; sem data. A história narrada diz respeito a uma jovem viúva (Teresa) que, inconsolável, vai procurar uma solução para suas aflições na casa de Nhá Chica, conhecida feiticeira do lugar. (segue)</p> | <p><b>Continuação do conto SAUDADE INCURÁVEL</b></p> <p>A curandeira, famosa pelas curas que já promovera, ofereceu-lhe uma bebida — o elixir da saudade — que provoca o esquecimento de todo o passado. Ao saber, no entanto, que junto às tristezas e aflições desaparecerão as lembranças mais gratas, dos "breves momentos de alegria", Teresa se recusa a aceitar aquela medicação radical.</p>  |
| <p><b>Página 145</b></p> <p><b>Conclusão do conto SAUDADE INCURÁVEL</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>MÁGOA INFINITA</b></p> <p>Artificioso soneto de versos alexandrinos de RAUL CORREIA ("do Congresso Literário", do Recife), sem dedicatória e sem data. Velejando pelo mundo em companhia da Quimera, o poeta constata sua morte e sua substituição por uma clandestina Dor (a "Mágoa Infinita").</p> <p>seguido do poema em prosa<br/><b>A ESMOLA</b></p> <p>Primeira das duas únicas colaborações de uma poetisa que assina suas produções de prosa poética sob o pseudônimo IPOMÉIA (ambas de escasso ou nenhum valor literário). Temos, aqui, um arcádico par amoroso constituído pelo pastor Flávio e pela aldeã Gláucia, que concede ao amado a esmola de deixá-lo oscular-lhe a branca mãozinha.</p> | <p><b>Página 146</b></p> <p><b>Conclusão do poema em prosa A ESMOLA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>A SUBIR... A SUBIR...</b></p> <p>Versos de PRISCILIANA DUARTE (duas quadras de decassílabos), sem dedicatória, datados de "Pouso Alegre, Minas" — "4-julho-1890" (isto é, dos tempos da poetisa ainda solteira e provinciana). Rejeitando o vôo superficial dos pombos e das andorinhas, o eu lírico quer se assemelhar ao condor, cujo vôo alcança as regiões mais elevadas e inacessíveis (símbolo de um mundo ideal).</p> <p>seguido da crônica<br/><b>A PAISAGEM</b></p> <p>Crônica da poetisa NARCISA AMÁLIA (1852-1924). Consagrada pela publicação de um único livro de poesias (<i>Nebulosas</i>) editado aos seus 20 anos de idade, a poetisa já se encontra, a essa altura, praticamente retirada dos meios literários. (segue)</p> | <p><b>Página 147</b></p> <p><b>Continuação da crônica A PAISAGEM</b></p> <p>Definitivamente instalada no Distrito Federal desde a virada das décadas de 1880-1890, dedica-se integralmente ao magistério primário. Mas remete à <i>Mensagem</i> esta crônica descritiva das belezas da serra fluminense (região do atual Parque Nacional de Itatiaia), por ela visitada em companhia de sua filha adotiva e de uma criada; remeterá ainda o poema "Ouvindo um Pássaro", publicado no n° 34.</p>                                   | <p><b>Página 148</b></p> <p><b>Conclusão da crônica A PAISAGEM</b></p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Visita ilustre: chegou ao Brasil a jornalista e historiadora norte-americana Mrs. MARIE ROBINSON WRIGHT, que percorre todo o continente americano colhendo dados para futura publicação; em 28 de agosto foi recebida oficialmente pelo Presidente da República, CAMPOS SALES. Visconde de Cavalcanti: faleceu em Juiz de Fora, MG, o antigo conselheiro do Império, VISCONDE DE CAVALCANTI (DIOGO VELHO CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, 1829-1899), paraibano de nascimento; são apresentadas condolências à culta e distinta viúva, VISCONDESSA DE CAVALCANTI (citada algumas vezes no primeiro volume da revista).</p> |

| São Paulo, 15 de setembro de 1899 — Ano II, Nº 32  |   |  |   |  |
|--|---|--|---|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |   |  |   |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |  |   |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |  |   |  |
| <p><u>Página 149</u></p> <p><b>APÓLOGO</b></p> <p>Conto de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, dedicado a CÂNDIDA SCHELDON; sem data. Adotando aqui a denominação de "apólogo" em senso lato, equivalente a "fábula" (e não no senso estrito, de história protagonizada por seres inanimados), Maria Clara conta a história de um jovem pastor que recebe de um misterioso velho (talvez se tratasse de SÃO JOSÉ, o esposo de MARIA) uma dádiva a ele remetida por Deus: uma lanterna capaz de iluminar os corações e fazê-lo enxergar todos os segredos mais recônditos das pessoas. (segue)</p>   | <p><u>Página 150</u></p> <p>Continuação do <b>APÓLOGO</b></p> <p>Maravilhado com o presente, o rapaz corre mundo, entrando em contato com pessoas de mais variada condição — acabando por retornar à terra natal, desiludido com o que vira com o auxílio da lanterna. Assim, ao encontrar mais uma vez o misterioso ancião, pede-lhe que leve embora o instrumento. (segue)</p>  | <p><u>Página 151</u></p> <p>Conclusão do <b>APÓLOGO</b></p> <p>Mas o velho recomenda que, ao buscar em casa a lanterna, observe com ela o coração de sua própria mãe. O rapaz demora a retornar: embevecido com as belezas que descobriu no coração materno, quer conservar consigo a lanterna milagrosa.</p>  | <p><u>Página 152</u></p> <p>Poema <b>DE SONHO EM SONHO</b></p> <p>Soneto de MARIA JUCÁ, sem dedicatória e sem data. A alma humana é comparada, pela poetisa, à abelha que voa de flor em flor: como aquele inseto, a alma esvoaça, irrequieta, de sonho em sonho...</p> <p>seguido da resenha <b>URZES</b></p> <p>Resenha crítica de SÍLVIO DE ALMEIDA relativa ao livro <i>Urzes</i>, de AMADEU AMARAL (1875-1929). É preciso destacar que Amaral é ainda muito jovem e que este é seu primeiro livro de poesia. (segue)</p>                                     | <p><u>Página 153</u></p> <p>Continuação da resenha <b>URZES</b></p> <p>Autodidata interiorano, estabelecido em São Paulo como jornalista, Amadeu Amaral adota um estilo eclético ainda impregnado de romantismo; posteriormente irá dedicar-se preferencialmente à crítica literária, ao ensaio e ao estudo do folclore nacional — situando-se como ponte entre os pré-modernistas e os modernistas de 22 (ou ainda como um antecipador das preocupações estéticas de Mário de Andrade). O ortodoxo parnasiano Sílvio de Almeida não poupa o jovem poeta, situando-o no âmbito da "baixa poesia" e da "morosidade da dinâmica mental". (segue)</p> |
| <p><u>Página 154</u></p> <p>Conclusão da resenha <b>URZES</b></p> <p>Impiedoso, o crítico sentencia, no final de sua resenha: <i>Pelo tempo que verseja, não nos deu o que se esperava, em um livro tão pequeno. É bonzinho; mas podia ser melhor.</i></p> <p>seguido do poema <b>NÊNIA</b></p> <p>Versos de RIDELINA FERREIRA (oito quadras de heptassílabos), sem dedicatória, datados da "Fazenda de S. João da Barra, 4 de agosto de 1899". Trazem por epígrafe uma citação, no idioma original, de versos do célebre poeta italiano LORENZO STECCHETTI (pseudônimo de Olindo Guerrini, 1845-1916). A morte lamentada não é a de um ser humano, mas de um amor irremediavelmente fanado.</p> | <p><u>Página 155</u></p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>O único texto a figurar nesta seção da revista corresponde, mais uma vez, a dois parágrafos extraídos da obra <i>A Arte de Educar os Filhos</i>, do engenheiro AMÉRICO WERNECK (autor e obra já citados na "Seleção" do nº 3). Aqui, Werneck argumenta no sentido de demonstrar que força e sensibilidade não são qualidades mutuamente excludentes, mas complementares. E no sentido de mostrar que as mulheres têm contra si, além das mesmas adversidades que acometem o homem, a estreiteza do horizonte social em que são encerradas. seguida da <b>CARTA DO RIO</b></p> | <p><u>Página 156</u></p> <p>Continuação da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS — que, abordando um dos assuntos de sua predileção, ocupa a maior parte de sua seção no relato das impressões registradas ao visitar a sexta exposição geral da Escola Nacional de Belas Artes, em companhia de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA. Nessa exposição tiveram especial destaque as pinturas do itano ALMEIDA JR., que apresentou uma produção riquíssima, incluindo, entre outras, a tela "Mendiga" — na qual Júlia reconheceu uma velha que costumava esmolar à porta da casa em que ela residiu em S. Paulo, na primeira metade da década de 1890. (segue)</p> | <p><u>Página 157</u></p> <p>Continuação da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Ao comentar, a seguir, a existência de pessoas que vivem se lamuriando (nisso obtendo prazer), a cronista intui que a forma reprimida como a mulher é educada favorece essa distorção. E termina lembrando que acaba de chegar ao Rio de Janeiro uma miraculosa MADAME LEVY, que promete eliminar as rugas da face com massagens; se isso ocorrer de fato, a massagista acabará eclipsando a fama de EDUARDO SILVA (o mencionado curandeiro de São Paulo) e enriquecendo rapidamente...</p> | <p><u>Página 158</u></p> <p>Conclusão da <b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida da crônica <b>AO CREPÚSCULO</b></p> <p>Crônica (formalmente classificável como poesia em prosa) da cearense FRANCISCA CLOTILDE. Descreve-se o cair da tarde — a hora que lembra a anúncio de MARIA — em que a beleza da luminosidade atenuada, o silêncio e a calma induzem à evocação do passado.</p>   |

| OBSERVAÇÕES: Na nota intitulada "Movimento Feminista na Alemanha" — pp. II(32):167-168 —, remonta-se ao início do século XVI, quando foi publicado um opúsculo de CORNELIUS AGRIPPA DE NETTESHEIM defendendo "a superioridade moral e mental da mulher"; já no século XIX o movimento feminista alemão propriamente dito teria sido iniciado por Louise Otto-Peters (1810-1895), que além de inaugurar a imprensa feminista na Alemanha, empenhou-se (coadjuvada por Augusta Schmidt) na criação de entidades de apoio às reivindicações femininas. |  |  |   |   |
|---|--|--|---|---|
| <p><u>Página 159</u></p> <p>Conclusão da crônica<br/><b>AO CREPÚSCULO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>UM CANTO</b></p> <p>Versos da catarinense DELMINDA SILVEIRA, dedicados "à minha terra" e escritos na "Capital de Sta. Catarina"; sem data. Trazem por epigrafe um verso de VICTOR HUGO, citado em francês.</p> <p>Em seis sextilhas, a poetisa descreve o anoitecer na baía de Santa Catarina e nas praias de Desterro (Florianópolis), sua amada cidade natal.</p>  | <p><u>Página 160</u></p> <p><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Resenha crítica de PERPÉTUA DO VALE, relativa ao romance <i>Flor de Neve</i>, de EURICO DE GÓIS. Nascido na Bahia em 1878, Eurico deverá diplomar-se advogado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1902; este "romancete" ou novela, seu primeiro livro, é, portanto, produção literária de um estudante ainda adolescente.</p> <p>Perpétua do Vale leva essas limitações em conta ao fazer uma crítica simpática, favorável ao livro.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 161</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>IMPRESSÕES DE LEITURA</b></p> <p>Os comentários tecidos pela articulista, no entanto (assim como o trecho reproduzido por ela) levam a crer que se trate de obra anacrônica, falsa e convencional — com excessiva preocupação na construção de frases sonoras e grandiloquentes; algo assim como uma caricatura dos textos de Coelho Neto.</p> <p>seguida de<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p>   | <p><u>Página 162</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>Conforme noticiado em II(30):131, este necrológio de autoria de ALBERTO PIMENTEL está sendo transcrito do periódico <i>A Estação</i>, em homenagem à recém-falecida ANA AMÁLIA MOREIRA DE SÁ (1825-1899), a "Poetisa do Vizela". Já esquecida, em decorrência, talvez, de sua própria modéstia, a despretensiosa escritora não teria aspirado ser mais do que uma expressão de sua região de origem — assim como o arcádico FRANCISCO JOAQUIM BINGRE (1763-1856) não teria aspirado ser mais do que o "Cisne do Vouga".</p> <p>(segue)</p>                     | <p><u>Página 163</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>Mesmo o metuciloso INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA (1810-1876) pouco pôde informar a respeito da poetisa em seu <i>Dicionário Bibliográfico Português</i> — pois ela parece nem ter se lembrado de remeter seu volume de poesias (<i>Murmúrios do Vizela</i>, 1861) à Biblioteca Nacional de Lisboa.</p> <p>Por essa época, aliás, a literatura portuguesa ainda era domada pelos épicos CASTILHO e HERCULANO — e a memória da guerra civil (da qual participara o próprio pai da escritora, ao lado dos liberais) ainda era muito recente.</p> <p>(segue)</p>  |
| <p><u>Página 164</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>Ana Amália pertencia a uma nobre família de poetas de Riba Vizela, em cujo solar passou toda a sua vida.</p> <p>Ali se casou; ali sofreu as perdas sucessivas da mãe, do pai e dos irmãos — entre eles uma irmã chamada EMÍLIA. E ali compunha seus versos despretensiosos, confiando-os à corrente do Vizela (visto que desde os tempos de INÊS DE CASTRO os fluxos d'água portugueses têm a fama de confidentes leais).</p> <p>(segue)</p>                 | <p><u>Página 165</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>E de lá se correspondia com outros escritores de seu país — como JOÃO MACHADO PINHEIRO (VISCONDE DE PINDELA, pai tanto do atual VISCONDE DE PINDELA como do CONDE DE ARNOSO), JOÃO D'AZEVEDO (infeliz amigo de CAMILO CASTELO BRANCO) e ANTÔNIO PINHEIRO CALDAS.</p> <p>A ela se deve o ressurgimento de uma tradição cavaleiresca cujas origens remontam à Idade Média:</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 166</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>Em 1849 deflagrou a disputa entre a rosa branca e a rosa encarnada, tomando o partido da rosa vermelha (em oposição à rosa branca, defendida pelo mencionado João Machado Pinheiro).</p> <p>Em seu socorro acudiram o poeta JOSÉ MARIA VELOSO e um outro poeta, oculto sob o pseudônimo de MAGRIÇO, O CAVALIeiro DA ROSA ENCARNADA (que, ao que se afirma, seria o próprio CAMILO CASTELO BRANCO disfarçado).</p> | <p><u>Página 167</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>W. Dickens: morreu num incêndio ocorrido em sua própria residência esta escritora americana, W. DICKINS.</p> <p><b>Sala de Leitura para senhoras:</b> em São Luis, capital do MA, a biblioteca pública adaptou uma de suas salas para leitura reservada às senhoras.</p> <p><b>Administração de Mulheres:</b> em determinada cidade dos EUA, tanto a prefeita (MRS. TOTTON) como a maior parte dos membros do conselho municipal são mulheres; os cargos administrativos também tendem a ser ocupados por elas.</p> | <p><u>Página 168</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Excursionista Americana: passou pelo Rio FILOMENA FERNANDES DE ROIG, encarregada de colher material destinado à Exposição de Paris (1900).</p> <p><b>Movimento Feminista na Alemanha:</b> o feminismo alemão, que contou com os esforços combinados de LUÍSA OTTO e AUGUSTA SCHMIDT, começa a enfrentar resistências.</p> <p>A <i>Estação</i>: a edição de 15 de setembro de 1899 traz, além de figurinos e da parte literária, uma composição para piano de JOANA LEAL DE BARROS.</p> <p>seguida do poema<br/><b>DIVERSIDADE</b></p> <p>Cinco sextilhas de versos de PRISCILLANA DUARTE dedicados a CÂNDIDA FORTES; sem data.</p> |



| São Paulo, 15 de outubro de 1899 — Ano II, Nº 33   |  |  |   |
|--|--|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |  |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |  |   |
| <p><u>Página 169</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Crônica (datada de 4 de outubro de 1899) de MARIA EMÍLIA — que aparece pela última vez na revista, saudando o grande acontecimento de setembro de 1899, data em que pela primeira vez no Brasil uma advogada (Dra. MIRTES DE CAMPOS) fez a defesa de um réu.<br/>Note-se que o acontecimento está erradamente datado de 1º de outubro de 1899 (um domingo) — tendo se registrado, na verdade, em 29 de setembro, uma sexta-feira.<br/>(segue)</p>  | <p><u>Página 170</u></p> <p>Continuação de<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>A glória da brilhante atuação da advogada (que obteve a absolvição do réu de quem estava fazendo a defesa) deve ser compartilhada, no entanto, com o juiz Dr. VIVEIROS DE CASTRO — que, ao contrário do que se esperava (dado o parecer oficial desfavorável do Instituto dos Advogados Brasileiros, já manifestado pelo Dr. CARVALHO MOURÃO), não só permitiu que Mirtes subisse à tribuna como defendeu ardorosamente a admissão das mulheres nos tribunais.<br/>(segue)</p>  | <p><u>Página 171</u></p> <p>Continuação de<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Previamente científicas desse choque de opiniões, muitas mulheres acorreram àquela sessão do júri, tomando boa parte da assistência do tribunal; tanto a alocação do juiz como as colocações de Mirtes de Campos foram muito aplaudidas.<br/>O assunto é analisado por Maria Emília com base num precedente muito atual: há pouco fora aprovada, na câmara dos deputados da França, lei que facultava o exercício da advocacia por mulheres — contrariando as pressões de significativa parcela de reacionários que a ela se opunha.<br/>(segue)</p>  | <p><u>Página 172</u></p> <p>Conclusão de<br/><b>COM ARES DE CRÔNICA</b></p> <p>Fazendo eco ao jornal francês <i>Le Temps</i>, o carioca <i>O País</i> publicou um editorial aplaudindo o feito de Mirtes de Campos e ironizando a "protetora" atitude do "sexo barbado" (que desejaria manter a mulher encarcerada no ambiente doméstico, vedando-lhe toda e qualquer possibilidade de auto-realização que não seja atrelada aos próprios interesses masculinos).</p>   |
| <p><u>Página 173</u></p> <p><b>SONETO</b></p> <p>Poema de ARTUR ANDRADE, sem dedicatória, datado de "maio-99". O poeta descreve a desoladora situação em que se encontra ao amar uma mulher que sequer pressente sua presença, preocupada com a indiferença de um outro, a quem ela ama sem ser amada.<br/><br/>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, que inicia a revisão do mês transcorrido assinalando a primeira audição (em versão de concerto, com a partitura ainda reduzida a canto e piano) da ópera <i>I Salduni</i>, de LEOPOLDO MIGUEZ, composta no estilo de RICHARD WAGNER — histórico recital presenciado pela colunista em setembro de 1899.<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 174</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Única ópera composta por aquele compositor (então diretor do Instituto Nacional de Música), <i>Os Saldunes</i> foi concebida (com base em libreto confeccionado por COELHO NETO) visando inclusão na programação oficial do 4º centenário do descobrimento do Brasil — mas só será encenada dois anos depois desta pré-estréia, em setembro de 1901. Faz sentido a objeção da articulista: embora esta seja de fato uma "ópera nacional" — de compositor e libretista brasileiros —, tanto o assunto (situado na Gália antiga) como a língua (italiana) e o idioma musical (wagneriano) adotado são muito pouco "nacionais".<br/>Maria Clara esteve presente também à histórica defesa da Dra. MIRTES DE CAMPOS no tribunal do júri, tomando-se testemunha da brilhante atuação da moça.<br/>(segue)</p> | <p><u>Página 175</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Recapitulando a situação já descrita por Maria Emília no relato acima (em "Com Ares de Crônica", pp. II:169-172), Maria Clara acrescenta um esclarecimento importante: a atuação de Mirtes de Campos só foi possível graças à enérgica posição favorável tomada pelo juiz VIVEIROS DE CASTRO, pois a admissão oficial das mulheres aos tribunais, no Brasil, ainda não seria amparada pela lei.<br/>A crônica termina com a cômica revelação de que a mencionada massagista facial MADAME LEVY, recentemente estabelecida no Rio (v. "Carta do Rio" do nº anterior), contrariando todas as expectativas, tem tido muito maior número de clientes nos homens do que nas mulheres!!<br/><br/>seguida do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> | <p><u>Página 176</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>Notas literárias de GEORGINA TELXEIRA, datadas da "Capital, 1899".<br/>Retificando informações contidas no artigo de ALBERTO PIMENTEL reproduzido no número anterior da <i>Mensageira</i> — pp. II(32):161-167 —, Georgina recorre a um texto do poeta português FRANCISCO GOMES DE AMORIM (1827-1891) para esclarecer que foi ele mesmo quem ocorreu em defesa da poetisa ANA AMÁLIA MOREIRA DE SÁ, em 1849, fazendo publicar versos que proclamavam a superioridade da rosa encarnada sob o pseudônimo de MAGRIÇO.<br/>(segue)</p> |

**OBSERVAÇÕES:** A detalhada nota ("A Mulher no Tribunal") da p. II(33):184 inclui a designação nominal dos votantes do Instituto dos Advogados na questão do exercício da advocacia por mulheres — isto é, os nomes dos 16 opositores e dos 11 favoráveis; o parecer favorável era assinado por uma comissão de três outros advogados, presidida pelo BARÃO DE LORETO (Franklin Américo de Menezes Dória, 1836-1906). Aguarda-se agora a tramitação de um projeto de lei (a favor das advogadas) apresentado ao Congresso Nacional pelo SENADOR PIRES FERREIRA.

|  |   |   |  |
|--|---|---|--|
| <p><u>Página 177</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>A identificação desse pseudônimo com CAMILO CASTELO BRANCO é, portanto, incorreta. A intromissão de Amorim na disputa "rosa branca versus rosa encarnada" valeu-lhe, inclusive, a inimizade de poetas da cidade do Porto, com quem o rapaz só não chegou às vias de fato graças à intervenção de GARRETT.</p>   | <p><u>Página 178</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A POETISA DO VIZELA</b></p> <p>seguida do texto<br/><b>O FEMINISMO</b></p> <p>Crônica de ANACLETO PACÍFICO (títular da coluna "Carta de S. Paulo", remetida regularmente ao jornal <i>Cidade de Campinas</i>). Transcrevendo essa matéria jornalística, a <i>Mensageira</i> parece querer enfatizar a "conquista para o feminismo" do influente jornal paulistano <i>Diário Popular</i>. Na esteira do caso que envolveu a advogada MIRTES DE CAMPOS e o juiz VIVEIROS DE CASTRO, GARCIA REDONDO iniciou a publicação, naquele diário, de uma série de artigos que compõem um "estudo completo do feminismo".</p>   | <p><u>Página 179</u></p> <p>Poema<br/><b>CANTIGA</b></p> <p>Versos de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, datados do "Rio, 19 setembro — 99", dedicados a PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA. Em seis quadras de versos de nove sílabas (de tempo atenuado, resolvendo-se em dois versos de quatro sons), a poetisa fornece um poema efetivamente muito cantável.</p> <p>seguido do texto<br/><b>AS PRIMEIRAS SANDÁLIAS</b></p> <p>Poema em prosa de IPOMÉIA — v. pp. II(31):145-146 —, dedicado a uma personalidade masculina ("ao LÍRIO"); sem data. A historietta narrada envolve a doce figura de JESUS, que teria confeccionado as primeiras sandálias para poupar os pezinhos de MARIA MADALENA.</p>  | <p><u>Página 180</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>AS PRIMEIRAS SANDÁLIAS</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>SONHO?</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de ÁUREA PIRES, sem dedicatória, datado de 1891 (época em que a poetisa só tinha 15 anos de idade). Curiosa versão surrealista de um tema alegórico frequentemente abordado pelos poetas românticos.</p> <p>seguido da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Mais uma vez transcreve-se uma máxima de SAMUEL SMILES (que repisa as mesmas considerações feitas por Américo Werneck na "Seleção" do número anterior: coragem e ternura podem coexistir, não são qualidades mutuamente excludentes).</p> <p>(segue)</p>  |
| <p><u>Página 181</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>A frase de IBSEN selecionada enfatiza o papel da mulher e do operário no futuro das nações. E o parágrafo assinado por GARCIA REDONDO (v. acima a informação fornecida na p. 178 a respeito deste jornalista) chama a atenção para a hipocrisia masculina, que teima em manter as mulheres submetidas (pela força) a suas necessidades egoísticas.</p> <p>seguida do texto<br/><b>DE AMICIS E SEU FILHO</b></p> <p>Nota literária da redação de <i>A Mensageira</i>, transcrevendo de uma revista italiana as frustadas confidências do escritor EDMONDO DE AMICIS (1846-1908), autor de <i>Cuore</i> ("Coração", 1886) — um dos maiores "best sellers" da segunda metade do século XIX.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 182</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>DE AMICIS E SEU FILHO</b></p> <p>Esclarece-se que De Amicis acaba de passar pela amarga experiência de <i>ver morrer um filho de dez anos de idade</i>. É mais do que clara a identificação estabelecida por Prisciliana Duarte entre a situação dela própria e a do italiano.</p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Mistress Robinson Wright e Missa Hartman:</b> tendo sido noticiada, no n° 31, a passagem pelo Brasil da escritora norte-americana MARIE ROBINSON WRIGHT (acompanhada de sua secretária MISS HARTMAN), registra-se agora a vinda de ambas a São Paulo, cidade da qual visitaram os principais pontos, sendo recebidas pelo próprio Presidente do Estado, CEL. FERNANDO PRESTES.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 183</u></p> <p>Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p>Já recebidas pelo atual Presidente da República (Campos Sales), no Rio, fizeram questão ainda de ir até Piracicaba para encontrarem-se com o ex-presidente PRUDENTE DE MORAIS — prosseguindo, depois disso, viagem para outros estados do Brasil. O resultado dessas pesquisas surgirá em 1901 com a edição norte-americana (Filadélfia) do monumental <i>The New Brazil</i>. <b>Ada Negri</b> (sic): promete-se para breve (mas não chegarão a cumprir o prometido) um perfil da maior poetisa italiana da virada do século, ADA NEGRI (1870-1944), redigido pelo colaborador da <i>Mensageira</i> BELARMINO CARNEIRO. <b>Mme. Dreyfus:</b> merece aplauso a iniciativa de um grupo de senhoras maranhenses, que já coletou dois contos de réis (2.000\$000) para presentear a heroica esposa do militar francês.</p> | <p><u>Página 184</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Ridelina Ferreira:</b> esta colaboradora da revista acaba de conquistar o 1° prêmio de um concurso literário promovido por um jornal da cidade mineira de São José d'Além Paraíba (atual Além Paraíba, situada na fronteira RJ-MG). <b>A Mulher no Tribunal:</b> complementando as informações fornecidas neste mesmo número por Maria Emília e Maria Clara, lembra-se que no dia 6 de julho de 1899 o Instituto dos Advogados já havia rejeitado o parecer favorável ao exercício da advocacia por mulheres. Apesar disso, o juiz VIVEIROS DE CASTRO vem autorizando a atuação feminina não só no caso da dra. Mirtes — como também no caso da dra. MARIA COELHO. <b>O País:</b> este progressista jornal do Rio (que sobreviverá até 1930), fundado em 1° de outubro de 1884, completou 15 anos de existência.</p> |

| São Paulo, 15 de novembro de 1899 — Ano II, Nº 34  |   |  |  |
|--|---|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |   |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |   |  |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |   |  |  |
| <p><u>Página 185</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>Crônica mensal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, subdividida em quatro seções diferentes. Na primeira, a articulista desenvolve considerações a respeito da ventania que atingiu o Rio de Janeiro por aqueles dias: o medo provocado pela tempestade foi tão grande que a fez se lembrar daquela previsão (v. "Carta do Rio" do nº 26, pp. II:41-42) de que o mundo acabaria em 13 de novembro de 1899. Lembra, a propósito, uma fábula em que se demonstra que o boato e o terror são capazes de fazer danos maiores do que a própria peste. (segue)</p> | <p><u>Página 186</u></p> <p><b>Continuação da CARTA DO RIO</b></p> <p>Num concerto do Centro Artístico, Maria Clara pôde ouvir maravilhada, pela primeira vez, o grande órgão de concerto do Instituto Nacional de Música, recentemente inaugurado. A cronista não fornece esta informação, mas Guilherme de Melo esclarece que o mencionado órgão (importado da Alemanha) foi adquirido com recursos fornecidos pelo maestro Leopoldo Miguez — que fez questão de doar, ao instituto do qual ele próprio foi o primeiro diretor, os vinte contos de réis correspondentes ao prêmio conquistado no concurso que classificara em primeiro lugar o seu Hino da República (1890). É abordada, a seguir, uma delicada questão: MIRTES DE CAMPOS veio visitá-la para agradecer-lhe os elogios exten- (segue)</p>         | <p><u>Página 187</u></p> <p><b>Continuação da CARTA DO RIO</b></p> <p>Queixou-se, no entanto, das alusões feitas pela columnista de <i>O País</i>, ÉCILA WORMS, à deselegância do traje que utilizou por ocasião de sua primeira defesa no tribunal do júri. Maria Clara esclarece o malentendido: a outra jornalista não esteve presente ao tribunal, tecendo comentários com base numa ilustração publicada pela <i>Gazeta de Notícias</i>, que mostrava Mirtes de Campos vestida com uma espécie de avental deselegante, de feição masculino. É aproveitada a ocasião para cumprimentar uma segunda advogada, a doutora MARIA COELHO, pela brilhante atuação no mesmo tribunal, no dia 9 de outubro (cf. nota publicada no nº 33, p. II:184).</p> | <p><u>Página 188</u></p> <p><b>Conclusão da CARTA DO RIO</b></p> <p>Lendo cada qual seu periódico, Maria Clara e o marido ficaram sabendo que o som já pode ser "fotografado" e que o tradicional doce denominado "mariola de capote" acabou se tomando motivo para esdrúxulas discussões tributárias...<br/><br/>seguida do poema<br/><b>OUVINDO UM PÁSSARO</b></p> <p>Versos de NARCISA AMÁLIA (cinco sextilhas de decassílabos entremeados de versos hexassilábicos), sem dedicatória e sem data — nos quais a poetisa, ouvindo o cantar de um pintassilgo, desenvolve a idéia de transformar-se ela própria numa ave para poder responder ao chamado do pássaro.</p> |
| <p><u>Página 189</u></p> <p><b>Conclusão do poema OUVINDO UM PÁSSARO</b><br/>seguida do texto<br/><b>JULIETA DE MELO MONTEIRO</b></p> <p>Resenha relativa a uma coletânea da produção em prosa da poetisa gaúcha JULIETA DE MELO MONTEIRO (<i>Alma e Coração</i>, 1897), de autoria do crítico DAMASCENO VIEIRA, por essa época radicado em Salvador, BA. Preocupado em divulgar para todo o Brasil a qualidade da literatura de suas conterrâneas gaúchas, Damasceno Vieira (que já se ocupara de resenhar um livro de contos de Andradina de Oliveira no nº 22 da revista) recapitula, aqui, a biografia de Julieta:</p>   | <p><u>Página 190</u></p> <p><b>Continuação do texto JULIETA DE MELO MONTEIRO</b></p> <p>filha e sobrinha de duas renomadas poetisas (respectivamente REVOCATA DOS PASSOS FIGUEIROA DE MELO e AMÁLIA DOS PASSOS FIGUEIROA), tendo por irmã mais velha a também escritora REVOCATA DE MELO, Julieta já é, aos 36 anos de idade, uma veterana das letras, datando de quase vinte anos atrás a publicação de seu primeiro volume de versos (<i>Prelúdios</i>). Elogiada pelos poetas AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR e LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR (que lhe prefaciaram os dois primeiros livros), vem mantendo, com o auxílio da irmã, desde 1883, o periódico literário <i>Corimbo</i> — que tem contribuído para divulgar os nomes artísticos das duas irmãs, granjeando-lhes fama regional comparável à da própria GEORGE SAND.</p> | <p><u>Página 191</u></p> <p><b>Continuação do texto JULIETA DE MELO MONTEIRO</b></p> <p>Salienta-se, no entanto, que ambas ainda não conseguem viver dos rendimentos proporcionados por sua "pequena folha literária": além de exercerem o magistério, os recursos para sua manutenção são complementados pelo irmão ROMEU DOS PASSOS DE MELO. Residindo atualmente na cidade portuária do Rio Grande, RS, transformaram a redação de <i>Corimbo</i> em salão literário para onde convergem <i>jovens de ambos os sexos que cultivam letras</i>; o próprio Damasceno Vieira teve a oportunidade de testemunhar uma dessas reuniões, onde foram declamados poemas em português e em espanhol. (segue)</p>   | <p><u>Página 192</u></p> <p><b>Conclusão do texto JULIETA DE MELO MONTEIRO</b></p> <p>Quanto ao livro resenhado (<i>Alma e Coração</i>), enfatiza escritos variados que parecem ter em comum o caráter retórico e impressionístico — que o articulista considera <i>provas do fino critério da poetisa e jornalista rio-grandense</i>.</p>   |

**OBSERVAÇÕES:** Na p. II(34):189, o nome de NARCISA AMÁLIA é lembrado pela admiração que essa poetisa fluminense votava à gaúcha AMÁLIA FIGUEIROA; no mesmo texto de Damasceno Vieira, p. 191, é mencionado um sentencioso conceito do escritor francês JEAN REVEL (1848-1925). A crônica de Ramalho Ortigão enxertada na "Seleção" das pp. II(34):197-198 inclui menções nominais a MARIA e ao naturalista LINEU.

| Página 193   | Página 194   | Página 195   | Página 196  |
|--|--|--|---|
| <p>Poema<br/><b>DA NASCENTE À FOZ</b></p> <p>Poesia de SÍLVIO DE ALMEIDA, sem dedicatória e sem data. Uma nota de rodapé esclarece: <i>esta poesia teve o primeiro prêmio em concurso literário da "Semana"</i>.</p>   | <p>Conclusão do poema<br/><b>DA NASCENTE À FOZ</b></p> <p>Em 16 quadras de versos decassilábicos, o poeta descreve os diferentes aspectos assumidos pelos cursos de água: lagos luminosos, riachos tranquilos, impetuosas cascatas, torrentes que se espraiam tortuosamente pelas planuras, vagas revoltas do oceanos. E termina apontando aos jovens ambiciosos, metaforicamente, a inconstância da água e a efemeridade das formas por ela assumidas.</p>  | <p><b>CARTA ABERTA</b></p> <p>Carta aberta de RIDELINA FERREIRA, dirigida à diretora da revista (PRISCILLANA DUARTE); datada de 15 de outubro de 1899. Tendo publicado na <i>Mensagem</i>, até aqui, duas crônicas e dois poemas, Ridelina foi objeto também de uma nota elogiosa divulgada no n° 33 (pp. II:183-184). Nesta curiosa carta aberta, confia a Prisciliana que, dois anos atrás, passava por uma terrível crise pessoal quando tomou conhecimento da existência da recém-lançada <i>A Mensageira</i>.</p> <p>(segue)</p>  | <p>Conclusão da<br/><b>CARTA ABERTA</b></p> <p>Conhecedora do renome de sua diretora — e admiradora de JÚLIA LOPES, tomou-se amiga de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, decidindo adotar a <i>busca do ideal artístico</i> como lema no processo de redirecionamento de suas próprias aspirações pessoais. Ao completarem-se, portanto, os dois anos de existência da revista, quer apresentar a seus leitores o testemunho do quanto deve à sua benéfica influência.</p> <p>seguida do poema<br/><b>ELEITA</b></p> <p>Soneto de BENEDITO RIBEIRO, dedicado a CÂNDIDO DE CARVALHO, datado de "S. Paulo, 1899". Em pesados decassilabos, o poeta descreve os atributos da bela mulher escolhida para povoar seus sonhos.</p>  |
| <p><b>Página 197</b></p> <p><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Composta de um único tópico, esta "seleção" transcreve uma das brilhantes e verborrágicas crônicas que celebrizaram o escritor português RAMALHO ORTIGÃO (1836-1915). Enumerando grande número de exemplos (LADY MORGAN, MISS MARTINEAU, MME. DE SEVIGNÉ, MME. DE MONTPENSIER, MME. ROLAND, MME. NECKER DE SAUSSURE, MME. SOUSA, MME. GUIZOT, MME. ACKERMANN, MME. DE STAËL e a MARQUESA DE ALORNA, responsável pela revelação de HERCULANO), Ortigão lembra que entre as mulheres que adotaram a <i>profissão das letras</i> não se observam irregularidades nem tendências boêmias: foram, todas elas, pessoas simples, de vida exemplar. Elas não só acrescentaram graça e beleza como contribuíram para elevar a vida intelectual dos povos.</p> | <p><b>Página 198</b></p> <p>Conclusão da<br/><b>SELEÇÃO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>INCÊNDIO</b></p> <p>Soneto de versos alexandrinos de autoria do ainda adolescente JÚLIO PRESTES (1882-1946), filho do então Presidente do Estado de São Paulo (Fernando Prestes). De gosto muito discutível, este poema serve apenas para testemunhar as veleidades literárias do moço cuja rápida carreira política seria radicalmente truncada pela Revolução de 1930.</p> <p>seguido da crônica<br/><b>NO CALVÁRIO</b></p> <p>Crônica poética de um outro adolescente, RICARDO MENDES GONÇALVES (1883-1916), sem dedicatória, datado de "S. Paulo, 30-10-99" — em que é descrita a agonia do CRISTO crucificado.</p> | <p><b>Página 199</b></p> <p>Conclusão da crônica<br/><b>NO CALVÁRIO</b></p> <p>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><i>Jornal do Comércio</i>: tanto no Velho Mundo (Reino Unido) como no Novo Mundo (EUA) observa-se a tendência a transformar a função de bibliotecária em profissão feminina, conforme nota publicada naquele diário do Rio de Janeiro. <i>A Educadora</i>: este recém-lançado "álbum de ciências, letras e artes" (publicação promocional da Companhia de Seguros, idealizada pelo DR. MENEZES VIEIRA) traz, em seu primeiro número, retratos dos poetas VALENTIM MAGALHÃES e JOÃO DE DEUS e de personalidades envolvidas no caso Dreyfus (o próprio DREYFUS, seu advogado DEMANGE e o escritor ÉMILE ZOLA) — além de reproduções de quadros de PEDRO AMÉRICO.</p> | <p><b>Página 200</b></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Almeida Júnior</b>: a revista noticia, de última hora, o assassinato do pintor ALMEIDA JÚNIOR, ocorrido no dia 13 de novembro de 1899, às portas de um hotel de Piracicaba; tratando-se do mais notável artista plástico brasileiro da época (especialmente ao longo do período de circulação da <i>Mensagem</i>) — e aquele que obteve mais espaço na revista, Prisciliana <i>externa nossa mágoa ao ver desaparecer dentre os vivos o notável artista que é uma glória nacional e da qual tão justamente se ufana o Estado de S. Paulo</i>. As homenagens ao morto se estenderão pelos números 35 e 36.</p> <p>seguida de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Menção à revista (e consequentemente a PRISCILLANA) por um jornal de Piracicaba.</p> |

| São Paulo, 15 de dezembro de 1899 — Ano II, Nº 35   |   |  |  |
|---|---|--|--|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)  |   |  |  |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA  |   |  |  |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.   |   |  |  |
| <p><u>Página 201</u><br/>Sem ilustração de capa.<br/>Com sumário.<br/>Sem editorial.</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>Embora, na falta de informações mais claras, este texto possa ser tomado por editorial da revista, é preciso recorrer à informação — contida na p. 214, ao final deste mesmo número — para entender que se trata de transcrição literal do editorial de um outro periódico, o jornal carioca <i>O País</i>.</p>  | <p><u>Página 202</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>Num texto claro e contundente, o editorialista de <i>O País</i> denuncia a confusa situação jurídica criada no Tribunal do Júri pelo juiz DR. MONTE-NEGRO, apoiado num parecer do sub-procurador DR. GABRIEL FERREIRA e na posição manifestada pelo Instituto dos Advogados: tendo como suporte essa facção retrógrada, Montenegro recusou-se a permitir que uma mulher advogasse numa sessão do Tribunal do Júri presidida por ele. Ficou demonstrado, assim, que a postura pessoal do juiz VIVEIROS DE CASTRO (que recentemente autorizara a atuação tanto de MIRTES DE CAMPOS como de MARIA COELHO) ainda não é consensual, ficando ao sabor da interpretação deste ou daquele juiz — situação obviamente inadmissível.</p> <p>(segue)</p> | <p><u>Página 203</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>O Congresso Nacional, por sua vez (alegando não existir dispositivo constitucional em contrário) continua adiando a discussão do projeto de lei proposto pelo senador PIRES FERREIRA (cf. p. 184, no nº 33), que estabeleceria claramente o direito do exercício da advocacia pelas mulheres. Quem seriam os maiores interessados em trabalhar no sentido de, ao arpejo das disposições constitucionais, vedar o acesso feminino à advocacia? Ironicamente, o editorialista conclui respondendo a essa pergunta: a culpada deve ser a imensa legião de bacharéis brasileiros que teme que as mulheres lhes venham fazer concorrência...</p> <p>(segue)</p>   | <p><u>Página 204</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>A argumentação exposta ao longo do editorial inclui a citação de dois exemplos concretos de mulheres que triunfam mesmo nas áreas científicas mais complexas: a italiana Dra. GIUSEPPINA CATANI (que ocupa a cátedra de Histologia na Universidade de Bolonha) e a Dra. DOROTHEA KLUMPKE (norte-americana especializada em astronomia que participa de importantes atividades cosmo-gráficas no Observatório de Paris).</p>  |
| <p><u>Página 205</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>Duas quadras de versos eneassilábicos de PERPÉTUA DO VALE, em homenagem ao pintor ALMEIDA JÚNIOR, assassinado um mês antes. O artista é comparado a CARLOS GOMES e a JOSÉ DE ALENCAR, que teriam se ocupado, igualmente, de "pintar" os quadros mais típicos do nosso país.</p> <p>seguido do poema<br/><b>PASSARINHOS</b></p> <p>Seis quadras de "versos para crianças" (em redondilha maior) de ZALINA ROLIM — nos quais descreve-se a faina de um casal de pássaros que se ocupa da construção de seu ninho.</p> | <p><u>Página 206</u></p> <p><b>A SOLIDARIEDADE FEMININA</b></p> <p>Ensaio feminista de EUGÉNIE POTONIE-PIERRE. É preciso lembrar que cerca de um ano antes — em I(7):112 — prometia-se publicar futuramente, na <i>Mensagem</i>, textos de um grupo de ativistas feministas francesas, graças à intermediação do jornalista português (socialista) Xavier de Carvalho e de sua esposa (Blanche, representante da revista em Paris). Este seria, portanto, o primeiro desses textos — e, dado o encerramento da revista um mês depois, permaneceria sendo o único. Destaque-se também que a tradução, assinada por JOSEFINA ALVARES DE AZEVEDO (provavelmente contactada no Rio por Maria Clara) iria constituir-se na única colaboração propriamente dita dessa escritora em <i>A Mensageira</i>.</p> <p>(segue)</p>                | <p><u>Página 207</u></p> <p>Continuação do texto<br/><b>A SOLIDARIEDADE FEMININA</b></p> <p>Nesse texto, MME. POTONIE-PIERRE desenvolve a idéia de que a solidariedade entre as mulheres se faz imprescindível na medida em que os homens, enxergando-as como concorrentes (e não como sócias), tendem a repelir as reivindicações igualitárias. É preciso, portanto, assumir abertamente essas reivindicações — e atuar em congruência com a postura assumida, sem dissimulações. A solidariedade deve excluir, portanto, comportamentos frívolos, invejosos ou maledicentes com relação às outras mulheres; o sucesso mais acentuado desta ou daquela deve ser considerado como um sucesso do gênero como um todo. Assim estarão todas mais próximas do objetivo final: a união completa de ambos os gêneros num único esforço solidário que terá como beneficiária a Humanidade toda.</p> | <p><u>Página 208</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>A SOLIDARIEDADE FEMININA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>STORIA BREVE</b></p> <p>Tradução (muito pouco fiel ao original) de um poema da poetisa italiana ADA NEGRI, por C. BRUNETTO. Em sua monumental obra <i>Antônio Sales e Sua Época</i>, Wilson Bóia esclarece que C. Brunetto foi pseudônimo adotado pelo jornalista pernambucano Belamino Carneiro. "Storia breve" integra a primeira coletânea poética de Negri, <i>Fatalità</i> (Milão, 1892) — volume que se tornou logo um dos maiores "best sellers" da Itália do final do século XIX — revelando a poesia engajada da jovem professora socialista que fez de sua arte instrumento de luta e de reivindicação libertária.</p> |

**OBSERVAÇÕES:** Uma nota de Barahona Vega na p. II(35):210 remete o leitor ao escritor — MERY FERRY, sic — que lhe teria fornecido os elementos utilizados em seu texto "A Legenda da Rosa Branca". Trata-se, provavelmente, do autor francês GABRIEL DE BELLEMARE-FERRY (1809-1852), que teve publicados na *Revue des Deux Mondes* diversos relatos de viagens e estudos de costumes que foram reunidos em vários volumes editados após sua morte precoce; um filho homônimo, Gabriel Ferry (nascido em 1848) tornou-se mais conhecido como teatrólogo.

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
| <p align="center"><u>Página 209</u></p> <p align="center"><b>TRADUÇÃO DE UMA ODE DE SAFO</b></p> <p>Partindo de uma tradução francesa — de autoria do famoso latinista JACQUES DELILLE (1738-1813) — de uma ode da poetisa grega SAFO, SÍLVIO DE ALMEIDA demonstra a perícia de sua própria versificação, fornecendo uma impecável versão neoclássica datada de "23-XI-99".</p>  | <p align="center"><u>Página 210</u></p> <p align="center"><b>A LEGENDA DA ROSA BRANCA</b></p> <p>Excerto da coletânea (em prosa) <i>El Libro de las Rosas</i>, do mesmo escritor chileno CLEMENTE BARAHONA VEGA — de quem o brasileiro NÉLSON DE SENA (PELAYO SERRANO), responsável por mais esta versão do espanhol para o português, já traduzira, em II(27):62-64, o artigo "La Tombe et la Rose". Em nota de rodapé, o tradutor adverte que tomou por base o texto publicado em outubro de 1899 pela revista ilustrada chilena <i>El Bucaro Santiaguino</i> (nº 18). A lenda medieval abordada corresponde a fatos que teriam ocorrido no norte da França (Bretanha), na época das Cruzadas.</p> <p align="right">(segue)</p>  | <p align="center"><u>Página 211</u></p> <p align="center">Continuação do texto<br/><b>A LEGENDA DA ROSA BRANCA</b></p> <p>Enviuvando ao ter o marido morto no cerco de Jerusalém, a condessa Berta cria sozinha seu único filho, Roberto — quando tem o desgosto de vê-lo (já moço) adoecer gravemente. Ao invocar a VIRGEM MARIA sob o nome de Rosa Mística, recebe de uma visão maravilhosa uma linda rosa branca, capaz de restituir a saúde a seu filho. No local onde apareceu-lhe a Virgem, a condessa ergue um mosteiro, que ali permanecerá por vários séculos, até que os soldados do GENERAL HOICHE o arrasassem, no final do século XVIII. Da história da condessa Berta vem a tradição bretã de colocar uma rosa branca junto à cama dos enfermos.</p>   | <p align="center"><u>Página 212</u></p> <p align="center">Conclusão do texto<br/><b>A LEGENDA DA ROSA BRANCA</b></p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de TRAJANO PIRES (pai de Áurea Pires), dedicado "à memória do distinto artista" ALMEIDA JÚNIOR, assassinado em 13 de novembro, datado de "S. João del-Rei, 24 de novembro de 1899".</p>  |
| <p align="center"><u>Página 213</u></p> <p align="center"><b>SELEÇÃO</b></p> <p>Excerto do <i>Livro das Noivas</i>, de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA, obra publicada pouco tempo antes, em 1896. No trecho selecionado, a escritora mostra que a decantada fragilidade física das mulheres se deve, muitas vezes, a uma educação desvirtuada, à falta de exercícios, ao confinamento no lar.</p> <p align="center">seguida do poema<br/><b>PRIMEIRA ESPERANÇA</b></p> <p>Soneto de ÁUREA PIRES, sem dedicatória, datado de "19-6-99". De temática oca e mal definida, desenvolve-se em circunlóquios de uma dramaticidade despropositada e artificial, ilustrando bem as fraquezas da arte poética desta escritora.</p> | <p align="center"><u>Página 214</u></p> <p align="center">Poema<br/><b>À MINHA MULHER</b></p> <p>Três quadras de decassílabos do pemambucano J. I. MARTINS JR. (1860-1904) — que, radicando-se na Capital Federal em 1894, chegou a obter uma vaga na Academia Brasileira de Letras, em 1902. O título do poema (que é datado do "Rio, 4 de junho de 1899") traz embutida a dedicatória à sua segunda esposa.</p> <p align="center">seguido das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Direitos da Mulher:</b> esclarece-se que o editorial reproduzido em II(35):201-205 foi publicado originalmente pelo jornal <i>O País</i>, o "valente diário" que é parabenizado pela redação da <i>Mensagem</i> por sua decisiva atuação no caso.</p> <p><b>Advogada:</b> admitiu-se pela primeira vez, na Suíça (no Tribunal do Comércio de Zurique) que uma mulher, a advogada DRA. MACKENSOTH, defendesse uma causa.</p> <p align="right">(segue)</p> | <p align="center"><u>Página 215</u></p> <p align="center">Continuação das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Instituto Feitosa:</b> está se instalando na cidade paulista de Araras esse tradicional estabelecimento particular de ensino.</p> <p><b>Almeida Júnior:</b> foi sepultado com pompas sem precedentes na história de Piracicaba o artista assassinado há um mês; o pintor J. PASQUENUCCI encarregou-se de retratá-lo num desenho a crayon feito nas dependências do jornal onde foi exposto o cadáver; um artista italiano teria esculpido seu busto em gesso; no cemitério, encarregou-se de discursar o deputado estadual ANTÔNIO DE MORAIS BARROS.</p> <p><b>A literatura Feminista na Exposição de 1900:</b> de Amsterdã, a dra. ALETTA H. JACOBS remete à <i>Mensagem</i> solicitação de uma coleção completa da revista — que deverá figurar numa exposição feminina holandesa, antes de seguir para a Exposição Universal de Paris (1900).</p> | <p align="center"><u>Página 216</u></p> <p align="center">Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b></p> <p><b>Concerto histórico:</b> realizou-se em São Paulo o 43º "concerto histórico" do PROF. LUIGI CHIAFFARELLI, com a participação, inclusive, da pianista adolescente ANTONIETA RUDGE (1885-1974); foram executadas peças de diversos compositores — BACH, BEETHOVEN, MENDELSSOHN, BRAHMS e MARTINI, entre outros.</p> <p><b>Carta do Rio:</b> deixa de ser publicada neste nº em função de "ligeiros incômodos de saúde" de MARIA CLARA.</p> <p align="center">seguida de<br/><b>A MENSAGEIRA</b></p> <p>Produção de elogios publicados num jornal da cidade paulista de Lorena (<i>O Município</i>) e em <i>O Estado de Sergipe</i> (de Aracaju). São nominalmente citadas PRISCILIANA DUARTE, MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO e CÂNDIDO DE CARVALHO.</p> |

| São Paulo, 15 de janeiro de 1900 — Ano II, Nº 36   |  |  |   |
|--|--|--|---|
| A MENSAGEIRA (Rua de Santa Ifigênia Nº 57)   |  |  |   |
| Revista literária dedicada à mulher brasileira — Diretora: PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA   |  |  |   |
| Publica-se no dia 15 de cada mês. Assinatura: 12\$000/ano. Nº avulso: 1\$000.  |  |  |   |
| <p><u>Página 217</u></p> <p>Sem ilustração de capa. Com sumário.</p> <p>Editorial seguido do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>Tendo praticamente monopolizado as atenções da revista ao longo dos números 33, 34 e 35 — isto é, desde outubro de 1899 —, o assunto "direito de livre exercício da advocacia pelas mulheres" encerra-se neste 36º e último número. Mais uma vez, a redação da <i>Mensagem</i> recorre ao artifício de reproduzir o editorial de um outro jornal (o combativo <i>O País</i>, do Rio), como já fizera no nº 35; (segue)</p>                                  | <p><u>Página 218</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>mas desta vez a transcrição é precedida por pequeno editorial (de um único parágrafo) redigido pela própria Prisciliana, no qual é ressaltada a importância da jurisprudência firmada pela recente sentença (favorável às mulheres) proferida pelo Supremo Tribunal Federal brasileiro — importância que teria justificado a excepcional ampliação deste nº 36 para 28 páginas (de maneira a permitir-se a reprodução do editorial de <i>O País</i> em sua íntegra). (segue)</p>  | <p><u>Página 219</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>O editorial "Direitos da Mulher" começa lembrando que o reconhecimento pelo STF do direito feminino de exercer a advocacia soluciona a indefinição em que viviam as profissionais que tinham que se sujeitar aos humores deste ou daquele juiz. Respeitado o preceito constitucional do livre exercício profissional, consolida-se entre nós o ideal da emancipação feminina. Os homens, habituados aos privilégios, terão agora de se acostumar à concorrência das mulheres. (segue)</p> | <p><u>Página 220</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>Quanto a elas, já tiveram sua competência comprovada tanto no comércio e na indústria como nas artes e nas profissões liberais (nesse sentido, é muito útil a leitura de um livro do dr. FAVEAU DE COURMELLES). É falsa a propalada inferioridade biológica da mulher: mesmo a questão do menor peso cerebral foi desacreditada pela constatação de que um homem de notória inteligência como GAMBETTA possuía massa encefálica muito inferior à de BYRON. (segue)</p> |
| <p><u>Página 221</u></p> <p>Continuação do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>Não existe, simplesmente, a propalada inferioridade biológica das mulheres: mantidas em estado de dependência e sistematicamente cerceadas em suas capacidades, elas acabaram se convencendo de sua inaptidão — mas agora começam a firmar-se em suas reivindicações, com benéficos reflexos sobre a família: numa situação de maior solidez e equilíbrio, o casamento passa a ser visto como uma comunhão amorosa e não como substituição pura e simples da tutela do pai pela tutela do marido. (segue)</p> | <p><u>Página 222</u></p> <p>Conclusão do texto</p> <p><b>DIREITOS DA MULHER</b></p> <p>As reivindicações femininas (e suas consequentes conquistas) já se estendem hoje por países como a França, a Inglaterra, a Suíça, a Rússia, a Itália, a Dinamarca, a Suécia, a Romênia e os Estados Unidos — rumo ao reconhecimento da igualdade dos sexos preconizada por CONDORCET. Cabe agora ao Brasil "dar esse grande passo à frente". Mesmo que ainda sejam poucas as mulheres a advogar e a clinicar em nosso país, mais uma porta acabou de se abrir em direção ao irrestrito exercício profissional feminino.</p> | <p><u>Página 223</u></p> <p>Poema</p> <p><b>PÁGINA ÍNTIMA</b></p> <p>Extenso poema de ARTUR ANDRADE; sem dedicatória. datado de "Guariba [região central de SP], 11-99". Num atmosfera de languida melancolia (lembrando Casimiro de Abreu), o poeta descreve o anoitecer do dia de primavera em que ele e sua amada trocaram juras de amor. Planejaram viver um amor tão belo quanto aquela laranjeira enfeitada pela primavera; mas hoje a laranjeira desfolhada pelo inverno refloresce — enquanto o amor deles, esquecido, só teve inverno, primavera nunca.</p>               | <p><u>Página 224</u></p> <p>Poema</p> <p><b>HOJE</b></p> <p>Soneto em versos decassilábicos de SÍLVIO DE ALMEIDA; implicitamente dedicado à esposa, PRISCILIANA DUARTE — a quem ele hoje ama ainda mais do que antes; sem data. Poema excepcionalmente despojado do parnasiano cultor de uma arte engessada pelo formalismo; por esse motivo mesmo, especialmente tocante.</p> <p>seguido do conto</p> <p><b>PERFIL DE PRETA: GILDA</b></p>   |
| <p><u>Página 225</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>PERFIL DE PRETA: GILDA</b></p> <p>Conto de JÚLIA LOPES DE ALMEIDA; sem dedicatória; sem data. Figurará, com pequenas alterações, no volume <i>Ansia Eterna</i> (de 1903) — aparecendo, nessa ocasião, com dedicatória a Machado de Assis. Júlia Lopes encerra sua colaboração em <i>A Mensageira</i> com chave de ouro: tendo completado 37 anos de idade em setembro de 1899, encontra-se no auge de suas capacidades (que culminarão, em 1901, com o lançamento do romance <i>A Falência</i>). (segue)</p>                                | <p><u>Página 226</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>PERFIL DE PRETA: GILDA</b></p> <p>Também neste "Perfil de Preta" a autora deixa de lado o sentimentalismo e o subjetivismo característicos de sua produção juvenil, assumindo postura que envolve simultaneamente objetividade na condução da narrativa (acompanhamos 24 horas decisivas da vida da negra Gilda) e extremo rigor formal, perceptível na maneira precisa com que são dissecados os ambientes físico e humano da história. (segue)</p>  | <p><u>Página 227</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>PERFIL DE PRETA: GILDA</b></p> <p>Em síntese, narra-se a maneira como a jovem e indolente Gilda, empregada num engenho de fabricação de mandioca e namorada de um colega de trabalho (o mulato João Romão) evolui de uma postura despreocupada e prazenteira para uma decidida e impiedosa sede de vingança. (segue)</p>  | <p><u>Página 228</u></p> <p>Continuação do conto</p> <p><b>PERFIL DE PRETA: GILDA</b></p> <p>Depois de passar o dia vagando pelo campo, Gilda acaba descobrindo que é traída pelo amante — criando (já na manhã seguinte) condições para que o João Romão sofra um acidente em que tem a mão esmagada pela moenda de mandioca, na presença da nova amante. A vingança é completa: a rival ganha um marido maneta — e João Romão jamais voltará a seduzir crioulinhas dedilhando as cordas de sua viola.</p>   |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
| <p><b>OBSERVAÇÕES:</b> O texto da p. II(36):219 destaca, no mencionado livro do dr. Courmelles, 15 nomes de mulheres cientistas, médicas, escritoras e artistas da "enorme galeria" que comprovaria fartamente o "poder cerebral" feminino; a seguir, na p. 222 o editorialista de <i>O País</i> acrescenta quatro outros nomes (a rigor, só dois nomes — pois a histologista GIUSEPPINA CATANI e a astrônoma DOROTHEA KLUMPKE já haviam figurado na lista de Courmelles). No poema de Barbier traduzido por B. Carneiro — p. II(36):229 — menciona-se, como padrão de figura épica, o heróico general francês JEAN-BAPTISTE KLÉBER (1753-1800).</p> |  |   |   |
| <p><u>Página 229</u></p> <p>Conclusão do conto<br/><b>PERFIL DE PRETA:</b><br/><b>GILDA</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>J'AI DIT À MA PLUME...</b><br/>Tradução (de autoria de BELARMINO CARNEIRO, "no álbum de D. ALICE NAVA SALLES", sem data) de um incógnito poema de AUGUSTE BARBIER (1805-1882).<br/>Wilson Bóia esclarece que Dona Alice (1875-1966), tia paterna de Pedro Nava (1903-1984) já era casada desde 1894 com o poeta cearense Antônio Sales (1868-1940).</p>   | <p><u>Página 230</u></p> <p>Poema<br/><b>ROSA DE NEVE</b><br/>Soneto de ÁUREA PIRES, dedicado a ALICE GUADALUPE, datado de "14-9-1899".<br/>Tendo recebido de Alice uma rosa branca, Aurea vê nessa flor a imagem da pureza e da candura de quem a ofereceu.<br/>seguido da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>Crônica mensal de MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS, que começa lembrando que a revista está completando seu segundo volume.<br/>Vários outros assuntos são abordados pela coluna: (segue)</p>   | <p><u>Página 231</u></p> <p>Continuação da<br/><b>CARTA DO RIO</b><br/>As recentes exposições de pintura de MADRUGA FILHO e B. PARLAGRECO dão saudades de ALMEIDA JR.; houve, no ano de 1899 que já se encerrou, acontecimentos positivos: afinal o mundo não acabou, MIGUEZ pôde apresentar sua ópera em primeira audição e pela primeira vez se viu uma mulher (MIRTES) advogar no Brasil. Maria Clara termina contando ter visto duas velhinhas se despedirem tratando-se mutuamente de "Nenê" e "Bebê"...</p>   | <p><u>Página 232</u></p> <p>Conclusão da<br/><b>CARTA DO RIO</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>SONETO</b><br/>Soneto em decassílabos de DELMINDA SILVEIRA; sem dedicatória; datado de "Santa Catarina, 1-12-99".<br/>A poetisa gostaria de partir num barco para poder seguir desafiando nas águas seu colar de amarguras — assim se livrando delas.<br/>seguido da resenha<br/><b>TABELA PARA O TRACADO DAS CURVAS DE NÍVEL</b></p>   |
| <p><u>Página 233</u></p> <p>Continuação da resenha<br/><b>TABELA PARA O TRACADO DAS CURVAS DE NÍVEL</b></p> <p>Em resenha assinada por B., expõe-se o conteúdo do livro <i>Tabela para o Traçado das Curvas de Nível</i>, do engenheiro civil JOSÉ AMÉRICO DOS SANTOS (marido de Maria Clara). Já em 3ª edição, a obra tem importância econômica, na medida em que se registra uma acelerada construção de ferrovias por todo o Brasil. É citado nominalmente o professor P. FREITAS, autor de um <i>Curso de Estradas</i>.</p>  | <p><u>Página 234</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>TABELA PARA O TRACADO DAS CURVAS DE NÍVEL</b></p> <p>seguida do poema<br/><b>CANÇONETA</b></p> <p>Tendo tido um poema publicado no nº 29 (o trágico "Noivado" da p. 109) e sido objeto de considerações numa das "Notas Pequenas" do mesmo nº (p. 116), a poetisa cearense PERCE-NEIGE reaparece com este novo poema, uma amorosa "Cançoneta" composta de versos decassilábicos.</p>   | <p><u>Página 235</u></p> <p>Poema<br/><b>BARCAROLA</b><br/>Versos de RIDELINA FERREIRA, sem dedicatória, datados de "4-12-99", efetivamente produzidos com a intenção de ser musicados.<br/>seguido da resenha<br/><b>PÁTRIA</b><br/>Resenha literária de SÍLVIO DE ALMEIDA, relativa ao lançamento da obra didática <i>Pátria</i> (editada em São Paulo, em 1899), de autoria do professor secundário JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA, antigo titular da coluna "Crônica Onimoda", da <i>Mensagem</i>. (segue)</p>  | <p><u>Página 236</u></p> <p>Conclusão da resenha<br/><b>PÁTRIA</b><br/>Assinalando que o volume já foi objeto de análise mais detida por JOÃO VAMPRE e que o formato da obra é inspirado no <i>Cuore</i> do italiano EDMONDO DE AMICIS, o articulista tece elogios a Vieira de Almeida — principalmente por ver que em <i>Pátria</i> houve estrita obediência aos critérios didático-pedagógicos estabelecidos por COMTE.<br/>seguido do poema<br/><b>MARGARIDA</b><br/>Poema de BENEDITO RIBEIRO, "ao Dr. SÍLVIO DE ALMEIDA", datado de "S. Paulo, dezembro, 99".</p>                        |
| <p><u>Página 237</u></p> <p>Poema<br/><b>CONTEMPLAÇÃO</b></p> <p>Versos de PRISCILIANA DUARTE DE ALMEIDA — oito quadras de decassílabos, dedicados a ADELINA A. LOPES VIEIRA e datados de "outubro — 1889".<br/>Nessa produção juvenil (e irregular) da diretora de <i>A Mensageira</i>, ressaltam a ingenuidade, o tom confessional, o romantismo transbordante e a predisposição precocemente elegiaca da poetisa mineira.</p>   | <p><u>Página 238</u></p> <p><b>EXPOSIÇÃO</b><br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b></p> <p>Relato crítico de autoria de PERPÉtua DO VALE — que, oficialmente convidada para comparecer à monumental exposição (inaugurada em São Paulo, em 11 de janeiro de 1900) em homenagem ao falecido pintor paulista ALMEIDA JÚNIOR, faz uma descrição geral das 130 pinturas expostas (algumas delas pertencentes ao acervo pessoal da BARONESA DE ARARI). O texto designa nominalmente todos os 12 membros que compõem a comissão organizadora do evento.</p> | <p><u>Página 239</u></p> <p>Conclusão do texto<br/><b>EXPOSIÇÃO</b><br/><b>ALMEIDA JÚNIOR</b><br/>seguida da <b>SELEÇÃO</b><br/>São reproduzidas duas frases de estímulo ao feminismo, de GUIOMAR TORRESÃO e de GARCIA REDONDO.<br/>seguida das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>A <i>Mensagem</i>: são apresentados agradecimentos àqueles que a apoiaram nestes dois anos, em especial ao impressor C. GERKE — anunciando-se que sua publicação será "temporariamente" suspensa.<br/>Eva Canel: registra-se a passagem pelo Brasil dessa jornalista espanhola.</p> | <p><u>Páginas 240-241</u></p> <p>Conclusão das<br/><b>NOTAS PEQUENAS</b><br/>Luísa Amélia: assinala-se a morte desta poetisa do Piauí.<br/><b>Referência Honrosa:</b> a <i>Cidade de Campinas</i> aponta a originalidade de alguns versos escritos por PRISCILIANA DUARTE em 1892.<br/>Dr. José Américo dos Santos: o engenheiro carioca teve retrato e biografia incluídos no semanário <i>Rua do Ouvidor</i>.<br/><b>Bandolim:</b> acaba de ser lançado o livro de estria do poeta LUÍS PISTARINI, <i>Bandolim</i>.<br/><br/>[Páginas 242/243/244:]<br/><br/><b>ÍNDICE DO VOLUME II</b></p> |



## **ANEXO IV**

### **Índice Onomástico**

A extensão e o conteúdo dos verbetes são funcionais com relação ao contexto da revista, não traduzindo maior ou menor importância das personalidades envolvidas. O **negrito** destaca os nomes daquelas que compõem o dicionário correspondente ao Anexo V.

Este Anexo IV  
(cujos critérios de elaboração são expostos na segunda parte do Cap. II)  
tem por objetivo proporcionar elementos suficientes para uma leitura autônoma dos textos de "A Mensageira", dispensando o leitor de consultas às numerosas fontes indicadas na Bibliografia dos Anexos; em última instância, proporcionaria o material necessário à elaboração de uma edição crítica da revista.

*Anexo IV*

A.A. (iniciais de Artur Azevedo) — v. AZEVEDO, Artur. □

**AARÃO, Manuel** (Manuel Aarão de Oliveira Campos, 1873-1930) — escritor pernambucano, colaborador de "A Mensageira" — II(29):113.

ABELHINHA (apelido da dedicatária de uma crônica de Amadeu de Queirós) — I(18):283.

ABERDEEN, CONDESSA DE — v. CONDESSA DE ABERDEEN. □

ABREU, Cândida (Cândida Isolina de Abreu, 1862- ?) — poetisa gaúcha, natural de Pelotas; não chegou a editar nenhum livro, deixando toda sua produção esparsa por diferentes periódicos gaúchos — I(3):40; I(22):343.

ABREU, Casimiro de (Casimiro José Marques de Abreu, 1839-1860) — poeta romântico fluminense cujo único livro ("As Primaveras", 1859), dedicado a Francisco Otaviano, viria a se tornar uma das obras poéticas mais difundidas de toda a literatura brasileira — I(16):242.

ACKERMANN, MADAME (Louise-Victorine Choquet, 1813-1890) — poetisa francesa — II(34):197.

ADAM, Juliette Lamber — v. ADAM, MADAME. □

ADAM, MADAME (Juliette Lamber Adam, 1836-1936) — polígrafa francesa, filha de um médico adepto do socialismo utópico de Charles Fourier, jornalista fundadora da "Nouvelle Revue" em 1879; manteve, nos anos 1870-1880-1890, um dos mais célebres salões de Paris (depois de ter ficado viúva do senador Edmond Adam, falecido em 1877, tornou-se amante do célebre deputado Léon Gambetta, o proclamador da Terceira República) — I(23):366; II(28):75; II(30):125-126; II(36):219.

ADAM, VILLIERS DE LISLE — v. VILLIERS DE LISLE-ADAM, Auguste. □

AFONSO CELSO JÚNIOR (Afonso Celso de Assis Figueiredo Júnior) — v. FIGUEIREDO JÚNIOR, Afonso Celso de Assis. □

AGOSTINHO, SANTO — v. SANTO AGOSTINHO. □

AGOULT, MADAME D' — v. D'AGOULT, MADAME. □

AGRAMONTE, Emilia — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

AGRAMONTE, Matilde de — revolucionária cubana do século XIX — I(9):130.

AGRELL, Alfhild, MADAME (1849- ?) — prosadora e teatróloga feminista sueca — I(13):206.

AGUIAR, Artur — industrial estabelecido no Rio de Janeiro no final do século XIX — I(12):186.

AGUIAR, Maria da Glória — esposa do industrial Artur Aguiar — I(12):186.

ALBUQUERQUE, Diogo Velho Cavalcanti de — v. VISCONDE DE CAVALCANTI. □

ALBUQUERQUE, Fernando Prestes de, CORONEL (1855-1937) — Presidente do Estado de São Paulo no período 1898-1900, pai de Júlio Prestes — II(26):47; II(33):183.

**ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de** (1882-1946) — político paulista, bacharel em direito, colaborador de "A Mensageira" — II(28):95; II(34):198.

ALCÂNTARA, Dolores — v. ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de. □

ALCÂNTARA, Pedro de — v. PEDRO SEGUNDO (Pedro II). □

ALENCAR, José de (1829-1877) — escritor cearense, principal prosador romântico do Brasil — I(3):46; I(7):109; I(20):318; II(35):205.

ALENCAR ARARIPE JÚNIOR, Tristão de — v. ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. □

- ALENQUER, Pero de — navegador português do século XV, piloto da frota de Vasco da Gama — I(16):249.
- ALEXANDRINO, Pedro (Pedro Alexandrino Borges, 1864-1942) — pintor paulista, discípulo de Almeida Júnior — I(4):55.
- ALFARO, Eloy — Presidente da República do Equador entre 1895 e 1901 (reeleito em 1906) — I(8):118 e 119-120; I(13):208.
- ALFREDO, João, CONSELHEIRO (João Alfredo Correia de Oliveira, 1835-1919) — líder político do Império — I(15):230.
- ALIBAUD, Louis (1810-1836) — militar francês, condenado à morte após frustrada tentativa de assassinar o rei Luís Filipe — I(14):223.
- ALIGHIERI, Dante (1265-1321) — poeta italiano, autor da "Divina Comédia" — II(25):4, 13, 14 e 15; II(31):139.
- ALLARD, Julie — v. DAUDET, MADAME. □
- ALMEIDA, A. Gomes de — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- ALMEIDA, A. Tolentino de — poeta cujo poema "Castelo Derrocado" foi reproduzido pela revista — I(19):291.
- ALMEIDA, Augusto de, DOUTOR — proprietário do jornal carioca "A Nação" (lançado em 1898) — I(19):303.
- ALMEIDA, Bolivar Duarte de (1897-1898) — filho caçula (terceiro filho) do casal Prisciliana Duarte-Sílvio de Almeida, falecido aos dezoito meses de idade, em outubro de 1898 — II(25):1, 12 e 13; II(26):40.
- ALMEIDA, Fialho de (José Valentim Fialho de Almeida, 1857-1911) — escritor realista português, o maior contista de sua geração — II(28):76.
- ALMEIDA, Filinto de (Francisco Filinto de Almeida, 1857-1945) — poeta e jornalista brasileiro (nascido em Portugal), marido de Júlia Lopes de Almeida — I(2):24; II(29):99.
- ALMEIDA, João Vieira de (c. 1840-1912) — professor secundário paulista, colaborador de "A Mensageira" — I(1):12-13; I(2):21-23; I(3):33-35; I(4):54-56 e 62; I(5):65-67; I(6):88-89 e 96; I(7):112; I(8):120-122; I(9):135-137; I(10):152-154 e 158; I(11):167-169; I(13):203-204; I(15):240; II(28):95; II(36):235-236.
- ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE (1820-1905) — padre secular mineiro, poeta satírico, colaborador de "A Mensageira" — I(6):90; I(8):128; I(11):165-167; I(15):240; II(27):59 e 70; II(29):105.
- ALMEIDA, Júlia Lopes de (1862-1934) — polígrafa carioca (a maior mulher escritora do Brasil da virada do século), colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1, 3-5 e 14; I(2):31 e 32; I(3):38, 41, 44 e 48; I(4):60 e 61; I(5):76; I(6):85-87, 92-93 (sob o pseudônimo de ÉCILA WORMS) e 95; I(7):105; I(8):113-115; I(10):156, 157 e 159; I(13):208; I(14):213-215; I(15):240; I(16):256; I(18):273-277; I(20):305; I(21):328; I(22):343; I(24):369 e 370-372; II(27):65-66 (igualmente sob o pseudônimo de ÉCILA WORMS); II(28):73-76 e 96 (menção a ÉCILA WORMS); II(29):97 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da escritora), 98-101 e 106-107; II(30):129; II(32):156; II(34):186-187 (referência a ÉCILA WORMS) e 195; II(35):213; II(36):224-229 e 240.
- ALMEIDA, Leandro Duarte de — filho primogênito do casal Prisciliana Duarte-Sílvio de Almeida, nascido em 1893 — I(1):15.
- ALMEIDA, Prisciliana Duarte de (1867-1944) — poetisa mineira, diretora de "A Mensageira" — I(1):1-2, 11 e 15; I(2):25, 31 e 32; I(3):35, 38 e 43; I(4):51, 58-60, 61, 62 e 63; I(5):79; I(6):93, 95 e 96; I(7):97, 105, 111 e 112; I(8):125; I(9):131, 137 e 143; I(10):154-155, 156, 157 e 158; I(11):176; I(12):182, 189-190 e 192; I(13):207 e 208; I(15):226, 227 e 240; I(16):255-256 e 256; I(17):270 e 272; I(19):303; I(20):313-314 e 320; I(21):336; I(22):343 e 348; I(24):369-370; II(25):1, 12 e 13; II(26):30, 40, 44 e 48; II(27):68, 71 e 72; II(28):91 e 96; II(29):106 e 116; II(30):118-119 (editorial não assinado, homenageando o Dr. Cândido Espinheira), 120, 128, 129, 130, 131 e 132; II(31):146; II(32):168; II(33):179; II(34):195 e 200; II(35):216; II(36):217, 224, 237, 240 e 240-241. Sob o pseudônimo PERPÉTUA DO VALE (cuja identidade real se mantém oculta durante todo o período de edição da revista), aparece em — I(5):72-76; I(7):107-109; I(9):137-139; I(12):190; I(14):218-220; I(15):235-237; I(16):256; I(19):295 e 295-298; I(23):354-355; II(28):86; II(30):131; II(32):160-161; II(35):205; II(36):238-239.

*Anexo IV*

**ALMEIDA, Sílvio de** (Sílvio Tibiriçá de Almeida, 1867-1924) — professor secundário mineiro, poeta lírico, colaborador de "A Mensageira" (marido da diretora da revista) — I(1):10-11; I(2):23-24; I(4):62-63; I(5):70; I(6):91-92 e 96; I(8):120 e 123; I(9):143-144; I(10):158; I(13):208; I(16):242-244; I(20):308-309; I(21):336; I(24):370; II(25):3-4; II(26):30-31; II(27):61, 68, 71 e 72; II(28):80; II(29):102 e 116; II(30):120 e 131; II(31):140-142; II(32):152-154; II(34):193-194; II(35):209; II(36):224, 235-236 e 236.

ALMEIDA FLEMING, José Lino de — v. FLEMING, José Lino de Almeida. □

ALMEIDA GARRETT (João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett) — v. GARRETT, Almeida. □

ALMEIDA JÚNIOR, José Ferraz de (1850-1899) — pintor paulista, considerado "o mais brasileiro de nossos pintores" — I(4):55; I(7):107-109 (incluindo retrato estampado na página 107); I(23):364; II(32):155-156; II(34):200; II(35):205, 212 e 214-215; II(36):230-231 e 238-239.

ALMIRANTE SALDANHA DA GAMA — v. GAMA, Luís Felipe Saldanha da, ALMIRANTE. □

ALORNA, MARQUESA DE (Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre) — v. MARQUESA DE ALORNA. □

ALTO MEARIM, CONDESSA DO (Isabel de Labourdonnay Gonçalves Roque) — v. CONDESSA DO ALTO MEARIM. □

ALVA, Oscar d' (pseudônimo de Antônio dos Reis Carvalho) — v. CARVALHO, Antônio dos Reis. □

ALVARENGA, Maria Ifigênia de — v. PEIXOTO, Maria Ifigênia de Alvarenga. □

ALVARENGA PEIXOTO, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira de — v. ELIODORA, Bárbara. □

ALVARENGA PEIXOTO, Inácio José de — v. PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga. □

ALVARENGA PEIXOTO, Maria Ifigênia de — v. PEIXOTO, Maria Ifigênia de Alvarenga. □

ÁLVARES DA COSTA, Inês — v. COSTA, Inês Álvares da. □

ÁLVARES DE AZEVEDO, Josefina — v. AZEVEDO, Josefina Álvares de. □

ÁLVARES DE AZEVEDO, Manuel Antônio — v. AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de. □

ALVES, Antônio Frederico de Castro (1847-1871) — poeta baiano, expressão máxima do tardo-romantismo no Brasil — I(3):45; I(4):55; I(15):230.

ALVES, Teixeira, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

ALVES FEITOSA, Miguel — v. FEITOSA, Miguel Alves. □

AMÁLIA, Ana — v. SÁ, Ana Amália Moreira de. □

AMÁLIA, Maria — v. CARVALHO, Maria Amália Vaz de. □

**AMÁLIA, Narcisa** (1852-1924) — poetisa fluminense, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1; I(5):75; I(6):95; I(7):105; I(10):160; I(22):343; II(27):50; II(28):96; II(31):146-148; II(34):188-189 e 189.

**AMARAL, Amadeu** (Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado, 1875-1929) — polígrafo paulista, colaborador de "A Mensageira" — I(5):72; II(32):152-154.

AMARAL, Ana Aurora do (Ana Aurora do Amaral Lisboa) — v. LISBOA, Ana Aurora do Amaral. □

AMARAL, Ângela do (Ângela do Amaral Rangel) — v. RANGEL, Ângela do Amaral. □

AMARAL, Carlota do (Carlota do Amaral Lisboa) — v. LISBOA, Carlota do Amaral. □

- AMARAL, Flávia do — pretensa prosadora brasileira, estreante em 1896: trata-se de pseudônimo adotado por José Pereira da Graça Aranha (1868-1931) — I(7):105.
- AMARAL, Leopoldo (1856-1938) — jornalista campineiro (amigo de infância de Júlia Lopes de Almeida), colaborador da "Revista Contemporânea" (de Campinas) — II(28):95.
- AMBLER, Elisabeth, MISS — professora norte-americana de taquigrafia e datilografia, estabelecida no Rio de Janeiro no início de 1898 — I(7):101.
- AMÉLIA, Luísa — v. BRANDÃO, Luísa Amélia de Queirós. □
- AMÉLIA DE PORTUGAL (Marie-Amélie de Orléans, Rainha Dona Amélia de Portugal) — v. RAINHA DONA AMÉLIA DE PORTUGAL. □
- AMERICANA (pseudônimo) — criptônimo adotado, entre outras, pela poetisa paranaense Júlia Maria da Costa (1844-1911) e pela poetisa e prosadora gaúcha Revocata dos Passos Figueiroa de Melo ("Revocata Mãe", c. 1840-1882) — v. MELO, Revocata dos Passos Figueiroa de. □
- AMERICANO, Amélia Cardoso — senhora mineira, mãe de Jorge Americano (1891-1969), casada com um tio paterno de Prisciliana Duarte de Almeida (e dedicatária de um poema desta última) — II(19):303.
- AMÉRICO, Pedro (Pedro Américo de Figueiredo e Melo) — v. FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo de. □
- AMICIS, Edmondo de (1846-1908) — escritor italiano, autor do célebre "Cuore" (de 1886) — II(33):181-182; II(36):235.
- AMORIM, Francisco Gomes de (1827-1891) — poeta português (pseudônimo: Magriço) — II(32):166; II(33):175-177.
- ANA AMÁLIA — v. SÁ, Ana Amália Moreira de. □
- ANCHIETA, José de (1534-1597) — célebre religioso (jesuíta) estabelecido no Brasil a partir de 1553 — I(2):22; I(18):274 e 275.
- ANDRADA E OLIVEIRA, Andradina América de — v. OLIVEIRA, Andradina de. □
- ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de — v. BONIFÁCIO, José. □
- ANDRADE, Artur** (1872-1902) — professor secundário paulista, jornalista, colaborador de "A Mensageira" — I(2):28; I(4):56 e 63; I(13):197-198; I(14):220; II(26):26-30; II(27):72; II(28):76; II(31):142-143; II(33):173; II(36):223.
- ANDRADE, Joaquim Rodrigues de — lente substituto de botânica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- ANDRADE, Maria de — v. ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de. □
- ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de (1839- ? ) — professora mineira (com especialização nos EUA), docente da Escola Normal de São Paulo, autora de livros didáticos — I(8):128; I(15):230.
- ANDRADE, Pedro Batista de — lente de química orgânica e biológica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- ANDRÉ GIL (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.
- ANDREA CESALPINO — v. CESALPINO, Andrea. □
- ANDRÉE, Salomon August (1854-1897) — engenheiro sueco, explorador da região polar ártica (morto numa expedição datada de 1897) — I(1):12.
- ANTONELLI, Pietro, CONDE (1853-1901) — diplomata romano, ministro da Itália no Brasil — I(8):121.
- ANTONIETA, Maria (Rainha da França) — v. RAINHA MARIA ANTONIETA DA FRANÇA. □

*Anexo IV*

ANTÔNIO BENTO, DOUTOR (Doutor Antônio Bento de Sousa e Castro) — v. CASTRO, Antônio Bento de Sousa e, DOUTOR. □

ARAGÃO, Maria Elisa Muniz de (Maria Elisa de Lacerda Valente Muniz de Aragão, 1874-1964) — pianista, compositora, musicógrafa e poetisa baiana, casada com seu primo materno, o famoso poeta simbolista Egas Muniz de Aragão (1870-1924), mais conhecido pelo pseudônimo "Péthion de Villar" — I(9):144.

ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho (1876-1928) — poeta sergipano, bacharel em direito, colaborador de "A Mensageira" — I(8):128; I(13):197-198; I(15):231; I(19):301; II(27):64-65.

ARANHA, Carvalho (Augusto Álvaro de Carvalho Aranha) — v. ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho. □

ARANHA, José Pereira da Graça (pseudônimo: Flávia do Amaral) — v. AMARAL, Flávia do. □

ARANY, János (1817-1882) — poeta húngaro, precursor da literatura nacionalista de seu país — II(26):43.

ARÃO, Manuel — v. AARÃO, Manuel. □

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar (1848-1911) — escritor cearense, membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1897), renomado crítico literário — I(13):199.

ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de (c. 1870-?) — escritora mineira, prima de Maria Clara da Cunha Santos e Prisciliana Duarte de Almeida, colaboradora de "A Mensageira" — I(2):25-28; I(4):63; I(8):125-127; I(13):208; I(20):316-320.

ARAÚJO, Horta de, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

ARAÚJO, José Ferreira de (José Ferreira de Sousa Araújo, 1846-1900) — escritor carioca que abandonou a medicina para dedicar-se ao jornalismo (tornando-se, em 1875, um dos fundadores da célebre "Gazeta de Notícias") — I(3):40.

ARAÚJO, Lília — escritora brasileira do século XIX, dedicatária (em 1897) de um conto de Andradina de Oliveira — I(22):343.

ARAÚJO RAMOS, Grafisa de — v. RAMOS, Grafisa de Araújo. □

ARC, Joana d' — v. SANTA JOANA. □

ARCHER DE LIMA, Nicolau Alberto de Fonte — v. LIMA, Archer de (Nicolau Alberto de Fonte Archer de Lima). □

ARIAS, J., MADAME — v. ARIAS, J., SENHORA. □

ARIAS, J., SENHORA — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

ARIMATÉIA, José de — personagem bíblico do século I d. C., mencionado nos quatro evangelhos: com a colaboração de Nicodemos, encarregou-se da tarefa de sepultar Jesus Cristo — I(13):204.

ARISTÓTELES (384-322 a. C.) — filósofo grego, discípulo de Platão — II(25):24.

ARNOLD, Mary Augusta (Mrs. Humphry Ward, 1851-1920) — romancista britânica, nascida na Austrália, casada com o crítico de arte Thomas Humphry Ward (1845-1926), conhecida por suas iniciativas filantrópicas e por seu posicionamento anti-sufragista — I(10):152.

ARNOSO, Conde de — v. CONDE DE ARNOSO. □

ARTUR NAPOLEÃO — v. NAPOLEÃO, Artur. □

ARTUR OSCAR, SENHORA — v. OSCAR, Artur, SENHORA. □

ASSIS, Francisco de — v. SÃO FRANCISCO DE ASSIS. □

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1839-1908) — escritor carioca, expressão máxima da literatura brasileira do final do século XIX — I(3):48; I(8):123.
- ASSIS, Nicolina Vaz de (1874-1941) — escultora campineira (aperfeiçoada no Rio de Janeiro e em Paris), considerada a primeira mulher escultora do Brasil (abstraindo-se, aqui, a artista "fluminense por nascimento, porém italiana pelo coração" Teresa Barbosa, já apontada por Inês Sabino, em 1890, como nossa primeira escultora) — I(23):368; II(29):105.
- ASSIS BRANDÃO, Beatriz Francisca de — v. BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis. □
- ASSUMAR, CONDE DE — v. CONDE DE ASSUMAR. □
- ATAHUALPA — último dos imperadores incas do século XVI, símbolo do Peru anterior à ocupação espanhola — I(20):314.
- ÁTILA — líder máximo da horda de invasores hunos que devastou a Europa em meados do século V d. C. — I(22):340; II(26):43.
- ATRI, Alexandre D' — v. D'ATRI, Alexandre. □
- AUGUSTA, Nisia Floresta Brasileira (pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto) — v. FLORESTA, Nisia. □
- AURÉLIO, Marco — v. MARCO AURÉLIO. □
- AUTOR ANÔNIMO das "Mil e Uma Noites" — I(4):58.
- AUTOR ANÔNIMO designado por um ponto de interrogação ("?) — II(28):89-91.
- AUTOR ANÔNIMO do "Ateneu das Senhoras" — II(29):114.
- AUTOR ANÔNIMO do necrológio da Baronesa de Hirsch — II(29):108-109.
- AUTOR ANÔNIMO editorialista do jornal carioca "O País" — II(35):201-205; II(36):217-222.
- AUTOR ANÔNIMO redator da "Gazeta de Petrópolis" — I(5):70-72; I(18):287-288.
- AUTOR ANÔNIMO redator do "Jornal do Comércio" — II(30):124-127.
- AVELAR, V. — autor de uma conferência proferida no Rio de Janeiro em 1899, favorável ao exercício da escrituração mercantil por mulheres — II(27):65.
- AVELLANEDA, Gertrudis Gómez de (1814-1873) — dramaturga e poetisa cubana, tradutora de versos de Victor Hugo — II(27):62 e 63.
- ÁVILA, João Ribas d' — poeta campineiro, diretor da "Revista Contemporânea" (de Campinas), fundada em 1899 — II(28):95.
- AZCUY DE PILOTA, Adela, MADAME — v. PILOTA, Adela de Azcuy. □
- AZEVEDO, Artur (Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo, 1855-1908) — escritor maranhense radicado no Rio de Janeiro: poeta humorístico, cronista e, principalmente, o maior comediógrafo brasileiro da virada do século — I(1):2; I(2):23-24 e 32 (identificado pelas iniciais A.A.); I(3):48 (mencionado sob o pseudônimo ELÓI, O HERÓI); I(4):63; I(5):69-70 (igualmente identificado pelas iniciais A.A.); I(8):123; I(10):157; I(16):254.
- AZEVEDO, Augusto de, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- AZEVEDO, Francisco de Paula Ramos de (1851-1928) — arquiteto paulistano, formado na Bélgica, responsável pela edificação dos principais prédios oficiais paulistanos da Primeira República — I(15):227.
- AZEVEDO, João de (João d'Azevedo, 1811-1854) — romancista português, amigo de Camilo Castelo Branco — II(32):164.

Anexo IV

**AZEVEDO, Josefina Álvares de** (1851- ?) — polígrafa brasileira, que se distinguiu principalmente como jornalista propagadora do feminismo, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1; I(3):48; I(4):60; I(6):96; I(7):105; I(10):156; I(15):240; I(22):343; II(35):206-208.

**AZEVEDO, Júlia de** — escritora brasileira do final do século XIX (nordestina, provavelmente), mencionada por Cunha Mendes na "Revista do Brasil", em 1897 — I(3):45.

**AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares de** (1831-1852) — poeta lírico paulistano, um dos principais representantes da segunda geração romântica brasileira — II(28):95.

**AZEVEDO, Maria de** — escritora brasileira do final do século XIX, mencionada por Prisciliana Duarte de Almeida e Alberto Faria — I(1):2; I(10):156.

**AZEVEDO, Ramos de** — v. AZEVEDO, Francisco de Paula Ramos de. □

**AZEVEDO LEMOS, J. M.** — v. LEMOS, J.M. Azevedo. □

**B.** (criptônimo, inicial de nome ou sobrenome de colaborador masculino, não identificado, de "A Mensageira") — II(36):232-234.

**BACCINI, Ida** (1850-1911) — escritora italiana (nascida em Florença), mestra de crianças, poetisa e prosadora definida por Gottardo Garollo, em 1907, como "valentissima scrittrice educativa" — II(26):44-45.

**BACH, Johann Sebastian** (1685-1750) — compositor alemão, expressão máxima da música barroca — II(35):216.

**BAHIA, Artur** (Artur Augusto Bahia da Cunha, 1868- ?) — poeta alagoano, jornalista radicado em Recife, colaborador em 1898 da "Revista Americana" (do Rio de Janeiro) — I(19):304.

**BAIENSE, Laura** (Laura Amélia de Sousa Baiense, 1875- ?) — concluinte da Faculdade de Medicina da Bahia (Salvador) em 1898, baiana de nascimento — I(9):131.

**BAJZA, József** (1804-1858) — poeta húngaro, mais conhecido como crítico literário, colaborador, na juventude, do periódico "Aurora", órgão de consolidação do movimento romântico na Hungria — II(26):44.

**BALZAC, Honoré de** (1799-1850) — romancista francês, considerado o líder da escola realista européia — II(26):43.

**BANDEIRA, Jacintinha** — dedicatória de um poema de Georgina Teixeira — II(29):108.

**BARAHONA VEGA, Clemente** — v. VEGA, Clemente Barahona. □

**BARÃO DE COTEGIPE** (João Maurício Wanderley, 1815-1889) — titular baiano, bacharel em direito pela Faculdade do Recife (1837), líder político conservador, ministro do Império: propôs a Pedro II a sanção da Lei dos Sexagenários (1885), mas discordou da assinatura da Lei Áurea pela Regente Isabel (1888) — I(15):230.

**BARÃO DE FEUCHTERSLEBEN** (Ernst, Freiherr von Feuchtersleben, 1806-1849) — médico austriaco de origem nobre, professor da Faculdade de Medicina de Viena, poeta estimado (teve um hino musicado por Mendelssohn) e filósofo de grande popularidade: sua obra mais conhecida é o ensaio "Zur Diätetik der Seele" ("Higiene da Alma", lançado em 1838), que teve muitas reedições e foi traduzido em diversas línguas — I(12):181.

**BARÃO DE IGUAPE** (Antônio da Silva Prado, 1778-1875) — titular paulista, pai de Viridiana Prado e avô do prefeito municipal paulistano de mesmo nome (Antônio da Silva Prado, 1840-1929) — II(25):23.

**BARÃO DE ITAQUI** (João Nunes da Silva Tavares) — v. TAVARES, Silva, GENERAL. □

**BARÃO DE JAURU** (César Sauvan Viana de Lima, 1824-1897) — titular paulista, diplomata do Império — I(20):315.

**BARÃO DE L'AULNE** (Anne-Robert-Jacques Turgot) — v. TURGOT, Anne-Robert-Jacques.

**BARÃO DE LORETO** (Franklin Américo de Meneses Dória, 1836-1906) — titular de origem baiana, ministro do Império: bacharel em direito (Recife, 1860), passou a se dedicar, após a Proclamação da República, a atividades jurídicas e literárias — II(33):184.



- BARÃO DE PASSOS (Jerônimo Pereira de Melo e Sousa, 1814-1897) — titular mineiro, fazendeiro abastado e filantropo estimado no Sul de Minas — I(9):143.
- BARÃO DO RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos) — v. VISCONDE DO RIO BRANCO. □
- BÁRBARA ELIODORA — v. ELIODORA, Bárbara (Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira de Alvarenga Peixoto). □
- BARBIER, Auguste (Henri-Auguste Barbier, 1805-1882) — poeta francês — II(36):229.
- BARBOSA LIMA, Francisca Clotilde — v. CLOTILDE, Francisca. □
- BARBOSA LIMA, G., DOUTOR — v. LIMA, G. Barbosa, DOUTOR. □
- BARLOW, Jane (1857 ou 1860-1917) — polígrafa irlandesa (conhecida principalmente como poetisa) — I(10):152.
- BARONESA DE ARARI (Maria Dalmácia Franco) — sobrinha e segunda esposa do Barão de Arari (falecido em 1897), filha do Barão de Araras (falecido em 1898); no final do século, já herdeira de grande fortuna, residia em São Paulo, num palacete situado na Alameda do Triunfo (esquina da Alameda Gleite), sendo proprietária de uma coleção de telas de Almeida Júnior — II(36):238.
- BARONESA DE HIRSCH (Claire Bischoffsheim) — filantropa belga, viúva de um banqueiro falecido em 1896 — II(29):108-109.
- BARRABÁS — personagem bíblico do século I d. C.: como assaltante, foi condenado à morte, mas anistiado por Pôncio Pilatos (no lugar de Jesus Cristo) a pedido do povo de Jerusalém — I(13):203.
- BARREIROS, Gaspar — cronista português do século XVI, conhecido pela linguagem extremamente correta de seus escritos — I(10):158.
- BARREIROS, Luís — colaborador (em 1898) do mensário carioca "Revista Americana" — I(19):304.
- BARRETO, Bento — dedicatário de um poema de Manuel Viotti — I(14):212.
- BARRETO, Tobias (Tobias Barreto de Meneses, 1839-1889) — célebre professor da Faculdade de Direito do Recife, de origem sergipana: filósofo, jurista, crítico e poeta, vinculado ao germanismo e ao monismo, é considerado o principal representante da chamada "Escola do Recife" — I(2):29; I(9):129 e 131.
- BARROS, Antônio de Moraes — deputado estadual paulista, parente de Prudente de Moraes, orador no sepultamento de Almeida Júnior em Piracicaba (em fins de 1899) — II(35):215.
- BARROS, Eugênio de — redator (em 1898) do periódico literário carioca "Revista Moderna" — I(20):320.
- BARROS, Joana Leal de — compositora brasileira do final do século XIX, contemporânea de Chiquinha Gonzaga (que lhe dedicou uma peça composta por volta de 1897) — II(32):168.
- BARROS, Jorge de Moraes — lente substituto da cadeira de botânica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- BARROS, Prudente José de Moraes (Presidente Prudente de Moraes) — v. MORAIS, Prudente de. □
- BARROS, V. M. de — colaborador não identificado de "A Mensageira", autor (masculino) de um artigo de apoio às reivindicações feministas — I(10):149-150.
- BARROSO, Francisco (1856-1929) — jornalista paraibano, colaborador de "A Mensageira" — I(14):220-223.
- BARROSO DA SILVEIRA, Mariana — v. SILVEIRA, Mariana Barroso da. □
- BARUEL, Francisco (Francisco Nicolau Baruel, 1852-1928) — comerciante da capital paulista: foi proprietário de uma conhecida droguaria existente na esquina da Rua Direita com o Largo da Sé, tornando-se (em 1899) benfeitor da recém-criada Escola Livre de Farmácia de São Paulo — II(26):48.

Anexo IV

BASTOS, Francisco — compositor de música ligeira (autor de um xóti e de uma valsa editados no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone em 1898) — I(21):336.

BATISTA, Ana Nogueira (1870-1965) — professora particular cearense (nascida em Icó), poetisa e prosadora, casada com o poeta Sabino Batista em outubro de 1896, colaboradora do periódico "O Pão da Padaria Espiritual" (Fortaleza, 1892-1896) e, posteriormente, de "O Lírio" (mensário feminino do Recife fundado em 1902 pela piauiense Amélia de Freitas Bevilacqua, órgão aglutinador da produção das mulheres escritoras nordestinas do início do século XX) — I(1):2; I(10):156; I(22):343; II(30):131.

BATISTA, Sabino (Manuel Sabino Batista, 1868-1899) — poeta cearense de pseudônimo "Sátiro Alegrete", membro fundador (em 1892) da "Padaria Espiritual" de Fortaleza, casado com a escritora Ana Nogueira Batista — II(30):131.

BATISTA PEREIRA, DOUTOR — v. PEREIRA, João Batista, DOUTOR. □

BAZÁN, Emilia Pardo (1851-1921) — professora espanhola (nascida na Galícia), vulto máximo da literatura feminina de seu país: escritora de excepcional fecundidade, foi responsável pela introdução da estética naturalista na Espanha, sendo considerada insuperável como contista — II(29):115.

BAZÁN, V. de Zayas, MADAME — v. BAZÁN, V. de Zayas, SENHORA. □

BAZÁN, V. de Zayas, SENHORA — vice-presidente da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

BEBEL, August (1840-1913) — ensaísta político alemão, líder socialista que se distinguiu por sua postura pacifista e pela oposição sistemática à militarização de seu país, autor de "La Femme et le Socialisme" (Gand, 1891) e de "La Femme dans le passé, le présent et l'avenir" (Paris, 1891) — I(7):100.

BEECHER STOWE, Harriet — v. STOWE, Harriet Beecher. □

BEETHOVEN, Ludwig van (1770-1827) — genial compositor alemão — II(28):79 e 82; II(35):216.

BELLEMARE-FERRY, Gabriel de (1809-1852) — escritor francês, autor de relatos de viagens e estudos de costumes — II(35):210.

BELLINI, Vincenzo (1801-1835) — grande operista italiano (nascido na Sicília), implicitamente citado na referência à ópera "Norma" num soneto de Georgina Teixeira — I(3):38.

BELLO, Andrés (1781-1865) — polígrafo nascido na Venezuela, de perfil idêntico ao do brasileiro José Bonifácio: poeta, filólogo, pedagogo, jurista e publicista, deu respaldo ao libertador Simón Bolívar participando de missões diplomáticas remetidas à Europa e fundou a Universidade do Chile, sendo considerado pelos hispano-americanos "o patriarca das ciências e das letras americanas" — I(20):314.

BELO, Luis Alves Leite de Oliveira (1851-1914) — filho do líder político conservador do mesmo nome, nasceu no Rio de Janeiro, mas cursou a Faculdade de Direito de São Paulo no final da década de 1860, notabilizando-se por seus dons de oratória — I(4):55.

BENALCANFOR, VISCONDE DE — v. VISCONDE DE BENALCANFOR. □

BENEDICTSSON, Victoria (1850-1888) — romancista e dramaturga sueca que utilizou o pseudônimo masculino Ernst Ahlgren: influenciada pela inglesa George Eliot, notabilizou-se por seus romances situados na estética da transição entre o romantismo e o realismo (teria se suicidado em função das críticas à sua obra-prima "Pengar", de 1885) — I(13):205.

BENEDITO OTÁVIO — v. OLIVEIRA, Benedito Otávio de. □

BENEVIDES, José Maria Correia de Sá e (1833-1901) — magistrado, político e jornalista fluminense — II(28):94.

BENJAMIN GUERRA, MADAME — v. GUERRA, Benjamin, SENHORA. □

BENTO, Antônio, DOUTOR (Doutor Antônio Bento de Sousa e Castro) — v. CASTRO, Antônio Bento de Sousa e, DOUTOR. □

- BENTO, José, PADRE (Padre José Bento Leite Ferreira de Melo, Senador, 1785-1844) — religioso mineiro, político liberal: vigário de Pouso Alegre, editor do jornal semanal "O Pregoeiro Constitucional" entre 1830 e 1831, foi deputado geral e senador, envolvendo-se nas frustradas revoluções mineiras de 1833 e 1842, morrendo assassinado em 1844 — I(10):160.
- BERALT, Blanche Zacham — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.
- BERARDELLI, Rodolfo (José Maria Oscar Rodolfo Bernardelli, 1852-1931) — escultor brasileiro (nascido no México): como professor e diretor da Escola Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro) no período de 1885 a 1915, responsabilizou-se pela orientação e pelo incentivo de várias gerações de escultores do Brasil — I(3):45; I(23):368.
- BERNÉ, Eugène — cidadão francês, aluno do curso de português mantido por Anne Caron em Paris — II(27):69.
- BERNE-BELLECOUR, Étienne-Prosper (1838-1910) — pintor francês, estimado pela composição de suas paisagens e cenas de batalha — I(21):322.
- BERNHARDT, Sarah (1844-1923) — célebre atriz francesa (nascida em Paris), de fama mundial, com passagens pelo Brasil em 1886, 1893 e 1905 — II(29):103.
- BERSZENYI, Dániel (1772-1836) — poeta húngaro da escola clássica, latinista, que cultivou a poesia filosófica e religiosa — II(26):43.
- BEZZI, Tomás (Tommaso Gaudenzio Bezzi, 1844-1915) — engenheiro italiano (nascido em Turim), radicado no Brasil desde 1875: em 1882 encarregou-se de projetar o Museu do Ipiranga (obra executada e completada em 1895 por seu compatriota florentino Luigi Pucci) — I(15):226.
- BLANCHOT (ou BLANCHET), MADAME — francesa transformada, depois de viúva, em irmã de caridade (Sóror Saint-Étienne) — I(11):175.
- BLANCHOT (ou BLANCHET), MONSIEUR — marido daquela mulher francesa que se transformou, depois de viúva, em Sóror Saint-Étienne) — I(11):175.
- BIAS FORTES, DOUTOR (Doutor Crispim Jacques Bias Fortes, 1847-1917) — político mineiro, nascido em Barbacena: em sua gestão de Presidente do Estado de Minas Gerais (1894-1898) se deu a transferência da capital mineira de Ouro Preto para Belo Horizonte ("Cidade de Minas"), inaugurada em 12 de dezembro de 1897 — I(6):94.
- BIAS FORTES, SENHORA (esposa do Doutor Bias Fortes) — I(6):94.
- BIBAS, DOM — v. DOM BIBAS (pseudônimo). □
- BILAC, Olavo (Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, 1865-1918) — estimado poeta parnasiano carioca, membro fundador da Academia Brasileira de Letras em 1897: apesar de ainda ser jovem na época de circulação de "A Mensageira", está entre os poetas coetâneos mais citados (será eleito posteriormente, em 1907, "Príncipe dos Poetas Brasileiros") — I(2):24; I(3):45 e 46; I(5):75; I(19):304; I(20):314; II(27):69.
- BILBAO, Francisco (1823-1865) — político e jornalista chileno (nascido em Santiago), discípulo do venezuelano Andrés Bello: liberal radical, representante sul-americano do pensamento revolucionário de 1848, foi cognominado "Apóstolo da Liberdade da América" — II(28):84.
- BINET, Alfred (1857-1911) — psicólogo francês, de filiação positivista, responsável pela criação de métodos de mensuração da inteligência, mencionado pelo laffittista Sílvio de Almeida — I(16):244.
- BINGRE, Francisco Joaquim (1763-1856) — poeta português, participante da Nova Arcádia de Lisboa sob o pseudônimo Francélio Vouguense, também cognominado "o Cisne do Vouga" — II(32):162.
- BISCHOFFSHEIM, Claire (Baronesa de Hirsch) — v. BARONESA DE HIRSCH □
- BITTENCOURT, Carlos Machado, MARECHAL (1840-1897) — militar gaúcho, herói da Guerra do Paraguai e da Campanha de Canudos: Ministro da Guerra de Prudente de Moraes, foi assassinado por Marcelino Bispo de Melo durante o atentado contra o Presidente da República, em 5 de novembro de 1897 — I(3):36; I(22):340-341.

*Anexo IV*

**BLAIR, Hugh** (1718-1800) — crítico literário escocês, catedrático de Retórica e Belas-Letras da Universidade de Edimburgo — II(25):15.

**BLANCHET** (ou **BLANCHOT**), **MADAME** — v. **BLANCHOT, MADAME**. □

**BLANCHET** (ou **BLANCHOT**), **MONSIEUR** — v. **BLANCHOT, MONSIEUR**. □

**BLEDA** — comandante huno do século V d. C., filho de Mundzuk (e irmão de Átila) — II(26):43.

**BLOEM, Antero** (Antero Augusto de Albuquerque Bloem, 1878-1919) — poeta campineiro, bacharel em direito, funcionário público e jornalista, colaborador de "A Mensageira" — I(22):346-347.

**BOCAIÚVA, Quintino** (Quintino Antônio Ferreira de Sousa, "o Bocaiúva", 1836-1912) — jornalista, político e diplomata fluminense, redator do Manifesto Republicano de 1870, cognominado "o Patriarca da República" — I(3):40.

**BOGELOT, Isabelle** — "celebridade feminina" francesa, participante de um inquérito realizado pela "Revue des Revues" em 1899 — II(30):126.

**BOGUCA, Hélène-Jeanne** — v. **HAJOTA, MADAME**. □

**BOILEAU, Nicolas** (Nicolas Boileau-Despréaux, 1636-1711) — escritor francês (poeta, moralista e crítico literário), historiógrafo oficial da corte francesa — I(15):235; II(25):3.

**BOIS, Jules** (1871-1941) — escritor francês: poeta, ensaísta, romancista e dramaturgo, autor de obras dedicadas a especulações metapsíquicas e do ensaio feminista "L'Ève Nouvelle" (de 1896, continuado, no ano seguinte, por "La Femme inquiète") — I(7):100.

**BOLÍVAR** (Bolívar Duarte de Almeida) — v. **ALMEIDA, Bolívar Duarte de**. □

**BONALDE, Juan Antonio Pérez** (1840-1893) — poeta romântico venezuelano — II(27):63.

**BONAPARTE, Napoleão** (1769-1821) — militar francês (nascido na Córsega), cujas conquistas expansionistas fizeram-se acompanhar de gradual tomada do poder, culminando com sua coroação como Imperador da França em 1804; derrotado em Waterloo em 1815, foi exilado para a ilha de Santa Helena, onde faleceu — I(3):41; I(14):223.

**BONAPARTE-WYSE, PRINCESA** (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. **WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine**. □

**BONAPARTE-WYSE, PRÍNCIPE** — v. **PRÍNCIPE BONAPARTE-WYSE**. □

**BONHEUR, Rosa** (Marie-Rosalie Bonheur, 1822-1899) — pintora francesa, discípula do pai (Raymond Bonheur, falecido em 1849), uma das principais representantes do gênero feminino nas artes plásticas do século XIX: notabilizou-se como exímia retratista de animais e de cenas rústicas, tornando-se a primeira mulher a condecorar-se (em 1894) com a Grande Cruz da Legião de Honra da França — II(29):103; II(36):219.

**BONIFÁCIO, José** (José Bonifácio de Andrada e Silva, 1763-1838) — polígrafo paulista, nascido em Santos: poeta neoclássico (sob o pseudônimo Américo Elísio), cientista (bacharelado em Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra, com contribuições importantes no campo da mineralogia) e político (artífice da Independência do Brasil, circunstância que lhe valeu o apelido de "Patriarca da Independência") — I(4):55; I(15):229 e 230-231.

**BONILHA DE TOLEDO, José** — v. **TOLEDO, José Bonilha de**. □

**BONNEFOIS, Eugénie** (1829-1913) — educadora francesa: crescendo em ambiente circense, empenhou-se em conceder instrução aos filhos de artistas ambulantes, criando em 1893 um sistema escolar que acompanhava os alunos em seus deslocamentos — I(9):143.

**BONNEVIALE, Marie** — ativista do feminismo francês do final do século XIX, mencionada por Xavier de Carvalho — I(7):99.

**BORBA, Alberto, DOUTOR** (Doutor Alberto de Meneses Borba) — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899); foi retratado pelo pintor em 1892 — II(36):238.

- BORBA, Coronel — v. CORONEL BORBA. □
- BORDALO PINHEIRO, Rafael (Rafael Augusto Bordalo Prostes Pinheiro, 1846-1905) — filho e irmão de dois notáveis pintores portugueses (respectivamente Manuel Maria Bordalo Pinheiro, 1815-1880 e Columbano Bordalo Pinheiro, 1858-1929), tornou-se um dos mais notáveis caricaturistas de sua época, além de genial ceramista — II(30):120.
- BORGONHA, Maria de (1457-1482) — rainha dos Países Baixos e duquesa de Borgonha, transformada em arquiduquesa da Áustria pelo casamento com o futuro imperador Maximiliano I: célebre por sua beleza, teria provocado sangrentas disputas entre as potências europeias da época e se tornado causa involuntária da rivalidade entre a França e a Áustria — I(9):130.
- BORMANN, Maria Benedita Câmara (pseudônimo: Délia, 1853-1895) — romancista e contista gaúcha, colaboradora de periódicos do Rio de Janeiro, autora, entre outros, dos romances "Lésbia" (1890) e "Celeste" (1893) — I(3):40; I(9):131.
- BOSSUET, Jacques-Bénigne (1627-1704) — religioso francês, conhecido por sua eloquência e pela elegância no manejo da língua em seus escritos doutrinários católicos e em textos de caráter histórico — I(15):237.
- BOTTARD, Margarida (Marguerite Bottard) — veterana enfermeira de Paris, condecorada pelo governo francês no início de 1898 — I(10):159.
- BOUNEFOS, Eugênia (erro de grafia) — v. BONNEFOIS, Eugénie. □
- BOURGET, Paul (Charles-Joseph-Paul Bourget, 1852-1935) — escritor francês de sucesso (especialmente estimado por leitores do sexo feminino), mestre do romance como estudo de costumes, gênero por ele abordado dentro de uma linha muito peculiar de análise psicológica — II(29):115.
- BOYER, Antide (Antoine-Jean-Baptiste Boyer, 1850-1918) — político francês de origem operária (vinculado a Léon Gambetta) que foi eleito e reeleito deputado por vinte anos, entre 1885 e 1905 (senador entre 1905 e 1912): socialista reformista, defendia o federalismo, o regionalismo e o municipalismo — II(29):115.
- BRADDON, Mary Elizabeth (1837-1915) — poetisa, dramaturga e prosadora inglesa, cujo pai e cujo irmão eram altos funcionários da coroa inglesa (casou-se com o editor John Maxwell, tendo entre os filhos dois conhecidos romancistas do século XX, W. B. Maxwell e G. Maxwell): notabilizou-se pela produção volumosa e incessante, atingindo a casa dos 80 romances (entre eles o juvenil "Lady Audley's Secret", de 1862, alvo de numerosas reedições e adaptações para o palco e para o cinema) — I(10):151.
- BRAGA, Álvaro — funcionário da coroa portuguesa, escrivão da frota de Vasco da Gama — I(16):249.
- BRAHMS, Johannes (1833-1897) — compositor alemão, continuador, na música erudita germânica, das tradições clássico-românticas estabelecidas por Beethoven — I(7):102; II(35):216.
- BRANCO, Camilo Castelo (Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, 1825-1890) — escritor português, dono de uma obra extraordinariamente rica e volumosa, em que se sobressaem os romances de cunho realista — I(17):258; II(32):164 e 166; II(33):175-177.
- BRANCO, G. Castelo, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis (1779-1868) — poetisa e compositora mineira cognominada "a Musa da Independência", nascida em Ouro Preto, prima da "Marília de Dirceu" (Maria Dorotéia Joaquina de Seixas) e mantenedora, no início do século XIX, de cursos de alfabetização para meninas e escravos: autora de volumosa produção lírica, dramática, laudatória ou circunstancial que teria permanecido parcialmente inédita, distinguiu-se também como tradutora de textos franceses e italianos (em especial dos dramas em verso de Metastásio, célebre escritor romano setecentista) — I(7):104.
- BRANDÃO, Francisco Silviano de Almeida (1848-1902) — mineiro de Santana do Sapucaí (situada nas vizinhanças de Pouso Alegre, de onde procede sua parenta Prisciliana Duarte de Almeida), formou-se advogado em São Paulo e médico no Rio de Janeiro, iniciando em 1880 meteórica carreira política truncada por seu falecimento precoce, quando já estava sendo cotado para a sucessão de Rodrigues Alves na Presidência da República: republicano histórico (signatário do manifesto de 1870), elegeu-se deputado provincial liberal em 1880, deputado geral em 1881 e constituinte mineiro em 1889, tornando-se secretário do interior no governo estadual de Afonso Pena (1892-1894), sucedendo Bias Fortes na Presidência do Estado de Minas entre 1898 e 1902; eleito Vice-Presidente da República para a presidência de Rodrigues Alves (1902-1906), teve morte súbita em setembro do mesmo ano de 1902, antes de tomar posse — I(23):36.

*Anexo IV*

BRANDÃO, Luísa Amélia de Queirós (1838-1898) — poetisa romântica piauiense, que teria superado por si própria as limitações de uma escolaridade mínima, tornando-se a primeira mulher de seu Estado a publicar um livro: editou em 1875 (em Parnaíba, Piauí) a coletânea poética "Flores Incultas" e em 1894 (em São Luís do Maranhão) o poemeto em cinco cantos "Georgina ou Os Efeitos do Amor", deixando ainda produção inédita ou esparsa por diferentes periódicos; a data de falecimento fornecida por "A Mensageira" (12 de novembro de 1898) coincide com aquela indicada por Laudelino Freire — I(7):104; I(22):343; II(36): 240.

BRANDÃO, Silviano — v. BRANDÃO, Francisco Silviano de Almeida. □

BRANDÃO SOBRINHO, Soares, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

BRASIL SILVADO, DOUTOR — v. SILVADO, João Brasil, DOUTOR. □

BRASILEIRA AUGUSTA, Nísia Floresta (pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto) — v. FLORESTA, Nísia. □

BRASILIANA (pseudônimo de Ângela da Cunha) — v. CUNHA, Ângela da. □

BRASILIENSE FILHO, Américo (Américo Brasiliense de Almeida Melo Filho) — lente substituto de história e legislação farmacêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899): trata-se do filho do primeiro Presidente do Estado de São Paulo (Américo Brasiliense de Almeida Melo, 1833-1896), forçado a renunciar a seu mandato em dezembro de 1891 (Brasiliense Filho, falecido em 1942, já era médico no final do século XIX) — II(26):48.

BRASILINA, Elisena — v. COSTA, Elisena Brasilina. □

BRÁULIA, Maria — v. MARIA BRÁULIA. □

BRITO, Belisandra de — mineira diplomada pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (final do século XIX) — I(7):106.

BRONTË, Charlotte (1816-1855) — a mais velha das três escritoras da família inglesa Brontë (pela ordem decrescente de idade: Charlotte, Emily e Anne), autora de romances que testemunham as condições de opressão da mulher vigentes na primeira metade do século XIX, entre eles incluindo-se o célebre "Jane Eyre" (de 1847), um dos pontos mais altos da literatura feminina do Oitocentos — II(29):115.

BROUGHTON, Rhoda (1840-1920) — escritora britânica (nascida no País de Gales), autora de numerosos romances divulgados a partir de 1867, frequentemente traduzidos para outros idiomas — I(10):152.

BROUTÉ, Carlota (erro de transcrição) — v. BRONTË, Charlotte. □

BRUNEHAUT (Brunehaut, Brunhild ou Brunequilda, 534-613 d. C.) — filha de um rei visigodo da Espanha, tornou-se rainha pelo casamento com um dos reis francos (Sigebert, assassinado em 575), vivendo uma sucessão de episódios extraordinariamente cruentos (teria comandado a eliminação dos próprios netos) que culminam com sua execução, já idosa, no ano de 613 — I(17):264.

BRUNETIÈRE, Vincent de Paul-Marie-Ferdinand (1849-1906) — crítico literário francês, vinculado à "Revue des Deux Mondes": católico, assumiu postura antagônica com relação a Émile Zola, notabilizando-se, no início do século XX, por sua oposição ao divorcismo e ao sufrágismo — I(5):79.

BRUNETTO, C. (pseudônimo de Belarmino Carneiro) — v. CARNEIRO, Belarmino. □

BRUTO (Marcus Junius Brutus, c. 80-42 a. C.) — político romano, integrante do grupo de conspiradores que assassinou Júlio César em 44 a. C. — I(14):223.

BRYANT, M. — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti sob o pseudônimo "Elmano do Val" (talvez se trate da educadora Sophia Bryant, 1850-1922, historiadora e autora de obras pedagógicas) — I(10):152.

BUARQUE DE HOLANDA, Cristóvão — v. HOLANDA, Cristóvão Buarque de. □

BUENO, José Antônio Pimenta — v. MARQUÊS DE SÃO VICENTE. □

BULHÕES, Ernesto — compositor de música ligeira (autor de uma valsa editada no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone em 1898) — I(21):336.

BULHÕES CARVALHO, J. E. Saião de, DOUTOR — v. CARVALHO, João Evangelista Saião de Bulhões. □

BURLAMÁQUI MOURA, DOUTOR — v. MOURA, Burlamáqui, DOUTOR. □

BURNETT, Frances (Frances Eliza Hodgson Burnett, 1840-1924) — escritora norte-americana (nascida na Inglaterra), autora bem-sucedida de romances sentimentais (como o popularíssimo "O Pequeno Lorde", de 1886) — I(10):152.

BYRON, George (George Gordon Byron, 1788-1824) — poeta romântico inglês transformado, pelas circunstâncias aventurosas de sua biografia, em símbolo da passionalidade e do inconformismo comumente associado à atuação dos primeiros participantes do movimento romântico — I(12):179; I(20):315; II(31):139; II(36):219.

CABARRA, R., MADAME — v. CABARRA, R., SENHORA. □

CABARRA, R., SENHORA — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

CABRAL, Pedro Álvares (c. 1467-1520) — membro da nobreza de Portugal, oficialmente encarregado de comandar a frota que aportou em terras brasileiras em 1500: é considerado o descobridor do Brasil — I(11):168.

CAJANELLO, Duquesa de (Anne Charlotte Edgren-Leffler) — v. EDGREN-LEFFLER, Anne Charlotte. □

CALDAS, Antônio Pinheiro (1824-1877) — poeta português (nascido no Porto): colaborou, juntamente com outros poetas da geração romântica (como Faustino Xavier de Novais, 1820-1869), no periódico "Grinalda" — II(32):164.

CALIXTO, Benedito (Benedito Calixto de Jesus, 1853-1927) — pintor paulista (nascido em Itanhaém), pesquisador da história regional, conhecido por suas telas de reconstituição histórica — II(27):71.

CÂMARA, Maria Benedita — v. BORMANN, Maria Benedita Câmara de (pseudônimo: Délia). □

CAMARÃO, Clara — semilendária indígena do Pernambuco seiscentista (mulher do líder potiguar Antônio Filipe Camarão, morto em 1648), que em 1637 teve participação ativa na batalha de Porto Calvo, na resistência contra os holandeses — I(9):130.

CAMILO (Camilo Castelo Branco) — v. BRANCO, Camilo Castelo. □

CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro (1836-1896) — notável botânico brasileiro (formado em medicina na Bahia, seu estado de origem e professor de história natural do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro), autor de importantes estudos sobre a flora brasileira — I(20):311.

CAMÕES (Luís Vaz de Camões, 1524?-1580) — autor do épico "Os Lusíadas", considerado o maior poeta da língua portuguesa — I(1):12 e 13; I(16):248, 249 e 251; II(25):14 e 21.

CAMPELO, Anísio, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

CAMPOAMOR, Ramón (Ramón de Campoamor y Campoosorio, 1817-1901) — estimado poeta espanhol, conhecido principalmente pela produção de pequenos poemas de cunho cético ou humorístico — I(20):315.

CAMPOS, Cláudia de (c. 1871-1916) — escritora portuguesa (educada na Inglaterra), contista, cronista, romancista e ensaísta (autora de "Mulheres: Ensaio de Psicologia Feminina", lançado em 1895) — II(29):115.

CAMPOS, Manuel Aarão de Oliveira — v. AARÃO, Manuel. □

CAMPOS, Mirtes de, DOUTORA (c. 1879- ? ) — fluminense (nascida na cidade de Campos) formada em direito pela Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1898 que se tornaria, em 29 de setembro de 1899, a primeira mulher brasileira a exercer publicamente a advocacia, assumindo a defesa de um réu num tribunal de júri: essa ocorrência abria caminho para um histórico parecer do Supremo Tribunal Federal que confirmava a disposição constitucional favorável ao livre exercício de todas as profissões pelos homens e pelas mulheres do Brasil (na primeira década do século XX a doutora Mirtes teria tentado ainda obter seu alistamento eleitoral, posicionando-se também a favor do divórcio e do aborto) — I(7):106; II(33):169-172, 173, 174-175 e 178; II(34):186-187; II(35):201-202; II(36):217 e 231.

CAMPOS, Narcisa Amália de Oliveira — v. AMÁLIA, Narcisa. □

Anexo IV

CAMPOS SALES, Manuel Ferraz de — v. SALES, Campos (Manuel Ferraz de Campos Sales). □

CANA, Freany, DOUTORA — médica indú, mencionada como exemplo de capacidade feminina — II(36):219.

CANDOLLE, Pyrame de (1778-1841) — botânico francês, nascido na Suíça, responsável pelo mapeamento da flora francesa — I(20):310.

CANEL, Eva — escritora espanhola (asturiana), nascida em meados do século XIX, radicada na Argentina, amiga de Júlia Lopes de Almeida e crítica do feminismo: tornou-se conhecida por suas crônicas (divulgadas pela imprensa, em sua maior parte, mas também reunidas no volume "Cosas del Otro Mundo", editado em Madri, em 1889), por seu trabalho em prol da Cruz Vermelha Internacional e por sua atuação como conferencista e dramaturga — II(36):239-240.

CANTO E MELO, Domitila de Castro — v. MARQUESA DE SANTOS. □

CANTÙ, Cesare (1804-1895) — político e escritor italiano (nascido na Lombardia), católico liberal, ativo participante da luta pela unificação da Itália: foi autor do romance patriótico "Margherita Pusterla" (1838) e de obras de divulgação histórica, entre elas uma célebre "História Universal", publicada entre 1838 e 1846, de grande voga nos países latinos — I(4):59.

CAPITÃO BLANCHET — v. BIANCHOT (ou BLANCHET), MONSIEUR. □

CAPITÃO DREYFUS — v. DREYFUS, Alfred, CAPITÃO. □

CARDONA, Ibrantina (Ibrantina Froidevaux de Oliveira Cardona, 1868-1956) — poetisa fluminense, educada no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, radicada no Estado de São Paulo a partir da última década do século XIX, colaboradora de "A Mensageira" — I(3):38-41, 45 e 48; I(5):72-76 e 76-78; I(6):96; I(7):105; I(12):182; I(22):343; II(25):13-16; II(27):71.

CARDOSO, Amélia (Amélia Cardoso Americano) — v. AMERICANO, Amélia Cardoso. □

CARMEN SYLVA (Rainha Isabel da Romênia) — v. SYLVA, Carmen. □

CARMO, Zenóbia do — escritora brasileira do final do século XIX (nordestina, provavelmente), mencionada por Cunha Mendes na "Revista do Brasil", em 1897 — I(3):45.

CARNEIRO, Antônio Ernesto Gomes, GENERAL (1846-1894) — militar brasileiro, voluntário da Guerra do Paraguai, morto em combate contra os federalistas, no governo de Floriano Peixoto — I(15):226.

CARNEIRO, Belarmino (1847- ?) — poeta pernambucano, deputado federal, redator do jornal carioca "O País", colaborador de "A Mensageira" — II(26):46; II(29):102 e 116; II(30):127-128; II(33):183; II(35):208 (sob o pseudônimo de C. BRUNETTO); II(36):229.

CARNEIRO, Dalila — filha de Belarmino Carneiro, nascida por volta de 1874, dedicatória de um poema do pai — II(30):127.

CARNEIRO, Júlio César de Moraes, PADRE (Padre Júlio Maria, 1850-1916) — padre secular fluminense que recebeu ordenação eclesiástica depois de enviuvar duas vezes e de bacharelar-se em direito pela Faculdade de São Paulo (1875); exerceu a advocacia e o jornalismo em território mineiro, mas a partir de 1892 desenvolveu incessante carreira de pregador itinerante, atuando em todos os Estados das regiões Sul e Sudeste do Brasil (antipositivista, identificado com propostas ultramontanas de restauração do poder da Igreja Católica, atraía numerosa audiência para seus sermões, envolvendo-se também em frequentes polêmicas) — I(20):319.

CARON, Anne — professora parisiense, habilitada pelo Liceu de Lisboa, mantenedora de um curso de língua portuguesa em Paris, no final do século XIX — II(27):69.

CARON, Hipólito Boaventura (1862-1892) — pintor fluminense, radicado em Minas: discípulo do alemão Johann Georg Grimm (1846-1887), notabilizou-se como exímio paisagista — I(9):144.

CARRASQUILLA, Ricardo (1827-1886) — conhecido educador e poeta colombiano, tradutor de Victor Hugo — II(27):63 e 64.



CARVALHO, Amâncio de, DOUTOR — médico baiano, professor de medicina legal, lente de história e legislação farmacêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47 e 48.

CARVALHO, Antônio dos Reis (pseudônimo: Oscar d'Alva, 1874-1946) — polígrafo maranhense, radicado no Rio de Janeiro, colaborador de "A Mensageira" — I(19):304; II(26):38; II(27):72; II(28):81.

CARVALHO, Blanche Xavier de — senhora francesa, esposa do jornalista português Xavier de Carvalho, representante da revista "A Mensageira" em Paris — I(7):112; I(24):384.

CARVALHO, Cândido de — v. CARVALHO, João Cândido de. □

CARVALHO, Domitília Hormizinda de Miranda (1871- ?) — primeira mulher portuguesa a cursar, na década de 1890, a Universidade de Coimbra (Faculdades de Matemática e de Filosofia): foi aluna brilhante da Faculdade de Medicina (licenciada em 1904), clinicando, lecionando em liceus femininos, publicando livros de prosa e poesia, proferindo conferências e elegendo-se deputada à Assembléia Nacional portuguesa nas legislaturas de 1934-1937 e 1938-1941 — I(22):352.

CARVALHO, Elisio de (1880-1925) — escritor alagoano radicado no Rio de Janeiro: crítico literário, tradutor de Oscar Wilde, autor de contos e crônicas que retratam o mesmo mundo boêmio e afetado descrito por João do Rio — II(27):70.

CARVALHO, João Evangelista Saião de Bulhões, DOUTOR (1852-1914) — advogado carioca, signatário (em 1899) de um parecer favorável ao exercício da advocacia por mulheres apresentado ao Instituto dos Advogados Brasileiros: em 1901 divulgará tese versando sobre a incapacidade civil da mulher e em 1904 estará presidindo o referido Instituto — II(33):184.

CARVALHO, João Cândido de (1868- ?) — poeta santista, colaborador de "A Mensageira" — I(9):140-141; I(10):158-159; I(11):163 e 172; I(12):179-180; I(13):208; I(15):237-238; I(16):256; I(17):259; I(21):324-325; II(28):95; II(30):119; II(34):196; II(35):216.

CARVALHO, João Paulo de, DOUTOR (1854-1905) — lente de fisiologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que assumiu, entre 1897 e 1903, a direção do Instituto dos Surdos-Mudos do Rio de Janeiro — I(5):69.

CARVALHO, Manuel Augusto de — jornalista estabelecido no Rio de Janeiro, vinculado (em 1898) ao "Diário Oficial" — I(14):224.

CARVALHO, Maria Amália Vaz de (pseudônimo: Valentina de Lucena, 1847-1921) — polígrafa de origem aristocrática, a mais popular mulher escritora portuguesa da virada do século: descendente direta do poeta quinhentista Francisco Sá de Miranda, foi criada no solar da família, nas proximidades de Lisboa, frequentado por literatos como Antônio Feliciano de Castilho, Tomás Ribeiro e Gonçalves Crespo (o poeta brasileiro, introdutor do parnasianismo em Portugal, com quem se casou em 1874); estreando com um poema editado em 1867, passou a partir daí a dedicar-se, ao longo de meio século, a uma produção essencialmente jornalística, abordando gêneros diversificados (contos, biografias, relatos de viagem, ensaios históricos, políticos e filosóficos, resenhas de crítica artística e literária, textos pedagógicos), produção em meio à qual interessam especialmente os livros "Mulheres e Crianças: Notas sobre a Educação" (lançado no Brasil em 1880, em Portugal em 1887), "Cartas a uma Noiva" (1896) e "As Nossas Filhas: Cartas às Mães" (1905), em que veicula um feminismo muito moderado, frequentemente dúbio e elitista; foi a segunda mulher a ser admitida (em 1912) à Academia de Ciências de Lisboa, precedida apenas pela filóloga tento-portuguesa Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) — I(7):100; I(16):251-252; I(18):285-286; I(20):316; I(21):321 e 335; I(22):347-348; II(27):69; II(30):120-121; II(31):133-139; II(35):216.

CARVALHO, Reis (Antônio dos Reis Carvalho) — v. CARVALHO, Antônio dos Reis. □

CARVALHO, Xavier de (1862-1919) — jornalista português (nascido em Lisboa), radicado em Paris, redator do periódico socialista "Revue du Brésil" e correspondente de jornais brasileiros ("Diário Popular", em São Paulo e "O País", no Rio de Janeiro), além de colaborador de "A Mensageira" — I(6):93; I(7):97-100; I(7):110 e 112; I(16):253; II(29):115; II(30):128-129.

CARVALHO ARANHA, Augusto Álvaro de — v. ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho. □

CARVALHO DE MORAIS, DOUTOR — v. MORAIS, Carvalho de, DOUTOR. □

CARVALHO MOURÃO, DOUTOR — v. MOURÃO, João Martins de Carvalho, DOUTOR. □

*Anexo IV*

CARVALHO SOARES, Ana Amália de — v. SOARES, Ana Amália de Carvalho. □

CASADO LIMA, Adélia Jucá — v. JUCÁ, Adélia. □

CASTELAR, Emilio (Emilio Castelar y Ripoll, 1832-1899) — político republicano e literato espanhol, romancista, ensaísta, cronista, professor de história e historiador, conhecido por seus dons de oratória — II(29):103.

CASTELO BRANCO, Camilo — v. BRANCO, Camilo Castelo. □

CASTELO BRANCO, G., DOUTOR — v. BRANCO, G. Castelo, DOUTOR. □

CASTILHO, Antônio Feliciano de (1800-1875) — poeta português da transição clássica-romântica, de enorme influência em Portugal e no Brasil de meados do século XIX: veiculador de idéias iluministas e socialistas utópicas, idealizou um método de alfabetização rápida, de "leitura repentina" ("Método Castilho"), de grande voga na época, especialmente depois de 1851, quando assumiu cargo equivalente ao de ministro da educação no governo "regenerador" imposto pelo Duque de Saldanha (neto do Marquês de Pombal) à rainha Maria II — II(29):98; II(32):162.

CASTILHOS, José Serafim de (apelidado Juca Tigre) — v. JUCA TIGRE. □

CASTRO, Amélia Machado Coelho de — v. VISCONDESSA DE CAVALCANTI. □

CASTRO, Antônio Bento de Sousa e, DOUTOR (1843-1898) — bacharel em direito paulistano que, assumindo a liderança do abolicionismo paulista pela época do falecimento de seu amigo Luís Gama (1830-1882), aderiu a métodos radicais, responsabilizando-se, direta ou indiretamente, pela fuga de milhares de escravos, encaminhados para o inexpugnável quilombo do Jabaquara (Cubatão) — II(28):89.

CASTRO, Clementino de, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):238.

CASTRO, Domitila de (Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos) — v. MARQUESA DE SANTOS. □

CASTRO, Gentil de, CORONEL — jornalista monarquista do Rio de Janeiro assassinado por um grupo de jacobinos, no início de 1897 (implicitamente mencionado num artigo de Damasceno Vieira) — I(22):341.

CASTRO, Inês de (c. 1320-1355) — dama espanhola (nascida na Galícia), mulher do futuro rei Pedro I de Portugal, assassinada com o consentimento do sogro (Afonso IV) e imortalizada por Camões no Canto III dos "Lusíadas" — II(32):163.

CASTRO, S. de — redator (em 1898) do periódico literário carioca "Revista Moderna" — I(20):320.

CASTRO, Viveiros de, DOUTOR (Doutor Francisco José Viveiros de Castro, 1862-1906) — polígrafo e magistrado maranhense, bacharelado em direito pela Faculdade do Recife, em 1883, cuja carreira desenvolveu-se na Capital Federal: em 29 de setembro de 1899, presidindo um tribunal de júri no Rio de Janeiro, assumiu a decisão histórica de permitir que o réu fosse defendido por uma mulher advogada (a recém-formada Mirtes de Campos), desafiando parecer contrário do Instituto dos Advogados Brasileiros; apesar de ter falecido precocemente, Viveiros de Castro deixou publicados diversos livros dos mais variados gêneros, sendo classificado (em necrológio publicado no "Almanaque Brasileiro Garnier" de 1908) "um dos espíritos mais cultivados da magistratura brasileira" — II(33):169-170, 175, 178 e 184; II(35):201-202.

CASTRO ALVES, Antônio Frederico de — v. ALVES, Antônio Frederico de Castro. □

CASTRO FONSECA, Adélia Josefina de — v. FONSECA, Adélia Josefina de Castro. □

CATANI, Giuseppina — professora de histologia, catedrática (no final do século XIX) da Faculdade de Medicina de Bolonha — II(35):204; II(36):219 e 222.

CATARINA DE MÉDICIS (Rainha da França, 1519-1589) — dama florentina, transformada em Rainha da França pelo casamento com Henrique II: exercendo o poder no reinado do filho, Carlos IX, tornou-se responsável pelo acirramento das hostilidades entre católicos e protestantes que culminaria com o massacre da Noite de São Bartolomeu, em 24 de agosto de 1572 (sendo, por esse motivo, alinhada com as maiores sanguinárias da história) — I(17):264.

- CATULLE-MENDÈS, Jane (1873- ? ) — filha de François-Victor Hugo (1828-1873) e, conseqüentemente, neta de Victor Hugo: foi a segunda esposa do escritor Abraham-Catulle Mendès; poetisa, visitou o Brasil no início do século XX (tendo como anfitriã a escritora Júlia Lopes de Almeida), proferindo em 24 de outubro de 1911, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, a conferência "Les femmes de lettres françaises" e publicando no ano seguinte, em Paris, um livro composto de 33 poemas laudatórios ("La Ville Merveilleuse: Rio de Janeiro"), tornando-se responsável pela atribuição da alcunha "Cidade Maravilhosa" ao Rio de Janeiro; no referido volume, um dos poemas mais extensos, "Méditation", é dedicado ao jornalista José Carlos Rodrigues, "Des fleurs ..." a Laurinda Santos Lobo, "La Fontaine Miraculeuse", a Júlia Lopes de Almeida, enquanto "Les Lucioles" dirige-se às "Mademoiselles Lopes de Almeida", isto é, às filhas adolescentes de Júlia Lopes, Lúcia (nascida em meados de 1899) e Margarida Lopes de Almeida (a futura declamadora e escultora, nascida em 1896) — II(30):125.
- CATULO (Gaius Valerius Catullus, c. 84-54 a. C.) — escritor latino, considerado o maior poeta lírico da Roma Antiga — II(25):3.
- CAUDOLLE (erro de transcrição) — v. CANDOLLE, Pyrame de. □
- CAUTANHEDA, Álvaro — aluno particular do pintor Antônio Parreiras, paisagista — I(3):36.
- CAVALCANTI, Aurélio (1874-1915) — pianista carioca, compositor de música ligeira (com valsas editadas no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898), "ídolo músico-dançante" da virada do século — I(13):207.
- CAVALCANTI, Júlia — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Cardona — I(3):40.
- CAVALCANTI, Luísa — v. GUIMARÃES, Luísa Cavalcanti (Luísa Cavalcanti Filha). □
- CAVALCANTI, VISCONDE DE — v. VISCONDE DE CAVALCANTI. □
- CAVALCANTI, VISCONDESSA DE — v. VISCONDESSA DE CAVALCANTI. □
- CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE, Diogo Velho — v. VISCONDE DE CAVALCANTI. □
- CAVALLOTTI, Felice (1842-1898) — célebre poeta italiano (nascido em Milão), autor de poemas épicos e de dramas em verso que o tornaram popularíssimo na Itália e no Brasil (o audacioso "scherzo poetico" em ato único "Il Cantico dei Cantici", que valeu a excomunhão do escritor, deveria ter sido musicado por seu amigo Carlos Gomes); garibaldino já na adolescência, socialista impetuoso, Cavallotti desenvolveu intensa atividade jornalística, elegendo-se deputado e tornando-se líder parlamentar da extrema esquerda italiana; sua morte em duelo com o deputado diretista Ferruccio Mâcola causou comoção nacional — I(16):252-254; I(21):336.
- CAVENTOU, Joseph-Bienaimé van (1795-1877) — farmacêutico francês, professor de toxicologia da Escola Superior de Farmácia de Paris: descobridor (com Pelletier) do quinino, em 1820 — I(20):311.
- CECÍLIA — leitora de "A Mensageira", residente em São Paulo, que tem sua carta respondida por Adelina Amélia Lopes Vieira, em meados de 1899 — II(28):81-84.
- CELESTINO, Antônio — escritor mineiro, autor do romance realista (ou naturalista) "O Padre Eusébio", homenageado pela edição para 1898 do "Almanaque do Município de Passos" — I(9):143.
- CÉLIA — colaboradora da revista chilena "La Mujer" (final do século XIX) — II(28):84-85.
- CELSO JÚNIOR, Afonso — v. FIGUEIREDO JÚNIOR, Afonso Celso de Assis. □
- CERVANTES (Miguel de Cervantes Saavedra, 1547-1616) — genial escritor espanhol autor do "Dom Quixote", considerado a obra máxima da literatura castelhana — II(27):62.
- CESALPINO, Andrea (1519-1603) — naturalista italiano, médico do papa Clemente VII, com pesquisas originais nas áreas de fisiologia animal, mineralogia e, principalmente, botânica: é considerado precursor de Lineu — I(20):310.
- CHATAIGNIER, F. — jornalista responsável pela direção do órgão satírico-literário "A Farpa", editado em Porto Alegre, em 1897-1898 — I(9):144.
- CHATEAUBRIAND, François-René (1768-1848) — prosador francês, de capital importância na transição clássico-romântica — I(20):316.

CHÂTEAUNEUF, Conde de (Honoré d'Urfé) — v. URFÉ, Honoré d'. □

CHAUVIN, Jeanne, MADEMOISELLE — jovem estudante de direito francesa que enfrentou, na Paris do início da década de 1890, franca animosidade tanto por parte dos colegas acadêmicos como dos professores que tentaram impedi-la de bacharelar-se: mesmo depois de sua diplomação, foi impedida de exercer a advocacia pela recusa de concederem-lhe o registro profissional (antecipando-se, com menor êxito, ao caso da brasileira Mirtes de Campos, que em 1899 conseguiu do juiz Viveiros de Castro autorização para defender um réu, à revelia de parecer contrário emitido pelo Instituto dos Advogados Brasileiros); segundo Jean Rabaut, Jeanne Chauvin só teve acesso à tribuna em 1907 — I(7):98 e 100.

CHÉLIGA, MADAME — v. CHÉLIGA, Marya. □

CHÉLIGA, Marya — escritora polonesa, radicada em Paris no final do século XIX, uma das mais ativas feministas da época: além de coordenar as associações de mulheres da Europa e de criar um "teatro feminista", organizou a edição especial da "Revue Encyclopédique" dedicada ao movimento feminista; foi colaboradora do periódico "La Revue Féministe" e do "Bulletin de l'Union Universelle des Femmes"; na última menção a seu nome na revista, Marya Chéliga aparece como "Madame Chéliga-Loewy", presente (ao lado do marido) ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Pardo Bazán (Paris, 1899); Jean Rabaut utiliza grafia diferente para seu nome de casada, "Chéliga-Loewy" — I(6):93; I(7):99 e 112; II(29):115-116.

CHÉLIGA-LOEVY, MONSIEUR — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899); trata-se do marido de Marya Chéliga — II(29):115-116.

CHIAFFARELLI, Luigi, PROFESSOR (1856-1923) — célebre professor de piano italiano, emigrado para o Brasil em 1885, radicado na capital paulista (onde se tornaria mestre de pianistas como Antonieta Rudge, Guiomar Novais, Menininha Lobo, Sousa Lima e Francisco Mignone); sua série de "Concertos Históricos" (da qual o 43º, realizado em dezembro de 1899, é reportado em "A Mensageira"), iniciada em 1895, atingirá 60 recitais na virada do século, a ela seguindo-se uma enorme série de "Saraus Musicais" realizados entre 1901 e 1913 — II(35):215-216.

CHOPIN, Frédéric-François (1810-1849) — genial compositor polonês, radicado na França, um dos principais ícones do romantismo musical — I(4):52; I(9):144; II(28):82.

CHOQUET, Louise-Victorine (Madame Ackermann) — v. ACKERMANN, MADAME. □

CHUECA, Federico (1848-1908) — compositor espanhol, autor de zarzuelas bem-sucedidas, implicitamente mencionado na alusão a sua obra mais famosa, a "revista madrilenha" intitulada "La Gran Vía" (de 1886) — I(21):330.

CISNEROS, Evangelina — moça cubana, nascida por volta de 1877, transformada em símbolo da resistência de Cuba ao colonialismo espanhol: filha de um revolucionário cubano, foi aprisionada em 1895, quando tentava fazer com que o pai fugisse da prisão; transformou-se também em protagonista de uma situação que veio evidenciar o enorme poder de mobilização alcançado pela imprensa no final do século XIX: assumindo a luta pela libertação da moça (cuja beleza era exaltada por desenhos amplamente divulgados), o ainda jovem William Randolph Hearst (1863-1951, o "Cidadão Kane" de Orson Welles) consegue polarizar a opinião das massas norte-americanas através de exaltadas reportagens publicadas em seu "New York Journal"; depois de esgotadas as tentativas de se obter por vias diplomáticas a libertação da Cisneros, Hearst leva a cabo um audacioso plano de resgate da jovem, que desembarca ileso no porto de Nova Iorque, em fins de 1897, em meio às manifestações de euforia da multidão convidada a recepcioná-la; dava-se officiosamente início, assim, à primeira grande intervenção norte-americana na América Central, concretizada poucas semanas depois na deflagração da guerra entre Espanha e EUA (1898) e na subsequente ocupação da ilha de Cuba pelas forças ianques (1899-1902) — I(9):130.

CLAINE, Gemandt, MADAME — prosadora feminista sueca do final do século XIX — I(13):206.

CLAPIERS, Luc de (Marquês de Vauvernagues) — v. VAUVERNAGUES, Marquês de. □

CLARA, Maria — v. SANTOS, Maria Clara da Cunha. □

CLARA CAMARÃO — v. CAMARÃO, Clara. □

CLARICE ou CLARISSE — autora ou tradutora do texto "Os Filhos" — I(11):172-174.

CLÁUDIO — v. COSTA, Cláudio Manuel da. □

CLÁUDIO, Gabriel (pseudônimo de Guiomar Torresão) — v. TORRESÃO, Guiomar. □

- CLEÓPATRA (69-30 a. C.) — rainha do Egito (sétima desse nome), descendente do general macedônio Ptolomeu; amante sucessivamente de Júlio César e de Marco Antônio, é apontada tradicionalmente como modelo de beleza e sedução — I(9):130.
- CLESER, Vera A. (pseudônimo de Verônica Schmidt) — educadora mineira, proprietária (em fins do século XIX) do colégio feminino Nossa Senhora da Conceição, de Juiz de Fora, autora do best seller "O Lar Doméstico: Conselhos para Boa Direção de uma Casa", cuja primeira edição saiu em Sabará, em 1898 (seguindo-se reedições no Rio de Janeiro, pela Livraria Francisco Alves, a partir de 1901) — II(26):41.
- CLOTILDE, Francisca** (Francisca Clotilde Barbosa Lima, 1862-1932) — escritora cearense, dedicada ao magistério, notável polígrafa (autora de um romance de sucesso, "A Divorciada", que escandalizou Fortaleza por ocasião de seu lançamento, em 1902), colaboradora de "A Mensageira" — I(3):45; I(22):343 e 346; II(32):158-159.
- CLOTILDE, PRINCESA — v. PRINCESA CLOTILDE. □
- CLOTILDE DE SABÓIA — v. PRINCESA CLOTILDE. □
- COARACY, Corina (Corina Henriqueta Alberta Lawe de Vivaldi, 1858-1892) — filha do missionário católico italiano Carlo Francesco Alberto de Vivaldi (naturalizado americano e nomeado cônsul da cidade paulista de Santos), de mãe norte-americana (Mary Frances Lawe), nasceu e faleceu nos EUA, mas cresceu em Santos e completou os estudos no Rio de Janeiro (como aluna brilhante, de canto, inclusive); colaboradora de periódicos cariocas editados pelo pai, casou-se em 1880 com o jornalista fluminense José Alves Visconti Coaracy, passando a assinar sua própria produção como Corina Coaracy ou "C. Cy." (cronista, contista, tradutora, autora de obras didáticas e teatróloga, há quem a considere "a primeira jornalista profissional do Brasil") — I(4):60.
- COELHO, Carlos — poeta (paraibano?) que teve um livro editado em São Paulo, por Carlos Gerke, em 1899 — II(29):116.
- COELHO, Latino (José Maria Latino Coelho, 1825-1891) — polígrafo português, político republicano, retórico notável cujo esmero no manejo do discurso situou-o como um dos mais notáveis cultores da língua portuguesa do século XIX — II(27):69; II(31):140.
- COELHO, Maria, DOUTORA (Doutora Maria Coelho da Silva Sobrinha) — integrante do grupo de quatro mulheres pernambucanas pioneiras que se graduaram pela Faculdade de Direito do Recife antes de 1890 (em 1888: Maria Coelho, Maria Fragoso, Delmira Secundina da Costa; em 1889: Maria Augusta Meira de Vasconcelos); apesar de sua prioridade como bacharel em direito, foi precedida no exercício efetivo da advocacia pela doutora Mirtes de Campos (primeira mulher brasileira a atuar num tribunal de júri, no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1899, sessão à qual a própria Maria Coelho esteve presente); dias depois, em 9 de outubro, estreou também ela, autorizada pelo mesmo juiz da Capital Federal, Francisco José Vieiros de Castro — I(7):106; II(33):184; II(34):187; II(35):201-202 e 214.
- COELHO, Maria Luísa — dedicatária (em 1897) de um texto de Maria Clara da Cunha Santos — I(3):44.
- COELHO, Nicolau — navegador português, comandante de uma das naus da frota de Vasco da Gama na primeira viagem à Índia (1497-1498) — I(16):249 e 251.
- COELHO DE CASTRO, Amélia Machado — v. VISCONDESSA DE CAVALCANTI. □
- COELHO NETO, Henrique Maximiano (1864-1934) — polígrafo maranhense, de extraordinária fecundidade (romancista notável), radicado no Rio de Janeiro, estimadíssimo por seus contemporâneos; chegou a presidir a Academia Brasileira de Letras (da qual foi membro fundador em 1897) entre 1926 e 1934 e a ser indicado para o Prêmio Nobel de Literatura, em 1932 — I(7):103; I(19):304; I(22):345 e 348-350; II(28):76; II(33):173-174.
- COIMBRA, Figueiredo (Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra, 1866-1899) — poeta e teatrólogo carioca, autor e tradutor de peças teatrais e de revistas musicais do final do século XIX — II(28):89.
- COIMBRA, João — navegador português do século XV, piloto da frota de Vasco da Gama — I(16):249.
- COLERIDGE, C. — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.
- COLL, Jacinto Gutiérrez (1836-1901) — poeta venezuelano, tradutor de Victor Hugo — II(27):62, 63 e 63-64.

Anexo IV

COLOMBO, Cristóvão (Cristoforo Colombo, c. 1450-1506) — navegador genovês a serviço da coroa espanhola, "descobridor da América" em 1492, um dos ícones mais caros do positivismo e dos ideólogos da "livre empresa" — I(1):12 e 13.

COMERT, Marguerite — jovem poetisa francesa que teria se revelado em 1899 com a publicação de sua primeira antologia poética — II(28):80.

COMTE, Auguste (1798-1857) — filósofo francês cuja sistematização do pensamento cientificista do Oitocentos teve grande voga na Europa, em meados do século XIX (influência que se estenderá, no Brasil, até o início do século XX) — II(25):4; II(31):141; II(36):236.

CONDE ANTONELLI — v. ANTONELLI, Pietro, CONDE. □

CONDE DA VIDIGUEIRA (Vasco da Gama) — v. GAMA, Vasco da. □

CONDE DE AFONSO CELSO — v. FIGUEIREDO JÚNIOR, Afonso Celso de Assis. □

CONDE DE ARNOSO (Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1855-1911) — prosador português, filho do visconde de Pindela (João Machado Pinheiro) — II(32):164.

CONDE DE ASSUMAR (Pedro Miguel de Almeida e Portugal, 1688-1733) — governador da capitania de São Paulo e Minas Gerais entre 1717 e 1721: em 1720 sufocou a rebelião liderada por Filipe dos Santos, em Ouro Preto — I(6):91.

CONDE DE CHÂTEAUNEUF (Honoré d'Urfé) — v. URFÉ, Honoré d'. □

CONDE DE KÉRATRY (Émile de Kératry, 1832-1905) — político e militar francês, autor de comédias e de textos memorialísticos — II(29):115.

CONDE DE LA FAYETTE — v. LA FAYETTE, CONDE DE. □

CONDE DE SOLMS — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):115.

CONDE DE VILLIERS DE L'ISLE-ADAM — v. VILLIERS DE L'ISLE ADAM, Auguste. □

CONDÉ, PRÍNCIPE DE — v. PRÍNCIPE DE CONDÉ. □

CONDESSA D'AGOULT — v. D'AGOULT, MADAME. □

CONDESSA DE ABERDEEN (Ishbel Maria Marjoribanks, Lady Aberdeen, 1847- ? ) — dama britânica, designada "Isabelle d'Aberdeen" pelos franceses, conhecida por sua atuação filantrópica e feminista: filha de Lord Tweedmouth, casada desde 1877 com John Campbell Gordon, sexto conde de Aberdeen (1847-1934), Lady Aberdeen presidiu o Congresso Internacional de Mulheres realizado em meados de 1899, em Londres (II Reunião Internacional do ICW, International Council of Women) — II(31):133.

CONDESSA DE FLAHAUT (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □

CONDESSA DE LA FAYETTE — v. LA FAYETTE, MADAME DE. □

CONDESSA DO ALTO MEARIM (Emília de Labourdonnay Gonçalves Roque, c. 1854- ? ) — artista plástica brasileira, filha do visconde do Rio Vez (Boaventura Gonçalves Roque), casada com o conde do Alto Mearim (José João Martins de Pinho, 1848-1900), com pinturas expostas no Salão de Paris de 1898, juntamente com obras de sua irmã mais velha, a viscondessa de Sistelo, Júlia de Labourdonnay Gonçalves Roque, nascida em 1853 (notar que a irmã mais nova, Isabel de Labourdonnay Gonçalves Roque, 1855-1888, também ela pintora laureada, foi a primeira esposa do conde do Alto Mearim, que só se casou com Emília já viúvo, em 1894) — I(18):286.

CONDESSA RATTAZZI (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Condessa Rattazzi ou Madame Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □

CONDESTÁVEL DE HUNTRUSSENCY — personalidade apontada como figura histórica digna de imitação num inquérito realizado pela "Revue des Revues" em 1899 — II(30):126.

- CONDORCET, MARQUÊS DE (Marie-Jean-Antoine-Nicolas Caritat, 1743-1794) — filósofo, matemático e político francês, colaborador da Enciclopédia, teórico da concepção iluminista (otimista) da história — II(36):221.
- CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO (João Alfredo Correia de Oliveira) — v. ALFREDO, João, CONSELHEIRO. □
- CONSTANTINOVA, Olga (Rainha da Grécia, 1851-1926) — filha do Grão-Duque Constantin (e, conseqüentemente, prima do último czar russo, Nicolau II); tornou-se rainha da Grécia pelo casamento com o rei grego Jorge I (1845-1913) — I(23):368.
- CORDAY, Charlotte (1768-1793) — jovem francesa pertencente à facção dos girondinos, responsável pela eliminação de Jean-Paul Marat, condenada à guilhotina — I(3):33, 34 e 35; I(14):223-224; I(20):308.
- CORNÉLIA — matrona romana do século II a. C., filha de Cipião, o Africano: tendo enviuvado, recusou-se a assumir funções públicas ou a casar-se novamente, para dedicar-se com exclusividade à educação dos filhos (dos quais se salientaram Caio Graco e Tibério Graco) — I(3):34 e 35; I(16):242.
- CORNELIUS AGRIPPA VON METTELSHEIM (erro de grafia) — v. NETTESHEIM, Cornelius Agrippa von. □
- CORONEL BORBA — militar argentino assassinado (em meados do século XIX) por ordem do ditador Rosas — II(28):94.
- CORONEL FERNANDO PRESTES — v. ALBUQUERQUE, Fernando Prestes de, CORONEL. □
- CORREIA, Ernesto (João Ernesto Correia) — escritor mineiro homenageado pela edição de 1898 do "Almanaque do Município de Passos" — I(9):143.
- CORREIA, Raimundo (Raimundo da Mota de Azevedo Correia, 1859-1911) — poeta maranhense, bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1882, juiz de carreira estabelecido em Minas Gerais nos anos 1890: compõe, com Alberto de Oliveira e Olavo Bilac, o mais excelso trio de poetas parnasianos do Brasil, havendo quem o considere superior (em conteúdo) aos outros dois — I(2):24; I(16):243 e 254; II(27):69.
- CORREIA, Raul** — poeta (pernambucano?) estabelecido em Recife, colaborador de "A Mensageira" — II(31):145.
- CORREIA DE ALMEIDA, PADRE — v. ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE. □
- CORTINES, Júlia** (Júlia Cortines Laxe, 1863-1948) — poetisa e cronista fluminense, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1 e 11; I(2):32; I(4):61; I(5):73 e 76; I(6):95; I(7):101 e 105; I(10):156, 157 e 159-160; I(12):182; I(13):204; II(26):45; II(27):72; II(28):96.
- COSTA, Américo da — compositor de música ligeira, autor de uma valsa editada no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898 — I(13):207.
- COSTA, Batista da (João Batista da Costa) — v. COSTA, João Batista da. □
- COSTA, Cláudio Manuel da (1729-1789) — poeta arcádico mineiro, com estudos superiores na Universidade de Coimbra: envolvido na Inconfidência Mineira, matou-se (ou foi assassinado) quando se encontrava encarcerado em Ouro Preto — I(17):270.
- COSTA, Delmira (Delmira Secundina da Costa, c. 1865- ?) — integrante do grupo de três moças pernambucanas que compõem o lote de primeiras mulheres brasileiras formadas em advocacia (Faculdade de Direito do Recife, 1888), ao qual também pertenceram Maria Coelho e Maria Fragoso — I(7):106.
- COSTA, E. Suzana S. — dedicatória de um poema da alagoana Maria Jucá — I(14):223.
- COSTA, Elisena Brasilina — farmacêutica mineira diplomada pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (final do século XIX) — I(7):106.
- COSTA, Inês Álvares da — farmacêutica mineira diplomada pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (final do século XIX) — I(7):106.
- COSTA, João Batista da (1865-1926) — pintor fluminense, apreciado como paisagista, aperfeiçoado em Paris: de volta ao Brasil, tornou-se professor da Escola Nacional de Belas-Artes, por ele dirigido de 1915 até 1926 — II(30):120.

Anexo IV

COSTA MACHADO, DOUTOR — v. MACHADO, Costa, DOUTOR. □

COTEGIPE, BARÃO DE — v. BARÃO DE COTEGIPE. □

COURCELLES, Anne-Thérèse de Marguenat de — v. MARQUESA DE LAMBERT. □

COURMELLES, Faveau de, DOUTOR — escritor francês que teria publicado, no final do século XIX, um livro enumerando as mulheres contemporâneas que se notabilizaram nos mais diferentes campos de atuação profissional — II(36):219.

COUTURE, Thomas (1815-1879) — pintor francês dedicado, em sua última fase artística, à elaboração de retratos muito apreciados — II(28):93.

COVENTU (erro de transcrição) — v. CAVENTOU, Joseph-Bienaimé van. □

CRESPO, Gonçalves (Antônio Cândido Gonçalves Crespo, 1846-1883) — poeta carioca, bacharelado em direito pela Universidade de Coimbra, considerado o introdutor da estética parnasiana em Portugal: naturalizando-se português e dedicando-se ao jornalismo em Lisboa, fez carreira política; apesar de ter morrido com apenas 37 anos e de ter se casado com quase 30 anos, chegou a ter três filhos com a conhecida polígrafa lusitana Maria Amália Vaz de Carvalho — I(8):114.

CRISTO, Jesus (Jesus de Nazaré) — v. JESUS CRISTO. □

CRULS, Luís (Louis-Ferdinand Cruls, 1848-1908) — engenheiro militar, geógrafo e astrônomo nascido na Bélgica, radicado no Brasil desde 1874: primeiro astrônomo do nosso Observatório Nacional, comandou em 1892 a famosa Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (é pai do escritor Gastão Cruls, 1888-1959) — II(26):42.

CRUZ E SOUSA, João da — v. SOUSA, João da Cruz e. □

CRUZAT, Leonor Urzúa, DOUTORA — senhora chilena vinculada a uma academia de mulheres escritoras presidida por Mercedes Maria del Solar: no final do século XIX era diretora da revista "La Mujer" (editada na cidade interiorana de Curicó, situada ao sul de Santiago), que seria, na época, o único periódico literário feminino de seu país — I(16):255; II(27):62 e 70.

CSIKY, Gergoly (1842-1891) — conhecido romancista e dramaturgo húngaro, autor de obras vigorosas que retratam a sociedade de seu tempo — II(26):44.

CUBAS, Brás (pseudônimo de um redator do "Correio de Minas", de Juiz de Fora) — II(27):72.

CUNHA, Afonso Vieira da — primo da cronista Maria Clara da Cunha Santos, residente em Santos — I(15):228.

CUNHA, Ângela da (pseudônimo: Brasiliana) — romancista brasileira que teria residido em Campinas e aí publicado, na imprensa local (por volta de 1880) dois "romances de costumes nacionais" — I(10):156.

CUNHA, Artur Augusto Bahia da — v. BAHIA, Artur. □

CUNHA, B. da — crítico literário (pernambucano, provavelmente), colaborador de "A Mensageira" — II(25):13-16.

CUNHA, Clara Maria Vilhena da (Clara Maria da Cunha Fonseca, "Clarinha") — dedicatária de um conto de Maria Clara da Cunha Santos (cujo nome de solteira era Maria Clara Vilhena da Cunha): notar que, conforme a genealogia da família apresentada por Aureliano Leite, Clara é nome de ocorrência comum nesse clã mineiro; mas esta Clara Maria corresponde a uma das irmãs mais novas de Maria Clara — II(28):77.

CUNHA, Damiana da — índia caiapó nascida no final do século XVIII e falecida em 1831: criada e batizada por colonizadores, tornou-se catequizadora, pacificando indígenas de Goiás e Mato Grosso — I(1):2.

CUNHA, Isbela da (Isbela da Cunha Carvalho) — dedicatária de um outro conto de Maria Clara da Cunha Santos (trata-se de uma prima em segundo grau da contista: as avós de ambas são irmãs) — I(1):6.

CUNHA, Ismênia da — personagem do conto-crônica "O Juca da Generosa", de Maria Clara da Cunha Santos (trata-se de uma prima em primeiro grau da contista: as mães de ambas são irmãs) — I(14):217.



- CUNHA, Laia da — prima da cronista Maria Clara da Cunha Santos, residente em Santos — I(15):228.
- CUNHA, Leitão da, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- CUNHA, Lídia da (Lídia da Cunha Cox) — dedicatária de um conto de Maria Clara da Cunha Santos, "Golpe Certo" (trata-se de uma irmã da contista) — I(19):292.
- CUNHA, Maria Clara da (ou Maria Clara Vilhena da Cunha) — v. SANTOS, Maria Clara da Cunha. □
- CUNHA, Ofélia da (Ofélia da Cunha Belham) — dedicatária do conto "Um Caso Verdadeiro", de Maria Clara da Cunha Santos (trata-se de uma outra irmã da contista) — I(22):337.
- CUNHA MENDES — v. MENDES, Antônio da Cunha. □
- CURCHOD, Suzanne (Madame Necker) — v. NECKER, MADAME. □
- CUSTÓDIO DE MELO — v. MELO, Custódio José de. □
- D'AGOULT, MADAME (Marie de Flavigny, Condessa d'Agoult, pseudônimo: Daniel Stern, 1805-1876) — uma das mais conhecidas escritoras francesas (nascida na Alemanha) da primeira metade do século XIX: versada em arte, história e filosofia, amiga de George Sand, foi romancista, ensaísta e cronista (revolucionária militante em 1848); abandonou o primeiro marido (Conde d'Agoult) para seguir o pianista e compositor Franz Liszt em suas perambulações pela Europa (uma das filhas que tiveram, Cósima, se tornaria mulher de Richard Wagner) — I(2):29.
- DALILA (Dalila Carneiro) — v. CARNEIRO, Dalila. □
- D'ALVA, Oscar (pseudônimo de Antônio dos Reis Carvalho) — v. CARVALHO, Antônio dos Reis. □
- DANTE (Dante Alighieri) — v. ALIGHIERI, Dante. □
- D'ARC, Joana — v. SANTA JOANA. □
- DARDEAU, Selika — dedicatária (carioca, presume-se) de um soneto de Áurea Pires datado de 1897: o prenome "Selika" (da heroína que protagoniza a ópera "L'Africaine", de Meyerbeer, estreada em Paris em 1865 e no Rio de Janeiro em 1870) serve para situar o nascimento dessa jovem por volta de 1870 — I(21):324.
- DARWIN, Charles (1809-1882) — notável naturalista inglês: a divulgação de sua teoria evolucionista, a partir de 1859, teve enorme repercussão no pensamento ocidental da segunda metade do século XIX (influenciando profundamente as concepções de filósofos como Herbert Spencer e Ernst Haeckel) — I(17):265.
- D'ATRI, Alexandre (Alessandro D'Atri) — escritor socialista italiano, diretor da publicação doutrinária "La Favilla" (da cidade de Mântua) na década de 1880 e editor da "Revue du Brésil" (de Paris) nos anos 1890: amigo e correligionário do jornalista português Xavier de Carvalho, D'Atri esteve no Brasil por diversas vezes (na primeira delas, em 1887, investigando denúncias de maus tratos aos imigrantes italianos, remeteu aos jornais italianos relatos favoráveis, contribuindo para o incremento no embarque de novas levas para o Brasil), publicando na Europa duas obras de especial interesse para a bibliografia brasilianista de sua época, "Uomini e cose del Brasile: Descrizione dei viaggi compiuti negli anni 1894 e 1895" (Nápoles, 1895-1896) e "L'État de São Paulo et le renouvellement économique de l'Europe" (Paris, 1926) — I(16):253; II(29):115.
- DAUDET, Alphonse (1840-1897) — célebre escritor realista francês (poeta, romancista, contista, cronista, teatrólogo e memorialista notável): entre seus romances encontra-se "Sapho" (de 1884), que é ambientado na Paris do final do século XIX (não se referindo à poetisa da Grécia Antiga) — I(6):82-83; II(25):4.
- DAUDET, Léon (1867-1942) — polígrafo francês, filho do casal de escritores Alphonse Daudet e Julie Allard Daudet: substituiu o pai na Academia Goncourt em 1897, mas por essa época já estava separado da primeira esposa, Jeanne Hugo (neta de Victor Hugo, filha de Charles-Victor Hugo), com quem só foi casado entre 1891 e 1895 — I(6):83.
- DAUDET, MADAME (Julie Allard Daudet, pseudônimo: Karl Steen, 1844-1940) — polígrafa francesa, colaboradora do marido (Alphonse Daudet) e autora, ela própria, de obras de sucesso — I(6):83.
- DAVI — rei de Judá e Israel que teria vivido por volta do ano 1000 a. C., sucessor de Saul: os evangelhos de Mateus e de Lucas fornecem genealogias que o situam como ascendente direto de Jesus Cristo — I(13):203.

Anexo IV

D'ÁVILA, João Ribas — v. ÁVILA, João Ribas d'. □

DA VINCI, Leonardo (1452-1519) — genial artista plástico, músico e cientista italiano que personificou os principais atributos do Renascimento: em 1898 comemorou-se o quarto centenário do completamento de seu afresco "A Última Ceia" (que corresponde à imagem sacra mais reproduzida de toda a história ocidental) — II(27):59-60.

D'AZEVEDO, João — v. AZEVEDO, João de. □

DE AMICIS, Edmondo — v. AMICIS, Edmondo de. □

DE COURCELLES, Anne-Thérèse de Marguenat — v. MARQUESA DE LAMBERT. □

DE GARDO, Maria — v. SERAO, Matilde. □

DEJÉRINE, MADAME — v. KLUMPKE-DEJÉRINE, Augusta. □

DE LA FAYETTE — v. LA FAYETTE, MADAME DE. □

DELAUNAY, Charles-Eugène (1816-1872) — astrônomo francês — II(31):141.

DE LA VERGNE, Marc — v. LA VERGNE, Marc. □

DELAVILLE, Camille — escritora parisiense nascida por volta de 1830, cronista, contista, romancista e conferencista de sucesso na Europa dos anos 1870-1880: filha de uma enjeitada que fora adotada pela família do conhecido pintor Charles Delaville, casou-se aos 16 anos, tendo duas filhas logo em seguida, mas decidindo-se pela separação e pelo divórcio, em função dos maltratos que o marido lhe infligia; desde a juventude, portanto, subsiste graças a seu trabalho de escritora, através do qual denuncia (com humor e ironia) a convivência com a opressão feminina exercida pela anacrônica legislação francesa (dados obtidos a partir dos apontamentos autobiográficos fornecidos pela escritora à portuguesa Guiomar Torresão) — II(28):76.

DÉLIA (pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann) — v. BORMANN, Maria Benedita Câmara. □

DELILLE, Jacques (1738-1813) — poeta francês, latinista afamado, tradutor de Safo — II(25):3; II(35):209.

DE L'ISLE-ADAM, VILLIERS — v. VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste. □

DELPINO, Alberto — desenhista atuante na imprensa carioca: segundo Gondin da Fonseca, ilustrou a revista "O Tagarela", entre 1902 e 1904 — I(9):144.

DEMANGE, Charles-Gabriel-Edgar, DOUTOR (1841-1925) — conhecido advogado francês, celebrado por sua tenaz atuação como defensor de Alfred Dreyfus — II(34):200.

DERVOUD, MADAME — v. MADAME DERVOUD. □

DESCARTES, René (1596-1650) — filósofo e matemático francês, cujas reflexões em torno da metodologia especulativa forneceram as bases do racionalismo moderno — I(18):277; II(25):24; II(30):125.

DESFAURE, MADAME — educadora francesa, continuadora do trabalho de profissionalização feminina iniciado em meados do século XIX por Elisa Lemonnier — I(15):239.

DESMOULINS, Camille (1760-1794) — jornalista e político revolucionário francês, secretário de Danton, caiu em desgraça juntamente com os dantonistas: teve sua prisão determinada por Robespierre, sendo condenado à guilhotina em julgamento sumário — I(20):308.

DESMOULINS, Lucile (1771-1794) — esposa de Camille Desmoulins, protestou contra as arbitrariedades de Robespierre: acusada de cumplicidade, foi presa, julgada e guilhotinada uma semana depois da execução do marido — I(20):308.

DEUS, João de (João de Deus Ramos) — v. RAMOS, João de Deus. □

DÍAS, Antonieta — v. MORPURGO, Antonieta César Dias. □

- DIAS, Antônio Gonçalves (1823-1864) — poeta maranhense, bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, diplomata do Império: celebrado pela utilização feliz da temática indianista e pela musicalidade de seus versos, é considerado o "poeta nacional" por excelência pelo corpo de colaboradores e colaboradoras de "A Mensageira" — I(3):35 e 45-48; I(7):109; I(19):295.
- DIAS, Bartolomeu (c. 1450-1500) — navegador português do século XV, antecessor de Vasco da Gama — I(1):12; I(16):249 e 250.
- DIAS, Diogo — funcionário da coroa portuguesa, escrivão da armada de Vasco da Gama — I(16):249.
- DIAS, Gonçalves — v. DIAS, Antônio Gonçalves. □
- DIAS, Teófilo (1857-1889) — poeta maranhense (sobrinho de Antônio Gonçalves Dias): transferiu-se para o Rio de Janeiro (onde conviveu com os maiores literatos brasileiros dos anos 1870), mas acabou se mudando para a capital paulista, onde cursou a Faculdade de Direito entre 1877 e 1881 e se casou com moça da família Andrada; político liberal, republicano e materialista, aderiu ao anti-romantismo do final dos anos 70, sendo considerado precursor da estética parnasiana no Brasil — II(27):70.
- DICKINS, W. — escritora norte-americana falecida em 1899, num incêndio — II(32):167.
- DINARTE, Sílvio (pseudônimo juvenil do Visconde de Taunay) — v. VISCONDE DE TAUNAY. □
- DINIS, Júlio (pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, 1839-1871) — escritor português, conhecido principalmente por seus romances de extraordinária popularidade, representante da estética de transição entre romantismo e realismo — I(10):157.
- DIOCLECIANO (245-313 d. C.) — imperador romano, cujo trabalho de reorganização administrativa é empanado pela feroz perseguição aos cristãos que caracterizou seus últimos anos de governo, fazendo com que seu nome se transformasse na própria personificação da intolerância — I(8):121.
- DIÓGENES — filósofo grego do século IV a. C., discípulo de Antístenes (fundador da escola cínica), conhecido pelas passagens anedóticas que enfatizam seu desprezo pelas convenções sociais — I(23):357.
- DOM BIBAS (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.
- DOMINGOS, SÃO — v. SÃO DOMINGOS. □
- DÓRIA, Franklin Américo de Meneses (Barão de Loreto) — v. BARÃO DE LORETO. □
- DOUTOR ANTÔNIO BENTO (Doutor Antônio Bento de Sousa e Castro) — v. CASTRO, Antônio Bento de Sousa e, DOUTOR. □
- DOUTOR AUGUSTO DE ALMEIDA — v. ALMEIDA, Augusto de, DOUTOR. □
- DOUTOR BATISTA PEREIRA — v. PEREIRA, João Batista, DOUTOR. □
- DOUTOR BIAS FORTES — v. BIAS FORTES, DOUTOR. □
- DOUTOR BRASIL SILVADO — v. SILVADO, João Brasil, DOUTOR. □
- DOUTOR BRÁULIO GOMES — v. GOMES, Bráulio, DOUTOR. □
- DOUTOR BURLAMÁQUI MOURA — v. MOURA, Burlamáqui, DOUTOR. □
- DOUTOR CARVALHO DE MORAIS — v. MORAIS, Carvalho de, DOUTOR. □
- DOUTOR CARVALHO MOURÃO — v. MOURÃO, João Martins de Carvalho, DOUTOR. □
- DOUTOR CORDEIRO DA GRAÇA — v. GRAÇA, Cordeiro da, DOUTOR. □
- DOUTOR COSTA MACHADO — v. MACHADO, Costa, DOUTOR. □
- DOUTOR DEMANGE — v. DEMANGE, DOUTOR. □

*Anexo IV*

- DOUTOR FAVEAU DE COURMELLES — v. COURMELLES, Faveau de, DOUTOR. □
- DOUTOR FERNANDES PINHEIRO — v. PINHEIRO, Fernandes, DOUTOR. □
- DOUTOR HORTA DE ARAÚJO — v. ARAÚJO, Horta de, DOUTOR. □
- DOUTOR JOÃO PAULO — v. CARVALHO, João Paulo de, DOUTOR. □
- DOUTOR LEITÃO DA CUNHA — v. CUNHA, Leitão da, DOUTOR. □
- DOUTOR LEITE VELHO — v. VELHO, Leite, DOUTOR. □
- DOUTOR MANUEL EMÍDIO GARCIA — v. GARCIA, Manuel Emídio. □
- DOUTOR MARCONDES — v. MARCONDES, DOUTOR. □
- DOUTOR MARTIN — v. MARTIN, DOUTOR. □
- DOUTOR MELO MATOS — v. MATOS, Melo, DOUTOR. □
- DOUTOR MENESES VIEIRA — v. VIEIRA, Meneses, DOUTOR. □
- DOUTOR MONCORVO FILHO (Doutor Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo Filho) — v. MONCORVO FILHO, DOUTOR. □
- DOUTOR MONTEIRO DE B. LIMA — v. LIMA, Monteiro de Barros, DOUTOR. □
- DOUTOR MONTENEGRO — v. MONTENEGRO, DOUTOR. □
- DOUTOR PEREIRA DOS SANTOS — v. SANTOS, Pereira dos, DOUTOR. □
- DOUTOR PEREIRA GUIMARÃES — v. GUIMARÃES, Pereira, DOUTOR. □
- DOUTOR PINTO LIMA — v. LIMA, Pinto, DOUTOR. □
- DOUTOR RODRIGUES VIEIRA — v. VIEIRA, Rodrigues, DOUTOR. □
- DOUTOR SAMPAIO VIANA — v. VIANA, Sampaio, DOUTOR. □
- DOUTOR SÁ VIANA — v. VIANA, Sá, DOUTOR. □
- DOUTOR SIZÍNIO PONTES — v. PONTES, Sizinio, DOUTOR. □
- DOUTOR TÁVORA — v. TÁVORA, DOUTOR. □
- DOUTOR TEIXEIRA ALVES — v. ALVES, Teixeira, DOUTOR. □
- DOUTOR THULIÉ — v. THULIÉ, DOUTOR. □
- DOUTOR VERGUEIRO STEIDEL — v. STEIDEL, Vergueiro, DOUTOR. □
- DOUTOR VIVEIROS DE CASTRO — v. CASTRO, Viveiros de, DOUTOR. □
- DOUTORA ALETTA H. JACOBS — v. JACOBS, Aletta H., DOUTORA. □
- DOUTORA MACKENSOTH — v. MACKENSOTH, DOUTORA. □
- DOUTORA MARIA COELHO — v. COELHO, Maria, DOUTORA. □
- DOUTORA MARIA RENNOTTE — v. RENNOTTE, Maria, DOUTORA. □
- DOUTORA MIRTES DE CAMPOS — v. CAMPOS, Mirtes de, DOUTORA. □

- DREYFUS, Alfred, CAPITÃO (1859-1935) — oficial de artilharia do exército francês, alsaciano de origem judaica, julgado por uma corte marcial em fins de 1894, com base numa carta forjada que o incriminava como traidor, condenado à prisão perpétua, foi transferido para a Ilha do Diabo (localizada na costa da Guiana Francesa) no início de 1895, cumprindo pena até 1899, quando foi levado de volta para novo julgamento na França, disto resultando o abrandamento da pena e a iniciativa da Presidência da República em anistiá-lo, no final desse mesmo ano: a reabilitação definitiva só veio em 1906, depois que o "affaire Dreyfus" tinha dividido a França em duas facções inconciliáveis, a dos "anti-Dreyfusards" (direitistas, ultramontanos, militaristas, xenófobos e anti-semitas, adeptos do autoritarismo) e dos "Dreyfusards" (esquerdistas, anticlericais, republicanos, socialistas, pacifistas e internacionalistas, representantes das forças democráticas), estes últimos liderados por Émile Zola, num episódio que serviu para demonstrar a extraordinária capacidade de mobilização assumida pela imprensa do final do século XIX, como também num marco do engajamento do intelectual contemporâneo, comparável à campanha pró-Timor Leste encetada por Noam Chomsky nos nossos dias — I(5):67-68; I(11):163 e 168; II(27):50; II(30):132; II(34):200.
- DREYFUS, MADAME — esposa do capitão Dreyfus, que se manteve fiel à convicção de inocência do marido, colaborando com o cunhado (Mathieu Dreyfus), com o advogado Demange e com o escritor Zola, na mobilização da opinião pública rumo à revisão do processo que condenara o militar inocente à prisão perpétua, em 1894 — I(5):67-68; II(27):49 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato de Madame Dreyfus) e 50; II(28):96; II(30):132; II(33):183.
- DUARTE, Prisciliana — v. ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. □
- DUARTE DE ALMEIDA, Bolívar — v. ALMEIDA, Bolívar Duarte de. □
- DUARTE DE ALMEIDA, Leandro — v. ALMEIDA, Leandro Duarte de. □
- DUARTE DE ALMEIDA, Prisciliana — v. ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. □
- DUARTE FEITOSA, Maria Honória — v. FEITOSA, Maria Honória Duarte. □
- DUARTE JÚNIOR, Joaquim Roberto — irmão mais velho e companheiro de infância de Prisciliana Duarte de Almeida (dedicatário implícito do soneto "Nênia"), falecido no início da década de 1890 — I(5):79.
- DUCHARTRE, Pierre (Pierre-Étienne-Simon Duchartre, 1811-1894) — botânico francês, professor de botânica da Faculdade de Ciências de Paris: chegou a presidir a Academia de Ciências francesa no final do século XIX — I(20):311 e 312.
- DUHAMEL DU MONCEAU, Henri-Louis (1700-1782) — botânico e engenheiro francês, precursor da moderna fisiologia vegetal — I(20):310.
- DUMAS FILHO, Alexandre (1824-1895) — escritor realista francês, filho do célebre romancista Alexandre Dumas (1802-1870), autor de romances e de peças de teatro em que desenvolveu teses que tiveram grande repercussão na segunda metade do século XIX: apesar do contexto moralista em que se inserem seus escritos, Dumas Filho pode ser considerado um feminista, pelo caráter de questionamento sistemático das contradições e dos anacronismos que comprometem a atuação da mulher no mundo contemporâneo — I(10):155; II(28):75.
- DUQUE DE LA ROCHEFOUCAULD — v. LA ROCHEFOUCAULD. □
- DUQUE DE TARENTO — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):115.
- DUQUESA DE CAJANELLO (Anne Charlotte Edgren-Leffler) — v. EDGREN-LEFFLER, Anne Charlotte. □
- DUQUESA DE MONTPENSIER (Anne-Marie-Louise d'Orléans, Mademoiselle de Montpensier, "Grande Mademoiselle") — v. MONTPENSIER, MADEMOISELLE DE. □
- DUQUESA DE SUTHERLAND — participante do Congresso Internacional de Mulheres realizado em meados de 1899, em Londres (II Reunião Internacional do ICW, International Council of Women) — II(31):133 e 138.
- DURAND, Alice Fleury (pseudônimo: Henry Gréville, 1842-1902) — escritora francesa (nascida em Paris), criada na Rússia, autora de grande número de romances de sucesso, vários deles adaptados para o teatro: a "Collection Nelson", de "chefs-d'oeuvre de la littérature" manteve disponível até meados do século XX uma das primeiras obras dessa escritora, "Suzanne Normis: Roman d'un Père" (cuja primeira edição é datada de 1877) — I(10):151; II(30):126.

DURAND, MADAME — v. DURAND, Marguerite. □

DURAND, Marguerite (1865-1936) — atriz parisiense, dedicada, a partir do final do século XIX, a atividades filantrópicas (criou uma casa de repouso para mulheres jornalistas), sindicais e jornalísticas (começando como colaboradora de "Le Figaro", criou posteriormente seus próprios periódicos); foi fundadora e diretora do jornal feminista diário parisiense "La Fronde" (lançado em 9 de dezembro de 1897, com tiragem inicial de 200.000 exemplares), periódico redigido, composto e impresso exclusivamente por mulheres, circulante até 1903 como diário e até 1905 como semanário, tornando-se revista mensal antes de desaparecer, nesse mesmo ano — I(7):102 e 112; I(8):128 (nesta última, menção a "Madame Durand" como "Madame Dervoud", sic).

D'URFÉ, Honoré — v. URFÉ, Honoré d'. □

DUTRA, José Hipólito da Silva (1858-1909) — poeta campineiro, jornalista e contabilista, de atuação relevante nos movimentos abolicionista e republicano: incluído entre os fundadores da Academia Paulista de Letras (cadeira nº 31), chegou a escolher Rangel Pestana como patrono, mas faleceu antes da instalação da Academia — I(1):9; I(10):157.

ÉCILA WORMS (pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida) — v. ALMEIDA, Júlia Lopes de. □

EDGREN-LEFFLER, Anne Charlotte (Duquesa de Cajanello, 1849-1892) — teatróloga, romancista e contista realista sueca que retomou em suas peças e em sua prosa as críticas de Ibsen à falsa feminilidade e à escravização da mulher pelo casamento: mesmo consagrada pelo sucesso, essa postura valeu-lhe a reprovação do marido sueco, de quem se separou, casando-se posteriormente, em 1890, com Pasquale del Pezzo (Duque de Cajanello), professor de geometria da Universidade de Nápoles — I(13):205.

EGÍDIO, P. — colaborador da "Revista Contemporânea" de Campinas (fundada em 1899) — II(28):95.

ELIODORA, Bárbara (Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira de Alvarenga Peixoto, 1749-1819) — esposa do poeta árcade Inácio José de Alvarenga Peixoto (c. 1744-1792), de quem chegou a ter quatro filhos antes que o marido, envolvido na Inconfidência Mineira, fosse degredado para Angola: a tradição, que a cognominou "Mártir da Inconfidência", descrevendo-a enlouquecida pela perda do marido e da filha primogênita (Maria Ifigênia de Alvarenga Peixoto), atribuiu-lhe a composição de versos que justificariam sua entronização como patrona de cadeiras da Academia Paulista e da Academia Mineira de Letras (Bárbara Eliodora conta, entre os descendentes de sua irmã Iria Claudiana Umbelina da Silveira, com ilustres sobrinhos-trinetos intelectuais como, em ordem cronológica de nascimento: Maria Clara da Cunha Santos, Prisciliana Duarte de Almeida, Silvio de Almeida, Álvaro Osório de Almeida, Aureliano Leite, Miguel Osório de Almeida, Jorge Americano, Mário Leite, Heloisa Lentz, Branca Fialho de Almeida e Henriqueta Lisboa) — I(1):14.

ELIOT, George (Mary Ann Evans, 1819-1880) — escritora inglesa, considerada a maior romancista de língua inglesa de todo o século XIX: extraordinariamente culta, poliglota, versada em filosofia e em crítica literária, foi influenciada pelos escritos de Auguste Comte e pela convivência pessoal com seus compatriotas Stuart Mill e Herbert Spencer, adotando em seus célebres romances realistas (de temática doméstica e quotidiana, veiculadores, todos eles, de preceitos morais) um estilo sedutor, simples e elegante, que tornou-a uma das mulheres escritoras mais estimadas de sua época — II(36):219.

ELISABETH DA ÁUSTRIA (Sissi) — v. IMPERATRIZ DA ÁUSTRIA. □

ELMANO DO VAL (pseudônimo de Manuel Viotti) — v. VIOTTI, Manuel. □

ELÓI, O HERÓI (pseudônimo de Artur Azevedo) — v. AZEVEDO, Artur. □

EMERSON, Ralph Waldo (1803-1882) — filósofo e poeta norte-americano, autor de ensaios que se tornaram muito populares em meados do século XIX — II(26):39.

EMÍLIA, Maria — v. LEMOS, Maria Emília. □

EÖTVÖS, József (1813-1871) — escritor e estadista húngaro, precursor do romance moderno em seu país, político liberal, familiarizado com as idéias de renovação veiculadas pelas principais lideranças do movimento romântico da Europa — II(26):43.

ERNESTO JÚNIOR, Bento (1866-1934) — poeta e educador mineiro, colaborador de "A Mensageira" — I(12):187.

ERVAL, MARQUÊS DO (General Manuel Luís Osório) — v. OSÓRIO, Manuel Luís, GENERAL. □

- ESCOBAR, João, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):239.
- ESCOBAR, Pedro — navegador português do século XV, piloto da frota de Vasco da Gama — I(16):249.
- ESLER, MISS — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.
- ESPINHEIRA, Cândido, DOUTOR — médico baiano (nascido em Salvador), graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, especializado em ginecologia e infectologia na Europa: no mesmo ano de 1895 em que (ao lado de colegas médicos como Luís Pereira Barreto, Teodoro Reichert e Arnaldo Vieira de Carvalho) fundava a Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, foi encarregado de dirigir o Hospital de Isolamento da capital paulista, por designação de Cesário Mota, Secretário do Interior do governo de Bernardino de Campos (notar que o Dr. Espinheira, juntamente com o pintor Almeida Júnior, compõe a dupla de únicos representantes do sexo masculino que foram homenageados pela revista "A Mensageira" com a publicação de seus retratos) — II(30):117 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato do médico) e 118-119.
- ESPRONCEDA, José de (1808-1842) — um dos mais vigorosos poetas românticos da Espanha, "byroniano na arte e na vida": é conhecido pela passionalidade de sua poesia e pelo ardor de seu liberalismo (chegou a combater nas barricadas de Paris, durante a Revolução de 1830) — I(20):315.
- ESTRÓS (erro de grafia) — v. EÖTVÖS, József. □
- EVANGELISTA, João — v. SÃO JOÃO EVANGELISTA. □
- EVANS, Mary Ann (pseudônimo: George Eliot) — v. ELIOT, George. □
- FACCHINETTI, Niccolò Antonio, PROFESSOR (1824-1900) — pintor auto-exilado da Itália, radicado no Brasil a partir de 1849: foi paisagista e professor de pintura muito apreciado no Rio de Janeiro — I(7):102; I(8):116-117.
- FAGUNDES VARELA, Luís Nicolau — v. VARELA, Luís Nicolau Fagundes. □
- FAJARDO, Brandina — dedicatária de um poema de Belarmino Carneiro: Brandina pertence, possivelmente, à família do famoso médico fluminense, especialista em doenças tropicais, Francisco Fajardo (1864-1906) — II(29):102.
- FALCÃO DE LACERDA, E. B., DOUTOR — v. LACERDA, E. B. Falcão de, DOUTOR. □
- FALCÃO FILHO, Clemente — professor da Faculdade de Direito de São Paulo, retratado por Almeida Júnior em tela datada de 1888: foi membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido pintor (São Paulo, 1899), contando, como companheiro de comissão, com a presença de seu genro, amigo e testamenteiro do artista assassinado, João Maurício de Sampaio Viana — II(36):238.
- FALSTAFF, Zé (pseudônimo) — v. ZÉ FALSTAFF. □
- FAON — amante da poetisa grega Safo, cuja atitude de repúdio a teria levado ao suicídio — II(25):4.
- FARIA, Alberto (1869-1925) — escritor carioca, filólogo de intensa e incessante atividade jornalística, residente em Campinas por trinta anos (fundador do jornal "Cidade de Campinas", circulante entre 1896 e 1915): foi eleito sucessor de José Veríssimo na Academia Brasileira de Letras em 1918, mas antes disso foi membro fundador da Academia Paulista de Letras, empossado na cadeira nº 15 em 1909, ao lado dos amigos Joaquim José de Carvalho (seu parente), Prisciliana Duarte de Almeida, Sílvio de Almeida e Carlos Ferreira — I(4):62-63; I(10):155-158.
- FARIA FIALHO, João de, PADRE — v. FIALHO, João de Faria, PADRE. □
- FAURE, François-Félix (1841-1899) — Presidente da República Francesa entre 17/01/1895 e 16/02/1899 (quando morre e é sucedido por Émile Loubet) — II(27):69.
- FAVEAU DE COURMELLES, DOUTOR — v. COURMELLES, Faveau de. □
- FAYE, Hervé-Auguste-Étienne-Albans (1848-1902) — astrônomo francês — II(31):142.
- FAYETTE, MADAME DE LA — v. LA FAYETTE, MADAME DE. □

*Anexo IV*

**FEIJÓ, Antônio** (Antônio Joaquim de Castro Feijó, 1862-1917) — poeta parnasiano português, principal discípulo do poeta brasileiro Gonçalves Crespo — I(21):327.

**FEIJÓ, REGENTE** (Diogo Antônio Feijó, 1784-1843) — religioso paulista (ordenado padre secular em 1807), representante do separatismo brasileiro nas cortes constituintes de Lisboa (1821), deputado, senador, ministro e regente do Império na menoridade de Pedro II: filósofo, teórico liberal (legítimo representante da burguesia revolucionária nacional), assumiu posição de destaque na Revolução Liberal de 1842, sendo preso em Sorocaba, SP e condenado ao desterro em Vitória, ES, falecendo pouco tempo depois de libertado — I(15):226.

**FEITOSA, Maria Honória Duarte** — irmã (pouco mais nova) de Prisciliana Duarte de Almeida, casada com o professor Miguel Alves Feitosa, dedicatária de um conto de sua prima Maria Clara da Cunha Santos — II(29):110.

**FEITOSA, Miguel Alves** — professor secundário nascido por volta de 1855 (em Alagoas), temporariamente estabelecido no Rio de Janeiro até o início dos anos 1880 (ali cursando a Politécnica, sem chegar a bacharelar-se), transferindo-se para o Estado de São Paulo, onde passa a exercer o magistério (lecionando língua portuguesa) sucessivamente em Campinas (Culto à Ciência, Colégio Florence e Externato Feitosa), Jundiá, São Paulo, Araras e Pirassununga: autor de obras didáticas editadas e reeditadas no final do século XIX, o professor Feitosa foi casado com Maria Honória Duarte (irmã de Prisciliana Duarte de Almeida), compartilhando com o concunhado Sílvio de Almeida a dupla condição de professor de português e de fervoroso adepto do positivismo comtiano — II(35):214.

**FEJERA** — escritor venezuelano não identificado, mencionado por Néelson de Sena — II(27):63.

**FELIZ, Souto** — v. SOUTO FELIZ (pseudônimo). □

**FELIZARDO LEÃO, Julieta** — v. LEÃO, Julieta Felizardo. □

**FERNANDES, Carlos Dias** (1874-1942) — poeta, cronista, contista e romancista (jornalista profissional) paraibano, colaborador de "A Mensageira" — I(22):340 e 352; II(27):70.

**FERNANDES DE ROIG, Filomena** — v. ROIG, Filomena Fernandes de. □

**FERNANDES PINHEIRO, DOUTOR** — v. PINHEIRO, Fernandes, DOUTOR. □

**FERREIRA, Carlos** (1846-1913) — poeta e dramaturgo gaúcho, nascido em Porto Alegre (onde chegou a participar da fundação do "Partenon Literário" em 1868 e a ter relacionamento amoroso com a poetisa Amália dos Passos Figueiroa, 1845-1878), um dos mentores da estética condoreira dos anos 1860: transferindo-se para São Paulo e para o Rio de Janeiro, permaneceu estabelecido em Campinas (cidade que lhe deve um memorável período de florescimento literário, à frente da "Gazeta de Campinas"), onde se tornaria amigo pessoal e incentivador de escritoras como Júlia Lopes de Almeida e Ibrantina Cardona — I(3):48; I(5):73; II(25):15.

**FERREIRA, Gabriel, DOUTOR** — membro do Instituto dos Advogados do Brasil, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184; II(35):202.

**FERREIRA, Paula** — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX — I(3):40; I(12):182.

**FERREIRA, Pires, SENADOR** — membro do Senado Federal na virada do século, autor de um projeto que solucionaria o impasse criado pelo Instituto dos Advogados Brasileiros (instituição contrária ao registro profissional de mulheres bachareladas em direito): esse projeto, que garantiria o livre exercício das profissões às mulheres, foi considerado inócuo, prevalecendo (em fins de 1899) o parecer do Supremo Tribunal Federal que reafirmava a inexistência de dispositivos de restrição às mulheres na Constituição de 1891 — II(33):184; II(35):202.

**FERREIRA, Ridelina** (pseudônimo de Camila Riedel, 1867- ? ) — poetisa e prosadora gaúcha, professora primária estabelecida no litoral fluminense, colaboradora de "A Mensageira" — II(25):17-20; II(27):51-58; II(29):114; II(32):154; II(33):183-184; II(34):195-196; II(36):235.

**FERREIRA DE ARAÚJO, José** — v. ARAÚJO, José Ferreira de. □

**FERREIRA DE MELO, José Bento Leite, PADRE** — v. BENTO, José, PADRE. □

**FERREIRA DE MENESES, José** — v. MENESES, José Ferreira de. □

**FERREIRA LOPES, Irene** — v. LOPES, Irene Ferreira. □



FERRY, Mery — v. BELLEMARE-FERRY, Gabriel de. □

FEUCHTERSLEBEN, BARÃO DE — v. BARÃO DE FEUCHTERSLEBEN. □

FEUILLET, Octave (1821-1890) — dramaturgo e romancista francês, casado com sua prima (Valérie-Marie-Elvire Dubois, 1832-1906, também escritora), autor de obras de sucesso internacional: seu "O Romance de um Moço Pobre", de 1858, foi um dos maiores "best sellers" do século XIX — I(17):268.

FIALHO, João de Faria, PADRE — sacerdote paulistano, padre capelão da bandeira do taubateano Antônio Dias (em 1698 rezou a primeira missa junto ao morro do Itacolomi, à entrada da futura Ouro Preto); além de implantar o primeiro templo da região, encarregou-se (segundo João Dornas Filho) de estimular o desenvolvimento de uma agricultura e de uma zootecnia regional — I(17):271.

FIDEL G. PIERZA, MADAME — v. PIERZA, Fidel G., SENHORA. □

FIGUEIREDO, Aurélio de (Francisco Aurélio de Figueiredo e Melo) — v. FIGUEIREDO E MELO, Francisco Aurélio de. □

FIGUEIREDO, Mariana Higinia de (c. 1870-c. 1955) — poetisa simbolista mineira (de Diamantina) exímia sonetista: apesar de conhecida desde os 18 anos de idade, teria ficado famosa (segundo Andrade Muricy) com a publicação do soneto "Saude", em memória do poeta ouro-pretano Edgar Mata (1878-1907) — I(7):104.

FIGUEIREDO COIMBRA, Argemiro Gabriel de — v. COIMBRA, Figueiredo. □

FIGUEIREDO E MELO, Francisco Aurélio de (1856-1916) — pintor paraibano, irmão mais novo de Pedro Américo (e seu discípulo na Academia Imperial de Belas Artes), igualmente aperfeiçoado em Paris: difere do irmão no gosto pelo detalhe e pela tendência mais romântica na escolha de seus temas — I(18):281.

FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo de (1843-1905) — notável pintor paraibano, aluno da Academia Imperial de Belas-Artes (aperfeiçoado em Paris), autor de telas célebres, de caráter neoclássico e temática predominantemente épica: "foi quase o pintor oficial da Corte brasileira", no dizer de Gilberto Freyre — II(34):200.

FIGUEIREDO JÚNIOR, Afonso Celso de Assis (1860-1938) — polígrafo mineiro (nascido em Ouro Preto): filho de Afonso Celso de Assis Figueiredo (Visconde de Ouro Preto, ministro do Império, chefe do último gabinete ministerial de Pedro II), abolicionista e republicano, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo (em 1880), professor de direito na Capital Federal, jornalista atuante e membro fundador da Academia Brasileira de Letras; sua filha, Maria Eugênia Celso (1890-1963), poetisa, prosadora e conferencista, também se distinguiu como jornalista, participando dos movimentos pacifista e feminista brasileiros das décadas de 1920-1930 — II(27):70.

FIGUEIROA, Amália dos Passos (1845-1878) — poetisa gaúcha (nascida em Porto Alegre), tradutora de poetas franceses, com sua produção própria reunida num único volume, "Crepúsculos", editado em 1878, pois morreu tuberculosa antes de completar 33 anos de idade: irmã da poetisa e prosadora Revocata dos Passos Figueiroa de Melo ("Revocata Mãe"), tia das escritoras Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro, compõe, ao lado de Luísa de Azambuja, da professora feminista Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880) e de sua irmã Revocata Figueiroa de Melo, o quarteto das únicas mulheres participantes do período inaugural da célebre Sociedade Partenon Literário (Porto Alegre, 1868 a 1885); teve um frustrado relacionamento amoroso com o poeta e jornalista Carlos Ferreira (1846-1913), seu conterrâneo — II(34):189.

FIGUEIROA DE MELO, Revocata dos Passos ("Revocata Mãe") — v. MELO, Revocata dos Passos Figueiroa de. □

FILIPPONE, Júlia — viúva do primeiro editor de música da cidade do Rio de Janeiro (estabelecido em 1846); segundo Mercedes Reis Pequeno, dona Júlia assumiu o comando do estabelecimento da rua do Ouvidor (transitoriamente denominada rua Moreira César em 1897) no final do século, publicando peças de música popular — I(5):80; I(9):144; I(13):207; I(15):240; I(16):246; I(21):336; I(24):384.

FILIPPONE, VIÚVA — v. FILIPPONE, Júlia. □

FLAHAUT, CONDESSA DE (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □

FLAMMARION, Camille (1842-1925) — célebre astrônomo francês, divulgador entusiástico da ciência astronômica nos livros que publicou e nas concorridas conferências que proferiu em diversos países — I(4):51.

FLÁVIA DO AMARAL (pseudônimo de José Pereira da Graça Aranha) — v. AMARAL, Flávia do. □

FLAVIGNY, Marie de (Marie de Flavigny, Condessa d'Agoult, pseudônimo: Daniel Stern) — v. D'AGOULT, MADAME. □

FLEIUSS, Max (1868-1943) — jornalista, professor e historiador carioca, diretor da importante revista literária "A Semana" em sua segunda e última fase (1893-1895) — II(28):95.

FLEMING, José Lino de Almeida (c. 1845-1888) — compositor mineiro, nascido em Ouro Fino, primo de Prisciliana Duarte de Almeida; pensionado pelo imperador, vai se aperfeiçoar na Itália a partir de 1881, com o maestro Cesare Dominiceti (1821-1888), professor do Conservatório de Milão, mas morre em sua viagem de volta para o Brasil, deixando incompleta sua primeira ópera, elaborada sobre um libreto de Antonio Ghislanzoni — I(16):243.

FLORESTA, Nisia (Nisia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, 1810-1885) — polígrafa brasileira (nascida no Rio Grande do Norte, residente sucessivamente em Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Paris, Lisboa e mais uma vez Rio de Janeiro, até meados do século); professora primária, pioneira do feminismo no Brasil, publica, já em 1831, na imprensa pernambucana, artigos que tratam da condição feminina e, em 1832, no Recife, uma pretensa tradução de "A Vindication of the Rights of Woman", da célebre iluminista inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797), mãe de Mary Shelley (1797-1851); manteve por 18 anos contínuos, a partir de 1838, um conhecido colégio feminino carioca, cujo encerramento em 1856 coincide com a retomada de suas viagens pela Europa; tendo assistido conferências de Auguste Comte em 1851, restabelece sua convivência com o filósofo francês (deixando correspondência que testemunha a troca de idéias entre ambos nos últimos meses de vida de Comte); em 1857, faz parte do exíguo grupo de quatro mulheres que se destacam do majoritariamente masculino cortejo fúnebre que acompanha o sepultamento do líder máximo do positivismo francês no cemitério parisiense de Père Lachaise; segundo Henrique Castriciano de Sousa, por volta de 1860 não só presenciou os eventos mais dramáticos da luta pela reunificação da Itália, como trocou cartas com os revolucionários Mazzini e Garibaldi; em 1870-1871 testemunha pessoalmente os acontecimentos da Comuna de Paris; abolicionista e republicana atuante, Nisia se distinguiu como conferencista, deixando publicados escritos de diferentes gêneros (ensaísticos, poéticos, históricos, biográficos, memorialísticos, ficcionais ou de catequese feminista e positivista); teve como companheira de viagens, tradutora e divulgadora de suas obras a filha primogênita, nascida em Pernambuco, Livia Augusta de Faria Rocha (1830-1912); pesquisas recentes têm salientado a vinculação de Nisia Floresta ao iluminismo setecentista inglês — I(4):60.

FONSECA, Adélia Josefina de Castro (1827-1920) — poetisa neoclássica baiana, cognominada "a Safo Cristã" por Gonçalves Dias, uma das mais elogiadas escritoras brasileiras de meados do século XIX — I(22):343.

FORNEIRO, Maria — pintora fluminense, irmã do diplomata Domicio da Gama (1862-1925); mantinha, em 1898, uma escola de pintura localizada na Ladeira da Glória (Rio de Janeiro), juntamente com o mestre italiano Niccolò Facchinetti (1824-1900) — I(7):102; I(8):116-117.

FORTES, Cândida (Cândida de Oliveira Fortes Brandão, 1862-1922) — professora gaúcha, poetisa, contista e cronista, de ampla divulgação por sua atuação jornalística, colaboradora de "A Mensageira" — I(3):40; I(15):239; I(19):295-298 e 299-301; I(22):341 e 343; II(25):10; II(27):71 e 72; II(30):131; II(32):168.

FORTES, Crispim Jacques Bias, DOUTOR — v. BIAS FORTES, DOUTOR. □

FORTES, SENHORA BIAS — v. BIAS FORTES, SENHORA. □

FOUILLÉE, Alfred (Alfred-Jules-Émile Fouillée, 1838-1912) — filósofo idealista francês, casado com G. Bruno (pseudônimo de Madame Fouillée), autora de conhecidas obras educativas — I(7):100.

FOULTON (erro de grafia) — v. FULTON, Robert. □

FRAGOSO, Maria (Doutora Maria Fragoso da Silva, c. 1865- ?) — integrante do grupo de três moças pernambucanas que compõem o lote de primeiras mulheres brasileiras formadas em advocacia (Faculdade de Direito do Recife, 1888), ao qual também pertenceram Maria Coelho e Delmira Secundina da Costa; Maria Fragoso foi casada com Artur Orlando da Silva (1858-1916), bacharelado em 1881 pela mesma faculdade, amigo e discípulo de Tobias Barreto, adepto do evolucionismo filosófico e do pan-americanismo, autor de estudos jurídicos e prefaciador de Inês Sabino na coletânea biográfica "Mulheres Ilustres do Brasil" (1899) — I(7):106.

FRANCIA, José Gaspar Rodríguez (1776-1840) — ditador vitalício do Paraguai, governou o Paraguai (cuja independência data de 1811) de 1814 até sua morte, tomando medidas para a modernização do país — II(31):141.

FRANCISCA CLOTILDE — v. CLOTILDE, Francisca. □

FRANCISCA JÚLIA — v. SILVA, Francisca Júlia da. □

FRANCISCO DE ASSIS — v. SÃO FRANCISCO DE ASSIS. □

FRANCISCO JOSÉ I (Imperador da Áustria) — v. IMPERADOR DA ÁUSTRIA. □

**FRANCO, Anália** (Anália Emília Franco, 1853-1919) — polígrafa fluminense, radicada na capital paulista por meio século, professora primária cristã (divulgadora da doutrina kardecista), dirigente de uma gigantesca rede de instituições de amparo a crianças carentes, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):2; I(3):48; I(10):156; I(12):177-179; I(15):239-240; I(22):343; II(25):6-9; II(28):95.

FRANCO, Maria Dalmácia — v. BARONESA DE ARARI. □

**FRANK, Louis** — jurista belga cuja leitura é recomendada por Xavier de Carvalho às feministas (em 1898); segundo Barros Vidal, Frank, inspirado no caso de Jeanne Chauvin, escreveu um estudo sociológico intitulado "La Femme avocat" — I(7):100.

**FRANKLIN, John, SIR** (1786-1847) — explorador inglês, morto numa expedição à região ártica — I(1):12.

**FREDEGONA** (ou Fredegunda, 543-597 d. C.) — rainha dos francos, teria sido mulher de grande beleza, mas cruel e inescrupulosa: a tradição lhe atribui crimes equiparáveis aos de sua rival Brunehaut — I(17):264.

**FREGOLI, Leopoldo** (1867-1936) — famoso ator romano, conhecido pela habilidade em desempenhar simultaneamente diferentes papéis (o termo "fregolismo", em italiano, refere-se a essa capacidade de caracterização); sua principal apresentação em São Paulo (Teatro de São José, agosto de 1895) se fez com extraordinário êxito — I(3):38.

FREI TOMÁS DE TORQUEMADA — v. TORQUEMADA, Tomás de, FREI. □

**FREITAS, Leopoldo de** (c. 1860-1940) — jornalista, advogado e funcionário diplomático gaúcho, estabelecido na capital paulista, colaborador de "A Mensageira" — I(2):31; I(6):85-87.

**FREITAS, P.** (Antônio de Paula Freitas, 1843-1906) — engenheiro e professor carioca, doutorado em ciências físicas e matemáticas pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, da qual foi posteriormente professor catedrático por 40 anos; autor de obras técnicas e didáticas — II(36):233.

FROEDING, Vilhelmina (Vilhelmina Froeding Hierta) — v. HIERTA, Vilhelmina Froeding. □

**FULTON, Robert** (1765-1815) — engenheiro e inventor norte-americano, construtor do primeiro submarino (1801) e do primeiro barco a vapor (1803), exibidos em Paris, na época do Consulado napoleônico — I(14):221.

GABRIEL CLÁUDIO (pseudônimo de Guiomar Torresão) — v. TORRESÃO, Guiomar. □

**GAGNEUR, Louise** (Louise Mignerot Gagneur, 1832-1902) — escritora francesa, excomungada por seu engajamento esquerdista, casada com o deputado socialista Just-Charles-Wladimir Gagneur (1807-1880), adepto de Fourier e opositor de Napoleão III; autora de numerosos romances, muitos deles de caráter anticlerical (Guiomar Torresão enfatiza suas denúncias da opressão feminina em "Le Calvaire des femmes", de 1866 e sua condenação à indissolubilidade do casamento em "Les forçats du mariage", de 1870) — II(29):116.

**GALILEU** (Galileo Galilei, 1564-1642) — genial cientista italiano, defensor do sistema heliocêntrico: pelos constrangimentos sofridos perante a Inquisição católica, foi transformado em símbolo do intelectual obrigado a submeter-se às elites reacionárias — I(14):221; II(28):84.

**GALLEGO, Juan Nicasio** (1777-1853) — poeta e crítico literário espanhol, de enorme influência na primeira metade do século XIX (foi secretário perpétuo da Academia Espanhola) — II(27):63.

**GALVÃO, Olímpio** (Olímpio Eusébio de Arroxelas Galvão, 1874-1915) — escritor nordestino, autor de romances publicados em folhetins, ao longo da década de 1890, em jornais de Aracaju, Maceió e Recife; membro do Congresso Literário de Pernambuco, proferiu uma conferência feminista em 1897, da qual a revista "A Mensageira" publica excertos — I(12):180-183.

#### Anexo IV

GAMA, Domicio da (1862-1925) — polígrafo fluminense, diplomata de carreira, membro fundador da Academia Brasileira de Letras (1897); seu verdadeiro nome era Domicio Afonso Forneiro (é irmão da pintora Maria Forneiro) — I(8):117.

GAMA, Elvira (pseudônimo: Sinhá Miquelina, 1872?- ?) — poetisa e cronista carioca, muito difundida no final do século XIX (época em que publicou uma série de crônicas no jornal "O País", do Rio de Janeiro, sob o pseudônimo "Sinhá Miquelina"); o volume "Minh'Alma" (Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1896), abrangendo poemas datados de 1880 a 1896, inclui dedicatórias a dois filhos e duas filhas, a três poetisas colaboradoras de "A Mensageira" (Francisca Júlia, Inês Sabino e Zalina Rolim), um soneto "À Memória de Délia" (escritora falecida em 1895) e um poema saudando a chegada do poeta-diplomata português Tomás Ribeiro ao Rio de Janeiro, em meados de 1895; notar que essa data de nascimento (1872) dada por Frederico Trotta, indiretamente confirmada por Laudelino Freire, é obviamente incorreta: a data de 1862 seria mais compatível com o poema "Sem Lágrimas", de 1880, apresentado nas pp. 79-80 de "Minh'Alma" — I(1):2; I(9):130 e 131; I(10):156; I(22):343; II(28):95.

GAMA, Luís (Luís Gonzaga Pinto da Gama, 1830-1882) — poeta satírico e jornalista famoso: nascido na Bahia, filho de mãe africana, foi vendido pelo pai (branco) em 1840, mas conseguiu, por seu próprio esforço e graças aos seus reconhecidos dotes de inteligência, tornar-se advogado prático, assumindo a liderança do movimento abolicionista na Província de São Paulo (sendo sucedido, em 1882, pelo amigo Antônio Bento) — I(15):230.

GAMA, Luís Felipe Saldanha da, ALMIRANTE (1846-1895) — oficial da marinha brasileira, fluminense de Campos, herói da Guerra do Paraguai; fez brilhante carreira no Império, mas opôs-se a Floriano Peixoto, aderindo à Revolta da Armada e à Revolução Federalista, morrendo em combate, em 1895 — II(29):105.

GAMA, Maria Antonieta — contista mineira da segunda metade do século XIX, mencionada por "Pelayo Serrano" (pseudônimo de Néilson de Sena) — I(7):105.

GAMA, Paulo da — navegador português, irmão de Vasco da Gama — I(16):249 e 251.

GAMA, Saldanha da — v. GAMA, Luís Felipe Saldanha da, ALMIRANTE. □

GAMA, Vasco da (c. 1460-1524) — navegador português, comandante da armada que realizou, em 1497-1498, a primeira viagem de Portugal à Índia — I(1):12 e 13; I(16):248-251 — incluindo menção sob o título de "Conde da Vidigueira" em I(16):251; I(17):257; II(25):21.

GAMBETTA, Léon-Michel (1838-1882) — advogado e político francês (de pai italiano), deputado republicano radical, opositor ferrenho do regime monárquico desde a juventude: proclamador da Terceira República Francesa em 1870, célebre por sua capacidade intelectual, orador e jornalista brilhante, foi amante de Madame Adam — II(36):219.

GARCEZ, Martinho, DOUTOR (1850-1923) — jurista sergipano, senador do Império e, na República, deputado federal e Presidente do Estado de Sergipe (empossado em 1896); favorável ao divórcio, publicou obras versando sobre direito civil — I(16):255.

GARCIA, José Mauricio Nunes, PADRE (1767-1830) — compositor carioca, dedicado essencialmente à música sacra, mestre de música de compositores oitocentistas como Francisco Manuel da Silva e Pedro I: a execução de sua Missa em Si Bemol (restaurada por Alberto Nepomuceno) em 1898, na inauguração da nova igreja da Candelária, assinala um dos pontos mais altos do processo de redescobrimto desse que foi nosso maior músico do Brasil-Colônia — I(19):302.

GARCIA, Manuel Emídio, DOUTOR (1838- ?) — professor de direito da Universidade de Coimbra desde 1871: positivista, foi divulgador da doutrina comtiana em Portugal (e autor de um estudo sobre o Marquês de Pombal) — I(7):100.

GARCIA, Miguel — genro de um bandeirante paulista (Manuel Ortiz de Camargo, de Taubaté): descobridor, em 1694, de um importante veio aurífero de Minas Gerais — I(17):270.

GARCIA REDONDO, Manuel Ferreira — v. REDONDO, Garcia (Manuel Ferreira Garcia Redondo). □

GARDO, Maria de — v. SERAO, Matilde. □

GARIBALDI, Anita (Ana Maria Ribeiro da Silva, 1821-1849) — revolucionária brasileira (nascida em Laguna, SC): tornando-se companheira de Giuseppe Garibaldi (de quem teve quatro filhos, Menotti, Rosita, Teresita e Ricciotti) desde 1839, acompanhou-o nas lutas pela libertação do Sul do Brasil, do Uruguai e do Norte da Itália — I(20):314.

- GARIBALDI, José (Giuseppe Garibaldi, 1807-1882) — revolucionário italiano, cognominado "o Herói de Dois Mundos": na América do Sul dos anos 1830-1840 participa dos movimentos separatistas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, além de lutar pela reafirmação da independência do Uruguai; retornando à Itália, empenha-se numa luta incansável pela unificação do país (completada em 1870) — I(20):314.
- GARRETT, Almeida (João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, 1799-1854) — poeta e prosador português (nascido no Porto), cujos romances e dramas históricos situam-no como precursor da estética romântica em seu país — II(33):176.
- GAY, Delphine (Madame Émile de Girardin) — v. MADAME ÉMILE DE GIRARDIN. □
- GENERAL ARTUR OSCAR — v. OSCAR, Artur, GENERAL. □
- GENERAL CARNEIRO (Antônio Ernesto Gomes Carneiro) — v. CARNEIRO, Antônio Ernesto Gomes, GENERAL. □
- GENERAL HOCHÉ (Louis-Lazare Hoche) — v. HOCHÉ, Louis-Lazare, GENERAL. □
- GENERAL JULIO A. ROCA — v. ROCA, Julio A., GENERAL. □
- GENERAL KLÉBER (Jean-Baptiste Kléber) — v. KLÉBER, Jean-Baptiste, GENERAL. □
- GENERAL OSÓRIO (Manuel Luís Osório) — v. OSÓRIO, Manuel Luís, GENERAL. □
- GENERAL URQUIZA (General Justo José de Urquiza) — v. URQUIZA, Justo José de, GENERAL. □
- GENTIL DE CASTRO, CORONEL — v. CASTRO, Gentil de, CORONEL. □
- GEORGE ELIOT (pseudônimo) — v. ELIOT, George. □
- GEORGE SAND (pseudônimo) — v. SAND, George. □
- GERARD, Dorothea (1855- ?) — prosadora escocesa, radicada na Áustria (parte de sua produção sendo escrita em colaboração com a irmã mais velha, Emily Gerard, 1849-1905) — I(10):151.
- GERKE, Carlos — impressor estrangeiro, proprietário da Typographia Brazil, estabelecido em São Paulo, à rua de São Bento (temporariamente denominada rua Moreira César, em 1897); além dessa oficina gráfica, possuía um estabelecimento de vendas (Livraria Brazil), responsabilizando-se pela edição de livros como "O Antigo Vernáculo", de Sílvio de Almeida (1902); foi o impressor de todos os números de "A Mensageira" — I(24):384; II(29):116; II(36):239.
- GESTAS — v. SÃO DIMAS. □
- GIDE, Paul (Jean-Paul-Guillaume Gide, 1832-1880) — jurista francês, professor de direito romano em Paris: foi autor de obras que abordam aspectos legais da condição feminina, como "Étude sur la condition privée de la femme dans le droit ancien et moderne" (1866), "Du caractère de la dot en droit roman" (1872) e "De la condition de l'enfant naturel e de la concubine dans la législation romaine" (1880) — I(7):100.
- GIL, André — v. ANDRÉ GIL (pseudônimo). □
- GIRARDIN, Émile de, MADAME — v. MADAME ÉMILE DE GIRARDIN. □
- GLADSTONE, William Ewart (1809-1898) — político liberal inglês: ocupou o cargo de primeiro-ministro no reinado da rainha Victoria por quatro vezes — I(17):257.
- GODINHO, Vitor, DOUTOR — lente de matéria médica e noções de terapêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.
- GOELDI, Emílio (Emil Goeldi, 1859-1917) — naturalista suíço, vinculado inicialmente ao Museu Nacional (Rio de Janeiro), no período imperial: transferindo-se para Belém do Pará, deu início a um importante núcleo de pesquisas amazônicas que se transformou na instituição hoje denominada Museu Paraense Emílio Goeldi — I(19):304.
- GOETHE, Johann Wolfgang (1749-1832) — genial escritor alemão (autor do "Fausto"), figura ancestral da moderna literatura germânica — II(27):62; II(31):139

Anexo IV

**GÓIS, Carlos** (1881-1934) — poeta carioca, bacharel em direito, professor de português do Ginásio Mineiro (Belo Horizonte) entre 1909 e 1931, bem-sucedido autor de obras didáticas, colaborador de "A Mensageira" — I(21):325, I(24):376-377.

**GÓIS, Eurico de** (1878-1938) — escritor baiano, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1902, colaborador de "A Mensageira" — I(13):199-201; II(27):68-69; II(29):116; II(32):160-161.

**GOMES, Antônio Carlos** (1836-1896) — compositor paulista (nascido em Campinas), o maior compositor romântico brasileiro (operista notável, chegou a projetar 20 óperas diferentes, só concluindo 9 delas, aí incluído o oratório profano "Colombo", de características essencialmente operísticas); estimulado pelos jovens acadêmicos de direito de São Paulo, fugiu para o Rio de Janeiro em 1859, tornando-se protegido do então diretor do Conservatório Imperial, Francisco Manuel da Silva; graças a uma bolsa de estudos concedida pela coroa depois de seu triunfo com a apresentação de duas óperas nacionais (cantadas em português), "A Noite do Castelo" (1861) e "Joana de Flandres" (1863), foi, a partir de 1864, se aperfeiçoar em Milão, onde passou a residir nos trinta anos seguintes; consagrado pelo êxito das óperas "Il Guarany" (1870) e "Salvator Rosa" (1874) e desestimulado pelo fracasso de suas duas maiores obras-primas, "Fosca" (1873) e "Maria Tudor" (1879), ainda obteve sucesso no Brasil com as montagens de "Lo Schiavo" (1889) e "Cândor" (1891); adoecendo gravemente, de câncer, preferiu refugiar-se em Belém do Pará (onde viria a falecer em 1896) a retornar ao Rio de Janeiro ou a Campinas (a inevitável associação de sua imagem ao imperador Pedro II tornara-o, de certa forma, "persona non grata" nos meios oficiais da Capital Federal republicana) — I(4):55; I(7):109; I(11):165; I(12):190; II(35):205.

**GOMES, Bráulio** (1854-1904) — médico fluminense, formado em 1877 e estabelecido em Campinas entre 1884 e 1889; transferindo-se para a capital paulista em meados de 1889, colaborou na fundação da Maternidade de São Paulo (inaugurada em 1894) e na instalação da Escola Livre de Farmácia (da qual se tornou o primeiro diretor, em 1899) — II(26):46-48.

**GOMES, Carlos** (Antônio Carlos Gomes) — v. **GOMES, Antônio Carlos**. □

**GOMES, Natália Mariot** (? - 1897) — poetisa sergipana, mencionada por Nélson de Sena — I(9):130.

**GOMES DE ALMEIDA, A., DOUTOR** — v. **ALMEIDA, A. Gomes de, DOUTOR**. □

**GOMES DE AMORIM, Francisco** — v. **AMORIM, Francisco Gomes de**. □

**GÓMEZ DE AVELLANEDA, Gertrudis** — v. **AVELLANEDA, Gertrudis Gómez de**. □

**GONÇALVES, Adelaide Lopes** (c. 1857-1914) — uma das quatro irmãs de Júlia Lopes de Almeida, aplaudida cantora lírica (de música sacra e de câmara) e declamadora (atividade que terá continuidade, no século XX, na atuação da sobrinha Margarida Lopes de Almeida, a mais conhecida declamadora do Brasil contemporâneo) — I(23):355.

**GONÇALVES, Alberto, SENADOR** (Senador Alberto José Gonçalves, Padre) — sacerdote católico paranaense (Palmeira, PR, 1859-São Paulo, SP, 1946): iniciou carreira política depois da Proclamação da República, elegendendo-se deputado estadual no Paraná (período de 1892 a 1896) e, logo em seguida, representante de seu Estado no Senado Federal entre 1896 e 1905; figurará, em 1923, entre os fundadores da Academia de Letras do Paraná, aparecendo ainda na posterior Academia Paranaense de Letras (criada em 1937) — II(29):104.

**GONÇALVES, Ricardo Mendes** (1883-1916) — poeta paulistano, participante do grupo do Minarete (de Monteiro Lobato) e do movimento anarquista do início do século XX, colaborador de "A Mensageira" — II(34):198-199.

**GONÇALVES CRESPO, Antônio Cândido** — v. **CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves**. □

**GONÇALVES DIAS, Antônio** — v. **DIAS, Antônio Gonçalves**. □

**GONÇALVES PINTO, Dionísia** (pseudônimo: Nísia Floresta Brasileira Augusta) — v. **FLORESTA, Nísia**. □

**GONÇALVES ROQUE, Emília de Labourdonnay** (Condessa de Alto Mearim) — v. **CONDESSA DO ALTO MEARIM**. □

**GONÇALVES ROQUE, Júlia de Labourdonnay** (Viscondessa de Sistelo) — v. **VISCONDESSA DE SISTELO**. □

- GONCOURT, Jules de (Jules-Alfred Huot de Goncourt, 1830-1870) — escritor parisiense, autor de numerosas obras em parceria com o irmão Edmond de Goncourt (1822-1896), entre as quais salientam-se estudos históricos e estéticos, romances e peças teatrais de cunho realista — I(6):86.
- GONDRY, Rafael — diretor de uma revista quinzenal publicada na capital paulista em 1897 — I(4):64.
- GONZAGA, Tomás Antônio (1744-c. 1810) — poeta arcádico brasileiro (nascido em Portugal), degredado para Moçambique em 1792, em função de seu envolvimento na Inconfidência Mineira: é autor da coleção de poemas intitulada "Marília de Dirceu" (versos consagrados à noiva ouro-pretana Maria Dorotéia Joaquina de Seixas), um dos livros mais difundidos da língua portuguesa no final do século XVIII e início do século XIX — I(6):91.
- GONZALO DE QUESADA, MADAME — v. QUESADA, Gonzalo de, SENHORA. □
- GOUGES, Olympe de (pseudônimo de Marie-Olympe Gouze, Viúva Aubry, 1748-1793) — intelectual francesa (rica provinciana do sul do país, radicada em Paris), começou escrevendo peças teatrais (no gênero consagrado por Beaumarchais), tornando-se logo ardorosa libertária, defensora de ideais republicanos e feministas; indignou-se, porém, com os excessos da Revolução Francesa, tentando assumir a defesa de Luís XVI em 1793: nessa ocasião divulgou um panfleto que provocou a ira de Robespierre, sendo presa, julgada e condenada à guilhotina; sua "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã" (1791), histórico documento jurídico, é uma das tentativas mais notáveis de aprimoramento das bases legais rumo à efetivação dos direitos da mulher — I(7):106; I(12):188.
- GOULART, Gil, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- GOULART, Odilon, DOUTOR — lente de zoologia e de noções de anatomia e fisiologia da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- GOUNOD, Charles (1818-1893) — operista francês, cujo "Fausto" (estreado em 1859) manteve-se por várias décadas (até o final do século XIX) como uma das óperas mais ouvidas em todo o mundo, tornando seu autor o representante, por excelência, da música francesa oitocentista — II(25):4.
- GOUVEIA, Hilário de, DOUTOR (Doutor Hilário Soares de Gouveia, 1843-1923) — médico oftalmologista mineiro, radicado no Rio de Janeiro (catedrático da Faculdade de Medicina) — I(16):255.
- GRAÇA, Cordeiro da, DOUTOR — engenheiro estabelecido no Rio de Janeiro em 1898, patrocinador de um curso gratuito para a formação de mulheres datilógrafas e taquígrafas — I(7):101-102.
- GRAÇA ARANHA, José Pereira de (pseudônimo: Flávia do Amaral) — v. AMARAL, Flávia do. □
- GRANDE DEMOISELLE (Anne-Marie-Louise d'Orléans, Duquesa de Montpensier) — v. MONTPENSIER, MADEMOISELLE DE. □
- GRANDFORT, Madame de — "celebridade feminina" francesa, participante de um inquérito realizado pela "Revue des Revues" em 1899 — II(30):126.
- GRÉGOIRE, Louis (1819-1897) — historiador francês, autor de um conhecido dicionário biográfico editado em 1870 — I(15):235.
- GRÉVILLE, Henry (pseudônimo de Alice Fleury Durand) — v. DURAND, Alice Fleury.
- GREY, MADAME DE — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):116.
- GRIGNAN, MADAME DE (Françoise-Marguerite de Sevigné, Condessa de Grignan, 1646-1705) — filha de Madame de Sevigné: conhecida por sua cultura, beleza e elegância, deixou ensaios filosóficos (era amiga pessoal de Descartes); casando-se com um conde provençal, partiu para o sul da França, deixando a mãe em Paris, daí se originando a célebre troca de cartas (antológicas por sua correção verbal e por sua extraordinária densidade psicológica) entre ambas, correspondência parcialmente divulgada por uma das filhas da Condessa de Grignan (Pauline, Madame de Simiane) entre 1734 e 1737 — I(15):236.
- GROSSERIE — autor (não identificado) mencionado por Xavier de Carvalho — I(7):100.
- GROTE, MADAME (Harriet Lewin) — v. LEWIN, Harriet. □

*Anexo IV*

GUADALUPE, Alice — dedicatária de um poema de Áurea Pires datado de 1899 — II(36):230.

GUERRA, Benjamin, SENHORA — tesoureira da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

GUERRA JUNQUEIRO, Abílio Manuel de — v. JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra. □

GUERRINI, Olindo (pseudônimo: Lorenzo Stecchetti) — v. STECCHETTI, Lorenzo. □

GUILHERME DE ORANGE (Conde de Nassau e Príncipe de Orange, 1533-1584) — libertador dos Países Baixos do jugo espanhol — I(11):179.

GUIMARÃES, Bernardo (Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, 1825-1884) — escritor mineiro (natural de Ouro Preto, criado no Triângulo Mineiro), bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo (formado em 1851), juiz no interior de Goiás: poeta, cronista e romancista, é no romance que dá sua maior contribuição à literatura brasileira da transição romântico-realista, delineando ambientações mineiro-goianas de notável autenticidade — I(5):80.

GUIMARÃES, Gabriel — filho do poeta Guimarães Júnior, morto na infância — I(16):254.

GUIMARÃES, Geldipa — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Cardona — I(3):40.

GUIMARÃES, Heitor — (1868-1937) — professor, poeta, desenhista e jornalista de Juiz de Fora (MG), redator da "Gazeta da Tarde" (publicada entre 1889 e 1890) e do diário "Correio de Minas" (circulante entre 1894 e 1899), além de editor (em 1898 e 1899, 1º e 2º ano de circulação) do "Almanaque de Juiz de Fora": foi autor, na virada do século, de uma conhecida monografia histórica sobre a imprensa local, juiz-forana, tornando-se em 1909 membro fundador da Academia Mineira de Letras, da qual foi o primeiro bibliotecário — I(9):144; I(20):320; II(27):70.

GUIMARÃES, Luís — v. GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. □

GUIMARÃES, Luísa Cavalcanti (Luísa Cavalcanti Filha) — poetisa gaúcha da segunda metade do século XIX: autora da coletânea poética "Alvoradas", publicada em Pelotas (1886); teria morrido tuberculosa aos 22 anos de idade — I(3):40.

GUIMARÃES, Pereira, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36): 239.

GUIMARÃES, Ricardo Augusto Pereira Guimarães — v. VISCONDE DE BENALCANFOR. □

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís (Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior, 1845-1898) — poeta carioca (figura-chave da transição do romantismo para o parnasianismo), diplomata de carreira, um dos escritores brasileiros mais populares do último quartel do século XIX: sua notória atuação a favor do feminismo, aliada à adoção de um estilo simples, suave e despojado, tornaram-no (ao lado de Casimiro de Abreu) um dos poetas preferidos do público feminino do Brasil; seu filho, Luís Guimarães Filho (1878-1940), figura conhecida da "Belle Époque" carioca, já é cultor de uma arte mais refinada e elitista, enquanto a filha, Iracema Guimarães Vilela, c. 1880-1941, tornou-se estimada contista, romancista e cronista dos jornais e revistas do Rio, em que publicava suas produções assinando-as, geralmente, com o pseudônimo masculino de "Abel Juruá" — I(16):242, 244 e 254; I(17):257-258 e 269; I(20):316; I(21):322 e 336; II(34):190.

GUISOT, MADAME (erro de grafia) — v. GUIZOT, MADAME. □

GUIZOT, François (1787-1874) — famoso historiador francês, deputado protestante conservador, professor universitário, membro dos ministérios da Restauração de 1815 e de Luís Filipe (anos 1830), empenhado nas reformas da rede de instrução primária e do sistema eleitoral do país; sua primeira esposa foi a escritora conhecida como Madame Guizot (Pauline de Meulan, 1773-1827); ao enviuvar em 1828, François Guizot casou-se novamente, com uma sobrinha da primeira esposa, Marguerite-Andrée-Elisa Dillon (1804-1833), conhecida como Madame Elisa Guizot, também escritora (ensaísta e ficcionista); uma filha desse segundo casamento, Henriette Guizot (Madame de Witt, 1829-1908) notabilizou-se como historiadora e tradutora de obras inglesas — I(12):178.

GUIZOT, MADAME (Elisabeth-Charlotte-Pauline de Meulan, 1773-1827) — primeira esposa de François Guizot, autora de romances e de textos didáticos de inspiração evangélica — II(34):197.

GURGES, Olympe de (erro de grafia) — v. GOUGES, Olympe de. □



- GUSMÃO, Joana de (1688-1780) — religiosa brasileira, nascida em Santos, irmã do "Padre Voador" Bartolomeu de Gusmão (1685-1724) e do erudito diplomata Alexandre de Gusmão (1695-1753): ao enviuvar, tornou-se peregrina, chegando a pé até a baía de Desterro, em Santa Catarina (futura Florianópolis) e fundando na ilha, em 1765, uma capela e uma irmandade católica — I(9):130.
- GUSMÃO, João Peres de — crítico literário (autor do "Cancioneiro da Rosa") mencionado por Barahona Vega e Néilson de Sena — II(27):62 e 63.
- GUTIÉRREZ COLL, Jacinto — v. COLL, Jacinto Gutiérrez. □
- HAJOTA, MADAME (pseudônimo de Hélène-Jeanne Bogucka, Senhora Rogozinska, 1862-1927) — escritora polonesa (ensaísta, romancista e autora de um drama de sucesso), temporariamente estabelecida na África, na virada das décadas de 1880-1890, em função de seu casamento com o explorador Stephan von Szolc-Rogozinski, em 1888 — I(5):79.
- HARDY, MISS — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.
- HARTE, Bret (Francis Bret Harte, 1836-1902) — escritor norte-americano (poeta, contista e romancista) de grande popularidade tanto nos EUA como na Europa: juntamente com Mark Twain (1835-1910), foi um dos pioneiros no emprego da temática nacional na literatura dos EUA — II(26):44.
- HARTMAN, MISS — escritora norte-americana do final do século XIX, redatora de uma outra revista "A Mensageira", publicada no Texas: veio ao Brasil em 1899 como secretária da jornalista brasilianista Marie Robinson Wright, com ela percorrendo o país — II(31):148; II(33):182-183.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831) — filósofo alemão, reformulador do conceito de dialética — II(25):24.
- HEIDENSTAM, Verner von (1859-1940) — poeta e prosador da Suécia, Prêmio Nobel de 1916, especialmente notável na reelaboração das lendas e na reconstituição da história de seu país: líder da reação contra as tendências naturalistas estrangeiras, deflagrou em 1888 o processo de renascimento literário nacional sueco — I(13):205.
- HELENA DE TRÓIA — personalidade mítica, apresentada por Homero na "Iliada": rainha de Esparta (esposa de Menelau), teria provocado a Guerra de Tróia, cerca de 1250 a. C., ao fugir com Páris (filho de Príamo, rei de Tróia); Helena é tratada como personagem histórica, símbolo da beleza feminina, por Néilson de Sena ("Pelayo Serrano"), no texto publicado em "A Mensageira" — I(9):130.
- HELIODORA, Bárbara — v. ELIODORA, Bárbara. □
- HENRIQUE, DOM (Infante de Portugal) — v. INFANTE DOM HENRIQUE. □
- HENRIQUETA DA INGLATERRA, Duquesa de Orléans (1644-1670) — princesa inglesa, filha de Carlos I da Inglaterra com Henriqueta Maria da França: infeliz em seu casamento com o Duque de Orléans (irmão de Luís XIV), dedicava-se a uma missão diplomática secreta entre França e Inglaterra quando sofreu morte súbita, acreditando-se que tenha sido envenenada — I(15):235 e 237.
- HENRY GRÉVILLE (pseudônimo de Alice Fleury Durand) — v. DURAND, Alice Fleury. □
- HERCULANO, Alexandre (Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, 1810-1877) — escritor romântico português (jornalista, crítico literário, dramaturgo, historiador, autor de notáveis romances históricos), figura gigantesca de intelectual congruente em seu posicionamento teórico e em sua atuação prática: cristão (embora anticlerical), inspirado em ideais socialistas utópicos, participou da revolução liberal portuguesa, demonstrando preocupação sistemática com a condição social de seu compatriotas — II(29):113; II(32):162; II(34):197.
- HEREDIA, "Ex-Ministro" — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) para homenagear a escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):116.
- HEREDIA, José-Maria de (1842-1905) — poeta francês (nascido em Cuba), discípulo de Leconte de Lisle (1818-1894), considerado "a expressão mais perfeita" do parnasianismo: sua relativamente escassa produção poética neoclássica caracteriza-se pelo "cinzelamento" de impecáveis imagens de expressão estética — I(12):182; II(27):63.
- HERMANN, Paul — médico e botânico alemão (de Halle) do século XVII — I(20):310.

#### Anexo IV

HERODÍADES — personagem bíblica do século I d. C.: mulher de Herodes Antipas, teria induzido sua filha Salomé a obter do rei judeu a cabeça de João Batista, seu opositor — II(28):94.

HERODIAS — v. HERODÍADES.

HIERTA, Anna (Anna Hierta Retzius) — feminista sueca, casada com um famoso professor da Faculdade de Medicina de Estocolmo (o anatomista e histologista Magnus-Gustaf Retzius, 1842-1919), empenhada em amparar e instruir mulheres e crianças desassistidas — II(26):37-38.

HIERTA, Lars — político sueco, pai de Anna Hierta Retzius — II(26):38.

HIERTA, Vilhelmina Froeding — esposa do político sueco Lars Hierta e mãe da feminista Anna Hierta Retzius (também ela empenhada numa atuação filantrópica) — II(26):38.

HIGINA, Mariana — v. FIGUEIREDO, Mariana Higina de. □

HIRSCH, BARONESA DE (Claire Bischoffsheim) — v. BARONESA DE HIRSCH. □

HOCHE, Louis-Lazare, GENERAL (1768-1797) — militar francês, notável homem de ação na resistência contra as forças inglesas e austro-prussianas no período que sucedeu à instalação da Revolução Francesa: nessa mesma época teria determinado a destruição do mosteiro da Bretanha mencionado em "A Lenda da Rosa Branca" — II(35):211.

HOLANDA, Cristóvão Buarque de — lente da cadeira de botânica e noções de geologia da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899): pai do ensaísta, historiador e sociólogo paulista Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) — II(26):47.

HOLMÊS, Augusta (Augusta-Mary-Anne Holmès, pseudônimo: Hermann Zeuta, 1847-1903) — compositora parisiense, filha de irlandeses, casada por algum tempo com o célebre poeta Catulle Mendès (com quem teve três filhas): corresponde talvez à mais completa figura de mulher compositora do século XIX (embora também tenha sido criança-prodígio, tentada a dedicar-se a uma carreira de virtuose, como pianista e cantora), pois, dedicando-se continuamente à composição (orientando-se, entre outros, com César Franck), elaborou peças líricas, instrumentais, sinfônicas e dramáticas de grande porte, para as quais utilizava como texto poemas de sua própria autoria; sua morte coincide com a ascensão de sua compatriota Cécile Chaminade (1857-1944), a mais conhecida compositora da "Belle Époque", dedicada essencialmente à composição de dezenas de peças menores, de gênero ligeiro — II(36):219.

HOMERO — poeta épico grego do século IX a. C., autor da "Íliada" e da "Odisséia" — I(1):12 e 13; II(25):3; II(27):59; II(28):89.

HONOPNICKA (erro de transcrição) — v. KONOPNICKA, Maria. □

HORÁCIO (Quintus Horatius Flaccus) — poeta lírico e satírico latino do século I a. C. — II(25):4.

HORBA, José Frederico de — lente da cadeira de química analítica e toxicologia da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.

HORTA DE ARAÚJO, DOUTOR — v. ARAÚJO, Horta de, DOUTOR. □

HORTÊNSIA — pintora brasileira, participante da exposição da "Escola ao Ar Livre", de alunos do professor Antônio Parreiras, no Rio de Janeiro, em novembro de 1897 — I(3):37.

HUÁSCAR — imperador inca do século XVI, meio-irmão de Atahualpa, assassinado a mando deste — I(20):315.

HUET, Daniel (Pierre-Daniel Huet, 1630-1721) — padre francês, conhecido por sua erudição: foi preceptor do delfim na corte de Luís XIV e conselheiro de Madame de La Fayette — I(15):235.

HUGO, Jeanne — neta de Victor Hugo (filha de Charles-Victor Hugo, 1826-1871): órfã, tornou-se (juntamente com o irmão, Georges Hugo), companheira constante do avô; depois da morte deste, casou-se com um filho de Alphonse Daudet, em 1891, mas divorciou-se em 1895 — I(6):83.

HUGO, Joana — v. HUGO, Jeanne. □

- HUGO, Victor (Victor-Marie Hugo, 1802-1885) — genial escritor francês, personificação do intelectual romântico, polígrafo de projeção insuperável, em sua época, nas áreas do romance, do teatro e da poesia: alguns de seus romances, como "Notre Dame de Paris" ("O Corcunda de Notre Dame") ou "Os Miseráveis", constituem ainda hoje "best sellers" imbatíveis; suas peças teatrais, veiculadoras de propostas de renovação (o prefácio de "Cromwell" servindo para estabelecer os parâmetros de suas propostas estéticas e a encenação de "Hernani" assinalando sua desobediência aos preceitos dramaturgicos clássicos) ficaram célebres tanto nas versões originais como transformadas em óperas ("O Rei se Diverte", "Lucrecia Borgia" e "Maria Tudor" gerando obras-primas musicais de compositores como Verdi, Donizetti e Carlos Gomes), influenciando ainda tanto o teatro romântico ibérico ("Frei Luís de Sousa", de Garrett, por exemplo) como ibero-americano; na poesia brasileira, Hugo foi o mais imitado autor estrangeiro do Oitocentos, notando-se sua influência especialmente na escola condoreira (mas também na lírica feminina de Amália Figueiroa, Julieta de Melo Monteiro, Narcisa Amália, Zalina Rolim e muitas outras); em congruência com sua atuação libertária e republicana, Hugo, decepcionado com o arquivamento dos ideais de 1848 pela restauração monárquica de 1852, manteve-se auto-exilado em ilhas do Canal da Mancha por quase vinte anos, retornando à França na Terceira República, já idoso, com status de herói nacional — I(3):43; I(7):111-112; I(9):132; I(19):298; I(24):377; II(27):62-64; II(28):75; II(32):159.
- HUNGERFORD, Margaret (Margaret Hamilton Wolfe Argles, 1853-1897) — romancista irlandesa, autora de obra volumosa (sendo seus romances, em sua maior parte, considerados "inofensivos" pelo frei Pedro Sinzig) — I(10):152.
- HUNTRUSSENCY, Condestável de — v. CONDESTÁVEL DE HUNTRUSSENCY. □
- IBSEN, Henrik Johan (1828-1906) — revolucionário dramaturgo norueguês, de inspiração anarco-socialista e enorme influência sobre todos os teatrólogos que o sucederam, cujas peças escritas a partir de 1870 passam a questionar sistematicamente os anacrônicos valores ainda vigentes no final do século XIX: o drama "Casa de Bonecas" (estreado em 1879), por exemplo, representa um marco da história do feminismo, com ecos perceptíveis até o início do século XX, em dramas como "A Herança" (Grande Prêmio da Exposição Nacional de 1908), de Júlia Lopes — II(33):180.
- I.G. (iniciais de nome) — autor não identificado de uma epígrafe utilizada por Inês Sabino — I(4):58.
- IGUAPE, BARÃO DE (Antônio da Silva Prado) — v. BARÃO DE IGUAPE. □
- IMPERADOR DA ÁUSTRIA (Francisco José I, 1830-1916) — sucessor de Ferdinando I: assumiu o trono em 1848, tornando-se ainda rei da Hungria em 1867, data que assinala o apogeu do poderio austro-húngaro — II(29):109.
- IMPERADOR KANG-SU (Kang-Su ou Kuang-Hsu, Imperador da China) — frustrado herdeiro do trono chinês, tutelado pela imperatriz Tseu-Hi entre 1875 e 1889, destronado por ela sob pretexto de ser doente mental — I(18):288.
- IMPERATRIZ DA ÁUSTRIA (Elisabeth Amelie Eugenie, "Sissi", 1837-1898) — membro da nobreza bávara, casada com o imperador da Áustria (Francisco José I) aos 16 anos de idade: famosa por sua beleza e popularidade, teve uma existência marcada pela infelicidade e pela melancolia, morrendo assassinada em Genebra, por um anarquista italiano — II(29):109.
- IMPERATRIZ DA CHINA (Tseu-Hi ou Tzu-Hsi, designada como "Atual Imperatriz Viúva", 1834-1908) — concubina imperial que, alçada à condição de regente do trono chinês por ocasião da morte do imperador Hien-Feng (1861), perpetuou-se no poder, governando a China por quase meio século: já idosa, colocou-se no centro de iniciativas desastrosas que resultaram na Guerra Sino-Japonesa (1894-1895) e na Guerra dos Boxers (1900) — I(18):288.
- IMPERATRIZ DO BRASIL (Teresa Cristina de Bourbon) — v. TERESA CRISTINA DE BOURBON. □
- INÊS DE CASTRO — v. CASTRO, Inês de. □
- INFANTE DOM HENRIQUE (1394-1460) — príncipe real português, artífice da expansão ultramarina de seu país — I(16):248.
- INOCÊNCIO (Inocência Francisco da Silva) — v. SILVA, Inocência Francisco da. □
- IPOMÉIA (pseudônimo de colaboradora não identificada de "A Mensageira") — II(31):145-146; II(33):179-180.
- IRACEMA, Amália (c. 1860- ? ) — cantora lírica gaúcha (nascida Amália Haensel, em Porto Alegre), soprano dramático aperfeiçoada na Alemanha, terra natal do pai, assassinado no Brasil em 1892: compõe, ao lado das paulistas Clotilde Maragliano e Maria Monteiro, o trio das mais notáveis intérpretes operísticas brasileiras dos anos 1890 (diferindo das outras duas por adestrar-se em repertório essencialmente franco-germânico e não italiano) — I(23):364.
- ISABEL DA ROMÊNIA, RAINHA — v. SYLVA, Carmen. □

Anexo IV

ISABEL DE BRAGANÇA (Princesa do Brasil) — v. PRINCESA ISABEL DE BRAGANÇA. □

ISCARIOTES — v. JUDAS ISCARIOTES. □

JACOBS, Aletta H., DOUTORA — feminista europeia, organizadora (em 1899) de uma coleção internacional de periódicos "voltados para os interesses da mulher" a ser exposta numa mostra feminina holandesa (em Haia), preparatória para a Exposição Universal de 1900 (Paris) — II(35):215.

JACOLLIOT, Louis (1837-1890) — escritor francês, autor de romances de aventuras e de obras de divulgação de caráter histórico-social — I(6):81.

JACQUINET, Paul (1815-1903) — professor da Escola Normal Superior de Paris, especialista em literatura francesa e latina: autor de "Les Femmes de France poètes et prosateurs", lançado em 1886 — I(15):235.

JANET, Paul (1823-1899) — metafísico espiritualista francês, representante de tendências liberais — I(12):181.

JANSSEN, Pierre-Jules-César (1824-1907) — físico e astrônomo francês, um dos precursores da observação astronômica física — II(31):142.

JARDIM, Antônio da Silva (1860-1891) — advogado e jornalista fluminense, um dos mais ativos propagandistas da República, precocemente falecido num acidente ocorrido em Nápoles — II(29):116.

JATOBÁ (pseudônimo de Nestor Rangel Pestana, 1877-1933) — jornalista paulista cuja biografia se confunde com a própria história do jornal "O Estado de S. Paulo" (do qual seu tio, Rangel Pestana, tinha sido um dos fundadores, em 1875); depois de estudar na Escola Neutralidade (de propriedade do célebre professor João Köpke), empregou-se, ainda adolescente, como funcionário público (colaborando, nessa época, com José Gabriel de Toledo Piza, na editoração da revista "A Boêmia", fundada em 1896); depois de atuar como redator de um periódico de Santos ("O Jornal", de Vicente de Carvalho, fundado em 1905) e de criar seu próprio jornal na capital paulista ("A Notícia", 1906), vinculou-se definitivamente a "O Estado de S. Paulo", mantendo-se em seu corpo redatorial até 1927, quando (por falecimento de Júlio de Mesquita) assumiu a direção desse diário até 1933; foi ainda membro fundador da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo (1912), mas bem antes disso, em 1897, participou da frustrada iniciativa, tomada por um grupo de jovens boêmios paulistanos seus contemporâneos, de fundar um café-concerto no estilo do Quartier Latin parisiense, inspirado na "Bohème" de Murger e Puccini, que se chamaria "Cabaré do Sapo Morto", cuja nominata de sócios aderentes seria encabeçada pelo nome do conhecido cão vadio Cunegundes (aquele mesmo animal que encerrava suas noites refugiando-se para descanso na oficina gráfica de Edgar Leuenroth); segundo Afonso Schmidt, as atividades do grupo não foram além das comemorações do pré-lançamento do Cabaré, ocasião em que despenderam todo o capital inicial reservado para a instalação do café; esse grupo aparece, no entanto, num manifesto pró-construção de um monumento a Gonçalves Dias, divulgado pela revista "A Mensageira" em 15 de novembro de 1897, assinado por nove pseudônimos jocosos, dos quais só foi possível identificar este de "Jatobá", pertencente a Nestor Pestana — I(3):48.

J.C.D. (iniciais de nome) — compositor de uma mazurca editada no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898 — I(9):144. □

JEANNE THILDA (pseudônimo de Mathilde Stevens) — v. THILDA, Jeanne. □

JESSIEU (erro de grafia) — v. JUSSIEU. □

JESUS, Maria de — v. JESUS, Maria Quitéria de. □

JESUS, Maria Quitéria de (1792-1853) — jovem baiana que se alistou como voluntária, em 1822, para combater os portugueses que resistiam à Independência do Brasil: distinguindo-se por sua atuação na fuzilaria, foi condecorada pessoalmente por Pedro I, tornando-se símbolo da mulher combatente brasileira — I(9):130.

JESUS, Teresa do Menino (Thérèse Martin, Soeur Thérèse de l'Enfant Jésus) — v. SANTA TERESA DO MENINO JESUS. □

JESUS CRISTO (Jesus de Nazaré, c. 4 a. C.-c. 30 d. C.) — jovem carpinteiro da Galiléia que, iniciado por João Batista, assumiu a condição de Messias Redentor, passando a peregrinar pelo país em "subversiva" pregação pacifista e altruísta, da qual resultou sua prisão pelos romanos e condenação à morte por crucificação: embora sejam numerosas as menções ao seu nome na revista, a maior parte delas não se refere ao Cristo histórico, e sim à figura simbólica ou místico-religiosa, divinizada, construída pela igreja católica tradicional — I(2):21 e 27; I(9):136; I(10):153; I(13):203-204; I(14):210; I(15):239; I(19):295; I(20):311; I(22):340; I(23):363; II(27):59-60; II(28):80 e 84; II(29):105 e 106; II(30):123 e 127; II(31):138; II(32):168; II(33):179-180; II(34):198-199.

- JÓ — personagem bíblico, a quem se atribui a redação do "Livro de Jó" (um dos livros sapienciais do Antigo Testamento, escrito entre os séculos V e IV a. C.): pela maneira como enfrenta as vicissitudes, Jó se tornou paradigma da paciência e da resignação — I(8):113.
- JOANA D'ARC — v. SANTA JOANA. □
- JOANA DE GUSMÃO — v. GUSMÃO, Joana de. □
- JOÃO ALFREDO, CONSELHEIRO (Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira) — v. ALFREDO, João, CONSELHEIRO. □
- JOÃO DE DEUS (João de Deus Ramos) — v. RAMOS, João de Deus. □
- JOÃO EVANGELISTA — v. SÃO JOÃO EVANGELISTA. □
- JOÃO MINHOCA (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.
- JOÃO SEGUNDO (D. João II, 1455-1495) — rei de Portugal entre 1481 e 1495 — I(16):248.
- JOAQUIM NORBERTO — v. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. □
- JOHN STRANGE (pseudônimo de Mrs. Stannard) — v. STRANGE, John. □
- JÓKAI, Maurus (1825-1904) — romancista húngaro, revolucionário liberal de 1848, autor de dezenas de romances de inspiração romântica e nacionalista ("o Dumas Pai húngaro", segundo Carpeaux): foi casado com uma atriz trágica de sucesso, Rosa Benke Laborfalvi, falecida em 1886) — II(26):43.
- JONGE, MISS — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.
- JONSON, Ben (1572 ou 1573-1637) — poeta e autor teatral inglês, contemporâneo de Shakespeare — II(27):67.
- JOSÉ BENTO, PADRE (Padre José Bento Leite Ferreira de Melo, Senador) — v. BENTO, José, PADRE. □
- JOSÉ BONIFÁCIO — v. BONIFÁCIO, José. □
- JOSÉ DE ARIMATÉIA — v. ARIMATÉIA, José de. □
- JOSÉ DE NAZARÉ (pai de Jesus Cristo) — v. SÃO JOSÉ. □
- JOSÉ MAURÍCIO, PADRE (Padre José Maria Nunes Garcia) — v. GARCIA, José Maurício Nunes. □
- JÓSIKA, Miklós (1794-1865) — escritor húngaro (de família nobre da Transilvânia), favorável ao movimento revolucionário de 1848, autor de estimados romances históricos nacionais escritos à maneira de Walter Scott — II(26):43.
- JUCÁ, Adélia (Adélia Jucá Casado Lima, c. 1865- ?) — escritora alagoana, poetisa como sua irmã Maria Jucá, filha de Cipião Jucá e Ana Maria Guerra Jucá, colaboradora de "A Mensageira" — I(14):219, 220 e 224; I(16):256; I(20):315.
- JUCÁ, Cândido — lente de alemão do Ginásio Nacional (da Capital Federal) e professor do Instituto de Surdos-Mudos do Rio de Janeiro (instituição por ele representada no Congresso Nacional de Educação de 1899) — I(5):69.
- JUCÁ, Cipião (Antônio Cipião da Silva Jucá, 1835-1905) — poeta alagoano, pai das poetisas Adélia e Maria Jucá, colaborador de "A Mensageira" — I(19):295; II(28):84.
- JUCÁ, Maria (Maria Jucá de Moreira Lima, 1867-1895) — poetisa alagoana (nascida em Maceió), irmã de Adélia Jucá, filha de Cipião Jucá e Ana Maria Guerra Jucá, casada em 1893 com o engenheiro Enéias Moreira da Silva Lima (de quem chegou a ter um casal de filhos); aluna brilhante do Liceu Alagoano e da Escola Normal de Maceió, distinguiu-se precocemente pelo talento na tradução de poetas franceses e na produção de poemas próprios, mas faleceu com apenas 28 anos de idade, deixando seus textos inéditos ou esparsos por diferentes periódicos (não pode ser considerada colaboradora de "A Mensageira" por ser póstuma a publicação de seus poemas na revista) — I(1):2; I(10):156; I(14):218-220 e 223-224; I(16):256; II(28):84; II(32):152.

Anexo IV

JUCA TIGRE (José Serafim de Castilhos) — chefe rebelde da Revolução Federalista (1893-1895) — I(3):40-41.

JUDAS ISCARIOTES — personagem bíblico do século I d. C., apóstolo de Jesus Cristo: segundo relato do Evangelho de São Mateus, antes de matar-se traiçou o mestre em troca de uma recompensa, tornando-se símbolo universal da traição — I(13):203; II(34):199.

JÚLIA, Francisca — v. SILVA, Francisca Júlia da. □

JÚLIO MARIA, PADRE (Júlio César de Moraes Carneiro) — v. CARNEIRO, Júlio César de Moraes, PADRE. □

JUNQUEIRO, Abílio Manuel de Guerra (1850-1923) — um dos mais importantes poetas portugueses da segunda metade do século XIX: republicano, antimonarquista e anticlerical (apesar de profundamente cristão), evoluiu da estética realista para o simbolismo finissecular, pertencendo à transição entre essas duas tendências a célebre coletânea poética "Os Simples", de 1892, em que expande sua simpatia pelos menos favorecidos (Guerra Junqueiro exerceu enorme influência em sua época, tanto em Portugal como no Brasil; essa influência é explicitada por Prisciliana Duarte de Almeida num de seus melhores poemas, "A Turca") — I(7):111; II(26):30; II(27):69.

JUSSIEU, Bernard de ("Jussieu Tio", 1699-1777) — botânico francês, encarregado da criação do Jardim Botânico do Trianon por Luís XV — I(20):310.

JUSSIEU, Laurent de ("Jussieu Sobrinho", 1748-1836) — botânico francês, sobrinho e discípulo de Bernard de Jussieu, criador do método natural de classificação das espécies vegetais — I(20):310.

KANT, Immanuel (1724-1804) — filósofo prussiano, genial redirecionador dos métodos de investigação filosófica — II(25):24.

KARL STEEN (pseudônimo de Julie Allard Daudet, Madame Daudet) — v. DAUDET, Madame. □

KÁROLI, Gáspár — pastor protestante húngaro do século XVI: tornou popular a leitura da Bíblia traduzindo-a integralmente para o idioma magiar — II(26):43.

KEMÉNY, Zsigmond (1814-1875) — polígrafo húngaro (autor de panfletos revolucionários, discursos políticos, ensaios e obras de ficção), celebrizado pela publicação de refinados romances históricos nacionais — II(26):43.

KÉRATRY, CONDE DE (Émile de Kératry) — v. CONDE DE KÉRATRY. □

KEY, Ellen (1849-1926) — célebre professora, biógrafa, ensaísta e conferencista sueca, conhecida por seu empenho feminista e pela defesa de uma pedagogia libertária e utópica (inspirada, entre outros, em Rousseau e Spencer): a repercussão internacional de suas propostas revolucionárias atingiu o Brasil, influenciando ativistas como Maria Lacerda de Moura (1887-1945) — I(13):206.

KINKSON, MISS — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.

KIRCHHOFF, Gustav Robert (1824-1887) — físico alemão — II(31):141.

KISFALUDY, Alexandre (Sándor Kisfaludy, 1772-1844) — poeta húngaro, irmão mais velho do dramaturgo Károly Kisfaludy (1788-1830): juntos fundaram, em 1822, o periódico "Aurora", órgão aglutinador do movimento romântico e nacionalista da Hungria — II(26):43.

KJERMANN, Madame (Anna Maria Lovisa Wahlenberg) — v. WAHLENBERG, Anna Maria Lovisa. □

KLÉBER Jean-Baptiste, GENERAL (1753-1800) — militar francês: distinguiu-se na consolidação da Revolução Francesa e, posteriormente, como um dos generais de Napoleão (morreu assassinado no Egito, quando se encarregava de reorganizar o país destruído pela Revolução do Cairo) — II(36):229.

KLUMPKE, Dorothea — astrônoma norte-americana (nascida em San Francisco, Califórnia, em meados do século XIX), oficialmente encarregada, pelo Observatório de Paris, de completar importantes trabalhos de documentação cosmográfica iniciados em 1891 — II(35):204; II(36):219 e 222.

KLUMPKE-DEJÉRINE, Augusta (1859-1927) — médica norte-americana (nascida em San Francisco, Califórnia), uma das primeiras mulheres a exercer a medicina na França, depois de doutorada em Paris, em 1889: especializando-se em neuropatologia, tornou-se importante colaboradora do marido, o neurologista Jules Déjérine (1849-1917) — II(36):219.

- KNAÛT (erro de transcrição) — v. KUNTH, Karl Sigismund. □
- KNEIPP, Sebastian (1821-1897) — religioso bávaro (padre secular católico) responsável pela disseminação de métodos de hidroterapia (transformados em modismo que persistiria ao longo de toda a "Belle Époque") — I(20):320.
- KONOPNICKA, Maria (1842-1910) — célebre poetisa lírica polonesa, considerada a maior de sua época: socialista, de origem humilde, auto-exilou-se na Itália, compondo versos que se enquadram tanto na escola "popularista" (de temática camponesa) como na fase "positivista" (realista) da literatura da Polônia; ficou famosa sua epopéia, publicada em 1892, "O Senhor Balcer no Brasil", dramática descrição dos sofrimentos de um típico emigrante polaco — I(5):79.
- KONT, M. J. — escritor do final do século XIX, historiador da produção literária da Hungria, mencionado por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — II(26):42.
- KÖPKE, João (1853-1926) — famoso professor brasileiro (nascido em Petrópolis, onde seu pai, o professor português Henrique Köpke, estabelecera em 1848 um colégio masculino de renome, em que natação, floricultura e horticultura faziam parte das atividades rotineiras dos alunos), bacharelado em 1875 pela Faculdade de Direito de São Paulo mas essencialmente dedicado ao ensino (primário, secundário e normal), atividade na qual tornou-se "capaz de lecionar, com brilhantíssimo e excelente resultado, quase todas as matérias" (dados baseados no esboço biográfico divulgado por Rangel Pestana em 1884): inspirado nas propostas libertárias de Rousseau, Pestalozzi, Fröbel e Spencer, influenciado pelas idéias anglo-americanas de renovação pedagógica que floresceram no final do século XIX (antecipando-se à corrente pragmática do início do século XX), colocou em prática métodos intuitivos, revolucionários para a época, começando pelo paulistano curso anexo do Largo de São Francisco (aulas de inglês, francês e alemão) e pelo inovador colégio para meninas mantido na capital paulista, entre 1876 e 1878, por Rangel Pestana e sua esposa Damiana Quirino Rangel Pestana (irmã do doutor Quirino, fundador da "Gazeta de Campinas" em 1869), onde lecionou inglês, francês, italiano e geografia; à procura de um meio mais adequado para o desenvolvimento de suas propostas, passou por Campinas nos anos 1880 (Culto à Ciência e Colégio Florence), pelo Rio de Janeiro e novamente por São Paulo (onde manteve, por pouco tempo, na década de 1890, um elogiado colégio próprio, a Escola Neutralidade); embora tenha exercido enorme influência sobre os colegas de magistério contemporâneos, deixou obra exígua, limitada a uns poucos volumes didáticos e a uma coletânea de conferências datada de 1916 (um destes textos correspondendo a seu indignado protesto contra o lançamento de um neojacobinista compêndio de educação moral e cívica, conferência pronunciada no Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo, em 1916, reproduzida nesse mesmo ano pela recém-lançada "Revista do Brasil" paulistana); Köpke foi ainda professor particular de intelectuais como Alceu Amoroso Lima, Josefina Sarmiento e Zalina Rolim (e orientador de obras pedagógicas elaboradas tanto por esta poetisa como por Prisciliana Duarte de Almeida) — I(9):133-134.
- KOSERITZ, Carolina (1866-?) — escritora gaúcha, nascida em Porto Alegre, residente no Rio de Janeiro desde 1883 (filha do nobre alemão radicado no Rio Grande do Sul desde 1851 Barão Karl von Koseritz, 1830-1890, professor, jornalista e político, maçom e anticlerical, membro fundador do Paternon Literário em 1868, um dos introdutores do pensamento germanista no Brasil): poliglota, Carolina publicou traduções de Goethe, Byron, Drammor, Dickens e Turguêniev, além de atuar na imprensa desde a adolescência — I(3):40; I(12):182; I(22):343.
- KRÜGER, A. — desenhista que assina a gravura retratando o pintor Almeida Júnior — I(7):107.
- KUNTH, Karl Sigismund (1788-1850) — botânico alemão, encarregado por Humboldt de classificar as plantas recolhidas nas regiões equatoriais da América (tarefa cumprida em obra monumental publicada entre 1815 e 1825) — I(20):310.
- LABOURDONNAY, Emília de (Emília de Labourdonnay Gonçalves Roque, Condessa do Alto Mearim) — v. CONDESSA DO ALTO MEARIM. □
- LABOURDONNAY, Júlia de (Júlia de Labourdonnay Gonçalves Roque, Viscondessa de Sistelo) — v. VISCONDESSA DE SISTELO. □
- LA CALPRENÈDE, Gauthier de Costes de (1614-1663) — dramaturgo e romancista francês, criticado pela artificialidade e pela afetação de seus escritos — I(15):235.
- LACERDA, E. B. Falcão de, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- LACERDA, Francisco de (Francisco Inácio da Silveira de Sousa Pereira Forjaz de Lacerda, 1869-1934) — compositor, regente e musicólogo português (nascido nos Açores): estudou no Conservatório de Lisboa, indo se aperfeiçoar em Paris em 1895 (onde conviveu, entre outros, com D'Indy, Satie, Debussy, Roussel, Albéniz e de Falla): teve importante papel na organização da vida musical portuguesa no início do século XX — II(29):116.

Anexo IV

LACOMBE, Paul (1848-1921) — historiador francês, autor de uma importante "Bibliographie Parisienne" datada de 1887 — I(7):100.

LACOUR, Léopold (1854-1939) — professor e jornalista parisiense, empenhado em campanhas a favor do feminismo, autor, entre outras obras de interesse, de "Le Duel des Sexes" (1897) e "Les Origines du Féminisme Contemporain: Olympe de Gouges, Théroigne de Méricourt, Rose Lacombe" (1900) — I(7):100.

LADY MORGAN (Sidney Owenson Morgan, c. 1783-1859) — escritora irlandesa (nascida em Dublin), autora de poemas e romances de cunho patriótico — II(34):197.

LADY ROTSCCHILD — participante do Congresso Internacional de Mulheres realizado em meados de 1899, em Londres (II Reunião Internacional do ICW, International Council of Women) — II(31):133 e 138.

LAET, Carlos de (Carlos Maximiliano Pimenta de Laet, 1847-1927) — professor secundário, polígrafo e jornalista carioca, católico (conde pela Santa Sé), monarquista e crítico mordaz das incongruências republicanas — I(8):123.

LA FAYETTE, CONDE DE (François Motier) — nobre francês, falecido em 1683, deixando viúva Madame de La Fayette (com quem havia se casado em 1655) — I(15):235 e 236.

LA FAYETTE, MADAME DE (Marie-Madeleine Pioche de La Vergne, Condessa de La Fayette, 1634-1693) — célebre romancista francesa (nascida em Paris), autora de obras de notável concisão e densidade psicológica; seu romance "La Princesse de Clèves" (1678) é considerado o marco inaugural da moderna literatura francesa — I(1):14; I(4):60; I(15):235-237; I(16):256.

LAGERLÖF, Selma (1858-1940) — prosadora sueca, figura máxima da literatura feminina mundial da virada do século, detentora do primeiro Prêmio Nobel atribuído a uma escritora (1909); prosadora nascida no interior da Suécia (na província de Värmland), revelou, desde sua estréia em 1891, um extraordinário lirismo, associado a um forte sentimento telúrico nutrido pela literatura popular da Escandinávia — I(13):205-206.

LAMARTINE, Alphonse de (Alphonse-Marie-Louis de Prat de Lamartine, 1790-1869) — poeta francês, figura-chave da primeira geração romântica de seu país, autor (na maturidade) de pequenos romances muito difundidos ("Raphaël", "Geneviève", "Le tailleur de pierres de Saint-Point" e "Graziella") — I(20):307; I(21):326; II(30):127; II(31):139.

LAMBALLE, Princesa de — v. PRINCESA DE LAMBALLE. □

LAMBER, Juliette — v. ADAM, Juliette Lamber. □

LAMBERT, MADAME DE — v. MARQUESA DE LAMBERT. □

LAND, Cristina — "matemática eminente" do século XIX, mencionada em editorial do jornal "O País" transcrito em "A Mensageira" — II(36):219.

LANDOR, Walter Savage (1775-1864) — escritor inglês (poeta, dramaturgo, crítico literário e ensaísta), orientador da carreira literária da escritora, sua compatriota, Eliza Lynn Linton (1822-1898), que se declarava sua "filha literária adotiva" — I(22):352.

LA RAMÉE, Louise de (pseudônimo: Ouida, 1840-1908) — romancista inglesa, radicada na Itália desde 1868, autora de romances sentimentais de sucesso — I(10):152.

LA ROCHEFOUCAULD (François VI, Duque de La Rochefoucauld, 1613-1680) — escritor francês, autor das célebres "Reflexões ou Sentenças e Máximas Morais" (1665) — I(15):235 e 236.

LATINO COELHO, José Maria — v. COELHO, Latino. □

LAUNAY, VISCONDE DE (Viconte de Launay, pseudônimo de Delphine Gay, Madame Émile de Girardin) — v. MADAME ÉMILE DE GIRARDIN. □

LAURA — criança (nascida por volta de 1892) residente no Rio de Janeiro, atacada por uma avestruz (incidente narrado por Maria Clara da Cunha Santos em 1898) — I(8):117-118.

LA VERGNE, Marc de — nobre francês do século XVII, pai de Madame de La Fayette (1634-1693) — I(15):235.

LÁZARO, SÃO — v. SÃO LÁZARO. □



- LEAL DE BARROS, Joana -- v. BARROS, Joana Leal de. □
- LEÃO, Julieta Felizardo — escritora brasileira do século XIX, dedicatária (em 1897) de um conto de Andradina de Oliveira — I(22):343.
- LECONTE DE LISLE, Charles-Marie-René (1818-1894) — poeta francês, revolucionário de 1848 (partidário das idéias socialistas de Fourier), propugnador por uma poesia realista e impessoal: suas proposições estéticas, expostas no prefácio dos "Poèmes Antiques" (1852) o tornam mentor da escola parnasiana (da qual ele e seu discípulo José-Maria de Heredia são os principais representantes na França) — I(12):182.
- LEGOUVÉ, Ernest (1807-1903) — escritor francês (poeta, romancista e dramaturgo, autor de peças de sucesso internacional como "Adrienne Lecouvreur" e "Médée" (que Rachel, Sarah Bernhardt e Adelaide Ristori tornaram célebres): na maturidade, dedicando-se à produção de ensaios e à realização de conferências, tornou-se ativo propagandista dos direitos da mulher e da criança, com ênfase especial em questões que envolvem a leitura e a educação feminina (é de 1864 seu "La Femme en France au XIXe. Siècle", ampliado na reedição de 1878, livro muito difundido no final do Oitocentos) — I(3):43; I(6):81; I(9):142; I(17):264; II(31):134.
- LEGRAND, Marc — poeta francês, presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):116.
- LEITÃO DA CUNHA, DOUTOR — v. CUNHA, Leitão da, DOUTOR. □
- LEITE DE OLIVEIRA BELO, Luís Alves — v. BELO, Luís Alves Leite de Oliveira. □
- LEITE VELHO, DOUTOR — v. VELHO, Leite, DOUTOR. □
- LEMAIRE, Madeleine (Jeanne-Madeleine Coll, Madame Lemaire, 1845-1928) — pintora francesa (ilustradora, retratista e aquarelista), discípula de sua tia, a renomada pintora de retratos em miniatura Madame Herbelin (1820-1904): conhecida por sua habilidade na pintura de flores, foi nomeada (em 1898) professora oficial de desenho de plantas do Museu de História Natural de Paris — I(13):207.
- LEMOS, J. M. Azevedo (c. 1860-c. 1920) — pianista e compositor popular (carioca, provavelmente), um dos melhores pianistas do Rio de Janeiro da virada do século, segundo Ary Vasconcelos: é autor de um xôtis editado no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898 — I(9):144.
- LEMOS, Maria Emilia — prosadora brasileira do final do século XIX (que remete de Minas Gerais textos publicados na revista sob a epígrafe "Com Ares de Crônica"), colaboradora de "A Mensageira" — I(1):2; I(2):17-18; I(3):43-44; I(4):62; I(7):110-111; I(8):123-124; I(10):156; I(11):170-171; I(12):182; I(13):208; I(15):229-231; I(16):241-242; I(20):307-309; I(24):373-375; II(28):88-89; II(33):169-172.
- LEMONNIER, Elisa Grimailh (1805-1865) — extraordinária educadora da França: casando-se em 1831 com o professor Charles Lemonnier (1806-1891), aderiu ao socialismo saint-simoniano, fundando em 1856 uma sociedade denominada posteriormente "Société pour l'enseignement professionnel des femmes", modelo para a disseminação de instituições semelhantes que chegaram ao final do século depois de ter profissionalizado milhares de mulheres francesas — I(15):239.
- LENTZ, Heloisa (Heloisa de Almeida Lentz, c. 1895- ? ) — filha do professor Carlos Lentz e da poetisa mineira Stella Lentz, dedicatária de um poema composto por sua mãe em fins de 1897: Heloisa teria se tornado, ela própria, prosadora e organizadora de programas radiofônicos artístico-literários nos anos 1930-1940, tendo nascido em São Paulo e falecido no Rio de Janeiro ("sem geração", segundo seu primo Aureliano Leite) — I(2):30.
- LENTZ, Stella (Stella Vilhena de Almeida Lentz, c. 1870- ? ) — irmã de Sílvia de Almeida e, conseqüentemente, cunhada e prima de Prisciliana Duarte de Almeida: poetisa mineira, colaboradora de "A Mensageira" — I(2):30.
- LEONARDO DA VINCI — v. DA VINCI, Leonardo. □
- LEONEL, Eugênio — político conservador paulista, nascido na primeira metade do século XIX (foi deputado provincial, no Império), jornalista (redator de um periódico de Faxina empastelado em fins de 1891) e poeta, autor das coletâneas poéticas "Heras" (1888) e "Poentes" (1898) — I(16):242-244.
- LEÔNIDAS — rei de Esparta, morto em 480 a. C. na heróica defesa do desfiladeiro das Termópilas contra os persas liderados por Xerxes — II(30):125.

#### Anexo IV

LEOPARDI, Giacomo (1798-1837) — célebre poeta pré-romântico italiano, esteticamente situado no ápice do neoclassicismo europeu (o centenário de seu nascimento foi internacionalmente assinalado em 29 de junho de 1898) — I(13):204.

LEVERTIN, Oskar (1862-1906) — escritor, crítico e professor universitário de literatura da Suécia do final do século XIX: aliado a Verner von Heidenstam (1859-1940) numa cruzada nacionalista e antinaturalista, escreveu poemas, contos e romances, estabelecendo importantes marcos histórico-literários para a renovação estética escandinava — I(13):205.

LEVY, MADAME — massagista facial habilitada em Paris, estabelecida no Rio de Janeiro: segundo registros compilados por Egon e Frieda Wolff, publicou anúncio em setembro de 1899, fornecendo aos clientes o endereço do largo da Glória nº 3, reaparecendo no início do ano seguinte (após período de ausência) na rua dos Ourives nº 9 — II(32):158; II(33):175.

LEWIN, Harriet (Madame Grote, 1792-1878) — escritora inglesa: casou-se em 1820 com o historiador e cientista político George Grote (1794-1871), do círculo de David Ricardo, James Mill e Jeremy Bentham, publicando, entre outros livros, uma biografia do marido ("Personal Life of George Grote", 1873) — II(27):67.

L.F. (iniciais de Leopoldo de Freitas) — v. FREITAS, Leopoldo de. □

LICHTENBERG, PRÍNCIPE DE — v. PRÍNCIPE DE LICHTENBERG. □

LIMA, Adélia Jucá Casado — v. JUCÁ, Adélia. □

LIMA, Archer de (Nicolau Alberto de Fonte Archer de Lima) — polígrafo português, diplomata de carreira, autor do ensaio "Profissão de Fé" (1895) — I(23):365-367.

LIMA, Augusto de, DOUTOR (Doutor Antônio Augusto de Lima, 1859-1934) — poeta e compositor mineiro, jornalista empenhado nas campanhas abolicionista e republicana, bacharelado em direito (São Paulo, 1882), juiz de direito, professor de filosofia do direito e diretor do Arquivo Público Mineiro (nomeado no período em que Silviano Brandão assumiu a Presidência do Estado de Minas): eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1903, assumiu carreira política a partir de 1910, depois de já estar consagrado como dono de um estilo próprio de parnasianismo, ao mesmo tempo elevado e despojado (o filho, Augusto de Lima Júnior, 1889-1970, polígrafo, igualmente formado em direito, foi um dos mais notórios historiadores mineiros do século XX) — II(27):70.

LIMA, Francisca Clotilde Barbosa — v. CLOTILDE, Francisca. □

LIMA, G. Barbosa, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

LIMA, Hermeto (1872-1947) — poeta paraense (nascido em Belém), radicado no Rio de Janeiro: a coletânea poética "Estalagmites" (de 1898) é seu livro de estréia — I(21):335.

LIMA, Monteiro de Barros, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

LIMA, Pinto, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres (e colaborador, no mesmo ano, do semanário carioca "A Crônica") — II(28):95; II(33):184.

LIMA, Viana de (César Sauvan Viana de Lima, Barão de Jauru) — v. BARÃO DE JAURU. □

LINEU ou LINNAEUS — v. LINNÉ, Carl von. □

LINNÉ, Carl von (1707-1778) — médico e naturalista sueco, responsável pela elaboração e pela aplicação do moderno sistema de nomenclatura científica aplicada aos reinos animal e vegetal — I(20):310 e 311; II(34):197.

LINS, Francisco (1866-1933) — poeta, professor e jornalista mineiro, colaborador de "A Mensageira" — I(7):103, 109 e 112; I(8):125; I(13):208; I(20):320; I(21):326-327 e 328.

LINTON, Elizabeth Lynn (Eliza Lynn Linton, 1822-1898) — escritora inglesa (filha de um pastor anglicano), casada com o gravador londrino (também escritor) William James Linton (1812-1897), autora de romances de sucesso: grande repercussão obteve, igualmente, com os polêmicos ensaios antifeministas "Ourselves, Essays of Women" (1867) e "The Girl of the Period" (1883) — I(22):352.

- LÍRIO — nome próprio de dedicatário de textos de duas colaboradoras diferentes da revista: Ipoméia e Perce-Neige (tratam-se, provavelmente, de dois indivíduos diferentes e não de um só) — II(33):179; II(36):234.
- LISBOA, Ana Aurora do Amaral (1860-1951) — professora habilitada pela Escola Normal de Porto Alegre, poetisa, teatróloga e cronista: no jornalismo (atividade em que usou os pseudônimos de José Anselmo e Aura Lis), chegou a engajar-se nas campanhas abolicionista e republicana, assumindo posteriormente postura de crítica aberta ao governo do florianista Júlio de Castilhos, sendo por este motivo destituída de suas funções no magistério oficial (e presa juntamente com os irmãos, durante a Revolução Federalista) — I(3):40; I(22):343.
- LISBOA, Carlota do Amaral — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Carona: trata-se de uma outra irmã de Ana Aurora do Amaral Lisboa (além de Zamira Lisboa) — I(3):40.
- LISBOA, Silva — jornalista brasileiro presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):116.
- LISBOA, Zamira — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Cardona: é irmã da escritora Ana Aurora do Amaral Lisboa (juntas fundaram, em 1893, um colégio estabelecido na cidade natal de ambas, Rio Pardo, RS, no qual crianças negras eram admitidas em igualdade de condições com crianças brancas) — I(3):40.
- LISLE, Leconte de — v. LECONTE DE LISLE, Charles-Marie-René. □
- LISLE-ADAM, VILLIERS DE — v. VILLIERS DE LISLE-ADAM, Auguste. □
- LOBATO, Rita — v. LOPES, Rita Lobato Velho. □
- LOBO, Artur (1869-1901) — escritor mineiro (poeta, romancista e contista), nascido em Montes Claros, patrono da cadeira nº 20 da Academia Mineira de Letras: mais conhecido pela autoria das coletâneas poéticas "Evangelhos" (1893) e "Quermesses" (1896), desempenhou, entre outras funções públicas, a de professor de português e literatura da Escola Normal de Uberaba, cidade do Triângulo Mineiro — I(8):123; I(19):304.
- LOBO, Tercília Nunes — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Cardona: segundo Alzira Freitas Tacques, era natural da cidade do Rio Grande, RS, lá se dedicando ao exercício do magistério particular — I(3):40; I(12):182.
- LOEFGREN, Alberto (1854-1918) — naturalista sueco, radicado no Brasil desde 1874 (atuando como professor, engenheiro, botânico e meteorologista, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro): lente de botânica brasileira da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- LOMBROSO, Cesare (1835-1909) — psiquiatra e criminologista italiano, responsável pelo desenvolvimento de uma teoria (baseada em pressupostos comtianos) que supervalorizava os fatores biológicos como determinantes da predisposição mental do indivíduo: teria, nesse sentido, subestimado a inteligência das mulheres — I(12):180.
- LONGFELLOW, Henry Wadsworth (1807-1882) — poeta romântico norte-americano, autor do célebre poema idílico "Evangeline" — I(21):325.
- LOPES, Adelaide — v. GONÇALVES, Adelaide Lopes. □
- LOPES, Adelina ("Adelina Filha") — v. VIEIRA, Adelina Amélia Lopes. □
- LOPES, Adelina ("Adelina Mãe") — v. LOPES, Antônia Adelina do Amaral Pereira. □
- LOPES, Antônia Adelina do Amaral Pereira (Viscondessa de São Valentim, 1830-1895) — pedagoga e musicista portuguesa (nascida em Lisboa), viscondessa em 1890 em função do título concedido a seu marido pelo rei de Portugal: casou-se aos 19 anos de idade em sua terra natal, com o educador Valentim José da Silveira Lopes, da mesma idade, participando ambos das experimentações pedagógicas que se seguiram à implantação da Regeneração portuguesa (a partir da Revolução de 1851); ao emigrar para o Brasil em 1857, logo depois da vinda do marido (1856), é portadora de tripla diplomação pelo Conservatório de Lisboa (piano, canto e composição) — II(29):98.
- LOPES, Irene Ferreira — jovem estudante mencionada por Néelson de Sena ("Pelayo Serrano") em texto publicado em janeiro de 1898: por essa época, submetia-se a exames preparatórios (pré-universitários) em Barbacena — I(7):106.
- LOPES, Júlia — v. ALMEIDA, Júlia Lopes de. □

#### Anexo IV

LOPES, Rita Lobato Velho (1866-1959) — médica ginecologista e obstetra gaúcha (nascida em São Pedro do Sul) graduada em 1887 pela Faculdade de Medicina da Bahia, com tese intitulada "Paralelo entre os Métodos Preconizados nas Operações Cesarianas": casou-se em 1889 com o primo, o comerciante gaúcho Antônio Maria Amaro de Freitas, exercendo a profissão em seu Estado de origem (foi a primeira médica formada no Brasil, precedendo suas duas colegas gaúchas Antonieta Morpurgo e Ermelinda de Sá) — I(3):40.

LOPES, Valentim José da Silveira (Visconde de São Valentim, 1830-1915) — pedagogo português (nascido em Lisboa), agraciado com o título de Visconde de São Valentim pela coroa portuguesa em 1890, participante das experimentações pedagógicas de inspiração iluminista e socialista-utópica implantadas por Antônio Feliciano de Castilho em Portugal logo após o movimento revolucionário de 1851 (por imposição do Duque de Saldanha, neto do Marquês de Pombal), emigrado para o Brasil em 1856: estabelecido inicialmente como funcionário diplomático e educador no Rio de Janeiro e em diferentes cidades da província fluminense, acaba se radicando em Campinas (num período que se estenderá, com interrupções, de 1869 até o final do século XIX), onde, exercendo a medicina e praticando o jornalismo, integra-se à elite econômica, política e intelectual local; residindo no centro da cidade, comanda (com a esposa) um dos salões mais conhecidos dos anos 1870, em que brilham os talentos das cinco filhas, aqui designadas pelos nomes assumidos depois de casadas: a primogênita Adelina Amélia Lopes Vieira (poetisa, contista, professora primária e regente coral), a pianista Maria José Lopes Camargo (que se casa com o primeiro neto da Viscondessa de Campinas), a cantora e declamadora Adelaide Elisa Lopes Gonçalves, a tímida pianista Júlia Lopes de Almeida e a caçula Alice Luísa Lopes Campeão (o único filho do sexo masculino, Valentim Júnior, casou-se em Campinas com a filha do industrial Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, mais conhecido pelo apelido de "Sampainho", tornando-se agricultor); católico progressista, de notória atuação na maçonaria, o doutor Valentim publicou livros didáticos, ensaios históricos, peças teatrais, textos médicos e uma polêmica proposta de ensino profissionalizante divulgada em 1885 — II(29):98-99.

LOPES DE VASCONCELOS, Ermelinda — v. SÁ, Ermelinda de. □

LÓPEZ, Francisco Solano (1826-1870) — ditador paraguaio desde 1862 (implicitamente citado no texto de Sílvio de Almeida), deflagrador do conflito que mobilizou Brasil, Argentina e Uruguai para a Guerra do Paraguai (1864-1870) — II(31):140.

LORETO, Barão de (Franklin Américo de Meneses Dória) — v. BARÃO DE LORETO. □

LOTI, Pierre (pseudônimo de Louis-Marie-Julien Viaud, 1850-1923) — romancista francês, admitido na Academia Francesa em 1891, depois de obter enorme sucesso de público e de crítica com seus primeiros romances exóticos (tendo viajado pela África e pelo Oriente como oficial de marinha, a variedade de paisagens vivenciadas tornaram-no exímio criador de atmosferas, descritas impressionisticamente, em tom de doce melancolia); tornaram-se especialmente célebres seus romances "Pechêur d'Islande" (1886) e "Madame Chrysanthème" (1887) — I(20):315.

LOURBET, Jacques — escritor mencionado por Xavier de Carvalho (como autor de textos doutrinários feministas) — I(7):100.

LOUREIRO DE ANDRADE, Maria Guilhermina — v. ANDRADE, Maria Guilhermina Loureiro de. □

LUÍS, SÃO (Rei Luís IX da França) — v. SÃO LUÍS. □

LUÍSA AMÉLIA — v. BRANDÃO, Luísa Amélia de Queirós. □

LUSK, Hugh — parlamentar da Nova Zelândia, autor de um artigo em que são mostradas as vantagens da adoção do voto feminino em seu país, a partir de 1893 — I(5):71.

LUSO, João (pseudônimo de Armando Erse de Figueiredo, 1875-1950) — escritor português, radicado no Brasil a partir de 1893, estabelecendo-se de início como redator de jornais paulistanos e transferindo-se na virada do século para a Capital Federal, onde prosseguiu publicando, por mais meio século, centenas de contos e crônicas parcialmente reunidas em livros: além de ter se envolvido amorosamente com a poetisa paulista Francisca Júlia da Silva nos anos 1890, foi amigo íntimo de Júlia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida (eleito membro correspondente da Academia Brasileira de Letras em 1932, responsabilizou-se sucessivamente em 1934 e 1945, pelas orações fúnebres do casal de amigos) — I(8):123.

LUZIA, SANTA — v. SANTA LUZIA. □

LYCINQUE — autor antifeminista não identificado mencionado por Archer de Lima — I(23):365.

- LYNN, James — pastor anglicano do início do século XIX, pai da escritora inglesa Eliza Lynn Linton (1822-1898) — I(22):352.
- LYNN LINTON, Elizabeth — v. LINTON, Elizabeth Lynn. □
- MABAI, Ruck, DOUTORA — médica indú do final do século XIX, mencionada como exemplo da capacidade feminina — II(36):219.
- MACEDO, Clorinda (Clorinda Máxima de Macedo) — poetisa portuguesa, nascida em meados do século XIX (autora da coletânea poética "Sombras", de 1878), colaboradora da revista feminista "A Mulher", mantida por Xavier de Carvalho na cidade do Porto, por volta de 1880 — I(7):100.
- MACEDO, Clovinda de (erro de grafia) — v. MACEDO, Clorinda. □
- MACEDO SOARES, José Eduardo — v. SOARES, José Eduardo de Macedo. □
- MAC GEC, Anita Nervaute, DOUTORA — médica norte-americana (da Universidade de Washington), designada para atuar no "front" da Guerra Hispano-Americana (1898) — II(36):222.
- MACHADO, Ana — médica de Belém do Pará, nascida em meados do século XIX, uma das primeiras mulheres a exercer a medicina no Brasil: mas, ao contrário de suas colegas Rita Lobato, Ermelinda de Sá e Antonieta Morpurgo (formadas pelas faculdades de medicina da Bahia e do Rio de Janeiro), foi fazer seu curso superior nos EUA, diplomando-se pela Faculdade de Medicina de Filadélfia, à semelhança de sua colega carioca Maria Augusta Generoso Estrela (1861-1946), diplomada médica pelo New York Medical College em 1881 — I(7):106; I(9):131.
- MACHADO, Costa, DOUTOR — deputado federal mineiro do período 1891-1895, com pronunciamentos de teor feminista no Congresso Nacional — I(10):160; I(12):188; II(33):170.
- MACHADO, José Gomes Pinheiro (1851-1915) — político gaúcho, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo (1878), correligionário do primeiro Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos (1860-1903), foi eleito constituinte federal em 1890, iniciando uma carreira que se estenderá por um quarto de século, até seu assassinato em 1915: líder republicano conservador, reuniu considerável fortuna pessoal, tornando-se um dos políticos brasileiros mais influentes da Primeira República, colaborando ativamente para a eleição do marechal Hermes da Fonseca, em 1910 — I(16):243.
- MACHADO, Pinheiro — v. MACHADO, José Gomes Pinheiro. □
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria — v. ASSIS, Joaquim Maria Machado de. □
- MACHADO PINHEIRO, João (Visconde de Pindela) — v. VISCONDE DE PINDELA. □
- MACINTYRE, Pérola — jovem estudante mencionada por Néelson de Sena ("Pelayo Serrano") em texto publicado em janeiro de 1898: por essa época, submetia-se a exames preparatório (pré-universitários) na capital paulista — I(7):106.
- MACKENSOTH, DOUTORA — advogada do final do século XIX, uma das pioneiras do exercício profissional da advocacia por mulheres: teve sua primeira atuação pública em novembro de 1899, no Tribunal do Comércio de Zurique (Suíça) — II(35):214.
- MÀCOLA, Ferruccio (1861-1910) — jornalista, deputado direitista do parlamento italiano no final do século XIX: matou, em duelo realizado em Roma, no dia 6 de março de 1898, seu colega (líder da extrema esquerda) Felice Cavallotti, suicidando-se alguns anos depois (segundo o texto de Revocata Heloísa de Melo veiculado por "A Mensageira", Mácola, que esteve no Brasil, teria incluído na obra "L'Europa alla Conquista dell'America Latina", de 1894, considerações insultuosas à mulher brasileira) — I(16):253-254.
- MADÁCH, Imre (1823-1864) — poeta húngaro, autor do célebre drama épico em versos "A Tragédia do Homem", completado em 1861 — II(26):44.
- MADALENA, Maria — personagem bíblica do século I d. C. (assim chamada por ser originária de Magdala, aldeia da Galiléia), mencionada nos quatro evangelhos do Novo Testamento: penitenciando-se dos pecados cometidos em sua vida pregressa, devotou-se ao Nazareno, agregando-se ao grupo de seus seguidores e testemunhando pessoalmente os padecimentos finais de Jesus Cristo — II(33):179-180; II(34):198.
- MADAME ACKERMANN — v. ACKERMANN, MADAME. □

*Anexo IV*

- MADAME ADAM (Juliette Lamber Adam) — v. ADAM, MADAME. □
- MADAME ADELA AZCUY DE PILOTA — v. PILOTA, Adela Azcuy de. □
- MADAME ALFHILD AGRELL — v. AGRELL, Alfild, MADAME. □
- MADAME BENJAMIN GUERRA — v. GUERRA, Benjamin, SENHORA. □
- MADAME BIANCHOT (ou BLANCHET) — v. BIANCHOT (ou BLANCHET), MADAME. □
- MADAME BLANCHE XAVIER DE CARVALHO — v. CARVALHO, Blanche Xavier de. □
- MADAME BLANCHE ZACHAM BERALT — v. BERALT, Blanche Zacham. □
- MADAME CATTULE-MENDÈS — v. CATULLE-MENDÈS, Jane. □
- MADAME CHÉLIGA — v. CHÉLIGA, Marya. □
- MADAME D'AGOULT — v. D'AGOULT, MADAME. □
- MADAME DAUDET — v. DAUDET, MADAME. □
- MADAME DE GRANDFORT — v. GRANDFORT, MADAME DE. □
- MADAME DE GREY — v. GREY, MADAME DE. □
- MADAME DE GRIGNAN — v. GRIGNAN, MADAME DE. □
- MADAME DEJÉRINE — v. KLUMPKE-DEJÉRINE, Augusta. □
- MADAME DE LA FAYETTE — v. LA FAYETTE, MADAME DE. □
- MADAME DE LAMBERT — v. MARQUESA DE LAMBERT. □
- MADAME DE MAINTENON — v. MARQUESA DE MAINTENON. □
- MADAME DE RUTE (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- MADAME DERVOUD (nome inexistente: trata-se de erro de transcrição) — v. MADAME DURAND. □
- MADAME DE SEVIGNÉ — v. SEVIGNÉ, MADAME DE. □
- MADAME DESFAURE — v. DESFAURE, MADAME. □
- MADAME DE SOLMS (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- MADAME DE SOUSA-BOTELHO (Adèle-Marie-Émilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □
- MADAME DE STAËL — v. STAËL, MADAME DE. □
- MADAME DREYFUS — v. DREYFUS, MADAME. □
- MADAME DURAND — v. DURAND, Marguerite. □
- MADAME ELISA ORZESKA — v. ORZESZKOWA, Eliza. □
- MADAME ÉMILE DE GIRARDIN (Delphine Gay, pseudônimo: Vicomte de Launay, 1804-1855) — polígrafa francesa (poetisa, crítica literária, cronista, contista, romancista e dramaturga), filha de um preposto de Napoleão, Sigismund Gay e da romancista e compositora Sophie Gay (1776-1852); cortejada pelo futuro rei Carlos X, casada em 1831 com o conhecido jornalista Émile de Girardin (1802-1881), fundador do diário parisiense "La Presse" (1836), um dos

periódicos pioneiros na veiculação e na consolidação do gênero romance-folhetim: cognominada "a musa do romantismo", Delphine cresceu em meio aos frequentadores do salão de sua mãe (convivendo, entre outros, com Bernardin de Saint-Pierre, Madame de Staël, Lamartine, Chateaubriand e Victor Hugo), estabelecendo por sua vez, na Paris dos anos 1830-1840, seu próprio salão, frequentado por Hugo, Musset, Balzac e Théophile Gautier, consagrou-se inicialmente como poetisa, tornando-se ainda mais popular ao assumir, entre 1836 e 1848, no jornal do marido, uma coluna fixa ("folhetim" de crítica) intitulada "Lettres parisiennes"; além de volumes de contos e romances de sucesso produziu dramas e comédias em prosa e em verso, igualmente bem-sucedidos; assim, teria se transformado na "mulher mais célebre da França" dos tempos do rei Luís Filipe — I(3):45.

MADAME EMILIA AGRAMONTE — v. AGRAMONTE, Emilia. □

MADAME FIDEL G. PIERZA — v. PIERZA, Fidel G., SENHORA. □

MADAME GERNANDT CLAINÉ — v. CLAINÉ, Gernandt, MADAME. □

MADAME GONZALO DE QUESADA — v. QUESADA, Gonzalo de. □

MADAME GROTE (Harriet Lewin) — v. LEWIN, Harriet. □

MADAME GUIZOT (erro de grafia) — v. GUIZOT, MADAME. □

MADAME GUIZOT — v. GUIZOT, MADAME. □

MADAME HAJOTA — v. HAJOTA, MADAME. □

MADAME HONOPNICKA (sic) — v. KONOPNICKA, Maria. □

MADAME IRENE TRUJILLO — v. TRUJILLO, Irene. □

MADAME J. ARIAS — v. ARIAS, J., SENHORA. □

MADAME KJERRMANN (Anna Maria Lovisa Wahlenberg, pseudônimo: Rien) — v. WAHLENBERG, Anna Maria Lovisa. □

MADAME LEVY — v. LEVY, MADAME. □

MADAME MARIE MARTIN — v. MARTIN, Marie. □

MADAME MICHELET — v. MICHELET, Adèle-Athénaïs Mialaret. □

MADAME NECKER — v. NECKER, MADAME. □

MADAME NECKER DE SAUSSURE — v. NECKER DE SAUSSURE, MADAME. □

MADAME OSTERRICHT — v. OSTERRICHT, MADAME. □

MADAME PAUL YUNKA — "celebridade feminina" participante de um inquérito realizado pela "Revue des Revues" em 1899 — II(30):126.

MADAME POCKEY PHILIPSON — médica suíça mencionada em editorial do diário carioca "O País", em fins de 1899 — II(36):222.

MADAME POTONIÉ-PIERRE — v. POTONIÉ-PIERRE, Eugénie. □

MADAME RATTAZZI (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □

MADAME R. CABARRA — v. CABARRA, R., SENHORA. □

MADAME RODZIEWICZ — v. RODZIEWICZ, Maria. □

MADAME ROLAND (Jeanne-Manon Phlipon, Madame Roland de la Platière) — v. ROLAND, MADAME. □

Anexo IV

MADAME SOPHIE MELLER — v. MELLER, Sophie. □

MADAME SOUSA (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Fillenul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □

MADAME V. DE ZAYAS BAZÁN — v. BAZÁN, V. de ZAYAS, SENHORA. □

MADAME VALERIA MARÉNÉ — v. MARÉNÉ, Valeria. □

MADAME VIGEON — v. VIGEON, MADAME. □

MADAME VIÚVA BIANCHOT — v. MADAME BIANCHOT. □

MADAME XAVIER DE CARVALHO — v. CARVALHO, Blanche Xavier de. □

MADEMOISELLE CARMEN MANTILLA — v. MANTILLA, Carmen, SENHORITA. □

MADEMOISELLE CHAUVIN — v. CHAUVIN, Jeanne, MADEMOISELLE. □

MADEMOISELLE DE MONTPENSIER (Anne-Marie-Louise d'Orléans, "Grande Mademoiselle") — v. MONTPENSIER, MADEMOISELLE DE. □

MADEMOISELLE DE SAINTE-CROIX — v. SAINTE-CROIX, MADEMOISELLE DE. □

MADEMOISELLE DE SCUDERY — v. SCUDERY, MADEMOISELLE DE. □

MADEMOISELLE VACARESCO — v. VACARESCO, Hélène. □

MADRUGA FILHO, Manuel Pereira (1872-1951) — pintor e desenhista fluminense (de Teresópolis), conhecido principalmente pela produção de paisagens e de telas ou painéis de temática histórica — II(36):230.

MAESTRO CHIAFFARELLI (Professor Luigi Chiaffarelli) — v. CHIAFFARELLI, Luigi, PROFESSOR. □

MAGALHÃES, Eugênio, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):239.

MAGALHÃES, Valentim (Antônio Valentim da Costa Magalhães, 1859-1903) — escritor carioca (crítico, poeta, contista, romancista, comediógrafo e cronista), conhecido principalmente por sua atuação jornalística (editou a importante revista literária carioca "A Semana" entre 1885 e 1888, coajuvado por Filinto de Almeida e, numa segunda fase, entre 1893 e 1895, com a ajuda de Max Fleiuss) — I(9):143; I(23):367; II(29):101; II(34):200.

MAGRIÇO (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.

MAGRIÇO (ou Grão Magriço), O CAVALEIRO DA ROSA ENCARNADA (pseudônimo do escritor português Francisco Gomes de Amorim) — v. AMORIM, Francisco Gomes de. □

MAINTENON, MADAME DE — v. MARQUESA DE MAINTENON. □

MALEVOLTI, Adolfo, PROFESSOR — pintor italiano (procedente de Florença), dedicado aos gêneros da paisagem e da natureza morta, estabelecido no Rio de Janeiro da década de 1890; mestre de pintura da escritora Maria Clara da Cunha Santos — I(14):215; I(22):351-352; II(26):44-45; II(27):72.

MALHERBE, François de (1555-1628) — poeta clássico francês, celebrizado pelo poema "Consolation a Monsieur Du Périer", em que utiliza como imagem poética a efemeridade do viço das rosas; ao consolar Du Périer pela morte da filha Marguerite, em 1598, declara: "Et rose elle a vécu ce que vivent les roses, L'espace d'un matin." — I(2):24.

MALLARMÉ, Stéphane (1842-1898) — poeta francês considerado (juntamente com Paul Verlaine, 1844-1896) o criador da estética simbolista: sua égloga "L'après midi d'un faune" (1876), que serviria em 1894 para inspirar o célebre prelúdio sinfônico de Debussy, rompe radicalmente com a estética racional e equilibrada do parnasianismo — II(27):70.

MALLING, Mathilde (1864-?) — romancista sueca, radicada na Dinamarca (onde chegou a ter aulas com o famoso crítico literário Georg Brandes, apóstolo do realismo-naturalismo escandinavo), autora de livros de sucesso internacional (alguns deles divulgados sob o pseudônimo Stella Kleve) — I(13):206.



- MANTILLA, Carmen, SENHORITA — secretária das Sociedades das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.
- MANUEL PRIMEIRO (Manuel I, o Venturoso, 1469-1521) — rei de Portugal entre 1495 e 1521: em seu reinado registraram-se medidas de concentração de poder em torno da coroa, além de notável expansão ultramarina de Portugal — I(16):249.
- MARAGLIANO, Clotilde (1869-1952) — cantora lírica paulista (nascida em São Paulo, filha dos hotelheiros José e Maria Maragliano), aperfeiçoada em Milão: compõe, ao lado da campineira Maria Monteiro e da gaúcha Amália Iracema, o trio das mais notáveis intérpretes operísticas brasileiras dos anos 1890 (diferindo desta última por dedicar-se essencialmente aos papéis de soprano lírico do repertório italiano) — I(9):131; I(18):281; I(23):364.
- MARAT, Jean-Paul (1743-1793) — líder revolucionário francês assassinado por Charlotte Corday — I(14):223.
- MARCO, Zulmo — v. ZULMO MARCO (pseudônimo). □
- MARCO AURÉLIO (Marcus Aurelius Antoninus, 121-180 d. C.) — imperador romano, conhecido pelo caráter estoico de seus escritos, que refletem sua preocupação com uma interpretação mais humana dos direitos e deveres do indivíduo — II(30):127.
- MARCO POLO — v. POLO, Marco. □
- MARCONDES, DOUTOR — personalidade brasileira (não identificada) mencionada por Xavier de Carvalho como frequentador do salão de Madame de Rute (Condessa Rattazzi) na Paris dos anos 1890 — II(29):116.
- MARECHAL BITTENCOURT — v. BITTENCOURT, Carlos Machado, MARECHAL. □
- MARECHAL FLORIANO PEIXOTO — v. PEIXOTO, Floriano. □
- MARÉNÉ, MADAME — v. MARÉNÉ, Valeria. □
- MARÉNÉ, Valeria — romancista polonesa da segunda metade do século XIX, mencionada por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(5):79.
- MARGUENAT DE COURCELLES, Anne-Thérèse de — v. MARQUESA DE LAMBERT. □
- MARIA, Júlio, PADRE (Padre Júlio César de Moraes Carneiro) — v. CARNEIRO, Júlio César de Moraes, PADRE. □
- MARIA AMÁLIA (Maria Amália Vaz de Carvalho) — v. CARVALHO, Maria Amália Vaz de. □
- MARIA AMÉLIA (Marie-Amélie d'Orléans) — v. RAINHA DONA AMÉLIA DE PORTUGAL. □
- MARIA ANTONIETA (Rainha da França) — v. RAINHA MARIA ANTONIETA DA FRANÇA. □
- MARIA BRÁULIA — moça atingida pela hanseníase, falecida aos 28 anos de idade (após quinze anos de doença), em São Paulo, em fins de 1897 — I(8):113-115.
- MARIA CLARA (Maria Clara Vilhena da Cunha, nome de solteira — ou Maria Clara da Cunha Santos, nome de casada) — v. SANTOS, Maria Clara da Cunha. □
- MARIA DAS CONTENDAS — lendária poetisa mineira do período colonial, mencionada por Joaquim Norberto — I(1):14.
- MARIA DE BORGONHA — v. BORGONHA, Maria de. □
- MARIA DE JESUS — v. JESUS, Maria Quitéria de. □
- MARIA DE NAZARÉ (mãe de Jesus Cristo) — esposa de José, carpinteiro da aldeia de Nazaré, na Galiléia: mãe de Jesus, venerada sob diferentes formas pelos católicos (observe-se, no entanto, que as menções a seu nome, na revista, não se referem à Maria histórica e sim à figura simbólica, místico-religiosa, da mãe ideal) — I(2):21-23; I(3):42; I(13):202; I(16):244 e 246; I(22):348; I(24):370; II(25):19 e 20; II(26):34 e 46; II(27):58; II(28):90; II(29):102 e 104; II(30):123 e 124; II(32):150 e 158; II(33):179; II(34):197; II(35):210-212.

Anexo IV

MARIA EMÍLIA (Maria Emília Lemos) — v. LEMOS, Maria Emília. □

MARIA JUCÁ — v. JUCÁ, Maria. □

MARIA MADALENA — v. MADALENA, Maria. □

MARIA TUDOR (Mary I, Rainha da Inglaterra, 1516-1558) — filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão, reinou por apenas cinco anos (1553 a 1558), tomando-se conhecida como "Bloody Mary" ou "Maria, a Sanguinária": católica fanática, tentou anular as medidas reformistas postas em prática por seu pai, tornando seu reinado um período caracterizado pela arbitrariedade, pela intolerância e pela violência — I(17):264.

MARICÁ, Marquês de — v. MARQUÊS DE MARICÁ. □

MARÍLIA DE DIRCEU — v. SEIXAS, Maria Dorotéia Joaquina de. □

MARIN, MONSIEUR — cidadão de origem francesa radicado no Québec em 1898, que casou oito filhos num mesmo dia com a prole de seu vizinho Réaume — I(12):186.

MARION, Zanne — escritora francesa, participante de um inquérito realizado pela "Revue des Revues" em 1899 — II(30):126.

MARIOT GOMES, Natália — v. GOMES, Natália Mariot. □

MARNIX, Philippe de (Barão de Sainte-Aldegonde, 1538-1598) — intelectual calvinista: colaborou com Guilherme de Orange na libertação dos Países Baixos, realizando missões diplomáticas pela Europa — I(12):179.

MARQUÊS DE CONDORCET (Marie-Jean-Antoine-Nicolas Caritat) — v. CONDORCET, Marquês de. □

MARQUÊS DE MARICÁ (Mariano José Pereira da Fonseca, 1773-1848) — escritor carioca, poeta e moralista, bacharelado em matemática e filosofia pela Universidade de Coimbra (1788), preso entre 1794 e 1797, juntamente com o poeta Silva Alvarenga, por ocasião da devassa promovida no Rio de Janeiro pelo Conde de Resende ("Conjuração Carioca"); suas célebres máximas filosóficas, publicadas entre 1837 e 1850, pertencem à tradição racionalista e iluminista europeia, situando-o entre os maiores moralistas da língua portuguesa) — I(4):49-50.

MARQUÊS DE SÃO VICENTE (José Antônio Pimenta Bueno, 1803-1878) — político e jurista paulista, ministro do Império: integrou a primeira turma de formandos da Academia de Direito de São Paulo (1828-1832), iniciando logo em seguida brilhante carreira política que culminou com a chefia do gabinete imperial de 1870 (como deputado geral foi autor, já em 1866, de vários projetos abolicionistas que desembocaram, em 1871, na Lei do Ventre Livre) — I(15):230.

MARQUÊS DE VALBROMEY (Honoré d'Urfé) — v. URFÉ, Honoré d'. □

MARQUÊS DE VAUVERNAGUES (Luc de Clapiers) — v. VAUVERNAGUES, Marquês de. □

MARQUÊS DO ERVAL (General Manuel Luís Osório) — v. OSÓRIO, Manuel Luís, GENERAL. □

MARQUESA DE ALORNA (Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre, 1750-1839) — poetisa arcádica portuguesa (de pseudônimo Alcipe) de extraordinária erudição, cognominada "a Staël portuguesa": de origem nobre, foi educada pela mãe (juntamente com a irmã), mantidas em clausura no período das perseguições pombalinas; mas casou-se com o embaixador da Áustria, viajando continuamente entre 1780 e 1790; ao retornar (e enviivar logo em seguida) transformou sua residência, em Lisboa, num dos principais centros intelectuais da época; tendo conhecido pessoalmente figuras excepcionais como Metastásio e Madame de Staël, tornou-se protetora de talentosos compatriotas, como Alexandre Herculano; poliglota, ocupou-se de traduzir para o português importantes textos ingleses e alemães do pré-romantismo, além de divulgar volumosa produção poética própria — II(34):197.

MARQUESA DE LAMBERT (Anne-Thérèse de Marguenat de Courcelles, 1647-1733) — moralista clássica parisiense, pertencente pelo casamento à nobreza da França, enviuvou em 1686, instalando no final do século XVII um salão literário parisiense de grande influência em sua época; teve publicados dois manuais dedicados à orientação pessoal de seus filhos ("Lettre d'une dame à son fils sur la vraie gloire" e "Avis à ma fille", impressos isoladamente sem sua autorização, mas reunidos por ela própria num único volume intitulado "Avis d'une mère à sa fille et à son fils", em que antecipa pontos de vista sustentados depois por Vauvernagues; desautorizou, igualmente, a divulgação da obra "Réflexions sur les femmes", impresso em 1727 (postumamente reuniram-se, em 1748, todos esses ensaios, acrescidos de sua correspondência, do romance "Femme ermite" e dos textos "Traité de l'amitié" e "Traité de la vieillesse") — II(26):39.

MARQUESA DE MAINTENON (Françoise d'Aubigné, 1635-1719) — neta do conhecido intelectual calvinista francês Agrippa d'Aubigné (1552-1630), devotado militar a serviço do rei Henrique IV, Françoise aderiu à religião católica, casando-se em 1652 com o poeta Paul Scarron (1610-1660); ao enviuar, poucos anos depois, tornou-se preceptora de filhos da alta nobreza, atividade que lhe valeu o título de marquesa de Maintenon; o casamento secreto com Luís XIV em 1684 irá guindá-la ao posto de máxima influência no reino da França, caracterizando-se seus vinte anos de comando das atividades da corte por uma desusada austeridade; com a morte do rei, em 1715, retirou-se para o educandário feminino de Saint-Cyr, por ela própria fundado, aí permanecendo até a morte (suas obras completas, publicadas em dez volumes, entre 1852 e 1866, incluem volumosa correspondência, textos de reflexão moral e obras relativas à educação feminina); o socialista utópico Conde de Saint-Simon (1760-1825) se ocupou longamente do período de influência da Maintenon numa série de livros dedicados ao reinado de Luís XIV — II(27):68.

MARQUESA DE SANTOS (Domitila de Castro Canto e Melo, 1797-1867) — dama paulistana pertencente a uma tradicional família paulista: conheceu Pedro I em fins de 1822, tornando-se sua amásia e transferindo-se para o Rio de Janeiro em 1823, onde permaneceu até o final da década de 1820, influenciando na vida pessoal do imperador e na política da corte; casou-se posteriormente com Rafael Tobias de Aguiar (1795-1857), um dos líderes da Revolução Liberal de 1842; depois de enviuar, teria se dedicado a atividades filantrópicas e ao comando de um dos raríssimos salões da São Paulo de meados do século XIX — I(15):226.

MARQUESA DE SEVIGNÉ (Marie de Rabutin-Chantal) — v. SEVIGNÉ, MADAME DE. □

MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho, 1761-1836) — aristocrática romancista francesa (nascida em Paris), casada em 1779 com o conde de Flahaut (Alexandre-Sébastien Flahaut de la Billarderie, mãe do general napoleônico igualmente conhecido como conde de Flahaut: fugiu para a Inglaterra em 1792 (enquanto o marido era preso e guilhotinado em 1793), passando a manter-se com o produto da venda de seus bem-sucedidos romances (dos quais o primeiro, de teor autobiográfico, "Adèle de Sénange", de 1794, é o mais conhecido); continuou a produzir ficção depois de seu retorno à França (1798), de maneira que seus livros adquirem interesse histórico, por retratar a vida da aristocracia dos tempos de Napoleão e da Restauração de 1815; em 1802 casou-se com José Maria de Sousa Botelho Mourão de Vasconcelos, Morgado de Mateus (1758-1825), embaixador português na França — II(34):197.

MARROQUÍN, José Manuel (1827-1908) — célebre polígrafo de Bogotá, prefaciador de uma antologia poética do colombiano Ricardo Carrasquilla publicada em 1881 — II(27):63.

MARTIN, Aimé — v. MARTIN, Louis-Aimé. □

MARTIN, DOUTOR — escritor mencionado por Xavier de Carvalho (como autor de textos doutrinários feministas) — I(7):100.

MARTIN, Louis-Aimé (1786-1847) — professor e polígrafo francês, autor de peças de teatro, obras de divulgação científica e de biblioteconomia, biografias e, especialmente, de ensaios reeditados com frequência ao longo do século XIX (entre estes figurando um conhecido "De l'éducation des mères de famille", de 1834); foi discípulo do célebre pré-romântico Bernardin de Saint-Pierre (1737-1814), autor do best seller "Paul et Virginie", que divulgou para o grande público as propostas rousseauianas de retorno à natureza: Aimé Martin não só publicou-lhe as obras completas, em 18 volumes (entre 1817 e 1819) como escreveu-lhe uma biografia (1820) e casou-se com sua viúva, Désirée de Pelleporc — I(6):81; I(15):238; II(31):134.

MARTIN, Marie (Maria Martin) — ativista do feminismo francês (de origem inglesa) do final do século XIX, redatora-chefe do "Journal de Femmes" (de Paris); juntamente com Eugénie Potonié-Pierre, criou, em 1891, uma "Fédération Françaises des Sociétés Féministes", de tendência socialista, primeira instituição a vulgarizar o adjetivo "feminista", segundo Jean Rabaut — I(7):99 e 112.

MARTINEAU, Harriet (Miss Martineau, 1802-1876) — escritora inglesa, romancista, contista e autora de ensaios históricos, políticos, econômicos e sociológicos: uma das primeiras profissionais de letras da Europa (mantendo-se com o produto de seus escritos já em meados da década de 1830), assumiu postura libertária ao aderir ao positivismo comtiano (evoluindo da religiosidade juvenil para o ateísmo), posicionando-se a favor da classe operária, antecipando-se à campanha abolicionista norte-americana logo depois de uma viagem aos EUA (1834) e redigindo um romance ("The Hour and the Man", 1841) que tem por herói o líder revolucionário negro haitiano Toussaint L'Ouverture (1743-1803); um irmão de Harriet, James Martineau (1805-1900), autor de diversos ensaios religiosos e filosóficos, foi notável representante do liberalismo protestante oitocentista — II(34):197.

MARTINI, Giambattista (1706-1784) — religioso franciscano da Itália (nascido em Bolonha), compositor, violinista e cravista, um dos principais representantes da música sacra e instrumental italiana do Setecentos — II(35):216.

*Anexo IV*

MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira (1845-1894) — escritor e político português: foi deputado republicano-socialista, tornando-se, ao longo das décadas de 1870 e 1880, o mais conhecido ensaísta histórico de Portugal — I(4):59; II(27):69.

MARTINS, Teófilo José — compositor de música ligeira, autor de uma "rêverie" editada no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898 — I(9):144.

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro (1860-1904) — poeta pernambucano, famoso pela proposição de uma "poesia científica", colaborador de "A Mensageira" — II(35):214.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von (1794-1868) — célebre botânico alemão que veio para o Brasil juntamente com a futura imperatriz Leopoldina, percorrendo o país entre 1817 e 1820; acompanhado de Spix, reuniu material volumoso, iniciando em 1840 a publicação de um monumental estudo descritivo da flora brasileira — I(20):311 e 312.

MATANZAS, Plácido de — personalidade cubana mencionada por Néelson de Sena — II(27):63.

MATOS, Gabriela de — rica estancieira do Rio Grande do Sul (elogiada por Ibrantina Cardona), entusiástica apoiadora das forças rebeldes sulinas na Revolução Federalista (1893-1895) — I(3):40-41.

MATOS, Melo, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

MATTOS, Gracia Hermelinda da Cunha (c. 1820-1838) — autora de um excerto incluído na seção de "Seleção" da revista: trata-se da jovem escritora carioca cognominada "a Filosofinha", segundo Sacramento Blake — I(1):14.

MATTOS, H. — colaborador (em 1899) do mensário carioca "Revista Americana" — I(19):304.

MATTOSO (Editor) — sócio de empresa impressora (Mattoso & Medeiros) da cidade mineira de Juiz de Fora (1898) — I(21):326.

MAURÍCIO, José, PADRE — v. GARCIA, José Mauricio Nunes, PADRE. □

MAYARD, Marie-Ernestine — senhora francesa, mãe da religiosa Sórora Saint-Étienne — I(11):175.

MEDEIROS (Editor) — sócio da impressora Mattoso & Medeiros, de Juiz de Fora, MG (1898) — I(21):326.

MÉDICIS, Catarina de (Rainha da França) — v. CATARINA DE MÉDICIS. □

MEIRA DE VASCONCELOS, J. F. — v. VASCONCELOS, J. F. Meira de. □

MEIRA DE VASCONCELOS, Maria Augusta — v. VASCONCELOS, Maria Augusta Meira de. □

MELLER, Sophie (1842- ? ) — dramaturga polonesa (nascida em Varsóvia), com produção própria, mas também autora de traduções de peças teatrais italianas — I(5):79.

MELO, Artur de, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

MELO, C. de — colaborador da "Revista Contemporânea" de Campinas (fundada em 1899) — II(28):95.

MELO, Custódio José de, ALMIRANTE (1840-1902) — militar do Império, herói da Guerra do Paraguai, com importante atuação política (dissidente) na república militarista: opôs-se a Deodoro da Fonseca em fins de 1891 e deflagrou a Revolta da Armada (contra Floriano Peixoto) em 1893 — I(10):148.

MELO, Domitila de Castro Canto e — v. MARQUESA DE SANTOS. □

MELO, Francisco Aurélio de Figueiredo e — v. FIGUEIREDO E MELO, Francisco Aurélio de. □

MELO, José Bento Leite Ferreira de, PADRE — v. BENTO, José, PADRE. □

MELO, Julieta de — v. MONTEIRO, Julieta de Melo. □

MELO, Pedro Américo de Figueiredo e — v. FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo de. □

- MELO, Revocata dos Passos Figueiroa de ("Revocata Mãe", c. 1840-1882) — poetisa e prosadora gaúcha, mãe das escritoras Revocata Heloísa de Melo ("Revocata Filha") e Julieta de Melo Monteiro: ao lado de Luísa de Azambuja, da professora feminista Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880) e de sua irmã Amália dos Passos Figueiroa (1845-1878), compõe o quarteto das únicas mulheres participantes, desde sua inauguração, da célebre Sociedade Partenon Literário (Porto Alegre, 1868 a 1885); usou o pseudônimo "Americana" (o mesmo utilizado coetaneamente pela paranaense de Paranaguá, Júlia Maria da Costa, 1844-1911) — II(34):189.
- MELO, Revocata Heloísa de ("Revocata Filha", 1860-1945) — poetisa, prosadora e dramaturga gaúcha, professora particular e jornalista profissional, colaboradora de "A Mensageira" — I(3):39-40; I(4):60; I(7):104; I(11):175; I(12):182; I(16):252-254; I(21):336; I(22):341 e 343; II(28):95; II(34):189-190.
- MELO, Romeu Passos de — filho de Revocata dos Passos Figueiroa de Melo, irmão das escritoras Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Melo Monteiro — II(34):190.
- MELO E SOUSA, Jerônimo Pereira de — v. BARÃO DE PASSOS (Jerônimo Pereira de Melo e Sousa). □
- MELO MATOS, DOUTOR — v. MATOS, Melo, DOUTOR. □
- MELO MONTEIRO, Julieta de — v. MONTEIRO, Julieta de Melo. □
- MELO REGO, Maria do Carmo de — v. REGO, Maria do Carmo de Melo. □
- MÉNAGE, Gilles (1613-1692) — padre francês, renomado poliglota (é considerado um dos criadores da ciência etimológica), professor de línguas de Madame de Sevigné e Madame de La Fayette — I(15):235.
- MENDELSSOHN, Felix (Felix Mendelssohn-Bartholdy, 1809-1847) — compositor alemão da estética romântica semi-clássica (na classificação de Carpeaux) — II(35):216.
- MENDES, Antônio da Cunha (1874-1934) — poeta e jornalista cearense, bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo: dirigiu, entre 1897 e 1901, o mensário paulistano "Revista do Brasil", primeiro desse nome — I(3):45; II(28):95.
- MENDES, Cândido, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- MENDES, Fernando, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- MENDÈS, Catulle (Abraham-Catulle Mendès, 1841-1909) — famoso polígrafo francês (poeta, contista, romancista, dramaturgo e libretista, associado à estética romântica e parnasiana, mas com seu gosto peculiar mais afinado com a temática decadentista), autor de grande sucesso em seu tempo; esteve ligado sucessivamente a diferentes intelectuais femininas: à polígrafa Judith Gautier (1850-1917), filha de Théophile Gautier; à poetisa Jane Catulle-Mendès (1873- ?), neta de Victor Hugo e à compositora Augusta Holmès (1847-1903) — I(22):345.
- MENDÈS, Jane Catulle — v. CATULLE-MENDÈS, Jane. □
- MENDONÇA, Artur de, DOUTOR — médico, lente de química industrial aplicada à farmacêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.
- MENDONÇA, Lúcio de (Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça, 1854-1909) — polígrafo fluminense, irmão do conhecido advogado e diplomata republicano Salvador de Mendonça (1841-1913): iniciou atividade jornalística já no início da década de 1870, antes de bacharelar-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, mantendo essa atividade posteriormente, no Rio de Janeiro; positivista e republicano como o irmão, fez carreira burocrática depois de 1889, chegando ao cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal em 1895; autor de poemas, contos, crônicas e romances, além de textos técnicos, foi amigo fiel de Machado de Assis e José Veríssimo, tornando-se o principal responsável pela organização da Academia Brasileira de Letras, instalada em 1897 — I(8):123.
- MENESES, José Ferreira de (1845-1881) — escritor fluminense (poeta, cronista, romancista, autor de comédias e tradutor de dramas), bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1866, conhecido pelos dons de oratória e pela atuação como propagandista republicano e abolicionista na imprensa paulista e carioca — I(15):230.
- MENESES, Maria Ribeiro de — escritora gaúcha da segunda metade do século XIX, mencionada por Ibrantina Cardona (e dedicatária de um conto de Andradina de Oliveira) — I(3):40; I(22):343.

#### Anexo IV

MENESES, Oliveira de (Francisco Xavier Oliveira de Meneses, 1848-1920) — professor secundário carioca, catedrático de física e química do Ginásio Nacional, colaborador do mensário "Revista Americana": foi diretor interino do Instituto Benjamin Constant (antigo Imperial Instituto de Meninos Cegos) em 1895 — I(19):304.

MENESES, Olívia Teles de — escritora portuguesa, colaboradora da revista feminista "A Mulher", mantida por Xavier de Carvalho na cidade do Porto, por volta de 1880 — I(7):100.

MENESES, Viegas de (Padre José Joaquim Viegas de Meneses, 1778-1841) — padre mineiro (nascido em Vila Rica, futura Ouro Preto), pintor, gravador e impressor: depois de sua ordenação em Portugal, realizada em 1800 ou 1801, retornou ao Brasil, executando, em 1807, um opúsculo laudatório ilustrado dedicado ao capitão-general Pedro Maria, governador de sua província (opúsculo que corresponde ao primeiro artefato gráfico impresso no Brasil desde a ordem régia de proibição datada de 1747) — I(21):326.

MENESES DÓRIA, Franklin Américo de (Barão de Loreto) — v. BARÃO DE LORETO. □

MENESES VIEIRA, DOUTOR — v. VIEIRA, Meneses, DOUTOR. □

MENINO JESUS, Teresa do — v. SANTA TERESA DO MENINO JESUS. □

METTELSHEIM, Cornelius Agrippa von (erro de grafia) — v. NETTESHEIM, Cornelius Agrippa von. □

MIALARET MICHELET, Adèle-Athénaïs (Madame Michelet) — v. MICHELET, Adèle-Athénaïs Mialaret. □

MICHEL, Louise (Clémence-Louise Michel, 1830-1905) — professora primária francesa, revolucionária anarquista cognominada "a Virgem Vermelha" ("la Vierge rouge"): transitando do socialismo para o anarquismo, participou da defesa da capital da França contra os invasores prussianos em 1870, aderindo em seguida à Comuna de Paris (instalada em março de 1871), ocasião em que chegou a organizar o Comitê Central da União das Mulheres; presa, julgada e condenada por sua atuação radical, foi deportada em 1872, mas retornou à França por ocasião da anistia geral (1880), dando início a nova sucessão de processos, condenações e indultos associados à extraordinária capacidade de sublevar as multidões em sua incessante catequese política (feita por meio não só de comícios, como da representação de dramas cívicos escritos por ela mesma ou através da divulgação de seus textos); mesmo seus inimigos ideológicos reconhecem méritos em suas obras de caráter memorialístico — I(3):33, 34 e 35; I(4):60; I(7):98-99; I(24):378.

MICHEL BOHÊME MEIO SAPO (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.

MICHELET, Adèle-Athénaïs Mialaret (Madame Michelet, 1826-1899) — escritora francesa: tornando-se a segunda esposa de Jules Michelet em 1849, assumiu a dupla condição de secretária e colaboradora do marido, co-autora de várias obras por ele divulgadas na segunda metade do século XIX; a escassez de produção própria de Adèle Michelet deve ser atribuída ao volumoso trabalho de revisão da produção de Michelet, especialmente no que diz respeito às reedições providenciadas depois da morte dele — II(28):91-93.

MICHELET, Jules (1789-1874) — ensaísta e historiador francês, exerceu o magistério desde muito jovem, tornando-se professor do Colégio de França em 1838: começando como autor de textos didáticos e de obras de popularização da história, foi acumulando dezenas de volumes destinados à reconstituição dos eventos mais dramáticos do passado da França (acrescentando à historiografia convencional uma concepção de participação da coletividade que o tornou o principal representante da tendência romântica nessa área); manifestando idéias liberais e anticlericais que lhe valeram perseguições políticas durante o reinado de Napoleão III, passou a dedicar-se, depois do segundo casamento (1849) à elaboração de ensaios de caráter mais lírico e despretensioso, como "Les Femmes de la Révolution" (1854), "L'Amour" (1859), "La Femme" (1860) e "Nos fils" (1869), em que se faz intérprete de um "feminismo" retórico e sentimental, essencialmente patriarcalista, pouco distante das concepções tradicionais que negavam à mulher a expansão de horizontes além dos espaços domésticos convencionais — I(14):223; II(28):91-93; II(31):134.

MIGUEZ, Leopoldo (1850-1902) — músico fluminense (nascido em Niterói): violinista, compositor e regente com aperfeiçoamento em Portugal e na Bélgica, dedicou-se, ainda no período imperial, à comercialização de artigos musicais, à impressão de partituras e à edição de um semanário artístico-musical (em sociedade com Artur Napoleão); republicano, adepto entusiástico do sistema composicional wagneriano, obteve em 1890 primeira classificação no concurso destinado à escolha do Hino da República, passando a encarregar-se da organização do Instituto Nacional de Música, em substituição ao arcaico conservatório imperial; dedicou-se integralmente a essa tarefa ao longo da última década do século XIX, mas faleceu precocemente, tendo sua missão completada por seu sucessor, o compositor cearense Alberto Nepomuceno (1864-1920), diretor do Instituto de 1902 a 1903 e de 1906 a 1916 — II(25):2; II(33):173-174; II(34):186; II(36):231.

- MIKSZÁTH, Kálmán (1847-1910) — jornalista e ficcionista húngaro: divulgou, a partir de 1881, uma série de romances e contos humorísticos em que são focalizados, preferencialmente, os costumes dos camponeses e da pequena aristocracia rural de seu país — II(26):43.
- MILHCELL, Maria — astrônoma do século XIX, mencionada em editorial do jornal carioca "O País" — II(36):219.
- MILL, John Stuart (1806-1873) — filósofo liberal, ensaísta e economista inglês, um dos maiores pensadores liberais do século XIX, continuador da tradição britânica de Locke e Hume (e também de seu próprio pai, adepto do empirismo de Hume e do utilitarismo de Bentham, James Mill, 1773-1836): Stuart Mill foi o mais notório representante do positivismo comtiano na Inglaterra até meados do Oitocentos, mas não aderiu aos preceitos da Religião Positiva, enfatizando em seus escritos (especialmente no tratado "On Liberty", "Da Liberdade", 1859), a necessidade de se estabelecer o bem-estar geral a partir da construção da felicidade pessoal do indivíduo (pressuposto que o situa como precursor imediato das idéias desenvolvidas no final do século XIX por seu compatriota Herbert Spencer); no âmbito dos estudos de gênero, é de especial interesse o livro, pioneiro em matéria de pensamento feminista sistematizado, "The Subjection of Women", composto por dois ensaios, um deles de autoria do próprio Stuart Mill e o outro de sua esposa Harriet Taylor Mill (falecida em 1859), completado no final dos anos 1850 mas só divulgado em 1869 (por essa mesma época, Stuart Mill colaboraria com suas compatriotas P. A. Taylor e Emily Davies para a fundação de uma primeira sociedade sufragista, transformada no final do século em National Union of Women's Suffrage Societies) — I(7):100.
- MILLER, Álvaro (Abílio Álvaro Miller, 1872-1928) — poeta e jornalista gaúcho (da cidade de Rio Grande), conhecido por seus dons de oratória, longamente estabelecido no Estado paulista: bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo, com banca de advocacia em Campinas, foi professor de História Geral, Psicologia e Lógica do Colégio Culto à Ciência (já em sua fase de Ginásio do Estado, posterior a 1895), participando ativamente da redação de diversos periódicos locais — II(28):95.
- MILTON, John (1608-1674) — célebre poeta inglês, autor de "O Paraíso Perdido" — II(25):14; II(31):139.
- MINHOCA, João — v. JOÃO MINHOCA (pseudônimo). □
- MINISTRO JOÃO ALFREDO — v. ALFREDO, João (João Alfredo Correia de Oliveira), CONSELHEIRO. □
- MIQUELINA, SINHA (pseudônimo de Elvira Gama) — v. GAMA, Elvira. □
- MIRANDA, Beatriz F. C. de — participante (em 1897) da exposição anual de pintura da Escola Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro) — I(1):16.
- MIRANDA, Isabel — dedicatária de um conto de Inês Sabino — I(15):231.
- MIRANDA CARVALHO, Domitília Hormizinda de — v. CARVALHO, Domitília Hormizinda de Miranda. □
- MIRANDA RODRIGUES, Julieta de — v. RODRIGUES, Julieta de Miranda. □
- MIRTES, DOUTORA — v. CAMPOS, Mirtes de, DOUTORA. □
- MISS ELISABETH AMBLER — v. AMBLER, Elisabeth, MISS. □
- MISS ESLER — v. ESLER, MISS. □
- MISS HARDY — v. HARDY, MISS. □
- MISS HARTMAN — v. HARTMAN, MISS. □
- MISS HUNGERFORD — v. HUNGERFORD, Margaret. □
- MISS JONGE — v. JONGE, MISS. □
- MISS KINKSON — KINKSON, MISS. □
- MISS MARTINEAU — v. MARTINEAU, Harriet. □
- MISTER SPEERS — v. SPEERS, MISTER. □
- MISTRESS CAMPBELL-PRAED — v. PRAED, Caroline. □

Anexo IV

MISTRESS HUMPHRY WARD (Mary Augusta Arnold) — v. ARNOLD, Mary Augusta. □

MISTRESS OLIPHANT — v. OLIPHANT, Margaret. □

MISTRESS ROBINSON WRIGHT (Marie Robinson Wright) — v. WRIGHT, Marie Robinson. □

MISTRESS SPEERS — v. SPEERS, MISTRESS. □

MISTRESS STANNARD (pseudônimo: John Strange) — v. STRANGE, John. □

MISTRESS TOTTON — v. TOTTON, MISTRESS. □

MISTRESS WRIGHT (Marie Robinson Wright) — v. WRIGHT, Marie Robinson. □

MODERNO, Alice (Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moderno, 1867-1945) — escritora portuguesa nascida em Paris, filha de pais açorianos: foi a primeira mulher a frequentar o liceu de Ponta Delgada (capital do arquipélago dos Açores), tornando-se professora primária e criando, ali mesmo, periódicos próprios; ao final do século XIX já tinha publicado meia dúzia de volumes de versos e um romance — II(28):95.

MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin, 1662-1673) — genial comediógrafo francês — II(28):80.

MONCORVO FILHO, DOUTOR (Doutor Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo Filho, c. 1870-?) — médico pediatra carioca, filho de Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo (1846-1901, "o Pai da Pediatria Brasileira"); Moncorvo Pai, médico de doenças do aparelho digestivo, especializara-se em doenças de crianças em Paris, instalando a primeira clínica pediátrica do Rio de Janeiro nos anos 1870, lutando ainda pela inclusão da cadeira de clínica médica e cirúrgica de crianças no currículo da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o filho seguirá essa mesma especialidade, criando, em 19 de março de 1899, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, cujo funcionamento irá iniciar-se em 14 de junho de 1901 (na década de 20, Moncorvo Filho publicará um ensaio histórico de grande importância em seu gênero, "História da Proteção à Infância no Brasil: 1500-1922") — II(27):59; II(28):94.

MONIZ DE ARAGÃO, Maria Elisa — v. ARAGÃO, Maria Elisa Muniz de. □

MONSIEUR BIANCHOT (ou BLANCHET) — v. BIANCHOT, MONSIEUR. □

MONSIEUR MARIN — v. MARIN, MONSIEUR. □

MONSIEUR RÉAUME — v. RÉAUME, MONSIEUR. □

MONSIEUR TOURNIER — v. TOURNIER, MONSIEUR. □

MONSIEUR VIGEON — v. VIGEON, Monsieur. □

MONTAIGNE, Michel de (1533-1592) — filósofo renascentista francês, um dos pilares do pensamento moderno, autor dos "Ensaio" (forma literária criada por ele próprio) — II(30):126.

MONTEIRO, Julieta de Melo (1863-1928) — poetisa, prosadora e dramaturga gaúcha, professora particular e jornalista profissional, irmã da escritora Revocata Heloisa de Melo ("Revocata Filha"), colaboradora de "A Mensageira" — I(3):39 e 40; I(4):60; I(7):104; I(11):175; I(12):182; I(16):254; I(22):341 e 343; I(23):361 e 368; I(24):372-373; II(28):95; II(34):189-192.

MONTEIRO, Maria (1870-1898) — cantora lírica paulista (nascida em Campinas, terra de Carlos Gomes, com quem seria aparentada), aperfeiçoada em Milão: compõe, ao lado da paulistana Clotilde Maragliano e da gaúcha Amália Iracema, o trio das mais notáveis intérpretes operísticas brasileiras dos anos 1890 (diferindo das outras duas, ambas sopranos, por enquadrar-se no raro registro de contralto) — I(12):190-192.

MONTEIRO, M. Ortiz — personalidade homenageada pelo quinzenário cultural paulistano "A Cecilian", em 1899 — II(28):95.

MONTEIRO, Oscar — diretor e proprietário da "enciclopédia noticiosa, científica e literária" paulistana "O Arquivo Ilustrado" (lançado em 1899) — II(27):70.

MONTEIRO, Zica (apelido de Maria Monteiro) — v. MONTEIRO, Maria. □



- MONTEIRO CAMINHOÁ, Joaquim — v. CAMINHOÁ, Joaquim Monteiro. □
- MONTEIRO DE BARROS LIMA, DOUTOR — v. LIMA, Monteiro de Barros. □
- MONTENEGRO, DOUTOR — juiz de direito da Capital Federal que persistiu, em fins de 1899 (mesmo depois do precedente aberto pela atuação da doutora Mirtes de Campos, datada de 29 de setembro de 1899) em negar autorização para que a doutora Maria Coelho se apresentasse na defesa de um réu (essa atitude provocou indignação geral, acelerando a manifestação do Supremo Tribunal Federal no parecer em que se reafirmava o princípio constitucional do livre exercício profissional por todos os cidadãos brasileiros, do sexo masculino ou feminino) — II(35):201-202.
- MONTESQUIEU (Charles de Secondat, Baron de La Brède et de Montesquieu, 1689-1755) — filósofo francês, autor do tratado "Do Espírito das Leis" (1748), teórico basilar do moderno liberalismo político (influenciou tanto os redatores da constituição dos EUA como as lideranças burguesas da Revolução Francesa) — I(3):38.
- MONTPENSIER, MADEMOISELLE DE (Anne-Marie-Louise d'Orléans, Duquesa de Montpensier, "Grande Mademoiselle", 1627-1693) — dama francesa, filha de um irmão de Luís XIII e frustrada candidata à mão de seu primo Luís XIV: enriquecida pela vultosa fortuna herdada de sua mãe, poderosa e ambiciosa, assumiu comportamento pouco convencional (tendo, por exemplo, participado ativamente dos motins da Fronde, que mobilizaram os franceses contra as medidas impopulares do cardeal Mazarino, entre 1648 e 1653); a Duquesa de Montpensier deixou um extenso e detalhado relato de sua própria vida, abrangendo mais de meio século (1630-1688), além de dois romances, um volume de meditação religiosa e uma coletânea de biografias — II(34):197.
- MORAIS, Carvalho de, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- MORAIS, Prudente de (Prudente José de Moraes Barros, 1841-1902) — Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no período de 15/11/1894 a 15/11/1898: advogado paulista (nascido em Itu), bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1863, iniciou carreira política em 1868, elegendo-se deputado provincial e deputado geral (pelo Partido Republicano) até 1889, quando integrou a junta governativa paulista (até fins de 1889), sendo oficializado como primeiro governador de São Paulo (período de 1889-1890); senador na Constituinte de 1890-1891, foi escolhido Presidente do Congresso, dando posse a Deodoro da Fonseca como primeiro presidente constitucional do Brasil; ao término do mandato de Floriano Peixoto, foi eleito Presidente da República para o quadriênio 1894-1898, tornando-se nosso primeiro presidente civilista; seu mandato (excetuado o desastre de Canudos) caracterizou-se, dentro de uma visão tradicionalista da história, por uma administração austera e pacificadora, pois em 1895 extinguiu-se, no Sul, a Revolução Federalista, que colocara em sério risco a unidade nacional; sob essa mesma óptica, Campos Sales dele teria recebido uma nação reunificada e uma república fortalecida e consolidada — I(3):36; I(8):121; I(22):340 e 350; II(33):183.
- MORAIS BARROS, Antônio de — v. BARROS, Antônio de Moraes. □
- MORAIS BARROS, Jorge de — v. BARROS, Jorge de Moraes. □
- MORAIS BARROS, Prudente José de — v. MORAIS, Prudente de (Prudente José de Moraes Barros). □
- MORAIS CARNEIRO, Júlio César de (Padre Júlio Maria) — v. CARNEIRO, Júlio César de Moraes, PADRE. □
- MOREIRA, Sílvio — pintor brasileiro, participante da exposição da "Escola ao Ar Livre" (de alunos do professor Antônio Parreiras), no Rio de Janeiro, em novembro de 1897 — I(3):37.
- MOREIRA DE SÁ, Ana Amália — v. SÁ, Ana Amália Moreira de. □
- MORGAN, LADY — v. LADY MORGAN. □
- MORISON, Robert (1620-1683) — botânico escocês, autor da "Plantarum Historia Universalis Oxoniensis" — I(20):310.
- MORISOU (erro de transcrição) — v. MORISON, Robert. □
- MORPURGO, Antonieta César Dias (c. 1869-1920) — médica ginecologista e obstetra gaúcha (nascida em Pelotas), graduada em 1889 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (com tese sobre "Hemorragia Puerperal", assinada com o nome de solteira, Antonieta César Dias); casando-se, depois de formada, com o engenheiro gaúcho Eduardo Morpurgo, permaneceu na Capital Federal exercendo a profissão; foi uma das primeiras médicas formadas no Brasil (precedida apenas pelas doutoras Rita Lobato e Ermelinda de Sá, ambas gaúchas) — I(3):40; I(7):106.

MOTA, Cândido (Cândido Nazianzeno Nogueira da Mota, 1870-1942) — advogado paulista, natural de Porto Feliz, primo do médico Cesário Mota Júnior: bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1891, terá carreira política iniciada ao se eleger deputado estadual em 1901; mas no final do século XIX já é conhecido como jurista e criminologista, autor de uma "Classificação dos Criminosos" (1894) elogiada por Lombroso; foi um dos oradores a discursar durante a cerimônia de instalação da Escola Livre de São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1899 — II(26):47.

MOTA, Cesário (Cesário Nazianzeno de Azevedo Mota e Magalhães Júnior, 1847-1897) — médico paulista (nascido em Porto Feliz), a mais completa encarnação do espírito republicano e positivista no âmbito educacional: graduando-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1876, retornou ao seu Estado natal, passando a clinicar em Capivari; republicano histórico, participou da Convenção de Itu em 1873, elegendose deputado provincial em 1877, ao lado de Prudente de Moraes e Martinho Prado; proclamada a República, foi eleito deputado constituinte, mas não chegou a completar novo mandato (iniciado em 1891) por assumir o cargo de Secretário do Interior de Bernardino de Campos (Presidente do Estado de São Paulo no período 1892-1896); em sua gestão, marcada pela realização de importantes obras de saneamento e pela renovação da rede escolar, registraram-se, entre outras iniciativas de vulto, a criação do Ginásio de São Paulo e do Ginásio de Campinas, da Escola Politécnica e da Escola Livre de Farmácia de São Paulo; e completou-se, em 1894, a construção da nova Escola Normal da Praça da República, planejada e iniciada por seu falecido colega, o médico fluminense Antônio Caetano de Campos (1844-1891); Cesário Mota foi ainda membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894) e da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (1895) — II(28):85-86; II(30):118.

MOTA, Leopoldo — poeta, autor do poema "Os Olhos" (tradução de "Les Yeux", de Sully Prudhomme), datado de "São Paulo, 25 de janeiro de 1898": trata-se de concorrente ao concurso aberto pelo "Correio Paulistano" para premiar a melhor versão desse poema (concurso julgado por Francisca Júlia da Silva, Ibrantina Cardona e João Monteiro, que divulgaram o resultado em meados de fevereiro de 1898, classificando apenas Adolfo Araújo e Batista Cepelos); essa circunstância desqualifica Leopoldo Mota como colaborador "stricto sensu" de "A Mensageira" — I(10):152.

MOURA, Burlamáqui, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

MOURÃO, Carvalho, DOUTOR — v. MOURÃO, João Martins de Carvalho. □

MOURÃO, João Martins de Carvalho (1872-?) — jurista mineiro, bacharelado em direito pela Faculdade de São Paulo em 1892: radicando-se no Rio de Janeiro, participou da polêmica em torno do exercício da advocacia por mulheres, fundamentando parecer contrário com base em lições do direito romano e do direito português — II(33):169 e 184.

M.P.C.D. (iniciais de nome) — escritora feminista não identificada, colaboradora de "A Mensageira" (trata-se, muito provavelmente, de outro heterônimo da própria diretora da revista, Prisciliana Duarte de Almeida) — I(4):49-51; I(6):81.

MUNIZ DE ARAGÃO, Maria Elisa — v. ARAGÃO, Maria Elisa Muniz de. □

MURAT, Luís (Luís Barreto Murat, 1861-1929) — conhecido poeta parnasiano fluminense, bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo, impetuoso ativista do abolicionismo e do republicanismo: iniciou carreira política ao se eleger deputado à primeira Constituinte (1890-1891), notabilizando-se pela atuação na imprensa e pela oposição sistemática a Floriano Peixoto — I(14):212; I(16):243.

MURGER, Henry (1822-1861) — escritor parisiense (poeta e prosador), pertencente ele mesmo à geração de boêmios que tornaram célebre a Paris dos anos que antecederam a Revolução de 1848; seu romance mais famoso, "Scènes de la vie de bohème", continuamente reeditado e traduzido desde sua divulgação original em folhetim (1847-1849), concilia lirismo e realismo na descrição de um simpático Cenáculo moderno constituído por jovens cheios de ideais mas destituídos de recursos materiais, moradores das mansardas da capital francesa; contribuiu muito para transformar o livro num dos maiores "best sellers" da segunda metade do século XIX sua teatralização pelo próprio Murger (com a colaboração do teatrólogo Théodore Barrière, 1823-1877), de que resultou o drama "La Vie de Bohème", estreado com grande sucesso em 1849; mas é preciso lembrar que a permanência da obra ainda hoje, 150 anos depois de divulgada sua primeira versão, se deve à ópera "La Bohème" de Puccini: sua estréia na Itália, no início de 1896, coincidindo com a reprodução de situações semelhantes àquela vivida pela França de meados do século, provocara novo surto internacional de "boêmia", de maneira que sua revelação aos paulistanos no Teatro de São José, em 13 de agosto de 1897, coincidia com a explosão da ópera nos palcos do mundo todo; os reflexos desse novo modismo persistirão por muitos anos, aparecendo imediatamente, já em fins de 1897, na criação de um grupo de bacharelescos boêmios paulistanos que, segundo Afonso Schmidt, teriam se associado para fundar um café-concerto jocosamente denominado "Cabaré do Sapo Morto" encobertos por pseudônimos farsescos como "Jatobá" ou "Michei Bohème Meio Sapo", grupo que chega a publicar no terceiro número de "A Mensageira" um convencional manifesto favorável à construção de um monumento em homenagem ao poeta Gonçalves Dias) — I(2):21; I(4):62.

MURILLO, Estéban Bartolomé (1617-1682) — pintor barroco espanhol, celebrado pela delicadeza de suas madonas — I(19):298; II(30):122.

MUSSET, Alfred de (1810-1857) — famoso poeta, dramaturgo e romancista francês, um dos principais representantes do movimento romântico europeu (teve grande repercussão sua ligação com a romancista George Sand, entre 1833 e 1835, na medida em que os dois escritores, além de tornarem públicas suas desavenças, reapresentaram-nas nos romances "La Confession d'un enfant du siècle", de Musset e "Elle et Lui", de Sand, divulgados respectivamente em 1836 e 1859) — I(6):82.

NAMOUR, William — cidadão inglês, condenado à morte por assassinato em 1898 — I(24):379.

NANSEN, Fridtjof (1861-1930) — cientista norueguês, participante de diversas viagens de exploração da região ártica: pacifista, empenhou-se não só nos trâmites da separação política entre Noruega e Suécia (1905), como também em grandes operações humanitárias internacionais (vinculadas à Cruz Vermelha e à Liga das Nações) que lhe valeram o Prêmio Nobel da Paz referente a 1922 — I(1):12.

NAPOLEÃO, Artur (Artur Napoleão dos Santos, 1843-1925) — célebre pianista português de carreira internacional (também conhecido como compositor de peças de salão, como editor e comerciante de partituras musicais e como professor de piano do Rio de Janeiro da virada do século), estabelecido no Brasil a partir de 1866 — I(17):271.

NAPOLEÃO BONAPARTE — v. BONAPARTE, Napoleão. □

NARCISA AMÁLIA — v. AMÁLIA, Narcisa. □

NAVA SALES, Alice — v. SALES, Alice Nava. □

NAVILLE, Ernest (Jules-Ernest Naville, 1816-1909) — filho do filósofo protestante e pedagogo suíço François-Marc-Louis Naville (1784-1846), Ernest foi professor de história da filosofia da Academia de Genebra entre 1844 e 1848 (contribuindo, como o pai, para a divulgação das idéias do francês Maine de Biran, 1776-1824) — I(7):100.

NECKER, MADAME (Suzanne Curchod, Madame Necker, 1739-1794) — intelectual francesa (nascida na Suíça, filha de um pastor calvinista), casada desde 1764 com o banqueiro Jacques Necker (1732-1804), seu compatriota, de quem teve a filha Germaine, futura Madame de Staël (1766-1817); estabelecida na Paris pré-revolucionária dos anos 1770-1780, Madame Necker tornou-se anfitriã de um salão literário (que rivalizava com os salões congêneres de Madame Geoffrin e Madame du Deffand) frequentado por Buffon, Marmontel, Diderot, d'Alembert e Bernardin de Saint-Pierre, entre outros; utilizando-se da enorme fortuna do marido, não só colaborava na manutenção de asilos e hospitais (chegando a fundar um hospital experimental próprio, em 1776) como teorizava a respeito do assunto, propondo inovações; entre diversos escritos de caráter ensaístico, deixou o texto "Réflexions sur le divorce" (1794) — I(5):80; I(20):308.

NECKER DE SAUSSURE, MADAME (Albertine-Adrienne de Saussure, Madame Necker de Saussure, 1766-1841) — ensaísta e teórica da educação, de nacionalidade suíça (e de língua francesa): nascida em Genebra no mesmo ano em que nascia em Paris sua prima Madame de Staël, Albertine-Adrienne provinha de uma família de notórios cientistas suíços (o avô Nicolas de Saussure foi agrônomo, o pai Horace-Bénédict de Saussure foi naturalista com importantes pesquisas de ordem física, botânica e geológica, enquanto o filho dela, Louis-Albert Necker, geólogo, se tornará conhecido em Genebra como professor de ciências naturais); educada com apuro, isolou-se em função da surdez que a acometeu, passando a dedicar-se com exclusividade à educação dos filhos; divulgou, entre 1828 e 1838, os três volumes de sua principal obra, "L'Éducation Progressive", em que recapitula as sucessivas fases da evolução da criança e do adolescente, explicitando influências de Rousseau mas reservando à mulher papel mais amplo, de indivíduo integralmente pensante, livre e atuante, capaz de cumprir não só sua missão doméstica como de desempenhar seu papel social (publicou ainda, além de traduções de textos alemães, um estudo crítico sobre a obra de Madame de Staël) — II(34):197.

NEGRI, Ada (1870-1945) — escritora italiana (nascida na Lombardia), a maior poetisa itálica da virada do século: de origem humilde, formou-se professora primária, publicando em 1892 sua primeira coletânea poética, "Fatalità", de enorme repercussão nacional e imediata divulgação internacional pelo caráter incisivo com que denunciava a iniquidade das desigualdades sociais; no início do século XX, mesmo abrangida, sua escrita não deixará de veicular uma aguda percepção da condição feminina, especialmente no volume de contos sintomaticamente intitulado "Le Solitarie" ("As Solitárias", 1917); em 1920 "Fatalità" atinge 26 edições italianas, mas a escritora deixou cerca de duas dezenas de outros volumes, entre livros de poesia, coletâneas de contos e um romance ("Stella Matutina", 1921); não chegou a ser publicado em "A Mensageira" o prometido estudo a respeito de Ada Negri elaborado pelo poeta pernambucano Belarmino Carneiro, mas no n° 35 aparece uma tradução do poema "Storia Breve" (pertencente a "Fatalità"), assinado por C. Brunetto, pseudônimo adotado por Belarmino Carneiro — I(12):181; II(33):183; II(35):208.

#### Anexo IV

NERO (Nero Claudius Caesar Augustus Germanicus, 37-68 d. C.) — imperador romano, conhecido pelo terror que caracterizou os últimos anos de seu reinado — II(27):59.

NERVAUTE MAC GEC, Anita, DOUTORA — v. MAC GEC, Anita Nervaute, DOUTORA. □

NETTESHEIM, Cornelius Agrippa von (1486-1535) — médico e filósofo alemão, autor de um opúsculo publicado no início do século XVI, no qual sustentava a superioridade "moral e mental" das mulheres — II(32):167.

NEVES, Aurélio (1870-1927) — poeta mineiro, bacharel em direito pela Faculdade de São Paulo, colaborador de "A Mensageira" — I(10):149; I(13):207.

NEVES, Maria das — mineira diplomada pela Escola de Farmácia de Ouro Preto (final do século XIX) — I(7):106.

NEWTON, Isaac (1642-1727) — revolucionário cientista inglês (físico, matemático e astrônomo), um dos principais formuladores da ciência moderna — I(17):265.

NICODEMOS — personagem bíblico do século I d. C., mencionado no Evangelho segundo São João: com a colaboração de José de Arimatéia, encarregou-se da tarefa de sepultar Jesus Cristo — I(13):204.

NICOLAU, SÃO — v. SÃO NICOLAU. □

NÍSIA FLORESTA (Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto) — v. FLORESTA, Nísia. □

NÓBREGA, Manuel da (1517-1570) — jesuíta português, empenhado na catequização dos índios do Brasil: coadjuvado por Anchieta e Manuel de Paiva, fundou em 1554, no planalto de Piratininga, o colégio que deu origem à cidade de São Paulo — I(2):22.

NOGUEIRA, Ana — v. BATISTA, Ana Nogueira. □

NORBERTO, Joaquim — v. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. □

NORONHA, Joana de (Joana Paula Manso de Noronha, c. 1820-1881) — educadora, jornalista, romancista e teatróloga argentina (nascida em Buenos Aires), temporariamente residente no Brasil: amiga da filha do ditador argentino Rosas, ameaçada pelo regime de terror estabelecido em seu país, foge para o Brasil, participando em 1851 da redação do jornal "A Imprensa", da cidade gaúcha de Pelotas; transferindo-se para o Rio de Janeiro, funda, em 1852, o primeiro órgão de imprensa brasileiro integralmente redigido por mulheres, "O Jornal das Senhoras", periódico que ao lado de matérias variadas, apresentava textos de caráter abertamente feminista; tornando-se conhecida no Rio também como autora de teatro, casou-se (separando-se pouco tempo depois), por essa mesma época, com o conhecido compositor português Francisco de Sá Noronha (1823-1881), muito estimado em sua juventude como virtuoso do violino; em 1853, isto é, no ano seguinte à queda de Rosas, decide retornar para a Argentina, levando consigo as duas filhas, depois de transferir a direção de seu jornal para a escritora baiana Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco (1817-1875), que manteve o periódico até 1853, repassando-o, por sua vez, para Gervásia Nunésia Pires dos Santos (c. 1820- ? ), garantindo-se assim sua publicação ininterrupta até 1855; na Argentina, onde é conhecida pelo nome de solteira (Juana Manso), retomará atividades editoriais publicando outro periódico feminino, "Álbum de Señoritas", voltando a exercer o magistério, área em que seguiu as diretrizes pedagógicas estabelecidas pelo célebre intelectual, seu compatriota, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) — II(28):93.

NUNES, Tercília — v. LOBO, Tercília Nunes. □

NUNES GARCIA, José Mauricio, PADRE — v. GARCIA, José Mauricio Nunes, PADRE. □

OCTAVIO, Benedicto — v. OLIVEIRA, Benedito Otávio de. □

OITICICA, José (José Rodrigues Leite Oiticica, 1882-1957) — professor secundário de origem mineira, radicado no Rio de Janeiro, poeta e linguista, conhecido por sua filiação ao anarquismo: em 1899, ainda adolescente, colabora no mensário carioca "Revista Americana" — I(19):304.

OLGA P. — criptônimo utilizado por colaboradora (não identificada) de "A Mensageira", autora de dois poemas datados de fevereiro de 1898 — I(12):188; I(13):206.

OLIPHANT, Margaret (Margaret Wilson, Mistress Oliphant, 1828-1897) — escritora britânica (nascida na Escócia), contista e romancista prolífica (autora de mais de 120 livros, muitos deles bem-sucedidos), também historiadora, crítica literária, biógrafa e memorialista: divulgando sua produção inicialmente através da imprensa, começou a publicar seus livros em 1852, época em que se casou com o primo, o vitralista Frank Wilson Oliphant (era parente, ainda, de um conhecido escritor esotérico, biografado por ela, Laurence Oliphant, 1829-1888) — I(10):151.

OLIVEIRA, Alberto de (Antônio Mariano Alberto de Oliveira, 1857-1937) — conhecido poeta parnasiano fluminense, membro fundador da Academia Brasileira de Letras: ao lado de Olavo Bilac e Raimundo Correia, compõe a mais notória triade de poetas da virada do século; quarto filho de uma irmandade composta por 11 indivíduos, tem diversos outros poetas entre seus irmãos, aí se incluindo Saturnino de Oliveira e Amélia de Oliveira; dedicatário de um poema de Francisco Lins, retribui dedicando-lhe o soneto "Anfitriote" (não podendo, portanto, ser considerado colaborador propriamente dito de "A Mensageira") — I(2):30, I(4):62, I(7):103, 109 e 112.

OLIVEIRA, Amélia de (Amélia Mariano de Oliveira, pseudônimo: Emília da Paz, 1868-1945) — frustrada poetisa fluminense, irmã do notável poeta Alberto de Oliveira, conhecida como "a noiva de Bilac": manteve com Olavo Bilac (1865-1918), entre 1883 e 1888, uma ligação que parecia predestinada ao casamento, mas foi censurada por ele por ter publicado alguns poemas, acabando por ver a família posicionar-se contra aquela união, sendo induzida a romper o compromisso; manteve-se, porém, fiel a Bilac, impedindo-se de continuar divulgando sua própria produção poética (postumamente editada pela família Oliveira, em volume organizado por Elmo Elton, em 1950); os três sonetos de Amélia de Oliveira publicados em 1897 pela revista de Prisciliana Duarte foram a ela encaminhados por outra pessoa (uma de suas irmãs, com certeza) e não pela própria poetisa, circunstância que basta para desqualificá-la como colaboradora propriamente dita de "A Mensageira" — I(1):2; I(2):23 e 30; I(4):54 e 62; I(6):90 e 96; I(10):156.

OLIVEIRA, Andradina de (Andradina América de Andrada e Oliveira, 1859-1935) — escritora gaúcha (nascida em Porto Alegre), professora primária formada pela Escola Normal da capital de sua província, depois de frequentar o colégio de Luciana Teixeira de Abreu (1847-1880), mostra que se notabilizara como uma das principais precursoras do feminismo no Rio Grande do Sul: pertencente a um ramo gaúcho dos Andradas paulistas (família a que pertenceu o Patriarca da Independência, José Bonifácio), a polígrafa Andradina chegou a publicar um volume de versos, mas distinguiu-se principalmente como prosadora (cronista, contista, romancista, dramaturga e ensaísta), contando uma dúzia de volumes publicados, além de vasta produção jornalística inédita em livro; fundou, em janeiro de 1898, um semanário próprio, "O Ecrínio", impresso de início na cidade gaúcha de Bagé, depois em Santa Maria (reaparecendo posteriormente como revista semanal ilustrada, em Porto Alegre), periódico em que retoma a pregação feminista de Luciana de Abreu, enfatizando o trabalho como instrumento de libertação da mulher e o papel multiplicador desempenhado pela instrução feminina (no ensaio "Divórcio?", editado em Porto Alegre em 1912, questionará o anacronismo da proposta tradicional de casamento, valendo-se de cartas masculinas e femininas reveladoras dos conflitos insolúveis gerados por uniões infelizes); coincidindo tanto a edição de sua primeira coletânea de contos ("Preludiando", publicada na cidade de Rio Grande em 1897) como o lançamento de seu periódico ("O Ecrínio", 1898), com o início da circulação da revista "A Mensageira", Andradina acaba se tornando a escritora não-colaboradora mais prestigiada por Prisciliana Duarte, pois às menções à gaúcha sucedem-se uma extensa resenha de "Preludiando" por Damasceno Vieira e a reprodução integral de um dos contos desse volume; a reapresentação da nominata de 27 escritoras brasileiras homenageadas com dedicatórias por Andradina torna-se digna de nota, por permitir a reconstituição de quase todo o quadro de mulheres mais atuantes na área literária do Brasil de 1897; notar que a filha de Andradina de Oliveira, a polígrafa Lola de Oliveira (1889-1965), secretária da mãe desde a infância, foi poetisa e prosadora de sucesso, deixando cerca de trinta volumes publicados ao longo de quase cinquenta anos de atividade incessante — I(3):40; I(12):182; I(15):239 e 240; I(21):328-333; I(22):340-345.

OLIVEIRA, Benedito Otávio de (1871-1927) — polígrafo campineiro (poeta, tradutor, ensaísta, cronista, libretista e teatrólogo, mas principalmente jornalista e pesquisador da história local, de Campinas): católico, de origem humilde e formação autodidática, proveu sua própria manutenção como funcionário municipal; em 1909 participa (ao lado de Prisciliana Duarte de Almeida, Sílvio de Almeida, Alberto Faria, Amadeu Amaral e Carlos Ferreira, entre outros) da organização da Academia Paulista de Letras; ao instalar-se a Academia Campinense de Letras, em 1956, o membro fundador José Roberto do Amaral Lapa (1929- ), escolheu-o como patrono da cadeira 24 da nova entidade — II(28):95.

OLIVEIRA, Carmen de — jovem leitora de "A Mensageira" que tem sua carta respondida por Maria Clara da Cunha Santos, no início de 1898 — I(10):146-147.

OLIVEIRA, Saturnino de — irmão do poeta Alberto de Oliveira (e da poetisa Amélia de Oliveira), dedicatário de um poema de Francisco Lins, a quem retribui dedicando-lhe o soneto "Cair da Noite" — I(7):109-110 e 112; I(8):125.

OLIVEIRA BELO — v. BELO, Luís Alves Leite de Oliveira. □

OLIVEIRA CAMPOS, Manuel Aarão de — v. AARÃO, Manuel. □

Anexo IV

OLIVEIRA CAMPOS, Narcisa Amália de — v. AMÁLIA, Narcisa. □

OLIVEIRA DE MENESES — v. MENESES, Oliveira de. □

OLIVEIRA MARTINS, Joaquim Pedro de — v. MARTINS, Joaquim Pedro de Oliveira. □

ORANGE, Guilherme de — v. GUILHERME DE ORANGE. □

ORTIGÃO, Ramalho (José Duarte Ramalho Ortigão, 1836-1915) — polígrafo português (nascido no Porto), celebrado por sua atuação como jornalista mordaz (manteve por 40 anos a publicação de crônicas mensais de crítica social, sob o título de "As Farpas", iniciadas em 1871 com a colaboração de Eça de Queirós): compõe, com seu amigo Eça e Fialho de Almeida, o trio de cronistas mais significativos do Portugal da virada do século; entre diversas obras traduzidas por ele encontra-se o ensaio "Higiene da Alma", do Barão de Feuchtersleben — II(34):197-198.

ORTIZ MONTEIRO, M. — v. MONTEIRO, M. Ortiz. □

ORZESZKOWA, Eliza (Eliza Pawlowska Orzeszkowa, 1842-1910) — a mais significativa romancista polonesa da segunda metade do século XIX: procedente de uma família nobre da Polônia (os Pawlowski), recebeu educação esmerada em Varsóvia, mas ainda muito jovem teve que acompanhar o marido (Piotr Orzeszko), condenado ao exílio na Sibéria em função de sua participação no levante nacionalista de 1863; conciliando romantismo e realismo, Orzeszkowa dedicou-se a retratar as condições sociais de seu povo, sendo especialmente feliz ao tratar das condições da vida no campo, dos costumes judaicos e do choque produzido pela introdução de idéias liberais na Polônia (foi, aliás, uma das mais ardorosas defensoras da emancipação feminina de seu tempo) — I(5):78-79.

OSCAR, Artur, GENERAL (General Artur Oscar de Andrade Guimarães, 1850-1903) — militar gaúcho, com serviços prestados na Guerra do Paraguai, na Campanha do Uruguai e na Revolução Federalista, responsável pelas operações finais da Guerra de Canudos (junho a outubro de 1897) — I(1):16.

OSCAR, Artur, SENHORA (Esposa do General Artur Oscar) — I(1):16.

OSCAR DALVA (pseudônimo de Antônio dos Reis Carvalho) — v. CARVALHO, Antônio dos Reis. □

OSÓRIO, Manuel Luís, GENERAL (Marquês do Erval, 1808-1879) — militar gaúcho, comandante do exército brasileiro por ocasião da invasão do Paraguai (1866) — II(29):105.

OSTERRICHT, MADAME — dama belga, patrocinadora (em 1897) de uma expedição científica à Antártida — I(5):80.

OTAVIANO, Francisco ((Francisco Otaviano de Almeida Rosa, 1825-1889) — poeta romântico carioca, bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1845; advogado e jornalista atuante tanto na capital paulista como no Rio de Janeiro, teve brilhante carreira política e diplomática no Segundo Reinado; casado em 1854 com Eponina Muniz Barreto, filha do influente proprietário do "Correio Mercantil", Joaquim Muniz Barreto (1800-1885), manteve com ela, por muitos anos, um dos mais significativos salões literários do Império, lembrado com saudade por Machado de Assis por ocasião da morte de Eponina, em 1895; poliglota, Otaviano foi um dos primeiros tradutores de Shakespeare e Byron no Brasil; embora seus próprios poemas ocupem espaço relativamente reduzido em sua produção literária, celebrou-se com versos breves e incisivos como os daquela célebre sextilha de decassílabos ("Ilusões da Vida") a que Maria Clara da Cunha Santos se refere: "Quem passou pela vida em branca nuvem,/E em plácido repouso adormeceu;/Quem não sentiu o frio da desgraça,/Quem passou pela vida e não sofreu;/Foi espectro de homem, não foi homem,/Só passou pela vida, não viveu." — I(7):102.

OTÁVIO, BENEDITO — v. OLIVEIRA, Benedito Otávio de. □

OTTO, Luísa — v. OTTO-PETERS, Louise. □

OTTO-PETERS, Louise (1810-1895) — polígrafa alemã (poetisa e prosadora), principal representante do movimento feminista na Alemanha do século XIX: tratando da luta de classes e das reivindicações femininas desde seus primeiros romances (divulgados a partir de 1843), lutou continuamente pela extensão da educação às mulheres, fundando um "Periódico da Mulher para os mais elevados interesses femininos" ("Frauen-Zeitung für höhere weibliche Interessen") dentro do espírito libertário da Revolução de 1848; presa, conheceu em 1851 o poeta patriota August Peters, com quem se casou em 1858; depois de fundar, em 1865, a Sociedade Feminina de Leipzig e a Associação Geral das Mulheres da Alemanha, manteve-se por mais trinta anos (até sua morte) à frente do movimento feminista alemão — II(32):167-168.

OUIDA (pseudônimo de Louise de La Ramée) — v. LA RAMÉE, Louise de. □

- P., OLGA (criptônimo) — v. OLGA P. □
- PACÍFICO, Anacleto — correspondente paulistano do diário "Cidade de Campinas" — II(33):178.
- PADRE ANTÔNIO VIEIRA — v. VIEIRA, Antônio, PADRE. □
- PADRE CORREIA DE ALMEIDA — v. ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE. □
- PADRE FARIA — v. FIALHO, João de Faria, PADRE. □
- PADRE JOÃO DE FARIA FIALHO — v. FIALHO, João de Faria, PADRE. □
- PADRE JOSÉ BENTO — v. BENTO, José, PADRE. □
- PADRE JOSÉ MAURÍCIO — v. GARCIA, José Mauricio Nunes, PADRE. □
- PADRE JÚLIO MARIA — v. CARNEIRO, Júlio César de Moraes, PADRE. □
- PADRE VIEGAS DE MENESES — v. MENESES, Viegas de. □
- PAHIM, Mário — dedicatário de um poema de Augusto Álvaro de Carvalho Aranha publicado em 1898 — I(19):301.
- PAIVA, Alfredo de — colaborador da "Revista Contemporânea" de Campinas (fundada em 1899) — II(28):95.
- PARAGUAÇU (1503-1583) — índia brasileira, filha de um cacique tupinambá, casada com o português Diogo Álvares (o Caramuru): assumindo o nome de Catarina Álvares por ocasião de seu batismo, desempenhou importante papel na mediação dos atritos entre os primeiros colonizadores da Bahia e os nativos da região costeira; símbolo da miscigenação do índio com o europeu, dela descendem muitas das mais tradicionais famílias baianas — I(1):2.
- PARANAGUÁ, Ema W. N. — dedicatária de um soneto de Ridelina Ferreira datado de 1898 — II(29):114.
- PARANHOS, G. — colaborador (em 1898) do mensário carioca "Revista Americana" — I(19):304.
- PARANHOS, José Maria da Silva — v. VISCONDE DO RIO BRANCO. □
- PARDO BAZÁN, Emilia — v. BAZÁN, Emilia Pardo. □
- PARLAGRECO, Beniamino (1856-1902) — artista plástico italiano (nascido na Sicília): pintor e desenhista radicado no Rio de Janeiro desde 1895, especialmente apreciado como paisagista e retratista — II(36):230.
- PARODI, Alexandre (Dominique-Alexandre Parodi, 1842-1901) — escritor europeu (nascido em Creta, naturalizado francês em 1881), poeta, ensaísta e dramaturgo: filho de um diplomata italiano, radicou-se na França em 1865, tornando-se posteriormente inspetor das bibliotecas de Paris; seu filho Dominique Parodi (1870-1955), filósofo contemporâneo, publicou ensaios em que revela preocupação com questões éticas e políticas — II(29):115.
- PARREIRAS, Antônio (Antônio Diogo da Silva Parreiras, 1860-1937) — pintor fluminense (de Niterói): optando pela orientação do paisagista alemão Georg Grimm (1846-1887), ao invés de se submeter à orientação convencional dos professores da antiga Academia Imperial de Belas Artes, foi se aperfeiçoar na Itália (1889-1890), tornando-se, ao regressar, professor da Escola Nacional de Belas-Artes e fundador da "Escola ao Ar Livre" (estabelecida em Niterói, com exposições periódicas no Rio de Janeiro), onde orientou muitos alunos particulares, que adotaram a mesma técnica impressionista do mestre — I(3):36-37; I(5):73.
- PASCAL, Blaise (1623-1662) — filósofo e cientista francês, cristão, proponente de uma "razão integral", capaz de conciliar o racionalismo cartesiano com a fé religiosa (sendo, nesse sentido, considerado um precursor de Kierkegaard e dos demais filósofos existencialistas contemporâneos) — II(25):24; II(30):127.
- PASQUENUCCI, J. — pintor italiano radicado em Piracicaba (no interior paulista), responsável por um desenho a crayon que retratava o artista Almeida Júnior, no mesmo dia em que este foi assassinado, esboço realizado nas próprias dependências do jornal em que o corpo se encontrava exposto (notar que o historiador Vicente de Azevedo grafou o nome desse artista italiano de forma diferente, provavelmente mais correta: G. Pasquinucci) — II(35):215.
- PASSOS, BARÃO DE — v. BARÃO DE PASSOS. □

#### Anexo IV

PASSOS DE MELO, Romeu — v. MELO, Romeu Passos de. □

PASTEUR, Louis (1822-1895) — naturalista francês, pioneiro na comprovação da inexistência da geração espontânea (1862): estabelecendo o padrão científico do método experimental, demonstrou a ocorrência de microorganismos responsáveis pelos processos de decomposição orgânica e pelas doenças dos seres vivos, lançando as bases para a prevenção e para o tratamento de patologias parasitárias, bacterianas e virais — II(29):108.

PASTOR, Francisco (1850-1922) — gravador espanhol (falecido em São Paulo) que assina o retrato de Áurea Feres estampado na página de rosto do nº 26 da revista: trata-se, segundo Orlando da Costa Ferreira, do mesmo artista estabelecido em Portugal a partir de 1873; radicado em Lisboa, Pastor também assina estampas incluídas na revista "A Crônica", de Guiomar Torresão (editada trimensalmente por Antônio Maria Pereira, em Lisboa, a partir de janeiro de 1896) e no volumoso dicionário biográfico "Carteira do Artista", de Sousa Bastos (Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1898) — II(26):25.

PATROCÍNIO, José do (José Carlos do Patrocínio, 1853-1905) — polígrafo fluminense, mais conhecido por sua atuação jornalística, fundador (em 1887) do diário "Cidade do Rio": filho de uma escrava africana, teve formação autodidática mas conseguiu cursar a Faculdade de Farmácia, tornando-se líder imbatível da campanha abolicionista (após a assinatura da Lei Áurea em 1888, no entanto, tornou-se anti-republicano por gratidão à princesa Isabel, incluindo-se no grupo de intelectuais do Rio de Janeiro desterrado para a região amazônica pela ditadura de Floriano Peixoto); foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras em 1897 (sua bagagem literária propriamente dita abrange alguns romances, entre os quais se destaca "Os Retirantes", de 1879) — I(3):40; I(16):245; II(29):116.

PAULA, Vicente de, SÃO (erro de grafia) — v. SÃO VICENTE DE PAULO. □

PAULO, João, DOUTOR — v. CARVALHO, João Paulo de, DOUTOR. □

PAULO, Vicente de, SÃO — v. SÃO VICENTE DE PAULO. □

PAZ, Anastácio — cronista do "Correio Paulistano", autor de crítica adversa à coletânea poética "Poentes", de Eugênio Leonel (1898) — I(16):242.

PEDRO AMÉRICO (Pedro Américo de Figueiredo e Melo) — v. FIGUEIREDO E MELO, Pedro Américo de. □

PEDRO DE ALCÂNTARA, Imperador do Brasil — v. PEDRO SEGUNDO (PEDRO II). □

PEDRO SEGUNDO (PEDRO II, 1825-1891) — segundo imperador do Brasil (reinante entre 1840 e 1889), filho de Pedro I (Duque de Bragança, Pedro IV de Portugal, 1798-1834) e de Maria Leopoldina de Habsburgo (Arquiduquesa da Áustria, 1797-1826), casado com sua prima, a princesa napolitana Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889); sua irmã mais velha, Maria da Glória (1819-1853) tornou-se rainha de Portugal, reinando entre 1834 e 1853 (sendo seu neto o monarca português Carlos I, coroado em 1889 e assassinado em 1908, reinante, portanto, por toda a virada dos séculos XIX-XX); a deposição de Pedro II em 15 de novembro de 1889 coincidiu com a Proclamação da República pelo marechal Deodoro da Fonseca: teve múltiplas causas, mas entre estas desempenhou papel relevante a recusa das elites nacionais a submeterem-se a um Terceiro Reinado à sombra do trono da filha de Pedro II (a ultramontana Isabel de Bragança) e do marido dela, o francês Gaston d'Orléans, conde d'Eu — I(3):34; I(12):190 e 191; II(28):94.

PEIXOTO, Bárbara Eliodora de Alvarenga — v. ELIODORA, Bárbara. □

PEIXOTO, Floriano (Floriano Vieira Peixoto, 1839-1895) — militar alagoano, residente no Rio de Janeiro desde 1855, herói da Guerra do Paraguai (1864-1870): licenciado do Exército em 1885, foi reintegrado em 1889, assumindo o Ministério da Guerra no Governo Provisório; eleito Vice-Presidente em 1891, passou a ocupar a Presidência da República a partir do final do mesmo ano, por ocasião da renúncia de Deodoro da Fonseca; enfrentou a oposição assumindo poderes ditatoriais (ai incluídas a censura à imprensa, a perseguição arbitrária a seus opositores e a condenação oficiosa ao exílio em áreas insalubres do território nacional), estimulando o jacobinismo e o culto à personalidade; a pacificação do país, em conflagração contínua desde 1893 (Revolta da Armada e Revolução Federalista) só foi obtida em meados de 1895, já no governo civilista de Prudente de Moraes — I(9):144; I(10):148; I(24):377.

PEIXOTO, Inácio José de Alvarenga (c. 1744-1792) — poeta arcade carioca (formado em direito pela Universidade de Coimbra): exercendo a função de ouvidor numa das comarcas de Minas Gerais, conheceu Bárbara Eliodora (1749-1819), com quem se casou e teve três filhos mais uma filha (Maria Ifigênia); envolvendo-se na Inconfidência, foi preso, julgado e, considerado culpado, condenado à morte (mas teve sua pena comutada pelo exílio em Angola, onde faleceu em 1792, poucos dias depois de sua chegada à África) — I(1):14.



- PEIXOTO, Maria Ifigênia de Alvarenga — filha primogênita de Alvarenga Peixoto e Bárbara Eliodora, nascida em 1779 e morta acidentalmente na adolescência (numa queda de cavalo, ao que se diz); foi cognominada "a Princesa do Brasil", talvez em função do fato de ser descendente direta de Amador Bueno (proclamado "Rei de São Paulo" ou "Rei do Brasil" pela população paulistana, em 1641), ou ainda, ironicamente, pelo fato de seu pai certa vez ter feito um brinde saudando Bárbara Eliodora como "Rainha do Brasil" — I(9):130.
- PELAYO SERRANO (pseudônimo de Néelson de Sena) — v. SENA, Néelson de. □
- PELLETAN, Eugène (Pierre-Clément-Eugène Pelletan, 1813-1884) — romancista, historiador, ensaísta e político francês, líder parlamentar da extrema esquerda nos anos 1870-1880 e autor, entre diversos outros ensaios, de "La Profession de foi du XIXe. siècle", "Les Droits de l'homme", "La Famille, la Mère" e "La Femme au XIXe. siècle", editados respectivamente em 1852, 1858, 1865 e 1869 — I(6):81.
- PELLETIER, Pierre-Joseph (1788-1842) — químico francês, professor da Escola Superior de Farmácia de Paris: entre outras descobertas importantes, colaborou com seu colega Caventou no isolamento do quinino, em 1820 — I(20):311.
- PERCE-NEIGE (pseudônimo) — poetisa cearense não identificada, colaboradora de "A Mensageira" — II(29):109 e 116; II(36):234.
- PEREIRA, Antônia Adelina do Amaral (Viscondessa de São Valentim) — v. LOPES, Antônia Adelina do Amaral Pereira. □
- PEREIRA, Antônio Maria (1856-1898) — editor lisboeta, um dos maiores editores europeus de seu tempo: assumiu a livraria-editora do pai, o primeiro Antônio Maria Pereira (1824-1880), por ocasião da morte deste, ampliando-a e transformando-a na moderna "Parceria Antônio Maria Pereira", casa publicadora favorita de grandes nomes das literaturas portuguesa e brasileira (a ela se devendo, por exemplo, a edição popular das obras de Camilo Castelo Branco, em 80 volumes, e a primeira edição do romance "A Viúva Simões", de Júlia Lopes de Almeida, datada de 1897) — II(29):101.
- PEREIRA, Batista, DOUTOR — v. PEREIRA, João Batista, DOUTOR. □
- PEREIRA, Edwiges R. de Sá (1881-1969) — professora, poetisa e prosadora pernambucana, colaboradora de "A Mensageira" — I(3):45; II(26):46; II(27):72.
- PEREIRA, João Batista, DOUTOR (1835-1900) — político liberal fluminense, bacharelado em direito pela academia paulistana em 1857, Presidente da Província de São Paulo em 1878: foi relator, em 1899, do parecer favorável ao exercício da advocacia por mulheres apresentado ao Instituto dos Advogados Brasileiros — II(33):184.
- PEREIRA, Manuel Vitorino — v. VITORINO, Manuel. □
- PEREIRA, Veriano, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):239.
- PEREIRA, Virgílio de Sá (1871- ?) — poeta pernambucano, bacharel em direito pela Faculdade do Recife, juiz de carreira na Capital Federal, jornalista tanto em seu Estado natal como no Rio de Janeiro (irmão da poetisa Edwiges R. de Sá Pereira) — II(26):46.
- PEREIRA DE MELO E SOUSA, Jerônimo (Barão de Passos) — v. BARÃO DE PASSOS. □
- PEREIRA DOS SANTOS, DOUTOR — v. SANTOS, Pereira dos, DOUTOR. □
- PEREIRA GUIMARÃES, DOUTOR — v. GUIMARÃES, Pereira, DOUTOR. □
- PEREIRA GUIMARÃES, Ricardo Augusto — v. VISCONDE DE BENALCANFOR. □
- PEREIRA MADRUGA FILHO, Manuel — v. MADRUGA FILHO, Manuel Pereira. □
- PERES DE GUSMÃO, João — v. GUSMÃO, João Peres de. □
- PERES JÚNIOR, Antônio (1867-1943) — poeta e jornalista carioca, colaborador de "A Mensageira" — II(29):113.
- PERES RONALDE (erro de transcrição) — v. BONALDE, Juan Antonio Pérez. □

Anexo IV

PÉREZ BONALDE, Juan Antonio — v. BONALDE, Juan Antonio Pérez. □

PERPÉtua DO VALE (pseudônimo de Prisciliana Duarte de Almeida) — v. ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. □

PESTANA, Nestor (Nestor Rangel Pestana) — v. JATOBÁ. □

PETERS, Louise Otto — v. OTTO-PETERS, Louise. □

PEŦŦFI, Sándor (1823-1849) — poeta lírico húngaro, de família nobre; influenciado por Vörösmarty e pela poesia de Heinrich Heine, publicou entre 1844 e 1847 uma série de volumes que tiveram imediato sucesso de público, tornando-se o poeta nacional por excelência, considerado o maior lírico romântico da literatura magiar — II(26):44.

PEYREBRUNE, Georges de (pseudônimo de Mathilde-Georgina-Elisabeth de Peyrebrune, 1848-1917) — romancista francesa, autora de obras que mereceram consagração tanto do público leitor (é uma das mais notórias romancistas européias da década de 1880) como da crítica especializada (foi uma das raras mulheres escritoras a ter seus méritos reconhecidos pelos colegas do sexo masculino, chegando a ser premiada pela Academia Francesa por diversas vezes) — II(28):75-76; II(30):127.

PHAON — v. FAON. □

PHILIPON, Jeanne-Manon (Madame Roland de la Platière) — v. MADAME ROLAND. □

PHILIPSON, Pockey, MADAME — v. MADAME POCKEY PHILIPSON. □

PIECZYNSKA, Emma (Emma Pieczynska-Reichenbach, 1854-1927) — intelectual francesa, pioneira do feminismo na Suíça: casando-se com o conde Pieczynski aos 20 anos de idade, viveu na Polônia por dez anos, divorciando-se e transferindo-se para a Suíça (Genebra) e para os EUA, para estudar medicina; teve, no entanto, de abandonar a faculdade em 1890, por ter sofrido uma doença que deixou-a surda; sob influência de Josephine Butler, participou ativamente da Liga Internacional Contra a Regulamentação Estatal das Prostitutas; colaborou ainda nas lutas destinadas a obter educação e direitos específicos para as mulheres, embora defendesse (como exposto no texto transcrito em 1899 por "A Mensageira") a emancipação feminina como parte de um processo mais amplo de libertação da humanidade toda; nesse mesmo ano de 1899 está, aliás, entre as fundadoras da Liga das Sociedades Femininas Suíças — II(30):128-129.

PIÉROLA, Nicolás de (1839-1913) — advogado peruano, líder da resistência contra os invasores de seu país na Guerra Chileno-Peruana: tomou o poder em 1879, tornando-se ditador; posteriormente, fundando o Partido Democrático, elegeu-se Presidente da República em 1895, para um mandato de quatro anos — I(20):314.

PIERRE, Eugénie Potonié — v. POTONIÉ-PIERRE, Eugénie. □

PIERZA, Fidel G., MADAME — v. PIERZA, Fidel G., SENHORA. □

PIERZA, Fidel G., SENHORA — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

PILOTA, Adela Azcuy de — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

PIMENTA BUENO, José Antônio — v. MARQUÊS DE SÃO VICENTE. □

PIMENTEL, Alberto (1849-1925) — polígrafo português (natural do Porto), amigo e discípulo de Camilo Castelo Branco, autor de enorme quantidade de obras, entre as quais se destaca sua produção crítica (notar que esse escritor de Portugal é homônimo do conhecido jornalista fluminense Alberto Figueiredo Pimentel, 1869-1914) — I(9):130; I(10):145; II(30):131; II(32):161-167; II(33):175.

PINDELA, Visconde de (João Machado Pinheiro) — v. VISCONDE DE PINDELA. □

PINHEIRO, Bordalo (Rafael Bordalo Pinheiro) — v. BORDALO PINHEIRO, Rafael. □

PINHEIRO, Fernandes, DOUTOR — diretor da empresa responsável pela instalação de um banheário na localidade mineira de Cambuquira, em 1899 — II(28):86.

PINHEIRO, João Machado (Visconde de Pindela) — v. VISCONDE DE PINDELA. □

- PINHEIRO, Rafael Bordalo — v. BORDALO PINHEIRO, Rafael. □
- PINHEIRO CALDAS, Antônio — v. CALDAS, Antônio Pinheiro. □
- PINHEIRO MACHADO, José Gomes — v. MACHADO, José Gomes Pinheiro. □
- PINTO, Dionísia Gonçalves (pseudônimo: Nísia Floresta Brasileira Augusta) — v. FLORESTA, Nísia. □
- PINTO DE QUEIRÓS, Luís M. — v. QUEIRÓS, Luís M. Pinto de. □
- PINTO LIMA, DOUTOR — v. LIMA, Pinto, DOUTOR. □
- PIRES, Áurea** (Áurea Pires da Gama, 1876-1949) — poetisa e professora fluminense (nascida em Angra dos Reis), radicada em Minas Gerais no final do século XIX, posteriormente estabelecida no Rio de Janeiro e casada com o poeta Antônio Carlos Chichorro da Gama, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):2 e 13; I(2):32; I(3):42; I(4):61; I(5):67; I(6):95; I(7):105; I(8):115; I(9):135; I(10):150, 156 e 157; I(11):169-170; I(12):182; I(13):193, 201-202 e 208; I(14):220; I(15):238-239; I(16):246-247, 254 e 256; I(17):269; I(20):309; I(21):322, 324 e 336; I(22):343 e 345; II(25):4-6; II(26):25 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da poetisa), 26-30 e 37; II(27):60, 70, 71 e 72; II(28):96; II(29):105-106 e 116; II(30):132; II(31):139; II(33):180; II(35):213; II(36):230.
- PIRES, Guilherme — filho de Trajano Pires, dedicatário de um soneto da irmã (Áurea Pires) datado de 1891 — I(22):345.
- PIRES, Olívia — filha de Trajano Pires, dedicatária do poema "Na Praia" (de sua irmã Áurea Pires), datado de 1897 — I(16):246.
- PIRES, Trajano** — poeta baiano da geração de Castro Alves, pai da poetisa Áurea Pires, colaboradores (ambos) de "A Mensageira" — II(35):212.
- PIRES FERREIRA, SENADOR — v. FERREIRA, Pires, SENADOR. □
- PISTARINI, Luís** (1877-1918) — poeta e jornalista fluminense (da cidade de Resende), colaborador de "A Mensageira" — II(28):76, 95 e 96; II(30):132; II(36):241.
- PÍTACOS — governante grego do século VI a. C.: compatriota de Safo (ambos nascidos na ilha de Mitilene ou Lesbos, no Mar Egeu), teria decretado o exílio da poetisa, por motivos políticos — II(25):4.
- PITÁGORAS — matemático e filósofo grego do século VI a. C.: estabelecido no sul da Itália, teria liderado uma congregação regida por um amálgama de conceitos idealistas, teocráticos, aristocráticos e místicos, em que se fundiam os elementos mais abstratos das civilizações oriental e ocidental — I(17):266.
- PITTACUS — v. PÍTACOS. □
- PIZA, José, DOUTOR (Doutor José Gabriel de Toledo Piza, 1869-1910) — jornalista, teatrólogo e contista paulistano: bacharelando-se advogado na mesma turma a que pertencera Sílvio de Almeida (1892), notabilizou-se pela manutenção, por vários anos (1896 a 1900), de uma das poucas revistas culturais paulistas do período, "A Boêmia" (impressa por algum tempo, aliás, pelo mesmo Carlos Gerke que se responsabilizou pelas 36 edições de "A Mensageira"), periódico que contou com corpo de colaboradores superponível ao da revista de Prisciliana Duarte de Almeida — II(36):239.
- PLATÃO (c. 428-c. 348 a. C.) — filósofo idealista ateniense, discípulo de Sócrates, fundador da Academia de Atenas: o conjunto de seus "Diálogos" constitui um dos substratos mais ricos de toda a filosofia ocidental — I(1):12; II(25):24.
- PLUTARCO (c. 46-120 d. C.) — célebre moralista grego, autor da coleção de biografias exemplares intitulada "Vidas Paralelas" — II(27):59.
- POCKEY PHILIPSON, MADAME — v. MADAME POCKEY PHILIPSON. □
- POE, Edgar Allan (1809-1849) — poeta e contista norte-americano, antecipador da estética satanista-simbolista "fin de siècle" (o texto publicado em "A Mensageira" faz alusão à sua condição de alcoólatra) — I(5):71.
- POLO, Marco (c. 1254-1324) — viajante italiano (nascido em Veneza), conhecido por um colorido relato de viagens divulgado no início do século XIV — I(16):248.

*Anexo IV*

POMBO, Rafael (1833-1912) — estimado poeta lírico romântico da Colômbia — II(27):64.

POMPÉIA, Raul (Raul de Ávila Pompéia, 1863-1895) — um dos mais talentosos prosadores de sua geração, autor de poemas em prosa, crítico, cronista e romancista notável: bacharel em direito, abolicionista e republicano entusiástico, tornou-se floriano exaltado, proferindo no sepultamento do Marechal, em meados de 1895, um inflamado discurso que lhe valeu a perda do cargo de diretor da Biblioteca Nacional; este e outros percalços teriam sido responsáveis pelo suicídio de Pompéia, registrado no Natal do mesmo ano — I(4):58.

PONTES, Sizinio, DOUTOR — médico, professor da Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1898 — I(9):132.

PONTES, Sizinio, SENHORA — esposa do doutor Sizinio Pontes, capacitada a ingressar (em 1898) em curso superior — I(9):132.

POPP, Carolina — estudiosa do folclore flamengo, autora de um volume de "Narrações e Lendas de Flandres" (mencionada no texto "A Invenção da Renda") — II(28):90.

PORTO, Samuel — poeta simbolista do final do século XIX, colaborador de "A Mensageira" — I(4):58; I(6):90.

PORTO SEGURO, Visconde de (Francisco Adolfo de Varnhagen) — v. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. □

POTONIE-PIERRE, Eugénie (1844- ? ) — líder feminista e pacifista radicada em Paris, colaboradora de "A Mensageira" — I(7):99 e 112; II(35):206-208.

POTONIE-PIERRE, MADAME — v. POTONIE-PIERRE, Eugénie. □

PRADIER, James (Jean-Jacques Pradier, 1792-1852) — escultor neoclássico francês, nascido na Suíça (procedente de uma família francesa refugiada no exterior): sua "Sapho", de 1852, conservada no Museu do Louvre, figura entre suas produções mais conhecidas (uma irmã mais velha do escultor, o desenhista e gravador Charles-Simon Pradier, esteve no Brasil em 1816, acompanhando os artistas da Missão Francesa) — II(25):4.

PRADO, Antônio (Antônio da Silva Prado, "Conselheiro Prado", 1840-1929) — neto do barão de Iguape, filho de Viridiana Prado, empresário e líder político conservador paulista, eleito e sucessivamente reeleito prefeito municipal de São Paulo de 1899 até 1910 — II(25):23.

PRADO, Eduardo (Eduardo Paulo da Silva Prado, 1860-1901) — neto do barão de Iguape, filho de Viridiana Prado, jornalista conservador (monarquista), autor de ensaios que ocuparam lugar de destaque na reação anti-republicana e anti-ianque dos últimos anos do século XIX — II(25):23.

PRADO, Viridiana (Viridiana Valéria da Silva Prado, 1825-1910) — matriarca da família Prado, de grande influência na vida paulistana do último quartel do século XIX: filha do barão de Iguape, casou-se com um tio paterno, mas divorciou-se em 1877, transformando sua residência em eixo da ilustração local, preenchendo o espaço deixado pelo desaparecimento do salão da Marquesa de Santos (1797-1867), com a morte desta (o salão de Viridiana será sucedido por sua vez, no início do século XX, pela confraria da Vila Kyrial, reunida em torno de José de Freitas Vale e pelo salão de Olívia Guedes Penteado, 1872-1934); entre seus filhos, destacam-se o primogênito Antônio da Silva Prado (1840-1929), o empresário Martinho da Silva Prado Júnior (1842-1906) e o intelectual Eduardo Prado (1860-1901) — II(25):23.

PRADO JÚNIOR, Martinho (Martinho da Silva Prado Júnior, "Martinico Prado", 1842-1906) — deputado provincial, abolicionista e republicano, com atividade empresarial importante (foi um dos líderes da Sociedade Promotora da Imigração) — II(25):23.

PRAED, Caroline (Rosa Caroline Prior, Mistress Campbell Praed, 1851-1935) — romancista de língua inglesa, natural da Austrália, casada desde 1871 com Campbell Praed: foi autora de numerosos romances em que aborda com frequência a temática política, de sua predileção — I(10):152.

PRAGUER, Maria Francisca Barreto (1872- ? ) — médica ginecologista baiana, estabelecida em Salvador, graduada em 1893 pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese "Raspagem do Útero" — I(9):131.

PREGO, B. — colaborador da "Revista Contemporânea" de Campinas (fundada em 1899) — II(28):95.

PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA (no período de 15/11/1894 a 15/11/1898) — v. MORAIS, Prudente de. □

- PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA (no período de 15/11/1898 a 15/11/1902) — v. SALES, Campos. □
- PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA (no período de 17/01/1895 a 16/02/1899) — v. FAURE, François-Félix. □
- PRESTES, Fernando, CORONEL (Coronel Fernando Prestes de Albuquerque) — v. ALBUQUERQUE, Fernando Prestes de, CORONEL. □
- PRESTES, Júlio (Júlio Prestes de Albuquerque) — v. ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de. □
- PRICE, Florence Alice (pseudônimo: Florence Warden) — v. WARDEN, Florence. □
- PRINCESA BONAPARTE-WYSE (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- PRINCESA CLOTILDE (Marie-Thérèse-Louise, Clotilde de Sabóia, 1843-1911) — princesa italiana (filha do rei Vittorio Emanuel II e da rainha Maria Adelaide de Habsburgo), conhecida por seus hábitos recatados e piedosos: casada desde 1859 com o príncipe francês Jérôme-Napoléon Bonaparte (1822-1891), sobrinho de Napoleão, acompanhou o marido no exílio por ocasião da instalação da Terceira República na França e, ao retornar (depois da anistia geral), preferiu ficar residindo no campo, para maior recolhimento — I(11):170.
- PRINCESA DE LAMBALLE (Marie-Thérèse-Louise de Savoie-Carignan, Princesa de Lamballe, 1749-1792) — dama da nobreza italiana, casada com o príncipe de Lamballe, filho do culto duque de Penthièvre: enviuvado, permaneceu residindo na França, com o sogro, tornando-se amiga da futura rainha Maria Antonieta; tendo seu nome associado às dissipações da corte de Luís XVI, foi presa e assassinada em 3 de setembro de 1792 (abandonado o cadáver à multidão, sua cabeça foi arrancada do corpo mutilado e conduzida em triunfo, na ponta de um espeto, até o local em que Maria Antonieta estava encarcerada) — I(20):308.
- PRINCESA DE WISZNIEWSKA — líder feminista e pacifista radicada em Paris: na virada do século presidia a Liga Internacional das Mulheres para o Desarmamento, de maneira que seu apoio à candidatura do suíço Henri Dunant (1828-1910) para a atribuição do primeiro Prêmio Nobel da Paz (1901) representava, na prática, o reconhecimento de 5.500.000 mulheres que haviam aderido ao movimento pacifista liderado por ela; Dunant, fundador da Cruz Vermelha Internacional em 1859, vinha recebendo apoio constante dessa mulher desde 1896, devendo a ela também sua indicação para a presidência do Congresso Internacional pela Paz de 1900 (segundo Fernand Gigon, biógrafo de Dunant, Wiszniewska rivalizava, em influência política, com a baronesa austríaca Bertha Kinsky von Suttner, 1843-1914, autora do maior "best seller" pacifista do final do século, "Die Waffen nieder" ou "Abaixo as Armas!", de 1889) — I(7):99.
- PRINCESA ISABEL DE BRAGANÇA ("Isabel, a Redentora", Regente do Império do Brasil, 1846-1921) — herdeira do trono imperial, filha de Pedro II e de Teresa Cristina de Bourbon: casando-se em 1864 com um neto do rei Luís Filipe da França (Gaston de Orléans, conde d'Eu, 1842-1922), exerceu a regência por diversas vezes; na última dessas ocasiões, em 1888, em meio a boatos de que Pedro II agonizava em Milão, decretou a Lei Áurea, extinguindo sumariamente a escravidão em todo o país, conseguindo dessa forma reativar sua popularidade e cooptar as simpatias de importantes formadores de opinião (como José do Patrocínio e André Rebouças) — I(11):164; I(15):230; I(16):244-245; II(29):116.
- PRINCESA RATAZZI (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- PRINCESA REAL DA SUÉCIA — protetora de uma instituição de amparo às mulheres trabalhadoras criada por Anna Hierta Retzius em 1870 — II(26):37.
- PRÍNCIPE BONAPARTE-WYSE — irmão de Madame de Rute (Condessa Rattazzi), presente ao banquete por ela organizado para homenagear a escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899): trata-se do explorador e oficial da marinha francesa Lucien-Napoléon Bonaparte-Wyse (1847-1909), autor de relatos de viagens à América do Sul, conhecido pela realização de estudos preliminares para a abertura do canal do Panamá — II(29):115.
- PRÍNCIPE DE CONDÉ (Louis de Bourbon-Condé, "le Grand Condé", 1621-1686) — um dos mais importantes chefes militares franceses do século XVII, aparentado com Luís XIV e casado com uma sobrinha do cardeal Richelieu: em meio a uma movimentada vida de guerreiro, aderiu em 1652 à revolta da Fronde (colocando-se às ordens de sua prima Mademoiselle de Montpensier, a "Grande Demoiselle"), conheceu Spinoza ao invadir a Holanda em 1672 e, encerrando sua carreira militar pouco tempo depois, despendeu a última década e meia de vida em sua mansão, cercado de literatos e pensadores (entre eles destacando-se Madame de La Fayette e o bispo Bossuet) — I(15):235.

*Anexo IV*

PRÍNCIPE DE LICHTENBERG — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):115.

PRISCA — v. SANTA PRISCA. □

PROFESSOR CHIAFFARELLI — v. CHIAFFARELLI, Luigi, PROFESSOR. □

PROFESSOR FACCHINETTI — v. FACCHINETTI, Niccolò Antonio, PROFESSOR. □

PROFESSOR MALEVOLTI — v. MALEVOLTI, Adolfo, PROFESSOR. □

PROFESSOR RETZIUS — v. RETZIUS, PROFESSOR. □

PRUDENTE DE MORAIS (Prudente José de Moraes Barros) — v. MORAIS, Prudente de. □

PRUDHOMME, Sully (René-François-Armand Sully Prudhomme, 1839-1907) — um dos mais notáveis continuadores (ao lado de José-Maria de Heredia, 1842-1905 e François Coppée, 1842-1908) das tradições poéticas parnasianas estabelecidas por Leconte de Lisle e Paul Verlaine em meados do século XIX: sua proposta estética, de nítida influência positivista, corresponde ao exercício de um "lirismo analítico", ao mesmo tempo científico e filosófico, em que razão e sentimento se harmonizam debaixo de uma arte caracterizada pelo máximo rigor formal; na virada do século Prudhomme encontra-se no auge de seu prestígio pessoal (será laureado em 1901 com o primeiro Prémio Nobel de Literatura), constituindo o modelo por excelência dos poetas positivistas não só da Europa como do Brasil (aí incluído o professor Sílvio de Almeida, marido de Prisciliana Duarte de Almeida) — I(8):120; I(10):152; II(28):80.

PUIGGARI, Inácio — lente substituto de botânica brasileira da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.

QUEIRÓS, Amadeu de (1873-1955) — polígrafo mineiro, radicado em São Paulo no século XX, um dos precursores do regionalismo mineiro, colaborador de "A Mensageira" — I(18):283-284.

QUEIRÓS, Luís M. Pinto de — lente de higiene e elementos de bacteriologia da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.

QUEIRÓS, Luísa Amélia de (Luísa Amélia de Queirós Brandão) — v. BRANDÃO, Luísa Amélia de Queirós. □

QUESADA, Gonzalo de, SENHORA — presidente da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.

QUESNAY, François (1694-1774) — médico francês, formulador de teorias económicas que tomam como modelo o funcionamento do organismo humano: autor de um célebre "Tableau Économique" (1758), texto fundamental de ciência política da escola liberal fisiocrática — II(31):137.

QUEZADA, Gonzalo de, MADAME (erro de grafia) — v. QUESADA, Gonzalo de, SENHORA. □

QUINTÃO, M. — compositor de uma peça musical editada no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone em 1898 — I(9):144.

RABUTIN-CHANTAL, Marie (Marquesa de Sevigné) — v. SEVIGNÉ, MADAME DE. □

RAFAEL (Raffaello Sanzio, 1483-1520) — pintor renascentista italiano, padrão de excelência da arte pictórica clássica — I(7):102.

RAFFAELLI, Jean-François (1850-1924) — pintor francês (de família italiana) conhecido, nos últimos anos do século XIX, como retratista de celebridades e como pintor da burguesia e da paisagem urbana parisienses — II(29):115.

RAFFALOVICH, Sophie — escritora feminista mencionada por André Rebouças (trata-se, provavelmente, de pessoa ligada ao judeu russo Arthur Raffalovich (1853-1921), economista liberal radicado em Paris — I(20):308.

RAI — v. RAY, John. □

RAINHA DA GRÉCIA — v. CONSTANTINOVA, Olga. □

RAINHA DONA AMÉLIA DE PORTUGAL (Marie-Amélie d'Orléans, 1865-1951) — Rainha de Portugal pelo casamento (em 1886) com o príncipe Carlos (1863-1908), coroado rei Carlos I em 1889, Amélia (Princesa de Orléans) era filha de Filipe, conde de Paris (1838-1894), primo de Gaston d'Orléans (conde d'Eu, 1842-1922), ambos netos do rei Luís Filipe da França; nascida na Inglaterra (para onde seus pais haviam sido exilados), teve seu nome associado a obras de benemerência em Portugal, mas também se tornou conhecida como pintora e desenhista de talento (o Arquivo do Estado de São Paulo possui um raro exemplar de um álbum que reproduz sua coleção de esboços intitulada "Mes Dessins", editada em Paris, em 1926); seus dois filhos do sexo masculino foram Luís Filipe (1887-1908), que deveria ter subido ao trono como Luís II de Portugal, e Manuel (1889-1932), coroado rei (Manuel II) logo após o assassinato conjunto do pai e do irmão em Lisboa, em 1908 (cena trágica presenciada, aliás, por dona Amélia) — II(27):69.

RAINHA ELIZABETH I DA INGLATERRA (1533-1603) — rainha da Inglaterra no período 1558-1603, filha de Henrique VIII e de Ana Bolena, sucessora de sua meia-irmã Maria Tudor; governando por quase meio século, elevou o poderio britânico a posição de supremacia frente às potências europeias da época (as alusões contidas no texto de André Rebouças dizem respeito ao fato de ter morrido solteira e de ter, efetivamente, determinado a execução de homens da nobreza que haviam ocupado a posição de seus favoritos, na corte) — I(17):264.

RAINHA ISABEL DA ROMÊNIA — v. SYLVA, Carmen. □

RAINHA MARIA ANTONIETA DA FRANÇA (Maria Antonieta da Áustria, 1755-1793) — nascida em Viena, Maria Antonieta era a filha mais nova da imperatriz Maria Teresa (1717-1780), que se tornara uma das mais poderosas governantes da Europa ao manter-se sozinha no trono da Áustria desde o falecimento (em 1765) do imperador Francisco I; pertencentes à casa dos Habsburgos, envolvida nos processos de concentração de poder característicos dos séculos XVI, XVII e XVIII, os irmãos de Antonieta (José II e Leopoldo II), sucessores da mãe, já pertencem ao "despotismo esclarecido", influenciado pelo iluminismo; mas Antonieta, remetida aos 15 anos de idade para a França, é sacrificada às razões de estado, tendo apenas a função passiva de aproximar os dois reinos rivais ao se casar, em 1770, com o neto e sucessor de Luís XV, entronizado em 1774 como Luís XVI; estrangeira num país tradicionalmente xenófobo, frívola e reacionária, a nova rainha dos franceses se torna cada vez mais impopular, tomando-se alvo preferido dos revolucionários de 1789, que mantiveram-na encarcerada por mais de dois anos, enquanto aguardava a abertura e o andamento do processo em que era acusada de conspirar contra a França (processo que resultou em sua condenação à morte e execução datada de 16 de outubro de 1793); em termos de entendimento do complexo universo relacional que regerá a aristocracia reinante no século XIX, torna-se importante lembrar que entre os sobrinhos-netos de Maria Antonieta encontram-se a imperatriz Maria Luísa da Áustria (1791-1847, esposa de Napoleão) e sua irmã, imperatriz do Brasil, Leopoldina da Áustria (1797-1826), esposa de Pedro I do Brasil (Pedro IV de Portugal); entre seus sobrinhos bisnetos estão, portanto, não só Maria II de Portugal como Pedro II do Brasil, assim como Teresa Cristina de Bourbon e Maximiliano da Áustria, o infeliz "Imperador do México" — I(20):308.

RAINHA VICTORIA (1819-1901) — rainha britânica, sucessora do tio (William IV), que ocupou o trono pelo enorme período de 1837 a 1901, personificando (e conduzindo-o ao seu apogeu) o imperialismo inglês, ao mesmo tempo em que assumia publicamente a condição de símbolo austero e aburguesado de sua época, a "era vitoriana", que abrange toda a segunda metade do século XIX; pertencente à mesma Casa de Windsor ainda reinante na Grã-Bretanha, enviuvou em 1861, depois de 21 anos de casamento com o príncipe Albert de Saxe-Coburgo e Gotha (1819-1861), mas deixou, ao falecer em 1901, descendentes seus infiltrados em praticamente todas as casas reais da Europa — I(9):134; I(24):379.

RAINHA VIRGEM — v. RAINHA ELIZABETH I DA INGLATERRA. □

RAMALHO ORTIGÃO, José Duarte — v. ORTIGÃO, Ramalho (José Duarte Ramalho Ortigão). □

RAMÉE, Louise de La (pseudônimo: Ouida) — v. LA RAMÉE, Louise de. □

RAMOS, Grafisa de Araújo (1871- ? ) — médica ginecologista baiana, estabelecida em Salvador, graduada pela Faculdade de Medicina da Bahia em 1892, com a tese "Hemorragias Puerperais" — I(9):131.

RAMOS, Heitor, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

RAMOS, João de Deus (1830-1896) — um dos mais populares poetas portugueses ("o poeta das mulheres"), cuja primeira coletânea poética, "Flores do Campo" (1868) projetou-o definitivamente, pelo extraordinário caráter de simplicidade associado a um lirismo simpático e espontâneo, na contramão da sofisticação e do pedantismo propostos pelos modelos franceses coetâneos; valeu-lhe ainda a denominação de "Pestalozzi português" a divulgação, em 1876, de sua "Cartilha Maternal" (inspirada nos métodos propostos por Castilho em meados do século XIX), nacionalmente oficializada pelo parlamento português em 1888 — II(34):200.

RAMOS DE AZEVEDO, Francisco de Paula — v. AZEVEDO, Francisco de Paula Ramos de. □

#### Anexo IV

RANGEL, Ângela do Amaral (1726- ? ) — poetisa repentista carioca, cega de nascença (por esse motivo apelidada "a Ceguinha"), cuja produção desapareceu quase que totalmente: teria sido pessoa culta, instruída, de família rica, integrando, em 1752, a Academia dos Seletos — I(7):105.

RAPIN, René, PADRE (1621-1687) — padre jesuíta francês, professor de humanidades, autor de obras críticas, filosóficas, teológicas e políticas, conhecido pela linguagem profunda e elegante: foi mestre de Madame de La Fayette — I(15):235.

RATTAZZI, MADAME (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □

RAUNIER — alfaiate "de estilo francês" estabelecido no Rio de Janeiro (com filial em São Paulo) no final do século XIX e início do século XX — I(1):13.

RAVISIUS (Jean Tixier de Ravis, c. 1490-1524) — humanista e naturalista da Renascença francesa, reitor da Universidade de Paris a partir de 1520, autor de uma "Officina vel potius naturae Historia", datada de 1522 — I(20):310.

RAY, John (1627-1705) — "o pai da história natural inglesa", botânico autor de um fundamental "Catalogus plantarum Angliae" — I(20):310.

RÉAUME, MONSIEUR — cidadão de origem francesa radicado no Québec em 1898, que casou oito filhos num mesmo dia com a prole de seu vizinho Marin — I(12):186.

REAUNIER (erro de grafia) — v. RAUNIER. □

REBOUÇAS, André (André Pinto Rebouças, 1838-1898) — polígrafo baiano, radicado no Rio de Janeiro entre 1846 e 1889 (período após o qual auto-exilou-se, acompanhando a família real em seu desterramento): bacharelado-se em Ciências Físicas e Matemáticas pela Escola Militar do Rio de Janeiro em 1859, formou-se engenheiro no ano seguinte, especializando-se em ferrovias, obras portuárias e de saneamento; professor da Politécnica, mulato, teve atuação importante no movimento abolicionista, principalmente pela divulgação de textos correlatos pela imprensa carioca; por essa mesma época torna-se um dos principais colaboradores de José Carlos Rodrigues, que editava em Nova Iorque a revista mensal "O Novo Mundo" (publicada entre 1870 e 1879); um dos interlocutores prediletos de Pedro II, foi dos mais notórios defensores da manutenção de seu amigo e compadre Carlos Gomes pela coroa brasileira; liberal e positivista, tinha planos gigantescos para o desenvolvimento global do país, colocando-se ao lado daqueles que lutavam pelo incentivo à imigração estrangeira e pela emancipação feminina (partilhando essas preocupações, entre outros, com o amigo e colega engenheiro José Américo dos Santos, casado posteriormente com a futura correspondente carioca de "A Mensageira", Maria Clara da Cunha Santos); como José do Patrocínio, André Rebouças manteve-se fiel, por gratidão, à Princesa Isabel, recusando-se a aderir ao republicanismo: seguiu com o imperador até Portugal, mantendo-se em contato com Pedro II até seu falecimento na França (1891); a partir daí, viaja vários anos pela África, fixando-se, de 1893 até a morte, em Funchal (capital da Ilha da Madeira); procedente de uma família tradicional de músicos (instrumentistas e compositores) da Bahia, André Rebouças era filho de Antônio Pereira Rebouças (1798-1880), respeitado parlamentar liberal do Império, tendo entre seus irmãos dois outros notáveis engenheiros, dedicados ao ramo ferroviário, Antônio e José Pereira Rebouças (notar que André, filho primogênito, e o irmão Antônio, um ano mais novo, estudaram juntos, entre 1849 e 1851, no recém-criado colégio petropolitano de Henrique Köpke, pai de João Köpke) — I(16):241-242 e 245; I(17):262-269; I(18):281; I(20):308; I(21):336.

RECLUS, Elisée (Jean-Jacques-Elisée Reclus, 1830-1905) — geógrafo e cientista político francês: em função de sua militância republicana, foi obrigado a auto-exilar-se logo após a coroação de Napoleão III, viajando pelas Américas durante seis anos (1852-1857), ocasião em que visitou o Brasil; retornando à França, participou ativamente dos eventos da Comuna de Paris (1871), sendo preso e banido; estabelecendo-se na Suíça a partir daí, dedicou-se à produção de obras monumentais que se colocam entre as mais influentes produções de geografia física e política, humana e econômica do final do século XIX e início do século XX; anarquista militante, membro destacado da Internacional, foi processado em 1883, juntamente com o príncipe Kropótkin, só escapando da prisão por residir fora da França — I(1):12.

REDONDO, Garcia (Manuel Ferreira Garcia Redondo, 1854-1916) — jornalista carioca, radicado na capital paulista depois de ter estudado em Coimbra (lá se tornando amigo e colega de Gonçalves Crespo, posteriormente casado com Maria Amália Vaz de Carvalho) e se formado engenheiro pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro: conciliando a prática da engenharia com o trabalho jornalístico e literário (em diferentes gêneros, mas sempre associado a uma escrita despreocupada e amena), Garcia Redondo notabilizou-se pela afabilidade no trato, característica pessoal que lhe valen o convite para participar da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1894) e da Academia Brasileira de Letras (1897), além da amizade de figuras da importância de uma Júlia Lopes de Almeida ou de um Euclides da Cunha — II(33):178 e 181; II(36):239.



REGADAS, Luisa (? -1887) — cantora lírica (meio-soprano, como Corina Coaracy) do Rio de Janeiro que se colocou a serviço da campanha abolicionista, participando de eventos destinados a arrecadar fundos para a alforria de escravos (Inês Sabino homenageia-a incluindo-lhe o retrato em seu esboço biográfico de "Mulheres Ilustres do Brasil", de 1899) — I(15):230.

REGENTE FELJÓ — v. FELJÓ, REGENTE. □

REGO, Maria do Carmo de Melo — prosadora gaúcha da segunda metade do século XIX, elogiada por Taunay e mencionada por Nelson de Sena ("Pelayo Serrano"): segundo Sacramento Blake, era esposa do general Francisco Rafael de Melo Rego, publicando em 1897 um relato de viagem ("Lembranças de Mato Grosso") e, em data indeterminada, uma novela intitulada "Guido" — I(7):105.

REICH, Emílio — historiador oitocentista da literatura húngara, mencionado por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — II(26):42 e 43.

REI LUÍS IX DA FRANÇA — v. SÃO LUÍS. □

REIS, Joana — dedicatória de um soneto de Carlos Góis publicada pela revista "A Mensageira" em 1898 — I(21):325.

REIS CARVALHO, Antônio dos — v. CARVALHO, Antônio dos Reis. □

RENAN, Ernest (Joseph-Ernest Renan, 1823-1892) — ensaísta francês, de filiação liberal e positivista, de grande projeção nos campos da história e da filologia: abandonou o seminário católico em 1845, iniciando-se em ciências naturais com o jovem químico Marcelin Berthelot (1827-1907), redirecionando suas preocupações para o campo científico e para o pensamento germânico; tornou-se colaborador da "Revue des Deux Mondes" já em 1851, na mesma época em que se casava com uma sobrinha do pintor Ary Scheffer (Cornélie); da volumosa obra produzida ao longo das décadas de 1850, 1860, 1870 e 1880, exercendo enorme influência sobre o pensamento da Europa e das Américas do final do século XIX, destaca-se uma polêmica "Vie de Jésus" (de 1863) em que tenta, partindo de uma concepção fundamentalmente romântica, reconstituir as vivências do Cristo histórico — I(4):59.

RENNOTTE, Maria, DOUTORA (Doutora Marie Rennotte, 1851-1942) — médica belga, graduada pela Faculdade de Medicina da Pensilvânia (Filadélfia, EUA), definitivamente radicada no Brasil desde meados da década de 1890, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):15; I(9):141-142; II(25):23.

RETZIUS, Anna Hierta — v. HIERTA, Anna. □

RETZIUS, PROFESSOR (Magnus-Gustaf Retzius, 1842-1919) — cientista sueco, docente da Faculdade de Medicina de Estocolmo (professor de anatomia e histologia), casado com a feminista Anna Hierta — II(26):37.

REVEL, Jean (pseudônimo de Paul Toutain, 1848-1925) — escritor francês, polígrafo cuja obra (extensa e multifacetada) é permeada de tendências filosóficas — II(34):191.

RÉVILLE, Louise — feminista radical (de inspiração socialista) do final do século XIX, citada por Xavier de Carvalho — II(30):129.

REVOCATA dos Passos Figueiroa de Melo ("Revocata Mãe") — v. MELO, Revocata dos Passos Figueiroa de. □

REVOCATA Heloísa de Melo ("Revocata Filha") — v. MELO, Revocata Heloísa de. □

RIBAS D'ÁVILA, João — v. ÁVILA, João Ribas d'. □

RIBEIRO, Benedito — poeta parnasiano do final do século XIX, colaborador de "A Mensageira" — II(34):196; II(36):236.

RIBEIRO, João (João Batista de Andrade Fernandes Ribeiro, 1860-1934) — polígrafo sergipano, radicado no Rio de Janeiro desde a adolescência: entre as dezenas de livros publicados em meio século de produção contínua, avultam suas obras específicas de crítica literária, algumas traduções (como aquela do "best seller" italiano de 1886 "Coração", de Edmondo de Amicis) e a direção das sete últimas edições do "Almanaque Brasileiro Garnier" (publicado no Rio de Janeiro entre 1903 e 1914), organizadas sob sua responsabilidade no período de 1907 a 1914 — I(12):182.

#### Anexo IV

RIBEIRO, Júlio (Júlio César Ribeiro Vaughan, 1845-1890) — polígrafo mineiro (de Sabará), professor particular de diferentes escolas do Estado de São Paulo (lecionou latim ou língua portuguesa em locais como o Curso Anexo da Faculdade de Direito de São Paulo, os colégios Florence e Culto à Ciência de Campinas e no colégio próprio, por ele fundado em Capivari); adepto exaltado do abolicionismo e do republicanismo (e crítico feroz dos desvios registrados na atuação dos primeiros republicanos), morreu precocemente, vítima da tuberculose, na cidade de Santos; publicou livros didáticos, uma gramática famosa em seu tempo, textos de filologia, obras de ficção (a mais conhecida delas correspondendo ao polémico romance naturalista "A Carne", de 1888, dedicado a Émile Zola) e coletâneas que enfeixavam uma parte dos violentos artigos por ele divulgados através da imprensa da década de 1880 — I(3):39-40.

RIBEIRO, Tomás (Tomás Antônio Ribeiro Ferreira, 1831-1901) — um dos mais conhecidos poetas portugueses da segunda metade do século XIX, autor de um célebre poema dramático prefaciado por Castilho, "D. Jaime", de 1862 (sua obra de estréia); advogado brilhante, homem culto e afável, orador apreciado, participou da vida política de seu país, como jornalista e parlamentar; sua carreira como diplomata no final do século, foi no entanto momentaneamente empanada por um curioso episódio registrado no Rio de Janeiro em 1895 (relatado por Rodrigo Otávio), quando a coroa portuguesa, reatando relações diplomáticas com o Brasil (rompidas por Floriano Peixoto) nos enviava Tomás Ribeiro como seu embaixador: notório incentivador das letras femininas (amigo pessoal de Maria Amália Vaz de Carvalho, prefaciador do primeiro livro de versos de Adelina Lopes Vieira), foi acusado, em panfleto lançado nas ruas da Capital Federal, à sua passagem, por um jacobinista anônimo, de ter publicado um poema que atingia a honra das moças de Campinas (poema em que a expressão "as formosas de Campinas" servia apenas para rimar com as palavras "as mãos mais finas") — II(28):84; II(29):100.

RICARD, Xavier de (Louis-Xavier de Ricard, 1843-1911) — poeta parnasiano francês, engajado desde os 20 anos de idade no movimento republicano (sua atuação na "Revue des Progrès", fundada por ele em 1863, valeu-lhe alguns meses de prisão na repressão determinada por Napoleão III); exilado na Suíça, retorna a Paris em 1870, participando da Comuna, mas tem que se refugiar novamente na Suíça em 1871; no final do século, é um dos frequentadores do salão de Madame de Rute (Condessa Rattazzi); também autor de romances, aponta num deles ("Les conditions de Claire"), segundo Xavier de Carvalho, as contradições observadas no comportamento de algumas feministas francesas — I(7):100; II(29):116.

RICHARD, Louis-Claude-Marie (1754-1821) — botânico francês, professor da Escola de Medicina de Paris: autor, em 1808, de um conhecido volume de "Démonstrations de botanique" — I(20):311.

RICHEPIN, Jean (Auguste-Jules Richepin, 1849-1926) — jornalista, poeta, romancista, libretista e dramaturgo francês (nascido na Argélia), conhecido tanto pelo vida aventurosa (incluindo certo período em que chegou a trabalhar como marinheiro, estivador e ator de teatro) como pela divulgação de poemas de temática inusitada e incendiária ("La chanson des gueux", de 1876, por exemplo, toma por heróis os mendigos, os andarilhos e os desqualificados) e pela elaboração de peças teatrais fracassadas (que sua amante Sarah Bernhardt não conseguiu manter no repertório) — II(29):115.

RICHER, Léon (1824-?) — escritor mencionado por Xavier de Carvalho, autor (segundo Jean Rabaut) de "Le Divorce" (1873), "La Femme libre" (1877) e "Les Codes des femmes" (1883); jornalista, Richer foi o principal promotor da "Société pour l'amélioration du sort de la femme et la revendication de ses droits" (que ele ajudou a fundar em 1866) e mantenedor do periódico feminista "Le Droit des Femmes" (1869) — I(7):100.

RIEDEL, Camila (pseudônimo: Ridelina Ferreira) — v. FERREIRA, Ridelina. □

RIEDEL, Júlio (c. 1867-1895) — poeta e jornalista gaúcho, irmão de Camila Riedel ("Ridelina Ferreira", uma das colaboradoras de "A Mensageira"), radicado no Estado de São Paulo desde a adolescência: aparece em meados da década de 1880 trabalhando na paulistana "Gazeta do Povo" (na qual participa da campanha republicana) e no "Diário Popular", também de São Paulo; a seguir, surge em Santos, colaborando com Vicente de Carvalho, Cândido de Carvalho e Alberto Sousa na implantação do "Diário da Manhã"; já no final dos anos 80, é um dos principais redatores da nova fase do "Diário de Campinas", inaugurada em setembro de 1889, depois de debelado o maior surto regional de febre amarela (nessa ocasião, tomou o lugar de seu grande amigo Alfredo Pujol); assim, permaneceu em Campinas por quase seis anos, de 1889 a 1895, redigindo artigos de fundo e divulgando poemas de sua autoria: sua morte trágica (por suicídio), em maio de 1895, em São Paulo, explica a maneira velada como Prisciliana Duarte se refere a ele, sem citar seu nome, numa das "notas pequenas" do n° 33 — II(33):183.

RIEN (pseudônimo de Anna Maria Lovisa Wahlenberg) — v. WAHLENBERG, Anna Maria Lovisa. □

RIO BRANCO, Visconde do — v. VISCONDE DO RIO BRANCO. □

RIVADO — escritor venezuelano não identificado, mencionado em matéria assinada por Nelson de Sena — II(27):63.

RIVAL, Joana — autora (não identificada) de um excerto incluído na seção de "Seleção" da revista — II(26):39.

- ROBERTY, Eugène de (1843-1915) — filósofo positivista russo, doutorado na Alemanha (Universidade de Jena), autor de diversos ensaios divulgados em versões russas e francesas (tendo frequentemente por objeto de reflexão a nova ciência da sociologia); lecionou na Bélgica e na França — I(4):59.
- ROBINSON, F. Mabel — escritora de língua inglesa da segunda metade do século XIX, mencionada em arrolamento feito por Manuel Viotti ("Elmano do Val") — I(10):152.
- ROBINSON WRIGHT, Marie — v. WRIGHT, Marie Robinson. □
- ROCA, Julio A., GENERAL — militar argentino cujo segundo mandato na Presidência da República de seu país (1898-1904) assinalou um período de serenidade e estabilidade, depois de várias décadas de anomia sofridas pela Argentina: sua primeira visita ao Brasil, em agosto de 1899, pôs fim ao isolamento político que caracterizava até então o relacionamento entre os dois maiores países da América do Sul — II(30):120.
- ROCHA, João Batista — lente substituto de matéria médica e noções de terapêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.
- ROCHA, Maria Emília da — nome utilizado como pseudônimo por um colaborador (do sexo masculino) do jornal carioca "O País", em 1897, erroneamente tomado como o nome de uma escritora de Minas Gerais que irá publicar crônicas em "A Mensageira" (Maria Emília Lemos) — I(1):2; I(3):43.
- RODENBACH, Georges (1855-1898) — poeta simbolista belga, autor de "Le Règne du silence" — II(28):90.
- RODRIGUES, Alberto F. (erro de transcrição) — v. RODRIGUES, Alfredo F. □
- RODRIGUES, Alfredo F. (Alfredo Ferreira Rodrigues, 1865-1942) — jornalista e historiador gaúcho (natural da cidade do Rio Grande), editor não só do conhecido "Almanaque Popular Brasileiro" (publicado em Pelotas entre 1894 e 1908) como do importantíssimo "Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul" (editado em Rio Grande entre 1889 e 1917): Guilhermino César considera a leitura de seus escritos essencial para o entendimento da literatura e da história oitocentista do Rio Grande do Sul — I(10):160; II(27):70.
- RODRIGUES, José Carlos (1844-1923) — Escritor fluminense, um dos mais importantes jornalistas brasileiros do século XIX (e do início do século XX): bacharelado-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1864, começou suas atividades no ramo participando da imprensa estudantil e colaborando como correspondente paulistano do carioca "Correio Mercantil", então dirigido por Francisco Otaviano; depois de trabalhar como funcionário ministerial no Rio de Janeiro, transferiu-se para os EUA em 1868, onde se manteve como correspondente nova-iorquino do "Diário Oficial" do Império e do "Jornal do Comércio" do Rio, fundando em 1870 uma revista própria, o célebre mensário "O Novo Mundo" ("Periódico Ilustrado do Progresso, de Política, Literatura, Arte e Indústria"), mantido até 1879 com a colaboração de notáveis escritores do Brasil (como André Rebouças) e de Portugal (como Latino Coelho); Rodrigues adquiriu posteriormente (em 1890) o "Jornal do Comércio" carioca, por ele dirigido durante 25 anos, período que coincidiu com a fase de maior prestígio do periódico fundado em 1827 — I(17):271.
- RODRIGUES, Julieta de Miranda — universitária alagoana graduada em farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1898 — I(16):255.
- RODRIGUES DE ANDRADE, Joaquim — v. ANDRADE, Joaquim Rodrigues de. □
- RODRIGUES VIEIRA, DOUTOR — v. VIEIRA, Rodrigues, DOUTOR. □
- RODZIEWICZ, MADAME — v. RODZIEWICZ, Maria. □
- RODZIEWICZ, Maria (1863-1944) — poetisa e prosadora polonesa (nascida em área limítrofe entre a Polônia e a Lituânia): filha de um casal de patriotas poloneses deportado para a Sibéria, foi criada por uma mulher da nobreza, em Varsóvia, começando a escrever poemas românticos influenciados pelo grande poeta nacional Adam Mickiewicz (1798-1855); como autora de romances de temática nacional do final do século XIX e início do século XX, situa-se na faixa de transição entre o realismo e o neo-romantismo (fenômeno estético também observado, nessa mesma época, na literatura nacionalista da Escandinávia) — I(5):79.
- ROGOZINSKA, Senhora — v. HAJOTA, MADAME. □
- ROIG, Filomena Fernandes de — escritora encarregada de reunir material na América do Sul para a elaboração de um luxuoso álbum americano destinado a figurar na Exposição de Paris de 1900 — II(32):167.

ROLAND, MADAME (Jeanne-Manon Philpon, Madame Roland de la Platière, 1754-1793) — revolucionária francesa: casada desde 1780 com o rico político (igualmente revolucionário, jacobino) Jean-Marie Roland de la Platière (1734-1793), de quem foi ativa colaboradora e mentora, teve sua residência transformada, no início dos anos 1790, em salão frequentado, entre outros, por Robespierre, seu futuro desafeto; congruentemente com sua catequese libertária, não demorou a se colocar em atitude de confronto com relação às arbitrariedades cometidas pelos revolucionários radicais, opondo-se, por exemplo (como os girondinos), à execução do rei em 1793 sem consulta popular mais ampla; assim, foi presa e processada (assumindo sua própria defesa perante os acusadores), enquanto o marido conseguia fugir de Paris, deixando registradas suas justificativas num célebre documento memorialístico, "Appel à l'impartiale posterité" (escrito e conservado com a conivência de seus carcereiros), pouco antes de ser guilhotinada em 8 de novembro de 1793, ocasião em que pronunciou a conhecida frase: "Liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome!"; ao tomar conhecimento de sua execução, Monsieur Roland suicidou-se; já no século XIX, foram editadas as memórias completas dela, seus relatos de viagem e sua volumosa correspondência, de inegável importância documental — I(20):307; II(34):197.

ROLIM, Maria Cândida (c. 1845-1899) — membro da família Ribas (do Paraná), usava o nome de solteira Maria Cândida do Amaral Gurgel; depois de casada com o juiz de direito de Botucatu (pertencente a família tradicional da cidade paulista de Itapetininga), doutor José Rolim de Oliveira Aires (1838-1896), passou a assinar o nome de Maria Cândida Rolim; mãe de quatro filhas (pela ordem: Clementina, Zalina, Cândida e Isaura), teve seu falecimento noticiado pela própria revista "A Mensageira", de modo que a data de morte "em 1919" fornecida por Arruda Dantas deve se referir à filha homônima, e não à mãe: isto é, deve se referir à Cândida Rolim filha, a "Candoca", também poetisa, como Zalina; a morte de dona Maria Cândida em 1899 assume papel relevante no que diz respeito à biografia de Zalina Rolim (1869-1961): já órfã de pai desde 1896, o fato desta ter ficado "sozinha no mundo" deve ter influenciado em sua decisão de casar-se (em 1900) com um homem 23 anos mais velho, o bacharel mineiro José Xavier de Toledo (1846-1918), antigo colega do pai de Zalina no Tribunal de Justiça de São Paulo — II(27):70.

**ROLIM, Zalina** (Maria Zalina Rolim Xavier de Toledo, 1869-1961) — poetisa e prosadora paulista (nascida em Botucatu), professora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1 e 5; I(2):20 e 32; I(4):61; I(5):73 e 76; I(6):95; I(7):105; I(8):128; I(9):132, 133-134 e 137-139; I(10):156, 157 e 160; I(12):182; I(15):227; I(17):260-262; I(18):286; I(20):320; I(21):324 e 336; I(22):343; II(26):30; II(27):70; II(29):102; II(35):205.

ROMERO, Silvío (Silvío Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, 1851-1914) — escritor sergipano: bacharelado-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1873, participou com Tobias Barreto das propostas de renovação estética próprias do período, estabelecendo-se no Rio de Janeiro a partir de 1876, tornando-se professor do Colégio Pedro II e atuando como jornalista e crítico literário rigoroso; foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, em 1897 — I(19):304.

RONALDE, Peres (erro de transcrição) — v. BONALDE, Juan Antonio Pérez. □

ROOS, Mathilde — romancista sueca do final do século XIX — I(13):206.

ROQUE, Emília de Labourdonnay Gonçalves (Condessa do Alto Mearim) — v. CONDESSA DO ALTO MEARIM. □

ROQUE, Júlia de Labourdonnay Gonçalves (Viscondessa de Sistelo) — v. VISCONDESSA DE SISTELO. □

ROSAS, Juan Manuel (1793-1877) — ditador argentino cuja sanguinária gestão (estendendo-se de 1835 a 1852) caracterizou-se por um rígido e arbitrário controle da população por intermédio da Mazorca (polícia secreta simbolizada por uma espiga de milho) — II(28):93-94.

ROSAS, Manuela (1817-1898) — filha (e secretária) do ditador argentino Juan Manuel Rosas, com ele refugiada na Inglaterra depois da vitória do general Urquiza em Caseros (no início de 1852) — II(28):93-94.

ROSAS, Manuelita (apelido de Manuela Rosas) — v. ROSAS, Manuela. □

ROTSCHILD, LADY — v. LADY ROTSCCHILD. □

ROYER, Clémence (Mademoiselle Royer, 1830-1902) — notável polígrafa francesa, uma das mais completas intelectualidades femininas do final do século XIX: poetisa, filósofa, ensaísta, autora de estudos históricos, políticos, econômicos, religiosos, sociológicos, geológicos, paleontológicos e geográficos; publicou em 1865 a primeira tradução francesa de "A Origem das Espécies" de Darwin (cujo original inglês é datado de 1859), responsabilizando-se pela divulgação (na França e nos países latinos) da teoria evolucionista; foi colaboradora do jornal feminista diário "La Fronde", mantido em Paris (a partir de 1897) por Marguerite Durand — II(26):38; II(30):125; II(36):219.

- RUDGE, Antonieta (Antonieta Teles Rudge, 1885-1974) — pianista paulistana, considerada uma das maiores pianistas brasileiras; foi uma das mais prodigiosas alunas do francês Gabriel Giraudon, apresentando-se nos recitais de suas alunas (em São Paulo) desde os sete anos de idade; em seguida, aperfeiçoou-se com o professor italiano (radicado em São Paulo) Luigi Chiaffarelli; fez carreira internacional, dedicando-se também à música de câmara (chegando a organizar, em 1915, um Trio Feminino, constituído por ela mais duas instrumentistas de arco) — II(35):215-216.
- RUSSELL, A., DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- RUTE, MADAME DE (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- SÁ, Ana Amália Moreira de (1825-1899) — poetisa lusitana do período romântico, cognominada "a Poetisa do Vizela" — II(30):131; II(32):161-167; II(33):175-178.
- SÁ, Emília Moreira de — irmã da poetisa portuguesa Ana Amália Moreira de Sá, falecida em 1850 — II(32):163.
- SÁ, Ermelinda de (1866-c. 1942) — gaúcha nascida em Porto Alegre, professora primária diplomada em 1881 (normalista pela Escola Normal de Niterói, a mais antiga do gênero na América do Sul, criada em 1835), médica pediatra, ginecologista e obstetra graduada em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (doutorando-se com a tese "Formas Clínicas das Meningites na Criança: Diagnóstico Diferencial", assinada com o nome de solteira, Ermelinda Lopes de Vasconcelos); casada em 1889 com o colega médico ginecologista e obstetra Alberto Xavier de Sá, permaneceu exercendo a profissão na Capital Federal e em Niterói; foi a segunda médica formada no Brasil (primeira formada no Rio de Janeiro, pois sua antecessora Rita Lobato graduou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia), sendo duplamente valorizada sua tenacidade, por enfrentar os percalços impostos a todas as universitárias do sexo feminino em sua época e pelo fato de ter apresentado problemas de visão que a acompanharam por longo tempo; a doutora Ermelinda teve dois filhos, Hipócrates (1890-1891), falecido na primeira infância, e Esmeralda de Sá (1897- ?), formada professora em Niterói (como sua mãe) e graduada em odontologia, casada com seu colega cirurgião-dentista Augusto José Alves Souto — I(1):2; I(7):106; II(26):31.
- SÁ, João de — funcionário da coroa portuguesa, escrivão da frota de Vasco da Gama — I(16):249 e 251.
- SÁ E BENEVIDES, José Maria Correia de — v. BENEVIDES, José Maria Correia de Sá e. □
- SABINO, Inês (1853-1911) — polígrafa baiana, radicada no Rio de Janeiro, colaboradora de "A Mensageira" — I(3):42 e 45; I(4):58-60; I(5):69-70; I(7):105; I(9):131; I(10):145-146; I(15):231-234 e 239; I(16):248-251; I(20):309-313; I(22):343; II(29):104-105; II(31):143.
- SAFO — poetisa lírica grega (da ilha de Lesbos ou Mitilene) do século VII a. C., introdutora de importante inovação métrica na versificação tradicional: ícone dos poetas parnasianos de índole neoclássico-positivista (filiação à qual pertenceram, entre outros, o francês Sully Prudhomme e o brasileiro Sílvio de Almeida) — I(9):130; II(25):3-4; II(28):80; II(35):209.
- SAIÃO, Mary M. — participante (em 1897) da exposição anual de pintura da Escola Nacional de Belas Artes (Rio de Janeiro): trata-se da futura "Senhora Epitácio Pessoa", casada com o bacharel paraibano Epitácio da Silva Pessoa (1865-1942), Ministro da Justiça do governo Campos Sales e Presidente da República entre 1919 e 1922 — I(1):16.
- SAIÃO DE BULHÕES CARVALHO, J. E., DOUTOR — v. CARVALHO, João Evangelista Saião de Bulhões, DOUTOR. □
- SAINT-ÉTIENNE, SÓROR (Madame Bianchet) — v. BIANCHOT, MADAME. □
- SAINT-PIERRE, Bernardin de (1737-1814) — literato e naturalista francês, cujas duas primeiras obras, influenciadas por Rousseau, correspondem a seus livros mais difundidos: o ensaio filosófico "Études de la Nature" (1784) e o romance idílico "Paul et Virginie" (1787); é considerado, pela mescla de sonhadora sentimentalidade, melancolia e exotismo, um dos precursores da literatura romântica francesa — I(9):141.
- SAINT-SAËNS, Camille (1835-1921) — compositor francês, um dos músicos mais estimados da "Belle Époque": tentou conciliar as inovações do modernismo musical da virada do século com as tradições clássicas francesas; no campo operístico, permaneceu como um continuador dos padrões estabelecidos por Gounod, considerando-se como autêntica obra-prima uma de suas primeiras óperas, "Samson et Dalila" — II(29):103.

SAINTE-CROIX, Mademoiselle de (Avril de Sainte-Croix) — escritora francesa do final do século XIX, mencionada numa das "notas pequenas" da revista; participou, segundo Andrée Michel, da convenção fundadora do ICW (International Council of Women, Conselho Internacional de Mulheres), em Washington, 1888, e colaborou no jornal feminista diário "La Fronde", mantido em Paris, a partir de 1897, por Marguerite Durand; segundo Jean Rabaut (que inclui o volume "Le Féminisme", de 1907, em sua bibliografia), Sainte-Croix também participou dos trabalhos iniciais do CNFF (Conseil National des Femmes Françaises, instalado em 1901), entidade que, congregando 20.000 associadas em sua inauguração, atingirá 100.000 mulheres em 1912; no âmbito dessas organizações, a feminista interessou-se particularmente pelo trabalho de reabilitação de prostitutas — I(7):112.

SALDANHA DA GAMA, Luís Felipe, ALMIRANTE — v. GAMA, Luís Felipe Saldanha da, ALMIRANTE. □

SALES, Alice Nava (1875-1966) — dedicatária de um poema do poeta pernambucano Belarmino Carneiro: casada desde 1894 com um dos mais influentes poetas nordestinos de seu tempo, o cearense Antônio Sales (1868-1940), líder máximo da famosa agremiação literária "Padaria Espiritual", de Fortaleza, Alice Nava era irmã de um dos "padeiros" associados, José Nava, pai do nosso contemporâneo, célebre memorialista, Pedro Nava (1903-1984) — II(36):229.

SALES, Campos (Manuel Ferraz de Campos Sales, 1841-1913) — Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil no período de 15/11/1898 a 15/11/1902: nascido em Campinas, de abastada família de fazendeiros, bacharelou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1863 (tendo por colegas de academia Prudente de Morais, Bernardino de Campos, Rangel Pestana, Francisco Quirino dos Santos, Salvador de Mendonça e Paulo Eiró, entre outros); republicano histórico e abolicionista, atuante já na imprensa acadêmica paulistana, colabora na "Gazeta de Campinas" (fundada por Quirino dos Santos em 1869), ao lado de José Maria Lisboa, Carlos Ferreira e Valentim José da Silveira Lopes (pai de Júlia Lopes de Almeida), associando-se ao grupo de ativistas políticos (liberais, em sua maior parte) que funda, no início de 1875, o diário paulistano "A Província de São Paulo" (futuro "O Estado de S. Paulo", denominação assumida a partir de 1890); a partir do biênio 1868-1869 galgará, por vinte anos consecutivos, uma carreira política legislativa que se desdobra desde a vereança local, campineira, até os mandatos de deputado provincial e geral; assumindo a pasta da Justiça do Governo Provisório, manteve-se nesse cargo de 1889 até 1892, trocando, a seguir, a cadeira conquistada no Senado (para o período 1890-1895), pelo cargo de Presidente do Estado de São Paulo (1896-1898), que acaba por guindá-lo à Presidência da República (1898-1902), na sucessão de Prudente de Morais; sua gestão como mandatário máximo do país caracterizou-se especialmente pelo saneamento financeiro do Tesouro Nacional (aí incluída a renegociação da dívida externa), pelo estabelecimento de uma diplomacia sólida e eficiente e, no plano interno, pela inauguração da chamada "política dos governadores", que predominará até o final da Primeira República — I(8):121; I(11):167; I(22):350; I(23):368; II(29):104; II(31):148.

SAMPAIO, Ana — moça alagoana formada em advocacia pela Faculdade de Direito do Recife, em 1893 (precedida apenas pelas quatro pernambucanas formadas em 1888 e 1889, Maria Coelho, Maria Fragozo, Delmira Secundina da Costa e Maria Augusta Meira de Vasconcelos) — I(7):106.

SAMPAIO VIANA, DOUTOR — v. VIANA, Sampaio, DOUTOR. □

SAND, George (pseudônimo de Amandine-Aurore-Lucile Dupin, baronesa Dudevant, 1804-1876) — escritora parisiense, unanimemente considerada a mais significativa mulher escritora de todo o século XIX, pelo caráter profissional de sua produção, pela excepcional quantidade (e qualidade) dos livros produzidos ao longo de quase meio século de exercício contínuo da literatura, pela projeção mundial (que a tornou modelo para milhares de escritoras emergentes) e pelas circunstâncias de sua biografia, que induziram-na a encarnar uma revolucionária questionadora de todos os atributos tradicionalmente associados à feminilidade: mesclando as origens plebéias maternas com as aristocráticas paternas (a avó, Madame Dupin de Francueil, era filha do marechal Maurice de Saxe), passou três anos da adolescência (1817-1820) internada num colégio religioso onde já começou a manifestar vocação literária; instala-se a seguir na propriedade rural de Nohant, onde a avó (falecida em 1822) cultiva as lembranças dos tempos em que a casa era frequentada por Rousseau; casa-se com o barão Dudevant, dá à luz dois filhos (Maurice e Solange, nascidos respectivamente em 1823 e 1828), mas abandona o marido para viver livremente na Paris dos anos 1830, onde se torna uma das musas da geração boêmia que incluía figuras notórias como Jules Sandeau, Alfred de Musset, Victor Hugo, Balzac, Delacroix e Berlioz; depois de manter entre 1833 e 1835 uma atormentada ligação com o jovem Musset (1810-1857), intensifica a produção de romances, cujo conteúdo vai evoluindo da passionalidade inicial dos anos 30 para uma percepção mais aguda dos condicionamentos sociais (anos 40); frustrada com o fracasso da Revolução de 1848, retorna à herdade de Nohant, onde já havia hospedado, além de algumas das personalidades acima citadas, o casal de amantes Liszt-Marie d'Agoult, Dumas Filho e o genial pianista e compositor polonês Frédéric-François Chopin (1810-1849), com quem manteve uma ligação que persistiria de 1838 a 1847; com a liberdade de expressão tolhida pela instalação do Terceiro Império, dedica-se, no quarto de século que ainda lhe resta de vida, à elaboração de peças de teatro bem-sucedidas, à produção memorialística e a uma extraordinariamente copiosa correspondência com os maiores intelectuais franceses de seu tempo — I(3):45; I(4):60; I(15):240; II(30):129; II(34):190.

- SAND, Karl Ludwig (1795-1820) — patriota alemão (da Baviera): líder universitário em Erlangen, transfere-se para Jena em 1817; liberal exaltado, dirige-se a Mannheim com o intuito de eliminar um diplomata alemão identificado como mercenário (August von Kotzebue, 1761-1819); bem-sucedido no apunhalamento desse espião a serviço do absolutismo russo (23 de março de 1819), foi preso, julgado, condenado à morte e decapitado em 20 de maio de 1820 — I(14):223.
- SANTA JOANA (Joana d'Arc, 1412-1431) — santa guerreira francesa: teve decisiva atuação contra os invasores do território francês no reinado de Carlos VII, tornando-se símbolo nacional (mas, acusada de heresia, foi condenada à fogueira por um tribunal da Inquisição, morrendo em 30 de maio de 1431) — I(9):130; I(23):366; II(29):116.
- SANTA LUZIA — virgem e mártir siciliana (da cidade de Siracusa), martirizada no início do século IV por ter assumido a fé cristã; o calendário litúrgico católico consagra-lhe o dia 13 de dezembro (a origem de Luzia, nascida na Sicília, explica sua grande popularidade na Itália, especialmente entre os italianos do sul do país) — I(24):370.
- SANTA PRISCA — semilendária santa da Roma Antiga, virgem e mártir, incluída no calendário litúrgico católico (comemorada em 18 de janeiro) — I(9):130.
- SANTA TERESA DO MENINO JESUS (Thérèse Martin, Soeur Thérèse de l'Enfant Jésus, 1873-1897) — monja francesa (poetisa, autora de dramas sacros e memorialista), falecida aos 24 anos de idade, no convento normando de Lisieux, considerada "a mais popular santa dos tempos modernos": atacada pela tuberculose, viu frustrados todos os seus planos para o futuro, deixando o testemunho de sua fé e resignação na autobiografia "Histoire d'une âme" (livro cuja publicação póstuma, em 1898, tornou-a instantaneamente conhecida e cultuada no mundo todo) — I(9):130.
- SANTIAGO, Alfredo — colaborador (em 1899) do semanário carioca "A Crônica" — II(28):95.
- SANTIAGO, Georgina — leitora paulista (natural de Franca) da revista "A Mensageira", autora de uma carta publicada na imprensa francana, reproduzida pela revista — I(4):61-62.
- SANTO AGOSTINHO (Aurelius Augustinus, 354-430 d. C.) — intelectual romano (nascido na Argélia), transformado, depois de sua conversão ao cristianismo, no primeiro grande "doutor da igreja": teólogo e memorialista, notabilizou-se como pregador e como exegeta empenhado em conciliar as teorias platônicas com os dogmas cristãos — I(12):187.
- SANTOS, Filipe dos (Filipe dos Santos Freire) — cidadão português, residente em Vila Rica (futura Ouro Preto) no início do século XVIII: tomando-se líder popular da Revolta de Vila Rica (1720), contra a exorbitância tributária portuguesa, foi preso e executado por ordem do Conde de Assumar — I(6):91.
- SANTOS, José Américo dos (1848-1918) — engenheiro carioca, bacharelado em Ciências Físicas e Matemáticas e formado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, com atuação marcante na área ferroviária (na virada do século atinge o apogeu de sua carreira, como procurador da "Estrada de Ferro Inglesa", São Paulo Railway Company); foi sócio fundador do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro (instalado em fins de 1880), responsabilizando-se ainda pela edição da "Revista de Engenharia" por doze anos consecutivos; foi também membro da Sociedade Central de Imigração; colega e amigo íntimo de André Rebouças (1838-1898), com ele compartilhou idéias liberais, abolicionistas e feministas; casado com a escritora Maria Clara da Cunha Santos, correspondente da revista "A Mensageira" na Capital Federal e principal colaboradora de Prisciliana Duarte, não teve filhos — I(4):57; I(6):85; I(9):140; I(13):207; I(14):224; I(15):225 e 228; I(16):245; I(17):272; I(23):355; II(34):187; II(36):232-234 e 241.
- SANTOS, Judite — universitária brasileira (cursava a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1898) — I(7):106.
- SANTOS, Maria Clara da Cunha (1866-1911) — poetisa e prosadora procedente da família mineira Vilhena da Cunha, nascida no Rio Grande do Sul, criada em Minas Gerais e radicada no Rio de Janeiro (casada com o engenheiro José Américo dos Santos), principal colaboradora da revista "A Mensageira", dirigida por sua prima Prisciliana Duarte de Almeida — I(1):2, 5-6, 6-9 e 16; I(2):18-20 e 32; I(3):36-38 e 44; I(4):51-54, 60, 61 e 62; I(5):67 e 67-70; I(6):82-85, 95 e 96; I(7):101-103 e 105; I(8):115-118 e 124; I(9):131, 132-135 e 143; I(10):145-149, 156 e 158; I(11):163-165 e 176; I(12):182 e 183-187; I(13):193-196, 207 e 208; I(14):215-218 e 224; I(15):225-229 e 229; I(16):244-246, 254 e 256; I(17):257-259 e 271-272; I(18):280-282; I(19):292-294 e 301-303; I(20):305-307; I(21):321-323 e 336; I(22):337-340 e 350-352; I(23):353 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da escritora), 354-355, 355-360, 364 e 367-368; I(24):375-377 e 384; II(25):1-2, 13, II(26):31-36, 40-42 e 44; II(27):51, 58-60, 71 e 72; II(28):77-79 e 86-88; II(29):103-105 e 110-113; II(30):119-122; II(31):143-145; II(32):149-151 e 155-158; II(33):173-175 e 179; II(34):185-188 e 196; II(35):216; II(36):230-232.
- SANTOS, MARQUESA DE — v. MARQUESA DE SANTOS. □
- SANTOS, Pereira dos, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):239.



#### Anexo IV

**SÃO BARTOLOMEU** — santo mártir venerado pelos católicos nos dias 24 de agosto de cada ano (corresponderia a um dos doze apóstolos de Jesus Cristo, esfolado vivo quando pregava na Armênia); por antonomásia, seu nome ficou associado ao massacre dos huguenotes determinado pela coroa francesa a partir da noite de 24 de agosto de 1572, uma das maiores atrocidades da história do cristianismo — I(17):264.

**SÃO DIMAS (Gestas)** — personagem bíblico do século I d. C., "o Bom Ladrão": corresponde a um dos assaltantes crucificados ao lado de Jesus; segundo Lucas, Dimas (ao contrário do outro ladrão, que blasfemava) manifestou atitude de respeito com relação ao Cristo, dele recebendo a promessa de salvação eterna (sendo, por esse motivo, considerado como alvo da primeira canonização, reservando-se-lhe a data de 25 de março no calendário litúrgico) — I(13):204.

**SÃO DOMINGOS (Domingos de Gusmão, 1170-1221)** — padre espanhol, fundador da ordem dos dominicanos (à qual pertenceu Santo Tomás de Aquino), conhecido por seu humanitarismo: seu nome ficou associado, porém, à tarefa que o Vaticano atribuiu à ordem no início do século XIII, de presidir os interrogatórios da Inquisição — I(2):21-23.

**SÃO FRANCISCO DE ASSIS (Francesco Bernardone, c. 1181-1226)** — santo italiano, personificação da caridade cristã: filho de um rico mercador de Assis, abandonou o conforto do lar para dedicar-se aos pobres, aos doentes, às crianças e ao contato direto com a natureza, criando uma comunidade de frades ("franciscanos") que atraiu muitos outros jovens, aí incluídos o célebre frei de Lisboa hoje conhecido como "Antônio de Pádua" e as moças que vieram se juntar a uma amiga e conterrânea de Francisco, Clara de Assis; comemora-se nos dias 4 de outubro, devendo-se notar que a devoção popular brasileira está impregnada de conteúdos relacionados com este santo, especialmente nas tradições mineiras, paulistas e goianas (áreas de atuação missionária de frades franciscanos), o que explica a frequência com que aparecem os nomes de Antônio, Clara e Francisco de Assis no onomástico e na toponímia dessas regiões — I(9):136.

**SÃO JOÃO EVANGELISTA** — pescador judeu do século I d. C., um dos doze apóstolos de Jesus Cristo (seu discípulo predileto, segundo relatam os evangelhos); a tradição confere-lhe a autoria de dois livros do Novo Testamento (o Evangelho segundo São João e o Apocalipse) — II(29):104.

**SÃO JOSÉ** — carpinteiro judeu (de Nazaré) do século I d. C.: pai adotivo de Jesus Cristo (segundo a tradição católica, que o cultua em 19 de março), era casado com Maria; paradoxalmente, os evangelhos de Mateus e de Lucas apresentam genealogias destinadas a comprovar que Jesus descende de Davi através de José — II(27):58-59; II(32):150.

**SÃO LÁZARO** — mendigo leproso da Judéia, protagonista de uma parábola narrada no Evangelho de São Lucas (tem a mesma denominação o pintor grego do século IX incluído no calendário litúrgico católico, festejado em 23 de fevereiro, por ter sido vítima de perseguição pelo iconoclasta Teófilo, que deu ordens para que o flagelassem) — II(29):104.

**SÃO LUÍS (Rei Luís IX da França, 1214-1270)** — conhecido por suas qualidades de homem austero, religioso, justo e equânime, Luís IX foi canonizado pela igreja católica, sendo comemorado nos dias 25 de agosto — II(30):126.

**SÃO NICOLAU** — um dos santos mais estimados do calendário católico (que lhe reserva o dia 6 de dezembro): teria vivido no século IV, notabilizando-se pela generosidade e pelo altruísmo, sendo invocado como padroeiro dos marinheiros, dos comerciantes e das crianças (sob a forma de "Santa Claus", confunde-se com o próprio Papai Noel, personificação do Natal) — II(36):227.

**SÃO SEBASTIÃO** — santo mártir da Roma Antiga, muito popular nas tradições ibéricas e ibero-americanas, comemorado nos dias 20 de janeiro: teria sido um militar gaulês dos tempos do imperador Diocleciano (supliciado com flechadas, sobreviveu a essa provação, sendo posteriormente surrado até a morte) — I(23):357.

**SÃO SILVESTRE (Papa Silvestre I)** — líder religioso romano do século IV: assumiu o papado em 314, quando o imperador Constantino determinava o fim da perseguição aos cristãos, podendo exercer um trabalho mais amplo de administração dos bispados esparsos pela península itálica (é venerado em 31 de dezembro, conferindo, por antonomásia, a denominação de "São Silvestre" ao último dia do ano) — I(8):121.

**SÃO VALENTIM, VISCONDE DE (Valentim José da Silveira Lopes)** — v. LOPES, Valentim José da Silveira. □

**SÃO VALENTIM, VISCONDESSA DE (Antônia Adelina do Amaral Pereira Lopes)** — v. LOPES, Antônia Adelina do Amaral Pereira. □

**SÃO VICENTE, MARQUÊS DE** — v. MARQUÊS DE SÃO VICENTE. □

**SÃO VICENTE DE PAULO (Vincent de Paul, 1581-1660)** — austero confessor da corte francesa, viveu numa época em que seu país era assolado por calamidades (às crianças órfãs e abandonadas juntando-se os milhares de refugiados postos em fuga pela Guerra dos Trinta Anos e pela rebelião da Fronda), ocupando-se da organização de instituições de caridade e da remodelação das estruturas de formação religiosa — II(30):126.



- SÁ PEREIRA, Edwiges R. de — v. PEREIRA, Edwiges R. de Sá. □
- SÁ PEREIRA, Virgílio de — v. PEREIRA, Virgílio de Sá. □
- SÁ VIANA, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- SARAIVA, Maria Augusta — primeira aluna do sexo feminino da Faculdade de Direito de São Paulo, admitida em 1898 e bacharelada cinco anos depois (tomando-se, assim, a primeira advogada formada por São Paulo); segundo Joana Pedro, fez sua estréia em tribunal de júri em meados de 1902 — I(11):174.
- SARCEY, Francisque (1827-1899) — polígrafo francês que se notabilizou como crítico literário e teatral, um dos mais conhecidos da segunda metade do século XIX: colaborador de "Le Temps", manteve colaboração semanal regular na coluna de teatro, por mais de trinta anos (1867 a 1899); uma seleção de seus escritos foi publicada postumamente numa coletânea em vários volumes, "Quarante ans de théâtre", editada entre 1900 e 1902 — II(29):103; II(30):128.
- SATORRES, Ramón de — poeta espanhol, tradutor de Victor Hugo — II(27):62.
- SAVAGE LANDOR, Walter — v. LANDOR, Walter Savage. □
- SAYÃO, Mary M. — v. SAIÃO, Mary M. □
- SCHEFFER, Ary (1795-1858) — pintor francês (nascido na Holanda): familiarizando-se com a pintura de Géricault e Delacroix (entre outros) em Paris, assumiu a temática romântica, criando telas famosas, algumas delas inspiradas em personagens de Dante, Goethe e Byron — II(27):67.
- SCHELDON, Cândida — dedicatária de um soneto de Maria Clara da Cunha Santos — II(32):149.
- SCHMIDT, Augusta — colaboradora da feminista alemã Louise Otto-Peters (1810-1895) na tarefa de congregar as mulheres da Alemanha num só organismo, por volta de 1870 — II(32):167-168.
- SCHMIDT, Verônica (pseudônimo: Vera A. Cleser) — v. CLESER, Vera A. □
- SCHOLL, Aurélien (1833-1902) — polígrafo francês, mais conhecido como jornalista: por seu espírito mordaz, participou de numerosos duelos — II(29):115.
- SCHOPENHAUER, Arthur (1788-1860) — filósofo pessimista alemão, um dos mais notáveis representantes das tendências românticas (irracionalistas) da filosofia ocidental — II(25):24.
- SCOTT, Walter (1771-1832) — poeta e prosador escocês: foi um dos principais criadores do romance histórico (forma típica do início do movimento romântico), autor de livros que impregnaram a música, o teatro e as artes plásticas de todo o século XIX e o cinema do século XX ("A Dama do Lago", "Waverley", "Guy Mannering", "Rob Roy", "A Noiva de Lamermoor", "Ivanhoe", "Kenilworth", "Quentin Durward", "O Talismã", "A Bela Moça de Perth", etc) — I(4):58.
- SCUDERY, MADEMOISELLE DE (Magdeleine de Scudery, 1607-1701) — escritora francesa (poetisa e prosadora), típica representante da literatura feminina "preciosa" que precedeu o aparecimento de Madame de La Fayette (1634-1693): seu romance "Artamène ou le grand Cyrus", por exemplo, permeado de sentimentalidade e dramaticidade superficiais, é desenvolvido em dez volumes, publicados entre 1649 e 1653 (seu irmão mais velho, o poeta e dramaturgo Georges de Scudery, 1601-1667, teve a infelicidade de hostilizar o genial Corneille durante a famosa "querrela do Cid", transformando-se historicamente em alvo de chacotas) — I(15):235.
- SEBASTIÃO, SÃO — v. SÃO SEBASTIÃO. □
- SECCHI, Angelo (1818-1878) — padre jesuíta italiano, professor de ciências do Colégio Romano, diretor do observatório astronômico de Santo Inácio, criador de um observatório meteorológico e fundador de uma associação de espectroscopistas — II(31):142.
- SEGRAIS, Jean Regnault (1624-1701) — poeta clássico francês: secretário e colaborador da duquesa de Montpensier, foi amparado por Madame de La Fayette (que decidiu publicar seu romance "Zaïde", de 1670, com o nome de Segrais) — I(15):237.

#### Anexo IV

SEIXAS, Maria Dorotéia Joaquina de (pseudônimo: Marília de Dirceu, 1767-1853) — mineira de Vila Rica (Ouro Preto), inspiradora dos versos de seu noivo Tomás Antônio Gonzaga (1744-c. 1810): é prima e conterrânea da poetisa Beatriz Francisca de Assis Brandão (1779-1868) — I(6):91.

SENA, Néelson de (Néelson Coelho de Sena, pseudônimo: Pelayo Serrano, 1876-1952) — literato, historiador, advogado e político mineiro, colaborador de "A Mensageira" — I(7):103-106; I(9):129-132 e 143; I(16):254-255; I(17):270-271; I(20):314-315; I(21):333-334; I(22):348-350; II(25):10-12; II(27):62-64 e 71; II(35):210-212.

SENADOR JOSÉ BENTO — v. BENTO, José, PADRE. □

SENADOR PIRES FERREIRA — v. FERREIRA, Pires, SENADOR. □

SENHORA ARTUR OSCAR — v. OSCAR, Artur, SENHORA. □

SENHORA BENJAMIN GUERRA — v. GUERRA, Benjamin, SENHORA. □

SENHORA DREYFUS — v. DREYFUS, MADAME. □

SENHORA SIZÍNIO PONTES — v. PONTES, Sizínio, SENHORA. □

SENHORITA CARMEN MANTILLA — v. MANTILLA, Carmen, SENHORITA. □

SERAO, Matilde (1856-1927) — escritora italiana (nascida na Grécia), a mais popular prosadora da Itália do final do século XIX, revelando-se precocemente como jornalista, casou-se com um colega de profissão, acompanhando-o a partir de 1885 na fundação de jornais em Roma e em Nápoles (radicando-se nesta última cidade); entre romances, coletâneas de contos ou de crônicas, ensaios, biografias e narrativas de viagem, deixou grande quantidade de livros que a tornaram conhecida pelo mundo todo (seu nome aparece de maneira praticamente ininteligível na citação que lhe fazem em "A Mensageira", mas a mencionada "Maria de Gardo" corresponde, com certeza, a uma leitura deturpada do manuscrito "Matilde Serao") — I(12):181.

SERRA, Joaquim (Joaquim Maria Serra Sobrinho, 1838-1888) — jornalista e poeta abolicionista maranhense, radicado no Rio de Janeiro a partir de 1868 (deputado geral pelo Maranhão, conhecido por suas convicções liberais e pelo estilo impregnado de humor); o amigo e colega José do Patrocínio escolheu-o como seu patrono na fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1897 — I(15):230.

SERRANO, Pelayo (pseudônimo de Néelson de Sena) — v. SENA, Néelson de. □

SERGEANT, Adeline (1851-1904) — poetisa e prosadora inglesa, autora de romances de sucesso divulgados no final do século XIX: filha de um pastor metodista, transitou pelo agnosticismo antes de aderir ao catolicismo — I(10):151.

SEVIGNÉ, MADAME DE (Marie de Rabutin-Chantal, Marquesa de Sevigné, 1626-1696) — escritora francesa, cuja correspondência é considerada o apogeu da literatura epistolar do século XVII: neta paterna de Santa Jeanne de Chantal (1572-1641), a dama francesa que se tornou, depois de viúva, uma das primeiras freiras a aderir à ordem fundada por São Francisco de Sales (sendo canonizada em 1767), Marie era filha do barão de Chantal (morto em combate em 1627) e de Marie de Coulanges (falecida em 1632); ficou órfã ainda criança, tendo sua tutela assumida pelo tio materno, Christophe de Coulanges (Abade de Livry), sob cuja orientação a menina se tornaria uma das jovens mais cultas da França de seu tempo, chegando a receber aulas particulares de Jean Chapelain e Gilles Ménage, estudando, além da língua francesa, latim, italiano e espanhol; frequentando o Hôtel Rambouillet, conheceu personalidades como Descartes, Pascal, La Rochefoucauld, Corneille, Racine e Bossuet, ali iniciando sua longa e profunda amizade com Madame de La Fayette (1634-1693); possuidora de dote de grande vulto, casou-se em 1644 com Henri, marquês de Sevigné, mas não tardou a enviuvar (o marido morre num duelo, em 1651), recusando casar-se novamente para poder cuidar melhor do casal de filhos (Françoise-Marguerite, futura Madame de Grignan, e Charles, nascidos respectivamente em 1646 e 1648); de volta à intensa vida social da Paris dos tempos de Luís XIV, tem o desgosto de ver sua filha mudar-se para a Provença em 1669, em função de seu casamento com o conde de Grignan, François d'Adhémar; inicia-se então assídua correspondência entre ambas, que durará 25 anos consecutivos e representará a parte mais substancial do grande volume de cartas (cerca de 1500) deixadas por Madame de Sevigné: fugindo do preciosismo vigente na literatura da época, sua escrita se caracteriza pela livre e espirituosa expansão imaginativa, em que a solidez de seus conhecimentos e seu perfeccionismo metamorfoseiam-se em simplicidade e discreta correção; admiradas pelos que delas tomavam conhecimento, as cartas de Sevigné começaram a ser publicadas já em 1697, logo após sua morte, mas a primeira coletânea teria que esperar mais algumas décadas para ser editada pela neta Pauline (Madame de Simiane, filha de Madame de Grignan), entre 1734 e 1737; só no século XIX é que essa correspondência foi integralmente divulgada, fornecendo aos pesquisadores do Seiscentos rico material de estudo — I(4):50 e 60; I(15):235 e 236; II(34):197.

SHAKESPEARE, William (1564-1616) — genial poeta e dramaturgo inglês, responsável por uma série de dramas históricos, comédias e tragédias cujo nível de excelência fez com que passassem a ser considerados como verdadeira síntese de toda a arte teatral dos dois milênios que precederam o nascimento de seu autor — I(3):34; I(6):92; II(31):139.

SILVA, Alberto (Alberto José de Paula e Silva, 1865-1912) — intelectual fluminense, funcionário do Tesouro Nacional, poeta e jornalista: notabilizou-se como pintor e professor de desenho do Ginásio Fluminense (Niterói), participando, em novembro de 1897, no Rio de Janeiro, da exposição de alunos do professor Antônio Parreiras — I(3):37.

SILVA, Alfredo Augusto da — lente substituto de matéria médica e noções de terapêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.

SILVA, Amélia Torres da — filantropa baiana (residente em São Paulo), preocupada em amparar as crianças órfãs da Guerra de Canudos — I(4):63.

SILVA, Carmen — v. SYLVA, Carmen. □

SILVA, Eduardo — engenheiro da capital paulista, mencionado em função das curas milagrosas que estaria realizando em 1898 — I(11):163 e 164; I(15):227; II(32):158.

SILVA, Francisca Júlia da (1871-1920) — poetisa e educadora paulista, irmã de Júlio César da Silva, ambos colaboradores de "A Mensageira" — I(1):1 e 16; I(2):21; I(4):61 e 62; I(5):74; I(6):95; I(7):105; I(10):156 e 160; I(11):170 e 171; I(12):182; I(14):212; I(15):240; I(16):256; I(22):343; II(26):30; II(27):71; II(30):120.

SILVA, Hipólito da — v. DUTRA, José Hipólito da Silva. □

SILVA, Inocêncio Francisco da (1810-1876) — biógrafo e bibliógrafo português, autor de uma obra indispensável para o estudo da literatura vernácula contemporânea, o monumental "Dicionário Bibliográfico Português", em 7 volumes (1858-1862), que foram posteriormente acrescidos de vários volumes de suplementos (atingindo-se em 1923 o montante de 22 tomos) — II(32):162.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e (1820-1891) — polígrafo carioca, de formação essencialmente autodidática, com extensa produção nos campos da poesia, da prosa de ficção e da dramaturgia (foi um dos introdutores no Brasil do drama histórico, uma das formas mais características do romantismo europeu, além de ser considerado pioneiro no gênero "vaudeville", entre nós): como historiador e crítico literário, deixou volumosa produção, boa parte dela veiculada pela "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" (instituição a que pertenceu por meio século); no campo dos estudos de gênero, reveste-se de interesse especial o volume "Brasileiras Célebres" (1862), coletânea de biografias exemplares que serviu de modelo para a antologia "Mulheres Ilustres do Brasil", de Inês Sabino (1899); notar que um filho de Joaquim Norberto, Oscar Guanabara (1851-1937), respeitado professor de piano e temido crítico musical reacionário do Rio de Janeiro do início do século XX, notabilizou-se pela oposição sistemática às inovações introduzidas na música brasileira por compositores como Alberto Nepomuceno, Lorenzo Fernandez e, especialmente, por Heitor Villa-Lobos, de quem foi feroz detrator — I(1):14; I(7):105.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e — v. BONIFÁCIO, José. □

SILVA, Júlio César da (1872-1936) — advogado, poeta e jornalista paulista, irmão de Francisca Júlia da Silva, ambos colaboradores de "A Mensageira" — I(2):29; I(4):63.

SILVA, Maria Coelho da, DOUTORA — v. COELHO, Maria, DOUTORA. □

SILVA, Maria Fragoso da, DOUTORA — v. FRAGOSO, Maria. □

SILVA, Vale e — colaborador (em 1899) da revista "A Cecília", de São Paulo — II(28):95.

SILVA JARDIM, Antônio da — v. JARDIM, Antônio da Silva. □

SILVA LISBOA — v. LISBOA, Silva. □

SILVA PARANHOS, José Maria da — v. VISCONDE DO RIO BRANCO. □

SILVA PRADO, Antônio da (Barão de Iguape) — v. BARÃO DE IGUAPE. □

SILVA TAVARES, João Nunes da — v. TAVARES, Silva. □

#### Anexo IV

SILVADO, João Brasil, DOUTOR — diretor do Instituto Benjamin Constant (antigo Imperial Instituto de Meninos Cegos) nos períodos de 1895 a 1899 e 1900 a 1901; posteriormente, sucederia o doutor João Paulo de Carvalho (cuja gestão transcorreria entre 1897 e 1903) na direção do Instituto Nacional dos Surdo-Mudos do Rio de Janeiro — I(22):350-351.

SILVEIRA, Bárbara Eliodora Guilhermina da (Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira de Alvarenga Peixoto) — v. ELIODORA, Bárbara. □

SILVEIRA, Delminda (1855-1932) — poetisa, prosadora e educadora catarinense, colaboradora de "A Mensageira" — I(6):85 e 94-95; I(8):118; I(11):161-163; I(12):183; I(13):208; I(14):209-212; I(16):256; I(17):271; I(19):289-291; I(22):343; I(23):361-363; I(24):377-378; II(26):42; II(28):88; II(32):159; II(36):232.

SILVEIRA, Mariana Barroso da — colaboradora do periódico "A Família" (editada por Josefina Álvares de Azevedo), aparece em "A Mensageira" como compositora de música popular, com peças editadas no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, entre 1897 e 1898 — I(5):80; I(9):144.

SILVESTRE, SÃO — v. SÃO SILVESTRE. □

SÍLVIO DINARTE (pseudônimo juvenil do Visconde de Taunay) — v. VISCONDE DE TAUNAY. □

SIMÕES, Lucília (1879-1962) — atriz carioca, filha da célebre atriz portuguesa Lucinda Simões (1850-1928) e do igualmente famoso ator-empresário teatral português Luís Cândido Furtado Coelho (1831-1900); desenvolveu carreira de sucesso tanto em Portugal como no Brasil, depois de ter estreado em Coimbra aos 16 anos de idade (segundo Sousa Bastos) no papel da adolescente Maria de Noronha (do drama "Frei Luís de Sousa", de Almeida Garrett), ao lado do avô, o ator Artur Simões (que fazia o papel de Telmo Pais) — II(29):103.

SIMON, Jules (Jules-François-Simon Suisse, 1814-1896) — filósofo e político francês: professor da Escola Normal Superior de Paris, foi eleito constituinte e nomeado Conselheiro de Estado em 1848; republicano, recusou-se a prestar o juramento de fidelidade a Luís Filipe em 1852, tendo que renunciar ao ensino público; retornará às atividades políticas em 1863, quando se elege deputado, atingindo em 1875 a condição de senador vitalício, já na Terceira República; nesta, acabará retornando à oposição, liderando a centro-esquerda, incompatibilizada com o radicalismo de Léon Gambetta; entre seus ensaios históricos, biográficos e filosóficos, destacam-se "La Liberté de Conscience" (1859), "L'Ouvrière" (1863), "L'École" (1864), "La Liberté de Penser" (1870) e "La Femme au XXe. Siècle" (1891) — I(24):374-375.

SINHÁ MIQUELINA (pseudônimo de Elvira Gama) — v. GAMA, Elvira. □

SISSI (Elisabeth Amélie Eugénie, Imperatriz da Áustria) — v. IMPERATRIZ DA ÁUSTRIA. □

SISTELO, VISCONDESSA DE (Júlia de Labourdonnay Gonçalves Roque) — v. VISCONDESSA DE SISTELO. □

SMILES, Samuel (1812-1904) — ensaísta britânico (nascido na Escócia), autor de grandes sucessos editoriais ainda reeditados em meados do século XX, considerado precursor da chamada "literatura de auto-ajuda": filho primogênito, órfão de pai na adolescência, assumiu com a mãe a manutenção e a educação de dez irmãos menores, circunstância que é correlacionada com o entusiasmo revelado em seus escritos pela auto-ajuda e pelo autodidatismo; graduou-se em medicina pela Universidade de Edimburgo, mas deixou de exercer a clínica médica em troca da prática jornalística (1838-1844) e pelo trabalho junto a empresas ferroviárias (1845-1866); sintonizado com a exaltação ao individualismo que caracterizará Herbert Spencer (1820-1903) e seus seguidores na segunda metade do século XIX, Smiles revela-se inicialmente por intermédio de ensaios biográficos (seu livro dedicado à vida de George Stephenson foi reeditado quatro vezes, no mesmo ano de seu lançamento, 1857), lançando-se internacionalmente em 1859 com "Self-Help", a que se seguiram "best sellers" como "Character" (1871), "Thrift" (1875) e "Duty" (1880); veiculador de concepções que podem ser consideradas feministas, esse autor contou, entre suas primeiras traduções para a língua portuguesa, com as versões elaboradas na década de 1880 por Corina Coaracy ("O Dever" e "Vida e Trabalho") — I(12):187-188; II(26):39; II(27):66-68; II(33):180.

SOARES, Ana Amália de Carvalho — professora universitária da Bahia, catedrática de física e química, falecida em 1898 — I(14):224.

SOARES, Isaias P., DOUTOR — marido da professora Ana Amália de Carvalho Soares — I(14):224.

SOARES, José Eduardo de Macedo — farmacêutico fluminense (nascido em 1853) estabelecido na capital paulista, lente de física da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899); pai do advogado José Carlos de Macedo Soares (1883-1968), de importante atuação na vida política e cultural da cidade na primeira metade do século XX — II(26):47.

- SOARES JÚNIOR** — poeta residente na cidade paulista de Batatais, colaborador de "A Mensageira" — I(15):234; I(16):252.
- SÓCRATES** (c. 470-399 a. C.) — filósofo grego (de Atenas), contemporâneo do apogeu da Grécia Clássica: condenado à morte por veicular idéias consideradas perniciosas, teve suas concepções filosóficas transmitidas por seus discípulos (Platão, principalmente) — II(27):59.
- SODRÉ, Lauro** (Lauro Nina Sodré e Silva, 1858-1944) — militar de carreira, nascido no Pará, formado pela Escola Militar da Praia Vermelha (onde foi aluno de Benjamin Constant), maçom e positivista: fez brilhante carreira no exército, reformando-se no posto de general, depois de alcançar a Presidência do Estado do Pará em 1891 e de chegar a candidatar-se para a sucessão de Floriano Peixoto, em 1894; mantendo-se em cargos eletivos, ainda ocupou a Presidência de seu Estado entre 1917 e 1921 — I(19):304.
- SOLAR, Mercedes María del** — senhora chilena, presidente da academia literária feminina à qual vinculava-se, no final do século XIX, sua compatriota jornalista Leonor Urzúa Cruzat — II(27):70.
- SOLMS, CONDE DE** — v. CONDE DE SOLMS. □
- SOLMS, MADAME DE** (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute) — v. WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine. □
- SÓROR SAINT-ÉTIENNE** (Madame Bianchot) — v. BIANCHOT, MADAME. □
- SOUSA, Alberto** (1870-1927) — polígrafo paulista (natural de Santos), jornalista influente na São Paulo da virada do século, colaborador de "A Mensageira" — I(11):163; I(18):277-280; II(31):140-142.
- SOUSA, Auta de** (1876-1901) — poetisa potiguar (nascida em Macaíba), colaboradora de "A Mensageira" — I(17):262; I(18):282 e 286.
- SOUSA, João da Cruz e** (1861-1898) — poeta de Santa Catarina, cognominado "o Cisne Negro", expressão máxima da poesia simbolista no Brasil, apesar da relativa exiguidade de sua obra: filho de escravos, foi adotado por seus senhores, recebendo educação esmerada; com seu amigo Virgílio Várzea (poeta e prosador, precursor do regionalismo catarinense), compôs a dupla de escritores mais talentosos da província, ao longo da década de 1880, mas, tornando-se vítima de preconceitos na mesma medida em que se salientava como jornalista, deixou Santa Catarina, viajando pelo Rio Grande do Sul e seguindo para o Rio de Janeiro, onde se fixou a partir de 1890 — I(12):190; II(27):70.
- SOUSA, Jerônimo Pereira de Melo e** — v. BARÃO DE PASSOS (Jerônimo Pereira de Melo e Sousa). □
- SOUSA, L. de** — gravador responsável pelo retrato de Júlia Lopes de Almeida estampado na capa de "A Mensageira" nº 29 (edição de junho de 1899) — II(29):97.
- SOUSA, MADAME** (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □
- SOUSA, Tomé de** — primeiro governador-geral do Brasil, fundador da cidade de Salvador (Bahia), inaugurada em 1549 — II(25):11.
- SOUSA, Valeriano de** — médico da capital paulista, um dos oradores a discursar na cerimônia de instalação da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- SOUSA-BOTELHO, MARQUESA DE** (Madame de Sousa-Botelho, Adèle-Marie-Emilie Filleul, Condessa de Flahaut, Marquesa de Sousa-Botelho) — v. MARQUESA DE SOUSA-BOTELHO. □
- SOUSA E CASTRO, Antônio Bento de, DOUTOR** — v. CASTRO, Antônio Bento de Sousa e, DOUTOR. □
- SOUSA JÚNIOR, Cláudio de, DOUTOR** (Doutor Cláudio Justiniano de Sousa Júnior, 1876-1954) — polígrafo paulista (de São Roque): graduou-se médico no Rio de Janeiro em 1897, assumindo, já em 1899, a função de lente substituto de terapêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo; abandonou a medicina em 1913 para dedicar-se exclusivamente às letras, produzindo ou traduzindo ensaios, romances e livros de viagem, mas consagrando-se especialmente à carreira de autor teatral (Cláudia Braga chama a atenção para o fato de sua comédia "Flores de Sombra" ter atingido mais de 500 representações, tornando-se, no mínimo, documento de época); participou da fundação da Academia Paulista de Letras em 1909, sendo admitido na Academia Brasileira de Letras em 1924, elegendo-se presidente desta entidade em 1938;

#### Anexo IV

seu primeiro livro, classificado como "estudo social", impresso em São Paulo por Carlos Gerke, intitulava-se "Pela Mulher" (1898) — II(26):48.

SOUSA E SILVA, Joaquim Norberto de — v. SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e. □

SOUTO FELIZ (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.

SPEERS, MISTER (William Speers) — empresário inglês, nascido por volta de 1850 e estabelecido na capital paulista desde o final da década de 1870, como superintendente da São Paulo Railway Company, firma que deteve o monopólio do transporte por via férrea entre São Paulo e Santos por mais de sessenta anos, a partir de 1860 (subordinava-se a Speers o engenheiro José Américo dos Santos, funcionário da "S. P. R. Co.", empresa mais conhecida como "Estrada de Ferro Inglesa", marido da principal colunista de "A Mensageira", Maria Clara da Cunha Santos); um dos irmãos de William, o banqueiro Francis Joseph Speers, era proprietário de uma conhecida fábrica de tecidos de Sorocaba, "Santa Rosália", assim denominada em homenagem a sua esposa, Maria Rosália Otterer (1871-1941) — I(15):228.

SPEERS, MISTRESS (Harriet Lister Speers) — esposa de William Speers, superintendente da São Paulo Railway Company — I(4):53.

SPENCER, Herbert (1820-1903) — filósofo evolucionista inglês, cujas teorias, aperfeiçoadas ao longo de toda a segunda metade do século, tiveram grande voga na virada do século, especialmente nos países de língua inglesa: tendo publicado, na década de 1850, ensaios de cunho empirista-positivista, "Social Statics" (1850), "The Development Hypothesis" (1852) e "Progress, its Law and Cause" (1857), Spencer encontra na obra de Darwin "Origin of Species" (1859), suporte para o desenvolvimento de teorias mais abrangentes, expostas entre 1862 e 1896, a partir de "First Principles"; teve excepcional repercussão nos meios pedagógicos "Education: Intellectual, Moral, and Physical" (1861), cujas recomendações coincidiam com os modernos preceitos de higiene física e mental que começavam a vigorar no âmbito da medicina e das especialidades nascentes da pediatria e da puericultura; otimista, caminhando no sentido de levar o liberalismo às últimas consequências (isto é, à afirmação do individualismo, em oposição às forças estatais coercitivas pretensamente dedicadas a garantir o atendimento dos interesses coletivos), Spencer se aproxima, assim, das concepções anarquistas, fato que, associado ao seu agnosticismo, resultou em sua condenação unânime pelas instituições religiosas ou identificadas com o conservadorismo político; notar que Spencer é um dos autores mais citados nas crônicas oitocentistas de Júlia Lopes de Almeida, encontrando-se ainda nas entrelinhas de comentários tecidos por colaboradores de "A Mensageira" como V. M. de Barros e Marie Renotte — I(4):59; I(10):159.

SPINOZA, Baruch (Benedictus de Spinoza, 1632-1677) — filósofo holandês: partindo do racionalismo cartesianismo, elaborou uma concepção pantefista (e libertária) do universo, antecipando-se às idéias de Locke — II(26):37; II(30):125.

STAËL, MADAME DE (Anne-Louise-Germaine Necker, Baronesa de Staël-Holstein, 1766-1817) — escritora parisiense, filha do banqueiro suíço e ministro de Luís XVI, Jacques Necker (1732-1804), e da intelectual (também suíça e protestante) Suzanne Curchod (Madame Necker, 1739-1794), Madame de Staël assumiu essa denominação ao se casar, em 1786, com o diplomata sueco Erik Magnus (barão de Staël-Holstein, 1749-1802): nascida em Paris, Germaine cresceu fazendo versos de circunstância, cercada pelos intelectuais iluministas que frequentavam o salão literário de sua mãe, publicando seu primeiro livro em 1788 (significativamente, o ensaio crítico "Lettres sur le caractère et les écrits de Jean-Jacques Rousseau"); embora o pai fosse pessoa estimada pela burguesia revolucionária de 1789, a evolução dos acontecimentos exigiu que a família se exilasse temporariamente, só retornando à França em 1795, depois de encerrada a fase do Terror, mas permanece poucos anos em território francês, iniciando nessa época um tumultuado relacionamento amoroso com o escritor Benjamin Constant (1767-1830); e, incompatibilizando-se com Napoleão Bonaparte, inicia um longo período de viagens incessantes pela Europa (conhecendo Goethe, Schiller e Wieland na Alemanha, Byron na Itália), só concluído em 1816, poucos meses antes de falecer, à sua produção juvenil (poética, ficcional e ensaística) dos anos 1790 vinham somar-se, em 1800, um inovador "Livre de la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales", seguido de um romance que constitui um libelo contra a opressão da mulher e o cerceamento da liberdade de expressão ("Delphine", 1803) e de um outro romance em que prossegue na explicitação dos constrangimentos sociais impostos à mulher ("Corinne ou l'Italie", 1807); sua obra mais influente, no entanto, será o ensaio "De l'Allemagne" (1810), considerado ponto de partida do movimento romântico, em que se encarrega de divulgar o pensamento político, ético e estético germânico, estendendo aos países neolatinos a matriz das idéias que nortearão boa parte da produção literária do Oitocentos — I(3):38 e 45; I(4):60; I(9):130; III(34):197.

STANNARD, MISTRESS (Harriet E. Vaughan, Senhora Stannard, pseudônimo: John Strange) — v. STRANGE, John. □

STECCHETTI, Lorenzo (pseudônimo de Olindo Guerrini, 1845-1916) — poeta realista ("verista") da Itália, um dos mais populares escritores italianos da virada do século: em 1877 Guerrini prefaciou sua própria coletânea poética (farsescamente intitulada "Postuma"), referindo-se a um fictício primo, Stecchetti, que teria morrido muito jovem,

- de tuberculose, deixando inéditas suas poesias; o extraordinário sucesso do livro, veiculador de uma poesia musical, doce e despojada (comparável à do nosso Luís Guimarães Júnior) transformou-o num dos poetas preferidos pelos compositores da época (brasileiros, inclusive), que transformaram em canções muitos de seus poemas — II(32):154.
- STEEL, Flora Annie Webster (1847-1929) — poetisa e prosadora inglesa radicada na Índia por mais de vinte anos (no período de 1867 a 1889): ao se casar com William Steel, funcionário colonial da coroa inglesa, instalou-se no norte da Índia, onde empenhou-se em renovar o sistema educacional da região, chegando a fundar (em 1874) uma escola para meninas; jornalista e romancista, seus livros estão embasados na realidade por ela observada ao longo de sua estadia no Oriente — I(10):152.
- STEELE, Richard (1672-1729) — escritor irlandês (radicado em Londres), jornalista satírico e comediógrafo de sucesso — II(27):66.
- STEEN, Karl (pseudônimo de Julie Allard Daudet, Madame Daudet) — v. DAUDET, MADAME. □
- STEIDEL, Vergueiro, DOUTOR (Doutor Frederico Vergueiro Steidel, 1867-1926) — advogado paulistano, catedrático de direito comercial da Faculdade de Direito de São Paulo, membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899) — II(36):239.
- STEIDEL, Victor, DOUTOR — membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao recém-falecido Almeida Júnior (São Paulo, 1899); aparece também, nessa mesma época, como diretor artístico da revista de José Piza "A Boêmia", que circulou na capital paulista entre 1896 e 1900 — II(36):239.
- STERN, Daniel (pseudônimo de Marie de Flavigny, Condessa d'Agoult) — v. D'AGOULT, MADAME. □
- STEVENS, Mathilde (pseudônimo: Jeanne Thilda) — v. THILDA, Jeanne. □
- STOWE, Harriet Beecher (Harriet Elizabeth Beecher Stowe, 1811-1896) — professora e polígrafa norte-americana (cronista, poetisa, contista, folclorista e, principalmente, romancista) — órfã de mãe aos quatro anos de idade, filha de um pastor protestante estabelecido em Cincinnati (Estado de Ohio), a pequena Harriet foi educada por uma irmã mais velha (Catherine Beecher, fundadora, nos anos 1830, de um pioneiro colégio feminino), tornando-se igualmente professora e redatora de contos edificantes e de textos didáticos publicados pela imprensa local; casando-se em 1836 com Calvin Ellis Stowe, docente de um seminário de teologia dirigido pelo pai, transfere-se em 1850 para o Estado litorâneo do Maine, já mãe de seis filhos, dedicando-se, entre 1850 e 1851, à redação do romance-folhetim "Uncle Tom's Cabin; or, Life Among the Lowly" ("A Cabana do Pai Tomás, ou A Vida entre os Deserdados"), divulgado em 40 capítulos, a partir de 2 de junho de 1851, pelo periódico anti-escravagista "National Era", da cidade de Washington; lançado em livro em março de 1852, o romance projeta-se com êxito editorial sem precedentes, transformando sua autora de modo praticamente instantâneo em celebridade mundial, louvada por literatos como George Sand, Musset e Heine, servindo, ao mesmo tempo, para divulgar a causa abolicionista nos meios populares norte-americanos, preparando a opinião pública para os sangrentos conflitos que desembocarão na Guerra de Secessão (1861-1865); partindo das situações dramáticas mais elementares proporcionadas pelo enfoque sentimental dos contrastes estabelecidos na situação-limite do confronto entre uma elite exploradora e uma massa absolutamente indefesa de explorados, a humilde escrevinhadora ianque atualizara, perante a pretensamente apática multidão de leitores de meados do Oitocentos, a antiga evidência do poder da pena colocada a serviço de uma causa específica (ainda que a crítica contemporânea, aí incluídos autores como Wagenknecht e Fuller Taylor, apontem evidências no sentido de que o "projeto Beecher Stowe" tem caráter bem mais amplo do que aquele evidenciado por seu abolicionismo: literalmente libertário, esse projeto remete ao significado essencialmente religioso, evangelizador, de preparação para uma utópica Redenção vislumbrada pela escritora, alvo final para o qual os meios pedagógico-literários seriam meros instrumentos); deve-se salientar ainda que, embora essa autora norte-americana continuasse publicando, posteriormente, romances, contos e poemas, seu nome permaneceria associado àquele livro, ímpar em seu gênero, que proporcionara a sua autora o mérito adicional de permitir a emergência e a confluência de centenas de sociedades femininas espalhadas por todo o imenso território dos EUA (sua excursão pela Europa em 1853 irá projetá-la ainda mais longe, proporcionando o estabelecimento de uma inédita coalizão de mulheres inglesas e norte-americanas, pela primeira vez aglutinadas em torno de uma causa comum) — I(3):45; I(9):130; I(16):242; I(23):367; II(29):100; II(36):219.
- STRANGE, John (pseudônimo de Mistress Stannard, em solteira Harriet E. Vaughan) — romancista inglesa, nascida em 1856, autora de obras de ficção de cunho psicológico — I(10):151-152.
- STRINDBERG, August (1849-1912) — polígrafo sueco (jornalista, memorialista, poeta, romancista, contista e, principalmente, dramaturgo notável): representa, ao mesmo tempo, o apogeu da estética naturalista e a afirmação da estética simbolista em seu país; é considerado ainda precursor do expressionismo europeu — I(13):205.
- STUART MILL — v. MILL, John Stuart. □

Anexo IV

SUE SURVILLE, Maria Luísa Torresão — v. SURVILLE, Maria Luísa Torresão Sue. □

SULLY (Sully Prudhomme) — v. PRUDHOMME, Sully. □

SURVILLE, Maria Luísa Torresão Sue — uma das mais antigas farmacêuticas do Brasil, graduada em 1887 pela Faculdade de Farmácia de Niterói — I(19):303.

SUTHERLAND, DUQUESA DE — v. DUQUESA DE SUTHERLAND. □

SYLVA, Carmen (Pauline-Otilie-Louise, Princesa de Wied, rainha Elisabeth da Romênia, 1843-1916) — escritora europeia (nascida na Alemanha, aperfeiçoada em filologia na França, radicada na Romênia); casada desde 1869 com o príncipe Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen, coroado Carlos I da Romênia em 1881, dominava os idiomas alemão, francês, inglês e romeno, publicando nos anos 1870-1880, sob o pseudônimo de Carmen Sylva, uma coleção de poemas romenos traduzidos para o alemão, uma segunda coleção em francês ("Poésies roumaines") composta de traduções acompanhadas de poemas próprios, uma coletânea de prosa e poesia intitulada "Meu Descanso" ("Meine Ruhe", no original alemão) e as reflexões denominadas "Pensées d'une reine", em francês, obra que lhe deu projeção internacional; deixou ainda vários outros volumes de prosa (romances e contos) e poesia, além de dramas e de um livro de memórias; é digno de nota o fato de Elisabeth (ou Isabel) da Romênia, depois de ter perdido a única filha na infância, ter se dedicado pessoalmente a promover a indústria e o artesanato nacional, assim como a profissionalização de moças e a expansão da instrução pública, chegando a dar aulas na Escola Normal de Bucareste — I(5):80; II(26):39; II(36):219.

SZIGLIGETI, Eduard (pseudônimo de József Szatmáry, 1814-1878) — dramaturgo e ator húngaro, autor de mais de 100 peças teatrais de vários gêneros (tragédias, comédias, farsas e vaudevilles) ao longo de 40 anos de carreira — II(26):44.

TAMBRONI, Clotilde (1768-1817) — poetisa árcade e filóloga italiana, celebrizada pelos extraordinários conhecimentos linguísticos que lhe valeram a cátedra de grego no "Ateneu" de sua cidade natal, Bolonha; dela dizia o conhecido crítico francês d'Ansse de Villoison não existir em toda a Europa mais do que três homens capazes de igualá-la na escrita, não chegando a quinze aqueles capazes de compreendê-la — I(9):130.

TARENTO, DUQUE DE — v. DUQUE DE TARENTO. □

TASSO, Torquato (1544-1595) — célebre poeta renascentista italiano, autor do épico "Jerusalém Libertada" — II(25):14.

TAUNAY, VISCONDE DE — v. VISCONDE DE TAUNAY. □

TAVARES, Silva, GENERAL (General João Nunes da Silva Tavares, Barão de Itaqui, 1816-1906) — líder das forças rebeldes na Revolução Federalista (1893-1895) — I(3):41.

TÁVORA, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

TEIXEIRA, Alina — participante (em 1897) da exposição anual da Escola Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro) — I(1):16.

TEIXEIRA, Georgina (1877- ? ) — poetisa e cronista carioca, colaboradora de "A Mensageira" — I(1):1; I(3):38; I(4):51; I(6):87 e 96; I(9):139-140; I(10):156; I(12):182; I(13):196; I(17):270; I(18):280 e 286; II(25):17; II(27):71; II(29):108 e 113; II(33):175-178.

TEIXEIRA, Múcio (1857-1926) — poeta e crítico literário gaúcho (com atividades associadas a Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador), conhecido pela adesão às ciências ocultas nos últimos anos de sua vida; conhecido também, no âmbito da literatura feminina do Brasil, pela torpe campanha de difamação desenvolvida contra a poetisa Narcisa Amália, por ele acusada de publicar em seu nome poemas alheios, de autoria masculina; usou vários pseudônimos (sendo "Barão do Ergonte" o mais difundido deles) — I(3):39.

TEIXEIRA ALVES, DOUTOR — v. ALVES, Teixeira, DOUTOR. □

TELES DE MENESES, Olivia — v. MENESES, Olivia Teles de. □

TEODORA — moça do Rio de Janeiro acometida por distúrbio mental em meados da década de 1890, visitada por Maria Clara da Cunha Santos no Hospício Nacional de Alienados, no início de 1898 — I(8):115-116.



TERESA CRISTINA DE BOURBON (Imperatriz do Brasil, 1822-1889) — filha caçula de Francisco I (1777-1830), rei das Duas Sicílias a partir de 1825, e de Maria Teresa Isabella (irmã do rei da Espanha Ferdinando VII), nascida e criada em Nápoles: transferindo-se para o Brasil em 1843, por ocasião de seu casamento com o primo Pedro II, último imperador do Brasil (coroado em 1841), acompanhou a família real no exílio, após a Proclamação da República (em novembro de 1889), mas faleceu poucas semanas depois (no dia 28 de dezembro), em Portugal — I(3):34.

TERESA DO MENINO JESUS — v. SANTA TERESA DO MENINO JESUS. □

TERRERO, Máximo — genro do ditador argentino Juan Manuel Rosas (casado com sua filha Manuela Rosas, 1817-1898) — II(28):94.

THILDA, Jeanne (pseudônimo de Mathilde Stevens, 1835-1886) — polígrafa de língua francesa, nascida na Bélgica, radicada em Paris: separando-se do marido (Stevens, membro de uma conhecida família de pintores belgas), amasiou-se com o pintor Léon Gérôme (1824-1904), de quem teve duas filhas, enquanto se sustentava como professora de piano e canto e como autora de novelas sentimentais; mas, na medida em que se afirma como escritora profissional, passa a expandir seu caráter original na elaboração de romances irônicos ("Les amants de carton", "Comment aiment les hommes"), de poemas brilhantes ("Les frous-frous"), de crônicas no estilo mordaz de Catulle Mendès e de contos satíricos divulgados pela imprensa parisiense (notadamente pelo periódico "Gil Blas"); Guiomar Torresão, que traduziu alguns de seus contos para o português e conheceu-a pessoalmente em Paris (1885), fala de seu estilo afetado mas sedutor, em consonância com a pessoa extravagante mas insinuante a quem toda Paris criticava e admirava ao mesmo tempo; frei Pedro Sinzig, porta-voz do conservadorismo católico do início do século XX, condena-a sumariamente como autora de livros "obscenos" — II(28):76.

THULÉ, DOUTOR — escritor mencionado por Xavier de Carvalho (como autor de textos doutrinários feministas) — I(7):100.

TIBIRIÇÁ (c. 1500-1562) — chefe indígena do planalto de Piratininga, irmão de Piquerobi (também este cacique de uma outra fração dos índios guaianás): convertido ao cristianismo pelos padres jesuítas Leonardo Nunes e José de Anchieta, assumiu a denominação de Martim Afonso Tibiriçá, colaborando no estabelecimento do Colégio de São Paulo (1554) e na defesa da vila contra as facções hostis dos nativos chefiados por seu sobrinho Jagoanhara; através do casamento de sua filha Bartira com João Ramalho (primeiro povoador português estabelecido no planalto), tornou-se ascendente remoto (assim como Piquerobi) de boa parte das famílias tradicionais paulistas e, conseqüentemente, da nobiliarquia imperial paulista; dos dois caciques guaianás descende, por exemplo, Amador Bueno da Veiga, bisneto de Amador Bueno, o "Aclamado", que em 1641 teria se recusado a assumir a condição de "Rei de São Paulo"; por sua vez, Amador Bueno da Veiga (1665-1719), eleito líder militar da Guerra dos Emboabas (cabo-maior das forças paulistas), situa-se como ascendente de clãs paulistas, goianos e mineiros (figurando, entre estes últimos, as famílias Almeida, Vilhena, Cunha, Leite, etc, às quais está vinculada gente como Prisciliana Duarte de Almeida, seu primo e marido Silvío Tibiriçá de Almeida, Maria Clara Vilhena da Cunha ou Maria Clara da Cunha Santos, Aureliano Leite e Jorge Americano) — I(4):54.

TIGRE, Juca — v. JUCA TIGRE. □

TIMANDRO, Catarina — autora de uma máxima incluída na "Seleção" do primeiro número da revista — I(1):14.

TIRADENTES — v. XAVIER, Joaquim José da Silva. □

TOCQUEVILLE, Clérel de (Alexis-Charles-Henri-Maurice Clérel de Tocqueville, 1805-1859) — político, historiador e jornalista francês, ideologicamente situado numa faixa própria de liberalismo moderado, autor de pelo menos dois ensaios clássicos da ciência política moderna: "La Démocratie en Amérique" (publicado em duas partes, datadas de 1835 e 1840) e "L'Ancien Régime et la Révolution" (1856) — I(23):367.

TOLEDO, José Bonilha de — lente substituto de história e legislação farmacêutica da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):48.

TOLEDO, José Xavier de, DOUTOR (1846-1918) — advogado mineiro (nascido em Pouso Alegre), bacharelado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1866: sua carreira nos meios governamentais paulistas atinge o ápice na virada do século, pois assume em 1900 a presidência do Tribunal de Justiça de São Paulo, cargo que manteve até a morte (casando-se, nesse mesmo ano de 1900, com a poetisa e professora Zalina Rolim, uma das mais destacadas colaboradoras de "A Mensageira") — I(8):123.

TOLEDO, Zalina Rolim Xavier de — v. ROLIM, Zalina. □

TOLentino DE ALMEIDA, A. — v. ALMEIDA, A. Tolentino de. □

#### Anexo IV

TOLENTINO, Nicolau (Nicolau Tolentino de Almeida, 1741-1811) — poeta português considerado, ao lado de seu contemporâneo Bocage, um dos mais notáveis cultores do gênero satírico em Portugal — II(27):59.

TOLSTÓI, Leão (Lev Tolstói, 1828-1910) — célebre polígrafo russo, o mais completo intelectual oitocentista de seu país: tornou-se conhecido pela autoria de magistrais romances realistas, impregnados de uma visão humanístico-social original; mas assumiu, nos últimos vinte anos de sua vida, postura radicalmente crítica com relação às incongruências da sociedade contemporânea, para a qual propunha como solução o retorno a um cristianismo essencial e anárquico que ainda viria a influenciar, no século XX, personalidades aparentemente tão díspares quanto o líder indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) e a cantora-compositora norte-americana Joan Baez (1941- ) — I(5):78; II(27):72.

TORQUEMADA, Tomás de, FREI (1420-1498) — religioso espanhol, da ordem dos dominicanos, que se celebrou em função do fanatismo e da ferocidade de sua atuação como inquisidor-geral da Espanha — I(2):22.

TORRES, Honorina — escritora brasileira do século XIX, dedicatória (em 1897) de um conto de Andradina de Oliveira — I(22):343.

TORRES DA SILVA, Amélia — v. SILVA, Amélia Torres da. □

TORRESÃO, Guiomar (Guiomar Delfina de Noronha Torresão, 1844-1898) — polígrafa portuguesa, nascida em Lisboa, figura-símbolo da mulher escritora profissional oitocentista de seu país, cognominada "a George Sand de Portugal": filha de um funcionário de alfândega, foi criada no arquipélago de Cabo Verde, mas, tornando-se órfã de pai em 1853, retornou com a mãe para Lisboa, onde ainda muito jovem já dava aulas particulares para sustentar-se; lançando-se como teatróloga em 1867, inicia carreira incessante, pelos trinta anos seguintes, de dramaturga, tradutora, romancista (autora da elogiada ficção histórica "A Família Albergaria", 1874), contista (salientando-se com a coletânea "As Batalhas da Vida", Lisboa, Livraria Antônio Maria Pereira, 1892), cronista, crítica teatral e literária; autora também de um excelente relato de viagem ("Paris: Impressões de Viagem") editado no Porto em 1888, em que descreve sua movimentada estadia de dois meses na capital francesa, em meados de 1885, ocasião em que, hospedada por Madame de Rute, pôde contactar pessoalmente as maiores celebridades femininas parisienses; sua atividade principal, no entanto, concentra-se na área jornalística, como colaboradora de periódicos de diversas cidades portuguesas e brasileiras ("O País", no Rio de Janeiro" e "Diário Popular", em São Paulo) e como editora de periódicos próprios: fundou e dirigiu, entre outros, "A Crônica", revista trimestral, editada como suplemento artístico-literário do jornal de modas lisboeta "A Estação de Paris" (publicada por Antônio Maria Pereira a partir de 20 de janeiro de 1896), além de um célebre "Almanaque das Senhoras", igualmente fundado e dirigido por ela durante 27 anos consecutivos (de 1871 até sua morte), anuário de ampla difusão tanto em Portugal como no Brasil, veículo preferencial para a divulgação pela comunidade lusófona da produção de numerosas escritoras (veteranas como Inês Sabino ou principiantes como Edwiges de Sá Pereira e Amélia Bevilacqua), mantido depois do falecimento de sua criadora pela irmã desta, Felismina Torresão (em 1906 circulando a 36ª edição do almanaque); mesmo elogiada por autores portugueses como Camilo Castelo Branco e Tomás Ribeiro, Guiomar Torresão teve que se utilizar, além do pseudônimo Gabriel Cláudio, de muitos outros pseudônimos masculinos, reproduzidos por Isabel Allegro de Magalhães (Delfim de Noronha, Rosenball, Scentelha, Sith, Tom Pouce), fazendo uso desse artifício provavelmente em função das resistências encontradas em seu país à presença de uma mulher escritora produzindo em pé de igualdade (ou, pior ainda, em condições de superioridade) com relação a seus pares do sexo masculino (Júlia Lopes de Almeida, que conheceu pessoalmente a Torresão, em 1888, faz alusão velada a essa situação no necrológio da escritora publicado pelo n° 28 de "A Mensageira", ao se referir à necessidade do grande escritor Fialho de Almeida ter vindo defender publicamente sua colega num artigo divulgado pela imprensa lisboeta, enquanto Sousa Bastos enfatiza, em 1898, pouco antes do desaparecimento da conterrânea: "D. Guiomar Torresão tem conseguido o que raros homens, mesmo os de grande talento, conseguem em Portugal, viver de letras!"); a grandeza despreziosa desta autora, somada ao empenho com que assumiu quase sozinha, em Portugal, o papel de líder feminista oficiosa de sua geração, ao longo de todo o último terço do século XIX, faz empalidecer, inevitavelmente, a aristocrática figura de sua compatriota Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), defensora de um feminismo morno, dúbio e elitista, talvez por isso mesmo proclamada, já na virada do século, sucessora incontestada de Guiomar Torresão e, conseqüentemente, "a maior escritora lusitana viva"— I(3):39; I(6):85-86; I(12):181 e 189-190; I(20):308-309; II(25):13 e 21-22; II(26):37 38; II(27):71; II(28):73-76; II(29):98-101 e 115; II(30):129; II(36):239.

TORRESÃO SUE SURVILLE, Maria Luísa — v. SURVILLE, Maria Luísa Torresão Sue. □

TOTTON, MISTRESS — prefeita de uma cidade norte-americana responsável pela substituição (em 1899) da maior parte do funcionalismo local por mulheres — II(32):167.

TOURGUENEFF — v. TURGUÊNIEV, Ivã Sergueievitch. □

TOURNEFORT, Joseph Pitton de (1656-1708) — botânico seiscentista, precursor de Linné: foi professor do Jardin des Plantes de Paris (1688) e autor de um célebre "Eléments de botanique ou Méthode pour connaître des plantes"— I(20):310.

- TOURNIER, MONSIEUR — personalidade presente ao banquete organizado por Madame de Rute (Condessa Rattazzi) em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán (Paris, 1899) — II(29):116.
- TOUTAIN, Paul (pseudônimo: Jean Revel) — v. REVEL, Jean. □
- TRUJILLO, Irene — integrante da Sociedade das Filhas de Cuba, entidade de apoio aos revolucionários cubanos de 1897 — I(4):64.
- TUDOR, Maria — v. MARIA TUDOR. □
- TURGOT, Anne-Robert-Jacques (Barão de L'Aulne, 1727-1781) — erudito francês, um dos colaboradores da célebre "Encyclopédie" iluminista; antecipador das teses de economia política de Adam Smith, figura, ao lado de François Quesnais, entre os principais fundadores da teoria fisiocrática — II(31):137.
- TURGUÊNIEV, Ivã Sergueievitch (1818-1883) — famoso romancista realista russo, autor do célebre "Pais e Filhos" (1862): influenciado por Flaubert (e admirado, por sua vez, por Maupassant), tornou-se o escritor russo mais lido da Europa Ocidental; liberal e ocidentalista, assumiu postura antagônica com relação à de seus compatriotas eslavófilos, idealmente representados por Fiódor Dostoiévski (1821-1881), num conflito comparável àquele estabelecido no campo musical entre o ocidentalista Tchaikóvski e o eslavófilo Mussórgski — I(5):78.
- URFÉ, Honoré d' (Honoré d'Urfé, Marquês de Valbromey, Conde de Châteauneuf, 1568-1625) — polígrafo barroco francês, mais conhecido pela produção de um romance "à antiga", volumoso e cheio de peripécias ("Astrée", cuja publicação, iniciada em 1610, só foi completada postumamente, em 1627) — I(15):235.
- URQUIZA, Justo José de, GENERAL (1800-1870) — líder militar argentino: de início submisso a Rosas, rompeu com o ditador em 1851, obrigando-o a fugir do país depois de derrotado na batalha de Caseros (3 de fevereiro de 1852); foi eleito presidente constitucional da Argentina para o período de 1854 a 1860 — II(28):94.
- URZÚA CRUZAT, Leonor — v. CRUZAT, Leonor Urzúa. □
- VACARESCO, Hélène (forma francesa do original romeno Elena Vacarescu, 1866-1947) — dama da nobreza romena (nascida em Bucareste), sobrinha do poeta setecentista Alecu Vacarescu e prima do patriota Iancu Vacarescu (1786-1863), considerado o fundador da poesia contemporânea da Romênia: tendo estudado em Paris, Hélène consagra-se, já em 1886, com a publicação de sua primeira coletânea poética, de versos compostos em língua francesa ("Chants d'amour"), premiada pela Academia Francesa; conciliando lirismo e uma impecável correção formal, manteve sustentado sucesso de público e de crítica nos diversos volumes de prosa (romances) e poesia que se seguiram ao primeiro; dama de honra da rainha-poetisa de seu país, literariamente conhecida pelo pseudônimo Carmen Sylva (1843-1916), a Vacaresco chegou a representar a Romênia (como delegada oficial) na Liga das Nações — II(30):126-127.
- VAL, Canuto, DOUTOR — lente substituto da cadeira de botânica brasileira da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.
- VAL, Elmano do (pseudônimo de Manuel Viotti) — v. VIOTTI, Manuel. □
- VALBROMEY, Marquês de (Honoré d'Urfé) — v. URFÉ, Honoré d'. □
- VALE, Perpétua do (pseudônimo de Prisciliana Duarte de Almeida) — v. ALMEIDA, Prisciliana Duarte de. □
- VALE E SILVA — v. SILVA, Vale e. □
- VALENTINA DE LUCENA (pseudônimo de Maria Amália Vaz de Carvalho) — v. CARVALHO, Maria Amália Vaz de. □
- VALSAYRE, Astié de (Marie-Rose Astié de Valsayre, 1846-?) — escritora e compositora francesa; participou, ao lado de Eugénie Potonié-Pierre, da criação da "Ligue Socialiste des Femmes" (Paris, 1889) — II(30):125.
- VAMPRÉ, João (1865-1949) — professor secundário e jornalista sergipano, polígrafo (autor de textos poéticos, históricos, filosóficos e filológicos, além de estudos de folclore) radicado na capital paulista no final do século XIX: notabilizou-se como colaborador de periódicos paulistanos e como crítico literário ("O Estado de São Paulo" e "Diário Popular"); em "A Mensageira", é alvo de menção amistosa por seu confrade Sílvio de Almeida, como autor da resenha relativa ao livro "Pátria", de João Vieira de Almeida (obra lançada na capital paulista em 1899); representaria o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (do qual era orador oficial) pouco tempo depois, em solenidade comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil (1900), surgindo em 1909 ao lado de Sílvio e Prisciliana

Anexo IV

Duarte de Almeida, como membro fundador da Academia Paulista de Letras (ocupante da cadeira nº 6, para a qual escolheu como patrono o historiador e filólogo mineiro José Vieira Couto de Magalhães, 1837-1898) — II(36):235.

VARELA, Ernestina Fagundes (Maria Ernestina Varela) — irmã do poeta Luís Nicolau Fagundes Varela (1841-1875), também poetisa (e prosadora); inspetora, em 1896, do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo, onde terá como auxiliar a mestra e poetisa Zalina Rolim — I(3):45

VARELA, Luís Nicolau Fagundes (1841-1875) — poeta lírico fluminense: personificação do poeta romântico boêmio, chegou a frequentar as duas academias de direito do Brasil de meados do século XIX (a de São Paulo e a do Recife) sem chegar a completar seu curso — I(4):55.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de (Visconde de Porto Seguro, 1816-1878) — polígrafo paulista, mais conhecido como historiador: de formação militar, fez carreira diplomática no Império a partir de 1842, notabilizando-se pela utilização de rica documentação relativa ao Brasil por ele localizada em arquivos ibéricos — I(20):315.

VÁRZEA, Virgílio (Virgílio dos Reis Várzea, 1865-1941) — polígrafo catarinense (jornalista, poeta, contista, historiador e biógrafo): amigo e colega de Cruz e Sousa, alinhou-se entre os primeiros poetas simbolistas do Brasil, sendo também considerado pioneiro no âmbito da literatura regional catarinense — I(20):314.

VASCONCELOS, Ermelinda Lopes de — v. SÁ, Ermelinda de. □

VASCONCELOS, J. F. Meira de — lente da cadeira de farmácia teórica e prática da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (em 1899) — II(26):47.

VASCONCELOS, Maria Augusta Meira de — moça pernambucana formada em advocacia pela Faculdade de Direito do Recife, em 1889 — I(7):106.

VAUGHAN, Harriet E. (Mistress Stannard, pseudônimo: John Strange) — v. STRANGE, John. □

VAUVERNAGUES, Marquês de (Luc de Clapiers, Marquês de Vauvernagues, 1715-1747) — militar provençal, célebre autor moralista do iluminismo francês: inválido, passou os dois últimos anos de vida em Paris na convivência com intelectuais como Voltaire, Marmontel e o marquês de Mirabeau, publicando em 1746 um volume de máximas colecionadas ao longo de sua curta vida de soldado (textos em que adota uma filosofia otimista, original, que se distingue de seus predecessores pela crença depositada na capacidade humana e por uma visão mais abrangentemente social do homem, na mesma linha de reflexão que notabilizara a marquesa de Lambert vinte anos antes) — I(2):30.

VAZ DE ASSIS, Nicolina — v. ASSIS, Nicolina Vaz de. □

VAZ DE CARVALHO, Maria Amália — v. CARVALHO, Maria Amália Vaz de. □

VEGA, Clemente Barahona — escritor chileno (radicado em Santiago), colaborador da única revista literária feminina do Chile do final do século XIX, "La Mujer", da cidade de Curicó — I(16):254-255; II(27):62-64; II(35):210-212.

VEIGA, Ifigênia (1864- ?) — médica obstetra baiana, uma das primeiras médicas formadas no Brasil: graduou-se em 1890 pela Faculdade de Medicina da Bahia, com a tese: "Métodos Antiopáticos em Obstetricia" — I(7):106.

VEIGA, José Pedro Xavier da (1846-1900) — escritor mineiro (nascido em Campanha), conhecido pela correção e pela meticulosidade com que desenvolveu seus documentários históricos, notadamente "Efemérides Mineiras: 1664-1897" (Ouro Preto, 1897) e "A Imprensa em Minas Gerais: 1807-1897" (Ouro Preto, 1898); advogado, fez carreira política, aparecendo ainda como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e como patrono da cadeira nº 13 da Academia Mineira de Letras (fundada em 1909) — I(21):326.

VEISSMANN, Alexandre (erro de grafia) — WEISMANN, Alexandre. □

VELHO, Leite, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, contrário (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

VELOSO, José Maria — poeta português da cidade de Águeda (Beira Litoral) que participou, em 1849, da disputa da rosa branca e da rosa vermelha, travada em torno da poetisa Ana Amália Moreira de Sá (1825-1899) — II(32):165.

VELOSO, Maria — moça sergipana, aluna (segundanista em 1898) do Curso de Farmácia anexo à Faculdade de Medicina da Bahia (Salvador) — I(9):131.

- VERA A. CLESER (pseudônimo de Verônica Schmidt) — v. CLESER, Vera A. □
- VERGNE, Marc de La — v. LA VERGNE, Marc de. □
- VERGUEIRO STEIDEL, DOUTOR — v. STEIDEL, Vergueiro, DOUTOR. □
- VIANA, Luís — governador do Estado da Bahia no período de 1896 a 1900: sua gestão foi marcada pela eclosão da Guerra de Canudos, que valeu a Luís Viana, por suas atitudes contemporizadoras, a acusação de apoio aos adeptos de Antônio Conselheiro — II(30):120.
- VIANA, Sá, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.
- VIANA, Sampaio, DOUTOR (Doutor João Maurício de Sampaio Viana) — bacharel em direito, executor do testamento do pintor Almeida Júnior: foi membro da comissão organizadora da exposição em homenagem ao artista recém-assassinado (São Paulo, 1899), contando, como colega de comissão, com seu sogro Clemente Falcão Filho — II(36):238.
- VIANA DE LIMA, César Sauvan (Barão de Jauru) — v. BARÃO DE JAURU. □
- VICENTE DE PAULO, SÃO — v. SÃO VICENTE DE PAULO. □
- VICENTE SOBRINHO, José (1875-1924) — polígrafo paulistano (poeta parnasiano, contista, biógrafo e cronista), redator e colaborador de jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro, major da Guarda Nacional, cujo livro de estória ("Contos e Fantasias", 1898) é resenhado em "A Mensageira": prestigiado no início do século XX, chegou a ter três crônicas e uma fotografia reproduzidas no "Almanaque Brasileiro Garnier" para 1906, figurando entre os fundadores da Academia Paulista de Letras em 1909; em seu necrológio (publicado pelo 6º número da "Revista da Academia Paulista de Letras"), Amadeu Amaral revela que Vicente Sobrinho, depois de ter atuado como funcionário público, desempenhou por vários anos as funções de empregado exemplar (e discretíssimo) da Academia Brasileira de Letras — I(8):128; I(18):277-280.
- VICOMTE DE LAUNAY (pseudônimo de Delphine Gay, Madame Émile de Girardin) — v. MADAME ÉMILE DE GIRARDIN. □
- VICTORIA, Rainha — v. RAINHA VICTORIA. □
- VICTORINO, Manuel — v. VITORINO, Manuel. □
- VIDIGUEIRA, Conde da (Vasco da Gama) — v. GAMA, Vasco da. □
- VIEGAS DE MENESES, José Joaquim, PADRE — v. MENESES, Viegas de. □
- VIEIRA, Adelina Amélia Lopes (1850-1923?) — poetisa e prosadora, educadora e musicista portuguesa, radicada no Rio de Janeiro, irmã de Júlia Lopes de Almeida, ambas colaboradoras de "A Mensageira" — I(1):1; I(2):18 e 31; I(4):60 e 62; I(5):75-76; I(6):82 e 95; I(7):105; I(10):156; I(11):165; I(15):229; I(17):272; I(21):328; I(22):343; II(25):3; II(26):44; II(27):71 e 72; II(28):81-84; II(29):99-100; II(30):122-124 e 131; II(36):237.
- VIEIRA, Antônio, PADRE (1608-1697) — padre jesuíta português, radicado no Brasil, expressão máxima da língua portuguesa no século XVII: notabilizou-se como orador sacro e pelo caráter de crítica de costumes que imprimiu aos seus célebres sermões — I(21):322.
- VIEIRA, Damasceno (1850-1910) — polígrafo gaúcho, colaborador de "A Mensageira" — I(22):340-345; II(34):189-192.
- VIEIRA, João (João Vieira de Almeida) — v. ALMEIDA, João Vieira de. □
- VIEIRA, Meneses, DOUTOR (Doutor Joaquim José de Meneses Vieira, 1851-1897) — médico e educador carioca, um dos pioneiros do livro escolar brasileiro, autor de livros didáticos como "O Amiguinho de Nhonhô" e "Manual para os Jardins da Infância", ambos editados em 1882: além de manter um colégio próprio, criou um curso dominical para a alfabetização de trabalhadores adultos e uma instituição (o "Pedagogium", 1890) destinada à experimentação e ao aperfeiçoamento dos métodos pedagógicos (Leonardo Arroyo destaca o fato de sua esposa, designada como Senhora Meneses Vieira, situar-se como pioneira do atendimento escolar pré-primário no Brasil ao manter no Rio de Janeiro, por volta de 1880, um Jardim da Infância particular) — II(34):200.

#### Anexo IV

VIEIRA, Rodrigues, DOUTOR — membro do Instituto dos Advogados Brasileiros, favorável (em 1899) ao exercício da advocacia por mulheres — II(33):184.

VIEIRA DE ALMEIDA, João — v. ALMEIDA, João Vieira de. □

VIGEON, MADAME — cidadã francesa cujo casamento com o agonizante Monsieur Vigeon, em 1898, foi testemunhado pela irmã de caridade Sórora Saint-Étienne — I(11):175.

VIGEON, MONSIEUR — cidadão francês submetido a casamento "in extremis", em 1898, ato testemunhado pela irmã de caridade Sórora Saint-Étienne — I(11):175.

VILHENA, Maria — escritora mineira mencionada por Néelson de Sena ("Pelayo Serrano"): seu nome aparece ao lado do nome de Maria Clara da Cunha Santos (que se identificava como Maria Clara Vilhena da Cunha, enquanto solteira), excluindo a possibilidade de tratar-se da mesma pessoa; a genealogia da família fornecida por Aureliano Leite inclui várias Marias Vilhenas, mas é mais provável que a escritora mencionada corresponda à Maria Vilhena casada com João Vieira da Cunha, irmão de Maria Clara — I(7):105.

VILHENA DA CUNHA, Clara Maria — v. CUNHA, Clara Maria Vilhena da. □

VILHENA DA CUNHA, Maria Clara — v. SANTOS, Maria Clara (Vilhena) da Cunha. □

VILHENA DE ARAÚJO, Dolores Alcântara — v. ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de. □

VILLARES, Décio (Décio Rodrigues Villares, 1851-1931) — pintor e escultor carioca, aluno da Academia Imperial de Belas-Artes, aperfeiçoado na França e na Itália: especializando-se em retratos e em temas religiosos e históricos, responsabilizou-se pela definição do desenho da bandeira republicana, em 1889 — II(27):70.

VILLIERS DE LISLE-ADAM, Auguste (Conde de Villiers de L'Isle-Adam, 1838-1889) — escritor francês, precursor do simbolismo: deixou de escrever poesia para se dedicar a uma prosa musical, original e onírica; entre suas obras, distinguem-se os "Contos Cruéis" de 1883 (seguidos dos "Novos Contos Cruéis", de 1888) e o romance "A Eva Futura" (1886), em que satiriza as promessas da ciência oitocentista — I(4):58.

VINCI, Leonardo da — v. DA VINCI, Leonardo. □

VIOTTI, Heráclito (c. 1870?- ?) — poeta mineiro, primo de Manuel Viotti, ambos colaboradores de "A Mensageira" — I(12):189; II(25):21; II(27):71.

VIOTTI, Manuel (Manuel Nogueira Viotti, 1871-1958) — poeta mineiro (crítico literário oculto sob o pseudônimo "Elmano do Val"), bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo, colaborador de "A Mensageira" — I(4):57; I(8):123; I(9):140 e 143; I(10):158; I(11):172; I(12):179; I(13):208; I(14):212; I(15):237; I(16):252; I(17):259; I(20):320; I(23):364-365; II(27):70 e 72. Sob o pseudônimo ELMANO DO VAL aparece em — I(5):78-79; I(6):96; I(10):150-152; I(13):205-206; I(19):298; I(21):326-327; II(26):42-44; II(27):72; II(28):80.

VIRGÍLIO (Publius Vergilius Maro, 70-19 a. C.) — poeta latino, autor do poema épico "Eneida" — II(28):81.

VRIDIANA, Dona — v. PRADO, Viridiana. □

VISCONDE DE BENALCANFOR (Ricardo Augusto Pereira Guimarães, 1830-1889) — polígrafo e político português (nascido no Porto), mais conhecido pela prosa amena de seus livros de viagens — I(5):80.

VISCONDE DE CAVALCANTI (Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, 1829-1899) — rico titular paraibano, procedente de tradicional família nordestina, bacharel em direito pela Faculdade do Recife, deputado provincial e geral, senador e ministro do Império (chegou a presidir as províncias do Piauí, do Ceará e de Pernambuco): assumiu carreira diplomática a partir de 1877; já residindo, em 1889, em Paris (para onde havia sido levada sua famosa coleção numismática e de objetos de arte), lá permaneceu depois da Proclamação da República — II(31):148.

VISCONDE DE LAUNAY (Vicomte de Launay, pseudônimo de Delphine Gay, Madame Émile de Girardin) — v. MADAME ÉMILE DE GIRARDIN. □

VISCONDE DE PINDELA (João Machado Pinheiro) — poeta português de meados do século XIX, pai do conde de Amoso (Bernardo Pinheiro Correia de Melo, 1855-1911) e do novo visconde de Pindela — II(32):164, 165 e 166.

VISCONDE DE PORTO SEGURO (Francisco Adolfo de Varnhagen) — v. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. □

VISCONDE DE SÃO VALENTIM (Valentim José da Silveira Lopes) — v. LOPES, Valentim José da Silveira. □

VISCONDE DE TAUNAY (Alfredo d'Escagnolle Taunay, pseudônimo: Sílvio Dinarte, 1843-1899) — polígrafo carioca, de formação militar: começou a divulgar seus escritos por ocasião do término da Guerra do Paraguai (1864-1870), editando, até o final do século, cerca de 40 volumes de uma obra variada e original, em que se destaca o romance "Inocência" (1872), na qual a concepção essencialmente romântica da narrativa se funde com uma rigorosa caracterização do ambiente (retratando-se com maestria a paisagem sertaneja que o escritor conhecera pessoalmente na época dos deslocamentos do exército brasileiro pela região Centro-Oeste); algumas das produções juvenis de Taunay (como o romance de ambientação paulista "A Mocidade de Trajano", 1870) foram publicadas sob o pseudônimo "Sílvio Dinarte" — I(19):301-302; II(25):22-23; II(26):40.

VISCONDE DO RIO BRANCO (José Maria da Silva Paranhos, 1819-1880) — engenheiro militar baiano, radicado no Rio de Janeiro: iniciando carreira política em 1848, foi, sucessivamente, deputado geral, senador e ministro do Império, encarregando-se de importantes missões diplomáticas sul-americanas; maçom e abolicionista, teve seu nome associado em 1871 à Lei do Ventre Livre ou "Lei Rio Branco" (o filho, barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos Júnior, 1845-1912, bacharel em direito, também participou da campanha abolicionista, assumindo brilhante carreira diplomática a partir de 1876 e participando da solução de importantes questões de fronteiras entre o Brasil e os demais países da América do Sul, especialmente na primeira década do século XX) — I(15):230.

VISCONDESSA DE CAVALCANTI (Amélia Machado Coelho de Castro) — esposa do titular paraibano Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (1829-1899), instalou-se com o marido, no Rio de Janeiro, num palacete que sediou um dos salões aristocráticos mais frequentados da segunda metade da década de 1870: os relatos de Wanderley Pinho confirmam a sofisticação da anfitriã, que costumava apresentar-se para os convidados tocando piano a quatro mãos com Artur Napoleão; sua residência, transferida para Paris nos anos 80, em função da carreira diplomática do marido, transformara-se em "museu de todas as artes", em que se ostentavam desde as telas seiscentistas de Frans Post até uma coleção numismática de fama internacional (tomando por base sua própria coleção de moedas e medalhas, a viscondessa publicou em Paris, em 1889, um erudito "Catálogo das Medalhas Brasileiras e das Estrangeiras Referentes ao Brasil", reeditado em 1910, que ainda hoje norteia as novas publicações do gênero) — I(1):16; I(6):93; II(31):148.

VISCONDESSA DE SÃO VALENTIM (Antônia Adelina do Amaral Pereira Lopes) — v. LOPES, Antônia Adelina do Amaral Pereira. □

VISCONDESSA DE SISTELO (Júlia de Labourdonnay Gonçalves Roque, 1853- ?) — artista plástica brasileira, filha do visconde do Rio Vez (Boaventura Gonçalves Roque), casada em 1870 com seu tio paterno (Manuel Antônio Gonçalves Roque, 1834-1885): expôs pinturas no Salão de Paris, em 1898, juntamente com obras de sua irmã mais nova, a segunda condessa do Alto Mearim, Emília de Labourdonnay Gonçalves Roque) — I(18):286.

VITÓRIA, Rainha — v. RAINHA VICTORIA. □

VITORINO, Manuel (Manuel Vitorino Pereira, 1854-1902) — médico baiano (de Salvador), doutorado em 1876 pela Faculdade de Medicina da Bahia e alçado ao cargo de lente da cadeira de clínica cirúrgica da mesma faculdade no ano seguinte: abolicionista e republicano, iniciou em 1885 carreira política cujo apogeu foi atingido em 1894, com sua eleição para a Vice-Presidência da República (no mandato de Prudente de Moraes, 1894-1898); porém, tendo seu nome associado ao jacobinismo (e tendo dado provas ostensiva de independência por ocasião da doença e do afastamento de Prudente de Moraes, entre fins de 1896 e início de 1897), chegou a ser acusado de envolvimento na trama do atentado ao Presidente da República em 5 de novembro de 1897; verdadeira ou não, essa acusação foi responsável pelo arquivamento de seus projetos políticos: em 1898 Vitorino volta a clinicar, tendo sua atuação pública limitada a colaborações em jornais cariocas — II(29):115 e 116.

VIÚVA BIANCHOT — v. BIANCHOT, MADAME. □

VIÚVA FILIPPONE — v. FILIPPONE, Júlia. □

VIVEIROS, Helena de — colaboradora de "A Mensageira", autora de um poema datado de junho de 1898 (publicado em abril do ano seguinte — II(27):66; II(28):96.

VIVEIROS DE CASTRO, DOUTOR — v. CASTRO, Viveiros de, DOUTOR. □

VOLTAIRE (François-Marie Arouet, 1694-1778) — genial polígrafo setecentista francês (poeta, dramaturgo, contista, romancista e ensaísta): literato brilhante e irreverente, transformou-se em figura de proa do iluminismo latino — II(30):126.

#### Anexo IV

VÖRÖSMARTY, Mihály (1800-1855) — poeta épico e dramaturgo húngaro, considerado o introdutor da estética romântica na Hungria (data de 1825 o poema heróico "A Fuga de Zalán") — II(26):43.

WAGNER, Richard (Wilhelm Richard Wagner, 1813-1883) — compositor do romantismo alemão, criador do drama musical — II(25):2; II(33):174.

WAHLENBERG, Anna Maria Lovisa (Madame Kjerрман, pseudônimo: Rien) — escritora sueca (nascida em Estocolmo, em 1858); estreando em 1882 sob o pseudônimo "Rien", salientou-se como romancista, contista e teatróloga — I(13):206

WALFORD, Lucy (Lucy Bathia Colquhoun, Mistress Walford, 1845-1915) — escritora escocesa (cujos romances, em sua maior parte, são considerados inócuos pelo frei Pedro Sinzig) — I(10):152.

WANDERLEY, João Maurício (Barão de Cotegipe) — v. BARÃO DE COTEGIPE. □

WARD, Humphry, MISTRESS (Mary-Augusta Arnold) — v. ARNOLD, Mary Augusta. □

WARDEN, Florence (pseudônimo de Florence Alice Price) — romancista londrina da segunda metade do século XIX — I(10):152.

WART, Gertrudes von der — personalidade comparada (por seu caráter nobre) à pessoa de Madame Dreyfus, pela editorialista de "A Mensageira" — II(27):50.

WEBSTER STEEL, Flora Annie — v. STEEL, Flora Annie Webster. □

WEISSMANN, Alexandre — compositor de música ligeira, autor de peças editadas no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone, em 1898: trata-se de "maestro russo" responsável, no início do século XX, pela partitura da opereta infantil "Branca de Neve", composta sobre texto de um dos colaboradores de "A Mensageira", Carlos Góis (1881-1934) — I(5):80; I(9):144; I(13):207; I(15):240.

WERNECK, Américo (1855-1927) — polígrafo fluminense (nascido em Bemposta, na zona limítrofe entre os Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais); filho do barão de Bemposta (Inácio Barbosa dos Santos Werneck), formou-se engenheiro civil em 1877, dedicando-se (paralelamente a atividades industriais, agrícolas e empresariais) a uma bem-sucedida carreira política parlamentar (estadual e federal), chegando a ocupar o cargo de Secretário da Agricultura do Estado de Minas Gerais na gestão de Silviano Brandão (1898 a 1902); foi ainda o segundo prefeito de Belo Horizonte; embora esquecido pelos textos de referência contemporâneos, sua versatilidade chega a surpreender, pois já em meados da década de 1880 publica na "Gazeta Sul-Mineira" (de São Gonçalo do Sapucaí) romances-folhetim que serão editados posteriormente em livro; colabora nos principais jornais cariocas ("Jornal do Comércio", "O País", "Gazeta de Notícias"); divulga, em 1900, o texto de um drama histórico ambientado no Nordeste seiscentista das invasões holandesas; e, além de publicar ensaios e obras teóricas diversas, elabora uma elogiada "Arte de Educar os Filhos" (editada em 1896 e reeditada em 1897) cujos excertos publicados em "A Mensageira" bastam para classificá-lo como abertamente feminista e avançado para sua época; recebeu a denominação de "Américo Werneck", no final do século XIX, um núcleo de colonização (destinado ao assentamento de imigrantes italianos) situado no cinturão verde da nova capital mineira, Belo Horizonte; nesse sentido, observe-se que a familiaridade denotada por Maria Clara da Cunha Santos com relação a Américo Werneck não é casual, pois o marido dela, José Américo dos Santos (1848-1918) também é engenheiro civil, de filiação liberal e igualmente atuante na área de imigração estrangeira (notar ainda que o polígrafo mineiro-fluminense é tio-avô do historiador e ensaísta carioca, nosso contemporâneo, Nelson Werneck Sodré, 1911-1999) — I(3):45; II(28):86-87; II(32):155.

WERNECK, Regina (Regina de Andrade Werneck) — segunda esposa do engenheiro Américo Werneck (que foi casado em primeiras núpcias com Judite de Lemos Pinheiro), homenageada em 1899 na inauguração de uma fonte de água mineral de Cambuquira, MG, que recebeu o nome de "D. Regina Werneck" — II(28):86.

WHITMAY, Anna (erro de transcrição) — v. WHITNEY, Anne. □

WHITNEY, Anne — escultora neoclássica norte-americana, nascida em meados do século XIX: fazia parte do círculo de mulheres escultoras procedentes dos EUA estabelecidas em Roma, do qual ainda participavam suas compatriotas Louisa Lander, Emma Stebbins e Edmonia Lewis, a maioria delas originária do Estado de Massachusetts; a veterana do grupo (a mais cotada de todas) era Harriet Goodhue Hosmer (1830-1908), estabelecida na capital italiana desde 1852, contando entre suas amigas as célebres escritoras George Sand e George Eliot; mas, segundo o historiador Russell Lynes, a artista mais talentosa e original das mencionadas seria a escultora mestiça, do Estado de Nova Iorque, Edmonia Lewis (c. 1845- ?), filha de pai negro e mãe índia; esse círculo, dependente de encomendas feitas pelos políticos e empresários norte-americanos, gravitava, na verdade, em torno do poeta, advogado, crítico de arte e escultor ianque



(de Salem, Massachusetts) William Wetmore Story (1819-1895), imortalizado por seu amigo Nathaniel Hawthorne como personagem do romance "O Fauno de Mármore" (Story despendeu a metade de sua vida trabalhando na Itália) — II(36):219.

WISZNIEWSKA, PRINCESA de — v. PRINCESA DE WISZNIEWSKA. □

WOLFF, Olga — tradutora responsável (no final do século XIX) pela versão do romance "Inocência", do Visconde Taunay, para o idioma polonês — II(25):23.

WORMS, Écila (pseudônimo de Júlia Lopes de Almeida) — v. ALMEIDA, Júlia Lopes de. □

WRIGHT, Marie Robinson (Mistress Marie Robinson Wright) — escritora norte-americana do final do século XIX, autora de uma "História do México" precedendo a elaboração da monumental obra descritiva "The New Brazil: Its Resources and Attractions — Historical, Descriptive, and Industrial" (editada em 1901, em Philadelphia, por George Barrie & Son, num in-fólio de 450 pp, impresso em papel gessado, ilustrado por dezenas de fotografias de excelente qualidade): essa brasilianista do Oitocentos percorreu nosso país acompanhada da secretária (a jornalista identificada apenas como "Miss Hartman"), em 1899, sendo recebida sucessivamente pelo Presidente da República (Campos Sales) e pelo Presidente do Estado de São Paulo (Fernando Prestes de Albuquerque), deslocando-se até Piracicaba, no interior paulista, com a finalidade de entrevistar pessoalmente o ex-Presidente Prudente de Moraes, antes de seguir viagem em direção a Minas Gerais; percorrendo a capital paulista, estiveram com Prisciliana Duarte de Almeida, travando conhecimento com a revista "A Mensageira", fato relatado na p. 186 da primeira edição do livro, nos seguintes termos: "There is a bright, clever little magazine published today in São Paulo, in the interests of women and the feminist cause, the Mensageira, owned and edited by Senhora Prisciliana Duarte de Almeida. The history of this paper is a high tribute to the enterprise of this Brazilian woman (...)."; essa obra, cuja 2ª edição, pelo mesmo George Barrie & Son, saiu em 1907, foi incluída por Wilson Martins no rol dos álbuns de luxo que eram subsidiados ou favorecidos pelos governantes brasileiros com evidente finalidade de autopromoção, acabando por funcionar, ironicamente, como "um dos estimulantes mais vigorosos da cobiça internacional" — II(31):148; II(33):182-183.

WYSE, Marie-Laetitia-Studolmine (Marie-Laetitia-Studolmine Wyse, sucessivamente Princesa Bonaparte-Wyse, Madame de Solms, Madame Rattazzi ou Condessa Rattazzi e Madame de Rute, 1831-1902) — polígrafa cosmopolita (nascida na Irlanda, de mãe italiana e pai inglês, radicada em Paris no final do século XIX), jornalista, tradutora, cronista, poetisa, romancista, dramaturga e autora de obras memorialísticas e narrativas de viagem: filha de um parlamentar britânico (Thomas Wyse, falecido em 1862) e de Laetitia Bonaparte-Wyse (1804-1871), filha por sua vez de um irmão de Napoleão I, Lucien Bonaparte (1775-1840), conseqüentemente Marie-Laetitia era prima daquele que se transformaria em 1852 no imperador Napoleão III, mas, ao contrário de sua prima italiana Mathilde-Laetitia-Wilhelmine Bonaparte (1820-1904), que ocupou posição de relevo na corte do Terceiro Império, a futura Madame de Rute incompatibilizou-se com o imperador, sendo expulsa da França em 1853; já casada com Frédéric de Solms desde 1849, permanece algum tempo na Itália e na Savóia; enviuvando, casa-se com o eminente ministro italiano Urbano Rattazzi (1808-1873), na época em que a publicação de seus primeiros romances (considerados licenciosos) começava a gerar escândalo, valendo-lhe nova expulsão da França e duelos para o marido; enviuvando novamente em 1873, casa-se pela terceira vez em 1877, com o deputado espanhol Luis de Rute (falecido em 1889); rica, e definitivamente viúva, vem a estabelecer-se despreocupadamente na Paris "fin de siècle", comandando um salão conhecido pela extrema variedade de seus frequentadores, das mais diversas procedências e dos mais diferentes credos políticos e religiosos; ainda que a crítica do século XX não lhe reconheça méritos literários propriamente ditos, várias obras da Bonaparte-Wyse possuem inegável valor histórico-documental, salientando-se entre estas o autobiográfico "Si j'étais reine" (1868), "L'Espagne moderne" (1879), "Portugal à vol de oiseau" (1880) e o painel histórico-biográfico-sociológico "Rattazzi et son temps" (1881-1887); reforçados os laços ibéricos por seu terceiro casamento, a escritora visitou Portugal e Espanha por diversas vezes, adquirindo domínio sobre as línguas castelhana e portuguesa (o que lhe permitiu, por exemplo, traduzir para o francês o polêmico drama "Um Divórcio" (1879), do jornalista lusitano Antônio Ennes, 1848-1901); mas a escritora já era ridicularizada numa farsa representada em Lisboa em 1879, angariando geral antipatia da imprensa portuguesa (ganhando assim o direito de ser caricaturada por Bordalo Pinheiro) com a publicação do mencionado "Portugal a Vão de Pássaro", livro em que, entre outras impropriedades, comete a deselegância de ironizar o conteúdo dos romances de Camilo Castelo Branco; é preciso reconhecer, porém, que mulheres escritoras ibéricas como a portuguesa Guiomar Torresão (pessoalmente hospedada por Madame de Rute por dois meses, em Paris, em meados de 1885) ou como a espanhola Emilia Pardo Bazán (por ela homenageada em 1899) lhe devem a generosa acolhida que valeu, a ambas essas escritoras estrangeiras, a abertura das "portas de Paris"; a designação pela revista "A Mensageira" dos nomes dos intelectuais brasileiros e portugueses que frequentavam seu salão é igualmente surpreendente, incluindo gente como o socialista Xavier de Carvalho, nosso ex-vice-presidente jacobinista Manuel Vitorino, o abolicionista José do Patrocínio, e artistas do porte do compositor e regente Francisco de Lacerda; notar ainda que dois dos irmãos de Madame de Rute também tiveram projeção literária em campos específicos: William Bonaparte-Wyse (1826-1892) notabilizou-se como poeta versado nas línguas provençal e catalã, enquanto Lucien-Napoléon Bonaparte-Wyse (1847-1909), explorador da marinha francesa, deixou importantes relatos de viagens à América do Sul, tendo

#### Anexo IV

participado de estudos preliminares para a abertura do canal do Panamá; uma irmã, conhecida como Adelina Türr (1839-1899), foi casada com o patriota húngaro Stefano Türr (1825-1908), que entrou para história italiana como chefe militar colaborador de Garibaldi na campanha de 1860 (chegando a exercer a função de governador de Nápoles, cujo rei ajudara a destronar) — II(27):68; II(28):75; II(29):115 e 116.

XAVIER, Edmundo — médico estabelecido na capital paulista, lente de química inorgânica, mineralogia e hidrologia da Escola Livre de Farmácia de São Paulo (1899); aparece nesse mesmo ano como proprietário do Instituto Eletroterápico paulistano — II(26):47.

XAVIER, Joaquim José da Silva (o Tiradentes, 1746-1792) — soldado mineiro, dentista prático, um dos líderes da frustrada Inconfidência de 1789; preso, julgado e condenado à morte, foi enforcado no Rio de Janeiro, em 1792, transformando-se no "Mártir da Independência" oficialmente cultuado pela República — I(6):91.

XAVIER, Lindolfo — escritor mineiro, dedicatário de um soneto de Bento Ernesto Júnior — I(12):187.

XAVIER DA VEIGA, José Pedro — v. VEIGA, José Pedro Xavier da. □

XAVIER DE CARVALHO — v. CARVALHO, Xavier de. □

XAVIER DE CARVALHO, MADAME — v. CARVALHO, Blanche Xavier de. □

XAVIER DE TOLEDO, DOUTOR — v. TOLEDO, José Xavier de, DOUTOR. □

YUNKA, Paul, MADAME — v. MADAME PAUL YUNKA. □

ZACHAM BERALT, Blanche, MADAME — v. BERALT, Blanche Zacham. □

ZALUAR, Augusto Emilio (1825-1882) — polígrafo português, radicado no Brasil desde 1849; de sua extensa produção literária, sobreviveu um relato de viagem ("Peregrinação pela Província de São Paulo", editado no Rio de Janeiro, em 1863), historicamente relevante — II(34):190.

ZAPOLSKA, Gabryela (pseudônimo de Gabryela Korwin-Piotrowska, 1860-1921) — romancista e dramaturga polonesa; casou-se muito jovem com um oficial de cavalaria, deixando-o para estabelecer-se em Varsóvia como atriz, ao mesmo tempo que começava a divulgar seus escritos pela imprensa da capital polonesa; permanecendo em Paris entre 1889 e 1895 (já romancista consagrada), assimilou novas técnicas de representação que a tornaram uma das mais hábeis dramaturgas europeias de seu tempo; transitou sucessivamente pela estética romântico-patriótica, realista e naturalista, mas considera-se como sua obra-prima uma peça da maturidade ("A Moralidade da Senhora Dulka", 1907), sátira mordaz à moral burguesa, que transcende questões de estilo — I(5):79.

ZAYAS BAZÁN, MADAME V. de — v. BAZÁN, V. de Zayas, SENHORA. □

ZÉ FALSTAFF (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.

ZENÓBIA DO CARMO — v. CARMO, Zenóbia do. □

ZICA MONTEIRO (apelido da cantora lírica Maria Monteiro) — v. MONTEIRO, Maria. □

ZOLA, Émile (1840-1902) — escritor francês (crítico literário, dramaturgo, libretista, contista, cronista e, principalmente, romancista excepcional), autor de textos inspirados em propostas do socialismo utópico, representante máximo do cientificismo no campo literário, definidor do "romance experimental" e do "teatro naturalista", além de apóstolo do engajamento do intelectual nas lutas sociais, postura colocada em prática no célebre "caso Dreyfus" (valendo-lhe, a publicação do manifesto "J'accuse!", em 13 de janeiro de 1898, um processo do qual resultou sua condenação e exílio): contemporânea com relação aos fatos do "affaire Dreyfus", a revista "A Mensageira" registra manifestações favoráveis e contrárias a Zola (estas últimas explicitadas na crônica do professor João Vieira de Almeida, no nº 11) — I(5):79; I(6):86; I(11):163, 164 e 168-169; I(13):205; I(22):344; II(28):95; II(29):101; II(34):200.

ZRINYI, Miguel (Miklós Zrinyi, 1620-1664) — poeta e prosador barroco, considerado o primeiro grande escritor leigo da literatura húngara; culto e erudito, pertencente à nobreza católica, teve atuação literária e militar relevante, incluindo-se na corrente nacional vinculada à Contra-Reforma — II(26):43.

ZULMO MARCO (pseudônimo de integrante do grupo boêmio paulistano "Cabaré do Sapo Morto") — I(3):48.

## **ANEXO V**

### **Dicionário Biobibliográfico de Colaboradores e Colaboradoras da Revista**

Incluindo apenas os escritores e escritoras  
cuja participação na revista  
permitiu seu enquadramento  
na acepção mais estrita de  
"colaboração",  
este anexo só abrange  
as 74 personalidades destacadas com negrito  
no anexo anterior (Anexo IV).

Os critérios para sua elaboração  
foram expostos na segunda parte do Cap. II  
(especialmente na nota 51).

No caminho inverso,  
o asterisco assinala aquelas personalidades  
representadas no onomástico geral (Anexo IV),  
quer se tratem, ou não,  
de colaboradores da revista.

## ANEXO V

### (DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE COLABORADORES E COLABORADORAS DA REVISTA)

Nominata dos 74 autores e autoras que colaboram em "A Mensageira":

|   |   |
|---|---|
| <p>AARÃO, Mennel<br/>           ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de<br/>           ALMEIDA, João Vieira de<br/>           ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE<br/>           ALMEIDA, Júlia Lopes de (pseudónimo: Écila Worms)<br/>           ALMEIDA, Prisciliana Duarte de (pseudónimo: Perpétua do Vale)<br/>           ALMEIDA, Sílvio de (Sílvio Tibiriçá de Almeida)<br/>           AMÁLIA, Narcisa<br/>           AMARAL, Amadeu<br/>           ANDRADE, Artur<br/>           ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho<br/>           ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de<br/>           AZEVEDO, Josefina Álvares de<br/>           B.<br/>           BARROS, V. M. de<br/>           BARROSO, Francisco<br/>           BLOEM, Antero<br/>           CARDONA, Ibrantina<br/>           CARNEIRO, Belamino (pseudónimo: C. Brunetto)<br/>           CARVALHO, António dos Reis (pseudónimo: Oscar d'Alva)<br/>           CARVALHO, João Cândido de<br/>           CARVALHO, Xavier de<br/>           CLOTILDE, Francisca<br/>           CORREIA, Raul<br/>           CORTINES, Júlia<br/>           CUNHA, B. da<br/>           ERNESTO JÚNIOR, Bento<br/>           FERNANDES, Carlos Dias<br/>           FERREIRA, Ridelina (pseudónimo de Camila Riedel)<br/>           FORTES, Cândida<br/>           FRANCO, Anália<br/>           FREITAS, Leopoldo de<br/>           GÓIS, Carlos<br/>           GÓIS, Eurico de<br/>           GONÇALVES, Ricardo Mendes<br/>           IPOMÉIA (pseudónimo)<br/>           JUCA, Adélia (Adélia Jucá Casado Lima)<br/>           JUCA, Cipião<br/>           LEMOS, Maria Emília<br/>           LENTZ, Stella<br/>           LINS, Francisco<br/>           MARTINS JÚNIOR, José Isidoro<br/>           MELO, Revocata Heloisa de<br/>           MONTEIRO, Julieta de Melo<br/>           M.P.C.D. (iniciais de nome)<br/>           NEVES, Aurélio<br/>           P., OLGA<br/>           PERCE-NEIGE (pseudónimo)<br/>           PEREIRA, Edwíges R. de Sá<br/>           PERES JÚNIOR, António<br/>           PIRES, Áurea<br/>           PIRES, Trajano<br/>           PISTARINI, Luís<br/>           PORTO, Samuel<br/>           POTONIÉ-PIERRE, Eugénie<br/>           QUEIRÓS, Amadeu de<br/>           RENNOTTE, Maria<br/>           RIBEIRO, Benedito<br/>           ROLIM, Zalina<br/>           SABINO, Inês<br/>           SANTOS, Maria Clara da Cunha<br/>           SENA, Nelson de (pseudónimo: Pelayo Serrano)<br/>           SILVA, Francisca Júlia da<br/>           SILVA, Júlio César da<br/>           SILVEIRA, Delminda<br/>           SOARES JÚNIOR<br/>           SOUSA, Alberto<br/>           SOUSA, Auta de<br/>           TEIXEIRA, Georgina<br/>           VIEIRA, Adélia Amélia Lopes<br/>           VIEIRA, Damasceno<br/>           VIOTTI, Heráclito<br/>           VIOTTI, Manuel (pseudónimo: Elmano do Val)<br/>           VIVEIROS, Helena de</p> | <p>ou: Adélia Jucá Casado Lima<br/>           Adélia Amélia Lopes Vieira<br/>           Alberto Sousa<br/>           Amadeu Amaral<br/>           Amadeu de Queirós<br/>           Anália Franco<br/>           Antero Bloem<br/>           António dos Reis Carvalho (pseudónimo: Oscar d'Alva)<br/>           António Peres Júnior<br/>           Artur Andrade<br/>           Augusto Álvaro de Carvalho Aranha<br/>           Áurea Pires<br/>           Aurélio Neves<br/>           Auta de Sousa<br/>           B.<br/>           B. da Cunha<br/>           Belamino Carneiro (pseudónimo: C. Brunetto)<br/>           Benedito Ribeiro<br/>           Bento Ernesto Júnior<br/>           Cândida Fortes<br/>           Carlos Dias Fernandes<br/>           Carlos Góis<br/>           Cipião Jucá<br/>           Damasceno Vieira<br/>           Delminda Silveira<br/>           Dolores Alcântara Vilhena de Araújo<br/>           Edwíges R. de Sá Pereira<br/>           Eugénie Potonié-Pierre<br/>           Eurico de Góis<br/>           Francisca Clotilde<br/>           Francisca Júlia da Silva<br/>           Francisco Barroso<br/>           Francisco Lins<br/>           Georgina Teixeira<br/>           Helena de Viveiros<br/>           Heráclito Viotti<br/>           Ibrantina Cardona<br/>           Inês Sabino<br/>           Ipoméia (pseudónimo)<br/>           João Cândido de Carvalho<br/>           João Vieira de Almeida<br/>           Josefina Álvares de Azevedo<br/>           José Isidoro Martins Júnior<br/>           José Joaquim Correia de Almeida, Padre<br/>           Júlia Cortines<br/>           Júlia Lopes de Almeida (pseudónimo: Écila Worms)<br/>           Julieta de Melo Monteiro<br/>           Júlio César da Silva<br/>           Júlio Prestes de Albuquerque<br/>           Leopoldo de Freitas<br/>           Luís Pistarini<br/>           Manuel Aarão<br/>           Manuel Viotti (pseudónimo: Elmano do Val)<br/>           Maria Clara da Cunha Santos<br/>           Maria Emília Lemos<br/>           Maria Remotte<br/>           M.P.C.D. (iniciais de nome)<br/>           Narcisa Amália<br/>           Nelson de Sena (pseudónimo: Pelayo Serrano)<br/>           Olga P.<br/>           Perce-Neige (pseudónimo)<br/>           Prisciliana Duarte de Almeida (pseudónimo: Perpétua do Vale)<br/>           Raul Correia<br/>           Revocata Heloisa de Melo<br/>           Ricardo Mendes Gonçalves<br/>           Ridelina Ferreira (pseudónimo de Camila Riedel)<br/>           Samuel Porto<br/>           Sílvio Tibiriçá de Almeida<br/>           Soares Júnior<br/>           Stella Lentz<br/>           Trajano Pires<br/>           V. M. de Barros<br/>           Xavier de Carvalho<br/>           Zalina Rolim</p> |
|---|---|

Nominata dos 74 autores e autoras  
que colaboram em "A Mensageira":

RELAÇÃO DOS 41 COLABORADORES DO SEXO MASCULINO

AARÃO, Manuel  
ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de  
ALMEIDA, João Vieira de  
ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE  
ALMEIDA, Sílvio de  
AMARAL, Amadeu  
ANDRADE, Artur  
ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho  
B.  
BARROS, V. M.  
BARROSO, Francisco  
BLOEM, Antero  
CARNEIRO, Belarmino ("C. Brunetto")  
CARVALHO, Antônio dos Reis ("Oscar d'Alva")  
CARVALHO, João Cândido de  
CARVALHO, Xavier de  
CORREIA, Raul  
CUNHA, B. da  
ERNESTO JÚNIOR, Bento  
FERNANDES, Carlos Dias  
FREITAS, Leopoldo de  
GÓIS, Carlos  
GÓIS, Eurico de  
GONÇALVES, Ricardo Mendes  
JUCÁ, Cipião  
LINS, Francisco  
MARTINS JÚNIOR, José Isidoro  
NEVES, Aurélio  
PERES JÚNIOR, Antônio  
PIRES, Trajano  
PISTARINI, Luís  
PORTO, Samuel  
QUEIRÓS, Amadeu de  
RIBEIRO, Benedito  
SENA, Néison de ("Pelayo Serrano")  
SILVA, Júlio César da  
SOARES JÚNIOR  
SOUSA, Alberto  
VIEIRA, Damasceno  
VIOTTI, Heráclito  
VIOTTI, Manuel ("Elmano do Val")

Nominata dos 74 autores e autoras  
que colaboram em "A Mensageira":

RELAÇÃO DAS 33 COLABORADORAS DO SEXO FEMININO

ALMEIDA, Júlia Lopes de  
ALMEIDA, Prisciliana Duarte de ("Perpétua do Vale")  
AMÁLIA, Narcisa  
ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de  
AZEVEDO, Josefina Álvares de  
CARDONA, Ibrantina  
CLOTILDE, Francisca  
CORTINES, Júlia  
FERREIRA, Rideline (pseudônimo de Camila Riedel)  
FORTES, Cândida  
FRANCO, Anália  
IPOMÉIA (pseudônimo)  
JUCÁ, Adélia  
LE MOS, Maria Emília  
LENTZ, Stella  
MELO, Revocata Heloísa de  
MONTEIRO, Julieta de Melo  
M. P. C. D.  
P., OLGA  
PERCE-NEIGE (pseudônimo)  
PEREIRA, Edwiges R. de Sá  
PIRES, Áurea  
POTONIE-PIERRE, Eugénie  
RENNOTTE, Marie  
ROLIM, Zalina  
SABINO, Inês  
SANTOS, Maria Clara da Cunha  
SILVA, Francisca Júlia da  
SILVEIRA, Delminda  
SOUSA, Auta de  
TEIXEIRA, Georgina  
VIEIRA, Adelina Amélia Lopes  
VIVEIROS, Helena de

AARÃO, Manuel (Manuel Aarão de Oliveira Campos) — II(29):113.

AARÃO, Manuel (Manuel Aarão de Oliveira Campos)

Nascido no interior do Pernambuco, em Afogados da Ingazeira, Manuel Aarão de Oliveira Campos (1873-1930), filho do capitão José Mateus Coimbra Campos e de Francisca Joaquina de Oliveira Campos, aparece como colaborador de diversos periódicos do Rio de Janeiro, de Fortaleza e do Recife, como cultor dos gêneros da poesia, do teatro, do romance, da crítica literária e da filosofia. Nessas atividades utilizou os pseudônimos "M. A.", "Macário, o Secretário" e "Macário Rubens".

Foi funcionário da importante ferrovia The Great Western of Brazil Railway Company — que, já em 1910, interligava os estados da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Pernambuco e de Alagoas. Eleito em 1909 membro da Academia Pernambucana de Letras (fundada em 1901), chegou a desempenhar, nessa agremiação sediada em Recife (cidade onde viria a falecer), as funções de secretário e de presidente.

Estreando com a publicação da coletânea poética *Íntimas* (Recife, 1892), teve diversos volumes editados no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX — entre eles a peça em três atos *Drama de Ódio* (Salvador, Livraria Magalhães, 1900) e os romances naturalistas *A Adúltera* (Salvador, 1897), *Magdá* (Recife, 1898) e *Transfiguração* (1908). Tinhorão (RTFB) informa que este último, o romance *Transfiguração*, apareceu como folhetim entre abril e maio de 1908, no periódico *Jornal Pequeno*, do Recife, "ficando incompleto ante o fechamento do jornal". Mas Wilson Martins (WMIB, VII:459) utilizou-se do volume editado nesse mesmo ano de 1908, em Portugal (Porto, Livraria Chardron), para as detalhadas considerações — em V:382-384 — que desenvolveu em torno de *Transfiguração*: este pretensioso romance de 573 pp., nitidamente influenciado por Eça de Queirós, tem por protagonista um rapaz que acaba de bacharelar-se em direito; mas, em meio a extensas descrições organicistas da psicofisiologia dos personagens, aparece, curiosamente, um romancista que se torna uma verdadeira caricatura de escritor naturalista provinciano (fanático por Zola\*, ele vive à espera de uma carta de seu ídolo para utilizá-la como prefácio para seu próprio romance, pomposamente intitulado *Antros do Recife*).

Mas o romance mais polêmico de Manuel Aarão, que representaria sua contribuição máxima à literatura nacional, ainda estaria por surgir em 1919 — quando é lançado com grande escândalo, no Recife, o anticlerical *O Claustro*. Numa de suas conferências (incluída em RNMT), Rodovalho Neves estende-se em considerações elogiosas a essa obra, chegando a transcrever trechos que dão uma idéia da dureza com que o autor retrata e denuncia a degradação da velha aristocracia e do clero da província. O enredo é sintetizado num só parágrafo: "Cláudia, a figura central do romance, fruto dos amores clandestinos de um sacerdote transviado, recolhe-se à vida conventual, sob pressão da família; e, tempos depois, involuntariamente, incorre no mesmo erro materno. Abandonando o convento é acolhida por um tio solteiro, outrora seu grande apaixonado; recebe-a, de braços abertos, como companheira do fim da vida, adotando-lhe o filho espúrio."

Na revista *A Mensageira* a única colaboração de Manuel Aarão é representada por um poema juvenil, um artificioso soneto em alexandrinos "Volta ao Passado", estampado em II(29):113, sem dedicatória e sem data, com epígrafe extraída do romance *Eurico, o Presbítero*, de Alexandre Herculano\*. Laudelino Freire (LFSB) reproduz um poema de notável semelhança formal (soneto em alexandrinos), "Ninho Abandonado", extraído do volume *Íntimas*. Na coleção completa da revista *O Pão*, da Padaria Espiritual (Fortaleza) — OPFZ — só localizamos um soneto em decassílabos, igualmente não datado e declaradamente inédito, "Ruínas".

Laudelino acompanha Sacramento Blake (SBDB) fornecendo o ano de 1873 como data de nascimento de Manuel Aarão — e não 1876, como aparece em Galante de Sousa e Raimundo de Menezes; aquela data parece mais compatível com a publicação daquele seu primeiro livro de versos no ano de 1892. Acompanhamos também a maioria dos autores ao adotar, para o prenome desse escritor, a forma bíblica, "Aarão" — embora os livros e poemas originais (inclusive em *A Mensageira*) apareçam sempre assinados como "Arão".

As fontes consultadas não esclarecem se o romancista chegou a bacharelar-se pela Faculdade de Direito do Recife; mas Sacramento Blake dá a entender que sim (mencionando, inclusive, sua condição de presidente do Grêmio Tobias Barreto, na juventude). A condição de maçom de Manuel Aarão é igualmente digna de nota: tanto Nicola Aslam (NAMB) como Werneck Sodré (WSIB) incluíram em suas bibliografias uma sua *História da Maçonaria* (Recife, 1926) que deve ter sido uma das primeiras obras no gênero publicadas no Brasil.

Fontes: ACLB (vol. III, pp. 246-247); GSTB (vol. II, p. 7); LFSB (fl. 301); MSRA (p. 342); NAMB (p. 419); OPFZ (ano II, nº 7, ref. a 1º de janeiro de 1895, p. 2); RMDL (pp. 1 e 733); RNMT ("Manoel Arão: O Grande Passional — Mestre e Companheiro", pp. 97-119); RTFB (pp. 83-84); SBDB (vol. VI, p. 25); WMIB (vol. IV: p. 430, vol. V: pp. 10, 58, 123, 138 e 382-384, vol. VII: p. 459); WSIB (p. 518).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 301).

ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de — II(28):95; II(34):198.

ALBUQUERQUE, Júlio Prestes de

O paulista de Itapetininga, advogado provisionado, Fernando Prestes de Albuquerque\*, eleito deputado estadual em 1892, ganhou a patente de coronel da Guarda Nacional em 1893, ao combater contra os rebeldes federalistas, ao lado das forças legalistas (que apoiavam o presidente Floriano Peixoto\*); eleito deputado federal

em 1895, transfere-se para o Rio de Janeiro — de onde retorna em fins de 1898 para assumir o cargo de Presidente do Estado de São Paulo, vago pela elevação de Campos Sales\* à Presidência da República; só deixará esse cargo em maio de 1900, ao dar posse ao Presidente do Estado então eleito, Rodrigues Alves. É ele, portanto (Fernando Prestes) o Presidente do Estado de São Paulo correspondente ao ano II da revista *A Mensageira*.

Seu filho Júlio Prestes de Albuquerque (1882-1946), nascido em Angatuba (comarca de Itapetininga), frequentará a Faculdade de Direito de São Paulo entre 1902 e 1906 — mas ainda está cursando, na época da virada do século, o Ginásio do Estado da capital paulista, escola da qual Sílvio de Almeida\*, marido da diretora de *A Mensageira*, é professor concursado desde 1895.

Ainda muito jovem, Júlio Prestes alista-se no Partido Republicano Paulista e assume a carreira política, elegendo-se sucessivamente, a partir de 1909, deputado estadual e deputado federal, tornando-se líder da bancada paulista em 1922; em 1927 é eleito Presidente do Estado de São Paulo para o período de 1927 a 1931 — licenciando-se deste cargo em 1929 para candidatar-se à Presidência da República. Fora escolhido pelos situacionistas para suceder Washington Luís, e é efetivamente eleito em 1º de março de 1930, mas essa conjuntura configurava quebra da política de alternância do poder entre paulistas e mineiros ("política do café-com-leite"), deflagrando a reação da Aliança Liberal, que congregava os mineiros, gaúchos e nordestinos derrotados nas urnas. Enquanto Júlio Prestes, já proclamado Presidente da República pelo Congresso Nacional, viaja para o exterior, os chefes militares da Revolução de 30 tramam a deposição de Washington Luís — levada a cabo em 24 de outubro, três semanas antes da data prevista para a posse de Júlio Prestes. Automaticamente exilado pelo rumo dos acontecimentos, Júlio Prestes só retorna ao Brasil em 1934, abandonando definitivamente a carreira política para dedicar-se à lavoura.

Célio Debes discorda do consenso estabelecido em torno de uma imagem pálida e inerte de político frustrado, lembrando que Júlio Prestes foi um jovem dinâmico, de caráter combativo, além de orador convincente e advogado muito atuante. É essa a imagem transmitida, efetivamente, por sua antiga biografia oficial, incluída no volume *Câmara dos Deputados do Estado de S. Paulo: 1919-1924* (CDEP), que ainda acrescentava as seguintes considerações: "Homem de letras, senhor de copiosa cultura, o Dr. Júlio Prestes ocupa um lugar de relevo no meio intelectual paulista, onde, desde o período acadêmico, se fez notar não só pelos seus discursos, como pelas cintilações de seus dotes poéticos."

Boa parte de sua produção poética teria permanecido esparsa por diferentes periódicos da capital e do interior paulista. Mas sua bibliografia inclui livros de poesia como *Venâncio Aires* (1903) e *Vida e Forma* (coletânea de sonetos alexandrinos) — além da obra *No Rancho de Paranapiacaba*, editada em 1932.

Sabe-se que sua colaboração na imprensa acadêmica, em periódicos como *O Verbo* (fundado em 1903) remonta aos tempos de calouro de direito; e, antes de se formar, Júlio Prestes une-se a René Thiollier e Mario Polto, seus colegas de turma, para fundar sua própria revista literária, *A Musa* (1905). Mas, bem antes disso (ainda adolescente e ginásiano) já dirigia a revista cultural paulistana *A Cecília* (fundada em 1897), conforme registro publicado na própria *A Mensageira* em II(28):95, em maio de 1899; por essa época, aliás, *A Cecília* deixava de circular como jornal para se transformar em revista (cf. HGSP), acolhendo a colaboração de poetas que frequentavam as páginas da *Mensageira* (como Júlio César da Silva\* e Ricardo Mendes Gonçalves\*), além da própria diretora da revista, Prisciliana Duarte de Almeida\*. No Rio, o *Almanaque Brasileiro Garnier* para 1904 reproduz um de seus sonetos.

De certa forma, Laudelino Freire consagra-o como poeta, em 1916, ao incluir um soneto de Júlio Prestes em sua seleta antologia de sonetos brasileiros (LFSB). No entanto, o soneto em versos alexandrinos "Incêndio" — que corresponde à sua única colaboração na *Mensageira*, publicada em novembro de 1899, em II(34):198 — não permite a caracterização de méritos artísticos, não excedendo o nível da curiosidade histórica: sem dedicatória e sem data, trazendo a observação de tratar-se do 18º poema de uma coletânea intitulada *Campesinas* (inérita?), este soneto, em que se pretende descrever o quadro dramático de um incêndio na mata, demonstra apenas a excessiva preocupação do estudante colegial em pesquisar sonoridades raras e ostentar um vocabulário sofisticadamente rebuscado.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1904: soneto "Sorrimos e Choramos", p. 270); AMSP (monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); CDEP (pp. 65-67); CMAP (pp. 22-23); HGSP (p. 89 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", 1986, vol. LXXXI, pp. 45-111); LFSB (fl. 416); NDHB (p. 484); PHSP (conferência de Célio Debes: "A Trajetória de Júlio Prestes de Albuquerque", 1982, n° 2, pp. 167-188); RAHG (pp. 125-126 e 136-138); RMDL (p. 14).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 416); clichê fotográfico reproduzido em CDEP (pp. 19 e 65).

ALMEIDA, João Vieira de — I(1):12-13; I(2):21-23; I(3):33-35; I(4):54-56 e 62; I(5):65-67; I(6):88-89 e 96; I(7):112; I(8):120-122; I(9):135-137; I(10):152-154 e 158; I(11):167-169; I(13):203-204; I(15):240; II(28):95; II(36):235-236.

ALMEIDA, João Vieira de

Embora a literatura a respeito deste professor secundário de latim, francês e língua portuguesa seja escassa, obscura e às vezes contraditória, pode-se afirmar que João Vieira de Almeida (? - 1912) nasceu na cidade paulista de Porto Feliz em meados do século XIX (por volta de 1840, possivelmente), vindo a falecer (em São Paulo-Capital, presumivelmente) em 19 de junho de 1912.



Em seu tempo o sobrenome Almeida na região ituana implicava, na maioria dos casos, genealogia remontando às tradições bandeirantes do século XVII, mas é provável que Vieira de Almeida tenha tido origem humilde e formação autodidática — ocorrência comum entre os intelectuais de sua geração que se dedicavam ao magistério secundário —, estabelecendo-se como mestre na capital paulista já na década de 1880. Mas em 1858 o almanaque provincial de Azevedo Marques (ADSP) ainda arrola-o entre os funcionários públicos do município de Porto Feliz (como ajudante da agência de correios local); e, em 1873, o almanaque provincial de Luné & Fonseca (APSP) registra-o como membro (secretário) da Irmandade do Santíssimo Sacramento e professor particular estabelecido em Porto Feliz — na mesma época em que seu conterrâneo César Mota\* ainda exercia a medicina na cidade natal.

O verbete de Sacramento Blake (SBDB), publicado em 1898, já o menciona como titular da 2ª cadeira de português da Escola Normal de São Paulo (circunstância confirmada por Casemiro dos Reis Filho em RFEL) e como autor de dois livros: *Pontos de Francês* (São Paulo, 1887, curso destinado aos "preparatórios", isto é, à instrução de candidatos a cursos superiores) e *O Segredo da Solteirona* (São Paulo, 1889), tradução de texto de autor não especificado — talvez do romance homônimo de E. Marlitt, pseudônimo da escritora Eugénie John (1825-1887), mencionado pelo frei Pedro Sinzig em PSAR. Em 1893 Vieira de Almeida teria colaborado ainda para a reedição póstuma da *Gramática Portuguesa* de Júlio Ribeiro\*, considerada na época como das mais completas em seu gênero.

A amizade entre Almeida e Júlio Ribeiro, ambos professores de português, data provavelmente do início da década de 1880 — ocasião em que, residindo ambos na cidade de Campinas, SP, tiveram convivência mais estreita, Ribeiro como professor simultaneamente do Colégio Florence e do Colégio Culto à Ciência, Almeida como professor do Culto à Ciência. Dessa amizade ficou, inclusive, um outro testemunho: o nome de "J. V. de Almeida" figura entre os dedicatários do célebre romance *A Carne*, publicado em 1888 (a dedicatória principal do mesmo dirige-se, no entanto, a Émile Zola, autor detestado por Almeida). A passagem de João Vieira de Almeida por Campinas é documentada também por Leopoldo Amaral (1856-1938) em LACR e por Carlos Francisco de Paula (1884-1963) em FPCC; esses dois historiadores campineiros devem tê-lo conhecido pessoalmente.

Em São Paulo, Vieira de Almeida ainda tem alguma atuação política no início da década de 1890: discordando da deposição de Américo Brasiliense da Presidência do Estado de São Paulo, em fins de 1891 (Brasiliense apoiara o golpe de estado de Deodoro da Fonseca e, com a renúncia deste, é forçado a abandonar o cargo recém-conquistado), une-se a Martim Francisco Ribeiro de Andrada III (1853-1927) e a Hipólito da Silva\* para editar, a partir de meados de 1892, o periódico *O Autonomista*, de oposição ao governo de Bernardino de Campos (cf. BADH). Em 1894, participa da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, ao lado de Sílvio de Almeida\*, seu colega no magistério oficial paulistano, igualmente preocupado com questões de filologia e história regional. Coube a Vieira de Almeida projetar o sinete adotado para a identificação do Instituto Histórico e Geográfico.

Os nomes dos professores Vieira de Almeida e Sílvio de Almeida ainda aparecerão associados, no início do século XX, quando o primeiro figurar na relação de professores do liceu particular "Instituto Sílvio de Almeida", instalado por essa época no elegante bairro paulistano dos Campos Elísios (cf. anúncio de 1905 publicado no AGRJ).

De sua participação como colaborador de diversos periódicos paulistanos surge uma amostra num registro feito pela própria *A Mensageira* em 1899 — em II(28):95: Vieira de Almeida tem um texto seu incluído no primeiro número do mensário campineiro *Revista Contemporânea* (dirigido por João Ribas d'Ávila\*), aparecendo ao lado de notórios escritores da cidade de Campinas, como Abílio Álvaro Miller\*, Leopoldo Amaral\* e Benedito Otávio\*.

Mas as marcas deixadas pelo professor vão desaparecendo justamente na virada do século, coincidindo com o lançamento de *Pátria* (São Paulo, Casa Editora Eclética, 1899), livro de leituras patrióticas direcionado para os jovens colegiais brasileiros; a importância histórica dessa obra, precursora da política de substituição dos antigos textos paradigmáticos europeus (política que culminará no início do século XX com a publicação de uma série de livros mais propriamente ditos "nacionais") é estabelecida por Leonardo Arroyo em LALI.

Ao pronunciar, em 1912, o breve elogio fúnebre publicado pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (HGSP), Afonso d'Escagnolle Taunay limita-se a tecer considerações retóricas (que poderiam ser sintetizadas na frase: "De sua vida há pouco a dizer, não teve grandes lances: foi singela e afanosa"), com poucas informações objetivas a respeito do homenageado. A impressão que se tem, de fato, é de que Vieira de Almeida pode até ter se caracterizado por uma atuação mais democrática em sua juventude — mas sua colaboração em *A Mensageira* serve apenas para esboçar o perfil de uma melancólica figura reacionária, anti-republicana e ultramontana.

Utilizando-se do espaço que lhe é reservado nos sete primeiros meses de circulação da revista (outubro de 1897 a abril de 1898) — espaço correspondente a duas páginas por vez (isto é, a quatro colunas de texto) —, Vieira de Almeida mantém sempre o mesmo padrão de desenvolvimento de suas crônicas quinzenais: apresenta um mote; desenvolve-o livremente, correlacionando-o com o "momento atual"; encerra o texto com a reapresentação do mote.

Assim, não é difícil resumir, em poucas linhas, o conteúdo de toda a sua intervenção na revista:

1ª "Crônica Onimoda" — I(1):12-13 — Partindo do tema das grandes viagens exploradoras do final do século XV (cujo 4º centenário está sendo comemorado), ironiza os atuais exploradores e prevê a invasão dos novos territórios conquistados pelo consumismo desenfreado.

2ª "Crônica Onimoda" — I(2):21-23 — Encerradas as comemorações do mês de Maria (então realizadas em setembro e não em maio, como atualmente), defende a ordem dos dominicanos da fama de ferozes inquisidores, estigma associado à desumana atuação de Torquemada\*.

3ª "Crônica Onimoda" — I(3):33-35 — Condenando a atuação política feminina, seja pelas armas, seja pelo voto, lembra que a República Brasileira está comemorando oito anos e faz um balanço negativo da atuação dos

primeiros governos republicanos; lamenta que Pedro II\* e Teresa Cristina\* tenham sido tão impiedosamente desterrados e teme que a anarquia se instaure de vez com a entronização das mulheres na política.

4ª "Crônica Onímoda" — I(4):54-56 — Associa o final de mais um ano letivo à tradicional vocação da capital paulista: mesmo "ianqueificada", São Paulo confirmou sua liderança no campo do ensino, tornando-se uma "Atenas do Sul", embora ainda lhe faltem uma Academia de Belas-Artes e um Conservatório de Música.

5ª "Crônica Onímoda" — I(5):65-67 — Estando próximo o natal de 1897, ocasião propícia para abusos de toda ordem, exorta os jovens à sobriedade e à temperança.

6ª "Crônica Onímoda" — I(6):88-89 — Ao encerrar-se o ano de 1897, faz um balanço apocalíptico, concluindo que o período caracterizou-se pela nefasta somatória de peste, fome e guerra.

7ª "Crônica Onímoda" — I(8):120-122 — Ao abrir-se o ano de 1898, vê ameaças no horizonte: estivemos próximos de assistir a um novo conflito diplomático entre o Brasil e a Itália; Campos Sales\* já se considera eleito para suceder Prudente de Moraes\* na Presidência da República e nem se preocupa em apresentar um programa de governo.

8ª "Crônica Onímoda" — I(9):135-137 — O carnaval de 98 se aproxima: o professor alerta seus leitores conta "o culto desavergonhado da Carne".

9ª "Crônica Onímoda" — I(10):152-154 — A quaresma que se inicia é uma boa oportunidade para os fiéis, penitenciando-se, meditem e se armarem contras as investidas do Tentador.

10ª "Crônica Onímoda" — I(11):167-169 — O final do século parece caminhar em direção a guerras e conflitos generalizados: a questão Zola-Dreyfus, por exemplo, "degenerou em *semitismo*" e já repercute até mesmo no Brasil; o "internacionalismo" ameaça desembocar no socialismo inimigo da religião.

11ª "Crônica Onímoda" — I(13):203-204 — Aproximando-se a Semana Santa de 1898, a agonizante economia do final do governo de Prudente de Moraes pode ser comparada ao Cristo, escarnecido, flagelado e crucificado.

Note-se que a partir do nº 7 — confronte-se I(7):112 — começam a surgir indícios de choque entre Vieira de Almeida e a diretora da revista: nas "notas pequenas" desse número, Prisciliana Duarte de Almeida\* insere o comentário de que a "Crônica Onímoda" não está circulando nessa edição devido ao fato de o texto ter "chegado à última hora", tornando pública sua censura ao professor. A mesma situação se repete no nº 12 (referente a 31 de março de 1898), quando a crônica quinzenal deixa de circular, aparecendo pela última vez (com data de 27 de março) no nº 13, referente a 15 de abril — desta vez sem nenhuma nota explicativa. Já a partir do nº 8 a publicação da coluna passara a ser feita em espaços menos nobres da revista. Descartada a continuidade da participação de Vieira, a revista livrava-se da presença dissonante de um escritor "velho" e retrógrado (e de suas opiniões pessimistas e carolas); de alguém capaz de insinuar que as obras de Zola\* (um dos ícones daquele final de século) não têm valor nenhum; de dizer que a mobilização internacional em torno do caso Dreyfus\* dissimulava uma conspiração socialista — justamente na época em que se acumulavam as evidências da inocência do capitão condenado à prisão perpétua e se impunha a revisão do processo. Prisciliana terá ocasião de vingar-se dessas colocações no nº 27, estampando na capa o retrato de Madame Dreyfus\* e dedicando a essa heroica figura de esposa o editorial dessa edição; as menções ofensivas a Louise Michel também serão compensadas pela reprodução de textos relativos a essa conhecida revolucionária francesa.

A respeito de Vieira de Almeida aparecem ainda menções nominais, elogiosas, em I(4):62, I(6):96, I(10):158 e I(15):240 — correspondentes a registros de sua participação em *A Mensageira*, por seus amigos da imprensa (procedentes, pela ordem, dos jornais *Cidade de Campinas*, *Correio Paulistano*, novamente *Cidade de Campinas* e do *Diário Popular*, de São Paulo). Nessas breves menções, fala-se do "espírito religioso" do autor; comentários a respeito de seu estilo rebuscado e despropositadamente pedante (mesmo para a época) transformam-se em alusões a seu "português castiço" e à sua "pena corretíssima". O último número da revista traz — em II(36):235-236 — a resenha crítica elaborada por Sílvio de Almeida por ocasião do lançamento do referido *Pátria* (1899).

Resta dizer que, se existe parentesco entre João Vieira de Almeida e o casal de mantenedores da revista *A Mensageira* (Prisciliana Duarte de Almeida e Sílvio de Almeida), esse parentesco é remoto, estabelecendo-se por intermédio de antigos troncos paulistas do século XVII, mas também não se pode excluir seu parentesco com o pintor ituano José Ferraz de Almeida Júnior\*.

Fontes: ADSP (p. 348); AGRJ (almanaque para o ano de 1905: p. 45); APSP (pp. 368 e 369); BADH (verbetes referentes a Martim Francisco Ribeiro de Andrada III e José Hipólito da Silva Dutra, respectivamente pp. 34-35 e 172-173); FPCC (pp. 23 e 24); HGSP (vol. XVII, referente a 1912: necrológio de João Vieira de Almeida por Afonso d'Escagnolle Taunay, p. 488, voto de pesar por seu falecimento no mesmo volume, p. 510 + vol. LX: índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista, 1964, p. 16); JRAC (dedicatórias do romance *A Carne*, p. 5); LACR (p. 49 do texto "Culto à Ciência — Ginásio: Notícia Histórica", pp. 41-58); LALI (pp. 164, 183 e 231); RFEL (cap. III, item 5.1, "A Escola Normal de 1890", p. 55); SBDB (vol. IV, p. 66); WMIB (vol. IV, p. 376).

ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE — I(6):90; I(8):128; I(11):165-167; I(15):240; II(27):59 e 70; II(29):105.

ALMEIDA, José Joaquim Correia de, PADRE

Mineiro de Barbacena, José Joaquim Correia de Almeida (1820-1905) era filho do advogado Fernando José de Almeida e de Bárbara Marciana de Paula. Estudando humanidades, música e filosofia na vizinha São João del-Rei, começa a lecionar já em 1841.

Depois de complementar seus estudos eclesiásticos no Seminário de Mariana, ordena-se padre secular, em 1884. Retornando à cidade natal, ocupará o cargo de professor de latim durante 30 anos (até sua aposentadoria).

Começando pela divulgação de um *Hino à Maioridade de S. M. o Sr. D. Pedro* (1840), que chegou a ser musicado, dedica-se à produção de enorme quantidade de poemas — satíricos, em sua grande maioria.

Superado o trauma de ter sido processado e condenado à prisão (da qual escapou graças ao indulto do Imperador), por seu envolvimento indireto na Revolução Liberal de 1842, retoma a elaboração de poemas — que, depois de divulgados esparsamente em periódicos (mineiros, principalmente) vão sendo reunidos em livro, numa longa série de *Sátiras, Epigramas e Outras Poesias*, publicada em sete volumes, no Rio de Janeiro, entre 1854 e 1879.

Seguem-se o "poema heróico-cômico-satírico" *A República de Tolos* (Rio, 1881), *Sonetos e Sonetinhos* (em dois volumes, Rio, 1884 e 1887), *Notícia da Cidade de Barbacena* (única obra em prosa do escritor, Rio, 1883), *Sensaborias Métricas ou Versos Piegas* (Rio, 1892), *Decrepitudes Metromaniacas* (Rio, 1894), *Produções da Caducidade* (Rio, 1896) e os três últimos lançamentos, já editados na cidade de Barbacena: *Chocha Prosa Rimada* (1904), *Agudezas Rombas ou Versos Prosaicos* (1904) e *Delicadezas Grossas ou Versos Inversos* (1905).

Nesse meio tempo, angaria admiradores (alguns deles de vulto, como os portugueses Antônio Feliciano de Castilho\* e Camilo Castelo Branco\*) e grandes inimigos, como Bernardo Guimarães\*, com quem polemizou duramente, pela imprensa, em 1859 (cf. AGEI).

Correia de Almeida faleceu em Barbacena, em 6 de abril de 1905, sendo sepultado no cemitério existente nas proximidades da igreja da Boa Morte. Quatro anos depois o poeta mineiro Francisco Lins\* (outro colaborador de *A Mensageira*), um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, o homenagearia escolhendo-o para patrono da cadeira nº 15 (atual nº 19). O *Almanaque Garnier* (AGRJ), que registrou seus últimos lançamentos, publicou seu necrológio na edição para o ano de 1907.

A colaboração do padre em *A Mensageira* aparece inicialmente no nº 6 — em I(6):90 —, último número do ano de 1897, na ocasião em que o mineiro remete de Barbacena (datando-o de 9 de dezembro de 1897) o soneto "Agradecimento", feito especialmente para homenagear a revista, poema do qual consta uma pequena nota que remete ao seu recém-lançado *Produções da Caducidade* (de 1896), seu 15º livro.

No noticiário do nº 8 — em I(8):128 —, Prisciliana Duarte de Almeida\* (talvez sua parenta) acusa o recebimento dos volumes correspondentes a *Sonetos e Sonetinhos* (de onde transcreve um "sonetinho" em redondilha maior) e às referidas *Produções da Caducidade*, mencionando também as *Sensaborias Métricas* (de 1892).

Em I(11):165-167, no número correspondente a 15 de março de 1898, surge o extenso poema "Ele ou Ela", datado de "Barbacena, 24 de fevereiro de 1898", composto em quadras de versos em redondilha maior, no qual o padre-poeta discute (em circunlóquios) se na espécie humana é mais belo o macho ou a fêmea. Mais uma vez, como já ocorria no "sonetinho" reproduzido no nº 8, são emitidos (a respeito dos papéis femininos) conceitos discutíveis e retrógrados, de certo modo desabonadores — algo que pode ser observado, igualmente, no soneto "Feminismo" (reproduzido por Magalhães Júnior em MJHS), que não deixa dúvidas quanto a seu posicionamento machista, pela maneira caricata com que descreve uma assembléia de mulheres.

Torna-se difícil entender, assim, a maneira como o padre é prestigiado neste periódico paulistano, tendo-se que recorrer a explicações de caráter circunstancial (além de conhecido em todo o Brasil — transferindo prestígio para a revista, conseqüentemente —, o quase octogenário poeta, decano dos colaboradores do periódico, tomou a iniciativa de homenagear *A Mensageira* com um poema e ainda presenteia a redação com exemplares de seus livros).

As menções restantes a seu nome são ocasionais: em I(15):240, transcreve-se a referência do periódico carioca *O Debate* aos "versos adoráveis" do padre; em II(27):59 Maria Clara da Cunha Santos\* fala elogiosamente, em sua coluna "Carta do Rio", das *Puerilidades de um Macróbio* (cujo recebimento acusara-se no nº 8). Em II(27):70 Prisciliana assinala a publicação do retrato do padre no segundo ano do *Almanaque de Juiz de Fora* (1899), ao lado de dois outros homenageados, Aurea Pires\* e Augusto de Lima\*. Em seu poema "Domingo de Ramos", publicado em II(29):105 (datado de São João del-Rei, 31 de março de 1899), Aurea Pires também homenageia Correia de Almeida, apontando-o como dedicatário de seu texto; não é improvável que ambos tenham se encontrado nesses tradicionais festejos da Semana Santa, famosos por sua pompa, realizados anualmente em São João del-Rei (cidade onde a poetisa residia, por essa época).

Fontes: AGEI ("O Crítico da Atualidade", cap. 23, pp. 106-108); AGRJ (almanaque para o ano de 1906: pp. 350 e 352, almanaque para o ano de 1907: pp. 375 e 379, esta última correspondendo à localização do necrológio); EDJ (vol. I, p. 369); HTNB (p. 183); JBRJ (artigo de Escragolle Dória, "O Que Foi e o Que é Barbacena": anuário do *Jornal do Brasil* referente a 1925, pp. 173-176 + a matéria "O juiz quando é bigorna", que inclui duas quadrinhas do padre, na mesma edição do anuário, p. 382); LFSB (fl. 35); MJHS (reprodução de cinco poemas de Correia de Almeida, pp. 51-53); MOLM (pp. 187, 199 e 260); OPFZ (quatro poemas de Correia de Almeida veiculados por este periódico cearense — nº 9: p. 2, nº 13: p. 3, nº 23: p. 5, nº 25: p. 5); POJF (p. 190); RMDL (pp. 23 e 728); SBDB (vol. IV, pp. 472-475); WMB (vol. IV: pp. 108, 210, 347, 448 e 550); WRCM (pp. 91 e 91-92, incluindo a reprodução de uma sátira).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 35); fac-símile da página de rosto do último livro de Correia de Almeida em HTNB (p. 183).

ALMEIDA, Júlia Lopes de — I(1):1, 3-5 e 14; I(2):31 e 32; I(3):38, 41, 44 e 48; I(4):60 e 61; I(5):76; I(6):85-87, 92-93 (sob o pseudônimo de ÉCILA WORMS) e 95; I(7):105; I(8):113-115; I(10):156, 157 e 159; I(13):208; I(14):213-215; I(15):240; I(16):256; I(18):273-277; I(20):305; I(21):328; I(22):343; I(24):369 e 370-372; II(27):65-66 (igualmente sob o pseudônimo de ÉCILA WORMS); II(28):73-76 e 96 (menção a ÉCILA WORMS); II(29):97 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da escritora), 98-101 e 106-107; II(30):129; II(32):156; II(34):186-187 (referência a ÉCILA WORMS) e 195; II(35):213; II(36):224-229 e 240.

ALMEIDA, Júlia Lopes de

A mais ilustre colaboradora de *A Mensageira* corresponde àquela que, cem anos depois, ainda pode ser apontada como a maior mulher escritora brasileira da virada do século: a polígrafa carioca Júlia Lopes de Almeida (1862-1934).

Embora suas produções apareçam assinadas simplesmente como de autoria de "Júlia Lopes" ao longo dos anos 1880, década inicial de uma carreira brilhante que se desdobrará por mais de cinquenta anos, a escritora, nascida no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862 e falecida nessa mesma cidade em 30 de maio de 1934, tem por nome de batismo Júlia Valentina da Silveira Lopes.

Seus pais (ambos nascidos em Lisboa em 1830) são o professor Valentim José da Silveira Lopes\* (1830-1915) e a professora Antônia Adelina do Amaral Pereira (1830-1895), formada em canto, piano e composição pelo Conservatório de Lisboa. Casados desde 1849, ambos emigram para o Brasil em 1857, depois de terem participado, na capital portuguesa, de um período de experimentações pedagógicas de inspiração iluminista e socialista utópica deflagrado pelo movimento revolucionário de 1851 — movimento que, liderado por um neto do Marquês de Pombal (o Duque de Saldanha) e assumido oficialmente, na área de instrução pública, pelo escritor Antônio Feliciano de Castilho\* (1800-1875), impôs à rainha Maria II as reformas que receberam o nome de Regeneração Portuguesa.

O casal chega ao Brasil trazendo já três de seus filhos (que se tornarão sete com o nascimento, em solo brasileiro, dos quatro restantes): Adelina Amélia da Silveira Lopes (1850-1923?), que se tornará conhecida (em suas atividades de poetisa, contista, dramaturga, tradutora, professora pública primária e regente coral) pelo nome de casada, Adelina Amélia Lopes Vieira\*; Maria José da Silveira Lopes, futura pianista com numerosas apresentações públicas na cidade de Campinas e Valentim José da Silveira Lopes Júnior, que se tornará fazendeiro depois de casado com Leonor Sampaio (filha de Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, o "Sampainho", um dos pioneiros da industrialização de Campinas, ainda em pleno período imperial).

Nascerão no Brasil os quatro outros filhos: Adelaide Elisa Silveira Lopes (que será mais conhecida por seu nome de casada, Adelaide Lopes Gonçalves\*, aplaudida cantora lírica e declamadora), o menino Augusto Silveira Lopes (nascido por volta de 1860 e falecido com um ano e meio de idade), a penúltima filha, Júlia Lopes (que conservará a condição de caçula por vários anos, até o nascimento da irmãzinha, em Campinas, em 1871) e Alice Luísa da Silveira Lopes (que ao se casar assumirá o nome de Alice Luísa Lopes Campeão).

Júlia Lopes nasceu no mesmo casarão carioca situado na rua do Lavradio (defronte à rua da Relação) onde seus pais mantinham um liceu feminino; enquanto o pai retorna à Europa para completar sua formação universitária (tomando-se médico na Alemanha, em 1866), reside com a mãe e os irmãos no colégio mantido pela família (isto é, pelas Adelinas mãe e filha) na cidade serrana fluminense de Nova Friburgo. Ao se estabelecer na capital do país como médico vinculado ao Hospital da Beneficência Portuguesa (entre 1867 e 1869), o doutor Valentim traz esposa e filhos de volta ao Rio de Janeiro — mas, não conseguindo se aclimatar nessa cidade, decide transferir-se para Campinas em 1870 — época em que a "capital agrícola" da província de São Paulo, porta de entrada para o chamado Oeste Paulista, experimentava uma extraordinária fase de desenvolvimento político-econômico-cultural.

Excetuados alguns períodos de viagem (aí incluída a permanência da família toda no Uruguai, entre 1876 e 1878, para tratamento de saúde do pai), Júlia Lopes só deixará Campinas já noiva de Filinto de Almeida\* (1857-1945), em março de 1886 — aqui transcorrendo, portanto, parte da infância e praticamente toda sua adolescência.

Alfabetizada pela mãe e pela irmã mais velha, iniciada nos clássicos portugueses pelo pai (de quem foi companheira constante), Júlia Lopes tem formação essencialmente autodidática, na qual foram respeitadas, inclusive, suas predileções pessoais (traduzidas no estudo de piano, em que se aperfeiçoou com um conhecido professor do Colégio Florence, Emilio Giorgetti, e no estudo de inglês com um professor particular estabelecido em Campinas).

Sua estréia literária se dá em 8 de dezembro de 1881, com uma crônica relativa à apresentação no Teatro São Carlos da prodigiosa menina-atriz italiana Gemma Cuniberti (1872- ? ) — crônica que desencadeia a produção, nos cinco anos seguintes, de aproximadamente 70 textos publicados pela *Gazeta de Campinas*, pelo *Correio de Campinas* e pelo *Diário de Campinas*, abrangendo contos, crônicas, resenhas, traduções do francês, "iluminuras" ou fragmentos de prosa poética e alguns textos que serão consolidados posteriormente no manual de ciências domésticas *Livro das Noivas*. O único gênero excluído (pelo menos publicamente) de sua produção é a poesia, em que a irmã Adelina Lopes já se consagrara em toda a comunidade lusófona, com a publicação da coletânea *Margaritas* (Lisboa, 1878) e do poemeto *Pombal* (Rio de Janeiro, 1882).

Casando-se em fins de 1887, em Portugal, com Filinto de Almeida — que, embora de origem lusitana passou praticamente toda sua vida no Brasil, notabilizando-se como jornalista e poeta, tornando-se um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras graças aos laços de amizade que o aproximavam da maior parte da intelectualidade da Capital Federal do final do século —, Júlia Lopes de Almeida concilia sua incessante produção literária com a geração de uma prole excepcionalmente numerosa mesmo para os padrões da mulher intelectual dos Oitocentos.

Os seis filhos do casal começam pelo primogênito Afonso Lopes de Almeida (1888-1953), futuro diplomata de carreira, também poeta; coincidem com o infeliz período de sua moradia na capital paulista os nascimentos e as mortes dos bebês Adriano e Valentina, entre 1890 e 1894; seguindo-se Albano Lopes de Almeida (1894- ?), que irá se tornar poeta e artista plástico; e os nascimentos, já nos últimos anos do século, das meninas Margarida Lopes de Almeida (1896- ?) e Lúcia Lopes de Almeida (1899- ?), a primeira delas internacionalmente conhecida como declamadora e escultora, enquanto a segunda, caçula dos quatro irmãos remanescentes, atuará como poetisa e prosadora. Uma neta de Júlia Lopes, a psicóloga carioca Fernanda Lopes de Almeida (nascida na década de 1920) é uma das mais notáveis revelações da moderna literatura infantil brasileira, com vários "best sellers" publicados em São Paulo pelas Edições Melhoramentos e Editora Ática ao longo dos anos 1970 e 1980.

Ao término do século XIX, Júlia Lopes já tem publicados um livro de leituras escolares, *Contos Infantis* (Lisboa, 1886), escrito em parceria com a irmã Adelina Lopes Vieira, um livro de contos denominado *Traços e Iluminuras* (Lisboa, 1887), uma coletânea de textos de orientação feminina intitulado *Livro das Noivas* (editado originalmente no Rio de Janeiro em 1896, com diversas reedições pela Francisco Alves no início do século XX), além de quatro romances: *A Família Medeiros* (cuja primeira edição em livro, no Rio de Janeiro, é datada de 1892), *A Viúva Simões* (Lisboa, Antônio Maria Pereira Editor, 1897), *A Casa Verde* (em parceria com o marido, Filinto de Almeida, divulgado entre 1898 e 1899) e *Memórias de Marta* (1899).

Esses romances, quase todos eles divulgados primeiramente em folhetins de jornais cariocas de circulação nacional (como a *Gazeta de Notícias* e o *Jornal do Comércio*) obtêm extraordinário sucesso num período que se caracterizava por um relativo esgotamento do gênero na produção nacional, obtendo reconhecimento unânime de público e de crítica, traduzido em rentáveis reedições que ajudarão a consolidar, nas duas primeiras décadas do século XX, o império livreiro de seu amigo Francisco Alves.

Despendida a primeira metade da década de 1890 na capital paulista (onde passara a residir em função da nomeação do marido para o cargo de redator-chefe do jornal *O Estado de São Paulo* e de sua eleição para um mandato de deputado estadual na legislatura 1892-1894), Júlia Lopes, já escritora "veterana" aos 30 anos de idade, torna-se modelo de intelectual feminina para os padrões nacionais — situação em que ela própria se orgulha de conciliar à perfeição suas múltiplas atribuições de esposa e de mãe com uma produção literária de primeira ordem. Por essa época, convive assiduamente com escritoras principiantes como Francisca Júlia da Silva\*, Zalina Rolim\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*, servindo-lhes de estímulo moral e material (sabe-se, por exemplo, que Filinto de Almeida não só funcionou como uma espécie de padrinho de Francisca Júlia como foi responsável pela aproximação desta poetisa com um de seus maiores admiradores, o jovem João Luso\*).

De volta ao Rio de Janeiro em 1895, a escritora se instala numa pequena chácara do morro de Santa Teresa (lugar onde já reside a irmã Adelina), iniciando uma colaboração na imprensa local que deverá se estender, ininterruptamente, pelos trinta anos seguintes, aí se destacando sua atuação frente ao conceituado jornal *O País*, em que manterá por longo tempo a coluna semanal "Dois Dedos de Prosa" (assinada com o pseudônimo "Écila Worms") — lugar que servirá ao mesmo tempo, com relação à complexa sociedade que a cerca, de privilegiado posto de observação e de base para suas estratégicas intervenções públicas, seja como cronista, seja como conferencista. A presença do casal Júlia-Filinto já não é registrada pelas crônicas mundanas: os momentos de lazer (Filinto acrescenta ao jornalismo o exercício da rentável atividade de corretor de seguros, em que é muito bem-sucedido) transcorrem em seu próprio lar, transformado numa verdadeira extensão da Academia Brasileira de Letras, onde serão recebidas ainda a elite dos alunos e professores da Escola Nacional de Belas-Artes e a maior parte dos literatos portugueses de passagem pela cidade.

A primeira década do século XX testemunhará, assim, o apogeu de sua produção literária, com a divulgação de três romances magistrais: o naturalista *A Falência* (1901), ousado painel do nosso período de anomia econômica pós-republicana que ficaria conhecido como Encilhamento, protagonizado por uma mulher adúltera; *A Intrusa* (folhetim em 1905, livro em 1908), obra-prima da escola realista psicológica e *Cruel Amor* (folhetim em 1908, livro em 1911), romance ambientado numa rústica Copacabana do tempo em que aquela faixa de praia servia apenas como via de acesso ao mar para uma aldeia de pescadores; em 1903, reúne-se num único volume, *Ánsia Eterna*, a melhor porção de sua volumosa produção de contos esparsa por diversos periódicos (alguns deles originalmente publicados, aliás, na revista *A Mensageira*); em 1906, o sucesso do *Livro das Noivas* é reprisado com a edição de uma outra coletânea de crônicas correlatas, intitulada *Livro das Donas e Donzelas*; em 1907 sai a primeira edição daquele que constituiria o maior êxito editorial de Júlia Lopes, os contos infantis (paradidáticos) *Histórias da Nossa Terra*, que alcançará em 1927 a inusitada casa das 20 edições; em 1908, a escritora inicia sua pouco extensa mas triunfal produção de peças de teatro com o ato único (de inspiração ibseniana) *A Herança*, que conquista o prêmio máximo do concurso aberto por ocasião das comemorações do Centenário da Abertura dos Portos, peça representada na mesma época no Teatro da Exposição Nacional e editada em folheto impresso pela Tipografia do Jornal do Comércio no ano seguinte. Em 1910 são reunidas nos "monólogos e diálogos" da coletânea *Eles e Elas* algumas de suas humorísticas crônicas relativas ao conflituoso relacionamento entre homens e mulheres no Rio de Janeiro do começo do século.

A década de 1911-1920 marca, por outro lado, o apogeu de sua conscientização como líder feminista nacional (em senso lato) e como intelectual preocupada com os rumos da acelerada modernização do país (ressalvando-se que esse tipo de preocupação, atribuível à influência dos pais, tanto no que diz respeito à condição feminina

como na questão da necessidade de redirecionar-se o desenvolvimento do país), já aparece desde aquelas suas primeiras crônicas, divulgadas pela *Gazeta de Campinas* do início dos anos 1880).

Assim, surge o drama em três atos *Quem não Perdoa* (representado com sucesso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1912), exemplar história de um daqueles conhecidos "crimes de legítima defesa da honra", expressão que por aquela época já era utilizada para justificar o assassinato de mulheres indefesas (casadas ou solteiras, adúlteras ou não), peça que será seguida pela comédia *Doidos de Amor* e pelo episódio bíblico *Nos Jardins de Saul*, todas elas incluídas no volume de *Teatro*, publicado em 1917. O romance *A Silveirinha*, que retrata com fina ironia a vida mundana de uma elite radicada em Petrópolis, é divulgado em folhetins em 1913, saindo em livro em 1914. Duas de suas obras desse período tratam das viagens de Júlia Lopes pelo Sudeste e pelo Sul do Brasil: a monografia de 40 páginas *Cenas e Paisagens do Espírito Santo*, estampada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1912, relata a viagem realizada àquele Estado em 1911, enquanto *Jornadas no meu País* (editada pela Livraria Francisco Alves em 1920) descreve sua excursão sulina nos tempos da Primeira Guerra Mundial.

O conto infantil *Era uma Vez...* sai em 1917, sem a repercussão que marcará o "ciclo verde", de inspiração ecológica — que, iniciado pelo romance epistolar *Correio da Roça* (1913), amplia-se com a divulgação da coletânea escolar de crônicas e poemas divulgada em 1916, *A Arvore* (cuja parte poética é assinada pelo filho Afonso Lopes de Almeida), estendendo-se até a década de 20 com o manual de jardinagem *Jardim Florido* (1922) e com a conferência *Oração a Santa Dorotéia* (1923), dedicada à mítica padroeira dos jardineiros.

A sexagenária escritora de 1922 ainda publica uma coletânea de quatro novelas, reunidas sob o título de *A Isca* (Rio de Janeiro, Livraria Leite Ribeiro, 1922) e uma conferência (*Brasil*, 1922), antes de mudar-se para a França — viagem feita inicialmente com o objetivo de acompanhar a filha Margarida, detentora de medalha de ouro de escultura da Escola Nacional de Belas-Artes e de uma bolsa de estudos em Paris, depois transformada em localização permanente do casal Júlia e Filinto na capital francesa. Os últimos livros que ainda ficarão por ser publicados nos anos 1930 têm significado restrito, pois as *Memórias de Marta* editadas em Paris em 1930 correspondem a uma reformulação do romance de 1899 e *A Casa Verde* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1932) divulga tardiamente em livro o folhetim publicado entre 1898 e 1899, enquanto o romance *Pássaro Tonto* (São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934) trata-se de produção comprometida pela decadência física de Júlia Lopes em seus últimos anos de vida.

Observa-se num crescendo o engajamento da intelectual em campanhas de cunho cívico e filantrópico como o movimento pela instalação de creches na cidade do Rio de Janeiro (já na virada do século) e pelo auxílio aos feridos nos primeiros embates da Primeira Guerra Mundial (1915), assim como pelo resgate da memória nacional (em 1917, visitando a capital paulista, proferiu uma memorável conferência em que divulga conhecimentos que lhe teriam sido transmitidos por Alberto Nepomuceno a respeito do grande padre-músico do Brasil colonial José Maurício Nunes Garcia). Assim, não é de estranhar que as fotografias divulgadas pelas revistas cariocas por ocasião da abertura do I Congresso Feminino do Brasil mostrem Júlia Lopes (presidente de honra da Legião da Mulher Brasileira desde 1919) sentada juntamente com a feminista Berta Lutz, ambas ladeando a principal convidada daquele evento, a conhecida sufragista norte-americana Carrie Chapman Catt.

Ainda que não isenta de lances incongruentes (como algumas manifestações de racismo estranhamente explicitadas por alguém que participa ativamente de manifestações abolicionistas), vemos a defesa da emancipação feminina reafirmar-se nessa mesma escritora que demonstrara, desde a adolescência, preocupação com a mulher, a criança, os escravos e as pessoas idosas — reaparecendo transfigurada no veemente apelo à união nacional, continental e mundial pela paz, contido no discurso "Oração à Bandeira" (proferido no Campo de São Cristóvão em 7 de setembro de 1922) e na série de folhetins publicados pelo *Jornal do Comércio* no segundo semestre de 1924, ambos incluídos no volume *Maternidade* (Rio de Janeiro, Editora Olívia Herdy de Cabral Peixoto, 1925), que assinala sua despedida do Brasil.

De volta à terra natal em 1933, passa os últimos meses de sua vida instalada numa casa à beira-mar, em Copacabana: seu estado de saúde se agravava depois que contraira uma doença infecciosa numa viagem que fizera à África. Júlia Lopes de Almeida falece no Rio de Janeiro, na tarde do dia 30 de maio de 1934, sendo sepultada no cemitério de São Francisco Xavier, no jazigo do pai. Tanto o marido, Filinto, como o filho mais velho, Afonso, divulgam, em épocas diferentes, livros inteiramente dedicados a homenageá-la, respectivamente *Dona Júlia* (FADJ, 1938) e *Mãe* (AAMA, 1945).

Uma análise de sua escrita, cem anos depois que a jovem escritora deixava São Paulo para radicar-se no Rio de Janeiro, mostra que efetivamente boa parte de seu sucesso pode ser explicada com base na linguagem excepcionalmente correta, simples, elegante e amena, sempre acessível a qualquer tipo de leitor (mas comportando diversos níveis de leitura); o teor lusitanizante dessa escrita é explicável não só pelo fato de serem portugueses os pais e os irmãos mais velhos, mas também pela situação de escrever tendo em vista os mercados livreiros do Brasil e de Portugal, simultaneamente. É digna de nota ainda a capacidade da escritora se adaptar sucessivamente aos estilos vigentes nos sucessivos períodos estéticos por ela testemunhados: do romantismo do romance *A Família Medeiros*, por exemplo, evolui para o apurado realismo de *A Viúva Simões* e *A Intrusa*, enquanto *A Falência* e *Cruel Amor* enquadram-se à perfeição na produção naturalista nacional (nesse mesmo estilo o último número da revista *A Mensageira* publica, aliás, um conto modelar, "Perfil de Preta: Gilda").



A reedição de seus principais romances neste último quartel do século XX vem permitindo que os pesquisadores da obra juliana tenham acesso facilitado às obras originais. Mas ainda não se dispõe de uma biografia da escritora nem das monografias que embasariam um estudo biobibliográfico completo a seu respeito — a ponto da reedição de *A Falência*, pelo Governo do Estado de São Paulo, em 1978, limitar-se a fornecer, como única informação objetiva ao leitor, a transcrição literal de um verbete de Raimundo de Menezes, impresso nas orelhas do livro; sorte melhor tiveram as reedições de *Correio da Roça* pelo Instituto Nacional do Livro (1987) e *A Silveirinha* pela catarinense Editora Mulheres (1997), que contaram com estudos introdutivos de Sylvia Perlingeiro Paixão (a reedição de *A Intrusa* pela Biblioteca Nacional, em 1994, contou com introdução de Elódia Xavier).

Os dados aqui lançados baseiam-se no relatório de iniciação científica correspondente à pesquisa sobre Júlia Lopes de Almeida realizada pela mestranda entre 1994 e 1995, sob orientação da antropóloga Mariza Corrêa. Para a elaboração desse documento (LLJL) foram utilizados, além dos aproximadamente 30 volumes que compõem a obra de Júlia Lopes, 123 livros que fornecem material fragmentário a respeito de sua vida e de sua produção literária. Dada sua disponibilidade nos acervos do Pagu (Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp) e do Centro de Memória-Unicamp, remetemos os interessados à íntegra do referido relatório (276 páginas), lembrando que uma sinopse de seu conteúdo foi publicada recentemente pela revista *Ciência e Trópico* (CTRF). Na indicação de fontes deste nosso verbete limitamo-nos, portanto, a enumerar os textos essenciais.

Em *A Mensageira*, o elevado número de menções ao nome de Júlia Lopes de Almeida ou ao pseudônimo Écila Worms, superado apenas pelos nomes da diretora da revista e de sua correspondente carioca (Maria Clara da Cunha Santos\*), evidência o "status" privilegiado dessa escritora não só pela frequência das menções, como também pelo caráter de admiração ou mesmo de veneração com que elas são feitas, em I(1):1; I(2):31 e 32; I(3):38, 41, 44 e 48; I(4):60 e 61; I(5):76; I(7):105; I(10):156 e 157; I(13):208; I(15):240; I(16):256; I(20):305; I(22):343; I(24):369; II(28):96; II(30):129; II(32):156 e II(36):240.

A importância de sua adesão à publicação da revista evidencia-se já no primeiro número de *A Mensageira*, em que sua intervenção — no texto "Entre Amigas", I(1):3-5 — aparece publicada logo depois do editorial programático de Prisciliana Duarte de Almeida, ao qual as considerações de Júlia Lopes vêm se superpor perfeitamente.

A elevada conta em que são tidos seus textos é demonstrada, a seguir, pela inserção, na seção de "Seleção", de fragmentos extraídos seja do *Livro das Noivas* — I(1):14, I(10):159 e II(35):213 — seja de sua coluna no jornal *O País* — I(6): 92-93, crônica assinada por "Écila Worms". Coincidindo o primeiro ano de circulação de *A Mensageira* com o lançamento do livro *A Viúva Simões*, Prisciliana encarrega Leopoldo de Freitas\* de resenhá-lo, fato que motiva o aparecimento de duas chamadas — em I(2):31 e I(3):48 — precedendo a divulgação da resenha, publicada em I(6):85-87.

O lançamento de um outro livro editado em 1897, a coletânea *Preludiando*, da gaúcha Andradina de Oliveira\*, saudado por Damasceno Vieira no n° 22, é precedido pela transcrição integral do conto "O Armador" em I(21):328-333 — justamente aquele encabeçado pela dedicatória da autora às irmãs Júlia e Adelina Lopes, circunstância que será reforçada em I(22):343 pela designação da nominata completa das 27 escritoras brasileiras homenageadas com dedicatórias por Andradina.

Mas a homenagem máxima a Júlia aparece no n° 29 — cuja capa, aliás, exibe seu retrato: tendo fornecido à *Mensageira* um substancial necrológio da escritora portuguesa Guiomar Torresão, estampado em II(28):73-76, a revista retribui, em II(29):98-101, com a publicação de um esboço biográfico de Júlia Lopes de autoria da falecida Torresão, testemunho eloquente do elevado prestígio que a brasileira conquistou em Portugal.

Assim, a produção literária propriamente dita de Júlia Lopes de Almeida veiculada pela revista irá se limitar a seis textos, duas crônicas e quatro contos.

A primeira dessas crônicas, "Uma Santa" — I(8):113-115 —, trata do falecimento, em São Paulo, da leprosa Maria Bráulia, depois de muitos anos de padecimento pela doença que a acometera; a segunda, "Junto do Túmulo de uma Criança" — II(29):106-107 —, dedicada a Prisciliana Duarte de Almeida, aborda em delicada prosa poética a morte do menino Bolívar, ocorrida em fins de 1898 (ressalvando-se que este texto aparece como transcrição do jornal *O País*, lugar em que fora publicado originalmente).

Os quatro contos que a revista tem o privilégio de publicar em primeira mão são: "No Meu Atelier (Páginas de uma Carteira)" — I(14):213-215, "O Último Discurso" — I(18):273-277, "Marinha" — I(24):370-372 e "Perfil de Preta: Gilda" — II(36):224-229. Observamos aqui a alternância de dois contos de significado menor no contexto da produção juliana (caso de "No Meu Atelier" e "Marinha") com duas pequenas obras-primas, "O Último Discurso" e "Perfil de Preta" — contos que reaparecerão, ligeiramente retocados, na mencionada coletânea de 1903, *Ânsia Eterna*, com dedicatórias dirigidas respectivamente a Coelho Neto e Machado de Assis, as duas figuras masculinas máximas da literatura brasileira da virada do século.

Um dos aspectos mais curiosos de *Ânsia Eterna* diz respeito, aliás, ao universo relacional desvendado pelas dedicatórias apostas aos contos desse volume — algo que mostra estarmos adentrando, em 1903, rigorosamente o mesmo território palmilhado pela revista *A Mensageira*: além de Coelho Neto\* e Machado de Assis\*, temos nele contos dedicados a João Luso\*, Francisca Júlia da Silva\*, Valentim Magalhães\*, Magalhães de Azeredo, Batista Coelho, Artur Azevedo\*, Olavo Bilac\*, Eva Canel\*, Maria Clara da Cunha Santos\*, Prisciliana Duarte de Almeida\*, Zalina Rolim\*, Júlia Cortines\*, Raimundo Correia\* e Julião Machado.

Fontes: AALF ("A Literatura da Escravidão", palestra incluída nas pp. 95-112 desta coletânea de textos de Amadeu Amaral, com menção, na p. 114, à abordagem da temática da escravidão pela escritora); AAMA (coletânea poética inteiramente dedicada a Júlia Lopes pelo filho Afonso); ACLS (resenha bibliográfica de Guiomar Torresão referente ao lançamento do *Livro das Noivas*, no n° 18 desta revista, edição de 30 de agosto de 1896, p. 140); AGRJ ("A Três Júlias", artigo de Lúcio de Mendonça datado originalmente de 1897, reproduzido na edição para o ano de 1907, pp. 246-249 + "Flamboyants...", crônica jornalística de Júlia Lopes igualmente reproduzida pela revista *Kosmos* em 1905, almanaque para o ano de 1908, pp. 256-258); BBHF (menção ao romance *A Família Medeiros* no ensaio "O Romance como Fonte de História", pp. 51-87); BBNP ("Graça Aranha Plagiário?": pp. 248-252); BBVL (pp. 146, 223, 228, 252 e 270); BLRJ (homenagens fúnebres à escritora nas pp. 363-370 e 374-378 do n° 151 da revista, julho de 1934); CBPL (vol. II, pp. 72-75: "Um Grande Benemérito: Dr. Valentim José da Silveira Lopes, Visconde de São Valentim", reprodução da matéria publicada originalmente no jornal *Comércio de Campinas*, em setembro de 1904, em comemoração do 74° aniversário do pai de Júlia); CCLA (pp. 171-182 desta fonte riquíssima de informações sobre o período de residência de Júlia Lopes em Campinas); CPRH (reprodução de apontamentos autobiográficos do pai da escritora nas pp. 69-72 deste histórico da Beneficência Portuguesa de Campinas); CTRF ("Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida", por Leonora De Luca, pp. 213-236 da edição correspondente ao n° 2 do vol. XXV, julho-dezembro de 1997); DRCB (menção no estudo introdutivo de Fernando Góes: p. 12 + nota biobibliográfica e reprodução do conto "O Sino de Ouro": pp. 75-79); DRCF (menção no estudo introdutivo de Edgard Cavalheiro: p. 17 + reprodução do conto "As Rosas": pp. 199-201); EDIJ (vol. I, p. 369); EGPC (reprodução, na p. 30 desta antologia, do soneto "A Vingança", única poema da escritora que teria sobrevivido); FADJ (coletânea poética inteiramente dedicada a Júlia Lopes pelo marido, Filinto de Almeida); FGAJ (entrevista do autor com Filinto de Almeida, em 1933: pp. 23-28); GSTB (vol. II, verbetes referentes a Filinto de Almeida, Júlia Lopes de Almeida e Valentim José da Silveira Lopes, respectivamente pp. 27-28, 30-31 e 309-310); HCUC ("Dona Júlia", texto de Humberto de Campos divulgado por ocasião da morte da escritora, crônica XII, pp. 61-65); HDMB ("Escritoras, Escrituras", por Norma Telles, pp. 401-442 dessa coletânea organizada por Mary Del Priore); HPDL (verboete biobibliográfico na p. 531); JHLS (menções a Júlia Lopes no contexto de sua atuação no movimento feminista brasileiro: cap. VII, p. 89, cap. VIII, pp. 102 e 110 + flagrante da instalação do I Congresso Feminino do Brasil, em fins de 1922, cap. IX, p. 115); JLAE (edição original da coletânea de contos *Ánsia Eterna*); JLAS (reedição de 1997 do romance *A Silveirinha*); JLCR (reedição de 1987 do romance *Correio da Roça*); JLNT (reedição de 1927 da coletânea didática *Histórias da Nossa Terra*); JRML (Júlia e Filinto entrevistados por João do Rio no célebre inquérito do início do século XX: "Um Lar de Artistas", pp. 23-34); JVLL (menção altamente elogiosa à escritora na p. 15 deste livro, em que José Veríssimo declara-a superior, como romancista, ao próprio Coelho Neto); KSRJ (reprodução das crônicas de Júlia Lopes "Flamboyants..." na edição de dezembro de 1905, ano II, n° 12 e "O Gesto", na edição de dezembro de 1906, ano III, n° 12, páginas não numeradas); LACC (almanaque que inclui, nas pp. 283-287, sua crônica de reminiscências "À Velha Campinas", escrita em 1899); LALI (pp. 112, 164, 165, 180, 183 e 214); LATF (ensaio utopista de autoria da filha caçula de Júlia Lopes, com revelações a respeito da vida da escritora nas pp. 21-22); LHLB (pp. 210, 214, 219, 221, 235 e 249); LLJL (íntegra do relatório final de iniciação científica da autora desta dissertação de mestrado, 276 pp.); LZFL (pp. 263-265); LZLI (pp. 29, 34, 35-37, 163, 164, 166 e 167); MFRF (pp. 43-44); MJCF (menção a Júlia Lopes na p. 2, notícia biobibliográfica nas pp. 173-174 e reprodução, nas pp. 175-182, da "Cena de Comédia" pertencente originalmente à coletânea *Eles e Elas* + notícia bibliográfica na p. 127 e reprodução, nas pp. 129-133, do conto "Luciana Ciclotímica", de autoria da neta da escritora, Fernanda Lopes de Almeida); MJCR (notícia biobibliográfica nas pp. 99-100 e reprodução, nas pp. 101-108, do "Final de Ato" originalmente pertencente à coletânea *Eles e Elas*); MPFF (pp. 141, 256, 269-272 e 319-320); NDCD (verboete referente a Júlia Lopes de Almeida: p. 43 + verboete referente a Fernanda Lopes de Almeida: pp. 334-337); NCPH (p. 211); NSSP (vol. I, p. 114: texto caracterizando sinteticamente a atuação da escritora em seu tempo); OPCB (notícia biobibliográfica nas pp. 185-186, precedendo a reprodução, nas pp. 189-195, do conto "A Caolha"); OPFZ (resenha biobibliográfica referente ao lançamento do *Livro das Noivas*, de autoria de "Moacir Jurema", pseudônimo do poeta cearense Antônio Sales, no n° 34 desta revista, edição de 30 de setembro de 1896, pp. 5-6); PCXE ("A Primeira Romancista Brasileira", pp. 109-114, crônica publicada originalmente antes da morte de Júlia Lopes); PDSO (Júlia Lopes é dedicatária do soneto "No Retiro", nas pp. 27-28 desta coletânea poética de Prisciliana Duarte); PDVE (Júlia Lopes é postumamente homenageada com o poema "A um Retrato de Júlia Lopes de Almeida", p. 47 desta coletânea poética de Prisciliana Duarte); PSAR (enumeração e condenação, à luz da doutrina católica, dos livros de Júlia Lopes de Almeida: pp. 52-53); RARJ (referências elogiosas ao lançamento de *Eles e Elas* em texto de José Veríssimo, "O Movimento Literário Brasileiro em 1910", pp. 13-14 da edição referente ao mês de abril de 1911, ano II, n° 4); RBRJ ("Júlia Lopes de Almeida: Uma Romancista Carioca", artigo de Josué Montello, pp. 114-119 da edição correspondente ao ano I, n° 3, 1985); RFEC (verboete nas pp. 14-15); RMDL (verboete nas pp. 23-24); RVRC (pp. 213-215): reprodução de uma carta de Raimundo Correia dirigida a Filinto de Almeida em meados de 1896, com menção a dois livros de Júlia Lopes e ao nascimento da filha mais velha do casal, Margarida Lopes de Almeida); SASP (menção a Júlia Lopes como presidente de honra da Legião da Mulher Brasileira em V:168); SBDB (verbetes referentes a Júlia Lopes de Almeida, vol. V, pp. 241-242 e a Valentim José da Silveira Lopes, vol. VII, pp. 336-338); VAID (pp. 37-38); VSTC (reprodução da crônica "A Cabeça da Esfinge" nas pp. 52-55, seguida de nota biográfica nas pp. 55-57); WMIB (vol. IV: pp. 276, 334, 399-400 e 543, vol. V: pp. 11-12, 182, 194-195, 312, 371, 384, 443, 506, 522, 531 e 544, vol. VI: pp. 71, 94, 111, 151, 223, 251, 265, 445, 495 e 549, vol. VII: pp. 27-28, 111 e 449); ZLBC (pp. 19, 35-39, 55 e 287).



Iconografia: em ordem cronológica, começamos por AGRJ (retrato da escritora na virada do século, circa 1900, incluído na p. 250 da primeira edição deste almanaque, "para o ano de 1903": trata-se da mesma gravura em metal apresentada no ante-rostro da edição original do volume *Ánsia Eterna*, de 1903 + foto registrada num dos primeiros anos do século XX, ilustrando o artigo de Lúcio de Mendonça "A Três Júlias", p. 246 do almanaque para o ano de 1907; data da mesma época em que foi feita a fotografia que ilustra o artigo de Mendonça a foto reproduzida por NSSP (vol. I, p. 114); em KSRJ, reprodução, em preto e branco, de uma aquarela de Rodolfo Amoedo retratando Júlia Lopes em seu gabinete de trabalho, estampada na edição de junho de 1907, nº 6 do ano IV (página não numerada); em AAMA, duas fotografias retratando Júlia Lopes de Almeida em 1913 e 1933, respectivamente entre pp. 18-19 e 74-75 deste volume, sendo a segunda dessas fotos assinada por "Paul/Rio"; em BIOC, aquela que pode ser considerada (sob o ponto de vista artístico) a melhor fotografia da escritora: foto assinada por G. Huebner & Amaral, datada de 1910 aproximadamente, interposta entre pp. 9.972 e 9.973 do vol. XX (a mesma foto aparece em detalhe no dicionário literário de Henrique Perdigão, HPDL, p. 531); fotos documentando a participação de Júlia Lopes no I Congresso Feminino do Brasil, em 1922, em SASP (vol. V, p. 169) e em JHLS (p. 115); reprodução, em FADJ, da pintura a óleo por Richard Hall retratando Júlia Lopes de Almeida por volta de 1920, encartada no ante-rostro desse volume; foto da escritora já idosa (circa 1925?) fornecida pelo arquivo pessoal de Cláudio Lopes de Almeida, reproduzida na 4ª capa de JLRC; desenhos ilustrando as antologias DRCB (desenho estilizado de D. Nasi) e OPCB (bico-de-pena de José Wash Rodrigues, baseado na mencionada fotografia exibida pela BIOC); a herma de bronze erigida em 1939 em homenagem à escritora (escultura de autoria da filha mais velha, Margarida Lopes de Almeida), ainda se encontra no local original de sua instalação, no Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro, posicionada como se observasse, à distância, o prédio da Biblioteca Nacional.

ALMEIDA, Prisciliana Duarte de — I(1):1-2, 11 e 15; I(2):25, 31 e 32; I(3):35, 38 e 43; I(4):51, 58-60, 61, 62 e 63; I(5):79; I(6):93, 95 e 96; I(7):97, 105, 111 e 112; I(8):125; I(9):131, 137 e 143; I(10):154-155, 156, 157 e 158; I(11):176; I(12):182, 189-190 e 192; I(13):207 e 208; I(15):226, 227 e 240; I(16):255-256 e 256; I(17):270 e 272; I(19):303; I(20):313-314 e 320; I(21):336; I(22):343 e 348; I(24):369-370; II(25):1, 12 e 13; II(26):30, 40, 44 e 48; II(27):68, 71 e 72; II(28):91 e 96; II(29):106 e 116; II(30):118-119 (editorial não assinado), 120, 128, 129, 130, 131 e 132; II(31):146; II(32):168; II(33):179; II(34):195 e 200; II(35):216; II(36):217, 224, 237, 240 e 240-241. Sob o pseudônimo de PERPÉTUA DO VALE (cuja identidade real se mantém oculta durante todo o período de edição da revista), aparece em — I(5):72-76; I(7):107-109; I(9):137-139; I(12):190; I(14):218-220; I(15):235-237; I(16):256; I(19):295 e 295-298; I(23):354-355; II(28):86; II(30):131; II(32):160-161; II(35):205; II(36):238-239.

#### ALMEIDA, Prisciliana Duarte de

Dada a posição central ocupada por Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944), diretora e proprietária da revista *A Mensageira*, com relação aos demais colaboradores da revista, expomos a seguir uma cronologia detalhada dos fatos que se sucedem nas biografias sua e do marido — com ênfase naqueles fatos correlacionáveis com as situações bibliográficas não apenas de ambos, como de muitos outros colaboradores do periódico.

1867 a 1870 (circa) — Em 3 de junho de 1867, nasce Prisciliana Duarte (que assumirá depois de casada o nome de Prisciliana Duarte de Almeida) na cidade de Pouso Alegre, situada no Vale do Sapucaí (sul de Minas Gerais). Cerca de três meses depois, em 28 de agosto de 1867, nasce o primo Silvío Tibiriçá de Almeida (1867-1924), seu futuro marido. São irmãos a mãe de Prisciliana (Rita Vilhena de Almeida Duarte, casada com Joaquim Roberto Duarte) e o pai de Silvío (Aureliano Batista Pinto de Almeida Filho, casado com Constança Vilhena de Almeida, a "tia Tancinha" de Prisciliana). Silvío e Prisciliana compartilham com Aureliano Leite (1886-1976) e com Jorge Americano (1891-1969) um mesmo avô, o coronel (da Guarda Nacional) Aureliano Batista Pinto de Almeida, advogado provisionado de Pouso Alegre, nascido por volta de 1810. Descendem todos eles, portanto, da irmã caçula da célebre Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira\* — conhecida como "a Mártir da Inconfidência" por ter sido casada com o poeta Alvarenga Peixoto\* —, chamada Iria Claudiana Umbelina da Silveira (nascida em São João del-Rei, em 1768). Entre os muitos primos situados na mesma condição de sobrinhos-trinetos de Bárbara Eliodora (situação comum a Silvío, Prisciliana, Aureliano Leite e Jorge Americano) encontram-se ainda a poetisa Henriqueta Lisboa (1904-1985) e Lucrecia Duarte Vilhena de Alcântara Moreira Salles, mãe do banqueiro Walter Moreira Salles e, conseqüentemente, avó paterna do cineasta Walter Moreira Salles Júnior, mais conhecido como Walter Salles, autor do premiadíssimo filme *Central do Brasil* (lançado internacionalmente em 1998). Embora ciosos das tradições libertárias mineiras, os membros desse clã cultivam o paulistismo, na medida em que os Almeidas se colocam como originários do tronco dos Furquim de Almeida (antiquíssimos povoadores de São Paulo) e como descendentes diretos de Amador Bueno (conhecido por sua aclamação como "rei de São Paulo" em meados do século XVII) e de seu bisneto, igualmente paulistano, Amador Bueno da Veiga, designado comandante das tropas paulistas encarregadas de dar combate aos emboabas, nas Minas Gerais do início do século XVIII; colocam-se todos eles, assim, como herdeiros remotos dos mais legítimos "donos da terra", os caciques guaianás (seus ancestrais quinhentistas) Tibiriçá\* e Piquerobi, ambos nascidos por volta de 1500.

1870 (circa) a 1880 (circa) — Acompanhando os pais, Prisciliana transfere-se para a vizinha cidade de Jacutinga, retornando a Pouso Alegre alguns anos depois. Prisciliana é terceira filha de uma irmandade composta por nove crianças (cf. genealogia apresentada por Aureliano Leite em ALCM), tendo por companheiros de brinquedo a irmã mais velha, Isaura e o irmão Joaquim Roberto Duarte Júnior\*, precocemente falecido.

Prisciliana é alfabetizada pela própria mãe, mas, segundo relato feito pela própria Prisciliana a Chiquinha Neves Lobos (CNMT), conta com o providencial reforço proporcionado por um tio, irmão de sua mãe, "que costumava passar temporadas com sua família", Gabriel Osório de Almeida (1854-1926), "notabilidade da engenharia brasileira", segundo ALCM, futuro pai de grandes humanistas do início do século XX, entre eles Álvaro Osório de Almeida (1882-1952), Miguel Osório de Almeida (1890-1953) e Branca de Almeida Fialho (1896-1965). Esses estudos teriam sido complementados por um outro professor particular, Joaquim Guilherme Botelho.

1880 (circa) a 1885 (circa) — De volta a Pouso Alegre, Prisciliana liga-se ao primo Sílvio de Almeida, de sua idade, e à prima pouco mais velha, Maria Clara Vilhena da Cunha (1866-1911), que assumirá depois de casada o nome de Maria Clara da Cunha Santos\*. Todos eles começam a compor versos, por essa época; essa produção será publicada em 1890 no Rio de Janeiro (num só volume de 96 pp., impresso pela Typ. e Lithographia de C. G. da Silva e prefaciado pela poetisa Adelina Amélia Lopes Vieira\*, livro que incluiu os *Pirilampos* de Maria Clara Vilhena da Cunha e os *Rumorejos* de Prisciliana Duarte) e, pouco mais tarde (em 1893), na capital paulista, na coletânea poética *Efêmeras*, de Sílvio de Almeida.

1886 a 1890 — As duas primas mantêm o periódico quinzenal manuscrito *O Colibri* por quatro anos consecutivos, enquanto Sílvio, deixando Pouso Alegre (onde fizera apenas estudos elementares), segue para o Rio de Janeiro, onde tem sua formação escolar complementada para poder submeter-se aos exames preparatórios ao ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo, a mesma instituição onde se formara em 1863 seu pai Auréliano Batista Pinto de Almeida Filho (1838-c. 1870). Porém a morte precoce do pai deixara a família em precárias condições financeiras; daí a luta dele, Sílvio de Almeida, com sérias dificuldades econômicas, contornadas pelo artifício de, enquanto cursa a academia de direito, residir nos próprios colégios paulistanos onde leciona, tornando-se pouco a pouco conhecido por sua seriedade e acuidade analítica em assuntos relacionados com literatura, língua portuguesa e filologia. Sílvio ingressa na faculdade aos 20 anos de idade (no início de 1888), formando-se aos 25, em 1892. Cabe destacar, ainda, a participação de Maria Clara e Prisciliana na campanha abolicionista sul-mineira (testemunhada pela própria produção poética que deixaram), assim como sua colaboração — de ambas — no periódico *A Família*, da feminista Josefina Álvares de Azevedo\* (editado em São Paulo a partir de 1888 e transferido para o Rio de Janeiro em meados de 1889, esse jornal é estudado por Maria Tereza Caiuby Crescenti Bernardes em CBMO, livro que inclui a transcrição de trechos assinados pelas duas primas de Minas Gerais).

1891 a 1896 — No mesmo ano de 1892 em que se forma advogado, Sílvio casa-se com Prisciliana. Por essa mesma época, também se casam Maria Clara da Cunha Santos e José Américo dos Santos\* (1848-1918), que não deixarão filhos. Sílvio e Prisciliana terão logo em seguida três meninos: 1º) Leandro Duarte de Almeida (nascido em 1893, falecido na segunda metade do século XX): sobreviveu ao pai e à mãe, formou-se em direito, fazendo carreira de juiz de direito, inicialmente em Capivari, depois em Campinas; de dois casamentos, teve um único filho, Sílvio Barros de Almeida ("Sílvio de Almeida Neto"), único neto de Prisciliana, possivelmente ainda vivo neste final de século XX. 2º) Tales Duarte de Almeida (c. 1895, falecido na segunda metade do século XX): também ele sobreviveu aos pais, estudou na mesma faculdade cursada pelo avô, pelo pai e pelo irmão, fazendo carreira de juiz de direito, inicialmente em Serra Negra, depois em São Paulo-Capital; foi igualmente casado duas vezes, mas não teve filhos. 3º) Bolívar Duarte de Almeida (1897-1898), falecido com dezoito meses de idade, em outubro de 1898, causa da interrupção da revista *A Mensageira* por quatro meses. Sílvio participa, em 1894, da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; em 1895 assume a cobiçada cadeira de lente de português (posteriormente de literatura) do recém-criado Ginásio do Estado, conquistada por concurso público. A relativamente restrita vida intelectual da São Paulo dessa primeira metade da década de 1890 é enriquecida pela dinâmica presença de um outro casal ilustre, Júlia Lopes de Almeida\* e Filinto de Almeida\*, ela jovem escritora em rápida ascensão, ele (Filinto) redator-chefe do jornal *O Estado de São Paulo* desde 1890 e deputado estadual entre 1892 e 1894; de certa forma, o casal Sílvio-Prisciliana compartilha com Júlia e Filinto a condição de recém-casados, embora esse período tenha se caracterizado pelo desgosto de Júlia (já mãe de Afonso, nascido em 1888) ver nascer e morrer sucessivamente um casal de bebês, Adriano e Valentina. Inicia-se ainda a convivência de Prisciliana com Francisca Júlia da Silva\* (poetisa principiante que teve em Filinto de Almeida uma espécie de padrinho) e com Zalina Rolim\*, ainda solteira e ocupada em planejar a instalação do Jardim da Infância anexo à nova Escola Normal da praça da República (orientada pelo mestre João Köpke\*, introdutor no Brasil de práticas pedagógicas inovadoras). Publicam-se, por essa época, na capital paulista, pouquíssimos periódicos artístico-literários, como a *Revista Literária* de Amadeu Amaral (1895) e a *Revista Azul* (1896), com as quais a futura revista *A Mensageira* (1897-1900) tem alguns pontos de contato; na ausência destes dois (ambos periódicos de curta duração), 1897 parece ser o momento mais apropriado e promissor para o lançamento de uma nova revista do gênero.

1897 a 1900 — O triênio 1897-1898-1899 corresponde ao vitorioso período de publicação de *A Mensageira*. É preciso lembrar, porém, que a edição da revista não se faz de maneira contínua: a interrupção de sua circulação por quatro meses (provocada pela morte do filho caçula de Prisciliana) ocorre exatamente no momento triunfal em que a revista completa um ano de circulação.

1901 a 1905 — Tendo se mudado em fins de 1897 do velho bairro da Liberdade (onde Sílvio de Almeida lecionava desde 1895 nas instalações provisórias do Ginásio do Estado, na travessa da Glória) para a rua de Santa Ifigênia n° 57 — endereço que abrigará a família e a redação de *A Mensageira* por pouco tempo, mas que já se situava mais próximo da nova localização do Ginásio (instalado, na virada do século, no prédio da avenida Tiradentes que hoje abriga a Pinacoteca do Estado de São Paulo) — o casal ocupará, por volta de 1901,

um casarão dos Campos Elísios (rua Conselheiro Nébias n° 65, numeração antiga) e, por volta de 1905 (ou 1906), o palacete construído no final do século XIX pelo barão do Rio Pardo, existente ainda hoje, situado na esquina da alameda Ribeiro da Silva com alameda Barão de Piracicaba. Ali Prisciliana desempenha, paralelamente às tarefas domésticas, os papéis de secretária, de recepcionista, de bibliotecária e de orientadora pedagógica (para a caracterização deste período sendo especialmente valiosas as informações contidas no perfil de Sílvio de Almeida elaborado por Aureliano Leite em ALRP e nas reminiscências de Almeida Prado em APOH ou ainda, do mesmo Aureliano, em ALLV). Vale a pena salientar que no local trabalham dois irmãos de Prisciliana; Aureliano lá reside (e exerce a função de bedel, chegando a ocupar o cargo de vice-diretor do estabelecimento) enquanto cursa a faculdade de direito. As múltiplas atribuições de Sílvio e Prisciliana incluem a colaboração em diversos periódicos paulistas, como o mensário pedagógico paulistano *Educação* (criado em 1902), que acolhe textos de ambos. Em 1902, é lançado o primeiro livro de filologia portuguesa do professor, *O Antigo Vernáculo*.

1906 a 1909 — Publica-se em São Paulo, em 1906, a segunda coletânea poética de Prisciliana, *Sombras* (Typographia Brazil, Rotschild & Co.), com prefácio de Afonso Celso. Em 1908, é lançada, com prefácio do professor João Köpke, sua coletânea escolar *Páginas Infantis*, de historietas para crianças, destinadas a atividades de leitura, obra que alcançará a 5ª edição em 1939. Entre 1908 e 1909 iniciam-se os preparativos para a fundação da Academia Paulista de Letras, oficialmente instalada em fins de 1909, existindo testemunhos de que as reuniões preliminares de criação da entidade realizaram-se em dependências do Instituto Sílvio de Almeida, garantindo-se cadeiras de membros fundadores tanto para Sílvio como para Prisciliana; entre muitos amigos do casal e alguns daqueles antigos colaboradores da revista de dez anos antes, *A Mensageira*, farão parte da Academia Paulista: Amadeu Amaral\*, José Vicente Sobrinho\*, Hipólito da Silva\*, Alberto Faria\*, Cláudio de Sousa\* e Carlos Ferreira\*. Ressalve-se, no entanto, que as atividades dessa associação seguem trajetória declinante, não resistindo ao falecimento (em 1918) de seu idealizador, Joaquim José de Carvalho, e ao desaparecimento, no ano seguinte, do primeiro intelectual a presidir a entidade, Brasília Machado; a retomada de reuniões regulares só ocorrerá dez anos depois, em 1929, graças aos esforços pessoalmente despendidos por Amadeu Amaral e à sustentação desses esforços por Alcântara Machado a partir da virada das décadas de 20 e 30.

1910 a 1920 — Em 1913 Sílvio de Almeida lança mais dois livros: aparece em São Paulo a obra técnica *A Sistematização Ortográfica* — e, em Lisboa, o ensaio literário *A Máscara de um Poeta: Bernardim Ribeiro*. Em 1914 é lançada a antologia escolar *O Livro das Aves* (editada em São Paulo pelas Escolas Profissionais Salesianas), organizada por Prisciliana Duarte. Sílvio participa do 1º Congresso de História Nacional, convocado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Rio de Janeiro, setembro de 1914), com a apresentação do trabalho "Cancioneiro dos Bandeirantes", integralmente transcrito por Leonardo Arroyo em LASA.

1921 a 1924 — A decadência física do professor Sílvio coincide com dificuldades na manutenção de seu Instituto, agravada por boatos que o incriminam pelo aparecimento de diplomas falsos de habilitação que trazem sua assinatura. Ainda assim, o mestre ainda encontra forças para criar sua própria *Revista de Filologia Portuguesa* (FPSP, mensário lançado em janeiro de 1924), mas só chega a organizar os quatro primeiros números do periódico, pois sofre morte súbita, em Santos, em 30 de março de 1924. É sepultado em São Paulo, no cemitério do Araçá (ver necrológios incluídos em SAEC e na edição especial, em sua homenagem, no n° 5 da mesma revista).

1925 a 1944 — Com os filhos já formados advogados e residindo no interior do Estado em função de suas carreiras de juizes de direito, seguem-se os "vinte anos de solidão" de Prisciliana — que opta, no entanto, por manter-se em São Paulo, morando sozinha num hotel situado em pleno centro da cidade (largo do Paçandu). Parece conservar os antigos vínculos com os inúmeros amigos conquistados em tantos anos de residência na capital e com os confrades da Academia Paulista de Letras, mas ao iniciar-se o período áureo desta instituição (registrado nos anos 30, culminando com a criação da revista trimestral da entidade em 1937), já está completando 70 anos de idade e convive com as severas manifestações de uma doença crônica (diabetes mellitus). Em 1938 e 1939, sua correspondência é remetida de Capivari (cidade onde reside o filho primogênito, Leandro); em meados de 1943 está em Campinas (para onde Leandro foi transferido); no início de 1944 encontra-se internada no Hospital de Caridade Santa Rosa de Lima (nosocômio mantido pela Santa Casa de Misericórdia da cidade de Serra Negra, local de residência do segundo filho, Tales), de onde escreve para o secretário da Academia Paulista, René Thiollier, mas seu falecimento se dá em Campinas, no Hospital da Beneficência Portuguesa, na noite de 13 de junho de 1944. O enterro se faz em São Paulo, com o sepultamento do corpo no cemitério do Araçá, onde Sílvio de Almeida jazia desde 1924; o acadêmico Oliveira Ribeiro Neto, ainda jovem na época, preside a cerimônia, na qualidade de velho amigo da família (ele próprio se encarregará, anos mais tarde, de organizar a *Antologia Poética de Prisciliana Duarte de Almeida*, RNAP, publicada em 1976 pelo Conselho Estadual de Cultura). Comprovava-se, assim, que o ingresso de Prisciliana numa academia (feito que coloca-a como pioneira, em 1909, apesar do precedente de Eurídice Natal e Silva na Academia de Letras de Goiás, em 1904) contribuíra, de fato, para "imortalizá-la": de todo o grupo feminino reunido em torno de *A Mensageira*, a poetisa mineira está entre a escassa meia dúzia de escritoras da qual ainda é possível reconstituir vida e obra.

Note-se, porém, que ainda não existem biografias propriamente ditas, nem de Sílvio, nem de Prisciliana — o que explica o frequente recurso aos verbetes incluídos por Raimundo de Menezes em seu dicionário literário (RMDL), razoavelmente documentados, mas não isentos de omissões e incorreções comprometedoras.

Prisciliana e seu braço direito, a prima Maria Clara, são (em função da acumulação de papéis na edição do próprio periódico) as duas escritoras que ganham maior número de entradas no onomástico da revista.

Boa parte dessas entradas se refere, no que diz respeito a Prisciliana, a menções a seu nome em material transcrito de outros periódicos ou em artigos de outros autores publicados pela própria revista — I(1):1; I(2):31 e 32; I(4):59, 61, 62 e 63; I(6):93, 95 e 96; I(7):97 e 105; I(9):131 e 143; I(10):156, 157 e 158; I(12):182, 189 e 192; I(13):207 e 208; I(15):226, 227 e 240; I(16):256; I(17):272; I(20):320; I(21):336; I(22):343; II(25):1; II(26):30 e 48; II(27):71 e 72; II(28):96; II(29):116; II(30):120, 128, 129 e 132; II(34):195 e 200; II(35):216.

Seu nome aparece também na condição de dedicatária de sonetos de Júlia Cortines\* em I(1):11, de Georgina Teixeira\* em I(4):51, daquele intitulado "Dois Oásis" (assinado conjuntamente por Adelina Lopes Vieira e Maria Clara da Cunha Santos) em II(26):44, e ainda como dedicatária implícita de um outro soneto, de autoria de Sílvio de Almeida, em II(36):224. A perda do filho em fins de 1898 desencadeia uma série de produções que igualmente lhe são dedicadas: um texto em prosa poética de Maria Clara da Cunha Santos — II(25):13; a crônica de Júlia Lopes de Almeida publicada originalmente no jornal carioca *O País*, "Junto de um Túmulo de Criança", transcrita em II(29):106-107; e a triste "Cantiga" de Maria Clara em II(33):179. A prima Dolores Alcântara Vilhena de Araújo\* já lhe dedicara, em I(8):125, o conto "Horas Vagas".

Prisciliana tem seu nome citado ainda como destinatária de seis cartas dirigidas à redação da revista: essas citações começam pela carta de Ibrantina Cardona\* em I(3):38-41, passam pelas de Maria Emília Lemos\* em I(3):43-44 e Inês Sabino\* em I(4):58-60 (todas elas de caráter programático), continuam com a amável cartinha de saudação de Guiomar Torresão\* em I(12):189-190 e pela confessional missiva de Ridelina Ferreira\* em II(34):195-196, para terminar com o protocolar comunicado da jornalista espanhola Eva Canel em II(36):240.

A produção poética de Prisciliana Duarte estampada por *A Mensageira* atinge o elevado número de 25 poemas (28, se computados aqueles assinados com o pseudônimo de "Perpétua do Vale") — elaborados, portanto, à média de um poema por mês, entre fins de 1897 e início de 1900. Quase todos eles reaparecerão no segundo livro da poetisa, *Sombras*, lançado, como vimos, em 1906.

No ano I temos uma gama mais diversificada de formas, gêneros e temas: os poemas "Dona Alzira", "Ideal", "Gonçalves Dias", "As Cartas", "Nênia", "A Turca", "A Entrada do Ano", "Aves e Corações", "Poesia", "Feliz Encontro", um outro sem denominação intitulado "Poesia", "A Voz do Louco", "Na Selva", "Angústia", "Parêntesis" e "Crepuscular", reproduzidos respectivamente nas pp. 15, 25, 35, 61, 79, 111, 112, 137, 154-155, 176, 207, 255-256, 270, 303, 313-314 e 348 do volume I (dentre eles salientando-se "As Cartas", "A Turca" e "Crepuscular"). No ano II predominará o tom elegíaco, reforçado pela morte do filhinho Bolívar, nos poemas "Valsando", "Sobre um Túmulo", "Constante", "Sombras", "Escala do Viver", "A Subir... A Subir...", "Diversidade", "Contemplação" e "Num Dia de Separação", que aparecem respectivamente nas pp. 12, 40, 68, 91, 130, 146, 168, 237 e 240-241 do volume II. Os três poemas publicados com o nome de "Perpétua do Vale" são "Funérea", "O Concílio das Mágoas" e "Almeida Júnior" — pp. I(12):190, II(28):86 e II(35):205; obedecem, com exceção do segundo, à necessidade circunstancial de prantear as mortes de dois importantes artistas brasileiros (o poeta Cruz e Sousa, no primeiro caso e o pintor Almeida Júnior no último deles).

Tudo indica que Prisciliana se encarregava não apenas da redação dos editoriais (relativamente poucos), mas também de quase todo o material destinado à seção de noticiário ("Notas Pequenas") e da coleção de recortes transcritos de outros periódicos sob a epígrafe "A Mensageira". Seria ela, igualmente, a responsável pela escolha dos excertos incluídos na "Seleção" — sem se excluir, aqui, a possibilidade de ter acatado textos sugeridos por outras pessoas, o que explicaria o caráter híbrido assumido pela "Seleção" de alguns números da revista.

Teria sido essa excessiva concentração de funções em sua própria pessoa a principal responsável pela adoção, pela diretora da revista, de heterônimos que não só sustentassem a aparência de um corpo redatorial mais amplo como a deixassem à vontade para assumir postura de maior impessoalidade.

Assim, a função de crítica artístico-literária é delegada à pessoa de Perpétua do Vale — pseudônimo que é mantido sob rigoroso sigilo ao longo de todo o período de circulação da revista, só sendo publicamente revelado, ao que parece, por ocasião da apresentação do trabalho "Cancioneiro dos Bandeirantes", por Sílvio de Almeida, no 1º Congresso de História Nacional, em 1914. Cabe a Perpétua do Vale assinar as apreciações de quatro livros: *Plectros*, de Ibrantina Cardona, em I(5):72-76; *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim, em I(9):137-139; *Fantasia*, de Cândida Fortes\*, em I(19):295-298 e *Flor de Neve*, de Eurico de Góis\*, em II(32):160-161 — "impressões de leitura" em que se mostra, aliás, uma crítica ao mesmo tempo gentil, conscienciosa e diplomática, sem deixar de lado coerência e isenção de ânimo (preceitos nem sempre obedecidos pelo marido, Sílvio de Almeida, quando exerce essa mesma função). A matéria "Lágrima Tardia" — estampada em I(14):218-220 — corresponde a uma homenagem póstuma à poetisa alagoana Maria Jucá\*, enquanto "Madame de La Fayette" — em I(15):235-237 — lembra a figura simbólica daquela que é considerada a precursora da moderna escrita feminina francesa e "Maria Clara da Cunha Santos" — I(23):354-355 — homenageia aquela que é, efetivamente, o esteio material e moral da diretora da revista. Além de assinar aqueles três poemas circunstanciais com o mesmo pseudônimo, Perpétua do Vale se encarrega ainda de proceder ao elogio de Almeida Júnior\* numa matéria especial exibida em I(7):107-109, poucos meses antes do assassinato do pintor — voltando a tratar do mesmo artista na resenha de II(36):238-239, "Exposição Almeida Júnior", correspondente ao evento realizado em sua memória, em São Paulo, em fins de 1899. Uma menção a Perpétua do Vale, em função de um desses artigos, aparece em I(16):256. Desavisadamente, Cipião Jucá (pai de Maria Jucá) agradece a Perpétua do Vale — e não a Prisciliana Duarte — a homenagem à filha, fazendo-a dedicatária do poema "Dúvidas", publicado em I(19):295; da mesma forma, a escritora gaúcha Cândida Fortes retribui a Perpétua do Vale as referências elogiosas na resenha relativa a *Fantasia* dedicando-lhe o soneto "Volta aos Pagos" em II(30):131.

Resta analisar o trabalho de editorialista da escritora — situação que se restringiria, aparentemente, a quatro únicas situações em I(1):1-2, ao editorial-programa exposto no número inaugural; em I(24):369-370, ao texto "A Primeira Avançada", em que Prisciliana faz um balanço otimista dos resultados obtidos ao longo do primeiro ano de circulação de *A Mensageira*; em II(30):118-119, à matéria em que presta homenagem à atuação competente do médico Cândido Espinheira frente ao Hospital de Isolamento de São Paulo — e em II(36):217, ao chamar a atenção dos leitores para a vitória obtida pelas mulheres brasileiras no desfecho do polêmico caso das advogadas impedidas de exercer publicamente suas funções.

Assim, o aparente alheamento da diretora da revista com relação às reivindicações feministas que começam a emergir já nos primeiros números da revista torna ainda mais verossímil nossa hipótese de os dois editoriais assinados por uma misteriosa M. P. C. D. nos números 4 e 6 — I(4):49-51 e I(6):81 — terem saído da mesma pena de Prisciliana (que teria apelado para o recurso de utilizar as iniciais de seu nome de batismo, Maria Prisciliana [Vilhena] da Cunha Duarte para poder encarnar, sem maiores riscos, a personalidade de uma feminista mais enfática). Ver o verbete dedicado adiante, neste mesmo anexo, a M. P. C. D.

A necessidade de recorrer a heterônimos fornece uma indicação indireta da fragilidade da escritora que teme que a continuidade de sua revista possa ser comprometida por eventuais protestos de seus assinantes — mas confirma também o caráter pudico e reservado de Prisciliana. Para uma compreensão mais global de sua personalidade teríamos que recorrer, portanto, a pelo menos quatro máscaras (personas) ou heterônimos: por detrás da mulher ativa e realizadora que corresponderia à mãe, à esposa de Sílvio, à secretária e à administradora escolar, haveria uma "máscara poética" (cujo eu lírico aparece frequentemente colorido por tons sombrios, mesmo antes da morte do filho) que não esgota a capacidade literária de sua dona, capaz de encarnar ainda uma crítica artístico-literária correta e uma respeitável teórica do feminismo.

Fontes: ALCM (pp. 131-134); ALLV (pp. 22, 33, 304-305 e 427); ALRP (pp. 47-54 e 126); AMSP (monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175); APOH (cap. III, pp. 75-88); CBMO (pp. 146, 154 e 208); CNMT (pp. 271-280); CSVF (pp. 19, 21-22 e 35); DMMN (pp. 37-38); EDIJ (vol. VII, p. 3.778); FPSP (revista mensal fundada e dirigida por Sílvio de Almeida, organizada por ele próprio em seus 4 primeiros números, referentes a janeiro, fevereiro, março e abril de 1924, provavelmente secretariado por Prisciliana Duarte de Almeida); LALI (pp. 139, 180, 198, 217 e 224); LFSB (reprodução, na fl. 215, do "Soneto" extraído de *Sombras*); LZLI (pp. 30 e 167); NCDC (pp. 48-49); NCPH (p. 219); OESP (Suplemento Literário n° 78, edição de 26 de abril de 1958, p. 4: "De Narcisa Amália a Júlia Cortines", por Domingos Carvalho da Silva + Suplemento Literário n° 94, edição de 16 de agosto de 1958, p. 1: "Bobok, Bobok, Bobok", por Lúcia Miguel Pereira); PLSP (n° 8, dezembro de 1939: perfil biobibliográfico nas pp. 144-145, resenha do lançamento de *Vetiver* por Oliveira Ribeiro Neto nas pp. 155-156 + n° 20, dezembro de 1942, p. 163: "Mulheres e Academias", texto incluído nas "Notas Diversas" dessa edição + n° 27, setembro de 1944: sucessivamente, nas pp. 179-183: "Vaga a Cadeira n° 8", "Eleição do Sr. Aureliano Leite", "Falecimento da Acadêmica Sra. Prisciliana Duarte", "A Poltrona n° 8" e "Carta Aberta" de Ibrantina Cardona + n° 29, março de 1945: "Recepção Acadêmica", pp. 80-134, incluindo o discurso de posse de Aureliano Leite, o discurso de sua recepção pelo acadêmico José Soares de Melo e ainda, no noticiário "Vida Acadêmica" da mesma edição da revista, pp. 179-180, "Posse do Sr. Aureliano Leite"); RMDL (pp. 26 e 731); RNAP (coletânea de textos poéticos de Prisciliana Duarte de Almeida organizada por Oliveira Ribeiro Neto, incluindo estudo biobibliográfico); RWNB (p. 186); SBDB (vol. VII, pp. 83 e 422); SPER (p. 164); WMIB (vol. V, p. 7).

Iconografia: foto (circa 1900) em AGRJ (almanaque para o ano de 1904, p. 291); o retrato (desenho a bico-de-pena) baseado na fotografia reproduzida em AGRJ, ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 215); retrato posterior (desenho) incluído na p. 144 do n° 8 de PLSP; vistas dos prédios do bairro dos Campos Elísios que sediaram o Instituto Sílvio de Almeida e que lhe serviram de residência até 1920, aproximadamente, nas pp. 79 e 87 de APOH.

ALMEIDA, Sílvio de (Sílvio Tibiriçá de Almeida) — I(1):10-11; I(2):23-24; I(4):62-63; I(5):70; I(6):91-92 e 96; I(8):120 e 123; I(9):143-144; I(10):158; I(13):208; I(16):242-244; I(20):308-309; I(21):336; I(24):370; II(25):3-4; II(26):30-31; II(27):61, 68, 71 e 72; II(28):80; II(29):102 e 116; II(30):120 e 131; II(31):140-142; II(32):152-154; II(34):193-194; II(35):209; II(36):224, 235-236 e 236.

#### ALMEIDA, Sílvio de

Filho e neto de advogados vinculados à tradição liberal, autonomista e antimonarquista do sul de Minas (Aureliano Batista Pinto de Almeida e Aureliano Batista Pinto de Almeida Filho), Sílvio Tibiriçá de Almeida (1867-1924) nasceu em Pouso Alegre, em fins de agosto de 1867 — cerca de três meses depois do nascimento, na mesma localidade, de sua prima e futura esposa, Prisciliana Duarte de Almeida\*. As circunstâncias de sua biografia estão sendo detalhadas no verbete dedicado a Prisciliana — visto superporem-se, desde a infância, as histórias de vida dos dois primos. Por esse motivo limitamo-nos, aqui, a expor apenas algumas datas-chave:

Nascido e criado em Pouso Alegre, transfere-se para o Rio de Janeiro por volta de 1885 para completar estudos secundários e preparar-se para o ingresso na Faculdade de Direito de São Paulo — meta alcançada no início de 1888. De família tradicional e influente mas de posses modestas, sua instalação na capital paulista (para frequentar a academia) só se torna possível por manter-se lecionando e ao mesmo tempo residindo em colégios particulares.

Em 1892 ocorrerão sua formatura e seu casamento com Prisciliana. Nasceram, nos cinco anos seguintes, os três filhos do casal — pela ordem: Leandro\*, Tales e Bolívar\* (evidenciando-se a filiação do pai ao positivismo ortodoxo de Comte e Laffitte, os dois últimos tiveram seus nomes extraídos do Calendário Positivista). O caçula, Bolívar, falecerá em fins de 1898, com um ano e meio de idade (ocorrência marcante na biografia de Prisciliana Duarte e na própria vida da revista *A Mensageira*, cuja circulação interrompe-se no período de luto); os dois primeiros sobreviverão aos pais — tornando-se bacharéis em direito e juizes de carreira. Colaborando em periódicos paulistanos desde seu primeiro ano de faculdade (cf. Barreto do Amaral em "Jornalismo Acadêmico", AMSP) — divulgando, além de textos em prosa, poemas pautados pelo parnasianismo mais rígido —, Sívlio vê publicado em São Paulo, em 1893, seu primeiro livro, *Efêmeras*.

Mas o exercício da advocacia cede lugar a sua permanência no magistério secundário. A conquista, por concurso, do cargo de lente da cadeira de português do recém-fundado Ginásio do Estado de São Paulo (1895) concede-lhe relativa estabilidade financeira, permitindo-lhe atuação mais regular na imprensa local e regional. Assim, torna-se colaborador regular do diário campineiro *Cidade de Campinas* (dirigido por seu amigo Alberto Faria\*) e das folhas paulistanas *O Comércio* (estabelecida a partir de 1901) e *Diário Popular* (fundado em 1884, até hoje circulante), para a qual redige a seção "Palestras Filológicas". No jornal *O Estado de S. Paulo* manterá por muitos anos — detectamos matérias publicadas entre 1909 e 1913 — a coluna "Divagações", de temática variada, sem que se caracterize atividade crítica propriamente dita, conforme destacado por Leonardo Arroyo em *LASA*. Seu periódico próprio, a *Revista de Filologia Portuguesa* (FPSP), mensário lançado em janeiro de 1924, três meses antes da morte do professor, só teve os quatro primeiros números dirigidos por Sívlio de Almeida.

Ao iniciar-se o século XX, as condições financeiras já lhe permitem estabelecer, no bairro dos Campos Elísios, seu próprio colégio (liceu para rapazes mantidos em regime de externato ou de internato, instalado em prédio que serve, simultaneamente, de residência para os Almeidas), para cuja manutenção conta com a colaboração de dois cunhados (Mário Roberto Duarte e Paulo Roberto Duarte, irmãos de Prisciliana), e do jovem primo Aureliano Leite (1886-1976), que viera estudar direito em São Paulo (a quem devemos boa parte das informações aqui contidas) e da esposa.

O apogeu da carreira de Sívlio e Prisciliana parece coincidir com o sucesso obtido na luta pela implantação da Academia Paulista de Letras — concretizada em fins de 1909 —, na qual ocupou a cadeira n° 17 (escolhendo para patrono o romancista e filólogo mineiro Júlio Ribeiro\*), ao lado de Prisciliana, ocupante da cadeira n° 8 (cuja patrona, Bárbara Eliodora\*, corresponde à semilendária tia-trisavó de ambos). Mas, a dar-se crédito a Aureliano Leite (em ALRP), os últimos anos de vida de Sívlio — que se pautara sempre por uma correção e por um rigor moral inabaláveis — são marcados por acusações caluniosas de rivais invejosos de seu prestígio e pela doença (possivelmente o mesmo diabetes que levou Prisciliana ao túmulo), que acaba por deixá-lo praticamente cego, surdo e afônico. A morte vem libertá-lo da vida árdua, inteiramente consagrada ao trabalho, em 30 de março de 1924, na cidade de Santos.

A rigor, pode-se dizer que sua bibliografia (invariavelmente incorreta em todos os autores consultados), excetuadas algumas monografias divulgadas em forma de folhetos ou separatas, limita-se a cinco livros: *Efêmeras* (sua única coletânea poética, prefaciada por Raimundo Correia\*: São Paulo, Editora Casa Macedo, 1893); *O Antigo Vernáculo (Ensaio Elucidativo)*, publicado em 1902 pelos mesmos responsáveis pela edição da revista *A Mensageira* (Typographia Brazil de Carlos Gerke\*); *A Máscara de um Poeta: Bernardim Ribeiro*, estudo dedicado à identificação do autor das "Trovas de Crisfal" (Lisboa, Guimarães & Cia. Editores, 1913); *A Sistematização Ortográfica* (São Paulo, Rotschild, 1913) e *Estudos Camonianos*, lançado postumamente pela Empresa Editora Nova Era de Paulino Vieira & Comp. (São Paulo, 1925). Este último é enriquecido por uma coletânea (incluída como posfácio) de necrológios transcritos da imprensa paulistana e carioca.

Das monografias que chegaram a dar renome internacional a Sívlio de Almeida, destaca-se aquela (de 1913) em que é discutida a questão da autoria das Cartas Chilenas, reimpressa no n° 12 da *Revista da Academia Paulista de Letras* e incluída nos *Estudos de Sívlio de Almeida* organizados por Leonardo Arroyo e publicados em 1967. Testemunhando o prestígio alcançado pelo mestre já na virada do século, encontramos publicados no *Almanaque Brasileiro Garnier* (AGRJ) — utilizado por ele, no anuário para o ano de 1905, como veículo para a divulgação do seu colégio — sua fotografia, dois poemas e uma dedicatória, em matérias incluídas nos anuários para 1904 e 1906.

Uma amostra razoável da produção poética de Sívlio de Almeida é dada pelo conjunto de 12 poemas publicados na *Mensageira* entre 1897 e 1900: o soneto de decassílabos "Patuit Dea" — I(5):70 —, datado de dezembro de 1897, implicitamente dedicado à esposa; o belo "Madrigal" — I(8):120 —, três quadras de decassílabos de 1898, sem dedicatória, baseado em tema de Sully Prudhomme; o poema "Porque Sou Triste" — I(20):309 — seis quadras de decassílabos, sem data, em homenagem à mãe do poeta, enxertado num dos textos "Com Ares de Crônica", de Maria Emília Lemos\*; o filosófico soneto de decassílabos "Voluptas Patiendi" — I(24):370, datado de 18 de setembro de 1898, sem dedicatória, igualmente meritório, situado no mesmo campo temático da produção coetânea de Raimundo Correia; a artificiosa "Parábola Oriental" — II(26):30-31 —, desenvolvida em dez quadras de decassílabos, sem dedicatória e sem data; "Excelsa Glória" — II(27):61 —, seis quintilhas de decassílabos igualmente empostados e artificiosos; o soneto de versos alexandrinos "A Morte de Cristo" — II(28):80 — tradução de poema de Molière premiada em concurso da revista carioca *A Semana*; o elegíaco soneto de decassílabos "Duas Épocas" — II(29):102 —, datado de 8 de junho de 1899, em que é homenageada a esposa, poucos meses depois da morte do filho; o extenso e filosófico "Da Nascente à Foz" — II(34):193-194 —, poema composto por 16 quadras de decassílabos, sem dedicatória, laureado em 1894 com o prêmio máximo de um outro concurso literário da revista *A Semana* (Pércles Eugênio esclarece, em PEFJ, que nesse terceiro concurso da revista carioca — julgado por Raimundo Correia\*, Fontoura Xavier\*, Augusto de Lima\* e Max Fleiuss\* —, o segundo lugar coube a Francisca Júlia da Silva\*; a habilidosa "Tradução de uma Ode de Safo"



— II(35):209 —, feita a partir de uma versão francesa de Jacques Delille (1738-1813); o soneto "Hoje" — II(36):224 —, sem dedicatória e sem data, igualmente dirigido a Prisciliana.

Incluída nessa produção o melhor e o pior da arte poética do professor, evidencia-se sua filiação à "poesia objetiva" de Prudhomme, de caráter neoclássico e inspiração positivista. Mas os resultados obtidos com a versificação rígida e artificial adotada nem sempre correspondem à nobreza da temática adotada pelo brasileiro — embora tenhamos que reconhecer sua maestria em poemas como "Madrigal", "Voluptas Patiendi" e "Da Nascente à Foz".

As numerosas menções a Sílvio de Almeida na revista correspondem, em sua maior parte, à transcrição de referências (invariavelmente elogiosas) publicadas na grande imprensa: aparecem em I(4):62-63, I(6):96, I(10):158, I(13):208, I(21):336 e II(27):71 e 72 — tendo sido publicadas originalmente no paulistano *A Nação*, no campineiro *Cidade de Campinas* e no juiz-forano *Correio de Minas*. As menções na revista paulistana *A Cecília* — em II(29):116 e II(30):131, são atribuíveis ao jovem Júlio Prestes de Albuquerque\*, diretor do periódico. Nas matérias produzidas pela própria *A Mensageira*, a citação do nome de Sílvio ocorre numa das crônicas de Maria Emília — em I(8):123 —, onde o mestre é considerado exemplo de pessoa capaz de conciliar o exercício da literatura com o desempenho do magistério; numa outra crônica, de Maria Clara da Cunha Santos\* — em II(30):120 —, em que se registra a estadia de Sílvio e Prisciliana no Rio de Janeiro, no inverno de 1899; na dedicatória (implícita) do poema "Constante", de Prisciliana e na dedicatória (explícita) do poema "Margarida", de Benedito Ribeiro\* — respectivamente em II(27):68 e II(36):236.

Merece atenção especial a transcrição — em I(9):143-144 — de um texto publicado originalmente no *Almanaque do Município de Passos* para o ano de 1898, no qual fazem-se alusões a circunstâncias da biografia de Sílvio de Almeida, fornecendo-se material útil para o confronto com os dados disponíveis nas obras de referência.

As intervenções mais incisivas do professor na revista dirigida pela esposa surgem sob a forma de três crônicas, do texto "Safo" e de quatro resenhas críticas. Na primeira crônica, "Cartão de Parabéns", incluída no número inicial de *A Mensageira* — I(1):10-11 —, ele se solidariza com as redatoras da revista, enfatizando a necessidade de se promover a emancipação feminina (mas resvalando no sectarismo de positivista comtiano ao propor que se eleve "um altar de adoração" para a mulher e ao pregar a conciliação do "grandioso princípio de fraternidade republicana" com o "belo conceito da irmandade católica"). Na segunda, "Traços Ligeiros" — I(2):23-24 — ocupa-se principalmente de responder às críticas de Artur Azevedo\*, que aconselhara Prisciliana a restringir o acesso à revista a colaboradores do sexo feminino. Na terceira, igualmente intitulada "Traços Ligeiros" — I(6):91-92 —, tece considerações relativas à mudança da capital mineira (de Ouro Preto para Belo Horizonte).

A aparente tentativa de criar-se uma coluna reservada para esses "Traços Ligeiros" de Sílvio de Almeida parece ter sido arquivada já no início de 1898, pois seu único texto em prosa publicado nesse ano corresponde à resenha referente a um livro de versos do parnasiano Eugênio Leonel, *Poentes* — I(16):242-244 — texto no qual evidenciam-se, mais uma vez, aspectos ideológicos vinculados ao positivismo ortodoxo do crítico, aí incluídas condenações aos poetas tradicionais ainda atrelados ao modelo do "pobre e lamuriento Casimiro de Abreu\*" e aos novos poetas, "criançada que vive por aí a nos zangarrear as suas parvoíces". As duas resenhas seguintes são bem menos complacentes: em II(31):140-142 o jornalista Alberto Sousa é elogiado pela publicação do ensaio *Brasil-Paraguai*, mas desancado pela veiculação de conceitos que feririam a ortodoxia positivista; em II(32):152-154 o livro de estréia de Amadeu Amaral\*, *Urzes* — que já aponta em direção à estruturação de um neoparnasianismo mais direto e popular (menos empolado e erudito que aquele proposto pelos modelos franceses) — é impiedosamente ridicularizado. Na quarta resenha, publicada no último número da revista — em II(36):235-236 —, o tom ameno de sua primeira crítica é retomado ao analisar-se o volume de narrativas paradigmáticas *Pátria*, do professor João Vieira de Almeida\*.

Quanto às "notas" correspondentes ao texto "Safo" — II(25):3-4 — lembram, de certa forma, o caráter evasivo do neoclassicismo assumido pelos parnasianos; mas podem ser explicadas, também, pelo fato de Safo e Elisa Mercœur serem as únicas poetisas admitidas no Calendário Positivista, base para os rituais litúrgicos da Religião da Humanidade.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1904: poema "Galatéia" na p. 267, almanaque para o ano de 1905: anúncio do Instituto Sílvio de Almeida na p. 45, almanaque para o ano de 1906: teve o poema "Licet Insanire..." incluído na p. 223 mas também aparece como dedicatório de um poema de Simões Pinto na p. 234, almanaque para o ano de 1907: "O Arco da Velha", notas filológicas, pp. 226-227, almanaque para o ano de 1909: transcrição de três de suas "Palestras Filológicas" nas pp. 157-161, 230-231 e 232-235); ALCM (p. 128); ALLV (pp. 22, 25, 27, 32, 33, 36, 205, 280 e 427); ALRP (pp. 47-54, 126, 179 e 192); AMSP (monografias de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175 + "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); APOH (cap. III, pp. 75-88); CDOR (p. 343); CNMT (pp. 271-280); EDJ (vol. I, p. 369); FPSP (revista mensal paulistana fundada por Sílvio de Almeida, dirigida e organizada por ele próprio em seus quatro primeiros números, referentes a janeiro, fevereiro, março e abril de 1924, o número de maio homenageando-o postumamente); HGSP (índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista: vol. LX, 1964, p. 18 + referência a Sílvio de Almeida em artigo de Duílio Crispim Farina, vol. LXXXIII, 1988, p. 188); ILPB (pp. 144, 147, 161, 174-175 e 284); LALI (pp. 140 e 142); LASA (coletânea de textos de Sílvio de Almeida organizada por Leonardo Arroyo); LFSB (reprodução do soneto "Defronte de um Templo", fl. 218); PEJF (p. 62); PLSP (nº 12, dezembro de 1940, pp. 4-28 + nº 17, março de 1942, pp. 116-118); RMDL (pp. 27 e 731-732); SAAV, SAEC e SAMP (obras originais de Sílvio de Almeida); SEDB (vol. VII, p. 246); SPER (pp. 48-49 e 60-61); WMIB (vol. IV: p. 430, vol. V: p. 172, 355 e 388, vol. VI: p. 357, vol. VII: p. 450).

Iconografia: foto (c. 1900) em AGRJ (almanaque para o ano de 1904, p. 291); foto (c. 1910) na p. 3 de SAEC; foto (c. 1920) entre pp. 106 e 107 de FPSP (n° 5, maio de 1924, edição em homenagem ao mestre recém-falecido); retrato (desenho) e vistas dos prédios do bairro dos Campos Elísios que sediaram o Instituto Sílvio de Almeida, nas pp. 79, 84 e 87 de APOH; retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 218); desenho de João de Brito na p. 47 de ALRP.

AMÁLIA, Narcisa — I(1):1; I(5):75; I(6):95; I(7):105; I(10):160; I(22):343; II(27):50; II(28):96; II(31):146-148; II(34):188-189 e 189.

AMÁLIA, Narcisa

A maior poetisa do nosso tardo-romantismo — a fluminense Narcisa Amália de Oliveira Campos (1852-1924) — pertenceu à mesma geração que incluiu os condoreiros Castro Alves\*, Carlos Ferreira\* e as irmãs gaúchas Amália Figueiroa\* e Revocata Figueiroa de Melo\* ("Revocata Mãe").

Filha de Joaquim Jácome de Oliveira Campos Filho e Narcisa Inácia de Campos, Narcisa Amália nasceu no mesmo município de São João da Barra, RJ (localizado junto à foz do Paraíba do Sul) que servirá de exílio para Ridelina Ferreira\* no final do século.

Em São João da Barra transcorre sua infância — mas aos 11 anos de idade muda-se para o outro extremo do Estado do Rio de Janeiro, a Resende cafeeira, onde o pai (poeta nas horas vagas) se estabelece como jornalista e professor de uma escola elementar pública (a mãe, de origem portuguesa, também atua como professora primária particular, sendo provavelmente a responsável pela alfabetização da filha).

Em 1866 (aos 14 anos) Narcisa Amália casa-se com um artista cômico ambulante, João Batista da Silveira — mas não o acompanha em suas andanças, permanecendo em Resende, em companhia dos pais e dos irmãos. Acumulando uma variada produção de crônicas, traduções do francês e poemas dela própria (publicados na imprensa local e regional dos anos 1860-1870), a jovem escritora divulga, em 1872, a coletânea poética *Nebulosas*, editada por Garnier no Rio de Janeiro. Esse volume permanecerá sendo seu único livro, embora a poetisa ainda viva por mais de meio século — mas é o suficiente para chamar a atenção dos meios literários nacionais e conquistar-lhe o reconhecimento de Machado de Assis\* e do imperador Pedro II\* e a veneração por parte de poetas mais jovens (como Luís Murat\*, e Raimundo Correia\*) ou pouco mais velhos, como o resendense Ezequiel Freire (1850-1891), seu mais notório admirador.

À anulação do primeiro casamento segue-se um segundo, celebrado em 1880, com o português Francisco Cleto da Rocha, quatro anos mais velho do que ela, estabelecido em Resende como padeiro. Não resultaram filhos de nenhum desses dois casamentos. Separada do marido desde 1888, vai residir na cidade do Rio de Janeiro, onde na virada do século se encontrará lotada como professora pública do Distrito Federal (tendo por colega, na mesma condição, a poetisa Adelina Amélia Lopes Vieira\*, outra colaboradora de *A Mensageira*). Sabendo-se que em 1908 desempenha a função de diretora de uma escola pública do bairro de Botafogo, verifica-se que o exercício do magistério, em seu caso, deve ter se estendido até mais ou menos os 60 anos de idade (isto é, até sua aposentadoria). Os últimos 12 anos de vida, já retirada, teriam sido dominados pela doença, aparentemente caracterizada por graves distúrbios circulatórios: ao falecer, em 1924, com 72 anos de idade, Narcisa Amália está cega e parálitica.

Os dados aqui relacionados, até este ponto, foram integralmente obtidos de Simões dos Reis — que em SRNA reuniu toda a documentação disponível a respeito da escritora, restituindo a ela o grau de importância correspondente à qualidade de sua arte e a seu papel proeminente no âmbito da literatura feminina do final do Império. Reis se dispôs a assumir a responsabilidade por esse resgate tomando como ponto de partida sua própria indignação frente à caluniosa acusação do influente crítico Múcio Teixeira (1857-1926), que em suas memórias abordara longamente o caso da poetisa fluminense, acusando-a de publicar em nome dela os versos de um obscuro poeta coetâneo — começando pela seguinte frase, que dá uma idéia da gratuidade de sua argumentação: "Passa por ser uma das mais inspiradas poetisas brasileiras a velha professora pública do Distrito Federal, d. Narcisa Amália, quando a verdade é que esta senhora nunca fez uma poesia em sua vida".

O material reunido por Simões dos Reis consegue, com base em documentação cuidadosamente compilada e apresentada, provar não só a falsidade da acusação como a má fé de Múcio Teixeira (algo que, na prática, serve apenas para ilustrar a animosidade dos meios literários assim chamados "profissionais" contra as escritoras brasileiras, que despontavam por todo o território nacional, roubando-lhes leitores e ameaçando, ao mesmo tempo, a "reserva de mercado" masculina e a medíocre mesmice da "máscula" literatura praticada em quase todo o Brasil do final do século XIX e início do século XX). As raízes originais daquelas calúnias estariam, aliás, na despeitada maledicência manifestada pelo padeiro Francisco Cleto, segundo marido de Narcisa Amália.

Diante do trabalho de Simões dos Reis, passam a ter importância secundária os verbetes de dicionários como SBDB e DMMN; o verbete de Raimundo de Menezes em RMDL funciona, na prática, como um sumário do livro de Simões dos Reis, SRNA. E, apesar de críticos menos flexíveis (como Wilson Martins em WMIB e Antônio Cândido em ACFL) não enxergarem em Narcisa Amália maiores méritos, são dignos de nota dois textos que discutem a figura dessa escritora sob uma perspectiva relacional mais ampla, literária e sociologicamente falando:



em 1958 o jornal OESP publicou um interessante estudo de Domingos Carvalho da Silva que toma Narcisa Amália justamente como paradigma da mulher cultora da poesia romântica no Brasil; e mais recentemente (em HDMB, 1997) a professora Norma Telles reuniu elementos que desmistificam a aura de fragilidade e de passividade criada em torno tanto desta escritora como de muitas outras de suas contemporâneas.

A importância assumida pela escritora como poetisa tende a relegar a segundo plano, aliás, sua atuação como cronista (mantenedora, inclusive, de uma *Gazetinha*, "folha dedicada ao belo sexo", editada em Resende em meados da década de 1880), função em que sustentava, sempre, postura libertária, abolicionista e feminista, de intelectual atenta à problemática social de seu povo e solidária com relação à gente de seu sexo.

A trajetória percorrida pelo nome de Narcisa Amália entre 1897 e 1900, em *A Mensageira*, se mostra bastante consistente com relação ao perfil biográfico exposto acima.

Já no editorial-programa anteposto por Prisciliana Duarte de Almeida\* ao primeiro número da revista — em I(1):1 — a poetisa fluminense é mencionada como uma precursora em meio às mulheres escritoras veteranas do país, com a ressalva de que "já se recolheu ao silêncio". No n° 5 — em I(5):75 — a mesma Prisciliana (agora debaixo do pseudônimo "Perpétua do Vale") cobra-lhe novamente o referido recolhimento, apontando a circunstância de Narcisa Amália ter permanecido como autora de um livro só, as "brilhantes *Nebulosas*". Ainda em 1897, em I(6):95, transcreve-se um comentário do jornal carioca *O País*, em que é lamentada sua ausência (provisória, como se verá) do quadro de colaboradoras de *A Mensageira*.

Em 1898 sucedem-se novas menções a Narcisa Amália: em I(7):105, é a vez de "Pelayo Serrano" (pseudônimo de Néelson de Sena\*) alinhá-la entre as principais poetisas do Brasil; em I(10):160, Júlia Cortines\*, esclarecendo não ser paulista e sim fluminense, declara-se "uma conterrânea de Narcisa Amália"; em I(22):343, aparece no rol de escritoras homenageadas com dedicatórias no primeiro livro de Andradina de Oliveira\* (a coletânea de contos *Preludiando*, editada em Rio Grande, RS, em 1897).

A primeira produção de Narcisa aparecerá já em 1899, em II(27):50 — trata-se do soneto "Recordação Fatal", sem dedicatória e sem data; segue-se nova menção, em II(28):96, mais uma vez extraída do diário carioca *O País*. Em II(31):146-148 surge uma crônica, "A Paisagem", em que a escritora relata as impressões pessoais de um passeio à região do Itatiaia, acompanhada de sua filha adotiva e de uma serviçal (parece tratar-se do mesmo texto publicado anteriormente pelo *Diário Mercantil* de São Paulo no início de novembro de 1887, conforme p. 182 do arrolamento de esparsos procedido por Antônio Simões dos Reis em SRNA). Finalmente, em II(34):188-189, aparece o hugoano poema "Ouvindo um Pássaro", igualmente sem dedicatória e sem data — poema que, nessa versão publicada por *A Mensageira* deve se situar entre suas produções mais felizes: a inclusão do mesmo "Ouvindo um Pássaro" na p. 64 do livro de Simões dos Reis, entre as "Avulsas" de Narcisa Amália mostra que sua versão original foi divulgada pelo periódico *O Timburibá*, de Resende, em 7 de setembro de 1887, mas os mesmos versos ressurgem na revista paulistana inteiramente remodelados e aperfeiçoados, numa surpreendente demonstração de meticulosidade e perícia. Narcisa Amália ainda é mencionada por Damasceno Vieira\* em texto publicado nessa mesma p. II(34):189, numa resenha dedicada a Julieta de Melo Monteiro\*.

Fontes: ACFL (pp. 250, 252, 253-254, 382 e 412); CBMO (pp. 167, 180 e 200); CSVF (pp. 19-20 e 50); DMMN (p. 202); HAEB (p. 246); HDMB ("Escritoras, Escritas, Escrituras", artigo de Norma Telles incluído nas pp. 401-442 dessa coletânea); LFSB (reprodução do soneto "O Lago", fl. 95); OCBC (pp. 129-130); OESP (artigo de Domingos Carvalho da Silva: "De Narcisa Amália a Júlia Cortines", p. 4 do Suplemento Literário, ano II, n° 78, edição de 26 de abril de 1958); RFPF (pp. 41-45); RMDL (p. 36); SRNA (volume de 192 pp., inteiramente dedicado à biobibliografia de Narcisa Amália); WMIB (vol. III, pp. 416-417 e 444).

Iconografia: em SRNA, Simões dos Reis apresenta reproduções fac-similares da página de rosto e do retrato da jovem Narcisa Amália de 1872 (data da edição original de *Nebulosas*), além do retrato do pai da poetisa, Jácome de Campos; em WMIB (entre pp. 416 e 417) insere-se um desenho com que a revista carioca *A Semana Ilustrada* a homenageava, em meados de 1873; em CBMO (p. 180) reproduz-se a capa de uma edição de 1881 da revista lisboeta *A Evolução*, ilustrada por uma fotografia da bela poetisa; em LFSB (fl. 95) Laudelino Freire ilustra o texto dedicado a Narcisa Amália com um retrato (desenho a bico-de-pena) que deve ter se baseado em fotografia datada dos últimos anos do século XIX.

AMARAL, Amadeu — I(5):72; II(32):152-154.

AMARAL, Amadeu

Embora só tivesse 22 anos de idade na época em que colaborou na *Mensageira*, o futuro polígrafo paulista Amadeu Amaral (1875-1929) já completava a coleção de poemas que viriam a compor seu primeiro livro de versos, editado em 1899. Hoje, decorrido um século, pode-se afirmar com certeza ter sido ele o mais relevante (tanto no sentido estético como no sentido histórico) de todos os colaboradores masculinos da revista.

Nascido numa fazenda localizada entre os municípios paulistas de Capivari e Monte-Mor, Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado — que se considerava cidadão capivarano —, sendo filho de pais primos-irmãos,

descendia tanto do lado materno como paterno de uma família cujas origens remetiam ao quinhentista cacique Tibiriçá\*, sendo portanto remotamente aparentado com Prisciliana Duarte de Almeida\* e Silvio de Almeida\*.

Depois de ter cursado a escola elementar em Capivari, vem trabalhar em São Paulo, por volta de 1888; teria chegado a preparar-se para ingressar na Faculdade de Direito de São Paulo — mas abandona os preparatórios para se dedicar ao jornalismo, que exercerá até a morte; teve, portanto, formação essencialmente autodidática. O ocasional desempenho de funções públicas não impedirá que trabalhe sucessivamente no *Correio Paulistano*, no *São Paulo*, no *Correio de São Carlos*, em *O Comércio de São Paulo*, em *O Estado de São Paulo* (neste por quase vinte anos ininterruptos, a partir de 1910), na carioca *Gazeta de Notícias* e, de volta a São Paulo, no *Diário da Noite*.

Já em 1895 associa-se a José Máximo Pinheiro Lima para fundar um semanário próprio, a *Revista Literária*, frustrada tentativa de preencher importante lacuna na imprensa paulistana, então carente de periódicos da área cultural. Mas, apesar de só ter persistido por poucos meses, essa revista assume grande importância em seu contexto, por conseguir atrair (dois anos antes de *A Mensageira*) a florescente produção local e regional: surgem em suas páginas colaborações de Zalina Rolim\*, Francisca Júlia da Silva\* e Dulce Sylva; noticia-se a atuação da pintora Berthe Worms em São Paulo e o lançamento da reedição paulistana do primeiro romance de Júlia Lopes de Almeida\*; acolhem-se contribuições de Júlio César da Silva\*, João Cândido de Carvalho\*, Garcia Redondo\*, João Luso\*, Henrique de Barcelos, Valdomiro Silveira e outros de igual projeção no futuro imediato da literatura nacional (cf. SPER).

Conhecido pela correção, modéstia e responsabilidade com que desempenhava suas funções (mas também por sua originalidade e independência), Amaral tinha seus textos frequentemente disputados. Além de ter editado diversos outros jornaizinhos, igualmente efêmeros, dele pode-se dizer que colaborou em quase todos os periódicos vernáculos publicados na capital paulista entre o início da década de 1890 e o final da década de 1920 — tanto no campo da poesia como nos mais diferentes campos da prosa (contos, crônicas, discursos e conferências, necrológios, resenhas teatrais e literárias, ensaios de estética, estudos de folclore). Muitos desses textos permanecem no anonimato, dada a circunstância de tê-los publicado sob pseudônimos (A. A., Antônio Branco, Arnaldo Perestelo, Bento de Moraes, Carlos Pinto, Felício Trancoso, Maneco, Max Til, Y. e Yorick) ou sem assinatura.

Em 1909 toma partido, na imprensa, a favor da criação de uma Academia Paulista de Letras (concretizada no final desse mesmo ano, contrapondo-se à campanha de difamação orquestrada por Vicente de Carvalho, que ridicularizava a iniciativa; ao lado do casal Prisciliana e Silvio de Almeida, Amaral integrará o corpo de fundadores da academia, nela ocupando a cadeira nº 33, que tem por patrono o poeta Teófilo Dias\*. Em 1912 figurará entre os fundadores da Sociedade de Cultura Artística — cujos trabalhos inauguram-se em 26 de setembro, justamente com sua conferência "Raimundo Correia" (reproduzida em SCAC, depois em *Letras Floridas*), primeira das palestras que reeditarão, na capital paulista, o sucesso da série iniciada na Capital Federal, em 1905, por Coelho Neto\* e Olavo Bilac\*. Em 1919, Amaral sucederá Bilac na cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras (que tem Gonçalves Dias\* por patrono) — tendo, como sucessor, por sua vez, em 1930, um outro poeta paulista, Guilherme de Almeida.

A respeito de sua atuação política, é preciso lembrar que já em 1909 Amadeu Amaral posicionava-se pelo civilismo (apoiando, consequentemente, a candidatura de Rui Barbosa à Presidência da República), assumindo atitude antimilitarista intransigente, criticando a candidatura de Hermes da Fonseca. Em 1917 participa da fundação da Liga Nacionalista, iniciando ardorosa pregação pela adoção do voto secreto; por essa mesma época, adere à maçonaria e polemiza com Júlio Prestes de Albuquerque\*. Candidatando-se a uma vaga de deputado estadual em 1922, é frustrado pela derrota que lhe é infligida (cf. Paulo Duarte, no perfil biográfico anteposto à obra AATP) pelos contumazes fraudadores eleitorais. Em 1928 enfrentará frustração semelhante, ao candidatar-se a deputado pelo recém-fundado Partido Democrático (do qual chegou a dirigir o órgão oficial, *Diário Nacional*).

Em 1927, de volta a São Paulo (depois de uma estadia de quatro anos na Capital Federal), recebe de Sud Mennucci o encargo de lecionar português e dirigir o Ginásio Moura Santos (propriedade de Mennucci e de Máximo de Moura Santos). Assumirá a seguir, em 1929, a missão de "ressuscitar" a Academia Paulista de Letras (fundada em 1909, como vimos, mas há vários anos limitada a uma vida vegetativa), promovendo a eleição de novos titulares que preenchessem as vagas geradas pelas mortes dos membros fundadores e reformando os antiquados estatutos da instituição.

Amadeu Amaral morreu "em nobre pobreza" (na amarga expressão de Paulo Duarte), em São Paulo, em 24 de outubro de 1929, vítima da febre tifóide. Tendo se casado com sua prima são-carlense Ercília Vaz do Amaral, falecida em 1934, teve três filhas — Maria de Lourdes, Inocência ("Ziza") e Iolanda —, nascidas entre 1902 e 1908; o único filho homem foi o caçula, Amadeu Amaral Júnior (1910-1944), que também seguiu carreira jornalística. O Amadeu Pai, além de escritor, era — segundo Paulo Duarte — bom desenhista, chegando a publicar caricaturas; a irmã dele, Elisa Amaral, foi pintora identificada com o estilo e a temática de seu professor, Almeida Júnior\*.

A edição da série "Obras de Amadeu Amaral", pela Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, co-editada pela paulistana Editora Hucitec, por iniciativa pessoal de Paulo Duarte, veio coroar o movimento recente de resgate da bibliografia do escritor, colocando em disponibilidade, a partir de 1976, uma obra que, além de extensa, é polimorfa; apesar de não ter a pretensão de reunir a íntegra de uma enorme produção dispersa por grande número de livros, folhetos, jornais e revistas, abrange, em suas 11 partes, o essencial — compondo-se de:

1) *Tradições Populares* (coletânea de textos divulgada postumamente, em 1948, cuja situação de marco histórico dos estudos de folclore paulista é salientada por Florestan Fernandes em FFFQ); 2) *O Dialeto Caipira* (editado originalmente em 1920, igualmente pioneiro no gênero); 3) *Poesias Completas*; 4) *Novela e Conto* (incluindo a novela *A Pulseira de Ferro*, de 1919, lançada em 1920, mais o conto "Ratinha de Esgoto", do final da década de 20); 5) *Política Humana*; 6) *Letras Floridas: Conferências Literárias* (cuja primeira edição surgiu em 1920); 7) *Memorial de um Passageiro de Bonde* (seu único romance, divulgado inicialmente pelo jornal *O Estado de São Paulo*, em 1927, sob o pseudônimo Felício Trancoso); 8) *O Elogio da Mediocridade: Estudos e Notas de Literatura* (coletânea crítica publicada originalmente em 1924); 9) *Ensaio e Conferências* (volume que complementa *Letras Floridas*, acrescentando material produzido entre 1919 e 1924); 10) *Crônicas* e 11) *Correspondência*.

Deve-se notar que no estudo "Poesia de Ontem e de Hoje", incluído na coletânea *O Elogio da Mediocridade*, Amadeu Amaral antecipa — segundo Leonardo Arroyo, em AMSP — teses nativistas que seriam reapresentadas dois anos depois nas proposições de Gilberto Freire no Manifesto Regionalista de 1926. Também digno de nota é o fato de ter divulgado, através do jornal *O Estado de São Paulo*, em 1922, uma crítica favorável ao livro que assinala praticamente a estréia do jovem modernista Mário de Andrade (1893-1945), *Paulicéia Desvairada*.

Existe consenso a respeito da importância assumida pela obra crítica de Amadeu Amaral: mesmo em trabalhos menos relevantes, o jornalista dá seu testemunho de modo sincero e espontâneo, de maneira que seus textos assumem, no mínimo, importância histórica com relação ao crucial momento de transição atravessado pelo país nas décadas de 1910 e 1920. Quanto à sua escassa obra ficcional, talvez seja João Pacheco (na revista AMSP) quem melhor sintetize a subjetividade de sua ficção, apontando a "atmosfera poética" em que se movimentam seus personagens.

A relativa exiguidade da obra poética de Amadeu Amaral não traduz posição subalterna: nos quatro volumes editados em São Paulo entre 1899 e 1924 — *Urzes* (1899), *Névoa* (1910), *Espumas* (1917) e *Lâmpada Antiga* (1924) — existe matéria suficientemente densa para ter inspirado muitos estudos críticos, entre eles salientando-se, em ordem cronológica: um folheto de Alberto Sousa\* (ASAA, 1918), um livro de Manuel Cerqueira Leite (CLAA, 1946) e uma monografia de João Pacheco (também publicada em AMSP, 1949). Destes, interessa-nos mais o primeiro, em que o jornalista de Santos, Alberto Sousa (um dos mais relevantes colaboradores masculinos de *A Mensageira*) fala do Amaral jovem, participante do mesmo círculo de frequentadores da confeitaria "A Paulicéia" (da rua XV de Novembro, centro de São Paulo), em que pontificavam Artur Andrade\*, o próprio Sousa e o poeta santista Vicente de Carvalho. Mesmo reconhecendo a imaturidade do poeta de *Urzes*, Alberto Sousa ressalta o extraordinário sucesso de público obtido por esse livrinho de estréia — mostrando que no segundo livro de versos, *Névoa*, já existe um poeta completo e original; *Espumas* já refletiria a influência despersionalizante da literatura elegante e "ataviada" do Rio de Janeiro. Mas o apogeu do lirismo do poeta interiorano estaria por vir, na coletânea *Lâmpada Antiga*, em que o desencanto e a preocupação em fornecer uma espécie de testamento filosófico permeiam poemas de maior contenção emocional e de perfeito domínio formal. Assim, Amadeu Amaral transitaria da sentimentalidade romântica ou neo-romântica de seus primeiros versos, passando sucessivamente pelas esferas contíguas do parnasianismo e do simbolismo, para um sincrético e personalizado classicismo transcendental que representaria sua superação de todas essas escolas ou tendências formais.

O soneto "Onde?...", sua única colaboração veiculada pela revista *A Mensageira* — em I(5):72 — sem dedicatória, datado de "S. Paulo, agosto, 97", seria, portanto, obra anacrônica e imatura, saída da pena de um rapazinho que ainda não tinha completado 22 anos de idade. Nesse sentido, soa despropositada a severidade (ofensiva, em alguns pontos) com que Sílvio de Almeida\* acolhe o lançamento de *Urzes*, em setembro de 1899 — cf. II(32):152-154.

Fontes: AATP ("Amadeu Amaral", estudo introdutivo às *Tradições Populares*, por Paulo Duarte, pp. IX-XLVI); ADPP (pp. 127-131); AMSP (estudo biobibliográfico de João Pacheco: "Amadeu Amaral", 1949, vol. CXXVIII + monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV + artigo de Leonardo Arroyo: "Armazém Literário: Achegas ao Modernismo", 1969, vol. CLXXVI, pp. 103-126); ASAA (folheto inteiramente dedicado ao estudo da poética de Amadeu Amaral); ASME (cap. 94: "Os de Ontem", pp. 151-153); AWPP (pp. 96-98); BADH (pp. 16, 353-354 e 439); CLAA (volume inteiramente dedicado ao estudo da poética de Amadeu Amaral, com numerosas indicações bibliográficas); CMAP (verbetes relativos a Amadeu Amaral Júnior, pp. 42-43 e Amadeu Amaral, pp. 460-461); FFFQ ("Amadeu Amaral e o Folclore Brasileiro", cap. 12, pp. 111-146); FLSP (Sud Mennucci: "O Ciclo Poético de Amadeu Amaral: Estudo Crítico", vol. I, janeiro de 1928, pp. 5-45); HGSP (índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista, vol. LX, 1964, p. 21); LFSB (fl. 296); PEPP (pp. 272-276); RBSP (relação nominal dos componentes da sociedade anônima editora da revista: n° 1, janeiro de 1916, p. 81); RMDL (pp. 37, 40, 721 e 731-733); RMQC (pp. 7, 11, 12 e 282-291); SCAC (conferência "Raimundo Correia", pp. 3-41); SMRO (reprodução da resenha de 1920: "A Pulseira de Ferro", pp. 41-53); SPER (p. 225); SPFE ("Amadeu Amaral", último segmento do vol. I, pp. 271-288); WMIB (vol. V: pp. 80, 446, 448, vol. VI: pp. 23, 24, 49, 57, 71, 87, 88, 89, 92, 94, 133, 134, 135, 136, 167, 173, 203, 211, 213, 259, 266, 290, 341 e 345, vol. VII: pp. 111, 272, 365 e 452).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 296); retratos dos pais e fotos com as filhas, ilustrando o estudo de João Pacheco na revista AMSP; fotografia (c. 1919), em que aparece envergando o fardão da Academia Brasileira de Letras, entre pp. 24 e 25 da PLSP n° 4 (dezembro de 1938); desenho de Belmonte, precedendo o texto de SPFE (p. 271); fac-símile de soneto autógrafo de Amadeu Amaral na p. 277 de SPFE.

ANDRADE, Artur — I(2):28; I(4):56 e 63; I(13):197-198; I(14):220; II(26):26-30; II(27):72; II(28):76; II(31):142-143; II(33):173; II(36):223.

ANDRADE, Artur

Paulista de Itapira, pequena cidade da região mojianana, Artur Andrade (1872-1902) fez estudos elementares na vizinha cidade de Moji-Mirim, onde se inicia no jornalismo publicando colaborações em *A Gazeta de Moji-Mirim* (circulante entre 1885 e 1893). Tendo perdido os pais em 1892, na epidemia de febre amarela que na época assolava todo o Oeste Paulista, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde passa a trabalhar como redator do *Diário de Notícias* (folha republicana publicada no período de 1885 a 1895).

Nascido no mesmo ano em que era fundada a Companhia Mojiana — empresa ferroviária cujos trilhos já chegavam a Ribeirão Preto em 1883 —, retorna à região de origem em 1895, estabelecendo-se por algum tempo em Santa Rita do Passa Quatro, onde assume a direção do primeiro jornal editado na cidade (*Gazeta de Santa Rita*, inaugurada em junho de 1895), fundando, ao mesmo tempo, o Externato Santa Rita, onde lecionou.

Deve-se notar que, não dispondo de habilitação formal para o magistério (principal atividade desenvolvida para sua própria subsistência), tem formação essencialmente autodidática, exercendo a profissão de professor secundário como "leigo".

De volta a São Paulo no final do século, dá aulas em colégios particulares e integra o corpo de redatores do vespertino paulistano *A Platéia* (um dos muitos jornais criados em São Paulo no ano de 1888) — publicando, paralelamente, colaborações em vários outros periódicos locais, como o *Diário Popular*, *A Mensageira* e *Ondina*.

Morre na capital paulista em 25 de abril de 1902, pouco antes de completar 30 anos de idade. Fez parte de um pequeno mas solidário grupo de escritores que tinham em comum a origem provinciana e humilde, o autodidatismo e uma produção poética paralela a uma intensa atividade jornalística; incluíam-se nesse grupo (liderado pelo santista Alberto Sousa), além do próprio Artur Andrade, João Cândido de Carvalho e Amadeu Amaral — todos eles, coincidentemente, colaboradores de *A Mensageira*.

Assim, logo após a morte do professor itapirense, Alberto Sousa e Amadeu Amaral encarregam-se de reunir e editar a obra poética de Artur Andrade: sai em fins de 1903, pela Typographia Andrade & Mello (de São Paulo), o *Livro d'um Morto*, em XIV + 101 pp., agrupando 38 poemas produzidos entre 1891 e 1902, contendo dedicatórias a Ricardo Azamor, Manuel Viotti\*, Alberto Sousa\*, Cândido de Carvalho\*, Pereira da Silva, Amadeu Amaral\*, Sílvio de Almeida\*, Augusto Baillet e Sá Campelo. O pequeno e elegante volume, cujo frontispício é desenhado por Alberto Azevedo, traz um retrato do poeta (reprodução litográfica de uma fotografia) e um extenso prefácio em que Amadeu Amaral rememora sua convivência com Artur Andrade. No final do volume surgem ainda um fragmento de prosa poético-filosófica ("Um Retalho de Prosa") e um posfácio ("Advertência") assinado conjuntamente por Alberto Sousa e Amadeu Amaral, em que, entre outras considerações, os signatários do texto chamam a atenção para o caráter espiritualista daquele "Retalho de Prosa" — revelação surpreendente para aqueles que conheciam Artur Andrade por seu ceticismo.

Na revista editada por Prisciliana Duarte de Almeida\*, Andrade caracteriza-se não só pela colaboração assídua e regular, como pela afinidade estética com relação à diretora da revista.

Se considerarmos que na *Mensageira* ocorre uma polarização de poetas em torno de cada um dos membros do casal Sílvio-Prisciliana — em torno de Sílvio de Almeida aglutinando-se os bacharéis-poetas positivistas, que cultivam o parnasianismo com máximo rigor formal; em torno de Prisciliana Duarte reunindo-se os autodidatas adeptos de uma arte despojada, espontânea e de caráter mais popular — teremos que situar Artur Andrade entre os mais definidos "priscilianistas" do período.

A revista veiculará, entre fins de 1897 e início de 1900, seis poemas de Artur Andrade:

O soneto "Blasfemo" — I(2):28 —, segundo poema do *Livro d'um Morto*, em que ainda se notam preciosismos que tenderão a desaparecer na produção poética posterior.

O poema "Súplica" — I(4):56 — quarto de seu livro póstumo, estruturado em sete quadras de versos em redondilha maior.

A "Canção" — II(28):76 — terceiro poema do *Livro d'um Morto*, quatro quadras de versos em redondilha maior, cuja configuração despretenhosa e despojada não pode deixar de ser correlacionada com as considerações estéticas expostas na revista, dez meses antes (no n° 19), por "Perpétua do Vale" (pseudônimo sob o qual Prisciliana Duarte de Almeida manteve oculta sua identidade de crítica literária nacionalista).

A amorosa "Miniatura" — II(31):142-143 —, sexto poema da coletânea editada em 1903, 17 quadras de versos em redondilha maior, de feição escancaradamente romântica — que, no livro, aparece datado de 1893, tratando-se, portanto, de uma de suas produções mais antigas.

O "Soneto" — II(33):173 —, sétimo poema do *Livro d'um Morto* (onde aparece com o título de "Tantálico", com data de junho de 1895), publicado em *A Mensageira* em outubro de 1899, com a data: "maio — 99".

O belo e extenso poema "Página Íntima" — II(36):223 —, datado de "Guariba, 11 — 99", 14° da mencionada coleção (onde aparece com pequenas mas significativas correções), cuja temática e desenvolvimento colocam-no na mesma linhagem neo-romântica e nativista de dois sucessores fluminenses de Casimiro de Abreu\* (1839-1860) — Ezequiel Freire (1850-1891) e B. Lopes (1859-1916) — tendência em que se enquadrariam, no final do século, poetas interioranos paulistas como Amadeu Amaral e Ricardo Mendes Gonçalves\*.

Nas pp. I(4):63 e II(27):72 o nome de Artur Andrade é simplesmente mencionado em transcrições de matérias publicadas na imprensa paulista a respeito de *A Mensageira* (nessas duas ocasiões, coincidentemente, as referências procedem do diário *Cidade de Campinas*, então dirigido por Alberto Faria\*).

Além de sua colaboração poética na revista, surgem, ainda, duas importantes resenhas de crítica literária de sua autoria:

A primeira delas — I(13):197-198 — refere-se ao livro de estréia do jovem poeta sergipano Augusto Álvaro de Carvalho Aranha\*, *Primícias*, editado em São Paulo, em 1896, com prefácio do professor da Faculdade de Direito do Recife, Clóvis Bevilacqua. Revelando obedecer a uma solicitação formal da diretora da revista, Andrade faz uma apreciação rigorosa desse livro, apontando a artificialidade e a falta de originalidade do rapaz (na época estudante de direito em São Paulo) empenhado em enquadrar-se nos cânones formais do parnasianismo mais ortodoxo. Embora haja evidências de um amadurecimento posterior desse poeta, os poemas esparsamente publicados pela própria *A Mensageira* corroboram o severo juízo crítico de Artur Andrade.

A segunda resenha — II(26):26-30 — ocupa, igualmente, posição de relevo na revista, aparecendo como matéria de capa, no número em que é homenageada a poetisa fluminense (radicada em Minas) Aurea Pires\*. Referindo-se ao primeiro livro da poetisa, a coletânea de versos *Flocos de Neve*, o texto de Artur Andrade aproveita a oportunidade para apontar a "decadência literária" geral (em especial no Brasil pós-republicano, no qual as manifestações nacionalistas do final do Império pareciam ter sido estancadas). Sem deixar de apontar os pontos fracos da poética de Aurea Pires, o professor conclui que nesse livro "predominam as belezas" — elogiando-o principalmente pelo caráter "sertanejo" de sua inspiração.

Fontes: AALM (edição póstuma de toda a obra poética de Artur Andrade); ASAA (p. 9); AWPP (pp. 78-79 e 486); CMAP (p. 52); CSMM (p. 111); LFSB (reprodução do soneto "Símile", extraído do *Livro d'um Morto*, na fl. 282); RMDL (p. 46); SPER (p. 182); TAIM (p. 38); WGCH (pp. 28-30: reprodução da crônica "Hino a Cuba", publicada originalmente no *Correio Paulistano* de 09/07/1897).

Iconografia: reprodução litográfica de uma fotografia de Artur Andrade (circa 1900), incluída em AALM; retrato (desenho a bico-de-pena) baseado nessa fotografia, ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 282).

ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho — I(8):128; I(13):197-198; I(15):231; I(19):301; II(27):64-65.

ARANHA, Augusto Álvaro de Carvalho

Nascido em Aracaju, capital da então província de Sergipe, Augusto Álvaro de Carvalho Aranha (1876-1928) era filho de Manuel Antônio de Carvalho Aranha e Maria Brasilina Fontes de Carvalho Aranha.

Depois de ter iniciado os estudos no Maranhão (para onde se mudara acompanhando o pai), no Pará e em Pernambuco, transfere-se definitivamente, já em meados da primeira década republicana, para o Estado de São Paulo. Completando o curso de humanidades em 1895, ingressa na Faculdade de Direito de São Paulo em 1897, bacharelando-se em 1901; provê sua própria manutenção durante o período acadêmico lecionando em cursos preparatórios.

Entre 1901 e 1908 obtém nomeações para os cargos de promotor público ou juiz de direito de diferentes comarcas paulistas (Caconde, Queluz, Pindamonhangaba, Patrocínio do Sapucaí e Descalvado). Mas vai se fixar em caráter definitivo em Guaratinguetá, da qual se torna juiz de direito no período que se estende de fevereiro de 1908 a janeiro de 1926 (cf. ALPP). Figura admirada e estimada na florescente cidade onde despenderá cerca de um terço de sua não muito longa existência, Carvalho Aranha une-se a Nero Sena e Sinésio Passos, formando uma sociedade que adquire uma oficina impressora, fundando assim o jornal bissemanal *Correio Popular* (que circulou de 1914 a 1920). Em HSNS, Homero Sena, biógrafo de seu pai Nero Sena (1874-1955), menciona Carvalho Aranha por diversas vezes, chegando a transcrever, na íntegra, os "perfis a giz" (coleção de sonetos reunidos em livro publicado em 1915) através dos quais o velho jornalista Nero Sena retratava, no *Correio Popular*, a gente mais grada de Guaratinguetá; o segundo "perfil a giz" trata justamente do dr. Carvalho Aranha, respeitosamente retratado já nas duas quadras do soneto correspondente: "Ei-lo que passa... em seu semblante vivo/Há linhas de um rigor discreto e nobre;/E o vulto varonil uma alma encobre/De igual nobreza à de seu porte altivo./Conquanto um pouco fugidio, esquivo/A glórias vãs, porque a cerviz não dobre,/Faz, no Direito, o rico como o pobre/Ver a Justiça pelo mesmo crivo."

Dada a discrepância entre os dados fornecidos por Andrade Muricy (AMSB) e por Raimundo de Menezes (RMDL), seguimos Péricles Eugênio da Silva Ramos (que parece estar melhor informado, em PEPS) ao considerar 30 de março de 1928, cidade do Rio de Janeiro, como data e local mais prováveis para o falecimento de Carvalho Aranha. Ainda assim, levamos em conta o esclarecimento de Raimundo de Menezes — segundo o qual o corpo do antigo juiz de direito teria sido levado de volta a Guaratinguetá, para o sepultamento.

Tendo publicado colaborações na imprensa desde os tempos de adolescência (em Aracaju e Recife, depois no Rio de Janeiro), Carvalho Aranha terá seus poemas estampados por periódicos paulistanos e pela imprensa das várias cidades do interior paulista por onde passou. Mas seu primeiro livro, *Primícias* (São Paulo, 1896), prefaciado por Clóvis Bevilacqua, é editado ainda na época em que está se preparando para ingressar na academia de direito. Segue-se *Eu* (São Paulo, 1900), prefaciado por Silvio Romero\*, parte integrante de uma coletânea de prosa simbolista denominada *Teias*, que chegou a merecer registro na imprensa pelo respeitado crítico e poeta cearense Antônio Sales (cf. WBAS). Sua aprovação pela crítica da época fica patente pela inclusão de poemas seus nas antologias preparadas por Silvio Romero (*Parnaso Sergipano*, Aracaju, 1904) e Laudelino Freire (LFSB).

Aparecem bem mais tarde, no Rio de Janeiro, ambos em 1926, os volumes *Poeira do Meu Caminho* e *Visão das Horas*. Teriam permanecido inéditas três coleções de poemas intituladas *Cinerário*, *Cinzeluras* e *Monólogos do Tédio*, além de dois volumes de prosa, *Carteira de Lembranças* ("contos e fantasias" do período colegial, 1893-1896) e *Livro de um Misantropo* ("fragmentos e reflexões").

Em *A Mensageira*, o roteiro seguido por Carvalho Aranha entre 1898 e 1899 segue uma cronologia rigorosa: em I(8):128 registra-se o recebimento de seu primeiro livro de poesia, *Primícias* (editado em 1896, quando seu autor só tinha 20 anos de idade); três meses depois — em I(13):197-198 —, o professor Artur Andrade\*, pouco mais velho que o poeta sergipano, desincumbe-se da tarefa que lhe foi confiada por Prisciliana Duarte de Almeida\*, numa severa resenha crítica que conclui pela indefinição estética, pela falta de originalidade e pela postura artificial de pessimista insincero (graves problemas que, aliados à "falta de cuidado no manejo da língua", levam à conclusão de que houve precipitação na publicação do livro, nessa "estréia infeliz", sic).

Assim, a publicação de três poemas em números posteriores da revista — "In Sylvis" em I(15):231, "Náufraga" em I(19):301, "Sobre Ruínas" em II(27):64-65 —, todos eles extraídos do mencionado *Cinerário*, soa como uma espécie de compensação ao rigor com que Carvalho Aranha foi tratado naquela crítica. Paradoxalmente, essa gentil "concessão" acaba tendo efeito inverso, pois a má qualidade desses poemas acaba confirmando a dura apreciação feita por Artur Andrade.

É interessante, portanto, compará-los com aqueles sonetos, produzidos um pouco mais tarde, incluídos na antologia de Sílvio Romero ("Domus Aurea" e "Mundo Interior", transcritos em AMSB) e por Laudelino Freire em LFSB ("Fluxo e Refluxo"); ostentam, estes três poemas, qualidades e belezas inquestionáveis, com seu caráter mais definitivamente simbolista e versificação bem mais rigorosa — "Fluxo e Refluxo" aproximando-se, pela forma e pela temática, da poesia contemporânea de Augusto dos Anjos (1884-1914). Confirma-se, mais uma vez, o juízo crítico do professor Andrade: *Primícias* revelava principalmente precipitação na divulgação de uma poética ainda imatura e indefinida, de um poeta cuja qualidade só se evidenciaria pela evolução posterior e pelo amadurecimento.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1904: p. 277, dedicatário de um poema de Freitas Guimarães, almanaque para o ano de 1908: pp. 124 e 125, reprodução de dois poemas, "Monólogo de um Velho" e "A Eterna Pergunta"); ALPP (pp. 96 e 97); AMSB (vol. II, pp. 202-203); AMSP (pp. 107 e 108 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); HSNS (pp. 12, 60, 135, 139, 241-242 e 258); LEMT (vol. III, p. 1.036); LFSB (fl. 321); PEPS (pp. 255-257); RMDL (p. 57); WBAS (p. 636); WMIB (vol. V, p. 92).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 321); retrato (desenho) em LEMT (vol. III, p. 1.039); foto mostrando Carvalho Aranha a discursar na inauguração da estátua de Rodrigues Alves, em Guaratinguetá, 1923 (entre pp. 254 e 255 de HSNS).

ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de — I(2):25-28; I(4):63; I(8):125-127; I(13):208; I(20):316-320.

ARAÚJO, Dolores Alcântara Vilhena de

Escritora mineira situada na mesma geração de sobrinhos-trinetos de Bárbara Eliodora\* à qual pertenceram suas primas Maria Clara da Cunha Santos\* (sua prima em primeiro grau: as mães de ambas são irmãs) e Prisciliana Duarte de Almeida\* (sua prima em terceiro grau: as avós maternas de ambas são irmãs), pode-se especular que Dolores Alcântara Vilhena de Araújo (c. 1870- ?) também tenha nascido entre 1860 e 1870, tendo cerca de 30 anos de idade ao término do século XIX.

O parentesco entre esta colaboradora e aquelas duas principais redatoras de *A Mensageira* não é explicitado, no entanto, em nenhum momento; pelo contrário: a assinatura de suas duas primeiras colaborações como "Dolores Alcântara de Araújo" parece destinada a ocultar, deliberadamente, esses laços de família.

A notícia mais detalhada a seu respeito é dada pelo também primo Aureliano Leite (ALCM), que situa-a entre os descendentes diretos de Amador Bueno da Veiga, informando que Dolores é filha de Maria Vilhena de Alcântara Araújo e Ezequiel Araújo; Dolores Alcântara Vilhena de Araújo é, portanto, seu nome de solteira — mas Aureliano Leite informa ainda que Dolores chegou a se casar com um certo "Dr. Waldemar", de quem teve quatro filhos (Maria, Bueno, Carlos e Carmen). Excetuada a própria revista *A Mensageira*, não dispomos de nenhuma outra fonte de informação relativa a sua produção; tanto Sacramento Blake como os historiadores da literatura mineira ignoram-na.

A colaboração desta escritora limita-se a três matérias, dois contos e um relato de viagem — conjunto do qual (embora o estilo estereotipadamente "romântico" dos contos possa torná-los alvo de interesse dos estudiosos da literatura brasileira do século XIX) só o último se destaca. O pueril e inconsistente conto "Trindade", publicado em I(2):25-28, datado de "Caxambu, 18 de setembro de 97", tem como cenário uma cidade do interior de Minas, onde três mulheres diferentes disputam as atenções do belo Moacir; o conto "Horas Vagas", publicado em I(8):125-127, datado de "Caxambu, 7 de dezembro 97", utiliza a própria cidade-balneário de Caxambu como pano de fundo para uma história igualmente tola e irrelevante. No relato de viagem "Notas do Interior" (assinado já com seu nome completo: "Dolores Alcântara Vilhena de Araújo"), datado de 12 de maio de 1898 — I(20):316-320 — são expostas as impressões registradas ao longo de sua estadia na populosa e florescente cidade mineira de Juiz de Fora;



assumindo aqui o mesmo tom leve e irônico que caracterizava os escritos da prima Maria Clara, Dolores Alcântara faz uma descrição saborosa e divertida da localidade. Este relato interessa em especial aos historiadores e aos estudiosos da vida social brasileira da virada do século, pois seu confronto com outros textos descritivos da evolução histórica de Juiz de Fora confirmam tanto sua correção como sua fidelidade à realidade da época.

As menções a Dolores Alcântara em I(4):63 e I(13):208 correspondem, respectivamente, a registros do conteúdo de *A Mensageira* efetuados, em primeiro lugar (em fins de 1897), pelo diário *Cidade de Campinas* (registro cujo texto, atribuível a Alberto Faria\*, denuncia indiretamente o caráter amadorístico da escrita da autora do conto "Trindade": "a ser uma estreante, qual a supomos, merece todo o incitamento") — e, em segundo lugar (em abril de 1898), pelo periódico paulistano *A Nação*.

Fontes: ALCM (pp. 141-142).

AZEVEDO, Josefina Álvares de — I(1):1; I(3):48; I(4):60; I(6):96; I(7):105; I(10):156; I(15):240; I(22):343; II(35):206-208.

AZEVEDO, Josefina Álvares de

Ao procurar obter informações objetivas a respeito da notável jornalista, conferencista, cronista, ensaísta, dramaturga e tradutora Josefina Álvares de Azevedo (1851-?), o pesquisador é surpreendido por uma estranha escassez de dados, provável indício de que a importância assumida por esta grande precursora do feminismo brasileiro, não tendo se traduzido em interesse por suas origens, esbarra em alguma dificuldade de ordem pessoal.

A explicação para isso talvez se encontre em seu verbete biobibliográfico divulgado por Sacramento Blake no quinto volume de sua série (SBDB), tomo editado no ano de 1899: mostrando-se muito bem informado a respeito da produção literária daquela que é por ele qualificada "uma das mais distintas escritoras que o Brasil tem produzido", Blake revela que Josefina, nascida em Itaboraí (RJ), é meia-irmã do poeta Manuel Antônio Álvares de Azevedo\* (1831-1852) — sendo, consequentemente, filha de uma das notórias ligações extra-conjugais do bacharel Inácio Manuel Álvares de Azevedo (1808-1874).

Ao biografar o Álvares de Azevedo poeta, Magalhães Júnior (MJAA) sintetiza essa questão que os pesquisadores mais pudicos costumam abordar com cautela, referindo ter falecido a esposa legítima do advogado fluminense, em 1895, "aos 83 anos, inteiramente cega, mas ainda guardando rancor ao marido, de quem estava separada há vários anos, quando este desapareceu (...): Inácio Manuel era pai de três filhos naturais, já convivendo com a segunda ou terceira amante, numa revivescência outonal das aventuras acadêmicas (...)", essa ojeriza ao marido levava-a, inclusive, a exigir para si própria sepultamento fora do jazigo da família.

Bacharelado em direito pela Academia de São Paulo em 1833, Inácio Manuel casara-se em 1829 (ainda estudante, portanto), com a adolescente Maria Luisa Carlota Silveira da Mota, irmã de um colega de faculdade, José Inácio Silveira da Mota (1807-1893), que chegaria rapidamente ao posto de catedrático daquela instituição e que galgaria, gradativamente, os mais elevados postos políticos (chegando a senador do Império em meados do século), graças à influência da família Silveira da Mota. O próprio Inácio Manuel, fluminense de Itaboraí, alcançaria posição de destaque como político conservador, deputado provincial em Niterói e deputado geral no Rio de Janeiro dos anos 1840 — havendo, portanto, motivos de sobra para que Josefina Álvares de Azevedo tivesse aquele "desonroso parentesco" negado tanto pela família de seu pai como pela família de seus numerosos meios-irmãos e meias-irmãs.

É evidente que essas hipóteses não poderão ser ignoradas por quem venha a elaborar, futuramente, uma biografia dessa escritora que tome por base seus radicais posicionamentos feministas, dada a indiscutível repercussão dessa situação de filha ilegítima na formação psicossocial de Josefina. Aponta já nesse sentido as considerações expostas pela socióloga Maria de Lourdes Eleutério em tese de doutoramento recentemente defendida na Universidade de São Paulo (LEEH) e pela professora de literatura Constância Lima Duarte (em texto incluído em SFML). O fato de a própria Josefina Álvares ter se declarado pernambucana, natural de Recife — ou de se apresentar como prima do poeta Álvares de Azevedo (mencionado por Valéria Andrade Souto-Maior em VAID, p. 37) não invalidam as suspeitas levantadas a respeito de sua origem.

Blake detalha a bibliografia de Josefina Álvares de Azevedo em quatro pontos:

1º) A edição do periódico *A Família* no Rio de Janeiro entre 1889 e 1897, em formato de jornal, in-fólio. Não se refere, portanto, ao fato de a primeira fase de *A Família* corresponder ao período 1888-1889, em que o jornal foi editado na capital paulista; nem se refere, igualmente, a uma terceira fase do periódico, como revista, correspondente à retomada de sua publicação no Rio de Janeiro, em meados de 1898, conforme notícia publicada na própria *A Mensageira*, em I(15):240.

2º) A divulgação da comédia em ato único *O Voto Feminino*, publicada como folhetim em *A Família* a partir de agosto de 1890 (editada como livro nesse mesmo ano) e representada no Teatro Recreio Dramático em 1893 (sic: na verdade, há evidências de que a primeira montagem da peça ocorreu ainda em 1890, integrando a efêmera campanha sufragista encetada na época, visando a extensão do direito de voto às mulheres na Constituição de 1891).

3º) A reunião de diversas obras da escritora no volume intitulado *Retalhos* (Rio de Janeiro, 1890) — volume que incluiria uma série de artigos publicados em *A Família* sob a epígrafe "A Mulher Moderna", mais o ensaio "O Direito de Voto", uma "Versalhada" e sua animosa crítica à comédia *A Doutora*, de autoria de Luis Tosta da Silva Nunes (1867- ?), representada no Rio de Janeiro nos mesmos anos 80 em que Joaquim José de França Júnior (1838-1890) obtivera grande sucesso de público com a peça *As Doutoradas*.

4º) A reedição dos "trabalhos de propaganda" *A Mulher Moderna*, já divulgados em seu jornal no final dos anos 1880 e já incluídos na coletânea *Retalhos*, novamente impressos no Rio de Janeiro em livro que dataria, segundo June Hahner, de 1891 (data omitida por Blake).

Deve-se notar que os verbetes concedidos à escritora por outras obras de referência (como DMMN, GSTB, HAEB, RFEC e RMDL) baseiam-se no verbete de Sacramento Blake, sem acrescentar nada de substancial às informações originalmente datadas de 1899.

Não foi incluído no arrolamento de Blake aquele que corresponderia ao último livro editado por Josefina Álvares: *Galeria Ilustre* (Rio, 1897), coletânea de biografias de mulheres célebres que abrangeria, segundo June Hahner (JHLS), de Cleópatra a George Sand. Nem se refere o dicionarista a outras peças teatrais de autoria dessa escritora — entre as quais se encontra sua tradução de um drama de Paul Jay, *Os Companheiros do Sol*, representado no Rio de Janeiro em 1890, conforme indicação de Valéria Andrade Souto-Maior (em VAID).

O primeiro daqueles itens apresentados pelo dicionário de Sacramento Blake, referente à edição do jornal *A Família*, corresponderia, de fato, à publicação que deu notoriedade à escritora em âmbito nacional, devendo-se ressaltar a circunstância de que muitas de suas colaboradoras iniciais aparecerão posteriormente como colaboradoras de *A Mensageira* — incluindo-se neste grupo duas jovens educadoras radicadas no Estado de São Paulo, Anália Franco\* e Zalina Rolim\*, as poetisas fluminenses Narcisa Amália\* e Júlia Cortines\*, a jornalista gaúcha Revocata Heloisa de Melo Monteiro\*, a polígrafa baiana Inês Sabino\*, a pedagoga e médica belga Marie Rennotte\*, a polígrafa carioca Júlia Lopes de Almeida\* e as duas primas de Pouso Alegre, Maria Clara Vilhena da Cunha (Maria Clara da Cunha Santos\*, depois de casada) e Prisciliana Duarte de Almeida\*.

Os numerosos excertos transcritos em CBMO por Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes permitem a identificação de uma notável harmonização de princípios nas declarações de personalidades aparentemente tão díspares, momentaneamente polarizadas por uma reivindicação comum.

Nesse periódico, cujo aparecimento em São Paulo se registrara exatamente um ano antes da Proclamação da República, Josefina (que teria revelado seus potenciais de ativista na luta pela abolição da escravatura) já se posiciona, desde o começo, não só a favor da instrução feminina como pela plena emancipação da mulher — caráter propagandístico que teria se acentuado com sua transferência para o Rio de Janeiro, no primeiro semestre de 1889. O entusiasmo pelo advento da República, no entanto, não se sustenta: será arrefecido pela constatação de que a burocracia militarista-positivista do Governo Provisório, além de não evidenciar nenhum empenho em consolidar os avanços registrados ao longo dos anos 1880, adota atitudes contrárias à extensão da instrução feminina a todas as brasileiras.

Motiva-se, desse modo, a campanha feminista de Josefina Álvares de Azevedo, que percorre o Brasil numa verdadeira cruzada, em busca de apoio à inclusão do sufrágio feminino na nova constituição que se elabora entre 1890 e 1891. É nesse contexto que surge a comédia *O Voto Feminino*, em que satiriza o cinismo dos homens que se opõem ao exercício do voto pelas mulheres em função, apenas, da defesa de seus próprios privilégios (cf. a sinopse dessa peça apresentada por Maria de Lourdes Eleutério nas pp. 60-62 de sua tese, LEEH). O resultado obtido por essa mobilização não se traduz, no entanto, em votos: são poucos os constituintes que aderem à causa sufragista defendida pela escritora (consultar, a este respeito, JHLS, em que June Hahner documenta o duro posicionamento de Josefina frente ao paradoxal conservadorismo da casta política que ascendia ao poder logo após a queda da monarquia).

Apesar da derrota (irreversível no curto prazo, como seria possível verificar no quase meio século que irá se interpor até a conquista do direito ao voto pelas mulheres do Brasil), Josefina permanecerá à frente de seu jornal praticamente até o final do século, sustentando sem esmorecimento os ideais feministas que vinha defendendo anteriormente, acrescentando ao antigo ideário postura incisiva em favor do divórcio.

É muito provável que a interrupção (ou, antes disso, possíveis irregularidades na edição) de *A Família* na Capital Federal, no ano de 1897, tenha servido de estímulo para a criação, na capital paulista, deste periódico afim, *A Mensageira*, sustentado por duas daquelas antigas colaboradoras de Josefina Álvares de Azevedo, Prisciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos. O perfilhamento, em torno de ambas as primas procedentes do sul de Minas, de muitas daquelas antigas redatoras de *A Família*, demonstra a identidade entre as duas publicações.

Em *A Mensageira*, o nome de Josefina é veiculado com reverência desde o primeiro número, em menções publicadas inicialmente em I(1):1, I(3):48, I(4):60, I(6):96, I(7):105 e I(10):156. A ausência de colaborações suas no ano I da revista poderia ser correlacionada com uma possível viagem ou mudança de residência, mas a menção por Prisciliana Duarte em I(3):48 demonstra que a correspondência entre ambas se mantém, pois na nota "Anália Franco" comenta-se que a diretora de *A Família* é a responsável pelo boato de que Anália Franco tinha ficado cega e impossibilitada de lecionar. A menção em I(7):105, em texto de Nelson de Sena\* ("Pelayo Serrano") publicado em meados de janeiro de 1898, também é significativa, pois serve para situar Prisciliana e Josefina, naquele momento específico, como as duas maiores batalhadoras pela "regeneração intelectual" das brasileiras.



Em I(15):240, já em maio de 1898, a nótula "Recebemos e Agradecemos", dedicada ao registro de livros, periódicos e partituras remetidas à *Mensagem*, acrescenta uma informação importante: *A Família*, "revista dedicada à defesa da emancipação feminina, da qual é redatora a intrépida jornalista Josefina Álvares de Azevedo" volta a circular — iniciando uma terceira fase de publicação, portanto — trazendo como página de rosto, em seu primeiro número, o retrato da escritora George Sand\* (indício, talvez, de um redirecionamento de seu periódico para o campo literário). Pode-se conjecturar que o desaparecimento da nova revista ocorreu pouco tempo depois, dado o desconhecimento geral dessa terceira fase pelos pesquisadores do assunto. De qualquer modo, sua simples existência já basta para estender por mais um ano o período de nosso conhecimento a respeito de Josefina Álvares. Vale a pena observar, ainda, que a brasilianista norte americana Marie Robinson Wright\*, que visitou o Brasil em meados de 1899, mesmo reconhecendo a existência no país de diversos periódicos femininos em circulação por essa época, só se refere nominalmente aos dois únicos que ela deve ter folheado pessoalmente: o paulistano *A Mensageira* e o carioca *A Família* (ver RWNB).

Em I(22):343, já próximo do final do ano I, o leitor fica sabendo, por intermédio de Damasceno Vieira\* (que se encarrega de resenhar o livro de estréia da gaúcha Andradina de Oliveira\*, *Preludiando*, lançado em 1897), que as 27 dedicatórias antepostas aos contos desse volume incluem Josefina como dedicatária. E, mais de um ano depois, em dezembro de 1899, aparece — em II(35):206-208 — a única colaboração desta escritora em *A Mensageira*: sua tradução (do francês para o português) do texto doutrinário feminista "A Solidariedade Feminina", de autoria de Eugénie Potonié-Pierre\*

A virada de 1899 para 1900 assinala, portanto, o virtual desaparecimento da escritora — de quem não se tem nenhuma outra notícia a partir de 1900. Conhecendo-se o passado de lutas de Josefina Álvares de Azevedo, pode-se especular que seu silenciamento corresponde, possivelmente, à sua morte (ocorrência que *A Mensageira*, também ela desaparecida no alvorecer do ano de 1900, já não pôde testemunhar).

Fontes: ANTR (vol. I: pp. 187-190 e 206-208, perfis biográficos referentes aos bacharéis Inácio Manuel Álvares de Azevedo, presumido pai de Josefina Álvares de Azevedo, e ao cunhado deste, José Inácio Silveira da Mota); CBMO (pp. 110-170, 189, 196 e 213); DBMP (pp. 26 e 30-31); DMMN (p. 98); GSTB (vol. II, pp. 91-92); HAEB (p. 146); HDMB ("Escritoras, Escritas, Escrituras", por Norma Telles, pp. 401-442 dessa coletânea organizada por Mary Del Priore); JHLS (cap. IV, "O Feminismo e o Desenvolvimento da Imprensa Feminina", pp. 51-65 + cap. VI, "O Sufrágio Feminino e a Assembléia Constituinte de 1891", pp. 77-87); LEEH (pp. 57-64); MJAA (p. 202); RFEC (p. 31); RMDL (p. 75); RWNB (p. 186); SBDB (vol. V, p. 237); SFML ("Josephina Álvares de Azevedo: Uma Ensaísta Polêmica", por Constância Lima Duarte, pp. 413-420); SPER (pp. 115-116); VAID (pp. 36-37); WMIB (vol. IV, pp. 342 e 349).

Iconografia: desenho retratando Josefina Álvares de Azevedo, publicado originalmente em 1889, em *A Família* (assinado por "L. Amaral"), reproduzido por JHLS (p. 53); fac-simile da primeira página do jornal *A Família*, nº 37 do ano I (Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1889), em CBMO (p. 109).

B. (criptônimo, inicial de nome ou sobrenome) — II(36):232-234.

B.

O criptônimo B. (inicial de nome ou sobrenome — de redator, presume-se, do sexo masculino) é utilizado uma única vez, em *A Mensageira* — em II(36):232-234 — pelo autor da resenha destinada a analisar a reedição (3ª edição) do volume *Tabelas para o Traçado das Curvas de Nivel*, livro técnico de autoria do engenheiro carioca José Américo dos Santos\*, funcionário da ferrovia São Paulo Railway Company e marido da colunista Maria Clara da Cunha Santos\*, responsável pela seção fixa "Carta do Rio".

Declarando logo de início não possuir competência técnica para uma devida apreciação da obra, B. esforça-se, no entanto, para situar didaticamente o assunto no contexto mais amplo da literatura especializada em engenharia civil.

Pode-se especular tratar-se de alguma professor de matemática, física ou história natural do círculo do magistério secundário paulistano (ao qual pertence Sílvio de Almeida\*, marido da diretora da revista) — mas faltam elementos para uma identificação segura da identidade de B.

BARROS, V. M. de — I(10):149-150.

BARROS, V. M. de

Assinando desta forma o texto de sua única colaboração na revista, V. M. de Barros dificultou a identificação exata de sua pessoa. Existem, no entanto, evidências de tratar-se de pessoa do sexo masculino, radicada na capital paulista; o recurso a formulações organicistas, de ordem fisiológica, remetem às idéias de Spencer\* e à esfera médica. Dada a importância relativa dessa matéria em meio às questões de gênero levantadas em *A Mensageira*, a identificação de seu autor assume certa relevância — podendo-se especular que V. M. de Barros seja o mesmo "Dr. Moreira de Barros" mencionado por Moreira Pinto (MPAC, p. 254) como um dos principais moradores da alameda dos Bambus (atual avenida Rio Branco, bairro dos Campos Elísios) da São Paulo da virada do século; coincide com a menção, por

Jorge Americano (JANT, p. 148) de uma "Dona Elisa Monteiro de Barros", residente no mesmo bairro, no início do século XX.

V. M. de Barros remete à *Mensageira* um conciso mas incisivo artigo intitulado "A Emancipação Feminil" — publicado em fins de fevereiro de 1898, em I(10):149-150 —, no qual argumenta no sentido de mostrar como a diferença de tratamento aplicada às crianças do sexo masculino ou feminino encarrega-se de gerar meninas física e mentalmente atrofiadas, dando-se assim início ao círculo vicioso que resultará na constituição de mulheres submissas, passivas e dependentes; "a injustiça começa no berço", dela resultando a perpetuação dos privilégios tradicionalmente associados à condição masculina.

A publicação desse texto num dos primeiros números da revista assume, portanto, inegável relevância, pois vem reforçar a argumentação previamente apresentada por Prisciliana Duarte de Almeida\* e pelo círculo feminino mais próximo da diretora da revista (entre elas situando-se Júlia Lopes de Almeida\*, Maria Clara da Cunha Santos\*, Maria Emília Lemos\*, M. P. C. D.\* e Inês Sabino\*).

BARROSO, Francisco — I(14):220-223.

BARROSO, Francisco

O jornalista paraibano Francisco Joaquim Pereira Barroso (1856-1929) nasceu em Mamanguape — sendo conterrâneo, portanto, de Carlos Dias Fernandes\*.

Galante de Sousa (GSTB) relata que, ao retornar ao Brasil, depois de ter estudado em Portugal (Direito?), Barroso passa a trabalhar na imprensa dos Estados do Amazonas, de Pernambuco e da Paraíba. Neste último, foi secretário da Junta de Higiene do Estado.

Fátima Araújo (FAPB) fornece detalhes a respeito de sua atuação como jornalista no Estado natal: tendo participado, em 1905, da fundação do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, Francisco Barroso faz parte da diretoria do mesmo em 1909 (época em que começa a circular a revista dessa instituição); no mesmo ano de 1905 aparece como colaborador do efêmero semanário cultural *Philippéa* (que, dirigido por Coriolano de Medeiros, circulou entre junho e agosto desse ano); em 1907, integra o corpo de colaboradores do *Almanaque do Estado da Paraíba*, ao lado de conterrâneos notórios como Raul Machado (1891-1959) e Augusto dos Anjos (1884-1914); na década seguinte, chega a dirigir o jornal *Correio da Manhã* (fundado na capital paraibana em 1916 por Aurélio Tarso).

Conhecem-se os títulos de nove peças de teatro de sua autoria — comédias, em sua maior parte —, duas delas editadas em Paraíba do Norte (atual João Pessoa) em 1916 e 1919. A esses nove títulos, mencionados por Galante de Sousa, acrescenta-se um décimo, a comédia *Marina*, publicada na Paraíba em 1920, segundo Wilson Martins (WMIB).

Sua única mas importante intervenção em *A Mensageira* corresponde ao ensaio "A Mulher" — inserido em I(14):220-223 —, no qual Francisco Barroso declara já vir se posicionando na imprensa a favor da emancipação feminina; fazendo uso de argumentação clara e persuasiva, o jornalista faz eco a diversas matérias do mesmo teor publicadas em números anteriores da revista, ao reivindicar maior atenção no âmbito da educação feminina.

Fontes, FAPB (pp. 59, 138-140, 140-141 e 217); GSTB (vol. II, p. 109); WMIB (vol. VI, p. 178).

BLOEM, Antero — I(22):346-347.

BLOEM, Antero

Antero Augusto de Albuquerque Bloem (1878-1919) nasceu em Campinas, SP e faleceu na cidade do Rio de Janeiro. Tendo cursado o tradicional Colégio São Luís, da cidade paulista de Itu, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo em 1898, bacharelando-se em 1904.

Correia de Melo (CMAP) relata que, tornando-se órfão de pai, Antero Bloem teve que manter a família assumindo cargos públicos desde os tempos de estudante — trabalhando, inclusive, como taquígrafo da assembleia paulista. Simultaneamente, atuou na imprensa paulistana, tornando-se redator do jornal *O Estado de São Paulo* e secretário da revista de variedades *Semana Paulista* (fundada em 1908). Em 1916, aparece como integrante da sociedade anônima constituída com a finalidade de editar a paulistana *Revista do Brasil* (cf. RBSP).

Nomeado chefe de gabinete do novo ministro da agricultura (Antônio de Pádua Sales) em fins de 1918, transfere-se para o Distrito Federal, lá falecendo um ano depois, aos 41 anos de idade, deixando viúva dona Jandira de Azevedo Bloem; nessa ocasião, já desempenhava a função de diretor dos Patronatos Agrícolas. Seu nome foi lembrado, posteriormente, para denominar uma pequena rua do Jardim Leonor, em Campinas.

Permaneceu inédito, assim, um *Album de Versos* datados do período de 1895 a 1900 — álbum que incluía um célebre soneto, "Cristo de Marfim" (integralmente reproduzido por Edmo Goulart em EGPC e por Alcântara Worms em AWPP), produzido em 1896 e traduzido em diversos idiomas.

Sua única colaboração em *A Mensageira*, publicada nas pp. I(22):346-347, corresponde ao poema "Cativo", composto de quatro quadras de versos decassilábicos, datado de "São Paulo, 1898". Comparável ao "Cristo de Marfim" pela versificação hábil e engenhosa, esses versos seriam suficientes para situá-lo entre os poetas parnasianos (cuja estética dominava a São Paulo do final do século), não fosse a temática escancaradamente romântica e a retórica apaixonada e grandiloquente, à Castro Alves. Vale a pena lembrar que, por essa época, Antero Bloem ainda era um jovem calouro de direito de apenas 20 anos de idade.

Um filho de Antero Bloem, Rui de Azevedo Bloem (1905-1962), igualmente bacharelado em direito, teve atuação relevante no magistério universitário e na vida pública paulista, notabilizando-se como jornalista e crítico literário; é autor, entre outros estudos, de uma monografia premiada ("O Primeiro Romance Brasileiro: Retificação de um Erro da História Literária do Brasil"), publicada em 1938 pela *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo) — e prefaciador da primeira edição moderna desse romance de Teresa Margarida da Silva e Orta (*Aventuras de Diófanes*, Imprensa Nacional-INL, Rio de Janeiro, 1945).

Fontes: ASLE (cap. 68, pp. 288-290, "Antero Bloem"); AMPC (p. 66); AWPP (p. 102); CMAP (pp. 97-98); EGPC (pp. 63-64); RBSP (relação nominal dos componentes da sociedade anônima editora da revista: n° 1, janeiro de 1916, p. 81); RMDL (pp. 116-117).

Iconografia: fac-símile do manuscrito autógrafa do poema "Cristo de Marfim" em AESP (p. 314).

CARDONA, Ibrantina — I(3):38-41, 45 e 48; I(5):72-76 e 76-78; I(6):96; I(7):105; I(12):182; I(22):343; II(25):13-16; II(27):71.

CARDONA, Ibrantina

A visão conjunta dos quase 90 anos vividos por Ibrantina Cardona (1868-1956) fornece-nos a forte impressão gerada pelo contraste entre a primeira e a segunda metade de sua existência.

Na primeira delas, mais ou menos correspondente aos anos transcorridos até a virada do século, ressalta uma desusada mobilidade (sua infância, adolescência e juventude parecem condensar, numa só pessoa, as biografias de várias outras escritoras de que tratamos neste dicionário biobibliográfico de colaboradores de *A Mensageira*); na segunda porção, já nos anos Novecentos, vamos encontrá-la praticamente reclusa em sua residência, onde acumulará meio século de exílio numa cidade do interior paulista que vê sua presença com desconfiança.

Fluminense de Nova Friburgo (e não gaúcha, como costuma ser considerada), Ibrantina Froidevaux de Oliveira teve por mãe dona Isabel Froidevaux, originária da colônia suíça implantada por D. João VI nos últimos anos de sua permanência no Brasil. Seu pai, o mineiro Tomás Antônio de Oliveira, filho de um militar português, também seguiu carreira de armas, tornando-se combatente da Guerra do Paraguai (1864-1870), onde teve a oportunidade de conviver com o Visconde de Taunay\* (futuro padrinho de batizado de uma das filhas do capitão Oliveira). Inquieto e agressivo, o pai da futura poetisa (aque acabaria morrendo assassinado no final do século, na cidade paulista de Jaboticabal) gerou oito filhos — um único do sexo masculino — que tiveram que peregrinar continuamente pelo país, acompanhando as andanças do oficial militar. Assim, Ibrantina, filha primogênita, praticamente não chegou a conhecer a Nova Friburgo natal — deslocando-se, ainda muito pequena, para Niterói, e de lá para o Rio Grande do Sul, desenvolvendo-se nas cidades de Pelotas e de Jaguarão (lugares onde gozou de relativa liberdade, criada "como moleque peralta"). As lições domésticas são ministrada pela própria mãe — mas consta de seu currículo escolar uma temporada num colégio feminino da cidade ainda chamada Desterro, capital do Estado de Santa Catarina (futura Florianópolis), terra natal de Delminda Silveira\*.

É inegável que a identidade gaúcha está solidamente estruturada na personalidade da escritora: ela é explicitada tanto em sua poesia, como na posterior admiração por Getúlio Vargas e nas orgulhosas referências aos pampas (na esmerada carta a Prisciliana Duarte publicada no terceiro número da *Mensageira*, Ibrantina faz questão de enumerar um grande número de escritoras gaúchas, a maior parte delas praticamente desconhecida pelos leitores do eixo Rio-São Paulo — mas não deixa de manifestar também sua simpatia pelos rebeldes da sangrenta Revolução Federalista, que haviam desafiado o prepotente governo centralizador de Floriano Peixoto).

Versada em música (foi pianista e bandolinista), a poetisa principiante da virada das décadas de 1880-1890, já residente no Estado de São Paulo, começa a ter suas produções divulgadas esparsamente por diversos jornais e revistas, não demorando a se envolver com o jornalista gaúcho Francisco Cardona (1866-1946), por essa época estabelecido na cidade paulista de Campinas, onde são publicados alguns poemas da moça. Contra a vontade do pai (que queria vê-la casada com um tio rico), Ibrantina foge para Campinas, casando-se com Cardona em 1891. Permanecem nesta cidade até o final do século (é de Campinas que é remetida a correspondência da escritora para a paulistana *A Mensageira*).

Em 1897, é lançado seu primeiro livro de versos, *Plectros*, prefaciado por Carlos Ferreira\* e editado em São Paulo-Capital, acolhido com sucesso tanto pela crítica como pelo público leitor. O prestígio que lhe advém dessa brilhante estréia pode ser medido pela repercussão que obtém na própria *A Mensageira*: *Plectros* é o livro que consegue maior espaço "publicitário" na revista de Prisciliana.

A essa primeira publicação irão somar-se, nos 54 anos seguintes, mais cinco volumes de prosa e poesia editados a grandes intervalos de tempo (salientando-se ter a escritora deixado prontos outro tanto de volumes, inéditos até o momento): *Heptacórdio* (segunda coletânea poética, São Paulo, Sociedade Editora Olegário Ribeiro, 1922), *Kleópatra* ("poema trágico e histórico", São Paulo, Monteiro Lobato & Comp., 1923), *Primavera de Amor* (poema lírico,

São Paulo, Tipografia Rossolillo, 1935), *Asas Rubras* (terceira coletânea poética, São Paulo, impressão das Oficinas Gráficas da Casa Cardona de Moji Mirim, 1939) e *Cosmos*, "Poesias de Vários Tempos" (quarta e última coletânea de versos, impressa em São Paulo pela Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1951).

O que é possível apontar, em sua evolução estética, é a congruência de sua passagem do romantismo condoreiro de Castro Alves\* e Carlos Ferreira\* para o parnasianismo da primeira fase de Francisca Júlia\* (influência que já é apontada por "Perpétua do Vale" na primeira das duas resenhas estampadas por *A Mensageira*, à qual acrescentaríamos a de Machado de Assis\*, inequivocamente presente nos delicados sonetos de Ibrantina); no final da vida, superada certa fase de adesão ao simbolismo, a poetisa atinge um despojamento e uma essencialidade que a aproximam tanto da excelente Júlia Cortines\* como das juvenis revelações do modernismo Gilka Machado, Cecília Meireles e Adalgisa Néri. Nesse sentido, é impossível deixar de assinalar que Ibrantina (como Áurea Pires\*, aliás) atinge nível de excelência justamente quando deixa de lado as prolixas odes da juventude em troca de formas mais concisas e despretensiosas, como o soneto.

Como vimos, ao transferir-se com o marido, na virada do século, de Campinas para Moji Mirim, Ibrantina Cardona (que na terra de Carlos Gomes não perdia oportunidade para declamar em público), sentindo-se rejeitada pelos provincianos moradores do lugar, vai assumindo vida cada vez mais reclusa; circulavam na cidade, inclusive, boatos de que ela e o marido levavam vida completamente independente, apesar de residirem no mesmo casarão — ele se restringindo à porção anterior do prédio, deitando-se cedo e hostilizando sistematicamente a esposa; ela enclausurada na parte posterior da casa, a administrar a vida dos criados e dos agregados (seus parentes), lendo até altas horas da noite. E assim passa o tempo, até que, já viúva desde 1946, velha, doente e sem filhos, é levada pelos sobrinhos (em 1952) para a cidade paulista de São José do Rio Pardo, onde falece, no dia 23 de dezembro de 1956, dois meses depois de ter completado 88 anos de idade. Foi sepultada no cemitério municipal de Moji Mirim, ao lado do marido.

Resta comentar o fato de que, residindo em Moji Mirim já nos primeiros anos do século XX, Ibrantina Cardona não teria chegado a participar dos preparativos para a instalação da Academia Paulista de Letras, finalmente concretizada em fins de 1909. A oportunidade de seu ingresso parece ressurgir muitos anos depois, em 1944, ao se registrar a morte de Prisciliana Duarte de Almeida\*; a pasta correspondente à cadeira n° 8 da Academia Paulista contém, assim, três cartas dirigidas por Ibrantina ao então presidente da instituição, Altino Arantes — nas quais argumenta no sentido de manter-se ocupada por uma mulher escritora a cadeira deixada vaga por Prisciliana; é atropelada, porém, por contramanobras de Aureliano Leite, que alega ser (também ele) sobrinho-trineto da patrona da cadeira (Bárbara Eliodora\*) e estar obedecendo a uma das últimas vontades da prima Prisciliana; na terceira dessas cartas, porém, reconhecendo a derrota por antecipação, Ibrantina manifesta sua desistência (só a primeira carta, datada de 30 de junho de 1944, foi publicada pela revista trimestral mantida pela academia, PLSP, ao lado de noticiário em que os leitores são notificados da morte de Prisciliana e da eleição quase imediata de Aureliano Leite como seu sucessor).

A ausência ou a pobreza de informes nos dicionários e enciclopédias usuais com relação a esta que foi uma das mais importantes poetisas brasileiras da virada do século é sobejamente compensada pela riqueza de dados de sua biografia (ADIC), publicada em 1976 por Arruda Dantas, autor que teve a sensibilidade de coletar, ao lado dos dados objetivos disponíveis sobre a escritora, diferentes versões para os fatos polêmicos que envolveram sua vida pessoal.

A progressão do aparecimento de Ibrantina Cardona em *A Mensageira* é simples e linear: sua única colaboração propriamente dita corresponde à carta-manifesto datada de "Campinas, 3-11-97" inserida em I(3):38-41 — texto em que a poetisa chama a atenção para si própria e para a plêiade de gaúchas com quem ela se identifica.

No mesmo n° 3 da revista — I(3):45 e 48 — ela é mencionada em duas das "notas pequenas" de Prisciliana Duarte de Almeida\*, a segunda dessas menções correspondendo ao registro do lançamento de seu primeiro livro de versos (*Plectros*). Esse volume aparecerá, a seguir, resenhado por "Perpétua do Vale" em I(5):72-76, acrescentando-se às elogiosas considerações da crítica a transcrição do extenso poema "No Chalé", em I(5):76-78.

Seguem-se novas menções — I(6):96, I(7):105, I(12):182 e I(22):343 — esta última correspondendo à inclusão de Ibrantina entre as 27 escritoras brasileiras homenageadas com dedicatórias no livro de estréia de Andradina de Oliveira\*, *Preludando*, lançado em 1897 na cidade gaúcha de Rio Grande.

Já em 1899, no segundo ano de circulação de *A Mensageira*, *Plectros* ganhará uma segunda resenha (situação única na revista), em II(25):13-16 — texto datado de "Recife, 1898" e assinado por B. da Cunha (que faz, por sinal, alguns reparos às produções mais ambiciosas da poetisa, concordando com Carlos Ferreira em apontar seus poemas líricos como superiores aos restantes).

Uma última menção, em II(27):71, refere-se ao fato de Ibrantina Cardona ter sido homenageada por um dos primeiros números da revista literária *Santos Ilustrado* com a publicação de seu retrato ao lado de figuras já consagradas como o pintor Benedito Calixto\* e a poetisa paulista Francisca Júlia da Silva\*.

Fontes: ADIC (volume de 114 pp., inteiramente dedicado à biobibliografia de Ibrantina Cardona); APFH (cap. XII, "Poetisas Brasileiras da Atualidade", 2ª parte, datada originalmente de 1899: "Ibrantina Cardona", pp. 99-104); CFFF (reprodução, nas pp. 249-252 desta coletânea, da crônica "Versos: D. Ibrantina Cardona", publicada originalmente na imprensa paulistana de 1896, um ano antes de Carlos Ferreira se tornar prefaciador do primeiro livro da escritora); CSVF (p. 22); LBLA (almanaque para o ano de 1901: transcrição do soneto "Teus Olhos", de *Plectros*, na p. 212 + biografia "D. Ibrantina Cardona", por Andradina de Oliveira, pp. 273-276); LFSB (reprodução do soneto "Ave Maria", fl. 270); PLSP ("Carta Aberta" de Ibrantina Cardona à Academia Paulista de Letras, originalmente datada de 30 de junho de 1944, pp. 182-183 do n° 27 dessa revista, edição referente a setembro de 1944); RFPF (notícia biobibliográfica sumária seguida da reprodução de quatro sonetos da poetisa, pp. 104-106); RMDL (p. 160).

Iconografia: reprodução (em detalhe) da fotografia dos anos 1890 incluída no primeiro livro da escritora, *Plectros*, na primeira capa de ADIC (a foto é reproduzida por inteiro, com boa qualidade, no almanaque LBL para 1901, p. 273, tendo servido ainda de base para o retrato a bico-de-pena que ilustra o texto de LFSB, fl. 270); retrato (desenho) estampado no AGRJ (almanaque para o ano de 1905, p. 310); fotografia (perfil) da poetisa no início do século XX e, no mesmo volume, fotografia mostrando o casarão de Moji Mirim em que Ibrantina residiu por várias décadas, ambas reproduzidas respectivamente nas pp. 3 e 240 de *Cosmos* (ICCO), último livro da escritora.

CARNEIRO, Belarmino — II(26):46; II(29):102 e 116; II(30):127-128; II(33):183; II(35):208 (sob o pseudônimo C. BRUNETTO); II(36):229.

CARNEIRO, Belarmino

A respeito deste poeta, político e jornalista pernambucano, Belarmino Carneiro (1847- ?), dispomos de muito pouca informação. Nesse sentido, a reunião dos dados disponíveis em *A Mensageira* pode, inclusive, contribuir para o aporte de dados mais seguros a seu respeito.

Dada sua estreita amizade com o poeta cearense Antônio Sales (1868-1940), líder da célebre Padaria Espiritual, de Fortaleza (1892-1898), é na detalhada biografia deste escritor elaborada por Wilson Bóia (WBAS) que encontramos as informações básicas relativas a Belarmino Carneiro: o poeta pernambucano nasceu na cidade de Pau d'Alho, próxima de Recife, em 23 de maio de 1847 — dedicando-se a atividades jornalísticas (como redator, colaborador e proprietário de periódicos regionais) desde muito jovem.

Em 1890, no entanto, já está radicado no Rio de Janeiro, participando da Constituinte de 1891 como representante de seu Estado natal. Relaciona-se com sua atuação como deputado federal, no mandato seguinte (iniciado em 1891) a única menção a Carneiro por Wilson Martins, em WMIB. Já por essa época, o deputado figurava como redator do importante jornal carioca *O País* — folha que contará, na segunda metade da década de 1890, com colunistas de primeira plana, como Artur Azevedo\* e Júlia Lopes de Almeida\*.

Sua vinculação a Antônio Sales e à Padaria Espiritual é notória: Belarmino Carneiro incentiva Sales a reunir em volume os poemas publicados esparsamente na imprensa do Ceará (daí resultando a edição, em 1890, de *Versos Diversos*, livro de estréia de Antônio Sales); em fins de 1890 anuncia em primeira mão, através de sua coluna em *O País*, o lançamento de *Versos Diversos*. Um ano antes, no Natal de 1889, de partida para o Rio de Janeiro, o pernambucano fora homenageado pelos amigos e colegas de Fortaleza, com um banquete no qual Antônio Sales recitou, de improviso, o soneto "À Musa de C. Brunetto" (pseudônimo com o qual Belarmino Carneiro costumava assinar suas produções poéticas). Este foi apenas um dos muitos poemas dedicados pelo jovem poeta cearense ao veterano confrade de Pernambuco.

Dessa amizade restou ainda o testemunho dos poemas de "C. Brunetto" publicados na conhecida revista da Padaria Espiritual, *O Pão*, que circulou entre julho de 1892 e outubro de 1896. No n° 24 aparece o poema "O Canto do Sábá (Lenda Cearense)", dedicado a Antônio Bezerra (outro membro da Padaria Espiritual) e datado do "Ceará — 1889"; na página ao lado, a redação da revista esclarece que as "Seguidillas" de Garcia Redondo\* publicadas no mesmo número de *O Pão*, dedicadas a "C. Brunetto", foram remetidas por Belarmino Carneiro, identidade real do poeta. Sai no n° 27 o poema "História Vulgar", sem dedicatória, datado do "Rio — 1892", igualmente assinado por "C. Brunetto".

Em *A Mensageira*, todas as intervenções correspondentes a Belarmino Carneiro são datadas de 1899, ano II da revista. Em II(26):46 e II(29):116 noticia-se que o jornalista de *O País* é responsável pela revelação das duas jovens poetisas nordestinas que só agora têm seus nomes divulgados no sul do país — a pernambucana Edwiges de Sá Pereira\* e a cearense "Perce-Neige". No mesmo n° 29 — em II(29):102 — insere-se o poema "Ludibria Ventis", dedicado a Brandina Fajardo\*, sem data, assinado por Belarmino Carneiro. Em II(30):127-128 surge o terno poema "Junto ao Berço de Daíla", datado de novembro de 1874 (quando o poeta tinha 27 anos de idade), referente à filhinha recém-nascida e dedicado "à minha sogra", igualmente assinado sem uso de pseudônimo.

Dois meses depois, em II(33):183, noticia-se que Belarmino Carneiro remeterá brevemente à *Mensageira* um estudo sobre a genial poetisa socialista italiana Ada Negri\* (1870-1945), cujos poemas de estréia, reunidos na coletânea *Fatalità*, haviam sido lançados em 1892 com extraordinária repercussão (no Brasil, inclusive, onde a italiana aparece como influenciadora de poetas de talento como Júlia Cortines\* e Augusto dos Anjos). Esse estudo, no entanto, não chegou a ser publicado (a revista deixa de circular três meses depois). Em troca, vemos no n° 35 — em II(35):208 — uma tradução de um poema de Ada Negri ("Storia breve"), extraído da mencionada *Fatalità*; tradução, aliás, muito pouco fiel ao original: os quatro tercetos de decassílabos sáficos do original transformam-se, na versão portuguesa, em quatro quadras de versos decassilábicos entremeados de hexassílabos. No último número da revista — em II(36):229 — publica-se uma outra tradução pouco feliz assinada por Belarmino Carneiro: o poema "Ja dit à ma plume", do poeta francês Auguste Barbier\* (1805-1882); neste último caso, o interesse recai apenas sobre a dedicatória da tradução, "Dona Alice Nava Sales\*"; Wilson Bóia esclarece tratar-se da esposa de Antônio Sales, casada com ele desde 1894: era irmã de José Nava, outro participante da Padaria Espiritual, futuro pai de Pedro Nava.

O soneto escolhido por Laudelino Freire (LFSB) para representar Belarmino Carneiro em sua monumental antologia de 500 poemas — "Coração", composto em versos decassilábicos — parece ser representativo de sua arte anacronicamente romântica, típica de uma lírica ingênua e sentimental, sem compromissos com o perfeccionismo formal que caracterizará a poesia do parnasianismo. Vale a pena lembrar, no entanto, que Belarmino Carneiro, ultrapassando os 50 anos de idade no final do século, é um dos menos jovens poetas divulgados pela revista *A Mensageira* — e que 1847, ano de seu natalício, é o ano de nascimento do tardo-romântico Castro Alves\*, a cuja estética Carneiro teria permanecido fiel.

Em sua juventude, Belarmino Carneiro deve ter participado de atividades empresariais, pois a escritora portuguesa Guiomar Torresão\* (1844-1898), ao editar em 1881 sua própria peça *Amor de Filha* — cf. GTTS —, nela inseriu a observação: "A propriedade deste drama no Brasil pertence, para todos os efeitos, ao sr. Belarmino Carneiro, residente em Pernambuco."

Fontes: ANFT (original italiano do poema "Storia breve", p. 22); BPPR (relação nominal dos constituintes pernambucanos de 1891: pp. 100-101); GTTS (p. 22, observação no verso da folha de discriminação das "dramatis personae" do drama *Amor de Filha*); LFSB (fl. 82); OPFZ (ano II, nº 24, ref. a 15 de setembro de 1895: pp. 2, 6-7 e 7, ano II, nº 27, ref. a 1º de novembro de 1895: p. 3); WBAS (pp. 93, 99, 511-513, 591 e 621); WMIB (vol. IV, p. 422).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 82).

CARVALHO, Antônio dos Reis (pseudônimo: Oscar d'Alva) — I(19):304; II(26):38; II(27):72; II(28):81.

CARVALHO, Antônio dos Reis

O poeta maranhense Antônio dos Reis Carvalho (1874-1946) — que costumava assinar seus versos com o mesmo pseudônimo adotado anteriormente pelo veterano Luís Guimarães Júnior\*, "Oscar d'Alva", nasceu em São Luís, sendo filho de Vicente Ferreira de Carvalho e Libânia dos Reis Carvalho (aquele pseudônimo remete ao trágico protagonista de uma balada juvenil de Byron\*, *Oscar of Alva*).

Cursou a escola elementar e fez estudos secundários na cidade natal, transferindo-se para o Rio de Janeiro por volta de 1898 — época em que ingressou na Escola Politécnica (embora não tenha chegado a completar a faculdade de engenharia).

Já tendo iniciado sua colaboração na imprensa desde o período em que ainda residia no Maranhão, alcançará notoriedade nacional por sua atuação como professor, jornalista, crítico literário, filósofo, teatrólogo e poeta, na Capital Federal — mas o fato é que só pôde se manter até o fim de sua vida graças aos rendimentos fixos de funcionário público fazendário.

Sua bibliografia extensa, de polígrafo, inclui uma série de artigos de divulgação científica (intitulada *Através da Ciência*) publicada pelo periódico *O Debate* (fundado pelo positivista Benedito Leite e circulante entre 1897 e 1898) — série seguida de uma sequência de *Ensaio Científicos* igualmente estampados pela imprensa, em que expunha, sob a óptica positivista, temas de matemática, física e química.

Positivista ortodoxo, dedicou-se, por ocasião da virada do século, à tradução da obra *O Cálculo Aritmético*, de Pierre Laffitte (1823-1903), devidamente autorizada pelo mestre francês. Sempre sob o prisma doutrinário comtiano, surgirão posteriormente: *A Questão do Ensino: Bases de uma Reforma da Instrução Pública no Brasil* (Rio, 1910), *O Poder Judiciário e a Liberdade Profissional* (Rio, 1913), *La Dictature Républicaine et le Gouvernement Brésilien* (Washington, 1915), *Posição Enciclopédica da Geografia ou Lugar da Geografia na Série de Conhecimentos Humanos* (Rio, 1917), *Os Feriados Brasileiros* (Rio, 1926), *Noções de Filosofia Primeira* (Rio, 1932) e *A Ditadura Republicana* (Rio, 1935).

Concedem-lhe verbetes detalhados o dicionário bibliográfico de Sacramento Blake (SBDB) e a *Enciclopédia e Dicionário Internacional Jackson* (EDIJ). Em obra especializada sobre a produção literária do Maranhão, Martins Meireles (MMLM) cita-o muitas vezes, mas as cinco primeiras citações referem-se ao fato de Reis Carvalho ter incluído no volume XX da Biblioteca Internacional de Obras Célebres (BIOC, coleção lançado no Brasil em 1913) um pioneiro ensaio sobre a evolução histórica da literatura maranhense, fornecendo parâmetros para uma classificação cronológica racional. O escritor também chamou a atenção de um outro especialista, Galante de Sousa — que incluiu Reis Carvalho em seu detalhado estudo da nossa biobibliografia teatral (GSTB) —, em função de seu trabalho de teatralização (feito em parceria com Marinho Aranha) do romance *Senhora*, de José de Alencar\*, transformando-o num drama em cinco atos, representado no Teatro São Luís (da capital maranhense) em 1896 e, posteriormente, no Rio de Janeiro, em 1899; o texto da peça foi divulgado fracionadamente nas edições quinzenais da célebre revista carioca *A Estação*, no segundo semestre de 1902 — e editado em livro em 1904. O ano de 1904 assinala, aliás, o lançamento, no Rio de Janeiro, do luxuoso mensário *Kosmos* (KSRJ), que entre outras colaborações em prosa e verso de Reis Carvalho inclui um ensaio antifeminista publicado em quatro partes, no quatro primeiros números dessa revista.

As informações mais ricas a respeito de sua pessoa procedem, no entanto, de Ivan Lins (ILPB), que além de mencioná-lo em diversas passagens de seu monumental histórico e de citar várias de suas obras, detém-se nas circunstâncias dramáticas da biografia de Reis Carvalho, cujo falecimento se daria no Rio de Janeiro, em 13 de novembro de 1946. O escritor maranhense teria se utilizado de seu espaço na imprensa carioca (no *Correio da Manhã*, em *O Globo* e na revista *Fon-Fon*) para combater sistematicamente os totalitarismos (especialmente o fascismo, o nazismo e o integralismo). "Sempre alerta na defesa dos seus ideais de justiça social e liberdade espiritual",



incompatibilizou-se com a ditadura de Vargas, chegando a ter artigos censurados pelo famigerado DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda, criado em fins de 1939); nessas ocasiões, costumava editar por conta própria o material vetado, distribuindo-o gratuitamente. Segundo Lins, sua filha, a poetisa Beatrix dos Reis Carvalho "herdou-lhe, aprimorado, o talento literário".

A obra poética de Reis Carvalho, divulgada esparsamente, como vimos, desde os anos 1890, ganhou projeção nacional com a edição das coletâneas *Prelúdios e Cavatinas* — respectivamente de 1903 e 1904 — mas são mencionados, ainda, textos líricos denominados *Poemas do Coração*, que se contraporiam a uma outra antologia, de *Poemas Sociológicos*; essa produção teria sido reunida no volume *Poesias*, editado em Manaus, em 1922. Artur Mota (em RBSP) considera Reis Carvalho herdeiro da tradição da nossa "poesia social" — que passaria por Castro Alves\*, Tobias Barreto\* e Martins Júnior\*.

Os dois poemas que constituem a colaboração desse poeta maranhense na revista *A Mensageira* são publicados em 1899 sob o pseudônimo de Oscar d'Alva. São eles: "Descrença", sem dedicatória, datado de "Maranhão, 21-3-97" — incluído em II(26):38 — e "Sempre o Amor!" ("Rio, agosto de 1898"), estampado em II(28):81. Sendo ambos sonetos de versos decassilábicos, exibem as mesmas características do soneto "O Mais Infeliz", selecionado por Laudelino Freire (LFSB) para representar o poeta em sua coletânea: formalmente pobres, exibem vocabulário simples, priorizando aspectos amorosos, sentimentais e filosóficos; ostentam, portanto, características mais próxima do romantismo do que do parnasianismo. A revista traz ainda uma menção nominal a Reis Carvalho em I(19):304 (referência a uma colaboração sua no mensário carioca *Revista Americana*, ao lado de literatos como Coelho Neto\*, Sílvio Romero\* e Olavo Bilac\*) e uma outra menção, em II(27):72 (esta última remetendo a Oscar d'Alva), mostrando que o soneto publicado no nº 26 fora do agrado do redator do jornal *Cidade de Campinas*.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1906, p. 351); BIOC (vol. XX, pp. 9.737-9.756: "A Literatura Maranhense"); EDLJ (vol. XVI, p. 9.666); GSTB (vol. II, p. 160); ILPB (pp. 37, 110, 269, 275-276, 376, 392, 400, 476, 675, 677 e 678); JBRJ (reprodução do poema "Ninguém Está Contente..." no anuário do *Jornal do Brasil* referente a 1925, p. 260); KSRJ ("A Questão Feminina", por Reis Carvalho: ensaio positivista ortodoxo, antifeminista, publicado no ano I, números 1, 2, 3 e 4, referentes a janeiro, fevereiro, março e abril de 1904 + dois textos assinados por "Oscar d'Alva", o poema "Suprema Dor" e o conto "A Lição de Anatomia", respectivamente em fevereiro de 1904 e dezembro de 1907); LCGE (vol. V, p. 1.214); LFSB (fl. 315); MMLM (pp. 49, 50, 119, 120, 165, 178 e 221); RBSP (nº 66, julho de 1921: "Martins Júnior", por Artur Mota, pp. 254-260); SBDB (vol. VI, pp. 337-338); WMIB (vol. V, p. 346).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) em LFSB (fl. 315); fotografia no AGRJ (almanaque para o ano de 1906, p. 301); fotografia assinada por L. Musso, anteposta ao texto da BIOC (vol. XX, entre pp. 9.736 e 9.737).

CARVALHO, João Cândido de — I(9):140-141; I(10):158-159; I(11):163 e 172; I(12):179-180; I(13):208; I(15):237-238; I(16):256; I(17):259; I(21):324-325; II(28):95; II(30):119; II(34):196; II(35):216.

CARVALHO, João Cândido de

Nascido em Santos, SP, o poeta João Cândido de Carvalho (1868- ?) faleceu em data e local ignorados; ao publicar seu dicionário biobibliográfico de autores paulistas, em 1954, Correia de Melo (CMAP) — que é quem nos fornece maiores detalhes a respeito da biografia desse escritor — informa que Cândido de Carvalho ainda vive: "reside hoje no Rio de Janeiro, onde continua a escrever versos às escondidas".

Começando a trabalhar, ainda adolescente, como empregado de estabelecimentos comerciais da cidade portuária de Santos, lá teria iniciado carreira jornalística em 1882, como redator do periódico *O Lepidoptero*; participa, em seguida, da edição do jornal *O Popular* (fundado em 1885); e em 1889 é chamado por seu conterrâneo, o poeta Vicente de Carvalho (1866-1924), para a criação da folha santista *Diário da Manhã*. A partir daí seu nome aparece estreitamente ligado ao de Vicente de Carvalho, que costumava confiar-lhe a revisão de seus próprios livros.

Na capital paulista, Cândido de Carvalho aparece inicialmente como colaborador da excelente *Revista Literária* de Amadeu Amaral\* e José Máximo Pinheiro Lima (que circulou em 1895); frequenta as páginas de *A Mensageira* entre 1898 e 1899 e, já no início do século XX, publica na revista mensal *Imprensa Acadêmica* (no nº 3, de outubro de 1906, da qual Ricardo Mendes Gonçalves\* era um dos redatores, um soneto dedicado a Vicente de Carvalho; em 1907, acompanha a transferência do mesmo grupo que editava a *Imprensa Acadêmica* (comandado por Carlos Villalva Júnior), passando a colaborar na *Revista Nova* (que circulou entre 1907 e 1908) — conforme informações de Barreto do Amaral em trabalhos publicados na paulistana *Revista do Arquivo Municipal* (AMSP). Em 1911 vincula-se ao mensário cultural *O Sul-Americano*, editado entre 1907 e 1915 pela Farmácia e Drogaria Americana, de São Paulo (cf. SPER).

Mas os juízos favoráveis à poesia de Cândido de Carvalho parecem limitar-se ao círculo de amigos — pois seus textos não foram incluídos nem mesmo nas antologias especializadas de Alcântara Worms (AWPP) ou João Maldonado (JMPS). As informações de Correia de Melo sugerem ter sido ele um poeta amador, cuja sobrevivência dependia dos proventos de funcionário público lotado na Secretaria da Segurança Pública. Não se tem notícia da publicação de sua produção poética em livro.

Ainda assim, o jovem Cândido de Carvalho é o mais assíduo poeta colaborador do sexo masculino no primeiro ano de circulação de *A Mensageira*, graças ao artifício de divulgar de maneira fragmentada o poemeto "Por Terras e Mares" — cujos seis segmentos aparecem (todos eles dedicados ao poeta mineiro Manuel Viotti\*) em I(9):140-141, I(10):158-159, I(11):172, I(12):179-180, I(15):237-238 e I(17):259.

Adotando estilo próximo daquele consagrado pelo neoparnasiano Vicente de Carvalho (seu amigo e conterrâneo, como vimos), Cândido de Carvalho desdobra seu poemeto em quadras de versos octossilábicos (só a sexta e última parte tem configuração diversa), de sabor popular e vocabulário simplificado, um tanto distante do virtuosismo neoclássico-parnasiano que impera na produção masculina da revista. A epígrafe do quarto segmento, remetendo a Byron\*, esclarece qual foi a fonte de inspiração de "Por Terras e Mares": o célebre poema dramático *O Corsário* (publicado em 1814), cujo inquieto protagonista dá vazão a sua rebeldia vagando pelos mares em busca de aventuras; no poemeto de Cândido de Carvalho o eu-lírico do poeta parte, igualmente, em busca de quimeras, numa expedição frustrada que não o leva a lugar nenhum.

O poeta ainda publica, em *A Mensageira*, um "Soneto" — em II(30):119 —, sem dedicatória e sem data, de caráter mais afinado com a estética simbolista; a crônica confessional "Divagações", elaborada em rebuscada prosa poética, aparece em I(21):324-325, confirmando a familiaridade de Cândido de Carvalho com a poesia inglesa na citação de um poema de Henry Wadsworth Longfellow\* (1807-1882).

Como evidência da estima que o jovem santista gozava entre os confrades literatos, surgem na revista menções a Cândido de Carvalho transcritas da imprensa paulistana — conforme pp. I(13):208 e I(16):256 — e mesmo de um jornal sergipano, em II(35):216. Ele ainda aparece como dedicatário de dois sonetos: "Voz de Sereia", de autoria de seu conterrâneo Alberto Sousa\*, publicado em I(11):163 mas datado de 1893; e "Eleita", de Benedito Ribeiro\*, datado de 1899, estampado em II(34):196. A menção em II(28):95 registra seu aparecimento como colaborador da revista paulistana *O Arquivo Ilustrado* (fundada em 1899).

Fontes: AMSP (monografias de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175 + "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); CMAP (p. 137); ORIS (p. 63); SPER (p. 250); VCVC (p. 27).

CARVALHO, Xavier de — I(6):93; I(7):97-100, 110 e 112; I(16):253; II(29):115; II(30):128-129.

CARVALHO, Xavier de

A respeito do jornalista português Xavier de Carvalho (1862-1919), o dicionário biobibliográfico de seu compatriota Henrique Perdigão (HPDL) fornece os dados básicos que podem ser complementados pelas informações veiculadas pela própria revista *A Mensageira*.

Nascido em Lisboa, Xavier de Carvalho estabelece-se, ainda muito jovem, na cidade do Porto, onde se dedica ao jornalismo político, editando os efêmeros periódicos ativistas *O Norte Republicano*, *O Combate* e *O Estado do Norte*. Por essa época, ainda está vinculado ao problemático Partido Republicano português (fundado em 1876), num país em que são majoritárias as facções conservadoras e monarquistas, só se proclamando a república em 1910.

Por volta de 1880, publica ainda uma revista quinzenal feminista, *A Mulher* (também editada na cidade do Porto), que contou com a colaboração de Olívia Teles de Meneses\*, Clorinda de Macedo\* e Maria Amália Vaz de Carvalho\*.

No início de 1885 transfere-se definitivamente para Paris (Guionar Torresão\* já o encontrará lá ao visitar a França em meados desse ano), cidade onde se casa com uma francesa, identificada apenas pelo nome de casada (Blanche, "Mme. Xavier de Carvalho"), que atuará como representante de *A Mensageira* em Paris — conforme informação veiculada por uma das "notas pequenas", incluída em I(7):112, da qual consta ainda seu endereço: 16, Boulevard de Clichy; a mesma observação e endereço constarão também do expediente publicado em I(24):384.

Mantendo-se como correspondente de jornais portugueses (entre eles *O Século*) e brasileiros (o carioca *O País* e o paulistano *Diário Popular*, onde mantém a coluna "Notas de Paris"), Xavier de Carvalho transita pela área republicano-socialista, contribuindo para a fundação da internacionalista "Fédération Universelle des Peuples" — colocando-se ao lado do conhecido ativista francês Benoît Malon (1841-1893) e do revolucionário italiano Amilcare Cipriani (1845-1918).

Entre seus trabalhos publicados em livro mencionam-se uma paródia a *A Velhice do Padre Eterno*, de Guerra Junqueiro\* (*A Velhice da Madre Eterna*), uma coleção de sonetos intitulada *Apoteose Camoniana* e uma seleção de suas crônicas jornalísticas publicadas em *O Século*; em língua francesa, escreveu *Le Portugal*.

Sua primeira aparição em *A Mensageira* — precedida de observações redigidas por Prisciliana Duarte de Almeida\* (que o apresenta como "o brilhante escritor que mais de uma vez tem vibrado sua pena em prol da elevação moral da mulher") — ocorre em I(6):93, com a transcrição de um texto do escritor português. Nesse texto, ele relata ter recebido *A Mensageira* — qualificada por ele "interessante revista feminista" —, tomando a iniciativa de apresentá-la à escritora franco-polonesa Marya Chéliga\*, organizadora de associações de mulheres e criadora do teatro feminista.



Conclamando as brasileiras a aderir à campanha pacifista internacional, Xavier de Carvalho espera que as redatoras de *A Mensageira* forneçam às suas leitoras "menos literatura e mais artigos sólidos", ideologicamente mais definidos e politicamente direcionados.

No número seguinte, referente a 15 de janeiro de 1898 — em I(7):97-100 —, Prisciliana Duarte concede a Xavier de Carvalho o espaço mais nobre da revista, abrindo essa edição com o artigo-manifesto "O Feminismo", datado de "Paris, dezembro 1897". Aqui, o escritor português interpreta o lançamento de *A Mensageira* como parte de uma luta, "o combate da paz e do amor", que conjugaria os esforços sul-americanos aos norte-americanos e europeus em prol da emancipação feminina plena e universal; e fornece uma colaboração especialmente preciosa para o pesquisador de um século depois ao apresentar uma relação dos periódicos feministas franceses circulantes na época e a nominata das principais integrantes da pléiade feminista que se concentrara em Paris naquele final de século; faz também uma lista de indicações de leitura para "aquelas que ainda não conheçam o fundo das doutrinas feministas".

No mesmo nº 7 — em I(7):110 — a matéria de Maria Emilia Lemos\* "Com Ares de Crônica" adota como epígrafe um parágrafo do texto de Xavier de Carvalho selecionado por *A Mensageira* no número anterior, algo que por si só basta para dar uma idéia a respeito da sintonia estabelecida entre a equipe redatorial da revista e o socialista português.

Segue-se, em I(16):253, referência elogiosa ao escritor de Portugal no necrológio do poeta socialista italiano Felice Cavallotti\*, redigido pela gaúcha Revocata Heloisa de Melo\*. Em II(29):115, em texto transcrito de outra publicação, Xavier de Carvalho menciona a si próprio entre os convidados de um banquete realizado em Paris, em homenagem à escritora espanhola Emilia Pardo Bazán\*, em meados de 1899; esse "grande jantar" foi oferecido pela aristocrática Madame de Rute\*, tradicional anfitriã de personalidades do Brasil e de Portugal de passagem por Paris.

Fundador de uma "Société des Études Portugaises" (1892), da qual foi secretário por muito tempo, Xavier de Carvalho é também redator da *Revue du Brésil*, editada em Paris pelo socialista italiano Alessandro d'Atri\*. Em *A Mensageira* de 15 de agosto de 1899 — em II(30):128-129, transcreve-se, no original francês, um artigo de Xavier de Carvalho recém-divulgado pela *Revue du Brésil*. Neste artigo, o ativista continua exortando Prisciliana Duarte a adotar uma linha ideológica mais definida para sua revista, explicitando (por intermédio de citações de Emma Pieczynska\* e Louise Réville\*) a idéia de que o feminismo de inspiração socialista vai além da mera reivindicação da igualdade de direitos entre homens e mulheres: a supressão dessas desigualdade é apenas uma etapa do caminho que conduzirá a uma organização social superior, justa e igualitária. E termina augurando um destino mais nobre para o periódico paulistano: "Tous nos vœux sont pour le triomphe de la cause féministe au Brésil, et pour l'émancipation philosophique, économique et morale de la femme brésilienne."

Fontes: HPDL (p. 527).

CLOTILDE, Francisca — I(3):45; I(22):343 e 346; II(32):158-159.

CLOTILDE, Francisca

A poetisa, prosadora e dramaturga Francisca Clotilde Barbosa Lima (1862-1932) nasceu numa cidade do sudoeste do Ceará, Inhamuns (denominada atualmente Tauá), vindo a falecer aos 70 anos de idade numa outra localidade cearense, Aracati, mais próxima da faixa litorânea do Estado.

Seu nome aparece em estreita associação a atividades pedagógicas, mantidas ao longo de toda sua vida: antes do término do século XIX já se formou normalista e lecionou no curso anexo da Escola Normal de Fortaleza, instalando ainda, na capital cearense, seu próprio estabelecimento de ensino, o Externato Santo Clotilde. Em 1889 editou em Fortaleza um compêndio didático, *Noções de Aritmética*; no século XX assumirá compromissos como educadora sucessivamente nas cidades de Araújoaba, Baturité e Aracati, todas elas localizadas em seu Estado natal.

Paralelamente, dedicou-se à atividade literária, compondo versos (que permaneceram esparsos pelos diferentes periódicos em que foram publicados), escrevendo contos (compilados na *Coleção de Contos* impressa em Fortaleza, em 1897, com prefácio de Tibúrcio de Oliveira) e elaborando peças de teatro (das quais só duas, aparentemente de temática histórico-religiosa, os dramas *Fabiola* e *Santa Clotilde*), chegaram a ser publicadas. A notoriedade, porém, virá com o "sucesso de escândalo" do romance *A Divorciada*, lançado em Fortaleza em 1902. A divulgação de poemas e textos teatrais prosseguirá, depois disso, na revista *A Estrela*, fundada por uma filha da escritora, Antonieta Clotilde.

Ocupam-se desta profesora-escritora Raimundo de Menezes (que lhe concede um verbete em RMDL) e Aderbal Jurema, em *A Literatura no Brasil* (ACLB, obra organizada por Afrânio Coutinho). Este último faz questão de situar Francisca Clotilde em meio a duas outras precursoras do regionalismo cearense: Emilia de Freitas (1855- ? ), igualmente ligada ao magistério, nascida no Ceará e radicada no Estado do Amazonas, autora de um romance ambientado no Norte-Nordeste do Brasil e Ana Facó (1855-1925 ou 1926), que divulgou dois folhetins românticos no início do século XX, na imprensa de Fortaleza, não chegando a vê-los editados em livro (foram publicados postumamente em 1937-1938). De Francisca Clotilde, a mais nova das três, Jurema relata que o romance *A Divorciada* teria servido para veicular os ideais feministas da potiguar Nísia Floresta\* (1810-1885), que teriam tido recepção entusiástica por parte da intelectualidade de Fortaleza; no entanto, defendendo "uma tese audaciosa para a época",

o livro provocou acirrada polêmica na imprensa local, entre facções conservadoras e progressistas da capital cearense — situação que deve ter se exacerbado em função do fato de tratar-se sua autora de uma conhecida docente da Escola Normal da cidade.

Esclarecimentos importantes a respeito da carreira de Francisca Clotilde (sem menção às circunstâncias que cercaram o lançamento de *A Divorciada*) são prestadas por Hugo Victor em HVSC; nessa antologia, a concisão da notícia biográfica relativa a essa autora é compensada pela reprodução de uma fotografia da juventude da escritora e pela transcrição de um bom soneto ("A Árvore").

A respeito da participação da jovem Francisca Clotilde na vida cultural de Fortaleza, o famoso historiador da literatura nordestina Dolor Barreira fornece numerosos indícios no primeiro volume de sua *História da Literatura Cearense* (DBLC). O período de permanência da escritora na cidade coincide com a extraordinária efervescência regional de idéias que, partindo do notório empenho abolicionista do Estado do Ceará como um todo, se estende por aproximadamente vinte anos (de 1881 até a virada do século). Francisca Clotilde aparece inicialmente na *Revista Contemporânea* (criada em 1884), para colocar-se em seguida entre os 15 primeiros associados do Clube Literário (cuja atuação, iniciada em 1887, atingirá meados da década de 1890); colabora com contos e poemas na revista bimensal dessa associação, *A Quinzena*, ao lado de confrades ilustres como Oliveira Paiva, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, Antônio Sales e a poetisa Ana Nogueira Batista\* — aparecendo ainda no semanário *O Domingo*, editado ao longo de 1888. Já não se encontra, no entanto, entre os fundadores da célebre Padaria Espiritual, que mobilizou Fortaleza de 1892 a 1898 — entidade na qual a única mulher oficiosamente participante, a mencionada Ana Nogueira Batista (1870-1965) é mantida em posição marginal, como satélite do marido, Sabino Batista\* (1868-1899). Tampouco veremos Francisca Clotilde integrar a Academia Cearense de Letras: essa instituição, fundada em 1894, só em 1922 acolherá seu primeiro sócio feminino, Alba Valdez (pseudônimo de Maria Rodrigues, 1874-1962). Colega de magistério, amiga e admiradora da professora Clotilde, Alba Valdez homenageia sua antiga orientadora no perfil biográfico estampado pelo *Almanaque das Senhoras para 1906* (ASLS: Lisboa, 1905), na mesma edição em que são publicados, da mestra mais velha, uma trova e a crônica (em prosa poética) "Ave Maria!", datada de 1905.

Podem ser úteis para o estudo relacional do complexo universo literário nordestino as informações fornecidas por Wilson Bóia em *Antônio Sales e Sua Época* (WBAS): já nos anos 1880 Sales considerava Jane Davy (pseudônimo juvenil de Francisca Clotilde) superior à portuguesa Guiomar Torresão\*, chegando a mencioná-la em seus versos e a dedicar-lhe um poema; além daquela filha (já mencionada), Antonieta Clotilde, a escritora cearense tinha mais um literato na família: seu filho Aristóteles Bezerra (nascido em 1899), poeta e jornalista, autor de trovas divulgadas sob o pseudônimo "Junqueiro Cearense".

O nome de Francisca Clotilde aparece inicialmente em *A Mensageira* — em I(3):45 — associado ao de três outras literatas (Edwiges de Sá Pereira\*, Júlia de Azevedo\* e Zenóbia do Carmo\*), na nota "Escritoras Nacionais" — em que Prisciliana Duarte de Almeida\* se penitencia do fato de não tê-la incluído no arrolamento das intelectuais brasileiras procedido no primeiro número da revista. Quase um ano mais tarde — em I(22):343 —, a escritora cearense reaparece em meio à extensa lista de dedicatórias dos contos da gaúcha Andradina de Oliveira\* enfileirados na coletânea *Preludiando*, de 1897 (indicação clara do prestígio por ela angariado antes do final do século).

A primeira colaboração surge em I(22):346, no conto "A Ceguinha", em que é narrada (na primeira pessoa) a constrangedora história da moça que, abandonada pelo amante, chorou demais — a ponto de perder as vistas e se transformar na cega mendicante de hoje. Publicada em fins de agosto de 1898, essa historietta será seguida de uma crônica (em forma de poema em prosa) publicada em II(32):158-159, um ano depois, na edição correspondente a setembro de 1899; nesta "Ao Crepúsculo", igualmente desenvolvida em lances de acentuado sentimentalismo, o resultado é mais satisfatório, embora menos convencional. Seria impossível proceder a uma avaliação mais séria da escritora com base exclusivamente nesses dois textos.

Fontes: ACLB ("Ciclo Nordeste", texto de Aderbal Jurema incluído no cap. 34, pp. 234-248, "O Regionalismo na Ficção", vol. III dessa obra de Afrânio Coutinho); ASLS (ano XXXVI, almanaque para 1906, pp. 209-211: "Francisca Clotilde", por Alba Valdez + pp. 234, 297-298 e 342 da mesma edição); CSVF (p. 22); DBLC (pp. 116-121 e 132-135); HVSC (pp. 77-78); RMDL (p. 193); WBAS (pp. 42, 414, 415 e 590).

Iconografia: clichê fotográfico reproduzido por HVSC (p. 77); esse clichê é detalhe da foto estampada pelo *Almanaque das Senhoras para 1906* (p. 209 de ASLS).

CORREIA, Raul — II(31):145.

CORREIA, Raul

As fontes usuais não fornecem nenhum esclarecimento sobre este poeta — que no texto original assinava Raul Corrêa ( ? - ? ), autor de um soneto de versos alexandrinos, "Mágoa Infinita", incluído em II(31):145. Sem dedicatória e sem data, esse soneto foi escrito na capital pernambucana, trazendo a indicação de pertencer o escritor à agremiação Congresso Literário de Pernambuco (sediado em Recife), que precedeu à criação da Academia Pernambucana de Letras (fundada em 1901).

Trata-se, provavelmente, de autor juvenil (dada a puerilidade de seus versos), alinhado com a estética simbolista, que por essa época — 1899 — florescia nas regiões Sul e Sudeste do Brasil.

CORTINES, Júlia — I(1):1 e 11; I(2):32; I(4):61; I(5):73 e 76; I(6):95; I(7):101 e 105; I(10):156, 157 e 159-160; I(12):182; I(13):204; II(26):45; II(27):72; II(28):96.

CORTINES, Júlia

No caso da poetisa e cronista fluminense Maria Júlia Cortines Laxe (1863-1948), a falta de informação (que parece ocorrer em função da vontade da própria escritora), desorienta aqueles que tentam dicionarizá-la — gerando confusão que se reflete na data de nascimento "1868" fornecida por Raimundo de Menezes (RMDL) ou na sua inclusão entre os poetas nascidos em 1872 por Laudelino Freire (LFSB). Essa questão não é destituída de interesse quando verificamos que, sendo oito anos mais velha do que Francisca Júlia da Silva\* (1871-1920), o cotejo entre ambas as datas poderia favorecer a poetisa paulista (na verdade, o extraordinário rigor formal das duas coloca-as em situação de rigoroso empate).

O pai paulistano de Júlia Cortines é, como ela própria, dicionarizado por Sacramento Blake (SBDB), por ter sido bacharel da Faculdade de Direito de São Paulo com atuação relevante na imprensa acadêmica e, posteriormente, como vereador e deputado provincial fluminense. Apesar da relativa facilidade de se obter dados a respeito dele, merece atenção especial um artigo de Brasil Bandecchi (publicado em HGSP) que inclui informações de próprio punho do doutor Cortines Laxe. Neto, pelo lado materno, de um médico galego casado com uma compatriota da Andaluzia, João Batista Cortines Laxe (1830-1875) era filho de um oficial de infantaria remetido ao Uruguai pela coroa espanhola e transferido para a capital paulista na época da anexação da Província Cisplatina ao Brasil. Bacharelado-se em direito em 1858, João Batista chegou a lecionar em liceus particulares paulistanos e a funcionar como redator da revista acadêmica *Guaianá*, publicada mensalmente entre abril e setembro de 1856; autor de ensaios históricos e de estudos jurídicos, teve um livro seu a respeito do funcionamento das câmaras municipais fluminenses (editado pela primeira vez em 1868) transformado num clássico da jurisprudência político-administrativa do Império.

Radicando-se na cidade fluminense de Rio Bonito, o advogado — que exercera dois sucessivos mandatos de vereador nesse lugar, antes de transferir-se para Niterói em função de sua eleição à câmara provincial — casa-se em 1861 pela primeira vez, com Júlia Pereira de Mesquita, tornando-se pai, logo em seguida, de um casal de filhos: Artur Mesquita Cortines Laxe (1862-1923), igualmente bacharelado em direito pela academia paulistana e promotor na cidade de Resende (onde se casará com uma filha do Barão de Bananal), depois advogado atuante por longo período de tempo na cidade de São Paulo; e de uma menina nascida em 12 de dezembro de 1863 que receberá nome semelhante ao da mãe, Júlia.

A futura poetisa perde a mãe muito cedo, em 1869; mas ganha, três anos depois, uma madrastra (Joaquina de Sousa Meireles Soares) e posteriormente uma meia-irmã, Laura Cortines — nascida em Niterói, em 1874, ano anterior ao da morte, na capital fluminense, do doutor Cortines Laxe. Laura, por sua vez, se tornará, por volta da virada do século, mãe de outra futura escritora (cujo nome de casada será Dagmar Meireles Muniz) que funcionará, mais tarde, como informante predileta dos pesquisadores da vida e da obra de sua tia, Júlia Cortines.

Tanto a infância como a adolescência da poetisa serão marcadas, portanto, pela orfandade: perde a mãe aos seis anos e o pai aos doze. É alfabetizada pela avó materna, proprietária da fazenda Monte Azul, situada nos limites do município de Rio Bonito, lugar em que passa temporadas, alternadas com períodos de residência em Niterói (onde chega a frequentar um colégio inglês).

Mas o autor de sua biografia (RLJC), Renato de Lacerda, apesar de transmitir estes dados a respeito dos estudos de Júlia Cortines, salienta que sua formação intelectual é basicamente autodidática: serve-lhe de cartilha o velho tratado de versificação português, da transição clássico-romântica, de Antônio Feliciano de Castilho\* (1800-1875), enquanto procura aperfeiçoar-se em história, literatura e em língua portuguesa (disciplinas das quais irá se tornar professora posteriormente) através de leituras autodirigidas. Pouco depois de completar os vinte anos de idade, começa a divulgar sua própria produção, por meio de periódicos do Rio de Janeiro. Esses esparsos são reunidos em sua primeira coletânea poética, *Versos*, editada em 1894, na capital do Império, pela Tip. Leuzinger; o volume é prefaciado pelo prestigioso escritor fluminense Lúcio de Mendonça\* (1854-1909), notório incentivador das letras femininas — que termina seu texto de introdução ao livro de Júlia Cortines conclamando as poetisas brasileiras já consagradas a festejarem a escritora debutante (citando nominalmente Narcisa Amália\*, Adelina Amélia Lopes Vieira\*, Ernestina Varela\*, Amélia de Oliveira\* e Zalina Rolim\*, além de Maria Clara Vilhena da Cunha, depois conhecida como Maria Clara da Cunha Santos\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*).

O mesmo Lúcio de Mendonça redigirá, pouco tempo depois (em 1897) uma crônica que será reproduzida pelo *Almanaque Brasileiro Garnier para o Ano de 1907* (AGRJ), na qual presta homenagem *A Três Júlias* — isto é, a Júlia Lopes de Almeida\*, Francisca Júlia da Silva\* e Júlia Cortines — declarando-se publicamente favorável à admissão de mulheres na recém-fundada Academia Brasileira de Letras. Nessa matéria, altamente elogiosa a todas as três escritoras, Mendonça distingue o excepcional talento de prosadora de Júlia Lopes da veia poética das duas outras artistas; e, sem externar preferência por esta ou aquela das duas poetisas, identifica em Francisca Júlia maior solidez clássica, em contraposição à "mais inspirada, mais imaginosa, mais rica em dotes naturais" Júlia Cortines.

Mesmo reconhecendo o equilíbrio entre ambas, é preciso entender, portanto, que a produção divulgada por intermédio de *A Mensageira*, entre 1897 e 1900, mostra uma Júlia Cortines amadurecida, no auge de sua capacitação literária — enquanto Francisca Júlia é uma novata que ainda não completou os 30 anos de idade e que acaba de editar seu livro de estreia (*Mármore*, 1895).

Naquele exato período da virada do século, portanto, parece confirmar-se o juízo crítico de Lúcio de Mendonça, corroborado por Artur Azevedo\*: Júlia Cortines tem a primazia sobre as demais poetisas do "fin de siècle" nacional.

No caso da Cortines, sua consagração pela crítica, ainda no século XIX, é incontestável, não podendo ser atribuída à beleza física (caso de Narcisa Amália, ainda hoje ironizada por alguns críticos literários que não lhe reconhecem méritos) ou ao seu apadrinhamento por influentes antifeministas como João Ribeiro\* (caso de Francisca Júlia, reiteradamente elogiada pela "poesia enérgica" ou pela " máscula beleza" de seus versos). Júlia Cortines contou, mesmo antes da publicação de seu primeiro livro, com os aplausos dos literatos residentes no Rio de Janeiro (em SBDB, Sacramento Blake menciona uma reunião convocada para a audição de seus poemas, noticiada pelo *Jornal do Comércio* de 14 de julho de 1891); o juízo emitido por Lúcio de Mendonça no prefácio de *Versos* será subscrito por Machado de Assis\* em crônica publicada na coluna "A Semana", do jornal *Gazeta de Notícias* (edição de 3 de novembro de 1894, cf. MAAS).

Com a publicação de sua segunda coletânea poética, *Vibrações* (Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, 1905), ganhará um outro admirador importante, José Veríssimo, que chega a compará-la com uma das maiores poetisas européias da virada do século, a jovem professora socialista da Itália, Ada Negri\* (1870-1945).

Nesse seu segundo (e último) livro, Júlia Cortines divulga poemas inéditos ao lado de produções já publicadas anteriormente (em revistas femininas como *A Família* e *A Mensageira*, inclusive) — poemas (como o soneto "O Deserto") em que demonstra ter atingido a máxima perfeição formal. Sua predileção crescente pela temática filosófico-existencial, situada na mesma faixa em que Raimundo Correia (1859-1911) tinha alcançado o padrão de excelência, não confirma, no entanto, evolução do parnasianismo inicial para o simbolismo que passava a predominar na poesia masculina da virada do século. Fausto Cunha e Péricles Eugênio da Silva Ramos (em análises publicadas respectivamente em OESP e PEPP) consideram que, pelo contrário, a Cortines de *Vibrações* atingiu sua parnasianização mais completa, denunciada na troca do soneto em decassílabos (forma predominante nos *Versos* de 1894) pelos alexandrinos que caracterizam quase toda a produção englobada por *Vibrações*.

Acentuam-se também a objetividade e o ceticismo inicial da poetisa, que caminha gradativamente para o niilismo e o pessimismo, influenciada tanto pelos grandes nomes da poesia oitocentista italiana — como Giacomo Leopardi (1798-1837) e a mencionada Ada Negri, ambos traduzidos por ela — como pela leitura de filósofos da linguagem nietzschiana (influência apontada por Péricles Eugênio, ao comentar o poema "Fracos", de *Vibrações*).

Renato de Lacerda, que em contato direto com a família da poetisa parece ter se inteirado de fatos até hoje mantidos em sigilo, fornece uma explicação algo mecânica para o profundo descontentamento manifestado por Júlia Cortines em seus dois livros — isto é, para o envolvimento de sua poesia em música sombria, de "tom lento e austero, um quase andamento fúnebre para sua poesia elegíaca" (fenômeno também analisado, à luz da teoria psicanalítica e no âmbito de uma retrospectiva mais ampla da literatura feminina oitocentista, por Sylvia Perlingeiro Paixão, em TRFS).

A explicação residiria numa desilusão amorosa de juventude, em seu abandono por um rapaz de inteligência privilegiada, pouco mais jovem que ela, que a teria conhecido na fazenda da avó dela, em Rio Bonito. Trata-se do bacharel fluminense (de Itaboraí) Alberto de Seixas Martins Torres (1865-1917), advogado diplomado pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1886, de carreira brilhante no plano regional, também interessado em poesia, em sua juventude (Lacerda transcreve, dele, um lamurioso poema intitulado "Monte Azul", nome do lugar em que Júlia Cortines chegou a residir, com a avó). A biografia sumária do doutor Torres fornecida por Lourenço Luiz Lacombe em LLEF é suficiente para traçar um perfil da rápida escalada do rapaz no final do século XIX: o bacharel de 1886 transita (como jornalista) pelo ativismo abolicionista e republicano, tornando-se constituinte, deputado estadual e deputado federal pela mesma época em que Júlia prepara e publica seu primeiro livro, alcançando o posto de Presidente do Estado do Rio de Janeiro no exato período de circulação de *A Mensageira*, 1897-1900. O fato de Torres ter se mantido em evidência até seu precoce falecimento em 1917 (foi ministro do Supremo Tribunal Federal e erudito associado do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) deve ter contribuído para prolongar a lembrança, na poetisa, de seus frustrados sonhos juvenis de realização amorosa. Júlia Cortines morrerá solteira.

O fato é que, entre 1905 (data da divulgação de *Vibrações*) e 1948, ano de sua morte, transcorre quase meio século de silêncio quase absoluto por parte da escritora.

Existe referência (sem data precisa) a uma longa viagem feita pela poetisa à Europa, relatada em crônicas remetidas ao diário carioca *O País*, o mesmo jornal em que sua amiga Júlia Lopes de Almeida\* manteve, por várias décadas, uma coluna semanal (nas pp. 54-55 de RLJC transcreve-se um fragmento de uma dessas crônicas). Mas, sabendo-se que nessa viagem a Cortines acompanhava um tio almirante, Huet de Bacellar (1852-?), em missão a serviço do governo federal, é possível situar a época desse cruzeiro na segunda metade da década de 1890 ou na virada do século, pois esse militar foi aprisionado por Floriano Peixoto, só voltando a assumir encargos de vulto na República civilista de Prudente de Moraes e Campos Sales (cf. verbete biográfico de Bacellar na EDIJ).

Por volta de 1923, restando-lhe ainda um quarto de século de vida, a Cortines só pode contar com a referida meia-irmã, Laura, com quem passará a residir no Rio de Janeiro, em sua velhice, numa casa do bairro do Botafogo. Pais, avós e o único irmão já estão todos falecidos. Ocupa-se apenas de lecionar suas matérias prediletas (história, português e literatura) em escolas particulares cariocas como o Colégio Pitanga (sediado em Copacabana); de seus muitos ex-alunos, menciona-se com frequência o grande arquiteto e urbanista Lúcio Costa (1902-1998).

A poetisa de meia-idade ainda compõe versos, mas raramente os divulga, mantendo-os inéditos em livro. Já numa entrevista a *O País* para inclusão no anuário desse jornal referente a 1910 (entrevista integralmente transcrita em RLJC, pp. 71-75), denota, ao lado de posicionamentos abertamente feministas, uma postura de amarga ironia.

Em 26 de julho de 1939, já septuagenária, é homenageada por ocasião das comemorações do 22º aniversário da Academia Fluminense de Letras. Mas não comparece, fazendo-se representar pela sobrinha Dagmar Cortines (Dagmar Meireles Muniz), remetendo apenas uma breve mensagem de agradecimento a seus admiradores — entre os quais se encontram a poetisa Ana Amélia de Queirós Carneiro de Mendonça (1896-1971) e a declamadora Margarida Lopes de Almeida (1896- ?), que recitam versos de Júlia Cortines para a assistência. Em 19 de março de 1948, internada na Casa de Saúde da Gávea, Júlia Cortines falece, poucas semanas depois de ter completado 84 anos de idade.

Na revista *A Mensageira*, seu nome aparece mencionado já na primeira página do número inaugural, em I(1):1; em I(1):11, surge sua primeira colaboração, o magnífico soneto em alexandrinos "O Deserto", dedicado a Prisciliana Duarte, que figurará com destaque na coletânea *Vibrações* (na mencionada entrevista a *O País* a própria autora declarará ser essa sua melhor produção, "em execução"). Novas menções nominais, em I(2):32, I(4):61 e I(5):73 e 76, partem respectivamente de Artur Azevedo\* (que a tinha, de fato, na mais elevada conta), de Georgina Santiago\* e de Perpétua do Vale (pseudônimo de Prisciliana Duarte de Almeida); esta última, na resenha do primeiro livro de Ibrantina Cardona, *Plectros*, não só se refere à Cortines como uma das primeiras poetisas do país, como antecipa a elaboração de sua segunda coletânea poética ao afirmar que a poetisa "burila um novo livro de sentidos e incomparáveis alexandrinos".

O ano de 1897 fecha-se com outra menção a Júlia Cortines extraída de comentários da imprensa à publicação de *A Mensageira*, em I(6):95. E o ano seguinte abre-se com a inclusão, no número referente a 15 de janeiro de 1898 — em I(7):101 — de um segundo soneto, "O Sonho". Atribuindo origem paulista à poetisa fluminense em I(7):105, em sua retrospectiva "Intelectualidade Feminina Brasileira", o articulista "Pelayo Serrano" (pseudônimo de Nelson de Sena\*), provoca a intervenção da própria Cortines em carta publicada no nº 10 — em I(10):159-160 —, na seção de noticiário da revista, em que ela diplomaticamente se declara "conterrânea de Narcisa Amália e não de Francisca Júlia e Zalina Rolim, as duas gloriosas poetisas paulistas". No mesmo nº 10 — em I(10):156 e 157 —, Júlia Cortines figura enfaticamente na detida apreciação do lançamento de *A Mensageira* feita por Alberto Faria\* no jornal *Cidade de Campinas*. Em I(12):182, sua menção em conferência pronunciada em fins de 1897 por Olímpio Galvão no Instituto Literário Olindense demonstra que a fama da poetisa já chegou a Pernambuco.

A terceira colaboração de Júlia Cortines aparece em 15 de abril de 1898, em I(13):204, no poema "A Giacomo Leopardi", inspirado na comemoração do centenário de nascimento do grande poeta italiano — cujos versos excedem o âmbito da apologia, explicitando a identificação da poetisa brasileira com o estóico pessimismo de Leopardi.

Passam-se onze meses até o aparecimento de sua quarta e última colaboração, o excepcional soneto de versos alexandrinos "Depois da Batalha", em que a influência de Ada Negri já se torna sensível — detectável, especialmente, nas imagens de desolação explicitadas no segundo quarteto. Publicado em 15 de março de 1899, em II(26):45, este poema impressiona as sensibilidades de dois privilegiados formadores de opinião, o mencionado Alberto Faria da *Cidade de Campinas* e o gentil poeta fluminense Luis Pistarini\* — responsáveis pelas duas últimas citações do nome de Júlia Cortines na revista, respectivamente em II(27):72 e II(28):96.

Fonte: AGRJ ("A Três Júlias", artigo de Lúcio de Mendonça datado originalmente de 1897, reproduzido no almanaque para o ano de 1907, pp. 246-249); AMSP (detalhamento do conteúdo da revista *Guaianá* na monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); ANTR (vol. IV, p. 255: perfil biográfico referente ao pai da poetisa, João Batista Cortines Laxe); CSVF (pp. 22-23 e 53, incluindo a reprodução do soneto "O Lago", da coletânea *Vibrações*); DMMN (p. 287); EDJ (verbetes para Huet de Bacellar em II:1.090, para Júlia Cortines em V:3.032 e para João Batista Cortines Laxe em XI:6.433); HGSP ("Notas Sobre a Vida do Dr. Cortines Laxe e Alguns Dados Genealógicos", por Brasil Bandecchi: vol. LXVIII, 1970, pp. 191-198); LLEF (p. 64: biografia de Alberto de Seixas Martins Torres, 94º chefe do executivo fluminense); LFSB (reprodução do soneto "O Lago", extraído da coletânea *Vibrações*, fl. 298); MAAS (crônica de Machado de Assis datada de 3 de novembro de 1894 reproduzida no tomo II, pp. 231-232); OESP (Suplemento Literário nº 34, edição de 8 de junho de 1957, p. 4: "A Poesia de Júlia Cortines", por Fausto Cunha + Suplemento Literário nº 78, edição de 26 de abril de 1958, p. 4: "De Narcisa Amália a Júlia Cortines", por Domingos Carvalho da Silva); PEPP (pp. 235-241: nota biobibliográfica seguida da reprodução de cinco poemas extraídos de *Vibrações*, "O Lago", "Eternidade", "Fracos", "Interrogação" e "Última Página"); RFPF (pp. 80-82: nota biobibliográfica seguida da reprodução de quatro sonetos: "O Deserto", "O Lago", "O Tempo" e "Indiferentes", mais o poema "Fracos"); RLJC (monografia de 117 pp., dedicada ao estudo da biobibliografia de Júlia Cortines); RMDL (p. 205); SBDB (verbetes para João Batista Cortines Laxe em III:338 e para Júlia Cortines em V:241); TRFS ("A Liberdade na Morte: Júlia Cortines", por Sylvia Perlingeiro Paixão: pp. 198-208 do nº 23 desta revista, 2º semestre de 1991, edição consagrada ao tema "Mulheres — Século XIX"); WMIB (vol. IV: p. 447, vol. V: p. 287).

Iconografia: a monografia RLJC é ilustrada por quatro fotografias, exibindo sucessivamente a praça Fonseca Portela (largo da matriz de Rio Bonito), em que se situava a casa onde nasceu a poetisa, o retrato do pai e duas fotos mostrando Júlia Cortines na infância (com aproximadamente dez anos de idade) e "na mocidade" (por volta de 1890), respectivamente nas pp. 19, 23, 25 e 31 desse livro; fotografia posterior (circa 1900), em AGRJ, ilustrando o artigo de Lúcio de Mendonça, "A Três Júlias", p. 247 do almanaque para o ano de 1907; retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de LFSB, feito com base na fotografia reproduzida pelo AGRJ; em OESP, o artigo de Fausto Cunha é ilustrado pelo fac-símile da capa do raríssimo livro *Vibrações*.

CUNHA, B. da — II(25):13-16.

CUNHA, B. da

Faltam informações objetivas a respeito deste B. da Cunha ( ? - ? ) que aparece uma única vez na revista — em II(25):13-16 —, com um "Ensaio Crítico" referente a *Plectros*, primeiro livro de poesia de Ibrantina Cardona\*, lançado em 1897, na capital paulista. O artigo está datado de "Recife, 1898", sendo escrito em tom professoral, por autor do sexo masculino, provavelmente idoso (dado o tom reacionário e apocalíptico por ele assumido em alguns parágrafos da matéria).

Depois de gastar uma página inteira de seu texto recapitulando a evolução da poesia através dos tempos, B. da Cunha detém-se em considerações elogiosas a respeito do direcionamento poético adotado por Ibrantina Cardona, principalmente no que se refere à sua produção lírica. Ainda assim, a poetisa é exortada a "estudar com afinco", de maneira a manter-se merecedora da posição de relevo já conquistada com esse seu primeiro livro.

Note-se que a publicação desta resenha coloca Ibrantina Cardona em posição privilegiada, tornando-a a única escritora do círculo de *A Mensageira* a ter um livro seu criticado mais de uma vez na revista, pois no n° 5 — em I(5):73-76 — já haviam aparecido as "Impressões de Leitura" relativas ao mesmo volume, *Plectros*, assinadas por Perpétua do Vale (pseudônimo adotado por Prisciliana Duarte de Almeida\* ao exercer a função de crítica). A reprodução deste "Ensaio Crítico" deve, portanto, ser considerada como uma especial deferência da diretora de *A Mensageira* tanto com relação a Ibrantina como com relação ao crítico literário pernambucano B. da Cunha.

ERNESTO JÚNIOR, Bento — I(12):187.

ERNESTO JÚNIOR, Bento

Nascido em Itapeccica, MG (atual denominação da antiga Tamanduá, pequena localidade da região centro-sul do Estado de Minas), o educador Bento Ernesto Júnior (1866-1934) é praticamente ignorado pela maioria dos dicionaristas da nossa literatura — em virtude, provavelmente, do caráter regional de sua projeção.

O professor chegou, no entanto, a figurar como sócio correspondente da Padaria Espiritual (movimento que floresceu na capital do Ceará entre 1892 e 1898) e a integrar o corpo de fundadores da Academia Mineira de Letras (instalada inicialmente em Juiz de Fora em 1910, transferida para Belo Horizonte em 1915), onde inaugurou a cadeira n° 8 (atual n° 9), escolhendo Josafá Belo como seu patrono; por essa ocasião conviveu, entre outros, com um dos mais notórios membros dessa academia, o mineiro Néelson de Sena\* ("Pelayo Serrano"), colaborador assíduo da revista *A Mensageira*.

Um dado interessante é referido em 1898 por Xavier da Veiga (XVIM): "ainda hoje muito jovem e então quase adolescente", Bento Ernesto Júnior já mantinha, em 1887, em Tamanduá, praticamente sozinho, uma revista literária de 16 páginas, o *Recreador Mineiro*.

Laudelino Freire (LFSB) — que reproduz o soneto de versos decassilábicos "Lágrimas", de temática muito sentimental — esclarece que o educador mineiro assumiria, posteriormente, o cargo de inspetor estadual de ensino (em Minas) e de membro integrante do Conselho Superior de Instrução.

Ao detalhar a composição da Academia Mineira de Letras, Martins de Oliveira (MOLM) acrescenta que Bento Ernesto Júnior, "poeta e prosador, dedicou-se com extremado zelo aos problemas do ensino" — chegando a publicar quatro livros de poesia (*Frondes*, *Átomos Líricos*, *Árvore do Bem e Terra Prometida*) e dois volumes de prosa (*Vida Aldeã e Prosa Cacete*).

A colaboração desse escritor na revista *O Pão* (da referida Padaria Espiritual cearense), ao longo do ano de 1895, é muito frequente, incluindo os poemas "Sombra e Luz" (no n° 9), "Despedida" (n° 12), "Epigrama de Cícero" (n° 14) e "Bilhetes Líricos" (n° 18). No mesmo n° 12 publicava-se carta de Bento Ernesto Júnior (datada de Tamanduá, MG, 18 de novembro de 1894) dirigida ao diretor de *O Pão*, Antônio Sales, agradecendo sua indicação como sócio correspondente da Padaria Espiritual. No n° 30, já em fins de 1895, Sales (assinando sob o pseudônimo de Moacir Jurema) encarrega-se de resenhar o volume que corresponderia ao primeiro livro do poeta mineiro, *Frondes* (Rio de Janeiro, Laemmert, 1895); lembrando que alguns poemas dessa coletânea poética já haviam sido divulgados nas páginas de *O Pão*, o crítico-poeta do Ceará comenta: "A Forma, a suprema preocupação dos versejadores de hoje ainda não tem em Bento Ernesto Júnior um lapidário consumado; a Poesia, porém, como linguagem do sentimento tem nele um paladino apaixonado, meigo e delicado como todos os que vivem pelo coração."

Esse juízo crítico se aplicaria à única colaboração de Bento Ernesto Júnior em *A Mensageira*: em I(12):187 é estampado o soneto "Santa", dedicado ao escritor mineiro Lindolfo Xavier\*, sem data — poema anacrônico, de construção defeituosa e de temática excessivamente exuberante para a época (1898) em que foi publicado.

Fontes: LFSB (fl. 205); MOLM (p. 252); OPFZ (n° 9: p. 5, n° 12: pp. 4 e 5, n° 14: p. 5, n° 18: p. 5, n° 30: p. 6); RMDL (verbete "Academia Mineira de Letras", p. 728); XVIM (p. 69).

Iconografia: retrato (desenho em bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 205).



FERNANDES, Carlos Dias — I(22):340 e 352; II(27):70.

FERNANDES, Carlos Dias

O paraibano Carlos Dias Fernandes (1874-1942) nasceu no porto fluvial de Mamanguape (na época importante entreposto de exportação de algodão e açúcar), tendo por pais o dr. João Nepomuceno Dias Fernandes (homem culto e francófilo, bacharelado em direito pela Universidade de Coimbra) e dona Maria Augusta Sabóia Dias Fernandes (estabelecida como fabricante de doces caseiros, responsável pela alfabetização do filho). Recebeu aulas particulares de latim e de língua portuguesa, aprofundando-se no conhecimento de Horácio, Virgílio e Camões — algo que o tornaria, mais tarde, um dos mais notórios puristas da língua no Brasil das primeiras décadas do nosso século.

Mas o caráter rebelde, avesso à disciplina, que lhe valera a denominação de "demônio infantil", irá manifestar-se ao longo de toda a sua existência, especialmente em seu primeiros 35 anos de vida: deixando a cidade natal em 1890, para ir estudar farmácia em Recife, o jovem paraibano inicia uma peregrinação que se estende por quase todo o Brasil, de Norte a Sul — peregrinação cujo ritmo só arrefecerá na década de 1910.

Em 1891 já está de volta à Paraíba, para retornar em seguida a Recife e seguir viagem para Aracaju e para o Rio de Janeiro (1892). Na Capital Federal, manifesta seu apoio a Floriano alistando-se entre os combatentes contra os rebeldes da Revolta da Armada (1893-1894), chegando a comandar uma bateria deslocada para o Paraná; nomeado tenente honorário do Exército, é apresentado, ao dar baixa, com uma nomeação para os Correios de São Paulo (daí a publicação de textos seus, em 1895, pela *Revista Postal* paulistana, referida por Antônio Barreto de Amaral em HGSP), passando os meados da década de 1890 a deslocar-se entre a capital paulista e o Rio de Janeiro — época em que colabora com periódicos dessas duas cidades, especialmente o *Diário Popular* paulistano (à época comandado por José Maria Lisboa) e o *Jornal do Comércio* carioca; teria convivido, nesse período, com os jornalistas Garcia Redondo\*, João Luso\* e Filinto de Almeida\* (este último poeta neoclássico muito estimado por seus contemporâneos) e ainda com os poetas Amadeu Amaral\* e Júlio César da Silva\* (irmão de Francisca Júlia\*).

O início de sua produção poética coincide, portanto, com sua adesão ao dandismo imperante entre os mais jovens poetas finiseculares e ao satanismo da poesia de Charles Baudelaire (1821-1867), recentemente introduzido no Brasil.

Estabelecendo-se no Rio de Janeiro na segunda metade da década de 1890, Fernandes colabora simultaneamente em diversos periódicos cariocas (aí incluído o jornal *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio\*) — datando dessa época sua estreita convivência com Cruz e Sousa\*, o papa da poesia simbolista nacional (morto Cruz e Sousa no início de 1898, Fernandes é um dos poucos presentes ao enterro do poeta catarinense, incluindo mais tarde a si próprio, no romance autobiográfico *Fretana* — sob a pele do fictício Frederico Pestana ou "Fretana" —, no relato das insólitas circunstâncias em que se fez seu enterro). Carlos Dias Fernandes estará, igualmente, entre os principais colaboradores e mantenedores das duas efêmeras revistas cariocas fundadas em homenagem a Cruz e Sousa, *A Meridional* e *Rosa-Cruz*.

Em 1900 já o encontraremos em Manaus, onde passa a lecionar língua portuguesa na Escola Normal; envolvendo-se, porém, com uma aluna pertencente à elite local, acaba preso e processado como sedutor, deixando a cidade (depois de absolvido) sob ameaça de morte. Dividindo-se entre Belém e Recife ao longo da primeira década do século XX, colabora com Antônio Lemos na reativação do jornal *A Província do Pará*, cuja redação foi momentaneamente transformada numa espécie de academia literária nortista; por essa época, faz viagens à Europa, desiludindo-se com a superficialidade do "espírito francês" e deslocando-se para a esfera mais "latina" da literatura italiana (torna-se amigo do escritor Edmondo de Amicis\* e admirador do poeta e romancista Gabriele D'Annunzio: note-se que Lúcia Miguel-Pereira — em MPPF — considera os romances de Carlos Dias Fernandes influenciados por D'Annunzio).

Envolvido em violentas polémicas e granjeando inimigos tanto nos meios políticos como nos meios clericais, é preso em 1908 (indultado no ano seguinte) sob acusação de falsificar estampilhas. Completa o curso da Faculdade de Direito do Recife tardiamente (em 1912), fixando-se na capital da Paraíba em 1913: ali dedica-se à redação do jornal *A União* (fundado em 1893, ainda circulante em fins do século XX) e à administração da Imprensa Oficial do Estado; já casado pela segunda vez, inicia um período mais sereno e produtivo que se estenderá até 1925. Assume agora, através de seus escritos, ou através das aulas e conferências que profere — em contraste com sua maneira extravagante de falar ou trajar-se e de sua fama de sedutor devasso — a defesa do meio ambiente e da urbanização racional; clama pelo aprimoramento do ensino, pela profissionalização dos escritores, pelas pesquisas de folclore e pelo aproveitamento das ervas medicinais brasileiras; incentiva o vegetarianismo, a cultura física, a proteção à infância e aos animais (foi um dos fundadores da Sociedade Protetora dos Animais local); e, além de destacar sistematicamente, em suas resenhas literárias, livros escritos por mulheres, faz propaganda feminista (sua conferência "O Feminismo: A Emancipação da Mulher pela Cultura, pelo Trabalho", proferida na Escola Normal de Paraíba do Norte — atual cidade de João Pessoa —, como paraninfo dos diplomados da Escola Remington, em 25 de novembro de 1923, foi editada como folheto de 22 pp. pela Imprensa Oficial da Paraíba). Revela-se ainda admirador de Tobias Barreto\*, ao encarregar-se, em 1921, da conferência "Tobias: Jurista-Filósofo", proferida em cerimônia destinada a arrecadar fundos para a construção do monumento ao antigo professor da Faculdade do Recife (conferência editada na mesma época pela Imprensa Oficial da Paraíba, em folheto de 35 pp.).

Sua mudança para o Rio de Janeiro, em 1926, é definitiva: nessa cidade permanecerá (excetuados os períodos de viagens ao exterior) ao longo do 16 anos de vida que tem pela frente. Atuando principalmente junto ao jornal *O País* (assumindo, durante o ano de 1927, a função de crítico literário do periódico), diminui sensivelmente o ritmo de sua produção literária; cada vez mais doente nos últimos dez anos de vida, caminha em direção à invalidez, morrendo no Hospital da Cruz Vermelha, em 9 de dezembro de 1942 — numa época em que pouca gente ainda se lembrava da byroniana figura que tanto tumulto causara em sua juventude.

Carlos Dias Fernandes pertencia à Associação Brasileira de Imprensa desde 1918; ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e ainda ao Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco desde 1921; sua eleição como sócio correspondente da Academia Mineira de Letras em 1924 coincide com a ascensão de Carlos Góis\*, outro antigo colaborador de *A Mensageira*, à presidência da academia já sediada em Belo Horizonte. O poeta é patrono da cadeira n° 32 da Academia Paraibana de Letras (fundada em 1941, com um quadro inicial de 30 acadêmicos).

Utilizou vários pseudônimos, entre eles os de Jaime Aroldo, Tupinambá, Gonçalo Videirinha, Vasco da Lobeira, Asmodeu, Hilarião, C. F. e C. D. F.

Eduardo Martins faz um detalhado arrolamento da vasta obra de Fernandes em EMNB, enumerando 40 livros e folhetos, além de 459 itens avulsos, publicados em periódicos (textos opinativos, cartas, ensaios, discursos, conferências, contos, crônicas, poemas, resenhas e necrológios). Essa enorme produção também abrange obras didáticas, novelas e dois poemas dramáticos: *Miriam*, de 1920 e *Sansão e Dalila (Poema Dramático dos Tempos da Independência)*, de 1921. Mas nela ocupam lugar de destaque seus três romances: o referido romance autobiográfico *Fretana* (Rio de Janeiro, Alba Oficinas Gráficas, 1936), do qual Andrade Muricy (AMSB) reproduz o trecho que descreve o enterro de Cruz e Sousa — e dois romances naturalistas, divulgados simultaneamente: *A Renegada* (Recife, 1908) e *Os Cangaceiros* ("Romance de Costumes Sertanejos", publicado inicialmente sob a forma de folhetim do *Jornal Pequeno*, de Recife, em 1908). Significativamente, Monteiro Lobato encarregou-se de reeditar ambos, em São Paulo, já nos anos 20. No caso de *Fretana*, Tavares Bastos (TBSB) é taxativo: "autobiografia indispensável ao estudo do simbolismo no Brasil"; Wilson Martins (WMIB) analisa os dois outros romances de Fernandes, apontando, em *A Renegada*, o mérito de afrontar os "espíritos timoratos" com a descrição de cenas escandalosas — mas qualifica *Os Cangaceiros* como romance pertencente a um descaracterizado "regionalismo pitoresco". Magalhães Júnior (MJCN) fornece, na antologia *O Conto de Norte*, uma amostra dessa prosa grandiloquente e incharacterística, transcrevendo do volume *Torre de Babel* (Gênova, 1907) o conto "Sinfônio e Agripa".

A obra poética, desdobrada em uma dúzia de volumes, abrange período muito extenso, estendendo-se do poemeto *Palma de Acantos* (Manaus, 1901) e da coletânea *Solais* (Paris, 1902) até *Gesta Nostra* ("poema luso-brasileiro", Rio de Janeiro, 1942); os últimos versos, que comporiam um volume denominado *Última Ceifa*, permanecem inéditos.

Em *A Mensageira*, Carlos Dias Fernandes é mencionado em I(22):352 — isto é, no número referente a 30 de agosto de 1898, em que Prisciliana Duarte de Almeida\* se vale de uma das "notas pequenas" para chamar a atenção do leitor para a pessoa do poeta, cujo soneto "Bendita Causa" aparece no mesmo número da revista — e em II(27):70 (em outra das "notas pequenas", já em abril de 1899, registra-se o lançamento do primeiro número da revista carioca *A Meridional*, que tem Elísio de Carvalho\* como diretor e Carlos Dias Fernandes como secretário).

Sua única colaboração propriamente dita em *A Mensageira* corresponde, portanto, ao poema "Bendita Causa", sem dedicatória e sem data, publicado em I(22):340; não consta do arrolamento de esparsos feito por Eduardo Martins e é produção juvenil de escassas qualidades, embora a versificação em decassílabos seja aceitável e a filiação simbolista se evidencie à primeira leitura. A evolução do poeta em direção a uma arte mais sincera e despojada fica evidente à leitura dos dois sonetos de 1928 que compõem a prece "Oração Vespéral", integralmente reproduzida por Tavares Bastos; mas entre um e outros desses poemas interpõe-se de fato um grande intervalo, de trinta anos.

Eduardo Martins esclarece que o escritor da Paraíba casou-se duas vezes: do primeiro casamento, juvenil, realizado no Rio de Janeiro no final do século XIX, resultou um filho, Assuero Dias Fernandes, também jornalista e poeta, morto precocemente, no Rio, em 1930 (ignorado pelo pai, Assuero teve suas obras reunidas num único volume, publicado postumamente, em 1932). No segundo casamento, realizado no Recife por volta de 1910, ligou-se à jovem Aurora Dias Fernandes (c. 1890-1973), que também funcionou como secretária durante mais de trinta anos de união, até a morte do poeta-jornalista — e que ainda sofreria grandes privações nos trinta anos que sobreviveu ao marido.

Fontes: AMSB (principalmente vol. II, pp. 195-201); AMME (pp. 111, 122-126, 144, 146 e 180); BBVL (pp. 127, 132, 223 e 236); EMNB (volume inteiramente dedicado a Carlos Dias Fernandes); FAPB (neste detalhado estudo a respeito da imprensa paraibana, Fátima Araújo faz diversas menções ao trabalho de Carlos Dias Fernandes no âmbito de seu Estado natal: pp. 54, 58, 144, 257-258 e 364-365); GSTB (vol. II, p. 228); HGSP (p. 86 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", vol. LXXXI, referente a 1986, pp. 45-111); LEMT (vol. II, pp. 725-728); LFSB (fl. 335); MJCN (vol. I, pp. 121-127); MPPF (p. 232); PEPS (pp. 175-177); RMDL (pp. 260 e 730); TBSB (principalmente pp. 25-42); WMIB (vol. V: pp. 308, 356, 382 e 458, vol. VI: 121, 147, 221, 223, 250 e 519, vol. VII: 62 e 522).

Iconografia: fotografia reproduzida em EMNB (p. 5); retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 335); retratos (desenhos) em AMSB (vol. II, p. 195) e LEMT (vol. II, p. 727).



FERREIRA, Ridelina (pseudônimo de Camila Riedel) — II(25):17-20; II(27):51-58; II(29):114; II(32):154; II(33):183-184; II(34):195-196; II(36):235.

#### FERREIRA, Ridelina

As duas únicas fontes localizadas para nosso conhecimento da personalidade da poetisa e prosadora gaúcha, radicada no Estado do Rio de Janeiro, Ridelina Ferreira (pseudônimo de Camila Riedel, 1867- ? ) limitam-se a referir-se a seu nascimento no Rio Grande do Sul, ao exercício do magistério como professora particular e à adoção daquele pseudônimo em função de seu casamento com o doutor (bacharel em direito?) Alfredo Rodrigues Ferreira.

Mas, apesar das menções elogiosas contidas nesses dois verbetes do DMMN e da EDIJ (o primeiro chega a afirmar que "possuía forte poder imaginativo e versejava com facilidade e belo colorido rítmico"), tudo indica que, mesmo tendo sido "colaboradora em vários jornais", Ridelina não chegou a ter nenhum livro publicado.

Nesse sentido, a compilação dos dados referentes a sua colaboração em *A Mensageira*, em 1899, talvez possa contribuir para fornecer esclarecimentos de relativa importância a respeito de sua pessoa.

Detalhe digno de nota, veladamente apontado por Prisciliana Duarte de Almeida\* na própria revista, é o fato de Camila Riedel ser irmã — gêmea, talvez —, do poeta e jornalista gaúcho Júlio Riedel\* (c. 1867-1895) — que, radicado no Estado de São Paulo desde a adolescência, passou os seis últimos anos de sua curta vida na cidade de Campinas, onde, atuando como redator do *Diário de Campinas*, revelou-se jornalista de mérito, predestinado a carreira brilhante se não houvesse se matado na capital paulista, em meados de 1895 (as principais fontes locais disponíveis a respeito do rapaz são AMPC, EGPC e JBHC).

Da produção de Ridelina publicada por *A Mensageira* (dois contos-crônicas e três poemas) destaca-se a primeira parte, em prosa, de originalidade suficiente para individualizar essa escritora em meio às demais colaboradoras da revista (pois nos contos-crônicas a escritora coloca sua sensibilidade a serviço da documentação de dois problemas sociais relevantes: a precariedade com que eram instalados no Brasil os imigrantes italianos recém-chegados e a inadaptação dos ex-escravos negros a um meio que os mantinha marginalizados).

O primeiro desses contos, "Um Episódio da Roça", surge no início de 1899, em II(25):17-20 — seguindo-se, dois meses mais tarde, "O Tio Jó" (este último dedicado a Maria Clara da Cunha Santos\*), publicado em II(27):51-58.

Aparecem depois os poemas "Escuta!" — II(29):114, "Nênia" — II(32):154 e "Barcarola" — II(36):235. Destituídos de maior interesse literário, importa seguir, através deles, a trilha deixada pela poetisa — que, datando-os respectivamente de dezembro de 1898, agosto e dezembro de 1899, demonstra ter se hospedado na Capital Federal (deixada a contragosto: "de minha sina atroz cruéis pesares/obrigam-me a buscar terras distantes") para retornar em seguida à fazenda do norte fluminense (no município de São João da Barra, situado junto à foz do Paraíba do Sul) em que se auto-exilara há algum tempo, em função de experiências pessoais traumáticas.

Após a publicação de uma "nota pequena" intitulada "Ridelina Ferreira" em II(33):183-184, na qual Prisciliana Duarte de Almeida refere-se à premiação da escritora num concurso literário de Além Paraíba, MG (designando-a como "inteligente irmã de falecido e distinto poeta que muito figurou na imprensa paulista"), Ridelina encaminha um interessante depoimento pessoal, na "Carta Aberta" datada de 15 de outubro de 1899 e publicada num dos últimos números da revista, em II(34):195-196. Nessa missiva, revela que em fins de 1897, descrente de tudo, vivia uma das épocas mais dolorosas de sua vida, até que, ao tomar conhecimento do lançamento de *A Mensageira*, reanimou-se, procurando alcançar, no exercício da literatura, lenitivo para seus sofrimentos — no que foi reforçada pela amizade travada com Maria Clara da Cunha Santos.

Depreende-se, assim, que Ridelina Ferreira encontrou, na revista paulistana, tanto a indicação do rumo a seguir como o estímulo para a divulgação de sua produção nascente — testemunhando uma situação que talvez possa ser extrapolada para muitas outras leitoras de *A Mensageira* espalhadas Brasil afora.

Fontes: DMMN (p. 1.129); EDIJ (vol. VIII, p. 4.628); especificamente sobre Júlio Riedel: AMPC (p. 40); EGPC (pp. 31-32); JBHC (vol VII, pp. 58-59).

FORTES, Cândida — I(3):40; I(15):239; I(19):295-298 e 299-301; I(22):341 e 343; II(25):10; II(27):71 e 72; II(30):131; II(32):168.

#### FORTES, Cândida

No caso da poetisa, prosadora e dramaturga gaúcha Cândida Fortes (Cândida de Oliveira Fortes Brandão, 1862-1922), nascida e falecida na cidade de Cachoeira do Sul (situada na região central do Estado do Rio Grande do Sul), chama a atenção a falta de dados sobre sua pessoa — problema atribuível a seu relativo isolamento na cidade natal, a razoável distância dos centros sulinos mais populosos. De modo que as poucas linhas fornecidas no verbete que Sacramento Blake lhe reserva em SBDB acabam sendo literalmente reproduzidas, sem nenhum acréscimo, em dicionários congêneres como CMIR, DMMN e EDIJ.

Incluindo Cândida Fortes no segundo volume de sua coleção, publicado em 1893, Blake limita-se a caracterizá-la como colaboradora da imprensa porto-alegrense e como autora de volumes de prosa (*Contos às Minhas Irmãs*) e poesia (*Revérberos*) ainda inéditos. Sabendo-se que esses dois volumes foram fundidos num só (*Fantasia*), editado em Porto Alegre em 1897), concluiríamos que a bibliografia da autora teria ficado restrita a esse único livro

— pois a cena bucólica em versos *La Nature* e alegoria cívica em versos *Aniversário da Pátria*, se efetivamente editadas, seriam opúsculos, permanecendo toda sua produção restante esparsa por diferentes periódicos do interior e da capital de seu Estado (aí incluídos *Corimbo*, das irmãs Revocata Heloisa de Melo\* e Julieta de Melo Monteiro\* e *O ESCRINIO*, de Andradina de Oliveira\*).

Esse nosso desconhecimento da importância da atuação regional de Cândida Fortes por volta da virada do século destoa de um fato registrado em 1898, relatado por Regina Zilberman (em RZLG): ao defender as escritoras do Sul do Brasil da acusação de esterilidade feita por Adolfo Caminha (que procurava ressaltar a fertilidade das autoras nordestinas), Apolinário Porto Alegre menciona-a entre suas contemporâneas — sendo todas elas nascidas nos anos 1860 — Julieta de Melo Monteiro\* e Ana Aurora do Amaral Lisboa\*, legítimas continuadoras da tradição feminista gaúcha que remontava a meados do século XIX.

Como a maior parte de suas coetâneas rio-grandenses, aliás (exceção feita a Andradina de Oliveira, que teria se aproximado mais da condição de "escritora profissional"), Cândida Fortes sobreviveu graças ao exercício do magistério, de acordo com as informações fornecidas por Antônio Carlos Machado em AMCP e por Alzira Freitas Tacques em FTPR. Esta última lembra ainda que por ocasião da instalação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (1943), a figura simbólica de Cândida Fortes foi escolhida como patrona de uma das cadeiras da instituição pela associada fundadora Natércia Cunha Veloso.

O verbete do dicionário literário de Raimundo de Menezes (RMDL) apresenta, com algumas incorreções, uma síntese das informações acima — acrescentando a indicação de dois diferentes pseudônimos utilizados por Cândida Fortes ("Marina" e "Canoliflor"). Guilhermino César (em GCHL) limita-se a arrolar a escritora entre os poetas tarde-românticos do Rio Grande do Sul.

A primeira menção a Cândida Fortes em *A Mensageira* aparece em fins de 1897, em I(3):40, na carta em que Ibrantina Cardona aponta o exuberante desenvolvimento da literatura feminina gaúcha daquele final de século, incluindo seu nome num arrolamento que inclui dezena e meia de outras escritoras. Já em meados de 1898, numa das "notas pequenas" da revista — I(15):239 — Prisciliana Duarte de Almeida\* acusa o recebimento do recém-lançado *Fantásias*, editado em Porto Alegre no ano anterior, prometendo voltar ao assunto posteriormente.

A promessa de Prisciliana é cumprida em 15 de julho de 1898 — em I(19):295-298 — na extensa resenha "Impressões de Leitura: *Fantásias* (Cândida Fortes, 1897)", cuja autoria aparece dissimulada pelo pseudônimo adotado pela diretora da revista em seu papel de crítica literária, "Perpétua do Vale". Nessa resenha, altamente elogiosa, são reproduzidos poemas inteiros, com ênfase especial nas trovas que têm "naturalidade e semelhança com as canções populares"; o "ar puro e saudável" exalado por esses livros de estória da escritora gaúcha nos segmentos de prosa (contos) também recebe cumprimentos de Prisciliana — que toma a liberdade de reproduzir integralmente, nas pp. 299-301 do mesmo nº 19, a simpática história "As Borboletas".

As menções que surgem a seguir — em I(22):341 e 343 — têm significado especial: na p. 341, Damasceno Vieira, encarregando-se de resenhar o livro de estreia de Andradina de Oliveira, *Preludiando* (igualmente lançado em 1897) lembra que aquele ano havia sido assinalado pela publicação simultânea de três livros de mulheres escritoras gaúchas: esse de Andradina, aquele de Cândida Fortes e um terceiro, *Alma e Coração*, de Julieta de Melo Monteiro; na p. 343, ao reproduzir a nominata de 27 escritoras homenageadas por Andradina de Oliveira com dedicatórias em seu volume de contos, cita novamente Cândida Fortes.

Em II(25):10 (já no início de 1899) publica-se um soneto de Cândida, intitulado "A Mensageira" e datado de "Cachoeira (R. G. Sul), outubro, 98" — dedicado à própria revista paulistana. Novas menções à gaúcha surgem em abril de 1899 — em II(27):71 e 72 — em meio a material divulgado pela imprensa brasileira a respeito do periódico *A Mensageira*, ficamos sabendo, assim, que o cronista do jornal *Correio de Minas* (da cidade de Juiz de Fora), gostou tanto do soneto publicado no nº 25 que o reproduziu integralmente, para conhecimento de seus leitores.

Esses elogios parecem ter estimulado a escritora a remeter mais um poema, o soneto "Volta aos Pagos", de ambientação gauchesca, estampado em II(30):131, na edição referente a 15 de agosto de 1899; firmado em Cachoeira do Sul e datado de junho de 1899, este soneto traz dedicatória a Perpétua do Vale (indício de que Prisciliana Duarte mantinha de fato esse pseudônimo como sua "identidade secreta" de crítica literária) e a indicação de tratar-se de poema integrante das *Aluvianas* — coletânea poética que teria permanecido inédita.

A última aparição do nome da escritora na revista ocorre em setembro de 1899, em II(32):168, ocasião em que Cândida Fortes se torna dedicatória do poema "Diversidade", assinado por Prisciliana Duarte de Almeida.

Fontes: AMCP (biobibliografia acompanhada da reprodução do soneto "Espada e Arado" e de um fragmento de *La Nature*: pp. 137-138); CMIR (p. 41); DMMN (p. 438); EDDJ (vol. VIII, p. 4.794); FTPR (perfil biográfico sumário acompanhado da reprodução do soneto "Espada e Arado": vol. I, p. 709); GCHL (p. 297); RMDL (p. 127); RZLG (p. 78); SBDB (vol. II, p. 21).

FRANCO, Anália — I(1):2; I(3):48; I(10):156; I(12):177-179; I(15):239-240; I(22):343; II(25):6-9; II(28):95.

FRANCO, Anália

É surpreendente que a extraordinária professora e polígrafa fluminense Anália Emília Franco (1853-1919), que ao falecer acumulava quase meio século de uma notória e incessante atuação pela infância desamparada, seja hoje tão pouco conhecida. Sacramento Blake ignora-a; Raimundo de Menezes (RMDL), acompanhando Correia de

Melo em CMAP, além de omitir datas de nascimento e morte da escritora, considera-a paulistana, induzindo a que incorram no mesmo erro muitas outras fontes de referência mais recentes.

Em CMAF, Carvalho Monteiro fornece um inventário que permite reconstituir as iniciativas de sua homenageada (reunindo documentos que demonstram, por exemplo, que a data correta de seu nascimento é 1853, e não 1856). Antes dele, porém, Maria Cândida Silveira Barros (autora de MCAF) já reunira os principais dados no que se refere à biobibliografia de Anália Franco: nascida por volta de 1900, Maria Cândida foi educada, até a maioridade, nas principais instituições por ela mantidas, convivendo com a mestra e inteirando-se de acontecimentos que escapavam ao conhecimento do público.

Assim, ficamos sabendo que Anália Franco era fluminense (nascida em Resende, RJ), embora tenha de fato passado a maior parte de sua vida na capital de São Paulo — de onde frequentemente partia em viagens ferroviárias que cobriam boa parte do território paulista, administrando a enorme rede de instituições educacionais e filantrópicas por ela semeada pouco a pouco (permanece como testemunha dessa atuação a denominação de "Rua Anália Franco" atribuída a logradouros de grande número de cidades do Estado de São Paulo, especialmente aquelas que integravam a região centro-oriental do Estado impropriamente chamada, no final do século XIX, Oeste Paulista).

Em 1878 a professora diplomava-se normalista na cidade de São Paulo, mas antes disso já demonstrava preocupação com as crianças (filhas de escravas) que com frequência cada vez maior eram abandonadas nas rodas de expostos em decorrência da "liberdade" que lhes havia sido conferida em 1871 pela Lei do Ventre Livre. Para viabilizar o recolhimento desses bebês (assim como das crianças maiores que no final do Império vagavam sem destino pelas vias públicas e pelas estradas da província), Anália vai lecionar em cidades do interior paulista, enfrentando preconceitos (como aquele que a condenava pela "promiscuidade" de reunir educandos brancos e negros sob o mesmo teto) — como também a má vontade dos que identificavam nela os perigos de praticar a fé católica sem esconder sua filiação aos ensinamentos espiritualistas de Allan Kardec (pseudônimo de um ex-aluno de Pestalozzi, Léon-Hippolyte-Denizart Rivail, 1803-1869). Contrabalançando a animosidade dos católicos, contou sempre com o decisivo apoio da maçonaria.

É preciso lembrar que nos últimos anos do século XIX, ocasião em que integra o corpo de colaboradores que se reúne em torno da paulistana *A Mensageira*, Anália Franco já tinha aparecido (cerca de dez anos antes) ao lado de Prisciliana Duarte (Prisciliana Duarte de Almeida\*) e de Maria Clara Vilhena da Cunha (Maria Clara da Cunha Santos\*) como colaboradora da revista *A Família* (editada em São Paulo por Josefina Álvares de Azevedo\* a partir de 1888, retomada no Rio de Janeiro entre 1889 e 1897), numa época em que ainda era uma humilde professorinha da cidade de Taubaté (cf. CBMO).

É justamente naquela virada de século que Anália Franco começa a ampliar o círculo de abrangência de seus leitores, passando a divulgar textos de caráter doutrinário em que explicita o ideário pedagógico associado a seu espiritualismo — textos em que denota um cristianismo sincero e essencial, nas antípodas do catolicismo untuoso, epidêmico e farisaico sugerido pelos escritos da catarinense Delminda Silveira\*.

Em 1898 é lançado seu primeiro periódico próprio, o *Álbum das Meninas*, revista mensal de caráter literário e educativo, dirigida a estudantes do sexo feminino, distribuída gratuitamente a todas as escolas públicas femininas do Estado de São Paulo e mantida por 25 anos consecutivos, feito raríssimo para publicações do gênero (a respeito dessa revista, consulte-se Barreto do Amaral em AMSP e Leonardo Arroyo em LALI). Além de colaborar com diversos outros periódicos, de cunho educacional ou não, Anália Franco lança em 1903 uma outra revista mensal, *Voz Maternal*, de divulgação de seu trabalho frente à Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, mensário impresso na capital paulista, em oficina-escola por ela utilizada para treinamento profissional de moças; ao mesmo tempo, redige obras escolares, manuais de instrução, poemas, contos, romances, peças de teatro e textos para ser musicados — sem fugir, nunca, das propostas essencialmente didático-pedagógicas que animam todos os seus escritos.

A professora casou-se, já madura, com Francisco Antônio Bastos (1853-1929), seu guarda-livros, mais tarde administrador do enorme complexo de instituições beneficentes por ela orquestrado. Anália Franco faleceu na cidade de São Paulo em 20 de janeiro de 1919, aos 66 anos de idade, em decorrência de complicações subseqüentes a seu contágio durante a epidemia de gripe espanhola; o marido sobreviveu-lhe por mais dez anos. Ironicamente, a capital paulista orgulha-se hoje de possuir mais um bairro de luxo que resultou do loteamento da fazenda de onde a grande humanitária tirava o sustento de suas crianças carentes (o "Jardim Anália Franco", desmembrado do Tatuapé).

Ao longo dos anos 1897-1898-1899 (período de circulação de *A Mensageira*) temos, portanto, uma Anália Franco em plena atividade, que despense boa parte de seu tempo em viagens pelo interior do estado paulista. Seu nome, já mencionado no próprio editorial-programa com que Prisciliana Duarte de Almeida dá início à sua publicação, em I(1):2 (edição referente a 15 de outubro de 1897), volta à baila um mês depois, em I(3):48 — quando Prisciliana relata, numa das "notas pequenas", ter solicitado notícias de Anália Franco a Josefina Álvares de Azevedo, obtendo a informação de que a professora não aparecia mais em público por ter sido vitimada pela cegueira.

Nova menção a Anália Franco surge em I(10):156, já no início de 1898, em meio ao arrolamento de mulheres escritoras que comporiam a "falange das novas" procedido por Alberto Faria\* (em matéria transcrita do jornal *Cidade de Campinas*); pouco depois, em I(12):177-179, a mestra ganha a matéria de capa de *A Mensageira* com seu texto "Uma Saudação", para explicar que não só não ficou cega como continua em plena atividade — aproveitando ainda para solidarizar-se com a publicação da revista de Prisciliana Duarte e reafirmar sua disposição de luta "pelos direitos e deveres da mulher brasileira" já explicitada em seus artigos programáticos divulgados no final da década anterior em *A Família* (luta que passa, necessariamente, segundo a articulista, pela universalização da instrução e pelo estabelecimento de "costumes novos", embasados numa sólida educação moral).

Uma nova "nota pequena" publicada em 15 de maio de 1898 — em I(15):239-240 — irá se referir ao lançamento da revista *Álbum das Meninas* (de que tratamos acima). E, ainda em 1898 — em I(22):343 — ficamos sabendo que a gaúcha Andradina de Oliveira\* incluiu Anália Franco entre as dedicatárias dos contos reunidos no volume *Preludiando*, seu livro de estréia, editado em Porto Alegre no ano anterior.

Anália Franco ainda será lembrada no ano II de circulação de *A Mensageira*: em II(25):6-9 a seção de excertos ("Seleção") do n° 25, referente a fevereiro de 1899, é inteiramente consagrada à reprodução de um extenso texto em que a pedagoga expõe sua crença no futuro da humanidade, apoiada na certeza de que, seguindo as leis naturais da evolução, o mundo todo caminha rumo à confraternização e ao entendimento de que o progresso depende da superação dos preconceitos que mantêm a mulher em condição ignorante e subalterna.

A menção final ao nome da educadora aparece em II(28):95, ao acusar-se o recebimento de mais uma edição do *Álbum das Meninas*, "inteligentemente dirigido por Anália Franco".

Fontes: AMSP (monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-174); CBMO (menções a Anália Franco compostas principalmente de excertos de textos publicados pela revista *A Família* por volta de 1890: pp. 109, 114, 122, 123, 154-155, 162, 182, 189 e 202); CMAF (documentário de 245 pp., inteiramente dedicado à educadora); CMAP (p. 240); DMMN (p. 443); GSTB (vol. II, pp. 247-248); LALI (pp. 138-139); MCAF (volume de 108 pp., depoimento autobiográfico destinado à caracterização do trabalho de Anália Franco); RMDL (p. 284); SPER (pp. 38-39 e 269); VAID (p. 27).

Iconografia: a "fotografia oficial" de Anália Franco, realizada provavelmente na primeira década do século XX, é reproduzida por MCAF na p. 98 e por CMAF na p. 171; em CMAF aparecem ainda vários outros itens iconográficos de interesse.

FREITAS, Leopoldo de — I(2):31; I(6):85-87.

FREITAS, Leopoldo de

Ao dicionarizar os intelectuais do Rio Grande do Sul, Correia de Melo (CMIR) reservou para este escritor um verbete que constitui, ainda hoje, uma das raras fontes disponíveis a seu respeito. Tendo participado da famosa agremiação cultural gaúcha Partenon Literário (mantida na cidade de Porto Alegre entre 1868 e 1885), Leopoldo de Freitas Cruz teria nascido naquele Estado em meados do século XIX e falecido na capital paulista em 1940. Foi também sócio do Instituto Histórico e Geográfico e da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

De formação militar, Freitas teria se bacharelado em direito e se notabilizado como jornalista e orador, viveu boa parte de sua vida em São Paulo, onde exerceu por muito tempo a função de cônsul da Guatemala. Segundo Blake (SBDB), atuava como redator e gerente da folha carioca *Cidade do Rio*, chegando a ser encarcerado em 1893, por ocasião da Revolta da Armada; veio então para São Paulo, trabalhando na folha *Diário Popular* entre 1896 e 1897. Deixou, além de um compêndio de literatura (*Noções de Literatura Nacional*), bibliografia especializada nas áreas de história militar e de direito internacional e constitucional; escreveu biografias de Martim Francisco, do Visconde de São Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro, 1774-1847), do Duque de Caxias, de Silveira Martins e de Afonso Arinos (esta última, *O Escritor Afonso Arinos: Esboço Bibliográfico e Literário*, editada em São Paulo em 1918); reuniu em livro uma série de *Conferências Históricas e Literárias* e matérias relativas a *Fatos e Figuras Políticas*.

Além da função diplomática que constituiria sua principal atividade profissional, Leopoldo de Freitas tornara-se conhecido na capital paulista por sua atuação na imprensa. Ele é mencionado como "conhecido escritor" em *A Mensageira* já no segundo número da revista — em I(2):31 —, quando se promete a publicação de um "juízo crítico" relativo ao recém-lançado romance *A Viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida\*. Essa resenha aparecerá dois meses depois (no último número do ano de 1897) — em I(6):85-87 —, sob a epígrafe "Viúva Simões", discretamente assinada com as iniciais L. F. Essa resenha é altamente elogiosa com relação à autora do livro e a essa obra (que constitui, de fato, uma das obras-primas da produção de Júlia Lopes) — mas o que se observa, na prática, é que Leopoldo de Freitas limita-se a reafirmar (conforme indicações fornecidas por ele próprio) juízos enunciados anteriormente pela polígrafa portuguesa Guiomar Torresão\*.

Datam da segunda metade da primeira década do século XX as menções ao nome de Leopoldo de Freitas por Antônio Barreto do Amaral em AMSP: ele colabora na revista mensal de artes e letras *A Nova Cruz* (que circulou na capital paulista por um período excepcionalmente longo, de cinco anos, entre 1905 e 1910) e na efêmera *Vida e Luz*, da qual só se publicaram três números, no segundo semestre de 1910.

Não são muito elogiosas as referências indiretas a seu respeito: o volume *Fatos e Figuras Políticas*, por exemplo, é mencionado por Wilson Martins (WMIB), em meio à enxurrada de livros editados no ano de 1900, como modelo acabado de certa sub-literatura típica da virada do século: "Campos Sales (...) instituiu também uma república acaciana, veemente na afirmação do óbvio, palavrosa, verbalista e inoperante. Debatem-se poucas idéias e debatem-se pouco as idéias (...)".

Raimundo de Menezes, igualmente, só o inclui em seu anedotário da Academia Paulista de Letras (RMQC) para comentar sua singular postura de oposição à criação de uma academia regional, em São Paulo — algo que deve tê-lo tornado, na primeira década do século XX, inimigo pessoal dos intelectuais empenhados em viabilizar a organização da Academia Paulista (entre eles destacando-se o casal Sílvio de Almeida\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*, diretora de *A Mensageira*).

É curioso observar que seu nome não é mencionado nas monografias dedicadas ao estudo do Partenon Literário (reunidas em PLSO), mas é possível que suas contribuições na revista dessa instituição tenham sido publicadas anonimamente ou sob pseudônimo; Guilhermino César (GCHL), decano da história literária gaúcha, confirma sua participação, arrolando Leopoldo de Freitas entre as figuras rio-grandenses que mais se destacaram por sua atuação na política, no jornalismo, no magistério ou na "vida mental" nacional.

A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (HGSP), que chegou a publicar alguns trabalhos desse autor, divulgou, em 1940, seu necrológio — a cargo do historiador campineiro José Carlos de Ataliba Nogueira.

Fontes: AGRJ (o almanaque para o ano de 1906 noticia, nas pp. 351 e 352, o lançamento de três daqueles seus discursos ou conferências); AMSP (pp. 143 e 148 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175); CMLR (p. 86); GCHL (p. 176); HGSP (índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista, vol. LX, referente a 1964, p. 198); RMQC (p. 3); SBDB (vol. V, pp. 303-304); SPER (p. 179); WMIB (vol. V: pp. 136 e 483; vol. VI: p. 121).

GÓIS, Carlos — I(21):325, I(24):376-377.

GÓIS, Carlos

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, Carlos Fernandes Góis (1881-1934), filho de Domingos Fernandes Góis e Maria Eugênia Machado de Góis, estudou em colégios cariocas, ingressando na faculdade de direito local — para depois completar seu curso na Faculdade Livre de Direito de Belo Horizonte (instalada na nova capital do Estado de Minas em 1898); pôde, assim, trocar o emprego de funcionário de ferrovia pela função de promotor público em Muzambinho (Sul de Minas). Mas, empossado após concurso como titular da cadeira de português do Ginásio Mineiro, instala-se novamente em Belo Horizonte por mais de vinte anos, de 1909 a 1931 (até sua aposentadoria). Passa os últimos anos de vida em Petrópolis, RJ, onde vem a falecer no dia 21 de maio de 1934.

Membro fundador da Academia Mineira de Letras (fundada em Juiz de Fora em 1909 e transferida para Belo Horizonte em 1915), Carlos Góis escolhe como patrono de sua cadeira (n° 11) o frei-poeta mineiro José de Santa Rita Durão (c. 1720-1784). Respeitado como professor, poeta e prosador, gramático e filólogo, teatrólogo e folclorista, teve atuação marcante no âmbito acadêmico, chegando a presidir aquela Academia em duas ocasiões diferentes; tendo como confrade um dos mais fiéis colaboradores de *A Mensageira*, o bacharel mineiro Néelson de Sena\* ("Pelayo Serrano"), publica já no primeiro número da *Revista da Academia Mineira de Letras* (1922) o elogio de seu patrono Santa Rita Durão, figurando como redator oficial do periódico para o biênio seguinte, 1923-1924. Pertencendo também ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (fundado em 1907) e filiando-se como membro correspondente à Academia Carioca de Letras (fundada em 1926), teria chegado a pretender sua ascensão à Academia Brasileira de Letras, mas foi barrado (segundo (Martins de Oliveira em MOLM) pela incompreensão de Humberto de Campos (1886-1934), que teria subestimado os méritos do postulante. Na Academia Mineira, parece ter sido responsável, em 1924, pela iniciativa de tornar o poeta paraibano Carlos Dias Fernandes\* sócio correspondente da instituição, conforme documentação apresentada por Eduardo Martins em EMNB.

A exigua participação de Carlos Góis em *A Mensageira* não permite uma avaliação adequada de seus méritos: o juvenil soneto em alexandrinos "No Álbum da Senhorita Joana Reis", publicado em agosto de 1898 — em I(21):325, quando o poeta adolescente ainda não completou 17 anos de idade, ostenta apenas os defeitos típicos de um parnasianismo vazio e pernóstico. Soa de modo dúbio os elogios que são feitos ao rapaz por Maria Clara da Cunha Santos\* na coluna "Carta do Rio" correspondente ao n° 24 — em I(24):376-377 — ao acusar o recebimento de seu livro inaugural, *Crótalos*; dizer que Góis "tem diante de si um bonito futuro se continuar a estudar" não representa, a rigor, um elogio.

Mas o fato é que a evolução futura de Carlos Góis o colocará em posição de destaque no grupo de colaboradores masculinos de *A Mensageira* por seu bem sucedido profissionalismo. Ao falecer, em 1934, tem editados nada menos que 24 volumes de obras nos mais diversificados gêneros, vários deles (especialmente os compêndios gramaticais) em reedição: *Crótalos*, "primeiros versos" (Rio, 1898); *Cítara*, "novos versos" (Rio, 1904); *Da Linguagem em Suas Modalidades*, tese de concurso (Belo Horizonte, 1909); *Histórias Várias*, contos (Rio, 1911); *O Governador das Esmeraldas*, "peça nacional histórica em três atos" (Rio, 1911); *Método de Análise: Léxica e Lógica* (Rio, 1912); *Histórias da Terra Mineira*, "contos regionais" (1913); *Dicionário de Afixos* (1913); *Inocência*, "peça nacional em cinco atos", teatralização do romance de Taunay (Belo Horizonte, 1915); *Contos Morais e Cívicos do Brasil* (1916); *Sintaxe de Concordância*, "monografia gramatical" (Rio, 1916); *Mil Quadras Populares Brasileiras*, folclore (Rio, 1916); *Pontos de História do Brasil e Pontos de Geografia*, ambos adaptados ao ensino primário do estado de Minas (1917); *Teatro das Crianças* (Rio, 1917); *Pontos de História Natural*, igualmente adaptados ao ensino primário de MG (1918); *Gramática Expositiva Primária* (1919); *Dicionário de Galicismos* (1920); *Dicionário de Raízes e Cognatos* (1921); *Pontos de Instrução Moral e Cívica* (1922); *Teatro Cívico Escolar* (1923); *Sintaxe de Regência* (1924); *Pontos de Língua Pátria* (1924); *Espelhos*, "composições líricas" (Belo Horizonte, 1924); *Datas Nacionais* (1926); *Pontos de Aritmética* (em colaboração com A. Pérét, 1927); *Exames de Admissão* (1927); *Noções de Coisas*, "método Decroly" (1929); segundo volume dos *Exames de Admissão* (1929); *Método de Redação* (1930); *Sintaxe de Construção* (1932); *Teatro Pequeno* (1933); *Teatro Cívico Escolar* (1933) e *Quatro Peças em Três Atos* (1933).

Cabe ressaltar que algumas dessas obras atingiam, em meados do século, a 8ª, a 10ª e até mesmo a 16ª edição, tendo sido a peça *O Sacrifício* e o *Dicionário de Raízes e Cognatos* premiados pela Academia Brasileira de Letras. Galante de Sousa esclarece ainda que as peças *A Boa Estrela* e *O Sacrifício* foram, depois de representadas em Belo Horizonte (respectivamente em 1910 e 1913), publicadas na revista carioca *Ilustração Brasileira*, em 1913; o ato único *O Sangue*, representado na capital mineira em 1913, foi estampado na *Revista da Academia Mineira de Letras* em 1933 e incluído, neste mesmo ano, no volume *Teatro Pequeno* (volume que abrangerá ainda as peças *A Cega*, *A Boneca*, *Predestinação*, *Casamento por Tabela*, *O Suave Milagre de Jesus*, *O Flagrante*, *Mãe*, *O Sangue* e *A Boa Estrela*); *Maria Quita*, "peça histórica em três atos", representada em Belo Horizonte em 1915, foi editada isoladamente, em livro, para depois ser incluída, em 1933, em *Quatro Peças em Três Atos* (ao lado de *O Sacrifício*, *Ídolo de Barro* e *A República dos Maximal...ucos*); *Teatro Cívico Escolar* abrange os textos *Ensinai a Ler*, *Alistai-vos!*, *Treze de Maio*, *A Comenda do Apolinário* e *Monólogos Cívicos*. Ascende, portanto, a cerca de 50 obras a enorme produção do mestre que teve menos de 53 anos de vida.

Aos estudiosos do contexto relacional de *A Mensageira* pode ser útil a informação de que o volume *Teatro das Crianças* (editado originalmente em 1917, 6ª edição em 1950) inclui diálogos, monólogos, um *Auto de Natal* (ato único), uma comédia (*A Dona de Casa*, igualmente em ato único) e a opereta em três atos *Branca de Neve*; esta última, dedicada à esposa de Coelho Neto\*, foi musicada pelo mesmo maestro russo Alexandre Weissmann\* citado por diversas vezes na revista de Prisciliana Duarte de Almeida\* como autor de peças de música ligeira editadas no Rio de Janeiro pela Viúva Filippone\*.

Tendo falecido nove dias antes de Júlia Lopes de Almeida\* e duas semanas antes de Miguel Couto, Carlos Góis é homenageado na mesma sessão (de 8 de junho de 1934) da Academia Brasileira de Letras em que são pronunciados os elogios fúnebres desses seus dois conterrâneos; a alocução referente a Góis é pronunciada por Cláudio de Sousa Júnior\* (cf. BLRJ).

Fontes: AMBH ("Elogio de Santa Rita Durão pelo Acadêmico Carlos Góis", discurso proferido em 1912: vol. I, nº 1, ref. ao ano de 1922, pp. 39-47); BDFB (p. 130); BLRJ (julho de 1934, ano 25, nº 151, pp. 374-375); CGMC (catálogo de obras do autor na 4ª capa deste volume, reedição de 1931); CGTC (catálogo de obras do autor na 4ª capa deste volume, reedição de 1950); EDIJ (vol. IX, p. 5.183); EMNB (pp. 60-62); FTPC (notícia biobibliográfica e reprodução de dois sonetos extraídos do último livro de poesia de Carlos Góis, *Espelhos*: pp. 235-236); GSTB (vol. II, pp. 261-262); LEMT (vol. II, pp. 588-589 e vol. III, p. 1.036); LFSB (reprodução do soneto "Um Louco", fl. 412); MOLM (pp. 29, 187, 254, 306 e 330); RFEC (p. 117); RMDL (pp. 306 e 728); SMFM (p. 121); WMIB (vol. V: p. 240, vol. VI: pp. 58, 174 e 339; vol. VII: p. 14).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 412); em LEMT: retrato (desenho) ilustrando o texto da p. 588 (vol. II) + fac-símile da capa da *Revista Contemporânea* (Rio de Janeiro), secretariada por Carlos Góis, edição referente ao bimestre abril-maio de 1900, na p. 1.053 (vol. III).

GÓIS, Eurico de — I(13):199-201; II(27):68-69; II(29):116; II(32):160-161.

GÓIS, Eurico de

Ignorado por Sacramento Blake, o baiano Eurico Dória de Araújo Góis (1878-1938) é sucintamente biografado pela *Enciclopédia e Dicionário Internacional Jackson* (EDIJ), que o identifica como "advogado e escritor" formado pela Faculdade de Direito de São Paulo no ano de 1902; por ocasião de sua colaboração em *A Mensageira* (ou seja: entre 1898 e 1899), tinha, portanto, apenas 20 anos de idade e era estudante (recém-admitido) da academia de direito. Em 1899 também colabora numa outra revista paulistana, *Renascença*, conforme Barreto do Amaral em HGSP. Afonso Schmidt menciona-o numa de suas crônicas memorialísticas (ASLE), lembrando que Eurico de Góis foi colega de turma de três conhecidos poetas paulistas (Antero Bloem\*, Batista Cepelos e Ciro Costa) — como também da primeira mulher bacharelada em direito pela faculdade paulistana, Maria Augusta Saraiva\*.

Além do romance *Flor de Neve* (1899) teria publicado, posteriormente, os ensaios *Os Símbolos Nacionais: Estudos Sobre a Bandeira e as Armas do Brasil* (São Paulo, 1908) e *A Corrente Filosófica do Século* (1912). Permaneceu na capital paulista depois de formado: a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (cf. índice do HGSP), que divulgou o necrológio desse seu associado em 1938, chegou a publicar dissertações de sua autoria até a década de 1930 inclusive, três delas de temática bandeirantista ou indigenista. Em 1918 a *Revista do Brasil* (RBSP) reproduziu uma entrevista de Eurico de Góis veiculada originalmente pelo jornal *Correio Paulistano*, intitulada "O Araguaia" — na qual o bacharel disserta a respeito dos conhecimentos adquiridos numa viagem pela região norte do Estado de Goiás (atual Estado de Tocantins), concluindo pela necessidade de envidarem-se esforços que redundem "em benefício do saneamento dos sertões" (sic).

Encarregado de reorganizar a antiga Biblioteca Municipal de São Paulo (transformada em 1925 na Biblioteca Pública Municipal de São Paulo que funcionou na rua Sete de Abril até a construção da atual "Mário de Andrade"), Góis torna-se seu primeiro diretor, da inauguração em 1926 até sua morte (cf. HBPM).

A Seção de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade ainda conserva, além daquele já mencionado *Os Símbolos Nacionais*, de 1908, os livros *Uma Festa a Luis XV* (Rio de Janeiro, 1934) e *Bandeiras e Armas do Brasil: Novos Debates e Projetos da Reforma* (São Paulo, 1935) — cf. CDOR.



A colaboração de Eurico de Góis em *A Mensageira* restringe-se a dois poemas em prosa, de escasso valor artístico, "Primavera no Campo" e "Isa" — localizados, respectivamente, em I(13):199-201 e II(27):68-69. O primeiro deles está datado de "S. Paulo — 1898" e exhibe dedicatória ao célebre crítico literário cearense Araripe Júnior\*, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras; o segundo, sem dedicatória, é datado de 1899. Em II(29):116 encontramos o registro do lançamento, em meados de 1899, do primeiro livro de Góis, *Flor de Neve*, impresso "com nitidez e elegância" por Carlos Gerke & Cia., o mesmo tipógrafo responsável pela edição de *A Mensageira*. Esse romance (novela, ou "romancete") é analisado pouco depois — em II(32):1601-161 — por Perpétua do Vale, pseudônimo assumido por Prisciliana Duarte de Almeida\* em seus textos críticos. Nessa resenha, a escritora salienta a pouca idade do autor (que teria elaborado essa obra aos 18 anos de idade), desculpando-o pela imaturidade e pelo desfecho abrupto dado ao livro. Nesse contexto, a excessiva carga de sentimentalidade evidenciada pelos poemas em prosa veiculados pela revista é atribuída à "imaginação em larga escala" do rapaz. De qualquer modo, *Flor de Neve* parece ter permanecido como única obra ficcional deste escritor.

Eurico de Góis descende, provavelmente, do titular baiano Barão de Araújo Góis (Inocência Marques de Araújo Góis, 1811-1897), casado com sua prima Maria Francisca Calmon du Pin, indexado por Salvador De Moya em AGSP.

Fontes: AGSP ("Titulares do Império", texto referente ao Barão de Araújo Góis, vol. II, pp. 91-93); ASLE ("Batista Cepelos": cap. 82, p. 312); CDOR (pp. 399 e 400); EDLJ (vol. IX, p. 5.184); HBPM (pp. 29-37); HGSP (p. 210 do índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista: vol. LX, referente a 1964, p. 106 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", vol. LXXXI, referenc a 1986, pp. 45-111); R BSP (nº 34, outubro de 1918, pp. 234-237); WMIB (vol. V, p. 320).

GONÇALVES, Ricardo Mendes — II(34):198-199.

GONÇALVES, Ricardo Mendes

Nascido na capital paulista, Ricardo Mendes Gonçalves (1883-1916) teria passado parte de sua infância na cidade de Ribeirão Preto, SP — que começava a se desenvolver, no final do século XIX, no "front" de expansão da cultura cafeeira pelo chamado Oeste Paulista. Lá, em contato direto com a natureza e com a gente simples da lavoura, teria tomado gosto pela vida campestre — enquanto começava a revelar sua vocação literária na facilidade com que manejava a língua portuguesa e assimilava a língua francesa. Assim, entre os 11 e os 12 anos, teria começado a compor versos e a redigir um jornalzinho manuscrito de circulação restrita (*O Martelo*).

Retornando a São Paulo, tem seu primeiro poema ("Cromo") publicado pelo jornal paulistano *O Leque* (segundo desse nome, circulante em 1895, cf. JGIP). No arrolamento das revistas de cultura paulistanas feito por Barreto do Amaral para a *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo* (AMSP), o nome de Ricardo Gonçalves aparece pela primeira vez em 1898, associado a colaborações de alunos do Ginásio do Estado de São Paulo veiculadas pela revista humorística *A Borboleta*, de existência efêmera. Levando-se em conta que em fins de 1899 o rapazinho aparecerá como colaborador da revista *A Mensageira*, dirigida por Prisciliana Duarte de Almeida\*, é lícito supor que tenha sido aluno, no Ginásio do Estado (por ele efetivamente cursado), do professor Sílvio de Almeida\*, marido da poetisa. Os nomes de Sílvio e Ricardo aparecerão mais uma vez juntos, aliás, pouco tempo depois, no rol de colaboradores da "revista mensal de letras, ciências e artes" paulistana *A Fênix* (1901).

Também em 1899 um poema de Ricardo Mendes Gonçalves constituirá objeto de curiosidade na revista *A Ceciliania* (fundada em 1897 e dirigida, por essa época, por um outro adolescente, Júlio Prestes de Albuquerque\*) cuja redação chamava a atenção dos leitores para a colaboração do jovem poeta, ainda ginásiano; nessa ocasião, é publicado um soneto — cujo primeiro verso reza: "A noite, a mensageira da tristeza" — que será esquecido pelos encarregados de reunir a obra dispersa do poeta, permanecendo inédito em livro, conforme salientado por Barreto do Amaral em HGSP.

Antes mesmo de concluir seus estudos preparatórios, pré-universitários, participa do seletto círculo literário reunido em torno da genial figura do acadêmico de direito Monteiro Lobato (1882-1948) — isto é, dos grupos superponíveis do Cenáculo, da Cainçalha e do Minarete, onde convive com a vanguarda do pré-modernismo regional (paulista e mineiro). Ricardo Gonçalves, o poeta mais estimado desses grupos, tem colaborações suas publicadas no periódico *Minarete* (editado na cidade de Pindamonhangaba entre 1903 e 1907).

O conhecimento detalhado que se tem desse período se deve à copiosa correspondência trocada entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel (1884-1951) — correspondência reunida pelo primeiro na obra *A Barca de Gleyre*, editada em 1944; o artigo indicado de Antônio Arnoni Prado (em RMCS) enumera os principais pontos dessas cartas de Lobato a tratar do amigo "Ricardito".

Ingressando na Faculdade de Direito de São Paulo em 1905, Ricardo Gonçalves só concluirá seu curso em 1912, salientando-se mais como orador inspirado do que como aluno aplicado; por essa época, convive com um colega recém-chegado de Minas, Aureliano Leite (que ingressa na academia em 1906), primo de Prisciliana Duarte e Sílvio de Almeida.

Algumas das personalidades mencionadas acima aparecem associadas em curiosas situações extracurriculares: em 1904, por exemplo, o jornalzinho *O Onze de Agosto* (órgão oficial do Centro Acadêmico XI de Agosto, fundado no ano anterior), publica, num mesmo número, os trabalhos premiados com o primeiro lugar no concurso literário promovido pelo Centro Acadêmico; avaliados por uma comissão julgadora da qual participam Sílvio de Almeida, Garcia Redondo\* e Amadeu Amaral\*, o vencedores são, respectivamente, nos gêneros da prosa e da poesia, Monteiro Lobato (autor do conto "Gens Ennuyeux") e Ricardo Mendes Gonçalves (com o soneto "Mimo de Caçador"). O mesmo periódico publicará posteriormente (no n° 3 do ano IX, 1911) um dos mais conhecidos poemas de Gonçalves, "Uma Vela que Passa".

Será intensa sua participação, direta ou indireta, na edição de periódicos estudantis, depois de seu ingresso na faculdade: com Carlos Villalva Júnior, participa da fundação de *A Imprensa Acadêmica* (revista mensal literária, circulante com esse nome entre 1906 e 1907), colaborando também para a manutenção da sucessora desta, a *Revista Nova* (com essa denominação a partir de março de 1907) — publicando seus textos lado a lado com outros jovens poetas (como Cândido de Carvalho\*, também colaborador de *A Mensageira*). Paralelamente, torna-se redator da *Revista Acadêmica*, editada a partir de agosto de 1907 pela Liga Acadêmica, órgão que congregava as diversas sociedades acadêmicas paulistanas.

Posteriormente, terá poemas seus publicados na revista quinzenal paulistana *A Cigarra* (circulante entre 1914 e 1930), onde aparece em companhia de um brilhante corpo de colaboradores que inclui Olavo Bilac\*, Alberto de Oliveira\*, Amadeu Amaral\*, Venceslau de Queirós, Vicente de Carvalho, Paulo Setúbal e Nuto Santana, entre outros. E, no ano de sua morte (1916), integra a sociedade anônima organizada na capital paulista para a edição, sob a direção inicial de Luís Pereira Barreto, Júlio Mesquita e Alfredo Pujol, do mensário *Revista do Brasil*, marco histórico de renovação cultural nos anos que precedem a eclosão do movimento modernista. Mas não chega a testemunhar o triunfo dessa publicação: em 11 de outubro de 1916, hospedado em companhia da esposa num hotel do Brás, mata-se, dois meses depois de ter completado os 33 anos de idade.

Teria permanecido inédito em livro se não fosse a admiração e a amizade dos antigos companheiros de academia: em outubro de 1918, Heitor de Moraes publica, na *Revista do Brasil* (RBSP), um estudo acompanhado de "Algumas Poesias", seleta de 19 poemas de Gonçalves; tendo se notabilizado por suas extraordinárias traduções de poetas franceses (como Leconte de Lisle, François Coppée, Jean Richepin e Edmond Rostand), a mesma revista publica, no número correspondente a dezembro desse mesmo ano, trechos da peça em versos *Cyrano de Bergerac*, de Rostand, traduzidos por ele. Em 1921 Monteiro Lobato prefacia e edita, em São Paulo, o livro *Ípês*, resultante da compilação da obra poética esparsa de Ricardo Mendes Gonçalves.

O mencionado artigo de Arnoni Prado, em RMCS, recapitula circunstâncias importantes da biografia de Ricardo Gonçalves, que tendem a ser esquecidas: recém-bacharelado, o poeta (também conhecido pelos pseudônimos "Bruno de Cádiz" e "Dom Ricardito") tem sua sensibilidade despertada para a efervescência política do meio paulistano da primeira década deste século. Assume profissionalmente o jornalismo, durante algum tempo, trabalhando como repórter para o *Correio Paulistano* e, em seguida, como redator de *O Comércio de São Paulo*; em seus textos, divulga noticiário relativo ao movimento operário e veicula noções libertárias assimiladas de leituras de Ibsen\*, Réclus\* e Kropótkin, pilares da pregação anarquista do final do século XIX; participa de comícios e colabora em periódicos anarquistas independentes traduzindo contos e parábolas de catequese política; a frequência aos bares e a vida noturna são trocadas pelo estudo de textos literários ideologicamente direcionados. Mas é baleado numa manifestação de apoio a ferroviários grevistas, em maio de 1906, viajando, nesse mesmo ano, para o Rio de Janeiro — cidade onde se reunira, em abril, o Primeiro Congresso Operário Brasileiro. Interrompendo os estudos na faculdade de direito, parte, em 1907, para a Itália (de onde só retornará em 1908), remetendo para o Brasil cartas impressionísticas em que ideais estéticos e humanitários se confundem num só amálgama.

De volta a São Paulo, termina o curso interrompido, bacharelando-se em 1912; mas não conseguirá firmar-se no exercício da advocacia. A eleição para o cargo de vereador da Câmara Municipal paulista parece apontar em direção ao início de uma carreira política — radicalmente truncada pelo suicídio, por motivos passionais, em 1916.

Embora sua história de vida fale a favor de uma lenta e progressiva conscientização sociopolítica, é preciso reconhecer que o tratamento de temas essenciais já aparece em seus poemas de adolescente — nos quais, sob a influência dos poetas fluminenses Ezequiel Freire (1850-1891) e B. Lopes (1859-1916), representantes de uma espécie de "parnasianismo caboclo", Ricardo Mendes Gonçalves retrata, com simpatia e simplicidade, a paisagem e os tipos humanos do interior do Brasil. Correia de Melo (CMAP) ressalta o papel inovador por ele desempenhado: "com Monteiro Lobato, encabeçara o movimento de resistência ao exotismo e pernóstico literário, tanto na escolha de motivos como de linguagem"; Wilson Martins (WMIB) lembra que a admiração de Lobato pelo amigo incluía justamente o reconhecimento pela introdução de autêntica "cor local" em seus poemas.

Sua única colaboração em *A Mensageira* aparece em novembro de 1899 — em II(34):198-199 —, numa crônica poética (sem dedicatória, datada de "São Paulo, 30-10-99") em que se ocupa da descrição da agonia do Cristo crucificado; é uma peça escolar, de ginásiano (o poeta era por essa época, como vimos, aluno do Ginásio do Estado — tendo acesso às páginas da revista, provavelmente, por intermédio de seu professor de português, Sílvio de Almeida); não excede o plano da curiosidade histórica, por tratar-se de tosca produção de um poeta de 16 anos de idade.



Fontes: ADPP (pp. 137-139, apresentando uma seleção de quatro poemas incluídos em *Ipês*); ALLV (menção ao poeta na p. 31 desta autobiografia de Aureliano Leite); ALRP (menção a Ricardo Gonçalves nas pp. 79, 122 e 197); AMSP (monografias de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175 + "Jornalismo Acadêmico", 1977, vol. CXC, pp. 9-298); APLB (artigo de Arnoni Prado: "Cenário para um Retrato", pp. 109-116 do volume organizado pelo próprio autor, reprodução do texto publicado originalmente pela revista RMCS); ASLE (cap. 52: "Ricardo Gonçalves", pp. 261-263); ASME (cap. 30: "Ipês", pp. 56-57 e cap. 89: "Jornalinhos", pp. 143-144); AWPP (pp. 127-129); CMAP (pp. 262-263); HGSP (reprodução do soneto publicado em *A Cecília* nas pp. 89-90 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", 1986, vol. LXXXI, pp. 45-111); JGIP (p. 112); MLBG (numerosas referências a Ricardo Gonçalves a partir da primeira carta de Lobato a Rangel, pp. 21 e seguintes); MLLM ("Memórias de um Velho", reprodução de matérias publicadas originalmente no *Minarete*, entre janeiro e março de 1904: pp. 141-166); MLPE (reprodução do prefácio aos *Ipês* de Ricardo Gonçalves, pp. 3-9); PLSP ("No Tempo de Ricardo Gonçalves", palestra de Aureliano Leite reproduzida no n° 39, de setembro de 1947, pp. 82-97); RBSP (lista dos componentes da sociedade anônima editora da revista: n° 1, janeiro de 1916, p. 81 + "Ricardo Gonçalves: Páginas de Saudade", por Heitor de Moraes, n° 34, outubro de 1918: pp. 167-178 + "Algumas Poesias de Ricardo Gonçalves", pp. 179-193 do mesmo n° 34 + trechos da peça *Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand, traduzidos por Ricardo Mendes Gonçalves: n° 36, dezembro de 1918, pp. 405-408); RMCS (artigo de Antônio Arnoni Prado: "Outra Face da Revolta: Ricardo Gonçalves", pp. 7-17 do n° 5, 1985 — número organizado por Arnoni Prado, sob a temática "Libertários & Militantes: Arte, Memória e Cultura Anarquista"); RMDL (p. 311); WMB (vol. VI, pp. 168, 226 e 233).

Iconografia: ilustrações apresentadas no início do primeiro tomo de MLBG (aquarela por Monteiro Lobato, mostrando o *Minarete* + foto do *Minarete* + fac-símile da primeira página do n° 15 do periódico *Minarete*, reproduzindo o soneto "Num Álbum", assinado por Bruno de Cádiz + foto da virada do século mostrando o grupo de integrantes da Cainçalha — entre eles, Ricardo Mendes Gonçalves adolescente); reprodução da mesma foto da Cainçalha incluída em *A Barca de Gleyre*, no fascículo 55, dedicado a Monteiro Lobato, da série da Abril Cultural GPNH, vol. IV, p. 945); clichê fotográfico incluído no texto de Arnoni Prado (p. 15 de RMCS).

IPOMÉIA — II(31):145-146; II(33):179-180.

#### IPOMÉIA

Desta Ipoméia (cujo pseudônimo aparece sempre grafado dessa forma, à italiana, sem "h": Ipomea) só conhecemos os dois anacrônicos poemas em prosa publicados em 1899 por *A Mensageira*.

No primeiro deles, "A Esmola" — II(31):145-146 —, temos um arcádico par amoroso, formado pelo pastor Flávio e pela aldeã Gláucia, a esmola em questão consistindo na concessão feita por Gláucia (cujo namorado obtém permissão para beijar-lhe a branca mãozinha). No segundo, incluído em II(33):179-180, vemos Jesus Cristo ocupado em trançar as hastes de dois lírios para deles fazer um calçado que poupe os pezinhos de Maria Madalena, assim se obtendo "As Primeiras Sandálias" que dão título a essa produção.

Tratam-se de composições pueris e amadorísticas (escolares, talvez), cuja inclusão na revista de Prisciliana Duarte de Almeida\* chega a ser constrangedora.

JUCÁ, Adélia (Adélia Jucá Casado Lima) — I(14):219, 220 e 224; I(16):256; I(20):315.

#### JUCÁ, Adélia (Adélia Jucá Casado Lima)

Poetisa alagoana, irmã da poetisa Maria Jucá\* (Maria Jucá de Moreira Lima, 1867-1895), cuja biografia foi esboçada em verbete próprio (ver Anexo IV), Adélia Jucá teria nascido por volta de 1865.

Filha do poeta Cipião Jucá\* (1835-1905), que chegou a colaborar em *A Mensageira* com um poema dedicado a Perpétua do Vale (pseudônimo de Prisciliana Duarte de Almeida\*), Adélia aparece inicialmente na revista em função dos esclarecimentos prestados pela diretora do periódico, na matéria "Lágrima Tardia" — I(14):218-220 —, na qual divulga-se que a conhecida poetisa alagoana Maria Jucá, mencionada nos números 1 e 10 como escritora viva e atuante, faleceu, na realidade, há vários anos (em 1895).

As referências a Adélia Jucá em I(14):219 e 220 estão vinculadas, portanto, a esses esclarecimentos. Em I(20):315 a menção a seu nome surge em função da publicação de um primeiro soneto de Adélia, "Morta!!!" (poema dedicado à memória de Maria Jucá, datado de "Maceió, 31-5-96"), em I(14):224, na edição correspondente a 30 de abril de 1898.

Três meses depois, em I(20):315 aparece uma segunda e última colaboração de Adélia Jucá (que desta vez assina com o nome completo, de casada, Adélia Jucá Casado Lima): o "Cromo", soneto em versos decassilábicos, como o primeiro.

A estética (essencialmente romântica) desses dois poemas está bem próxima daquela que rege tanto a poesia do pai (confrontem-se os versos dele em I:295) como a arte ao mesmo tempo tocante e hiperbólica de sua irmã Maria Jucá.

A própria revista *A Mensageira* foi a única fonte localizada para o estudo de Adélia Jucá: seu nome não consta de nenhuma outra obra de referência usual — exceção feita ao dicionário biobibliográfico de Adalzir Bittencourt (ABDB), que se limita a caracterizá-la laconicamente como "poetisa alagoana", mais nada.

Fontes: ABDB (p. 78).

JUCÁ, Cipião (Antônio Cipião da Silva Jucá) — I(19):295; II(28):84.

JUCÁ, Cipião

Nascido na cidade de São Miguel dos Campos, o poeta alagoano Antônio Cipião da Silva Jucá (1835-1905) era filho de Francisco Joaquim da Silva Jucá e de Floripes Felícia da Silva Jucá; foi casado com Ana Maria Guerra Jucá.

Não chegou a cursar escola de nível superior, dedicando-se ao funcionalismo público na própria província de origem, sem prejuízo das atividades literárias, que exercita principalmente através da imprensa alagoana; alguns de seus textos alcançam maior repercussão ao ser reproduzidos pela imprensa pernambucana.

Parte de sua produção poética foi recolhida nos volumes *Harpa Desafinada* (Salvador, 1860), *Melodias e Distrações* (Maceió, 1871) e *Poesias* (1876), permanecendo esparsa a produção restante; teriam permanecido igualmente inéditos em livro seus discursos e conferências publicados pelos periódicos alagoanos, exceção feita à obra *A Maçonaria e a Igreja* (Maceió, 1871, divulgada logo no início da Questão Religiosa, em resposta aos ataques feitos pela Igreja Católica contra as instituições maçônicas. Também inéditos ficaram o romance *Flores e Lágrimas* (inspirado na estética romântica de Lamartine) e várias peças cômicas que chegaram a ser representadas com sucesso em Maceió (*Os Amantes Disfarçados, Pelos Santos se Beijam as Pedras, Os Três Dominós e Cenas Escolares*).

Assumindo publicamente sua condição de maçom (como o pernambucano Manuel Aarão\*) e de adepto do espiritismo (como Anália Franco\*) numa época em que o monopólio da religião católica começava a ser contestado em vários pontos do território nacional, Cipião Jucá teria participado de polêmicas campanhas de defesa e de propaganda relacionadas com esses posicionamentos religiosos e ideológicos.

Pai das poetisas Maria Jucá de Moreira Lima\* (1867-1895) e de Adélia Jucá Casado Lima\* (c. 1865- ?), sua única colaboração em *A Mensageira* surge em função da homenagem feita por Prisciliana Duarte de Almeida\* àquela filha precocemente falecida.

Tendo remetido a Alagoas correspondência solicitando colaborações da renomada Maria Jucá para *A Mensageira*, a diretora da revista recebe de Adélia Jucá uma carta revelando que sua irmã havia falecido (em Maceió) em 1895; assim, publica no número referente a 30 de abril de 1898 — em I(14):218-220 — o ensaio-necrológico "Lágrima Tardia" (o mesmo n° 14 traz o poema de Maria Jucá "Carlota Corday", de 1889, e o soneto de Adélia Jucá "Morta!!!", de 1896, em memória da irmã).

Em 15 de julho de 1898 — em I(19):295 — aparece o poema filosófico "Dúvidas" (composto, à maneira romântica, em oito quadras de versos decassilábicos, com epígrafe de Gonçalves Dias), datado de "Maceió — 1898", com o qual o sexagenário Cipião Jucá retribui a homenagem feita pela revista poucas semanas antes. Ignorando que Prisciliana e "Perpétua do Vale" são a mesma pessoa (visto a diretora de *A Mensageira* ter assinado desta forma seu artigo), o poeta alagoano dedica seu poema "A Perpétua do Vale, sinal de veneração".

Cipião Jucá ainda é implicitamente mencionado no n° 28 — em II(28):84 —, na dedicatória de um poema de Maria Jucá, "Flores d'Alma", datado de 1886, dirigido "A meu prezado Pai", postumamente divulgado por *A Mensageira* em maio de 1899.

Fontes: GSTB (vol. II, p. 286); RMDL (p. 338); SBDB (vol. I, pp. 312-313); WMIB (vol. III, pp. 118, 340 e 367).

LEMOS, Maria Emília — I(1):2; I(2):17-18; I(3):43-44; I(4):62; I(7):110-111; I(8):123-124; I(10):156; I(11):170-171; I(12):182; I(13):208; I(15):229-231; I(16):241-242; I(20):307-309; I(24):373-375; II(28):88-89; II(33):169-172.

LEMOS, Maria Emília

A ausência absoluta de dados a respeito da cronista mineira Maria Emília Lemos ( ? - ? ) obriga-nos a trabalhar apenas com o material incluído na própria *A Mensageira*. Além de sua procedência ("Minas Gerais", genericamente: de que cidade?), pode-se especular sobre sua idade: aparentando ser pessoa amadurecida, seria mais velha do que a média das colaboradoras da revista, o que situaria seu nascimento por volta de 1850 (ou antes). O tom "didático" de muitas de suas observações bem-humoradas, aliado à falta de registro de sua atividade literária por autores especializados na produção mineira (como Martins de Oliveira) remeteria à provável ocupação de professora do ensino elementar.

Seu aparecimento em I(1):2 ocorre em meio ao arolamento de nomes de escritoras emergentes procedido por Prisciliana Duarte de Almeida\* no editorial-programa do primeiro número da revista. Essa menção ocorre, no entanto, de modo equivocado: em I(3):43 a própria Maria Emília esclarece que "Maria Emília da Rocha" é pseudônimo usado zombeteiramente por um colaborador do jornal carioca *O País*, seu nome correto é Maria Emília Lemos.

Menções posteriores, meramente nominais, elogiosas ou protocolares, aparecerão posteriormente em I(4):62, I(10):156, I(12):182 e I(13):208 — sem que exista interesse especial em nenhuma delas.

Sua primeira colaboração corresponde, portanto, ao texto "Falso Encanto", colocado pela diretora da revista como matéria de capa do segundo número — I(2):17-18 —, em função, certamente, de seu caráter explicitamente programático, feminista.

A carta a Prisciliana publicada em I(3):43-44 já traz o subtítulo "Com Ares de Crônica", que identificará um conjunto de nove crônicas divulgadas entre fins de 1897 e fins de 1899, sem periodicidade definida, versando sobre os mais variados assuntos:

1ª) I(3):43-44 — Maria Emília declara sua sintonia com o programa literário-feminista de *A Mensageira*, apoiando-se em citações de Victor Hugo\* e Ernest Legouvé\*.

2ª) I(7):110-111 — Iniciando um sugestivo diálogo com os textos publicados na própria revista, a cronista utiliza como epígrafe uma frase extraída de considerações pacifistas emitidas pelo jornalista socialista português Xavier de Carvalho\*, publicadas em I(6):94, aproveitando para declarar-se antimilitarista; Maria Emília adota ainda, a partir desta crônica, o costume de terminar sua matéria com um poema selecionado — neste primeiro caso, o belo "A Turca", texto até então inédito, de autoria de Prisciliana Duarte de Almeida.

3ª) I(8):123-124 — Crônica cujo mote corresponde à demonstração de que uma mulher pode ser uma profissional de letras sem deixar de ser uma boa dona-de-casa (finalizando com a reprodução de um poema de Maria Clara da Cunha Santos\*, "Estrela e Flor").

4ª) I(11):170-171 — Tendo testemunhado uma daquelas impressionantes cerimônias fúnebres celebradas em Minas por ocasião da Quarta-Feira de Cinzas, Maria Emília dedica-se a reflexões sobre a efemeridade da existência, terminando com o sombrio poema "Inconsoláveis", de Francisca Júlia da Silva\* (extraído do recém-publicado *Mármore*, editado na capital paulista em 1895).

5ª) I(15):229-231 — Datando sua matéria de 13 de maio de 1898, a cronista lembra (apoiada em texto da mestra mineira Maria Guilhermina Loureiro de Andrade\*) os nomes das principais figuras envolvidas no movimento abolicionista, transcrevendo, no final, a propósito, um soneto intitulado "A Liberdade!", de José Bonifácio\*.

6ª) I(16):241-242 — Prestando homenagem a dois ilustres intelectuais brasileiros, André Rebouças\* e Luís Guimarães Júnior\*, ambos falecidos no mês de maio de 1898, a escritora reproduz, do segundo, o célebre soneto "Visita à Casa Paterna".

7ª) I(20):307-309 — Publicada no final de julho de 1898, esta crônica remete à "data inicial da liberdade dos povos" (14 de julho de 1789, Queda da Bastilha), rememorando figuras femininas relacionadas com a Revolução Francesa; o poema selecionado para compor o fecho da coluna corresponde a "Por que sou Triste", de Sílvio de Almeida\*, no qual é homenageada a mãe do poeta (tia de Prisciliana).

8ª) II(28):88-89 — Já em maio de 1899, é lembrado o poeta e teatrólogo carioca Figueiredo Coimbra\*, falecido em 23 de março daquele ano; transcorrendo por essa época o 11º aniversário da Lei Áurea, é reproduzido um soneto de Figueiredo Coimbra dedicado ao extraordinário abolicionista de São Paulo, hoje esquecido, o doutor Antônio Bento\*, morto em 1898.

9ª) II(33):169-172 — Datada de 4 de outubro de 1899, a última aparição de Maria Emília se faz em tom de euforia, pela vitória alcançada pela doutora Mirtes de Campos\* — advogada que, apoiada pelo juiz Viveiros de Castro\*, acaba de se tornar a primeira mulher a atuar publicamente como advogada, no Brasil.

Entremeados aos textos publicados sob a epígrafe "Com Ares de Crônica", aparecera em outubro de 1898 — I(24):373-375 — um artigo mais extenso, "A Influência do Lar", de caráter doutrinário, em que, apoiando-se em Jules Simon\*, demonstrava a importância do apoio mútuo na ligação conjugal, modernamente comprometido pelo alheamento recíproco dos universos masculino e feminino.

A mera enumeração dos temas abordados por Maria Emília Lemos não lhe faz justiça, no entanto: cumpre salientar seu esforço em manter-se afinada com o direcionamento conferido por Prisciliana Duarte de Almeida às matérias opinativas da revista; além disso, o estilo coloquial, despojado e humorístico de Maria Emília contribui, no quadro geral de *A Mensageira*, para fornecer ao periódico um bom material de "recheio", de leitura fácil e atraente. Mas esse caráter desprezível não implica despreparo ou primarismo: sua citação de autores franceses da linhagem feminista esboçada ao longo da segunda metade do século XIX é adequada e consistente.

LENTZ, Stella — I(2):30.

LENTZ, Stella

Poetisa mineira, nascida provavelmente em Pouso Alegre, Stella Vilhena de Almeida Lentz (c. 1870- ?) situa-se, segundo a genealogia fornecida por seu primo Aureliano Leite em ALCM, na mesma geração de sobrinhos-trinetos de Bárbara Eliodora\* à qual pertenceram suas primas Maria Clara da Cunha Santos\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*; este dado bastaria para fundamentar a especulação de que Stella Lentz teria nascido por volta de 1870, tendo cerca de 30 anos de idade ao término do século XIX.

Torna-se portanto digna de nota a circunstância de manter-se oculto, sob essa forma simplificada de assinatura, "Stella Lentz", o fato de ser ela irmã germana (pouco mais nova) de Sílvio de Almeida\*, marido da diretora de *A Mensageira*.

Sua única colaboração na revista aparece em I(2):30, num poema de versificação muito pobre — cujo título, "À Heloisa", explicita a dedicatória à sua única filha, Heloisa Lentz\*. Nesse poema, datado de 21 de outubro de 1897 (e publicado nesse mesmo mês) a poetisa dirige-se à filha pequenina, declarando-lhe um amor absurdamente possessivo; a epígrafe em francês corresponde a uma sentença atribuída ao Marquês de Vauvernagues\*.

Nos dois parágrafos de prosa que servem de introdução ao poema, Stella Lentz declara que escreve para dar um exemplo à filha, estimulando-a à valorização da intelectualidade feminina. O poema publicado corresponderia apenas ao início de sua colaboração na revista — mas esta ficou sendo, de fato, sua única intervenção em *A Mensageira*.

Adalzira Bittencourt (ABDB) fornece o nome completo da poetisa (Stella Vilhena de Almeida Lentz), mas Aureliano Leite abrevia-o, designando-a como "Estela Lentz, casada com o Professor Carlos Lentz" — acrescentando: "teve uma única filha: Heloisa Lentz, escritora, sem geração".

As evidências apontam, portanto, no sentido de que Heloisa de Almeida Lentz ou Heloisa Lentz de Almeida (c. 1895- ? ) teria por essa época (1897) cerca de dois ou três anos de idade, conforme descrição contida no texto do próprio poema. A menina teria nascido mesmo na São Paulo-Capital para onde tinham vindo, no período de entresséculos, a maioria dos irmãos e irmãs tanto de Sílvio de Almeida como de Prisciliana Duarte (esta última desempenhando simultaneamente os papéis de tia e de prima da pequena Heloisa).

Heloisa Lentz teria assumido, ao longo da primeira metade do século XX, posições suficientemente importantes na vida cultural das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro para figurar no dicionário de ensaístas brasileiros organizado por Heloisa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento Araújo (HAEB); observe-se porém que, nesta obra, parte das informações compiladas pelas autoras foram fornecidas pelo *Dicionário de Autores Paulistas* (CMAP), que considera-a nascida em São Paulo, SP, em 1910 e falecida na cidade do Rio de Janeiro, em data ignorada. O registro dessa data de nascimento parece indicar que, ao fornecer seu currículo pessoal, já em meados de nosso século, Heloisa Lentz subtraía cerca de 15 anos de sua verdadeira idade.

Esta filha de Stella Lentz teria tido atuação pioneira no setor de radiodifusão, notabilizando-se pela organização de programas radiofônicos de caráter artístico-literário, mencionando-se sua atuação na Rádio Cruzeiro do Sul e na Rádio Jornal do Brasil. Em 1939 publicou um ensaio sobre a vida amorosa de Machado de Assis; Hollanda & Araújo observam ainda que colaborações suas teriam sido publicadas em periódicos cariocas como *Vida Literária* e *A Noite Ilustrada*.

Fontes: ADBD (vol. I, p. 169); ALCM (p. 128); CMAP (p. 32); HAEB (p. 128).

LINS, Francisco (1866-1933) — I(7):103, 109 e 112; I(8):125; I(13):208; I(20):320; I(21):326-327 e 328.

LINS, Francisco

Nascido em Ubá, região sudeste de MG (Zona da Mata), o poeta Francisco Accioli Lins (1866-1933) seguiu para a então capital de sua província, Ouro Preto, para estudar, mas, premido por dificuldades financeiras, não pôde cursar a faculdade de engenharia, passando a dedicar-se ao magistério e ao jornalismo.

Paulino de Oliveira (POJF) arrola-o entre os principais redatores de *O Farel*, um dos mais antigos jornais de Juiz de Fora, cidade escolhida por Francisco Lins para radicar-se no final do século XIX. Nesse local participou, em 1909, da fundação da Academia Mineira de Letras (transferida para Belo Horizonte em 1915), assumindo a cadeira nº 15 (atual nº 19) e escolhendo para patrono da mesma o padre-poeta mineiro José Joaquim Correia de Almeida\*, conhecido colaborador de *A Mensageira*, falecido em 1905. Ainda assim, sua projeção não deve ter excedido o âmbito regional, especificamente mineiro.

"Rutilante espírito", segundo Martins de Oliveira (MOLM), entusiasmado e muito inteligente, o poeta teria se caracterizado pelo uso de vestuário extravagante e pelo emprego de expressões bizarras.

Publicou, na juventude, *Canções da Aurora* (Ouro Preto, 1886), *Harpa das Selvas* (Juiz de Fora, 1887) e *Versos* (Juiz de Fora, 1898, este último reunindo toda a sua produção poética relativa ao período de 1887 a 1897) — e, posteriormente, *Borboletas Negras* e o volume de prosa *Uma Campanha*.

São curiosas as circunstâncias em que são publicadas suas colaborações em *A Mensageira*: no nº 7 — em I(7):109 — aparece o soneto "Contraste", dedicado ao papa do parnasianismo brasileiro, Alberto de Oliveira\*; no mesmo número da revista — em I(7):103 — surge o poema com que Alberto de Oliveira retribui a dedicatória de Lins, o modelar soneto "Anfitrite"; no nº 8 — em I(8):125 — publica-se o soneto "Pobre!", de Francisco Lins, dedicado a Saturnino de Oliveira\*, irmão de Alberto; no número anterior — em I(7):109-110 — a revista estampara outro soneto, "Cair da Noite", de Saturnino, cuja dedicatória a Lins explicitava igualmente sua retribuição ao poeta mineiro.

Dessa forma, *A Mensageira* pôde reproduzir em suas páginas poemas de Alberto de Oliveira e Saturnino de Oliveira, sem que esses dois poetas, muito estimados na época, possam ser caracterizados como colaboradores propriamente ditos do periódico.

As demais entradas referentes a Francisco Lins não se referem a colaborações: em I(7):112, a redação da revista chama a atenção para a pessoa do "talentoso mineiro" que está preparando seu terceiro livro de poesia: *Versos*, editado, como vimos, em 1898, em Juiz de Fora (por Mattoso e Medeiros). Em I(20):320, Prisciliana Duarte de Almeida\* abre nova chamada nas "notas pequenas" para esse lançamento, anunciando que Manuel Viotti\* fará a crítica do recém-lançado livro de Francisco Lins. Essa resenha aparece (datada de "S. Paulo — 27-7-98") no número seguinte — em I(21):326-327 —, sob o pseudônimo de Elmano do Val, com o qual Manuel Viotti\* assinava sua produção crítica. Fazendo reparos à péssima apresentação gráfica do volume, o articulista demonstra dificuldade em desincumbir-se da "ádua tarefa" que lhe confiaram, dada a evidente pobreza da poesia de Lins (o material utilizado para exemplificação na própria resenha basta para expor as fraquezas da versificação). É transcrito na íntegra, em meio ao esboço crítico, o soneto "Perfil"; na p. I(21):328 é reproduzido, igualmente na íntegra, o soneto "O Órfão", elogiado por Elmano do Val. Parece ter sido extraído da mesma coletânea, *Versos*, o soneto "O Inverno", construído em pesados versos alexandrinos, selecionado por Laudelino Freire (LFSB) para representar esse poeta, típico cultor de um parnasianismo de segunda linha.

A menção a Francisco Lins em I(13):208 corresponde à citação de seu nome em meio aos de vários outros colaboradores de *A Mensageira*, em texto transcrito do jornal paulistano *A Nação*.

Fontes: LFSB (fl. 193); MOLM (pp. 260-261); POJF (pp. 187 e 195); RMDL (pp. 372 e 728); SBDB (vol. II, p. 371); WMIB (vol. IV, pp. 231 e 251).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 193).

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro — II(35):214.

MARTINS JÚNIOR, José Isidoro

Pernambucano como Belarmino Carneiro\* e Manuel Aarão\*, dois outros colaboradores de *A Mensageira*, José Isidoro Martins Júnior (1860-1904) nasceu em Recife e morreu na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de José Isidoro Martins e Francisca Emília de Oliveira Martins.

Frequentando a Faculdade de Direito do Recife a partir de 1879 (bacharelado-se em 1883), Martins Júnior tem seu nome imediatamente vinculado ao do acadêmico cearense Clóvis Bevilacqua (1859-1944), com quem participa, no início da década de 1880, da redação de periódicos estudantis. Juntos também publicam, em dois fascículos, a coletânea *Vigilias Literárias* (1º fascículo: 1879, 2º fascículo: 1882), que traz em sua primeira parte os versos do estreante Martins Júnior, *Estilhaços* (reimpressos em "edição definitiva", no Recife, em 1885).

Ao lado de uma produção poética incessante — incluindo os volumes *Visões de Hoje* (1881, 2ª ed. em 1886), *Retalhos* (1884) e *Tela Policroma* (1893) —, esboçam-se os rumos de sua futura carreira política, com seus claros posicionamentos positivistas, abolicionistas e antimonarquistas: na mesma época em que Bevilacqua pronuncia sua primeira conferência sobre Émile Littré, Martins Júnior escreve o poema *A Propósito da Conversão de Littré* (1881) e, já em 1883, tenta estabelecer os parâmetros de uma poesia compatível com o positivismo em *A Poesia Científica*, "escorço de um livro futuro" (editado nesse ano e reeditado postumamente em 1914). Juntos, Bevilacqua e Martins Júnior traduzirão, em 1886, o polêmico ensaio *Jesus e os Evangelhos*, de Jules Soury (1842-1915), audaciosa tentativa de explicação da conduta do Cristo histórico à luz da neurologia e da psicopatologia. João Cruz Costa (cf. CCIB), reproduzindo a classificação dos filósofos brasileiros adotada por Sílvio Romero\*, mostra que Martins Júnior deve, efetivamente, situar-se em nossa corrente positivista littreista, ao lado de Luís Pereira Barreto e Antônio de Sousa Pinto. Mas seu ativismo republicano custou-lhe dissabores: em 1887 e 1888 apresenta-se, por três vezes, inutilmente, ao concurso para o preenchimento de vagas docentes na academia que cursara (as três dissertações elaboradas nessas ocasiões foram reunidas a outros dois ensaios e publicadas em 1891 num só volume, intitulado *Fragmentos Jurídico-Filosóficos*) — cf. SBDB e RMDL.

Até a Proclamação da República (1889) terá que se valer de aulas particulares de francês, história natural, filosofia e história, para manter a si e à esposa (casara-se em 1887 com Elisa Quintero), associando-se nesse mesmo ano a Artur Orlando, Adelino Filho e Pardal Mallet para redigir a célebre *Revista do Norte*. Participa ainda, em 1887 e 1888, da publicação dos periódicos *A Esmola* e *O Norte* — este último, órgão de propaganda do Diretório Republicano, do qual Martins Júnior foi um dos fundadores.

Sua nomeação pós-republicana como professor da Faculdade de Direito do Recife já assume importância secundária, pois passa a priorizar as atividades políticas: preside a comissão encarregada de redigir a Constituição Estadual de Pernambuco (promulgada em 1892), enquanto lidera, no *Jornal do Recife*, a oposição ao presidente de seu Estado, Henrique Pereira de Lucena (antigo Barão de Lucena, 1835-1913). Eleito deputado estadual para a legislatura 1892-1894, transfere-se para o Rio de Janeiro em 1894, em função do mandato de deputado federal obtido em 1894 e renovado até 1900; sua atuação salienta-se nas crônicas legislativas principalmente por seus posicionamentos anticlericais e florianistas.

Tendo enviuvado, casa-se novamente, com Claudina Nogueira, em 1894 — assumindo, depois de extinta sua cadeira de História do Direito em Recife, o cargo de professor da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro.

No início de 1901, participa da fundação da Academia Pernambucana de Letras. Mas, ainda em 1901, Quintino Bocaiuva\*, eleito presidente do Estado do Rio de Janeiro, nomeia-o seu Secretário do Interior e Justiça; e é nessa condição que Martins Júnior presidirá as comemorações do primeiro centenário de emancipação do município fluminense de Resende (festividades que só se concretizaram em função dos esforços do poeta resendense Luís Pistarini\*, outro colaborador de *A Mensageira*). No ano seguinte (1902) o bacharel-poeta do Recife é eleito titular da cadeira n° 13 da Academia Brasileira de Letras, ocupada anteriormente pelo Visconde de Taunay\* (fundador) e por Francisco de Castro (primeiro sucessor, falecido em 1901).

Mas morre pouco tempo depois, no Rio de Janeiro, em 22 de agosto de 1904, antes de completar os 44 anos de idade. Ao lado de obras de valor histórico permanente como sua *História do Direito Nacional* (de 1895, reeditada em 1941), deixou inédita grande quantidade de artigos, ensaios, discursos e conferências, esparsos por diversos periódicos do Rio de Janeiro e do Recife — pois sua ocupação principal, a rigor, foi mesmo o jornalismo.

O único poema de autoria de Martins Júnior publicado em *A Mensageira* — em II(35):214 — é aquele composto por três quadras de decassílabos sáficos, "À Minha Mulher", datado do "Rio, 4 de junho de 1899" (publicado, portanto, seis meses depois de sua elaboração), no qual o poeta pernambucano homenageia, simultaneamente, sua segunda esposa (Claudina) e a filhinha (Celina) que tiveram no final do século.

Inegavelmente atrelado à estética passadista da escola romântica, esse poema serve para ilustrar as considerações tecidas por Ivan Lins em ILPB: embora a proposição de uma "poesia científica" (positivista) por Martins Júnior possa colocá-lo como precursor ideológico do neoparnasianismo de Vicente de Carvalho e da modernidade anunciada por Euclides da Cunha e Graça Aranha\*, o pernambucano "não dispunha, como poeta, de estro bastante forte para cantar e traduzir os anseios da nova era por ele anunciada", constituindo "doloroso exemplo de como um mau poeta pode matar um excelente crítico".

Repudiando, simultaneamente, em seu mencionado manifesto (*A Poesia Científica*, 1883), o sentimentalismo romântico, o realismo à portuguesa de Guerra Junqueiro\*, "o linfatismo lírico dos poetas subjetivistas", o neoclassicismo apegado aos motivos mitológicos da Antiguidade greco-romana e o transcendentalismo de Victor Hugo\*, Martins Júnior invocava uma musa forte e objetiva, filosófica e didática, "de olhar viril" — incorrendo, segundo Ivan Lins, numa falsa interpretação das propostas de Auguste Comte\* (que reconhecia para a arte poética um espaço próprio, de encantamento e de embelezamento, que não excluía de sua temática vivências mais personalizadas, doces e suaves).

Ao se ocupar do lançamento de *Tela Policroma* (que foi, como vimos, a última coletânea poética de Martins Júnior, editada no Rio de Janeiro em 1893), o criterioso crítico cearense Araripe Júnior\* (cf. AJMO) já se reportara à questão suscitada pela divulgação de *A Poesia Científica* dez anos antes, opinando no sentido de que, invadindo o campo da poesia lírica, confundindo ciência e estética, a "poesia científica" incorria no mesmo erro cometido por Émile Zola\* em sua dogmática proposta de um "romance experimental". Exemplo típico dessa despropositada intromissão do cientificismo na poética do pernambucano seria o soneto "Crise Psíquica", escolhido por Laudelino Freire (LFSB) para representar Martins Júnior em sua famosa antologia.

De qualquer modo, é bastante representativa do clima de confiança no futuro que regeu a nossa virada do século a estima que Martins Júnior gozava, como "poeta ideológico", entre seus confrades. Basta conferir, a esse respeito, a opinião externada por Sousa Bandeira (citado na p. 495 de ILPB) ao fazer o elogio de seu antecessor na cadeira n° 13 da Academia Brasileira de Letras: "Cheio de fé no futuro, pintava o povo regenerado pela ciência, mostrava a República dominando o mundo dentro em poucos anos e a humanidade, chegada a era definitiva da paz e do trabalho, em pleno reinado do estado positivo de Augusto Comte."

Mais recentemente Andrade Muricy, Antônio Cândido e Wilson Martins (em AMSB, ACFL e WMB, respectivamente) tentaram fazer-lhe justiça, reconhecendo em Martins Júnior a primazia na tentativa de propor uma síntese lírico-científica para a desnorteada poesia nacional do final do século XIX; Muricy salienta, porém, que a produção parnasiana de Augusto de Lima\* é mais convincente, nesse sentido — e que a interpretação máxima dessa tendência se revelaria um pouco mais tarde, no volume *Eu* (1912), de Augusto dos Anjos (1884-1913).

Fontes: ACFL (pp. 251, 284, 286-287, 290, 383, 414 e 416); AGRJ (almanaque para o ano de 1905: currículo resumido, de acadêmico da Academia Brasileira de Letras, na p. 221 + almanaque para o ano de 1906: registro do n° especial da revista *Cultura Acadêmica* em memória de Martins Júnior na p. 350, registro de discursos em sua homenagem na p. 353, necrológio na p. 359); AJMO ("Movimento Literário do Ano de 1893": cap. VII, pp. 187-191); AMSB (vol. III, p. 239); BPPR (p. 17); CCIB (p. 116); EDLJ (vol. XII, p. 7.088); GFPC (pp. 153-156: "Martins Júnior, jurista desgarrado num tempo que não era ainda o seu", artigo de Gilberto Freyre publicado originalmente no *Diário de Pernambuco* em 30 de agosto de 1942); ILPB (pp. 37, 131, 134-135, 137, 143, 233, 272, 453, 457-463, 464, 467, 468, 495 e 520); LFSB (fl. 151); MSRA (pp. 343 e 344); NSER (pp. 55-64 e 146-165); OSPP (pp. 33-34); RBSP (n° 66, junho de 1921, pp. 254-260: "Martins Júnior", por Artur Mota); RMDL (verbetes relativos a Clóvis Bevilacqua: pp. 109-111, a Martins Júnior: pp. 417-418, e à Academia Pernambucana de Letras: p. 733); SBDB (vol. IV, pp. 464-465); WMB (vol. IV: pp. 67, 75, 93, 111-114, 132, 134, 177, 215, 218, 225-229, 238, 248, 277, 430, 475, 498-500, 502-503, 506 e 529, vol. V: pp. 37, 120, 251, 316, 367 e 417, vol. VI: p. 346, vol. VII: pp. 186 e 576).

Iconografia: fotografia datada de 1900, aproximadamente, em AGRJ (almanaque para o ano de 1905, p. 215); retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 151); reprodução de fotografia veiculada originalmente, no início do século, em cartelas de cigarros: AMSB (vol. III, p. 304).

MELO, Revocata Heloisa de ("Revocata Filha") — I(3):39-40; I(4):60; I(7):104; I(11):175; I(12):182; I(16):252-254; I(21):336; I(22):341 e 343; II(28):95; II(34):189-190.

MELO, Revocata Heloisa de

O leitor que, interessado em informar-se a respeito de Revocata Heloisa de Melo (1860-1945) colecionasse recortes de *A Mensageira*, transformando essa revista em sua única fonte de conhecimento a respeito desta polígrafa gaúcha, não ficaria decepcionado com os resultados dessa compilação.

Em I(3):39-40 verificaria que Ibrantina Cardona\* não se conformou em ver a plêiade de escritoras gaúchas do final do século XIX ignorada pelo arrolamento procedido no primeiro número da revista por Prisciliana Duarte de Almeida\*, aproveitando a carta remetida à *Mensageira* para situar Revocata Heloisa de Melo como "a escritora que mais brilha na literatura do Sul": secundada por muitas outras conterrâneas (entre as quais se encontra sua irmã Julieta de Melo Monteiro\*), mantém desde fins de 1883 o periódico feminino que circulou por mais tempo no país, *Corimbo* — que em 1897 está comemorando, sob a forma de folha semanal, seu 14º ano de circulação. Acumulando as funções do magistério com as de poetisa e prosadora (cronista, ensaísta e dramaturga), Revocata utiliza seu periódico como veículo para a reivindicação de instrução para a mulher e para a ilustração moral e intelectual feminina. Tendo publicado seus primeiros versos ainda adolescente, em 1874 — no mesmo ano em que um conto seu aparecia na *Revista do Paternon Literário* de Porto Alegre (cf. PLSO) —, não demorou a ingressar no jornalismo, começando como redatora do *Diário de Pelotas*, nessa localidade (Pelotas, RS) vizinha de sua cidade natal (Rio Grande, RS).

Em I(4):60, Inês Sabino\* acrescenta um dado novo às considerações de Ibrantina Cardona: conhecendo de perto os estilos da maior parte das escritoras brasileiras suas coetâneas, não titubeia em distinguir os estilos das duas irmãs gaúchas, situando Revocata entre as másculas e enérgicas Nísia Floresta\*, Corina Coaracy\* e Josefina Álvares de Azevedo\* — enquanto Julieta ficaria melhor ao lado das "amenas e circumspectas" irmãs Júlia Lopes de Almeida\* e Adelina Lopes Vieira\*.

Nélson de Sena\*, assinando sob o pseudônimo "Pelayo Serrano" o artigo "Intelectualidade Feminina Brasileira", lembra — em I(7):104 — que as duas irmãs gaúchas já mereceram, em 1896, a atenção de um periódico lisboeta (*A Madrugada*), enquanto Damasceno Vieira\*, ocupando-se de resenhar um livro recém-lançado de Andradina de Oliveira\* (*Preludiando*, coletânea de contos em que ambas aparecem, aliás, como dedicatárias de Andradina), transcreve um comentário de Revocata, extraído de *Corimbo* — menções localizadas em I(22):341 e 343. O mesmo Damasceno Vieira — ele próprio gaúcho, conterrâneo e confrade das poetisas Revocata dos Passos Figueiroa de Melo\* (c. 1840-1882) e Amália dos Passos Figueiroa\* (1845-1878), respectivamente mãe e tia das jovens Revocata e Julieta — dará testemunho, em II(34):189-190, de sua convivência pessoal com as redatoras de *Corimbo* na cidade portuária de Rio Grande.

Antes disso, qualificando Revocata Heloisa de Melo "a papisa das letras que tem no Rio Grande do Sul seu trono de ouro e púrpura e é acolitada pelas virtuosas sacerdotisas da Forma", Olímpio Galvão\* já demonstrava, em I(12):182, em conferência proferida em fins de 1897 no Instituto Literário Olindense, que a fama desta escritora chegara até o Pernambuco.

As menções à "Revocata Filha" em I(11):175 e II(28):95 dizem respeito ao recebimento, pela redação de *A Mensageira*, de exemplares de *Corimbo*; nessa do nº 11, edição datada de 15 de março de 1898, assinala-se, aliás, a mudança de periodicidade daquele jornal, que está deixando de ser semanal para se tornar quinzenal (em CCVV, Pedro Maia Soares esclarece que em seus sessenta anos de circulação, "1884-1944", *Corimbo* foi publicado sob diferentes frequências e formatos, além de sofrer períodos de interrupção; em SBDB, Sacramento Blake fornece a data exata de inauguração desse periódico: "seu primeiro número saiu a 21 de outubro de 1883").

Em I(21):336 reproduzia-se, em *A Mensageira*, um comentário sobre o conteúdo do nº 16 da revista paulistana, publicado no *Diário Popular* de São Paulo — texto em que Revocata aparece com destaque, em função da divulgação de seu vibrante elogio fúnebre ao poeta italiano Cavallotti.

Esse necrológio — divulgado na edição de 30 de maio de 1898, em I(16):252-254 — constituía, de fato, a única colaboração de Revocata Heloisa de Melo em *A Mensageira*. Neste texto, surpreende a corajosa apologia feita pela escritora a Felice Cavallotti (1842-1898), deputado líder da extrema esquerda italiana, morto em duelo em 6 de março daquele ano, conhecido por sua pregação libertária, avessa a todo tipo de obscurantismo (aí incluídos seus posicionamentos feminista e anticlerical: sua célebre peça *O Cântico dos Cânticos*, que Carlos Gomes começou a transformar em ópera, valeu-lhe a excomunhão pela igreja católica, cf. DPCS).

De posse dessa consistente compilação de dados, veremos que os textos disponíveis nas obras de referência são decepcionantes: mostram-se, regra geral, incompletos, imprecisos e incongruentes, contribuindo mais para desorientar do que para esclarecer o pesquisador que os consulte.

Sacramento Blake, confirmando (em SBDB) o fato de Revocata Heloisa de Melo ter nascido na cidade de Rio Grande, RS, lembra que o jornal *Correio de Santos* (folha diária fundada em 1884, extinta em 1891) publicou, em 23 de janeiro de 1880 (sic: essa data evidentemente é incorreta, Ibrantina menciona "23 de janeiro de 1886"), um número especial consagrado à escritora gaúcha, no qual foi enaltecida por Júlio Ribeiro\* (falecido em Santos em 1º de novembro de 1890). Mencionando os nomes de alguns periódicos de que foi colaboradora (os nacionais *Diário de Pelotas* e *A Grinalda*, editado por Maria da Cunha em Porto Alegre da partir de 1896, e o argentino, de Buenos Aires, *Patria Ilustrada*), Blake ressalta que Revocata e sua irmã Julieta fundaram em 1883 sua "revista"



(sic) própria, *Corimbo*, mantida em circulação há quase vinte anos pela época em que o dicionarista elabora seu verbete (virada do século). A produção teatral de Revocata abrange dois dramas, escritos em parceria com Julieta de Melo Monteiro: *Coração de Mãe* (em dois atos) e *Mário*; a essas duas peças, Valéria Andrade de Souto-Maior (em VAID) acrescenta um outro drama, *Grinalda de Noiva*, datando os dois primeiros de 1893. A poesia de "Revocata Filha" teria permanecido, como a da mãe, esparsa em sua totalidade, pois seu único livro corresponderia ao volume de 108 pp. *Folhas Errantes*, "fantasias em prosa" (contos? crônicas? poemas em prosa?) editado no Rio de Janeiro em 1882, com prefácio do conterrâneo Múcio Teixeira\*.

Antônio Carlos Machado, em AMCP, fornece-nos uma rara amostra dessa arte poética, o soneto "O Apóstolo da Liberdade", em que é homenageado o líder político sulino Gaspar Silveira Martins (1835-1901), homem que chegou a presidir a província gaúcha, no Império, e a chefiar o Partido Federalista, no período republicano; Alzira Freitas Tacques reproduz o mesmo poema em FTFR, nada acrescentando, a não ser considerações retóricas. Machado, pelo contrário, vale-se de sua condição de gaúcho para enumerar os periódicos em que apareceram colaborações da "Revocata Filha": além dos já mencionados *Diário de Pelotas* e *Revista do Partenon Literário* de Porto Alegre, *A Cidade* de Rio Grande, *O Gaúcho* de Bagé, *A Pátria* de Porto Alegre; e, ainda de Pelotas, *A Ventarola*, *Progresso Literário* e *Revista Popular*. Colaborações suas teriam sido incluídas também na célebre série do *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editada por Alfredo Ferreira Rodrigues\* na cidade do Rio Grande entre 1889 e 1917, assim como no periódico *O Ecrínio*, mantido em circulação por Andradina de Oliveira, por longo período de tempo, a partir de 1898. A esses, acrescentem-se *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo\* e *A Mensageira*, de Prisciliana Duarte de Almeida. Uma parte dessa produção teria sido publicada, de acordo com Antônio Carlos Machado, sob o pseudônimo "Sibila" ("Sybilla", na ortografia da época).

Quanto ao *Corimbo* editado pelas duas irmãs gaúchas, Pedro Maia Soares fornece indicações importantes: esse pesquisador consultou uma coleção incompleta do periódico (1886 a 1924), mas obteve de um discípulo da escritora a informação de que *Corimbo* prosseguira "até às vésperas da morte de Revocata", completando sessenta anos de circulação (não ininterrupta). Soares esclarece ainda que as duas jornalistas eram filhas de "um próspero negociante" (de sobrenome Melo) e que a tradição da família na imprensa remontava à primeira metade do século XIX, quando o avô materno, Manuel dos Passos Figueiroa, ajudara Maria Josefa Barreto (1775-1837) na edição de *Idade de Ouro* (periódico que circulou entre 1836 e 1837). Isso não significava, porém, que as irmãs Melo tivessem conseguido "viver de letras" com a edição de seu jornal (como Andradina de Oliveira conseguirá no século XX): trabalhavam como professoras particulares, conforme Damasceno Vieira relata em *A Mensageira*, II(34):190 (constatando, inclusive, serem esses proventos insuficientes para a manutenção de ambas, pois sua situação exigia que fossem amparadas pelo "irmão extremosíssimo" Romeu dos Passos de Melo\*).

É importante frisar que Soares também testemunhou, em suas pesquisas, a solidariedade das mulheres escritoras gaúchas que editavam periódicos por essa época; elas não só trocam colaborações entre si como publicam contos e poemas com dedicatórias recíprocas, de onde esse autor pôde concluir (cf. p. 146 de CCVV): "impossível deixar de pensar que elas mostravam uma certa 'consciência de classe', a consciência de mulheres que precisam se reconhecer e se unir para se impor" — acrescentando que *Corimbo* "se transformou numa espécie de caixa de ressonância do movimento feminista brasileiro", publicando "artigos das mais variadas origens em defesa da mulher" e registrando "os acontecimentos importantes nessa área" (tais como a criação de organismos socialistas, o lançamento da *Tribuna Feminina* por Leolinda Daltro em 1919 e a fundação da Liga Comunista Feminina nesse mesmo ano; solidarizam-se com a Legião da Mulher Brasileira em 1921 e com o I Congresso Feminino do Brasil em 1922-1923, acolhendo ainda colaborações da brasileira Maria Lacerda de Moura e da portuguesa Ana de Castro Osório e transcrevendo, em 1918, um texto de conclamação às mulheres assinado por José Otílica\*). Teriam se acentuado com o tempo, desse modo, as simpatias de Revocata e Julieta pelas tendências esquerdistas que proliferavam nas primeiras décadas do nosso século. Mesmo abalada pela morte de Julieta em 1928, Revocata (que chegará perto dos 85 anos de idade) prossegue solitariamente sua luta, por mais um decênio e meio, sendo socorrida, no final da vida, pela maçonaria, "à qual esteve sempre ligada"; foi velada, aliás, numa loja maçônica (em VAID, Valéria Andrade Souto-Maior fornece como datas de nascimento e de morte, 31 de dezembro de 1860 e 23 de fevereiro de 1945).

A desinformação geral a respeito das duas gaúchas mantenedoras do *Corimbo* reflete-se na vagueza dos dados fornecidos por Luís Correia de Melo em CMIR e no laconismo de Raimundo de Menezes em RMDL. Fornecendo "1840-1898" como os anos correspondentes ao início e ao fim da vida de Revocata Heloisa de Melo, Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes (cf. CBMO) parece confundir a "Revocata Mãe" com a "Revocata Filha".

Decano dos historiadores literários gaúchos, Guilhermino César colabora decididamente para o resgate da doce poesia elegíaca de Amália dos Passos Figueiroa (cf. pp. 239-240 de GCHL), mas não se deu ao trabalho de procurar informações mais consistentes a respeito de Revocata dos Passos Figueiroa. Quanto às duas irmãs mais jovens, Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloisa de Melo, esse escritor (um dos arautos do movimento modernista de 1922, avesso aos tardo-românticos e aos parnasianos em geral) demonstra visível má vontade: ignorando a distinção entre ambas, estabelecida com clareza por Inês Sabino, descarrega-se do assunto dizendo que Julieta, "com sua irmã Revocata Heloisa de Melo, também poetisa, a quem se ligou de tal modo que entre a obra de uma e de outra existe a mais completa identidade, escreveu teatro e contos." (GCHL, p. 294).



Fontes: AGRJ (desconhecido mesmo pelos autores gaúchos, o ano da morte da "Revocata Mãe", 1882, é revelado por este almanaque, na edição para o ano de 1906, p. 191); AMCP (nota biobibliográfica seguida da reprodução do soneto "O Apóstolo da Liberdade", pp. 185-186); CBMO (pp. 143, 161 e 208); CCVV ("Feminismo no Rio Grande do Sul: Primeiros Apontamentos, 1835-1945", por Pedro Maia Soares, pp. 121-150 desta coletânea); CMIR (p. 111); CSVF (p. 21); DMMN (p. 904); DPCS (a respeito de Felice Cavallotti, duas matérias assinadas por João Bosco Assis De Luca: "Gomes e Cavallotti" e "Cântico dos Cânticos", publicadas respectivamente nas edições de 8 de outubro e 8 de novembro de 1996); FTPR (vol. I, pp. 701-702); GCHL (pp. 267 e 294); GSTB (vol. II, p. 348); LFSB (reprodução do soneto "A uma Carta", fl. 138); PLSO (pp. 100 e 171); RMDL (pp. 431-432); SBDB (vol. VII, p. 128); VAID (p. 43); WMIB (vol. IV, p. 117).

Iconografia: fotografia incluída no AGRJ (almanaque para o ano de 1905, p. 309); retrato baseado nessa mesma foto publicada pelo AGRJ (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de LFSB (fl. 138).

MONTEIRO, Julieta de Melo — I(3):39 e 40; I(4):60; I(7):104; I(11):175; I(12):182; I(16):254; I(22):341 e 343; I(23):361 e 368; I(24):372-373; II(28):95; II(34):189-192.

MONTEIRO, Julieta de Melo

Assim como sua irmã mais velha, Revocata Heloisa de Melo\*, a poetisa e prosadora gaúcha Julieta de Melo Monteiro (1863-1928) acabou se tornando vítima, com o passar do tempo, tanto do esquecimento como da desinformação que reina em torno da maior parte das mulheres escritoras do Brasil da transição entre os séculos XIX e XX.

Por esse motivo, as informações extraídas da própria revista *A Mensageira* assumem papel importante no restabelecimento dos pontos básicos que envolvem sua biobibliografia.

Recapitulando os principais dados aqui compilados no verbete referente a Revocata Heloisa de Melo, temos que Julieta (nascida na cidade de Porto Alegre, em 21 de outubro de 1863, segundo Guilhermino César em GCHL) era filha da escritora (poetisa e prosadora) Revocata dos Passos Figueiroa de Melo\* (c. 1840-1882) e de um abastado negociante de sobrenome Melo; sobrinha, portanto, da célebre poetisa Amália dos Passos Figueiroa\* (1845-1878) — e, conseqüentemente, neta pelo lado materno de Manuel dos Passos Figueiroa, que nos anos 1830 ajudara Maria Josefa Barreto a editar o periódico gaúcho *Idade de Ouro*. Presume-se que as duas irmãs, imersas num ambiente de efetiva efervescência cultural — a Sociedade Paternon Literário, à qual pertenceram sua mãe e sua tia, floresceu em Porto Alegre entre 1868 e 1885 — tenham recebido educação bem mais diferenciada do que aquela reservada às meninas de seu tempo.

Assim, ao fundarem seu próprio periódico, *Corimbo*, em 1883, na cidade portuária de Rio Grande, RS, ambas ainda muito jovens (a "Revocata Filha" com 23 anos, Julieta com 20), estariam, de certa forma, recapitulando as atividades da mãe e da tia — falecidas respectivamente em 1878 e 1882 —, assumindo, inclusive, campos de atuação igualmente complementares: Revocata assumindo funções editoriais com atividades predominantes de prosadora, Julieta permanecendo basicamente como poetisa.

Em Rio Grande permanecerão, aparentemente, pelo resto de suas vidas, trabalhando como professoras particulares e editando *Corimbo*. Pelos sobrenomes diferenciados assumidos pelas duas, deduz-se que Julieta se casou e Revocata permaneceu solteira.

*Corimbo* sofre, como vimos, várias mudanças de formato e de periodicidade, ao longo de seus 60 anos aproximados de circulação descontinua (1883-1944). Uma dessas alterações é anunciada pela própria revista *A Mensageira*, que em I(11):175 e II(28):95 refere-se ao recebimento do jornal gaúcho, acusando, na primeira dessas duas ocasiões (mais precisamente em 15 de março de 1898) a transformação de sua periodicidade, que de semanal passava a ser quinzenal. Mesmo depois da morte de Julieta (ocorrida em 27 de janeiro de 1928), Revocata ainda continuará produzindo por vários anos esse que seria o órgão mais duradouro da imprensa feminina do Brasil — veículo, segundo considerações de Pedro Maia Soares em CCVV, não só de reivindicações nitidamente feministas (centradas inicialmente em torno da luta pela extensão da instrução e da ilustração às mulheres) como instrumento de aglutinação das escritoras sulinas e fonte de informação a respeito das sucessivas transformações sofridas pelo movimento feminista no Brasil e no mundo.

Julieta de Melo Monteiro teria, no entanto, mantido outro periódico próprio, *Violeta*, editado em Rio Grande entre 1878 e 1879 — bem antes, portanto, da publicação de *Corimbo*. Assim, sua produção poética irá se espalhar principalmente por esses dois veículos, mas abrangerá ainda colaborações remetidas a muitos outros periódicos — como a *Tribuna Literária*, a *Ilustração Pelotense* e o *Progresso Literário* (todos eles de Pelotas) e o *Eco do Povo*, de Porto Alegre (cf. Antônio Carlos Machado em AMCP). Parte de sua produção juvenil teria sido divulgada sob o pseudônimo italiano "Penserosa" ("Pensativa", em português), de conotações arcádicas.

Colaborará ainda em anuários como o famoso *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*, editado em Rio Grande por Alfredo Ferreira Rodrigues\* entre 1889 e 1917. Na virada do século, aparecerá em *O Ecrimio*, de Andradina de Oliveira\* (publicado inicialmente em Bagé, RS) e em *A Mensageira*, a revista paulistana de Prisciliana Duarte de Almeida\*.

Ao contrário de sua irmã Revocata, Julieta deve ter incluído boa parte dessa produção poética nos diferentes volumes que chegou a publicar. Ainda dentro do século XIX, teriam sido impressos e divulgados os *Prelúdios* (Rio Grande, 1881), prefaciados pelo polígrafo português radicado no Brasil, Augusto Emilio Zaluar\* — e, já na última década do século, *Oscilantes*, coletânea composta exclusivamente de sonetos (Rio Grande, 1892), prefaciada pelo poeta parnasiano predileto de sua geração de poetisas do Brasil, Luís Guimarães Júnior\*. Referindo-se apenas a esses dois volumes, ao divulgar (em 1899) o quinto tomo de seu dicionário, SBDB (volume que contém o verbete referente a Julieta de Melo Monteiro), Sacramento Blake faz a ressalva de ter visto anunciado "no prelo" três outros livros dessas escritora gaúcha, que teriam permanecido inéditos: outras duas coletâneas poéticas (*Auroras Boreais* e *Visionárias*) e as "fantasias em prosa" *Serões*. É provável que *Serões* corresponda ao mesmo *Alma e Coração* (fragmentos de prosa poética editados num só volume, em Rio Grande, em 1897), que será objeto de atenção de *A Mensageira* em 1899.

Mas, aparentemente, aquelas que corresponderiam a suas terceira e quarta coletâneas só aparecerão bem depois, em 1911, com títulos diferentes — *Berilos e Tabernáculo*, ambas editadas na cidade de Rio Grande —, enquanto a quinta e última, *Terra Sábara*, englobando a produção do quadriênio 1924-1927, ficará para divulgação póstuma (Rio Grande, 1928) por sua irmã Revocata Heloisa de Melo.

Em VAID, Valéria Andrade Souto-Maior fornece a relação completa das peças de teatro atribuídas a Julieta de Melo Monteiro: *Mário e Coração de Mãe*, dramas escritos em parceria com Revocata e *Noivado no Céu* (ato único, em verso), todos eles da década de 1890 — a eles acrescentando-se o drama *O Segredo de Marcial*, representado na cidade de Rio Grande, em data incerta.

Guilhermino César (GCHL), lembrando que sua poesia aparece "colorida por discreto panteísmo", ressalta situar-se esta poetisa entre os literatos gaúchos que manifestaram, no final do século XIX, sua opção pelo realismo — o que equivale a dizer, no campo da poesia, opção pela estética parnasiana. César se exime, no entanto, de proceder à diferenciação da poesia da "Revocata Filha" (que parece ter predileção pela temática épica e social) daquela produzida por Julieta, de índole mais lírica, sentimental.

Essa distinção é claramente estabelecida por Inês Sabino\*, em *A Mensageira*, I(4):60 — ao situar Revocata Heloisa de Melo entre as másculas e enérgicas Nísia Floresta\*, Corina Coaracy\* e Josefina Álvares de Azevedo\*, deixando Julieta de Melo Monteiro em companhia das "amenas e circunspectas" Júlia Lopes de Almeida\* e Adelina Lopes Vieira\*.

O nome de Revocata aparece, de fato, com a conotação de força, em outros pontos da revista paulistana — inicialmente em I(3):39 e 40, menções em que Ibrantina Cardona\* situa Julieta como "satélite" (sic) da irmã mais velha; Olímpio Galvão\* — em I(12):182, texto datado de fins de 1897 — coloca Julieta igualmente em posição secundária nas letras gaúchas, cujo "trono de ouro e púrpura" seria ocupado por Revocata Heloisa de Melo.

Novas menções a Julieta aparecem em I(16):254 — desta vez em função de sua predileção por Luís Guimarães Júnior — e em I(22):341 e 343; nestas duas últimas ocasiões, a referência à poetisa gaúcha inclui-se no texto em que Damasceno Vieira\* avalia o lançamento do livro de contos *Preludando*, de Andradina de Oliveira (tanto Revocata como Julieta aparecem nesse livro como dedicatárias de Andradina).

O volume de prosa poética *Alma e Coração*, de Julieta de Melo, editado em Rio Grande, em 1897 — cujo lançamento já fora antecipado por Damasceno Vieira em I(22):341 e por Prisciliana Duarte em I(23):368 —, recebe tratamento especial em *A Mensageira*, sendo resenhado por Damasceno Vieira no texto "Julieta de Melo Monteiro", II(34):189-192, em novembro de 1899. Se tomarmos por base os excertos inseridos por Vieira em sua elogiosa matéria, *Alma e Coração* decepciona pelo excesso de considerações retóricas e pelo tom enfático e verborágico.

Já a produção em verso propriamente dita correspondente à colaboração de Julieta em *A Mensageira* exhibe padrão bem superior, abrangendo o soneto "Tela Sombria", cromo de construção rigorosa, apoiada em versos de acentuação sáfica — publicado em I(23):361, em outubro de 1898 — e o extenso poema "Recordando...", em versos alexandrinos, publicado no mês seguinte, em I(24):372-373. Neste último, o lirismo de Julieta de Melo Monteiro expande-se em versos nostálgicos, de musicalidade marcante, fornecendo-nos uma amostra da arte poética que a tornaria, no início do século XX, uma das escritoras prediletas das leitoras sulinas.

Fontes: AGRJ (desconhecido mesmo pelos autores gaúchos, o ano da morte da "Revocata Mãe", 1882, é revelado por este almanaque, na edição para o ano de 1906, p. 191); AMCP (nota biobibliográfica seguida da reprodução de um soneto extraído da coletânea póstuma *Terra Sábara*, "A uma Árvore", p. 143); CBMO (p. 205); CCVV ("Feminismo no Rio Grande do Sul: Primeiros Apontamentos, 1835-1945", por Pedro Maia Soares, pp. 121-150 desta coletânea); CMIR (p. 83); CSVF (pp. 19, 21 e 52, incluindo a reprodução do mesmo soneto "A uma Árvore" selecionado em AMCP); DMMN (pp. 936-937); FTFR (vol. I, pp. 701: nota bibliográfica sumária, também seguida da reprodução do soneto "A uma Árvore"); GCHL (pp. 267, 272 e 294); GSTB (vol. II, p. 364); LFSB (reprodução do soneto "Madrugada de Estio", fl. 181); RMDL (pp. 453-454); SBDB (vol. V, pp. 242-244); TRFS ("Filhas do Liceu e da Academia", por Maria Luiza de Carvalho Armando: pp. 73-103 do n° 23 desta revista, 2° semestre de 1991, edição consagrada ao tema "Mulheres — Século XIX"); VAID (pp. 38-39); WMIB (vol. IV, pp. 108-109, 218 e 400).

Iconografia: fotografia incluída no AGRJ (almanaque para o ano de 1905, p. 310), retrato baseado nessa mesma foto publicada pelo AGRJ (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de LFSB (fl. 181).

M.P.C.D. (iniciais de nome) — I(4):49-51; I(6):81.

M.P.C.D.

Esta misteriosa editorialista que se apresenta apenas por intermédio de suas iniciais, sem que nenhuma outra referência ou menção (direta ou indireta) esclareça sua identidade, só aparece no início da revista, assinando dois enfáticos editoriais publicados sob a epígrafe "A Nossa Condição" — em I(4):49-51 e I(6):81 —, textos que ajudam a lembrar que o editorial-programa exposto no número inaugural por Prisciliana Duarte de Almeida\* também poderia ser interpretado como uma indignada conclamação à luta contra a desigualdade entre direitos masculinos e femininos.

O apoio da argumentação de M. P. C. D. na reivindicação de instrução para as mulheres — encarada ao mesmo tempo como pedra de toque e instrumento para o desenvolvimento das potencialidades femininas —, assim como o vocabulário e o estilo empregado por esta escritora, mostram-nos que M. P. C. D. e Prisciliana Duarte são, provavelmente, a mesma pessoa, como já exposto no verbete dedicado à diretora de *A Mensageira*.

Assim, passamos a trabalhar com a hipótese de que as letras M. P. C. D. corresponderiam às iniciais de um possível nome de batismo de Prisciliana (Maria Prisciliana [Vilhena] da Cunha Duarte).

Infelizmente não há como comprovar essa hipótese. De acordo com documento incluído na pasta da cadeira número 8 da Academia Paulista de Letras, ao se programarem as comemorações dos centenários de nascimento de Sílvio de Almeida\* e Prisciliana Duarte, no início de 1967, a Academia solicitou à municipalidade de Pouso Alegre cópia da documentação oficial relativa ao registro de nascimento da escritora; mas, no caso de Prisciliana, a busca desse documento (aí incluída a procura do batistério da futura escritora mineira) foi infrutífera, verificando-se que o nascimento em 3 de junho de 1867 baseava-se na tradição oral, inexistindo anotações comprobatórias, oficiais ou oficiosas.

NEVES, Aurélio — I(10):149; I(13):207.

NEVES, Aurélio

Nascido em Rio Preto, MG (na Zona da Mata, área situada no sudeste do Estado de Minas), Aurélio Neves (1870-1927) fez seus estudos iniciais na província de origem — mas veio cursar a Faculdade de Direito na capital paulista, bacharelado-se em 1895. Aqui teria participado das rodas literárias boêmias que floresceram na São Paulo da virada do século. Mas, estabelecendo-se como advogado no interior paulista, participou também da vida política regional, dirigindo jornais e elegendo-se vereador. Residiu muito tempo em Ribeirão Bonito, SP (região central do Estado), onde chegou a presidir a Câmara Municipal e a publicar versos nos periódicos locais *A Ordem* e *Correio d'Oeste*. Nessa mesma cidade, onde sofreu morte acidental em 1927, nasceu seu filho Artur Neves (1916-1971) — fruto de seu casamento com dona Dimpina Saviato Neves —, de atuação relevante em meados do século XX, como editor de livros e estudioso da literatura brasileira.

Segundo Raimundo de Menezes (RMDL), teria permanecido inédito o volume que recolheria a produção esparsa de Aurélio Neves, sob o título *Na Areia...*. O mesmo dicionarista menciona a divulgação de poemas de sua lavra pelo periódico paulistano *A Gazeta* (fundado em 1906). Antes disso, porém, publica-se sua única colaboração na revista *A Mensageira*, em I(10):149: o soneto de versos decassilábicos "Celeste...", sem dedicatória, datado de fevereiro de 1898 (isto é, do mesmo mês de sua publicação). De versificação canhesta, especialmente nos dois quartetos, esse poema pode de fato ser classificado como simbolista em função de sua sensorialidade, do vocabulário rebuscado e de uma temática ambígua, em que se mesclam elementos eróticos, profanos, místicos e religiosos.

A menção a Aurélio Neves em I(13):207 faz parte das referências à revista *A Mensageira* publicadas pela imprensa e reproduzidas na seção de registro; remete exatamente ao soneto incluído no n° 10.

Deve-se notar que Neves foi calouro da academia de direito paulistana na mesma época em que Sílvio de Almeida\* (marido de Prisciliana Duarte de Almeida\*, diretora da revista), bacharelado em 1892, concluía seu curso — sendo provável que tenha integrado o círculo de bacharéis-poetas que gravitava em torno dos Almeidas. Barreto do Amaral o incluí entre os colaboradores da *Revista Azul*, que circulou na capital paulista em 1896 (cf. AMSP). Afonso Schmidt (ASME) menciona-o entre os participantes das rodas literárias paulistanas em período pouco posterior (início do século XX).

Fontes: AMSP (monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175); ASME (cap. 94, pp. 151-153); MOLM (p. 233); RMDL (p. 479).

OLGA P. — I(12):188; I(13):206.

OLGA P.

Designada apenas por esse criptônimo (Olga P.), esta colaboradora da revista tem sua identificação impossibilitada. Ela remete à revista dois pequenos poemas (ambos datados de fevereiro de 1898),

publicados em duas edições sucessivas de *A Mensageira* — em I(12):188 e I(13):206 — correspondentes a 31 de março e 15 de abril de 1898 (fato que fala a favor do recebimento simultâneo, pela redação, de ambas as produções).

O que distingue (e individualiza) esses dois poemas com relação à poesia veiculada pelo periódico é seu caráter virtuosístico: no primeiro, temos um "Triolé" atípico, desenvolvido em oito versos decassilábicos — no qual as indicações técnicas prescritas por Olavo Bilac\* e Guimarães Passos em BPTV são contornadas com elegância; no segundo, "Immutabile Semper!", obedece-se ao desdobramento, em dez decassílabos, da glosa indicada pelo último verso, "Só tu não mudas, coração amante!".

A afinidade formal com a poesia coetânea dos neoclássicos Machado de Assis\* e Filinto de Almeida\* não é casual: em PEBM e PEPP, Péricles Eugêno aponta Machado de Assis como introdutor no Brasil do triolé francês ("triolet"), nas *Falenas* de 1870, associando esse modelo formal às produções humorísticas ou satíricas do parnasianismo; em sua primeira antologia poética, *Lirica* (FALR), lançada em 1887, Filinto de Almeida reproduz não um único, mas uma série de triolés produzidos em fins de 1881, em homenagem à prodigiosa menina-atriz italiana Gemma Cuniberti.

À primeira vista esta predileção pela experimentação formal poderia sugerir tratar-se Olga P. de um colaborador masculino, oculto sob pseudônimo feminino — mas na própria *A Mensageira*, em II(34):190 encontramos um comentário de Damasceno Vieira\* referindo-se à gaúcha Julieta de Melo Monteiro\* como cultora dos mais variados modelos poéticos, "desde a majestade dos versos alexandrinos até as risonhas e espirituosas ginásticas dos triolés."

Fontes (a respeito da forma poética "triolet"): BPTV (p. 163); FALR ("Triolés a Gemma Cuniberti", pp. 21-24); PEBM (p. 174); PEPP (p. 37).

PERCE-NEIGE — II(29):109 e 116; II(36):234.

#### PERCE-NEIGE

Em meados do ano de 1899 a redação de *A Mensageira* recebe do poeta pernambucano Belarmino Carneiro\* (um dos colaboradores da revista), veterano redator do jornal carioca *O País*, um poema extraído por ele de "um jornalzinho literário manuscrito e redigido exclusivamente por distintas senhoritas cearenses" — conforme esclarecimento publicado na seção de "notas pequenas" — "Perce-Neige", II(29):116.

Esse poema, "Noivado" — reproduzido em II(29):109 —, é assinado por Perce-Neige, que Belarmino Carneiro esclarece tratar-se de "pseudônimo sob que modestamente se esconde formoso talento feminino do Ceará".

A poetisa cearense reaparece no início de 1900 — em II(36):234 — com outra produção, intitulada "Cançoneta", poema de caráter simples e feição popular (como o primeiro), vazado em estilo desprezioso, impregnado de lugares-comuns, muitas vezes dispostos em torno de imagens de gosto duvidoso; presume-se que este segundo poema foi encaminhado a Frisciliana Duarte de Almeida\* pela própria autora.

Não há elementos que possibilitem esclarecer a identidade real dessa poetisa.

PEREIRA, Edwiges R. de Sá — I(3):45; II(26):46; II(27):72.

#### PEREIRA, Edwiges R. de Sá

A escassez de informações a respeito desta poetisa e prosadora pernambucana se torna ainda mais problemática quando verificamos a imprecisão de fontes como o *Dicionário Literário Brasileiro* (RMDL), em que Raimundo de Menezes fornece uma data de nascimento obviamente incorreta (1885) e confirma ter sido a escritora membro da Academia Pernambucana de Letras, sem apontar a data de sua admissão nessa entidade; a bibliografia atribuída à escritora também não fornece época de publicação de nenhum de seus livros.

Seguindo-se as indicações fornecidas por Laudelino Freire em LFSB e por Oliveira e Silva em OSPP, verificamos que Edwiges de Sá Pereira (1881-1969) teria nascido em Barreiros, PE — mas se radicado na capital pernambucana desde a época de sua formação escolar. Ainda assim, deve-se ressaltar a relativa importância desempenhada por sua cidade de origem, Barreiros (situada na faixa litorânea de Pernambuco, ao sul de Recife, na desembocadura dos rios Una e Carimã, a pequena distância do Atlântico), que já era, no final do século XIX, um dos mais populosos e movimentados entrepostos comerciais da região.

Filha do bacharel José Bonifácio de Sá Pereira, Edwiges tem pelo menos dois irmãos que também foram poetas: Virgílio de Sá Pereira (nascido em 1871), advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, com carreira de juiz e delegado associada a sua permanência na cidade do Rio de Janeiro, autor, entre outros escritos, de um estudo biográfico datado de 1895 que tratava das personalidades de Deodoro e Floriano — e do igualmente bacharel Eugênio de Sá Pereira (1883-1918), este último merecedor de inclusão nas mencionadas antologias de Oliveira e Silva e de Laudelino Freire.

A vinculação de Edwiges de Sá Pereira ao magistério segue a regra geral observada na época — nas capitais nordestinas, especialmente —, em que as escolas normais se transformam em núcleos de atração e de irradiação das Luzes femininas. Da mesma maneira como já ocorrera com a professora, jornalista, dramaturga e ensaísta pernambucana Francisca Isidora (1856-1919), Edwiges forma-se normalista na Escola Normal recifense (para em seguida tornar-se docente dessa instituição). É natural, portanto, que ambas reapareçam no início do século XX ao lado da piauiense Amélia de Freitas Bevilacqua (1863-1946) e da cearense (radicada na capital pernambucana desde 1887) Úrsula Garcia (1864-1905), aglutinadas em torno da revista *O Lírio*, lançada no Recife em 1902.

Em Recife, onde parece ter permanecido definitivamente, Edwiges leciona e divulga — através da imprensa local, sobremaneira — poemas, crônicas e textos ensaísticos, que teriam permanecido esparsos em sua quase totalidade. Assim, a produção publicada sob forma de livro limita-se a dois volumes: a coletânea poética *Campesinas* (registrada pelo *Almanaque Garnier*, AGRJ, em meio aos lançamentos de 1901) e as *Impressões e Notas* referidas por Raimundo de Menezes, sem designação de data de publicação.

Em 1956, no primeiro volume de sua extensa série de perfis literários (FTPR), Alzira Freitas Tacques refere-se a um "primoroso livro" de Edwiges, *Horas Inúteis*, que estaria "prestes a entrar para o prelo", sem que se possa confirmar a edição dessa nova coletânea poética. Por essa época a poetisa já tinha 75 anos de idade, sendo pouco provável que tenha conseguido encontrar editores interessados na divulgação de "velhas escritoras". Os dois sonetos reproduzidos por Freitas Tacques evidenciam, porém, uma artista de notável domínio técnico, isenta do artificialismo ou do preciosismo que caracteriza a maior parte da produção parnasiana tardia; o primeiro, "O Rio" — que teria sido publicado por volta de 1940 na revista cearense *Jangada*, mantida por uma neta do célebre Juvenal Galeno, Cândida Maria Santiago Galeno, nascida em 1918 — pertence à estética parnasiana ou neoparnasiana, enquanto o segundo, "Coração sem Rumo", já demonstra sintonia com o simbolismo ou com o neo-romantismo ainda vigente na literatura brasileira dos anos 30. Alzira Freitas Tacques esclarece que Edwiges de Sá Pereira continua residindo em Recife, figurando como sócia correspondente da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno (sediada em Fortaleza), e como titular da Academia Pernambucana de Letras. Mas esta academia, instalada em 1901, não contou com Edwiges entre seus fundadores: a poetisa aparece como sucessora de João Batista Regueira Costa (1845-1915) na cadeira n.º 7 (que tem por patrono o poeta Maciel Monteiro), chegando a ser designada — por volta de 1920, provavelmente — oradora oficial da casa. Será sucedida por uma outra mulher, Dulce Chacon.

Surpreende, portanto, que a arte de uma escritora que viveu quase 90 anos (produzindo por pelo menos meio século) tenha ficado restrita a um único livro de versos, o mencionado *Campesinas*. A amostra fornecida por Laudelino Freire em LFSB, o soneto "Mágoas", que deve ter sido extraído de *Campesinas*, mostra que, à maneira da paulista Zalina Rolim\*, a escritora adota o recurso sutil de discutir questões transcendentais mascaradas por um tratamento de inócua aparência "romântica". Os dois sonetos selecionados por Oliveira e Silva em OSPP mostram, igualmente, uma artista que se utiliza da poesia para refletir (com humor e sem a conotação elegíaca que predomina na produção feminina coetânea) a respeito da própria índole inconstante e sonhadora atribuída ao gênero feminino. No volume *Ensaístas Brasileiras* (HAEB) — que fornece para Edwiges de Sá Pereira a evidentemente absurda data de nascimento "1844" — encontramos, aliás, referências à atuação feminista e pacifista da pernambucana, atitude que, por si só, já denotaria um posicionamento crítico superior à média das mulheres escritoras do período.

Tem relativo interesse a detecção de colaborações da poetisa em almanaques portugueses como o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (LBLE) — anuário de larga distribuição por toda a comunidade lusófona internacional (costumeiramente fornecido como brinde de final de ano a assinantes de jornais da grande imprensa, como *O Estado de S. Paulo*): na edição para 1901, por exemplo, Edwiges teve publicado o poema "A Cigana", dedicado a Auta de Sousa\*, além de um logogrifo — enquanto na edição para 1904 ela aparece como dedicatária de um poema-charada de um amigo baiano e como autora dos sonetos "Ester" e "Magno Sonho". Esse amigo baiano (radicado em Recife, onde se bacharelou em 1891) é o advogado José Mário da Silva Freire (nascido em 1869, biografado e retratado nas pp. 177-178 da mesma edição de 1904), por quem não teríamos maior interesse se não se tratasse do marido de uma das primeiras advogadas formadas pela Faculdade de Direito do Recife, Maria Augusta Meira de Vasconcelos\*, com quem se casara em 1892 (esta doutora, aliás, também gosta de compor charadas e é colaboradora do mesmo almanaque).

O nome de Edwiges de Sá Pereira aparece pela primeira vez em *A Mensageira* — em I(3):45 — associado ao de três outras literatas (Francisca Clotilde\*, Júlia de Azevedo\* e Zenóbia do Carmo\*) na "nota pequena" em que Prisciliana Duarte de Almeida\*, reportando-se a um comentário publicado na *Revista do Brasil*, penitencia-se por não ter incluído aqueles nomes no arrolamento das intelectuais brasileiras procedido no primeiro número da revista.

Seguem-se, já em 1899, no segundo ano de circulação do periódico, novas menções a Edwiges — em II(26):46 e em II(27):72. A primeira delas chama a atenção para o poema que está sendo estampado nesse mesmo número da revista, com a observação de que a poetisa pernambucana chega à revista paulistana por intermédio do poeta-jornalista (também ele de Pernambuco) Belarmino Carneiro\* — outro destacado colaborador de *A Mensageira*; esclarece-se que Edwiges, "quase uma criança ainda", é irmã do bacharel Virgílio de Sá Pereira, poeta e jornalista radicado na Capital Federal. A menção do n.º 27, reproduzida do jornal *Cidade de Campinas*, não traz juízo de valor, apenas se referindo ao poema publicado no número anterior em meio à enumeração do conteúdo da revista.

O sentimental poema "Desolado", que aparece naquela mesma página II(26):46, composto de sete tercetos e finalizado por um quarteto, é portanto a única colaboração de Edwiges de Sá Pereira em *A Mensageira*.

É de fato produto de uma poetisa inexperiente, em maturação — no qual ainda não se adivinha a perícia da artista amadurecida.

Fontes: CTBL ("Uma Academia de Pernambuco e do Nordeste", por Vamireh Chacon, pp. 85-89 do nº 30, ano VIII, julho-dezembro de 1978); EDIJ (verbetes relativos a Virgílio de Sá Pereira e à cidade de Barreiros, respectivamente vol. XV, p. 8.700 e vol. II, p. 1.234); FIPR (vol. I, pp. 531-532); HAEB (p. 97); LBSL (edição para o ano de 1901: pp. 179 e 198, edição para o ano de 1904: pp. 195, 227 e 368); LFSB (fl. 413 para Edwiges, fl. 428 para o irmão, Eugênio de Sá Pereira); OSPP (reprodução dos sonetos de Edwiges "Num Leque" e "A uma Estrela": pp. 70 e 71, reprodução do soneto de Eugênio "Trem Noturno": p. 84); RMDL (verbetes relativos a Edwiges de Sá Pereira e à Academia Pernambucana de Letras, respectivamente pp. 525-526 e p. 733).

Iconografia: fotografia incluída em AGRJ (almanaque para o ano de 1908, p. 326); retrato de Edwiges (desenho a bico-de-pena) feito com base na foto publicada em AGRJ, ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 413); lembrar que Laudelino também inclui aquele irmão mais novo de Edwiges, Eugênio de Sá Pereira, em sua monumental coleção de sonetos (LFSB, fl. 428).

PERES JÚNIOR, Antônio — II(29):113.

PERES JÚNIOR, Antônio

A biografia do jornalista carioca Antônio Peres Júnior (1867-1943) é sucintamente abordada por Laudelino Freire (LFSB) e Ribeiro Filho (RFEC). Laudelino só fornece a data de nascimento e a informação de que Peres Júnior é "jornalista em sua terra natal" (cidade do Rio de Janeiro), reproduzindo-lhe o soneto de decassílabos "Poema Íntimo", típico de um parnasianismo híbrido, mesclado de arroubos românticos e idéias amorosas. Ribeiro Filho acrescenta a data de falecimento do jornalista-poeta, atribuindo-lhe a autoria do volume *Credos* (1889) e de uma coletânea de inéditos, *Líricas e Humorísticas*. A antologia de Frederico Trotta (FIPC) inclui, sob o pseudônimo "Teles de Meireles", adotado por Peres Júnior, o exaltado soneto amoroso "Idolatria".

A única colaboração de Peres Júnior em *A Mensageira* surge em junho de 1899 — na p. II(29):113, correspondendo ao soneto não datado "Vida" (comparável ao "Poema Íntimo" reproduzido por Laudelino Freire e ao "Idolatria" incluído na antologia de Frederico Trotta), dedicado à poetisa Georgina Teixeira\*, colaboradora assídua da revista.

Fontes: FIPC (p. 207); LFSB (fl. 217); RFEC (p. 194).

Iconografia: retrato em bico-de-pena ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 217).

PIRES, Áurea — I(1):2 e 13; I(2):32; I(3):42; I(4):61; I(5):67; I(6):95; I(7):105; I(8):115; I(9):135; I(10):150, 156 e 157; I(11):169-170; I(12):182; I(13):193, 201-202 e 208; I(14):220; I(15):238-239; I(16):246-247, 254 e 256; I(17):269; I(20):309; I(21):322, 324 e 336; I(22):343 e 345; II(25):4-6; II(26):25 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da poetisa), 26-30 e 37; II(27):60, 70, 71 e 72; II(28):96; II(29):105-106 e 116; II(30):132; II(31):139; II(33):180; II(35):213; II(36):230.

PIRES, Áurea

As poucas fontes disponíveis a respeito da poetisa fluminense Áurea Pires da Gama (1876-1949) limitam-se, em geral, a repetir as informações que já constavam da monumental coletânea de sonetos de Laudelino Freire (LFSB) reeditada em 1916: "Nascida em Angra dos Reis, Rio de Janeiro, a 2 de fevereiro de 1876. Professora na cidade do Rio de Janeiro. Escritora e poetisa desde tenra idade. Casou em novembro de 1912 com o Dr. A. C. Chichorro da Gama. Bibliog. — *Flocos de Neve*, 1898; *Indiana*, poemeto, 1902; *Pétalas*, 1908."

Rubens Falcão, em RFPF, atualiza essas informações acrescentando um quarto volume àquela bibliografia, *Entre o Mar e a Floresta*, "último saído de sua pena", editado já na década de 1920. *Entre o Mar e a Floresta* corresponderia, assim, à terceira e última coletânea poética de Áurea Pires, precedida apenas por *Flocos de Neve* e *Pétalas*. Falcão divulga ainda data e local de falecimento da poetisa: Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1949. Verbetes lacônicos e formais como aqueles fornecidos pela EDIJ nada acrescentam; RMDL está nessa mesma categoria, mas menciona os nomes do pai e da mãe de Áurea (Trajano Augusto Pires\* e Dionísia Maria de Fonseca); DMMN refere-se a determinado período de residência em Barbacena e à sua colaboração no jornal *O Leste de Minas* (que circulou nessa cidade a partir de 1891). Martins de Oliveira abre exceção em sua *História da Literatura Mineira* (MOLM) para incluí-la entre os literatos de Minas, trazendo dados que são importantes para que entendamos a procedência das colaborações remetidas a *Mensageira*, entre 1897 e 1900: "Outra figura distinta, que alcançou muita admiração e estima no Estado, foi Áurea Pires. Fluminense, veio para Minas, residindo muito tempo na antiga Palmira, hoje Santos Dumont (Zona da Mata), e muitos anos em São João del-Rei. Foi, afinal, para o Rio de Janeiro, não mais regressando a Minas."

Na antologia cruzeirense ADPC esclarece-se, adicionalmente, que a poetisa exerceu o magistério na cidade de Cruzeiro, SP, entre 1900 e 1910 — ali estabelecendo (com o auxílio de uma irmã, Maria Noêmia Pires) uma escola própria, o Colégio Cruzeiro; transferida para a Capital Federal em 1910, "a conselho médico", lá teria dado aulas na Escola Normal e no Colégio Sul-Americano, "onde teve sob sua responsabilidade as cátedras de Inglês e Francês". No Rio, residia na ilha de Paqueta.

Sacramento Blake não poderia ter incluído a moça no primeiro volume de seu dicionário biográfico (lançado em 1883), pois por essa época a futura poetisa ainda era criança. Mas reservará algumas linhas no sétimo volume da série para o pai da escritora, o poeta baiano Trajano Augusto Pires, sem correlacionar esse nome com o da poetisa mineiro-fluminense (tendo remetido um poema incluído no nº 35 de *A Mensageira*, Trajano Pires também tem seu verbete neste Anexo V, a seguir).

Se existe uma poetisa que poderia ser cognominada a "queridinha" das redatoras de *A Mensageira*, essa poetisa corresponderia certamente a Áurea Pires — que passa por ser, aos 21 anos de idade completados no início de 1897, a mais jovem das colaboradoras da revista (não é: Auta de Sousa\*, também nascida em 1876, é sete meses mais nova, enquanto Georgina Teixeira\* só teria 20 anos e Edwiges de Sá Pereira\*, nascida em 1881, tem apenas 16 anos, por essa época). De qualquer modo, Áurea é ali ostensivamente considerada a grande promessa da poesia feminina para o século XX, algo que infelizmente não se confirmou. Podemos fazer essa afirmação com base na carreira da moça, observada a partir da virada dos séculos XIX-XX: se *Flocos de Neve* (seu livro de estréia, lançado em 1898) já é resenhado na revista e o "poemeto" *Indiana* já está praticamente composto (dele aparecendo vários fragmentos em *A Mensageira*), a produção novecentista de Áurea Pires limita-se àquela sua segunda coletânea poética, *Pétalas* (de 1908, como vimos) e à terceira e última, *Entre o Mar e a Floresta*, editada em 1922 — ambas lançadas sem maior repercussão.

Observando o avançado grau de aperfeiçoamento formal atingido pela poetisa nos quatro poemas reproduzidos por Rubens Falcão em sua antologia, verificamos que, mesmo se atendo a uma temática subjetiva, de inspiração essencialmente romântica, centrada em sua própria pessoa, Áurea Pires caminha para uma parnasianização de indiscutível qualidade — mas evolui, curiosamente, da dramaticidade superficial e histriônica de seus versos de adolescente para uma postura excepcionalmente amarga, que denota uma desilusão profunda, surpreendente para o leitor que só a conhecia com base nos coloridos poemas de sua juventude. Assim, a evolução biográfica desta escritora evolui em anticlímax, como a de tantas outras mulheres de letras de sua geração aqui estudadas: a meteórica fase de aclamação de sua produção juvenil dá lugar ao desencanto, à marginalização em termos de visibilidade e acesso à mídia, à restrição a um universo fechado e burocrático, restrito aos afazeres decorrentes das atividades do magistério, em contraste flagrante com a evolução de seus colegas colaboradores do sexo masculino — que têm, regra geral, sua produção literária progressivamente expandida e aperfeiçoada, ascendendo frequentemente a posições de relevo, atingindo a maturidade e a velhice cercados de reconhecimento e de glórias.

São de interesse para os pesquisadores que se dispuserem a investigar de maneira mais aprofundada vida e obra de Áurea Pires as poucas mas significativas informações disponíveis a respeito de Antônio Carlos Chichorro da Gama (1862-1929), a simpática figura de poeta e teatrólogo — diretor do Arquivo Nacional, no início do século XX — com quem a poetisa se casa em 1912 (ela com 36 anos de idade, ele com 50). No conciso verbete fornecido por Galante de Sousa (em GSTB), verificamos que esse escritor divulgou previamente, item por item, cada um dos textos que foram reunidos em 1909 na coletânea *Escorços Literários*: poemas patrióticos juvenis, de circunstância; um "episódio histórico-dramático" da história seiscentista de Pernambuco, *Dona Maria de Sousa*; o "drama em dois atos, divididos em quatro quadros, baseado na conjuração mineira de 1789" *Libertas quae sera tamen*; a comédia em um ato *Nuvem Desfeita*; e a compilação *Através do Teatro Brasileiro*, "resenha de autores já falecidos e das peças que escreveram". Ainda de sua produção, Eunice Ribeiro Gondim (em EGPB) inclui, em sua relação de obras consultadas, um *Breve Dicionário de Autores Clássicos da Literatura Brasileira*, compêndio editado no Rio de Janeiro, em 1921, enquanto Galante de Sousa acrescenta um outro volume, *Os Fundadores do Teatro Brasileiro* (São Paulo, 1924), provável recompilação daquele mesmo *Através do Teatro Brasileiro*.

Consultando esses *Escorços Literários* (Rio, H. Garnier, 1909), CGEL, verificamos que os escritos de Chichorro da Gama pertencem ao mesmo universo de exaltadas representações míticas do nacionalismo brasileiro realimentado pelo advento da República civilista em que se movimentam as redatoras de *A Mensageira* nos últimos anos do século XIX; universo no qual tentou-se incluir a própria Áurea Pires, ao considerarem-na como legítima representante da poesia nacional finissecular. Nesse volume, o futuro marido de Áurea Pires, originário de antigo clã baiano, revela-se ex-acadêmico da Faculdade de Direito do Recife e cultor das tradições literárias familiares, inauguradas pelo avô Francisco Moniz Barreto (1804-1868), "o Bocage brasileiro", célebre repentista, centro de atração de uma plêiade de poetas da Bahia reunida na Salvador de meados do século XIX.

Em *A Mensageira* observamos que, refletindo a assiduidade das colaborações de Áurea Pires na revista, são numerosas as menções a seu nome, seja em textos transcritos da grande imprensa, seja em matérias da própria confraria reunida em torno do periódico paulistano; elas aparecem em I(1):2, I(2):32, I(4):61, I(6):95, I(7):105, I(10):156 e 157, I(12):182, I(13):208, I(16):254 e 256, I(21):322 e 336, II(27):70, 71 e 72, II(28):96, II(29):116 e II(30):132.

Por duas vezes seu nome aparecerá como dedicatória de produções de outras colaboradoras de *A Mensageira*, aí se incluindo um conto de Maria Clara da Cunha Santos\* em I(13):193 e um artigo de Inês Sabino\*, sua futura prefaciadora no volume *Flocos de Neve* — em I(20):309. Acrescente-se a essas duas situações aquela correspondente ao lançamento da coletânea *Preludiando*, em que Andradina de Oliveira\* inclui um conto dedicado a Áurea Pires — cf. I(22):343.

No caminho inverso, constatamos que boa parte da produção de Áurea é publicada sem nenhuma dedicatória. Quando elas existem, destinam-se a pessoas da família (uma irmã, Olivia Pires\* e um irmão, Guilherme Pires\*,



respectivamente em I:246 e I:345), a duas amigas (Selika Dardeau\*, em I:324 e Alice Guadalupe\*, em II:230), à memória de Luís Guimarães Júnior\* (I:269) ou aos confrades colaboradores de *A Mensageira*: Inês Sabino (I:42), Maria Clara (I:67, soneto em comemoração do 30º aniversário natalício dessa prima de Prisciliana Duarte de Almeida\*, prova da amizade entre ambas), Artur Andrade\* (I:220, poema dedicado ao futuro autor da resenha relativa a *Flocos de Neve*) e o padre Correia de Almeida\* (I:105), que, passando a maior parte de sua vida em Barbacena, deve ter convivido com a família Pires enquanto esta residiu não só em Barbacena como nas cidades vizinhas de Palmira e São João del-Rei.

Mantendo a média aproximada de um poema por mês, Áurea Pires fornece à revista *A Mensageira* o considerável total de 22 produções que cobrem todo o período de circulação do periódico, do 1º ao 36º número. É superada em valores absolutos por Prisciliana Duarte de Almeida, a poetisa mais assídua da revista — mas a escritora mais jovem torna-se inbatível em volume de textos publicados, dado o aparecimento frequente de poemas de grande extensão (nos quais, aliás, a força dramática da escritora se dilui consideravelmente, demonstrando as vantagens de sua restrição a formas mais concisas como o soneto de decassílabos).

Produzidos entre 1891 e 1899, segundo datação fornecida pela própria autora, boa parte desses poemas será incluída em *Flocos de Neve* (livro lançado, como vimos, em 1898), com predomínio do soneto como forma: daquele montante de 22 poemas, 15 são sonetos.

Na produção referente a 1897 e 1898 aparecem 9 desses sonetos: "Contraste", "Dezoito de Novembro", "Em Ouro Preto", "A Luz da Lua", "Vem!...", "Hiemal", "A Luís Guimarães", "Adeus!" e "Quando Partiste" — estampados respectivamente em I(1):13, I(5):67, I(8):115, I(9):135, I(10):150, I(14):220, I(17):269, I(21):324 e I(22):345.

Em 1899, ano II da revista, praticamente toda sua produção é constituída por sonetos, que surgem em número de 6: "Impossível", "Riso Pungente", "Martírio Incrível", "Sonho?", "Primeira Esperança" e "Rosa de Neve" — que aparecem respectivamente em II(26):37, II(27):60, II(31):139, II(33):180, II(35):213 e II(36):230. Aqui, defrontam-se exemplos de uma arte poética de elevado nível formal ("Impossível" é elaborado em versos sáficos de notável musicalidade e indiscutível capacidade descritiva) com sonetos mal acabados, de temática oca, que se diluem em circunlóquios (como "Primeira Esperança", do n° 35).

Os 7 poemas restantes dispensam maior atenção do pesquisador preocupado em detectar obras-primas. Quatro deles correspondem, por sinal, a "fragmentos de um poema", o referido *Indiana* — que teria recebido publicação integral em volume editado no ano de 1902.

Não é difícil ter-se uma idéia aproximada do que seria esse "poemeto" dramático *Indiana*, tomando por base os fragmentos antecipados por *A Mensageira* entre 1898 e 1899, nos números 11, 13, 15 e 25.

Na verdade, eles aparecem fora de ordem, pois a história (cuja trama seria delineada em torno de um convencional triângulo amoroso campestre, à maneira do argumento do balé de Adam *Giselle*, 1841 ou da ópera de Puccini *Le Villi*, 1884) se configura a partir do alinhamento do fragmento publicado em II(25):4-6, com aqueles apresentados em I(11):169-170, I(13):201-202 e I(15):238-239.

Em II:4-6, "De Manhã", o sol desponta sobre uma opulenta paisagem mineira, despertando Indiana, a meiga camponesa a quem o apaixonado Juvenal dedica sentidas trovas; em I:169-170, "Meio-Dia", surge uma ameaçadora personagem feminina cuja beleza contrasta com o estranho brilho de vingança que ela tem no olhar; em I:201-202, "De Tarde", temos estrofes irregulares de versos alexandrinos preparando a entrada de uma égloga (desenvolvida em 12 quadras de redondilha menor), correspondente ao arcádico diálogo de Juvenal e Indiana, que trocam ingênuas juras de amor. Provavelmente já próximo do desfecho da história, o último fragmento, "Pesadelo" (I:238-239), testemunha a aparição de um fantasmagórico amante arrependido a implorar perdão à amada por ele atraída.

As 3 produções restantes correspondem a "De Longe" — I(3):42 —, "Na Praia" — I(16):246-247 — e "Domingo de Ramos" — II(29):105-106. As duas primeiras, desenvolvidas em pesados alexandrinos, demonstram ao mesmo tempo a facilidade com que Áurea Pires versifica e sua tendência à verbosidade despropositada, em que se torna ainda mais nítida a desproporção entre a retórica apocalíptica da poetisa e sua problemática mínima.

Essa tendência ao barroco e ao hiperbólico vem associar-se à artificialidade e à tendência europeizante (manifestada numa Minas fantásticamente povoada por silfos, corvos, arminhos e mulheres fatais de loiras tranças) que culmina com a denominação de *Flocos de Neve* dada a seu livro de estréia.

Sintomaticamente, a acolhida mais elogiosa vem da Europa — onde o crítico português Alberto Pimentel\*, maravilhado, considera a inspiração de Áurea Pires produto do "silêncio contemplativo do sertão, onde a natureza estabelece com a alma do poeta diálogos infinitos e profundos" — declarando interessar-se cada vez mais pela literatura do Brasil, "onde a alma dos poetas parece não cansar-se jamais de cantar como a espuma sonora das cachoeiras, e de brilhar como os lumes vivos do Cruzeiro do Sul" (cf. APFH).

O paulista (de Itapira) Artur Andrade, que se ocupa, na resenha estampada em II(26):26-30, de analisar o lançamento da mesma coletânea *Flocos de Neve* exaltada por Alberto Pimentel, mesmo reconhecendo a "belíssima promessa" representada por Áurea Pires, não deixa de apontar "imperdoáveis desleixos de forma"; ainda assim, conclui que "a juvenil cantora (...) soube vazar a grandeza de seu berço natal na vigorosa estética de seu verso" — equívoco que Guilhermino César não comete com relação a Julieta de Melo Monteiro\* (cf. o verbete referente a esta outra colaboradora de *A Mensageira*); reduzindo a capacidade descritiva desta poetisa gaúcha ao plano de suas tendências panteístas, ele não admite que essa capacidade lhe confira uma percepção mais acurada das sutilezas da paisagem sulina.



Fontes: ADPC (pp. 58-59: nota biobibliográfica seguida da reprodução do soneto "De Tarde"); AGRJ (almanaque para o ano de 1906, pp. 244-245: reprodução do poema "A Desoras", dedicado a Prisciliana Duarte de Almeida); APFH (cap. XII, "Poetisas Brasileiras da Atualidade", 1ª parte, datada originalmente de 1899, "Áurea Pires", pp. 95-99); CBMO (pp. 189, 203 e 211); CGEL (coletânea de escritos do marido de Áurea Pires); DMMN (p. 1.071); EDU (vol. XV, p. 8.968); EGPE (p. 134); GSTB (vol. II, p. 253: verbete biobibliográfico referente ao marido da escritora, Antônio Carlos Chichorro da Gama); LBS (edição para o ano de 1901, p. 190: reprodução do soneto "À Luz da Lua", extraída de *Flocos de Neve*); LFSB (fl. 345: notícia biobibliográfica seguida do soneto "Liberta"); MOLM (p. 233); RPPF (pp. 151-153: notícia biobibliográfica seguida da reprodução de quatro sonetos: "No Ermo", "Ao Mundo", "Iniquidade" e "Liberta", extraídos provavelmente da coletânea *Pétalas*, de 1908); RMDL (pp. 297 e 358).

Iconografia: além da bonita gravura assinada por Pastor\* estampada na capa do n° 26 de *A Mensageira* (que mostra Áurea Pires com aproximadamente 20 anos de idade e que também serviu de capa, em negativo, para os dois volumes da reedição fac-similar da revista), dispõe-se de um retrato (desenho a bico-de-pena) da poetisa madura, ilustrando o texto de Laudelino Freire em LFSB (fl. 345).

PIRES, Trajano — II(35):212.

PIRES, Trajano

Apesar do interesse despertado pela pessoa desse senhor que foi pai da poetisa Áurea Pires\* (uma das mais assíduas colaboradoras da revista *A Mensageira*), os dados que dispomos a seu respeito são mínimos: Trajano Augusto Pires, presumivelmente nascido em meados do século XIX e falecido em data ignorada, pertenceu à geração de Castro Alves\* (1847-1871) — mas não deixou marcas mais evidentes na história da nossa literatura.

Sacramento Blake (SBDB) informa apenas que Trajano, natural da Bahia, "cultivou a poesia" e "faltam-se indicações relativas à sua pessoa" — tendo publicado em 1866, no Rio de Janeiro, um volume de "poesias sentimentais e satíricas" intitulado *Prantos e Risos*.

Pedro Calmon (PCLB), autoridade em literatura baiana, limita-se a citar seu nome em meio a um extenso arrolamento de "poetas menores", sic, da geração tardo-romântica da Bahia. Raimundo de Menezes (RMDL), no verbete dedicado a Áurea Pires, não só confirma o fato de Trajano ser seu pai, como também menciona o nome de sua esposa (mãe dela), Dionísia Maria da Fonseca Pires.

A única colaboração de Trajano em *A Mensageira* — que aparece em II(35):212 — corresponde ao soneto neoclássico "Almeida Júnior", dedicado "À memória do distinto artista" (Almeida Júnior\* havia sido assassinado em Piracicaba, SP, em 13 de novembro de 1899). Este poema, pouco inspirado e de versificação pobre e defeituosa (especialmente em seus dois tercetos), é datado de "São João del-Rei, 24 de novembro de 1899".

Note-se que Áurea Pires (nascida em Angra dos Reis, RJ, em 1876 e ainda solteira, por essa época) também residia na cidade mineira de São João del-Rei, a essa altura; mas não há nenhuma indicação, na revista, relativa ao parentesco entre ambos, pai e filha.

Fontes: PCLB (p. 186); RMDL (p. 538); SBDB (vol. VII, p. 318).

PISTARINI, Luís — II(28):76, 95 e 96; II(30):132; II(36):241.

PISTARINI, Luís

Nascido em Resende, cidade localizada na parte fluminense do Vale do Paraíba, Luís Pistarini (1877-1918) era filho de Luigi Pistarini (professor de canto e piano, de origem italiana) e Deolinda da Cruz Pistarini. Segundo filho de uma prole de quatro, perde sucessivamente o irmão mais velho, o pai e a mãe. Aos onze anos de idade ele e as duas irmãs são órfãos ("três desgraçados pássaros sem ninho", nas palavras do próprio Luís), circunstância que o impedirá de prosseguir os estudos.

Interessando-se pelas pesquisas em torno da vida e da obra de Pistarini por ocasião das festividades promovidas em Resende no centenário de seu nascimento, o musicólogo Ary Vasconcelos pronunciou uma conferência da qual resultou o ensaio biobibliográfico (AVLP) editado posteriormente em folheto, pelo próprio autor, no Rio de Janeiro; esse folheto representa a mais consistente fonte de informação disponível sobre o poeta fluminense.

Segundo Vasconcelos, "a luta pela vida" do adolescente órfão desloca-o do Rio para São Paulo, e desta cidade de volta ao Rio — sem impedir que vá acrescentando novos poemas à sua já volumosa produção poética, iniciada aos 14 anos de idade. Os acontecimentos se precipitam a partir de 1895: fica noivo de Carlota Espindola, casa-se, têm uma filha (Lais, que sobreviveu ao pai), fica viúvo. Seu primeiro livro, *De Luto* (Rio, 1898), contendo versos consagrados à memória da esposa, acaba sendo divulgado, portanto, antes de *Bandolim* (Resende, 1899), que reunia os poemas produzidos entre 1891 e 1895.

Berço do poeta Ezequiel Freire (1850-1891), residência temporária de literatos como Luís Murat\* e Narcisca Amália\*, a cidade de Resende já ostentava, no final do século XIX, uma imprensa florescente — aí se incluindo os periódicos fundados em 1899 por Pistarini, *O Beijo* e *O Domingo*. Simultaneamente, o poeta se dedicava à redação da *Folha de Aparecida*, jornal da vizinha cidade paulista de Aparecida do Norte. Em 1901, toma a iniciativa de preparar a população da cidade natal para uma comemoração condigna de seu primeiro centenário de emancipação —

memoráveis festividades que culminam no dia 29 de setembro com a realização de uma sessão solene presidida por um outro colaborador de *A Mensageira*, o poeta pernambucano José Isidoro Martins Júnior\*, então Secretário do Interior e Justiça do Estado fluminense.

Mas acaba abandonando Resende logo em seguida, para instalar-se novamente no Rio de Janeiro até 1912, onde vive (precariamente) dos poucos recursos proporcionados pela colaboração em diversos jornais e revistas cariocas. Durante algum tempo, atua como redator de *O Malho* (revista fundada em 1902, circulando até 1954).

É retratado, por essa época, como figura espiritual, de uma elegância extravagante, declamador apaixonado dos próprios versos. Torna-se figura "folclórica" nas rodas boêmias dos cafés e das confeitarias do Rio, estimada pelos amigos — mas, acima de tudo, poeta da moda, popular mesmo entre os leitores menos instruídos, pela musicalidade, pela doçura e pelo intimismo de seus versos (essencialmente românticos), como também pela simplicidade despojada do vocabulário que adota (e que o coloca na mesma linhagem de seus predecessores Casimiro de Abreu\* e Luís Guimarães Júnior\*).

Em 1912, ainda jovem, mas já afetado pela tuberculose que o levará ao túmulo seis anos depois, volta para Resende, onde assume a chefia de redação da folha *A Lira*. Por volta de 1915, cria uma publicação própria, *A Crisálida*.

A coletânea poética *Sombrinhas e Postais*, editada no Rio em 1907, fica sendo seu terceiro e último livro publicado em vida: *Agonias e Ressurreições*, que vinha sendo preparado desde o início do século, sofre acréscimos até a morte do poeta, em 1918 — saindo posteriormente, em 1924, pela Tipografia do Jornal do Comércio (Rio de Janeiro), com prefácio de Luís Murat, por iniciativa da filha e dos amigos remanescentes. Entre as diversas dedicatórias dos poemas incluídos nesse volume, salientam-se aquelas dirigidas a Félix Pacheco, Emílio de Meneses e Júlia Lopes de Almeida\*.

Seu nome foi lembrado para figurar como patrono da cadeira nº 27 da Academia Fluminense de Letras (fundada em 1917 e instalada em Niterói em 1919). Segundo Raimundo de Menezes (RMDL), Pistarini chegou a publicar alguns escritos sob o pseudônimo "Lívio Peralta".

Luis Pistarini frequenta os fascículos do ano II de *A Mensageira* (ao longo de 1899, portanto), a partir da publicação de um único poema, o soneto *Uma Relíquia*, dedicado a Coelho Neto\*, sem data, parte integrante da coletânea *De Luto*, divulgada no Rio de Janeiro no ano anterior. A reprodução desse poema, em II(28):76, vem acompanhada de notícias relativas a seu semanário resendense *O Domingo*, em II(28):95 e 96; aqui, a redação de *A Mensageira* chega a transcrever literalmente os elogios feitos por Pistarini ao conteúdo do nº 26 da revista de Prisciliana Duarte de Almeida\*. Em II(30):132 registra-se a repercussão favorável daquele soneto de Pistarini no *Correio Paulistano* e finalmente, no último número da revista — em II(36):241 —, *A Mensageira* noticia o recebimento de um exemplar do recém-lançado *Bandolim*.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1909: "Luis Pistarini", p. 134); AMSB (vol. I, p. 88); AVL P (folheto de 24 pp., inteiramente dedicado a Luis Pistarini); FTAS (p. 113); LEMT (vol. II: pp. 594-596, vol. III: pp. 1.047-1.050); LFSB (fl. 360); LPAR (*Agonias e Ressurreições*, obra póstuma do poeta); PLSP (nº 17, março de 1942, pp. 169-173: "Viuvez de um Poeta", por Álvaro Guerra, com a reprodução de seis poemas de Luis Pistarini); RFPF (pp. 156-158); RMDL (p. 539); SBDB (vol. V, pp. 454 e 495); WMIB (vol. V: pp. 8 e 56, vol. VI: p. 376).

Iconografia: retrato (gravura de Cattaneo) na capa do folheto de Ary Vasconcelos (AVLP); caricaturas na obra de Luis Edmundo (LEMT, vol. II: p. 595, vol. III: p. 1.038); retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 360); fotografia dos primeiros anos do século XX incluída no AGRJ para 1909 (p. 304); fotografia da década de 1910 incluída em LPAR.

PORTO, Samuel — I(4):58; I(6):90.

PORTO, Samuel

Na falta de informações objetivas a respeito da biobibliografia deste poeta, temos que nos basear exclusivamente no material publicado pela própria revista *A Mensageira*.

Samuel Porto ( ? - ? ) publica, em I(4):58, o poema "O Ramo da Esperança", composto por nove quadras de versos decassilábicos, sem dedicatória e sem data, de temática bastante próxima daquela de seus contemporâneos simbolistas; ainda no mesmo ano de 1897 surgirá, em I(6):90, também sem dedicatória e sem data, o poema em prosa (por ele intitulado "balada") "Walkirias" — que aborda, igualmente, um tema vago e enigmático. As interrogações finais do poeta, neste último texto, fazem de certa forma, uma caricatura involuntária do sincretismo romântico-parnasiano-simbolista nacional.

Em seu levantamento do panorama simbolista brasileiro, Andrade Muricy (AMSB) menciona Samuel Porto como dedicatário de um soneto de versos alexandrinos ("Noite, Abrigo dos Maus") de autoria do poeta cearense Antônio da Cunha Mendes\*; Mendes veio cursar a Faculdade de Direito de São Paulo no final do século, aí publicando sua primeira coletânea poética, *Poemas da Carne* (1896), na qual incluiu o poema dedicado a Samuel Porto.

"O Ramo da Esperança" traz a indicação de tratar-se de uma "inspiração do conto de Raul Pompéia\*"; conferindo essa informação, constatamos que Pompéia publicou no *Jornal do Comércio* paulistano, em 1883, o conto (ou, mais propriamente, poema em prosa) "O Ramo da Esperança", reproduzido posteriormente (em 1888) em periódicos de Curitiba e Juiz de Fora. O poema homônimo de Samuel Porto corresponde, portanto, a uma paráfrase em verso — de gosto discutível — do belo poema em prosa original de Raul Pompéia.

Fontes: AMSB (vol. II, p. 164); RPSM (poema em prosa "O Ramo da Esperança", de Raul Pompéia, de "Outras Canções Sem Metro", anexadas por Afrânio Coutinho à edição definitiva de *Canções Sem Metro*, p. 107).

POTONIÉ-PIERRE, Eugénie — I(7):99 e 112; II(35):206-208.

POTONIÉ-PIERRE, Eugénie

Mencionada pela primeira vez em *A Mensageira* no início de 1898 — em I(7):99 — entre as principais feministas da Paris da virada do século, Eugénie Potonié-Pierre (1844- ? ) aparece no artigo "O Feminismo", de autoria do jornalista socialista português Xavier de Carvalho\* (1862-1919), ao lado de figuras ilustres como as de Marya Chéliga\*, Maria Martin\* e da Princesa de Wiszniewska\* (uma das mais importantes articuladoras do movimento desarmamentista europeu do pós-Guerra Franco-Prussiana) — ou da hoje esquecida Marie Bonneville\*.

Numa das "notas pequenas" do mesmo número — em I(7):112 — Prisciliana Duarte de Almeida\* comenta animadamente a possibilidade de contar com a colaboração da Potonié-Pierre, assim como de Mademoiselle Sainte-Croix\*, das mencionadas Maria Martin e Marya Chéliga e da conhecida jornalista Marguerite Durand\*, fundadora de *La Fronde*, o primeiro jornal feminista diário de que se tem notícia.

Aparentemente não houve tempo hábil, até o início de 1900 (época do encerramento do periódico paulistano), para que a prometida colaboração se concretizasse de maneira mais ampla — pois a única matéria desse grupo de escritoras efetivamente publicada em *A Mensageira* é o artigo "A Solidariedade Feminina", de Eugénie Potonié-Pierre, em tradução providenciada pela veterana feminista brasileira Josefina Álvares de Azevedo\*, por essa época radicada na cidade do Rio de Janeiro.

Incluído no penúltimo número da revista — em II(35):206-208 —, edição referente a dezembro de 1899, "A Solidariedade Feminina" consiste numa série de considerações teórico-práticas expostas em linguagem simples e didática, em que, partindo-se do pressuposto inquestionável da existência de equilíbrio entre os potenciais masculinos e os potenciais femininos, sugerem-se normas de conduta para que se atinja o objetivo máximo: aquele de alcançar solidariedade plena, não apenas das mulheres entre si, mas entre ambos os gêneros que compõem a humanidade.

Não há notícias a respeito dessa ativista do Oitocentos nas obras de referência usuais. O professor italiano Gottardo Garollo menciona, em seu dicionário biográfico (GGDB), um certo Edmond Potonié (1829-1902), jornalista pacifista parisiense que corresponderia ao marido da escritora.

Algumas referências esparsas pela *Histoire des Féminismes Français* de Jean Rabaut (JRFF) situam-na naquele mesmo grupo de ativistas européias que têm na Paris finissecular seu centro de convergência: no outono de 1889, Potonié-Pierre participa, com Marie-Rose Astié de Valsayre\*, da criação de uma Liga Socialista de Mulheres (Ligue Socialiste des Femmes), que dá lugar, em 1891, à Solidarité des Femmes (constituída com o apoio da diretora do *Journal des Femmes*, a mencionada Maria Martin, escritora britânica estabelecida em Paris). Nesse mesmo ano de 1891, a Martin e a Potonié-Pierre fundam um organismo aglutinador de tendência socialista, a Fédération Française des Sociétés Féministes (ocasião em que teria sido empregado pela primeira vez o adjetivo "feminista", apesar da existência desde 1837 do substantivo "feminismo"). Sua correligionária polonesa Marya Chéliga\* participa, paralelamente, da redação de periódicos feministas editados por essa época em Paris.

Fontes: GGDB (vol. II, p. 1.581); JRFF (pp. 195, 212 e 215).

QUEIRÓS, Amadeu de — I(18):283-284.

QUEIRÓS, Amadeu de

Nascido no Vale do Sapucaí, na mesma região do sul de Minas de onde procediam Prisciliana Duarte de Almeida\* e Sílvio de Almeida\* — todos eles naturais da cidade de Pouso Alegre —, Amadeu de Queirós (1873-1955) era filho de Joaquim Augusto Moreira de Queirós e Prisciliana Leopoldina de Queirós. Não se exclui a possibilidade de existir parentesco, real ou nominal, entre Amadeu e os dois cônjuges Almeidas.

Autodidata, o escritor mineiro (que iria se distinguir como ficcionista e historiador regional) fez apenas precários estudos elementares na cidade natal, passando ainda muito jovem a se dedicar a atividades agrícolas e à profissão de prático de farmácia (na qual acumulou notável experiência no contato com a gente simples da zona rural, algo que transparece na profunda empatia de que estão especialmente impregnados os seus contos, que antecipam a temática do médico Guimarães Rosa, 1908-1967). Seu primeiro livro só aparecerá tardiamente, em São Paulo, na época em que o "farmacêutico" se encontra na faixa dos 50 anos de idade; mas a verdade é que já em 1893 seus escritos começavam a ser divulgados através da imprensa de Pouso Alegre e da vizinha cidade de Ouro Fino — sendo essa produção rigorosamente contemporânea daquela divulgada pelo paulista Valdomiro Silveira (1873-1941) e pelo mineiro Afonso Arinos (1868-1916), unanimemente considerados figuras pioneiras do regionalismo nacional.

Na pequena Pouso Alegre da virada do século, tem atuação incessante, editando alguns jornais ou publicando colaborações em outros periódicos da região, promovendo associações culturais e incentivando a restauração do teatro local. Assumindo a direção da botica da família depois do falecimento do pai (em 1900), inicia-se na maçonaria (na qual chegaria a ocupar lugar de destaque), colabora na fundação da Santa Casa de Misericórdia de Pouso Alegre, cria um clube literário, funda a Associação Municipal Mineira, dirige jornais e assume, até 1910, o cargo de juiz de paz da cidade. Data dessa época seu engajamento político, marcado por entusiástica adesão à Campanha Civilista de 1909-1910 — chegando a comparecer, como representante das municipalidades de Pouso Alegre e de Santa Rita do Sapucaí, à convenção nacional (realizada no Rio de Janeiro) de oficialização do nome de Rui Barbosa em oposição à candidatura militarista de Hermes da Fonseca; transforma-se, nesse período, numa espécie de correspondente mineiro da folha carioca *Gazeta de Notícias*, remetendo de Pouso Alegre informações a respeito do andamento da campanha. Apesar da derrota de Rui, irá eleger-se vereador pouso-alegrense em 1914 — resultando dessa breve mas produtiva atuação na câmara municipal a instalação de uma estação de tratamento da água consumida na região e a construção de um matadouro local.

Radicando-se em São Paulo, em companhia da família, a partir de 1916 — cidade onde permanecerá até o final de sua vida —, desperta daquilo que ele próprio qualificou como uma longa "hibernação literária", passando a publicar contos em diferentes periódicos locais (muito desse material esparso permanecendo inédito até hoje) e a dar forma a antigos projetos, arquivados desde o início do século.

Colocando-se como gerente de uma das mais tradicionais farmácias paulistas, a Drogaria Baruel (localizada na esquina da Rua Direita com a Praça da Sé), Amadeu de Queirós transforma o estabelecimento, nos efervescentes anos 20 e 30, em centro de convergência de inúmeros jovens literatos que o procuram como interlocutor ideal para conversas a respeito dos mais variados assuntos (entre as numerosas personalidades mencionadas, de memória, por seu amigo Leão Machado — em PLSP — figuram os nomes dos poetas, críticos ou ficcionistas Leo Vaz, Rute Guimarães, Edgard Cavalheiro, Fernando Góis, Mário da Silva Brito, Leonardo Arroyo, Rui Bloem, Galeão Coutinho, Gabriel Marques, Afonso Schmidt, Judas Isgorogota, Carlos Burlamáqui Köpke, Jamil Almansur Haddad, Rossini Camargo Guarnieri, Mário Donato, Oswald de Andrade, Nelson Werneck Sodré e Sérgio Milliet).

Por essa mesma época, colabora ativamente para a manutenção da revista mensal paulistana *Feira Literária* (fundada por Herculano Vieira em 1927, extinta na virada das décadas de 1920-1930); embora seu nome não apareça (por modéstia) no expediente da revista, Amadeu de Queirós encarregou-se, todo esse tempo, de ler originais remetidos ao periódico e de selecionar o material a ser publicado — incluindo-se, entre os jovens autores divulgados por essa renomada *Feira Literária* nomes consagrados como os de Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Sud Mennucci.

De sua bibliografia consta uma dúzia de volumes, conjunto em que predominam oito romances, a maior parte deles publicado na capital paulista: *Praga de Amor* (completado em 1924, mas só editado em 1927 e reeditado em 1938), *Sabina* (1931), *O Intendente do Ouro* (1937), *A Voz da Terra* (1938), *O Quarteirão do Meio* (1944), *João* (1945), *A Rajada* (1954) e *Catas* (1956, lançado postumamente pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais). Fogem à regra da ambientação rural contemporânea *O Intendente do Ouro* e *Catas* (ambos romances históricos que têm por cenário a Minas Gerais setecentista) — assim como *O Quarteirão do Meio* (romance urbano cuja trama se desenvolve na São Paulo pós-Primeira Guerra) e *A Rajada* (inspirada em acontecimentos da Revolução Constitucionalista de 32).

Sua contribuição mais notável à literatura brasileira seria constituída, no entanto, pelos contos regionalistas da coletânea *Os Casos do Carimbamba* (Editora A Noite, Rio de Janeiro, 1939), em que são narradas passagens testemunhadas pelo autor no Vale do Sapucaí — ele próprio um "carimbamba", isto é, médico improvisado. Assim, foi o reconhecimento geral da extraordinária qualidade das histórias curtas de Amadeu de Queirós que induziu sua amiga Rute Guimarães a editar postumamente uma seleta de contos intitulada *Histórias Quase Simples*, lançada em 1963.

Mas o escritor fez contribuição importante também no setor de história regional, divulgando as monografias *O Senador José Bento* (1933) — estudo biográfico do famoso padre-deputado, precursor do liberalismo mineiro, assassinado em 1844 —, *São Paulo e o Sul de Minas* (1937), histórico das sucessivas tentativas de anexação do Vale do Sapucaí ao território paulista e *Pouso Alegre e Sua Imprensa* (1948). Na área de estudos de folclore, publicou na *Revista do Arquivo Municipal* (de São Paulo), em agosto de 1937, uma coletânea de "Provérbios e Ditos Populares".

Após sua aposentadoria, já septuagenário, Amadeu de Queirós ainda chegou a atuar como uma espécie de assessor informal da Reitoria da Universidade de São Paulo, na gestão de Lineu Prestes. Depois de liberado dessa função, estando próximo dos oitenta anos de idade, inicia a redação de um livro de memórias (*Dos 7 aos 77*, impresso e divulgado postumamente em São Paulo pela Editora Cupolo, 1956). Logo após o falecimento do escritor (datado de 28 de outubro de 1955), a família tomara a decisão — precipitada, no entender de Leão Machado — de editar essa obra autobiográfica sem que o material todo tivesse passado por uma revisão mais rigorosa, daí resultando o caráter desigual, heterogêneo, do livro que tanta expectativa gerara nos meios literários.

Amadeu de Queirós foi eleito membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1928 — fato que contribuiu, certamente, para incentivar as diversas pesquisas históricas e folclóricas enumeradas acima. Pertenceria ainda à instituição mineira congênere, tornando-se correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em 1952 — mas, eleito titular da Academia Paulista de Letras em 1955, para preenchimento da vaga aberta na cadeira nº 5 pela morte de Ulisses Paranhos, no ano anterior, falece antes de tomar posse.

Tinha sido forte candidato ao preenchimento da vaga deixada pelo falecimento de sua conterrânea Prisciliana Duarte de Almeida\*, em 1944, mas a cadeira n° 8 acabara sendo ocupada pelo primo da escritora, Aureliano Leite (1886-1976).

O único texto de Amadeu de Queirós publicado em *A Mensageira* — em I(18):283-284, no número referente a 30 de junho de 1898 — é uma crônica juvenil, de caráter epistolar, intitulada "Saudade Antiga", escrita em prosa poética: não traz data e é dedicada à "Abelhinha", apelido de pessoa (irmã do autor, provavelmente), antiga companheira de infância, a quem Amadeu se dirige nessa crônica de reminiscências. O escritor relembra a forte impressão que lhes causavam, quando crianças, os relatos fantásticos feitos pelos adultos, antes de dormir, hoje, são eles próprios que assumem o papel de narradores, repassando as mesmas histórias aos filhos.

Amadeu de Queirós foi casado com Vicentina Meyer de Queirós; além de uma criança falecida precocemente (José Maria), tiveram um casal de filhos: Vicente Félix de Queirós (que se tornaria escritor e médico) e Margarida de Queirós Valentini (professora, farmacêutica formada). Dois dos irmãos de Amadeu (mencionados por Martins de Oliveira em MOLM) também atingiram certa notoriedade, o poeta Joaquim de Queirós e o jornalista Humberto de Queirós (1866-1930); tendo nascido em território paulista (na cidade de Silveiras), este último foi incluído entre os escritores documentados pelo dicionário biobibliográfico de Correia de Melo (CMAP).

Levando-se em conta a adversidade do meio em que se desenvolveu o jovem Amadeu de Queirós, talvez se deva valorizar a informação — registrada por Martins de Oliveira — de que seria aparentado, através do pai, com o grande escritor português Eça de Queirós (1845-1900). Esse possível parentesco dá novo sentido e reforça a frase com que Fernando Góis (cf. DRCEB) sintetiza sua admiração pelo escritor mineiro: "Foi dos que melhor se utilizaram da língua portuguesa entre nós, que em suas mãos atinge momentos de grande e nobre beleza".

Ainda muito pouco estudado, Amadeu de Queirós foi homenageado pela Academia Paulista de Letras por ocasião do centenário de seu nascimento, em 1973; por esse motivo, o n° 81 da revista dessa instituição (PLSP) traz uma coleção de textos a seu respeito, destacando-se entre eles (pelo caráter espontâneo do amigo e testemunha ocular da atuação do escritor mineiro nos meios paulistanos) a conferência "Amadeu de Queirós", proferida em 22 de agosto de 1972 por Leão Machado. Boa parte das informações contidas neste verbete procedem dessa conferência do acadêmico.

Fontes: ACLB (cap. 34, "O Regionalismo na Ficção", "Ciclo Central", por Wilson Lousada: vol. III, p. 266); BDFB (p. 216); DRCEB (nota biográfica de Fernando Góis precedendo a reprodução do conto "Isso não Acaba Bem", pp. 151-158); DROM (nota biográfica de Ernâni Silva Bruno precedendo a reprodução do conto "O Candeeiro", pp. 209-218); ECCM (nota biográfica de Edgard Cavalheiro precedendo a reprodução do conto "Chão de Terra Preta", pp. 45-58); HGSP (índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista: vol. LX, 1964, pp. 403-404); MOLM (pp. 34 e 322-323); OPCB (nota biográfica de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro precedendo a reprodução do conto "Chão de Terra Preta", pp. 27-42); PLSP (n° 81, julho de 1973, pp. 139-203: coletânea de textos comemorativos do centenário de nascimento de Amadeu de Queirós — conferência "Amadeu de Queirós" por Leão Machado, resenha relativa a "A Voz da Terra" por Eduardo Frieiro, "A Propósito de Amadeu de Queirós" por Aureliano Leite e "Amadeu de Queirós: Auto-Retrato" + n° 92, janeiro de 1978: índice geral dos volumes 1 a 85, pp. 20 e 204-205); RMDL (pp. 555 e 731); SPFE (entrevista concedida por Amadeu de Queirós a Silveira Peixoto em 1942, incluída no vol. II desta série, pp. 165-177); WRCM (p. 94); WMIB (vol. VI: pp. 403 e 519, vol. VII: pp. 13, 98, 100, 111, 131, 201, 213, 228, 273, 341, 366 e 616).

Iconografia: retrato (bico-de-pena por José Wash Rodrigues) em OPCB (p. 29); retrato (desenho estilizado, por D. Nasi) em DRCEB (p. 151); retrato (desenho de Eloá), precedendo o texto da entrevista incluída em SPFE (p. 165); vista de Pouso Alegre da época da instalação de seu bispado (em 1901), na p. 320 da poliantéia em homenagem a D. João Néri (DJNE).

RENNOTTE, Maria, DOUTORA (Doutora Marie Rennotte) — I(1):15; I(9):141-142; II(25):23.

RENNOTTE, Maria

Embora tenha ficado mais conhecida pelo nome abreviado de Maria Renotte, a conhecida médica obstetra e ginecologista Marie Rennotte (1851-1942) é belga, tendo chegado ao Brasil, em 1878, já de posse de habilitação para o magistério primário (concedida por diploma de capacitação da República Francesa datado de 1871) e laureada com uma medalha de música conferida pela Société pour l'Instruction Élémentaire.

Estes dados, baseados principalmente na documentação que consta de pasta própria do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (cf. CAAH) e do índice da revista desse Instituto (HGSP) que a teve como associada, são complementados pela informação de que Marie Rennotte parte para os EUA com o objetivo de estudar medicina — retornando de posse de diploma de médica expedido em 1892, na cidade de Filadélfia, pelo Colégio de Medicina da Pensilvânia (a tradução do nome da instituição é fornecida desta forma), esse diploma teria sido revalidado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1895 após defesa de tese sobre a *Influência da Educação da Mulher Sobre a Medicina Social* (cf. CBMO); em 1897 a doutora, estabelecida na capital paulista, já é sócia titular da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo — entidade fundada em 1895, que teve como seu primeiro presidente o doutor Luís Pereira Barreto.

Mas, segundo informações igualmente reproduzidas por Maria Thereza Caiuby em CBMO, bem antes disso (em meados de 1889) Mademoiselle Rennotte figurava como colaboradora de *A Família* (periódico mantido por Josefina Alvares de Azevedo\*), na mesma época em que lecionava numa escola do interior do Estado de São Paulo (Colégio Piracicabano, fundado por Miss Martha Watts em 1881); testemunhos dessa passagem da pedagoga por Piracicaba na primeira metade da década de 1880 podem ser encontradas em LMIF e MNPD.

A menção a seu nome surge inicialmente no nº I de *A Mensageira* — em I(1):15, em outubro de 1897 —, numa notícia dedicada a relatar a visita feita pela diretora da revista (Prisciliana Duarte de Almeida\*) à Maternidade de São Paulo, "admirável estabelecimento de caridade, habilmente dirigido pela ilustrada Doutora Maria Rennotte e mantido a expensas das generosas sócias"; enfatizando o ineditismo da iniciativa e elogiando o asseio da instituição, Prisciliana conclama as paulistas a auxiliar "essa casa, onde a mulher operária e desprotegida da sorte encontra (...) o conforto e o arrimo que temos a toda hora em nossos lares". Temos uma prova de sua persistente atuação nesse trabalho de cunho humanitário na dupla diplomação da médica, em 1905, como sócia da Associação Médica Beneficente de São Paulo e como sócia benemerita do Asilo e Creche da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (entidade presidida desde sua fundação, em 1901, por Anália Franco\*, que contou sempre com a colaboração da amiga Rennotte).

Poucos meses depois (em meados de fevereiro de 1898), em I(9):141-142, Rennotte faz publicar um pequeno ensaio de sua autoria, encabeçado por uma epígrafe em francês (texto atribuído ao pré-romântico Bernardin de Saint-Pierre\*, 1737-1814). Nesse artigo, intitulado "A Mulher é uma Força Ativa na Sociedade", ela argumenta no sentido de demonstrar que a força feminina permanece negligenciada ou subestimada na organização social vigente: utilizando-se de analogia com as forças físicas que atuam sobre a matéria, mostra que o bom aproveitamento das energias femininas (responsáveis, em última instância, pela formação e pela modelagem emocional e intelectual da criança) dependerá, sempre, de um preparo adequado da mulher; nesse sentido, cita dois versos do poeta, teatrólogo e ensaísta francês Ernest Legouvé\* (1807-1903), apóstolo da extensão da instrução a todo o gênero feminino. Cabe lembrar que o domínio do jargão cientificista pela autora excede o campo estritamente médico, situando-se num plano mais geral, político-filosófico, que sugere sua filiação ao positivismo comtiano; a existência no mencionado Arquivo Histórico de um diploma da doutora Marie Rennotte como sócia honorária da União Cooperativa Familistariana do Brasil (em 1912) comprova, no entanto, sua provável filiação a uma das correntes pré-comtianas do socialismo utópico — visto tratarem-se, os falanstérios e os familistérios, de células comunitárias idealizadas pelo francês Charles Fourier (1772-1837).

No início de 1899 o nome da Rennotte ainda reaparece — em II(25):23 — numa nota destinada a fazer o elogio das iniciativas beneficentes de dona Viridiana Prado\*: sócia fundadora e benemerita de um "adorável templo de caridade", a Maternidade de São Paulo, a matriarca dos Prados contava com o empenho da médica na direção da instituição (à qual acrescentara-se, em fins de 1898, o respaldo de uma nova enfermagem feminina, destinada ao tratamento ginecológico, clínico e cirúrgico, instalada nas dependências do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo).

Esclarecimentos interessantes a respeito da atuação da médica surgem nas reminiscências de infância da doutora Carlota Pereira de Queirós (1892-1982), referidas por Maria Thereza Caiuby em CBMO e do professor Jorge Americano (1891-1969) em JANT: para Carlota, a observação do trabalho da médica teria servido principalmente para mostrar que "uma mulher podia exercer a medicina com sucesso"; enquanto Americano, lembrando que a Maternidade de São Paulo se destinava inicialmente ao atendimento exclusivo de indigentes, frisa que as crianças das famílias de posse nasciam em casa mesmo, com as parturientes sendo assistidas a domicílio, regra geral, pelo médico Cândido Espinheira\*, pela parteira Madame Laborde ou pela doutora Marie Rennotte. O veículo utilizado por esses três profissionais já servia, aliás, para distinguir o "status" de um e de outro: Espinheira usava uma vitória, enquanto Laborde e Rennotte vinham de tálburi. Quanto à maleta utilizada por todos eles, era suficientemente grande para alimentar a imaginação das crianças: tratava-se do recipiente "dentro do qual estavam os bebês, segundo era ensinado aos irmãos". Assim, esse autor conclui, jocosamente: "O que não me consta é que naquele tempo houvesse cegonhas. As crianças vinham trazidas de tálburi, dentro das malas de Mme. Laborde ou da Dra. Marie Rennotte."

Embora no final de sua longa vida a médica, surda e praticamente cega já em 1938, tenha necessitado, para sua subsistência, da concessão de uma pensão pelo governo estadual paulista, José Eugênio de Paula Assis fornece (em PAPM) uma comprovação de sua generosidade ao referir-se ao fato de que em 1903, ao abrir-se uma subscrição para a construção do monumento-túmulo do ex-Presidente da República Prudente de Moraes (por iniciativa do jornal *O Estado de São Paulo*, com 183 assinaturas), a lista foi encabeçada pela doutora Marie Rennotte — doadora da extraordinária cifra de 500\$000 (quinhentos mil réis); a doação do industrial Francisco Matarazzo ficou em 200\$000.

Ainda no âmbito do anedótico e do fragmentário temos, em HGSP, a informação de que em sua conferência "A Mulher Brasileira na História" (proferida no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1929), Marie Rennotte, com o auxílio de "projeções luminosas" (por meio do aparelho projetor de transparências doado por ela própria à entidade, em 1922), dissertou a respeito de Joana d'Arc\*, Anita Garibaldi\* e Ana Néri. Em 1923 a padroeira das enfermeiras do Brasil, Ana Néri (1814-1880), já havia sido homenageada em conferência que culminara com a sugestão da médica no sentido de levantar-se um monumento estatutuário em honra daquela pioneira. Entre as iniciativas da Rennotte consta ainda uma dissertação, datada do início de 1922, em memória da Princesa Isabel\* (falecida em fins de 1921), "Uma Heroína Brasileira" — e uma moção relativa à necessidade de preservar-se um coche (existente na capital paulista) que havia servido de transporte tanto para o Regente Feijó\* como para o imperador Pedro II\*.



Fontes: CAAH (pp. 280-281); CBMO (pp. 114, 135 e 208); HGSP (índice remissivo de autores e de matérias publicadas nos 60 primeiros volumes da revista, vol. LX, referente a 1964, pp. 413-414); JANT (p. 483); LMIF (p. 193); MNPD (p. 199); PAPM (p. 257).

RIBEIRO, Benedito — II(34):196; II(36):236.

RIBEIRO, Benedito

Os dois poemas que compõem toda a colaboração deste poeta — do qual só conhecemos nome e sobrenome, Benedito Ribeiro ( ? - ? ) — surgem nos números finais da revista: o soneto de versos decassilábicos "Eleita", em II(34):196; o poema "Margarida", desdobrado em oito tercetos de sabor arcaizante, em II(36):236. Foram ambos escritos em São Paulo, sendo datados de 1899, mesma época de sua publicação em *A Mensageira*.

A identificação dos dedicatários ajuda a sustentar algumas especulações em torno de sua personalidade: a rigidez e o formalismo parnasiano do soneto "Eleita" combinam com a dedicatória ao jovem poeta santista João Cândido de Carvalho\*, um dos mais assíduos colaboradores de *A Mensageira*, de quem Benedito Ribeiro é certamente admirador; a dedicatória formal do neoclássico "Margarida" (dirigida "ao Dr. Silvío de Almeida\*\*"), situa-o na órbita deste poeta-professor que era um dos mais rigorosos representantes do parnasianismo em São Paulo.

ROLIM, Zalina — I(1):1 e 5; I(2):20 e 32; I(4):61; I(5):73 e 76; I(6):95; I(7):105; I(8):128; I(9):132, 133-134 e 137-139; I(10):156, 157 e 160; I(12):182; I(15):227; I(17):260-262; I(18):286; I(20):320; I(21):324 e 336; I(22):343; II(26):30; II(27):70; II(29):102; II(35):205.

ROLIM, Zalina

A escritora paulista Maria Zalina Rolim (1869-1961) encontra-se, em meio às três dezenas de colaboradoras da revista *A Mensageira*, no reduzido e privilegiado subgrupo daquelas que contam com biografias próprias — no caso, uma biografia (ADZR) providenciada pelo mesmo Arruda Dantas responsável por um volume dedicado à vida e à obra de Ibrantina Cardona\* (ADIC).

Assim, esse autor encarregou-se de esclarecer dúvidas a respeito do local exato de seu nascimento ou da cronologia de seus deslocamentos pelo interior do Estado de São Paulo até sua instalação definitiva na capital paulista: filha de Maria Cândida do Amaral Gurgel (Maria Cândida Rolim\*) e de José Rolim de Oliveira Aires (1836-1896, paulista de tradicional família de Itapetininga, bacharelado em direito em São Paulo no ano de 1863), Maria Zalina nasceu em Botucatu, em 20 de julho de 1869. Segunda das quatro filhas do casal (que foram, por ordem de nascimento: Clementina, Maria Zalina, Cândida e Isaura), acompanha a família nos sucessivos deslocamentos a que o pai é obrigado em função de sua carreira de juiz de direito, de Botucatu para Itapetininga, Faxina (atual Itapeva), Araraquara, São Roque, Sorocaba e Itu — circunstância que explicaria (como no caso de vários outros escritores seus coetâneos), a instrução irregular, a formação essencialmente autodidática e o apego à simplicidade interiorana.

A futura poetisa (e prosadora) cursará escola em Faxina por pouco tempo, aos 7-8 anos de idade, mas, além da permanente orientação de leituras fornecida pelo pai, receberá aos 8 anos o forte estímulo representado pelas aulas particulares que lhe são ministradas, em Faxina, pelo professor João Köpke\* (1853-1926); filho de um educador português (Henrique Köpke) estabelecido em Petrópolis desde 1848, João Köpke distinguiu-se do esterilizante panorama geral de um ensino rotineiro e autoritário, destituído de utilidades práticas, empregando métodos intuitivos, revolucionários para a época, que antecipam a postura das correntes anglo-americanas de renovação pedagógica que já se firmam no Brasil por ocasião da virada do século (métodos que remetem, em última instância, às propostas libertárias da linhagem estabelecida por Rousseau, Pestalozzi, Fröbel e Spencer) — contando, entre muitos outros alunos ilustres, com a mestra e jornalista Josefina Sarmento (1862-1940) e o pensador católico Alceu Amoroso de Lima (1893-1983); no entresséculos figurará ainda como orientador pedagógico de duas importantes precursoras da nossa literatura infantil, Prisciliana Duarte de Almeida\* e a própria Zalina Rolim.

A década de 1890 representará, para Zalina, o período mais ativo de toda a sua longa existência: com a promoção do pai ao cargo de ministro do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, a família se instala na capital paulista em 1893 — mesmo ano em que se registra o lançamento do primeiro livro da poetisa, a coletânea poética *O Coração* (São Paulo, Typ. de Hennies & Winiger), na qual reúne-se a produção que vinha sendo espalhada, desde meados da década de 1880, por diferentes periódicos paulistas e paulistanos.

A acolhida unanimemente elogiosa de *O Coração* não surpreende; Arruda Dantas mostra, com base em farta documentação, que é possível reconstituir a sequência de medidas que precederam o lançamento do livro: tendo dúvidas a respeito do valor da produção da filha adolescente, o doutor Rolim solicitara a opinião de um seu colega de profissão, o já consagrado poeta Ezequiel Freire (1850-1891); este, por sua vez, encaminhara a moça àquela que, nos anos 1870-1880, se tornara a poetisa-símbolo nacional, a fluminense Narcisa Amália\* (1852-1924), de quem Zalina Rolim ouviu palavras de caloroso incentivo. A morte precoce do amigo Freire, em 1891, não impediu que a escritora debutante

o transformasse mais tarde em prefaciador de seu livro (foi utilizada, para isso, uma carta de 1891 do malogrado poeta de *Flores do Campo*).

Imersa numa São Paulo em vertiginosa expansão e num meio cultural dominado pela expectativa criada pelos primeiros governos estaduais pós-republicanos (que, àquela altura, ainda pareciam empenhados em efetuar uma reestruturação efetiva da rede pública de ensino e em promover o aproveitamento da intelectualidade local para a produção de literatura escolar especializada), Zalina Rolim — que já se tornara conhecida tanto na imprensa feminina de circulação mais restrita (seu nome aparece com destaque, em 1889, em meio às colaboradoras do jornal *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo\*) como na grande imprensa, liderada por diários como *O Estado de São Paulo* — passa a conviver com gente como Júlia Lopes de Almeida\* e seu marido Filinto de Almeida\* (que comandara, na qualidade de redator-chefe do jornal, a transformação do antigo *A Província de São Paulo* no republicano *O Estado de S. Paulo* de 1890); como Garcia Redondo\*, o engenheiro e jornalista simpatizante do feminismo, futuro colonista do vespertino paulistano *Diário Popular*, ou como a poetisa mineira, recém-chegada a São Paulo, Prisciliana Duarte e seu marido, Sílvio de Almeida\*, o jovem professor de português do recém-criado Ginásio do Estado, também poeta.

Interessada em assuntos pedagógicos, já envolvida no magistério particular antes mesmo de completar seus 20 anos de idade, Zalina participa, no governo estadual de Bernardino de Campos (1892 a 1896) do planejamento e da instalação do Jardim da Infância anexo à Escola Normal de São Paulo, completada entre 1896 e 1897.

A falta de escolarização regular da mestra improvisada impede-a, no entanto (situação que se repetirá no caso de Prisciliana Duarte) de assumir a responsabilidade oficial por esse empreendimento; por esse motivo foi preciso utilizar-se o artifício de nomeá-la "Auxiliar de Inspetora", no quadro de professores em que Ernestina Varela\* figura como inspetora titular.

Como subproduto dessa atuação, Zalina prepara, sobre um plano didático elaborado por João Köpke, sua segunda coletânea poética, o *Livro das Crianças* (ZALC), lançado em "edição especial para as escolas públicas do Estado de São Paulo", impresso nos EUA (em Boston, Massachusetts) por C. F. Hammett & Company — obra que inova ao apresentar, para cada um dos 30 poemas que o constituem, uma estampa deflagradora do processo de análise gerador dos versos da poetisa (invertendo o processo usual, em que as ilustrações são elaboradas depois de pronto o texto poético). Produzido em 1897, esse livro será distribuído no Brasil no início de 1898, com ótima acolhida.

Mas, à morte do pai, datada de 16 de janeiro de 1896 (segundo ANTR), segue-se, com intervalo de três anos, a morte da mãe, dona Maria Cândida — fato que não pode deixar de ser correlacionado com os rumos tomados a seguir por Zalina Rolim (Arruda Dantas se engana ao situar o falecimento de Maria Cândida "em 1919": a nota de pêsames publicada na própria *A Mensageira*, em abril de 1899 — em II(27):70 — não deixa margem a dúvidas).

O fato é que, tendo demonstrado por intermédio dos sonetos divulgados por *A Mensageira*, ao longo de 1897 e 1898, os abalos produzidos pela perda do pai, a poetisa deve ter sido envolvida por uma sensação de total desamparo com a morte da mãe, em 99 — a ponto de tomar a decisão, no início de 1900, de casar-se com o bacharel José Xavier de Toledo (1846-1918), 23 anos mais velho que ela e pouco mais novo que o falecido doutor Rolim. Tendo se formado advogado na Faculdade de Direito de São Paulo em 1866, Xavier de Toledo (que tivera uma controvertida atuação frente à Secretaria de Segurança Pública no governo estadual de Campos Sales, 1896 a 1897) tinha sido colega do doutor Rolim no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, chegando a assumir a presidência dessa instituição em 1900, mantendo-a ininterruptamente de 1907 até sua própria morte, em 1918.

O trabalho de Zalina, tanto no Jardim da Infância como em sua produção (em prosa e em verso) publicada esparsamente por diferentes periódicos paulistanos, cessa de maneira abrupta com o casamento, datando de 1903 suas últimas colaborações no mensário especializado paulistano *Educação* (no qual também colaboravam Sílvio de Almeida, Prisciliana Duarte, Ernestina Varela\*, Marie Rennotte\*, Anália Franco\* e o próprio Xavier de Toledo\*).

A transformação da consagrada poetisa numa pálida "Senhora Xavier de Toledo" (que em 1909 se recusará a integrar a Academia Paulista de Letras e cujo amor por crianças se frustrará num casamento sem filhos) é descrita factualmente por Arruda Dantas na mencionada biografia — e estudada de maneira mais aprofundada por Maria de Lourdes Eleutério no capítulo IV de sua tese (LEEH).

Teria permanecido inédita a poesia produzida na segunda metade da década de 1890, reunida sob a designação de *Livro da Saudade*, provavelmente acrescida de produções relativas à morte de dona Cândida (ainda que Correia de Melo, no verbete biobibliográfico relativo a Zalina Rolim, em CMAP, considere essa coleção de poemas elegíacos editada em 1903).

Cabe destacar, ainda, a profunda identificação (que se pode ler nas entrelinhas das biografias de ambas as poetisas) estabelecida entre Zalina Rolim e Prisciliana Duarte. É fato que o doutor Rolim, Xavier de Toledo e o professor Sílvio de Almeida são bacharéis oriundos da mesma Faculdade de Direito de São Paulo, ocupando simultaneamente cargos de relevo em diferentes instituições estaduais paulistas; é fato também que, por notável coincidência, Xavier de Toledo foi colega de turma do pai de Sílvio (tio de Prisciliana), sendo ainda nascido na mesma Pousa Alegre sul-mineira de onde tinha vindo o casal de primos-poetas mantenedores de *A Mensageira*.

Mas o companheirismo das duas amigas extrapola essas aproximações circunstanciais, evidenciando-se na frequência com que ambas frequentam os mesmos círculos e eventos e cultivam o mesmo ideário estético — traduzido numa produção poética que, mesmo associada à elaboração formal de sonetos e versos decassilábicos, poderia ser apropriadamente chamada, àquela altura (últimos anos do século XIX), "neo-romântica". O empenho de ambas no progresso do gênero feminino, visível em sua atuação (pelo menos até o final do século) e sua dedicação à instrução no âmbito da cidade de São Paulo foi igualmente notável, excedendo os limites do convencional.



Vale a pena lembrar, a propósito, que é dedicado a Zalina Rolim um dos contos reunidos por Júlia Lopes de Almeida na coletânea *Ánsia Eterna* (1903) — "As Três Amigas", pp. 189-197 da primeira edição — e que Prisciliana Duarte incluirá em *Sombras* (1906), o poema "A Turca" (uma de suas melhores produções), igualmente dedicado a Zalina, datado de "S. Paulo, 31 de maio de 1893". No último livro de Prisciliana, *Vetiver* (1939), p. 147, aparecerá ainda um outro poema, "Segredo", dedicado a uma das irmãs mais novas de Zalina, Cândida ("Candoca") Rolim.

Das aproximadamente 30 vezes em que o nome de Zalina Rolim aparece na revista *A Mensageira*, 17 correspondem a simples menções nominiais, publicadas em textos transcritos de outros órgãos da imprensa ou produzidos pelos demais colaboradores da revista, demonstrando, sempre, o elevado prestígio alcançado pela poetisa depois de editada sua primeira coletânea poética, *O Coração*. Isso ocorre em I(1):1, I(2):20 e 32, I(4):61, I(5):73 e 76, I(6):95, I(7):105, I(8):128, I(10):156, 157 e 160, I(12):182, I(15):227, I(20):320, I(21):336 e II(26):30 — muitas vezes em associação ao nome de Francisca Júlia da Silva\*, evidenciando-se sua posição, àquela altura, como "a maior poetisa paulista, depois de Francisca Júlia". Em II(22):343, Zalina aparecerá como uma das dedicatárias dos contos incluídos na coletânea recém-lançada pela gaúcha Andradina de Oliveira\*.

Lembrando que o período de 1897-1898 corresponde aos anos que se seguem imediatamente à morte do pai da poetisa (cujo falecimento ocorrera no início de 1896), não é de estranhar que os três poemas divulgados por essa época — em I(1):5, I(9):132 e I(21):324 — tenham caráter elegíaco. Correspondem a três sonetos sem título, dos quais o primeiro e o terceiro trazem a indicação de pertencerem ao mencionado *Livro da Saudade*: naquele publicado no número inaugural da revista, Zalina rememora, com saudades, as palavras com que o pai costumava consolá-la — enquanto no terceiro ela se refere à esperança de um dia revê-lo, no Paraíso. O soneto situado entre esses dois, em I:156, traz epígrafe de Victor Hugo, atendo-se à temática sentimental de quem se declara incapaz de viver sem amor.

Um quarto soneto aparecerá já no ano II da revista (em 1899), em II(29):102 — "Ruélia Amorosa" — cujos versos celebram as propriedades de uma flor que seria capaz de ensinar a amar.

O quinto e último poema, "Passarinho" — II(35):205 —, integra a produção didático-pedagógica de Zalina, fornecendo um bom exemplo da facilidade e da naturalidade com que a escritora desdobra, em seis quadras de versos em redondilha maior, a narrativa correspondente à descrição de um casal de pássaros ocupado na construção de seu ninho.

A primeira referência ao lançamento de seu *Livro das Crianças* surge numa das "notas pequenas" incluídas na edição do final de janeiro de 1898, em I(8):128; no número seguinte, datado de 15 de fevereiro, Maria Clara da Cunha Santos\* comenta, em sua coluna — em I(9):133-134 — o início da distribuição desse livro, que se torna objeto de análise nas pp. I:137-139 da mesma edição da revista, na resenha assinada por "Perpétua do Vale" (pseudônimo sob o qual Prisciliana Duarte parece ficar mais à vontade para fazer uma elogiosa apreciação da nova coletânea poética da amiga).

É provável que o conto "Borboletas" — publicado em junho de 1898, em I(17):260-262, objeto de uma pequena retificação em I(18):286 — constitua a produção mais surpreendente de Zalina Rolim para o leitor contemporâneo nosso, da virada dos séculos XX-XXI. Nessa desprezível historieta (que parece ter sido divulgada previamente, em meio a outros "Contos do Jardim da Infância", conforme indicação que figura junto ao título do conto), a poetisa demonstra sua extraordinária habilidade em tecer, em linguagem simples e coloquial, uma narrativa capaz de despertar (em crianças de idade pré-escolar) o interesse pelo processo da metamorfose.

Fontes: ADPP (p. 108: biobibliografia sumária seguida da reprodução do célebre soneto "Pomba Ferida", datado de 1893); ADZR (volume de 105 pp., inteiramente dedicado à biobibliografia de Zalina Rolim); AMSP (pp. 135 e 139 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV, pp. 125-175); ANTR (vol. V, cap. XI, "A Turma Acadêmica de 1859-1863", texto de autoria de Carlos Penteado de Rezende: biografia sumária do doutor José Rolim de Oliveira Aires na p. 309); AWPP (pp. 67-68: reprodução de dois sonetos da poetisa, seguida de comentários retóricos); BBVL (p. 57); CBMO (pp. 114 e 208); CMAP (pp. 638-639); DMMN (p. 1.304); EDIJ (vol. XVII, p. 9.939); EFLP (nesta coletânea póstuma, editada em memória de Ezequiel Freire e prefaciada por Venceslau de Queirós, inclui-se, às pp. 320-323, uma crônica jornalística, "Na Roça", datada de "São Roque — outubro — 1887", em que Freire elogia os talentos das duas filhas poetisas do doutor Rolim, Maria Zalina e Cândida, transcrevendo o soneto "Hora Nostálgica" da primeira e o poema "Bosquejo", da segunda); FTFR (vol. IV, p. 2.604: reprodução do poema "Quarto de Moça", acompanhada de comentários descabidos, pois apesar de ainda estar viva por ocasião da publicação dessa obra, Zalina Rolim é considerada "falecida há muitos anos"); HGSP (monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", 1986, vol. LXXXI, pp. 45-111); HSIB ("Arquitetura Escolar Republicana: A Escola Normal da Praça e a Construção de uma Imagem da Criança", por Carlos Monarcha, pp. 97-136: menção a Zalina Rolim na p. 117); ITPI (p. 10: estímulo biográfico da escritora); LALI (pp. 137, 139, 180, 183, 217 e 219); LEEH (item 2 do cap. IV, pp. 113-123); LFSB (reprodução do soneto "Pomba Ferida", fl. 180); LZLI (p. 30); NDCD (entre os precursores da literatura infantil brasileira, incluem-se, na p. 41, o professor João Köpke e, nas pp. 52-53, Zalina Rolim); NCPH (comentário relativo ao *Livro das Crianças*, p. 216); RFEL (p. 170: reprodução do quadro docente inaugural do Jardim da Infância anexo à Escola Normal); RMDL (p. 593); SBDB (vol. VII, p. 414); SPER (p. 225); WMIB (vol. IV, p. 430 e vol. V, p. 58); ZLBC (reprodução do poema "Em Caminho", extraído do *Livro das Crianças*, nas pp. 45-46); ZRLC (edição original do *Livro das Crianças*).

Iconografia: retrato (bela gravura em metal mostrando a jovem Zalina dos anos 1890, assinado pelo gravador Krüger\*) reproduzido na 2ª página do suplemente iconográfico apresentado entre pp. 202 e 203 de LALI; retrato (gravura em metal de época posterior, datada provavelmente da virada do século) em AGRJ (almanaque para o ano de 1903, p. 250); retrato (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 180); desenho retratando a poetisa já madura do início do século XX estampado no ante-rostro de ADZR (também reproduzido na tese de doutoramento de Maria de Lourdes Eleutério, LEEH); fotos e desenhos documentando a instalação do primeiro Jardim da Infância paulistano em HSIB (pp. 130-136, figuras 10 a 16); fac-símile da primeira página de *A Família*, edição de 9 de novembro de 1889, incluindo o nome de Maria Zalina Rolim entre as colaboradoras do jornal, na p. 109 de CBMO; fac-símile da capa do livro *O Coração* na p. 218 de LALI; num dos cadernos do Instituto Cultural Itau (ITPL, pp. 8-11) reproduzem-se a mencionada gravura de Krüger, com indicação de origem (Biblioteca José Mindlin), seguida dos dados biográficos sumários da escritora e da estampa da p. 14 do *Livro das Crianças* (ilustração correspondente a "Cuidados Maternais", cujo texto também é apresentado).

SABINO, Inês — I(3):42 e 45; I(4):58-60; I(5):69-70; I(7):105; I(9):131; I(10):145-146; I(15):231-234 e 239; I(16):248-251; I(20):309-313; I(22):343; II(29):104-105; II(31):143.

SABINO, Inês

Coube a Sacramento Blake, há mais de cem anos, a primazia de divulgar para todo o Brasil o nome de sua conterrânea (baiana de Salvador) Inês Sabino (1853-1911). Mas o verbete dedicado a ela, em seu dicionário biobibliográfico (SBDB) foi responsável, também, por informações equivocadas a respeito da vida e da obra dessa escritora (entre elas a designação de seu nome de casada como "Inês Sabino Pinto Maia", quando o correto é "Inês Sabino Pinho Maia", como aparece em HAEB) que acabaram sendo disseminados pelos verbetes publicados por diversos outros textos de referência, como DMMN e RMDL (ressalvando-se que os dados fornecidos pela EDJ são mais atualizados do que aqueles veiculados por Blake, aproximando-se do perfil biográfico divulgado pela AGRJ para 1909).

Para entender as bases da formação intelectual da futura polígrafa positivista (a mais ortodoxa e dogmática de todas as mulheres escritoras participantes de *A Mensageira*), é preciso recorrer à biobibliografia de seu pai, fornecida tanto por Blake (em verbete próprio) como por um interessante artigo do *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (LBS), anuário do qual Inês Sabino foi assídua colaboradora.

Sabino Olegário Ludgero Pinho (1820-1869), de origem sergipana, fez em Salvador seus estudos preparatórios na virada das décadas de 1830-1840 para cursar, a seguir, a Faculdade de Medicina da Bahia, doutorando-se aos 25 anos de idade, com a curiosa tese intitulada *Considerações Acerca da Música e sua Influência Sobre o Organismo* — cujo teor relacionava-se com o fato de ser ele próprio "notável cantor e violinista amador".

Radicando-se no Recife, o doutor Pinho chega a se eleger deputado provincial (liberal) pernambucano, realizando entre 1860 e 1861 (acompanhado da família, ao que parece) uma viagem pela Europa. Filiado a diversas associações científicas e literárias brasileiras e européias, notabilizou-se pela publicação de livros, artigos, discursos e conferências de divulgação da doutrina homeopática clássica de Samuel Hahnemann (1755-1843), da qual teria sido o "primeiro propagandista" do Nordeste do Brasil; seu compêndio *Tesouro Homeopático ou Vade-Mecum do Homeopata* (1862) foi, inclusive, objeto de várias reedições. Irmão de um outro médico, José Sizenando Avelino Pinho (1819-1882), de atuação destacada como profissional e deputado provincial em Alagoas, Sabino Olegário teve, de seu casamento com Gertrudes Pereira Alves Maciel, uma prole em que se distinguiram Inês Sabino e um irmão, Sabino de Lima Pinho, igualmente médico e continuador da obra do pai.

A jovem Inês (que se tornaria órfã de pai aos 16 anos de idade) teria recebido, portanto, educação livre e pouco convencional para a época, mas sólida e aprimorada — mencionando-se, nesse sentido, estudos de língua inglesa feitos na Inglaterra e aperfeiçoamento em português e francês com o bacharel Pedro Autran da Mata e Albuquerque, catedrático da Faculdade de Direito do Recife (mencionam-se ainda lições individuais de filosofia que lhe teriam sido ministrada pelo célebre mestre da Escola do Recife, Tobias Barreto\*, 1839-1889).

Interessada em realizar estudos superiores (vocação truncada pela morte do pai e pelo casamento subsequente, ao que parece), Inês procura expandir o campo de seus conhecimentos — aí se incluindo o estudo de latim.

Tendo revelado vocação para a música e para as letras já na infância, escreve poemas que são remetidos para publicação em periódicos nordestinos (de Pernambuco e Alagoas), iniciando volumosa colaboração na imprensa (traduções do inglês e do francês, além de escritos originais em prosa e verso), que, por ocasião da virada do século, alcançará todo o Brasil litorâneo, desde os limites da região Norte até o extremo Sul (onde as irmãs gaúchas Revocata Heloisa de Melo\* e Julieta de Melo Monteiro\* editam o famoso *Corimbo*).

Já casada com Francisco de Oliveira Maia (de quem teve pelo menos uma filha, dedicatária de dois sonetos incluídos entre suas *Lapidações*), Inês Sabino estabelece-se no Rio de Janeiro no final da década de 1880. No prefácio de *Cantos e Lapidações*, datado de 1891, demonstra residir na Capital Federal há pouco tempo; em texto divulgado por *A Mensageira*, ela própria datou de 1889 o início de sua colaboração em periódicos femininos do Centro-Sul do Brasil (informação corroborada por CBMO, em que se transcrevem comentários tecidos pela polígrafa baiana publicados originalmente em agosto de 1890 pelo periódico carioca *A Família*, editado pela feminista Josefina Álvares de Azevedo\*).

Tem-se a impressão de que só uma pequena parte dessa variada produção de Inês Sabino foi fixada em livros: começando por duas coletâneas poéticas juvenis lançadas ainda na década de 1880 (*Rosas Pálidas*, 1886 e *Impressões*, 1887), só teriam chegado a ser publicados na Capital Federal da década de 90, seis outros volumes:

1º) A coletânea de prosa e verso *Contos e Lapidações* (Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, 1891, constituída por um prefácio da própria autora, seguido de 19 contos (ai se incluindo um "Fragmento de um Romance Inédito" e das "Lapidações" que englobam 33 poemas e duas crônicas de cunho histórico-ideológico; embora a maior parte desse material contenha dedicatórias dirigidas a pessoas da família da própria escritora, estamos aí bem próximos do universo literário de *A Mensageira* ao detectar, nele, dedicatórias a Sílvia Romero\*, Artur Azevedo\*, Valentim Magalhães\* (e à sua prima e esposa Deolinda da Costa Magalhães), Belarmino Carneiro\*, Damasceno Vieira\*, Josefina Álvares de Azevedo\* e Revocata Heloísa de Melo\*; alguns poemas documentam a presença da intelectual em situações históricas relevantes: as "Hosanas!" foram recitadas numa festa abolicionista; o indignado soneto "Dorme!", dedicado à memória de Teresa Cristina\*, deve ter sido composto em fins de 1889, por ocasião do falecimento da última imperatriz do Brasil, enquanto o poema "Esmola e Compaixão", distribuído em 2 de maio de 1889 numa solenidade carioca destinada a angariar fundos em benefício de Campinas ("tão garbosa de vaidade"... "implorando as mercês d'erguida mão") registra o desamparo desta cidade assolada pela febre amarela.

2º) *Noites Brasileiras*, coletânea de contos didático-patrióticos destinados a leitura escolar, ilustrada com gravuras, impressa em Paris e lançada no Rio de Janeiro em fins de 1897 (alcançando sucessivas reedições até o final do século: em meados de 1899 atingiria o quarto milheiro de exemplares, conforme testemunho da própria *A Mensageira* — algo que torna ainda mais incompreensível o esquecimento desta obra por parte daqueles que se ocupam de historiar a produção infanto-juvenil nacional);

3º) *Lutas do Coração*, "romance de costumes" lançado no primeiro semestre de 1898;

4º) A coletânea de biografias *Mulheres Ilustres do Brasil* (Paris, igualmente impressa por H. Garnier e lançada no Rio de Janeiro no segundo semestre de 1899), objeto de reedição fac-similar recente, pela Editora das Mulheres (Florianópolis, 1996). Incluindo meia centena de estudos biográficos, essa coletânea atende claramente à intenção de se construir um panteão feminino concebido no mesmo espírito "exemplar" que caracterizava o calendário da Religião Positiva proposto por Auguste Comte\*, conforme se depreende do prefácio da própria Inês Sabino. Esse conciso prefácio de 4 páginas é seguido de uma prolixa e científicista "Carta à Leitora" (7 pp.) de autoria de Artur Orlando (1858-1916), casado com a doutora Maria Fragoso\*, uma das primeiras mulheres advogadas formadas no Brasil (Recife, 1888). Artur Orlando da Silva, igualmente bacharelado pela Faculdade de Direito do Recife, em 1881, de longa carreira política nos níveis estadual e federal, foi amigo e discípulo de Tobias Barreto, tornando-se adepto do evolucionismo filosófico e propagandista do pan-americanismo. Interessa também enumerar as dedicatórias incluídas nesta coletânea por Inês Sabino, dirigidas, em sua maioria, a mulheres escritoras que participam da redação de *A Mensageira*, sendo de estranhar apenas a ausência de Prisciliana Duarte de Almeida\* nessa nominata (as propostas da poetisa mineira seriam talvez "radicais demais" para os padrões da polígrafa baiana?): além da mencionada Maria Fragoso da Silva, aparecem como dedicatárias Maria Clara da Cunha Santos\*, Áurea Pires\*, Andradina de Oliveira\*, as irmãs gaúchas Revocata Heloísa de Melo\* e Julieta de Melo Monteiro\*, mais a Baronesa de Loreto.

5º) Uma antologia didática mencionada por Sacramento Blake no referido verbete (que é datado de 1895); poderia se tratar de uma versão adaptada ou reduzida daquele *Mulheres Ilustres do Brasil* publicado em 1899, mas parece mais provável que esses *Esboços Femininos* correspondam apenas a uma denominação provisória da mesma coletânea biográfica lançada posteriormente.

6º) Uma seleta, *Literatura Brasileira Escolar para Uso das Escolas Superiores*, da qual não se dispõe, igualmente, do nome da editora nem da data de lançamento.

Teriam permanecido inéditos, assim, diversos volumes de assuntos variados, como o ensaio filosófico *Gênese Espiritual* (cujo caráter doutrinário, atrelado a um rigoroso positivismo-evolucionismo comtiano-spenceriano evidencia-se de modo inequívoco no excerto "A Mulher Brasileira", publicado em Lisboa, no anuário LBLs para 1901); como os romances *Crime de Amor* ("estudo profundo do coração humano", segundo o biógrafo que assina o perfil da escritora no AGRJ) e *Almas de Artistas*, "romance histórico" ambientado no Rio de Janeiro do período imperial; como a coletânea literária *Psicologia de Vários Homens de Letras* e dois volumes de memórias, *Através de Meus Dias* e *Memórias do Meu País*. Quanto a estes dois últimos, especialmente, é de se lamentar que permaneçam inéditos: sabendo-se que Inês Sabino frequentava a elite artística e literária da Capital Federal, tornando-se no final do século associada oficial de diversas agremiações de intelectuais (tanto cariocas como baianas, pernambucanas, cearenses, etc), seria precioso, com certeza, seu testemunho a respeito dessa época. Os fragmentos de romances inéditos divulgados pelos dois almanaques mencionados (o carioca AGRJ e o lisboeta LBLs) sugerem que seria muito interessante o confronto dessas obras de Inês Sabino com os romances decadentistas de autores seus coetâneos, como Gonzaga Duque.

A cultura enciclopédia e multifacetada da polígrafa baiana torna inevitável sua comparação com a outra grande polígrafa brasileira do período, Júlia Lopes de Almeida\* (ambas têm em comum, aliás, o interesse pela música e uma certa anglofilia difusa, embora difiram quanto ao humor, fino e permanente no caso de Júlia, pouco flexível e inconstante em Inês Sabino, nesta última frequentemente substituído por uma rigidez dogmática e descolorida). Guardadas as devidas proporções, se Júlia Lopes poderia ser comparada (no universo literário feminino nacional) a Machado de Assis\*, caberia comparar Inês Sabino ao Visconde de Taunay\*, um dos mais completos polígrafos do Brasil da segunda metade do século XIX.

A esse propósito caberia lembrar ainda as posturas diversificadas de uma e de outra com relação às academias masculinas: enquanto Júlia Lopes se colocou olímpicamente acima da questão da exclusão das mulheres escandalosamente maquiada pelos machistas fundadores da Academia Brasileira de Letras, permitindo que o marido (Filinto de Almeida\*) ocupasse, em 1897, o lugar que por direito estaria reservado a ela própria, Inês Sabino parece ter lutado, inutilmente, até o fim de sua vida, pelo mesmo posto acadêmico, conforme observação nesse sentido estrategicamente colocada por seu misterioso biógrafo "T. G." no esboço publicado no almanaque AGRJ para 1909.

Quanto ao "feminismo" da polígrafa baiana, caberia discutir o plano exato em que ele se coloca, na complexa conjuntura finissecular nacional: tomando por base textos como aquele "A Mulher Brasileira" divulgado pelo almanaque português LBLs (anúário para 1901), depreende-se que a reivindicação de se universalizar a instrução feminina limita-se à finalidade específica de aperfeiçoar o desempenho da mulher nos tradicionais papéis de "irmã, esposa e mãe" — e não de promover uma emancipação completa, meta almejada pela média das feministas de *A Mensageira*, sintonizadas com as reivindicações mais amplas sustentadas pelas socialistas francesas do final do século XIX. Embora as proposições de Inês Sabino fossem consideradas "avançadas" em termo do Brasil de seu tempo, elas permaneceriam, portanto, dentro dos limites traçados por Auguste Comte em meados do século e num posicionamento "antifeminista" que já merecera reparos de diversas autoras européias (e de brasileiras como Josefina Álvares de Azevedo).

A produção de Inês Sabino divulgada pela revista *A Mensageira* confirma sua vocação de polígrafa.

Depois de ter aparecido em I(3):42, como dedicatória de um poema de Áurea Pires e de ter seu nome acrescentado por Prisciliana Duarte de Almeida, em I(3):45, ao rol das "escritoras nacionais" em evidência, a erudita baiana sente-se autorizada a remeter uma longa carta à direção da revista, estampada em I(4):58-60 sob o título "Na Tebaida".

Nessa carta, publicada em novembro de 1897, declarando-se assídua colaboradora de periódicos femininos há oito anos, Inês (que se solidariza com Prisciliana na proposta de acolher, em sua revista, "a seiva mental das senhoras brasileiras"), demonstra familiaridade com a produção de suas compatriotas, apontando a "senda a seguir": o aprimoramento feminino, tendo em vista combater os "erros da sociedade", de maneira a tornar-se a mulher "útil à família, à pátria e à humanidade".

Rejeitando a forma de atuação de "políticas desequilibradas" como a revolucionária francesa Louise Michel\* (1830-1905), menciona de passagem suas leituras prediletas — entre as quais se encontram o positivista russo Eugène de Roberty (1843-1915) e o positivista-evolucionista inglês Herbert Spencer (1820-1903); curiosamente, a óbvia filiação da escritora ao positivismo ortodoxo de Comte e Laffitte não é explicitada em nenhum de seus textos.

Seguem-se referências à escritora pela cronista Maria Clara da Cunha Santos\* e pelo aplicado historiador mineiro Nelson de Sena ("Pelayo Serrano"), respectivamente em I(5):69-70 e I(7):105.

Maria Clara, que parece privar da convivência com Inês Sabino, referindo-se ao lançamento de *Noites Brasileiras*, fala bem-humoradamente da antipática idiosincrasia da amiga, que costuma dispensar elogios (como já insinuava, aliás, no prefácio de *Contos e Lapidações*, em 1891). Nelson de Sena, em "Intelectualidade Feminina Brasileira", chama a atenção dos leitores para o fato de que a contista de *Contos e Lapidações* e das *Noites Brasileiras* também é poetisa, voltando a mencioná-la em I(9):131 — ocasião em que enumera seus vários livros, já publicados ou inéditos (apoiando-se em dados extraídos do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para o ano de 1897), destacando que a escritora foi educada na Europa, "tendo sido discípula de Tobias Barreto, cá no Brasil".

Inexistindo menções a Inês Sabino no material transcrito da grande imprensa a respeito da revista *A Mensageira* (indício, talvez, de represália, por parte dos comentaristas que ela própria desprezara), é Maria Clara, mais uma vez, quem chama a atenção para a autora baiana, em I(10):145-146, referindo-se ao lançamento do romance *Lutas do Coração* (confirmado numa das nótulas de Prisciliana Duarte de Almeida, pouco tempo depois, em I:239) e ao fato de ter sido admitida como sócia correspondente do Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano (sediado em Recife), em reconhecimento ao seu trabalho de divulgação da história pátria no volume *Noites Brasileiras*; destaca-se, inclusive, ser ela a primeira mulher a ingressar naquela entidade.

Em I(15):231-234 aparecerá o único conto de Inês Sabino divulgado pela revista, o heterogêneo "Flores sem Fruto", em que uma convencional narrativa romântica tingue-se de cores naturalistas para embasar o desfecho abrupto e chocante de uma situação de impasse; em I(16):248-251, já na condição de associada do referido Instituto Arqueológico, a polígrafa mostra sua faceta de historiadora fornecendo à *Mensageira* cópia da compilação intitulada "Vasco da Gama", a ser publicada pela revista daquela instituição — um relato colorido e detalhado elaborado em função da comemoração, em 1898, do quarto centenário da aventureira viagem daquele navegante português à Índia (1497 a 1498).

Sua última colaboração, publicada em I(20):309-313, corresponde ao texto "Por Montes e Vales", relato de uma viagem ao interior do Estado do Rio de Janeiro em que a escritora, de maneira um tanto despropositada e pedante, se estende em considerações botânicas a respeito da vegetação observada, mencionando nominalmente uma infinidade de cientistas que teriam procedido às sucessivas classificações da flora universal nos últimos séculos.

Restam, para terminar, as menções estampadas a seguir, em I(22):343 (em que ficamos sabendo que a veterana escritora encontra-se entre as dedicatárias dos contos incluídos na coletânea *Preludiando*, de Andradina de Oliveira\*) — e, já no ano II da revista, em II(29):104-105 e II(31):143. Na primeira destas duas menções, é Maria Clara quem, mais uma vez, fala de Inês Sabino, referindo-se às reedições do livro *Noites Brasileiras*; na segunda, vemos que a mesma Maria Clara lembrou-se da amiga baiana para torná-la dedicatória do conto "Saudade Incurável", publicado em agosto de 1899.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1909: fragmento de um romance inédito — provavelmente de *Almas de Artistas* — nas pp. 151-152 e síntese biográfica da escritora, assinada por "T. G.", nas pp. 432-433 + almanaque para o ano de 1910: excerto do romance inédito *Crime de Amor*, pp. 377-379); CBMO (pp. 120 e 204); DMMN (p. 790); EDIJ (verbetes para Inês Sabino e Sabino Olegário Ludgero Pinho no vol. XV, respectivamente pp. 8.951 e 8.939); ISCL (*Contos e Lapidações*, obra original da escritora, editada em 1891); ISBM (*Mulheres Ilustres do Brasil*, obra original da escritora, editada em 1899); LBLs (almanaque para o ano de 1901: registro do lançamento de *Mulheres Ilustres do Brasil* nas pp. XLIV-XLV, além de "A Mulher Brasileira", excerto da obra *Gênesis Espiritual*, nas pp. 10-12 e de um outro fragmento do romance *Almas de Artistas* nas pp. 123-126 + almanaque para o ano de 1904: carta aberta datada de 1902, relativa à exposição da "Liga Promotora de Trabalhos Femininos" do Rio de Janeiro, nas pp. 265-267, mais o perfil biográfico "Dr. Sabino Olegário Ludgero Pinho" nas pp. 321-322); LFSB (reprodução do soneto "A Morte", fl. 102); RMDL (p. 403); SBDB (verbetes para a escritora e seu pai respectivamente no vol. III, pp. 279-280 e no vol. VII, pp. 181-182); WMIB (vol. IV, pp. 107, 231, 251, 489 e 497).

Iconografia: retrato (desenho a bico-de-pena) da escritora ainda jovem, ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 102); retrato (gravura em metal) abrindo o volume de autoria de Inês Sabino, editado em 1899, ISMB; fotografia (circa 1900) reproduzida por AGRJ, no almanaque para o ano de 1905, p. 309 (a mesma foto aparece, ampliada, no almanaque para o ano de 1909, p. 151); gravura em metal (assinada por Valentim) retratando o pai da escritora, na p. 321 do anuário lisboeta LBLs para 1904.

SANTOS, Maria Clara da Cunha — I(1):2, 5-6, 6-9 e 16; I(2):18-20 e 32; I(3):36-38 e 44; I(4):51-54, 60, 61 e 62; I(5):67 e 67-70; I(6):82-85, 95 e 96; I(7):101-103 e 105; I(8):115-118 e 124; I(9):131, 132-135 e 143; I(10):145-149, 156 e 158; I(11):163-165 e 176; I(12):182 e 183-187; I(13):193-196, 207 e 208; I(14):215-218 e 224; I(15):225-229 e 229; I(16):244-246, 254 e 256; I(17):257-259 e 271-272; I(18):280-282; I(19):292-294 e 301-303; I(20):305-307; I(21):321-323 e 336; I(22):337-340 e 350-352; I(23):353 (página correspondente à capa desse número da revista, ocupada pelo retrato da escritora), 354-355, 355-360, 364 e 367-368; I(24):375-377 e 384; II(25):1-2, 13, II(26):31-36, 40-42 e 44; II(27):51, 58-60, 71 e 72; II(28):77-79 e 86-88; II(29):103-105 e 110-113; II(30):119-122; II(31):143-145; II(32):149-151 e 155-158; II(33):173-175 e 179; II(34):185-188 e 196; II(35):216; II(36):230-232.

SANTOS, Maria Clara da Cunha

Limitam-se a poucas e muito restritas fontes as informações hoje disponíveis a respeito daquela que foi a principal colaboradora de sua prima Prisciliana Duarte de Almeida\* na manutenção da revista *A Mensageira*: a polígrafa que assinava, em solteira, o nome de Maria Clara Vilhena da Cunha — ou, depois de casada, Maria Clara da Cunha Santos (1866-1911).

A respeito de suas origens, o primo (em primeiro grau) Aureliano Leite (1886-1976), historiador e genealogista da família em ALCM, é a fonte mais completa: como ele próprio e seus primos Prisciliana e Sílvio de Almeida\*, Maria Clara é descendente direta do paulistano seiscentista Amador Bueno ("o Aclamado") e do bisneto deste, Amador Bueno da Veiga (1665-1719), chefe militar dos paulistas na Guerra dos Emboabas; situada na mesma geração de Prisciliana, ela também pode se orgulhar de ser trineta de Iria Claudiana Umbelina da Silveira — e, conseqüentemente, sobrinha-trineta da célebre "Mártir da Inconfidência" Bárbara Eliodora\* (1749-1819). Sua situação de neta do casamento de Maria de Jesus Vilhena com Joaquim Pedro de Alcântara Moreira Salles coloca-a como prima em 1º grau de Lucrecia Duarte Vilhena de Alcântara Moreira Salles, avó paterna do cineasta Walter Moreira Salles Júnior, mais conhecido como "Walter Salles" (de quem Maria Clara seria, portanto, prima em 3º grau).

São pais de Maria Clara dona Cecília Alcântara Vilhena da Cunha e o bacharel em direito João Vieira da Cunha (primos entre si, ocorrência muito frequente no clã a que estão ligadas as famílias mineiras, paulistas e goianas Duarte, Almeida, Alcântara, Leite e Vilhena da Cunha).

A estranha circunstância desta mineira-carioca (Maria Clara) ter nascido no Rio Grande do Sul é esclarecida por uma nota publicada pela própria *A Mensageira*, em I(17):272: seu pai, juiz em início de carreira, foi deslocado para local mais próximo do "front" da Guerra do Paraguai (1864-1870), como auditor de guerra — assim se explicando o nascimento desta que foi sua filha primogênita, em 18 de novembro de 1866, na cidade gaúcha de Pelotas (na virada do século o doutor Cunha, depois de restituído às Minas Gerais de origem e de ter residido longamente em Pouso Alegre, está estabelecido como juiz de direito da cidade sul-mineira de Alfenas).

Primeira filha de uma prole de 18 crianças (das quais menos da metade sobreviveu: 11 delas morreram na primeira infância), Maria Clara é cerca de sete meses mais velha que Prisciliana e dez meses mais velha que Sílvio de Almeida, com eles convivendo intimamente, em Pouso Alegre, ao longo da década de 1880, compartilhando com os dois primos (transformados em marido e mulher em 1892) a condição de poeta.

Assim, na ausência de Sílvio — que vai para o Rio de Janeiro fazer seus estudos preparatórios por volta de 1885, seguindo para São Paulo para cursar a Faculdade de Direito entre 1888 e 1892 —, Maria Clara e Prisciliana publicam, de 1886 a 1890, o periódico quinzenal manuscrito *O Colibri*, veiculador da produção poética das duas, como também de idéias abolicionistas, republicanas e feministas (dados fornecidos pela própria Prisciliana nas páginas de *A Mensageira*, somados às informações de Chiquinha Neves Lobo em CNMT); vale a pena lembrar que o patriarca de Pouso Alegre, Aureliano Batista Pinto de Almeida (nascido por volta de 1810), avô de Sílvio e de Prisciliana,

tio-avô de Maria Clara, advogado provisionado e coronel da Guarda Nacional, é figura influente na região, notório liberal e republicano histórico.

Na sequência cronológica dos dados disponíveis, Sacramento Blake (em SBDB) informa que no mesmo ano em que Maria Clara teve seu primeiro livro editado, no Rio de Janeiro, deu-se aquela que seria sua primeira visita à Capital Federal, em companhia do pai. Pode-se presumir não só que a moça ainda não havia se casado (aquele livro foi editado com o nome de solteira), como também que deve ter conhecido por essa época seu futuro marido — o engenheiro civil José Américo dos Santos\* (1848-1918), 18 anos mais velho que ela, carioca de nascimento, figura notória na cidade, desde os tempos de estudante da Escola Politécnica (situando-se entre os fundadores do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, em 1880, dirigiu a *Revista de Engenharia* editada pelo Clube por vários anos; foi membro da Sociedade Central de Imigração, compartilhando idéias liberais, abolicionistas e feministas com o amigo e colega André Rebouças\*, tornando-se, nos últimos anos do século, procurador da poderosa São Paulo Railway Company); casados no início dos anos 1890, não tiveram filhos.

Colaboradora de diversos periódicos (aí incluída a célebre *A Família* de Josefina Álvares de Azevedo\*), representante da revista *A Mensageira* no Rio de Janeiro, Maria Clara teria deixado inédita em livro quase toda sua produção. Pois limitam-se a dois únicos volumes os livros que chegaram ao nosso conhecimento:

1º) *Pirilampos*, coletânea poética editada conjuntamente com o primeiro livro de poesia de Prisciliana Duarte, *Rumorejos* (Rio de Janeiro, Typ. e Litographia de C. G. da Silva, 96 + X pp., in-8º), com prefácio (comum a ambas as obras) da veterana poetisa Adelina Amélia Lopes Vieira\*, irmã de Júlia Lopes de Almeida\*.

2º) Uma outra coletânea (de prosa, provavelmente) intitulada *Painéis*, cujo lançamento em 1902 aparece registrado, sem maiores detalhes, pelo *Almanaque Garnier* para 1904.

Laudelino Freire, ao reeditar sua monumental antologia de sonetos em 1916, confirma data e local de nascimento, referindo-se a seu casamento com o doutor José Américo dos Santos e a seu falecimento na cidade do Rio de Janeiro em 1911 (morte confirmada por registro publicado no *Almanaque Garnier* para 1914) — mas não fornece o título de nenhuma obra da escritora: o soneto de Maria Clara reproduzido, "A Estátua", seria provavelmente produção avulsa, publicada em algum periódico carioca.

Os verbetes biobibliográficos incluídos na EDIJ e no DMMN — respectivamente no início e em meados do século XX — não acrescentam nenhuma informação substancial àquelas expostas acima. Este último, DMMN, confunde-se ao prever verbetes diferentes para Maria Clara Vilhena da Cunha e Maria Clara da Cunha Santos.

Alzira Freitas Tacques, em verbete divulgado em 1956 (em FTPR) comete o mesmo erro: ao falar em Maria Clara da Cunha Santos, demonstra utilizar como única fonte de informação a coletânea de Laudelino Freire, dela transcrevendo o soneto "A Estátua"; interpreta, porém, ao pé da letra, a ausência de menções a obras editadas pela escritora, afirmando que Maria Clara não deixou livros publicados. Mas, na página ao lado, Freitas Tacques abre um segmento extenso, de três páginas, para a Maria Clara Vilhena da Cunha autora dos *Pirilampos* de 1890 — do qual transcreve, na íntegra, o prefácio de Adelina Amélia Lopes Vieira, datado de dezembro de 1889; revela ainda ter sido presenteadada por Prisciliana Duarte, no início de 1943, com um daqueles raríssimos exemplares desse livro.

Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes (CBMO), apesar de veicular dados incorretos a respeito de Maria Clara, transcreve um significativo fragmento extraído do jornal *A Família*, publicado originalmente em 1889.

A extraordinária quantidade de menções a Maria Clara da Cunha Santos ao longo de todo o período de edição da revista *A Mensageira* é reflexo de sua participação intensiva no empreendimento — pois, em volume, é ela a escritora que mais contribuiu para a edição do periódico.

Podem ser consideradas corriqueiras as menções estampadas em I(1):2, I(2):32, I(4):60, 61 e 62, I(6):95 e 96, I(7):105, I(9):143, I(10):156 e 158, I(12):182, I(13):208, I(16):254 e 256, I(21):336, II(27):71 e 72, II(34):196 e II(35):216.

Têm maior interesse algumas outras menções: em I(1):16 (que se refere à participação de Maria Clara no salão anual da Escola Nacional de Belas-Artes, como expositora de pinturas, em fins de 1897); em I(9):131 (em que "Pelayo Serrano" remete à autora de *Pirilampos*); em I(13):207 e I(14):224 (que registram a estadia de Maria Clara e José Américo na capital paulista, em abril de 1898); em I(17):271-272 (nota que assinala a homenagem prestada à escritora pelo n° 3 do semanário carioca *Rua do Ouvidor*, em meados de 1898; e em I(24):384 (em que é fornecido o endereço da representante de *A Mensageira* no Rio de Janeiro: rua Conde de Bonfim n° 11-A, bairro da Tijuca — área também designada, em mapas antigos da cidade, como "freguesia do Engenho Velho").

O texto transcrito por Prisciliana daquela *Rua do Ouvidor* (1898) fornece, além de dados biográficos da artista — mencionando, inclusive, títulos de jornais cariocas em que já havia colaborado — observações pessoais relativas aos múltiplos talentos da moça, que além de escrever, canta bem, toca violino e já expôs elogiados quadros na Escola Nacional de Belas-Artes, pois também se dedica, "apaixonadamente", à pintura.

Essas menções, invariavelmente elogiosas, culminam com a apresentação de uma homenagem formal no n° 23 — que traz na capa a reprodução de uma fotografia retratando Maria Clara, na p. I(23):353 —, edição em que Prisciliana Duarte (encoberta pelo pseudônimo "Perpétua do Vale"), prestes a comemorar o primeiro aniversário do lançamento da revista, expressa seu reconhecimento pela preciosa colaboração da prima e amiga ("Maria Clara da Cunha Santos", pp. I:354-355).

Como dedicatória, Maria Clara é mencionada em I(5):67 (ocasião em que Áurea Pires\* a homenageia com o poema natalício "Dezoito de Novembro", datado de 18-11-1897); em I(11):176 (no poema de Prisciliana "Feliz Encontro", sem data, posteriormente incluído na coletânea *Sombras*, pp. 21-22); em I(15):229 (dedicatória do



célebre soneto de Adelina Lopes Vieira, "Anoitece...", sem data, musicado por Alberto Nepomuceno em 1904, estreado em sua versão original em 1907, na voz de Amália Iracema\*, cf. ANCG); e em II(27):51 (Ridelina Ferreira\* dedica-lhe o conto "O Tio Jô", que faz um interessante contraponto a "Um Caso Verdadeiro", conto da própria Maria Clara publicado no n° 22).

Sabendo que Maria Clara recebia na intimidade o apelido de "Mimosa" (revelação feita pelo primo Aureliano Leite em seu próprio discurso de posse na Academia Paulista de Letras, em 1944, cf. PLSP), temos a chave para o entendimento de que alguns dos mais sentidos poemas incluídos por Prisciliana Duarte em seu *Vetiver* (de 1939) são dirigidos à prima querida: "Na Lousa de Mimosa", pp. 29-30), "Na Glória" (p. 85) e "Em Minas" (p. 177) — o segundo tendo como epígrafe um terceto do mesmo "Estrela e Flor" reproduzido no n° 8 de *A Mensageira*.

A fração mais volumosa da colaboração de Maria Clara em *A Mensageira* corresponde às saborosas crônicas que compõem a coluna "Carta do Rio", publicadas em quase todas as edições da revista.

Deixando de lado a "Carta" dirigida à prima Prisciliana em I(1):5-6 — na qual Maria Clara concorda com a incumbência de fornecer o material correspondente à coluna a partir do n° 2 — temos uma sequência praticamente ininterrupta de 31 crônicas, das quais vale a pena destacar os pontos de maior significação:

1ª "Carta do Rio" — I(2):18-20 —: condena o uso de tranças postiças e elogia a realização de festas familiares no Passeio Público.

2ª "Carta do Rio" — I(3):36-38 —: lamenta o atentado a Prudente de Moraes e a morte do ministro da Guerra (em 7 de novembro de 1897) e se refere à exposição de pintura dos paisagistas alunos de Antônio Parreiras\*.

3ª "Carta do Rio" — I(4):51-54 —: comentando ter falhado a previsão de uma chuva de meteoros para novembro de 1897, propõe que as vocações femininas sejam respeitadas e registra a chegada ao Rio da esposa do superintendente da São Paulo Railway Company.

4ª "Carta do Rio" — I(5):67-70 —: elogia o heroísmo de Madame Dreyfus\* e se orgulha de possuir o Rio de Janeiro um estaleiro auto-suficiente e uma instituição do nível do Instituto dos Surdos-Mudos; registra o lançamento da coletânea *Noites Brasileiras*, por Inês Sabino\*.

5ª "Carta do Rio" — I(6):82-85 —: comenta o falecimento de Alphonse Daudet\*, o aparecimento de uma onça em plena região urbana do Rio e a comemoração do 17º aniversário do Clube de Engenharia.

6ª "Carta do Rio" — I(7):101-103 —: fala do aprendizado de profissões técnicas por moças do Rio de Janeiro, do recém-lançado diário feminista parisiense *La Fronde*, da morte de Brahms\* e de novas exposições de pintura na cidade.

7ª "Carta do Rio" — I(8):115-118 —: relata um caso observado por ela no Hospício Nacional de Alienados e detalha o conteúdo da exposição de pintura de Facchinetti\* e Maria Forneiro\*.

8ª "Carta do Rio" — I(9):132-135 —: mostra o grau de profissionalismo atingido pelas mulheres que trabalham na Imprensa Nacional e elogia o lançamento do *Livro das Crianças* de Zalina Rolim\*.

9ª "Carta do Rio" — I(10):145-149 —: refere-se às comemorações do carnaval carioca (fevereiro de 1898) e anuncia a publicação de um novo livro de Inês Sabino (o romance *Lutas do Coração*).

10ª "Carta do Rio" — I(11):163-165 —: mostra-se escandalizada com a condenação de Zola\* por seu envolvimento no caso Dreyfus\* (início de 1898), referindo-se ainda a um caso de exploração das amas-de-leite negras e à administração do Orfeão Carlos Gomes por Adelina Lopes Vieira.

11ª "Carta do Rio" — I(12):183-187 —: comenta questões relacionadas com conflitos conjugais e saúda a instalação de uma fábrica de gelo no Engenho Velho.

12ª "Carta do Rio" — I(15):225-229 —: faz um detalhado relato de sua viagem a São Paulo, a Franco da Rocha e a Santos (abril de 1898).

13ª "Carta do Rio" — I(16):244-246 —: lembra a passagem do 10º aniversário da Lei Áurea (maio de 1898) e o falecimento recente de André Rebouças; teme que a região da Tijuca deteriore-se com sua rápida ocupação por empreendimentos comerciais.

14ª "Carta do Rio" — I(17):257-259 —: refere-se às comemorações dos 400 anos da viagem de Vasco da Gama\* à Índia e aos falecimentos do estadista Gladstone\* (na Inglaterra) e do poeta Luís Guimarães Júnior\* (em Portugal).

15ª "Carta do Rio" — I(18):280-282 —: registra as comemorações do aniversário da batalha do Riachuelo, a chegada dos restos mortais de Rebouças ao Rio de Janeiro e a primeira apresentação carioca da cantora lírica paulista Clotilde Maragliano\* (junho de 1898).

16ª "Carta do Rio" — I(19):301-303 —: em julho de 1898, os assuntos dominantes são a instalação de creches e jardins da infância no Rio de Janeiro e a inauguração solene da igreja da Candelária com a execução de uma missa do padre José Mauricio Nunes Garcia.

17ª "Carta do Rio" — I(20):305-307 —: aponta Júlia Lopes de Almeida como veiculadora, pela imprensa, da reivindicação de creches e jardins da infância para as crianças da cidade do Rio.

18ª "Carta do Rio" — I(21):321-323 —: refere-se à exposição de artes plásticas do Centro Artístico (agosto de 1898) e à estréia em livro de Áurea Pires (que acaba de lançar a coletânea poética *Flocos de Neve*).

19ª "Carta do Rio" — I(22):350-352 —: fala da próxima transmissão da Presidência da República de Prudente de Moraes\* para Campos Sales\*, elogia a atuação do doutor Brasil Silvado\* frente ao Instituto Benjamin Constant e refere-se a uma exposição de quadros de seu professor de pintura (o italiano Adolfo Malevolti\*).

20ª "Carta do Rio" — I(23):364 —: menciona os festejos de 7 de setembro de 1898 na Capital Federal e a posse de seu parente Silviano Brandão\* na Presidência do Estado de Minas Gerais; às apresentações da cantora lírica paulista Clotilde Maragliano seguem-se aquelas da gaúcha Amália Iracema\*; Almeida Júnior\* aproveita a 5ª Exposição Nacional de Pintura para exibir (pela primeira vez no Rio de Janeiro) sua monumental tela "Partida da Monção".

21ª "Carta do Rio" — I(24):375-377 —: enfatiza o papel desempenhado por Prisciliana Duarte na manutenção de *A Mensageira* (que estará completando um ano de circulação no mês seguinte, outubro de 1898) e registra o lançamento da coletânea poética *Crótalos*, de Carlos Góis.

22ª "Carta do Rio" — II(25):1-2 —: justifica a interrupção da revista no período que se seguiu à morte do filhinho caçula de Prisciliana (Bolívar Duarte de Almeida\*); e testemunha (já em 1899) o brilho das apresentações de Leopoldo Miguez\* regendo Wagner\* no salão do Instituto Nacional de Música, entidade por ele dirigida.

23ª "Carta do Rio" — II(26):40-42 —: reverencia a memória do Visconde de Taunay\* (falecido no início de 1899), elogiando o "puro brasileiro" do romance *Inocência* e registra o lançamento de *O Lar Doméstico* por Vera A. Cleser\*.

24ª "Carta do Rio" — II(27):58-60 —: celebra a criação do Instituto de Proteção e Assistência à Infância por iniciativa do doutor Moncorvo Filho\*, registra o lançamento de mais um livro de sátiras do padre Correia de Almeida\* e comenta a beleza do mural "Santa Ceia", de Da Vinci\* (cuja pintura completava 400 anos naquele final do século XIX).

25ª "Carta do Rio" — II(28):86-88 —: relata sua viagem (em trem especial) ao sul de Minas, para a inauguração do balneário construído pela Empresa Labari e Cambuquira.

26ª "Carta do Rio" — II(29):103-105 —: refere-se às apresentações, no Rio, do compositor Saint-Saëns\* e da atriz Lucília Simões\*; menciona o falecimento recente, na Europa, de Emílio Castelar\*, Francisque Sarcey\* e Rosa Bonheur\*; registra as reedições do livro *Noites Brasileiras*, de Inês Sabino\*; entusiasma-se com as comemorações dos aniversários das batalhas de Tuiuti e do Riachuelo; cita a escultora campineira Nicolina Vaz de Assis\*.

27ª "Carta do Rio" — II(30):119-122 —: à visita do governador baiano Luís Viana à Capital Federal, sucedeu a apoteótica recepção do presidente argentino Roca\* (agosto de 1899); também estiveram no Rio os primos Silvio e Prisciliana e a poetisa paulista Francisca Júlia\*.

28ª "Carta do Rio" — II(32):155-158 —: Maria Clara visitou a 6ª Exposição Anual da Escola Nacional de Belas-Artes (na qual se destacavam as pinturas do paulista Almeida Júnior) em companhia de Júlia Lopes de Almeida; chegou à cidade Madame Levy\*, que promete a eliminação de rugas através de massagens faciais.

29ª "Carta do Rio" — II(33):173-175 —: dois acontecimentos extraordinários registraram-se na Capital Federal em setembro de 1899: a pré-estreia da ópera *I Salduni*, de Leopoldo Miguez, em versão de concerto e a primeira atuação de uma advogada brasileira (Mirtes de Campos\*) num tribunal de júri; a massagista facial Madame Levy tem feito sucesso principalmente junto à sua clientela masculina.

30ª "Carta do Rio" — II(34):185-188 —: Maria Clara ouviu pela primeira vez o órgão de concerto do Instituto Nacional de Música (fins de 1899); recebeu uma visita da doutora Mirtes de Campos e cumprimenta a advogada Maria Coelho\* por sua brilhante atuação num outro julgamento.

31ª "Carta do Rio" — II(36):230-232 —: já em janeiro de 1900, encerra sua produção fazendo um balanço dos eventos por ela testemunhados ao longo do ano de 1899.

A produção em verso desta gaúcha-mineira-carioca estampada pela revista não permite formar uma idéia muito lisonjeira de sua arte poética. Refere-se, aliás, a poemas não muito recentes, produzidos ainda na casa dos 20 anos de idade: "Estrela e Flor" — p. I(8):124 e "As Belas-Artes" — pp. I(23):367-368, dedicado a Valentim Magalhães\*, extraído dos *Pirilampos* de 1890; estes dois são livremente formatados em padrões anacronicamente românticos; acrescenta-se a eles o soneto "Dois Oásis", apresentado em II(26):44, produzido a quatro mãos por Maria Clara e Adelina Lopes Vieira, em 1891, em homenagem a Prisciliana Duarte. O único poema coetâneo da própria edição da revista, sugerindo maior dedicação à produção em prosa pela escritora madura, é reproduzido em II(33):179; trata-se da "Cantiga", igualmente dedicada a Prisciliana Duarte de Almeida, datada de 19 de setembro de 1899, na qual Maria Clara parece obedecer à aspiração de simplicidade e espírito popular pregada por "Perpétua do Vaie" em I:296.

Bem mais valiosa (e menos datada) parece a produção de contos de Maria Clara da Cunha Santos veiculada em *A Mensageira*:

1º) "Diamantes Brutos", dedicado à prima Isbela da Cunha\* (Isbela da Cunha Carvalho) — I(1):6-9.

2º) "Lenda", "no álbum de Maria Luisa Coelho\*" — I(3):44.

3º) "Mártir de Amor", dedicado a Áurea Pires\* — I(13):193-196.

4º) "O Juca da Generosa", dedicado ao professor de pintura de Maria Clara, Adolfo Malevolti\* — I(14):215-218.

5º) "Golpe Certo", dedicado à irmã da escritora, Lídia da Cunha\* (Lídia da Cunha Cox) — I(19):292-294.

6º) "Um Caso Verdadeiro", dedicado a uma outra irmã de Maria Clara, Ofélia da Cunha\* (Ofélia da Cunha Belham) — I(22):337-340.

7º) "No Sertão", dedicado a uma irmã (declamadora e cantora lírica) de Júlia Lopes de Almeida, Adelaide Lopes Gonçalves\* — I(23):355-360.

8º) "Abnegação!", dedicado à médica Ermelinda de Sá\* — II(26):31-36.

9º) "Mentira Piedosa!", dedicada a uma terceira irmã da escritora, Clara Maria Vilhena da Cunha\* — II(28):77-79.

10º) "Bodas de Prata", dedicado à prima Maria Honória Duarte Feitosa\* (irmã de Prisciliana) — II(29):110-113.

11º) "Saudade Incurável", dedicado à amiga Inês Sabino\* — II(31):143-145.

12º) "Apólogo", peça de prosa poética dedicada a Cândida Scheldon\* — II(32):149-151.



Cumpra observar, em primeiro lugar, o espírito de clã (também presente nas coletâneas poéticas de Prisciliana Duarte) evidenciado pelas dedicatórias: metade delas dirigem-se a parentes, primas ou irmãs (significativamente, apenas parentes do sexo feminino).

Possuem relativo interesse histórico-documental os contos 1, 5 e 8, respectivamente "Diamantes Brutos" (história da "roceirinha transformada em madame"), "Golpe Certeiro" (estudo de um enigmático caso de rapaz burguês envolvido com a criminalidade) e "Abnegação!" (dramática história de uma moça desfigurada pela varíola).

O 3º e o 10º, "Mártir de Amor" (o drama do juiz casado com uma alcoólatra) e "Bodas de Prata" (em que marido traído e mulher adúltera se tornam cúmplices na eliminação do amante desta) invadem os domínios do escabroso, à maneira de um Maupassant ou de um Catulle Mendès caboclo.

O conto nº 6, "Um Caso Verdadeiro" — em que a escritora trata com tonalidades róseas a história do velho ex-escravo que encontra casualmente, depois de muitos anos de busca, a filha de quem fora separado há muito tempo — permite um interessante paralelo com um conto bem mais amargo sobre o mesmo tema (o mencionado "O Tio Jó", de Ridelina Ferreira, pp. II:51-58).

Quanto ao de nº 11, "Saudade Incurável", é curioso observar que Maria Clara assume (conscientemente?) o estilo canhestro característico dos contos de Inês Sabino, a quem este conto é dedicado.

O 4º, "O Juca da Generosa" — conto-crônica destinado a retratar um tipo popular da sul-mineira Pouso Alegre — une capacidade descritiva com um encantador estilo humorístico coloquial, somando interesse documental e valor literário propriamente dito.

Mas a obra-prima de Maria Clara é, sem dúvida, o 7º, "No Sertão": selecionado por Prisciliana Duarte para figurar no 23º número da revista (no qual a contista é formalmente homenageada), alia aspectos históricos, geográficos, psicológicos e sociológicos na composição de uma história de suspense passada no sertão mineiro do período imperial. Ainda que se possam apontar influências no que diz respeito à temática e ao estilo dos precursores do regionalismo mineiro-goiano Bernardo Guimarães\* e Alfredo d'Escagnolle Taunay\*, existe nesse conto qualidade e originalidade suficientes para habilitar sua inclusão em qualquer antologia regional relativa aos Oitocentos.

A única crônica avulsa de Maria Clara (independente da manutenção da coluna de crônicas "Carta do Rio") publicada em *A Mensageira* corresponde à circunstancial "De Luto" — p. II(25):13 — dedicada à prima Prisciliana Duarte de Almeida, elegiaco fragmento de prosa poética (nênia) destinado à invocação de Bolívar, a criança morta aos 18 meses de idade, em outubro de 1898.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1904, p. 318: registro do lançamento de *Painéis* + almanaque para o ano de 1914, p. 498: registro do falecimento de Maria Clara em 1911); ALCM (pp. 140-141); ANCG (pp. 17 e 24); CBMO (pp. 146, 167 e 206); CNMT (p. 272); DMMN (verbetes separados para Maria Clara Vilhena da Cunha e Maria Clara da Cunha Santos respectivamente nas pp. 305 e 1.185 deste dicionário); EDJ (verbetes para José Américo dos Santos e Maria Clara no vol. XVI desta enciclopédia, respectivamente pp. 10.291 e 10.294); FTFR (vol. I, p. 738: "Maria Clara da Cunha Santos", incluindo reprodução do mesmo soneto transcrito por LFSB + pp. 739-742: "Maria Clara Vilhena da Cunha", texto que inclui a íntegra do prefácio de Adelina Amélia Lopes Vieira aos *Pirilampus*); LFSB (fl. 209: biografia sumária seguida da reprodução do soneto "A Estátua"); PDSO (poemas dedicados por Prisciliana a Maria Clara: o antigo "Feliz Encontro", rerepresentado nas pp. 21-22, mais "Em Minas", datado de 1904, pp. 63-64); PDVE (poemas dedicados por Prisciliana a Maria Clara: "Na Lousa de Mimosa" e "Na Glória", respectivamente nas pp. 29-30 e 85, mais a rerepresentação daquele mesmo "Em Minas" na p. 177); PLSP (discurso de posse de Aureliano Leite no nº 29, março de 1945, p. 84); SBDB (verbetes referentes a José Américo dos Santos no vol. IV, pp. 284-286 e a Maria Clara Vilhena da Cunha no vol. VI, p. 229); WMB (vol. IV, p. 347).

Iconografia: além da foto veiculada pela própria revista *A Mensageira* (capa do nº 23, p. I:353), dispõe-se de um retrato de Maria Clara da Cunha Santos (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de LFSB (fl. 209); dispõe-se ainda de um retrato — fotografia assinada por L. Musso publicada pelo AGRJ para o ano de 1907, p. 409 — do marido de Maria Clara, José Américo dos Santos, incluído, como 1º tesoureiro da comissão organizadora, no quadro de honra do III Congresso Científico Latino-Americano (realizado no Rio de Janeiro no início do século XX).

SENA, Néilson de (pseudônimo: "Pelayo Serrano") — I(7):103-106; I(9):129-132 e 143; I(16):254-255; I(17):270-271; I(20):314-315; I(21):333-334; I(22):348-350; II(25):10-12; II(27):62-64 e 71; II(35):210-212.

SENA, Néilson de ("Pelayo Serrano")

A exiguidade do verbete correspondente a este escritor no célebre dicionário de Sacramento Blake (SBDB) é justificável pelo fato de ser ele ainda muito jovem no final do século XIX, época em que Blake procedeu a seu levantamento biobibliográfico.

Martins de Oliveira fez-lhe justiça, porém, nas duas páginas que lhe dedicou na segunda edição de sua história literária (MOLM): Néilson Coelho de Sena (1876-1952) deve ser situado entre os mais produtivos historiadores mineiros, tornando-se, pelo período em que viveu, fonte obrigatória de consulta para os pesquisadores que o sucederam. Nascido em Serro, MG, na região do Alto Jequitinhonha, Néilson de Sena era filho de um casal de professores públicos, Cândido José de Sena e Maria Brasilina Coelho de Sena — sendo alfabetizado por eles na época em que residiram em São João Evangelista (na mesma região).

Depois de prosseguir estudos sob a supervisão de um irmão (Policarpo Sena), seguiu para Diamantina, onde completou o curso de humanidades e ingressou na Escola Normal (completando esse curso de habilitação para o magistério posteriormente, em Ouro Preto). Na então capital do Estado de Minas Gerais cursou, em seguida, a recém-fundada Faculdade Livre de Direito estadual (inaugurada em 1893).

Pela época de sua colaboração na revista *A Mensageira* (isto é, do início de 1898 até fins de 1899), o jovem escritor é, portanto, um recém-formado bacharel em direito — mas já manteve, segundo informação de Sacramento Blake e confirmação de Xavier da Veiga\* (XVIM), dois periódicos próprios: *O Aprendiz* (Diamantina, 1893) e *A Academia* (Ouro Preto, 1897), além de publicar, no jornal *O Estado de Minas* (Ouro Preto), ao longo de 1896, uma conhecida série de "Efemérides Mineiras" e ainda, na mesma cidade, uma monografia (*Memória Histórica e Descritiva da Cidade e Município do Serro*, 1895) e uma coletânea de contos e narrativas intitulada *Páginas Timidas* (1896).

Por essa época, Néelson de Sena substituiu Afonso Arinos (1868-1916) na função de lente do Ginásio Mineiro (cadeira de História Universal e do Brasil), chegando a ser efetivado no cargo. Mas, transferindo-se para a nova capital de Minas, Belo Horizonte (inaugurada em fins de 1897), torna-se professor da Escola de Engenharia, lecionando Direito Administrativo e Legislativo, além de Economia Política.

Uma bem sucedida carreira política (incluindo cinco mandatos sucessivos de deputado federal e quatro de deputado estadual) irá ocupá-lo até 1930 — época em que, desencantado com os rumos da política nacional, isola-se, passando a dedicar-se em tempo integral às suas pesquisas históricas e literárias.

Mas, tendo participado da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em 1907, Sena aparecerá também como um dos mais notórios fundadores da Academia Mineira de Letras (instalada em Juiz de Fora em 1910 e transferida para Belo Horizonte em 1915), escolhendo para patrono de sua cadeira (nº 28, atual nº 36), o infeliz lírico religioso, seu conterrâneo de Serro, José Elói Otoni (1764-1851). Participando da sessão inaugural da Academia, em 13/05/1910, pronuncia, na qualidade de orador oficial, um discurso posteriormente publicado no primeiro número da *Revista da Academia Mineira de Letras* (AMBH), em que, contrariando as expectativas, dedica-se não a evocações do passado mineiro, mas a projeções em que antevê um futuro glorioso para as cidades de seu Estado natal.

Sua produção incessante atingiu, em seus quase 76 anos de vida, volume pouco usual — superando, de acordo com Martins de Oliveira, a casa dos 100 volumes publicados — aí incluídas obras técnicas, literárias, históricas, geográficas, etnográficas e filológicas. Deixou também abundante material esparsos por periódicos de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, com destaque para a *Revista do Arquivo Público Mineiro* (periódico fundado ainda em Ouro Preto, em 1896 e circulante até 1927).

Sua colaboração em *A Mensageira* caracteriza-se, desde seu início, por um estreito e entusiástico atrelamento ao programa pessoal de Prisciliana Duarte de Almeida\*, exposto no primeiro número da revista. Ao artigo "Intelectualidade Feminina Brasileira" — I(7):103-106 — segue-se, em continuação, o texto "Ainda um Assunto Feminino" — I(9):129-132 —, este último datado de Ouro Preto, 1898; neles o articulista fornece dados que permitem ampliar o rastreamento das muitas mulheres escritoras espalhadas pelo território nacional — dando assim sua colaboração para o mapeamento iniciado em 1897 pela própria diretora da revista. No mesmo nº 9 — em I(9):143 — Prisciliana Duarte registra o recebimento de um *Almanaque do Município de Passos* para o ano de 1898, no qual são homenageados com "retratos e biografias" os dois principais colaboradores mineiros da *Mensageira*, Manuel Viotti\* ("Elmano do Val") e Néelson de Sena.

Já no nº 17 — pp. I(17):270-271 — e no nº 20 — pp. I(20):314-315 — reproduzem-se, sucessivamente, dois excertos de publicações prévias, provavelmente de origem didática, em que se mesclam elementos de literatura, história e geografia na composição de um imaginário relato de viagens pelo Brasil e pelos países da América do Sul; o primeiro deles foi denominado, pela revista, "De um Livro de Viagens (Excertos)" e o segundo, datado de julho de 1893, "Páginas Americanas (Fragmento)".

A seguir, aparece, em I(21):333-334, uma pouco feliz crônica "Sonhos", datada de julho de 1898 — texto vazio e redundante, típico da produção puramente retórica de muitos dos escritores da época.

No número seguinte — em I(22):348-350 — a resenha "Lendo e Comentando...", dedicada a analisar o lançamento, em 1898, de um novo romance de Coelho Neto\* (*O Morto*), fornece, pelo contrário, uma substancial apreciação do livro que narra a história de um fictício cidadão do Rio de Janeiro forçado a esconder-se em território mineiro no tumultuado período da Revolta da Armada (1893).

A colaboração de Néelson de Sena prossegue no Ano II de *A Mensageira* com a publicação de um outro artigo de geografia política, "Notas Brasileiras: Cidades mais Populosas da União" em II(25):10-12 — e, nos números 27 e 35, com duas matérias de caráter puramente literário.

Lembrando que em I(16):254-255 Prisciliana Duarte já noticiara a troca de correspondência entre Néelson de Sena e o escritor chileno Clemente Barahona Vega, entende-se a publicação, em II(27):62-64, da tradução, pelo escritor mineiro, de um artigo de Barahona Vega — "La Tombe et la Rose" — a respeito das diferentes versões existentes desse poema hugoano na língua espanhola; esta matéria já é assinada por Sena com a designação de seu novo local de residência: Belo Horizonte ("Cidade de Minas") e datada de fevereiro de 1899. Em II(35):210-212 sai a tradução de um outro artigo de Barahona Vega, "A Lenda da Rosa Banca", lenda religiosa medieval que poderá interessar a estudiosos das tradições religiosas populares ou mesmo aos modernos adeptos do culto a Nossa Senhora da Rosa Mística.

A menção a Néelson de Sena em meio a diversos outros nomes de colaboradores no n° 25, em II(27):71, transcrita de um jornal de Juiz de Fora, não tem maior significado. Mas devemos notar que o nome deste colaborador de Minas aparece indiferentemente como Néelson de Sena ou "Pelayo Serrano" (ou até mesmo simultaneamente com ambas as denominações, como ocorre em I:270). Isso contrasta com a situação de "Elmano do Val", cuja verdadeira identidade (Manuel Viotti) só é revelada por um lapso cometido pela redação da revista.

Ambos, "Pelayo Serrano" e "Elmano do Val", correspondem, aliás (como já foi referido), aos dois principais colaboradores mineiros do sexo masculino, que poderiam ser considerados como autênticos "braços-direitos" de Prisciliana Duarte de Almeida na composição de *A Mensageira*.

Notar ainda que, na atualização ortográfica procedida, optamos por manter o pseudônimo "Pelayo Serrano" grafado dessa forma, com y; a grafia "Pelaio Serrano" estaria, a nosso ver, incorreta — pois é mais provável que "Pelayo" corresponda à forma portuguesa "Pelágio", herói da resistência ibérica à invasão moura, no século VIII. "Pelayo Serrano" equivaleria, portanto, a algo assim como "O guerreiro de Serro, último dos moicanos de Minas".

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1904, p. 319: registro do lançamento da obra *Santa Ifigênia* em 1902 + almanaque para o ano de 1905, p. 350: registro do lançamento de *Contos Sertanejos* em 1903 + almanaque para o ano de 1906, pp. 198-200: perfil biográfico "O Dr. Martinot", por Néelson de Sena e, na p. 353, registro do lançamento de sua monografia "O Estado de Minas Gerais na Exposição Universal de S. Luís"); AMBH (vol. I, n° 1, referente ao ano de 1922, pp. 49-59); EDU (vol. XVIII: pp. 10.553-10.554); MOLM (pp. 25, 29, 187, 188 e 275-276); POJF (pp. 159 e 195); RMDL (verbete "Academia Mineira de Letras", pp. 728-729); SBDB (vol. VI, p. 305); XVIM (pp. 44 e 48); WMIB (vol. V, p. 187).

Iconografia: fotografia no AGRJ (almanaque para o ano de 1909, p. 306).

SILVA, Francisca Júlia da — I(1):1 e 16; I(2):21; I(4):61 e 62; I(5):74; I(6):95; I(7):105; I(10):156 e 160; I(11):170 e 171; I(12):182; I(14):212; I(15):240; I(16):256; I(22):343; II(26):30; II(27):71; II(30):120.

SILVA, Francisca Júlia da

Filha de Miguel Luso da Silva e Cecília Isabel da Silva, Francisca Júlia da Silva (1871-1920) nasceu em 31 de agosto de 1871 na longínqua cidade paulista de Xiririca (atual Eldorado), porto de escoamento da produção agrícola do Vale do Ribeira de Iguape, cerca de vinte léguas distante, por via fluvial, do litoral atlântico.

Transferindo-se para a capital do Estado, com a família, por volta de 1880, começa a divulgar sua produção poética através da imprensa paulistana (o jornal *O Estado de São Paulo* teria sido, em 1890 — por essa época contando com o poeta Filinto de Almeida\* no cargo de redator-chefe — o primeiro periódico a estampar um poema seu: ver o fac-símile publicado em AESP). Aclamada pela crítica de São Paulo e do Rio de Janeiro à medida que seus sonetos aparecem em diferentes periódicos, publicará ainda na década de 90 sua primeira coletânea poética, prefaciada pelo mesmo João Ribeiro\* que vetará em 1897 a entrada de "machonas" na composição inicial da Academia Brasileira de Letras: *Mármore* (São Paulo, Horácio Belfort Sabino Editor, 1895).

A este primeiro livro irão juntar-se mais três antologias poéticas, até a ocasião do falecimento da escritora (1920): a coletânea escolar *Livro da Infância* (São Paulo, Typographia do Diário Oficial, 1899), prefaciada pelo irmão, o bacharel-poeta Júlio César da Silva\* (1872-1936); *Esfinges* (São Paulo, Bentley Junior & Comp., 1903), com a reprodução do mesmo prefácio de João Ribeiro, de 1895; e *Alma Infantil*, segunda coletânea de "versos para uso das escolas" (São Paulo-Rio de Janeiro, Editora Livraria Magalhães, 1912) esta última em parceria com o irmão.

Vale a pena destacar que logo após a morte de Francisca Júlia organizou-se uma reedição, ampliada e recompilada por Júlio César da Silva, de *Esfinges* (São Paulo, Monteiro Lobato & Cia. Editores, 1920), que vem acompanhada de volumoso apêndice de 58 pp., "A Propósito de Francisca Júlia e de Sua Obra" — contendo prefácios, crônicas, artigos de apreciação e necrológios assinados por João Ribeiro\*, Vicente de Carvalho, Olavo Bilac\*, Coelho Neto\*, Leal de Sousa, João Luso\*, Batista Cepelos, Valentim Magalhães\*, Aristeu Seixas, Lélis Vieira, Luís Piza, Garcia Redondo\*, Lúcio de Mendonça\*, Virgílima de Sousa Sales, Pinheiro Júnior, Gelásio Pimenta, Ciro Costa, Arduíno Bolívar, Humberto de Campos, Lindolfo Esteves, Gomes de Freitas, Frota Pessoa, Álvaro Guerra, Cunha Mendes\*, João Vampré\*, Leopoldo Machado, Nuto Santana, Alberto de Oliveira\*, Félix Pacheco, Menotti del Picchia, Max Fleiuss\*, Freitas Vale e Guilherme de Almeida.

Festjada como encarnação máxima da "impassibilidade" pregada pelos parnasianos mais ortodoxos, condenada pela "frieza" de seus versos (principalmente pela crítica nordestina coetânea), a poetisa tem suas aparições públicas limitadas ao período balizado pela publicação de *Mármore* (1895) e de *Esfinges* (1903); depois de um romance passageiro com o jovem João Luso\* (1875-1950), ainda nos anos 1890, já está residindo, a partir de 1906, na pequena cidade de Cabreúva (situada entre Jundiá e Itu, na região sudeste do Estado de São Paulo), onde colabora com a mãe lecionando e cuidando da casa; lá teria sofrido uma desilusão amorosa, mas participa, à distância, da organização de uma frustrada academia literária paulista surgida e desaparecida em 1907 (assim, mesmo tendo voltado a residir na cidade de São Paulo em fins de 1908, irá recusar-se, em 1909, a integrar a nova Academia Paulista de Letras, que conta com Prisciliana Duarte\* e Sílvio de Almeida\* entre seus fundadores).

Em restrita conferência realizada em Itu, em 1908, já demonstrara sua plena adesão ao misticismo e ao esoterismo esboçado em alguns de seus poemas juvenis (peculiaridade que teria acabado por conferir caráter manifestamente simbolista a diversos poemas divulgados no século XX). Em 27 de fevereiro de 1909, casara-se com Filadelfo Edmundo Munster, fluminense cerca de dez anos mais velho que a noiva "Caju", telegrafista da Estrada de Ferro Central do Brasil, com quem parece ter sido feliz, nesse casamento sem filhos que perduraria até o final da década de 1910 (foi padrinho do casamento o poeta santista, velho amigo da escritora, Vicente de Carvalho). Ao falecimento de Filadelfo, em 31 de outubro de 1920, segue-se imediatamente a morte dela: já doente há algum tempo, Francisca Júlia sofre morte súbita (por acidente vascular cerebral, pelo que consta do atestado de óbito) no dia seguinte, 1º de novembro, no velório do marido, sendo sepultada no dia de Finados, no paulistano cemitério do Araçá.

Apesar da escassez de dados disponíveis a seu respeito, a poetisa paulistana contou com um pesquisador de peso, Péricles Eugênio da Silva Ramos, que procedeu a uma meticulosa revisão de fontes primárias, expondo os resultados dessa pesquisa no aprofundado estudo introdutivo da coletânea PEFJ, editada em 1961 pelo Governo do Estado de São Paulo (resumimos, no texto acima, o perfil biobibliográfico fornecido por esse autor, com os acréscimos e as retificações procedidos por ele próprio em PEBM). Com base no álbum de recortes organizado pelo irmão de Francisca Júlia, Péricles Eugênio compôs, inclusive, um suplemento iconográfico (incluído entre pp. 38 e 39 daquela coletânea) que praticamente esgota a reduzida coleção de imagens disponíveis a respeito da escritora e de sua produção. Versões abreviadas das análises desse pesquisador encontram-se em duas outras antologias poéticas, de espectro mais amplo: PEPP e PEPS — como também em seu capítulo "A Renovação Parnasiana na Poesia", elaborado para a coleção *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho (ACLB). Nas antologias AAPB, ADPP, AWPP, FTAS, FTFR, LFSB e OPLB, subordinadas a diferentes critérios de seleção, são fornecidas amostras variadas da produção de Francisca Júlia. Diferencia-se dessas coletâneas mais genéricas o estudo procedido por Domingos Carvalho da Silva em CSVF, em que a poetisa é situada em função de sua estética pessoal, em meio às muitas outras "vozes femininas" da literatura nacional (abordagem que poderá ser complementada pela monografia de Danilo Lobo incluída em TRFS).

Da crítica coetânea, salienta-se um artigo de Lúcio de Mendonça, "A Três Júlias", em que a poetisa é homenageada juntamente com Júlia Lopes de Almeida\* e Júlia Cortines\* (cf. *Almanaque Garnier* para 1907, AGRJ); exemplos da mencionada acusação de "frieza" pela crítica nordestina do início do século XX aparecem até mesmo em anuários de ampla divulgação — como o *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* para 1904, LBLB (em que o paraibano José Rodrigues de Carvalho faz colocações de duplo sentido ao enaltecer Aute de Sousa\* em detrimento de Francisca Júlia) e o *Almanaque das Senhoras* para 1906, ASLS (em que a cearense Alba Valdez elogia a poética despojada de Francisca Clotilde\* contrapondo-a à "arte fria, impecável, mas que não fala nem comove de Francisca Júlia"). Da coleção da *Revista da Academia Paulista de Letras* (PLSP) interessam a transcrição de uma carta datada de 1907 e uma compilação de apreciações elogiosas da poetisa feita com base no mencionado apêndice da reedição de *Esfinges* de 1920. Como Sacramento Blake não chegou a dicionarizá-la, são invariavelmente incorretos os verbetes divulgados por obras de referência como CMAP, DMMN e EDIJ; salva-se o de Raimundo de Menezes em RMDL por basear-se em informações de Péricles Eugênio da Silva Ramos. O papel historicamente relevante assumido por Francisca Júlia e Júlio César da Silva como precursores da moderna literatura infantil brasileira é salientado por especialistas no assunto como Leonardo Arroyo, Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman & Marisa Lajolo e Marisa Lajolo & Regina Zilberman (respectivamente em LALI, NCDC, ZLBC e LZLI).

A Francisca Júlia que colabora na revista *A Mensageira* em 1897 e 1898 é, portanto, a jovem poetisa de 26 anos de idade que ainda ouve aplausos generalizados, do público e da crítica, pelo lançamento de seu livro de estréia, *Mármore* (1895).

A lembrança de seu nome já na primeira página do número inaugural do periódico — em I(1):1 —, reforçada pelo anúncio, em I(1):16, de sua primeira colaboração, representa, desse modo, um dos trunfos de que Prisciliana Duarte de Almeida se vale para transmitir aos leitores a imagem de um excelso corpo de colaboradoras — que já contava, até aí, com a confirmação das presenças da prosadora carioca Júlia Lopes de Almeida, da poetisa fluminense Júlia Cortines\*, e de uma outra grande poetisa paulista, Zalina Rolim\*.

Em I(2):21, ainda em outubro de 1897, aparece seu primeiro poema divulgado pelo periódico paulistano, *O Mergulhador* — seguido, com o intervalo de seis meses, por sua segunda e última colaboração, publicada em fins de abril de 1898, em I(14):212: *Anfitrite*. São, ambos, sonetos de construção impecável, típicos da produção "impassível" da Francisca Júlia de *Mármore*. Reaparecerão em 1903, incluídos em sua segunda coletânea poética, *Esfinges* — que já conterà, no entanto, poemas de maiores densidade, amplitude e espontaneidade, desvinculados do paralisante rigor formal que caracterizava a produção inicial da poetisa.

Entre uma e outra dessas duas únicas colaborações, é reproduzida — em I(11):171 — a balada "Inconsoláveis", extraída de *Mármore*, lançada no final de uma das crônicas de Maria Emília justamente para desmentir a "impassibilidade" que vinha aparecendo reiteradamente associada aos elogios feitos pela crítica masculina, como também surgindo com conotações pejorativas nas apreciações feitas pela crítica feminina.

As numerosas menções a seu nome estampadas em I(4):61 e 62, I(5):74, I(6):95, I(7):105, I(10):156 e 160, I(11):170, I(12):182, I(15):240, I(16):256 e II(26):30, refletem, portanto, o prestígio por ela obtido tanto entre seus pares como na imprensa especializada.

Três outras referências servem para acrescentar dados interessantes aos nossos conhecimentos relativos à escritora: em I(22):343, ficamos sabendo que Francisca Júlia está entre as 27 escritoras nacionais que mereceram dedicatórias da gaúcha Andradina de Oliveira\* em seu livro de estréia, a coletânea de contos *Preludiando* (1897);

em II(27):71, Prisciliana Duarte registra a homenagem prestada a Francisca Júlia pela revista literária *Santos Ilustrado*, e em II(30):120, a cronista Maria Clara da Cunha Santos informa que a poetisa paulista visitou o Rio de Janeiro no inverno de 1899.

Fontes: AAPB (pp. 399-401: reprodução dos sonetos "Rústica", "À Noite" e "Inverno" — a publicação na p. 402, do soneto "Beija-Flor", de Auta de Sousa, serve para caracterizar o grande contraste entre as artes poéticas de uma e outra); ACLB (p. 127 do vol. III, cap. 28, "A Renovação Parnasiana na Poesia", assinado por Péricles Eugênio da Silva Ramos); ADPP (pp. 110-113: biobibliografia sumária seguida da reprodução de seis sonetos de Francisca Júlia); AGRJ (almanaque para o ano de 1907, pp. 246-249: reprodução do artigo de Lúcio de Mendonça "A Três Júlias", datado originalmente de 1897 + almanaque para o ano de 1909, p. 170: reprodução do poema "Amor Descoberto", "de um poeta grego", versão portuguesa de um canto popular grego recolhido pelo francês Conde de Marcellus, 1776-1841); ASLS (almanaque para o ano de 1906, p. 210: referência a Francisca Júlia no texto "Francisca Clotilde", por Alba Valdez); AWPP (pp. 73-77: reprodução dos poemas "Musa Impassível", "Noite de Inverno" e "Voz dos Animais", seguida de nota biográfica sumária); CMAP (pp. 579-580); CNMT (pp. 259-270); CSVF (considerações de contextualização estética nas pp. 23-24 mais a reprodução, nas pp. 54-56, dos poemas "Musa Impassível", "Os Argonautas" e "Prece"); DMMN (pp. 642 e 1.220); EDJ (vol. XVIII, p. 10.683); FTAS (nesta antologia subordinada ao tema da maternidade, é reproduzido na p. 68 o soneto "Mãe" e fornecida nas pp. 283-284 uma fantasiosa nota biobibliográfica); FTFR (vol. I, pp. 690-692: notícia biobibliográfica e reprodução dos sonetos "Musa Impassível", "Vênus" e "A Dança das Centauros"); KSRJ (a única colaboração de Francisca Júlia neste mensário carioca aparece na 14ª página do nº 6 do ano II, correspondente ao mês de junho de 1905: o poema "Em Caminho da Luz", dedicado a Lúcio de Mendonça); LALI (pp. 139, 217 e 219); LBLA (almanaque para o ano de 1904, p. 87: referência a Francisca Júlia no texto "Auta de Sousa", por Rodrigues de Carvalho); LFSB (fl. 319: aqui, é "Os Argonautas" o soneto selecionado por Laudelino Freire); LZLI (pp. 30, 43, 164, 165 e 166); NCDC (pp. 37-38); OPLB (pp. 182-183: dramática nota biográfica seguida da reprodução do poema "Visão"); PEBM (pp. 175, 206-209, 222, 230, 251 e 301); PEFJ (volume de 225 pp., inteiramente dedicado a Francisca Júlia: a antologia propriamente dita é precedida de substancial estudo introdutivo de Péricles Eugênio, organizador e responsável pelas notas do livro); PEPP (pp. 228-234: nota biobibliográfica seguida da reprodução de cinco sonetos da poetisa — a publicação, nas pp. 235 e seguintes, de poemas de Júlia Cortines, presta-se a um interessante confronto entre essas duas grandes artistas da virada do século); PEPS (pp. 240-247: nota biobibliográfica seguida da reprodução de quatro poemas da poetisa, ilustrando a "feição definitiva", mística e simbolista, de sua estética literária); PLSP (nº 5, março de 1939, pp. 148-149: transcrição de uma carta remetida de Cabreúva por Francisca Júlia, em 1907 + nº 56, junho de 1952, pp. 177-181: "Francisca Júlia da Silva", compilação assinada por Lygia Lemos Torres); RMDL (p. 339); TRFS ("Francisca Júlia: Entre o Pincel e a Pena", por Danilo Lobo: pp. 210-224 do nº 23 desta revista, 2º semestre de 1991, edição consagrada ao tema: "Mulheres — Século XIX"); WMIB (vol. IV: pp. 479-480, vol. V: pp. 79, 237-238 e 504, vol. VI: pp. 177, 212, 244 e 279, vol. VII: p. 550); ZLBC (reprodução do prefácio do livro *Alma Infantil*, pp. 278-279).

Iconografia: o suplemento iconográfico apresentado por Péricles Eugênio da Silva Ramos em PEFJ (entre pp. 38 e 39) praticamente esgota a iconografia de Francisca Júlia — abrindo-se com a fotografia publicada originalmente na revista *Kosmos* (KSRJ), na 14ª página do nº 6 do ano II, correspondente ao mês de junho de 1905; essa é sua foto mais divulgada, reaparecendo em textos como aquele de "A Três Júlias" do AGRJ (almanaque para o ano de 1907, p. 248); na mesma foto se baseia o retrato (desenho a bico-de-pena) que ilustra o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 319); o belo retrato de perfil estampado no AGRJ para 1903 (p. 250) é um desenho feito a partir da foto de 1899 publicada originalmente pelo periódico *Santos Ilustrado*, também reproduzida em PEFJ; acrescente-se a essa iconografia o fac-símile do manuscrito autógrafa do soneto "Tudo é Vaidade", peça integrante do acervo do jornal *O Estado de São Paulo*, apresentado como curiosidade histórica na p. 316 do almanaque AESP.

SILVA, Júlio César da — I(2):29; I(4):63.

SILVA, Júlio César da

A respeito do irmão de Francisca Júlia da Silva\* (1871-1920), a maior poetisa paulista da virada do século e uma das colaboradoras mais gradas de *A Mensageira*, o pesquisador encontra informações abundantes — mas frequentemente imprecisas e discrepantes.

Por esse motivo, selecionando o material disponível, seguiremos sempre, nas situações controvertidas, as informações de Péricles Eugênio da Silva Ramos em PEBM, PEFJ e PEPP, que estudou a biobibliografia de ambos de maneira mais aprofundada.

Filho de Miguel Luso da Silva e Cecília Isabel da Silva (ele advogado provisionado, ela professora primária), Júlio César da Silva (1872-1936) nasceu na longínqua Xiririca (atual Eldorado, SP), situada à margem do Ribeira de Iguape, no extremo sul do Estado de São Paulo.

Radicando-se na capital paulista, com a família, por volta de 1880, frequenta a Faculdade de Direito de São Paulo a partir de 1891 (na mesma turma em que ingressara o poeta mineiro Alphonsus Guimaraens, 1870-1921) — bacharelando-se em 1895.

Ao completar a faculdade, Júlio César já tem publicados dois livros (ambos impressos em São Paulo), correspondentes à sua produção poética do período 1891-1895: *Estalactites* e *Sarcasmos*. Em 1899 prefacia o *Livro da Infância*, coletânea didática elaborada pela irmã — e, em 1912, colabora com ela na composição de *Alma Infantil*, "versos para uso das escolas"; o papel historicamente representado pelos dois irmãos como precursores da moderna literatura infantil brasileira é salientado por especialistas no assunto como Leonardo Arroyo, Nelly Novaes Coelho e Regina Zilberman & Marisa Lajolo (respectivamente em LALI, NCDC e ZLBC).

É de 1915 a comédia em verso (representada no Rio de Janeiro em 1917) *Morte de Pierrot*, de Júlio César — cujas últimas obras publicadas em livro corresponderão aos volumes editados em São Paulo por Monteiro Lobato: *Arte de Amar* (versos, 1921) e *O Diabo Existe* (contos, 1925).

Circulam lendas imaginosas sobre este poeta, tecidas em torno do fato de jamais ter exercido a advocacia (vivendo do salário de funcionário público da municipalidade paulistana), de ter, na juventude, tentado se estabelecer no Uruguai ou na Argentina e de ter pensado em se tornar padre — passando a dedicar-se, em rumo oposto, ao atletismo e à acrobacia (teria chegado a dirigir um circo).

Conhecido pela elegância de suas intervenções verbais e pelo apuro no trajar, Júlio César da Silva, admirado especialmente pelos poetas mais jovens dos círculos acadêmicos paulistanos, torna-se centro de rodas boêmias, publicando colaborações esparsas por muitos periódicos da capital paulista — como a *Revista Literária* (de 1895), a própria *A Mensageira* (1897-1900), *A Vida de Hoje* (extinta em 1904), *A Ilustração Brasileira* (1903-1905) e *A Cigarra* (1914-1930); fundou e dirigiu as revistas de variedades *Revista Sul-Americana* (1905) e *A Crônica* (1908), acolhendo nesta última colaborações de, entre outros, Prisciliana Duarte de Almeida\*. Aparece ainda em periódicos cariocas como o *Almanaque Brasileiro Garnier* (AGRJ), no início do século. Já vinha publicando colaborações (poemas e contos) no importante periódico paulistano *Revista do Brasil* (criado em 1916), ao longo da segunda metade da década de 1910; em janeiro de 1923, ao assumirem a direção da revista, Paulo Prado e Monteiro Lobato delegam-lhe funções administrativas ao empossá-lo no cargo de redator-secretário.

Fortemente ancorado na estética parnasiana — mas situando-se também, conforme Péricles Eugênio (em PEBM), entre nossos "numerosos poetas de simbolismo acidental no seu parnasianismo definitivo ou majoritário" —, Júlio César da Silva tem sua única colaboração na revista *A Mensageira* publicada em fins de 1897, em I(2):29; trata-se do modelar soneto em versos alexandrinos "Kief", recheado de descrições virtuosísticas e de forte apelo sensorial, no limite entre a objetividade parnasiana e o impressionismo simbolista. A menção ao poeta em I(4):63 refere-se justamente à apreciação elogiosa desse soneto pelo jornal *Cidade de Campinas*.

Fontes: ADPP (pp. 119-120); AGRJ (almanaque para o ano de 1904: poema "Asas Brancas", pp. 273-274); AMSP (pp. 135, 137, 140 e 147 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Nossas Revistas de Cultura", 1968, vol. CLXXIV); ASLE (cap. 47: "Júlio César da Silva", pp. 254-255); AWPP (pp. 89-90); CMAP (pp. 586-587); GSTB (vol. II, p. 507); HGSP (pp. 87, 88, 89 e 108 da monografia de Antônio Barreto do Amaral: "Reparos e Aditamentos à Obra *A Imprensa Periódica de São Paulo*", 1986, vol. LXXXI, pp. 45-111); LALI (p. 219); LZLI (pp. 30 e 166); NCDC (p. 37); PEBM (pp. 207, 208, 223 e 230); PEFJ (pp. 5, 8, 9, 13, 16, 17, 22, 23, 25, 27, 28, 39, 40, 41, 52, 60, 116, 172); PEPP (pp. 215-220); PLSP (n° 4, dezembro de 1938, pp. 152-154: crônica de reminiscências, "Júlio César da Silva", por René Thiollier + n° 92, janeiro de 1978: índice geral dos volumes 1 a 85, pp. 129 e 229); RMDL (p. 638); SBDB (vol. V, pp. 257-258); SPER (pp. 72, 87 e 138); WMBB (vol. IV: pp. 401 e 477, vol. V: pp. 187 e 504, vol. VI: pp. 223, 289-290, 340 e 357); ZLBC (reprodução do prefácio do livro *Alma Infantil*, pp. 278-279).

Iconografia: fac-símile do manuscrito autógrafa do poema "Cantigas d'Antanho" em AESP (p. 328); fac-símile das capas dos livros de Francisca Júlia e Júlio César da Silva, junto à p. 38 de PEFJ.

SILVEIRA, Delminda — I(6):85 e 94-95; I(8):118; I(11):161-163; I(12):183; I(13):208; I(14):209-212; I(16):256; I(17):271; I(19):289-291; I(22):343; I(23):361-363; I(24):377-378; II(26):42; II(28):88; II(32):159; II(36):232.

SILVEIRA, Delminda

A poetisa e prosadora, pedagoga e dramaturga catarinense Delminda Silveira de Sousa (1855-1932), filha de José Silveira de Sousa e Caetana Pacheco da Silveira, nasceu em Desterro (futura Florianópolis), no seio de uma família que gozava de prestígio político — nela se destacando, com caráter de projeção nacional, o tio paterno João Silveira de Sousa (de quem falaremos adiante).

A respeito dela, são muito escassas as fontes disponíveis — provavelmente em função do fato de restringir-se sua atuação praticamente ao âmbito regional, mesmo autores como Arnaldo São Tiago (cuja *História da Literatura Catarinense*, STLC, é obra de referência obrigatória para quem se ocupa da literatura sulina) confessa sua frustração frente à dificuldade em obter informações concretas sobre a escritora. Sacramento Blake (SBDB) limita-se a enumerar os títulos de manuscritos ou de recortes que lhe chegaram às mãos — entre estes destacando-se uma "Elegia à Inesperada e Consternadora Morte da Excelsa Senhora D. Teresa Cristina Maria, ex-Imperatriz do Brasil", certamente datada de fins de 1889, mas publicada no final do ano seguinte, no conhecido *Almanaque Luso-Brasileiro de Lembranças*, edição para o ano de 1891 — homenagem que, além de explicitar a predisposição monarquista da poetisa, dá suporte à especulação de que os Silveiras de Desterro (da mesma forma que a fluminense-gaúcha Ibrantina Cardona\*) teriam apoiado a Revolução Federalista e antiflorianista de 1893-1895.



Sabe-se que a jovem Delminda teve sua produção espalhada por diferentes jornais e revistas de Desterro — versos, principalmente — desaparecida juntamente com os efêmeros periódicos que a publicaram ou mantida no anonimato pelo uso de diferentes pseudônimos (dos quais só se conhece o de "Brasília Silva"). Só no início do século XX é que, já madura, teria começado a editar essa produção em forma de livro: primeiramente *Lises e Martírios* (Florianópolis, Typ. Gutemberg, 1908), seguido de um *Cancioneiro* para uso escolar (Florianópolis, Typ. da Livraria Central, 1914) e o ciclo de poemas sacros *Passos Dolorosos* (impresso na Alemanha, provavelmente em função de seu patrocínio por uma ordem religiosa da Renânia, em Kevelaer, Typ. de Butzon & Bercker, 1931).

Estes *Passos Dolorosos*, que compõem uma via sacra alargada, é uma coleção constituída por 24 poemas — sonetos de versos decassilábicos, em sua maior parte — em que a escritora mostra (talvez pela experiência acumulada ao longo do tempo) um domínio técnico muito superior àquele demonstrado em seus poemas publicados por *A Mensageira* entre 1897 e 1900. Essa particularidade, aliada ao significado místico-religioso da obra, estimulou Arnaldo São Tiago a reproduzir a íntegra dessas duas dúzias de poemas em seu compêndio.

Mesmo apontando o conformismo e o ranço conservador transmitidos pela poesia de Delminda Silveira, a historiadora catarinense Joana Maria Pedro (JPQC) destaca o pioneirismo de sua atuação como mulher escritora num meio adverso como a Desterro oitocentista. Esse pioneirismo ganha maior relevo quando lembramos que a escritora integrará o trio (ou quarteto, se levarmos em conta a admissão de Edwiges de Sá Pereira\* na Academia Pernambucana de Letras por essa mesma época) das primeiras mulheres acadêmicas do Brasil: em 1920 participa, como titular, da fundação e da instalação da Academia Catarinense de Letras, ainda se situando cronologicamente próxima de Prisciliana Duarte de Almeida\* (fundadora da Academia Paulista de Letras em 1909) e da pioneira absoluta, Eurídice Natal e Silva (que em 1904 não só é empossada na Academia de Letras de Goiás na qualidade de fundadora, como é aclamada, na sessão de instalação, presidente da entidade).

Quanto ao referido tio paterno de Delminda, João Silveira de Sousa (nascido em 1827), que na mocidade representou Santa Catarina no parlamento nacional, bacharelado em direito pela academia paulistana em 1849, aparece longamente vinculado à Faculdade de Direito do Recife, a partir de 1854 — mas esse posto de catedrático não o impediu de exercer a presidência das províncias do Ceará (1857-1859), do Maranhão (1859-1861), do Pernambuco (1862-1864) e do Pará (1884-1885); foi ainda ministro do Império, ocupando em 1868 a pasta de Negócios Estrangeiros no gabinete presidido pelo conselheiro Zacarias de Góis; além de obras técnicas e históricas, deixou um livro de poesia, editado no mesmo ano em que se formava advogado, assim como colaborações esparsas por diferentes periódicos. Chamamos a atenção para a personalidade deste burocrata do Segundo Reinado por ser possível que os biógrafos oficiais (ou oficiosos) de João Silveira tenham se ocupado da jovem Delminda em seus textos — assim como não excluímos a possibilidade de encontrar versos da catarinense reproduzidos, por exemplo, por periódicos pernambucanos ou paraenses, graças à influência do tio.

O início da colaboração da Delminda Silveira já veterana em *A Mensageira*, em fins de 1897, é saudado por Prisciliana Duarte em I(6):94-95, na "nota pequena" em que é salientada sua militância na imprensa "há longos anos; nesse mesmo n° 6, p. 85, publicara-se o poema "Filha, Esposa, Mãe", primeiro de uma série de oito produções poéticas — poema ao qual se seguem o soneto "O Meu Ideal" em I(8):118, "Ao Romper da Lua" em I(12):183, "Mãe" em I(17):271, "O Primeiro Sorriso" em II(26):42, "Vésper" em II(28):88, "Um Canto" em II(32):159 e o "Soneto" que encerra o conjunto, em II(36):232. Excetuados os dois sonetos que integram a série, carecem os restantes de maior rigor formal; só o poema "Mãe" traz dedicatória pessoal (no caso, à memória da mãe da poetisa), enquanto "Um Canto" homenageia sua terra natal; a maioria fornece indicação de origem (Florianópolis) e é datado do período 1897-1899, o que demonstra tratar-se de produção efetivamente direcionada para a publicação na revista paulistana.

O autodidatismo da escritora (e seu isolamento, ao longo da infância e da adolescência, num meio ainda pouco letrado, a minúscula Desterro dos anos 1860-1870) explicaria o caráter anacrônico dessa poética, ainda atrelada a fórmulas ditas "românticas", estereotipadas e impregnadas de um sentimentalismo egocêntrico e superficial; explicaria também a pobreza dos conceitos emitidos ao longo da série de textos pedagógicos de Delminda Silveira publicada saltuariamente por *A Mensageira*, entre março e setembro de 1898.

Sabendo-se de sua atuação no magistério particular de Desterro e de sua estreita vinculação à catequese católica, seria lícito esperar, da pedagoga já amadurecida do final do século, textos mais consistentes do que aqueles reunidos em *A Mensageira* sob a epígrafe "Observações Sobre a Educação em Geral", dos quais o primeiro e o segundo — respectivamente I(11):161-163 e I(14):209-212 — são dedicados à infância, e o terceiro e o quarto — I(19):289-291 e I(23):361-363 — são dedicados à "mocidade" (adolescência).

Partindo do pressuposto de que a função do educador consiste em desenvolver na criança suas "virtudes" ao mesmo tempo em que são inibidos seus "vícios", a professora propõe que a alfabetização infantil seja feita em casa, pelas próprias mães — e que a ênfase na educação feminina seja dada justamente no reforçamento da docilidade e da obediência "femininas". Essa postura coincidirá com o posicionamento conservador e antifeminista abertamente assumido por um determinado periódico da capital de Santa Catarina sintomaticamente denominado *Pena, Agulha e Colher*, descrito por Joana Maria Pedro, publicado como periódico independente a partir de 1918; Delminda Silveira será uma das colaboradoras mais notórias dessa revista católica. Ao estudioso dos vínculos entre conservadorismo e nacionalismo no Brasil do início do século XX pode interessar ainda a informação fornecida por Valéria Andrade Souto-Maior em seu *Índice de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX* (VAID) de que Delminda Silveira fez representar em Florianópolis, em 1922, uma extensa peça alegórica em cinco atos intitulada *Brasil*.

Menos comprometido pelo ranço pretensamente "católico" daqueles textos "educacionais", o inócuo sentimentalismo do conto-crônica "Uma Recordação", incluído em I(24):377-378, até soa de maneira simpática, ao encerrar a colaboração em prosa dessa escritora.

Não é de surpreender, frente a essa espantosa defasagem com relação às avançadas propostas pedagógicas coetaneamente explicitadas por Júlia Lopes de Almeida\*, Zalina Rolim\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*, que as menções ao nome de Delminda Silveira em outros pontos da revista sejam tão escassas — na verdade só três, incluídas em I(13):208, I(16):256 e I(22):343, das quais apenas a terceira tem algum interesse, por corresponder à inclusão do nome da catarinense no rol de escritoras homenageadas pela gaúcha Andradina de Oliveira\* com dedicatórias apostas aos contos da coletânea *Preludiando*, de 1897.

De qualquer modo, as inúmeras menções ao nome de Delminda Silveira na imprensa de Florianópolis, já no século XX, colecionadas por Joana Maria Pedro em seu trabalho de pesquisa, traduzem no mínimo o respeito e a admiração por ela conquistados ao longo de seus quase 80 anos de vida — atitude de reconhecimento que, atingindo o auge em 1920, época em que a escritora (que morreu solteira) garantia para si uma cadeira da Academia Catarinense de Letras, deve ter efetivamente funcionado como substancial estímulo ao lançamento de muitas outras mulheres escritoras do Sul do Brasil.

Fontes: JPQC (pp. 102-104, 177 e 181-182); SBDB (vol. II, p. 165); STLC (pp. 252-266 e 320); VAID (pp. 30-31). Fontes relativas ao tio, o bacharel João Silveira de Sousa: ANTR (vol. III, pp. 114-116 e 232); EDJ (vol. XVIII, p. 10.872); RCGB (pp. 44, 92, 117, 149 e 172); RMDL (p. 725); SBDB (vol. IV, pp. 52-53); STLC (pp. 61-64).

SOARES JÚNIOR — I(15):234; I(16):252.

#### SOARES JÚNIOR

O poeta Soares Júnior (? - ?), de quem não conhecemos sequer o nome completo, remeteu de Batatais (cidade situada na região nordeste do Estado de São Paulo) à *Mensageira*, no primeiro semestre de 1898, dois sonetos, "À Paulicéia" e "Ao Meu Coração" — publicados respectivamente em I(15):234 e I(16):252.

No primeiro, datado de "Batatais, 23-IV-98", cuja dedicatória está implícita no título do poema, declara seu amor pela capital paulista, relatando a tristeza que o assalta quando é obrigado a retornar para o interior do Estado. No segundo, datado de 19-5-98 e dedicado ao poeta mineiro Manuel Viotti\*, declara sua disposição de renovar-se e partir em busca de um novo amor.

Os dois poemas são toscamente estruturados em versos decassilábicos e abordam seus respectivos temas de maneira sentimental e retórica, dentro dos esquemas costumeiros (banais) da nossa estética romântico-parnasiana oitocentista.

O nome de seu autor não consta dos dicionários literários usuais. Alcântara Worms arrolou, em sua antologia (AWPP), um total de 232 poetas paulistas — indexando-os, inclusive, pelas cidades de origem; mas não incluiu, nessa coletânea, nenhum escritor de Batatais.

SOUSA, Alberto — I(11):163; I(18):277-280; II(31):140-142.

#### SOUSA, Alberto

Amigo, conterrâneo e contemporâneo do poeta santista Vicente de Carvalho (1866-1924), João Alberto de Sousa (1870-1927) nasceu em Santos, lá permanecendo até o final da adolescência.

Com estudos restritos ao nível do ensino médio, dedica-se ao trabalho na imprensa (sua principal área de atuação) já por volta dos 15 anos, quando começa a editar (juntamente com um outro adolescente, Gastão Bousquet), o efêmero semanário *Revista*, de inspiração positivista e republicana — cf. Olavo Rodrigues em ORIS.

Associando-se a Vicente de Carvalho, ainda participa da redação dos periódicos santistas *Diário do Comércio* (circulante entre 1884 e 1891), *Jornal da Tarde* (1884-1887), *Flora* (1888), *Diário da Tarde* (1888-1889, aí aparecendo o primeiro poema assinado por Alberto Sousa), *Diário da Manhã* (1889-1890), *Cidade de Santos* (terceiro desse nome, circulante a partir de 1898). Nos jornais dos anos 80 teve participação ativa nas campanhas abolicionista e republicana — especialmente ardorosas na região de Santos —, ao lado de figuras notórias como Júlio Ribeiro\*.

Com a instalação de Cerqueira César na Presidência do Estado de São Paulo, em fins de 1891, Vicente de Carvalho é nomeado Secretário do Interior — nomeando Alberto Sousa, por sua vez, funcionário da mesma Secretaria (onde chegaria a ocupar o cargo de Diretor de Estatística).

Radicado na capital paulista desde os 21 anos de idade, irá colaborar em inúmeros periódicos locais (também remetendo contribuições a diversos órgãos da imprensa santista), assumindo compromissos mais duradouros junto às redações de *O Estado de São Paulo*, do *Correio Paulistano*, de *O Comércio de São Paulo*, de *A Gazeta*, de *O São Paulo Imparcial*, do *Gil Brás*, de *A Nação* e do *São Paulo Jornal*. Chegou ainda a fundar seus próprios periódicos, de circulação mais restrita, como *Iris* (1905).



Na virada do século, já influente e experiente, Alberto Sousa passa a liderar um grupo de intelectuais que se caracterizava basicamente pela formação autodidática — grupo do qual participavam o professor secundário itapirense Artur Andrade\* e o jovem escritor de Capivari, Amadeu Amaral\* (ambos colaboradores da revista *A Mensageira*), além de outros como Alberto Azevedo, Simões Pinto, Adalgiso Pereira e, eventualmente, Francisco Escobar e Vicente de Carvalho (em suas vindas a São Paulo). Um aspecto interessante desse grupo era sua predileção, como local de reunião, pela confeitaria A Paulicéia (então existente na rua XV de Novembro, nas proximidades da antiga loja musical de Henrique Luís Levy) — casa vizinha do célebre Café Guarany, onde no início do século reúne-se a Cainçalha (ou grupo do Minarete), composta por jovens estudantes da academia de direito, liderados por Monteiro Lobato.

Amadurecido nesse meio fértil que frutificará no século XX fornecendo toda uma geração de figuras notáveis da incipiente intelectualidade paulista, não é de estranhar, portanto, que Sousa se notabilizasse como crítico literário respeitado e temido — incluído, com Antônio de Godói e Álvaro Guerra, no grupo designado pelo apelido de "Mosqueteiros do Estilo".

Seus escritos evidenciam, de fato, notável domínio da língua, em exposições que primam pela clareza e por uma argumentação de impecável encadeamento lógico, qualidades que acabaram por situá-lo entre os mais conhecidos polemistas da São Paulo do início do século.

De sua bibliografia compilada por ele próprio no opúsculo *Amadeu Amaral*, em 1918, constam onze títulos (excetuadas algumas monografias técnicas, de estatística): *Espiritualismo e Positivismo: Carta a um Cidadão Positivista* (São Paulo, 1898, obra reeditada no Rio de Janeiro em 1901); *Espiritualismo e Positivismo: Polêmica Filosófica* (também de 1898); *Brasil-Paraguai: Apreciação Histórica e Filosófica da Campanha Contra o Paraguai* (ensaio de 1898); *A Antônia de Godói* (folheto em homenagem ao colega jornalista, 1898); *Memória Histórica Sobre o "Correio Paulistano"* (1904); *Excursão à Ilha dos Búzios* (relato redigido em colaboração com Antônio de Godói, 1906); *Pontos de Vista: Episódios de Crítica e de História* (coletânea de 1909); *Livro dos Amores: Versos* (Oficinas Gráficas do Bureau Central, Santos, 1914); *A Municipalidade de Santos Perante a Comissão de Saneamento: Polêmica com o Dr. Saturnino de Brito* (Santos, 1914); *A População de Santos: Recenseamento Municipal de 31 de Dezembro de 1913* (1914) e *Estudos Demográficos: A População de São Paulo no Decênio de 1907-1916* (Santos, 1917).

Depois disso, restando-lhe ainda dez anos de vida, publicaria o mencionado opúsculo, *Amadeu Amaral: Urzes, Névoa, Espumas...* (São Paulo, Edição d'O São Paulo Imparcial, Typographia Piratininga, 1918), notável pelo reconhecimento da superioridade da obra inicial de Amaral (caracterizada por uma "simplicidade nativa peculiar") com relação a sua posterior imitação dos cânones parnasianos clássicos, desenvolvida no contato com os poetas veteranos do Rio de Janeiro. Ai se confirma, portanto, que Amadeu Amaral teve em Alberto Sousa um dos maiores incentivadores de sua originalidade — situando-se este santista em posição antagônica com relação àqueles que, como Sílvio de Almeida\*, desancaram o primeiro livro do jovem interiorano paulista.

Em 1922, no ano em que se comemora o centenário da Independência, sai (pela mesma Typographia Piratininga, paulistana) o alentado estudo histórico em três volumes, fruto de pesquisas aprofundadas de Alberto Sousa, *Os Andradas* — obra que tem o mérito (cf. Wilson Martins em WMIB) de documentar a importância de José Bonifácio de Andrada e Silva no processo de afirmação da nossa nacionalidade. Pouco tempo depois sairá ainda uma segunda coletânea de crônicas, críticas e trechos de polêmicas intitulada *O Chapéu do Lobisomem* (São Paulo, 1926).

Quanto ao *Livro dos Amores*, é preciso salientar que se trata de seu único livro de poesia, gênero ao qual se dedicou principalmente nos anos da juventude. No prefácio, o próprio Alberto Sousa esclarece que sua produção poética foi ocasional: embora "sinceramente sentidos e intensamente vividos", os versos selecionados para compor a coletânea foram escolhidos não por critérios estéticos, mas em função da importância que tiveram em sua vida amorosa juvenil. Assim, o livro é constituído por três dúzias de poemas sentimentais (sonetos, em sua maior parte), cinco deles correspondendo a tradução ou inspiração de autores franceses oitocentistas (Catulle Mendès\*, Conde de Rességuier, Maurice Rollinat, Alfred de Musset\* e Victor Hugo\*); e o soneto "A uma Ceguinha" é tradução de um poema de Olindo Guerrini\* ("Lorenzo Stecchetti", 1845-1916), um dos mais populares poetas italianos da virada do século. Mesmo admitindo-se a influência do neoparnasiano Vicente de Carvalho nessa produção poética (perceptível, inclusive, na presença recorrente da temática marinha), é de estranhar que da poesia de Alberto Sousa estejam ausentes a objetividade daquele outro santista ou a simplicidade e a essencialidade características da produção de seu grande amigo Artur Andrade\*, de Amadeu Amaral\* ou do jovem paulistano Ricardo Mendes Gonçalves\*.

Apesar de limitar-se a poucas páginas, a presença de Alberto Sousa na revista *A Mensageira* é marcante: depois de ver publicado — em I(11):163 — o poema em decassílabos sáficos "Voz de Sereia", dedicado a seu conterrâneo Cândido de Carvalho\* e datado de 1893, atende ao convite de Prisciliana Duarte de Almeida\* para resenhar a recém-lançada coletânea de prosa e verso *Contos e Fantasias*, livro de estréia de José Vicente Sobrinho — I(18):277-280.

Demonstrando perfeita sintonia com as propostas estéticas (nativistas e antiformalistas) das principais redatoras de *A Mensageira*, Alberto Sousa estimula o estreante a continuar escrevendo textos em prosa, mas ridiculariza as tendências de evasão do orientalismo parnasiano de Vicente Sobrinho, concluindo: "Se em vez de se desterrar, como os fundadores da escola parnasiana francesa, para os confins do Oriente maravilhoso, à cata de assuntos bizarros e de originalidades extravagantes, descrevendo, através de imperfeitas narrativas alheias, mundos e costumes que nunca viu, o artista aplicasse o talento viril na observação cuidadosa dos tipos e da civilização da nossa terra, com certeza que o seu formoso livro de estréia teria sido uma obra mais completa e valiosa sob todos os pontos de vista."

Atingido em cheio pelas ironias de Alberto Sousa, Sílvio de Almeida — defensor de uma estética parnasiana ortodoxa, realista e positivista, à Sully Prudhomme\* — valendo-se de sua condição de marido da diretora da revista — dá o troco na resenha "Brasil-Paraguai", publicada em II(31):140-142, em que analisa o lançamento do ensaio homônimo de Alberto Sousa. Mesmo enaltecendo as qualidades de prosador do jornalista de Santos (cuja obra situa-se entre as primeiras a revisar questões relacionadas com o genocídio do povo paraguaio pelo Império do Brasil), Sílvio de Almeida aponta, como maior defeito de Sousa, sua notória dissidência do positivismo oficial (representado, no Rio de Janeiro, pelas pessoas de Miguel Lemos e Teixeira Mendes). Apegando-se a questiúnculas teóricas, exige que o jornalista se atenha ao caráter abstrato da ciência astronômica e deixe de valorizar as pesquisas que utilizam informações baseadas na espectroscopia da luz dos astros. Curiosamente, foram essas pesquisas espectroscópicas, condenadas por Sílvio de Almeida, que forneceram boa parte dos avanços da astronomia moderna, do século XX.

Deve-se notar que, seguindo procedimento frequente nos meios jornalísticos, João Alberto de Sousa simplifica sua assinatura, apresentando-a sempre de forma simplificada (Alberto Sousa). Seu irmão mais novo, Ângelo de Sousa (1871-1901), que morreu precocemente, deixando inédita a coletânea poética *Campânulas* (editada postumamente, em 1902), notabilizou-se pela atuação como jornalista e como frequentador das rodas boêmias paulistanas; Alberto dedica seu *Livro dos Amores* à memória de Ângelo, "irmão pelo sangue e pelos ideais". Os dois poetas foram homenageados por ocasião da fundação da Academia Santista de Letras (1956), sendo designados patronos da cadeira nº 2 (Alberto Sousa) e da cadeira nº 6 (Ângelo Sousa).

Fontes: ASAA (folheto que inclui revelações de caráter autobiográficos, principalmente nas pp. 9-13); ASLA (único volume de poesia na produção de Alberto Sousa); ASLE (p. 306); ASME (pp. 149 e 151); CDSS (álbum de biografias "Figuras da Vida Santista", suplemento editado pelo jornal *Cidade de Santos* em 17 de maio de 1968, pp. 22 e 23); CMAP (verbetes dedicados a Ângelo de Sousa, pp. 609-610 e a João Alberto de Sousa, pp. 616-617); ILPB (p. 58); JMPS (composição da Academia Santista de Letras: pp. 11-12, Alberto Sousa: p. 49, Ângelo Sousa: p. 51); ORHS (pp. 22, 35, 67, 75, 84 e 112); ORIS (pp. 42, 46, 47, 48, 51-52, 60, 61, 63-64 e 102); ORVS (pp. 535, 545 e 639); RMDL (p. 654); SPER (pp. 133 e 148); VCVC (pp. 14, 27 e 98); WMIB (vol. VI: p. 255, vol. VII: p. 643).

Iconografia: foto (circa 1910?) incluída no opúsculo sobre a obra de Amadeu Amaral (ASAA, p. 4); a mesma foto é reproduzida na p. 22 do mencionado suplemento do jornal CDSS, ladeada pelo retrato de Vicente de Carvalho; esse álbum-tablóide traz também um retrato desenhado do mencionado irmão de Alberto Sousa, Ângelo Sousa (p. 23).

SOUSA, Auta de — I(17):262; I(18):282 e 286.

SOUSA, Auta de

O caso da poetisa potiguar Auta de Sousa (1876-1901) talvez seja representativo de uma multidão de moças nordestinas que morreram muito jovens, antes de testemunharem a repercussão de seus versos além dos círculos limitados de suas cidades ou regiões de origem.

O que a distingue, no entanto, é a excepcional qualidade de seus versos e o fato de ter chegado a reuni-los num único volume, *Horto* (Natal, Tipografia d'A República, 1900, com prefácio de Olavo Bilac), editado pouco antes de seu falecimento.

Rômulo Chaves Wanderley resume, no verbete de seu *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense* (RWPP), os dados relativos à curta vida de Auta: filha de Elói Castriciano de Sousa e Henriqueta Leopoldina de Sousa, nasceu em 12 de setembro de 1876 na cidade de Macaíba, RN, importante porto fluvial situado a pouco mais de 20 km da capital do Estado — entreposto comercial de uma rica região agrícola, produtora de cana e algodão, principalmente.

A adolescência transcorre em Pernambuco: estuda no Colégio São Vicente de Paulo, mantido por religiosas francesas, em Recife (1887-1890), distinguindo-se como excelente aluna — começando a divulgar sua produção poética (fortemente marcada por ingênua religiosidade católica) em 1893; mas os poemas reunidos em 1897 na coletânea batizada inicialmente com o nome de *Dálias* só aparecerá em meados de 1900, com a denominação significativamente alterada para *Horto*.

Nesse meio tempo (enquanto sua poesia começa a aparecer em periódicos de Natal e Recife), já órfã de pai e mãe, a poetisa começava a peregrinar pelo sertão nordestino em busca de clima mais apropriado para o tratamento da tuberculose pulmonar manifestada aos 14 anos de idade, que a levará à morte dez anos depois.

Morre em Natal, em 7 de fevereiro de 1901 — bem antes de completar 25 anos de idade — sendo sepultada no cemitério do Alecrim; em 1906 seus restos foram trasladados para o cemitério de sua cidade de origem, Macaíba.

O verbete de Raimundo de Menezes em RMDL enfatiza o papel desempenhado, na vida da poetisa, pela orfandade (teria perdido a mãe, tuberculosa, e depois o pai, aos 3 e aos 5 anos, respectivamente), pelo falecimento de um irmão pouco mais velho que ela (Irineu), aos 12 anos de idade, em 1887 e pelo truncamento de seu romance com o bacharel João Leopoldo da Silva Loureiro, morto precocemente em 1897.

Única mulher entre cinco irmãos, foi criada pela avó materna, "Dindinha" (Silvina Maria da Conceição); além dela própria, dois outros irmãos distinguiram-se como escritores: o político e folclorista Elói de Sousa (1873-?) e o bacharel, poeta, dramaturgo e jornalista, Henrique Castriciano de Sousa (1874-1947), dicionarizado (como a irmã)

pela EDIJ, por Laudelino Freire (LFSB) e por Raimundo de Menezes (RMDL); Rômulo Wanderley (RWPP) detalha a biobibliografia e reproduz, deste último, um extenso poema regionalista, "O Aboio" (notar que, em meio a coletâneas poéticas e peças de teatro, Henrique Castriciano publicou, em 1911, o ensaio *Educação da Mulher no Brasil*). Um outro irmão, João Cândia, aparece em *Horto* como dedicatário do soneto "Caminho do Sertão".

O verbete da EDIJ (redigido no início do século XX) ressalta, por outro lado, a popularidade logo alcançada pela poesia de Auta de Sousa: "Pela espontaneidade e algumas feições do espírito, assemelha-se a Casimiro de Abreu, a quem no entanto ela não imitou; ambos, para serem grandes poetas, só careciam de viver mais alguns anos. O melhor elogio que podia ter a poetisa deu-lho a consagração popular na sua terra natal; aí, já em vida de ela, sabia de cor a gente do povo todos os seus versos simples." Nesse sentido, Auta de Sousa é a poetisa que estaria mais próxima de preencher os requisitos de permanência estabelecidos por Prisciliana Duarte de Almeida\*, a diretora de *A Mensageira* — que, em I(19):296, oculta sob o pseudônimo de "Perpétua do Vale", expressa sua satisfação em saber que seus versos haviam sido imortalizados ao serem transformados em modinhas e cantados pela gente simples do interior de Minas Gerais.

Daí a inclusão de canções populares com letra de Auta de Sousa (das quais, invertendo-se o processo usual, costuma-se desconhecer hoje o nome de seus compositores) na série de programas radiofônicos "Sarau, Coreto & Serenata", organizada pelo professor Samuel Pfromm Neto para a paulistana Cultura FM: em seu 4º programa, intitulado "Cancioneiro Potiguar", difundido pela primeira vez em 26 de agosto de 1991, Pfromm Neto lembra que noventa anos depois do desaparecimento de sua autora, esses versos continuam sendo cantados pela gente do povo, com ela identificada por sua sentimentalidade doce e espontânea (cf. o GOSP e a matéria a respeito publicada na época pelo jornal *Folha de S. Paulo*, FDSP).

Estudada por autores como Nestor Vitor, Jackson de Figueiredo e Luis da Câmara Cascudo — e posta em evidência pela intelectualidade católica de meados do século XX, Auta de Sousa teve seu único livro reeditado em 1910 (Paris, Aillaud, Alves & Cia., com nota e acréscimos a cargo de Henrique Castriciano), em 1936 (Rio de Janeiro, Tip. Batista de Sousa, com prefácio de Alceu Amoroso de Lima) e em 1970 (Natal, Fundação José Augusto).

A Academia Norte-Riograndense (fundada em 1936), que teve Henrique Castriciano de Sousa como fundador (criador da cadeira dedicada a Nísia Floresta) e como seu primeiro presidente, possui uma cadeira batizada com o nome de Auta de Sousa. O nº 4 da revista-ânuario mantida pela instituição (NRNL) é especialmente rico em matérias a respeito dos três irmãos Sosas escritores, abrindo-se com um estudo literário a cargo da acadêmica Palmira Wanderley, dedicado a descrever as impressões despertadas pela obra da poetisa de Macaíba (em FTFR, Alzira Freitas Tacques lembra que a poetisa e cronista cearense Jandira Carvalho escolheu-a, em 1948, como patrona de sua cadeira na Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, de Fortaleza).

Em OCBC, Otto Maria Carpeaux contorna a dificuldade em classificar-se a original arte poética de Auta de Sousa situando-a mais próxima do simbolismo do que de qualquer outra estética: "Do caráter simbolista da poesia de Auta de Sousa pode-se duvidar, está, no entanto, ligada ao simbolismo, mais que a qualquer outro movimento literário, pelo espiritualismo religioso". Alinhando-se com diversos outros estudiosos que estabelecem critérios para a distinção de religiosidade e misticismo propriamente dito, Zahidé Lupinacci Muzart (em TRFS) atribui o espiritualismo de Auta às raízes populares de suas composições; diversamente do poeta simbolista que, na busca de sonoridades raras e de símbolos sofisticados afasta-se do popular, a inspiração da poetisa potiguar deve ser entendida como manifestação espontânea de um catolicismo ingênuo, profundamente arraigado em tradições populares. Para Zahidé, este caráter popular seria reforçado por várias outras características presentes em sua poesia: valorização da natureza, importância da flora e da fauna, sentimentalismo, tom simples da linguagem, adjetivação abundante, uso da redondilha — características que fariam a escritora à poesia romântica dos autores que alcançaram maior popularidade no Brasil (como Casimiro de Abreu\* e Laurindo Rabelo: "grandes cultores da natureza, da infância, da inocência").

Os dois únicos poemas de Auta de Sousa que constituem toda a sua colaboração em *A Mensageira* — os sonetos "Caminho do Sertão" e "Natal", incluídos posteriormente no *Horto* — aparecem em meados de 1898, respectivamente em I(17):262 e I(18):282. O primeiro, "Caminho do Sertão", corresponde, segundo Palmira Wanderley, ao mais popular de todos os seus célebres sonetos, cuja divulgação por almanaques populares atingia todo o Brasil antes mesmo do final do século XIX; aqui, o domínio formal daquele gênero poético, envolvendo certa sofisticação técnica, contrasta com o caráter de extrema simplicidade (e beleza) do soneto "Natal". Em I(18):286, Prisciliana Duarte revela, na nótula "Nova Colaboradora", que Auta de Sousa (a poetisa que "principia revelando talento"), chega à revista por intermédio de uma das mais assíduas colaboradoras de *A Mensageira*, a escritora carioca Georgina Teixeira\*.

Fontes: AAPB (reprodução do soneto "O Beija-Flor", extraído de *Horto*, na p. 402, biobibliografia sumária na p. 506); AGRJ (almanaque para o ano de 1904: reprodução do soneto "Ao Pé do Túmulo" na p. 190); AMSB (menção a Auta de Sousa no vol. I, p. 10 + biobibliografia e poemas de Henrique Castriciano no vol. II, pp. 166-170); CSVF (p. 25: contextualização de Auta de Sousa na produção poética feminina finissecular, p. 57: reprodução do soneto "Caminho do Sertão"); DMMN (p. 1.246); EDIJ (verbetes referentes a Henrique Castriciano de Sousa no vol. IV, p. 2.277 e a Auta de Sousa no vol. XVIII, p. 10.892); FDSP (p. 4 do 5º caderno da edição de 4 de agosto de 1991: "Série recupera MPB desde o século 18", reportagem de Álvaro Machado); FTFR (vol. I, pp. 737-738); GOSP (p. 1 do nº 57, agosto de 1991: "Sarau, Coreto & Serenata", por Samuel Pfromm Neto); LBSL (almanaque para o ano de 1904, pp. 87-88: "Auta de Sousa", homenagem prestada por José Rodrigues de Carvalho, originalmente publicada no *Almanaque Popular Brasileiro*, incluindo a transcrição do soneto "Ao Pé do Túmulo"); LFSB (fl. 313 e fl. 354: biobibliografias sumárias de Henrique Castriciano de Sousa e Auta de Sousa, seguidas dos respectivos poemas "Monólogo de um Bisturi" e "Ao Pé do Túmulo"); NRNL (pp. 3-22 do nº 4, ano IV, 1956: "O Elogio de Auta de Sousa", discurso de posse de

Palmira Wanderley na cadeira da Academia Norte-Riograndense que tem Auta de Sousa por patrona — no mesmo número da revista são biografados os irmãos da poetisa, Elói de Sousa e Henrique Castriciano, reproduzindo-se textos da autoria de ambos); OCBC (pp. 226-227); OPLB (pp. 186-189: nota biobibliográfica seguida da reprodução dos poemas "Doloras", "Agonia do Coração" e "Fio Partido"); RMDL (verbetes referentes a Auta de Sousa e a Henrique Castriciano de Sousa, respectivamente nas pp. 650-651 e 653); RWPP (pp. 237-238: "Auta de Sousa", incluindo a reprodução do soneto "Caminho do Sertão" + pp. 250-255: "Henrique Castriciano", incluindo a reprodução do poema "O Aboio"); TRFS ("Entre Quadrinhas e Santinhos: A Poesia de Auta de Sousa", por Zahidé Lupinacci Muzart: pp. 149-153 do n° 23 desta revista, 2° semestre de 1991, edição consagrada ao tema "Mulheres — Século XIX"); WMIB (vol. VI: pp. 219 e 338-339, vol. VII: p. 643).

Iconografia: retratos (desenhos a bico-de-pena) de Henrique Castriciano de Sousa e de Auta de Sousa ilustrando os textos das fls. 313 e 354 da coletânea de sonetos de Laudelino Freire (LFSB); desenho ilustrando o texto de Zahidé Lupinacci Muzart em TRFS (p. 148); retrato de Henrique Castriciano de Sousa em AMSB (vol. II, p. 166), copiado de LFSB; fotografia de Henrique Castriciano jovem (por volta de 1900) no AGRJ (almanaque para o ano de 1906, p. 302).

TEIXEIRA, Georgina — I(1):1; I(3):38; I(4):51; I(6):87 e 96; I(9):139-140; I(10):156; I(12):182; I(13):196; I(17):270; I(18):280 e 286; II(25):17; II(27):71; II(29):108 e 113; II(33):175-178.

TEIXEIRA, Georgina

Limitam-se a três linhas as informações disponíveis a respeito da poetisa carioca Georgina Teixeira (1877- ?), fornecidas por Laudelino Freire em LFSB (reedição datada de 1916): "Nascida a 17 de maio de 1877, na cidade do Rio de Janeiro, onde reside. Poetisa, tem várias produções esparsas". De onde se depreende que teria permanecido dispersa sua produção — ou seja: não chegou a ter nenhum livro publicado.

Frederico Trotta, em sua antologia de poetas cariocas (FTPC), repete as informações de Laudelino — reproduzindo o mesmo soneto, "Coração" (sem dedicatória ou data, com epigrafe de Raimundo Correia); esse poema, embora redutível a um circunlóquio em torno do tema, é bem elaborado, denotando capacidade técnica superior àquela que se observa na ainda muito jovem colaboradora de *A Mensageira*.

Não tendo Sacramento Blake chegado a dicionarizá-la, não dispomos hoje de informes mais objetivos a respeito dos veículos responsáveis pela divulgação da produção de Georgina. É especialmente de estranhar, no caso, a omissão de João de Sousa Ribeiro Filho em seu *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas* (RFEC).

Temos que nos basear, portanto, na produção divulgada pela própria revista *A Mensageira* — que, reunindo oito poemas e uma nota literária de sua autoria, ao longo dos anos de 1897, 1898 e 1899, permite formar uma idéia consistente a respeito de sua poética.

São bastante homogêneas a temática e as formas adotadas por Georgina nesses oito poemas:

1°) O sentimental soneto "Hora de Sonho" — I(3):38 — sem dedicatória e sem data, que recorre a alusões musicais para descrever os prazeres envolvidos em nostálgicos devaneios.

2°) O soneto "Velha Saudade" — I(4):51 — dedicado a Prisciliana Duarte de Almeida\* e sem data, em que a nostalgia é, mais uma vez, a sensação dominante (aqui apresentada de forma menos superficial e mais bem-sucedida).

3°) O poema descritivo "Primavera" — I(6):87 — sem dedicatória e sem data, desenvolvido em oito quadras de redondilha maior.

4°) O pueril e mal acabado poema "Ventura" — I(9):139-140 — desenvolvido em oito quadras de decassílabos, sem dedicatória e sem data.

5°) O belo soneto "traduzido" — I(13):196 — sem indicação da fonte original, "Amarguras", sem dedicatória e sem data, bem-sucedido na abordagem da reiterada temática da desilusão.

6°) O paradoxal soneto "Velando" — I(18):280 — sem dedicatória e sem data, em que a exuberância da descrição de percepções auditivas se esvazia na tola declaração de que o medo induz valentia no eu lírico da poetisa.

7°) O soneto "A Bordo" — II(25):17 — sem dedicatória, datado de 1898, em que o irracional temor de naufrágio constitui o único assunto do poema.

8°) O soneto "Esperança" — II(29):108 — dedicado à "gentil amiga Jacintinha Bandeira", sem data, redutível a outro circunlóquio em torno da esperança, que persistiria sempre.

Restaria esclarecer, portanto, se essa temática de desilusão e desalento (apresentada por Georgina Teixeira de maneira reiteradamente automática e egocêntrica) corresponde a mera postura de ostentação de sentimentos — ou se está efetivamente enraizada em amarguras ou em tristes experiências pessoais (caso da poesia elegíaca de Prisciliana Duarte).

O único texto em prosa de Georgina — a nota literária "A Poetisa do Vizela", publicada em 15 de outubro de 1899, em — II(33):175-178 — destina-se a esclarecer pontos que teriam ficado mal explicados no artigo homônimo do português Alberto Pimentel publicado no mês anterior, em II(32):160-167. Tratando-se de questão de mínima importância, relativa a acontecimentos que tiveram lugar num longínquo Portugal de 1849, transmite-se ao leitor a desagradável impressão de evasão e alienação que parece cercar, efetivamente, a figura de Georgina Teixeira,

pois seus "esclarecimentos" surgem no exato momento em que todas as atenções da revista estão voltadas para o desfecho do caso das advogadas impedidas de atuar profissionalmente (na própria Capital Federal em que reside Georgina) por uma arbitrária resolução do Instituto dos Advogados Brasileiros.

A poetisa carioca aparece como dedicatária, em *A Mensageira*, em duas situações: em I(17):270, na ocasião em que Prisciliana Duarte de Almeida retribui à dedicatória de "Velha Saudade" dedicando a Georgina o soneto "Na Selva"; e em II(29):113, em que seu conterrâneo Antônio Peres Júnior\* homenageia a moça com o soneto "Vida".

Uma menção especial surge numa das "notas pequenas" de Prisciliana, em meados de 1898 — em I(18):286, nótula destinada a esclarecer que a poetisa potiguar Auta de Sousa\* está tendo colaborações acolhidas pela revista em função de sua apresentação por intermédio de Georgina Teixeira (o "elo carioca" entre ambas, no caso, seria, provavelmente, um dos irmãos da escritora do Rio Grande do Norte, Elói de Sousa ou Henrique Castriciano de Sousa).

As demais menções ao nome de Georgina, que pouco acrescentam de útil, em matéria de informação objetiva, surgem em I(1):1, I(6):96, I(10):156, I(12):182 e II(27):71.

Mas transmitem, de qualquer modo, a impressão de que a "meiga e melancólica" Georgina Teixeira (expressão utilizada por Olímpio Galvão\* em I:182), colocada à frente da "falange das novas" por Alberto Faria\* em I:156, permaneceu no mesmo patamar de "promessas não concretizadas" em que se situa a poetisa fluminense Aúrea Pires\*.

Fontes: FTFC (pp. 226-227); LFSB (fl. 359).

Iconografia: desenho a bico-de-pena (retratando a poetisa no início do século XX) ilustrando o texto de Laudelino Freire, em LFSB.

VIEIRA, Adelina Amélia Lopes — I(1):1; I(2):18 e 31; I(4):60 e 62; I(5):75-76; I(6):82 e 95; I(7):105; I(10):156; I(11):165; I(15):229; I(17):272; I(21):328; I(22):343; II(25):3; II(26):44; II(27):71 e 72; II(28):81-84; II(29):99-100; II(30):122-124 e 131; II(36):237.

VIEIRA, Adelina Amélia Lopes Vieira

Filha primogênita de uma prole originalmente composta por sete crianças, a poetisa e prosadora, educadora e musicista Adelina Amélia Lopes Vieira (1850-1923?) nasceu em Lisboa, em 20 de setembro de 1850, recebendo o nome de batismo de Adelina Amélia da Silveira Lopes.

Seus pais (Valentim José da Silveira Lopes e Antônia Adelina do Amaral Pereira), ambos lisboetas, casam-se muito jovens, em 1849 — os dois contando, nessa ocasião, a mesma idade de 19 anos. Dedicam-se ao ensino em escolas particulares, próprias e alheias — o professor Valentim voltado para disciplinas de formação humanística, a esposa (formada em canto, piano e composição pelo Conservatório de Lisboa) voltada para o ensino de música, arte bastante valorizada nos meios burgueses oitocentistas, tanto em Portugal como no Brasil.

Assim, participam, já no início dos anos 1850, do período de experimentação pedagógica associado à Regeneração imposta à rainha Maria II pelo movimento revolucionário liderado por um neto do Marquês de Pombal, o Duque de Saldanha (1790-1876), caracterizado, no âmbito escolar, pela ascensão do literato iluminista-socialista utópico Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875) a cargo equivalente ao de ministro da educação.

Mas, descontente com o rumo dos acontecimentos em seu país, o professor Silveira Lopes (a essa altura autor de um compêndio de geografia e de estudos técnicos, históricos e literários, além de traduções do francês e de peças teatrais cômicas ou alegóricas) decide transferir-se para o Brasil.

Ao completar sete anos de idade — em 1857 —, a Adelina filha já está instalada, com a família, no Brasil, iniciando peregrinação por diferentes cidades fluminenses, em decorrência do trabalho dos pais e da função de vice-cônsul de Portugal exercida por Valentim. Quando o inquieto professor decide retornar à Europa para completar estudos universitários (diplomando-se médico na universidade alemã de Rostock, em 1866), as duas Adelinas, mãe e filha, permanecem à frente de um liceu feminino administrado pela família, sediada em Nova Friburgo, na região serrana fluminense. Nesse local transcorre a adolescência de Adelina Amélia, braço direito da mãe no que se refere tanto à educação dos irmãos menores como ao gerenciamento daquele estabelecimento de ensino.

Retornando ao Brasil em 1867, o agora médico Silveira Lopes traz a família novamente para a cidade do Rio de Janeiro — onde passam a residir no bairro do Catete, nas proximidades do Hospital da Beneficência Portuguesa, local em que é exercida a nova profissão do ex-professor.

Tudo indica que o casamento de Adelina ocorre por essa época, ou por volta de 1870 — ano em que os pais e os irmãos se estabelecem na cidade de Campinas por longo período (que se estende, com interrupções, até 1886).

De acordo com esta ou aquela fonte consultada, a jovem de aproximadamente 20 anos de idade casa-se com o proprietário de um colégio de Nova Friburgo — sócio do pai, quem sabe (cf. Raimundo Magalhães Júnior em MJCF) ou com um burocrata carioca, funcionário da Fazenda (cf. Sacramento Blake em SBDB).

O fato de Adelina ocupar, ao longo dos anos 70 e 80, função de professora pública (da freguesia carioca do Espírito Santo, correspondente hoje aos bairros do Estácio, Rio Comprido e parte de São Cristóvão) fala a favor de ter ela efetivamente cursado Escola Normal, conforme é relatado por Magalhães Júnior. Passando a residir no morro de Santa Teresa (onde a irmã, Júlia Lopes de Almeida\*, também residirá a partir de meados dos anos 90), nas proximidades da freguesia em que leciona, a mestra se ocupa basicamente do ensino de meninas carentes,

cuja pobreza é responsável pela expulsão de suas famílias da rica região central da cidade — como ocorre, aliás, com a protagonista do romance *Memórias de Marta*, divulgado por Júlia Lopes em 1899 (mas escrito em meados da década de 1880, tomando por base, com certeza, as experiências pedagógicas de Adelina em São Cristóvão).

A aclamada Adelina dos anos 1880, frequentemente mencionada ao lado da mais elogiada poetisa da época, Narcisa Amália (1852-1924), é aquela retratada por Sacramento Blake no primeiro volume de seu dicionário biobibliográfico, editado em 1883: casada com Antônio Arnaldo Vieira da Costa, leciona e "cultiva a poesia" — já tendo publicado, a essa altura, dois volumes de versos: a coletânea poética *Margaritas* (ALMR, editada em Lisboa pela Typographia da Academia Real das Sciencias, em 1878, com prefácio do célebre poeta português Tomás Ribeiro\*) e o vigoroso poemeto *Pombal* (ALPL, editado no Rio de Janeiro pela Typ. e Lith. de Molarinho & Mont'Alverne, em 1882). Tratam-se de obras bem diversificadas, a primeira delas não ultrapassando os limites de uma arte poética amena, romântico-sentimental; mas a segunda é severa obra de circunstância, na qual o prefácio da autora corresponde a um ardoroso manifesto iluminista: nesse *Pombal*, destinado a celebrar o primeiro centenário da morte do Marquês de Pombal (1699-1782), Adelina congratula-se com as mais radicais medidas pombalinas, aí incluída a expulsão dos jesuítas do Brasil — postura que, explicitada em versos candentes, coloca-a na vanguarda da renovação católica dos anos 80-90, típica dos setores mais críticos da igreja, estimulados pelo papado de Leão XIII (1810-1903). Para compreender melhor essa postura pouco comum na literatura feminina da época, é preciso lembrar que os pais de Adelina foram católicos praticantes, notoriamente vinculados ao culto da capela de Nossa Senhora da Boa Morte (do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Campinas, de cujo corpo médico o doutor Valentim participava) — mas é preciso salientar, também, o papel de relevo desempenhado por Silveira Lopes na maçonaria campineira, posição híbrida e incômoda, que o colocava em posição antagônica com relação ao catolicismo tradicionalista que tinha num seu colega de profissão, o doutor Ricardo Gumbleton Daunt (1818-1893) um de seus mais ferrenhos representantes.

Em meados dos anos 1880 o prestígio e a popularidade de Adelina Lopes Vieira alcançavam seu apogeu. É o que se depreende, pelo menos, de seu aparecimento em importantes periódicos de Lisboa e do Rio de Janeiro — aí incluída sua colaboração na renomada revista literária *A Semana*, editada, em sua primeira fase (entre 1885 e 1888), por Valentim Magalhães\* e Filinto de Almeida\* (deve-se a Adelina, provavelmente, a aproximação entre Filinto e Júlia Lopes, que em meados de 1885, durante uma estadia de Júlia no Rio de Janeiro, iniciam um romance que irá perdurar por quase meio século).

Falam a favor desse prestígio, igualmente, a participação de Adelina em eventos relevantes: em 10 de junho de 1880, por exemplo, em gigantesca cerimônia comemorativa do tricentenário de Camões\* programada pelo Gabinete Português de Leitura (sediada pelo Imperial Teatro D. Pedro II, que assumiria a denominação republicana de Teatro Lírico do Rio de Janeiro a partir de 1890), Adelina Lopes é a única mulher incluída oficialmente, como declamadora, no pomposo ritual que, contando com a presença da família imperial na assistência, precede a estréia da peça de Machado de Assis *Tu só, tu, Puro Amor...* e a execução de peças musicais de Carlos Gomes\*, Leopoldo Miguez\* e Artur Napoleão\* consagradas ao poeta português (cf. BNAC). Cinco anos depois, no segundo semestre de 1885 (logo após o falecimento de Victor Hugo), Adelina integra a ilustre triade de literatos (composta por ela própria, mais Lúcio de Mendonça\* e Machado de Assis\*) designados por *A Semana* para o julgamento de um concorrido concurso literário destinado a premiar sonetos feitos em homenagem ao poeta francês (cf. CLVH).

Contribui certamente para consolidar esse prestígio a publicação, em 1886, dos *Contos Infantis* (*Em Verso e Prosa*), AJCI — cuja primeira edição se faz em Lisboa e as restantes no Brasil, atingindo-se a 17ª edição (Rio de Janeiro), pela Livraria Francisco Alves, em 1927 —, livro para leitura escolar, feito em parceria com a jovem Júlia Lopes (ainda solteira), no qual a participação de Adelina corresponde aos pequenos poemas entremeados aos segmentos de prosa providenciados por Júlia — poemas que correspondem, em sua maioria, a traduções do francês das "fábulas morais" de *La Comédie enfantine* (1860), de Louis Ratisbonne (1827-1900).

O quarto e último livro de Adelina Lopes corresponde à coletânea de contos *Destinos*, ALDS (Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1900). Dele consta a relação dos livros que ela já havia publicado desde 1879, além de volumes "em preparação" (o drama em verso *A Virgem de Murillo* e a Série Materna, de "livros para as escolas") — e, prometidos para "brevemente", três outros livros: uma segunda coletânea de contos intitulada *Agora e Sempre*, a "coleção de sonetos" *Anoitece...* e a tradução do drama em versos alexandrinos de François Coppée *Dois Dolores* (*Deux Douleurs*, drama em um ato estreado em Paris em 1870).

Embora algumas obras de referência incluam esses últimos "volumes" na produção efetivamente publicada da escritora, é evidente que permaneceram, com exceção daqueles quatro primeiros livros, inéditos: a reedição dos *Contos Infantis* datada de 1927 (ocasião em que Adelina já estava morta) continua estampando a mesma relação de textos "a publicar".

Quanto à superestimada produção teatral de Adelina Lopes Vieira, a consulta aos verbetes especializados de GSTB e VAID esclarece que estaria limitada a quatro textos: a peça (sem maiores esclarecimentos) *Expição*; o mencionado drama *Dois Dolores*, traduzido de François Coppée (segundo Adalzir Bittencourt, teria vertido também, desse mesmo autor, *A Greve dos Ferreiros*); a tradução da comédia em ato único de Ernest Hervilly (1839-1911) *A Terrina*, publicada no *Almanaque do Teatro* (Rio de Janeiro) de 1907; o quarto corresponde ao citado drama em verso *A Virgem de Murillo*, do qual a própria revista *A Mensageira* reproduz uma cena, no número referente a agosto de 1899.

Esta última, que seria talvez a única produção teatral própria de Adelina, originou-se da dramatização de um dos contos incluídos na coletânea *Destinos* (1900), "A Virgem de Murillo", desdobrado numa peça alentada que deve ter pelo menos três atos (o fragmento reproduzido em *A Mensageira*, com a história ainda em seu início, é a 4ª cena do



ato II). O argumento desenrola-se em torno de um triângulo amoroso composto pela protagonista Elvira, sua maior amiga (Risoleta) e pelo levisano rapaz com quem a primeira se casa, Rodolfo; as situações atingem maior dramaticidade em função da cegueira (física) e da ingenuidade da protagonista. Embora o gênero (drama em verso) pareça anacrônico, tinha ainda, na virada do século, grande voga no teatro ibérico — e, conseqüentemente, no Rio de Janeiro, dominado pelas numerosas companhias dramáticas lusitanas que ali aportavam. Pode-se dizer, aliás, que Filinto de Almeida (cunhado de Adelina) era um especialista no gênero: na produção teatral dele figuram três traduções de dramas do espanhol José Echegaray (1833-1916, Prêmio Nobel de Literatura de 1904) representadas, com muito sucesso, nos palcos cariocas das duas últimas décadas do século XIX.

Coincidindo com a ascensão de Júlia Lopes de Almeida (a crítica especializada considera que o apogeu da romancista, sob o ponto de vista estritamente literário, corresponde ao lançamento de *A Falência*, em 1901), o nome de Adelina Lopes Vieira, que completa 50 anos de idade em 1900, desaparece gradativamente de cena. Apesar das evidências de absoluta harmonia entre as duas irmãs, deve-se notar que parece ter ocorrido uma opção consciente de Júlia Lopes no sentido de preservar os espaços em que Adelina reinava soberana: afinal, quando Júlia publicava sua primeira crônica, em 1881, Adelina, doze anos mais velha, já era poetisa consagrada. A opção pela produção exclusiva em prosa (vetando a si própria a escrita em versos), feita nessa época por parte de Júlia Lopes, manteve-se ao longo de toda sua vida.

De qualquer modo, a Adelina madura do início do século XX parece estar bastante ocupada: além de lecionar, dirige e mantém em Santa Teresa um coral, o Orfeão Carlos Gomes, mencionado tanto em *A Mensageira* como por Vincenzo Cernicchiaro na *Storia della Musica del Brasile* (VCSM). O noticiário dos jornais campineiros dos anos 1870-1880 inclui referências à sua participação esporádica em cerimônias religiosas e nas apresentações musicais da Sociedade Carlos Gomes (fundada em 1881), entidade que chegou a ser presidida pelo doutor Valentim — cuja esposa, como vimos, era musicista diplomada — e da qual participavam todas as quatro irmãs mais novas de Adelina.

Adalzir Bittencourt (1904-1976), que parece estar muito bem informada a respeito do final da vida de Adelina Lopes (com base em entrevistas realizadas com pessoas da família) relata, em ABDB, que a poetisa não teve filhos (teria chegado a ficar viúva, mas adotou um menino e, mais tarde, assumiu o papel de avó dos filhos dele). Teria, além disso, fundado e dirigido uma creche para crianças carentes — mas acabou vitimada por doença crônica, causadora de "agudíssimos padecimentos" que só cessaram com a morte. Ignorando-se a data exata do falecimento da escritora, adotamos, aliás, o ano de 1923 como a mais provável, inferida das informações fornecidas por Adalzir. O óbito, com certeza, ocorreu antes de 1925: sua ocorrência teria tido papel decisivo na transferência de Júlia Lopes (com toda sua família) para Paris, por essa época.

O período de edição de *A Mensageira*, 1897 a 1900, corresponde, portanto, à época em que Adelina Lopes Vieira se aproxima da meia-idade, mas ainda produz o suficiente para ter seu último livro (a coletânea de contos *Destinos*) divulgado em 1900. E ainda "colhe os louros" das glórias passadas — especialmente associadas aos poemas de *Margaritas* e aos trechos versificados dos *Contos Infantis*. Esse prestígio se infere, inclusive, do fato de ter sido ela (mesmo antes de conhecer as duas poetisas debutantes de Pouso Alegre) a pessoa escolhida para prefaciar o volume, lançado no Rio de Janeiro em 1890, que incluía os *Pirilampos* e os *Rumorejos* — de, respectivamente, Maria Clara Vilhena da Cunha e Prisciliana Duarte (ainda solteiras, antes de assumir as denominações de Maria Clara da Cunha Santos\* e Prisciliana Duarte de Almeida\*).

Assim, não é de estranhar que as irmãs Júlia Lopes e Adelina Lopes, quase sempre mencionadas conjuntamente em *A Mensageira*, constituam algo assim como "madrinhas" não só daquelas duas principais redatoras da revista, como da própria revista — distinguindo-se Júlia como vulto máximo da prosa nacional e Adelina como uma das maiores poetisas do Brasil (sic).

Mencionada dessa forma já em I(1):1, Adelina fornece sua primeira colaboração, datada de outubro de 1897, ainda no primeiro mês de circulação da revista, publicada em I(2):18 — o soneto "A Jornada", em que os esmerados versos decassilábicos mal disfarçam a inspiração manifestamente romântica da autora.

A menção a Adelina em I(2):31 corresponde a um dos itens do noticiário providenciado por Prisciliana Duarte: lembrando que a poetisa também é prosadora e manteve uma coluna de crônicas na antiga *A Semana* (primeira fase) sob o título de "Palestras Femininas", a diretora de *A Mensageira* declara ter recebido dela a promessa de retomada do mesmo gênero no novo periódico paulistano (promessa que jamais se concretizará). Seguem-se menções corriqueiras nas pp. I(4):60 e 62 e uma menção especial no número seguinte, em I(5):75-76: aqui, Prisciliana (travestida de "Perpétua do Vale") cobra mais empenho produtivo da amiga: "Adelina Lopes Vieira não nos deu os livros que poderia ter-nos dado depois das encantadoras *Margaritas*, se bem que tenha engrinaldado páginas e páginas da imprensa do Rio com formosos trabalhos."

Como que respondendo a esse apelo, o n° 6 estampará (já em dezembro de 1897), em I(6):82, o diálogo em versos "É Minha Mãe", cuja elaboração parece fazer parte dos exercícios dramáticos efetuados pela escritora, por essa época. Em I(6):95, I(7):105 e I(10):156, novas menções, meramente nominais; em I(11):165, é Maria Clara da Cunha Santos quem remete do Rio de Janeiro uma notícia a seu respeito: Adelina acaba de ser reeleita (no início de 1898) presidente do Orfeão Carlos Gomes. E, com dedicatória a Maria Clara, aparece, em I(15):229, outro soneto da poetisa: o célebre "Anoitece...", sua mais conhecida produção poética, imortalizada ao se transformar em canção composta por Alberto Nepomuceno em 1904, estreada em sua versão original por Amália Iracema\*, em 1907 (cf. ANCG). Vale a pena lembrar que em 1900 Adelina ainda dedicará a Maria Clara um dos contos de sua coletânea *Destinos* ("Extremos", pp. 183-189 desse volume).

O excerto do periódico *Rua do Ouvidor* reproduzido em I(17):272 fala de Adelina como prefaciadora do livro de estréia de Maria Clara e Prisciliana. Já o conto "O Armador", extraído do volume *Preludiando*, de Andradina de Oliveira\* — estampado em I(21):328-333 —, é dedicado conjuntamente às irmãs Júlia e Adelina Lopes; pelo mesmo motivo, a resenha de Damasceno Vieira\* relativa a essa coletânea de contos da escritora gaúcha refere-se a Adelina em I(22):343.

No ano II da revista (1899) aparecerão outras quatro produções suas: o soneto "A Lancha Negra" — II(25):3 —, que repisa a temática desconsolada de "Anoitece..."; o soneto "Dois Oásis" — II(26):44 —, feito em 1891, em parceria com Maria Clara da Cunha Santos, dedicado a Prisciliana Duarte; o decepcionante texto em prosa "A Noiva" — II(28):81-84 —, no qual a escritora se estende em acacias considerações a respeito de como a consulente paulistana Cecília deverá se comportar para ser feliz no casamento; e, em II(30):122-124, a já comentada cena do drama em verso "A Virgem de Murillo".

Referem-se ainda a Adelina Lopes, nesse segundo volume de *A Mensageira*, duas menções transcritas de jornais diários — em II(27):71 e 72 —, uma menção no esboço biográfico de Júlia Lopes de Almeida elaborado por Guiomar Torresão\* — em II(29):99-100 —, e a "nota pequena" de Prisciliana Duarte, em II(30):131, que anuncia já estar no prelo o último livro de Adelina, *Destinos*.

Um dos últimos poemas estampados pela revista, no já agonizante n° 36 — em II(36):237 — é "Contemplação", versos de Prisciliana Duarte, datados de outubro de 1889, dedicados "à excelsa poetisa Adelina A. Lopes Vieira".

Fontes: ABDB (pp. 80-81); AJCI (reedição dos *Contos Infantis*, obra de co-autoria de Adelina Lopes Vieira & Júlia Lopes de Almeida); ALDS (edição original de *Destinos*); ALMR (edição original de *Margaritas*); ALPL (edição original de *Pombal*); ANCG (pp. 17 e 24); BNAC (p. 15); CCLA (pp. 171-182 desta rica fonte de informações sobre o período em que Júlia Lopes e sua família permaneceram em Campinas); CLVH (pp. 168-169); CSVF (pp. 21-22); CTRF ("Feminismo e Iluminismo em Júlia Lopes de Almeida", monografia de Leonora De Luca, pp. 213-236 da edição correspondente ao n° 2 do vol. XXV, julho-dezembro de 1997); DMMN (p. 751); FTFR (vol. I, pp. 739-741: reprodução integral do prefácio de Adelina Lopes Vieira para *Pirilampos e Rumorejos*); GSTB (p. 569); LALI (pp. 164, 165 e 183); LFSB (fl. 94: nota biobibliográfica sumária, seguida da reprodução do soneto "A Lancha Negra"); LLJL (relatório de iniciação científica relativo a pesquisa sobre Júlia Lopes de Almeida realizada por Leonora De Luca, na Unicamp, entre 1994 e 1995); LZLI (pp. 29, 34 e 163); MJCF (pp. 15-22: nota biobibliográfica seguida do conto "A Vaidade!... A Vaidade!...", extraído da coletânea *Destinos*); NCDC (p. 43); NCPH (p. 211); RMDL (p. 702); SBDB (vol. I, p. 7); VAID (pp. 51-52); VCSM (p. 549); WMIB (vol. IV, pp. 64 e 149).

Iconografia: fotografia da poetisa jovem dos anos 1870 no ante-rostro de alguns exemplares de *Margaritas* (ALMR) — foto presente no exemplar conservado pelo Centro de Ciências, Letras e Artes (de Campinas), inexistente no exemplar pertencente ao acervo de Livros Raros da Biblioteca Municipal Mário de Andrade (de São Paulo-Capital); desenho a bico-de-pena retratando a escritora madura do início do século XX ilustrando o texto de LFSB (fl. 94); fac-símile (indicando Adelina Lopes Vieira como declamadora) do programa das comemorações camonianas de 1880 na p. 15 de BNAC.

VIEIRA, Damasceno — I(22):340-345; II(34):189-192.

VIEIRA, Damasceno

Apesar de ter mantido o emprego de funcionário público (fazendário e alfandegário) durante várias décadas, o gaúcho João Damasceno Vieira Fernandes (1850-1910) desenvolveu atividade intensa e incessante de escritor, nos campos da poesia, da crônica, do conto, do romance, do ensaio histórico, da crítica literária e da dramaturgia.

Nascido em Porto Alegre (filho de José Vieira Fernandes e Belmira Vieira do Nascimento), fez seus estudos primários e secundários na cidade natal, formando-se na Escola Normal local em 1871, na mesma época em que lá estudava Luciana de Abreu (1847-1880), uma das nossas mais notáveis feministas do período imperial.

Mesmo sem seguir a carreira do magistério (preferindo integrar os quadros burocráticos de repartições locais), Damasceno Vieira assumirá posição de relevo na intelectualidade sulina, participando inclusive da criação da célebre Sociedade Partenon Literário (existente em Porto Alegre entre 1868 e 1885), de cuja revista foi um dos colaboradores mais assíduos.

Aderindo ao positivismo comtiano, inaugura no Rio Grande do Sul uma estética de transição entre romantismo e parnasianismo, assumindo uma arte poética "moderna" ou "científica" — "lamentável concepção teratológica que teve no Brasil a sua época, ao mesmo tempo que o positivismo comtista", no entender do mais notório historiador da literatura regional sulina, Guilhermino César (GCHL); segundo esse autor, só em sua última coletânea poética (*Albatrozes*, 1908) o poeta atingirá os ideais neoclássicos da impassibilidade parnasiana.

Colaborando em vários periódicos locais, assinando-se geralmente "Damasceno Vieira" — mas também sob os pseudônimos de "Renato" e de "Luciano Aguiar" —, reúne parte desse copioso material em diversos volumes editados na própria Porto Alegre: *Ensaio Tímido* (1872), *Auroras do Sul* (1879), *A Musa Moderna* ("poesias críticas e sociais", 1885) e *Escrínios* (1892). Mas datam desse mesmo período o romance *História de um Amor* (1876), a coletânea de



poesia e crítica *Esboços Literários* (1883), a novela-folhetim *O Casamento de Sara* (1884), os contos de *Noites de Verão* (1888), a "impressão de viagem" *Através do Rio da Prata* (1890) e as peças de teatro *Por um Retrato* (1874), *Adelina* (1879), *Intrigas de um Retrato* (1886), *Arnaldo* (1886), *Amália* (1888), *A Voz de Tiradentes* (1890) e *Os Gaúchos* (1891). Em 1893 teria composto ainda o libreto para a "opereta italo-brasileira" em três atos (musicada pelo maestro Luís Roberti) *A Família Pascoal*.

Deslocando-se, em função de seu trabalho de servidor alfandegário, para as cidades de Rio Grande, Pelotas e Uruguaiana, vamos encontrá-lo, no final do século, sucessivamente no Rio de Janeiro, em Santos e em Salvador, teria optado por deixar Porto Alegre por motivos políticos.

Assim, saem publicados no Rio a peça infantil *A Boneca de Lúcia* (1894) e a sátira *Brinde a Olímpio Duarte* (1897) — e, em São Paulo, o livro de versos *Poemetos e Quadros* (1894). Em setembro de 1907 a revista carioca *Renasença* publicará uma outra peça infantil, *A Princesa Margarida*.

Na virada do século o escritor gaúcho já está definitivamente instalado na Bahia, onde se incorpora com facilidade aos quadros da intelectualidade local, chegando a integrar o Grêmio Literário, de Salvador e a famosa Nova Cruzada (fundada em 1901), da qual foi "Cavaleiro de Honra" — cf. Pedro Calmon em PCLB.

Pertencem a esse período final as edições baianas do poemeto *A Castro Alves* (1898), das *Memórias Históricas Brasileiras (1500-1837)* (obra apresentada em dois tomos, 1903), do ensaio *A Crítica na Literatura* (1907) e a coletânea poética *Albatrozes* (1908).

Nessa volumosa e multiforme produção, destaca-se a faceta de sólido crítico literário. Pertencendo à geração de Araripe Júnior\* (1848-1911) e Silvio Romero\* (1851-1914), Damasceno Vieira teria sido o precursor gaúcho da moderna crítica brasileira — pois visava, segundo Guilhermino César, "não só à crítica literária, mas à das idéias". Em congruência com suas próprias propostas estéticas, assume uma visão universal das questões que aborda, opondo-se a Tobias Barreto\*, por exemplo, por sua deprecição das obras de Manuel de Araújo Porto Alegre e José de Alencar\*; nos *Esboços Literários*, de 1883, teria ido além de sua época, ao propor uma definição e uma ação normativa para o exercício da crítica, descendo "a minúcias que antes passaram despercebidas aos críticos". Esse rigor não implicava, no entanto, nenhuma rigidez: os historiadores da literatura são unânimes em apontar a invariável predominância, em seus textos (tanto em prosa como em verso), de um caráter espontaneamente gentil, ameno e otimista.

Toda a colaboração de Damasceno Vieira em *A Mensageira*, publicada entre 1898 e 1899, pertence a esse gênero, compondo-se de duas resenhas: "Preludiando" — em I(22):340-345 —, em que se encarrega de criticar o livro desse nome, produção recente de Andradina de Oliveira\*, e "Julieta de Melo Monteiro\*" — em II(34):189-192 —, a respeito do último lançamento dessa poetisa, *Alma e Coração*. Ambas as resenhas deveriam compor, segundo exposição do próprio Vieira, as duas primeiras partes de uma trilogia crítica dedicada aos três principais lançamentos das letras femininas gaúchas do ano de 1897 — que incluiria ainda as *Fantasia*s, coletânea de prosa e poesia de Cândida Fortes\*, mas este volume já havia sido resenhado por Prisciliana Duarte de Almeida\* (sob a identidade de "Perpétua do Vale"), no n° 19 de *A Mensageira*.

Aproveitando a oportunidade para apontar os descaminhos da política brasileira naquela primeira década republicana, o crítico assume atitude de pouco usual atenção (para a época) para com aquelas duas obras femininas, fornecendo, no caso de "Julieta de Melo Monteiro", o importante testemunho pessoal de quem conheceu não apenas essa poetisa e sua irmã Revocata Heloisa de Melo\* — como também de quem conviveu, nos verdes anos do Partenon Literário, com duas outras talentosas irmãs gaúchas, Amália dos Passos Figueiroa\* e Revocata dos Passos Figueiroa de Melo\*, respectivamente tia e mãe de Julieta e de Revocata Heloisa.

Damasceno Vieira faleceu em Salvador, em 6 de março de 1910. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e é patrono da cadeira n° 17 da Academia Rio-Grandense de Letras (cf. AMCP). Foi casado — segundo Galante de Sousa (GSTB) com Rafaela Vieira de Azambuja; seu filho Arnaldo Damasceno Vieira (1876-1949), que seguiu carreira militar, também foi poeta, ensaísta e teatrólogo, como o pai.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1905: registro do lançamento da coletânea poética *Constelações* em 1903 na p. 348, registro do lançamento das *Memórias Históricas Brasileiras* na p. 349); AMCP (pp. 93-94: verbete biobibliográfico seguido da reprodução de três sonetos de Damasceno Vieira: "Paixão Ideal", "A Lenda do Judeu Errante" e "A Velha Idéia"); CMIR (verbetes biobibliográficos relativos a Arnaldo e a João Damasceno Vieira, ambos na p. 47); DSAP (cap. 9, "Demolição e Reconstrução", item 9.1: "João Damasceno Vieira", com excertos que dão uma idéia da evolução cronológica da poética do escritor, pp. 83-86); EDIJ (vol. XX, p. 11.983); GCHL (pp. 176, 182, 192, 250, 255, 271, 282-285, 293, 308, 312-313, 321, 338, 342, 350-354, 381, 382 e 391); GSTB (verbetes relativos a Arnaldo Damasceno Vieira: vol. II, p. 569), verbete relativo a João Damasceno Vieira: pp. 569-570); LFSB (reprodução do soneto "A um Quadro", fl. 97); PCLB (pp. 164, 165 e 217); PLSO (dessa coletânea inteiramente dedicada ao Partenon Literário, interessam principalmente pp. 107 e 128-129, localizadas respectivamente nos capítulos: "Síntese Histórica e Índice Geral da Revista do Partenon Literário", por Pedro Leite Villas-Boas e "Biobibliografia dos Autores do Partenon Literário", por Ari Martins e Pedro Leite Villas-Boas); RMDL (p. 704); SBDB (vol. III, pp. 406-410); WMIB (vol. IV: pp. 34, 63, 87, 177, 205, 219, 234, 260, 275-276, 331, 349, 357, 400, 430, 448 e 451, vol. V: p. 373, vol. VII: p. 658).

Iconografia: fotografia (circa 1900?) reproduzida por Galante de Sousa (GSTB: vol. I: p. 446); retrato de Damasceno Vieira (desenho a bico-de-pena) ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 97), que também reserva uma folha para a biografia e o retrato do filho, Arnaldo Damasceno Vieira (fl. 349), reproduzindo-lhe o soneto "Jesus".

VIOTTI, Heráclito — I(12):189; II(25):21; II(27):71.

VIOTTI, Heráclito

A respeito deste poeta, procedente de Minas Gerais como seu primo Manuel Nogueira Viotti\*, Heráclito Magalhães Viotti (c. 1870?- ?), são muitas escassas as informações disponíveis.

Martins de Oliveira limita-se a mencionar-lhe o nome (em MOLM), em meio a muitos bacharéis-poetas mineiros, ao lado de outros literatos aparentados, de sua geração (Ari de Magalhães Viotti e Dario de Magalhães Viotti) e de dois parentes da geração seguinte, que tiveram atuação relevante no cenário das letras paulistas já no século XX: a polígrafa Lavinia Abranches Viotti e o jesuíta Hélio Abranches Viotti. Este último, o padre Hélio Viotti (filho de Policarpo de Magalhães Viotti e Marieta Abranches Viotti), esteve entre os mais ativos membros da Academia Paulista de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (do qual foi bibliotecário durante muitos anos), possuindo bibliografia extensa na área de história religiosa.

Os Viotti, de ascendência italiana, já estão radicados no Estado mineiro bem antes da chegada das levas de imigrantes peninsulares espalhadas pelo sul de Minas no final do século XIX; o parentesco entre as famílias Nogueira Viotti e Magalhães Viotti é explicitado por De Moya em seu primeiro anuário genealógico (AGSP). Da projeção política regional da família naquele final de século restaram os testemunhos da participação do médico Policarpo Rodrigues Viotti (1843-1928) na Constituinte de 1891 e de seu irmão Domingos Rodrigues Viotti na Constituinte Estadual Mineira de 1891-1892 (cf. BPPR e SNIR). O pai do padre Hélio, Policarpo de Magalhães Viotti (filho de Policarpo Rodrigues Viotti), aparece na relação de deputados mineiros da Constituinte de 1934 fornecidos por BPPR.

A colaboração de Heráclito Viotti em *A Mensageira* limita-se a dois sonetos, "Êxul" e "Carta Aberta" — ambos datados de "Minas, 1898", respectivamente em I(12):189 e II(25):21. O primeiro (que integraria uma coletânea intitulada *Val de Goivos*) é estruturado em versos alexandrinos e o segundo em decassílabos sáficos; têm caráter amoroso, explicitado já nas dedicatórias "A uma indiferente" (de "Êxul") e "À que venero" (da "Carta Aberta") — e, apesar de denotarem construção artificiosa, pouco espontânea (típica do parnasianismo menor que era cultivado pela imensa maioria dos poetas coetâneos de segunda linha), não são totalmente destituídos de interesse. "Êxul", o mais grandiloquente e o mais bem construído dos dois poemas, deve ter sido destacado para integrar muitos álbuns de versos das leitoras da revista.

A terceira aparição do nome de Heráclito Viotti em *A Mensageira* — em II(27):71 — corresponde a uma citação contida num texto transcrito do jornal *Correio de Minas* (de Juiz de Fora), no qual Viotti é considerado "um poeta de futuro", expressão que parece confirmar a juventude do rapaz, por essa época (1899).

É provável que tenha vindo se estabelecer, posteriormente, na capital paulista (onde seu primo Manuel Viotti residiu por longo tempo), pois seu nome figura na nominata da sociedade anônima constituída para a publicação da paulistana *Revista do Brasil*, em 1916 (RBSP); a menção a seu nome sem o "dr." que antecede a designação da maioria dos sócios parece indicar que Heráclito Viotti não tinha curso superior completo.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1906, reprodução de poemas de Heráclito Viotti nas pp. 222-223 e 302, respectivamente "Bosquejo de um Ninho" e "Paráfrase de Stecchetti", inédito das *Rimas*); AGSP (primeiro anuário, 1939: "Famílias de Origem Estrangeira", p. 338); BPPR (pp. 103 e 108); ILPB (atuação de Policarpo Rodrigues Viotti: pp. 216-218); MOLM (menção a vários escritores integrantes da família Viotti nas pp. 227, 287, 288, 289 e 290); RBSP (relação nominal dos componentes da sociedade anônima editora da revista: nº 1, janeiro de 1916, p. 81); SNIR (p. 109).

VIOTTI, Manuel — I(4):57; I(8):123; I(9):140 e 143; I(10):158; I(11):172; I(12):179; I(13):208; I(14):212; I(15):237; I(16):252; I(17):259; I(20):320; I(23):364-365; II(27):70 e 72. Sob o pseudônimo ELMANO DO VAL aparece em — I(5):78-79; I(6):96; I(10):150-152; I(13):205-206; I(19):298; I(21):326-327; II(26):42-44; II(27):72; II(28):80.

VIOTTI, Manuel

Nascido em Campanha (cidade localizada no Vale do Sapucaí, no mesmo sul de Minas de onde procediam Prisciliana Duarte de Almeida\* e Sílvio de Almeida\*), filho de Domingos Nogueira Viotti, Manuel Nogueira Viotti (1871-1958) veio para São Paulo para cursar a Faculdade de Direito — bacharelado-se em 1895 e ali permanecendo.

Biografado em poucas linhas por Sacramento Blake (SBDB), o advogado mineiro é tratado por Raimundo de Menezes (RMDL) de maneira a enfatizar-se sua carreira técnica e burocrática, sem que sejam evidenciadas suas facetas de poeta e de crítico literário, talvez melhor desenvolvidas no período juvenil (até 1900), que é justamente a época de sua importante participação na revista *A Mensageira*.

Sob o ponto de vista relacional, interessa apontar a dupla vinculação de Manuel Viotti ao casal Sílvio-Prisciliana: ingressando na academia de direito na época em que Sílvio concluía seu curso, Viotti pertence ao círculo de bacharéis-poetas capitaneados pelo marido de Prisciliana; mas, tornando-se funcionário da Secretaria da Justiça e Segurança Pública do Estado de São Paulo pouco depois de formado, transforma-se em subordinado direto do dr. José Xavier de Toledo\* (titular dessa pasta) — que em 1900 estará se casando com Zalina Rolim\*, professora do Jardim da Infância anexo à Escola Normal paulistana, poetisa de renome, amiga de Prisciliana e uma das mais notórias colaboradoras de *A Mensageira*.

Da bibliografia de Manuel Viotti consta uma única coletânea poética (*Florais*, Rio de Janeiro, 1893), um *Guia Policial* editado em 1896 e reeditado em 1900 e duas monografias (ambas publicadas pela *Revista do Arquivo Público Mineiro*, respectivamente em 1897 e 1899) que atestam seu interesse pelas pesquisas literárias e biobibliográficas: "Acadêmicos Mineiros na Faculdade de São Paulo" e "Fragmentos Biográficos: Poetas Mineiros na Faculdade de São Paulo". Por essa mesma época, assumiria a função de redator-chefe da "enciclopédia noticiosa, científica e literária" paulistana *O Arquivo Ilustrado* (circulante entre 1899 e 1904, cf. SPER) — atividade confirmada em nota incluída na própria *A Mensageira*, em II(27):70.

Posteriormente (já no século XX, de maneira mais espaçada) surgirão duas monografias técnicas (*Dactiloscopia e Filiação Morfológica*, 1909 e *Divisão Judiciária e Administrativa do Estado de São Paulo*, 1911), um esboço bibliográfico (*Veiga Filho*, 1935), uma novela publicada em Buenos Aires, em espanhol (*Casarse es bueno*, 1936) e um *Dicionário de Gíria Brasileira* (São Paulo, 1945). Em BDFB, Cristina Colonelli esclarece que esta última obra do escritor foi reeditada (bastante ampliada) no Rio de Janeiro, em 1957, pela Livraria Tupi, sob a denominação de *Novo Dicionário da Gíria Brasileira*.

A colaboração de Manuel Viotti em *A Mensageira*, como poeta, surge toda no primeiro ano de circulação da revista (1897-1898), compondo-se de quatro poemas: o soneto em decassílabos "O Trabalho do Verso" — I(4):57 —, sem dedicatória, datado de 15-11-97 e publicado no final do mesmo mês; um outro soneto em decassílabos, "Sóror Teresa" — I(8):123 —, dedicado ao então Secretário Estadual da Justiça e Segurança Pública, Xavier de Toledo\*, datado de "S. Paulo, 1898", um terceiro soneto com a mesma métrica, "Só" — I(14):212 —, dedicado a Bento Barreto\* e não datado; e, finalmente, o poema composto por 38 versos decassilábicos pareados, "Do Estelário" — I(23):364-365 —, hermeticamente dedicado "À que me entende", datado de 1-8-98.

Vale, para esses versos, o comentário que apresentamos acima para a produção poética de Heráclito Viotti\*, primo de Manuel Viotti: são construídos de forma artificial, denotando excessiva preocupação com os jogos verbais, excluindo (na abordagem de uma temática invariavelmente amena e banal) todo e qualquer espaço para a inspiração ou para a espontaneidade. Mostram, assim, a gratuidade e a falta de originalidade que ainda predominavam no nosso parnasianismo da virada do século.

Nesse ano I de *A Mensageira*, o nome de Manuel Viotti frequentava a revista com assiduidade: em I(9):143 registrava-se o lançamento do *Almanaque do Município de Passos* para 1898, nele se incluindo retratos e biografias de mineiros ilustres como Manuel Viotti e Néelson de Sena\*; em I(13):208 aparece numa transcrição de elogios à revista publicados no jornal paulistano *A Nação*. Como dedicatório do poema "Por Terras e Mares", de autoria de seu colega de repartição Cândido de Carvalho\*, publicado de maneira seriada, em seis partes, o nome de Manuel Viotti aparecerá mais seis vezes, no volume I — nas páginas 140, 158, 172, 179, 237 e 259; e ainda em I(16):252 como dedicatório de um soneto de um outro poeta, Soares Júnior (paulista de Batatais) — "Ao Meu Coração", datado de 19-5-98. Em I(20):320, Prisciliana Duarte comunica, na seção de "notas pequenas", que o doutor Viotti irá se encarregar de fornecer à *Mensageira* a crítica dos *Versos* recém-lançados por um outro poeta mineiro, Francisco Lins\* — crítica que aparecerá no número seguinte da revista.

Mas a contribuição mais valiosa de Manuel Viotti aparecerá sob o pseudônimo "Elmano do Val" — personalidade assumida pelo bacharel-poeta para desenvolver, com maior liberdade, suas atividades de crítico literário. É interessante observar que esse heterônimo foi lançado no n° 5 da revista, decerto de comum acordo com Prisciliana Duarte de Almeida, pois nas pp. 72-76 desse mesmo número surge a primeira matéria por ela assinada como "Perpétua do Vale", para logo em seguida (nas pp. 78-79) Viotti aparecer pela primeira vez sob a identidade secreta de "Elmano do Val".

Sendo ambos nativos do Vale do Sapucaí, o pseudônimo dela se referiria à "humilde florzinha do Vale", enquanto o dele remetia ao "Manuel do Vale" (Elmano é anagrama de Manoel, forma original da grafia de seu nome).

Sob essa identidade aparecem, na *Mensageira*, cinco textos em prosa, além de um poema — o soneto "Dona Lavinia", publicado em I(19):298, sem dedicatória, datado de "S. Paulo — 8-7-98". Os textos em prosa correspondem a uma condescendente resenha crítica — aquela já mencionada, relativa aos *Versos* de Francisco Lins, apresentada em I(21):326-327 — e as quatro matérias por ele próprio classificadas como "notas" literárias.

Assim, em ordem cronológica, vão surgindo as notas referentes a "Literatas Polacas" — I(5):78-79, a "Literatas Inglesas" — I(10):150-152, a "Literatas Suecas" — I(13):205-206, a "Literatas Húngaras" — II(26):42-44 e ao lançamento do livro "A Alma e a Morte", pela jovem e promissora poetisa francesa Marguerite Comert — II(28):80. As três primeiras são as mais interessantes; pois, além de fornecer à diretora de *A Mensageira* matérias para "recheio" compatíveis com o conteúdo "sério" da revista, Elmano do Val se encarrega de lembrar que as mulheres de letras brasileiras podem se pautar pelo exemplo de numerosas colegas espalhadas pelo mundo todo — escritoras bem sucedidas nos mais diferentes gêneros literários, que conquistaram não apenas seu espaço junto à crítica, como atingiram "status" de autoras bem-sucedidas com relação a seu público, capazes de aumentar as tiragens dos jornais que publicam seus folhetins ou de fazer esgotar edições sucessivas de seus romances. Para o pesquisador interessado no mapeamento da literatura feminina daquele final do século XIX, esses textos são de grande valia, pois o articulista (embora prejudicado por numerosos erros de grafia gerados na composição tipográfica) fornece, ao lado daquelas figuras mais notórias e permanentes, nomes de escritoras que desapareceram até mesmo das páginas dos compêndios especializados.

Elogiado o trabalho de Elmano do Val numa "nota pequena" em que se reproduzia o texto original do paulistano *A Nação* — em I(6):96 —, ainda aparecerá uma menção ao escritor extraída do diário *Cidade de Campinas*

— igualmente publicada nas "notas pequenas", em II(27):72 — na qual o redator do jornal (Alberto Faria, provavelmente) comete a indiscrição de referir-se às "notas bibliográficas por Elmano do Val (Manuel Viotti)", tornando pública a identidade única desses "dois" assíduos colaboradores de *A Mensageira*.

Manuel Viotti faleceu, já octogenário, em Barra do Pirai (no interior fluminense), em 24 de agosto de 1958.

Fontes: AGRJ (almanaque para o ano de 1905, pp. 430-434: "A Imprensa Paulista em 1904", com a reprodução de um interessante levantamento realizado por Manuel Viotti para o *Álbum da Imprensa Paulista*, remetido à Exposição de Saint Louis, em 1904 + almanaque para o ano de 1906, p. 223: reprodução de um soneto "Dos Florais", dedicado a Raimundo Correia e datado de "S. Paulo, 1904"); BDFB (p. 267); FTAS (p. 209: reprodução do poema "As Duas Mães", tradução de original francês de Josephin Souvary, extraído da coletânea *Florais*); LFSB (reprodução do mesmo soneto, "As Duas Mães", na fl. 284); MOLM (p. 289); RMDL (p. 707); SBDB (vol. VI, p. 171); SPER (p. 53).

Iconografia: foto (circa 1900) em AGRJ (almanaque para o ano de 1906, p. 300); retrato (desenho a bico-de-pena) baseado na fotografia reproduzida em AGRJ, ilustrando o texto de Laudelino Freire (LFSB, fl. 284).

VIVEIROS, Helena de — II(27):66; II(28):96.

VIVEIROS, Helena de

O poema datado de "2-6-98" (texto que constitui toda sua colaboração em *A Mensageira*), "Último Desejo", publicado em abril de 1899 — em II(27):66 —, é a única notícia que temos desta misteriosa Helena de Viveiros. A banalidade da composição (quatro quadras em que se alternam versos decassilábicos e hexassilábicos) e a ausência de dedicatória não permitem sequer que se estabeleçam hipóteses a respeito da identidade de sua autora — cujo nome reaparece em II(28):96 na enumeração (reproduzida do diário carioca *O País*) das poetisas participantes do n° 27 de *A Mensageira*.

## BIBLIOGRAFIA DOS ANEXOS

### (BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA DO ÍNDICE ONOMÁSTICO E DO DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO DE COLABORADORES E COLABORADORAS DA REVISTA "A MENSAGEIRA")

(Livros e Periódicos, Teses e Relatórios, Guias e Catálogos)

- AALF = Amadeu Amaral — *Letras Floridas*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. Vol. VI da série Obras de Amadeu Amaral.
- AALM = Artur Andrade — *Livro d'um Morto*. São Paulo, Typographia Andrade & Mello, 1903. Com frontispício desenhado por Alberto Azevedo, prefácio de Amadeu Amaral e posfácio de Alberto Sousa e Amadeu Amaral.
- AAMA = Afonso Lopes de Almeida — *Mãe*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1945.
- AAPB = *Antologia das Antologias: 101 Poetas Brasileiros "Revisitados"* (org. por Magali Trindade Gonçalves, Zélia Maria Thomaz de Aquino e Zina Bellodi Silva). São Paulo, Musa Editora, 1995.
- AATP = Amadeu Amaral — *Tradições Populares*. 2ª ed., São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. Vol. I da série Obras de Amadeu Amaral.
- ABCI = Marta Rossetti Batista (org.) — *ABC do IEB: Guia Geral do Acervo*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo (Edusp)-Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)-Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), 1997.
- ABDB = Adalzir Bittencourt — *Dicionário Biobibliográfico de Mulheres Ilustres, Notáveis e Intelectuais do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1969. Vol. I (A-Alz).
- ABHP = Albert-Alain Bourdon — *História de Portugal*. Trad. do francês por Manuel Reis. Coimbra, Livraria Almedina, 1973. Vol. IX da Coleção Almedina.
- ABLB = Alfredo Bosi — *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1975.
- ACAB = Abril Cultural — *Arte no Brasil*. São Paulo, 1979. 2 volumes.
- ACFL = Antônio Cândido — *Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)*. Vol. II (referente ao período 1836-1880). São Paulo, Livraria Martins Editora, 1959.
- ACLB = Afrânio Coutinho (org.) — *A Literatura no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1968-1971. 6 volumes.
- ACLS = *A Chronica* (Lisboa), circulante desde 20 de janeiro de 1896 (até 1898?). Revista trimestral dirigida por Guiomar Torresão, editada como suplemento artístico-literário do jornal de modas lisboeta *A Estação de Paris* (publicado por Antônio Maria Pereira).
- ACML = José Aderaldo Castello — *Manifestações Literárias da Era Colonial*. 3ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1967. Parte integrante da coleção Roteiro das Grandes Literaturas, vol. I da série A Literatura Brasileira.
- ACNS = Abril Cultural — *Nosso Século: Memória Fotográfica do Brasil no Século XX*. São Paulo, 1980-1981. 5 volumes.
- ACSA = Abril Cultural — *Saga: A Grande História do Brasil*. São Paulo, 1981-1983. 7 volumes.
- ADIC = Arruda Dantas — *Ibrantina Cardona*. São Paulo, Editora Pannartz, 1976.
- ADPC = *Antologia da Poesia Cruzeirense* (org. por Jaime Ribeiro da Silva, Joaquim de Paula Guimarães e José Campos). Cruzeiro, Grupo Cruzeirense de Cultura, 1961.
- ADPP = *Antologia da Poesia Paulista* (org. por Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos). São Paulo, Conselho Estadual de Cultura-Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1960. Vol. II da Coleção Textos e Documentos.
- ADSP = Azevedo Marques & Irmão — *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Província de S. Paulo para o Anno de 1858*. São Paulo, Typ. Imparcial, de J. R. de Azevedo Marques, 1857. Edição fac-similar: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- ADZR = Arruda Dantas — *Zalina Rolim*. São Paulo, Editora Pannartz, 1983.
- AESP = *Almanaque do O Estado de São Paulo 1940*. São Paulo, Oficinas d'O Estado de São Paulo, 1939.
- AFRP = Alberto Ferreira — *Perspectiva do Romantismo Português*. Lisboa, Edições 70, 1971. Vol. integrante da série Textos de Cultura Portuguesa.
- AGBA = Alfredo Galvão — *Subsídios para a História da Academia Imperial e da Escola Nacional de Belas-Artes*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Universidade do Brasil, 1954.
- AGEI = Armelino Guimarães — *E Assim Nasceu a Escrava Isaura: A Vida Boêmia de Bernardo Guimarães* [Bernardo Guimarães biografado pelo neto, José Armelino Bernardo Guimarães]. Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1985.

- AGRU = *Almanaque Brasileiro Garnier* (Rio de Janeiro), publicado entre 1903 e 1914. 11 volumes.
- AGSP = *Anuário Genealógico Brasileiro* (São Paulo), de Salvador De Moya, publicado entre 1939 e 1948. 10 volumes.
- AJCI = Adelina Lopes Vieira & Júlia Lopes de Almeida — *Contos Infantis*. 17ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1927.
- AJMO = Araripe Júnior — *Literatura Brasileira: Movimento de 1893*. Rio de Janeiro, Typographia da Empresa Democrática Editora, 1896.
- ALCA = José Roberto do Amaral Lapa — *A Cidade: Os Cantos e os Antros (Campinas, 1850-1900)*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- ALCM = Aureliano Leite — *O Cabo-Maior dos Paulistas na Guerra com os Emboabas* [Biografia de Amador Bueno da Veiga]. São Paulo, Oficinas Gráficas das Edições Saraiva, 1961.
- ALCV = Alceu Amoroso Lima — *Companheiros de Viagem*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1971.
- ALDS = Adelina Lopes Vieira — *Destinos*. Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1900.
- ALLV = Aureliano Leite — *Páginas de uma Longa Vida* [Livro de Memórias]. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1966.
- ALML = *Almanaque Mundial/1962* (das "Seleções do Reader's Digest"). Rio de Janeiro, Editora Moderna, 1961.
- ALMR = Adelina Lopes Vieira — *Margaritas*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1878.
- ALOF = Aureliano Leite — *São Francisco de Paula de Ouro Fino nas Minas Gerais*. Rio de Janeiro, Gráfica Sauer, 1940.
- ALPL = Adelina Lopes Vieira — *Pombal*. Rio de Janeiro, Typ. e Lith de Molarinho & Mont'Alverne, 1882.
- ALPP = Aydan Leite — *Vultos do Presente e do Passado (Subsídios para a História de Guaratinguetá)*. Guaratinguetá, impressão da Gráfica Editora Liberdade (de Cruzeiro, SP), 1967.
- ALRP = Aureliano Leite — *Retratos a Pena: Galeria de Homens de Minha Admiração* (1ª Série). São Paulo, edição do autor, s. n. t., 1929.
- ALSP = *Almanach Litterario de São Paulo* (Typ. da Provincia de São Paulo, São Paulo), publicado por José Maria Lisboa, em 8 edições anuais sucessivas, entre 1876 e 1885. Edição fac-similar: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- AMAA = Ángel Mazzei — *Lecciones de Literatura Americana y Argentina*. Buenos Aires, Editorial Ciordia, 1958.
- AMAE = Aníbal Mattos — *As Artes nas Igrejas de Minas Geraes*. Belo Horizonte, Edições Apollo-Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1936. Vol. X da Biblioteca Mineira de Cultura.
- AMBH = *Revista da Academia Mineira de Letras* (Belo Horizonte), anuário circulante a partir de 1922.
- AMCP = Antônio Carlos Machado — *Coletânea de Poetas Sul-Riograndenses (1834-1951)*. Rio de Janeiro, Editora Minerva, 1952.
- AMME = Andrade Muricy — *O Símbolo à Sombra das Araucárias (Memórias)*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais-Imprensa Nacional, 1976.
- AMOF = André Michel — *O Feminismo: Uma Abordagem Histórica*. Trad. do francês por Ângela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.
- AMPC = Aristides Monteiro — *Panorama da Poesia em Campinas (Até 1920)*. Campinas, 1976. Vol. XXXIV das Publicações da Academia Campinense de Letras.
- AMSB = Andrade Muricy — *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Saúde-Imprensa Nacional, 1952. 3 volumes.
- AMSP = *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo), circulante desde 1934.
- AMSS = Maria Helena Ochi Flexor — *Abreviaturas de Manuscritos dos Séculos XVI ao XIX*. São Paulo, Seção de Publicações da Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo, 1979.
- ANCG = Sérgio Alvim Corrêa — *Alberto Nepomuceno: Catálogo Geral*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Música (Funarte)-Ministério da Educação e Cultura, 1985.
- ANFT = Ada Negri — *Fatalità*. 19º migliaio, Milano, Fratelli Treves Editori, 1908.
- ANJB = *Jornais Brasileiros* (Brasília), publicação anual da Associação Nacional de Jornais Brasileiros, circulante a partir de 1994 (ano II: 1995-1996).
- ANTR = José Luís de Almeida Nogueira — *A Academia de São Paulo: Tradições e Reminiscências*. 3ª ed. (com notas e acréscimos de Carlos Penteado de Rezende), São Paulo, Saraiva Livrários Editores-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977. 5 volumes.
- AOPP = Amélia de Oliveira — *Póstuma (Poesias)*. Organização e introdução de Elmo Elton. Rio de Janeiro, Impressos Mauá, 1950.
- APFH = Alberto Pimentel — *Figuras Humanas*. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1905. Vol. LIV da coleção Antônio Maria Pereira.
- APLB = Antônio Arnoni Prado (org.) — *Libertários no Brasil: Memória — Lutas — Cultura*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.
- APOH = Antônio de Almeida Prado — *Escolas de Ontem e de Hoje*. São Paulo, Editora Anhambi, 1961.
- APSP = Antonio José Baptista de Luné & Paulo Delfino da Fonseca — *Almanak da Provincia de São Paulo para 1873*. São Paulo, Typographia Americana, 1873. Reedição fac-similar: São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1985.
- ASAA = Alberto Sousa — *Amadeu Amaral (Urzes, Névoa, Espumas...)*. São Paulo, Edição d'O São Paulo Imparcial, Typographia Piratininga, 1918.

## Bibliografia dos Anexos

- ASLA = Alberto Sousa — *Livro dos Amores: Versos*. Santos, Oficinas Gráficas do Bureau Central, 1914.
- ASLE = Afonso Schmidt — *Lembrança* [Crônicas de Reminiscências]. Reedição: São Paulo, Editora Brasiliense, s/d (circa 1965). Vol. X da coleção "Obras de Afonso Schmidt" (editado juntamente com *São Paulo de Meus Amores*).
- ASLS = *Almanach das Senhoras* (Lisboa), circulante desde 1871. Ano XXXVI: edição para 1906, editada por Felismina Torresão e dirigida por Júlia de Gusmão. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1905.
- ASME = Afonso Schmidt — *São Paulo de Meus Amores* [Fragmentos Autobiográficos]. Reedição: São Paulo, Editora Brasiliense, s/d (circa 1965). Vol. X da coleção "Obras de Afonso Schmidt" (editado juntamente com *Lembrança*).
- ASPM = Alberto Silva — *A Primeira Médica do Brasil*. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti Editores, 1954.
- ATAC = Maria Conceição Arruda Toledo — *Academia Campinense de Letras: Patronos, Fundadores e Titulares*. Campinas, 1981. Vol. XL das Publicações da Academia Campinense de Letras.
- AVBE = Ary Vasconcelos — *Panorama da Música Popular Brasileira na Belle Époque*. Rio de Janeiro, Livraria Santana Editora-Distribuidora, 1977.
- AVLP = Ary Vasconcelos — *Luis Pistarini: Um Bandolim Esquecido*. Rio de Janeiro, edição do autor, s. n. t., 1983.
- AVMP = Ary Vasconcelos — *Panorama da Música Popular Brasileira*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1964. 2 volumes.
- AVRV = Ary Vasconcelos — *A Nova Música da República Velha*. Edição do autor, s. n. t., 1985.
- AWPP = Alcântara Worms — *232 Poetas Paulistas: Antologia*. Rio de Janeiro, Edição Conquista, 1968.
- BADH = Antônio Barreto do Amaral — *Dicionário de História de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1980. Vol. XIX da Coleção Paulística.
- BAVT = Antônio Barreto do Amaral — *História dos Velhos Teatros de São Paulo*. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979. Vol. XV da Coleção Paulística.
- BBHF = Brasil Bandecchi — *História e Ficção na Poesia e no Romance*. São Paulo, Editora Parnartz, 1985.
- BBNP = Brito Broca (compilação por Alexandre Eulálio, org. por Luiz Dantas) — *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida Literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 1991.
- BBVL = Brito Broca — *A Vida Literária no Brasil — 1900*. 2ª ed., revista e aumentada, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960. Vol. CVIII da coleção Documentos Brasileiros.
- BCMU = *Boletim do Centro de Memória-Unicamp* (Campinas), publicado pela Universidade Estadual de Campinas entre 1989 e 1995 (13 edições semestrais).
- BCTM = Edgard de Brito Chaves Júnior — *Memórias e Glórias de um Teatro: Sessenta Anos de História do Teatro Municipal do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1971.
- BDFB = Cristina Argenton Colonelli — *Bibliografia do Folclore Brasileiro*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.
- BFHT = Hermilo Borba Filho — *História do Teatro*. Rio de Janeiro, Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- BFVC = Duílio Battistoni Filho — *A Vida Cultural em Campinas nos Anos 20*. Campinas, edição do autor, s. n. t., 1986.
- BFVH = Duílio Battistoni Filho — *Campinas: Uma Visão Histórica*. Campinas, Pontes Editores, 1996.
- BGDM = Tomás Borba & Fernando Lopes Graça — *Dicionário de Música*. Lisboa, Edições Cosmo, 1956-1958. 2 volumes.
- BHCS = *Notícia Bibliográfica e Histórica* (Campinas), revista trimestral da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, dirigida por Odilon Nogueira de Matos, editada a partir de abril de 1969 (entra em 1999 com o lançamento do nº 172).
- BIOC = *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*. São Paulo-Rio de Janeiro, Sociedade Internacional (responsável pela edição e pela comercialização dessa obra impressa na Europa, 1913). 24 volumes.
- BJLH = Bella Jozef — *História da Literatura Hispano-Americana*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora-Instituto Nacional do Livro, 1982.
- BLRJ = *Revista da Academia Brasileira de Letras* (Rio de Janeiro), circulante desde 1910.
- BMEH = A. A. de Barros Martins — *Esboço Histórico do Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro (1837-1912)*. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & Comp., 1913.
- BNAC = Biblioteca Nacional — *A Camões* [edição fac-similada das partituras de obras estreadas no Rio de Janeiro na cerimônia comemorativa do terceiro centenário de Camões — Imperial Teatro D. Pedro II, 10 de junho de 1880, precedidas de apresentação de Plínio Doyle e estudo crítico de Eurico Nogueira França]. Rio de Janeiro, 1980.
- BNPB = Biblioteca Nacional — *Periódicos Brasileiros em Microformas: Catálogo Coletivo*. Rio de Janeiro, 1981. Vol. XVIII da série B (Catálogos e Bibliografias) da coleção Rodolfo Garcia.
- BPPR = Evelyse Maria Freire Mendes — *Bibliografia do Pensamento Político Republicano (1870-1970)*. Brasília, Câmara dos Deputados-Editora Universidade de Brasília, 1981. Vol. I da Coleção Pensamento Político Republicano.
- BPTV = Olavo Bilac & Guimarães Passos — *Tratado de Versificação*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1905.
- BVPB = Olmírio Barros Vidal — *Precursoras Brasileiras*. Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1945.
- CAAH = *Catálogo do Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo, edição do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1976.



- CAEL = *Cadernos AEL* (Campinas), publicação do Arquivo Edgard Leuenroth (Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, IFCH-Unicamp). Vol. III/IV, referente ao 2º semestre de 1995/1º semestre de 1996, consagrado ao tema "Mulher, História e Feminismo".
- CBLE = Maria Benedita Câmara Bormann (Délia) — *Lésbia*. Reedição do romance de 1890, com introdução e notas de Norma Telles: Florianópolis, Editora Mulheres, 1998.
- CBMO = Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes — *Mulheres de Ontem?: Rio de Janeiro — Século XIX*. São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1989. Vol. IX da coleção Coroa Vermelha (Estudos Brasileiros).
- CBPL = César Bierrenbach — *Produções Literárias* (compilação póstuma, pelas irmãs do autor, Vicentina e Noêmia Bierrenbach, dos escritos esparsos de César Bierrenbach). Curitiba, Livraria Universal, 1937. 2 volumes.
- CCIB = João Cruz Costa — *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1956. Vol. LXXXVI da coleção Documentos Brasileiros.
- CCJB = *Catálogo da Coleção de Jornais Brasileiros* do Arquivo Edgard Leuenroth (Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, IFCH-Unicamp), 1994.
- CCLA = Centro de Ciências, Letras e Artes (de Campinas) — *Nomes para as Ruas de Campinas*. Relatório elaborado em 1944 pela comissão designada por essa instituição para a coleta de nomes sugeridos para a denominação de novos logradouros da cidade de Campinas (comissão integrada por Celso da Silveira Rezende, Celso Ferraz de Camargo e João Batista de Sá ou "Joluná Brito"). Livro datilografado de 185 pp., com cópias nos acervos do Centro de Ciências e do Centro de Memória-Unicamp.
- CCSO = Paulo de Oliveira Castro Cerquera — *Um Século de Ópera em São Paulo*. São Paulo, Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1954.
- CCVV = Fundação Carlos Chagas — *Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas*. Vol. I: Imprensa, Cinema, Literatura, História e Sexualidade (org. por Maria Cristina A. Bruschini e Fúlvia Rosemberg). São Paulo, Livraria Brasiliense Editora, 1980.
- CDEP = *Câmara dos Deputados do Estado de São Paulo: 1919-1924* [coletânea de biografias oficiais dos deputados estaduais paulistas da 12ª legislatura republicana, organizada por Abílio Fontes Júnior e Antônio C. da Fonseca]. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas do Lyceu Coração de Jesus, 1924.
- CDHO = Claude Dufresne — *Histoire de l'Opérette*. Paris, Fernand Nathan, 1981.
- CDOR = *Catálogo de Obras Raras da Biblioteca Municipal Mário de Andrade*. São Paulo, Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura do Município de São Paulo, 1969.
- CDSS = *Cidade de Santos* (diário santista criado em 1967).
- CFFF = Carlos Ferreira — *Feituras e Feições*. Campinas, Typografia a Vapor Livro Azul de A. B. de Castro Mendes, 1905.
- CFIL = Orlando da Costa Ferreira — *Imagem e Letra: Introdução à Bibliologia Brasileira*. São Paulo, Edições Melhoramentos-Editora da Universidade de São Paulo-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- CFOP = Enéas Cezar Ferreira — *Olhando o Passado... (Saudades)*. São Paulo, Editora Obelisco, 1971.
- CGEL = Antônio Carlos Chichorro da Gama — *Escorços Literários*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1909.
- CGMC = Carlos Góis — *Pontos de Instrução Moral e Cívica*. Belo Horizonte, Typographia Americana, 1931 (reedição).
- CGTC = Carlos Góis — *Teatro das Crianças*. 6ª ed., Rio de Janeiro, Gráfica Sauer, 1950.
- CLAA = Manuel Cerqueira Leite — *Amadeu Amaral: Poesias* (introdução, seleção e notas por Cerqueira Leite). São Paulo, Editora Assunção Limitada, 1946. Vol. 58 da série Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira (dirigida por Antônio Soares Amora).
- CLPV = Octacilio de Carvalho Lopes — *Pethion de Vilar*. 2ª ed., São Paulo, Editora Martins, 1967.
- CLRA = Carlos A. C. Lemos — *Ramos de Azevedo e Seu Escritório*. São Paulo, Editora Pini, 1993.
- CLVH = Antônio Carneiro Leão — *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1960.
- CMAF = Eduardo Carvalho Monteiro — *Anália Franco: A Grande Dama da Educação Brasileira*. São Paulo, Editora Eldorado Espírita, 1992.
- CMAP = Luis Correia de Melo — *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.
- CMEC = José de Castro Mendes — *Efemérides Campineiras: 1739-1960*. Campinas, Gráfica Palmeiras, 1963.
- CMIR = Luis Correia de Melo — *Subsídios para um Dicionário dos Intelectuais Riograndenses*. São Paulo, Editora Civilização Brasileira, 1944.
- CMND = Couto de Magalhães — *Nomes do Dia (1ª Série)*. São Paulo, Secção de Obras do Estado de S. Paulo, 1917.
- CNMT = Chiquinha Neves Lobo — *Poetas de Minha Terra (1ª Série)*. São Paulo, Sociedade Impressora Brasileira Brusco & Cia., 1947.
- CNTE = Coelho Neto — *Teatro*. Reedição crítica organizada e prefaciada por Cláudia Braga. Tomo I: Rio de Janeiro, Funarte, 1998. Vol. IX da coleção Clássicos do Teatro Brasileiro.
- CODO = Charles Osborne — *Dicionário de Ópera*. Trad. do inglês por Júlio Castañon Guimarães, com acréscimo de verbetes brasileiros por Marcus Góes. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- CPCS = *Correio Popular* (Campinas), jornal diário editado a partir de 4 de setembro de 1927, ainda circulante.



## Bibliografia dos Anexos

- CPPP = Centro Paranaense Feminino de Cultura — *Poetisas do Paraná*. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1959.
- CPRH = Benedito da Cruz Passos — *Registro Histórico da Real Sociedade Portuguesa de Beneficência (1873-1960)*. São Paulo, Indústria Gráfica Saraiva, 1966.
- CRHC = Colin A. Ronan — *História Ilustrada da Ciência da Universidade de Cambridge*. Trad. do inglês por Jorge Enéas Fortes. São Paulo, Círculo do Livro, 1991. 4 volumes.
- CSDT = César da Silva — *A Derrocada de um Trono: Crônica dos Dois Últimos Reinados em Portugal (1889-1910)*. Lisboa, João Romano Torres & Cia. Editora, 1922.
- CSEL = Pierre-Georges Castex & Paul Surer — *Manuel des Études Littéraires Françaises*. Paris, Librairie Hachette, 1954. Edição em dois tomos: I = "Moyen Âge, XVIe. et XVIIe. Siècles"; II = "XVIIIe. — XIXe. — XXe. Siècles".
- CSER = Carlos Sarthou — *As Estátuas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Leo Editores, 1958.
- CSMM = Lauro Monteiro de Carvalho e Silva — *Moji-Mirim: Subsídios para a Sua História*. Moji-Mirim, Casa Cardona, 1960.
- CSQB = Cyro Silva — *Quintino Bocayuva (O Patriarca da República)*. São Paulo, Editora Edaglit, 1962. Vol. V da coleção Temas Brasileiros.
- CSVF = Domingos Carvalho da Silva — *Vozes Femininas da Poesia Brasileira*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1959. Vol. IV da coleção Ensaio.
- CTBL = *Cultura* (Brasília), revista editada pelo Ministério da Educação e Cultura a partir de 1971.
- CTRF = *Ciência & Trópico* (Recife), revista semestral da Fundação Joaquim Nabuco, circulante desde 1973 (entra em 1999 com a divulgação dos números 1 e 2 do volume XXVI, correspondente ao ano de 1998).
- DABH = Dagnar de Araújo Oliveira — *História de Belo Horizonte*. Edição da autora, s. n. t., s/d (circa 1965).
- DADS = Donald Attwater — *Dicionário dos Santos*. Trad. do inglês por Maristela R. A. Marcondes e Wanda de Oliveira Roselli. São Paulo, Círculo do Livro, s/d (circa 1995).
- DBIF = Dulcília Helena Schroeder Buitoni — *Imprensa Feminina*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1990. Vol. XLI da série Princípios.
- DBLC = Dolor Barreira — *História da Literatura Cearense*. Volume I. Reedição fac-similar da edição original de 1948: Fortaleza, Editora Instituto do Ceará, 1986.
- DBMP = Dulcília Helena Schroeder Buitoni — *Mulher de Papel: A Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira*. São Paulo, Edições Loyola, 1981. Vol. XXVI da série Comunicação.
- DDMC = Federico Carlos Sainz de Robles — *Ensayo de un Diccionario de Mujeres Célebres*. Madrid, Aguilar Ediciones, 1959.
- DJNE = D. João Nery — *1º Bispo de Campinas: Saudosa Homenagem à sua Santa Memória* (poliantéia). São Paulo, Oficinas Gráficas Cardozo Filho & C., 1920.
- DMMN = Américo Lopes de Oliveira & Mário Gonçalves Viana — *Dicionário Mundial de Mulheres Notáveis*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1967.
- DPCS = *Diário do Povo* (Campinas), jornal diário editado a partir de 20 de janeiro de 1912, ainda circulante.
- DPSP = *Diário Popular* (São Paulo), jornal diário editado a partir de 8 de novembro de 1884, ainda circulante.
- DRCB = Diaulas Riedel (org.) — *Maravilhas do Conto Brasileiro* (antologia). São Paulo, Editora Cultrix, 1958.
- DRCF = Diaulas Riedel (org.) — *Maravilhas do Conto Feminino* (antologia). São Paulo, Editora Cultrix, 1958.
- DROM = Diaulas Riedel (org.) — *O Ouro e a Montanha: Minas Gerais* [Antologia: "Seleção de Contos, Crônicas, Memórias e Narrativas de Aventuras e Viagens"]. São Paulo, Editora Cultrix, 1959. Volume IX da série Histórias e Paisagens do Brasil.
- DSAP = Donald Schüller — *A Poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Mercado Aberto, 1987. Volume XXII da série Documenta.
- DSRJ = *Dados* (Rio de Janeiro), Revista de Ciências Sociais do IUPERJ (Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro), circulante a partir de 1966.
- EAAB = Editora Abril — *A Bíblia: Antigo e Novo Testamento*. Trad. coordenada pelo padre Antônio Charbel. São Paulo, Editora Abril, 1965-1968. 8 volumes.
- EABP = Emanuel Araújo (org.) — *Rafael Bordalo Pinheiro: O Português Tal e Qual — Da Caricatura à Cerâmica*. 3 volumes: vol. I, "O Grupo do Leão e o Naturalismo Português"; vol. II, "O Caricaturista"; vol. III, "O Ceramista". São Paulo, Edição da Pinacoteca de São Paulo, 1996.
- EACO = Ettore Albino — *Cultura d'Oggi* (Antologia Italiana per le scuole superiore). 4ª ed., Roma, Angelo Signorelli Editore, 1953.
- EAFB = Editora Anchieta — *Famílias do Brasil*. Vol. I: São Paulo, Editora Anchieta, 1949.
- EAOC = Emanuel Araújo (org.) — *Um Olhar Crítico Sobre o Acervo do Século XIX: Reflexões Iconográficas — Memória*. São Paulo, Edição da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1994.
- EBRT = *Encyclopaedia Britannica*. Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc., reedição não numerada de 1956. 24 volumes.
- ECCM = Edgard Cavalheiro (org.) — *O Conto Mineiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959. Vol. IV da série Panorama do Conto Brasileiro.
- EDIJ = *Encyclopedia e Dictionario Internacional Jackson*. Rio de Janeiro-Nova Iorque (impressa em Boston), W. M. Jackson Inc., s/d (reedição da década de 1920). 20 volumes.

- EDMB = Marcos Antônio Marcondes (org.) — *Enciclopédia da Música Brasileira: Erudita, Folclórica e Popular*. São Paulo, Art Editora, 1977. 2 volumes.
- EENB = Elmo Elton — *O Noivado de Bilac*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954.
- EFLP = Ezequiel Freire — *Livro Posthumo*. São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1910.
- EGCR = Edmo Goulart — *Campinas: Ruas da Época Imperial*. Campinas, Editora Maranata, 1983.
- EGDS = Piero Gelli (org.) — *Enciclopedia Garzanti dello Spettacolo*. 2ª ed., Milano, Aldo Garzanti Editore, 1977.
- EGMA = Elvira Gama — *Minh'Alma*. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1896.
- EGPB = Eunice Ribeiro Gondim — *Vida e Obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1965. Vol. IV da coleção Vieira Fazenda, comemorativa do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.
- EGPC = Edmo Goulart — *Antologia da Poesia Campineira*. Campinas, Gráfica Batista Missionária, 1976.
- EGPT = *Enciclopedia Garzanti per Tutti*. Milano, Garzanti Editore, 1962. 2 volumes.
- ELPV = Eugenia Levi (org.) — *Dai Nostri Poeti Viventi*. Firenze, R. Bemporad & Figlio e Successori B. Seeber, 1903.
- EMGP = Edith Patterson Meyer — *Grandes Pacifistas da Humanidade*. Trad. do inglês por Maria Luzia Machado. Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1965. Vol. integrante da série Biblioteca de Cultura Geral.
- EMNB = Eduardo Martins — *Carlos D. Fernandes: Notícia Biobibliográfica*. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba-A União Cia. Editora, 1976.
- ERPM = Adalberto A. Esteva & José Pablo Rivas — *El Parnaso Mexicano: Antologia Completa de sus Mejores Poetas con Numerosas Notas Biográficas*. Barcelona, Casa Editorial Maucci, s/d (circa 1915).
- ESLA = Istituto Giovanni Treccani — *Enciclopedia Italiana di Scienze, Lettere ed Arti*. Roma, 1929-1939. 36 volumes + apêndices de atualização.
- ESMT = Évelyne Sullerot — *História e Sociologia da Mulher no Trabalho*. Trad. do francês por Antônio Teles. Rio de Janeiro, Editora Expressão e Cultura, 1970.
- EUEA = *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. Madrid, Espasa-Calpe, copyright: 1911. Reedição de 1989: 70 volumes + apêndices e suplementos.
- EWRA = Edward Wagenknecht — *Panorama do Romance Americano: Dos Primórdios aos Meados do Século XX*. Trad. do inglês por Esther de Carvalho. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1960.
- FADJ = Filinto de Almeida — *Dona Júlia*. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1938.
- FALR = Filinto de Almeida — *Lyrical*. Rio de Janeiro, Typ. Moreira Maximino & C., 1887.
- FAPB = Fátima Araújo — *Paraíba: Imprensa e Vida (História do Periodismo Formal e Informal na Paraíba)*. Campina Grande, Editora Jornal da Paraíba, 1985.
- FASP = Félix Aires — *Antologia de Sonetos Piauienses*. Edição da Companhia Editora do Piauí (Teresina), impressa pelo Centro Gráfico do Senado Federal (Brasília), 1972.
- FCIB = Franco Cenni — *Italianos no Brasil*. São Paulo, Livraria Martins Editora, s/d (circa 1960).
- FDSP = *Folha de São Paulo* (São Paulo), jornal diário editado a partir de 1º de julho de 1925, ainda circulante.
- FFFQ = Florestan Fernandes — *O Folclore em Questão*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec), 1978. Volume VIII da Coleção Estudos Brasileiros (dirigida por Jaime Pinsky).
- FGAI = Francisco Galvão — *A Academia Brasileira na Intimidade*. Rio de Janeiro, A Noite Editora, 1937.
- FGHD = Fernand Gigon — *A Epopéia da Cruz Vermelha (A Vida de Henri Dunant)*. Trad. do francês por Oscar Mendes. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1961.
- FLSP = *Feira Literária* (São Paulo), revista mensal editada pela Empresa de Divulgação Literária, circulante a partir de janeiro de 1927.
- FPCC = Carlos Francisco de Paula — *Culto à Ciência: Colégio — Ginásio e Colégio Estadual (Monografia Histórica)*. Campinas, edição do autor, s. n. t., 1946.
- FPSP = *Revista de Filologia Portuguesa* (São Paulo), mensário publicado a partir de janeiro de 1924, editado pela Nova Era Empresa Editora de Paulino Vieira & Comp., dirigido por Sílvio de Almeida em seus quatro primeiros números.
- FTAS = Frederico Trotta — *Mãe! (Antologia Sentimental)*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi, 1964.
- FTLA = Walter Fuller Taylor — *A História das Letras Americanas*. Trad. do inglês por Luzia Machado da Costa e Ruben Rocha Filho. Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1967.
- FTPC = Frederico Trotta — *Poetas Cariocas em 400 Anos*. Rio de Janeiro, Casa Editora Vecchi, 1966.
- FTPR = Alzira Freitas Tacques — *Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros*. Porto Alegre, Editora Thurman, 1956-1958. 5 volumes.
- GACS = *Gazeta de Campinas* (Campinas), circulante entre 1869 e 1890.
- GCHL = Guilhermino César — *História da Literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Globo, 1956. Vol. X da Coleção Província.
- GCPP = V. García Calderón (org.) — *Parnaso Peruano*. Barcelona, Casa Editorial Maucci, s/d (circa 1915).
- GDLE = Guillermo Díaz-Plaja — *Historia de la Literatura Española*. 5ª ed., Buenos Aires, Editorial Ciordia, 1959.
- GFPC = Gilberto Freyre — *Pessoas, Coisas & Animais (1ª Série)*. "Ensaio, conferências e artigos reunidos e apresentados por Édson Nery da Fonseca". 2ª ed., Porto Alegre, Editora Globo, 1981.
- GGDB = Gottardo Garollo — *Dizionario Biografico Universale*. Milano, Ulrico Hoepli Editore, 1907. 2 volumes.
- GJOS = Guerra Junqueiro — *Os Simples*. 9ª ed., Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, 1924.
- GMMB = Guilherme de Melo — *A Música no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1947.
- GMPC = Gustavo Otero Muñoz — *Antologia de Poetas Colombianos (1800/1930)*. Bogotá, Editorial de Cromos, 1930.

## Bibliografia dos Anexos

- GOSP = *Guia do Ouvinte* (São Paulo), mensário de divulgação da programação da rádio Cultura FM, editado pela Fundação Padre Anchieta desde 1987, ainda circulante.
- GPNH = Abril Cultural — *Grandes Personagens da Nossa História* (série de 56 fascículos) — São Paulo, Abril Cultural, 1970. 4 volumes + atlas suplementar ("Mapas Históricos Brasileiros").
- GSHC = Ramiro Guerra y Sánchez — *Manual de Historia de Cuba*. Habana, Cultural S.A., 1938.
- GSMA = José Galante de Sousa — *Machado de Assis e Outros Estudos*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra-Instituto Nacional do Livro, 1979.
- GSTB = José Galante de Sousa — *O Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro-Ministério da Educação e Cultura, 1960. 2 volumes.
- GTPA = Guiomar Torresão — *Paris (Impressões de Viagem)*. Porto, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, 1888.
- GTTS = Guiomar Torresão — *No Teatro e na Sala* [coletânea crítica e teatral]. Lisboa, David Corazzi Editor, 1881.
- HAEB = Heloisa Buarque de Hollanda & Lúcia Nascimento Araújo — *Ensaístas Brasileiras*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.
- HBPM = Herman José Reipert — *História da Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade*. São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo, 1972.
- HCUC = Humberto de Campos — *Últimas Crônicas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936.
- HDMB = Mary del Priore (org.) — *História das Mulheres no Brasil*. Coordenação de textos de Carla Bassanezi. São Paulo, Editora Contexto-Editora Unesp, 1997.
- HGBH = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais* (Belo Horizonte), entidade fundada em 1907, revista editada a partir de 1943. Vol. VIII: 1961.
- HGBR = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (Rio de Janeiro), editada a partir de 1839.
- HGSJ = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei* (São João del-Rei, MG), entidade fundada em 1970. Vol. III: junho de 1985.
- HGSP = *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* (São Paulo), publicada desde 1895, ainda circulante.
- HPDL = Henrique Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura*. 2ª ed., Porto, Edições Lopes da Silva, 1940.
- HRDM = Hugo Riemann — *Dictionnaire de Musique*. Trad. do alemão para o francês por Georges Humbert. 3ª ed., Paris, Payot, 1931.
- HRPH = José Honório Rodrigues — *A Pesquisa Histórica no Brasil*. 3ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional-Ministério da Educação e Cultura, 1978. Vol. XX da coleção Brasileira (série grande formato).
- HSIB = Marcos Cezar de Freitas (org.) — *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 1997.
- HSLP = Benjamin Abdala Júnior & Maria Aparecida Paschoalin — *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo, Editora Ática, 1982.
- HSNS = Homero Senna — *Um Mineiro de Guaratinguetá* [biografia de Nero Senna, 1874-1955]. Rio de Janeiro, Oficinas do Serviço Gráfico do IBGE, 1974.
- HTNB = Cláudia Marino Sameraro & Christiane Ayrosa (org.) — *História da Tipografia no Brasil*. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo-Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.
- HVSC = Hugo Victor — *Sonetos Cearenses*. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1938.
- IATM = Isabel Allegro de Magalhães — *O Tempo das Mulheres: A Dimensão Temporal na Escrita Feminina Contemporânea*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- ICCO = Ibrantina Cardona — *Cosmos (Poesias de Vários Tempos)*. São Paulo, edição da autora, impressa pela Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1951.
- IEHB = Américo Jacobina Lacombe — *Introdução ao Estudo da História do Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional-Editora da Universidade de São Paulo, 1974. Vol. CCCXLIX da coleção Brasileira.
- ILPB = Ivan Lins — *História do Positivismo no Brasil*. 2ª ed., revista e aumentada, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1967. Vol. CCCXXII da coleção Brasileira (dirigida por Américo Jacobina Lacombe).
- ISCL = Inês Sabino — *Contos e Lapidações*. Rio de Janeiro, Laemmert & C. Editores, 1891.
- ISMB = Inês Sabino — *Mulheres Ilustres do Brasil*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1899. Reedição fac-similar: Florianópolis, Editora das Mulheres, 1996.
- ITPI = Instituto Cultural Itau — *Poesia Infantil*. Volume III da série Cadernos Poesia Brasileira (pesquisa coordenada por Luís Camargo, com consultoria de Marisa Lajolo). São Paulo, 1996.
- JAHA = Julio Aramburu — *Historia Argentina*. 3ª ed., Buenos Aires, Librería y Editorial El Ateneo, 1940.
- JAHP = José Carlos Amado — *História de Portugal*. Lisboa, Editorial Verbo, 1966. 2 volumes.
- JANT = Jorge Americano — *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)*. São Paulo, Saraiva Livres Editores, 1957.
- JBHC = Jolúma Brito — *História da Cidade de Campinas*. 26 volumes. São Paulo, edição do autor, impressa (com exceção do primeiro tomo) pela Indústria Gráfica Saraiva, 1956-1969.
- JBHR = José Maria Bello — *História da República (1889-1954)*. 6ª ed., São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972. Vol. LXVII da Biblioteca do Espírito Moderno, Série 3ª (História e Biografia).
- JBRJ = *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), jornal diário editado a partir de 1891, ainda circulante.
- ICVM = Jane Catulle-Mendès — *La Ville Merveilleuse: Rio de Janeiro*. 2eme. ed., E. Sansot & Cie., s/d (circa 1915).

- JGCP = Janice Gonçalves — *Música na Cidade de São Paulo (1850-1900): O Circuito da Partitura*. Dissertação de Mestrado em História Social (orientada pela Prof. Dr.ª Ana Maria de Almeida Camargo). São Paulo, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1995.
- JGIP = João Gualberto de Oliveira — *Nascimento da Imprensa Paulista*. São Paulo, Gráfica Sangirard, 1978.
- JHLS = June E. Hahner — *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937*. Trad. do inglês por Maria Thereza P. de Almeida e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.
- JHMB = June E. Hahner (org.) — *A Mulher no Brasil*. Trad. do inglês por Eduardo F. Alves. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1978. Vol. CXII da coleção Retratos do Brasil.
- JLAE = Júlia Lopes de Almeida — *Ancião Eterna*. Edição original: Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, 1903.
- JLAS = Júlia Lopes de Almeida — *A Silveirinha (Crônica de um Verão)*. Reedição atualizada (com estudo introdutivo de Sylvia Perlingeiro Paixão, pp. 7-15): Florianópolis, Editora Mulheres, 1997.
- JLCR = Júlia Lopes de Almeida — *Correio da Roça*. Reedição atualizada (com estudo introdutivo de Sylvia Perlingeiro Paixão, pp. 9-2): Rio de Janeiro, Presença Edições, 1987. Vol. VIII da coleção Resgate.
- JLFM = Júlia Lopes de Almeida — *A Família Medeiros*. Reedição ("nova edição refundida"): Rio de Janeiro, Empresa Nacional de Publicidade Editora, 1919. Vol. I da "Bibliotheca Brazilia".
- JLNT = Júlia Lopes de Almeida — *Histórias da Nossa Terra*. Reedição de 1927, "correcta e augmentada" (20ª ed.): Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1927.
- JMHI = Júlio Mariano — *História da Imprensa em Campinas*. Campinas, Indústrias Gráficas Massaioli, 1972.
- JMPS = João Christiano Maldonado — *Poesia de Santos (Antologia)*. Santos, Oficinas de A Tribuna de Santos, 1977.
- JMXX = Julián Marías — *A Mulher no Século XX*. Trad. do espanhol por Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo, Editora Convívio, 1981.
- JNBC = Joaquim Norberto de Sousa e Silva — *Brasileiras Célebres*. Rio de Janeiro, Livraria de B. L. Garnier, 1862. Reedição fac-similar: Brasília, Senado Federal, 1997. Vol. VI da coleção Memória Brasileira.
- JOPF = Jean Orizet (org.) = *Anthologie de la Poésie Française: Les Poètes et les Oeuvres — Les Mouvements et les Écoles*. Paris, Larousse, reed. de 1995.
- JPQC = Joana Maria Pedro — *Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: Uma Questão de Classe*. Florianópolis, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- JRAC = Júlio Ribeiro — *A Carne*. 1ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1945.
- JRCC = Juan J. Remos — *Los Forjadores de la Cultura Cubana*. Miami, s. n. t., s/d (1966). Nº 28 da série de Ediciones del Directorio Cubano en el Exilio.
- JRFF = Jean Rabaut — *Les Féminismes Français*. Paris, Éditions Stock, 1978.
- JRML = João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) — *O Momento Literário*. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, s/d (1908).
- JTSP = *Jornal da Tarde* (São Paulo), circulante desde 4 de janeiro de 1966.
- JVLL = José Verissimo — *Letras e Literatos: Estudos Críticos da Nossa Literatura do Dia (1912-1914)*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936.
- KLEI = Kenneth Lindsay — *A Educação na Inglaterra*. Trad. do inglês por Eduardo Cássio. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, s/d (circa 1940).
- KSRJ = *Kosmos* (Rio de Janeiro), "revista artística, científica e literária", propriedade de Jorge Schmidt (dirigida inicialmente por Mário Behring), mensário ilustrado circulante entre janeiro de 1904 e abril de 1909.
- LACC = Leopoldo Amaral (org.) — *A Cidade de Campinas em 1901*. Campinas, Typografia a Vapor Livro Azul (Castro Mendes & Irmão), 1900.
- LACR = Leopoldo Amaral — *Campinas: Recordações*. São Paulo, Seção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1927.
- LALI = Leonardo Arroyo — *Literatura Infantil Brasileira*. Reedição das Edições Melhoramentos, São Paulo, s/d (circa 1990).
- LASA = Leonardo Arroyo (org.) — *Estudos de Silvio de Almeida*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967. Vol. XLVIII da coleção Ensaio.
- LATF = Lúcia Lopes de Almeida (Lúcia Lopes de Almeida Noronha) — *Terra do Futuro*. São Paulo, Editora e Distribuidora Líder, 1973.
- LBSL = *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (Lisboa), circulante desde 1851. Ano LI (edição para 1901) e ano LIV (edição para 1904): organização de Antônio Xavier Cordeiro. Lisboa, Parceria Antônio Maria Pereira, impressos respectivamente em 1900 e em 1903.
- LCAZ = Larousse Cultural — *Brasil A/Z (Enciclopédia Alfabética)*. São Paulo, Editora Universo, s/d (circa 1991).
- LCGE = Larousse Cultural — *Grande Enciclopédia*. São Paulo, Edição Larousse-Nova Cultural, 1998. 24 volumes.
- LCDP = Livraria Editora do Chain — *Dicionário Histórico-Biográfico do Paraná*. Curitiba, Livraria Editora do Chain-Banco do Estado do Paraná, 1991.
- LEEH = Maria de Lourdes Eleutério — *De Esfinges e Heroínas: A Condição da Mulher Letrada na Transição do Fim do Século*. Tese de Doutorado (orientada pelo Prof. Dr. Sérgio Miceli). São Paulo, Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1997.
- LEMT = Luís Edmundo — *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. 3 volumes.
- LFBS = Laudelino Freire — *Sonetos Brasileiros: Século XVII-XX (Coletânea)*. 2ª ed., corrigida e ampliada, Rio de Janeiro, F. Briguiet & Cie. (impressa na França, por Deslis Frères, em Tours), 1916.

## Bibliografia dos Anexos

- LHLB = Lawrence Hallewell — *O Livro no Brasil (Sua História)*. Trad. do inglês por Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, T. A. Queiroz Editor-Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- LLEF = Lourenço Luiz Lacombe — *Os Chefes do Executivo Fluminense*. Petrópolis, Ministério da Educação e Cultura-Museu Imperial de Petrópolis, 1973. Vol. I da série Monografias.
- LLJL = Leonora De Luca — *Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e o Feminismo no Brasil da Virada do Século*. Relatório final de pesquisa de iniciação científica financiada pelo SAE-FAEP da Unicamp (1994-1995) e orientada pela antropóloga Mariza Corrêa, do IFCH-Unicamp. Campinas, 1995 (276 pp. em formato carta). Publicação registrada no 1º Cartório de Títulos e Documentos de Campinas; os exemplares conservados pelos acervos do Pagu (Núcleo de Estudos de Gênero da Unicamp) e do Centro de Memória-Unicamp podem ser reproduzidos, sem restrições.
- LMIF = Leda Maria Pereira Rodrigues (Madre Maria Ângela) — *A Instrução Feminina em São Paulo: Subsídios para sua História até a Proclamação da República*. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1962.
- LMPS = *Larousse Mensuel Illustré* (Paris), "Revue Encyclopedique Universelle", sucessora da *Revue Encyclopedique* (1891-1900) e da *Revue Universelle* (1901-1905), editada mensalmente pela Librairie Larousse, sob a direção de Claude Augé, entre 1907 e 1919.
- LPAP = Luiz Pinto — *Antologia da Paraíba*. Rio de Janeiro, Editora Minerva, 1951.
- LPAR = Luís Pistarini — *Agonias e Ressurreições* (versos, obra póstuma). Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Commercio, 1924.
- LRTP = Luiz Francisco Rebello — *História do Teatro Português*. 2ª ed., Lisboa, Publicações Europa-América, 1972. Vol. LXVIII da coleção Saber.
- LSBI = Antônio Loureiro de Souza — *Baianos Ilustres (1564-1925)*. 2ª ed., revista e aumentada, Salvador, Governo do Estado da Bahia, 1973.
- LSOE = Lafayette Silva — *Artistas de Outras Eras*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939.
- LSTB = Lafayette Silva — *História do Teatro Brasileiro*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1938.
- LXXS = Librairie Larousse — *Larousse du XXe. Siècle*. Paris, Larousse, direção de Paul Augé, 1928-1933. Reedição atualizada por suplementos, em 6 volumes: 1951-1952.
- LZFL = Marisa Lajolo & Regina Zilberman — *A Formação da Leitura no Brasil*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1998. Vol. LVIII da série Temas.
- LZLI = Marisa Lajolo & Regina Zilberman — *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. 3ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1987. Vol. V da série Fundamentos.
- MAAS = Machado de Assis — *A Semana* (crônicas da *Gazeta de Notícias*, 1892-1900). Reedição de W. M. Jackson Inc. Editores: Rio de Janeiro, 1944. 3 volumes. Vol. XXIV, XXV e XXVI das Obras Completas de Machado de Assis.
- MBBA = Fundação Carlos Chagas — *Mulher Brasileira: Bibliografia Anotada*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979-1981. Vol. I: História, Família, Grupos Étnicos, Feminismo; vol. II: Trabalho, Direito, Educação, Artes e Meios de Comunicação.
- MBEM = Mariano Borgatti — *Enciclopedia Minima: 10.000 Date Celebri*. Firenze, G. Barbèra Editore, 1895.
- MCAF = Maria Cândida Silveira Barros — *Vida e Obra de Anália Franco (1856-1919)*. São Paulo, edição da autora, impressão Copidart, 1982.
- MEDB = Gaspar Mortillaro & Ramón T. Elizondo — *Elementos para Iniciación Literaria y Diccionario Bio-Bibliográfico de Autores Argentinos y Americanos*. Buenos Aires, Editorial Araujo, 1939. Vol. XXV da Colección Programa.
- MESP = Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo — *Monumentos e Esculturas de São Paulo*. São Paulo, 1968.
- MFRE = Max Fleiuss — *Recordando...*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1941 (tomo I).
- MGCS = Alaôr Malta Guimarães — *Campinas: Dados Históricos e Estatísticos*. Campinas, Livraria Brasil, 1980.
- MGHP = Urbano Moura & José Maria Gaspar — *História de Portugal*. Porto, Editorial Domingos Barreira, s/d (circa 1955).
- MIMS = Mirador Internacional — *Mulheres Imortais*. São Paulo, Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1973. 3 volumes.
- MIPS = *Anuário do Museu Imperial* (Petrópolis), circulante desde 1940.
- MJAA = Raimundo Magalhães Júnior — *Poesia e Vida de Álvares de Azevedo*. 2ª ed., "corrigida e aumentada", São Paulo, LISA (Livros Irradianes S.A.), 1971.
- MJCF = Raimundo Magalhães Júnior (org.) — *O Conto Feminino* (antologia). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959. Vol. X da série Panorama do Conto Brasileiro.
- MJCN = Raimundo Magalhães Júnior (org.) — *O Conto do Norte* (antologia). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959. 2 volumes: Vol. V e VI da série Panorama do Conto Brasileiro.
- MJCR = Raimundo Magalhães Júnior (org.) — *O Conto do Rio de Janeiro* (antologia). Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1959. Vol. VII da série Panorama do Conto Brasileiro.
- MJHS = Raimundo Magalhães Júnior (org.) — *Antologia de Humorismo e Sátira*. 2ª ed., "aumentada e revista", Rio de Janeiro, Edições Bloch, Rio de Janeiro, s/d (c. 1970).
- MJOB = Raimundo Magalhães Júnior — *Olavo Bilac e Sua Época*. Rio de Janeiro, Companhia Editora Americana, 1974.

- MLBG = Monteiro Lobato — *A Barca de Gleyre* (Quarenta Anos de Correspondência Literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel). Reedição de 1946, em 2 tomos: São Paulo, Editora Brasiliense. Vol. XI e XII das Obras Completas de Monteiro Lobato.
- MLBH = *Revista da Academia Mineira de Letras* (Belo Horizonte), entidade fundada em 1909, revista editada a partir de 1922.
- MLLM = Monteiro Lobato — *Literatura do Minarete*. Reedição de 1964: São Paulo, Editora Brasiliense. Vol. XIV das Obras Completas de Monteiro Lobato.
- MLPE = Monteiro Lobato — *Prefácios e Entrevistas*. Edição de 1946: São Paulo, Editora Brasiliense. Vol. XIII das Obras Completas de Monteiro Lobato.
- MMHE = Mario Alighiero Manacorda — *História da Educação: Da Antiguidade aos Nossos Dias*. Trad. do italiano por Gaetano Lo Monaco. São Paulo, Cortez Editora-Editores Associados, 1989.
- MMLM = Mário Martins Meireles — *Panorama da Literatura Maranhense*. São Luís, Imprensa Oficial do Estado do Maranhão, 1955.
- MMLP = Massaud Moisés — *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*. 10ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 1981.
- MOLM = Martins de Oliveira — *História da Literatura Mineira*. 2ª ed., Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1963.
- MNPD = Mário A. Neme — *Piracicaba: Documentário*. Piracicaba, Edição de João M. Fonseca, 1936.
- MPAC = Alfredo Moreira Pinto — *A Cidade de São Paulo em 1900*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900. 2ª ed., fac-similar: São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979 (acrescida de prefácio e notas de Byron Gaspar).
- MPPF = Lúcia Miguel-Pereira — *Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*. 12º tomo da História da Literatura Brasileira dirigida por Álvaro Lins. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1957. Vol. LXIII da coleção Documentos Brasileiros (dirigida por Octavio Tarquinio de Sousa).
- MPSI = Mário Pires — *Campinas, Sementeira de Ideais (Vultos e Tradições)*. Limeira, Edição Letras da Província, 1981.
- MREF = Arilda Inês Miranda Ribeiro — *A Educação Feminina Durante o Século XIX: O Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996. Vol. IV da coleção Campiniana.
- MRES = Ministerio de Relaciones Exteriores de Suecia — *Suecia*. Uppsala, Almqvist & Wiksells, 1945.
- MRLE = Martin de Riquer (org.) — *Antología de la Literatura Española (Siglos X-XX)*. 2ª ed., Barcelona, Editorial Teide, 1958.
- MSRA = Mário Sette — *Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo*. 2ª ed., aumentada, Rio de Janeiro, Livraria-Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d (circa 1950).
- MTGP = Gilberto Mendonça Teles — *A Poesia em Goiás*. Goiânia, Universidade de Goiás, 1964.
- NAMB = Nicola Aslan — *Pequenas Biografias de Grandes Maçons Brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora Maçônica, 1973.
- NBMC = Nilcéia Cleide da Silva Baroncelli — *Mulheres Compositoras*. São Paulo, Roswitha Kempf Editores-Instituto Nacional do Livro, 1987.
- NCDC = Nelly Novaes Coelho — *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 4ª ed., revista e ampliada, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- NCPH = Nelly Novaes Coelho — *Panorama Histórico da Literatura Infantil/Juvenil: Das Origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1991. Vol. LXXXVIII da série Fundamentos.
- NDHB = Departamento Editorial das Edições Melhoramentos — *Novo Dicionário de História do Brasil*. 2ª ed., revista, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1971 (verbetes redigidos por Brasil Bandecchi, Leonardo Arroyo, Ubiratan Rosa, Myriam Ellis, Odilon Nogueira de Matos, Laima Mesgravis, Ary Tupinambá Pereira, Ariosto Augusto de Oliveira e Rosemarie Érika Horch).
- NRNL = *Revista da Academia Norte-Riograndense de Letras* (Natal), entidade fundada em 1936. Vol. IV: 1956.
- NSER = Néelson Saldanha — *A Escola do Recife*. 2ª ed., revista e ampliada, São Paulo, Editora Convívio-Instituto Nacional do Livro, 1985.
- NSLI = Natalino Sapegno — *Disegno Storico della Letteratura Italiana*. 9ª ed., Firenze, La Nuova Italia Editrice, 1954.
- OBPA = Osvaldo Bazil (org.) — *Parnaso Antillano*. Barcelona, Casa Editorial Maucci, 1916.
- OCBB = Onédia Célia de Carvalho Barbosa — *Byron no Brasil: Traduções*. São Paulo, Editora Ática, 1974. Vol. XII da coleção Ensaaios.
- OCBC = Otto Maria Carpeaux — *Pequena Bibliografia Crítica da Literatura Brasileira*. 3ª ed., revista e aumentada, Rio de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1964.
- OCHL = Otto Maria Carpeaux — *História da Literatura Ocidental*. 2ª ed., revista e atualizada, Rio de Janeiro, Editorial Alhambra, 1978-1984. 8 volumes.
- OESP = *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), jornal diário (ainda circulante) editado a partir de 4 de janeiro de 1875 sob a denominação de *A Província de São Paulo*, assumindo a denominação republicana de *O Estado de S. Paulo* a partir de 1º de janeiro de 1890.
- OPCB = Almiro Rolmes Barbosa & Edgard Cavalheiro (org.) — *As Obras-Primas do Conto Brasileiro* (Antologia). 6ª ed., São Paulo, Livraria Martins Editora, 1955.
- OPFZ = *O Pão da Padaria Espiritual* (Fortaleza), circulante entre 1892 e 1896. Coleção completa editada num único volume, em reprodução fac-similar: Fortaleza, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1982.

## Bibliografia dos Anexos

- OPLB = Manuel Bandeira e Edgard Cavalheiro (org.) — *Obras Primas da Lírica Brasileira*. 2ª ed., revista e aumentada, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1957.
- ORHS = Oloa Rodrigues — *Cartilha de História de Santos*. 2ª ed., Santos, Oficina de A Tribuna de Santos, 1980.
- ORIS = Oloa Rodrigues — *História da Imprensa de Santos*. Santos, Gráfica A Tribuna, 1979.
- ORVS = Oloa Rodrigues — *Veja Santos!* [Dicionário da Nomenclatura das Vias Públicas do Município de Santos], Santos, Prefeitura Municipal de Santos, 1973.
- OSPP = Oliveira e Silva — *Coletânea de Poetas Pernambucanos*. Rio de Janeiro, Editora Minerva, 1951.
- OTMG = João Camillo de Oliveira Torres — *História de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Difusão Pan-Americana do Livro, 1961-1962. 5 volumes.
- PAGU = *Cadernos Pagu* (Campinas), publicação semestral do Pagu (Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas), editada a partir de 1993.
- PALP = Lénia Márcia de Medeiros Mongelli — *Poesia Arcádica (Literatura Portuguesa)*. São Paulo, Global Editora, 1986. Coleção Literatura em Perspectiva (dirigida por Massaud Moisés).
- PAPM = José Eugênio de Paula Assis — *Prudente de Morais: Sua Vida e Sua Obra*. São Paulo, edição do autor, s. n. t., 1976.
- PCLB = Pedro Calmon — *História da Literatura Baiana*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949. Vol. LXII da coleção Documentos Brasileiros (dirigida por Octavio Tarquinio de Sousa).
- PCXE = Plínio Cavalcanti — *Xerimbabos*. São Paulo, Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1938.
- PDSO = Prisciliana Duarte de Almeida — *Sombras*. São Paulo, Typographia Brazil, Rotschild & Co., 1906.
- PDUL = Henrique Perdigão — *Dicionário Universal de Literatura*. 2ª ed., Porto, Edições Lopes da Silva, 1940.
- PDVE = Prisciliana Duarte de Almeida — *Vetiver*. São Paulo, Typographia Cupolo, 1939.
- PEBM = Péricles Eugênio da Silva Ramos — *Do Barroco ao Modernismo*. 2ª ed., revista e aumentada, Rio de Janeiro, Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo-LTC (Livros Técnicos e Científicos Editora), 1979. Coleção Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira, Série A, volume VII.
- PEFJ = Péricles Eugênio da Silva Ramos (org.) — *Francisca Júlia: Poesias (Antologia)*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1961. Vol. II da coleção Poesia.
- PEPP = Péricles Eugênio da Silva Ramos (org.) — *Poesia Parnasiana (Antologia)*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1967.
- PEPS = Péricles Eugênio da Silva Ramos (org.) — *Poesia Simbolista (Antologia)*. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1965.
- PEVS = Pinacoteca do Estado — *Dezenovevinte: Uma Virada no Século*. São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura, 1986.
- PHSP = *Revista da Academia Paulista de História* (São Paulo), circulante desde 1982.
- PIBR = Luis Alberto De Boni (org.) — *A Presença Italiana no Brasil*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia-Fundazione Giovanni Agnelli, 1987-1990. 2 volumes.
- PJLC = Maria Francisca Paez Junqueira — *Escola de Música de Luigi Chiaffarelli*. Tese de Doutorado em Música (orientada pelo Prof. Dr. Régis Duprat). São Paulo, Universidade Mackenzie, 1982.
- PLSO = Lothar Francisco Hessel (org.) — *O Partenon Literário e Sua Obra*. Porto Alegre, Edições Flama-Instituto Estadual do Livro (Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul), 1976.
- PLSP = *Revista da Academia Paulista de Letras* (São Paulo), circulante desde 1937.
- PLVF = Pelágio Álvares Lobo — *Velhas Figuras de São Paulo*. São Paulo, Academia Paulista de Letras, 1977. Vol. V da Biblioteca da Academia Paulista de Letras.
- POJF = Paulino de Oliveira — *História de Juiz de Fora*. Juiz de Fora, Estabelecimento Gráfico da Companhia Dias Cardoso, 1953.
- PRTM = Carlos Penteado de Rezende — *Tradições Musicais da Faculdade de Direito de São Paulo*. São Paulo, Edição Saraiva, 1954.
- PSAR = Pedro Sinzig — *Através dos Romances: Guia para as Consciências*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes de Petrópolis, 1923.
- RAAM = Achilles Ribeiro de Araújo — *A Assistência Médica Hospitalar no Rio de Janeiro no Século XIX*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura-Ministério da Educação e Cultura, 1982.
- RAHG = Odair Rodrigues Alves — *Os Homens que Governaram São Paulo*. São Paulo, Livraria Nobel-Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- RARJ = *Revista Americana* (Rio de Janeiro), publicação mensal de "ciências-artes-letas-política-filosofia-história-religiões" circulante desde 1910.
- RBRJ = *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro), mantida pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro e pela Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, circulante a partir de 1984.
- RBSP = *Revista do Brasil* (São Paulo), mensário circulante entre 1916 e 1925, em sua 1ª fase.
- RCGB = Miguel Arcanjo Galvão — *Relação dos Cidadãos que Tomaram Parte no Governo do Brasil no Período de Março de 1808 a 15 de Novembro de 1889*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional (Ministério da Justiça), 1969.
- RCLP = João C. da Rocha Cabral — *A Vis Poética na Literatura Piauiense*. Borsoi & Cia., Rio de Janeiro, 1938.
- RFCC = Juan J. Remos — *Los Forjadores de la Cultura Cubana*. Miami, Ediciones del Directorio Magisterial Cubano en el Exilio, s/d (1966).



- RFEC = João de Sousa Ribeiro Filho — *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas*. Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1965. Vol. III da Coleção Vieira Fazenda.
- RFEL = Casemiro dos Reis Filho — *A Educação e a Ilusão Liberal: Origens da Escola Pública Paulista*. Campinas, Editora Autores Associados, 1995.
- RFPF = Rubens Falcão, *Antologia de Poetas Fluminenses*. Rio de Janeiro, Gráfica Record, 1968.
- RHSP = *Revista de História* (São Paulo), revista trimestral dirigida por Eurípedes Simões de Paula entre 1950 e 1977 (112 números + 2 volumes de índices publicados).
- RLAM = Russell Lynes — *The Art-Makers: An Informal History of Painting, Sculpture and Architecture in Nineteenth-Century America*. New York, Dover Publications, 1970 (reprint).
- RLJC = Renato de Lacerda — *Júlia Cortines*. "Conferência proferida na Academia Fluminense de Letras, pelo acadêmico Renato de Lacerda, na noite de 13 de dezembro de 1963, ao ensejo do primeiro centenário de nascimento da grande poetisa fluminense". Niterói, edição do autor, impressa pela Gráfica Waldeck, 1967.
- RLRJ = *Revista do Livro* (Rio de Janeiro), revista mensal editada pelo Instituto Nacional do Livro (Ministério da Educação e Cultura) a partir de junho de 1956.
- RMCS = *Remate de Males* (Campinas), Revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp).
- RMDL = Raimundo de Menezes — *Dicionário Literário Brasileiro*. 2ª ed., revista, aumentada e atualizada, num só volume: Rio de Janeiro, LTC (Livros Técnicos e Científicos), 1978.
- RMQC = Raimundo de Menezes — *História Pitoresca de Quarenta Cadeiras (Anedotário da Academia Paulista de Letras)*. São Paulo, Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec), co-edição com a Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.
- RNAP = Oliveira Ribeiro Neto (org.) — *Antologia Poética de Prisciliana Duarte de Almeida*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1976. Vol. XI da coleção Poesia.
- RNMT = Rodovalho Neves — *Nordestinos do Meu Tempo: Ensaio e Conferências*. São Paulo, Nova Brasília Editora, 1966.
- ROMM = Rodrigo Octavio — *Minhas Memórias dos Outros*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1934-1936. 3 volumes ("Primeira Série", "Nova Série" e "Última Série").
- RPRS = Roger Picard — *Le Romantisme Social*. New York, Brentano's Inc., 1944.
- RPSM = Raul Pompéia — *Canções Sem Metro* (vol. IV da edição das "Obras de Raul Pompéia" organizadas por Afrânio Coutinho), Rio de Janeiro, co-edição MEC-Fename, OLAC (Oficina Literária Afrânio Coutinho) e Editora Civilização Brasileira, 1982.
- RSHC = Rosaelena Scarpeline — *História de Campinas Através da Hemeroteca João Falchi Trinca: Descritores e Afins*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1997. Vol. III da coleção Instrumentos de Pesquisa.
- RTFB = José Ramos Tinhorão — *Os Romances em Folhetim no Brasil (1830 à Atualidade)*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1994.
- RTOW = Ruth Sprung Tarasantchi (org.) — *Os Worms: Bertha e Gastão*. São Paulo, Edição da Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1996.
- RUSP = *Revista USP* (São Paulo), revista trimestral da Coordenadoria de Comunicação Social da Universidade de São Paulo (sucessora da *Revista da Universidade de São Paulo*), editada a partir de 1989 (entra em 1999 com o lançamento do nº 40).
- RVRC = Waldir Ribeiro do Val — *Vida e Obra de Raimundo Correia*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra-Instituto Nacional do Livro, 1980.
- RWNB = Marie Robinson Wright — *The New Brazil: Resources and Attractions — Historical, Descriptive, and Industrial*. Philadelphia, George Barrie & Son, 1901.
- RWPP = Rômulo Chaves Wanderley — *Panorama da Poesia Norte-Rio-Grandense*. Rio de Janeiro, Edições do Val, 1965.
- RZLG = Regina Zilberman — *Literatura Gaúcha: Temas e Figuras da Ficção e da Poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L&PM Editores, 1985. Volume integrante da Coleção Universidade Livre.
- SAAV = Sílvio de Almeida — *O Antigo Vernáculo (Ensaio Elucidativo)*. São Paulo, Typographia Brazil de Carlos Gerke, 1902.
- SAEC = Sílvio de Almeida — *Estudos Camonianos*. São Paulo, Empresa Editora Nova Era de Paulino Vieira & Cia., 1925.
- SAMP = Sílvio de Almeida — *A Máscara de um Poeta (Bernardim Ribeiro)*. Lisboa, Guimarães & Cia. Editores, 1913.
- SBCA = Sousa Bastos — *Carteira do Artista: Apontamentos para a História do Theatro Portuguez e Brasileiro*. Lisboa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos, 1898.
- SBDB = Augusto Vitorino Sacramento Blake — *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1883-1902. 7 volumes.
- SBHT = Ernâni Silva Bruno — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. 3ª ed., Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (Hucitec)-Prefeitura do Município de São Paulo, 1984. 3 volumes.
- SCAC = Sociedade de Cultura Artística — *Conferências (1912-1913)*. São Paulo, Off. Cardozo Filho & C., 1914.
- SFFA = Lycurgo de Castro Santos Filho & José Nogueira Novaes — *A Febre Amarela em Campinas (1889-1900)*. Campinas, Centro de Memória-Unicamp, 1996. Vol. II da coleção Campiniana.



## Bibliografia dos Anexos

- SFML = Susana Bornéo Funck (org.) — *Trocando Idéias Sobre a Mulher e a Literatura*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.
- SLFM = Carlos da Silva Lacaz — *Faculdade de Medicina: Reminiscências, Tradição, Memória de Minha Escola*. São Paulo, C. L. R. Balieiro Editores, 1985.
- SLLP = Antônio José Saraiva & Óscar Lopes — *História da Literatura Portuguesa*. 16ª ed., Porto, Porto Editora, s/d (circa 1992).
- SLMB = Carlos da Silva Lacaz — *Vultos da Medicina Brasileira*. 4 volumes (1963-1977). Vol. I: São Paulo, Editora Helicon-Laboratórios Pfizer, 1963; vol. II: São Paulo, Editora Helicon-Laboratórios Pfizer, 1966.
- SMFM = Saul Martins — *Folclore em Minas Gerais*. 2ª ed., Belo Horizonte, Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.
- SMRO = Sud Mennucci — *Rodapés (1ª Série)*. São Paulo, Casa Editora Antonio Tisi, 1927.
- SNIR = Silveira Neto — *Instituições Republicanas Mineiras*. Belo Horizonte, Editora Lemi-Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, 1978.
- SPER = Heloisa de Faria Cruz (org.) — *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana (1870-1930)*. São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 1997.
- SPFE = Silveira Peixoto — *Falam os Escritores*. 2ª ed., São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1971-1976. 3 volumes. Volumes I e II: 1971; volume III: 1976 — respectivamente números 16, 17 e 30 da coleção Textos e Documentos.
- SRNA = Antônio Simões dos Reis — *Narcisa Amália*. Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1949. Vol. I da série Bibliografia Brasileira.
- STLC = Arnaldo São Thiago — *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro (impresso em Florianópolis, nas Oficinas da Imprensa Oficial de Santa Catarina), 1957.
- SVMZ = Salvador Valverde — *El Mundo de la Zarzuela*. Madrid, Palabras Editorial, 1980.
- SXIX = *Il Secolo XIX nella vita e nella cultura dei popoli*. Milano, Casa Editrice Dottor Francesco Vallardi, s/d (circa 1903).
- TAIM = Gastão Thomaz de Almeida — *Imprensa do Interior: Um Estudo Preliminar*. São Paulo, Arquivo do Estado- Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1983.
- TBSB = Cassiano Machado Tavares Bastos — *O Simbolismo no Brasil e Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1969.
- TRFS = *Travessia* (Florianópolis), revista semestral do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina.
- UMDO = Umberto Manferrari — *Dizionario Universale delle Opere Melodrammatiche*. Firenze, Sansoni Antiquariato, 1954-1955. 3 volumes.
- VAAJ = Vicente de Paulo Vicente de Azevedo — *Almeida Júnior: O Romance do Pintor*. São Paulo, Editora Própria, 1985.
- VAID = Valéria Andrade Souto-Maior — *Índice de Dramaturgas Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis, Editora Mulheres, 1996.
- VCDF = Mário da Veiga Cabral — *Chorographia do Districto Federal*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos Editor, 1923.
- VCSM = Vincenzo Cernicchiaro — *Storia della Musica nel Brasile*. Milano, Stab. Tip. Edit. Fratelli Riccioni, 1926.
- VCVC = Maria da Conceição Vicente de Carvalho & Arnaldo Vicente de Carvalho — *Vicente de Carvalho*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1943. Publicações da Academia Brasileira de Letras, coleção Afrânio Peixoto, série III (Biobibliografia).
- VSTC = Victor Sá (org.) — *Terra Carioca* (antologia). 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Alba, 1961.
- WBAS = Wilson Bóia — *Antônio Sales e Sua Época*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 1984. Vol. IX da coleção Antônio Sales.
- WGCH = Walnice Nogueira Galvão — *No Calor da Hora: A Guerra de Canudos nos Jornais — 4ª Expedição*. 2ª ed., São Paulo, Editora Ática, 1977. Vol. I da coleção Ensaaios.
- WMIB = Wilson Martins — *História da Inteligência Brasileira*. São Paulo, Editora Cultrix-Editora da Universidade de São Paulo, 1977-1979. 7 volumes.
- WODB = Egon e Frieda Wolff — *Dicionário Biográfico*. Vol. II: "Judeus no Brasil — Século XIX". Rio de Janeiro, Erca Editora e Gráfica Ltda., 1987.
- WPSD = Wanderley Pinho — *Salões e Damas do Segundo Reinado*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1942.
- WRCM = Wagner Ribeiro — *Noções de Cultura Mineira*. São Paulo, Editora F. T. D., 1966.
- WSIB = Néelson Werneck Sodré — *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966. Vol. LI da série Retratos do Brasil.
- XVIM = José Pedro Xavier da Veiga — *Imprensa em Minas Gerais (1807-1897)*. Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1898.
- ZLBC = Regina Zilberman & Marisa Lajolo — *Um Brasil para Crianças (Para Conhecer a Literatura Infantil Brasileira: Histórias, Autores e Textos)*. São Paulo, Global Editora, 1986.
- ZRLC = Zalina Rolim — *Livro das Crianças*. Boston (Massachusetts, USA), C. F. Hammett & Company, 1897.